JADIR ANTUNES

# DA POSSIBILIDADE À REALIDADE: O DESENVOLVIMENTO DIALÉTICO DAS CRISES EM *O CAPITAL* DE MARX

DOUTORADO EM FILOSOFIA
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS-SP, 04 DE AGOSTO DE 2005

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

**JADIR ANTUNES**

# DA POSSIBILIDADE À REALIDADE: O DESENVOLVIMENTO DIALÉTICO DAS CRISES EM *O CAPITAL* DE MARX

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Hector Benoit.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 04 de agosto de 2005.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Alcides Hector R. Benoit (Orientador)
Prof. Dr. Fernando Antonio Novaes
Prof. Dr. Jorge Luis da Silva Grespan
Prof. Dr. Mauricio Chalfin Coutinho
Prof. Dr. Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr.
Prof. Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez (suplente)
Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto (suplente)

**CAMPINAS-SP, 04 DE AGOSTO DE 2005**

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

UNIDADE BC
Nº CHAMADA
T/UNICAMP
An89d
V 1 EX
TOMBO BC/ 65819
PROC. 16-86-05
C D
PREÇO 11,00
DATA 30/9/05
Nº CPD

Bib ID 365589



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Antunes, Jadir

An89p Da possibilidade à realidade: o desenvolvimento dialético das crises em O Capital de Marx / Jadir Antunes. - - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Alcides Hector Rodriguez Benoit.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Dialética. 3. Capitalismo. 4. Economia marxista. 5. Crise econômica. 6. Capital (economia). 7. Socialismo. I. Benoit, Alcides Hector Rodriguez. II.Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(Sfm/ifch)

Palavras-chave em inglês (Keywords): Marx, Karl, 1818-1883
Dialetic
Capitalism
Economics marxian
Economic crisis
Capital (economics)
Socialism

Área de concentração: Filosofia.
Titulação: Doutor em Filosofia.
Banca examinadora: Fernando Antonio Novaes
Maurício Chalfin Coutinho
Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr.
Jorge Luis da Silva Grespan
Alcides Hector Rodriguez Benoit

Data da defesa: 04 de agosto de 2005

**A meus pais, Albino e Guisela. Aos meus irmãos Jorge, Sônia, Volnei, Jair, Márcio, Renato e Rafael. Ao Jorge, especialmente, pela infância em comum e ao Jair pelo convívio atual. Ao Rafael e à Gabriela, meus filhos que adoro. À Marli, pelo amor do passado. À Letícia, amiga querida. Ao Jeremias e ao Fernando Dillemburg, pela amizade e pelos anos de estudos em conjunto. Ao Alfredo, Balta, Bibiano, Laerson, Luiz Fernando, Luiz Felipe, Luizão, Neide, Geórgia, Paulino, Patrícia, Péricles, Nancy, Rodolfo, Solange, Tião e Zé, pela amizade de longos anos. Ao Clodomiro, Hélio, Portela, Carol e Luana, pela amizade mais recente. Ao Ames, pelas primeiras lições de marxismo em 1988. Ao Mauro e Scapi, pelas primeiras lições sobre *O Capital* em 1995. Ao Benoit, meu orientador, pelas primeiras lições sobre o método de *O Capital* e pela dedicação séria ao marxismo. A todos, com muito afeto, dedico esta tese.**

TESE 330.122 C66

# AGRADECIMENTOS

A tese que aqui apresento é o resultado de dez longos anos dedicados ao estudo de *O Capital* de Marx. Estes anos cobrem um curso de graduação em economia na Unioeste Pr, um mestrado em filosofia na Unicamp e o próprio doutorado. Agradeço inicialmente ao Prof. Dr. Hector Benoit, meu orientador desde o mestrado, quando em junho de 1999, ao encontrá-lo na Unicamp, acreditou em meu potencial e aceitou-me como seu futuro orientando no mestrado em 2000. Agradeço seus ensinamentos valiosíssimos e sua crítica impiedosa em certos momentos. O mérito desta tese cabe, em grande parte, certamente a ele. As idéias principais deste trabalho são mais o resultado de suas pesquisas individuais sobre *O Capital* do que das minhas próprias pois não fiz mais do que objetivar aquilo que ele já concebia abstratamente.

Agradeço ao Rogério e todos os funcionários do departamento de pós-graduação em filosofia da Unicamp pela atenção dedicada. Agradeço aos professores Dr. Fernando Antonio Novaes, Dr. Jorge Luis da Silva Grespan, Dr. Maurício Chalfin Coutinho, Dr. Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr, Dr. Ricardo Antunes, Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez e Dr. Ruy Gomes Braga Neto pelas observações e críticas feitas na banca de qualificação e defesa final. Agradeço ao Hélio e ao Rafael pela ajuda na impressão da tese, e outros textos, e entrega aos membros da banca.

# SUMÁRIO

**RESUMO** 13

**INTRODUÇÃO** ..... 15

**Cap. I: A PRODUÇÃO DA MAIS-VALIA** ..... 25

**1) MERCADORIA CIRCULAÇÃO E DINHEIRO** ..... 25
**1.1.** A mercadoria ..... 25
**1.1.1.** O duplo caráter da mercadoria ..... 25
**1.1.2.** O duplo caráter do trabalho ..... 40
**1.1.3.** As formas do valor ..... 54
**a.** Forma simples de valor ..... 55
**b.** Forma relativa de valor ..... 58
**c.** Forma equivalente de valor ..... 61
**d.** O conjunto da forma simples ..... 71
**1.1.4.** Forma de valor desdobrada ..... 75
**a.** A forma relativa de valor desdobrada ..... 76
**b.** Insuficiência da forma de valor desdobrada. ..... 77
**1.1.5.** Forma geral de valor ..... 79
**a.** Caráter modificado da forma valor ..... 79
**b.** Desenvolvimento da forma relativa e equivalente de valor ..... 81
**1.1.6.** A forma dinheiro ..... 82
**1.1.7.** O fetichismo da mercadoria ..... 83
**1.2.** O processo de troca ..... 103
**1.3.** O dinheiro ..... 109
**1.3.1.** Medida dos valores ..... 110
**1.3.2.** Meio de circulação ..... 113
**a.** A metamorfose das mercadorias ..... 113
**b.** O curso do dinheiro ..... 133
**c.** A moeda: signo de valor ..... 135
**1.3.3.** Dinheiro ..... 136
**a.** Entesouramento ..... 136
**b.** Meio de pagamento ..... 144
**c.** Dinheiro mundial ..... 154

**2) A PRODUÇÃO DA MAIS-VALIA** ..... 161
**2.1.** A transformação do dinheiro em capital ..... 161
**2.1.1.** A fórmula geral do capital ..... 161
**2.1.2.** Contradições da fórmula geral ..... 171
**2.1.3.** Compra e venda da força de trabalho ..... 178
**2.2.** A produção da mais-valia absoluta ..... 193
**2.2.1.** O processo de trabalho ..... 193
**2.2.2.** O processo de valorização ..... 202

**2.3**. Capital constante e capital variável ..... 213
**2.4**. A taxa de mais-valia ..... 219
**2.5**. A jornada diária de trabalho ..... 225
**2.5.1**. A avidez desenfreada do capital por mais-trabalho ..... 232
**2.5.2**. A luta em torno da regulamentação da jornada de trabalho ..... 243
**2.6**. A mais-valia relativa ..... 253
**2.7**. Contradição entre produção e consumo sob o capitalismo ..... 268
**2.8**. Diferentes métodos de produção da mais-valia relativa ..... 285
**2.8.1**. A cooperação simples ..... 285
**2.8.2**. Divisão do trabalho e manufatura ..... 298
**a**. O trabalhador parcial e sua ferramenta ..... 300
**b**. Contradição entre a divisão do trabalho dentro da manufatura e dentro da sociedade ..... 306
**c**. O caráter capitalista da manufatura ..... 327
**2.8.3**. Maquinaria e grande indústria ..... 336
**a**. Desenvolvimento da maquinaria ..... 336
**b**. Transferência de valor da maquinaria ao produto ..... 341
**c**. Efeitos do uso da maquinaria sobre o trabalhador ..... 348
**d**. A fábrica automatizada ..... 361
**e**. Luta entre trabalhador e maquinaria ..... 373
**f**. Crises provocadas pela maquinaria ..... 379
**g**. O despotismo de fábrica ..... 383
**g**. Grande indústria e agricultura ..... 392
**2.9**. Mais-valia relativa e absoluta ..... 393
**2.9.1**. Relação entre o preço da força de trabalho e a mais-valia ..... 396
**2.10**. O fetiche da forma salário ..... 402

**3) A REPRODUÇÃO DO CAPITAL ..... 411**
**3.1**. A acumulação de capital ..... 411
**3.1.1**. A reprodução simples ..... 413
**3.1.2**. A reprodução ampliada ..... 431
**a**. Conversão das leis de propriedade da produção de mercadorias em leis de apropriação capitalista ..... 431
**b**. Repartição da mais-valia em capital e renda ..... 444
**3.2**. A lei geral da acumulação capitalista ..... 451
**3.2.1**. Acumulação com composição orgânica constante ..... 452
**3.2.2**. Acumulação com composição orgânica crescente ..... 458
**3.2.3**. Concentração e centralização do capital ..... 461
**3.2.4**. A superpopulação trabalhadora ..... 473
**3.2.5**. A lei geral da acumulação capitalista ..... 481
**3.3**. A acumulação primitiva de capital ..... 491
**3.3.1**. O segredo da acumulação capitalista ..... 491
**3.3.2**. Gênese do proletariado e da propriedade capitalista ..... 494
**3.3.3**. Gênese do fabricante industrial urbano ..... 496
**3.3.4**. Gênese do mercado interno capitalista ..... 504
**3.3.5**. Tendência histórica da acumulação capitalista ..... 513

**Cap. II: A REALIZAÇÃO DA MAIS-VALIA** ..... **518**
**1. AS METAMORFOSES DO CAPITAL E SEU CICLO** ..... **518**
**1.1.** O ciclo do capital-monetário ..... 518
**1.1.1.** Primeiro estágio: D-M ..... 520
**1.1.2.** Segundo estágio: função do capital produtivo ..... 527
**1.1.3.** Terceiro estágio: M'- D' ..... 529
**1.1.4.** O ciclo global ..... 534
**1.2.** O ciclo do capital produtivo ..... 542
**1.2.1.** Reprodução simples ..... 543
**1.2.2.** Reprodução em escala ampliada ..... 555
**1.3.** O ciclo do capital-mercadoria ..... 556
**1.4.** As três figuras do processo cíclico ..... 561
**1.5.** O tempo de circulação ..... 576

**2. A ROTAÇÃO DO CAPITAL** ..... **583**
**2.1.** Tempo de rotação e número de rotações ..... 585
**2.2.** Capital fixo e capital circulante ..... 585
**2.3.** Os ciclos de rotação do capital global adiantado ..... 591
**2.4.** Efeito do tempo de rotação sobre a grandeza do adiantamento de capital ..... 593
**2.5.** A circulação da mais-valia ..... 601
**2.5.1.** Reprodução simples ..... 603
**2.5.2.** Reprodução ampliada ..... 618

**3. REPRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL TOTAL** ..... **622**
**3.1.** Objeto da investigação ..... 622
**3.2.** Reprodução simples ..... 625
**3.3.** Os dois departamentos da produção social ..... 630
**3.4.** Reprodução ampliada ..... 634
**3.5.** A possibilidade de crises pela desproporção intersetorial ..... 641

**Cap. III. A DISTRIBUIÇÃO DA MAIS-VALIA** ..... **646**

**1. A TRANSFORMAÇÃO DA MAIS-VALIA EM LUCRO E DA TAXA DE MAIS-VALIA EM TAXA DE LUCRO** ..... **646**
**1.1.** Preço de custo e lucro ..... 646
**1.2.** A taxa de lucro ..... 652

**2. A TRANSFORMAÇÃO DO LUCRO EM LUCRO MÉDIO** ..... **659**
**2.1.** Composição diferente dos capitais com diferentes taxas de lucro individuais ..... 659
**2.2.** Formação de uma taxa de lucro média e transmutação do valor em preço de produção ..... 664
**2.3.** Concorrência e superlucro ..... 673

**3. A LEI DA QUEDA TENDENCIAL DA TAXA DE LUCRO** ..... **689**
**3.1.** A lei enquanto tal ..... 691

**3.2.** Decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante..... 692
**3.3.** Decréscimo relativo da massa geral de mais-valia em relação ao capital global aplicado..... 696
**3.4.** A superpopulação trabalhadora ..... 702
**3.5.** Contratendências da lei..... 704
**3.5.1.** Elevação do grau de exploração do trabalho..... 705
**3.5.2.** Compressão do salário abaixo de seu valor..... 706
**3.5.3.** Desvalorização dos elementos do capital constante..... 708
**3.5.4.** Superpopulação relativa..... 709
**3.5.5.** Comércio exterior..... 710
**3.5.6.** Aumento do capital por ações..... 711
**3.6.** Caráter relativo da lei..... 711
**3.7.** Desdobramento das contradições internas da lei..... 714
**3.7.1.** Generalidades..... 714
**3.7.2.** Conflito entre processo imediato de produção e processo de realização da mais-valia..... 717
**3.7.3.** Conflito entre expansão da produção e valorização do capital..... 727
**3.7.4.** Superprodução de forma absoluta..... 735
**3.7.5.** A destruição de capital pelas crises..... 737
**3.7.6.** Concentração e centralização do capital..... 749

**4. SISTEMA DE CRÉDITO E SOCIEDADE POR AÇÕES..... 756**

**CONCLUSÃO..... 760**

**BIBLIOGRAFIA..... 777**

# RESUMO

O conceito de crise é inseparável do conceito de capital e o desenvolvimento deste último desenvolve simultaneamente o conceito do primeiro. Nosso trabalho pretende mostrar como o conceito de crise do capital pode ser encontrado em *O Capital* de Marx simultaneamente ao conceito de capital. É possível encontrar uma teoria coerente de Marx sobre as crises em *O Capital*, uma teoria dialética que parta da análise das possibilidades mais gerais e abstratas da crise até sua conversão em realidade, acompanhando o processo de exposição global do conceito de capital no conjunto dos três livros que compõem esta obra. Este movimento que vai da possibilidade formal e abstrata da crise até sua realidade concreta é o mesmo movimento que inicia com a análise da mercadoria e do dinheiro no Livro Primeiro até a análise das categorias mais determinadas e concretas como lucro e taxa de lucro do Livro Terceiro.

# ABSTRACT

The concept of crisis is inseparable from the concept of capital and the development of the latter develops simultaneously the concept of the first. Our work purports to show how the concept of crisis of capital can be viewed simultaneously with the concept of capital in Marx's *The Capital*. It is possible to find a coherent theory in Marx about the crises in *The Capital*, a dialectical theory beginning from the analysis of the more abstract and general possibilities of crisis up to its convertion into reality, following the process of global exposition of the concept of capital in the whole of the three books of that work. The movement which comes from the formal and abstract possibility of crisis up to its concrete reality is the same movement which begins with both the commodities and the money analysis in the First Book and ends with the analysis of the more determined and concrete categories like profit and profit rate in the Third Book.

# INTRODUÇÃO

Nosso trabalho pretende analisar o conceito de crise em *O Capital* de Marx. Pretendemos estudar especificamente o seguinte: 1) até que ponto Marx desenvolveu, ou não, uma teoria sistemática e completa sobre as crises do capital e, 2) até que ponto Marx desenvolveu, ou não, uma teoria sobre o colapso econômico do capitalismo e a destruição violenta de suas contradições.

A historiografia sobre o tema já encheu bibliotecas inteiras e não chegou a um acordo comum. De modo geral, a historiografia sobre as crises pode ser apresentada como segue :

Para Kautski o problema fundamental das crises de superprodução é a contradição que existe entre a capacidade absoluta de produção e a capacidade limitada do consumo humano. Dado que o capital possui um impulso absoluto para desenvolver as forças produtivas do trabalho social sem, contudo, desenvolver na mesma direção a capacidade absoluta de consumo das massas, em algum ponto do processo de acumulação esta contradição deve ser resolvida na forma de uma grande crise de superprodução e subconsumo. O baixo consumo humano estaria, deste modo, na base de todas as crises do capitalismo.

Tugán-Baranovski, economista russo de finais do século XIX, rechaça todas as teorias que concebem a contradição entre produção e consumo como o verdadeiro fundamento das crises. Para ele, no capitalismo o principal mercado consumidor é o mercado de meios de produção e não o de meios de subsistência. O consumo diretamente humano desempenha, em sua concepção, um papel insignificante e subordinado frente ao consumo industrial da mais-valia destinada à acumulação. Partindo da análise dos esquemas de reprodução social do Livro II de *O Capital*, Tugán-Baranovski conclui que a produção capitalista cria um mercado para si mesma, que a indústria forma o principal mercado consumidor da própria indústria capitalista e as crises se originam do caráter anárquico da produção e da circunstância da produção capitalista ser uma produção pela produção sem consideração pelo consumo humano.

Hilferding, assim como Tugán-Baranovski, concebe que as crises da sociedade capitalista emanam da concorrência e da desproporção existente entre os diversos setores da produção social e do desajuste que inevitavelmente surge entre oferta e demanda de produtos. Em sua concepção, as crises do capital poderiam ser evitadas caso a totalidade da sociedade fosse organizada racionalmente pelos grandes monopólios acionistas que detêm a propriedade e controle dos principais ramos da produção mundial.

Lênin, apesar de não ter escrito nenhuma obra em especial que tratasse das crises econômicas, considera, influenciado pelas teses de Tugán-Baranovski, que as crises não têm como base o subconsumo das massas, mas, sim, a concorrência desenfreada do capital e a ausência de proporcionalidade entre os distintos ramos industriais. Porém, contrariando as opiniões de Tugán e dos representantes da II Internacional, para ele, a dominação do capital financeiro mais do que atenuar as desigualdades e as contradições da economia mundial as acentuam.

Rosa Luxemburg, estudando os esquemas de reprodução social do Livro Segundo de *O Capital*, acreditou haver uma lacuna no pensamento de Marx. No afã de combater as visões harmonicistas do capitalismo presentes na social-democracia alemã, considerava impossível que o capitalismo pudesse ele mesmo criar seus próprios mercados como pensavam Tugán-Baranovski e Hilferding. Para ela, as crises econômicas surgem da ausência de um mercado amplo o suficiente para consumir a mais-valia destinada à acumulação. Em sua visão, o valor representado pelo capital constante e pelos salários não teria problemas de realização dentro dos marcos de uma economia puramente capitalista, mas a mais-valia global, pelo contrário, enfrentaria constantemente problemas de realização na forma dinheiro. Luxemburg considerava que a mais-valia só poderia ser realizada mediante intercâmbio da sociedade capitalista com terceiras pessoas que não fossem o capitalista e o operário. Considerava, assim, que estas terceiras pessoas eram compostas pelas nações que ainda não haviam sido convertidas em nações capitalistas. A mais-valia seria realizada, então, pelas nações mais atrasadas do planeta que ainda não haviam sido convertidas em nações produtoras de mais-valia. Destruídas estas nações pelo desenvolvimento implacável da acumulação de capital, o capitalismo seria inevitavelmente destruído por suas próprias contradições internas.

Henryk Grossmann não acredita na teoria das crises de superprodução provocadas pela concorrência e a desproporcionalidade intersetorial. Para ele, a crise surge provocada pela tendência de queda na taxa de lucro e de superacumulação de capital.

Para Paul Sweezy existem dois tipos de crises: uma ligada à tendência de queda na taxa de lucro e outra que opera sobre o problema da realização da mais-valia. Sweezy considera importante perceber as diferenças entre os dois tipos de crises, porque ambas apresentam problemas divergentes que devem ser separados analiticamente.

Manuel Castells rejeita as teorias da crise baseadas na teoria da desproporção, da superprodução e do subconsumo. Para ele, estas explicações são produtos de teorias econômicas não-marxistas, principalmente a teoria keynesiana, porque o específico do pensamento marxista é a relação entre a queda na taxa de lucro e a dinâmica da acumulação capitalista.

Ernest Mandel considera a superprodução o principal fenômeno a ser analisado nas crises econômicas. Para ele, a teoria marxista do ciclo econômico tem estimulado influentes autores a formular uma explicação monocausal para as crises periódicas de superprodução. Este debate, para ele, tem sido dominado pelo esforço de cada um dos autores para reduzir o problema das causas das crises a um único fator. Em sua opinião, a suposição de que exista um único fator causador das crises se opõe claramente à concepção do modo de produção capitalista como uma totalidade dinâmica, na qual a ação recíproca de todas as leis básicas de desenvolvimento se faz necessária para que a economia capitalista entre em crise.

Para Roman Rosdolsky – um dos primeiros estudiosos dos *Grundrisse* e da relação deste com *O Capital* – Marx não possui uma teoria das crises do capital. Uma elaboração sistemática de Marx sobre as crises havia sido esboçada nos planos projetados para a redação de *O Capital* no ano de 1857. De acordo com Rosdolsky, em sua obra *Gênese e estrutura de O Capital de Marx: estudos sobre os Grundrisse*, Marx elaborou dois planos distintos para a redação de *O Capital*, o primeiro em 1857 e o segundo, já modificado, em 1866. O primeiro plano foi elaborado dez anos antes da publicação do Livro Primeiro e o segundo plano apenas um ano antes. Entre 1857 e 1866 media um período de nove anos de experimentação e busca constante de uma forma expositiva adequada aos complexos temas de *O Capital*. Ao longo destes nove anos desenvolve-se, ao

mesmo tempo, uma restrição progressiva dos temas inicialmente programados. Um dos temas que sofre restrição neste intervalo de tempo é o tema das crises.

Em seu plano original de 1857, Marx programara editar suas descobertas teóricas dividindo-as em três partes distintas. O plano de 1857, de acordo com Rosdolsky, previa a seguinte divisão da obra (divisão que pode ser confirmada pela leitura dos próprios *Grundrisse*, agora amplamente disponível):

I. Livro do Capital.
   a. O capital em geral.
      1. Processo de produção do capital.
      2. Processo de circulação do capital.
      3. Lucro e juros.
   b. Seção da concorrência.
   c. Seção sobre o sistema de crédito.
   d. Seção sobre o sistema acionário.
II. O livro da propriedade da terra.
III. O livro do trabalho assalariado.
IV. O livro do Estado.
V. O livro do comércio exterior.
VI. O livro do mercado mundial e as crises.

Como podemos perceber, o tema das crises aparece aí, em primeiro lugar, como o último de todos os temas a ser desenvolvido e, em segundo lugar, como tema merecedor de um tratamento especial, um livro inteiro, à parte dos outros temas. No intervalo de nove anos de reflexões, contudo, Marx modifica este plano original e o substitui pelo seguinte:

| | |
|---|---|
| Livro I. | Processo de produção do capital. |
| Livro II. | Processo de circulação do capital. |
| Livro III. | Síntese do processo global. |
| Livro IV. | História da teoria. |

Esta é a forma como Marx deu a conhecer *O Capital* em sua forma definitiva. Os Livros I, II e III compõem os três livros em sua forma atual e o Livro IV compõe as *Teorias da Mais-valia*. Como podemos observar, nesta forma definitiva foi suprimido não apenas o tema das crises, mas, ainda, os temas do Estado, do comércio exterior e do mercado mundial projetados como Livros IV, V e VI em 1857. Todos os outros temas projetados foram, de uma forma ou de outra, contemplados dentro da estrutura definitiva encontrada por Marx em 1866. Ficaram de fora como temas especificamente delimitados estes últimos quatro temas, entre eles o das crises econômicas. Rosdolsky argumenta, a partir das próprias palavras de Marx, que estes três últimos livros (IV, V e VI), se nunca foram sistematicamente pensados e redigidos por Marx, também nunca foram abandonados por ele porque a redação destes três livros finais ficou reservada a um eventual prosseguimento futuro da obra. Como Marx abandonou em 1866 o prosseguimento da obra, encerrando-a com o Livro Quarto *Teorias da mais-valia*, estes temas, então, não podem ser pensados por nós como temas abandonados por Marx porque ele próprio nunca pensou em desenvolvê-los sistematicamente. Tais temas podem ser encontrados, segundo Rosdolsky, apenas ocasionalmente no interior do conjunto dos quatro livros de *O Capital*.

Com esta "lacuna" no pensamento de Marx (uso lacuna entre aspas porque o tema das lacunas do pensamento de Marx penetrou a história do pensamento marxista no século XX), muitos marxistas passaram, então, a procurar no interior dos quatro livros de *O Capital* em qual seção ou capítulo estaria sistematicamente redigida uma teoria de Marx sobre a crise final do capital ou, então, ao menos, sobre as crises cíclicas do capital. Os pensadores marxistas passaram, então, durante todo o século XX, principalmente, a digladiar entre si para saber qual era a causa determinante e definitiva das crises do capital, da crise que poria um fim definitivo à história da acumulação de capital. A idéia de que a crise do capital constitui o momento culminante do processo expositivo e, simultaneamente, do processo de acumulação de capital parece ser confirmada pela intenção original de Marx de expô-la como último tema do processo de exposição dividido em seis longos livros. A historiografia marxista, seja ela mais ou menos comprometida diretamente com a revolução operária ou mais ou menos comprometida unicamente com o

desenvolvimento teórico do tema, lançou-se, então, a buscar na obra de Marx uma prova definitiva da inevitabilidade, ou não, de um colapso econômico do capitalismo. As posições acerca deste problema tanto juntaram num mesmo campo teórico adversários políticos declaradamente hostis, como Lênin e Hilferding de um lado e Rosa Luxemburg e Kautski de outro, quanto separaram em campos hostis militantes comprometidos com uma mesma estratégia política, como Lênin e Rosa Luxemburg num campo contra Hilferding e Kautski no campo oposto.

Tanto Lênin quanto Hilferding, adversários políticos declarados, não acreditavam na teoria subconsumista da crise defendida por Rosa Luxemburg e Kautski. Tanto Rosa quanto Kautski, ambos do mesmo modo adversários políticos declarados, não concordavam com a teoria da desproporção de Hilferding e Lênin. Do mesmo modo, Lênin e Rosa Luxemburg, apesar da divergência no campo teórico, não concordavam com as conseqüências práticas das concepções de Hilferding e Kautski e combateram a concepção harmonicista do desenvolvimento capitalista. Hilferding e Kautski, do mesmo modo adversários teóricos, se puseram lado a lado em combate contra as teses políticas do colapso final do capitalismo defendida especialmente por Rosa Luxemburg.

As grandes questões a serem respondidas em nosso trabalho sobre as crises são exatamente as seguintes: tinha Marx uma teoria das crises do capital? Tinha ele uma concepção fatalista e catastrófica do desenvolvimento capitalista como pensava, em certa medida, Rosa Luxemburg? Se sim, em que sentido Marx a tinha? Se não tinha uma concepção fatalista da acumulação de capital como pensavam Kautski e Hilferding, em que sentido não a tinha? Tinha Marx uma concepção elaborada sobre o futuro tardio do capitalismo ou estava ele submetido a uma temporalidade histórica diferente de nosso tempo? Se possuía uma concepção sobre as tendências futuras do capitalismo, catastrofista ou não, que concepção era esta?

Rosa Luxemburg, a maior de todas as fatalistas, respondia enfaticamente que Marx possuía sim uma teoria fatalista das crises. Ou, melhor, para ela, Marx possuía uma falsa concepção do processo de acumulação capitalista, mas esta falsa concepção na medida em que fosse corrigida por ela mesma, poderia mostrar a fatalidade histórica e o colapso inevitável do capitalismo. A acumulação de capital entraria inevitavelmente em colapso na concepção de Rosa Luxemburg, na medida em que a sociedade capitalista se expandisse

por todos os poros do planeta e aniquilasse as nações não-capitalistas que realizavam a mais-valia não realizada pelos agentes do capital. Com o extermínio das sociedades não capitalistas, o capitalismo entraria inevitavelmente em colapso pela ausência de uma terceira categoria de pessoas responsáveis pela realização da mais-valia mundial.

Hilferding, numa direção inteiramente oposta, acreditava que a emergência das sociedades por ações e do capital financeiro que reuniam em suas mãos o controle acionário dos principais ramos da produção poderia evitar as crises econômicas e o colapso desastroso do capitalismo através do planejamento racional da produção realizado por esta nova modalidade de capital desconhecida de Marx, o capital financeiro. O capital financeiro é igual ao capital que é resultado da fusão do capital-produtivo com o capital-mercadoria e o capital-monetário, ou seja, é o capital-industrial centralizado em mãos de uma única e poderosa associação internacional de capitalistas.

A ausência em Marx de uma elaboração sistemática e definitiva sobre o futuro da acumulação de capital não parece nos autorizar a corrigir e completar Marx, como procurou Rosa Luxemburg, nem ao mesmo tempo nos autoriza transformar Marx num ricardiano de esquerda, como pretendeu Hilferding. A ausência desta elaboração sistemática e definitiva sobre as tendências futuras do capitalismo e, ainda, a ausência de uma teoria sistemática sobre as crises do capital devem ser pensadas a partir dos próprios planos de exposição projetados por Marx nos anos de 1857 a 1866.

Nossa tese se apóia no seguinte pressuposto: o conceito de crise é inseparável do conceito de capital e o estudo de um implica necessariamente no estudo do outro. Partimos, portanto, da análise e desenvolvimento do conceito de capital ao mesmo tempo em que analisamos e desenvolvemos o conceito de crise. A obra *O Capital*, como sabemos, tem como meta a análise e desenvolvimento do conceito de capital, o fundamento da sociedade burguesa. No trajeto expositivo dos três livros de *O Capital* faz-se fundamental compreendermos, ao menos, quatro coisas:

Primeiro: os Livros Primeiro e Segundo possuem como objeto o conceito genérico e abstrato de capital, o conceito de capital em sua forma pura, o conceito de capital enquanto tal sem consideração por suas formas particulares como o capital comercial e a juros, assim como a renda fundiária, todos formas derivadas do capital-industrial, a forma mais pura, universal e fundamental do capital. Os Livros Primeiro e

Segundo não possuem como objeto, portanto, a sociedade capitalista com suas leis e contradições reais, mas a sociedade capitalista com suas leis e contradições potenciais, genéricas e abstratas. O capital e a sociedade capitalista em sua configuração real e concreta são analisados somente no Livro Terceiro. Neste, a sociedade capitalista é concebida com todas as suas impurezas e deformações provocadas pelo capital individual e pela concorrência. Os Livros Primeiro e Segundo são livros mais abstratos exatamente porque neles está abstraída a análise da concorrência, a análise da luta entre os diversos capitais individuais que reciprocamente se odeiam. No Livro Terceiro está posto, portanto, o capital não como abstração mas o capital individual em suas diferentes configurações reais.

Segundo: nos Livros Primeiro e Segundo, portanto, analisa-se o conceito de capital e de crise de modo mais puro e abstrato. As muitas contradições que surgem aí, surgem como contradições potenciais e abstratas e a crise surge, do mesmo modo, como crise potencial e abstrata. A crise se converte em realidade somente no Livro Terceiro porque somente aí será posto o capital individual e a concorrência.

Terceiro: nos dois primeiros livros a concorrência foi abstraída da exposição exatamente porque ela não funda as leis e tendências da sociedade capitalista, mas apenas executa estas leis e tendências no nível da realidade concreta. A análise avança, portanto, do nível mais abstrato e genérico da sociedade capitalista a um nível mais determinado e concreto.

Quarto: no Livro Primeiro analisa-se de modo abstrato as leis da produção da mais-valia, no Livro Segundo se analisa, do mesmo modo abstrato, as condições puras e idealizadas para a realização da mais-valia. No Livro Terceiro, analisa-se a distribuição desta mais-valia já produzida e realizada entre a multiplicidade dos diversos capitais individuais.

Assim, nosso trabalho e a análise do desenvolvimento dialético das crises pode ser dividido em dois blocos. O primeiro, que abrange a análise das contradições mais genéricas, potenciais e abstratas dos Livros Primeiro e Segundo e o segundo, que analisa a conversão destas contradições em realidade na análise do Livro Terceiro onde estão postos o capital individual e a concorrência.

Nosso trabalho demonstra, por isso, que é possível encontrar em Marx uma teoria coerente sobre as crises do capital, uma teoria dialética que parta da análise das possibilidades mais formais e abstratas da crise até sua conversão em realidade. Este processo só pode ser demonstrado junto com a demonstração do processo global de desenvolvimento do capital. O conceito de crise do capital é indissociável do conceito de capital, por isso, nossa análise sobre o desenvolvimento da crise acompanhou o desenvolvimento do conceito de capital exposto por Marx no três livros que compõem *O Capital.*

O que procuramos mostrar neste trabalho, concordando com os argumentos de Rosdolsky, é que Marx não abandonou a sistematização da teoria das crises do capital, pois nunca pretendeu desenvolvê-la sistematicamente, pois, nas palavras do próprio Marx, ele pretendia desenvolvê-la num eventual prosseguimento da obra. Contudo, discordando de Rosdolsky, nem por isso Marx tratou o problema das crises apenas ocasionalmente no interior dos quatro livros que compõem *O Capital.* O que procuramos demonstrar em nosso trabalho é que, a partir das próprias concepções de Rosdolsky, Marx possuía sim uma teoria das crises do capital, contudo esta teoria não está depositada em nenhum texto ou passagem canônica de *O Capital*, mas está, sim, desenvolvida em todo o percurso expositivo de *O Capital*, aparecendo e começando a se desenvolver logo nas primeiras páginas do Livro Primeiro até as últimas páginas do Livro Terceiro.

Por isso, achamos inútil querer encontrar uma causa ou fundamento único e exclusivo para as crises do capital como quis a historiografia marxista durante o século XX. Achamos inútil do mesmo modo buscar uma passagem única e exclusiva que prove nossos argumentos unilaterais sobre as crises. Pensamos que a teoria das crises do capital em Marx deve ser explicada a partir da compreensão do método de exposição descoberto e desenvolvido por Marx nos anos que vão de 1857 a 1866 e que podemos denominar de método dialético de exposição. Como o próprio Rosdolsky demonstra, nos anos que vão de 1857 a 1866, Marx percebe que suas descobertas científicas não poderiam ser expostas de qualquer modo, mas deveriam, sim, ser expostas por um método dialético que abarcasse num único processo expositivo todas as complexas interações categoriais e históricas do capital. Marx descobriu nestes nove anos que o único método expositivo capaz de dar conta da complexa estrutura social e categorial do capital era o método que se elevava do abstrato

ao concreto, isto é, o método que reconstrói o concreto no pensamento a partir de suas determinações mais simples e abstratas, para Marx, o único método científico capaz de apropriar-se do concreto como concreto espiritualmente pensado.

É a partir desta concepção metodológica que procuramos desenvolver nosso trabalho e mostrar que Marx possui, sim, uma teoria sobre as crises do capital. Contudo, esta teoria é uma teoria dialética que só pode ser compreendida a partir da análise do desenvolvimento das possibilidades mais abstratas e formais da crise até sua realidade concreta. Este movimento que vai da possibilidade formal e abstrata da crise até sua realidade concreta é o mesmo movimento que inicia com a análise da mercadoria e suas determinações mais simples e abstratas como valor de uso e valor do Livro Primeiro até a análise das categorias mais determinadas e concretas da sociedade capitalista como lucro e taxa de lucro, expostas no Livro Terceiro. Nosso trabalho procura, assim, demonstrar como o processo de desenvolvimento da crise, o processo de conversão de sua possibilidade formal e abstrata em realidade, é o mesmo processo que expõe todas as contradições mais simples e abstratas da sociedade capitalista, como as contradições mais imediatas entre valor de uso e valor e mercadoria e dinheiro, até as contradições mais desenvolvidas da sociedade capitalista, expostas no Livro Terceiro.

Sobre este complexo problema de método me apoiei inteiramente, ainda que nem sempre tenha citado diretamente, na obra de Roman Rosdolsky: *Gênese e estrutura de O Capital de Marx*, por um lado, e nos estudos do professor e orientador Hector Benoit divulgados na *Revista Crítica Marxista* e em suas aulas no programa de pós-graduação da Unicamp. Não me cabe, por isso, nenhuma originalidade no desenvolvimento do tema e tenho muito a agradecer ao professor Benoit pela compreensão e apoio nestes curtos seis anos de acompanhamento e orientação teórica, período que começa em 2000 quando iniciei o Mestrado sob sua orientação.

Não apresento este trabalho como um trabalho concluído e definitivo, sua conclusão exige ainda muitos anos de estudos que pretendo desenvolver ao longo de minha carreira teórica. Peço desculpas, por isso, pelo caráter inacabado deste trabalho e, especialmente, pela grande quantidade de páginas, algo inevitável dentro do objetivo de expor o desenvolvimento dialético das crises em Marx estudando o conjunto de *O Capital* e não fragmentos isolados dele.

# Cap. I: A PRODUÇÃO DA MAIS-VALIA

## 1. MERCADORIA CIRCULAÇÃO E DINHEIRO

### 1.1. A MERCADORIA

#### 1.1.1. O duplo caráter da mercadoria

*"A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece [erscheint] como uma 'imensa coleção de mercadorias', e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, portanto, com a análise da mercadoria"*[1]. Assim inicia Marx o longo processo de exposição de *O Capital.* A riqueza da sociedade burguesa aparece ante a consciência mais imediata de seus agentes, tanto operários quanto capitalistas, de modo caótico e sensível, como uma imensa coleção de valores de uso e utilidades que aparentam possuir a função de satisfazer as necessidades humanas, sejam elas quais forem.

---

[1] Karl Marx. ***O Capital: crítica da economia política***. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 45. Karl Marx & Friedrich Engels: Werke (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 49. A edição em língua portuguesa da Editora Nova Cultural foi traduzida da edição de 1977 da Dietz Verlag Berlin, Band 23. Ambas edições da Dietz Verlag correspondem à 4° edição de *O Capital* editada e revisada por Engels em 1890. Como a Editora Nova Cultural editou o Livro Primeiro e o Livro Terceiro de *O Capital* dividindo-os em dois volumes, usarei a notação OC Ia para o primeiro volume e OC Ib para o segundo volume do Livro Primeiro e OC IIIa para o primeiro volume e OC IIIb para o segundo volume do Licro Terceiro. O Livro Segundo fica como OC II. Para o cotejamento com a edição alemã usarei a notação habitual MEW 23 (para o Livro Primeiro), MEW 24 para o Livro Segundo e MEW 25 para o Livro Terceiro. Para o cotejamento com a edição alemã da *Teorias sobre a Mais-valia* usarei a notação MEW 26.1, MEW 26.2 e MEW 26.3 respectivamente para o Primeiro, Segundo e Terceiro Tomo. Em algumas passagens citadas, quando considerei absolutamente necessária, a tradução de certos termos técnicos por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe aparece modificada. Dado o cruzamento e mistura de notas da edição brasileira de *O Capital* com a edição alemã e, dado ainda, o cruzamento destas notas com outras obras de Marx como *Teorias sobre a Mais-valia* e os *Grundrisse*, repetirei a cada nota as notações correspondentes à edição e obra comentada.

A riqueza desta sociedade aparece inicialmente ante a consciência mais alienada destes agentes como coisas dadas e naturais. Já na abertura de *O Capital*, nesta curta frase, podemos vislumbrar todo o poder misterioso das mercadorias frente aos agentes da sociedade burguesa, toda a magia que a mercadoria carrega consigo e que Marx procura desfazer ao longo de toda sua obra.

Como coisas dotadas de vitalidade e vontade as mercadorias aparecem aos homens, não são estes que as procuram para satisfazer uma necessidade, não são os homens que se defrontam com outros produtores privados no mercado mediados pela mercadoria, mas, sim, são as mercadorias que aparecem frente a eles. Assim como as mercadorias aparecem frente aos homens, elas aparecem também frente a Marx. Ele aceita, provisoriamente, este aparecimento da mercadoria, mas, logo em seguida inicia o processo de negação desta imediatidade abstrata ao escolher uma mercadoria em particular para análise.

Marx nega o caos sensível do mercado escolhendo para análise uma mercadoria qualquer que possa ser vista em toda a sua simplicidade, escolhendo, portanto, como diz ele, uma mercadoria singular qualquer que possua todas as determinações desta imensa e fantástica coleção de utilidades. A análise começa, portanto, destacando desta coleção, deste múltiplo sensível e caótico, uma representação singular que seja capaz de expressar as determinações deste todo abstrato. A imensa coleção de mercadorias e o poder fantástico do aparecimento são negados com a análise da singularidade, da simplicidade que mercadorias como trigo, casaco, papel e ferro possuem.

*"A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia não altera nada na coisa"*[2]. A mercadoria vista em sua singularidade é, antes de qualquer processo crítico-negativo, uma coisa que possui objetividade externa, uma coisa tangível que possui, portanto, forma, brilho, cor, sabor, aroma e, ainda, sensualidade e poder para satisfazer não apenas as necessidades do corpo, mas, também, as da fantasia.

Toda mercadoria, por possuir uma utilidade e o poder de satisfazer uma necessidade, possui, portanto, um *valor de uso*. O poder de satisfazer uma necessidade é um

[2] OC Ia, p. 45. MEW 23, p. 49.

poder que está posto na corporalidade da própria mercadoria, não é um poder externo a ela. Este poder, porém, se realiza unicamente no consumo. O consumo é o momento da realização do valor de uso, é o momento em que a potencialidade útil contida na mercadoria se torna efetiva. *"Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta"*[3]. Esta propriedade de satisfazer uma necessidade não é, ainda, uma propriedade exclusiva da mercadoria, mas é, sobretudo, uma propriedade comum a todos os produtos da mão humana destinados a satisfazer uma necessidade. O trigo, por exemplo, tomado nesta imediatidade, é tanto valor de uso numa sociedade produtora de mercadorias quanto numa sociedade voltada para a autosubsistência.

Numa sociedade produtora de mercadorias o valor de uso só se torna efetivamente útil após passar pelo processo mediador da circulação que realiza o valor de troca da mercadoria. *"Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles [os valores de uso] constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do valor de troca [die stofflichen Träger des Tauschwerts]"*[4]. Quando os valores de uso são produzidos na forma de mercadoria a eles se agrega uma nova determinação negativa, a de serem valores de troca. O valor de troca é uma determinação negativa dos valores de uso porque sob esta nova condição, as necessidades humanas só serão realizadas na medida em que primeiro se realize o valor de troca do produto. O valor de uso se realiza no ato do consumo. O valor de troca se realiza no ato da troca, ato que antecede o consumo, por isso o ato da troca é um ato negativo frente ao valor de uso. Se o valor de troca não se realizar fica também sem se realizar o valor de uso, já que os produtos só adentram na esfera do consumo após passarem pelo processo das trocas.

A nova determinação do valor de troca se sobrepõe, portanto, ao valor de uso do produto. Com esta sobreposição os valores de uso se transformam em meros portadores materiais do valor de troca, perdem a natureza imediata de servir como algo útil aos homens e passam, então, a emprestar sua corporalidade útil para servir às necessidades do valor de troca. A forma determinada da riqueza, o valor de uso, empresta seu corpo à forma do valor de troca e os produtos da mão humana na sociedade burguesa adquirem, então, uma dupla e contraditória forma de existência, uma se sobrepondo a outra sem, contudo, abolirem-se mutuamente. O valor de uso aparece como o momento tético, universal e

[3] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 50.

abstrato da riqueza, o valor de troca como o momento antitético, particular e mais determinado da riqueza, que se sobrepõe à primeira sem, contudo, negá-la verdadeiramente, já que o valor de uso é o suporte material do valor de troca. O valor de uso que aparecia inicialmente como algo útil para o homem agora aparece como mero portador do valor de troca. A função de servir uma necessidade humana foi negada e posta em seu lugar a função de servir de suporte do valor de troca. De fim da produção o valor de uso foi convertido em meio pela forma mercadoria.

*"O valor de troca aparece [erscheint], de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço"*[5]. O valor de troca aparece inicialmente como uma relação puramente exterior entre as coisas, como uma mera relação (proporção) quantitativa entre duas ou mais mercadorias que muda fortuitamente, sem uma causalidade determinada, no tempo e no espaço. O valor de troca de um quarter de trigo pode ser *x* de graxa de sapato, ou *y* de seda, ou *z* de ouro etc. Uma mesma mercadoria, assim, pode ter múltiplos valores de troca que se alternam no tempo e no espaço. *"O valor de troca parece [scheint], portanto, algo casual e puramente relativo; um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria (valeur intrenséque), portanto uma contradictio in adjecto [uma contradição em termos]"*[6].

A contradição entre valor de uso e valor de troca aparece inicialmente como uma contradição entre termos bem determinados, de um lado está a utilidade da mercadoria e de outro seu contrário, que parece negá-lo, o valor de troca. Agora esta oposição começa a adquirir uma feição bastante misteriosa: como pode um mesmo valor de uso possuir múltiplos valores de troca sem, contudo, deixar de ser ele mesmo, um simples valor de uso destinado a satisfazer uma necessidade qualquer? Marx percebe a falsidade de conceber a oposição exterior entre valor de uso e valor de troca como uma oposição real, percebe que esta *contradictio in adjecto* é uma falsa contradição, que ela não passa de uma mera contrariedade entre termos externos, que ela não passa de uma falsa aparência da

[4] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 50.
[5] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 50.
[6] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 50/51.

contradição realmente existente[7]. Para sairmos desta falsa oposição e descobrirmos a verdadeira oposição presente nas trocas devemos considerar duas coisas fundamentais, diz Marx: *"primeiro: os valores de troca vigentes da mesma mercadoria expressam algo igual. Segundo, porém: o valor de troca só pode ser o modo de expressão [Ausdrucksweise], a 'forma de manifestação' [Erscheinungsform], de um conteúdo dele distinguível"*[8].

Primeiro: os diferentes e múltiplos valores de troca de uma mesma mercadoria devem necessariamente expressar uma igualdade não tangível, não sensível e não perceptível à nossa sensibilidade. A igualdade mesma não é algo sensível. Se um quarter de trigo pode ser trocado por $x$ de graxa de sapato ou por $y$ de seda, graxa e seda poderão, então, servir do mesmo modo como valor de troca uma para a outra, assim como o trigo pode, também, emprestar seu corpo para servir-lhes de valor de troca. Se trigo, graxa de sapato e seda são todos valores de uso diferentes, se também um quarter, $x$ e $y$ são todos proporções quantitativas diferentes, se apenas há elementos distintos entre si, se apenas há diferença entre os termos, o que possibilita que eles possam ser trocados entre si sem se desfigurarem no processo? Se os valores de troca são todos distintos entre si, então, logicamente devemos conceber que há um terceiro elemento imperceptível aos nossos sentidos, e ainda não identificado, que determina a igualdade e regula as múltiplas relações da mercadoria.

Segundo: estes valores de troca exteriores e tangíveis, esta multiplicidade colorida, sensível e fortuita, só pode ser um modo de expressão, uma forma de manifestação de uma realidade ainda oculta, escondida por detrás da realidade imediata e turbulenta das trocas. Por trás das formas volúveis do valor de troca deve esconder-se um terceiro elemento, um conteúdo mais verdadeiro que dá realidade às trocas. Marx reconhece com este procedimento a necessidade metodológica de reduzir a multiplicidade caótica na instância das trocas àquilo que há de verdadeiro nela, à sua unidade mais simples, a um terceiro elemento ainda em segredo. Este terceiro elemento, em si e para si, não é nem um e nem outro dos elementos postos na troca, *"esse algo em comum não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das*

---

[7] Conforme aulas do professor Hector Benoit no programa de pós-graduação da Unicamp. Sobre o método de exposição dialético de Marx ver ainda Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital.*** S.P: Revista Crítica Marxista número 3, Editora Xamã, 1996.

[8] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 51.

*mercadorias"*[9]. A propriedade natural da mercadoria, a de servir como coisa útil, forma a base do valor de uso e confere à mercadoria propriedades específicas, por isso, não pode formar a base deste terceiro elemento comum ainda indefinido. Este só pode ser reconhecido por meio do processo negativo da abstração.

Se abstrairmos das diferentes mercadorias suas diferentes qualidades úteis, *"resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho"*[10]. Se abstrairmos do trigo sua forma exterior de trigo, da graxa a forma de graxa, da seda a forma de seda etc., se, ao mesmo tempo, abstrairmos os diferentes materiais nelas utilizados e os diferentes trabalhos úteis nelas realizados, agrícola para o trigo, químico para a graxa e tecelão para a seda, então trigo, graxa e seda deixam de ser o que são para serem algo diferente de si mesmos. Do mesmo modo o trabalho do agricultor, do químico e do tecelão deixam de ser o que são para ser algo diferente de si mesmos, se tornam, todos, algo diferente do que são em sua exterioridade imediata. *"Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato"*[11]. Por meio da abstração de suas formas imediatas Marx revela, então, que toda a aparente diversidade exterior das mercadorias pode ser reduzida a um terceiro elemento unificador presente no interior de cada mercadoria indistintamente.

Se Marx fosse um empirista encontraria certamente após o processo de redução e abstração apenas o vazio, como pensam o empirista e a economia vulgar que não conseguem ultrapassar a instância exterior e imediata das trocas. Marx, porém, é um dialético e após o processo negativo da abstração encontra ainda um elemento residual e fundamental para suas descobertas.

Após este processo de abstração, diz Marx, restou apenas,

> *a mesma objetividade fantasmagórica [gespenstige Gegenständlichkeit], uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado, isto é, do*

[9] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 51.
[10] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 52.
[11] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 52.

> *dispêndio de força de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi despendida. O que essas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores – valores mercantis.*[12]

Após o processo de abstração dos diversos momentos e qualidades mais sensíveis, exteriores e imediatos presentes na corporalidade das mercadorias, restou, então, nelas, o terceiro elemento tão esperado, o elemento comum e unificador que Marx chama de valor. A oposição exterior entre valor de uso e valor de troca foi, então, interiorizada, foi posta internamente na mercadoria, a *contradictio in adjecto* que parecia negar a existência de uma verdadeira oposição foi então negada e a falsa oposição entre valor de uso e valor de troca tomada provisoriamente por Marx como verdadeira, foi substituída pela verdadeira contradição entre valor de uso e valor. Aqui é importante perceber que Marx aceita como verdadeiras, até certo ponto, as falsas concepções que capitalistas e operários formam na instância do mercado. As toma como certas, porém, unicamente com o objetivo de desmistificá-las, de lançar sobre elas a crítica negativa e destruidora de seu pensamento dialético. O valor de troca que aparenta possuir uma existência real em si e por si, agora nas mãos de Marx transformou-se numa aparência, num modo de manifestação, numa forma de expressão de algo inteiramente distinto de si mesmo, o valor. O valor de troca transformou-se agora, numa forma de expressão do valor, na sua forma necessária de representação.

O valor é definido por Marx como algo objetivo, possuindo existência em si e por si, independente de nossas falsas representações. Esta objetividade, porém, possui uma natureza fantasmagórica que troça da capacidade dos homens comuns para entendê-la. A objetividade do valor é uma objetividade misteriosa e Marx a define como sendo uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado. Em outras passagens Marx define esta objetividade da mercadoria como um simples coágulo, cristal ou acúmulo de trabalho humano indiferenciado. Para compreendermos o que Marx quer significar com estes termos, basta fixarmo-nos na análise dos próprios termos. A gelatina, como sabemos, é também uma forma de cristal ou coágulo que se cristaliza algumas horas após seu preparo

[12] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 52.

na água. A gelatina é simplesmente um elemento aquoso que se encontra sob a forma sólida. O cristal é simplesmente água solidificada e o coágulo de sangue é simplesmente sangue coalhado. A analogia com estes elementos é profundamente interessante por que estes três elementos não adotam, por natureza, nenhuma forma rígida e determinada, todos estes elementos possuem a plasticidade de moldarem-se livremente a qualquer forma onde forem depositados. Eles possuem a fantástica potencialidade para assumir qualquer forma determinada.

Com estas analogias Marx está nos preparando, como veremos logo em seguida, para compreendermos a dúplice natureza do trabalho criador de mercadorias. Assim como a gelatina é simplesmente a solidificação de um elemento aquoso, o valor é também a simples solidificação e objetivação da força de trabalho humana, que não é aquosa, mas é uma força móvel e fluída, é energia que, como o cristal e a gelatina, possui a fantástica capacidade de se objetivar e se cristalizar nos produtos criados pela força de trabalho humana. O valor é um cristal de trabalho humano porque a força de trabalho do homem não desaparece da natureza após o processo de trabalho, ela se transfere da corporalidade viva do homem para a corporalidade morta da mercadoria, ela abandona a forma de força e potência para assumir a forma de um cristal, a forma do corpo de qualquer mercadoria.

A energia do marceneiro não desaparece após o processo de trabalho, a energia consumida é transferida por ele mesmo ao corpo da mesa que produziu. A mesa funciona, agora, como cristalização desta força de trabalho, como trabalho já objetivado. A analogia com o coágulo de sangue assume um caráter dramático porque deixa mais visível a idéia de que o valor é, fundamentalmente, tempo de vida do operário coagulado no corpo da mercadoria, é sangue que flui, metaforicamente, de suas veias e deposita-se na objetividade morta de seu produto acabado. A analogia do valor enquanto certo coágulo de sangue ficará mais evidente, e mais dramático, na passagem onde Marx compara o capital com um vampiro que mais vitalidade adquire quanto mais sangue operário sugar.

O valor é, portanto, certa quantidade desta substância social, o trabalho abstrato, o dispêndio de força de trabalho humano sem consideração por nenhuma forma determinada que se cristaliza na corporalidade morta da mercadoria. O valor é concebido ainda por Marx como uma substância comum, como um universal negativo alcançado

mediante o processo de abstração, o universal comum a todas as mercadorias alcançado mediante a negação de todas as determinações sensíveis e exteriores. O valor de uso, o valor de troca e a própria mercadoria são vistos como coisas, como objetos externos, o valor, porém, não é uma coisa, ele é uma substância interna, um cristal, um coágulo ou, então, uma gelatina de trabalho indiferenciado, de trabalho abstrato que fundamenta toda a existência da mercadoria. O valor é o único elemento comum entre todas as diferentes mercadorias.

*"O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor de troca da mercadoria, é, portanto, seu valor"*[13]. O modo misterioso, fantasmagórico e enigmático de existência do valor já pode ser percebido nesta simples e curta passagem. O enigmático da forma valor, desta substância social, é que sua existência não é percebida imediatamente pela consciência sensível dos agentes da produção burguesa, o valor aparece na consciência destes agentes mediado pela forma valor de troca. O valor vem a tona revelado pela forma do valor de troca. Este processo de revelação é um processo enganoso, criador de ilusões e falsas representações, como veremos mais adiante na análise do fetiche da mercadoria. *"O prosseguimento da investigação [mais adiante com a análise das formas do valor] nos trará de volta ao valor de troca, como a maneira necessária de expressão ou forma de manifestação do valor [der notwendigen Ausdrucksweise oder Erscheinungsform des Werts], o qual deve ser, por agora, considerado independente desta forma"*[14].

Duas coisas aqui são importantes. Primeiro: o valor de troca não é qualquer forma de manifestação, ele é a forma necessária de expressão do valor, isto é, o valor necessariamente, e não casualmente, se expressa sob a forma do valor de troca. A substância valor, este certo quantum de trabalho humano genérico abstrato, deve necessariamente adotar uma forma de manifestação e esta forma é necessariamente o valor de troca. A grande questão a ser desvendada é o caráter misterioso e enganador desta revelação por outro que adota o valor. Porque o valor necessita adotar esta forma, qual o significado desta revelação para os agentes da sociedade burguesa, que papel exerce esta impotência do valor para se revelar diretamente por si mesmo na consciência dos homens é um dos temas fundamentais da Primeira Seção de *O Capital.*

---

[13] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 53.
[14] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 53.

A descoberta dos segredos deste importante mistério, a descoberta desta essência interna e oculta da sociedade burguesa regulando seus movimentos e a necessidade deste movimento assumir formas contraditórias ao nível mais externo e aparente do real, é que permite a Marx desvelar todos os mistérios da sociedade burguesa escondidos sob a forma mercadoria. A descoberta desta duplicidade interna entre valor de uso e valor e a forma de manifestação externa desta contradição abre o caminho para Marx desvelar todos os segredos da sociedade burguesa. Em segundo lugar, Marx ratifica a necessidade de se prosseguir a análise neste nível mais profundo de abstração negando verdade efetiva ao valor de troca e às coisas exteriores do mercado. A exposição, portanto, prosseguirá sendo considerada independentemente das formas exteriores do valor.

O valor, como vimos, é uma certa quantidade desta substância social que é o trabalho abstrato. Porém, questiona Marx, como podemos medir esta substância, como podemos aferi-la sem cair em contradição? Marx resolve esta importante questão respondendo que a grandeza do valor deve ser encontrada medindo-se o próprio valor, isto é, medindo a sua substância constituidora, o trabalho humano. *"A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações do tempo, como hora, dia etc."*[15]. O valor é medido medindo-se o tempo de duração do trabalho. Duas mercadorias podem trocar-se entre si, ou muitas entre si sem se perderem num emaranhado de relações quantitativas, porque possuem a mesa quantidade de trabalho abstrato, a mesma quantidade de trabalho humano sem consideração por sua forma exterior particular, porque ambas, pressupondo condições tecnicamente iguais de produção, consomem o mesmo quantum de trabalho humano para serem fabricadas, porque ambas demoram o mesmo tempo de trabalho para estarem prontas para o consumo.

Adotando o próprio tempo como medida do valor Marx consegue resolver as insuperáveis dificuldades não resolvidas por Smith e Ricardo para medir o valor. Ambos adotavam ora o trabalho, ora o salário e ora o ouro como medidas do valor de uma mercadoria. A grande dificuldade enfrentada, e nunca resolvida por ambos, era que estas três medidas eram também variáveis, elas próprias necessitavam ser medidas e variavam constantemente de acordo com as mudanças nas condições de produção. A genialidade de

[15] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 53.

Marx aqui, se resume em resolver as insuperáveis dificuldades de seus mestres ao escolher o próprio tempo como critério de medida do valor. Sob determinadas condições técnicas e sociais de produção idênticas, um mesmo tempo de trabalho produzirá sempre o mesmo quantum de valor.

Para resolver as freqüentes dificuldades enfrentadas por Smith e Ricardo, Marx reduz todas as diferenças reais entre diferentes forças e produtividades do trabalho a uma hipotética igualdade entre elas. *"A força conjunta de trabalho da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo da mercadoria [Warenwelt], vale aqui como uma única e a mesma força de trabalho do homem, não obstante ela ser composta de inúmeras forças de trabalho individuais"*[16]. Essa redução formal da multiplicidade à sua unidade negativa, à sua média socialmente dada, não pode ser concebida como uma mera hipótese teórica de Marx. Ao longo de todo *O Capital*, ele irá demonstrar que esta é, não apenas uma hipótese lógica, mas uma hipótese real, uma tendência real do capital em simplificar e medianizar por meio da concorrência as possíveis diferenças reais de capacidade para o trabalho que porventura possam existir entre os trabalhadores.

Uma força de trabalho socialmente média, tanto a hipotética quanto a realmente existente, é aquela que *"na produção de uma mercadoria não consuma mais que o trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário"*[17]. E, ainda, *"tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e intensidade de trabalho"*[18]. Uma força de trabalho média operará sob condições médias quando atuar sob as três seguintes condições estáveis: primeiro deverá haver condições de produção socialmente normais. Por socialmente normais Marx entende uma série de condições que aqui só iremos exemplificar para facilitar a compreensão do conceito, condições tais como uma colheita agrícola normal que possibilite uma oferta regular de matérias primas e força de trabalho sem atropelos; ausência de guerras que possam destruir e abalar as condições regulares de produção e; uma mesma base tecnológica. Em segundo lugar, Marx supõe um grau social médio de habilidade para o trabalho, um mesmo grau médio de escolaridade e intelecção dos operários, de

[16] OC Ia, p. 48. MEW 23, p. 53.
[17] OC Ia, p. 48. MEW 23, p. 53.
[18] OC Ia, p. 48. MEW 23, p. 53.

virtuosidade e habilidade para o trabalho etc. Em terceiro lugar, Marx supõe um mesmo grau de opressão no trabalho, que em tempos iguais de trabalho os homens esgotem o mesmo quantum de suas energias vitais. "*É, portanto, apenas o quantum de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso o que determina a grandeza de seu valor*"[19].

Se um mesmo tempo de trabalho produz sempre o mesmo valor o que faz mudar, então, o valor de uma mercadoria? Simplesmente as mudanças no tempo socialmente necessário para sua produção. Se cair este tempo, cairá também o valor, se aumentar este tempo, aumentará também seu valor absoluto. O valor de uma mercadoria varia, portanto, sempre que variam as condições socialmente médias necessárias para sua produção. Varia, portanto, toda vez que variam as forças produtivas do trabalho social.

Nesta altura Marx procura descrever genericamente as circunstâncias que levam a uma modificação no nível de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social. Entre as muitas circunstâncias descreve cinco que considera as mais relevantes: 1) o grau médio de habilidade dos trabalhadores; 2) o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica; 3) a combinação social do processo de produção; 4) o volume e a eficácia dos meios de produção e; 5) as condições naturais. Toda vez que variar uma destas condições variará também o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de dada mercadoria e, variará, portanto, o seu valor.

> *Genericamente, quanto maior a força produtiva do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho exigido para a produção de um artigo, tanto menor a massa de trabalho nele cristalizada, tanto menor o seu valor. Inversamente, quanto menor a força produtiva do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para a produção de um artigo, tanto maior o seu valor. A grandeza do valor de uma mercadoria muda na razão direta do quantum, e na razão inversa da força produtiva do trabalho que nela se realiza.*[20]

Somente depois deste longo processo de exposição chega Marx ao momento de definir mais concretamente o que é a mercadoria. Ele inicialmente a tomara como algo

[19] OC Ia, p. 48. MEW 23, p. 54.

dado, a tomara acriticamente, como a tomam os agentes da produção burguesa na esfera imediata das trocas. O conceito de mercadoria até aqui estava apenas pressuposto para Marx, ao longo do processo de exposição ele vai expondo-o lentamente por meio de vários momentos negativos, até revelá-lo à consciência daqueles que o acompanharam até aqui[21]. O momento em que Marx define mais concretamente o que é a mercadoria é um momento fundamental no processo de exposição. Até agora todo o processo parece ser um processo puramente lógico e conceitual, as determinações e propriedades que caracterizam a mercadoria parecem sair todas do interior da própria mercadoria e postas pelo poder mágico de um raciocínio hábil no uso da abstração e dos procedimentos puramente lógicos.

Marx definira a mercadoria ainda apenas abstratamente como um valor de uso destinado a satisfazer as necessidades não do próprio produtor direto, mas as de outro produtor. Para que uma coisa possa ser mercadoria não basta que ela possua um valor de uso para outros, é necessário que ela seja produzida como um não-valor de uso para o próprio produtor. Para que uma coisa possa ser concebida como mercadoria ela necessita ser um não-valor de uso para seu produtor e um valor de uso para outro produtor. Ela precisa, ainda, ter valor de uso social dentro de uma relação de troca, ela precisa satisfazer certa necessidade social mediada por relações de troca.

A definição dada por Marx até este momento é uma definição ainda inteiramente abstrata e passível de provocar confusões. Engels neste momento introduz um adendo corrigindo as imprecisões de Marx.

Diz ele:

> *E não só para outros simplesmente. O camponês da Idade Média produzia o trigo do tributo para o senhor feudal e o trigo do dízimo para o clérigo. Embora fossem produzidos para outros, nem o trigo do tributo nem o do dízimo se tornaram por causa disso mercadorias. Para tornar-se mercadoria, é preciso que o produto seja transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca.*[22]

---

[20] OC Ia, p. 49. MEW 23, p. 55.
[21] Conforme aulas do professor Hector Benoit no programa de pós-graduação da Unicamp. Ver ainda: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.
[22] OC Ia, p. 49. MEW 23, p. 55.

Em nota de rodapé Engels esclarece que a introdução deste trecho devia-se a circunstância de que *"sua omissão tem freqüentemente originado o mal-entendido de considerar que, para Marx, vale como mercadoria todo produto que é consumido por outro, que não o produtor"*[23].

A adição deste trecho por Engels tem uma importância notável nesta altura do processo de desvelamento da sociedade burguesa porque ele põe uma delimitação fundamental entre a sociedade capitalista e a Idade Média européia. Ao pôr esta determinação histórica, Engels promove um imenso recorte na extensão da análise de Marx porque, como já havia exposto Marx, o valor de troca não é uma determinação universal do produto, a determinação universal deste é a de ser valor de uso. O valor de troca, como demonstra Engels, não é uma determinação particular posta na mercadoria pelo gênio inventivo de Marx, esta determinação é posta pela própria história humana, ela é uma determinação histórica e, assim, podemos conceber mais claramente o que Marx quer significar com os termos substância social do valor e trabalho abstrato. A delimitação histórica posta por Engels demonstra a riqueza e a complexidade do método dialético de exposição adotado por Marx.

Antes de adentrarmos ao ponto seguinte da exposição de Marx, façamos um breve balanço de todo o movimento percorrido até aqui.

Marx inicia a crítica da sociedade burguesa e a exposição de seus conceitos e momentos fundamentais, tomando como ponto de partida as representações mais sensíveis e grosseiras que os agentes da produção, tanto operários quanto capitalistas, possuem sobre o próprio capitalismo. Toma como ponto de partida a opinião que ambos formam sobre a riqueza da sociedade burguesa e desta, escolhe uma mercadoria singular para análise e crítica. Toma como ponto de partida, portanto, a própria temporalidade presente, imediata, cotidiana, destes agentes. Toma como ponto de partida em primeiro lugar, as representações mais sensíveis presentes na consciência mais imediata das duas classes fundamentais da sociedade burguesa e, simultaneamente, toma como ponto de partida histórico-temporal o tempo presente destes agentes. Um tempo lógico ainda não-conceitual,

[23] OC Ia, p. 49. MEW 23, p. 55. Nota 11a adicionada por Engels na Quarta Edição de *O Capital* de 1890.

mas, sim, empírico, sensível, opinativo, intuitivo e um tempo histórico a-temporal, o presente imediato sem história naturalizado e obscurecido pelo cotidiano.

A riqueza aparece inicialmente como um imenso arsenal de valores de uso qualitativamente distintos entre si, como uma imensa e caótica coleção de coisas distintas que parecem se opor entre si. Como coisa útil a mercadoria, forma elementar deste caos sensível, possui valor de uso e como proporção quantitativa posta na troca, possui ela valor de troca. Mediante a crítica do valor de uso ele descobre que na sociedade capitalista a forma universal da riqueza se converte em mero suporte de uma forma particular, o valor de troca. Mediante o processo negativo destas determinações sensíveis, Marx conclui que o valor de troca da mercadoria não pode ser nada mais que a expressão de um conteúdo diferenciável dele, uma mera forma de manifestação. Este conteúdo do valor de troca só pode ser o valor, uma substância social e comum a todas as mercadorias que fundamenta a troca de mercadorias como troca entre equivalentes.

Por meio da redução desta multiplicidade sensível àquilo que há de comum entre as mercadorias, por meio da abstração de todas as determinações exteriores, naturais e sensíveis presentes nas diferentes mercadorias, Marx pode descobrir que todas são, simultaneamente, resultado de uma mesma atividade humana: a pura atividade abstrata do trabalho. Como valores de uso as mercadorias recebem sua determinação do aspecto concreto do trabalho humano, como valores, porém, recebem sua determinação do puro dispêndio de cérebro e músculos humano durante a produção. Mercadorias de diferentes qualidades podem ser trocadas entre si, portanto, porque ambas possuem a mesma quantidade desta substância constituidora do valor, o trabalho humano genérico.

Por meio do processo negativo possibilitado pelo uso da abstração, Marx pode, então, demonstrar que a mercadoria é, na verdade, constituída internamente pela contradição entre valor de uso e valor e não pela contradição entre valor de uso e valor de troca que aparecia imediatamente. A contradição entre valor de uso e valor de troca é a forma exterior e luminosa em que se manifesta aquela contradição interna entre valor de uso e valor. A contradição entre mercadoria e dinheiro é apenas o modo de manifestação da contradição interna entre valor de uso e valor. Marx pode desvelar a falsidade da contradição exterior entre mercadoria e dinheiro servindo-se de procedimentos puramente lógicos. Serviu-se para isto do processo negativo da abstração. Como dizia ele no Prefácio à

Primeira Edição de *O Capital*, na análise das formas sociais não é possível servir-se de microscópios nem de reagentes químicos para analisar-se o interior destas formas, a faculdade de abstrair deve substituir a ambos.

Ao realizar este movimento negativo, portanto, o *logos* dialético de Marx avança para o interior das formas abstratas e descobre neste interior sua verdadeira substância constituidora, o valor. Simultaneamente, o *logos* negativo desvela a falsidade do primeiro momento tomado como ponto de partida. Desvela a falsidade de que na sociedade burguesa os valores de uso formam realmente a base da riqueza e revela que a verdadeira riqueza do capitalismo é sempre certo quantum de valor e que a mercadoria e o dinheiro são as formas mais imediatas desta riqueza. O momento histórico posto por Engels ajuda a esclarecer o cruzamento destes dois momentos conceituais, o lógico e o histórico, ajuda a esclarecer que por trás de todo este quiproquó metodológico e abstrato, está pressuposta para Marx toda a história passada da humanidade[24].

### 1.1.2. O duplo caráter do trabalho

*"Conhecemos agora a substância do valor. É o trabalho. Conhecemos sua medida de grandeza. É o tempo de trabalho. Sua forma, que justamente cunha o valor de troca, resta ainda para analisar. Antes, porém, é necessário desenvolver mais de perto as determinações já encontradas"*[25]. Como anunciara anteriormente, e aqui Marx apenas repete, haveremos ainda de voltar nossa análise para o misterioso valor de troca, análise ainda mantida em suspense por Marx. As novas determinações já encontradas e que Marx prefere analisar antes de analisar as formas do valor, são as determinações do trabalho concreto e do trabalho abstrato. Depois de definir o que é a mercadoria Marx desloca sua análise para a natureza dúplice do trabalho produtor de mercadorias. Seu novo objeto, portanto, não é qualquer objeto abstrato, mas um objeto historicamente determinado, o trabalho produtor de mercadorias, o trabalho, portanto, da sociedade burguesa, já contraposto com a forma histórica do trabalho medieval indicado por Engels não produtor de mercadorias.

---

[24] Ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.

[25] OC Ia, p. 49. MEW 23, p. 56. Nota da Primeira Edição alemã suprimida nas edições posteriores. Anotada agora pela Dietz Verlag Berlin.

Assim como a mercadoria foi vista sob um duplo aspecto, valor de uso e valor, agora também o trabalho representado na mercadoria deve sofrer o mesmo processo de bipartição. O trabalho agora é visto sob seu aspecto tético-positivo, natural, material, universal e abstrato, aspecto que Marx denomina de trabalho concreto, trabalho útil, trabalho determinado ou trabalho específico. O outro aspecto é o aspecto antitético, negativo, social, particular e concreto, que Marx denomina de trabalho abstrato. Curiosamente Marx chama de trabalho concreto aquilo que é abstrato no trabalho e trabalho abstrato aquilo que nele é concreto[26]. Como vimos, a utilidade de uma mercadoria faz dela um valor de uso e esta utilidade não é algo que paira no ar, mas é algo colado ao seu corpo natural. Para produzir-se determinado valor de uso, como casaco, por exemplo, precisa-se de determinada atividade útil produtiva. Esta atividade útil *"é determinada por seu fim, modo de operar, objeto, meios e resultado. O trabalho cuja utilidade representa-se, assim, no valor de uso de seu produto ou no fato de que seu produto é um valor de uso chamamos, em resumo, trabalho útil. Sob esse ponto de vista é considerado sempre em relação a seu efeito útil"*[27]. Como as mercadorias em geral são qualitativamente diferentes entre si, também o são os diferentes trabalhos úteis que as fabricam e as trocas são sempre trocas entre diferentes valores de uso.

A existência das trocas pressupõe, portanto, um relativo desenvolvimento da divisão social do trabalho. Esta é fundamento e pressuposto para a produção de mercadorias e não o contrário, não é a troca e a produção de mercadorias que é pressuposto e fundamento para a divisão social do trabalho. A existência de um sistema mais ou menos generalizado de trocas pressupõe, como seu fundamento, um relativo grau de desenvolvimento histórico, um relativo grau de desenvolvimento das forças produtivas, da divisão social do trabalho e da diferenciação social. Aqui, agora Marx e não Engels, nos remete novamente a comparar a sociedade moderna com formas pré-capitalistas de produção que possuíam um grau relativo de divisão social do trabalho, mas não produziam mercadorias. Marx cita o caso da Índia com sua produção voltada exclusivamente para o consumo interno da comunidade. *"Na antiga comunidade hindu o trabalho é socialmente dividido sem que os produtos se tornem mercadorias"*[28].

---

[26] Conforme diálogo pessoal sobre *O Capital* com o professor Hector Benoit na Unicamp.
[27] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 56.
[28] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 56.

Aqui novamente a sociedade burguesa é delimitada de outras formas sociais do passado. Engels já a havia delimitada com a Idade Média européia, agora Marx a delimita da populosa e milenar Índia com seu regime de castas e a pequena produção camponesa voltada para o autoconsumo.

Diz ainda ele em passagem mais a frente acerca da produção de mercadorias no mundo antigo:

> *nos modos de produção da velha Ásia e da Antiguidade etc., a transformação dos produtos em mercadoria e, portanto, a existência dos homens como produtores de mercadorias, desempenha papel subordinado, que porém se torna tanto mais importante quanto mais as comunidades entram na fase de declínio. Povos propriamente comerciantes só existem nos intermúndios do mundo antigo, como os deuses de Epicuro, ou como os judeus nos poros da sociedade polonesa.*[29]

Com a emergência da sociedade burguesa a produção de mercadorias perdeu seu caráter acessório, subordinado e proscrito transformando-se na forma universal de produção.

Sem negar historicamente a sociedade capitalista, mas mostrando já suas contradições internas menos aparentes, Marx cita o caso da divisão do trabalho presente no interior das próprias fábricas capitalistas, onde, apesar desta divisão, o produto não circula de um setor para outro da produção como uma mercadoria: *"em cada fábrica o trabalho é sistematicamente dividido, mas essa divisão não se realiza mediante a troca, pelos trabalhadores, de seus produtos individuais"*[30]. A naturalidade e eternidade da sociedade burguesa e da produção exclusiva de mercadorias vão sendo lentamente negadas pela análise crítica de Marx. No mesmo instante em que Marx põe, de modo lógico, as determinações mais imediatas da sociedade burguesa, põe também as determinações que as negam, que as põem em devir e no fluxo da longa história humana. Lentamente as contradições da sociedade burguesa vão sendo expostas e ao mesmo tempo vão sendo, ainda que timidamente, negadas.

---

[29] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 56.

> *Apenas produtos de trabalhos privados autônomos e independentes entre si confrontam-se como mercadorias... Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se esta diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho.*[31]

Nesta passagem já está implícita uma série de condições sociais, ainda na instância do mercado e da divisão social do trabalho, que nos permitem pensar as bases fundamentais para o surgimento das crises econômicas de superprodução.

Dentro da fábrica pensada por Marx na passagem anterior existe uma divisão interna de trabalho, contudo, os diversos produtores que aí operam não se relacionam de modo algum como produtores de mercadorias autônomos e independentes entre si. As relações de produção que ligam um operário a outro são todas relações necessárias, pensadas e planejadas racionalmente na instância da fábrica. Aqui pouco importa se este planejamento é feito burocraticamente pelos diretores da fábrica ou pelos próprios operários. Os produtores que aí trabalham são produtores de mercadorias, mas nesta dimensão interior eles não se relacionam entre si como produtores de mercadorias mas, sim, como homens que cooperam entre si de modo planejado a fim de obterem no final dos vários momentos do processo de produção um produto que seja mercadoria. Estes produtores somente podem ser vistos como produtores de mercadorias em suas relações exteriores com operários de outras fábricas.

Do mesmo modo podemos pensar o modo de produção dos hindus citado por Marx[32]. Aí, como na fábrica capitalista, existe uma divisão social do trabalho, em escala muito menor certamente, e a produção não se transforma em mercadoria. As pequenas unidades de produção indianas ligam-se entre si, e ainda no interior destas unidades, de um

---

[30] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 56/57.
[31] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 57.
[32] Sobre a diferença específica do modo de produção dos hindus (e a noção de modo de produção asiático em Marx) em relação ao modo capitalista ver Hector Benoit: ***A luta de classes como fundamento da história***. In: Caio Navarro de Toledo (org.): *Ensaios sobre o Manifesto Comunista*. S.P: Xamã, 1998.

modo necessário, certamente não refletido em suas minúcias como no interior da fábrica moderna, de um modo onde cada elo do processo de trabalho se liga a outro de um modo consciente e racional. Tanto no interior da fábrica capitalista quanto nas antigas comunidades hindus, nunca encontraremos crises de superprodução porque não foram encontrados produtores carentes de mercadorias destinadas a satisfazer uma necessidade alheia.

No interior da fábrica capitalista e nas antigas comunidades hindus, produção e consumo ligam-se diretamente entre si de um modo necessário e não casual, pois não se ligam mediados pelo mercado e a troca, como ocorre entre as várias fábricas de uma mesma nação capitalista. Isto se deve exclusivamente ao caráter da produção e ao modo como se organiza a divisão social do trabalho. No interior da fábrica e nas sociedades hindus, onde não se produz mercadorias, a divisão social do trabalho se realiza de modo racional e planejado, não importa se quem organiza esta divisão é o Estado e as castas superiores no caso indiano, ou se são os diretores de fábrica ou os próprios operários. Importa que esta divisão social do trabalho é organizada de modo a ligar necessariamente a produção ao consumo, no caso da fábrica falamos de consumo produtivo, sem passar pela instância tortuosa e acidental do mercado.

Onde a produção se destina ao mercado e o produto aparece na forma de mercadoria, o trabalho social divide-se em múltiplos pontos isolados e fragmentados ligados entre si apenas de modo casual. A ligação entre produção e consumo feita pelo mercado é uma ligação casual porque a mercadoria lançada nele tanto pode como não pode encontrar outro produtor carente dela. No interior da fábrica e na sociedade hindu, o produto não é lançado no mercado, ele é fabricado com a prévia intenção de fornecer ao produtor que segue na frente, um elemento que seja peça de um momento superior do processo de produção, ou do processo de consumo produtivo desta peça. Numa sociedade produtora de mercadorias, como dissera Marx acima, os diversos trabalhos úteis são executados de modo independente uns dos outros como negócios privados de produtores autônomos. As múltiplas unidades produtivas funcionam de modo autônomo e independente entre si, sem um elo necessário que as ligue uma a outra evitando a anarquia própria do mercado. Cada unidade de produção, cada fábrica, liga-se a outra unidade de

modo casual, liga-se como *"elo autônomo da divisão social do trabalho [selbständiges Glied der gesellschaftlichen Teilung der Arbeit]"*[33].

As dificuldades para a compreensão deste momento fundamental, em parte, derivam de nossa incapacidade de compreender a dialética do pensamento e da linguagem de Marx. Como compreender a existência de um *elo autônomo* entre as várias unidades de produção? Se a coisa é um *elo* como pode ser *autônoma*? Simplesmente porque a relação que existe entre *elo* e *autonomia* é uma relação mediada por circunstâncias que permitem que cada elo isolado da divisão social do trabalho possa se constituir como um elo que, se ao mesmo tempo em que é parte inseparável da divisão social do trabalho este elo se organiza independentemente desta mesma divisão social do trabalho. A compreensão deste momento é fundamental na compreensão das crises do capitalismo porque as crises emanam do modo caótico de distribuição do trabalho social dentro da sociedade capitalista, do modo privado e irracional de decidir sobre as necessidades humanas.

Retornando ao tema do trabalho útil Marx ainda repete, ironicamente, repelindo aqueles que imaginam que a produção de mercadorias é uma necessidade natural e eterna do homem: *"onde a necessidade de vestir o obrigou, o homem costurou durante milênios [pensemos sobre o exemplo citado dos hindus], antes de tornar-se um alfaiate"*[34].

Contudo, diz Marx:

> *a existência do casaco, do linho, de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.*[35]

[33] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 57.
[34] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 57.
[35] OC Ia, p. 50. MEW 23, p. 57.

Aqui está explícito porque o valor de uso, e o aspecto útil e concreto do trabalho, é uma determinação mais universal e abstrata do trabalho, porque ele não pode ser concebido como a determinação fundamental da sociedade burguesa. Esta determinação útil do trabalho é comum a todas as formas de sociedade. É comum tanto à moderna sociedade burguesa quanto à Idade Média, aos hindus, aos gregos e romanos antigos etc. O valor de uso e o trabalho concreto são determinações abstratas porque não revelam a diferença específica da sociedade burguesa com estas formações sociais mais antigas, porque são determinações ainda superficiais e exteriores, determinações que Marx precisa negar para daí revelar as verdadeiras determinações que demarcam nitidamente a sociedade burguesa de outras formas sociais. *"Ao produzir [diz ainda Marx], o homem só pode proceder como a própria natureza, isto é, apenas mudando as formas das matérias"*[36]. O trabalho concreto, como eterna necessidade natural do homem da qual nenhuma sociedade poderá se libertar completamente, inclusive uma possível forma socialista do futuro, revela mais a forma como os homens historicamente se relacionam com a Natureza e o grau de seu domínio sobre ela, do que as formas históricas das relações humanas.

Na análise da sociedade burguesa, portanto, devemos investigar o que há de específico nela e o que a distingue de outras formas sociais. Aí Marx volta seus olhos para o aspecto genérico e abstrato do trabalho humano.

> *Abstraindo-se da determinação da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta apenas que ele é um dispêndio de força humana de trabalho. Alfaiataria e tecelagem, apesar de serem atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos, e nesse sentido são ambas trabalho humano. São apenas duas formas diferentes de despender força humana de trabalho.*[37]

Aí está a grande dificuldade de se compreender a natureza do trabalho abstrato. Para entendê-lo inteiramente é necessário desprender-se das diferentes formas exteriores do trabalho concreto.

---

[36] OC Ia, p. 50/51. MEW 23, p. 57.

A dificuldade de compreensão reside unicamente na incapacidade para lidar-se com a abstração do trabalho. Alfaiataria e tecelagem, assim como outras formas diferentes de trabalho útil, são formas diferentes de trabalho para Marx apenas em seu aspecto exterior, sensível e imediato, pois, por detrás desta imediatidade esconde-se o trabalho humano genérico, o puro dispêndio de forças e energias humanas durante o processo de produção. Por trás da multiplicidade das formas úteis esconde-se o trabalho genérico, o trabalho abstrato que dá unidade a todos os trabalhos concretos, que os liga uns aos outros e que permite que diferentes trabalhos úteis possam ser equiparados entre si. O fenômeno enganador reside na circunstância de que os produtores confundem as formas particulares do trabalho concreto com o próprio trabalho em geral e não conseguem perceber a existência de uma segunda natureza do trabalho, a natureza abstrata que abarca todas as formas particulares, uma segunda natureza de ordem histórica e social que, por meio de fios invisíveis, liga um produtor a outro de modo imanente.

A natureza genérica do trabalho humano é apenas o *"dispêndio da força de trabalho simples que em média toda pessoa comum, sem desenvolvimento especial, possui em seu organismo físico"*[38]. Marx nesta passagem acaba de definir o que é trabalho simples. Um outro problema, porém, se coloca e deve ser resolvido. Nem toda força de trabalho é força de trabalho simples, existem muitas diferenças reais de capacidades para o trabalho, em particular a força de trabalho que excede em potência a força de trabalho simples, a força de trabalho complexa e mais qualificada. Marx resolve estas diferenças reais de capacidade para o trabalho reduzindo todos os trabalhos mais complexos e qualificados a um simples quantum, ou a um múltiplo de trabalho simples. *"Trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de maneira que um pequeno quantum de trabalho complexo é igual a um grande quantum de trabalho simples"*[39]. O problema da equiparação entre diferentes trabalhos úteis foi resolvido pelo método da redução da multiplicidade à sua unidade. Todas as diferentes potencialidades reais para o trabalho podem ser reduzidas a um múltiplo desta unidade simples.

---

[37] OC Ia, p. 51. MEW 23, p. 58.
[38] OC Ia, p. 51. MEW 23, p. 59.
[39] OC Ia, p. 51. MEW 23, p. 59.

Um trabalho mais complexo ou mais qualificado pode ser concebido como um múltiplo de trabalho simples. As diferenças reais que existem, por exemplo, entre um engenheiro, representação desta capacidade mais elevada para o trabalho, e um operário do chão de fábrica, podem ser resolvidas facilmente reduzindo a capacidade de trabalho deste engenheiro a um múltiplo desta capacidade mais simples representada pelo operário. Aqui novamente Marx resolve de modo racional todas as diferenças exteriores entre trabalho manual e trabalho braçal, entre trabalho qualificado e trabalho simples, reduzindo a diversidade exterior à sua unidade interna. Apesar dos preconceitos ambas categorias de trabalho são, no fundamental, puro dispêndio de energia humana, puro esgotamento da capacidade vital do trabalhador, seja esta capacidade mais ou menos manual.

Essa redução do trabalho complexo a trabalho simples, porém, não é uma redução puramente teórica utilizada com a finalidade de facilitar a exposição, ela possui obviamente esta função, mas esta redução pode ser verificada mesmo na realidade empírica. *"Que essa redução ocorre constantemente, mostra-o a experiência. Uma mercadoria pode ser o produto do trabalho mais complexo, seu valor a equipara ao produto do trabalho simples e, por isso, ele mesmo representa determinado quantum de trabalho simples"*[40]. A circunstância de que mercadorias fabricadas por um trabalho mais complexo possam ser equiparadas e trocadas por mercadorias fabricadas por trabalho menos complexo demonstra para Marx a legitimidade de tal redução na instância do pensamento. Daí para frente Marx admite que irá operar toda a exposição a partir da noção de trabalho simples e conceberá a diferença entre as distintas capacidades para o trabalho como reduzidas a trabalho simples.

Nesta altura da exposição a noção de trabalho abstrato torna-se mais clara. O trabalho humano genérico, este puro dispêndio de energia, cérebro e músculos durante o trabalho é chamado por Marx de trabalho abstrato porque é trabalho abstraído de todas as suas formas úteis e concretas, porque é o resíduo encontrado após o processo de abstração das determinações mais exteriores e sensíveis. Se abstrairmos de todos os diferentes trabalhos úteis as distintas marcas que os separam e os limitam entre si, encontraremos então esta substância residual, esta substância que é social e não natural, encontraremos o trabalho abstrato. É trabalho abstrato porque todas as diferenças exteriores, sensíveis e úteis

[40] OC Ia, p. 51/52. MEW 23, p. 59.

foram abstraídas, foram afastadas pelo pensamento, restando nelas uma simples gelatina homogênea de trabalho. Uma mercadoria pode valer mais ou menos que outra porque em seu corpo está contido mais ou menos desta substância gelatinosa, porque levou mais ou menos tempo de trabalho socialmente médio para ser fabricada.

Nos *Grundrisse* Marx nos dá uma definição de trabalho abstrato em sua existência prática. Diz ele: *"a indiferença frente a um gênero determinado de trabalho supõe uma totalidade muito desenvolvida de gêneros reais de trabalhos, nenhum dos quais predomina sobre os demais"*[41]. O conceito de trabalho abstrato de modo algum antecede a existência da sociedade capitalista, mas, antes, a pressupõe. Ele pressupõe a sociedade capitalista porque pressupõe igualmente uma divisão social do trabalho tão desenvolvida que nenhuma forma específica de trabalho predomina sobre as demais formas concretas. Nestas condições o trabalhador se mostra indiferente ao conteúdo concreto de sua atividade. Para ele tanto faz ser carpinteiro ou mecânico, pedreiro ou químico etc. A indiferença do trabalhador frente às formas determinadas do trabalho expressa nada mais que a indiferença do próprio capitalista frente ao valor de uso do produto.

A circunstância de que o valor de uso do produto não constitui o móvel da produção capitalista, determina a indiferença do trabalhador frente ao conteúdo material de sua própria atividade. Tal indiferença do trabalhador frente a concretude do trabalho pressupõe, contraditoriamente, a existência de uma rica totalidade de trabalhos concretos e uma complexa divisão social do trabalho. O trabalho abstrato pressupõe, assim, paradoxalmente, a existência de uma rica totalidade de trabalhos concretos. *"Assim, as abstrações mais gerais surgem unicamente ali onde existe o desenvolvimento concreto mais rico, onde um elemento aparece como o comum a muitos, como comum a todos os elementos"*[42]. Tal determinação abstrata do trabalho não poderia surgir, portanto, em sociedades antigas rigidamente hierarquizadas e estamentadas como o Egito antigo, a Índia dos hindus e as corporações de ofício de finais da Idade Média européia. Demonstrando a historicidade do conceito de trabalho abstrato Marx diz que *"esta abstração do trabalho em geral não é somente o resultado intelectual de uma totalidade concreta de trabalhos. A*

---

[41] Karl Marx. ***Grundrisse: Elementos Fundamentales para la crítica de la Economia Política (borrador 1857-58)***. Volume I. 15ª edição. México: 1987, p. 25. ***Marx Engels Werke***. Band 42. Berlim: Dietz Verlag, 1983, p. 38.

[42] Grundrisse I, p. 25. MEW 42, p.38.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

*indiferença por um trabalho particular corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar facilmente de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é para eles fortuito e, portanto, indiferente"*[43]. A abstração do trabalho tomada por Marx desde o início do processo expositivo não se caracteriza por ser uma categoria criada pelo pensamento científico para facilitar a demonstração dos conceitos em sua forma pura, ela se caracteriza, sobretudo, por ser uma categoria econômica real. *"O trabalho se tem convertido então, não somente enquanto categoria, senão também na realidade, no meio para criar a riqueza em geral e, como determinação, tem deixado de aderir-se ao indivíduo como uma particularidade sua"*[44].

O aprofundamento da divisão social do trabalho e a emergência da sociedade capitalista que tem como meta não o valor de uso e o trabalho concreto, mas a forma universal da riqueza representada pelo valor de troca e o dinheiro, subvertem todas as relações sociais marcadas pelo caráter concreto do trabalho e põem em lugar deste caráter concreto as determinações universais e abstratas do trabalho enquanto tal. Em lugar do isolamento e dos antigos privilégios corporativos a sociedade capitalista funda uma ordem social onde o indivíduo concreto se converte em membro menor de uma imensa sociedade universal e abstrata. A forma universal mais desenvolvida deste processo é encontrada por Marx nos Estados Unidos. *"Este estado de coisas alcança seu máximo desenvolvimento na forma mais moderna de sociedade burguesa, nos Estados Unidos. Aqui, pois, a abstração da categoria 'trabalho', o 'trabalho em geral', o trabalho sans phrase, que é o ponto de*

---

[43] Grundrisse I, p. 25. MEW 42, p. 38. Certas interpretações que acreditam que Marx na Primeira Seção de *O Capital* não analisa diretamente a sociedade capitalista, mas uma pretensa e hipotética sociedade de pequenos produtores livres e independentes, parece não se sustentar quando confrontadas com uma leitura mais detalhada dos Grundrisse. Esta passagem não parece deixar dúvidas de que Marx toma a própria sociedade burguesa como objeto de análise desde o começo da exposição e não uma pretensa forma camponesa mais atrasada na qual os produtores ainda permanecem colados a seus meios de produção e confrontam-se no mercado de mercadorias como homens livres e iguais. Ao se acreditar nesta idealização esquece-se o caráter abstrato-metodológico do pensamento de Marx e sua forma de exposição dialética. Rosdolsky em sua obra ***Génesis y estructura de El Capital de Marx*** (México: Siglo XXI, 1986) cita as palavras de Lênin acerca deste importante ponto de *O Capital*: *"Em O Capital, Marx analisa em primeiro lugar a relação mais simples, comum, fundamental, massiva, cotidiana e observável por milhões, da sociedade mercantil burguesa: o intercâmbio de mercadorias. A análise descobre nesse fenômeno extremamente simples (nesta 'célula' da sociedade burguesa) todas as contradições (ou a semente de todas as contradições) da sociedade moderna. A exposição ulterior nos revela o desenvolvimento destas contradições e desta sociedade (assim como seu crescimento e movimento) na soma de seus componentes fundamentais, desde seu começo até o fim"* (p. 165). Do mesmo modo ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.

[44] Grundrisse I, p. 25. MEW 42, p. 38/39.

*partida da economia moderna, resulta pela primeira vez praticamente certa"*[45]. O trabalho abstrato, deste modo, não é uma simples abstração do pensamento científico, mas uma realidade concreta que pode ser encontrada em qualquer sociedade capitalista desenvolvida.

O valor de uso e o trabalho concreto representam o aspecto qualitativo do trabalho, o valor e o trabalho abstrato representam o aspecto quantitativo. Dois casacos são quantitativamente maiores que um, apesar de possuírem as mesmas propriedades úteis. Dois casacos podem servir a duas pessoas e não apenas uma. Se em uma hora podemos produzir dois casacos, podemos com uma hora de trabalho agasalhar duas pessoas. Se nesta mesma hora pudermos fabricar três ou quatro casacos, com uma hora de trabalho podemos agasalhar três ou quatro pessoas. *"Entretanto, à crescente massa de riqueza material pode corresponder um decréscimo simultâneo da grandeza de valor. Esse movimento contraditório origina-se do duplo caráter do trabalho"*[46]. Se em uma hora de trabalho fabricamos dois casacos, cada um custará meia hora de trabalho e os dois somarão juntos uma hora de trabalho. Se em uma hora, porém, fabricamos três ou quatro casacos, então cada casaco custará 1/3 ou ¼ de hora de trabalho, porém, juntos não somarão mais que uma hora de trabalho total. Esta é a contradição imanente às categorias de trabalho concreto e trabalho abstrato que tanta importância possui para Marx e para o nosso problema das crises econômicas.

A contradição entre trabalho concreto e trabalho abstrato reside na circunstância de que o capital possui um impulso incontrolável a produzir com o mesmo tempo de trabalho, uma quantidade sempre crescente de valores de uso. Com a mesma hora de trabalho e com diferentes níveis de produtividade do trabalho, pode-se elevar a produção de valores de uso a escalas sempre crescentes, porém, contraditoriamente, não se pode elevar ao mesmo tempo a quantidade de trabalho abstrato, este quantum sempre será o quantum de horas de trabalho dado. A contradição reside na seguinte circunstância. Se com uma hora de trabalho fabricamos dois casacos, então necessitamos de apenas dois compradores de casacos para realizarmos a totalidade do valor (que é igual a 1 hora) e convertê-lo em valor de troca. Se, porém, com uma hora de trabalho fabricamos três, quatro ou cinqüenta casacos, então agora teremos que encontrar três, quatro ou cinqüenta

[45] Grundrisse I, p. 25. MEW 42, p. 38.
[46] OC Ia, p. 52/53. MEW 23, p. 60.

compradores de casacos para realizarmos o valor contido na mesma uma hora invariável de trabalho.

A contradição posta entre trabalho concreto e trabalho abstrato reside na circunstância de que com o aumento da produtividade do trabalho precisamos necessariamente ampliar o número de compradores na mesma escala. E como a relação entre produção e consumo numa sociedade fundamentada na produção de mercadorias é uma relação acidental, não necessária como vimos, abre-se aí uma explosiva possibilidade de crises de superprodução por carência de compradores de casacos. E esta possibilidade de crise pode ser explicada aqui nesta altura da exposição, pela natureza contraditória do trabalho produtor de mercadorias. Numa mesma hora de trabalho dada e com força produtiva em elevação varia o número de valores de uso fabricados nesta mesma hora, porém, o quantum de valor produzido nesta hora permanece invariável. Daí a contradição entre trabalho concreto e trabalho abstrato.

> *Força produtiva é sempre, naturalmente, força produtiva de trabalho útil concreto, e determina, de fato, apenas o grau de eficácia de uma atividade produtiva adequada a um fim, num espaço de tempo dado. O trabalho útil torna-se, portanto, uma fonte mais rica ou mais pobre de produtos, em proporção direta ao aumento ou à queda de sua força produtiva. Ao contrário, uma mudança da força produtiva não afeta, em si e para si, de modo algum o trabalho representado no valor.*[47]

Aqui, explicitamente, há um único e claro elemento produtivo, o trabalho concreto. Não existe produtividade do trabalho abstrato. O aparente paradoxo deve-se à circunstância de que o trabalho concreto aparecia inicialmente como o aspecto do trabalho responsável pelas qualidades da mercadoria e, agora, ele aparece como o único elemento passível de ser afetado quantitativamente. Desta forma, unicamente o trabalho concreto pode sofrer mudanças quantitativas medidas pelo tempo, somente ele pode ser concebido como mais ou menos eficiente, mais ou menos produtivo ao longo do tempo. O trabalho abstrato que aparecia como o elemento quantitativo e temporal da mercadoria, agora

[47] OC Ia, p. 53. MEW 23, p. 60/61.

aparece como o elemento imutável quantitativamente e impassível frente às variações do tempo. O paradoxo se deve unicamente ao caráter contraditório destas categorias.

> *O mesmo trabalho proporciona, portanto, nos mesmos espaços de tempo, sempre a mesma grandeza de valor, qualquer que seja a mudança da força produtiva. Mas ele fornece, no mesmo espaço, quantidades diferentes de valores de uso; mais, quando a força sobe, e menos quando ela cai. A mesma variação da força produtiva, a qual aumenta a fecundidade do trabalho e, portanto, a massa de valores de uso por ela fornecida, diminui, assim, a grandeza de valor dessa massa global aumentada, quando ela encurta a soma do tempo de trabalho necessário à sua produção. E vice-versa.*[48]

O paradoxo agora está claramente resolvido. Quanto mais desenvolvida a força produtiva do trabalho concreto, isto é, quanto mais elevado o grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica; quanto mais elevado o grau de combinação social do processo de produção e a eficácia dos meios de produção e; quanto mais favoráveis forem as condições naturais, maiores volumes de valores de uso poderão ser produzidos no mesmo espaço de tempo e, portanto, maior será o campo sobre o qual este tempo de trabalho dado se distribuirá e, deste modo, menor será o valor de cada mercadoria individual.

Com força produtiva menos desenvolvida um menor quantum de valores de uso absorverá este mesmo quantum de tempo de trabalho e, portanto, mais elevado será o valor por unidade de mercadoria. Deste modo, se torna agora mais compreensiva a lei formulada anteriormente por Marx de que quanto maior a força produtiva do trabalho concreto menor o valor por unidade de mercadoria e, quanto menor esta força, maior o valor por unidade produzida. Quanto maior o volume de valores de uso menor seu custo unitário, quanto menor o volume maior seu custo unitário num mesmo tempo dado de trabalho. *"A grandeza do valor de uma mercadoria muda na razão direta do quantum, e na*

---

[48] OC Ia, p. 53. MEW 23, p. 61.

*razão inversa da força produtiva do trabalho que nela se realiza"*, conforme nota 20 citada anteriormente.

Encerrada a análise sobre a natureza contraditória do trabalho produtor de mercadorias, Marx se lança, então, a analisar as fantásticas formas do valor e a desvelar todos os seus mágicos segredos. Com isso, nos preparará, finalmente, para compreendermos o fetiche da mercadoria e do dinheiro e todo o fantástico mundo gerado por estas formas. Com a descoberta do fetiche nos preparará para compreendermos como todas as fábulas apologéticas da sociedade capitalista são, apesar do caráter pedantesco de seus autores, necessariamente engendradas pelas formas exteriores do valor.

### 1.1.3. As formas do valor

Um artigo somente se torna mercadoria por possuir uma dupla forma, por possuir por um lado a forma natural do valor de uso que satisfaz determinada necessidade e, por outro lado, a forma social de valor. *"Em direta oposição à palpável e rude objetividade dos corpos das mercadorias, não se encerra nenhum átomo de matéria natural na objetividade de seu valor. Podemos virar e revirar uma mercadoria, como queiramos, como coisa de valor ela permanece imperceptível"*[49]. Como diz ironicamente Marx em passagem mais adiante: *"até agora nenhum químico descobriu valor de troca em pérolas e diamantes"*[50]. Aqui está todo o mistério da forma valor pois sua objetividade, como vimos, é uma objetividade puramente fantasmagórica, social, histórica e não possui realidade sensível capaz de ser percebida por nossos sentidos. A *"objetividade de valor é puramente social e, então, é evidente que ela pode aparecer [erscheinen] apenas numa relação social de mercadoria para mercadoria"*[51]. Esta importante contradição da forma mercadoria entre, por um lado, possuir valor por ser resultado de uma atividade abstrata e, por outro, manifestar a existência deste valor, desta substância social, apenas em relação com outras mercadorias é a raiz de todo o mistério da forma valor.

Em si e por si toda mercadoria é portadora de valor, mas, em si e por si, esta mesma mercadoria é incapaz de revelar a existência do valor e de seu quantum fora das relações de troca. A existência e o quantum de valor só podem se expressar e ganhar

[49] OC Ia, p. 53/54. MEW 23, p. 62.
[50] OC Ia, p. 78. MEW 23, p. 98.
[51] OC Ia, p. 54. MEW 23, p. 62.

visibilidade exterior em relação com outra mercadoria. Fora desta relação, o valor permanece indeterminado e imperceptível, ao se pôr nesta relação, porém, o valor adota uma forma mascarada e enganosa, a forma de valor de troca, a forma dinheiro. Nas próximas páginas Marx anuncia que fará, então *"o que não foi jamais tentado pela economia burguesa, isto é, comprovar a gênese dessa forma dinheiro, ou seja, acompanhar o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor das mercadorias, de sua forma mais simples e sem brilho até a ofuscante forma dinheiro. Com isso desaparece o enigma dinheiro"*[52]. Com o desvelamento da forma dinheiro desaparecerá não apenas o enigma do dinheiro, mas, junto, abrem-se as portas para deitar por terra todos os enigmas da sociedade burguesa, pois o fetiche do dinheiro e da mercadoria sustentam todas as outras formas mais desenvolvidas do fetiche.

### a. Forma simples de valor.

O ponto de partida para desvendar o mistério da forma dinheiro é a análise da relação de troca mais simples que pode ocorrer entre duas mercadorias, a relação de troca direta de mercadoria por mercadoria, *x* quantum de mercadoria A por *y* quantum de mercadoria B ou 20 varas de linho por 1 casaco (20 varas de linho = 1 casaco). A natureza deste tipo de intercâmbio está revelada em sua própria denominação, é uma forma simples e singular por que estão contrapostas frente a frente duas únicas e singulares mercadorias, é ainda acidental por que trocas desta natureza só podem ocorrer acidentalmente. Dois valores de uso e duas necessidades singularmente determinadas se contrapondo acidentalmente entre si, eis a forma simples e acidental do valor.

20 varas de linho = 1 casaco

#### i. Os dois pólos da expressão de valor: forma relativa e forma equivalente

*"O segredo de toda forma de valor encerra-se nessa forma simples de valor. Na sua análise reside a verdadeira dificuldade"*[53]. A forma mais simples de intercâmbio já contém, em forma de gérmen, toda a forma desenvolvida do dinheiro. Marx pretende

[52] OC Ia, p. 54. MEW 23, p. 62.

realizar aqui um objetivo completamente estranho à Economia Política burguesa e a seus métodos empíricos, ele pretende aqui desvendar a gênese da forma dinheiro, pretende negar esta própria forma e todo o entendimento superficial que toma o dinheiro em suas formas mais aparentes e naturais como formas reais, desconhecendo todas as contradições ocultadas nesta forma.

Duas mercadorias *A* e *B* que se põem numa relação de troca assumem naturalmente distintos papéis entre si. A mercadoria *A* assume o *papel ativo* na relação e a mercadoria *B* o *papel passivo*. A mercadoria *A* expressa seu valor no corpo natural da mercadoria *B*. O valor de *A* se apresenta relativamente a *B*, por isso *A* posiciona-se sob a *forma relativa de valor*. A segunda mercadoria *B* posiciona-se de modo equivalente a *A*, por isso, posiciona-se sob a *forma equivalente de valor*. *"Forma relativa de valor e forma equivalente pertencem uma à outra, se determinam reciprocamente, são momentos inseparáveis, porém, ao mesmo tempo, são extremos que se excluem mutuamente ou se opõem, isto é, pólos da mesma expressão de valor; elas se repartem sempre entre as diversas mercadorias relacionadas entre si pela expressão de valor"*[54]. A relação de troca entre duas mercadorias distintas é uma relação antitética e não-tautológica. Seria uma tautologia vazia de sentido afirmar que 20 varas de linho = 20 varas de linho. Se aceitássemos tal tautologia diríamos, em linguagem metafísica, que o ser se identifica unicamente consigo mesmo e nenhum mistério haveria nas relações de troca. O mistério reside exatamente na natureza antitética das trocas, pois, como podemos conceber racionalmente que *x* quantum de um objeto *A* possa se identificar com *y* quantum de outro objeto *B*? Como coisas quantitativa e qualitativamente distintas podem identificar-se entre si? Já vimos que Marx responde a esta questão demonstrando que isto é possível porque ambos valores de uso possuem uma mesma natureza social, uma mesma substância comum que as liga entre si.

O problema que agora está colocado é exatamente este: se a natureza do valor é algo assim tão simples de se compreender, qual, então, a origem da magia do dinheiro? Porque o dinheiro é algo tão misterioso e para decifrá-lo precisamos nos apoiar

---

[53] OC Ia, p. 54. MEW 23, p. 63.

[54] OC Ia, p. 54. MEW 23, p. 63. *"Relative Wertform und Äquivalentform sind zueinander gehörige, sich wechselseitig bedingende, unzertrennliche Momente, aber zugleich einander ausschließende oder entgegengesetzte Extreme, d.h. Pole desselben Wertausdrucks; sie verteilen sich stets auf die verschiedenen Waren, die der Wertausdruck aufeinander bezieht"*.

nestas árduas operações da lógica hegeliana, aqui abertamente utilizadas por Marx? A resposta está escondida na própria natureza do dinheiro que, como um hieróglifo antigo, precisa ser decifrado. 20 varas de linho possui valor porque é uma mercadoria, isto já sabemos com facilidade. Porém, qual é o valor deste linho? Se dissermos que é igual a vinte varas de linho caímos nas tautologias vazias da metafísica. Se dissermos, porém, que 20 varas de linho vale 1 casaco, o que temos aí? O valor do linho? Não, o que temos aí é apenas o valor de troca do linho, que é igual a 1 casaco. Qual, porém, é o valor do linho em trabalho? A equação da troca diz apenas que ele é igual ao valor do casaco. Poderíamos resolver o enigma, então, perguntando ao casaco: qual é o seu valor? Aí, nenhuma resposta positiva poderia ser dada porque o casaco na forma equivalente não possui nenhuma determinação quantitativa.

Para sabermos o valor do casaco teríamos que retirá-lo da posição passiva equivalente e pô-lo na posição ativa do linho. Um casaco valeria 20 varas de linho e seríamos assim, jogados de um lado para outro numa circularidade sem fim. O valor enquanto medida em si e por si regula a relação de troca, mas, ele próprio, contraditoriamente, não aparece por si mesmo na relação, nesta relação ele aparece representado pelo valor de troca, pelo casaco. O valor vem à existência modificado sob a forma do valor de troca. Esta importante contradição entre o valor tomado em si e por si, tomado enquanto determinado quantum da substância social abstrata do trabalho humano, e o valor tomado enquanto outro, enquanto sua forma de representação sensível, forma a raiz de todo o mistério e magia do dinheiro. *"O valor do linho pode assim ser expresso apenas relativamente, isto é, por meio de outra mercadoria"*[55].

Nesta relação de troca entre duas mercadorias aquela que assume a forma relativa de valor não pode ser concebida ao mesmo tempo sob a forma oposta equivalente. Ambas formas se excluem antiteticamente. Na relação de $A$ com $B$ ($xA = yB$), a forma relativa $A$ poderá assumir a forma equivalente de B somente se invertermos a equação de troca, se $yB = xA$. Na equação 20 varas de linho vale 1 casaco, não podemos dizer que 1 casaco vale 20 varas de linho. Na equação dada de troca 20 varas de linho vale 1 casaco porque o casaco emprestou sua tosca corporalidade natural ao linho para que nele o linho pudesse expressar seu valor. Para que os elementos opostos possam se converter um no

[55] OC Ia, p. 54. MEW 23, p. 63.

outro é necessário que eles mudem a natureza da equação, que surja uma nova equação onde 1 casaco = 20 varas de linho. Aí, sim, o casaco assumirá a forma relativa e o linho a forma equivalente. *"A mesma mercadoria não pode, portanto, aparecer, ao mesmo tempo, sob ambas as formas na mesma expressão de valor. Essas formas antes excluem-se polarmente"*[56].

**b. Forma relativa de valor**

**i. Conteúdo da forma relativa de valor (momento da determinação qualitativa da equação).**

Marx propõe aqui, para evitar confusões, que se abstraiam inicialmente da análise todas as determinações quantitativas da equação de troca e se analise apenas suas determinações qualitativas. Depois de compreendidas estas, poderemos compreender o momento quantitativo da troca.

Na relação 20 varas de linho = 1 casaco, linho = casaco é agora o fundamento da equação. *"Nessa relação, o casaco vale como forma de existência de valor [Existenzform von Wert], como coisa de valor [Wertding], pois apenas como tal é o mesmo que o linho"*[57]. O caráter enganoso deste momento, ainda sutilmente explorado por Marx, é atribuir ao casaco o poder de ser valor, de existir e *valer* como forma de existência do valor, de *valer* como coisa de valor, de aparecer como o próprio valor do linho. *"Por outro lado, a própria existência do valor do linho vem a tona ou obtém uma expressão autônoma [selbständigen Ausdruck], pois somente como valor pode o linho relacionar-se com o casaco como equivalente ou com ele permutável"*[58]. Na equação, o valor do linho, certa quantidade de trabalho genérico, certo tempo dos homens, de suas vidas e de suas energias gastas na produção do linho, vem à superfície exterior das trocas sob a forma enganosa de 1 casaco. Este determinado tempo de vida dos homens gasto na produção ganha expressão autônoma sob a forma do valor de troca. O valor de troca se desprende, assim, já nesta

[56] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 63
[57] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 64.
[58] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 64.

equação mais simples, de toda referência imediata com o trabalho, parecendo ser por natureza valor.

O trabalho concreto contido no linho é diferente do contido no casaco, fiar linho é atividade específica do tecelão e coser o casaco é atividade específica do alfaiate. Ambas atividades vistas deste modo positivo e abstrato, aparecem como distintas atividades humanas sem nenhum nexo mais profundo entre elas. Tecelagem e alfaiataria, porém, quando postas na relação antitética das trocas, revelam que entre ambas media um terceiro elemento, o trabalho genérico do homem. Assim como o valor de uso do casaco serve de equivalente para que o linho possa nele espelhar o seu valor, para que possa nele revelar sua natureza social e abstrata, também a atividade específica do alfaiate serve de espelho para que o tecelão reflita nela a natureza social de seu trabalho. Somente nesta relação de troca estes elementos podem revelar sua substância social comum. *"Somente a expressão de equivalência de diferentes espécies de mercadoria revela o caráter específico do trabalho gerador de valor, ao reduzir de fato, os diversos trabalhos contidos nas mercadorias diferentes a algo comum neles, ao trabalho humano em geral"*[59].

E nesta relação com o linho o casaco vale unicamente como *portador de valor* do linho, como *valor corporificado*, como *corpo de valor*. *"O valor da mercadoria linho é assim expresso no corpo da mercadoria casaco, o valor de uma mercadoria no valor de uso de outra"*[60]. Nesta relação uma importante contradição começa a se manifestar. O valor de uma mercadoria se manifesta no valor de uso da outra, a substância social de uma se manifesta na forma natural da outra. *"Para dizer que a sua sublime objetividade de valor é distinta de seu corpo entretelado, ele diz que o valor se parece com um casaco e que, portanto, ele mesmo, como coisa de valor, iguala-se ao casaco; como um ovo ao outro [diz ironicamente Marx]"*[61]. Aqui, nesta relação de troca simples e acidental entre duas mercadorias, o enigma do valor de troca é, até certo ponto, nada enigmático em relação ao enigma da forma mais desenvolvida, a forma dinheiro. Marx toma como ponto de partida para análise o enigma da forma simples exatamente pela sua simplicidade. Nada parece existir de enigmático na exposição realizada até aqui, porque a troca aqui é feita diretamente entre dois valores de uso que, apesar de suas diferentes propriedades,

[59] OC Ia, p. 56. MEW 23, p. 65.
[60] OC Ia, p. 56/57. MEW 23, p. 66.
[61] OC Ia, p. 57. MEW 23, p. 67.

satisfazem igualmente uma necessidade. O enigma maior está em desvendar o poder fantástico do dinheiro que não possui nenhum valor de uso imediato para os homens. Os homens consomem casaco, dão uma utilidade real a ele nos momentos de frio. Porém, que utilidade real dão os homens ao dinheiro? Como podem os homens se agasalharem com dinheiro? Que poder fantástico é este possuído pelo dinheiro? O casaco emprestou seu corpo natural para que o linho pudesse nele espelhar o seu valor apenas porque o próprio casaco possuía também a mesma grandeza de valor que o linho. Porém, permanece a questão: qual o valor do dinheiro? De onde se origina sua fantástica capacidade de servir, como o casaco, de espelho do valor do linho se ele mesmo aparenta não possuir valor?

Conclui Marx esta passagem resumindo assim suas descobertas:

> *por meio da relação de valor, a forma natural da mercadoria B torna-se a forma de valor [Wertform] da mercadoria A ou o corpo da mercadoria B o espelho do valor [Wertspiegel] da mercadoria A. Ao relacionar-se com a mercadoria B como corpo de valor, como materialização de trabalho humano, a mercadoria A torna o valor de uso de B material de sua própria expressão de valor. O valor da mercadoria A, assim expresso no valor de uso da mercadoria B, possui a forma do valor relativo.*[62]

### ii. Determinação quantitativa da forma valor relativa

A equação de troca pressupõe que, além das mercadorias *A* e *B* possuírem a mesma substância genérica do trabalho, possuem também a mesma grandeza desta substância comum. Toda vez que mudar a força produtiva, tanto da tecelagem quanto da alfaiataria, mudará a relação de troca entre fio e casaco. Nesta etapa Marx analisará as quatro situações possíveis de provocarem uma modificação nestas relações.

I) Que mude o valor do linho, enquanto o valor do casaco permanece constante. O valor relativo da mercadoria A expresso na mercadoria B subirá ou cairá diretamente com o valor da mercadoria A, enquanto permanece o mesmo o valor da mercadoria B.

---

[62] OC Ia, p. 57. MEW 23, p. 67.

II) Que o valor do linho permaneça constante, enquanto muda o valor do casaco. Permanecendo constante o valor da mercadoria A, cairá ou subirá seu valor relativo expresso na mercadoria B, em relação inversa à mudança de valor de B.

III) Que mude simultaneamente na mesma direção e na mesma proporção as quantidades de trabalho necessárias para a produção de linho e de casaco. Neste caso não haveria nenhuma mudança em suas relações quantitativas. A mudança seria descoberta confrontando-as com uma terceira mercadoria que não sofrera nenhuma mudança.

IV) Que os tempos de trabalho necessários à produção de linho e casaco variem simultaneamente na mesma direção, porém em grau diferente, ou em direção contrária etc. Este caso é uma simples combinação dos três casos anteriores.

Todas estas mudanças referem-se, não às mudanças absolutas dos valores das mercadorias, mas, sim, às mudanças em seus valores relativos, às mudanças que afetam a proporção de troca entre uma e outra mercadoria. Na linguagem da economia, são mudanças em seus preços relativos.

**c. Forma equivalente de valor**

Na equação de troca 20 varas de linho = 1 casaco, o casaco representa a forma equivalente de valor, ele cede seu valor de uso para que o linho possa nele descobrir seu valor. Nesta relação apenas o linho descobre seu valor, o valor do casaco permanece indeterminado, o casaco atua muito mais na relação apenas como determinado quantum de uma coisa: *"...a forma equivalente de uma mercadoria não contém nenhuma determinação quantitativa de valor"*[63]. O enigmático desta relação de descobrimento é que o linho descobre na relação, não seu próprio valor, mas seu valor de troca. O linho, que gostaria de descobrir quanto vale em termos de tempo de trabalho genérico, descobre, surpreendentemente, que apenas vale um casaco, que apenas vale algo distinto dele mesmo, que ele que possui a honrosa qualidade de servir como matéria prima para o casaco nada vale frente ao casaco, que ele frente ao casaco vale um casaco e não ele mesmo. O linho, desolado, descobre que ele mesmo parece não possuir valor em si mesmo, que ele mesmo

[63] OC Ia, p. 59. MEW 23, p. 70.

vale outro que não ele. Se o linho escolhesse outra mercadoria para nela espelhar seu valor, descobriria o mesmo que descobrira com o casaco, que ele mesmo, enquanto linho, nada vale frente às outras mercadorias. Se o linho se pusesse numa relação de troca com mercadorias menos honradas que ele, descobriria que sua honra nada vale frente à desonra das outras. Descobriria que ambas mercadorias foram igualadas, tanto em honra quanto em desonra, pelo valor, que na relação de troca entre ambas, seus valores de uso nada valem.

*"A primeira peculiaridade que chama a atenção quando se observa a forma equivalente é esta: o valor de uso torna-se forma de manifestação de seu contrário, do valor [Gebrauchswert wird zur Erscheinungsform seines Gegenteils, des Werts]"*[64]. A primeira inversão que formará a base fundamental do fetiche foi agora identificada. O enigmático da forma valor é exatamente esta capacidade que determinado valor de uso aparenta possuir para representar o valor de outra mercadoria. Nesta inversão a forma equivalente não aparenta representar o papel de valor de troca unicamente dentro da relação de troca, ao contrário, nesta inversão o casaco aparenta possuir por natureza a propriedade de ser valor. Este atributo que o casaco recebe unicamente na relação de troca aparenta ser um atributo imanente e natural do casaco. Este é o grande engodo da forma equivalente: o valor vem a tona sob sua forma antitética, a forma do valor de uso. Esta forma por sua vez encobre a existência do valor, aparentando ser ela própria valor. *"A forma natural da mercadoria torna-se forma de valor [Die Naturalform der Ware wird zur Wertform]. Porém, notabene [exclama Marx], esse qüiproquó ocorre para uma mercadoria B... apenas internamente à relação de valor, na qual outra mercadoria qualquer A... junta-se a ela, apenas no interior dessa relação"*[65].

O fantástico da forma equivalente reside em que ela esconde de modo enganoso todo esse qüiproquó interno que confere ao casaco a capacidade de servir como equivalente na relação de troca com o linho. O valor de uso casaco aparenta ser por natureza valor por que esse qüiproquó se realiza *"por meio de um processo social por trás das costas dos produtores e lhes parecem, portanto, ser dadas pela tradição"*[66]. A circunstância enganosa reside em que o atributo dado à forma natural do casaco para ser valor, atributo dado internamente à relação de troca, aparenta ser dado exteriormente pela

[64] OC Ia, p. 59. MEW 23, p. 70.
[65] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 71.
[66] OC Ia, p. 52. MEW 23, p. 59.

convenção e o arbítrio dos homens. O fantástico da forma equivalente consiste em que a propriedade da forma equivalente de servir como suporte do valor aparece como exterior à própria relação de troca, o próprio valor de troca da forma relativa aparece como sendo posto exteriormente à relação de troca. O fantasioso da forma equivalente consiste em que ela oculta o processo interno de formação do valor, processo que antecede a própria relação de troca, e a passagem da existência do valor em si à forma exterior do valor. Consiste em que a forma equivalente oculta a existência de um momento não apenas lógico mas real, o momento anterior do processo de produção, momento que pressupõe o processo de conversão do valor em valor de troca, tomando o valor de troca não como momento subseqüente ao valor, não como forma de expressão visível e exterior do valor, mas como o próprio valor.

O fantástico da forma valor equivalente é que ela oculta o momento antecendente e fundamental da produção do valor, apagando a diferença entre valor e valor de troca, ou apresentando a formação do valor de troca como um momento meramente quantitativo, subjetivo e arbitrário, tão ao gosto da economia vulgar de Bentham, Say e as teorias do valor utilidade dos manuais modernos de economia neo-clássica. Marx critica a falsa concepção do valor de troca da economia vulgar como proporção meramente quantitativa, concepção largamente encontrada entre os teóricos do valor-utilidade. Dizia ele na abertura do item anterior onde discutira a determinação qualitativa da forma relativa de valor: *"para descobrir como a expressão simples do valor de uma mercadoria se esconde na relação de valor entre duas mercadorias, deve-se considerar essa relação, de início, totalmente independente de seu lado quantitativo"*[67]. Isto é, de início, como procede Marx, deve tomar-se a análise das relações de valor de um modo totalmente oposto ao modo tomado pelo empirismo da economia vulgar e as teorias que tomam o valor de troca como certa expressão quantitativa do valor de uso.

> *Procede-se, na maioria das vezes, justamente ao contrário, e vê-se na relação de valor apenas a proporção na qual determinados quanta de duas espécies de mercadorias se equiparam. Perde-se de vista que as grandezas*

[67] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 64.

> *de coisas diferentes tornam-se quantitativamente comparáveis só depois de reduzidas à mesma unidade. Somente como expressões da mesma unidade, são elas homônimas, por conseguinte, grandezas comensuráveis.*[68]

O método superficial da economia vulgar toma de início as relações quantitativas e imediatas das trocas como relações reais, como relações que expressam apenas certas proporções quantitativas entre diferentes valores de uso, como 20 varas de linho vale 1 casaco. A economia vulgar toma, na verdade, de modo enganoso, fenômenos puramente superficiais como coisas reais. Em nota de rodapé Marx comenta que os poucos economistas que se ocuparam com a análise da forma de valor não podiam chegar a nenhum resultado, *"primeiro, porque confundem a forma de valor e valor, segundo porque eles, sob a influência crua do burguês prático, de início consideram exclusivamente a determinação quantitativa"*[69]. O valor de troca casaco aparece ao economista vulgar, preso às concepções práticas da burguesia, como o próprio valor do linho. Este modo de raciocinar, ao confundir o valor de troca com o próprio valor, ao tomar as relações mais imediatas na esfera das trocas como relações reais, esconde por completo a oposição entre valor de uso e valor e o valor de troca como mero modo de expressão do valor. Tomado em sua superficialidade quantitativa o casaco aparece frente aos olhos do economista vulgar como o próprio valor do linho.

Todo o complexo raciocínio de Marx até aqui consiste apenas em mostrar a falsidade das concepções do economista vulgar, consiste em mostrar a existência de um momento fundamental anterior às trocas, o momento da existência do valor. Este não é ainda o momento da formação e produção do valor, este ainda está guardado como pressuposto e será demonstrado apenas na seção sobre o processo de produção. O importante aqui para Marx é perceber a existência de dois momentos que se contrapõem antiteticamente: a existência em si e imperceptível do valor e a forma assumida exteriormente pelo valor e, ainda, a existência de um nível mais interior e verdadeiro da realidade não acessível aos nossos sentidos e outro nível mais superficial, aparente e enganoso.

---

[68] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 64.
[69] OC Ia, p. 55. MEW 23, p. 64. Nota 17 da Quarta Edição de 1890.

Esse processo de ocultamento da forma valor equivalente vai mais adiante. A forma relativa deixa, em certo sentido, transparecer a existência de uma relação social entre os homens mediando as relações de seus produtos. *"Expressando a forma relativa de valor de uma mercadoria, por exemplo, do linho, sua qualidade de ter valor como algo inteiramente distinto de seu corpo e suas propriedades, por exemplo, como algo igual a um casaco, essa expressão mesma indica que nela se oculta uma relação social"*[70]. A forma equivalente, pelo contrário, oculta por inteiro a existência destas relações. *"Com a forma equivalente se dá o contrário. Ela consiste justamente em que um corpo de mercadoria, como o do casaco, tal qual ela é, expressa valor, possuindo, portanto, por natureza, forma de valor"*[71]. A forma relativa de valor, neste sentido, é menos misteriosa que a forma equivalente, fonte real de todos os mistérios e enganos na esfera das trocas. A forma relativa não esconde de todo a existência de determinadas relações de produção mediando seu processo de espelhamento na forma relativa. Nada há de misterioso na circunstância de que linho e casaco, produtos de distintos trabalhos úteis, troquem-se mediados por determinada grandeza de tempo de trabalho comum e abstrato. Na forma equivalente do valor, contudo, as relações sociais ficam de todo escondidas.

Em nota de rodapé Marx faz uma importante, e irônica, observação sobre este complexo sistema de determinações: *"em geral essas determinações reflexivas [Reflexionsbestimmungen] são muito peculiares. Esse homem, por exemplo, é rei apenas porque outros homens comportam-se como súditos frente a ele. Eles pensam, ao contrário, que são súditos porque ele é rei"*[72]. Três observações aqui estão postas por Marx: em primeiro lugar, o caráter reflexivo das categorias valor e valor de troca e forma relativa e forma equivalente. Estas categorias possuem validez *"apenas internamente [innerhalb] à relação de valor, na qual a mercadoria linho está relacionada à mercadoria casaco enquanto equivalente"*[73]. O misterioso da forma equivalente reside em que ela aparece posta na relação de troca como algo exterior e arbitrário, em que ela aparece na relação de troca como adicionada exteriormente à forma relativa, como produto da arbitrariedade humana, independente da existência prévia da forma relativa. O caráter reflexivo e

[70] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 71.
[71] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 71/72.
[72] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 72. Nota 21 da Quarta Edição de 1890.
[73] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 72.

multilateral das categorias fica apagado na exterioridade do valor de troca. O valor de troca parece existir unilateralmente ao valor, sendo adicionado exteriormente à mercadoria pela engenhosidade humana.

Em segundo lugar, o misterioso da forma equivalente consiste em que ela não aparece como sendo posta internamente pelo próprio valor, assim como o rei não aparece sendo posto internamente, conscientemente ou não, pelo súdito. Ambos, súditos e rei, valor e valor de troca, aparecem um frente ao outro como duas unidades independentes e autônomas que se ligam entre si de modo casual e exterior e não de modo imanente e reflexivo. Em terceiro lugar, os súditos concebem erroneamente a existência de si próprios como sendo posteriores e derivados da existência do rei. O rei não aparece frente à consciência deformada dos súditos como sendo posto pelos próprios súditos, ao contrário, os súditos aparecem frente a si mesmos como sendo postos pela existência prévia do rei. Ambos não percebem o caráter reflexivo e mutuamente condicionado de suas existências e a existência da relação de subordinação como pressuposto para a existência do rei.

Esse desconhecimento, conscientemente ou não, do caráter reflexivo, antitético e mutuamente condicionado das categorias valor e valor de troca pelo economista vulgar, se desdobra ainda no desconhecimento da importante contradição entre as propriedades imanentes de uma coisa e as manifestações exteriores destas propriedades.

Diz Marx:

> *como, porém, as propriedades de uma coisa não se originam de sua relação com outras coisas, antes apenas atuam em tal relação, parece também que o casaco possui, por natureza, sua forma equivalente, sua propriedade de ser diretamente trocável, tanto quanto sua propriedade de ser pesado ou de manter alguém aquecido. Daí o caráter enigmático da forma equivalente, que de início fere o olhar burguês rústico de economista político, tão logo esta se apresenta a ele, já pronta, sob a forma dinheiro.*[74]

A consciência fetichizada do economista vulgar, que não consegue desvendar a natureza social e intangível do valor, confunde suas propriedades sociais com

[74] OC Ia, p. 60. MEW 23, p. 72.

suas propriedades mais imediatamente corporais, como seu peso quantitativo ou sua qualidade como valor de uso. A consciência embrutecida pelo peso das aparências confunde a substância social do valor com as propriedades naturais e corpóreas da forma equivalente. Esta consciência toma erroneamente o casaco e suas propriedades como o próprio valor do linho. Como ensinam os manuais de microeconomia, esta consciência fetichizada toma as necessidades do consumidor e a capacidade do casaco em satisfazer esta necessidade, como o próprio fundamento para medir o valor. A grandeza do valor, para o economista vulgar, é medida pela grandeza das necessidades ou pela grandeza do valor de uso. O valor de troca é tomado falsamente como posto pelas propriedades naturais do valor de uso.

*"O corpo da mercadoria que serve de equivalente figura sempre como corporificação do trabalho humano abstrato e é sempre o produto de determinado trabalho concreto, útil. Esse trabalho concreto torna-se portanto expressão [Ausdruckt] de trabalho humano abstrato"*[75]. Aqui uma nova relação de reflexão aparece junto à reflexão do valor no corpo de um valor de uso. A alfaiataria, como forma útil do trabalho representado no corpo do casaco, empresta agora sua atividade para representar a atividade abstrata do trabalho humano realizado no linho. Nesta relação de espelhamento, a alfaiataria vale unicamente não mais como atividade útil capaz de servir uma necessidade humana, ela agora vale unicamente como atividade útil ao trabalho do tecelão que nela espelha sua própria atividade abstrata. *"Mas na expressão de valor [Wertausdruck] da mercadoria a coisa torna-se distorcida [verdreht]"*[76]. Nesta relação de espelhamento do valor do linho no corpo do casaco, surge uma nova antítese que distorce a relação entre os dois elementos polares da troca. Agora, a atividade concreta útil do alfaiate aparece como representação do trabalho humano abstrato do tecelão, o trabalho concreto converte-se, misteriosamente, distorcidamente, em representação de trabalho abstrato. *"É portanto uma segunda peculiaridade da forma equivalente que trabalho concreto se converta na forma de manifestação de seu contrário [Erscheinungsform ihres Gegenteils], trabalho humano abstrato"*[77].

---

[75] OC Ia, p. 61. MEW 23, p. 72.
[76] OC Ia, p. 61. MEW 23, p. 72.
[77] OC Ia, p. 61. MEW 23, p. 73.

Esta inversão antitética e enganosa forma a segunda base sobre a qual irá se levantar o fetiche da mercadoria. A atividade concreta do alfaiate misteriosamente se converte na própria expressão da atividade abstrata do tecelão. Na instância exterior das trocas e da consciência imediata dos homens, que não percebem todo este qüiproquó interno, este qüiproquó mesmo está escondido nas relações de troca, a atividade concreta do alfaiate parece ser por natureza atividade criadora do próprio valor, atividade que parece conferir exteriormente ao linho o valor do casaco.

Uma terceira inversão surge ainda desta relação de troca. Vimos que o valor de uso do produto representa seu aspecto natural e o valor seu aspecto social. Da mesma forma o aspecto útil e concreto representa o aspecto privado do trabalho e o aspecto genérico abstrato representa seu aspecto social. Por produzir seu produto não para si próprio, mas para outros, o trabalho privado do tecelão é, também, trabalho social. Seu produto adota forma social e utilidade para outro, porém, unicamente mediado pela esfera das trocas. Nesta é fundamental que o linho se converta em casaco para que possa realizar essa necessidade social. Se o linho não se converter em casaco todo o trabalho do tecelão mostra-se inútil. O curioso nesta relação é que agora o trabalho social do tecelão ganha forma social unicamente através da mágica intervenção do trabalho privado do alfaiate. Vista exteriormente a atividade social do tecelão não aparece estando refletida internamente na atividade privada do alfaiate. Na instância imediata das trocas, a forma equivalente do casaco parece possuir por natureza propriedades sociais que, exteriormente, confere ao linho. O casaco e a alfaiataria não aparecem exteriormente na relação de troca como meras expressões de trabalho humano indiferenciado presente no linho mas, aparecem já, como trabalho em forma diretamente social, sem necessidade de passar por todo o qüiproquó das reflexões internas. *"É, portanto, uma terceira peculiaridade da forma equivalente que trabalho privado se converta na forma de seu contrário [Form ihres Gegenteils], trabalho em forma diretamente social"*[78]. Esta terceira distorção forma a terceira base sobre a qual se assentará o fetiche e toda a inversão do mundo real na consciência dos homens. Os homens refletirão na instância da consciência um mundo todo distorcido, misterioso e fantástico, porque antes o mundo já se distorceu em suas relações reais. O mundo encantado da forma equivalente reflete-se também de modo encantado na consciência dos

[78] OC Ia, p. 61. MEW 23, p. 73.

homens. Não é a consciência que se encanta com o mundo, é o mundo já distorcido e encantado das relações de troca que encanta e distorce a consciência. Daí a prioridade dada por Marx à análise da mercadoria e suas formas encantadoras frente à análise da consciência.

Antes de encerrar a análise da forma simples de valor, Marx remete-nos novamente a refletir a historicidade das categorias lógicas por ele agora pensadas, nos remete à análise da sociedade grega e ao pensamento de Aristóteles, a quem considera um grande gênio da humanidade limitado unicamente pelas próprias limitações da sociedade grega. Diz ele que Aristóteles foi o *"grande pesquisador que primeiro analisou a forma de valor, assim como muitas formas de pensamento, da sociedade e da natureza"*[79]. Demonstra, então, que Aristóteles chega a intuir a existência de uma igualdade mediando a relação de troca tornando-a possível. Como Aristóteles concebe que a substância de uma coisa é algo exclusivamente próprio desta coisa e não partilhado com outras, como ele concebe o real de uma coisa como uma substância singular, ele mesmo abandona a análise da forma valor concebendo-a como um recurso prático da convenção humana. Marx cita Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*: *"É, porém, em verdade, impossível... que coisas de espécies tão diferentes sejam comensuráveis, isto é, qualitativamente iguais. Essa equiparação pode apenas ser algo estranho à verdadeira natureza das coisas [que Aristóteles concebe como coisa singular], por conseguinte, somente um artifício para a necessidade prática"*[80].

Aristóteles fracassa em sua análise do valor, diz Marx, não por carência de genialidade mas, *"porque a sociedade grega baseava-se no trabalho escravo e tinha, portanto, por base natural a desigualdade entre os homens e suas forças de trabalho... Somente as limitações históricas da sociedade, na qual ele viveu, o impediram de descobrir em que consiste 'em verdade' essa relação de igualdade"*[81]. Essa relação de igualdade, diz Marx, só poderia ser pensada, como pensou ele próprio, e não apenas intuída, como intuiu Aristóteles, apenas numa sociedade onde a relação entre os homens se oferecesse à consciência do homem como relação entre iguais, isto é, como relação onde os homens aparecessem frente a frente como homens livres. Tal sociedade, portanto, só pode ser a

[79] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 73.
[80] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 74.
[81] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 74.

sociedade capitalista onde capital e trabalho aparecem na instância do mercado como livres e iguais juridicamente, absolutamente o contrário da sociedade grega marcada pela divisão entre senhor e escravo. *"O segredo da expressão de valor [Wertausdrucks], a igualdade e a equivalência de todos os trabalhos, porque e na medida em que são trabalho humano em geral, somente pode ser decifrado quando o conceito da igualdade humana já possui a consciência de um preconceito popular"*[82]. Preconceito popular absolutamente inexistente na sociedade escravocrata grega, onde a produção de mercadorias só atingiu certo grau de desenvolvimento em seu ocaso, sendo, ainda, fonte de graves contradições internas que os grandes pensadores gregos tentaram evitar. A descoberta do segredo do valor *"só é possível numa sociedade na qual a forma mercadoria é a forma geral do produto de trabalho, por conseguinte também a relação das pessoas umas com as outras enquanto possuidoras de mercadorias é a relação social dominante"*[83]. A descoberta deste segredo não exige apenas a existência de um grande gênio, como foi Aristóteles, exige, ainda, condições sociais capazes de dar a este gênio uma base real para suas especulações.

Marx pode descobrir este segredo não apenas devido a sua genialidade pessoal mas, também, porque encontrou as condições históricas maduras para isto, condições não encontradas por Aristóteles. Na sociedade grega o escravo não aparece no mercado como livre vendedor de mercadorias, ao contrário, ele é posto no mercado como uma mercadoria, ele próprio é uma mercadoria que não se vende a si mesmo, mas, sim, é vendido por outro, seu dono particular. Na sociedade capitalista ocorre o contrário, o operário se põe, ele próprio, livremente, vendendo mercadoria no mercado, vendendo sua própria força de trabalho. Marx revela nesta curta passagem dois aspectos interessantes de seu pensamento e de sua grandiosa personalidade. Reconhece o gênio resplandecente de Aristóteles como limitado unicamente por sua época histórica. Do mesmo modo, reconhece seu próprio gênio como produto de uma época histórica mais favorável que a época vivida por Aristóteles. Em segundo lugar, Marx demonstra não apenas a historicidade dos grandes gênios da ciência, mas, também, a historicidade das próprias categorias de mercadoria, trabalho abstrato, valor, valor de troca etc., por ele analisadas. Fica, assim, explícito nesta passagem a delimitação histórica do capitalismo frente as sociedades escravocratas antigas. Marx já havia delimitado o capitalismo das antigas sociedades hindu e medieval, agora o

[82] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 74.

delimita da escravidão grega. Deste modo, as categorias lógicas de Marx vão, pouco a pouco, ganhando realidade histórica concreta. A história universal vai, lentamente, acolhendo em seu seio todas as categorias lógicas do pensamento de Marx e transformando-as em categorias historicamente determinadas. Nas palavras do professor Hector Benoit *"o desenvolvimento dessa análise lógica, a ampliação em espiral da análise das contradições, pouco a pouco, vai inserindo, cada vez mais, um maior número de determinações históricas, pouco a pouco, vai concretizando o abstrato e assim historicizando a lógica"*[84].

### d. O conjunto da forma simples

Marx inicia esta parte com uma importante reconsideração sobre o valor e o valor de troca. Diz ele: *"quando no início deste capítulo, para seguir a maneira ordinária de falar, havíamos dito: a mercadoria é valor de uso e valor de troca, isso era, a rigor, falso. A mercadoria é valor de uso ou objeto de uso e 'valor'"*[85]. A oposição entre valor de uso e valor de troca é uma falsa oposição, ela é uma simples contrariedade entre pólos externos de uma relação[86]. O valor de troca nada mais é que uma simples expressão do valor, um modo de manifestação exterior do valor e quem confunde um com o outro não sabe certamente o que é valor. Marx nos oferece aqui uma indicação muito clara de seu modo de expôr o valor, o capital e suas contradições. Ele aceita inicialmente, provisoriamente, a *maneira ordinária de falar e de pensar* dos agentes da sociedade burguesa, tanto dos operários quanto dos capitalistas. Marx aceita inicialmente como verdadeira a forma ordinária de falar e pensar, porém, apenas com a intenção de iniciar a partir daí todo o processo dialético de negação da sociedade burguesa, apenas com a intenção de demonstrar os erros deste modo superficial e empírico de entender a sociedade burguesa, apenas com a intenção de demonstrar que por trás da região pantanosa do senso comum burguês esconde-se uma realidade totalmente diferente e estranha a este mesmo senso comum e superficial de pensar.

---

[83] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 74.
[84] Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital.*** Op. cit., p. 24.
[85] OC Ia, p. 62. MEW 23, p. 75.
[86] Conforme aulas do professor Hector Benoit no programa de pós-graudação da Unicamp. Ver ainda: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.

A duplicidade da mercadoria, valor de uso versus valor, ainda, não se manifesta numa análise isolada da mercadoria, numa relação tautológica da mercadoria consigo mesma (20 varas de linho = 20 varas de linho), essa duplicidade só se manifesta quando a mercadoria é posta numa relação de troca com outra mercadoria diferente (20 varas de linho = 1 casaco). *"Ela apresenta-se como esse duplo, que ela é, tão logo seu valor possua uma forma rápida de manifestação, diferente da sua forma natural, a do valor de troca, e ela jamais possui essa forma quando considerada isoladamente, porém sempre apenas na relação de valor ou de troca com uma segunda mercadoria de tipo diferente"*[87]. O fenômeno enganoso nesta relação entre duas mercadorias reside na circunstância de que o valor de troca aparece como algo natural e extrínseco à mercadoria e não como algo que é posto pelo desdobrar das contradições internas da própria mercadoria. *"Nossa análise provou que a forma de valor ou a expressão de valor da mercadoria origina-se da natureza do valor das mercadorias, e não, ao contrário, que valor e grandeza de valor tenham origem em sua expressão como valor de troca"*[88].

Exteriormente a antítese entre valor de uso e valor de troca nada mais é que a expressão de uma antítese mais profunda e menos visível, a antítese entre valor de uso e valor, antítese interna e imanente à natureza da mercadoria. A representação externa desta antítese na forma de mercadoria e dinheiro dá a falsa impressão de que o casaco, no papel de dinheiro, é por natureza valor de troca, que a forma equivalente põe para si mesma a propriedade de servir como dinheiro.

> *A antítese interna [innere Gegensatz] entre valor de uso e valor, oculta na mercadoria, é, portanto, representada por meio de uma antítese externa [äußeren Gegensatz] isto é, por meio da relação de duas mercadorias, na qual uma delas, cujo valor deve ser expresso, funciona diretamente como valor de uso; a outra, ao contrário, na qual o valor é expresso, vale diretamente apenas como valor de troca.*[89]

---

[87] OC Ia, p. 62/63. MEW 23, p. 75.
[88] OC Ia, p. 63. MEW 23, p. 75.
[89] OC Ia, p. 63. MEW 23, p. 75/76.

A antítese entre valor de uso e valor é uma antítese interna e mais fundamental que a sua representação externa entre mercadoria e dinheiro. Por isso Marx opera toda a sua análise e exposição sobre as contradições do capital a partir das determinações internas e imanentes à própria mercadoria. Se permanecesse na instância das representações exteriores e imediatas do mercado, sem negá-las, nunca teria ido além da economia vulgar que transforma meros fenômenos em coisas reais.

Apesar de ser uma aparência, o valor de troca e o dinheiro não podem ser concebidos como pura aparência, como pura arbitrariedade da convenção humana. Este caráter arbitrário, e não o próprio valor de troca, deve sim ser concebido como pura aparência, como puro engano. O valor de troca e o dinheiro devem ser concebidos como modos de manifestação necessários, não arbitrários, portanto, do valor, como o único modo capaz de se expressar o valor. Dizia Marx algumas linhas anteriores que *"o valor de troca aparece [erscheint], de início, como a relação quantitativa... O valor de troca parece [scheint], portanto, algo casual e puramente relativo..."*[90], logo adiante porém, após demonstrar o caráter não casual do valor de troca já comentado por nós, ele concebe o valor de troca *"como o modo necessário de expressão [notwendigen Ausdrucksweise] ou forma de manifestação do valor [Erscheinungsform des Werts]"*[91]. Conceber o valor de troca como algo puramente aparente e casual ou considerá-lo como modo de expressão necessário do valor são modos absolutamente opostos de conceber o mesmo objeto. A crítica verdadeira e científica ao valor de troca e ao dinheiro, só pode ser realizada mediante a concepção dialética pensada por Marx.

O valor de troca não é qualquer aparência da qual a filosofia e a economia política possam se livrar mediante mera purificação da linguagem, o valor de troca não é uma aparência casual que possa afetar mais a consciência de uma classe e menos a de outra, mais a do operário e menos a do capitalista, mais a do economista e menos a do filósofo etc. A aparência do valor de troca é necessária porque abarca e domina todas as consciências e livrar-se dela não é fruto da vontade, mas, sim, da reflexão teórica. Este caráter necessário do valor de troca é o que, como procuramos demonstrar, servirá de fundamento para o fetiche da consciência. A crítica teórica ao valor de troca deve conduzir-nos lentamente da instância mais aparente e imediata, onde ele aparece frente à consciência

[90] OC Ia, p. 46. MEW 23, p. 50. Nota já citada parcialmente (nota 06).

vulgar, tanto dos operários quanto dos próprios capitalistas, como algo casual e arbitrário e demonstrar que por trás desta aparência esconde-se a antítese entre valor de uso e valor, entre trabalho concreto e abstrato, antíteses que põem externamente a oposição entre valor de uso e valor de troca como a sua forma necessária de manifestação. Manifestação que os homens tomam como real ou, então, quando conseguem negar esta manifestação como real, a tomam erradamente como puras aparências. A aparência do valor de troca, e todas as ilusões criadas por ele, são aparências e ilusões necessárias das quais nenhum homem comum da sociedade burguesa pode desvencilhar-se sem o auxílio da filosofia e da dialética. Daí o caráter educativo, pedagógico, ilustrativo e desvelador de *O Capital*, que nos conduz lentamente do nível mais grotesco de consciência até o nível mais profundo alcançado pela filosofia dialética de Marx[92].

Todas estas contradições e aparências que dominam nossa consciência moderna podem ser conhecidas, como procura demonstrar Marx, simplesmente analisando-se a forma mais simples de troca, a troca direta entre dois valores de uso determinados, 20 varas de linho = 1 casaco. O desenvolvimento destas contradições e da forma mercadoria *"coincide com a forma valor"*[93]. Tomado em sua necessidade, Marx procurará agora demonstrar como o próprio desenvolvimento da forma valor é uma condição para o desenvolvimento da forma mercadoria. Se a forma valor de troca é posta necessariamente pela própria mercadoria, agora se tratará de mostrar como o desenvolvimento da forma valor desenvolve junto a forma mercadoria, como a forma valor é condição fundamental e necessária para o desenvolvimento e expansão da própria forma mercadoria. Marx demonstra isso fazendo a crítica da forma simples de valor e de sua limitação como representação do valor de troca. O caráter deficiente da forma simples de valor reside na circunstância de que ela é uma forma de equivalência restrita e individual. Na relação de troca 20 varas de linho = 1 casaco, casaco serve como equivalente apenas para o linho, não servindo para mais nenhuma outra mercadoria, pois a troca é uma permuta direta e determinada de modo simples. Ambas mercadorias saem da relação de troca e entram

---

[91] OC Ia, p. 47. MEW 23, p. 53.
[92] Conforme aulas do professor Hector Benoit no programa de pós-graduação da Unicamp. Ver ainda: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.
[93] OC Ia, p. 63. MEW 23, p. 76.

diretamente na esfera do consumo, o mesmo casaco não permanece servindo como valor de troca para outra mercadoria e o linho só se troca por casaco.

Entretanto, a limitação desta forma é logo superada quando o linho encontra a sua frente outros valores de uso igualmente capacitados e dispostos a servirem-lhe de equivalente, surgindo assim *"diferentes expressões simples de valor de uma mesma mercadoria"* (64). Aqui, apesar do modo passageiro feito em nota de rodapé, Marx novamente indica a historicidade da forma superior que agora surge. Diz ele em nota à 2ª Edição alemã de *O Capital*: *"Em Homero, por exemplo, o valor de uma coisa é expresso numa série de coisas diferentes"*[94]. A fase homérica da sociedade grega, como sabemos, corresponde ao período que vai do século XII ao século VIII a.C e era caracterizada pela ausência da escravidão clássica e pelo predomínio da pequena propriedade camponesa e do trabalho familiar. Marx procura ao longo de sua exposição lógica determinar exatamente a que período da história humana pertencem tais determinações abstratas, procura negar o caráter abstrato não apenas de seu próprio pensamento mas, sobretudo, das categorias fundamentais da sociedade burguesa tomadas em sua imediatidade aparente. Marx procurará mostrar, sobretudo, que o que caracteriza a sociedade burguesa, o que a distingue de todas as outras formas de produção mercantis anteriores é a troca e a produção de mercadoria posta intencionalmente desde o princípio, é a intencionalidade exclusiva do valor de troca e da valorização do valor sobre a intencionalidade do valor de uso. A produção grega de mercadorias comentada por Marx distingue-se, sobretudo, da produção capitalista porque ela é realizada ainda de modo acidental e casual, ela não constitui a forma fundamental de produção. A produção de mercadorias ganha certa regularidade no mundo antigo somente na fase de ocaso. Na sociedade capitalista a produção de mercadorias é realizada de modo necessário e absoluto. Nela nada se produz que não seja mercadoria. E nela, naturalmente, a forma simples de valor já está há muito tempo superada pela história.

### 1.1.4. Forma de valor desdobrada

Nesta forma a limitação da forma simples é superada quando frente ao linho se contrapõe uma série infinita de outros corpos de mercadorias que lhes servem como

[94] OC Ia, p. 63. MEW 23, p. 76. Nota 22a de Marx à Segunda Edição.

forma equivalente. 20 varas de linho agora pode ser trocada por 1 casaco ou 10 libras de chá, ou 40 libras de café, ou 1 quarter de trigo, ou 2 onças de ouro e assim infinitamente. A forma equivalente se desdobra em infinitas formas naturais.

| | | |
|---|---|---|
| | = | 1 casaco |
| | = | 10 libras de chá |
| | = | 40 libras de café |
| 20 varas de linho | = | 1 *quarter* de trigo |
| | = | 2 onças de ouro |
| | = | ½ tonelada de ferro |
| | = | x mercadoria A |
| | = | Etc. mercadorias |

**a. A forma relativa de valor desdobrada**

Nesta forma desdobrada qualquer mercadoria pode servir de espelho de valor à forma relativa linho. A forma relativa linho desprende-se de sua anterior forma particular de expressão e adota, indiferentemente, qualquer corpo útil para nele espelhar sua substância social. O linho nesta forma desdobrada encontra-se não mais limitado em sua relação com o casaco, mas, relaciona-se socialmente com todo o universo mercantil. Essa indiferença do linho frente ao universo das mercadorias dá ao valor um caráter verdadeiramente abstrato e indiferenciado. *"Assim, aparece esse valor mesmo pela primeira vez verdadeiramente como gelatina de trabalho humano indiferenciado"*[95]. O trabalho humano genérico contido no linho agora é equiparado indistintamente ao corpo natural de qualquer mercadoria. *"Como mercadoria, ele é cidadão deste mundo"*[96]. Em suas intermináveis relações com o universo das mercadorias *"... transparece imediatamente um fundamento essencialmente diferente da manifestação casual e que a determina [como na forma simples]"*[97].

[95] OC Ia, p. 64. MEW 23, p. 77.
[96] OC Ia, p. 64. MEW 23, p. 77.
[97] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 78.

Apesar das infinitas relações de troca que o linho possa estabelecer com o mundo das mercadorias, seu valor mantém-se indiferente e invariável frente às constantes mudanças de forma adotadas pelo valor de troca. *"Evidencia-se que não é a troca que regula a grandeza de valor, mas, ao contrário, é a grandeza de valor da mercadoria que regula suas relações de troca"*[98]. Com o aparecimento da forma desdobrada de valor evidencia-se que as relações de troca entre o universo das mercadorias, apesar da aparente arbitrariedade destas relações, são reguladas por um mecanismo interno e necessário, são reguladas pela lei do valor trabalho e de modo algum pela exterioridade superficial apresentada pelas teorias neoclássicas do consumidor. A análise da forma desdobrada de valor evidencia que o fundamento regulador do mercado é determinado de modo interno e objetivo e não de modo externo e subjetivo como apresentam as teorias vulgares do valor utilidade.

Na primeira forma simples de expressão do valor o linho expressava seu valor numa mercadoria única e determinada, o casaco, agora na segunda forma ele o expressa na infinitude do mundo das mercadorias, em todas as mercadorias existentes no mercado. Não há nenhuma forma determinada que limite a expressão de valor do linho, ele está livre para expressá-lo no corpo de qualquer outra mercadoria.

**b. Insuficiência da forma de valor desdobrada**

As deficiências da forma desdobrada de valor estão contidas na própria forma desdobrada. Se a deficiência da forma simples consistia na circunstância de que o linho estava determinado a expressar seu valor unicamente no corpo do casaco, agora a deficiência da forma desdobrada consiste exatamente na indeterminação oposta à forma simples. A infinita universalidade da forma desdobrada é sua própria deficiência. Aquilo que permitiu à forma desdobrada superar as limitações da forma simples agora torna-se uma deficiência dela. Marx identifica na forma desdobrada duas deficiências: *"Primeiro, a expressão relativa de valor da mercadoria é incompleta, porque sua série de representações não termina nunca. A corrente em que uma equiparação de valor se liga à outra permanece sempre prolongável por meio de cada nova espécie de mercadoria que*

[98] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 78.

*surge, a qual fornece o material para nova expressão de valor"*[99]. A infinitude da forma equivalente que permitiu superar a limitação da forma simples, agora se converte numa limitação para a expressão da forma desdobrada pois a série de representações não acaba nunca e não ganha uma determinação estável e universal. A forma equivalente desdobrada é universal mas instável, modificando-se a cada relação de troca. Se a forma simples pecava por ser finita e limitada em sua forma de representação, a forma equivalente desdobrada peca pela ilimitação e infinitude de suas representações.

*"Segundo, ela forma um mosaico colorido de expressões de valor, desconexas e diferenciadas"*[100]. A segunda deficiência da forma desdobrada consiste em que ao superar a limitação da forma simples de valor, a forma desdobrada põe em seu lugar um mosaico de formas coloridas sem identificação imediata umas com as outras. A forma desdobrada supera a forma simples apenas desdobrando o leque de trocas possíveis de serem realizadas diretamente com o linho, sem, contudo, pôr no lugar do casaco uma forma equivalente unitária como era o próprio casaco. A forma desdobrada põe para o linho a universalidade indeterminada do mundo das mercadorias, porém, retira, contraditoriamente, a unidade determinada da forma simples representada pela singularidade do casaco. Ela supera dialeticamente uma limitação pondo outra em seu lugar. A segunda deficiência da forma desdobrada consiste em que ela *"não possui nenhuma forma de manifestação unitária"*[101].

A própria mercadoria, porém, retira e põe, contraditoriamente, do interior de seu próprio universo, a solução para as contradições que ela mesma criou. Se 20 varas de linho = 1 casaco ou se 20 varas de linho = 10 libras de chá etc, então; *"cada uma dessas equações contém, reciprocamente, a equação idêntica"*[102]: 1 casaco = 20 varas de linho, 10 libras de chá = 20 varas de linho. Se o tecelão expressa na multidão das outras mercadorias o valor de seu próprio linho, então, inversamente, a multidão dos outros produtores também expressa, unitariamente no linho, o valor de seus próprios produtos. A possibilidade da inversão da forma desdobrada numa série superior, já está contida implicitamente na série

[99] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 78.
[100] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 78.
[101] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 79.
[102] OC Ia, p. 65. MEW 23, p. 79.

de formas desdobradas. Para encontrar a nova forma superior basta inverter a forma desdobrada.

### 1.1.5. Forma Geral de Valor

| | | |
|---|---|---|
| 1 casaco | = | |
| 10 libras de chá | = | |
| 40 libras de café | = | |
| 1 *quarter* de trigo | = | 20 varas de linho |
| 2 onças de ouro | = | |
| ½ tonelada de ferro | = | |
| X mercadoria A | = | |
| etc. mercadorias | = | |

**a. Caráter modificado da forma valor**

A contradição entre a forma simples e a desdobrada foi agora inteiramente resolvida: *"as mercadorias representam agora seus valores 1) de modo simples porque na mesma mercadoria, e 2) de modo unitário, porque na mesma mercadoria. Sua forma valor é simples e comum a todas, portanto, geral"*[103]. A deficiência da forma simples de valor consistia em que ela era unitária mas não era comum, era exclusiva ao linho, a deficiência da segunda forma desdobrada consistia em que ela era comum mas não era unitária, era múltipla. A superioridade da forma geral de valor consiste em que ela sintetiza numa única forma o aspecto unitário e determinado da forma simples com o aspecto comum da forma desdobrada, dando, assim, ao mundo das formas relativas de valor uma forma equivalente unitária e comum a todas elas. Agora, toda a multiplicidade das formas relativas pode espelhar seu valor na mesma e única mercadoria. A terceira forma resolve dialeticamente a contradição das formas anteriores, repondo num patamar superior de existência a unidade finita e determinada da forma simples negada pela infinitude da forma desdobrada. A segunda forma negara unilateralmente a unidade finita e determinada da forma simples, pondo em seu lugar a universalidade indeterminada da forma desdobrada. A terceira forma

[103] OC Ia, p. 66. MEW 23, p. 79.

geral nega a negação unilateral realizada pela segunda forma, pondo em seu lugar a universalidade concreta e determinada da forma equivalente geral.

Todo o poder do pensamento dialético de Hegel, habilmente utilizado por Marx, está vivo nestas árduas operações realizadas até aqui. Estas determinações, porém, não são puras determinações do espírito e do gênio dialético de Marx. Logo em seguida ele trata de pôr no terreno das relações sociais historicamente determinadas as determinações abstratas por ele descobertas. Diz ele que a primeira forma simples de valor *"evidentemente só se encontra na prática dos primeiros começos, quando produtos de trabalho se transformam em mercadorias por meio de troca casual e ocasional"*[104], período que irá corresponder historicamente às primeiras trocas de excedentes intertribais, onde uma tribo troca determinado produto excedente, resultado de uma excelente colheita, por exemplo, pelo excedente de uma segunda tribo de pastores, por exemplo. A segunda forma desdobrada já é resultado de uma circunstância histórica mais desenvolvida, onde não se realizam apenas trocas de excedentes, mas já existe uma certa regularidade na produção destinada ao mercado. *"A forma de valor desdobrada encontra-se, de fato, pela primeira vez tão logo um produto do trabalho, gado, por exemplo, seja trocado por diversas outras mercadorias, não mais por exceção, mas habitualmente"*[105]. É uma forma que precede, tanto lógica como historicamente, a forma dinheiro que virá em seguida. Nesta segunda forma as mercadorias já representam seus valores no corpo de um único valor de uso, porém, não ainda, num corpo que existe sob a forma dinheiro.

A forma geral de valor é a primeira forma, tanto lógica quanto historicamente, *"a relacionar realmente as mercadorias entre si como valores, ou as deixar aparecer reciprocamente como valores de troca"*[106], surgindo como obra comum do interior do mundo das mercadorias e não exteriormente pela arbitrariedade humana. A forma geral de valor representa de modo unitário e comum à todas as mercadorias aquilo que nelas há de social, o trabalho humano abstrato. Todas agora, de modo unitário, espelham na tosca corporalidade natural do linho a sua natureza social. *"A forma valor geral, que representa os produtos de trabalho como meras gelatinas de trabalho humano indiferenciado, mostra por meio de sua própria estrutura que é a expressão social do*

[104] OC Ia, p. 66. MEW 23, p. 80.
[105] OC Ia, p. 66. MEW 23, p. 80.
[106] OC Ia, p. 66. MEW 23, p. 80.

*mundo das mercadorias. Assim, ela evidencia que no interior desse mundo o caráter humano geral do trabalho constitui seu caráter especificamente social"*[107].

**b. Desenvolvimento da forma relativa e equivalente de valor**

Marx aqui pretende demonstrar a necessária relação que existe entre o desenvolvimento da forma relativa e a forma equivalente. A forma simples de valor do linho pusera como expressão necessária a forma equivalente representada pela simplicidade do casaco. A forma desdobrada pusera como sua necessidade a multiplicidade infinita do mundo das mercadorias. A forma geral relativa excluíra o linho de seu meio e o elegera como sua representação geral unitária de valor. Agora, o aprofundamento histórico da divisão social do trabalho e das relações de troca exigem que o linho ceda o posto da forma equivalente geral a um valor de uso com propriedades naturais superiores a ele capaz de melhor representar as novas necessidades da forma valor. *"No mesmo grau, porém, em que se desenvolve a forma valor em geral, desenvolve-se também a antítese entre ambos os pólos, a forma valor relativa e a forma equivalente"*[108]. Se até um certo nível de expansão das relações de troca, figuras como linho, gado, sal e até mesmo pregos, foram úteis como expressão unitária do valor, após um determinado nível deixam necessariamente de ser. Estas inconvenientes formas naturais devem ser substituídas por uma forma natural superior que flua mais suavemente entre a diversidade expandida do mercado.

A forma linho adotara a forma equivalente geral de modo unitário e comum a todas as mercadorias unicamente pela circunstância de que durante o processo das trocas fora excluída absolutamente do interior do mundo da forma relativa. O monopólio de representar a forma equivalente geral fora conquistado pelo linho, porém, unicamente sob a condição de que nenhuma outra mercadoria disputasse com ele este posto. Com o desenvolvimento histórico das forças produtivas e da divisão social do trabalho uma nova mercadoria apareceu para disputar o brilho de funcionar como forma equivalente geral. Agora não mais mercadorias surradas como linho, gado, sal etc., desempenham o elevado papel de encantar as relações de troca. O ouro, com sua cintilante beleza, apareceu para coroar o encanto da forma valor equivalente.

---

[107] OC Ia, p. 67. MEW 23, p. 81.

### 1.1.6. A forma dinheiro

| | | |
|---|---|---|
| 20 varas de linho | = | |
| 1 casaco | = | |
| 10 libras de chá | = | |
| 40 libras de café | = | 2 onças de ouro |
| 1 quarter de trigo | = | |
| ½ tonelada de ferro | = | |
| x mercadoria A | = | |

Da forma I para a forma II e desta para a III, diz Marx, ocorreram mudanças essenciais. Da forma III para a forma IV, porém, nada de substancial ocorreu. O linho simplesmente cedeu o posto ao ouro. *"O progresso apenas consiste em que a forma de permutabilidade direta geral ou a forma equivalente geral se fundiu agora definitivamente, por meio do hábito social, com a forma natural específica da mercadoria ouro"*[109]. Aqui um elemento fundamental está posto. A economia vulgar e todo senso não científico, como é, em geral, o senso burguês, apreende unicamente na forma equivalente geral as determinações dadas pelo *hábito social*, as determinações dadas exteriormente, fenomenicamente, e não as determinações internas da forma valor que põem necessariamente determinado valor de uso como expressão do valor. Se a forma equivalente geral adotará a forma de linho, gado, sal, pregos ou ouro e prata, é um aspecto puramente casual e superficial na análise das determinações da forma valor, o que importa compreender é que necessariamente o valor deverá se expressar no corpo natural de uma determinada mercadoria seja ela qual for. Em qual mercadoria determinada o valor se expressará historicamente é um elemento puramente casual, o que importa é compreender a necessidade do valor se representar exteriormente no corpo de uma mercadoria qualquer, dentre as milhares existentes e seja ela qual for. A circunstância do valor adotar historicamente a mercadoria ouro como a forma exterior mais adequada de representação, em detrimento de outras formas mais rudimentares, não modifica em nada a natureza da

[108] OC Ia, p. 68. MEW 23, p. 82.
[109] OC Ia, p. 69. MEW 23, p. 84.

relação entre valor e valor de troca. A adoção do ouro e da prata como formas equivalentes gerais só faz aumentar o fetiche e os mistérios em torno da forma equivalente.

Este aspecto trágico da forma dinheiro evidencia-se na circunstância de que, se antes sob a forma simples os produtores podiam, de certo modo, conceber que suas 20 varas de linho trocavam-se por um casaco porque ambos possuíam o mesmo quantum de trabalho, agora 20 varas de linho adota a mágica equivalência de 2 onças de ouro ou, então, a estonteante equivalência de 2 libras esterlinas, se esta for o nome monetário de 2 onças de ouro. A forma dinheiro só vem, assim, a obscurecer ainda mais a natureza do valor e das relações sociais que se escondem por trás das trocas. Com ele os produtores, e mesmo os ingênuos e superficiais economistas vulgares, acreditam que suas 20 varas de linho *"valem"* 2 onças de ouro ou, então, 2 libras esterlinas. O dinheiro apaga, magicamente, todas as determinações internas da forma valor equivalente parecendo possuir por natureza valor. Valor que ele, exteriormente, parece pôr no valor de uso do linho.

> *A dificuldade no conceito da forma dinheiro se limita à compreensão da forma equivalente geral, portanto, da forma valor geral como tal, da forma III. A forma III se resolve, retroativamente, na forma II, a forma valor desdobrada e seu elemento constitutivo é forma I: 20 varas de linho = 1 casaco, ou x mercadoria A = y mercadoria B. A forma mercadoria simples é, por isso, o germe da forma dinheiro*[110].

Germe porém, que se esconde misteriosamente no próprio dinheiro gerando daí a necessidade de Marx percorrer todo este árduo e complexo processo de desvelamento da forma dinheiro partindo da pretérita e insossa forma simples.

### 1.1.7. O fetichismo da mercadoria

*"À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas"*[111]. A mercadoria em sua simplicidade imediata nada parece possuir de enigmático, nada há de estranho em concebê-la inicialmente como algo útil, como algo que

[110] OC Ia, p. 70. MEW 23, p. 85.

por suas propriedades naturais satisfaz uma necessidade humana. Nada há ainda de enigmático em conceber que o valor de troca seja medido pelo tempo de trabalho e não pela própria utilidade da mercadoria. Nada há de misterioso que este tempo de trabalho seja expressão de um certo quantum de energia humana despendido na produção. Não há nada de fantasioso, portanto, conceber que a mercadoria possua a duplicidade de valor de uso e valor e de trabalho concreto e abstrato.

Se nada há de fantástico nestas determinações da mercadoria, o que a torna tão enigmática e poderosa o suficiente para levar os homens a elaborar as mais fantasiosas concepções a seu respeito? O que há na mercadoria que induz os homens a conceberem-na de modo inteiramente falso?

> *De onde provém, então, o caráter enigmático do produto do trabalho, tão logo ele assume a forma mercadoria? Evidentemente, dessa forma mesmo. 1) A igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material de igual objetividade de valor dos produtos de trabalho, 2) a medida do dispêndio de força de trabalho do homem, por meio da sua duração, assume a forma da grandeza de valor dos produtos de trabalho, 3) finalmente, as relações entre os produtores, em que aquelas características sociais de seus trabalhos são ativadas, assumem a forma de uma relação social entre os produtos de trabalho.*[112]

O caráter enigmático da mercadoria provém da própria natureza da forma mercadoria, de seu necessário desdobramento não em valor de uso e valor, mas no desdobramento externo desta antítese, entre valor de uso e valor de troca, entre forma relativa e equivalente, mercadoria e dinheiro. Todo o engodo da forma mercadoria advém do necessário desdobramento de sua antítese interna entre valor de uso e valor na forma de uma antítese externa entre valor de uso e valor de troca, forma relativa e forma equivalente e mercadoria e dinheiro.

Vimos anteriormente que o desdobramento da antítese interna entre valor de uso e valor, trabalho concreto e abstrato e trabalho privado e social, carregava consigo uma

---

[111] OC Ia, p. 70. MEW 23, p. 85.

necessária inversão fantasmagórica. O valor de uso passava a ser expressão do valor, o trabalho concreto expressão do trabalho abstrato e o trabalho privado expressão do trabalho social. Na passagem acima Marx apenas retoma esta inversão sob outro modo: a igualdade dos diversos trabalhos humanos não é refletida na igual circunstância de que todos satisfazem alguma necessidade social, na igualdade de que todos os trabalhos úteis devem servir a alguma necessidade social qualquer, mas, sim, na circunstância de que todos os diferentes trabalhos úteis agora são refletidos na forma valor, na circunstância de que todos os trabalhos úteis agora são concebidos como trabalhos que possuem valor apenas na medida em que os produtores consumiram suas energias no processo de produção. O caráter enigmático da forma valor é que agora o valor de um produto não é medido pelo grau de satisfação e necessidade social dela, mas, sim, pelo quantum de trabalho humano genérico despendido em sua produção.

O caráter misterioso da forma mercadoria reside, assim, em que certas mercadorias tão triviais e abjetas, que pouca satisfação real trazem aos homens, muitas, ao contrário, lhes trazem mais malefícios que prazeres, possam ser equiparadas com outras mercadoras de caráter mais nobre e de maior utilidade social. O caráter enigmático da forma mercadoria está em que agora todas elas, desde as mais medíocres às mais elevadas, estão igualadas em sua natureza de valor.

Primeiro: a igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material de igual objetividade de valor dos produtos de trabalho. Este é o enigma da forma mercadoria: como podem produtos de utilidade social tão duvidosa serem equiparados com produtos mais úteis socialmente? Como podem ofícios absolutamente distintos entre si e de tão questionável utilidade para os homens serem equiparados a outros tantos ofícios mais honrosos e necessários? Sob o império da forma mercadoria um ofício é tão útil e valioso quanto outro qualquer porque seus valores são agora medidos pela grandeza do tempo despendido em sua produção e não pela natureza de seus valores de uso e pelo grau de satisfação e felicidade que possam trazer aos homens. Se este fosse o critério para se medir o valor de uma mercadoria, como pensa a economia vulgar, então muitas mercadorias, talvez a maior parte das que circulam no mercado, careceriam absolutamente de valor real.

---

[112] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 86.

Segundo: a medida do dispêndio de força de trabalho do homem, por meio da sua duração, assume a forma da grandeza de valor dos produtos de trabalho. O enigmático da forma mercadoria reside em que os homens agora são igualados entre si, não pelo caráter útil e honroso de suas atividades, este caráter foi completamente negado pela forma mercadoria, mas, sim, pelo caráter abstrato e genérico de suas atividades; reside em que todos os homens foram igualados a um certo quantum de horas de trabalho. Todas as diferenças, honrosas ou desonrosas, foram abstraídas pela forma mercadoria e em seu lugar pôs-se, não o homem e suas necessidades como medida do valor, mas, sim, a fria medida das batidas do relógio. Não pretendemos aqui fazer uma análise moralista da mercadoria e dos homens, mas, fica evidente nesta inversão de valores implicada na forma mercadoria, o quanto Marx está distante da ontologia que atribui certos valores imanentes e imutáveis aos homens e que não compreende que a verdadeira fonte desta inversão está na forma mercadoria e não na natureza dos homens. A economia vulgar e todo senso não científico, como são as filosofias morais completamente dominadas pela forma mercadoria, atribuem erroneamente a inversão de valores a uma hipotética natureza perniciosa do homem, sem compreenderem o caráter social, não ontológico, da inversão.

A terceira fonte dos mistérios da forma mercadoria reside em que ela não reflete na consciência imediata dos homens que a comerciam o caráter social e humano destas relações, reside em que a mercadoria não reflete na consciência dos homens que estes, ao intercambiarem mercadorias, intercambiam-se socialmente mediados pelas coisas por eles mesmos criadas. O fetiche da mercadoria inverte essa relação entre os homens refletindo-a como uma relação entre coisas e não entre homens socialmente determinados porque as relações entre os produtores assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho. Daí o absurdo de se pensar que 20 varas de linho *"valem"* um casaco. As coisas agora, com o fetiche, parecem valer por si mesmas.

> *O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete*

> *a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos.*[113]

O misterioso da forma mercadoria *"não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas"*[114]. Os homens passam a conceber, erroneamente, suas próprias relações como relações entre linho e casaco e não entre tecelão e alfaiate. Suas relações reais ficam inteiramente obscurecidas pelo fetiche da mercadoria. Nossa linguagem fetichizada não diz que o tecelão troca seu trabalho, determinado tempo dele expresso em 20 varas de linho, pelo trabalho do alfaiate, expresso em um casaco. Ao contrário, dizemos que 20 varas de linho se trocam por um casaco.

Marx acredita que o mistério da mercadoria pode ser melhor percebido deslocando-nos do mundo material da produção ao mundo fantástico da metafísica, à região nebulosa do mundo da religião.

> *Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo [Fetischismus] que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável [unzertrennlich] da produção de mercadoria.*[115]

O misterioso da forma mercadoria é que ela em sua existência metafísica como valor de troca adquire poderes tão excepcionais quanto os poderes metafísicos de Deus. O mais incrível e fantástico da forma mercadoria não parece consistir apenas na circunstância de que suas potências se assemelham às potências de Deus.

O mais fantástico de entender é: como algo tangível, material e sensível adquire, como Deus, potência puramente ideal e mitológica, o fantástico poder de substituir as relações humanas pelas suas próprias relações, o fantástico poder de aparecer frente aos

---

[113] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 86.
[114] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 86.
[115] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 86/87.

próprios homens que a criaram, como uma coisa autônoma que parece possuir vida em si mesma, o fantástico poder de substituir os poderes transcendentais de Deus por seus próprios poderes, o fantástico poder de substituir todos os ingênuos sonhos de uma felicidade eterna no paraíso pelos sonhos de uma vida terrena feliz conquistada pelo poder, não mais da oração e da penitência, mas, sim, pelo poder da própria mercadoria e seus mágicos encantos?

A magia da mercadoria substitui a magia da religião de modo muito mais perfeito, sutil, trágico e enganador. Agora, sem nenhuma mediação com a religião, a metafísica da mercadoria pode criar a falsa ilusão de que os homens podem se humanizar intoxicando seu corpo e seu espírito com a mercadoria. A magia da mercadoria supera de modo infinitamente superior, e trágico, todos os ridículos truques empregados pela religião e as classes dominantes do passado para iludir os fiéis e a massa dos produtores. O mundo mercantil, assim, é muito mais encantador, falacioso e ilusório que todas as sociedades do passado. Frente às formas ideológicas pré-capitalistas, a sociedade burguesa é a verdadeira Idade das Trevas. Nela tudo se torna misterioso e fantástico porque nela tudo se converte, dia após dia, em mercadoria.

O caráter trágico do fetiche da forma mercadoria consiste, ainda, em que ele é inseparável da produção de mercadorias e se estende e se aprofunda, quanto mais se estende e se aprofunda a divisão social do trabalho baseada na mercadoria. Como comentamos anteriormente, o fetiche e o domínio da forma mercadoria não são puros fenômenos capazes de serem driblados arbitrariamente por nossa consciência. O fetiche e o poder fantástico da forma mercadoria são coisas objetivas que existem independentes da nossa consciência e, inclusive, a dominam em cadeias muito mais monstruosas que todas as cadeias das religiões do passado. O fetiche, porém, não é intransponível. Marx demonstra até aqui que é possível superá-lo, pelo menos teoricamente. Ele próprio o superou na instância da teoria. Ao longo da exposição de *O Capital* irá demonstrar como é possível superá-lo prática e historicamente. Assim como o preconceito religioso pode ser superado pela ciência, também o fetiche pode ser superado pela crítica dialética. E assim como a sociedade capitalista superou todas as formas religiosas do fetiche, a sociedade socialista poderia superar, na concepção de Marx, todas as formas históricas do fetiche, pondo os

homens em relações diretamente sociais mediados unicamente pelo valor de uso e o trabalho concreto dos produtores diretos livremente associados.

*"Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém, como a análise precedente já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias"*[116]. Marx enfatizara várias vezes durante toda a sua análise que o caráter fantasmagórico da mercadoria advém unicamente do caráter metafísico que adota o valor de troca, da necessidade imanente ao mundo da mercadoria de assumir esta forma fantasmagórica e fantástica de expressão. O fetiche, portanto, possui uma realidade objetiva que o determina, não é uma pura aparência, ele é uma aparência necessária, é o modo de representação que os homens necessariamente fazem sobre suas próprias relações sociais reais. Por isso, o fetiche só pode ser superado socialmente, historicamente, por uma sociedade não produtora de mercadorias. Qualquer projeto de sociedade futura que não supere a forma mercadoria arrastará consigo, de modo inevitável, toda a fantasticaria do fetiche.

O fetiche é um fenômeno objetivo e necessário dado pela própria divisão do trabalho numa sociedade produtora de mercadorias. Não são os homens que, subjetivamente, deixam se enganar pela divisão social do trabalho, não são os homens que ingenuamente atribuem forças metafísicas à coisas físicas corriqueiras. Não são os homens que se enganam com o mundo da mercadoria, é o mundo da mercadoria que engana os homens. Não é a consciência invertida do homem que põe a inversão no mundo, é absolutamente o contrário, é o mundo já invertido pela forma mercadoria que se reflete, falsamente, como verdadeiro na consciência dos homens[117]. Como na sociedade burguesa, baseada na produção generalizada de mercadorias, os homens só se põem em relações sociais fora da instância da produção, na instância exterior das trocas; como produção e consumo, e os próprios produtores, ligam-se entre si apenas na instância das trocas, então torna-se natural para estes produtores conceberem suas relações como relações entre coisas e não entre homens, como relações reificadas entre os homens e relações fetichizadas entre as coisas. *"Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos*

---

[116] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 87.

[117] Vide Norman Geras: ***Essência e aparência: aspectos da análise da mercadoria em Marx***. In: Gabriel Cohn (org): *Sociologia: para ler os clássicos*. R.J/S.P: LTC, 1977, ps. 259 a 282.

*privados só aparecem dentro dessa troca"*[118]. Isto é, numa sociedade baseada exclusivamente na produção de mercadorias não há relação social entre os produtores fora das relações de troca, é apenas nestas relações que os homens se põem frente a frente como homens sociais. Aqui, como já comentamos anteriormente, é fundamental compreendermos a especificidade da divisão social do trabalho numa sociedade produtora de mercadorias frente à outras formas históricas não mercantis.

Numa sociedade onde a divisão social do trabalho não se apóia no valor de troca, que se apóia, portanto, no valor de uso, o momento da produção se liga imediatamente ao momento do consumo, entre ambos não media o mercado e todas as fantasticarias ligadas a ele. A produção é imediatamente ligada ao consumo e o consumo é o móvel da produção. Numa sociedade onde a divisão social do trabalho está baseada na mercadoria, no produto como valor de troca, portanto, entre a produção e o consumo interpõe-se necessariamente a troca mediando ambos os momentos e ligando um momento ao outro. O consumo liga-se à produção não de modo imediato, mas, de modo mediato, liga-se a *fortiori*. Numa sociedade onde a divisão social do trabalho está baseada na mercadoria, *"os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores"*[119]. Como o caráter social de seus trabalhos não se revela imediatamente, mas apenas mediatamente, *a posteriori*, *post festum*, nas relações de troca, mediados pela forma luminosa e metafísica do valor de troca, aos produtores *"aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados... não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas"*[120].

Nesta instância reificada e fetichizada 20 varas de linho parecem *"valer"* realmente 1 casaco. Tecelão e alfaiate ao se porem numa relação de troca são misteriosamente substituídos pela mágica relação entre os produtos fabricados por suas próprias mãos. Seus próprios produtos ganham misteriosos poderes metafísicos e os homens, os mesmos homens que os produziram, desaparecem de cena como se nunca existiram. O mundo fantástico da economia política burguesa deleita-se, então, todos os

[118] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 87.
[119] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 87.
[120] OC Ia, p. 71. MEW 23, p. 87.

dias, anunciando na bolsa de valores que, assim como algumas mercadorias subiram de preço, outras caíram. Dos homens, os mesmos homens que produziram estas mercadorias, destes nada se fala, destes nada se pode pronunciar, pois estes não existem na encantada e doce economia política burguesa. Nesta idílica representação fetichizada, as coisas se transformaram em sujeitos, em autômatos que parecem possuir vida em si mesmos, e os homens, estes agora viraram coisas, foram reificados pela forma mercadoria. A doce economia política burguesa só se pronuncia sobre as coisas, sobre o mercado que amanheceu nervoso e agitado, sobre os preços do dólar e das mercadorias que se alteraram subitamente. Da agonia e sofrimento dos mesmos homens que fabricaram as mercadorias, deles nada se fala, estes não existem, o que unicamente existe são coisas.

Nas diferentes relações de troca os produtores se relacionam entre si abstraindo dessa relação toda a particularidade de seus próprios trabalhos, ao se porem numa relação de troca os produtores se põem como iguais, nesta relação toda diferença é abstraída. Na relação de troca são os homens que se põem efetivamente em relação social. O fetiche da troca, porém, inverte essa relação na consciência dos produtores, representando-a como uma relação não entre homens, mas entre produtos. O duplo caráter do trabalho humano que atua na troca aparece frente à consciência reificada dos produtores na forma modificada do produto. A consciência reificada dos produtores reflete suas próprias relações sociais como relações entre seus produtos, na forma 20 varas de linho *"valem"* 1 casaco. As próprias modificações em sua força produtiva, para mais ou para menos, modificações que barateiam ou encarecem seus produtos, aparecem em sua consciência embrutecida como um movimento de seus próprios produtos, como um movimento externo à sua atividade laboriosa, aparecem como um movimento das coisas e não como uma mudança em sua capacidade para o trabalho, não como uma mudança no tempo de trabalho socialmente necessário à produção de seus artigos. *"Seu próprio movimento social possui para eles a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram em vez de controlá-los"*[121].

O movimento dos preços adota a forma fantasmagórica de um movimento social, os próprios produtores não possuem mais nenhum controle sobre os preços de seus produtos, estes agora sobem e descem sem que eles possam conscientemente regulá-los e

[121] OC Ia, p. 72/73. MEW 23, p. 89.

fixá-los num patamar estável. A estabilidade costumeira dos modos de produção pré-capitalistas, baseados no valor de uso e na produção para um mercado local conhecido, é radicalmente substituída pela concorrência burguesa desenfreada. A longa durabilidade do tempo nas sociedades pré-capitalistas cede abruptamente lugar à agonia constante do presente e ao frenesi do movimento diário dos preços. Todo modo de vida tranqüilo e estático é devorado pela mutabilidade quase absoluta do tempo da sociedade burguesa, todas as medidas seguras dos homens sobre suas próprias relações sociais são constantemente tragadas pelo fogo devorador do tempo da mercadoria. A mercadoria tem pressa para ser produzida, pressa para ser transportada, pressa para ser posta em circulação, pressa para ser realizada seu valor, pressa para gerar uma nova necessidade dela, pressa para ser devorada pelos homens. Na sua pressa incontrolável, a mercadoria devora os próprios homens que a criaram. Os produtores privados em sua mútua e universal interdependência são arrastados diariamente a reverem suas próprias concepções sobre o tempo, sobre o mundo e sobre eles próprios. Os produtores privados, sob o império da mercadoria e do tempo como medida do valor, são *"o tempo todo reduzidos à sua medida socialmente proporcional porque, nas relações casuais e sempre oscilantes de troca dos seus produtos, o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção se impõe com violência como lei natural reguladora, do mesmo modo que a lei da gravidade, quando a alguém a casa cai sobre a cabeça"*[122].

Os homens sob o império da mercadoria foram reduzidos a certa medida, sempre oscilante, do tempo, e a necessidade de medir o tempo se transformou na necessidade de medir os próprio homens. Os homens agora são aquilo que o tempo da mercadoria determina. O homem socialmente médio e sempre oscilante, tomou o lugar de todo homem particular. Na temporalidade alucinante da mercadoria e da sociedade burguesa, não sobrou espaço para a subjetividade e o particularismo. Tudo foi devorado pelo tempo médio socialmente necessário. Todas as medidas são postas e simultaneamente negadas diariamente pela medida socialmente necessária do tempo. Nada mais é estático e previsível. Tudo é diariamente tragado pela voracidade do tempo. Tudo o que é sólido se desmancha com o fogo devorador do tempo. Toda quietude é diariamente consumida pela

[122] OC Ia, p. 73. MEW 23, p. 89.

inquietude do tempo. Os homens agora existem enquanto certo quantum sempre mutável do tempo.

O problema da mutabilidade constante do tempo e do domínio dos movimentos da mercadoria sobre o movimento dos homens, possui uma importância fundamental para a compreensão do problema das crises. Assim como o homem burguês perdeu o controle sobre o tempo e a mercadoria, perdeu também o controle sobre a medida da produção. Não apenas o tempo e a mercadoria ganharam autonomia frente os homens, também o próprio nível da produção sob a sociedade burguesa se expande a ritmos que os próprios produtores privados não conseguem regular. Como a produção burguesa, por ser produção de mercadorias, se organiza sob regime de trabalho privado independente um do outro, como a divisão do trabalho, o que produzir, como produzir, quanto produzir e para quem produzir, não é dado *a priori* através de um plano conscientemente elaborado pelos vários produtores associados entre si, mas, sim, é dado pela soma da infinita multidão de decisões privadas desconexas entre si, decisões ligadas unicamente pelas relações casuais e oscilantes do mercado, em algum ponto a medida da produção deve ultrapassar a medida capaz de ser absorvida pelo mercado. Em algum ponto, por isso, a produção deve se transformar em superprodução e em crise.

A superprodução já pode ser concebida aqui como um momento em que a sociedade viola as determinações dadas pela lei do valor, como um momento em que a própria produção excede em muito as necessidades médias da sociedade. As crises aqui, já podem ser percebidas como o momento em que as proporções quantitativas violadas pelo excesso de produção e pela distribuição irregular do trabalho social dentro da sociedade, mais num ponto e menos em outro, são tragicamente repostas; já podem ser concebidas como o momento em que o tempo de trabalho socialmente necessário à produção se impõe com violência e como lei natural reguladora. As crises e a interrupção brusca da produção podem ser vistas aqui, de modo ainda puramente positivo, como momentos fundamentais da sociedade burguesa onde as proporções violadas pelas inumeráveis e arbitrárias decisões privadas são violentamente repostas. As crises aqui, por seu caráter descontrolado e irracional, aparecem de modo abrupto como um fenômeno natural e necessário frente aos quais os homens devem submeter-se passivamente. As crises aparecem ainda, como meras possibilidades abstratas, possibilidades dadas ainda pelo caráter autônomo e incontrolável

da mercadoria e do tempo que a determina. A possibilidade das crises começa a aparecer sob a forma da contradição entre o caráter descontrolado do mercado, da oscilação constante e casual dos preços, e o caráter científico e planejado da produção no nível privado; entre a anarquia do mercado e a organização planejada da produção no interior de cada fábrica. A primeira forma da crise, a mais superficial e abstrata, começa a aparecer sob a forma de uma crise de desproporção.

*"A determinação da grandeza de valor pelo tempo de trabalho é, por isso, um segredo oculto sob os movimentos manifestos dos valores relativos das mercadorias. Sua descoberta supera a aparência da determinação meramente casual das grandezas de valor dos produtos de trabalho, mas de nenhum modo sua forma material"*[123]. Todos os descontroles e desproporções verificados na instância exterior do mercado devem ser concebidos como desproporções efetivas na instância das relações de produção, numa instância mais imanente, portanto, que a instância do mercado e da formação dos preços. Todas as determinações exteriores da sociedade burguesa, portanto, devem, paulatinamente, ser reduzidas à sua existência imanente e interna. As próprias crises de desproporção e as contradições na instância da distribuição do trabalho social deverão, portanto, ao longo do processo de exposição, serem negadas e substituídas por formas e contradições mais internas e fundamentais.

A descoberta teórica destas contradições internas supera a aparência das determinações meramente casuais, não apenas das determinações dos preços das mercadorias, mas, sobretudo, do problema das crises do capital. Esta começa a aparecer, mesmo que ainda na instância das relações de troca, como necessárias e regulares e não apenas casuais e fortuitas. Elas aparecem já, como o modo trágico, necessário e natural em que a sociedade capitalista regula a distribuição do trabalho social; como a forma burguesa de superação da anarquia e arbitrariedade das infinitas decisões privadas; como a forma natural e específica da sociedade capitalista para encontrar a harmonia entre produção e consumo, harmonia sempre violada pelas vontades privadas. Pelas vontades privadas de um planejamento social. A descoberta teórica destas contradições supera, contudo, apenas a aparência de verdade das relações exteriores. A superação prática permanece sendo um problema histórico.

---

[123] OC Ia, p. 73. MEW 23, p. 89.

Todas as formas de existência do valor, forma equivalente simples, desdobrada e geral são, frente à forma dinheiro, formas ainda de certo modo penetráveis ao olhar não científico. A forma dinheiro, contudo, é a forma mais obscura e indecifrável ao olhar dos agentes práticos da sociedade burguesa. O brilho do ouro e da prata possui um poder fetichizante e enganador tão poderoso que supera absolutamente o brilho de todas as outras estrelas menores do universo da forma equivalente. *"É exatamente essa forma acabada – a forma dinheiro – do mundo das mercadorias que objetivamente vela, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, portanto, as relações sociais entre os produtores privados"*[124]. Toda a magia do dinheiro e as formas absurdas de linguagem geradas pelo fetichismo podem ser facilmente desmascaradas quando deslocamos nosso olhar para outras formas de produção não-burguesas. A partir daqui, Marx pensará como a temporalidade alucinante e aparentemente natural da sociedade burguesa, pode ser facilmente desmistificada quando analisamos formas de produção não baseadas na produção de mercadorias. As abstrações lógicas ganham aqui novas e mais concretas determinações históricas que vão, lentamente, negando a aparente atemporalidade da sociedade burguesa e das abstrações do próprio Marx. *"Todo o misticismo do mundo das mercadorias, toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho na base da produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção"*[125].

A primeira forma de produção analisada por Marx é a idílica forma de vida de Robinson Crusoé em sua ilha deserta. Nesta passagem brilha a mordaz ironia de Marx com os pensadores não científicos da burguesia. As ridículas abstrações burguesas de um homem isolado e independente estabelecendo relações sociais apenas consigo mesmo, a absurda idéia de um indivíduo burguês pré-histórico e autosubsistente existindo no interior da própria sociedade, são aqui utilizadas por Marx para criticar o próprio pensamento burguês. Marx se apóia neste conto paradisíaco para demonstrar exatamente como, até mesmo numa pura abstração burguesa, é possível pensar-se a existência de relações humanas não reificadas e fetichizadas. Diz ele: *"Como a Economia Política gosta de robinsonadas, aparece primeiro Robinson em sua ilha"*[126]. Isolado, Robinson tem de

[124] OC Ia, p. 73. MEW 23, p. 90.
[125] OC Ia, p. 73. MEW 23, p. 90.
[126] OC Ia, p. 73. MEW 23, p. 90.

executar individualmente todas as funções que numa determinada sociedade desenvolvida seriam repartidas dentro de uma divisão social do trabalho. Desalienado, Crusoé se compraz alegremente em todas as atividades, em todas vê unicamente diferentes aspectos onde o mesmo Robinson se realiza e a todas domina conscientemente. Todo o seu tempo de trabalho diário é distribuído por ele mesmo proporcionalmente às suas necessidades. *"Apesar da diversidade de suas funções produtivas ele sabe que elas são apenas diferentes formas da atividade do mesmo Robinson, portanto, somente modos diferentes de trabalho humano. A própria necessidade o obriga a distribuir seu tempo minuciosamente entre suas diferentes funções"*[127]. Todas as relações entre Robinson e as coisas que formam sua riqueza são tão claras e límpidas que qualquer cérebro vazio do pensamento burguês poderia entender sem extraordinário esforço intelectual.

A segunda forma de produção analisada por Marx é já uma forma histórica determinada. Novamente aqui a ironia demolidora de Marx é lançada contra os preconceitos burgueses sobre a Idade Média. *"Desloquemo-nos da ilha luminosa de Robinson à sombria Idade Média européia"*[128]. As relações entre os homens na *sombria* Idade Média se tornam nas mãos de Marx, muito mais límpidas e transparentes que a iluminada idade da razão burguesa. Frente à feliz liberdade de Robinson e do homem burguês, erguem-se as sombrias relações de dependência entre servos e senhores feudais, vassalos e suseranos, leigos e clérigos. *"Mas, justamente porque relações de dependência pessoal constituem a base social dada, os trabalhos e produtos não precisam adquirir forma fantástica, diferente de sua realidade"*[129].

Justamente porque os homens da Idade Média ainda não vivem as abstratas relações de liberdade do homem burguês, a abstrata liberdade de um vendedor de mercadorias, os homens ainda podem conceber sua própria existência como limitadas pela existência do outro. A própria existência do europeu medieval, por ser menos ilusória, é mais efetiva que a do homem burguês. Os próprios fios do tecido social que ligam uma existência à outra são mais claras para o homem medieval que para o abstrato homem burguês. Para este, os fios do tecido social passam por trás de suas próprias costas sem que ele perceba. Por não perceber tais fios, pensa ingenuamente que é efetivamente livre, ou,

---

[127] OC Ia, p. 74. MEW 23, p. 91.
[128] OC Ia, p. 74. MEW 23, p. 91.
[129] OC Ia, p. 74. MEW 23, p. 91.

pelo menos, mais livre que os pobres homens da Idade Média. Como na Idade Média não se produzia mercadoria, o produto do camponês não necessitava assumir a fantástica forma do valor de troca. *"Eles [os produtos do camponês] entram na engrenagem social como serviços e pagamentos in natura... A forma natural [Naturalform] do trabalho, sua particularidade [Besonderheit], e não, como na base da produção de mercadorias, a sua generalidade [Allgemeinheit], é aqui sua forma diretamente social"*[130].

As relações sociais da Idade Média são mais claras e límpidas porque, por não produzirem mercadorias os medievais europeus não convivem com o fantástico desdobramento do produto em valor de uso e valor de troca. Seu produto, seja *in natura* ou em serviço, pode ser sempre representado sob certo quantum da forma natural do valor de uso. A divisão da jornada de trabalho do camponês, tanto a parte necessária quanto a excedente, pode ser sempre divida em certo quantum de produto natural, ela de modo algum se esconde metafisicamente sob a forma salário.

> *A corvéia mede-se tanto pelo tempo quanto o trabalho que produz mercadorias, mas cada servo sabe que é certa quantidade de sua força pessoal de trabalho que ele despende no serviço do seu senhor. O dízimo, a ser pago ao cura, é mais claro que a bênção do cura. Portanto, como quer que se julguem as máscaras que os homens, ao se defrontarem aqui, vestem, as relações sociais entre as pessoas em seus trabalhos aparecem em qualquer caso como suas próprias relações pessoais, e não são disfarçadas em relações sociais das coisas, dos produtos.*[131]

Sob o feudalismo as relações de exploração entre senhores feudais e servos de gleba são mais nítidas e tangíveis que a relação de exploração capitalista. Nesta, como Marx demonstrará mais adiante, a exploração esconde-se misteriosamente por baixo da dualidade das categorias trabalho e força de trabalho e, mais ainda, sob a forma monetária do salário. O coroamento religioso da relação de exploração medieval é infinitamente mais imperfeito que o coroamento moderno dado pelo fetiche da mercadoria, do dinheiro, do salário e do capital. Estes superam de modo quase absoluto, porque mais natural e

[130] OC Ia, p. 74. MEW 23, p. 91.

espontâneo, todos os truques artificiais dos padres católicos da Idade Média. Para receberem seus dízimos, as classes exploradoras da Idade Média, os senhores feudais e os padres católicos, deviam vestir as máscaras de nobres protetores do reino ou, então, de nobres mediadores entre os homens e as promessas de Deus. Para receberem sua mais-valia, os patrões modernos não precisam vestir nenhuma máscara especial, a própria relação de compra e venda da força de trabalho realizada cotidianamente no mercado já mascara a existência da exploração.

A terceira forma de produção é a indústria rural de uma família patriarcal camponesa. Marx, apesar de não determiná-la historicamente do mesmo modo como determinou a forma medieval anterior, diz, contudo, que ela é uma forma de produção onde o trabalho encontra-se diretamente socializado. Comenta que tais formas comunais de produção podem ser encontradas originariamente entre romanos, germanos, celtas e hindus. A análise desta forma se assemelha muito à análise da ilha de Robinson, com a diferença de que agora a totalidade é composta pela própria família que, trabalhando como se fosse um único organismo social, distribui seus indivíduos de modo racional e organizado. A família não produz seus produtos sob a forma de mercadoria. O resultado do trabalho da família aparece limpidamente como resultado de um trabalho coletivo, suas relações de produção aparecem como o que são na realidade, como relações entre diferentes membros da mesma família que trabalham em benefício da coletividade. As forças de trabalho da família são distribuídas e reguladas conscientemente conforme as necessidades da família. Nesta distribuição não atua nenhuma força sobrenatural que subordina os homens à essa vontade. Os homens regulam suas atividades de modo soberano e consciente.

> *Diferenças de sexo e idade e as condições naturais do trabalho, que mudam com as estações do ano, regulam sua distribuição dentro da família e o tempo de trabalho dos membros individuais da família. O dispêndio das forças individuais de trabalho, medido pela sua duração, aparece aqui, porém, desde sua origem como determinação social dos próprios trabalhos,*

[131] OC Ia, p. 74. MEW 23, p. 91/92.

*porque as forças de trabalho individuais a partir de sua origem só atuam como órgãos da força comum de trabalho da família.*[132]

Nestas condições de produção, nenhuma força fantasmagórica regula a distribuição do trabalho social dentro da família. Os homens se põem soberanamente frente às suas próprias relações sociais. Deste modo, não se levanta sobre estes homens, também, nenhuma força misteriosa que os impulsione a produzir além do necessário para a manutenção das necessidades da família. Deste organismo simples de produção nenhuma determinação interna os impulsiona à superprodução e às crises econômicas. Nesta forma de produção a possibilidade de uma crise econômica só pode ter origem externamente, através de uma eventual calamidade natural. E uma crise, se ocorrer, será uma crise de subprodução e não de superprodução, como na sociedade burguesa. Superprodução nestas condições de produção, de modo algum pode ser concebida como motivo para uma crise econômica. A abundância aqui é muito mais uma dádiva do que uma calamidade. Apenas na sociedade burguesa uma superprodução de produtos adquire caráter catastrófico. Nesta família patriarcal quanto mais abundante for a produção, maior será o enriquecimento da família e a possibilidade dela sustentar as gerações futuras. Na sociedade burguesa, pelo contrário, quanto mais abundante for a produção maior será a possibilidade da família dos produtores diretos cair na miséria e no desespero.

As negações feitas por Marx até aqui foram, ainda, todas negações abstratas da sociedade burguesa, nenhuma delas apresenta a possibilidade efetiva de superar as contradições da mercadoria e do valor. Todas foram utilizadas até aqui com a intenção de demonstrar o caráter específico da sociedade burguesa, de demonstrar sua natureza historicamente determinada, de demonstrar que por trás de sua curta e recente existência no tempo esconde-se a existência de uma série de outras formas históricas que prescindiram da produção de mercadorias. Falta ainda, porém, negar mais determinadamente a sociedade burguesa e a produção de mercadorias, falta ainda pôr-lhe uma negação mais efetiva que apresente não apenas a existência de um passado que a precede, mas falta, sobretudo, pôr uma determinação que indique o futuro da sociedade burguesa e a ponha no devir da história universal. Marx faz isto imaginando a existência de uma hipotética sociedade do

[132] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 92.

futuro onde a forma mercadoria seria abolida de uma vez por todas. *"Imaginemos, finalmente, para variar, uma associação de homens livres, que trabalham com meios de produção comunais e despendem suas numerosas forças de trabalho individuais conscientemente como uma única força social de trabalho"*[133]. Se repetirão aqui todas as determinações encontradas nas formas anteriores. Os produtores livremente associados tomam em suas mãos todas as decisões relacionadas à produção material: o que, quanto, como e para quem produzir. Os produtores regulam conscientemente, através de um plano coletivo, quais ramos da produção existirão e quais necessidades sociais serão atendidas. O produto não será uma mercadoria e não haverá, portanto, o desdobramento dilacerante entre valor de uso e valor, produção e mercado, mercadoria e dinheiro etc. A produção liga-se diretamente ao consumo sem a mediação tortuosa do mercado. *"O produto total da associação é um produto social. Parte desse produto serve novamente como meio de produção. Ele permanece social mas parte é consumida pelos sócios como meios de subsistência. Por isso, tem de ser distribuída entre eles"*[134].

Nestas condições de produção, como nas anteriores, nenhum abalo pode ocorrer à produção decorrente de uma produção excessiva de riqueza. A abundância de produtos é antes, muito mais, sinônimo de riqueza e bem-estar social que miséria e sofrimento. Essa distribuição da riqueza coletiva não adquire nenhum caráter metafísico e enigmático porque ela não mais se define a partir das relações de valor. Essa distribuição não se realiza como um qüiproquó por trás da consciência dos produtores, ela agora se realiza sob uma forma histórica superior nada complicada e tortuosa. Os próprios produtores a regulam previamente. *"O modo dessa distribuição variará com a espécie particular do próprio organismo social de produção e o correspondente nível de desenvolvimento histórico dos produtores"*[135]. A distribuição dos produtos não será regulada mediante o caráter abstrato e genérico do trabalho, mas, sim, mediante a *espécie particular do organismo social de produção*. Sob as relações de produção burguesa, os produtos se distribuem entre os diferentes produtores diretos regulados pelo valor da força de trabalho de cada produtor. Isto é: na sociedade capitalista o produtor direto recebe ao final da produção apenas o equivalente ao seu próprio valor, apenas o equivalente ao valor

[133] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 92.
[134] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 93.
[135] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 93.

de sua força de trabalho. O excedente fica com o patrão. O operário, julgado pela métrica implacável do tempo, recebe um quantum em produtos que corresponde apenas ao próprio valor de sua força de trabalho. O excedente, através de caminhos invisíveis, se separa dele de modo enigmático.

O tempo de trabalho poderia desempenhar um importante, mas nada enigmático, papel nesta hipotética sociedade. De um lado, a totalidade da força de trabalho disponível seria distribuída proporcionalmente entre os vários ramos da produção, previamente pensados pelos produtores livremente associados. *"Sua distribuição socialmente planejada regula a proporção correta das diferentes funções de trabalho conforme as diversas necessidades"*[136]. A proporção correta entre os diversos ramos da produção não seria encontrada mediante abruptas revoluções nas relações de valor, mediante abruptas paralisações da produção e queima de capacidade produtiva excedente. De modo completamente oposto à sociedade burguesa, que atribui ao arbítrio dos patrões o poder de distribuir as diversas capacidades produtivas entre os distintos ramos da produção, a hipotética sociedade do futuro seria regulada de modo consciente pelos próprios produtores diretos. As proporções corretas entre produção e consumo seriam encontradas previamente à produção porque agora não se produz mais com o objetivo da troca. O tempo de trabalho abstrato não possuiria mais o mágico poder de regular a vontade dos homens, estes agora o regulam conscientemente. O tempo de trabalho desempenharia, ainda, um segundo papel, o de regular a medida da participação de cada produtor individual no bolo do trabalho coletivo. *"Por outro lado, o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida da participação individual dos produtores no trabalho comum e, por isso, também na parte a ser consumida individualmente no produto comum"*[137].

Aqui, do mesmo modo que na sociedade burguesa, a participação do operário sobre os frutos de seu próprio trabalho é regulada pelo tempo de trabalho realizado. Porém, na sociedade burguesa o tempo de trabalho efetivamente realizado sofre a fissura do tempo necessário e do tempo excedente, fissura encoberta pela forma salário e pela forma superficial do contrato de trabalho. Nesta hipotética sociedade do futuro, tal fissura foi abolida, os homens não se relacionam mais mediante contratos monetários, a forma assalariada da distribuição foi abolida junto com a forma mercadoria e a forma

[136] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 93.

dinheiro. *"As relações sociais dos homens com seus trabalhos e seus produtos de trabalho continuam aqui transparentemente simples tanto na produção quanto na distribuição"*[138].

A primeira forma de produção não fetichizada analisada por Marx, a de Robinson, é uma vulgar ideologização burguesa que toma como ponto de partida da história, não os homens vivendo em sociedade, mas, sim, o indivíduo burguês a-histórico que precede a própria temporalidade histórica. A segunda forma medieval é uma forma histórica passada e extinta pelo processo de acumulação capitalista. A terceira forma patriarcal é uma sobrevivência do passado que ainda resiste no interior do capitalismo mas, porém, é paulatinamente negada por ele. Agora, na quarta forma, Marx nos lança diretamente para uma temporalidade histórica futura, temporalidade, porém, ainda dogmática e abstrata. Esta forma idealizada de produção é a primeira tentativa teórica empregada por Marx para solucionar o problema do fetiche, da reificação e das crises sociais de superprodução. É ainda abstrata, mas já indica, por meio da analogia com as formas de produção não fetichizadas, a possibilidade da superação da temporalidade mercantil.

Todo este processo de fundamentação histórica teve para Marx, o objetivo de demonstrar o caráter histórico e não natural das categorias lógico-conceituais da sociedade burguesa. Aquilo que aparecia inicialmente como uma abstração a-histórica vai lentamente sendo negada pela análise histórica e as categorias como valor, valor de troca, trabalho abstrato, mercadoria e dinheiro vão perdendo seu caráter de naturalidade para ganharem um caráter histórico determinado. As próprias categorias lógicas se fundem e, simultaneamente, se dissolvem com o processo histórico. A atemporalidade do presente e as fórmulas vazias da Economia Política burguesa, *"fórmulas que não deixam lugar a dúvidas de que pertencem a uma formação social em que o processo de produção domina os homens, e ainda não o homem o processo de produção..."*[139] vão lentamente se dissolvendo com a análise de temporalidades históricas não mercantis.

---

[137] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 93.
[138] OC Ia, p. 75. MEW 23, p. 93.
[139] OC Ia, p. 76. MEW 23, p. 96.

## 1.2. O PROCESSO DE TROCA

Descoberto o fetiche e o poder reificante da mercadoria, Marx abre o segundo capítulo de *O Capital* com sua habitual e refinada ironia: *"as mercadorias não podem por si mesmas ir ao mercado e se trocar. Devemos, portanto, voltar a vista para seus guardiões, os possuidores de mercadorias"*[140]. Na análise não mais das coisas mas dos homens que portam as coisas no mercado, a troca aparece inicialmente como um ato entre duas vontades livres. Os produtores juridicamente livres, iguais e proprietários de seus produtos, intercambiam-se espontaneamente no mercado. Ninguém se apropria do trabalho do outro pela violência. Cada um se apropria da mercadoria do outro apenas com a condição de que aliena a sua própria. Ninguém se apropria da mercadoria alheia a não ser por um ato da vontade livre do outro. Essa falsa aparência de liberdade, porém, é imediatamente negada por Marx. O conteúdo dessa relação, que aparece puramente subjetiva, como ato de duas vontades juridicamente livres, já recebe a primeira e fundamental crítica negativa. *"O conteúdo [Inhalt] dessa relação jurídica ou de vontade é dado por meio da relação econômica mesma"*[141].

A relação jurídica, que aparece subjetivamente como um ato de duas vontades livres, expressa na verdade determinada relação econômica que transcende a inocente subjetividade dos homens. A liberdade da vontade já havia sido negada como verdadeira por Marx na análise do processo de reificação, processo simultâneo ao fetiche. Na forma de sociedade analisada por Marx, a falsa liberdade dos homens na instância das trocas nada mais representa que a expressão invertida de determinada necessidade econômica imanente à própria natureza da mercadoria. *"As pessoas aqui, só existem, reciprocamente, como representantes de mercadorias e, por isso, como possuidores de mercadorias"*[142]. Na sociedade capitalista as pessoas existem não exatamente como pessoas que decidem livremente o conteúdo e a forma de sua ação. Como personagens de um drama econômico seu papel é representar o papel determinado pela relação econômica. Enquanto produtor e possuidor exclusivo de mercadorias não cabe ao portador delas escolher entre aliená-las ou não no mercado.

---

[140] OC Ia, p. 79. MEW 23, p. 99.
[141] OC Ia, p. 79. MEW 23, p. 99.
[142] OC Ia, p. 79/80. MEW 23, p. 99/100.

Como a mercadoria é para seu agente e portador um não-valor de uso, como a mercadoria é valor de uso unicamente para o alheio, seu portador deve necessariamente aliená-la no mercado para continuar existindo como agente e personificação da mercadoria. A subordinação da vontade do produtor ao império das leis da mercadoria é inevitável. Se resistir em participar do processo de alienação universal sua bancarrota será do mesmo modo inevitável. Os personagens do nosso drama econômico são livres unicamente para realizar as necessidades da mercadoria. *"Veremos no curso do desenvolvimento, em geral, que os personagens econômicos encarnados pelas pessoas nada mais são que as personificações das relações econômicas, como portadores das quais elas se defrontam"*[143].

Na sociedade capitalista, onde as relações entre os homens estão mediadas por relações monetárias, a liberdade aparece como uma ilusão da consciência porque o nexo social que liga inevitavelmente os homens entre si está escondido no bolso de cada homem. *"Seu poder social, assim como seu nexo com a sociedade, o leva consigo no bolso"*[144]. A objetivação das relações sociais representada pela mediação do dinheiro cria a falsa ilusão entre os homens de que a sociedade burguesa é efetivamente uma sociedade de homens absolutamente livres e iguais e que sobre eles não se impõe nenhum poder social maior que seu poder individual.

Como o nexo social foi reificado e objetivado na forma dinheiro, como a comunidade de interesses foi dissolvida pelo nexo metálico do dinheiro, nexo que os homens carregam consigo no bolso, os homens acreditam que entre eles não existe nenhum nexo social que os condicionem mutuamente em comunidade. Como o vínculo com a comunidade não é mais um vínculo vivo e racional, mas, sim, objetivo e metálico, como a própria comunidade não existe mais como um organismo ativo e consciente, as relações sociais entre os homens aparecem frente à consciência reificada como relações que ele pode livremente dispensar.

Como o indivíduo relaciona-se com a comunidade sem a mediação direta de outro indivíduo, ele cai na ilusão de acreditar que o vínculo que liga seus interesses e necessidades a outros homens é um vínculo puramente artificial e arbitrário que ele com sua genialidade pode dispensar. Se, por um lado, o indivíduo é livre frente a outros homens,

---

[143] OC Ia, p. 780. MEW 23, p. 100.

por outro lado, ele vive uma relação de dependência absoluta com o nexo monetário que ele carrega no bolso. Arranque-se este nexo do indivíduo e ele certamente cairá desterrado para fora da comunidade.

Ainda que os indivíduos organizem suas ações como homens livres dotados de subjetividade consciente, seu nexo com a sociedade é um nexo alienado e irracional. Ainda que a ausência de barreiras coercitivas visíveis aos sentidos de nossos agentes econômicos possa lhes assegurar que são homens efetivamente livres, nenhum deles está livre do processo de reificação e alienação universal determinado pela alienação universal do mercado. Enquanto vendedores de mercadorias, cada um de nossos agentes econômicos só é livre na medida em que participar ativamente do intercâmbio universal de mercadorias, o trabalhador como vendedor de força de trabalho e o capitalista como vendedor de mercadorias. Somente enquanto participam ativamente do processo universal de alienação econômica podem eles considerar-se homens livres e reciprocamente iguais. *"A circulação é o movimento no qual a alienação geral se apresenta como apropriação geral e a apropriação geral como alienação geral"*[145]. A alienação se expressa na circunstância de que nossos agentes econômicos não percebem que por trás de suas relações monetárias supostamente dominadas pela sua vontade, escondem-se relações vivas entre homens determinados socialmente.

Na instância das trocas, como vimos, todas as diferenças específicas entre os produtores foram apagadas pelo valor de troca. Tecelão e alfaiate encontram-se no mercado como duas vontades livres apenas na aparência. Ambos nem mesmo existem como tecelão e alfaiate, existem sim, como produtores de mercadorias em geral e, como tais, não se encontram casualmente no mercado alienando suas mercadorias. Para um produtor que produz seu produto exclusivamente sob a forma mercadoria, a alienação desta não é um ato de sua vontade livre, ele não pode escolher entre alienar ou não seu linho ou casaco. Como produtor de mercadoria, alienar sua mercadoria por outra é um ato da necessidade e não da liberdade. *"Sua mercadoria não tem para ele nenhum valor de uso direto. Do contrário não a levaria ao mercado. Ela tem valor de uso para outros. Para ele, ela tem diretamente*

---

[144] Grundrisse I, p. 84. MEW 42, p. 90.

[145] Grundrisse I, p. 130/131. MEW 42, p. 127. *"Die Zirkulation ist die Bewegung, worin die allgemeine Entäußrung als allgemeine Aneignung und die allgemeine Aneignung als allgemeine Entäußrung erscheint".*

*apenas valor de uso de ser portadora do valor de troca e, portanto, meio de troca"*[146]. Para o tecelão, seu linho possui valor de uso direto apenas para o alfaiate. Para ele, seu linho vale unicamente como meio de conseguir o valor de troca representado pelo corpo do casaco tecido pelo alfaiate. Como mercadoria, o linho é um não-valor de uso para seu próprio produtor, por isso, aliená-lo é uma condição fundamental para que o tecelão o fabrique regularmente como mercadoria. *"Por isso, ele quer aliená-la [sie veräußern] por mercadoria cujo valor de uso o satisfaça. Todas as mercadorias são não-valores de uso para seus possuidores e valores de uso para seus não possuidores. Elas precisam, portanto, universalmente mudar de mãos"*[147].

Essa alienação universal entre os diferentes produtores de mercadorias é um fenômeno necessário que emana da própria natureza da mercadoria. Se a mercadoria não for alienada por outra, todo o processo de produção corre o risco de ser abruptamente interrompido exatamente porque o processo universal de alienação não se realizou. Aqui se abre uma nova possibilidade de crise decorrente da natureza da própria mercadoria. É ainda uma possibilidade abstrata, mas é uma possibilidade que emana do interior da própria mercadoria. Alienar a mercadoria é condição fundamental para que seu valor de uso se realize. Onde o processo de troca domina o processo de produção, o valor de uso do produto se realiza sempre posteriormente ao valor de troca. Para que o linho possa satisfazer a necessidade do alfaiate é necessário que antes o linho seja alienado. Sem este processo de alienação universal os valores de uso não adentram na esfera do consumo para aí realizar sua natureza útil. Fabricar o produto sob uma forma útil para outro é, portanto, uma condição fundamental para a produção de mercadorias. Condição da qual a produção de mercadorias não pode se libertar.

Como produção e consumo estão separados pela divisão social do trabalho, então o caráter útil da mercadoria, se ela atende uma necessidade social ou não, é dado apenas *post festum* no mercado. O produtor saberá se sua mercadoria possui valor de uso para outros ou não, apenas no ato da venda de sua mercadoria. Antes, impera a imprevisibilidade e a incerteza. Esta fissura entre produção e consumo nada mais é que uma expressão da fissura interna à própria mercadoria entre valor de uso e valor. *"As mercadorias têm que realizar-se, portanto, como valores, antes de poderem realizar-se*

[146] OC Ia, p. 80. MEW 23, p. 100.

*como valores de uso... Se o trabalho é útil para outros, se, portanto, seu produto satisfaz a necessidades alheias, somente sua troca pode demonstrar"*[148]. O risco que a mercadoria possui de não encontrar um comprador para ela é um risco para a própria continuidade da produção. E aí encontra-se a possibilidade para uma crise comercial decorrente da natureza dúbia da mercadoria.

Novamente Marx remete-nos a refletir historicamente sobre a natureza da mercadoria e das trocas. Depois de demonstrar que apenas a sociedade burguesa caraterizase por ter transformado toda a produção em produção de mercadorias, remete-nos a analisar a origem e desenvolvimento histórico das trocas. *"O primeiro modo, pelo qual um objeto de uso é possivelmente valor de troca, é sua existência como não-valor de uso, como quantum de valor de uso que ultrapassa as necessidades diretas de seu possuidor"*[149]. Nessa primeira e genérica condição, parte da produção é destinada a satisfazer as necessidades do próprio produtor e apenas a parte excedente é permutada. De todo modo, os possuidores deste excedente devem encontrar-se no mercado como homens livres e universalmente alienados. *"Tal relação de estranhamento recíproco [Verhältnis wechselseitiger Fremdheit] não existe, porém, para os membros de uma comunidade primitiva, tenha ela a forma de uma família patriarcal, de uma comunidade indiana, um Estado inca etc."*[150]. Novamente a sociedade burguesa, e com ela todas as formas mercantis, são delimitadas de outras formas históricas de produção não baseadas na produção de mercadorias. Mais uma vez a sociedade burguesa e sua universal relação de estranhamento entre os homens é destacada de outras formas sociais de produção e as categorias abstratas da sociedade burguesa ganham concretude histórica. Novamente a remissão histórica nega validade em si às abstrações do pensamento científico, nega o caráter metafísico das categorias que sustentam toda a economia política burguesa. Agora, além das formas patriarcais e indianas já citadas anteriormente, além de destacar a sociedade burguesa das formas ocidentais mais atrasadas e das sociedades asiáticas, Marx a destaca da América pré-colombiana que, do mesmo modo que as formas antigas, não via no dinheiro a meta absoluta da vida humana.

---

[147] OC Ia, p. 80. MEW 23, p. 100.
[148] OC Ia, p. 80. MEW 23, p. 100/101.
[149] OC Ia, p. 81. MEW 23, p. 102.
[150] OC Ia, p. 81. MEW 23, p. 102.

*"A troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam, em seus pontos de contato com outras comunidades ou com membros de outras comunidades"*[151]. Nestas condições a troca é feita ocasionalmente, o valor de troca é encontrado acidentalmente e a forma equivalente não possui uma existência destacada do conjunto das outras mercadorias. Os produtos estrangeiros são adquiridos de modo suplementar, sua intenção é prover as necessidades internas da tribo. Contudo, *"tão logo as coisas se tornam mercadorias no exterior da comunidade, tornam-se também por repercussão mercadorias no interior da vida comunal"*[152]. A regularidade das trocas com o estrangeiro desenvolve, contraditoriamente, no interior da própria comunidade o gosto e a necessidade por mais produtos estrangeiros. O resultado desta repercussão é a transformação da tribo ao longo do tempo, numa tribo produtora regular de mercadorias. Em seu contato contínuo com o estrangeiro novas mercadorias vão lentamente destacando-se frente às demais como a forma valor equivalente geral. Por sua natureza, *"os povos nômades são os primeiros a desenvolver a forma dinheiro, porque todos os seus haveres e bens têm forma móvel e portanto diretamente alienável e porque seu modo de vida os põe em constante contato com comunidades estrangeiras, solicitando-os à troca de produtos"*[153].

O dinheiro em sua forma mais desenvolvida é o ouro. Com o ouro e o dinheiro, *"o movimento mediador desaparece em seu próprio resultado e não deixa atrás de si nenhum vestígio"*[154]. A forma dinheiro com sua dourada corporalidade esconde fantasticamente todo o movimento mediador não apenas lógico e reflexivo das trocas, mas, sobretudo, todo o movimento mediador dos vários momentos históricos percorridos pela forma equivalente até alcançar sua forma definitiva na forma ouro. Com ele, *"as mercadorias encontram, sem nenhuma colaboração sua, sua própria figura de valor pronta, como um corpo de mercadoria existente fora e ao lado delas. Essas coisas, ouro e prata, tais como saem das entranhas da terra, são imediatamente a encarnação direta de todo o trabalho humano. Daí a magia do dinheiro"*[155].

A magia fetichizante do dinheiro na forma desenvolvida do ouro e da prata é muito mais entorpecedora que a magia de mercadorias inferiores como gado, sal etc.,

---

[151] OC Ia, p. 81. MEW 23, p. 102.
[152] OC Ia, p. 82. MEW 23, p. 102.
[153] OC Ia, p. 82. MEW 23, p. 103.
[154] OC Ia, p. 84. MEW 23, p. 107.
[155] OC Ia, p. 84/85. MEW 23, p. 107.

porque, ao contrário destas formas anteriores, o ouro já vem ao mundo, das entranhas das minas, como dinheiro. Ele, como forma definitiva da forma equivalente, não precisa mais realizar todo aquele complexo processo de reflexão realizado pelas formas mais primitivas. Nestas, ainda é possível enxergar-se certa historicidade do processo de reflexão. Gado, sal, pregos, etc., antes do aparecimento do ouro como forma equivalente geral, disputam ainda entre si o posto da forma equivalente geral, ainda convivem lado a lado em diferentes localidades. O ouro, ao contrário, domina agora todos os mercados, todas as localidades e, de modo fantástico, parece ser dinheiro por natureza desde o dia em que é arrancado do solo. Parece ser dinheiro apenas porque é ouro.

> *A conduta meramente atomística dos homens em seu processo de produção social e, portanto, a figura reificada [sachliche Gestalt] de suas próprias condições de produção, que é independente de seu controle e de sua ação consciente individual, se manifestam [erscheinen] inicialmente no fato de que seus produtos de trabalho assumem em geral a forma mercadoria. O enigma do fetiche do dinheiro [Geldfetischs] é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria [Warenfetischs], tornado visível e ofuscante.*[156]

A conduta irracional e reificada dos homens na sociedade burguesa e a perda de controle dos homens sobre suas próprias relações sociais é um resultado implacável da fissura entre valor de uso e valor da mercadoria. Esta irracionalidade de modo algum pode ser atribuída a uma hipotética natureza irracional do homem. É desta objetiva divisão irracional do trabalho dentro da sociedade que Marx irá, lentamente, desvelar os fundamentos da irracionalidade da sociedade moderna e de suas crises de superprodução.

### 1.3. O DINHEIRO

Nesta parte Marx irá descrever as várias funções assumidas pelo dinheiro no processo de troca. Para simplificar a exposição tomará o ouro como o próprio dinheiro.

---

[156] OC Ia, p. 85. MEW 23, p. 107/108.

### 1.3.1. Medida dos valores

> *A primeira função do ouro consiste em fornecer ao mundo das mercadorias o material para sua expressão de valor ou em representar os valores das mercadorias como grandezas de mesma denominação, qualitativamente iguais e quantitativamente comparáveis. Assim, ele funciona como medida geral dos valores [allgemeines Maß der Werte] e é apenas por meio dessa função que o ouro, a mercadoria equivalente específica [spezifische Äquivalentware], se torna inicialmente dinheiro.*[157]

A primeira determinação, a mais simples, recebida pelo ouro em seu papel de dinheiro é servir como medida geral e ideal dos valores. O ouro não é ainda dinheiro em sua plenitude, ele funciona apenas como expressão ideal do valor, como forma de manifestação ideal de certo quantum de trabalho humano. *"Dinheiro, como medida de valor [Wertmaß], é forma necessária de manifestação [notwendige Erscheinungsform] da medida imanente do valor [immanenten Wertmaßes] das mercadorias: o trabalho"*[158]. Dinheiro funciona, assim, como o preço da mercadoria, como a medida de seu valor fixada na cotação de uma lista de preços. Como medida ideal do valor na forma preço, o dinheiro atua apenas idealmente e não diretamente na relação de troca entre as mercadorias. *"Em sua função de medida de valor, o dinheiro serve, portanto, como dinheiro apenas imaginário ou ideal [ideelles Geld]"*[159]. Nesta forma o dinheiro atua ainda como dinheiro de conta [Rechengeld], como dinheiro que conta e registra documentalmente a riqueza da nação.

*"O preço é a denominação monetária do trabalho objetivado na mercadoria"*[160]. Porém, daí não se pode deduzir uma relação absolutamente congruente entre valor e preço. Se um quarter de trigo expressa seu valor em 2 libras esterlinas, este será seu preço. Porém, se o mesmo quarter de trigo expressar-se em 3 ou 1 libra esterlina, estes do mesmo modo formarão seu novo preço. *"Essa circunstância não depende da*

---

[157] OC Ia, p. 86. MEW 23, p. 109.
[158] OC Ia, p. 86. MEW 23, p. 109.
[159] OC Ia, p. 87. MEW 23, p. 111.
[160] OC Ia, p. 91. MEW 23, p. 116.

*vontade do produtor do trigo nem da de outros possuidores de mercadorias"*[161]. Essa circunstância, como já vimos, está fora do controle dos produtores privados. A formação dos preços é um processo que se realiza por trás das costa dos produtores. *"A grandeza de valor [Wertgröße] da mercadoria expressa [drückt], assim, uma relação necessária imanente a seu processo de formação com o tempo de trabalho social [gesellschaftlichen Arbeitszeit]"*[162]. No processo de transformação do valor em preço já está posta a possibilidade de uma incongruência entre valor e preço pelo simples fato de que o preço é sempre a expressão de um dado quantum de trabalho socialmente necessário e não do quantum de trabalho realmente despendido na produção. Se 2 libras esterlinas expressam o valor de um quarter de trigo, isto deve-se à circunstância de que o tempo de trabalho despendido na produção do trigo corresponde ao tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Se ele pode ser vendido acima ou abaixo deste preço deve-se à circunstância de que seu tempo particular de produção está abaixo ou acima do tempo socialmente necessário à produção de um quarter de trigo.

No conceito de tempo de trabalho socialmente necessário estão implicados dois momentos fundamentais do processo de produção. De um lado o tempo que conta na formação do preço é o tempo médio socialmente despendido na produção. Um quarter de trigo pode ser vendido a 2 libras esterlinas porque seu tempo particular de produção equivale ao tempo médio socialmente necessário. Se ele deve ser vendido a 3 libras, então seu tempo particular de produção está necessariamente acima do tempo médio e se ele deve ser vendido a uma libra esterlina, então seu tempo médio está necessariamente abaixo do tempo médio. Isto por um lado. De outra parte, o tempo socialmente necessário não se reduz unicamente ao tempo despendido na produção. Este tempo médio está determinado também pelo tempo socialmente exigido pela sociedade na produção de determinado artigo. O trigo pode ser vendido pelo seu valor não apenas porque nele se despendeu o quantum médio de trabalho social, mas, também, porque este é o quantum de trabalho que a sociedade exigia que se dedicasse à produção de trigo, porque este é o tempo de trabalho dedicado à produção de trigo necessário para se produzir todo o trigo suficiente para atender as necessidades da sociedade. O trigo, assim, pode realizar integralmente seu valor em 2 libras esterlinas porque todo o trigo produzido foi exatamente o suficiente para

[161] OC Ia, p. 91. MEW 23, p. 117.

atender a procura por ele. Se ele pode ser vendido excepcionalmente por 3 libras, isto significa que ele não apenas foi produzido em condições sociais abaixo da média mas, também, que ele foi produzido abaixo da procura, abaixo da necessidade social. Se ele foi vendido a uma libra, então, fora produzido em excesso. Sua oferta superou a procura porque na produção do trigo foram despendidas mais horas de trabalho que o exigido pelas necessidades sociais[163].

> *A possibilidade de uma incongruência quantitativa [quantitativer Inkongruenz] entre o preço e a grandeza de valor ou da divergência entre o preço e a grandeza de valor é, portanto, inerente à própria forma preço. Isso não é um defeito dessa forma, mas torna-a, ao contrário, a forma adequada a um modo de produção em que a regra somente pode impor-se como lei cega da média à falta de qualquer regra.*[164]

A possibilidade dessa incongruência quantitativa da forma preço expressa a possibilidade da incongruência, não apenas entre valor e preço, mas, já, entre produção e consumo. Uma crise de superprodução aparece assim como uma possibilidade emanada da própria possibilidade de uma incongruência entre valor e preço. A crise mesma não aparece como um defeito da sociedade burguesa, mas, muito mais, como o único momento socialmente capaz de adequar a produção ao consumo e o preço ao valor. A lei cega que se impõe sobre todos os produtores privados regulando suas atividades é aqui, a própria crise expressa numa linguagem metafórica. Na falta de uma regra comum entre todos os produtores, na falta de um plano social que adeqüe a produção ao consumo e o preço ao valor, aparece a crise em sua cega e bárbara necessidade impondo a todos os produtores um nível de produção que corresponda às necessidades do consumo social. A crise não aparece, portanto, como algo arbitrário e casual, como um defeito da sociedade burguesa, ela aparece como *"a forma adequada a um modo de produção em que a regra somente pode impor-se como lei cega da média à falta de qualquer regra"*. Como já observamos

---

[162] OC Ia, p. 91. MEW 23, p. 117.
[163] Sobre o papel do valor de uso e da procura na determinação do valor das mercadorias veja-se Roman Rosdolsky, op. cit., ps. 101 a 125.
[164] OC Ia, p. 91. MEW 23, p. 117.

anteriormente, apesar da violência da crise e da catástrofe que se impõe igualmente a todos os produtores privados, ela aqui aparece como um momento positivo da sociedade burguesa, como o único modo de adequar a incongruência entre produção e consumo social.

### 1.3.2. Meio de circulação

#### a. A metamorfose das mercadorias

Marx abre esta parte do processo expositivo com uma interessante observação sobre o movimento desenvolvido até aqui. Diz ele:

> *viu-se que o processo de troca das mercadorias encerra relações contraditórias e mutuamente exclusivas. O desenvolvimento das mercadorias não suprime essas contradições [Widersprüche], mas gera a forma [Form] dentro da qual elas podem mover-se. Esse é, em geral, o método com o qual contradições reais [wirkliche Widersprüche] se resolvem. É uma contradição [Widerspruch], por exemplo, que um corpo caia constantemente em outro e, com a mesma constância, fuja dele. A elipse é uma das formas de movimento em que essa contradição [Widerspruch] tanto se realiza como se resolve.*[165]

O surgimento do dinheiro, forma superior em que se manifesta o valor de troca, não faz desaparecer as contradições presentes na mercadoria, ao contrário, em parte as supera, mas, por outro lado, as repõe em um patamar superior. O dinheiro resolve certas contradições contidas nas trocas, mas, contudo, recria outras superiores. A contradição da mercadoria não é abolida verdadeiramente pela forma dinheiro, este apenas recria condições mais favoráveis para que esta contradição se desenvolva mais universalmente. Nesta condição, o dinheiro funciona como meio de circulação, como um lubrificante que permite às trocas fluírem mais livremente em meio às suas próprias contradições, sem, contudo, aboli-las efetivamente.

---

[165] OC Ia, p. 92. MEW 23, p. 118/119.

A princípio as mercadorias chegam ao mercado sob sua forma natural sem brilho. Ao se porem em relação com outras mercadorias diferentes, duplicam-se em valor de uso e valor de troca em mercadoria e dinheiro. Com esta duplicação surge o ouro na função de dinheiro para dar a fluidez necessária à realização das trocas. *"Esse processo produz uma duplicação [Verdopplung] da mercadoria em mercadoria e dinheiro, uma antítese externa [äußeren Gegensatz], dentro da qual elas representam [darstellen] sua antítese imanente [immanenten Gegesatz] entre valor de uso e valor"*[166]. Nos *Grundrisse* esta antítese aparece pondo em risco a normalidade do processo de troca. *"O simples fato de que a mercadoria tenha uma dupla existência [uma vez como mercadoria e outra vez como dinheiro J.A]... esta dupla e distinta existência deve passar a ser diferença [Unterschied], e a diferença deve passar a ser oposição [Gegensatz] e contradição [Widerspruch]"*[167]. A dupla existência da mercadoria, primeiro como riqueza sob forma natural particular determinada e segundo, como riqueza sob a forma social, universal e indeterminada do dinheiro *"implica desde o princípio a possibilidade [Möglichkeit] de que estas duas formas de existência separadas da mercadoria não sejam reciprocamente conversíveis"*[168].

No mesmo instante em que a antítese interna entre valor de uso e valor desdobra-se exteriormente na antítese entre mercadoria e dinheiro, a mercadoria lança uma parte de sua própria personalidade para fora dela. A natureza dúplice da mercadoria só se completa agora, na medida em que sua outra metade separada, autônoma e existente fora dela for convertida novamente no par inseparável da mercadoria. Como a mercadoria existe sob a forma de riqueza particular e o dinheiro sob a forma de riqueza universal, abre-se a possibilidade da mercadoria não se converter na forma universal do dinheiro. *"A conversibilidade da mercadoria depende das propriedades naturais do produto; a do dinheiro coincide com sua existência de valor de troca simbolizado. Pode ocorrer então que a mercadoria sob sua forma determinada de produto não possa já ser trocada, equiparada com sua forma universal de dinheiro"*[169]. A conversão da mercadoria em dinheiro é a conversão de uma forma natural, particular e determinada da riqueza na forma

---

[166] OC Ia, p. 93. MEW 23, p.119.
[167] Grundrisse I, p. 72. MEW 42, p. 81/82.
[168] Grundrisse I, p. 72/73. MEW 42, p. 82.
[169] Grundrisse I, p. 73. MEW 42, p.82.

social, universal e indeterminada dela. Para a mercadoria esta conversão é a passagem de uma forma inferior para uma forma superior de riqueza. Para o dinheiro, porém, sua conversão em mercadoria é a mudança de uma forma superior para uma inferior de riqueza. Por isso o dinheiro não tem a mesma pressa da mercadoria para realizar a conversão de forma. Como o dinheiro atua como representação universal e autônoma da riqueza, *"a própria equiparação passa a depender de condições externas, tornando-se portanto fortuita"*[170].

Postas nesta antítese com o dinheiro, as mercadorias devem converter-se em objetos de uso para outros e valor de troca para seu possuidor. Nesta imediatez, os produtores se põem inicialmente numa relação simples de troca. O tecelão se põe frente ao possuidor do dinheiro com a intenção de vender seu linho, que para ele não possui qualquer valor de uso direto, para em seguida reconverter o dinheiro conseguido em um novo valor de uso: *"... homem de velha cepa [diz ironicamente Marx] troca as 2 libras esterlinas, por sua vez, por uma Bíblia familiar do mesmo preço"*[171]. O tecelão, por meio do qüiproquó da troca, converteu seu linho, que para ele não possuía valor de uso, em Bíblia, que agora satisfaz uma necessidade da fantasia religiosa. A refinadíssima e sutil crítica de Marx à mercadoria pode ser percebida nestes simples e inocentes exemplos. O estúpido tecelão dedica parte de seu tempo de vida fabricando linho unicamente com a intenção de satisfazer a fútil necessidade da fantasia religiosa. Nesta simples troca, seu nobre trabalho de fabricar linho, e através dele satisfazer uma necessidade real da humanidade, equiparou-se à duvidosa nobreza do fabricante de Bíblia que pouca utilidade real pode ter para os homens. O fabricante de Bíblia, por sua vez, para quem a Bíblia não possui nenhum valor de uso direto, irá em seguida converter suas 2 libras esterlinas em aguardente. Enquanto o tecelão intoxica seu espírito com a leitura da Bíblia, o próprio produtor de Bíblias se deleita com os pecados do aguardente. Fabricar Bíblia para ele é um mero meio de obter cachaça.

A dignidade de um e outro produtor é inteiramente engolida pela indignidade da forma mercadoria. Marx, que tão pouco, ou quase nada escreveu sobre a moral burguesa, ele mesmo a desprezava, aparece aqui, com esta sutileza de análise, demonstrando a verdadeira fonte da imoralidade burguesa: a mercadoria e não os homens. Os homens,

---

[170] Grundrisse I, p. 73. MEW 42, p. 82.
[171] OC Ia, p. 93. MEW 23, p. 120.

como vimos anteriormente, foram transformados em meros agentes de um processo que eles mesmos não controlam. Quem os controlam é a imoralidade da forma mercadoria.

*"Não conhecemos, até agora, nenhuma outra relação econômica dos homens além da de possuidores de mercadorias, uma relação em que eles somente se apropriam do produto do trabalho alheio, alienando o próprio"*[172]. Apesar da imoralidade da forma mercadoria, os homens até aqui se apropriaram unicamente do trabalho alheio alienando seu próprio trabalho. Não há até este momento do processo de exposição enriquecimento privado que não seja enriquecimento surgido do próprio trabalho. Os homens foram tomados até aqui de modo puramente abstrato, quem existe, existe unicamente sob a forma de vendedor ou de comprador e ambos são, ainda, produtores dos produtos que vendem. Ambos se põem como vendedor ou comprador apenas porque são produtores. Como produtores livres e independentes alienam seu produto no mercado por dinheiro ou, por meio dele, por qualquer outra mercadoria.

Segundo a forma, o intercâmbio pode ser expresso como Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria: M-D-M. Segundo o conteúdo material, porém, deve ser expresso como Mercadoria – Mercadoria: M-M. O dinheiro atua aqui como mero meio de intercâmbio, ele não é a finalidade da troca. A mercadoria e o valor de uso são a finalidade da troca. M-D-M, como forma do processo de troca, pode ser decomposto em dois momentos singulares, momentos que em sua unidade formam o próprio ato da troca. De um lado, M se converte em D, e de outro, D se converte em M. M-D – D-M. De um lado M é trocada por D, a mercadoria é vendida. De outro, D troca-se por M, a mercadoria é comprada. O processo de troca se divide, assim, em dois momentos antitéticos e complementares. Momentos que expressam nada menos que a própria antítese entre valor de uso e valor imanente à mercadoria. A bifurcação da troca em dois momentos antitéticos, separados e complementares expressa exteriormente nada menos que a bifurcação interna da mercadoria em valor de uso e valor.

Analisemos então os dois momentos isolados. *"M-D. Primeira metamorfose da mercadoria ou venda. O salto do valor da mercadoria, do corpo da mercadoria para o corpo do ouro, é... o salto mortal da mercadoria. Caso ele falhe, não é a mercadoria que é*

[172] OC Ia, p. 96. MEW 23, p. 123.

*depenada, mas, sim, o possuidor dela"*[173]. A mercadoria, como coisa, mesmo que cante, dance, chore etc., em nada é afetada se acaso não se converter em dinheiro. O produtor dela, contudo, mesmo que não cante, não dance e não chore e, apesar de viver apenas para a produção, será depenado e dançará a música do mercado caso sua mercadoria não se converter em dinheiro. A mercadoria, mesmo que possua pernas, não se lançará enlouquecida pela janela de um alto edifício, nem tampouco, mesmo que possua pescoço, enrolará nele uma corda e se jogará desesperada de cima de uma árvore porque não encontrou comprador para si. As penas sofridas pela falta de comprador são sofridas exclusivamente por seu agente econômico.

Como vimos, para o produtor sua mercadoria não possui nenhum valor de uso direto, para ele seu valor de uso é apenas *"portador do valor de troca"*, sua mercadoria não possui para ele nenhuma utilidade que não seja a de capacitá-lo para o valor de troca. Este, porém, o dinheiro, *"encontra-se em bolso alheio. Para tirá-lo de lá, a mercadoria tem de ser, sobretudo, valor de uso para o possuidor do dinheiro, que o trabalho despendido nela, portanto, tenha sido despendido em forma socialmente útil ou que se confirme como elo da divisão social do trabalho"*[174]. *Mas a* divisão social do trabalho, contudo, *"é um organismo de produção que se desenvolveu naturalmente e cujos fios se teceram e continuam a tecer-se às costas dos produtores de mercadorias"*[175]. A grande contradição da qual o produtor privado de mercadorias está enredado sem conseguir se livrar reside exatamente nisto: seu produto só possui valor de uso para outros, para servir como valor de uso para outros, contudo, ele precisa ser lançado no qüiproquó infernal das trocas. No mercado, apenas casualmente poderá encontrar um possuidor de dinheiro carente de seu produto. No mercado o possuidor da mercadoria se põe frente ao possuidor de dinheiro como aquele que pretende trocar uma forma restrita da riqueza pela sua forma universal. A contradição entre vendedor e comprador é aí evidente.

Como produto de um trabalho privado, a mercadoria obterá reconhecimento social somente após o processo da troca. Como produtor privado o produtor de mercadorias organiza seu negócio sem consultar a sociedade sobre a necessidade ou não de sua atividade. A sociedade só lhe dará uma resposta *post festum*, após a conclusão, ou não, da

[173] OC Ia, p. 94. MEW 23, p. 120.
[174] OC Ia, p. 94. MEW 23, p. 121.
[175] OC Ia, p. 94. MEW 23, p. 121.

venda. E aí o risco de encontrar excesso de vendedores de uma mesma mercadoria é um risco apreciável para o produtor. Risco possibilitado pela natureza da própria produção privada. Aqui, produção privada é exatamente produção privada de planejamento social, produção privada da segurança que uma ordem racional poderia oferecer. *"Se a necessidade social de linho, e ela tem sua medida como tudo mais, estiver saturada por tecelões rivais, o produto de nosso amigo torna-se excedente, supérfluo e com isso inútil"*[176]. E a inutilidade da mercadoria será revelada apenas *post festum* na crise por excesso de linho e tecelões.

*"Para sua infelicidade [ironiza Marx], há muitos tecelões no mundo"*[177]. Infelicidade que o tecelão gostaria de abolir, mas não consegue. Para isto teria que abolir sua própria condição de produtor privado. *"Se o estômago do mercado não pode absorver o quantum total de linho, ao preço de 2 xelins por vara, isso comprova que foi despendida parte excessiva do tempo de trabalho social total em forma de tecelagem de linho"*[178]. O excesso de linho em circulação além da capacidade de absorção do mercado comprova que há excesso de tecelões em relação à demanda social total por linho. Significa que há um ramo da divisão social do trabalho que se desenvolveu além da necessidade social, que há uma desproporção entre o quantum de trabalho aplicado neste ramo e o quantum exigido pelas necessidades sociais. Desproporção que será inevitavelmente corrigida pelas leis cegas da sociedade burguesa. A crise nesse ramo seria inevitável.

Na possibilidade da mercadoria não realizar sua metamorfose em dinheiro está dada a primeira possibilidade de crise da mercadoria. É ainda uma possibilidade formal e abstrata para a crise, contudo, é uma possibilidade que surge da contradição entre valor de uso e valor interiorizada na própria mercadoria e sua inevitável necessidade de expressar-se externamente na forma de mercadoria e dinheiro: *"quando dizemos que a forma simples da metamorfose encerra a possibilidade da crise [Möglichkeit der Krise], expressamos apenas que nessa própria forma está a possibilidade [Möglichkeit] da ruptura e da dissociação de fases que na essência são complementares"*[179]. Se a troca entre os produtores fosse direta, na forma de escambo, de produto por produto, sem intermediação do dinheiro, e não

---

[176] OC Ia, p. 94. MEW 23, p. 121.
[177] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 121.
[178] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 121.
[179] Karl Marx: ***Teorias da Mais-valia***, Tomo II. S.P: Editora Difel, 1980, p. 944. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. ***Marx Engels Werke.*** Band 26.2. Berlim: Dietz Verlag, 1967, p. 509.

exigisse essa mudança de forma da mercadoria em dinheiro, não haveria nenhuma possibilidade de crise oriunda do sistema de trocas.

A possibilidade formal da crise que surge da possibilidade da metamorfose da mercadoria em dinheiro não se realizar, constitui um momento crítico para a mercadoria apenas porque em sua forma originária a mercadoria é, contraditoriamente, valor de uso e valor e para servir a outro é condição vital do processo que a mercadoria seja comprada. A necessidade da mercadoria se desdobrar externamente em mercadoria e dinheiro e a possibilidade do dinheiro se autonomizar frente à mercadoria está na raiz desta primeira possibilidade de crise.

Nos regimes de produção em que o valor de uso é predominante, a troca aparece apenas como ato ocasional, como troca de excedentes, e se acaso os produtores diretos não encontrarem compradores o processo de produção não se interrompe. Porém, quando a divisão social do trabalho se expande e as trocas deixam de ser ocasionais para tornarem-se o móvel da produção, quando o produto deixa de ser um simples valor de uso para se transformar em mercadoria, *"a conversão do produto em dinheiro, a venda, é conditio sine qua non. Cessa a produção imediata para as próprias necessidades. Então, se não se vende, surge a crise"*[180].

Como a conversão do produto em dinheiro determina agora o andamento normal da produção, se os produtores de mercadorias não encontrarem no mercado a segunda metade da mercadoria disposta a realizar sua metamorfose, todo o processo de produção pode entrar em colapso. Os produtores ficam na dependência dos possuidores de dinheiro porque o *"dinheiro não se apresenta como produto do trabalho individual, e quem vendeu, e portanto possui a mercadoria na forma de dinheiro, não é por sua vez forçado a comprar logo, a reconverter o dinheiro em produto particular do trabalho individual"*[181].

A ambiguidade contraditória da mercadoria em existir, por um, lado como forma particular e limitada da riqueza e, por outro, como forma universal e sempre disponível dela, forma aqui a base fundamental para a primeira possibilidade de crise oriunda da própria mercadoria.

---

[180] Teorias da Mais-valia II, p. 944. MEW 26.2, p. 509/10.
[181] Teorias da Mais-valia II, p. 944/45. MEW 26.2, p. 510.

> *Na troca direta não há essa oposição [Gegensatz]: não pode haver vendedor sem comprador, nem comprador sem vendedor... A dificuldade de transformar a mercadoria em dinheiro, de vender, provêm apenas de a mercadoria ter de se transformar em dinheiro, sem o dinheiro ter de imediato de se converter em mercadoria, e de compra e venda portanto poderem dissociar-se.*[182]

A possibilidade das fases que se contrapõem se separarem durante o processo de circulação das mercadorias e da venda ocorrer sem a sequência necessária da compra, constitui, contudo, apenas a forma mais abstrata da crise ainda sem nenhum conteúdo determinado. Nesta forma de crise não entram ainda em consideração, as condições reais e mais determinadas em que o movimento da circulação se encontra. Nesta forma de crise não se toma ainda mercadoria e dinheiro como produtos do capital. Estes estão ainda pressupostos.

> *Possibilidade geral e abstrata da crise [Allgemeine, abstrakte Möglichkeit der Krise] significa apenas a forma mais abstrata da crise, sem conteúdo, sem o impulso pertinente a esse conteúdo. Compra e venda podem separar-se. Constituem portanto crise em estado potencial [Krise potentia] e sua coincidência continua sempre a ser, para a mercadoria, elemento crítico.*[183]

A crise da mercadoria aparece como mera possibilidade formal e abstrata porque as condições reais e históricas baseadas no capital permanecem ainda apenas pressupostas para nós. Na medida em que a exposição for negando tais abstrações imediatas e pondo em seu lugar as condições mais determinadas da produção capitalista, as classes sociais e as contradições entre elas, a possibilidade abstrata vai ao mesmo tempo se convertendo em possibilidade real para a crise.

> *Assim, a forma mais abstrata da crise [abstrakteste Form der Krise] (e por isso a possibilidade formal da crise) é a metamorfose da própria*

[182] Teorias da Mais-valia II, p. 944/45. MEW 26.2, p. 510.

> *mercadoria... Mas o meio por que essa possibilidade de crise [Möglichkeit der Krise] se torna a crise não se contém nessa própria forma; esta implica apenas em que existe a forma para uma crise.*[184]

A crise da mercadoria pode ser concebida como a crise entre dois amantes onde um, o dinheiro, não vê sua paixão pela forma particular da riqueza da mesma forma como a mercadoria vê no dinheiro, a forma universal da riqueza, o grande amor de sua vida. O dinheiro não ama a mercadoria do mesmo modo que a mercadoria ama o dinheiro. A força da paixão da mercadoria pelo dinheiro é mais intensa que a força da paixão do dinheiro pela mercadoria, daí a crise constante entre eles e a permanente ameaça de separação.

*"Como se vê, a mercadoria ama o dinheiro, mas the course of true love never does run smooth [o curso do verdadeiro amor nunca é suave]"*[185], diz Marx ironicamente citando Shakespeare. Nosso produtor descobre por meio desse qüiproquó todo, que a fonte de sua liberdade privada é a mesma que lhe amarra impiedosamente ao seu outro e ao mercado. A mesma fonte que permite ao produtor privado de mercadorias uma existência independente da sociedade é a que o torna dependente da multidão dos possuidores de dinheiro. O produtor privado de mercadorias encontra sua independência, contraditoriamente, no sistema universal de dependência reificada do mercado.

> *Nossos possuidores de mercadorias descobrem por isso que a mesma divisão do trabalho, que os torna produtores privados independentes, torna independentes deles mesmos o processo social de produção e suas relações dentro desse processo, e que a independência recíproca das pessoas se complementa num sistema de dependência reificada universal [System allseitiger sachlicher Abhängigkeit].*[186]

---

[183] Teorias da Mais-valia II, p. 945. MEW 26.2, p. 510.
[184] Teorias da Mais-valia II, p. 945. MEW 26.2, p. 510.
[185] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 122.
[186] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 122.

De modo trágico, com o excesso de tecelões no mercado, com a crise de superprodução e a falta de compradores para seus produtos, os tecelões descobrem quão ilusória é a aparência de liberdade que eles imaginavam possuir enquanto produtores privados.

Nossos produtores privados de mercadorias descobrem que a cada novo salto no processo de enriquecimento e conversão do produto em dinheiro, cresce não apenas o poder individual de cada um sobre a riqueza nacional mas, sobretudo, o poder universal que o próprio dinheiro exerce sobre a vontade e consciência de cada produtor individualmente. Quanto mais mercadorias são lançadas no mercado em busca de compradores, mais aumenta o poder universal do dinheiro sobre a necessidade de cada vendedor e mais as condições de realização do produto social se convertem em condições fora do controle dos produtores privados. *"Na mesma proporção em que os produtores se convertem em produtores dependentes da troca, esta parece tornar-se independente deles, e parece crescer o abismo entre o produto como tal e o produto como valor de troca"*[187].

Quanto mais as trocas se convertem em trocas por dinheiro mais aumenta a alienação e dependência universal dos produtores frente ao poder incontrolável do dinheiro. *"O que originariamente se apresentava como meio para promover a produção, se converte em uma relação estranha aos produtores"*[188]. O dinheiro, que inicialmente servia como meio de troca, se eleva, junto com o desenvolvimento e generalização da produção de mercadorias, como uma força estranha e impiedosa sobre a multidão de produtores privados ávidos por se apropriarem da universalidade de seu poder.

Quanto mais a produção voltada para o valor de troca se desenvolve, mais se desenvolve junto com ela a autonomia do dinheiro frente às necessidades dos produtores independentes. Quanto mais o dinheiro se converte em meta e finalidade exclusiva da produção, mais aumenta a dependência dos produtores privados frente ao poder universal do dinheiro, por um lado e, por outro, simultaneamente, mais se desenvolve a autonomia do dinheiro frente aos produtores. Quanto mais a produção se subordina ao valor de troca e ao dinheiro mais este domina e determina as necessidades da produção. *"Os indivíduos estão subordinados à produção social, que pesa sobre eles como uma fatalidade; porém a*

[187] Grundrisse I, p. 71/72. MEW 42, p. 81.
[188] Grundrisse I, p. 71. MEW 42, p. 81.

*produção social não está subordinada aos indivíduos e controlada por eles como um patrimônio comum"*[189].

Nesta antítese movem-se nossos produtores privados e independentes entre si. Se por um lado cada capitalista individual organiza seu negócio como um negócio privado a expensas de qualquer planejamento consciente por parte da sociedade, por outro a sociedade, por fios invisíveis e imperceptíveis ao capitalista, subordina e determina os limites da produção às suas próprias necessidades. O capitalista individual só descobre que a sociedade determina em última instância os limites de sua produção privada *post festum*, quando a crise se instala por falta de compradores. *"Por conseguinte, nada é mais falso e absurdo que pressupor, sobre a base do valor de troca, do dinheiro, o controle dos indivíduos associados sobre sua produção global"*[190].

A ausência de um planejamento racional por parte dos indivíduos livremente associados que ligue previamente a meta da produção às necessidades sociais, forma a base irracional das crises de superprodução de mercadorias. *"A conexão e a dependência de todos na produção e no consumo se desenvolvem a par da independência e a indiferença recíproca dos consumidores e dos produtores, dado que tal contradição conduz às crises"*[191]. Frente à indiferença mútua e universal entre os produtores privados e à irracionalidade do capital se levantam as crises econômicas para ajustar a oferta com a demanda social por mercadorias.

Ainda sem remeter às relações de dominação e exploração no interior da fábrica e à existência das classes sociais, estas estão ainda pressupostas, o que aqui existe são apenas produtores privados de mercadorias, livres e autônomos entre si, Marx revela o quanto, ainda na instância do mercado, a liberdade burguesa é uma ilusão frente à produção de mercadorias. Ainda sem penetrar nas relações fundamentais da sociedade burguesa, toda ilusão de liberdade é negada tragicamente pelas crises do mercado, pelas crises por excesso de tecelões. Os homens, ainda na instância do mercado, vivem um regime de liberdade ilusória, um regime de dependência reificada universal. O tecelão necessita avidamente do possuidor de dinheiro para poder saciar sua necessidade por Bíblia, o fabricante desta do mesmo modo necessita do dinheiro para saciar sua necessidade por cachaça. Se o tecelão

[189] Grundrisse I, p. 86. MEW 42, p. 92.
[190] Grundrisse I, p. 86. MEW 42, p. 92.
[191] Grundrisse I, p. 88. MEW 42, p. 94.

não encontrar comprador para seu linho, não poderá comprar a Bíblia do livreiro e este, por sua vez, deixará na mão o proprietário do alambique. A exuberante liberdade dos produtores privados cai por terra ante a simples dependência com o possuidor de dinheiro.

*"A divisão do trabalho transforma o produto do trabalho em mercadoria, tornando, com isso, necessária sua transformação em dinheiro. Ao mesmo tempo, ela torna aleatório [zufällig] o sucesso dessa transubstanciação [Transsubstantiation]"*[192]. A transformação do produto em dinheiro é, por um lado, uma necessidade incontornável para o produtor. De modo algum ele pode livrar-se desta dependência sem negar sua existência como produtor privado e independente. Se por um lado esta transubstanciação do produto em dinheiro é uma necessidade absoluta para seu possuidor, por outro lado, porém, o sucesso efetivo desta conversão é puramente aleatório e casual. Como a divisão social do trabalho baseada na mercadoria separou a produção do consumo, como entre ambos interpõe-se a esfera das trocas, o sucesso da ultrapassagem da mercadoria da esfera da produção à esfera do consumo social transformou-se em um jogo de pura sorte. Da sorte de encontrar dinheiro disponível para a troca. Se por um lado a divisão social do trabalho no interior de cada unidade de produção organiza-se sob um regime científico e racional, no exterior do mercado reina a anarquia e a desordem social. Se no interior da fábrica os diferentes elos da cadeia produtiva ligam-se de modo racional e necessário entre si, no exterior do mercado os diversos elos sociais ligam-se arbitrariamente sem planejamento social algum.

Como a produção de mercadorias não se encerra com o ato da produção, mas prossegue no exterior das trocas, o sucesso da transubstanciação do produto em dinheiro e da realização do valor de uso na esfera do consumo depende inteiramente da sorte. Se houver excesso de produtos em relação à procura social, a conversão do produto em dinheiro deixa de ser mera possibilidade convertendo-se em realidade efetiva apenas para os vendedores que tiverem a sorte de primeiro encontrar tais compradores. O encontro, por isso, entre vendedores e compradores e produção e consumo é um fenômeno puramente aleatório, regido pelo acaso e a sorte. Para que a liberdade do produtor privado se torne efetiva ele precisa vencer a concorrência com o excesso de produtores no mercado. Se o

[192] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 122.

excedente de produtores em relação à procura for muito elevado, abre-se aí a possibilidade de uma crise econômica por excesso de produção.

As crises sociais nesta altura da exposição são postas por Marx unicamente como uma possibilidade. Elas ainda não são vistas em sua efetividade concreta. Marx apenas abre teoricamente as possibilidades para sua realização. Possibilidades que surgem todas da existência dual da mercadoria como valor de uso e valor e da necessidade imanente do valor se converter em valor de troca. *"Mas temos de observar aqui o fenômeno em sua pureza, pressupondo assim seu transcurso normal"*[193]. A efetividade das crises, sua possibilidade real, a passagem da possibilidade abstrata à efetividade concreta, só será exposta por Marx ao longo do processo de exposição dos três livros de *O Capital*. Processo que estamos procurando acompanhar.

Apesar dos possíveis atropelos que o linho possa encontrar para se converter em dinheiro, devemos supor que ele superará todos. Deste modo, linho se converte em dinheiro, a sagrada transubstanciação, como no mito religioso, se realiza sem traumas. A mercadoria se converte na sua figura geral de valor e o dinheiro por sua vez, na figura particular do valor de uso do linho. O linho, do ponto de vista do tecelão, é finalmente vendido e o mesmo, do ponto de vista do possuidor de dinheiro, é finalmente comprado. O linho é, ao mesmo tempo e na mesma relação, comprado e vendido. *"O processo uno [eine Prozeß] é processo bilateral [zweiseitiger Prozeß], do pólo do possuidor de mercadorias venda, do pólo contrário, do possuidor de dinheiro, compra. Ou venda é compra, M-D ao mesmo tempo D-M"*[194]. Realizado o valor do linho no dinheiro do primeiro comprador, o tecelão poderá dirigir-se euforicamente ao mercado da fé e lá converter suas 2 libras esterlinas em Bíblia. A forma abstrata e indeterminada da transação, M-D-M, adquire então um conteúdo determinado: Linho – Dinheiro – Bíblia. Linho se metamorfoseia inicialmente em dinheiro apenas com a intenção de logo em seguida se transubstanciar em Bíblia.

Realizado este primeiro ato da troca, Marx então analisa o segundo momento da metamorfose.

---

[193] OC Ia, p. 95. MEW 23, p. 122.
[194] OC Ia, p. 95/96. MEW 23, p. 122.

> *D-M. Metamorfose segunda ou final da mercadoria: compra. Por ser a figura alienada de todas as outras mercadorias ou o produto de sua alienação geral, é o dinheiro a mercadoria absolutamente alienável. Ele lê todos os preços ao revés e se reflete, assim, em todos os corpos das mercadorias como o material ofertado à sua própria conversão em mercadoria.*[195]

Realizada a venda do linho o tecelão agora satisfeito pode dirigir-se tranqüilamente ao mercado da fé para encontrar-se com o vendedor de Bíblias. Como mercadoria absolutamente alienável, o ouro em posse do tecelão, contudo, já não possui a mesma pressa do linho para ser alienado. O próprio tecelão, que antes agoniava-se à espera do dinheiro, é agora indiferente à situação do vendedor de Bíblias, pouco importa para ele se há poucos ou muitos vendedores de Bíblias. Seu produto agora não é mais um produto particular, seu produto é agora representante geral da riqueza, podendo guardá-lo alegremente no bolso a espera do vendedor de Bíblias. Este aparece e agora, mediado pelo dinheiro em sua função de meio de circulação, o linho finalmente se metamorfoseia em Bíblia. O vendedor de Bíblia, de posse da forma fluída do dinheiro converte-o em aguardente. Lateralmente ao linho, surge uma nova relação simples de troca entre Bíblia - Dinheiro e Aguardente. *"Uma venda desemboca, por isso, em muitas compras de várias mercadorias. A metamorfose final de uma mercadoria constitui, assim, uma soma de primeiras metamorfoses de outras mercadorias"*[196].

Observando a metamorfose total [Gesamtmetamorphose] de uma mercadoria, vemos *"que consiste em dois movimentos que se opõem [entgegengesetzten] e se completam mutuamente [einander ergänzenden], M – D e D - M"*[197]. O importante aqui é perceber que o processo completo da troca consiste num processo uno e dúplice simultaneamente. Uno porque compreende tanto a venda quanto a compra simultaneamente, porque não existe venda sem a simultaneidade da compra, e dúplice porque tanto a venda quanto a compra podem ser separadas não apenas conceitualmente mas, também, temporal e espacialmente. Com esta duplicidade Marx está nos preparando

---

[195] OC Ia, p. 96/97. MEW 23, p. 124.
[196] OC Ia, p. 97. MEW 23, p. 125.
[197] OC Ia, p. 97. MEW 23, p. 125.

para compreender uma nova possibilidade de crises, a possibilidade destes momentos se separarem espacial e temporalmente durante um período excessivamente prolongado. Assim como a venda do linho está temporalmente separada da compra da Bíblia, ambos, linho e Bíblia, estão ainda separados espacialmente em mercados distintos. A conversão de linho em dinheiro e deste em Bíblia é o ato em que estes momentos são arrancados de seu isolamento e ligados um ao outro. A possibilidade destes momentos não se ligarem entre si abre uma nova possibilidade de crise. Possibilidade que, como todas as outras, advém do caráter dual da mercadoria. A possibilidade destes momentos não se ligarem surge da circunstância de que agora o ato da circulação bifurcou-se em dois atos contraditórios espacial e temporalmente separados. *"Assim, já na determinação do dinheiro como mediador, e na cisão da troca em dois atos, está o gérmen das crises, pelo menos sua possibilidade, a qual não pode ser realizada senão quando existem as condições fundamentais da circulação em seu desenvolvimento clássico, correspondente a seu conceito"*[198].

Apesar do tecelão trocar seu trigo por dinheiro apenas com a intenção de convertê-lo em Bíblia, esta modalidade de troca não pode ser concebida como um intercâmbio direto de produtos. No intercâmbio direto de produto por produto, a Bíblia serve diretamente não apenas como valor de troca do linho, mas, também, como objeto de satisfação imediata para o tecelão. Não há nesta modalidade de troca circulação de produtos, pois ambos saem da esfera das trocas e entram diretamente na esfera do consumo. Com a intermediação do dinheiro, este permanece circulando de mão em mão, de produtor em produtor, sem se depositar fixamente no bolso de nenhum deles. Tecelão e fabricante de Bíblias não se põem diretamente em relação de troca, ambos são mediados pela forma ofuscante do dinheiro. Este não traz escrito em sua testa o que era antes de ser dinheiro, se linho, Bíblia ou aguardente, o dinheiro chega até as mãos dos produtores de linho e Bíblia sem idade ou registro de nascimento. Sua única marca é a de ser equivalente geral de troca. Por trás do dinheiro esconde-se uma multidão intrincada de relações de trocas que os próprios produtores desconhecem. No dinheiro todas as relações sociais foram dissolvidas magicamente. No intercâmbio mediado pelo dinheiro tanto as limitações temporais ou espaciais são superadas, quanto as próprias relações sociais entre os homens se desfiguram

[198] Grundrisse I, p. 132. MEW 42, p. 128.

de maneira incontrolável. *"Por um lado, vê-se aqui como o intercâmbio de mercadorias rompe as limitações individuais e locais do intercâmbio direto de produtos e desenvolve o metabolismo do trabalho humano. Por outro lado, desenvolve-se todo um círculo de vínculos naturais de caráter social, incontroláveis pelas pessoas atuantes"*[199]. Se por um lado o dinheiro supera as barreiras temporais e espaciais da forma mercadoria, elevando a produção social a níveis nunca imaginados por formas não mercantis de produção, por outro lado, ele lança estes mesmos homens a viverem sob uma teia intrincada de relações sociais que os homens mesmos desconhecem e não controlam. Teia intrincada que, ao contrário, lhes controlam e dominam de modo fantástico.

Da circunstância de que a troca simples pode ser concebida, apesar da mediação do dinheiro, como uma troca que se realiza com o objetivo do valor de uso e da circunstância de que o tecelão troca seu linho por dinheiro apenas com a intenção de convertê-lo em Bíblia, a economia política vulgar e o insosso Jean Baptiste Say, e ainda o grande Ricardo seguindo ingenuamente as pegada de Say, concebem a troca simples como uma troca realizada diretamente de produto por produto. Abstraindo a formalidade mediadora do dinheiro a economia política vulgar acredita que o linho troca-se diretamente por Bíblia. Dessa concepção absurda Say e Ricardo acreditavam ser impossível um desequilíbrio entre produção e consumo e daí, a superprodução de mercadorias, pois para ambos, produtos se trocam diretamente por produtos, apesar da mediação formal do dinheiro.

> *Nada pode ser mais ridículo [exclama Marx contra Say e Ricardo] que o dogma de que a circulação de mercadorias condiciona um equilíbrio necessário entre as vendas e as compras, porque cada venda é compra e vice-versa. Se isso significa que o número das vendas efetivamente realizadas é igual ao mesmo número de compras é uma trivial tautologia. Mas a intenção é provar que o vendedor conduz seu próprio comprador ao mercado.*[200]

---

[199] OC Ia, p. 98. MEW 23, p. 126.
[200] OC Ia, p. 98/99. MEW 23, p. 127.

Say e Ricardo não acreditavam na possibilidade de uma superprodução de mercadorias por carência de compradores porque acreditavam na unidade metafísica entre oferta e demanda. Como na circulação simples de mercadorias todo vendedor é simultaneamente comprador acreditavam que oferta e demanda uniam-se imediatamente uma com a outra. *"Ninguém pode vender, sem que outro compre. Mas ninguém precisa comprar imediatamente apenas por ter vendido"*[201] diz Marx. Na doce harmonia dos mercados de Say-Ricardo a possibilidade de uma dissociação temporal e espacial dos atos de compra e venda é substituída pela unidade matemática e logicamente comprovada dos atos de compra e venda. Como aquele que vende é simultaneamente comprador, no mesmo instante e na mesma relação, Say e Ricardo tiram daí a errada conclusão de que não é possível uma dissociação real, temporal e espacial, entre compra e venda. Como o vendedor de linho pode ser concebido, no mesmo instante em que vende e na mesma relação, como um comprador de dinheiro e este, da mesma forma, no mesmo instante e na mesma relação em que compra, como um vendedor de dinheiro, Say e Ricardo concluem que é formalmente impossível uma dissociação entre oferta e demanda de mercadorias. Essa unidade meramente formal entre compra e venda é suficiente para que ambos, e depois deles toda a economia política vulgar que os sucederam, concebam a impossibilidade de uma dissociação real entre oferta e demanda no tempo e no espaço. E por tempo e espaço aqui, devemos tomar o tempo e o espaço do nada diminuto mercado mundial capitalista. *"A razão pela qual se refugiam nesta abstração [exceto Ricardo J.A] está no fato de que no desenvolvimento real nascem contradições que são desagradáveis para a apologética do common sense burguês, e que por isso devem ser ocultadas"*[202].

Do ponto de vista formal, o ponto de vista de Say e Ricardo, um hipotético fabricante de linho indiano está conectado diretamente com outro hipotético fabricante de Bíblias inglês. Do ponto de vista real, ambos foram abstraídos pela doce lógica da harmonia dos mercados. *"A circulação rompe as barreiras [Schranken] temporais, locais e individuais do intercâmbio de produtos precisamente porque parte [spaltet] a identidade imediata [unmittelbare Identität] que existe aqui entre a alienação do próprio produto de trabalho e a aquisição do alheio, na antítese [Gegensatz] entre venda e compra"*[203] (99).

---

[201] OC Ia, p. 99. MEW 23, p. 127.
[202] Grundrisse I, p. 132. MEW 42, p. 128.
[203] OC Ia, p. 99. MEW 23, p. 127.

Antítese que a lógica da não-contradição de Say, Ricardo e a economia vulgar, fingem não enxergar.

> *Que os processos, que se confrontam autonomamente, formem uma unidade interna [innere Einheit], significa por outro lado que a sua unidade interna [innere Einheit] se move em antíteses externas [äußeren Gegensätzen]. Se a autonomização externa dos internamente não-autônomos [äußerliche Verselbständigung der innerlich Unselbständigen] por serem mutuamente complementares se prolonga até certo ponto, a unidade se faz valer de forma violenta, por meio de uma – crise [Krise].*[204]

No raciocínio de Say e Ricardo está subjacente a idéia burguesa do equilíbrio metafísico entre compra e venda, idéia que só considera a unidade formal e não a separação real, temporal e espacial, dos diferentes momentos da troca. Nesta idéia de equilíbrio a venda, M-D, converte-se imediatamente em D-M, a compra. Esta metafísica não aceita a possibilidade de M-D-M se dissociar no tempo e no espaço em duas fases autônomas e contrapostas como M-D e D-M. Em Ricardo, ainda, o dinheiro é concebido apenas como meio de troca e circulação das mercadorias e nunca como meta final da produção capitalista.

Na concepção harmonicista de Say e Ricardo,

> *escamoteiam-se as crises, deixando-se de lado ou negando-se os primeiros requisitos da produção capitalista: a existência do produto como mercadoria, a bifurcação da mercadoria em mercadoria e dinheiro, os daí oriundos momentos da separação [Momente der Trennung] na troca das*

---

[204] OC Ia, p. 99. MEW 23, p. 127. *"É absolutamente necessário que os elementos separados violentamente e que são essencialmente homogêneos, se mostrem através de uma violenta irrupção, como separação de algo que é essencialmente homogêneo. A unidade se restabelece violentamente. Quando a cisão antagônica leva a irrupções, os economistas fazem notar a unidade essencial e fazem abstração da alienação. Sua sabedoria apologética consiste em esquecer-se em todos os momentos decisivos de suas próprias definições".* Grundrisse I, p. 75. MEW 42, p. 84.

> *mercadorias, enfim, a relação do dinheiro ou mercadorias com o trabalho assalariado.*[205]

Ao escamotear-se tais requisitos fundamentais da sociedade moderna, com Say e Ricardo

> *recua-se à era anterior à produção capitalista e mesmo à anterior à produção simples de mercadorias, e nega-se o fenômeno mais intrincado da produção capitalista — a crise do mercado mundial —, escamoteando-se a primeira condição da produção capitalista, a saber, que o produto tem de ser mercadoria, de se representar por isso em dinheiro e passar pelo processo de metamorfose.*[206]

Da mesma forma que o valor de troca na forma fluida do dinheiro ganhara uma relativa e considerável autonomia frente ao valor de uso e à mercadoria, autonomia que se expressa em seu desprendimento à qualquer forma imediata de riqueza, também a produção pode ganhar uma certa, e considerável, autonomia relativa frente ao consumo imediato do produto. Esta autonomia da produção, porém, se ultrapassar o ponto limite permitido terá que ser violentamente ligada ao consumo mediante uma crise econômica. Esta tendência imanente à mercadoria em converter a autonomia relativa da produção frente ao consumo numa autonomia absoluta é constantemente negada pelas crises. A crise surge com a função de religar os elos autônomos que se distanciaram de modo exagerado. A antítese entre valor de uso e valor e trabalho privado e social, imanente à mercadoria, assume nas antíteses da metamorfose das mercadorias suas formas desenvolvidas de movimento. *"Essas formas [Formen] encerram, por isso, a possibilidade [Möglichkeit], e somente a possibilidade das crises [Möglichkeit der Krisen]. O desenvolvimento dessa possibilidade [Möglichkeit] até sua realidade [Wirklichkeit] exige todo um conjunto de condições que, do ponto de vista da circulação simples de mercadorias, ainda não existem, de modo algum"*[207].

---

[205] Teorias da Mais-valia II, p. 937. MEW 26.2, p. 502.
[206] Teorias da Mais-valia II, p. 937. MEW 26.2, p. 501/02.
[207] OC Ia, p. 99. MEW 23, p. 128.

A passagem da possibilidade abstrata das crises à sua realidade exige, simultaneamente, que se realize a passagem da análise abstrata da sociedade burguesa à sua análise efetiva, que se exponha a análise das classes, da luta de classes e da concorência, enfim, a análise das condições concretas da produção. Condições que, contudo, permanecem ainda apenas pressupostas para Marx. Nesta esfera da circulação simples da mercadoria capitalistas e trabalhadores existem sob a forma abstrata de vendedores e compradores de mercadorias, o intercâmbio não tem como objetivo o valor de troca, mas apenas o valor de uso. O dinheiro ainda não está posto como um fim em si mesmo, mas apenas como meio de circulação. Ou seja, as condições efetivas em que se realiza o processo de produção e circulação capitalista ainda não estão postos, estão apenas pressupostos.

Em nota de rodapé, criticando as vulgaridades de Say que pensa poder dar um veredicto sobre a sociedade burguesa julgando-a a partir de suas categorias mais abstratas como mercadoria e dinheiro, Marx comenta a esse respeito:

> *produção de mercadorias e circulação de mercadorias são, porém, fenômenos que pertencem aos mais diferentes modos de produção, embora com extensão e alcance diferentes. Não se sabe, portanto, ainda nada sobre a differentia specifica desses modos de produção e não se pode, assim, julgá-los, quando apenas as categorias abstratas da circulação de mercadorias [abstrakten Kategorien der Warenzirkulation] que lhes são comuns são conhecidas.*[208]

A exposição de Marx, como já comentamos anteriormente, parte das relações mais universais e abstratas da sociedade burguesa e, por isso, das possibilidades mais abstratas e superficiais da crise e dirige-se, lentamente, para o interior da sociedade burguesa desvelando-a em toda a sua imanência contraditória. Nesta altura da exposição tudo é mera possibilidade abstrata sem efetividade real. A crise ganhará efetividade concreta quando superarmos estas abstrações. Superação que Marx realiza lentamente durante os três livros de *O Capital*.

---

[208] OC Ia, p. 99. MEW 23, p. 128. Nota 73 de Marx.

**b. O curso do dinheiro**

Na forma da circulação simples (M-D-M) os produtos ao trocarem de mãos são deslocados da esfera da circulação para a esfera do consumo, desaparecendo, portanto, da circulação. O dinheiro pelo contrário, permanece circulando de mão em mão sem se fixar num determinado bolso em definitivo. *"Seu resultado é o distanciamento constante do dinheiro de seu ponto de partida e não o retorno a esse mesmo ponto"*[209]. A circulação do dinheiro como meio de compra é uma determinação da circulação das mercadorias. O dinheiro entra em cena na esfera da circulação porque antes as mercadorias já eram trocadas sem ele. O dinheiro apenas torna mais fluída a própria troca de mercadorias, mas não cria a troca de mercadorias. Esta não é uma determinação do dinheiro. Na esfera superficial da sociedade burguesa aparece o contrário, aparece a troca das mercadorias como determinação da circulação do dinheiro. *"Embora o movimento do dinheiro seja, portanto, apenas a expressão [Ausdruck] da circulação de mercadorias, a circulação de mercadorias aparece [erscheint], ao contrário, apenas como resultado do movimento do dinheiro"*[210]. Dessa aparência surge facilmente a crença de que a estagnação do mercado e as crises são resultados de uma estagnação do curso do dinheiro, de uma falta de dinheiro. Na crença popular os negócios entram em paralisia porque o dinheiro se torna escasso e desaparece misteriosamente.

Na fase da circulação normal das mercadorias e prosperidade dos negócios o dinheiro circula facilmente de mão em mão, os produtores de mercadorias arrancam-no facilmente do bolso do comprador e apropriam-se dele sem grandes transtornos. Na fase de estagnação dos negócios o dinheiro, como num passe de mágica, desaparece do mercado e das mãos dos compradores. As mercadorias que antes se defrontavam facilmente com o dinheiro agora não o encontram mais, pois ele sumiu. Agora a produção não se liga mais com a habitualidade de antes ao consumo, ambos se dissociaram de modo antagônico e perigoso para a mercadoria: "... *na desaceleração do curso do dinheiro aparece o fato de esses processos se separarem [Trennung] e se tornarem antagonicamente autônomos [gegensätzliche Verselbständigung], a paralisia da mudança de forma, e por conseguinte*

[209] OC Ia, p. 100. MEW 23, p. 128.
[210] OC Ia, p. 100. MEW 23, p. 130.

*do metabolismo"*[211]. Como as vendas são realizadas unicamente mediante a intervenção do dinheiro o vendedor da mercadoria tende a atribuir à falta de dinheiro a causa da ausência de compradores. Como está inteiramente absorto pelo fetiche do dinheiro, como a teia de suas relações sociais se tece por trás de suas próprias costas, ele acredita que a paralisia das vendas se deve ao sumiço do dinheiro. O encantado dinheiro, que antes magicamente fazia as mercadorias deslizarem suavemente pelos trilhos do mercado, agora aparece como culpado pela falta de compradores. *"A interpretação popular, que vê, com um giro monetário mais lento, o dinheiro aparecer ou desaparecer menos freqüentemente em todos os pontos da periferia da circulação, tende a atribuir a esse fenômeno [Phänomen] à quantidade insuficiente do meio circulante"*[212]. O excesso de vendedores no mercado competindo entre si e o excesso de mercadorias abarrotando o mercado é interpretado falsamente pela consciência alienada do produtor como sendo causado por uma falta de dinheiro para realizar o valor de seu produto. O produtor privado que não consegue realizar o salto mortal da mercadoria e sua transubstanciação em dinheiro imagina que a causa de seu fracasso radica na baixa rotatividade do dinheiro. Se este girasse mais rapidamente o drama da mercadoria poderia ser evitado.

Nesta passagem Marx pretende esclarecer que as crises do mercado e a paralisia na circulação de mercadorias se devem a processos mais complexos do que a simples paralisia na circulação do dinheiro. Esta, inclusive, deve ser explicada como resultado da paralisia na circulação das mercadorias. A circulação monetária, sua fluidez ou enrijecimento, é um fenômeno que deve ser explicado por determinações mais imanentes e fundamentais da sociedade burguesa e não por meros artifícios da burocracia do Estado que, a seu gosto, ora expande e ora retrai o mercado monetário.

Se a realização normal da mercadoria não é afetada pela política monetária do Estado, uma emissão descontrolada de dinheiro, por sua vez, é admitida por Marx como possível de provocar uma profunda desordem e crise no mercado. *"Da ilusão popular que atribui a paralisação dos processos de produção e circulação a uma falta de meio circulante, não segue, de modo algum, o oposto, ou seja, que a falta real de meio circulante, por exemplo, em conseqüência de trapalhadas oficiais como a regulation of*

[211] OC Ia, p. 104. MEW 23, p. 134.
[212] OC Ia, p. 104. MEW 23, p. 134.

*currency, não possa, por seu lado, provocar paralisações"*[213]. Aqui Marx nos oferece uma importante observação sobre como ele próprio concebia o papel do Estado e sua capacidade para regular o ciclo econômico e evitar as crises. O Estado e sua política monetária são incapazes de regular o ciclo dos negócios, estes se realizam de modo autônomo frente ao Estado. O Estado pode, porém, mediante uma política monetária contrária às necessidades da mercadoria, mediante excesso ou carência na emissão de meio circulante, provocar uma paralisia e desordem nos negócios, ou, ainda, nos momentos de crise, aprofundar a própria crise.

**c. A moeda: signo de valor**

*"Da função do dinheiro [Geldes] como meio circulante [Zirkulationsmittel] surge sua figura de moeda [Münzgestalt]"*[214]. O desgaste das moedas de ouro pelo excesso de manuseio, e mesmo as fraudes e misturas de ouro com metais menos nobres, já contém em si a possibilidade do ouro circular com um preço nominal que não corresponde a seu preço real. Com a fraude e o desgaste o ouro passa a circular com um valor puramente nominal, sem contudo, afetar seu papel de meio circulante. Esse desgaste moral sofrido pelo ouro põe já a possibilidade dele ser substituído por simples signos emitidos forçosamente pelo Estado.

> *Se o próprio curso do dinheiro dissocia [scheidet] o conteúdo real [Realgehalt] do conteúdo nominal [Nominalgehalt] da moeda, sua existência metálica [Metalldasein] de sua existência funcional [funktionellen Dasein], ele já contém latentemente a possibilidade de substituir o dinheiro metálico [Metallgeld] em sua função de moeda [Münzfunktion] por senhas de outro material ou por símbolos.*[215]

Se o ouro pode circular como moeda falsificada, se seu valor nominal circula sem corresponder com seu valor real, então a possibilidade dele ser substituído pelas notas verdes emitida pelo Estado é só uma questão de tempo. *"A existência do ouro como moeda*

---

[213] OC Ia, p. 104. MEW 23, p. 134. Nota 77 de Marx.
[214] OC Ia, p. 106. MEW 23, p. 138.
[215] OC Ia, p. 107. MEW 23, p. 140.

*dissocia-se [scheidet sich] radicalmente de sua substância de valor. Coisas relativamente sem valor, bilhetes de papel, podem, portanto, funcionar, em seu lugar, como moeda"*[216]. O dinheiro como signo emitido pelo Estado e com curso forçado, atua apenas dentro das fronteiras nacionais. Somente dentro destes limites *"... o dinheiro reduz-se totalmente à sua função de meio circulante ou de moeda, e pode, portanto, receber na moeda papel uma modalidade de existência puramente funcional [bloß funktionelle Existenzweise] e exteriormente separada [äußerlich getrennte] de sua substância metálica [Metallsubstanz]"*[217].

### 1.3.3. Dinheiro

*"A mercadoria que funciona como medida de valor e também, corporalmente ou por intermédio de representantes, como meio circulante, é dinheiro"*[218]. Como dinheiro tal mercadoria funciona, por um lado, *"nem apenas de forma ideal, como na medida de valor, nem sendo suscetível de representação, como no meio circulante"*[219]. Por outro lado, ainda, onde o dinheiro execute sua função, quer pessoalmente, quer por meio de representantes, *"fixa-o como figura de valor exclusiva ou única existência adequada do valor de troca perante todas as demais mercadorias, enquanto simples valores de uso"*[220].

#### a. Entesouramento

O dinheiro enquanto *perpetuum mobile* da circulação opera infatigavelmente sua função de meio de circulação. O dinheiro converte-se de moeda em dinheiro logo que sai da circulação e petrifica-se na forma de tesouro. Com o entesouramente o dinheiro recebe uma nova e importante determinação. Como medida ideal do valor e meio de circulação, o dinheiro atuava mais exatamente como simples moeda. Na forma de tesouro retido fora da circulação, o dinheiro torna-se mais exatamente dinheiro. Dinheiro como moeda e dinheiro como dinheiro são, portanto, distintas determinações do dinheiro. Como moeda o dinheiro circula exercendo o papel de mediador das trocas, ele não é o fim da troca

[216] OC Ia, p. 107. MEW 23, p. 140.
[217] OC Ia, p. 109. MEW 23, p. 143.
[218] OC Ia, p. 109. MEW 23, p. 143.
[219] OC Ia, p. 109. MEW 23, p. 144.
[220] OC Ia, p. 109. MEW 23, p. 144.

mas, antes, apenas seu meio. O fim da circulação simples é o valor de uso e na função de medida do valor e meio de troca, o dinheiro atua como moeda. Com o dinheiro atuando enquanto dinheiro, aqui enquanto tesouro, o próprio dinheiro e seu entesouramento tornam-se o fim da troca. Como moeda, o dinheiro é meio de circulação, como dinheiro ele se torna o fim da circulação.

Com a mudança na finalidade das trocas, do valor de uso para o valor de troca como finalidade última e determinante, com a conversão do dinheiro como moeda e meio circulante em dinheiro mesmo, desenvolve-se a avareza e a paixão pelo dinheiro e a mercadoria não é mais vendida com a intenção de satisfazer uma necessidade mas com a intenção de satisfazer esta nova paixão. *"Vendem-se mercadorias não para comprar mercadorias, mas para substituir a forma mercadoria pela forma dinheiro. De simples intermediação do metabolismo, essa mudança de forma torna-se fim em si mesma [Selbstzweck]"*[221]. O dinheiro é retirado, então, para fora da circulação e petrificado na forma de tesouro. Funcionando como moeda no interior da circulação simples de mercadorias, o dinheiro possuía como meta a mercadoria e o valor de uso. Funcionando como dinheiro sua meta é a acumulação do próprio dinheiro em sua forma universal. *"Agora esta ação de subtraí-lo da circulação, este amontoá-lo, se apresenta como o objetivo essencial da sede de enriquecimento e o processo essencial de enriquecimento"*[222].

Marx esclarece que essa forma de enriquecimento surge historicamente entre os povos que destinam apenas seu excedente para a troca. Cita entre estes povos os antigos asiáticos. Ao delimitar esta nova forma de riqueza, o valor de troca como finalidade em si, das formas naturais do valor de uso, Marx está delimitando ao mesmo tempo a forma asiática de produção tanto das formas mais primitivas que ainda não passaram da fase determinada pelo dinheiro enquanto moeda e da circulação simples de mercadorias, quanto da moderna sociedade burguesa onde o dinheiro, apesar de aparecer como uma finalidade em si mesma, não permanece entesourado no bolso de seu proprietário. *"Essa forma ingênua de entesouramento eterniza-se naqueles povos em que o modo de produção tradicional e orientado à auto-subsistência corresponde a um círculo de necessidades fortemente delimitado. Tal como acontece com os asiáticos, nomeadamente os*

[221] OC Ia, p. 110. MEW 23, p. 144.
[222] Grundrisse I, p. 165. MEW 42, p. 156.

*indianos"*[223]. O dinheiro petrificado na forma de tesouro aparece associado a um modo de produção onde as necessidades sociais estão, do mesmo modo, petrificadas e delimitadas por um círculo muito estreito socialmente.

Com uma divisão social do trabalho mais desenvolvida e com trocas mais regulares, não apenas de excedentes, desenvolve-se junto com um círculo de necessidades superiores a paixão e a cobiça do possuidor de mercadorias pelo vil metal. *"Com a possibilidade de manter a mercadoria como valor de troca ou o valor de troca como mercadoria, desperta a cobiça pelo ouro. Com a ampliação da circulação de mercadorias, aumenta o poder do dinheiro, da forma sempre disponível e absolutamente social da riqueza"*[224]. Como vimos em passagens anteriores, o dinheiro é a forma mais desenvolvida do valor de troca e antes de seu aparecimento precedera um desfile interminável de mercadorias menos nobres ocupando seu lugar. A paixão desenfreada pelo valor de troca e o entesouramento surgem somente quando o ouro e a prata ocupam o posto definitivo do valor de troca. Por suas propriedades naturais inferiores, gado, sal, conchas etc., pouco prestavam ao entesouramento e, assim, pouco prestavam para despertar a paixão e a cobiça desenfreada dos homens pelo valor de troca. Com o aparecimento do ouro e da prata, aparece junto a cobiça pelos dois. Não é de modo algum a beleza natural e fulgurante do ouro e da prata que despertam no homem a paixão pelo entesouramento. O que torna o ouro e a prata coisas apaixonantes é unicamente sua capacidade de armazenagem sem riscos de deterioração pelo tempo, capacidade absolutamente ausente em figuras como gado, sal etc. A beleza natural do ouro e da prata apenas adorna o fetiche do dinheiro, ela não é, de modo algum, como já demonstramos, a causa do fetiche. Este está determinado pela natureza do valor de troca em si, seja ele gado, sal, ou ouro e prata. A possibilidade de manter o valor de troca conservado sob a forma de ouro e prata, sem os riscos da deterioração natural, apenas aumenta o poder do dinheiro e de seu fetiche.

Assim como o valor e o trabalho abstrato apagavam de modo menos visível todas as diferenças entre os produtores, agora com o dinheiro o fim das diferenças é adornado pelo brilho visível do ouro e da prata. Ao encantarem-se com o ouro, os produtores encantam-se, enganosamente, com sua própria alienação. *"O ouro [diz Colombo citado por Marx] é uma coisa maravilhosa! Quem o possui é senhor de tudo o que deseja.*

---

[223] OC Ia, p. 110. MEW 23, p. 144.

*Com o ouro pode-se até fazer entrar almas no paraíso"*[225]. Com o ouro compra-se até mesmo a indulgência dos padres católicos. Com ouro pode-se até transformar uma nação inteira de negros em escravos de uma nação cristã. O ouro, com seu brilho estonteante, dissolve todas as formas antigas da moral na moral abstrata do valor de troca. Frente a ele dobram-se vergonhosamente todas as falsas honrarias.

> *Como ao dinheiro não se pode notar o que se transformou nele, converte-se tudo, mercadoria ou não, em dinheiro. Tudo torna-se vendável e comprável. A circulação torna-se a grande retorta social, na qual lança-se tudo [além dos "bens", ainda homens, mulheres, crianças, velhos, deficientes físicos, dignidade, honra (quando se tem) J.A], para que volte como cristal monetário. E não escapam dessa alquimia [diz ironicamente Marx] nem mesmo os ossos dos santos nem as res sacrosanctae, extra commercium hominum [coisas sacrossantas, excluídas do comércio humano]. Como no dinheiro é apagada toda diferença qualitativa entre as mercadorias [a única diferença que subsiste é quantitativa, e não apenas entre as mercadorias mas entre os próprios homens J.A], ele apaga por sua vez, como leveller [nivelador] radical, todas as diferenças.*[226]

Frente ao poder imperial do dinheiro dobram-se vergonhosamente todas as virtudes humanas, todos os grandes homens são agora homens de negócios, todas as grandes virtudes humanas são as virtudes dos embusteiros do comércio. Os grandes heróis burgueses são os grandes capitães do comércio. Frente ao mágico poder do dinheiro, todas as diferenças efetivas entre os homens, em particular as diferenças de classes, se diluem na superficial e abstrata diferença entre vendedores e compradores de mercadorias. Frente ao mágico poder do dinheiro o operário é igualado ao patrão, pois ambos aparecem como vendedores, um de força de trabalho e outro de "bens". Enquanto um tem para vender apenas sua própria pele o outro tem para vender um produto que ele mesmo não produziu.

---

[224] OC Ia, p. 110. MEW 23, p. 145.
[225] OC Ia, p. 111. MEW 23, p. 145.
[226] OC Ia, p. 111. MEW 23, p. 145/146.

*"O dinheiro é por isso o deus entre as mercadorias... Representa a existência celestial das mercadorias, enquanto que estas representam sua existência terrena"*[227].

Frente ao dinheiro até mesmo a diferença entre escravo e senhor pode ser igualada entre si. Igualdade que os gregos em sua fase áurea, a fase inaugurada pelos sofistas e a expansão do valor de troca dentro da Polis, tanto condenaram. *"A sociedade antiga o denuncia, portanto, como elemento dissolvente de sua ordem econômica e moral"*[228]. Toda a superioridade cultural alcançada pelos gregos em sua fase áurea correra o risco de ser destruída com o aparecimento dos novos imperadores do comércio de escravos do mediterrâneo que viam no vil metal o fim eterno e verdadeiro da vida humana, que transformavam em poder privado o poder social do dinheiro. A aristocracia escravocrata grega, que nunca vira na riqueza sem fim do dinheiro o mais autêntico princípio de vida, ao contrário da moderna burguesia, o condenava através de seus mais eminentes filósofos como Heráclito, que desprezando a riqueza torpe do dinheiro abandonara sua cidade e fora morar nas montanhas como misantropo, como Sócrates que idealizara uma nova República para Atenas onde inexistiria o indivíduo subjetivo e a propriedade privada, como Platão que com exceção da cidade de Siracusa, não era convidado para elaborar a constituição das cidades porque era declaradamente contra a propriedade privada[229] e, ainda, como Aristóteles que condenava a produção de mercadorias por ser crematística e antinatural. A imoralidade da mercadoria e a paixão alucinante pelo ouro tanto condenadas pelos gregos, nas mãos da burguesia são elevadas ao altar da verdadeira finalidade humana. Nesta perspectiva histórica, a honra do escravocrata grego é vista por Marx como muito superior à dos modernos mascates do comércio burguês. *"A moderna sociedade, que já em seus*

---

[227] Grundrisse I, p. 156. MEW 42, p. 148.
[228] OC Ia, p. 111. MEW 23, p. 146.
[229] Diógenes Laércio conta que Platão não era comumente convidado para redigir a Constituição das cidades gregas porque se opunha à propriedade privada da terra e escravos (conforme Hegel: ***Lecciones sobre la Historia de la Filosofia***. México: FCE, 1997, p.141). Hegel em seu comentário sobre Platão diz que na República a exclusão da liberdade subjetiva, aquela idolatrada pela sofística, é um dos traços fundamentais de sua Pólis do futuro. *"O espírito desta obra consiste, essencialmente, em que todos os aspectos em que se plasma o individual como tal se dissolvem no geral, em que todos valham somente enquanto homens gerais"* (Hegel, p. 230). E mais adiante: *" a esta mesma determinação responde, assim mesmo, que Platão declare abolida em seu Estado, com caráter geral, o princípio da propriedade privada"* (Hegel, p. 231). A liberdade individual subjetiva da sofística é abolida junto com a propriedade privada, fonte de todos os conflitos sangrentos da Pólis. *"Assim, vemos como Platão desterra de seu Estado, inclusive conscientemente, o princípio da liberdade subjetiva"* (Hegel, p. 232). *"Mediante a abolição da propriedade... mediante a abolição de tudo o que seja vontade livre da pessoa... de todas as determinações que guardam relação com o*

*anos de infância arranca Plutão pelos cabelos das entranhas da terra, saúda no Graal de ouro a resplandecente encarnação de seu mais autêntico princípio de vida"*[230].

O dinheiro possui o mágico poder de conferir poderes universais ao indivíduo particular que o detém. Com ele seu proprietário pode ser pastor e dono de um rebanho de ovelhas sem, contudo, ser criador de ovelhas, pode ser agricultor sem plantar um único pé de cereal, ser mineiro sem ser minerador etc. *"A possessão de dinheiro me coloca a respeito da riqueza (social) completamente na mesma relação em que me colocaria a pedra filosofal a respeito das ciências"*[231]. Como proprietário de dinheiro o homem privado se converte magicamente num homem detentor da riqueza universal sem ser produtor dela. Com o surgimento da riqueza em sua forma universal surge a seu lado a ambição e a sede universal por riqueza. *"O dinheiro é, portanto, não só um objeto, senão o objeto da sede de enriquecimento. Esta é essencialmente auri sacra fammes [desprezível sede de ouro]... A sede abstrata de prazeres pressupõe um objeto que contenha a possibilidade de todos os prazeres"*[232]. E esta sede insaciável pela riqueza universal e abstrata do dinheiro é uma sede posta historicamente e não posta pela natureza humana. *"A sede de enriquecimento é em troca já o produto de um determinado desenvolvimento social, não é algo natural, senão histórico"*[233].

Entre as sociedades antigas o dinheiro como meta absoluta da produção, mais que permitir seu desenvolvimento é causa de sua destruição. Marx cita a Grécia antiga como caso histórico em que o dinheiro patrocinou a dissolução social[234]. Na sociedade capitalista, contudo, onde impera o trabalho assalariado e a riqueza universal e abstrata como móvel e estímulo da produção, o dinheio funciona muito mais como uma condição do desenvolvimento.

> *Enquanto o trabalho é trabalho assalariado, e sua finalidade é imediatamente o dinheiro, a riqueza geral é posta como seu objeto e finalidade... o dinheiro como finalidade se converte aqui no meio da*

---

*princípio da liberdade subjetiva, crê Platão haver fechado as portas a todas as paixões..."* (Hegel, p. 234/235).

[230] OC Ia, p. 111. MEW 23, p. 146/147.

[231] *Grundrisse* I, p. 156/157. MEW 42, p. 149.

[232] Grundrisse I, p. 157. MEW 42, p. 149.

[233] Grundrisse I, p. 157. MEW 42, p. 149.

> *laboriosidade universal... a laboriosidade do indivíduo passa a não ter nenhum limite; é agora indiferente a qualquer particularidade e assume qualquer forma que sirva para esse fim; é rica de inventiva na criação de novos objetos destinados a necessidade social etc.*[235]

A sede insaciável pela riqueza infinita baseada no mero entesouramento do dinheiro contém, porém, uma importantíssima contradição. Se por um lado a paixão pelo entesouramento é infinita, o ouro, como fundamento desta, é quantitativamente finito. Se por um lado o dinheiro possui a qualidade de poder ser imediatamente trocável por qualquer mercadoria, ele por outro lado é quantitativamente limitado fisicamente.

> *O impulso para entesourar é por natureza sem limite. Qualitativamente ou segundo sua forma, o dinheiro é ilimitado, isto é, representante geral da riqueza material, pois pode trocar-se diretamente por qualquer mercadoria. Porém, ao mesmo tempo, toda a soma efetiva de dinheiro é quantitativamente limitada, portanto também apenas meio de compra de eficácia limitada.*[236]

A contradição do dinheiro como meta final da produção em sua forma de tesouro petrificado fora da circulação consiste em que, se por um lado ele é a forma universal e sempre alienável da riqueza, por outro lado ele é quantitativamente limitado como coisa real. Se pelo aspecto qualitativo todas as mercadorias se dobram frente ao dinheiro, pelo aspecto quantitativo o dinheiro é finito e limitado como meio de aquisição da riqueza. Se com dinheiro se pode comprar tudo, certo quantum determinado de dinheiro só pode comprar, do mesmo modo, certo quantum determinado de riqueza material. *"Essa contradição [Widerspruch] entre a limitação quantitativa e o caráter qualitativamente ilimitado do dinheiro impulsiona incessantemente o entesourador ao trabalho de Sísifo da*

---

[234] Grundrisse I, p. 157. MEW 42, p. 149/150.
[235] Grundrisse I, p. 159. MEW 42, p. 150.
[236] OC Ia, p. 111/112. MEW 23, p. 147.

*acumulação. Acontece a ele como ao conquistador do mundo, que com cada novo país somente conquista uma nova fronteira"*[237].

O entesourador resolve essa contradição imanente do dinheiro transformando-o incessantemente em capital, capitalizando seu tesouro, acumulando-o. Ele ultrapassa o limite quantitativo posto pelo dinheiro à sua desenfreada paixão, arrancando-o da inerte posição de tesouro e lançando-o sempre de novo, incessantemente, na estrepitosa esfera da circulação como capital, devolvendo-lhe à esfera da circulação com a única intenção de que ele retorne mais encorpado. Como entesourador, o avarento proprietário de dinheiro só satisfaz sua paixão irracional sacrificando outras paixões, como as do consumo. *"O entesourador sacrifica, por isso, ao fetiche do ouro os seus prazeres da carne. Abraça com seriedade o evangelho da abstenção"*[238]. Como avarento, sacrifica um prazer em benefício de outro. Por outro lado, só pode extrair da circulação como tesouro o mesmo quantum de valor que devolve a ela na forma de mercadorias. Seu lema de vida é trabalho e abstenção. Longa e penosa sobrecarga de trabalho por um lado e grosseria e limitação de espírito por outro. *"Laboriosidade, poupança e avareza são, portanto, suas virtudes cardeais, vender muito e comprar pouco são o resumo de sua economia política"*[239]. Virtudes que o mercantilismo dos séculos XVI-XVII saberá expressar muito bem.

Na passagem do entesouramento para a acumulação já começam a surgir condições mais efetivas para o surgimento das crises de superprodução. Com o entesouramento uma importante contradição aparece trazendo novas possibilidades de uma crise econômica. Por um lado, o produtor aparece constantemente no mercado como vendedor, porém, contraditoriamente, não reaparece como comprador, já que imobiliza seu dinheiro na forma de tesouro. Como avarento apaixonado pelo dinheiro condena os prazeres do consumo em favor do fetiche do dinheiro. Uma incongruência entre produção e consumo surge aí como algo inevitável. Se todos os produtores aparecerem no mercado apenas como vendedores seguramente não haverá compradores para suas mercadorias, já que na esfera simples das trocas determinado vendedor serve sempre de comprador para outro produtor.

---

[237] OC Ia, p. 112. MEW 23, p. 147.
[238] OC Ia, p. 112. MEW 23, p. 147.
[239] OC Ia, p. 112. MEW 23, p. 147.

O entesourador resolve esta contradição do dinheiro devolvendo-o constantemente à esfera da circulação como capital. *"Em sua última e completa determinação o dinheiro se apresenta então em todos os sentidos como uma contradição que se resolve em si mesma, que impulsiona sua própria resolução"*[240]. Com a transformação do entesourador em acumulador e a conversão do tesouro em capital, a contradição entre produção e consumo, contudo, não se resolve verdadeiramente, ela tende inclusive a se aprofundar. Quando o dinheiro deixa de servir de simples meio de circulação e se converte numa finalidade em si mesma, a produção se converte junto com ele numa produção para a produção. Sob esta condição o produtor se esfola loucamente no trabalho não apenas sacrificando seu consumo pessoal em favor da paixão pelo dinheiro. Agora o próprio dinheiro sempre aumentado serve ao produtor de meio para ampliar ainda mais a produção sem ampliar na mesma escala, contudo, seu próprio consumo pessoal. Quando o dinheiro converte-se de tesouro em capital, converte-se junto com ele a própria escala de produção sem ampliar na mesma escala, contudo, o consumo do produtor direto. O dinheiro como capital supera a limitação quantitativa do dinheiro como tesouro porém não supera, de modo algum, a natureza avarenta do capital. A imensidão do ganho, ao contrário, entorpece ainda mais sua paixão pelo dinheiro sem torná-lo menos egoísta e avarento. Como um louco possuído pelo demônio da acumulação, o capitalista lança-se apaixonada e desenfreadamente à produção sem limites, à produção pela produção, à produção voltada unicamente para a transformação do dinheiro em capital e deste em mais capital. De acordo com a imensidão do ganho poderá ser a imensidão dos crimes e do lodo de sangue que o capitalista estará disposto a cometer em nome da paixão pelo dinheiro.

**b. Meio de pagamento**

Na forma de circulação analisada até aqui, a forma simples, mercadoria e dinheiro defrontam-se diretamente um com o outro. Os possuidores de mercadoria e dinheiro apresentam-se diretamente como possuidores efetivos destes produtos, ambos trazem em suas mãos tanto a mercadoria quanto o dinheiro no exato momento da troca. *"Com o desenvolvimento da circulação de mercadorias, porém, desenvolvem-se condições em que a alienação da mercadoria separa-se [getrennt wird] temporalmente da realização*

[240] Grundrisse I, p. 169. MEW 42, p. 160.

*de seu preço"*[241]. Com o dinheiro atuando na forma de meio de pagamento o momento da venda e o momento da realização do valor da mercadoria podem separar-se temporalmente, o produtor pode alienar sua mercadoria, sem, contudo, receber em troca o dinheiro correspondente ao preço de sua mercadoria. Mercadoria e dinheiro não mais se confrontam simultaneamente. O vendedor entrega a mercadoria e recebe em troca apenas uma promessa de pagamento futuro. *"O dinheiro funciona agora, primeiro, como medida de valor na determinação do preço da mercadoria. Seu preço fixado contratualmente mede a obrigação do comprador, isto é, a soma de dinheiro, a qual ele deve em certo prazo. Segundo, funciona como meio ideal de compra"*[242].

Na função de meio de pagamento nas compras a prazo, o dinheiro atua imediatamente apenas como medida ideal do valor e da futura obrigação do comprador e, ainda, como meio ideal de compra. Seu aparecimento efetivo se realiza somente numa data futura estipulada contratualmente. A mercadoria muda de mãos sem que o dinheiro, contudo, apareça efetivamente na transação, ele aparece apenas idealmente e na forma de uma promessa futura de pagamento, na forma de uma letra de câmbio. A mercadoria circula sem que o dinheiro circule simultaneamente com ela. Ele só circulará efetivamente na data de vencimento da dívida. O dinheiro na forma de meio de pagamento *"já não media o processo. Ele o fecha de modo autônomo, como existência absoluta do valor de troca ou mercadoria geral"*[243]. Em sua determinação desenvolvida como meio de pagamento o dinheiro não aparece mais como um simples meio de circulação que se interpõe entre duas mercadorias, ele agora aparece como objetivo final de toda a transação. Vender a mercadoria para quitar a dívida contraída é o fim do processo. Nosso primeiro vendedor de linho *"converte sua mercadoria em dinheiro para satisfazer a uma necessidade por meio do dinheiro, o entesourador, para preservar a mercadoria em forma de dinheiro, o comprador que ficou devendo, para poder pagar"*[244]. Se o vendedor não conseguir vender sua mercadoria não conseguirá quitar sua dívida junto ao credor. Junto com a falta de comprador para sua mercadoria vem a falência e as penas judiciais. *"Se não pagar, seus bens são vendidos judicialmente. A figura de valor da mercadoria, dinheiro, torna-se,*

---

[241] OC Ia, p. 113. MEW 23, p. 149.
[242] OC Ia, p. 113/114. MEW 23, p. 150.
[243] OC Ia, p. 114. MEW 23, p. 150.
[244] OC Ia, p. 114. MEW 23, p. 150.

*portanto, agora um fim em si da venda, em virtude de uma necessidade social que se origina das condições do próprio processo de circulação"*[245]. Assim uma nova possibilidade de crise está posta pelo processo de evolução da mercadoria e do dinheiro. Se não encontrar comprador para seu produto, o vendedor vai à falência e arrasta junto com ele uma série de outros produtores que estão amarrados atrás de si e dependem do sucesso de seus negócios.

A possibilidade de uma crise de insolvência é uma possibilidade que se abre devido à intrincada trama de relações de troca que ambos, vendedor e comprador, contraem durante suas operações, porque ao lado deles toda uma série de outros produtores dependem do sucesso desta única venda para que o dinheiro circule e com ele possam, da mesma forma, quitar suas dívidas contraídas no mercado. *"A mercadoria do vendedor circula, mas realiza seu preço somente sob a forma de um título de crédito de direito privado. Converte-se em valor de uso antes de haver se convertido em dinheiro. Sua primeira metamorfose somente se realiza a posteriori"*[246]. A possibilidade de uma crise geral por insolvência surge exatamente porque a mercadoria nas mãos do comprador pode não encontrar um novo comprador a *posteriori*. Se não encontrar, então uma série de outros vendedores estará enrascada com suas mercadorias porque estas dependem, para realizar a massa normal de seu valor, de uma velocidade constante da moeda.

> *A massa de dinheiro necessária para realizar essa soma de preços depende, antes de tudo, da velocidade de circulação dos meios de pagamento. Esta é condicionada por duas circunstâncias: o encadeamento das relações entre credor e devedor, pelas quais A recebe o dinheiro de seu devedor B, e paga com ele ao seu credor C etc., e o lapso de tempo entre os diversos prazos de pagamento.*[247]

A possibilidade de uma crise geral por falta de meios de pagamento surge porque com a insolvência do primeiro devedor toda a cadeia de obrigações recíprocas firmadas entre a multidão dos diversos vendedores e compradores, pode ser bruscamente

---

[245] OC Ia, p. 114. MEW 23, p. 150.
[246] OC Ia, p. 114. MEW 23, p. 150.
[247] OC Ia, p. 114. MEW 23, p. 151.

rompida. A crise se torna uma possibilidade, ainda, porque a realização habitual de determinada massa de valor depende de uma velocidade igualmente habitual e regular da circulação do meio circulante. Se o tempo habitualmente necessário para a realização das vendas aumentar, cairá, inversamente, a velocidade da circulação da moeda e com isto surge a possibilidade de uma parcela da massa total de valor a ser realizada não se realizar. Assim, faltará moeda no mercado unicamente porque com o atraso das vendas, isto é, com a diminuição da velocidade de circulação da mercadoria, diminuirá a velocidade da circulação da moeda sem, contudo, diminuir sua massa real.

> *A função do dinheiro como meio de pagamento implica uma contradição direta [unvermittelten Widerspruch]. Na medida em que os pagamentos se compensam, ele funciona apenas idealmente, como dinheiro de conta ou medida de valor. Na medida em que tem-se de fazer pagamentos efetivos, ele não se apresenta como meio circulante, como forma evanescente e intermediária do metabolismo, senão como a encarnação individual do trabalho social, existência autônoma do valor de troca, mercadoria absoluta.*[248]

Na medida em que atua como moeda de conta no ato de assinatura do contrato de compra e venda, o dinheiro em sua forma puramente ideal é aceito socialmente. Contudo, ele só é aceito porque o vendedor espera recebê-lo efetivamente após determinado prazo. Na medida em que fracassa a passagem da forma ideal à forma efetiva do dinheiro, forma que realmente conta para o vendedor, fracassa junto todo o processo de troca realizado idealmente. O processo fracassa porque ao vendedor não interessa a forma ideal do dinheiro, a nota promissória dada em troca da mercadoria, mas sim, sua forma dinheiro efetiva, as notas verdes emitidas pelo Estado.

Essa contradição direta do dinheiro na forma de meio de pagamento, contradição entre sua forma puramente ideal ou nominal e sua forma efetiva, está na base das crises monetárias e comerciais. Essa contradição, não mais uma contradição puramente abstrata, mas uma contradição que se aproxima das condições efetivas da produção

[248] OC Ia, p. 115. MEW 23, p. 151/152.

burguesa, forma a base para o aparecimento de crises muito mais efetivas que as crises possibilitadas anteriormente. A ocorrência de crise é uma possibilidade mais efetiva nas condições onde a circulação de mercadorias e o sistema de crédito estão mais desenvolvidos. *"Essa contradição [Widerspruch] estoura no momento de crises comerciais e de produção a que se dá o nome de crise monetária. Ela ocorre somente onde a cadeia em processamento dos pagamentos e um sistema artificial para sua compensação estão plenamente desenvolvidos"*[249]. A crise estoura exatamente porque nenhuma outra mercadoria pode agora substituir o ouro e a prata no papel de equivalente geral.

O monopólio do ouro e da prata como dinheiro, como vimos, só foi possível porque todas as outras mercadorias foram por eles excluídas da forma equivalente geral. Por isso, o aparecimento de uma crise geral por falta de meio de pagamentos, uma crise por falta de ouro e prata exatamente, se apresenta como uma possibilidade mais concreta e real porque agora nenhuma outra mercadoria é aceita socialmente na forma equivalente geral. Os produtores não aceitam nenhuma outra forma mais rude de representação geral do valor que não seja o ouro e a prata. As formas rudimentares como gado e sal foram inteiramente engolidas pela forma relativa de valor e nenhum produtor reconhecerá nelas o papel social representado pelo ouro e a prata. O feitiço da forma dinheiro se volta agora contra os próprios feiticeiros. O ouro superou as contradições e limitações de todas as outras formas mais rudimentares do valor de troca sem, contudo, superar verdadeiramente a contradição imanente à própria forma equivalente em si. Ao contrário, ao superar as abstratas contradições passadas potencializou-as todas na forma de meio de pagamento. Todas as contradições latentes na forma mercadoria, contradições que já estão postas abstratamente desde o princípio das trocas, ganharam não apenas mais efetividade, mas, sobretudo, um imenso poder de explosão. Todas as possibilidades mais abstratas de convulsões econômicas e de destruição de forças produtivas por conta das crises, todas as possibilidades de um colapso violento do mercado se tornaram mais efetivas com o sistema de crédito e o dinheiro atuando na forma de meio de pagamento. *"Na crise, a antítese [Gegensatz] entre a mercadoria e sua figura de valor, o dinheiro, é elevada a uma contradição absoluta [absoluten Widerspruch]"*[250]. Ironicamente, o dinheiro, apesar do

[249] OC Ia, p. 115. MEW 23, p. 152.
[250] OC Ia, p. 115. MEW 23, p. 152.

poder que possui para superar todas as contradições anteriores da forma equivalente, só não pode superar suas próprias contradições.

Do ponto de vista formal e abstrato a crise do capital possui dupla origem. Em sua primeira forma a crise tem origem na possibilidade dos atos de compra e venda se dissociarem temporal e espacialmente e na possibilidade da metamorfose formal da mercadoria em dinheiro não se realizar. Contudo, como já observamos, nas trocas mediadas pelo dinheiro em sua forma de pagamento podem realizar-se trocas sem a intervenção imediata do dinheiro, como nas compras a prazo em que o dinheiro atua imediatamente apenas como medida ideal do valor. *"Em sua segunda forma, a crise é a função do dinheiro como meio de pagamento, e então o dinheiro figura em duas fases diferentes, separadas no tempo, em dois papéis diversos. As duas formas ainda são de todo abstratas [ganz abstrakt], embora a segunda seja mais concreta [konkreter] que a primeira"*[251]. Do mesmo modo como a mercadoria se duplicava em mercadoria e dinheiro, o dinheiro pode do mesmo modo se duplicar em meio real e meio ideal de compra. E esta duplicação é fonte de crises e perturbação no mercado.

Na forma da circulação simples de mercadoria, M-D-M, o dinheiro atua diretamente no processo de troca como moeda de circulação real. Compra e venda são realizadas à vista e o dinheiro liquida a transação no mesmo instante em que compra e venda se realizam. Compra e pagamento assim como venda e recebimento constituem uma unidade indissociável no tempo. Nas compras a prazo, porém, estas unidades se dissociam, o dinheiro atua *a priori* apenas como promessa ideal de pagamento e somente *a posteriori* como dinheiro em sua forma real. Nesta determinação do dinheiro como meio de pagamento, a circulação pode ser interrompida quando o primeiro comprador da mercadoria, que pretende revendê-la ou utilizá-la como meio de produção de uma nova mercadoria, não encontra no mercado um segundo comprador para ela, ou só o encontra disposto a pagar um preço abaixo de seu valor ou, ainda, após a data prometida de pagamento. Assim, o primeiro comprador não consegue quitar sua dívida com o primeiro vendedor.

Ao contrário da produção mercantil simples, baseada num curso rotineiro das trocas e num mercado local conhecido, a produção capitalista baseia-se na oferta em

[251] Teorias da Mais-valia II, p. 945. MEW 26.2, p. 511.

larga escala para um mercado desconhecido e de âmbito mundial. Por isso a metamorfose normal da mercadoria exige que os circuitos particulares de troca acelerem e entrelacem-se com uma fluidez sempre mais veloz. "*A circunstância de se encadearem e se entrelaçarem os processos de reprodução ou circulação de diferentes capitais, embora casual, é uma imposição da divisão de trabalho, e assim já se amplia a determinação do conteúdo da crise [Inhaltsbestimmung der Krise]*"[252]. Quanto mais profundamente se amplia a divisão social do trabalho e a variedade dos valores de uso a serem intercambiados, mais se ampliam as possibilidades da crise passar da forma potencial à forma real. A possibilidade de crise oriunda do crédito e do uso do dinheiro como meio de pagamento já revela, por isso, fundamento muito mais real para a efetivação da crise.

Imaginemos uma vasta cadeia de empréstimos comerciais em que o dinheiro atua *a priori* como medida ideal do valor e somente *a posteriori* como dinheiro de fato. Imaginemos que um fabricante de tecidos venda seu produto a prazo a um comerciante para ser pago quanto este revender o tecido, sacando sobre o comerciante uma letra de câmbio, de modo que o dinheiro assume a figura de meio de pagamento. O fabricante por sua vez negocia a letra com o banqueiro, seja lhe pagando uma dívida ou descontando a letra. Imaginemos também que o cultivador de linho venda ao fabricante de fio; o fabricante de fio, ao de tecido; o fabricante de máquinas, ao de tecido; o fabricante de ferro e o madeireiro ao fabricante de máquinas; o minerador de carvão ao fabricante de fio, de tecido, de máquinas, de ferro e ao madeireiro. Além disso, devemos imaginar que todos estes negócios são feitos a prazo. Se acaso o comerciante não conseguir revender o tecido e por isso, não conseguir pagar o fabricante de tecidos, este não poderá resgatar sua letra de câmbio que circula no mercado. Não poderá também, saldar suas dívidas contraídas com seus fornecedores e estes, ficarão também insolventes com seus próprios fornecedores.

Assim, todos os que não realizarem o valor de sua mercadoria, não poderão substituir a parte que repõe o capital constante e reiniciar a produção. Surge assim crise geral por falta de pagamento. A reprodução se interrompe porque o dinheiro em sua forma de meio de pagamento atua apenas idealmente na forma de uma promessa de pagamento. Os fabricantes, comerciantes e banqueiros vão à falência.

---

[252] Teorias da Mais-valia II, p. 946. MEW 26.2, p. 511.

> *Isso nada mais é que o desenvolvimento da possibilidade da crise [entwickelte Möglichkeit der Krise] no caso do dinheiro como meio de pagamento, mas aí já vemos, na produção capitalista, uma conexão entre os créditos e obrigações recíprocas, entre as compras e vendas, quando a possibilidade [Möglichkeit] pode desenvolver-se até sua realidade [Wirklichkeit].*[253]

Com o dinheiro atuando *in actu* apenas num prazo *posteriori* à venda ocorre uma possibilidade de crise mais concreta que a crise surgida da contradição simples entre mercadoria e dinheiro.

> *Mas temos aí meras formas [bloße Formen], possibilidades gerais das crises [allgemeine Möglichkeiten der Krisen], por isso também formas, formas abstratas da crise real [abstrakte Formen der wirklichen Krise]. Nelas aparece a existência da crise em suas formas mais simples e em seu conteúdo mais simples, até onde a própria forma é seu conteúdo mais simples. Mas ainda não é conteúdo com fundamento concretizado [Aber es ist noch kein begründeter Inhalt].*[254]

Se fosse possível a ocorrência de crises na forma de uma interrupção geral da reprodução sustentada apenas na contradição simples entre mercadoria e dinheiro, as crises de superprodução e o colapso no fluxo das trocas deveriam ocorrer inclusive em épocas anteriores à época capitalista.

> *A circulação simples do dinheiro e mesmo a circulação do dinheiro como meio de pagamento, e ambas já existiam muito antes da produção capitalista sem terem sucedido crises, podem realizar-se e se realizam sem crises. Assim, essas formas sozinhas não podem explicar por que desvelam*

---

[253] Teorias da Mais-valia II, p. 946. MEW 26.2, p. 512.
[254] Teorias da Mais-valia II, p. 947. MEW 26.2, p. 512/13.

> *sua face crítica, por que a contradição potencial [Widerspruch potentia] nelas contida se patenteia contradição em ato [Widerspruch actu].*[255]

Assim, o capital tomado em suas formas mais imediatas enquanto mercadoria e dinheiro apresenta duas possibilidades gerais de crise que se estabelecem de dois modos no próprio processo de sua metamorfose: "*No tocante ao dinheiro na função de meio de circulação, compra e venda podem dissociar-se; no tocante ao dinheiro na função de meio de pagamento, em dois papéis distintos, o de medida dos valores e o de realização do valor, esses dois papéis podem romper a conjunção que os liga*"[256].

Se, devido a uma revolução geral nos preços, o valor de uma mercadoria vendida à prazo pelo fabricante a um determinado comerciante, por exemplo, tiver diminuído no intervalo do segundo ato da circulação, na venda do comerciante para o consumidor final, ela não valerá o que valia no momento em que o dinheiro serviu de medida dos valores. Deste modo, a obrigação do comerciante com o fabricante não poderá ser quitada com a venda da mercadoria e nem poderá saldar assim, toda a série das transações que retroativamente possam depender dessa única operação.

Se, ao contrário, não for possível vender a mercadoria ao menos num determinado período de tempo, num prazo médio e previamente estipulado, embora seu valor não tenha variado, o dinheiro também não poderá funcionar como meio de pagamento, uma vez que tem de servir como tal em prazo determinado, pressuposto, acertado anteriormente entre vendedor e comprador. Uma vez que aí a mesma soma de dinheiro funciona para uma série de transações e operações recíprocas, há insolvência não só num ponto, mas em muitos. Daí a crise.

> *Assim, a crise se sobrevém porque compra e venda se desconjuntam, desenvolve-se como crise monetária, desde que o dinheiro se tenha desenvolvido como meio de pagamento, e essa segunda forma das crises fica em evidência logo que surge a primeira. Por isso, na pesquisa da razão por que a possibilidade geral da crise [allgemeine Möglichkeit der Krise] se torna realidade [Wirklichkeit], na pesquisa das condições da crise*

[255] Teorias da Mais-valia II, p. 947. MEW 26.2, p. 513.

> *[Bedingungen der Krise] é mera superfluidade tratar da forma das crises oriundas do desenvolvimento do dinheiro como meio de pagamento. Justamente por esse motivo gostam os economistas de apresentar essa forma evidente como causa [Ursache] da crise.*[257]

Essa forma evidente da crise oriunda do crédito e do uso do dinheiro como meio de pagamento é ainda um momento da metamorfose formal do capital, é a crise em sua forma e expressão mais geral.

> *A possibilidade geral das crises [allgemeine Möglichkeit der Krisen] é a metamorfose formal [formelle Metamorphose] do próprio capital, o esfacelamento [Auseinanderfallen] da compra e venda no tempo e no espaço. Mas esse processo nunca é a causa [Ursache] da crise, pois é apenas a forma mais geral da crise [allgemeinste Form der Krise], isto é, a própria crise em sua expressão mais geral [allgemeinsten Ausdruck]. Não se pode dizer que a forma abstrata da crise é a causa da crise [Man kann aber nicht sagen, daß die abstrakte Form der Krise die Ursache der Krise sei]. Quem pergunta por sua causa [Ursache], quer saber precisamente por que sua forma abstrata [abstratkte Form], a forma de sua possibilidade [Form ihrer Möglichkeit], passa da possibilidade [Möglichkeit] para a realidade [Wirklichkeit].*[258]

Quem pergunta pela causa das crises quer saber precisamente por que sua forma mais abstrata, a forma de sua simples possibilidade contida na instância exterior das trocas, passa da mera possibilidade para a realidade. Quem busca suas causas poderíamos dizer, busca saber exatamente que potências e contradições mais internas e imanentes ao capital, ocultas nestas simples formas, determinam a realidade das crises. Que contradições mais internas e imanentes ao capital, mais fundamentais que a contradição entre valor de uso e valor e mercadoria e dinheiro seriam capazes de realizar a passagem desta simples

---

[256] Teorias da Mais-valia II, p. 949. MEW-26.2, p. 514.
[257] Teorias da Mais-valia II, p. 950. MEW-26.2, p. 515.
[258] Teorias da Mais-valia II, p. 950. MEW-26.2, p. 515.

possibilidade formal para a realidade em ato. Estas determinações mais profundas estão ainda pressupostas em nossa exposição, elas começarão a ser postas quando abandonarmos a análise da instância mais formal das trocas e analisarmos a instância da produção quando capital e trabalho já se defrontam como classes no interior de uma relação de produção e não mais apenas de troca.

**c. Dinheiro mundial**

Após percorrer este longo caminho expositivo Marx finalmente chega ao primeiro ápice do processo de totalização conceitual. A exposição finalmente atinge seu primeiro momento sintético especulativo. O desfile interminável de formas equivalentes menos desenvolvidas da sociedade burguesa finalmente desprende-se de sua base nacional particular e atinge a totalidade concreta do mercado mundial. A análise do dinheiro abandona o palco nacional e o conjunto da sociedade burguesa é lançado no turbilhão do mercado mundial. O longo processo de totalização conceitual desemboca na negação de toda particularidade nacional abstrata, as múltiplas particularidades nacionais transformam-se em meros momentos de uma totalidade que é mundial. A economia nacional se transforma em elo da economia mundial e as contradições nacionais se transformam em contradições do mercado mundial. A possibilidade abstrata das crises, restritas ainda às formas nacionais menos desenvolvidas do dinheiro, se transforma em possibilidade efetiva e universal.

O dinheiro em seu papel de equivalente geral desdobrara suas formas figurativas, não apenas historicamente, mas logicamente, em diversos momentos. O dinheiro realizava efetivamente seu papel desdobrando-se numa série de figuras de valor, desde a mais simples e abstrata medida dos valores à mais concreta e determinada como meio de pagamento. O dinheiro em seu processo de efetivação desdobrara-se em seus vários momentos analíticos. Agora trata-se de analisar o mesmo dinheiro em seu momento sintético supremo, o momento superior que reúne todos os momentos anteriores mais abstratos e unilaterais, o momento em que o dinheiro retorna sobre si mesmo, em que o dinheiro se reencontra com sua natureza plenamente efetiva e determinada: o dinheiro como uma universalidade concreta, o dinheiro despido de seus uniformes nacionais, o dinheiro como dinheiro mundial.

> *Ao sair da esfera interna de circulação, o dinheiro desprende-se das formas locais do padrão de preços, moeda divisionária e signo de valor, reassume a forma originária de barra dos metais preciosos. No comércio mundial as mercadorias desdobram seu valor universalmente. Sua figura autônoma de valor se defronta, portanto, aqui também com elas sob a forma de dinheiro mundial. É só no mercado mundial que o dinheiro funciona plenamente como mercadoria, cuja forma natural é, ao mesmo tempo, forma diretamente social de realização do trabalho humano em abstrato. Seu modo de existir ajusta-se ao seu conceito.*[259]

Todas as determinações nacionais abstratas do dinheiro estão agora reunidas no dinheiro mundial. Todas as possibilidades nacionais de crise se transformaram na possibilidade de uma crise geral mundial.

Como meio de pagamento o dinheiro mundial é fundamental para realizar as compensações de saldos internacionais. Como meio geral de compra ouro e prata atuam sobretudo quando se perturba bruscamente o equilíbrio no intercâmbio entre diferentes nações. Como materialização social absoluta da riqueza o dinheiro mundial atua nas transferências de riqueza de um país para outro. Como tesouro o dinheiro mundial atua como reserva necessária para as operações internacionais. Nesta forma, o excesso de dinheiro depositado como reserva nos bancos do Estado é um poderoso indício de que uma crise se aproxima. *"Embora haja exceções, o crescimento extraordinário da reserva do tesouro, acima de seu nível médio, indica estancamento da circulação das mercadorias ou interrupção do fluxo de metamorfose das mercadorias"*[260]. Com esta passagem Marx está nos indicando que podemos, até certo ponto, prever a aproximação de uma crise observando o movimento das reservas do tesouro nacional. Indica ainda, como já indicara anteriormente, como ele concebe a relação entre a política monetária do Estado e a conjuntura econômica. Uma excessiva sedimentação de dinheiro internacional nos cofres do Estado é indício de que a circulação efetiva de mercadorias estancou ou interrompeu-se. Uma interrupção ou estagnação da metamorfose normal da mercadoria leva a um inchaço

[259] OC Ia, p. 118. MEW 23, p.156.

nas reservas internacionais do Estado e não o contrário, que um excessivo entesouramento nos cofres do Estado seja motivo de crise. Isto pode acontecer, mas de modo casual e não imanente ao processo de reprodução da circulação de dinheiro e mercadoria.

Com a passagem da análise do dinheiro de sua forma nacional abstrata para a forma concreta do dinheiro mundial, todas as determinações unilaterais do dinheiro nacional estão agora postas como determinações do dinheiro mundial, a economia nacional se transforma em economia mundial e a sociedade burguesa ganha uma efetividade universal e concreta. As múltiplas partes nacionais estão agora subsumidas na totalidade do mercado mundial. As seções seguintes partem, portanto, não mais de uma pura abstração como a seção primeira, mas, partem, sim, de determinações mais concretas, das determinações de uma sociedade que agora existe não mais apenas abstratamente, mas, sim, mundialmente. O ponto de partida da seção seguinte não é mais a economia nacional abstrata, mas o mercado mundial já desenvolvido pelo capitalismo. Com a conversão do dinheiro em dinheiro mundial a sociedade capitalista converte-se junto com ele numa sociedade universal. Os agentes nacionais do capital se convertem igualmente em agentes de uma nação universal.

O dinheiro em sua determinação como dinheiro mundial supera, isto é, refuta ao mesmo tempo em que conserva, todas as determinações anteriores do dinheiro como moeda. Dinheiro como dinheiro e dinheiro como moeda são dois modos diferentes de existência do dinheiro. Como dinheiro o dinheiro funciona como capital, seu fim é a valorização do valor. Como moeda ele funciona como medida dos valores e meio de circulação, seu fim não é a valorização do valor, mas somente a mediação formal das trocas. Como dinheiro mundial o dinheiro assume um caráter verdadeiramente universal. Como moeda ele ainda funciona como dinheiro determinado nacionalmente. Como moeda nacional sua existência como representação universal da riqueza está limitada pela riqueza nacional. *"Porém como moeda perde também seu caráter universal, para assumir um nacional, local"*[261]. Como dinheiro mundial ele funciona verdadeiramente como forma abstrata da riqueza universal. O dinheiro ganha determinação universal unicamente na forma reluzente do ouro e da prata porque ambos *"aparecem originariamente não no interior da esfera de uma comunidade social, senão ali onde ela termina, em seus confins,*

[260] OC Ia, p. 120. MEW 23, p. 160.

*nos escassos pontos de contato que ela mantém com outras comunidades"*[262]. Somente como ouro e prata o dinheiro existe efetivamente como representante material da riqueza universal sem consideração por suas determinações nacionais.

O dinheiro em sua determinação como dinheiro mundial nega suas formas anteriores como moeda e meio de troca de três modos. *"Primeiro: o dinheiro é a negação do meio de circulação como tal, da moeda. Porém ao mesmo tempo a contém como sua determinação, negativamente, enquanto pode sempre voltar a ser transformado em moeda; positivamente, como moeda mundial"*[263]. O dinheiro supera a moeda tanto negativa quanto positivamente porque como ouro a moeda funciona agora tanto como meio nacional quanto meio mundial de troca. Somente como ouro ela é aceita mundialmente como meio universal de troca.

Em segundo lugar, o dinheiro supera dialeticamente a moeda porque agora todas as mercadorias que circulam no mercado mundial encontram nele a forma efetivamente universal e líquida dos valores a serem realizados. *"O dinheiro é a negação de si, como mera realização dos preços das mercadorias, na qual o essencial segue sendo sempre a mercadoria particular"*[264]. Todas as mercadorias em suas diferentes máscaras nacionais particulares encontram nele a verdadeira representação universal da riqueza material. *"Se converte sobretudo no preço realizado em si mesmo e, enquanto tal, é o representante material da riqueza e a vez a forma universal da riqueza respeito a todas as mercadorias como simples substâncias particulares dela"*[265].

Em terceiro lugar o dinheiro supera a forma nacional da moeda porque ele se converte na forma materialmente adequada à cobiça e sede universal por enriquecimento abstrato. *"Terceiro: o dinheiro é negado também na determinação em que é somente a medida dos valores de troca"*[266]. Como ouro e prata o dinheiro se põe não apenas como a forma ideal dos preços das mercadorias e da riqueza nacional, mas, ainda, como a matéria adequada, porque matéria universalmente aceita, à ganância e sede universal pela riqueza. Na moeda metálica a sede insaciável pela riqueza alheia encontra sua forma universal e

---

[261] Grundrisse I, p. 161. MEW 42, p. 152.
[262] Grundrisse I, p. 161/62. MEW 42, p. 153.
[263] Grundrisse I, p. 163/164. MEW 42, p. 155.
[264] Grundrisse I, p. 164. MEW 42, p. 155.
[265] Grundrisse I, p. 164. MEW 42, p. 156.
[266] Grundrisse I, p. 165. MEW 42, p. 156.

determinada. *"Como forma universal da riqueza e como seu representante material, o dinheiro não é já a medida ideal de outros, dos valores de troca, posto que ele mesmo é a realidade adequada do valor de troca, e o é em sua existência metálica"*[267]. Em sua determinação como moeda o dinheiro funcionava tanto como medida dos preços quanto como meio de circulação. Como dinheiro ele continua funcionando sob esta dupla determinação, mas, agora, se sobrepõe uma terceira, a de servir como objeto da sede insaciável por riqueza. Como medida ideal dos preços o montante real de moeda em circulação era indiferente à forma dinheiro. Como meio de circulação sua materialidade, se gado, sal ou prego, era indiferente. Como fim da circulação e objeto da sede irracional por riqueza, contudo, sua determinação material ganha importância decisiva: *"como dinheiro, nesta terceira determinação, é essencial seu próprio montante, como determinado quanto material"*[268].

Em sua terceira determinação como forma verdadeiramente universal da riqueza, o dinheiro se converte em capital e em fim da circulação. Agora todas as medidas de riqueza terão que ser contrapostas à medida posta pelo dinheiro em sua forma metálica universal. Todo homem virtuoso será agora necessariamente um homem de negócios. A virtude dos grandes homens e das grandes nações será a mesma virtude universal do dinheiro em servir como representação universal da riqueza material. *"Ao ser o dinheiro a riqueza universal, um é tanto mais rico quanto mais dinheiro possui, e o único processo importante é sua acumulação, tanto para o indivíduo como para as nações"*[269].

Funcionando como representação universal da riqueza material e como objeto da sede universal por riqueza, nossa análise se desloca, deste modo, das determinações simples do dinheiro ao dinheiro funcionando como capital. Simultaneamente a este deslocamento, o âmbito restrito do palco nacional é superado e posto em seu lugar o palco mundial inaugurado pelo capital no século XV da era cristã. Com o dinheiro funcionando como capital as possibilidades abstratas e formais da crise são superadas pelas possibilidades postas pelo dinheiro como capital e como dinheiro mundial. Nesta determinação superior o abstrato mercado nacional se converte em elo de uma totalidade mundial e as crises passam de sua possibilidade abstrata à sua realidade efetiva. Esta

[267] Grundrisse I, p. 165. MEW 42, p. 156.
[268] Grundrisse I, p. 165. MEW 42, p. 156.
[269] Grundrisse I, p. 165. MEW 42, p. 156.

possibilidade efetiva é demonstrada por Marx nos diversos projetos de exposição de *O Capital*[270].

Nos *Grundrisse* o mercado mundial e as crises aparecem como a última parte da longa exposição teórica planejada por Marx nos anos de 1857-58. Ali a exposição de *O Capital* já aparece divida em três partes dialeticamente articuladas. Na Primeira Seção as mercadorias eram tomadas como dadas e a existência da mais-valia e do capital estava ainda apenas pressuposta. *"Nesta primeira seção em que consideramos os valores de troca, o dinheiro e os preços, as mercadorias se apresentam sempre como já existentes. A determinação formal é simples. Sabemos que elas expressam as determinações da produção social, porém que esta mesma constitui seu suposto"*[271]. A sociedade capitalista e as categorias mais fundamentais que a determinam, estão ainda apenas pressupostas nesta altura da exposição. *"Porém através de si mesma [esta forma abstrata J.A] remete mais além de si mesma, às relações econômicas que estão postas como relações de produção"*[272]. Esta abstração exterior e tangível da mercadoria é negada pondo em seu lugar as determinações internas e invisíveis da produção.

*"A articulação interna [die innere Gliederung] da produção constitui por conseguinte a segunda seção"*[273]. Seção que como sabemos compõe a análise da produção da mais-valia relativa e absoluta. *"Sua síntese no Estado, a terceira"*[274]. Tal síntese no Estado, como sabemos, Marx nunca a formulou explicitamente numa seção a parte. Contudo, pela ordem em que o projeto de exposição é apresentado o Estado aqui é o Estado nacional, é a esfera da produção ainda abstrata e restrita ao interior da nação onde o dinheiro funciona em suas determinações menos desenvolvidas como meio de circulação e medida ideal dos preços. *"A relação internacional, a quarta"*[275]. Na relação internacional o dinheiro está posto como capital e como dinheiro mundial na forma líquida de ouro e prata. A relação internacional supera, portanto, a abstração posta pelo dinheiro funcionando como moeda nacional e lança a exposição para a esfera mundial do capital. *"O mercado mundial, a seção final, na qual a produção está posta como totalidade igual a cada um de seus*

---

[270] Veja-se Rosdolsky: *Génesis y estructura de El Capital*. Op. cit.
[271] Grundrisse I, p. 162. MEW 42, p. 154.
[272] Grundrisse I, p. 163. MEW 42, p. 154.
[273] Grundrisse I, p. 163. MEW 42, p. 154.
[274] Grundrisse I, p. 163. MEW 42, p. 154.
[275] Grundrisse I, p. 163. MEW 42, p. 154.

*momentos, porém, na qual ao mesmo tempo todas as contradições se encontram em processo"*[276].

No mercado mundial todas as contradições abstratas e nacionais do capitalismo se fundem numa única totalidade processual. O mercado mundial funciona como totalidade concreta, como síntese de todo o processo e suporte para o conjunto das nações individuais. *"O mercado mundial constitui por sua vez o suposto, o suporte do conjunto. As crises representam então o sintoma geral da superação desse suposto e o impulso à ascensão de uma nova forma histórica"*[277]. As crises do mercado não aparecem no projeto de exposição de 1857-58 como uma seção especial do processo, mas, sim, como a dissolução final dele e o início de um novo processo sem capital, sem trabalho assalariado e sem as contradições que conduzem às crises.

Mais adiante, ainda nos *Grundrisse,* quando Marx volta a descrever o projeto de exposição de *O Capital*, a noção de que a crise é simultaneamente um fenômeno mundial e dissolutório da sociedade capitalista ressurge novamente. *"Por último, o mercado mundial. Domínio da sociedade burguesa sobre o estado. A crise. Dissolução do modo de produção e da forma de sociedade fundada no valor de troca"*[278]. As crises aparecem duplamente determinadas ao final do processo de exposição projetado: como negatividade suprema que supera os pressupostos e contradições imanentes do capital e como positividade que põe a possibilidade histórica de uma nova forma superior de sociedade sem a série de contradições pressupostas para a sociedade do capital.

[276] Grundrisse I, p. 162. MEW 42, p. 154.
[277] Grundrisse I, p. 163. MEW 42, p. 154.
[278] Grundrisse I, p. 204. MEW 42, p. 188.

# 2. A PRODUÇÃO DA MAIS-VALIA

## 2.1. A TRANSFORMAÇÃO DO DINHEIRO EM CAPITAL

### 2.1.1. A fórmula geral do capital

Partimos aqui dos resultados encontrados ao final da seção anterior, a circulação mundial de mercadorias, dinheiro e mercadoria como categorias de uma realidade não mais puramente abstrata, mas concreta e mundial. *"A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, comércio, são os pressupostos históricos [historischen Voraussetzungen] sob os quais ele surge. Comércio mundial e mercado mundial inauguram no século XVI a moderna história da vida do capital"*[279]. Com a passagem da análise do palco nacional para o palco mundial, uma série de modificações muito sutis começa a aparecer no processo expositivo. De acordo com nosso ponto de partida mais abstrato e ideal, torna-se coerente concebermos que no restrito palco nacional vendedor e comprador de mercadorias podem ser ao mesmo tempo os reais produtores das mercadorias. Na esfera mais restrita da circulação simples as mercadorias são confrontadas com o dinheiro porque os próprios produtores as conduzem ao mercado e aí realizam a troca. Nesta instância, vendedores e compradores são apenas figuras econômicas mais abstratas que escondem atrás de si a figura do produtor independente. No palco mundial, contudo, seria absurdo concebermos que os próprios produtores diretos se põem em relação direta de troca sem a mediação de uma terceira figura, a do grande comerciante proprietário de dinheiro.

O ponto de partida inicial tomado por Marx nos parecera nebuloso e abstrato, suas determinações pareciam confundir-se com as determinações da troca simples

[279] OC Ia, p. 121. MEW 23, p. 161.

comum a todos os povos conhecedores da mercadoria. Nosso ponto de partida aparecia inicialmente sem nenhuma efetividade histórica, era uma imensa abstração que parecia abarcar todos os povos comerciantes da história humana. Agora, contudo, nosso ponto de partida abstrato foi superado não apenas teórica, mas, sobretudo, historicamente: o mercado mundial surgido a partir do século XVI está posto como ponto de partida efetivo do capital. Seus principais agentes são os grandes comerciantes ultramarítimos e usurários proprietários de dinheiro. A hipótese que toma como ponto de partida inicial uma sociedade de produtores livre-proprietários de seu próprio negócio era apenas uma abstração que agora está superada pela figura determinada do comerciante e do usurário. Com a passagem da idílica esfera nacional para o palco mundial, a fisionomia simpática de nosso hipotético livre-produtor que comercia seus próprios produtos cede lugar às figuras sombrias dos grandes capitães do mar e do comércio internacional do século XVI.

De qualquer modo, apesar da abstração inicial ter sido superada historicamente, não devemos prosseguir nossa análise sobre o capital, diz Marx, tomando-o sob essas formas históricas originais como capital comercial e usurário. Devemos continuar analisando a sociedade capitalista ainda abstratamente. *"No entanto, não se precisa remontar à história da formação do capital para reconhecer o dinheiro como a sua primeira forma de aparição [Erscheinungsform]. A mesma história se desenrola diariamente ante nossos olhos"*[280]. A análise não remontará, ainda, às origens históricas do capital, mas continuará tomando a sociedade capitalista já desenvolvida como pressuposto a ser desvelado.

Marx não tem como meta em sua obra fazer uma exposição historicista sobre o surgimento do capital, mas, sim, fazer uma exposição dialética, uma exposição que funde num mesmo processo expositivo duas diferentes temporalidades, a temporalidade lógica e a temporalidade histórica. Se por um lado Marx não pretende cair na grosseria do empirismo e do historicismo da sociologia burguesa, por outro, não pretende cair do mesmo modo na grosseria da metafísica filosófica. Se por um lado toma distância dos fatos empíricos para encontrar neles o que há de universal e abstrato, por outro, não pretende cair na metafísica conceitual que não reconhece o momento histórico real como um momento fundamental na formação do conceito.

---

[280] OC Ia, p. 121. MEW 23, p. 161.

Marx continuará tomando como ponto de partida para análise a existência abstrata de capital e trabalho porque somente deste modo pode estudar o capital sem as impurezas dos acontecimentos empíricos cotidianos.

A redução das formas originais historicamente dadas do capital à suas formas abstratas de manifestação torna-se um procedimento expositivo legítimo porque diariamente o capital aparece frente ao trabalhador assalariado na forma fantasmagórica de mercadoria e dinheiro e o capitalista na forma de comprador e vendedor de mercadorias. Nesta instância mais aparente e superficial do mercado o capitalista ainda não aparece como patrão, aparece apenas sob a abstrata máscara de um comerciante que compra para revender. O ponto de partida histórico do século XVI pode ser reduzido ao mesmo ponto de partida lógico, porque tanto historicamente quanto logicamente o capital aparece sob a forma abstrata e fantasmagórica de capital-mercadoria e capital-monetário e o capitalista como comerciante dono de dinheiro. Tanto historicamente quanto logicamente o capital e o capitalista pisam o palco da valorização do valor sob a forma larvar de mercadoria, dinheiro e comerciante. *"Cada novo capital pisa em primeira instância o palco, isto é, o mercado, mercado de mercadorias, mercado de trabalho ou mercado de dinheiro, sempre ainda como dinheiro, dinheiro que deve transformar-se em capital por meio de determinados processos"*[281].

Até esta altura da exposição o mercado e suas figuras de mercadoria e dinheiro foram tomados em sua forma simples e abstrata, a forma que corresponde à circulação simples de mercadorias, M – D - M. Quando mercadoria e dinheiro metamorfoseiam-se nas figuras abstratas do capital-mercadoria e do capital-monetário, surge com elas uma nova esfera da circulação e uma nova forma de mercadoria e dinheiro circularem, a forma capitalista D – M – D. Quando mercadoria e dinheiro se convertem em capital a forma M – D – M se converte do mesmo modo na forma D – M – D. Na forma simples vende-se para comprar, na forma capitalista compra-se para vender. *"Dinheiro que em seu movimento descreve essa última circulação transforma-se em capital, torna-se capital e, de acordo com sua determinação, já é capital"*[282]. Na mesma medida em que a moeda se converte em dinheiro e finalidade da produção, o dinheiro se converte em dinheiro mundial e nossos abstratos vendedores e compradores de mercadorias se

[281] OC Ia, p. 121. MEW 23, p. 161.

convertem em capitalistas e trabalhadores membros de uma sociedade universal que tem como meta a valorização sem fim do valor de troca.

A forma D – M – D, do mesmo modo que a forma M – D – M, percorre duas fases antitéticas. Primeiro D deve se converter em M e, depois, M deve ser reconvertida em D. A mercadoria é primeiramente comprada e em seguida vendida. Dinheiro se converte em mercadoria para em seguida ser reconvertido à forma-dinheiro. *"O resultado em que todo o processo se apaga é troca de dinheiro por dinheiro, D – D"* (122). Resultado evidentemente insosso, já que D = D qualitativa e quantitativamente. Apesar das duas formas M – D – M e D – M – D comungarem entre si a existência de duas fases contrapostas, venda e compra, e ainda seus portadores aparecerem *'nas mesmas máscaras de personagens econômicas, um comprador e um vendedor"*[283], ambas formas se diferenciam pela sucessão inversa das mesmas fases contrapostas da circulação.

> *A circulação simples de mercadorias começa com a venda e termina com a compra, a circulação do dinheiro como capital começa com a compra e termina com a venda. Lá a mercadoria, aqui o dinheiro constitui o ponto de partida e o ponto de chegada do movimento. Na primeira forma é o dinheiro, no outro, inversamente, é a mercadoria que media o transcurso global.*[284]

Ambas as formas, M – D – M e D – M – D, se diferenciam no fundamental por sua finalidade. Na forma M – D – M temos: 1) o dinheiro atua como meio circulante, ele media o processo e não é sua finalidade, ele não é adiantado com a esperança de que retorne aumentado, ele é gasto, portanto. O dinheiro circula de mão em mão sem retornar ao primeiro vendedor. Ele funciona como moeda e não como dinheiro. 2) A finalidade desta forma é o valor de uso e não o valor de troca, é o consumo e a satisfação de uma determinada necessidade e não a valorização do valor. 3) O objetivo final desta forma a transcende, está situado fora dela, no consumo. A apropriação de um valor de uso que satisfaça as necessidades do produtor é o fim imanente desta forma de existência da

---

[282] OC Ia, p. 122. MEW 23, p. 162.
[283] OC Ia, p. 122. MEW 23, p. 163.
[284] OC Ia, p. 122. MEW 23, p. 163.

mercadoria e do dinheiro. 4) Seu movimento possui limites na satisfação das necessidades e no valor de uso. Realizado sua finalidade nenhum instinto descontrolado impulsiona o produtor a produzir por produzir.

Na forma D – M – D, o fim é extremamente oposto. 1) O comprador compra a mercadoria não para satisfazer uma necessidade de consumo pessoal, mas apenas para revendê-la. 2) O dinheiro não é gasto, o comprador lança-o na circulação unicamente com a astuciosa intenção de apoderar-se dele novamente. O dinheiro é apenas adiantado. Ele funciona como dinheiro e não como moeda. 3) O dinheiro reflui sempre ao seu ponto de partida, ele não se perde na circulação simples e retorna sempre às mãos do comprador. Ele aparece tanto no começo quanto no fim do processo. 4) Seu motivo indutor e determinante não é a satisfação de uma necessidade de consumo, não é o valor de uso, mas o valor de troca. 5) O objetivo final desta forma não está situado fora dela, sua finalidade não possui fim, pois esta forma gira sempre em torno dela mesma. Dinheiro se converte em mercadoria para novamente ser reconvertido em mais dinheiro. Mais dinheiro se converte em mais mercadoria para novamente ser reconvertido em mais dinheiro e assim infinitamente. Seu movimento gira em círculos sem sair fora dele mesmo. Ele possui uma finalidade em si mesma. Valorizar o valor de modo infinito é sua meta absoluta, determinante e fundamental. *"A circulação do dinheiro como capital é... uma finalidade em si mesma [Selbstzweck], pois a valorização do valor só existe dentro deste movimento sempre renovado. Por isso o movimento do capital é insaciável"*[285]. 6) O valor de uso do produto e a satisfação das necessidades de consumo são meros meios deste movimento insaciável se realizar. Seu ponto de partida e sua finalidade é a valorização do valor. *"Seu motivo indutor e sua finalidade determinante é, portanto, o próprio valor de troca"*[286]. Mais que o valor de troca em si mesmo é o valor de troca aumentado, acrescido de um mais-valor. *"Esse incremento, ou o excedente sobre o valor original, chamo de - mais-valor [Mehrwert] (surplus value)"*[287]. A mais-valia é assim uma soma de valor acrescida ao valor adiantado pelo capital no começo do processo de produção que retorna ao final do processo às mãos do proprietário de dinheiro.

---

[285] OC Ia, p. 125. MEW 23, p. 167.
[286] OC Ia, p. 123. MEW 23, p. 164.
[287] OC Ia, p. 124. MEW 23, p. 165.

> *Como portador consciente desse movimento, o possuidor do dinheiro torna-se capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso [já que um bolso vazio não transforma uma pessoa em capitalista J.A], é o ponto de partida e o ponto de retorno do dinheiro. Conteúdo objetivo daquela circulação – a valorização do valor – é sua meta subjetiva, e só enquanto a apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo indutor de suas operações, ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência.*[288]

O capital e o capitalista são aqui tomados por Marx em sua generalidade abstrata. Não se trata aqui das determinações de nenhum capital em particular, o do comerciante como poderia parecer já que ainda estamos na esfera da circulação ou, ainda, as figuras do industrial, do arrendatário fundiário e do banqueiro que ainda não apareceram. Aqui se trata, sim, de definir o capital enquanto capital, o capital em si mesmo, o capital em geral independente de suas formas particulares de existência, o capital em sua finalidade essencial e mais interna, a valorização desenfreada, frenética e irracional do valor. Aqui trata-se do capital em geral e de suas determinações comuns a todo e qualquer capital. Trata-se do capital visto não mais como coisa, como dinheiro e mercadoria, mas visto já numa determinação mais profunda, ainda que de forma fetichizada, o capital como processo automático e infinito de valorização do valor.

O capital em geral não existe unicamente como abstração da multiplicidade existente entre os vários capitais individuais. Ele também existe como algo real em si e por si. Em certo sentido, ele existe como uma abstração, em outro, existe como algo concreto. Marx esclarece este ponto nos *Grundrisse*. O capital em geral, diferente dos capitais em particular, se apresenta inicialmente *"somente como uma abstração; não uma abstração arbitrária, senão uma abstração que capta a differentia specifica do capital em oposição a todas as demais formas de riqueza ou modos em que a produção (social) se desenvolve"*[289]. Neste modo inicial abstrato o capital em geral aparece como a substância universal que abarca interiormente todas as formas sociais de riqueza baseadas na irracionalidade do valor de troca. *"Trata-se de determinações que são comuns a cada capital enquanto tal, ou*

[288] OC Ia, p. 125. MEW 23, p. 167/168.

*que fazem de cada soma determinada de valores um capital"*[290]. Nesta abstração estão contidas todas as formas particulares de capital. O capital individual também deve ser concebido como uma forma abstrata de capital por abarcar uma determinação particular. Neste sentido o capital usurário se diferencia do capital comercial, industrial, agrário etc. Os capitais individuais devem ser concebidos como diferenças abstratas dentro de uma abstração mais ampla.

Por outro lado, o capital em geral existe como algo concreto em si e por si. É o caso quando confrontamos o capital em geral com outras formas de produção não capitalistas. Neste confronto a abstração inicial torna-se algo real e concreto, torna-se uma realidade histórica efetiva frente a outras realidades sociais também concretas. É o caso, ainda, quando o dinheiro depositado nos bancos que, ainda que seja propriedade de capitais individuais, existe numa forma universal como capital da nação que pode ser empregado em qualquer ramo determinado da produção. Ainda quando confrontado com outras nações esta soma de muitos capitais individuais acumulados aparece como capital numa forma universal. *"Enquanto que o universal é por uma parte somente uma differentia specifica ideal, é ainda uma forma real particular [besondre] ao lado da forma do particular [Besondern] e o singular [Einzelnen]"*[291]. O capital pode, assim, existir sob três modos: como singularidade abstrata dentro de uma abstração mais geral; como abstração geral que abarca a multiplicidade empírica e; como universal concreto quando confrontado com formas de riqueza não capitalistas ou quando visto como certa soma global da riqueza nacional. A exposição do conceito de capital no Livro Primeiro abarca tanto sua determinação geral abstrata quanto sua relação concreta com outras formas particulares de produção. As formas particulares de capital e suas interações recíprocas serão postas apenas no Livro Terceiro. No Livro Primeiro o conceito se desenvolve tanto em sua generalidade abstrata quanto em confronto com as formas sociais do passado não capitalista. A exposição articula em seu interior estes dois momentos complementares procurando desvelar tanto a natureza interna do capital em geral quanto sua diferença específica frente a outras formas de produção.

---

[289] Grundrisse I, p. 409. MEW 42, p. 362.
[290] Grundrisse I, p. 409. MEW 42, p. 362.
[291] Grundrisse I, p. 410. MEW 42, p. 363.

Certas teorias modernas de inspiração marxista acreditam que o capitalismo atual não se rege mais pela lei do valor e pela concorrência intercapitalista, seja monopólica ou não. Na base desta concepção está a ilusão de acreditar que o capitalismo possa existir sem o capitalista individual, que o moderno sistema de ações sob controle do capital financeiro aboliu as diferenças internas no seio do capital em geral convertendo-o num único capital indivisível e universal. Se abolirmos o capitalista da noção de capital e capitalismo o que sobrará? Se convertermos a sociedade capitalista num único e grande capital indivisível o que sobrará da noção de capital? Se abolirmos do capital sua determinação singular o que restará da noção de capital?

*"No conceito de capital está contido o capitalista [Im Begriff des Kapital ist der Kapitalist enthalten]"*[292], diz Marx nos *Grundrisse*. Não existe capital sem capitalista: *"o capital é essencialmente o capitalista [das Kapital ist wesentlich Kapitalist]"*[293]. O capital não existe sem o industrial, o comerciante, o arrendatário, o banqueiro etc. O capital em geral não existe sem suas formas particulares de existência. Pensar o capital sem o capitalista é tomar o capital como uma abstração metafísica. Se abolirmos a multiplicidade particular da noção de capital o que restará deste conceito? Apenas sua determinação abstrata, o capital enquanto uma substância universal, o capital, portanto, visto como abstração e não como coisa real, como uma abstração ao gosto da economia política vulgar que Marx tanto criticara em Say, Benhtam e mesmo no grande Ricardo quando influenciado pela metafisica ahistórica de Say. A economia política moderna preocupada em encontrar novos fundamentos teóricos que explique a complexidade do capitalismo atual, mais do que superar Marx, retorna ao velho Ricardo com suas abstrações universalizantes.

Ricardo, assim como Bentham, Say & Companhia, nunca conseguira conceber o capital em sua diferença específica que o contrapõe às formas sociais de produção não capitalista. O capital para Ricardo era, assim, uma grande abstração universalizadora. Se por um lado ele concebe a existência da multiplicidade opositiva no interior do capital, por outro ele ignora o capital como realidade histórica determinada. Dos três modos de existência do capital Ricardo só concebe a existência de duas: a existência universal abstrata e a existência singular, do mesmo modo abstrata. Quando a economia

[292] Grundrisse I, p. 476. MEW 42, p. 420.

política moderna abole o capitalista da noção de capital, e com ele a noção de trabalho e classe trabalhadora, ela não faz mais do que cair na noção metafísica de capital anterior a Marx. Na tentativa de superar Marx a economia moderna se lança ironicamente para um tempo conceitual abstrato pré marxista, ela se lança nos braços do insípido Say e sua teoria do valor utilidade.

O capitalista, seja qual for sua máscara, se comerciante, industrial, arrendatário, banqueiro ou agiota, só funcionará como capitalista, só atuará como funcionário do capital, se emprestar sua subjetividade, suas ilusões e suas rudes paixões à valorização sem fim do valor. Só enquanto proprietário de dinheiro e funcionário da valorização sem fim do valor vestirá a máscara de capitalista e funcionará como capital personificado dotado de vontade e consciência. Por isso, *"o valor de uso nunca deve ser tratado, portanto, como meta imediata do capitalismo"*[294]. Sua meta imediata e verdadeira é o valor de troca, o valor de uso nas mãos do capitalista transforma-se em mero meio para a valorização do valor de troca. O valor de uso para o capitalista é mero portador do valor de troca. Tampouco devemos considerar como meta do capital em geral *"o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do ganho. Esse impulso absoluto de enriquecimento [absolute Bereicherungstrieb], essa caça apaixonada do valor [leidenschaftliche Jagd auf den Wert], é comum ao capitalista [ao capitalista em geral J.A] e ao entesourador, mas enquanto o entesourador é apenas o capitalista demente, o capitalista é o entesourador racional"*[295]. O capitalista é o entesourador racional porque soube superar as limitações quantitativas da forma-dinheiro lançando-o constantemente na esfera da circulação para que retorne mais encorpado. *"A multiplicação incessante do valor, pretendida pelo entesourador ao procurar salvar o dinheiro da circulação, é alcançado pelo capitalista mais esperto ao entregá-lo sempre de novo à circulação"*[296].

Como funcionário dessa paranóia o possuidor de dinheiro se transforma em capitalista e o dinheiro se transforma em capital monetário.

Postos nesta demência absoluta,

---

[293] Grundrisse I, p. 476/477. MEW 42, p. 420.
[294] OC Ia, p. 125. MEW 23, p. 168.
[295] OC Ia, p. 125/126. MEW 23, p. 168.
[296] OC Ia, p. 126. MEW 23, p. 168.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

> *mercadoria e dinheiro, funcionam apenas como modos diferentes de existência do próprio valor [verschiedne Existenzweizen des Werts], o dinheiro o seu modo geral [das Geld seine allgemeine], a mercadoria o seu modo particular [die Ware seine besondre], por assim dizer, apenas camuflado de existência. Ele passa continuamente de uma forma para outra, sem perder-se nesse movimento, e assim se transforma num sujeito automático.*[297]

Como com o fetiche mercadoria e dinheiro assumiram o papel de sujeitos de um processo que os próprios homens não mais controlam, aqui aparece também o capital em sua forma fetichizada e absolutamente irracional. O capital em sua infinita e insaciável sede por mais valor aparece na esfera abstrata da circulação também de modo abstrato, mágico e fetichizado, como um sujeito automático que parece possuir em si mesmo uma potência animadora interna e sobre-humana. *"De fato, porém [diz ainda Marx] o valor se torna aqui o sujeito de um processo [Subjekt eines Prozesses] em que ele, por meio de uma mudança constante das formas de dinheiro e mercadoria, modifica a sua própria grandeza, enquanto mais-valor se repele de si mesmo e enquanto valor original, se autovaloriza"*[298]. O capital visto como processo irracional de autovalorização do valor, visto como sujeito automático que se movimenta por si mesmo por trás das costas dos produtores, visto como valor que põe para si mesmo mais-valor sem a intervenção humana, o capital visto *"como sujeito usurpador de tal processo, em que ele ora assume, ora se desfaz da forma-dinheiro e da forma-mercadoria, mas se conserva e se dilata nessa mudança... como uma substância semovente [selbst bewegende Substanz] e em processo "*[299], o capital visto como *"uma relação privada consigo mesma... [como] valor em processo, dinheiro em processo... [como] dinheiro que gera dinheiro"*[300] é apenas a forma fetichizada e metafísica de aparecimento do capital na instância mais abstrata e superficial da sociedade burguesa, a instância da circulação. Forma abstrata e fetichizada que Marx ainda tratará de negar e esclarecer no Livro Terceiro.

---

[297] OC Ia, p. 126. MEW 23, p. 168.
[298] OC Ia, p. 126. MEW 23, p. 169.
[299] OC Ia, p. 126. MEW 23, p. 169.
[300] OC Ia, p. 127. MEW 23, p. 169/170.

Apesar das formas absurdas de existência do capital, *"D – M – D' é a fórmula geral do capital, como aparece diretamente na esfera da circulação"*[301]. Por forma geral, voltamos a enfatizar, Marx entende a forma comum a toda e qualquer forma particular de capital. A exposição empreendida por Marx até aqui é ainda bastante abstrata, porém, essa abstração corresponde a uma necessidade científica. A compreensão das formas particulares e derivadas do capital só pode ser obtida a partir da compreensão de seu conceito mais universal.

### 2.1.2. Contradições da fórmula geral

O que imediatamente chama a atenção na fórmula geral do capital é: como mediante uma mudança puramente formal entre os que trocam dinheiro por mercadorias pode o dinheiro gerar mais dinheiro? Que mistério existe nesta fórmula que capacita o dinheiro gerar mais dinheiro do nada? *"A forma de circulação, pela qual o dinheiro se revela como capital, contradiz [widerspricht] todas as leis anteriormente desenvolvidas sobre a natureza da mercadoria, do valor do dinheiro e da própria circulação... E como poderia tal diferença puramente formal mudar por encanto a natureza desses processos?"*[302]. Esse mistério levou a maior parte da economia política burguesa às mais absurdas concepções, a maior delas a de que dinheiro poderia gerar mais dinheiro porque a mercadoria hora é vendida acima do preço ou hora é comprada abaixo dele. Essa estranha concepção toma como suposição que o preço de uma mercadoria se regula pelas relações casuais entre oferta e demanda, que frente a esta casualidade os vendedores podem comprar abaixo do valor e revender pelo valor ou, então, revender por um preço acima de seu valor tirando daí o lucro de seu negócio. O preço de uma mercadoria, porém, como vimos, tem como pressuposto seu valor que já está determinado antes que a mercadoria entre em circulação. Nesta, o valor apenas se metamorfoseia em valor de troca sem acrescentar nenhum valor superior ao valor dado na produção. *"O valor das mercadorias está representado em seus preços, antes que entrem na circulação, sendo, portanto, pressuposto [Voraussetzung] e não resultado da mesma"*[303]. A mera transação da mercadoria entre vendedor e comprador não pode acrescentar nenhum valor novo porque na troca ocorre

[301] OC Ia, p. 127. MEW 23, p. 170.
[302] OC Ia, p. 127. MEW 23, p. 170.
[303] OC Ia, p. 128. MEW 23, p. 172.

apenas uma mudança de forma, o valor passa à forma preço sem alteração. Na passagem das mãos do vendedor para as mãos do comprador não ocorre nenhuma mudança quantitativa no valor da mercadoria, ocorre apenas uma mudança de forma, a forma particular da mercadoria se metamorfoseia na forma geral do dinheiro sem alteração quantitativa do valor. *"Essa mudança de forma não inclui nenhuma mudança de grandeza do valor"*[304].

Se no processo de intercâmbio não ocorre nenhuma mudança quantitativa nos preços das mercadorias, se a única mudança é de forma, então numa troca entre equivalentes nenhum valor adicional pode aparecer no ato da própria troca. *"Portanto, à medida que a circulação da mercadoria só condiciona uma mudança formal do seu valor, ela condiciona, quando o fenômeno ocorre em sua pureza, troca de equivalentes"*[305]. O fenômeno da troca visto em sua pureza, isto é, abstraído das circunstâncias onde casualmente pode-se comprar abaixo do valor ou vender acima dele e, ainda, abstraído das oscilações enganosas da oferta e da demanda, não pode gerar mais-valor. *"Mercadorias podem chegar a ser vendidas por preços que se desviam de seus valores, mas esse desvio aparece como violação da lei da troca de mercadorias. Em sua figura pura, ela é uma troca de equivalentes, portanto não um meio de enriquecer em valor"*[306].

Se em sua forma pura a troca de mercadorias não gera mais valor, então devemos supor que ele possa surgir da troca de não-equivalentes. Admitamos que por um privilégio inexplicável os vendedores possam vender suas mercadorias 10% acima do seu valor. Que um determinado vendedor venda por 110 um volume de mercadorias de valor igual a 100. Deste modo surgiria uma mais-valia de 10. O vendedor transforma magicamente 100 em 110. Como este vendedor não é um entesourador demente, mas um sábio capitalista, ele retorna em seguida ao mercado como comprador. Aí encontrará, contra sua vontade, um novo vendedor desfrutando do privilégio de vender suas mercadorias que valem 100 por 110. O que ele havia ganhado como vendedor perderá agora como comprador. Sua mais-valia inicial desaparece e ele conclui que da troca de não-equivalentes nenhuma mais-valia foi gerada.

---

[304] OC Ia, p. 129. MEW 23, p. 172.
[305] OC Ia, p. 129. MEW 23, p. 173.
[306] OC Ia, p. 129. MEW 23, p. 173.

Suponhamos o contrário, que este sábio vendedor tenha o privilégio de comprar por 90 o que vale 100. Como comprador ele pode fazer uma mais-valia de 10, basta revender a mercadoria pelo seu valor. Porém, do mesmo modo que antes, encontrará outros compradores desfrutando de seu antigo privilégio de comprar por 90 o que vale 100. O vendedor descobre que também comprando abaixo do valor não aparece uma mais-valia.

Como última hipótese, suponhamos que um determinado vendedor *A* muito esperto troque seu vinho que vale 40 pelo trigo de *B* que vale 50. O vendedor *A* certamente tira daí uma mais-valia de 10 na forma de trigo, porém, com a condição de que na outra ponta *B* tenha um prejuízo de 10. No conjunto, contudo, a esperteza do primeiro não gera mais-valia, depois como antes da troca a massa total da riqueza continua sendo 90. A troca de não-equivalentes, nos três casos, demonstrou, assim como demonstrou a troca de equivalentes, que da esfera da circulação é impossível surgir uma mais-valia. O que se ganha numa ponta perde-se na outra. *"Pode-se virar e revirar como se queira, o resultado permanece o mesmo. Se equivalentes são permutados, daí não surge mais-valia, e se não equivalentes são permutados, daí também não surge mais-valia. A circulação ou o intercâmbio de mercadorias não produz valor"*[307].

Se de ambas as situações não se pode extrair uma mais-valia, de onde se originou então a mais-valia dos grandes banqueiros e capitães do comércio do século XVI, admitidos por Marx como as primeiras representações históricas do capital, como suas formas antediluvianas? Se o capital investido no comércio não gera mais valia de onde vinha a mais-valia dos primeiros grandes capitalistas da história? Como vimos, Marx negara-se a realizar sua exposição sobre o capital partindo das formas como ele aparece empiricamente na realidade, preferindo tomá-las como abstrações genéricas. Marx toma inicialmente destas formas apenas o que elas possuem de comum entre si, toma o capital em sua generalidade abstrata. Deste modo, o capital do grande comerciante europeu do século XVI fora igualado em sua natureza com qualquer outro capital, fora tomado no que ele possui de fundamental, a insaciável voracidade por mais-valor, fora tomado em sua generalidade abstrata.

Marx negara-se a tomar como ponto de partida para a exposição as formas empíricas em que o capital aparece historicamente, exatamente porque se as tomasse nesta

[307] OC Ia, p. 132. MEW 23, p. 177/178.

forma teria que explicar a origem da mais valia no interior da sociedade capitalista já formada, do mesmo modo como é explicada a origem da mais-valia dos grandes comerciantes ultramarítimos do século XVI, isto é, pela forma enganosa da compra e venda de não-equivalentes, pela forma enganosa do logro, da pirataria, do tráfico de escravos etc., que caracterizam a história do comércio do século XVI. Em sua forma pura, em sua forma não poluída pelos acontecimentos históricos exteriores, a mais-valia do capital em geral, do capital em si e por si, deve ser explicada por um modo ainda desconhecido para nós até aqui. *"Entende-se daí porque, em nossa análise da forma básica do capital, da forma pela qual ele determina a organização econômica da sociedade moderna, as suas figuras populares e, por assim dizer, antediluvianas, capital comercial e capital usurário, de início permanecem totalmente fora de cogitação"*[308].

Nos *Grundrisse* Marx esclarece melhor este problema.

> *Em conseqüência, seria impraticável e errôneo alinhar as categorias econômicas na ordem em que foram historicamente determinantes. Sua ordem de sucessão está, em troca, determinada pelas relações que existem entre elas na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que parece ser sua ordem natural ou do que corresponderia a sua ordem de sucessão no curso do desenvolvimento histórico.*[309]

No curso real dos acontecimentos históricos o capital surge inicialmente valorizando o valor como capital comercial e capital usurário. A forma desenvolvida do capital industrial que produz ele próprio sua mais-valia é historicamente posterior a estas formas antediluvianas do capital. Contudo, dentro da ordem racional da exposição teórica tais formas de capital, comercial e usurário, devem ser expostas somente depois de desvendada a natureza interna do capital que produz sua própria mais-valia. As mesmas formas antediluvianas do capital comercial e usurário são expostas após a exposição da natureza do capital industrial porque o mesmo capital industrial em seu processo histórico de desenvolvimento superou suas primeiras formas antediluvianas e as submeteu às suas próprias determinações. Do ponto de vista de uma exposição dialética do capital *"não se*

[308] OC Ia, p. 132. MEW 23, p. 178.

*trata da posição que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão das distintas formas de sociedade... Se trata de sua articulação no interior da moderna sociedade burguesa"*[310]. E no interior da sociedade moderna os capitais comercial e usurário só podem valorizar-se na medida em que o capital industrial ponha ele próprio a mais-valia do capital em geral que será repartida posteriormente entre as diversas formas particulares de capital.

Como já procuramos esclarecer, Marx toma como ponto de partida a exposição das determinações fundamentais do capital em geral, do capital em si mesmo, sem referência a determinada forma de capital em particular. Toma de início o capital em sua universalidade abstrata. Demonstra que os capitais comercial e usurário da esfera da circulação vistos nesta generalidade são incapazes por sua própria natureza de gerarem mais valia. A ânsia insaciável por mais-valia caracteriza não apenas estas formas particulares de capital, mas, caracteriza, sobretudo, o capital em geral e todas as formas particulares de capital indistintamente. A origem da mais-valia, porém, permanece um mistério. *"Para que a valorização do capital comercial não seja explicada por mero engodo dos produtores de mercadorias, é preciso dispor de uma longa série de elos intermediários, que ainda falta completamente aqui onde a circulação de mercadorias e seus movimentos simples constituem nosso único pressuposto"*[311].

O enigmático da forma capital comercial e capital usurário é que ambos, apesar de aparecerem historicamente antes do capital industrial produtor de mais-valia, devem ser explicados teoricamente depois de explicado não apenas a natureza geral do capital, mas, ainda, a natureza do capital produtor de mais-valia, o capital industrial, capital que surge, contraditoriamente, apenas após o surgimento das formas antediluvianas do capital comercial e usurário. Apesar de surgirem mais cedo historicamente, teoricamente o capital comercial e o capital usurário devem ser explicados *a posteriori* como formas derivadas do capital industrial. *"Do mesmo modo que o capital comercial, encontraremos, ao longo de nossa pesquisa, o capital a juros como forma derivada e, ao mesmo tempo,*

---

[309] Grundrisse I, p. 28/29. MEW 42, p. 41.
[310] Grundrisse I, p. 29. MEW 42, p. 41.
[311] OC Ia, p. 133. MEW 23, p. 178/179.

*veremos por que ambos aparecem historicamente antes da moderna forma básica do capital"*[312].

Se a mais-valia não pode surgir da esfera da circulação, nem sob a hipótese da troca de equivalentes nem sob a hipótese da não-equivalência, de onde então deve originar-se a mais-valia? Da esfera da produção diria certamente o produtor, pois é lá que o valor é gerado. Contudo, objeta Marx, *"o possuidor de mercadorias pode formar valores por meio do seu trabalho, mas não valores que se valorizem"*[313]. O possuidor da mercadoria pode aumentar seu valor mediante acréscimo de novo trabalho por ele mesmo realizado. A bota fabricada artesanalmente, por exemplo, certamente tem mais valor que o couro, contudo, o dinheiro adiantado na compra do couro não se valorizou com a bota, ele apenas cresceu de tamanho. Para valorizar o valor o possuidor de mercadorias teria que agregar trabalho à sua mercadoria sem despender diretamente seu próprio trabalho. *"A bota tem, por isso, mais valor do que o couro, mas o valor do couro permanece o que era. Ele não se valorizou, não se acrescentou uma mais-valia durante a fabricação da bota"*[314]. O trabalho que valoriza o valor é um trabalho determinado e não qualquer trabalho em geral.

Que figura misteriosa é essa mais-valia que tortura nossa consciência e não pode ser explicada nem pela esfera da circulação nem pela esfera da produção? Que coisa enigmática e fantasmagórica é essa mais-valia que todos sabem que existe, porém nenhuma explicação consegue desvendá-la? Se não pode ser explicada pela esfera da circulação deveria obviamente, então, ser explicada pela esfera da produção, pois é aí, como o próprio Marx já demonstrara, que se forma o valor. Porém agora, desgraçadamente, o mesmo Marx nos diz que na esfera da produção nosso produtor pode certamente agregar mais valor ao produto, mas não pode valorizar o próprio valor. Seria então na esfera do consumo que a mais-valia é produzida e o valor se valoriza? Impossível, pois na esfera do consumo o valor da mercadoria desaparece junto com o consumo do valor de uso. *"É, portanto, impossível que o produtor de mercadorias, fora da esfera de circulação, sem entrar em contato com outros possuidores de mercadorias, valorize valor e, daí, transforme dinheiro ou mercadoria em capital"*[315]. Haja paciência com Marx e essa misteriosa mais-valia! Depois

[312] OC Ia, p. 133. MEW 23, p. 179.
[313] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180.
[314] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180.
[315] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180.

de nos convencer de que é impossível surgir mais-valia na esfera da circulação, o mesmo Marx nos diz agora que é impossível que ela surja fora da circulação. De um lado não deve surgir da circulação, de outro não deve surgir fora dela! Que coisa espantosa! *"Capital não pode, portanto, originar-se da circulação e, tampouco, pode não originar-se da circulação. Deve, ao mesmo tempo, originar-se e não se originar dela"*[316]. Como pode uma coisa originar-se, simultaneamente, de dentro e de fora de uma segunda coisa?

Para piorar nossa confusão, depois de Marx nos convencer que a mais-valia não pode surgir com base na troca de equivalentes, nos diz que a mesma deve ser tomada como ponto de partida. *"A transformação do dinheiro em capital tem de ser desenvolvida com base nas leis imanentes ao intercâmbio de mercadorias, de modo que a troca de equivalentes sirva de ponto de partida"*[317].

A troca de equivalentes não é, de modo algum, fundamento para o aparecimento da mais-valia, ela constitui unicamente o ponto de partida hipotético e metodologicamente necessário para amparar a explicação científica da mais-valia. A sociedade capitalista não se funda, de modo algum, na troca de equivalentes, ela se funda, muito mais, na apropriação do excedente sem equivalente. A sociedade capitalista não abole historicamente a troca de equivalentes de mercadorias, sua conservação e reprodução são condições para a cotidiana apropriação sem equivalência para o produtor. A troca de equivalentes é apenas uma aparência que vela a constante apropriação sem equivalência pelo capital. Contudo, tomamos como ponto de partida para a explicação da mais-valia a aparente troca de equivalentes entre capital e trabalho. *"Nosso possuidor de dinheiro, por enquanto ainda presente apenas como capitalista larvar, tem de comprar as mercadorias por seu valor, vendê-las por seu valor e, mesmo assim, extrair no final do processo mais valor que lançou nele"*[318]. Comprar pelo valor, vender pelo valor e desta operação extrair mais-valor é a regra que o capital deve seguir para valorizar o valor.

Esta façanha só pode ser realizada não violando a troca de equivalentes, portanto, mas, sim, aplicando-a em toda profundidade. A mais-valia, o excedente apropriado pelo capitalista e fundamento da valorização de seu capital, é um excedente

---

[316] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180. Sobre o cruzamento de dois gêneros econômicos distintos (esfera da produção e esfera da circulação) numa única totalidade dialética, cruzamento que permite o surgimento da mais-valia, ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica ( dialética) de O Capital***, op. cit.

[317] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180.

[318] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 180/181.

apropriado sem equivalência para o trabalhador. Contudo, sua explicação e aparecimento só podem se realizar tomando como base a troca de equivalentes. O excedente não equivalente tem como ponto de partida, não a violação da troca de equivalentes, mas, sim, sua aplicação em toda profundidade. A aplicação sem limites da troca de equivalentes produz, contraditoriamente e às custas do produtor direto, a apropriação sem equivalência, a apropriação sem troca, porém, mascarada sob a forma de troca entre valores equivalentes. A *"metamorfose [do capitalista larvar] em borboleta tem de ocorrer na esfera da circulação e não tem de ocorrer na esfera da circulação. São essas as condições do problema"*[319]. Hic Rhodus, hic salta! Aqui está Rodos, aqui salta!, nos diz sarcasticamente Marx referindo-se à fábula do fanfarrão de Esopo que diz ter dado um salto fantástico sobre Rodos.

### 2.1.3. Compra e venda da força de trabalho

A formação da mais-valia não pode surgir, de modo algum, enquanto certas condições admitidas até o momento não forem radicalmente alteradas. Enquanto pressupormos que o produtor direto é ao mesmo tempo vendedor do produto que produz, nenhuma mais-valia poderá aparecer. Se quisermos, portanto, compreender a formação da mais-valia dentro das condições anteriormente fixadas, comprar pelo valor, vender pelo valor e daí tirar mais valor, devemos conceber o produtor não mais como um produtor independente que trabalha com seus próprios meios de produção e vende no mercado seu próprio produto. Para que a mais-valia seja possível será necessário que o capitalista encontre no mercado, não mais apenas mercadorias manufaturadas prontas para serem revendidas, mas, sim, será necessário que encontre no mercado, além da matéria prima capaz de ser manufaturada, uma força de trabalho livre que possua unicamente como sua propriedade a capacidade para o trabalho.

A análise acima demonstrou que a mais-valia não pode originar-se da esfera da circulação, nem no primeiro ato da compra nem em seu complemento, a venda da mercadoria. A mais-valia só pode surgir, portanto, do ato da produção, do ato onde as mercadorias são consumidas produtivamente. Para isso o capitalista conta com a sorte de encontrar no mercado não mais apenas mercadorias prontas para serem revendidas, mas,

[319] OC Ia, p. 134. MEW 23, p. 181.

encontra ainda, um tipo especial de mercadoria que tem a capacidade de durante o processo de consumo gerar mais valor do que vale.

> *Para extrair valor do consumo de uma mercadoria, nosso possuidor de dinheiro precisaria ter a sorte de descobrir dentro da esfera da circulação, no mercado, uma mercadoria cujo próprio valor de uso tivesse a característica peculiar de ser fonte de valor, portanto, cujo verdadeiro consumo fosse em si objetivação de trabalho, por conseguinte, criação de valor. E o possuidor de dinheiro encontra no mercado tal mercadoria específica – a capacidade de trabalho ou força de trabalho.*[320]

A sorte do comerciante em encontrar tal mercadoria disposta livremente no mercado é a mesma que transforma o produtor direto em assalariado e o comerciante capitalista em fabricante capitalista. Com a compra e venda da força de trabalho todas as anteriores relações sociais e as figuras abstratas que as representavam se alteram substancialmente. O produtor direto que aparecia no mercado vendendo os produtos por ele mesmo fabricados cede lugar, agora, à figura do proletário assalariado que tem como única mercadoria para vender sua própria capacidade para o trabalho. O possuidor de dinheiro que aparecia sob a máscara de comerciante agora é substituído pela figura do industrial capitalista que tem como objetivo enriquecer como fabricante. Todas as anteriores figuras universais e abstratas na forma de comprador e vendedor são agora substituídas por figuras historicamente mais definidas. O vendedor agora é vendedor de força de trabalho e o produtor direto é produtor assalariado. O comprador, por seu lado, é agora comprador de uma mercadoria determinada, a força de trabalho livre. Nosso produtor direto que aparecia no mercado como vendedor de trabalho aparece agora como vendedor de força de trabalho. O comprador que aparecia comprando trabalho objetivado agora compra força de trabalho subjetiva para convertê-la em mais-trabalho. Em sua exposição Marx avança, por isso, do abstrato em direção ao concreto.

*"Por força de trabalho ou capacidade de trabalho [diz Marx] entendemos o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na*

[320] OC Ia, p. 135. MEW 23, p. 181.

*personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie"*[321]. A força de trabalho, portanto, é apenas uma capacidade para o trabalho, capacidade presente na corporalidade viva de qualquer homem em qualquer época histórica. A força de trabalho diferencia-se, portanto, do próprio trabalho, diferença que, como sabemos, diferencia teoricamente Marx de Ricardo e de todos os seus antigos mestres como Smith, Petty etc. A força de trabalho é uma capacidade, uma potência para realizar trabalho, o trabalho por sua vez é esta potência realizada, exteriorizada durante o processo de trabalho e objetivada no produto final. Esta radical diferença entre força de trabalho e trabalho é que nos permite superar as aporias anteriores que nos impediam de compreender a formação da mais-valia. Enquanto o produtor direto aparecer no mercado vendendo trabalho nenhuma mais-valia poderá aparecer. A análise da formação da mais-valia exige, portanto, a superação da categoria trabalho pela categoria força de trabalho.

Para que a força de trabalho possa ser vendida no mercado por seu próprio proprietário, diversas condições precisam ser preenchidas. Em primeiro lugar, ela deve ser posta a venda no mercado por um tempo previamente acordado entre o proprietário e o comprador, *"pois se [o trabalhador] a vende em bloco, de uma vez por todas, então ele vende a si mesmo, transforma-se de homem livre em um escravo, de possuidor de mercadoria em uma mercadoria"*[322]. Uma importante diferenciação histórica, e formal, é posta aqui por Marx entre o proletário e o escravo. O proletário se diferencia do escravo por que enquanto este último é vendido de uma vez por todas a quem irá desfrutar do uso de sua força de trabalho, o proletário é vendido aos poucos, todos os dias, provisoriamente. A diferença posta aqui aparece como uma diferença histórica porque é a diferença fundamental entre o modo de produção escravista antigo e o modo de produção capitalista moderno. É ainda uma diferença meramente formal porque do ponto de vista do conteúdo ambos, trabalhador livre e escravo, se equiparam, pois tanto capitalistas quanto senhores de escravos vivem da exploração dessa força de trabalho e da apropriação gratuita de excedentes. O que diferencia um modo de produção de outro é apenas a forma como se dá esta exploração.

Enquanto a análise permanecia restrita à universalidade abstrata da esfera da circulação simples de mercadorias, as figuras econômicas apareciam sempre sob a máscara

[321] OC Ia, p. 135. MEW 23, p. 181.

fantasiosa de vendedores e compradores de mercadorias, as diferentes épocas históricas e as diferentes formas de existência dos próprios produtores era apagada sob esta universalidade abstrata. Agora, com a compra e venda da força de trabalho livre no mercado, a análise da sociedade burguesa ganha novos contornos antes inexistentes, o proletário já se diferencia do escravo e a sociedade burguesa das sociedades greco-romana da Antigüidade. O escravo não se relaciona com sua força de trabalho como sua propriedade, ao contrário, ele próprio é uma propriedade alheia. O escravo não se põe livremente no mercado vendendo sua força de trabalho e acordando com seu comprador o preço de sua mercadoria e sob que condições ela será usufruída. O escravo é posto no mercado de força de trabalho por outro, pelo próprio senhor de escravos, ele é alienado por outro por toda a vida e não provisoriamente. O proletário aparece, pelo contrário, nesta instância mais imediata e aparente do mercado, como racionalmente livre.

> *Como pessoa, ele tem [o proletário] de se relacionar com sua força de trabalho como sua propriedade e, portanto, sua própria mercadoria, e isso ele só pode à medida que ele a coloca à disposição do comprador apenas provisoriamente, por um prazo de tempo determinado, deixando-a ao consumo, portanto, sem renunciar à sua propriedade sobre ela por meio de sua alienação [Veräußerung].*[323]

A existência do operário como uma figura juridicamente livre é apenas uma aparência que Marx toma provisoriamente como algo verdadeiro. Ao longo do processo de exposição ele irá demonstrar como ambos, em seu conteúdo, escravo e proletário, não são livres e como a liberdade do proletário é uma ilusão fantasiosa. Mas aqui, por uma necessidade expositiva, o operário ainda é tomado como livre.

A segunda condição fundamental para que a força de trabalho seja posta a venda por seu próprio possuidor é que ele não tenha nada mais para vender exceto sua própria capacidade para o trabalho. *"A segunda condição essencial para que o possuidor de dinheiro encontre no mercado a força de trabalho como mercadoria é que seu possuidor, ao invés de poder vender mercadorias em que seu trabalho se tenha objetivado,*

---

[322] OC Ia, p. 135. MEW 23, p. 182.

*precisa, muito mais, oferecer à venda como mercadoria sua própria força de trabalho, que só existe em sua corporalidade viva"*[324]. Para que certo vendedor possa aparecer no mercado vendendo unicamente sua própria força de trabalho ele precisa, naturalmente, estar separado da propriedade das condições objetivas para o trabalho onde sua força de trabalho se exterioriza. *"A dissociação entre a propriedade e o trabalho se apresenta como lei necessária deste intercâmbio entre o capital e o trabalho"*[325].

Para se relacionar com o capital como trabalhador assalariado que livremente aliena sua força de trabalho em troca de salário, o trabalhador necessita possuir uma existência puramente subjetiva, uma existência sem objetividade, sem efetividade. O trabalho como não-capital é trabalho não-objetivado.

> *Enquanto tal, é não-matéria prima, não-instrumento de trabalho, não-produto bruto: o trabalho dissociado de todos os meios de trabalho e objetos de trabalho, de toda sua objetividade; o trabalho vivo, existente como abstração destes aspectos de sua realidade efetiva (igualmente não-valor); este despojamento total, esta nudez de toda objetividade, esta existência puramente subjetiva do trabalho.*[326]

O trabalho nesta determinação, como trabalho assalariado, é trabalho puramente subjetivo e o trabalhador, como trabalhador assalariado, possui, assim, uma existência vazia e sem efetividade. *"O trabalho como miséria absoluta: a miséria, não como carência, senão como exclusão plena da riqueza objetiva"*[327]. Nesta determinação irracional o trabalhador existe como trabalhador livre e assalariado.

Posto nesta demência irracional a subjetividade abstrata do trabalhador só se objetiva e se determina mediante a alienação de sua vontade na vontade irracional do capitalista. Como miséria absoluta o trabalhador é posto sob a determinação de trabalho abstrato, de trabalho sem determinação imediata alguma, de trabalho que produz a riqueza

---

[323] OC Ia, p. 135. MEW 23, p. 182.
[324] OC Ia, p. 136. MEW 23, p. 183.
[325] Grundrisse I, p. 235. *"Trennung des Eigentums von der Arbeit erscheint als notwendiges Gesetz dieses Austauschs zwischen Kapital und Arbeit"*. MEW 42, p. 217.
[326] Grundrisse I, p. 235/236. MEW 42, p. 217.
[327] Grundrisse I, p. 236. MEW 42, p. 217.

não como riqueza determinada de modo natural, mas de riqueza em geral. Como miséria absoluta e pura subjetividade o trabalhador é, assim, a possibilidade universal da riqueza material para outros e nunca para si mesmo.

> *Não é, em absoluto, uma contradição afirmar, pois, que o trabalho por um lado é a miséria absoluta como objeto [absolute Armut als Gegenstand = em itálico no original], e por outro é a possibilidade universal [allgemeine Möglichkeit = em itálico no original] da riqueza como sujeito e como atividade; ou mais bem, que ambos lados se condicionem reciprocamente e derivam da natureza do trabalho.*[328]

Deste modo, uma nova delimitação histórica é posta entre o trabalhador como vendedor de força de trabalho e as formas históricas de trabalho livre onde o produtor aparecia no mercado vendendo seus próprios produtos. Nas formas sociais mais atrasadas o produtor direto não está ainda inteiramente separado das condições objetivas de realização de seu trabalho. A antiga família patriarcal camponesa aparece no mercado vendendo diretamente parte de seu próprio produto porque ela mesma ainda permanece proprietária de seus meios de produção e subsistência. O próprio servo de gleba feudal não aparece no mercado vendendo sua força de trabalho porque ainda não existe inteiramente separado da terra e dos meios de produção e subsistência. O proletário moderno só pode aparecer no mercado vendendo-se diariamente ao patrão capitalista porque sua existência separada dos meios objetivos de trabalho é uma existência puramente subjetiva. Como ser puramente subjetivo, o trabalhador assalariado é, por isso, a possibilidade do trabalho em geral sem uma determinação limitada. Como trabalho abstrato, ele é *"absolutamente indiferente ante seu caráter determinado particular, porém capaz de qualquer caráter determinado"*[329]. Como trabalho abstrato ele é absolutamente o oposto do trabalho corporativo da Idade Média. Assim como o capital aparecia na Idade Média entre os primeiros mestres artesãos como capital de caráter determinado, do mesmo modo o trabalho corporativo *"se apresenta como submergido ainda em seu caráter determinado particular; não na plenitude e*

[328] Grundrisse I, p. 236. MEW 42, p. 217/218.
[329] Grundrisse I, p. 236. MEW 42, p. 218.

*abstração, não como o trabalho, tal qual este se enfrenta ao capital"*[330] (grifo de Marx). Trabalho enquanto tal é trabalho livre e assalariado que se contrapõe ao capital, do mesmo modo enquanto tal, sem determinação particular definida. De um lado trabalho enquanto tal como trabalho assalariado, de outro capital enquanto tal como capital industrial que cria sua própria mais-valia formam aqui nosso ponto de partida mais abstrato. As formas mais determinadas do capital serão postas sob análise somente nos Livros Segundo e Terceiro.

> *Para transformar dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro precisa encontrar, portanto, o trabalhador livre no mercado de mercadorias, livre no duplo sentido de que ele dispõe, como pessoa livre, de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de que ele, por outro lado, não tem outras mercadorias para vender, solto e solteiro, livre de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho.*[331]

Essa dupla liberdade do trabalhador é uma liberdade duplamente abstrata: como vendedor de mercadoria, nada será, como todo vendedor, se não encontrar um comprador para ela. Frente às formas passadas do trabalho em que o trabalhador encontrava certas garantias de existência, a liberdade subjetiva do trabalhador moderno aparece como pura fantasia. Até mesmo o escravo antigo, que inevitavelmente recebia de seu dono uma certa dose diária de ração, aparece frente ao proletário moderno como homem mais livre porque menos alienado dos elementos objetivos que garantem sua existência. O trabalhador, para ser ocupado pelo capital, deve existir por um lado como não-propriedade e, por outro, como não-proprietário. Um trabalhador que não é propriedade de ninguém em particular e que, ao mesmo tempo, não é proprietário de nada, exceto de si mesmo, é trabalhador em geral e assalariado.

Em seguida Marx esclarece que até aqui tomara as categorias econômicas fundamentais da sociedade burguesa, categorias como mercadoria, dinheiro e força de trabalho livre, do modo como elas aparecem na consciência imediata dos próprios capitalistas e sem perguntar por sua origem histórica. Essa questão será respondida apenas ao final do processo de exposição do Livro Primeiro.

---

[330] Grundrisse I, p. 237. MEW 42, p. 218.

> *Uma coisa, no entanto, é clara. A Natureza não produz de um lado possuidores de dinheiro e de mercadorias e, do outro, meros possuidores das próprias forças de trabalho. Essa relação não faz parte da história natural nem tampouco é social, comum a todos os períodos históricos. Ela mesma é evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da decadência de toda uma série de formações mais antigas da produção social.* [332]

O capital, a sociedade burguesa e suas categorias são, deste modo, resultados de um longo processo anterior de dissolução de formas mais primitivas de produção. O que caracteriza a existência do capital não é a simples existência da riqueza social na forma de mercadoria e dinheiro, mas, sobretudo, a existência da força de trabalho como força de trabalho livre, da força de trabalho como uma mercadoria vendida por seu próprio possuidor, é a existência do trabalho assalariado. E a força de trabalho como mercadoria só pode existir num grau bastante desenvolvido da divisão social do trabalho, divisão que implica necessariamente a separação do produtor direto da propriedade dos meios de subsistência e dos meios e instrumentos necessários para a realização do trabalho. A força de trabalho vendida como mercadoria pelo próprio trabalhador é a coroação e resultado final do longo processo histórico de separação do trabalhador da propriedade dos meios de produção e subsistência. Resultado final que inaugura, ao mesmo tempo, o início da era capitalista. Um estágio histórico posterior a esta separação absoluta que funda a sociedade capitalista somente poderia restituir certas formas de separação menos desenvolvidas historicamente ou, então, abolir de vez esta mesma separação.

---

[331] OC Ia, p. 136. MEW 23, p. 183.

[332] OC Ia, p. 136. MEW 23, p. 183. Nos *Grundrisse* Marx procura destacar quatro momentos em que esta separação histórica se realiza. Em primeiro lugar dissolução das formas de produção onde o homem permanece fixado à terra (Natureza) e tem nela seu laboratório e fonte natural da existência humana. O trabalhador livre surge historicamente então, em primeiro lugar como não-proprietário da terra e dos elementos diretamente extraídos dela (matéria-prima, meios de subsistência etc.). Em segundo lugar, dissolução das relações sociais nas quais o trabalhador aparece como proprietário dos instrumentos de trabalho. Em terceiro lugar, dissolução das relações onde o trabalhador detém a propriedade dos fundos de consumo. Em quarto lugar, dissolução das formas de produção onde o homem, e sua capacidade para o trabalho, atua não como instrumento subjetivo, mas, sim, como instrumento objetivo de produção. (Capítulo: *Formas que precedem a la producción capitalista*).

A produção de mercadorias e o dinheiro não são uma característica específica da sociedade burguesa, ao contrário, mercadoria e dinheiro podem ser encontrados em formações sociais as mais diversas possíveis. O que há de específico na sociedade burguesa é a absoluta predominância do valor de troca sobre o valor de uso, é o valor de troca como fim e não como meio da produção. *"Ele [o capital] só surge onde o possuidor de meios de produção e subsistência encontra o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho no mercado, e esta é uma condição histórica que encerra uma história mundial [Weltgeschichte]. O capital anuncia, portanto, de antemão, uma época do processo de produção social"*[333]. A crítica de Marx dirige-se diretamente tanto à economia política vulgar que concebe o capital a-historicamente, quanto ao grande Ricardo que abstraíra de sua análise sobre o capital todas as suas determinações históricas. Em nota de rodapé Marx completa: *"o que, portanto, caracteriza a época capitalista é que a força de trabalho assume, para o próprio trabalhador, a forma de uma mercadoria que pertence a ele, que, por conseguinte, seu trabalho assume a forma de trabalho assalariado. Por outro lado, só a partir desse instante se universaliza a forma-mercadoria dos produtos do trabalho"*[334]. Nesta altura da exposição Marx já começa a negar suas primeiras definições fetichizadas sobre o capital como processo de autovalorização do valor e como substância que se põe e se movimenta por si mesma independente da vontade e ação dos homens. O capital já começa a ser pensado aqui como uma relação social de produção historicamente determinada, como uma relação social fundamentada na existência do trabalho assalariado, como algo posto historicamente.

O capital como substância que deve se valorizar mediante determinados processos começa já a aparecer mediado pela compra e venda da força de trabalho. Por isso, não é possível uma explicação sobre a origem da mais-valia por fora da esfera da circulação. Por isso, deve-se tomar a esfera da circulação como ponto de partida porque é nela, no mercado de trabalho, que aparece o trabalhador vendendo sua capacidade para o trabalho. É na esfera da circulação que o possuidor de dinheiro se encontra com o livre proprietário da força de trabalho e é nela que ambos assinam o contrato de trabalho. Sem a esfera da circulação e o mercado de força de trabalho livre é impossível a formação da

[333] OC Ia, p. 137. MEW 23, p. 184.
[334] OC Ia, p. 137. MEW 23, p. 184.

mais-valia. Contudo, como veremos, será fora da esfera da circulação que a mais-valia realmente surgirá.

Segundo a lei da troca de equivalentes o capitalista compra a força de trabalho e paga a seu possuidor o valor efetivo dela. De modo algum o capitalista valorizará seu capital logrando o vendedor de força de trabalho. Porém, qual será o valor da força de trabalho comprada pelo capitalista? Marx explica, como fartamente se sabe, que o valor da mercadoria força de trabalho é medido da mesma forma como se mede o valor de uma mercadoria qualquer: pelo tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção.

A mercadoria força de trabalho se distingue, porém, em sua natureza, de todas as outras mercadorias porque ela mesma não passa por nenhum processo de produção fabril, como passam todas as demais mercadorias. Na determinação do valor da força de trabalho, então, deverá entrar o valor de todas as mercadorias que compõem os meios de subsistência habituais do trabalhador e sua família, meios de subsistência habituais que são necessários não apenas para manter o trabalhador em condições de trabalhar, mas, também, meios suficientes para reproduzir sua família como uma família proletária e seus filhos como futuros proletários que o substituirão após a morte. No valor da força de trabalho deverão, então, estar incluídos todos os meios de subsistência necessários à manutenção e reprodução familiar do proletário. O valor destes meios de subsistência variará de país para país, de acordo com as peculiaridades naturais, históricas, culturais etc., e com os hábitos e aspirações de vida da classe dos trabalhadores livres. *"Em antítese às outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém, por conseguinte, um elemento histórico e moral"*[335]. Além dos meios de subsistência básicos indispensáveis e dos elementos culturais e morais, no valor da força de trabalho deverão estar incluídos os custos com a educação e a aprendizagem para o trabalho, quando houver. O valor da força de trabalho deve ser medido, portanto, medindo-se o valor dos meios de subsistência necessários para que determinada família proletária possa viver de acordo com as condições de existência média de um determinado país ou região.

Os meios de subsistência indispensáveis do trabalhador, por isso, podem ser divididos em dois grandes grupos: o dos meios de subsistência fisicamente indispensáveis para a família manter-se organicamente viva e o dos meios de subsistência morais e

[335] OC Ia, p. 137. MEW 23, p. 185.

intelectuais, isto é, dos elementos que elevam espiritualmente o nível de vida da classe operária para além do nível meramente vegetativo. O valor da força de trabalho variará, portanto, na medida em que variar o valor de um destes dois elementos. Marx pressupõe em sua análise do capital que o possuidor de dinheiro contrata a força de trabalho e lhe paga, em dinheiro, uma soma suficiente para suprir essa dupla necessidade física e espiritual. O valor da força de trabalho pode mover-se, assim, dentro destes dois limites: se subir acima do limite estritamente físico, o operário poderá ascender de um nível meramente vegetativo a um nível mais humano de existência. Se esse valor baixar aquém do limite estritamente necessário, sua existência descerá aquém da existência vegetativa e o operário poderá cair em atrofia.

> *O limite último ou limite mínimo do valor da força de trabalho é constituído pelo valor de uma massa de mercadorias, sem cujo suprimento diário o portador da força de trabalho, o homem, não pode renovar o seu processo de vida, sendo portanto o valor dos meios de subsistência fisicamente indispensáveis. Se o preço da força de trabalho baixa a esse mínimo, então ele cai abaixo do valor dela, pois assim ela só pode manter-se e desenvolver-se em forma atrofiada.*[336]

Essa compreensão da dupla determinação do valor da força de trabalho é fundamental para compreendermos, mais tarde, a lei da pauperização da classe operária sob o capitalismo. Todas as variações no valor da força de trabalho ocorrerão dentro deste duplo limite. Caso o trabalhador concordar em receber uma soma de dinheiro que cubra unicamente suas despesas orgânicas mais indispensáveis, cairia ao nível bestial dos irlandeses do século XIX. *"Eles teriam que se degradar ao nível dos irlandeses, dos assalariados para os quais o mínimo mais bestial de necessidades, de meios de subsistência, se apresenta como o único objeto e fim de seu intercâmbio com o capital"*[337].

Para o capital o fim do processo de troca é a valorização do próprio valor de troca. Para o trabalhador, contudo, o fim do processo é o valor de uso e a satisfação de suas necessidades como pessoa. Se do lado do capitalista a compra da força de trabalho aparece

[336] OC Ia, p. 139. MEW 23, p. 187.

como ponto de partida para valorizar o valor, do lado do trabalhador ela aparece como ponto de partida para a satisfação de suas necessidades. Do ponto de vista do trabalhador sua transação com o capitalista insere-se dentro da circulação simples de mercadorias. Por isso o trabalhador não pode ser concebido, de modo algum, do mesmo modo que o capitalista, como um personagem dominado pela sede insaciável por riqueza. Enquanto o capitalista possui uma relação irracional com o valor de uso, pois este é meio de valorização do valor, o trabalhador mantém uma relação natural e racional com a riqueza que ele mesmo produz. Na concepção do trabalhador a riqueza é produzida para o desfrute e não para a acumulação. Para o capitalista, contudo, o trabalhador trabalha para valorizar o valor. Esta dupla e contraditória relação com a riqueza, racional por parte do trabalhador e irracional por parte do capitalista, forma a base fundamental do capital e do trabalho livre. *"O operário se contrapõe ao capitalista não como valor de troca, senão que é o capitalista quem se contrapõe a aquele em tal caráter. Sua carência de valor e sua desvalorização constituem a premissa do capital e a condição do trabalho livre em geral"*[338]. A possibilidade de uma superação racional da irracionalidade capitalista está posta, assim, neste aspecto racional do trabalho assalariado por parte do trabalhador. O trabalhador pode ser concebido como sujeito racional e força social capaz de libertar a humanidade da irracionalidade do capital porque ele é a única força que não tem como meta absoluta de vida, a valorização irracional da riqueza. As crises de superprodução, do mesmo modo, só podem ser superadas superando o controle irracional do capital sobre as forças produtivas da sociedade e pondo-as sob controle dos produtores diretos livremente associados.

Concluído o ato de compra e venda da força de trabalho, o próximo momento será o consumo produtivo deste valor de uso especial. É no consumo da força de trabalho que todos os segredos misteriosos da mais-valia serão desvelados. Por enquanto demonstrou-se apenas as condições exteriores necessárias para que a mais-valia possa aparecer. Seu verdadeiro enigma só poderá ser descoberto abandonando-se a esfera ruidosa, aparente e superficial da sociedade burguesa e ultrapassando o pórtico proibido da esfera da produção. *"O processo de consumo da força de trabalho é, simultaneamente, o processo de produção de mercadoria e de mais-valia. O consumo da força de trabalho, como o consumo de qualquer outra mercadoria, ocorre fora do mercado ou da esfera de*

[337] Grundrisse I, p. 228. MEW 42, p. 211.

*circulação"*[339]. Abandonando então a esfera ruidosa do mercado, existente na superfície da sociedade capitalista e acessível a nossos sentidos, e adentrando na esfera escondida da produção poderemos descobrir *"não só como o capital produz, mas também como ele mesmo é produzido, o capital. O segredo da fabricação de mais-valia há de se finalmente desvendar"*[340].

A investigação empreendida finalmente começa a atingir seu ápice, a mais-valia e o próprio capital, como ele produz e como ele próprio é produzido, finalmente serão desvendados pela mente investigativa de Marx. Para isso será fundamental sairmos da esfera aparente, luminosa e mágica do mercado e adentrarmos na esfera poluída da fábrica, na esfera onde o vendedor de força de trabalho converte-se em operário, onde o produtor direto adquire uma nova determinação: ele agora não será concebido apenas como um produtor de mercadorias, mas, sobretudo, como um produtor de mais-valia e capital.

O processo negativo imanente à exposição dialética de Marx, a passagem da esfera da circulação para a esfera da produção, vai, assim, lentamente superando todas as determinações mais abstratas e aparentes postas inicialmente e pondo em seu lugar as determinações mais imanentes da sociedade capitalista, as determinações da esfera silenciosa da produção que permaneciam apenas pressupostas. A passagem da esfera da circulação à esfera da produção é uma passagem fundamental no processo de exposição porque ela é a passagem de um nível mais abstrato, aparente e fantasioso do real a um nível mais determinado, dramático e efetivo da realidade capitalista.

> *O que aqui reina [na esfera da circulação, exclama Marx indignado] é unicamente Liberdade, Igualdade, Propriedade e Benthan. Liberdade! Pois comprador e vendedor de uma mercadoria, por exemplo, da força de trabalho, são determinados apenas por sua livre-vontade. Contratam como pessoas livres, juridicamente iguais. O contrato é o resultado final, no qual suas vontades se dão uma expressão jurídica em comum.*[341]

---

[338] Grundrisse I, p. 232. MEW 42, p. 214.
[339] OC Ia, p. 140. MEW 23, p. 189.
[340] OC Ia, p. 140/141. MEW 23, p. 189.
[341] OC Ia, p. 141. MEW 23, p. 189/190.

A alienação da força de trabalho aparece como um ato da vontade livre do vendedor porque nenhuma força coercitiva exterior foi usada pelo comprador. O contrato entre homens livres é uma falsidade porque não existe livre-vontade no polo de quem vende a mercadoria força de trabalho. A ele, como vendedor exclusivo de força de trabalho, não há opção entre vender ou não vender sua força de trabalho, pois os meios de subsistência fundamentais para sua existência só estarão a sua disposição no mercado caso encontre comprador para sua mercadoria. O proletário só se converte em comprador de meios de subsistência após ter convertido com sucesso sua mercadoria força de trabalho em dinheiro. Sem essa conversão a ilusória liberdade do proletário converte-se em verdadeiro martírio.

*"Igualdade! Pois eles se relacionam um com o outro apenas como possuidores de mercadorias e trocam equivalente por equivalente"*[342]. Na esfera enganosa das trocas o comprador não aparece como patrão e o vendedor da força de trabalho como operário, patrão e trabalhador aparecem sob a máscara abstrata e enganosa de comprador e vendedor de mercadorias. O operário, após vender sua força de trabalho ao patrão se converte na esfera do mercado em cidadão comprador de meios de subsistência. No mercado o operário ora assume a máscara de vendedor ora a de comprador, igualando-se, formalmente, daquele que comprou sua força de trabalho. Por isso ambos, comprador e vendedor de força de trabalho, aparecem ilusoriamente no mercado como iguais.

*"Propriedade! Pois cada um dispõe apenas sobre o que é seu"*[343]. A troca aparece como justa porque ela é realizada entre valores equivalentes e nenhum dos contratantes se apropriará da riqueza além do quantum que antes fora seu por direito. Não há nesta esfera ilusória expropriação enganosa de um contratante pelo outro. A apropriação aparenta realizar-se mediada pela lei da troca de equivalentes. O capitalista se apropria do sobretrabalho do trabalhador porque antes alienara dinheiro em troca da força de trabalho.

E, finalmente, a economia vulgar e Benthan, seu padroeiro:

> *pois cada um dos dois só cuida de si mesmo. O único poder que os junta e leva a um relacionamento é o proveito próprio, a vantagem particular, os seus interesses privados. E justamente porque cada um só cuida de si e nenhum do outro, realizam todos, em decorrência de uma harmonia*

[342] OC Ia, p. 141. MEW 23, p. 190.

*preestabelecida das coisas ou sob os auspícios de uma providência toda esperta, tão somente a obra de sua vantagem mútua, do bem comum, do interesse geral.*[344]

Enfim, a esfera da circulação é a esfera mais ilusória e enganosa da sociedade capitalista porque a apologética e a economia vulgar encontram nela, não apenas inspiração para idolatrar a sociedade burguesa, mas encontram, sobretudo, todas as provas falaciosas de uma existência harmoniosa entre os homens, sem exploração, sem violência, sem coação exterior e sem apropriação imoral da riqueza alheia. A esfera do mercado é apresentada por Marx como a esfera da apologética, da cidadania, do patriotismo, da felicidade burguesa e dos inalienáveis direitos humanos. É a esfera da democracia, do humanismo e do sentimentalismo piedoso burguês. *"Nas relações monetárias... concebidas em sua forma simples, todas as contradições imanentes da sociedade burguesa aparecem borradas. Isto se converte em refúgio da democracia burguesa, e mais ainda dos economistas burgueses... para fazer a apologia das relações econômicas existentes"*[345].

Cada sujeito em sua relação de intercâmbio se põe ilusoriamente como igual, as diferenças internas entre capital e trabalho são apagadas na diferença formal entre aquele que vende determinada mercadoria e aquele que a compra. O próprio operário não se põe na relação de troca como produtor da riqueza material, mas, formalmente, se põe como vendedor de trabalho ao capital. *"Considerado como sujeito do intercâmbio, sua relação é pois a da igualdade [Gleicheit = em itálico no original]. Impossível é encontrar entre eles qualquer diferença ou ainda contraposição, nem sequer uma disparidade"*[346]. As diferenças entre um e outro agente econômico aparecem como diferenças naturais e não como diferenças sociais. Nesta forma abstrata *"a diferença seria natural [de gênio e inventividade J.A] e não afetaria a índole da relação enquanto tal"*[347].

Ao abandonarmos a esfera ruidosa da circulação simples ou da troca de mercadorias, a fisionomia de nossos personagens começa a se modificar. *"O antigo possuidor de dinheiro marcha adiante como capitalista, segue-o o possuidor de força de*

---

[343] OC Ia, p. 141. MEW 23, p. 190.
[344] OC Ia, p. 141. MEW 23, p. 190.
[345] Grundrisse I, p. 179. MEW 42, p. 166.
[346] Grundrisse I, p. 179. MEW 42, p. 167.
[347] Grundrisse I, p. 179. MEW 42, p. 167.

*trabalho como seu trabalhador; um, cheio de importância, sorriso satisfeito e ávido por negócios; o outro, tímido, contrafeito, como alguém que levou a sua própria pele para o mercado e agora não tem mais nada a esperar, exceto o curtume"*[348].

Junto com os personagens do drama seguem, ainda, ao lado do capitalista, Benthan, Say, Bastiat e toda a corte da economia política vulgar e apologetas do capital. Estes, porém, de modo algum adentrarão sua análise à esfera silenciosa da fábrica. Permanecerão do lado de fora idolatrando a sociedade burguesa e seus fetiches ilusórios. Ao lado do infeliz operário, por sua vez, seguirá Marx adentrando a esfera do curtume e analisando como se realiza efetivamente o processo de consumo da força de trabalho pelo capital, analisando como o capital produz e como ele próprio é produzido pelo operário.

## 2.2. A PRODUÇÃO DA MAIS VALIA ABSOLUTA

Ao entrar na esfera da produção Marx tomará inicialmente o que ela tem de mais simples, universal e abstrato. A análise inicia-se retomando o método inicialmente utilizado para compreender a esfera da circulação. Primeiro analisa-se os elementos mais simples, abstratos e universais da produção para em seguida demonstrar, por meio de uma série de procedimentos, a particularidade da sociedade burguesa e sua diferença específica frente a outros modos de produção. Assim como a mercadoria desdobrara-se internamente entre valor de uso e valor e o trabalho em trabalho concreto e trabalho abstrato, o processo de produção sofrerá idêntico processo de bipartição entre processo de trabalho e processo de valorização.

### 2.2.1. O processo de trabalho

O processo de trabalho é apresentado por Marx como o processo de produção do valor de uso e, como tal, é analisado em seus aspectos abstratos e não históricos. Como *"a produção de valores de uso ou bens não muda sua natureza geral por se realizar para o capitalista e sob seu controle... o processo de trabalho deve ser*

[348] OC Ia, p. 141. MEW 23, p. 191.

*considerado de início independentemente de qualquer forma social determinada"*[349]. Seguindo as exigências do método de exposição dialético Marx analisará o que há de mais universal e abstrato no processo de trabalho, abstração que dissolve a sociedade burguesa na multiplicidade de formas históricas do passado. *"Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza"*[350]. Esta abstração apresenta de início um homem que através de seu próprio trabalho media seu metabolismo orgânico com os poderes da Natureza. Aqui a exposição em nada se parece com a forma fetichizada do processo de circulação apresentado até agora.

O homem é sempre apresentado como sujeito de um processo que ele controla conscientemente e a Natureza como objeto a ser modificado por sua atividade laboriosa. *"Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida"*[351]. Como membro inseparável da Natureza o homem modifica com seu trabalho tanto a Natureza quanto ele próprio. *"Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza"*[352]. O homem tomado em sua generalidade abstrata é apresentado como um homem que domina conscientemente, sem subterfúgios metafísicos, sua própria atividade. Nesta abstração o homem se põe soberanamente frente às forças externas da Natureza que a ele se contrapõem e que ele conscientemente pretende submeter às suas necessidades. *"Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio"*[353].

O processo de trabalho é uma atividade orientada a um determinado fim, é uma atividade desde o começo pressuposta idealmente pelo homem, pois o que aparece no final como produto já existia antes em sua consciência como idéia.

---

[349] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 192.
[350] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 192.
[351] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 192.
[352] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 192.
[353] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 192.

> *No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade.*[354]

Aqui nenhum rastro de alienação do homem frente à sua própria atividade pode ser encontrado. A única submissão encontrada nesta abstração é a da vontade orientada a um fim que desde o começo está pressuposta idealmente.

> *Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita, como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais.*[355]

Nesta generalidade abstrata a baixa atratividade que o trabalho possa oferecer ao trabalhador decorre unicamente da natureza técnica do processo específico de produção e, de modo algum, de sua natureza histórico-social. Apenas o conteúdo, espécie e modo de execução do trabalho, determinações impostas pela própria natureza do produto a ser produzido, podem tornar o trabalho uma atividade enfadonha e pouco atrativa para o produtor. Sendo assim, de modo algum podemos conceber o caráter alienado do trabalho, seja ele assalariado ou não, como uma determinação inerente ao próprio processo de trabalho concreto. A alienação do trabalho é uma determinação posta historicamente pelo próprio homem em suas relações sociais.

*"Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios"*[356]. Por atividade orientada a um fim

---

[354] OC Ia, p. 142. MEW 23, p. 193.
[355] OC Ia, p. 143. MEW 23, p. 193.
[356] OC Ia, p. 143. MEW 23, p. 193.

Marx concebe a própria atividade concreta do trabalho que produz valores de uso destinados a satisfazer determinada necessidade humana. Por objetos e meios Marx concebe todos os elementos exteriores ao homem, os instrumentos e meios de trabalho como a terra, laboratório natural e fonte de valores de uso sempre disponíveis a serem transformados pelo trabalho, as ferramentas, matérias-primas semi-elaboradas, vasilhames, meios de transporte e conservação, etc. Nesta atividade simples do processo de trabalho o homem sempre se põe como sujeito de um processo que ele controla conscientemente desde o princípio, como sujeito que atua sobre determinado objeto auxiliado pelos instrumentos de trabalho que mediam seu metabolismo com a Natureza. Nesta abstração o homem nunca é posto como objeto da produção, mas, ao contrário, ele é tomado sempre como sujeito que domina conscientemente desde o começo sua própria atividade produtiva.

> *No processo de trabalho a atividade do homem efetua, portanto, mediante o meio de trabalho, uma transformação do objeto de trabalho, pretendida desde o princípio. O processo extingue-se no produto. Seu produto é um valor de uso, uma matéria natural adaptada às necessidades humanas mediante transformação da forma. O trabalho se uniu com seu objetivo. O trabalho está objetivado e o objeto trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia na forma de mobilidade aparece agora como propriedade imóvel na forma do ser, do lado do produto. Ele fiou e o produto é um fio.*[357]

Como o produto é um simples valor de uso, toda a atividade laboriosa do homem se encerra no processo de transformação do produto em fio. Como o produtor não produz seu produto na forma-mercadoria, sua atividade não se desdobra no qüiproquó infernal entre processo de produção e processo de circulação. O produto final é, desde o começo, um produto útil socialmente e o trabalho do fiandeiro, nesta abstração, é um trabalho produtivo. Sua meta pressuposta desde o início, tecer o fio, foi realizada com sucesso e ele, por isto, se mostra como um trabalhador útil e produtivo à sociedade.

---

[357] OC Ia, p. 144. MEW 23, p. 195.

O trabalho vivo do homem é concebido por Marx como um poder que desperta a Natureza de sua quietude e a põe em devir, como uma força poderosa que modifica as formas naturais imediatas convertendo em ato aquilo que no seio da Natureza existe apenas em potência. Frente à ação consciente do homem a Natureza perde seu caráter rústico e indomável e adota forma humanizada. O animal selvagem é domesticado e posto a serviço do homem, o ferro bruto é fundido e transformado em aço e a terra arável faz brotar de seu seio os frutos necessários à existência humana. As formas naturais primitivas ganham contornos humanos sob a ação consciente do homem. Ao humanizar a Natureza com seu trabalho o homem deixa de ser um selvagem e se humaniza junto com ela.

O trabalho vivo não apenas modifica as formas brutas naturais, mas, ainda, dá vida aos objetos já fabricados pelo homem e que se decompõem pela ação da Natureza. Uma máquina que sucumbe pela ferrugem natural, assim como a madeira que sucumbe pela umidade, são ressuscitadas do mundo dos mortos pela ação lubrificante e vivificadora do trabalho. Postos em devir pelo trabalho humano ganham vitalidade e função social.

> *O trabalho vivo deve apoderar-se dessas coisas, despertá-las dentre os mortos, transformá-las de valores de uso apenas possíveis em valores de uso reais e efetivos. Lambidas pelo fogo do trabalho, apropriadas por ele como seus corpos, animadas a exercer as funções de sua concepção e vocação, é verdade que serão também consumidas, porém de um modo orientado a um fim, como elementos constitutivos de novos valores de uso, de novos produtos, aptos a incorporar-se ao consumo individual como meios de subsistência ou a um novo processo de trabalho como meios de produção.*[358]

O trabalho visto nesta simplicidade e abstraído de todos os feitiços enganadores da mercadoria, do valor e do trabalho abstrato, em nada se parece com algo misterioso. Nesta simplicidade o homem é o verdadeiro sujeito do processo de trabalho, a Natureza o objeto que ele pretende desde o início conscientemente transformar e as máquinas e instrumentos de trabalho, lambidas pelo fogo vivificador do trabalho, são postas em atividade por sua livre e espontânea vontade. Todo o processo de trabalho é concebido

[358] OC Ia, p. 146. MEW 23, p. 198.

como um processo racional e consciente. Nenhuma força irracional e inconsciente domina o homem em seu trabalho. Ao contrário, o homem domina racionalmente toda a sua atividade laboriosa, do começo ao fim. Nenhuma força cega, metafísica e fantástica lhe assombra e tortura a consciência durante o processo de trabalho.

> *O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos [einfachen und abstrakten Momenten], é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum [gemeinsam] a todas as suas formas sociais [Allen seinem Gesellschaftsformen].*[359]

Esta forma de apresentar o trabalho concreto, voltamos a enfatizar, é uma abstração teórica de Marx, ela em si mesma não existe em forma pura. Nesta abstração os homens são tomados em sua generalidade a-histórica. Aqui o gênero humano, e não suas formas particulares determinadas historicamente, é analisado em sua relação com a Natureza. A existência desta relação entre homem genérico e Natureza é apenas ideal e abstrata e só ganha forma real na série de formas de produção conhecidas historicamente. Para Marx o que efetivamente importa conhecer não é este caráter abstrato e genérico do processo de trabalho, o que importa sim, é conhecer sua forma capitalista de existência.

O processo simples de trabalho, *"devido a seu caráter abstrato, à sua substancialidade pura, é inerente a todas as formas de produção por igual... [é] processo de produção que não está posto em nenhum caráter determinado econômico particular... [é] processo que, enquanto tal, e como o temos visto, de nenhuma maneira pressupõe capital, senão que antes é inerente a todos os modos de produção"*[360]. Esta forma abstrata é a forma idolatrada pela apologética burguesa que vê, assim como já vira com o processo de circulação, apenas o que o trabalho possui de abstrato e genérico. A apologética nunca analisa a sociedade burguesa no que ela possui de efetivo mas, ao contrário, para esconder suas contradições, refugia-se sempre nestas abstrações puramente teóricas. A apologética e

[359] OC Ia, p. 146. MEW 23, p. 198.

a economia vulgar adoram estas abstrações e fazem delas seus modelos explicativos da sociedade burguesa porque, *"tão pouco quanto o sabor do trigo revela quem o plantou, podem-se reconhecer nesse processo as condições em que ele decorre, se sob o brutal açoite do feitor de escravos ou sob o olhar do capitalista, se Cincinnatus o realiza ao cultivar suas poucas jugera ou o selvagem ao abater uma fera com uma pedra"*[361].

Como a Marx interessa a análise sob o ponto de vista histórico e efetivo, abandonemos então nossa abstração e *"voltemos [diz ele] ao nosso capitalista in spe [em aspiração]"*[362]. Se a Marx interessa apenas o que há de concreto e histórico na sociedade capitalista, poderíamos nos perguntar: porque então perder tempo com estas abstrações? Porque não vamos diretamente à análise das relações concretas da sociedade capitalista, da exploração, da produção de mais-valia, da reprodução do capital etc.? Se nosso objetivo é entender as crises do capital, porque ficamos rodando nestas abstrações teóricas e não vamos direto ao assunto como faz a economia política burguesa? Esta é uma resposta que só poderemos compreender, compreendendo o método de exposição dialético. Como já anunciamos, Marx parte das abstrações universalizadoras unicamente com a intenção de em seguida iniciar o processo negativo de exposição, de demonstrar o caráter unilateral, enganoso e ilusório destas abstrações, de demonstrar que por trás destas abstrações da economia política burguesa esconde-se uma realidade totalmente diferente e inversa à realidade apresentada abstratamente.

Assim como a esfera da circulação simples de mercadorias, a esfera mais abstrata, aparente e ilusória da sociedade burguesa, esconde atrás de si uma segunda esfera mais determinada e real, a esfera da circulação capitalista e, por trás desta ainda, a esfera da produção da mais-valia, assim também ocorre com a esfera do processo de produção. O processo de produção simples, a esfera mais aparente e ilusória da esfera do processo de produção, do mesmo modo esconde por trás de suas costas um processo mais determinado e nada harmonioso de trabalho, o processo de valorização do valor. O processo simples de trabalho é o momento tético e abstrato da exposição que deverá ser negado e desvelado pela análise do processo efetivo de valorização do valor. O processo de exposição é um processo desvelador que vai, lentamente, levantando o véu das aparências e das abstrações que

---

[360] Grundrisse I, p. 245. MEW 42, p. 225.
[361] OC Ia, p. 146/147. MEW 23, p. 199.
[362] OC Ia, p. 147. MEW 23, p. 199.

encobrem o mundo efetivo e real e expondo à consciência daqueles que acompanharam com Marx toda a exposição, a verdadeira natureza da sociedade capitalista, a mais-valia, a exploração, a luta de classes, enfim, o mundo nada luminoso e encantador das abstrações[363].

De início o processo de trabalho a ser realizado pelo operário recém contratado pelo capitalista não se diferencia em sua universalidade abstrata com o processo de trabalho exposto acima.

> *A natureza geral do processo de trabalho não se altera, naturalmente, por executá-lo o trabalhador para o capitalista, em vez de para si mesmo. Mas também o modo específico de fazer botas ou de fiar não pode alterar-se de início pela intromissão do capitalista. Ele tem de tomar a força de trabalho, de início, como a encontra no mercado e, portanto, também seu trabalho da maneira como se originou em um período em que ainda não havia capitalistas.*[364]

De início, e apenas de início, o processo de fabricar botas, fio, linho etc., sob direção do capitalista em nada se diferencia do processo abstrato descrito anteriormente. *"A transformação do próprio modo de produção mediante a subordinação do trabalho ao capital só pode ocorrer mais tarde [quando o capital dominar por inteiro e a sua maneira todo o processo de trabalho J.A] e deve por isso ser considerado somente mais adiante"*[365].

Porém, o processo de trabalho em sua forma capitalista e tomado ainda de modo bastante abstrato, já apresenta duas peculiaridades que o afastam imediatamente desta simplicidade e o impulsionam a negar estas abstrações e a fundar ao longo de uma série de processos, um modo de produção inteiramente distinto e antagônico a esta abstração. Primeiro: *"o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho... Segundo, porém: o produto é propriedade do capitalista, e não do produtor direto, do trabalhador"*[366]. Aqui uma primeira contradição, ainda no interior do processo

---

[363] Conforme aulas expositivas do Prof. Dr. Hector Benoit no programa de pós-gradução da Unicamp.
[364] OC Ia, p. 147. MEW 23, p. 199.
[365] OC Ia, p. 147. MEW 23, p. 199.
[366] OC Ia, p. 147. MEW 23, p. 199/200.

simples de trabalho, já começa a despontar e a negar a simplicidade daquela abstração inicial. E esta contradição nada mais é que um novo desdobramento em escala mais profunda da contradição mais simples entre valor de uso e valor da mercadoria. Como nosso trabalhador é um trabalhador assalariado que vendeu sua força de trabalho ao capitalista, como, em troca de um salário ele alienou ao capitalista o valor de uso de sua força de trabalho, como ele alienou ao patrão a potência para despertar do mundo dos mortos todos os objetos inanimados de propriedade do capitalista, ele alienou junto a propriedade sobre os resultados de sua própria atividade vital. A dicotomia entre valor de uso e valor da força de trabalho se desdobra agora na dilacerante dicotomia entre trabalho e apropriação do trabalho.

Ao trabalhador não cabe reclamar a propriedade sobre os objetos de sua atividade, todos estes pertencem por direito ao patrão, ao comprador de sua força de trabalho que a utilizou para despertar do mundo dos mortos a quinquilharia comprada na forma de máquinas e matéria prima.

> *A partir do momento em que ele [o trabalhador] entrou na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, sua utilização, o trabalho, pertence ao capitalista. O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos constitutivos do produto, que lhe pertencem igualmente.*[367]

Ainda sem abandonar a esfera do processo de trabalho simples, ainda sem entrar na esfera da produção efetivamente capitalista, o pobre operário já começa a ser despojado de sua subjetividade vital. Seu trabalho, não apenas o produto dele mas sua própria atividade, já começa a separar-se dele sem que ele possa levantar a voz e reclamar como um direito seu a posse daquilo que ele mesmo produziu. As leis imanentes ao intercâmbio da força de trabalho, leis que apareciam magicamente como leis da liberdade, igualdade e propriedade, impedem forçosamente o trabalhador de levantar qualquer petição em favor de sua atividade. Ele alienou o fogo vivo de sua atividade laboriosa e agora, sob a lei do intercâmbio geral de mercadorias, deve calar e submeter-se pacificamente. Como

[367] OC Ia, p. 147. MEW 23, p. 200.

Prometeu que roubara o fogo dos deuses e o oferecera aos homens, o trabalhador deverá viver todos os dias o castigo da fábrica por ter alienado ao capitalista toda sua corporalidade viva e espiritual. Já que a troca fora realizada dentro das leis justas do intercâmbio entre equivalentes e, ainda, já que ao comprador cabe o direito inalienável e absoluto de desfrutar do valor de uso adquirido, o produtor deverá viver todos os dias o doloroso castigo da alienação frente a seu próprio trabalho. Nenhum tribunal ouvirá a reclamação do trabalhador, pois o intercâmbio com o patrão foi realizado dentro das leis justas da troca de equivalentes.

### 2.2.2. O processo de valorização

O valor de uso, como já vimos, não é de modo algum o móvel que impulsiona o capitalista à produção, sua meta final é sempre o valor de troca. *"Produz-se aqui valores de uso somente porque e na medida em que sejam substrato material, portadores do valor de troca [Träger des Tauschwerts]"*[368]. Para o capitalista, ainda, não se trata do valor de troca simplesmente, mas de sua ampliação constante. *"Quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria, não só valor de uso, mas valor e não só valor, mas também mais-valia"*[369]. Para o capitalista se trata, enfim, da valorização do valor. Isto é o que importa. Todo o resto é um meio para sua meta final.

Marx divide essa parte da exposição em dois momentos, o momento da formação simples do valor, que ele chama de processo de formação do valor e o momento da formação da mais-valia, que ele chama de processo de valorização do valor. No processo de formação do valor analisa-se basicamente o processo de formação do valor de determinada mercadoria, sem considerar ainda a produção capitalista de mercadorias. Antes tratava-se de analisar o momento universal e abstrato da formação do valor de uso, agora trata-se de analisar o momento da formação do valor considerando esse valor de uso uma mercadoria. Em seguida se tratará de analisar o processo de formação de mais-valia considerando essa mercadoria uma mercadoria fabricada em base capitalista.

Para explicar o processo de formação simples do valor Marx toma como exemplo hipotético a formação do valor de 10 libras de fio de algodão. Para a fabricação destas 10 libras de fio serão necessárias 10 libras de algodão como matéria prima. Estas são

[368] OC Ia, p. 148. MEW 23, p. 201.

compradas pelo capitalista fabricante de fios e pagos o seu valor, 10 xelins. Toda a massa de meios e instrumentos de produção desgastados no processo estão resumidos numa massa de fusos de valor igual a 2 xelins. Hipoteticamente 12 xelins (10 de fios + 2 de fusos) expressarão um produto total de 24 horas de trabalho social ou, o que dá no mesmo, duas jornadas diárias de 12 horas cada. Deste modo, no fio estarão incorporadas 24 horas de trabalho passado, ou duas jornadas diárias de 12 horas. O processo de transformação do algodão em fio pelo trabalho, simultaneamente transfere ao fio os valores antigos do algodão e dos fusos desgastados. Antes tinha-se uma massa de valor de 12 xelins sob a forma de algodão e fusos, agora tem-se uma massa de fios no valor de 12 xelins. A massa disforme de algodão conservou seu valor inalterado no corpo do fio e o fuso teve seu valor, também inalterado, transferido para o valor do fio. Antes tinha-se uma massa de valor igual a 24 horas na forma de libras de algodão e fusos, agora tem-se a mesma massa na forma de 10 libras de fio.

Isto do ponto de vista dos valores antigos que existiam previamente ao processo de trabalho. Falta ainda analisar o processo de transferência de valor da própria força de trabalho do tecelão contratado pelo capitalista.

> *Agora temos de observar esse trabalho sob um aspecto totalmente diverso daquele sob o qual o consideramos durante o processo de trabalho. Lá tratava-se da atividade orientada ao fim de transformar algodão em fio. Quanto mais adequado o trabalho a esse, tanto melhor o fio, supondo-se inalteradas todas as demais circunstâncias. O trabalho do fiandeiro era especificamente diferente de outros trabalhos produtivos, e a diversidade manifestava-se subjetiva e objetivamente no fim particular da fiação, em seu modo particular de operar, na natureza particular de seus meios de produção, no valor de uso de seu produto.*[370]

Na medida em que o trabalho do fiandeiro é trabalho especificamente orientado a um fim, ele constitui uma espécie de trabalho totalmente diferente das outras espécies de trabalho concreto. As determinações que contam em sua atividade são todas

---

[369] OC Ia, p. 148. MEW 23, p. 201.

determinações puramente qualitativas. Na medida, porém, em que o trabalho concreto é abstraído da análise e posto em seu lugar o trabalho abstrato, todas as determinações qualitativas do trabalho cedem lugar às determinações puramente quantitativas do tempo de trabalho. No lugar das determinações puramente qualitativas do trabalho concreto erguem-se as impiedosas batidas do relógio regulando a duração da atividade vital do trabalhador. Na medida em que o trabalho concreto do fiandeiro é inteiramente abstraído da análise, ele se perde e se dissolve frente às determinações quantitativas do trabalho abstrato, igualando-se, como já vimos, a todas as outras atividades laboriosas empenhadas em fabricar mercadorias. Deste modo, sua nobre atividade de vestir os homens pode ser equiparada a qualquer outra atividade menos nobre, como a questionável profissão de editar Bíblias ou perfurar canhões.

> *Na medida em que o trabalho do fiandeiro é, pelo contrário, formador de valor, isto é, fonte de valor, não se distingue em nada do trabalho do perfurador de canhões, ou, que está aqui mais próximo, dos trabalhos do plantador de algodão e do produtor de fusos, realizados nos meios de produção do fio. É apenas por causa dessa identidade que plantar algodão, fazer fusos e fiar podem formar partes apenas quantitativamente diferentes do mesmo valor total, do valor do fio. Aqui já não se trata da qualidade, da natureza e do conteúdo do trabalho, mas apenas de sua quantidade.*[371]

No processo de formação do valor não entra nenhuma determinação qualitativa do trabalho, o que unicamente importa neste processo é quanto de valor está incorporado no corpo do valor de uso. Em nossa hipótese inicial 24 horas de trabalho estavam representadas numa massa de 10 libras de fio a um preço de 12 xelins. Se o salário de nosso fiandeiro é de 3 xelins diários, serão necessárias 6 horas diárias de trabalho para que sejam produzidos todos os meios de subsistência que nosso operário comprará com estes 3 xelins. O valor de sua força de trabalho medido no tempo será, então, igual a 6 horas diárias de trabalho. Se em 1 hora nosso fiandeiro fia 1 2/3 libras de algodão, então em 6 horas fiará a massa total de 10 libras adiantadas por seu patrão. Ao valor de 12 xelins

[370] OC Ia, p. 149/150. MEW 23, p. 203.

acrescenta-se agora mais 3 xelins ao preço do fio, valor acrescido pelo consumo da força de trabalho e agora absorvido no corpo do fio. Do mesmo modo se acresce ao valor do fio mais 6 horas de trabalho diário, perfazendo no valor de 10 libras de fio um total de 30 horas de trabalho humano, 24 horas antigas presentes no algodão e no fuso desgastado e mais 6 horas acrescidas durante o processo de trabalho incorporadas pelo fiandeiro. O valor final das 10 libras de fio é, portanto, 15 xelins e nele estão incorporadas 30 horas de trabalho humano.

Porém, podemos nos perguntar, onde está a mais-valia do patrão? O valor final do fio é igual ao valor adiantado pelo capitalista no início do processo de produção. O patrão naturalmente venderá seu linho pelo seu valor, por 15 xelins. Destes, 10 ele adiantou na compra do algodão, 2 ele adiantou na compra dos fusos e 3 foram pagos ao operário na forma de salário. Onde está sua mais-valia? Seu capital não se valorizou enquanto respeitou a troca de equivalentes. Marx havia nos prometido revelar a origem da mais-valia respeitando todas as regras da troca de equivalentes. Porém, o que temos diante de nós? Um capital que não se valorizou e um capitalista que não enriqueceu.

Todo o processo percorrido até aqui foi para nosso capitalista pura perda de tempo. Ele começou seu negócio com uma soma de valores igual a 15 xelins e agora ao final do processo retornou a seu bolso uma soma de valor igual ao valor inicialmente adiantado: *"seria este um processo que não conduziria a nada, já que ao final não haveria mais que apresentar novamente uma soma idêntica de dinheiro e se haveria corrido o risco de sair deteriorado do ato de produção"*[372]. O final do processo não trouxe um valor novo acrescido que compensasse o risco corrido pelo capitalista. Para piorar, como ele não vive de brisa, ao final do processo ele sai mais pobre do que entrou. *"Porém o capitalista também tem que comer e beber, não pode viver desta transmutação formal do dinheiro"*[373].

Do ponto de vista do valor ocorreu apenas uma mudança formal. Ele se repartiu inicialmente em 10+2+3 (algodão, fusos e salário) e se recompôs ao final do processo sob a mesma soma inicial. A unidade repartida no começo se recompôs ao final do processo sob a mesma grandeza de valor. *"O processo único, com respeito ao valor, consiste em que uma vez se apresenta como conjunto, unidade; outra como divisão desta*

---

[371] OC Ia, p. p. 150. MEW 23, p. 203.
[372] Grundrisse I, p. 257. MEW 42, p. 236.
[373] Grundrisse I, p. 257. MEW 42, p. 237.

*unidade em uma quantidade determinada; finalmente como soma"*[374]. Para o capital, contudo, este processo formal só tem sentido se o dinheiro retornar ao final do processo maior do que entrou nele. *"Com esta mera identidade do capital ou reprodução de seu valor através do processo de produção, não nos haveríamos distanciado ainda de nosso ponto de partida"*[375]. Todo o processo até aqui foi uma mera formalidade insossa incompatível com o capital.

Não apenas nós, mas, ainda *"nosso capitalista fica perplexo. O valor do produto é igual ao valor do capital adiantado. O valor adiantado não se valorizou, não produziu mais-valia, o dinheiro não se transformou em capital"*[376]. Nosso capitalista não conseguira metamorfosear-se de capitalista larvar em capitalista *in actu*. Ele permanece perplexo e estupefato, todas as leis da troca de equivalentes foram respeitadas e ele continua a existir numa forma larvar. Seu projeto fracassou. A economia política lhe tapeou. Marx é um embusteiro e apenas nos enrolou até aqui. A mais-valia deve ser explicada de outra maneira. Mas qual? Sob a troca de não-equivalentes concluímos que é impossível surgir mais-valia. Agora, do mesmo modo, concluímos que também da troca de equivalentes a mais-valia é impossível. De onde vem o lucro do patrão então? Não viria de seu próprio trabalho de supervisão? *"Não trabalhou ele mesmo? Não executou o trabalho de vigilância e superintendência sobre o fiandeiro? Não cria valor também esse seu trabalho?"*[377] Se não vem de nenhuma destas partes de onde viria, então, o mais valor impacientemente esperado por nosso capitalista larvar? Existiria realmente esta mais-valia? Não seria ela uma fantasia de Marx e dos ricardianos de esquerda inventada para condenar a sociedade capitalista?

> *Entrementes, já recobrou com um sorriso alegre sua fisionomia anterior. Ele troçou de nós com toda essa ladainha [diz Marx sarcasticamente referindo-se ao capitalista]... Ele deixa esses e semelhantes subterfúgios e petas vazias aos professores de Economia Política, expressamente pagos*

[374] Grundrisse I, p. 255. MEW 42, p. 235.
[375] Grundrisse I, p. 256. MEW 42, p. 235.
[376] OC Ia, p. 151. MEW 23, p. 205.
[377] OC Ia, p. 152. MEW 23, p. 206.

> *para isso. Ele mesmo é um homem prático que nem sempre pensa no que diz fora do negócio, mas sempre sabe o que faz dentro dele.*[378]

A ácida ironia de Marx contra a economia política vulgar e os lambebotas do capital é aqui, um exemplo do quanto ele detestava a apologética vulgar, a sofisticaria e a mediocridade teórica.

*"Examinemos a coisa mais de perto"*[379]. O enigma da mais-valia se desvela logo que analisamos a natureza da mercadoria força de trabalho. Três xelins, ou seis horas de trabalho, é o custo para manter viva uma força de trabalho durante 24 horas inteiras. Isto não impede, de modo algum, que uma força de trabalho trabalhe além do tempo diário que mede seu próprio valor. Seis horas é apenas o tempo de meia jornada de trabalho. O capitalista quando contratou o fiandeiro, não o contratou por seis horas, mas, sim, por doze horas diárias. A grandeza do valor que custa diariamente uma força de trabalho é inteiramente distinta da grandeza de tempo que esta força de trabalho pode trabalhar diariamente.

> *Mas o trabalho passado que a força de trabalho contém, e o trabalho vivo que ela pode prestar, seus custos diários de manutenção e seu dispêndio diário, são duas grandezas inteiramente diferentes. A primeira determina seu valor de troca, a outra forma seu valor de uso. O fato de que meia jornada seja necessária para mantê-lo vivo durante 24 horas não impede o trabalhador, de modo algum, de trabalhar uma jornada inteira. O valor da força de trabalho e sua valorização no processo de trabalho são, portanto, duas grandezas distintas.*[380]

Essa diferença entre o valor que custa uma força de trabalho e a capacidade que esta força possui para produzir valor, para trabalhar além do tempo que ela mesma custa, está na base da formação da mais-valia. Como o operário não vende trabalho ao capitalista, mas, sim, sua potência para o trabalho, a diferença entre o custo de sua força de

---

[378] OC Ia, p. 152. MEW 23, p. 207.
[379] OC Ia, p. 152. MEW 23, p. 207.
[380] OC Ia, p. 152. MEW 23, p. 207/208.

trabalho e o quanto esta força pode criar é uma diferença embolsada pelo capitalista. Se o trabalhador vendesse trabalho ao capitalista seria impossível a formação da mais-valia, pois o mesmo trabalhador não apareceria frente ao capitalista como trabalhador assalariado disposto a alienar esta potência criadora de valor, mas, sim, disposto apenas a alienar produtos. E da alienação recíproca de produtos não pode surgir nenhuma mais-valia, como já vimos. É desta fundamental diferença entre valor de uso e valor da força de trabalho, entre trabalho e capacidade para realizar trabalho que surge a mais-valia e esta diferença, de acordo com a lei da troca de equivalentes válida até aqui, *"é grande sorte para o comprador, mas, de modo algum, uma injustiça contra o vendedor"*[381].

Nosso ardiloso capitalista, conhecedor prático desta diferença fundamental, sem se deixar enganar por seus próprios escribas e apologetas põe nosso fiandeiro para fiar mais seis horas de trabalho. Astutamente já havia comprado algodão e fusos suficientes não apenas para uma jornada de seis horas, mas, sim, para uma de doze horas. Astuciosamente fará com que todas as determinações anteriores se repitam. Dez xelins de algodão serão transferidos ao preço de dez libras de fio, assim como 2 xelins do desgaste dos fusos serão também transferidos ao preço final do fio. Dez libras de fio custam agora 12 xelins, como antes. Como nosso fiandeiro incorporará, do mesmo modo que antes, 3 xelins ao preço do fio, teremos no final da segunda etapa da jornada de trabalho mais dez libras de fio custando 15 xelins. No total nosso fiandeiro terá tecido 20 libras de fios a um preço total de 30 xelins. Como nosso capitalista adiantou apenas 27 xelins para a execução do processo de produção, terá ao final um excedente de 3 xelins. Como paga ao operário apenas a primeira parte da jornada embolsando os 3 xelins surgidos na segunda parte, esta será sua mais-valia. *"Finalmente a artimanha deu certo. Dinheiro se transformou em capital"*[382].

O mistério da mais-valia está finalmente desvendado. Seu segredo agora está exposto, ele se apoia na diferença entre valor de uso e valor da força de trabalho, entre trabalho e força de trabalho, entre o que custa uma força de trabalho e o que ela pode produzir a este custo. Desta diferença surge a diferença entre jornada de trabalho necessária para a formação do valor e jornada excedente necessária para a valorização do valor. A mais-valia surge simplesmente pondo-se o operário para trabalhar para além dos limites que custa sua força de trabalho, estendendo a jornada de trabalho para além da jornada

[381] OC Ia, p. 153. MEW 23, p. 208.

necessária para a formação do valor, pondo o operário para realizar vários processos de formação do valor dentro de uma mesma jornada diária de trabalho.

> *Todas as condições do problema foram resolvidas e, de modo algum, as leis do intercâmbio de mercadorias foram violadas. Trocou-se equivalente por equivalente. O capitalista pagou, como comprador, toda mercadoria por seu valor, algodão, massa de fusos, força de trabalho. Depois fez o que faz qualquer outro comprador de mercadoria. Consumiu seu valor de uso.*[383]

Desta segunda metade da jornada diária de trabalho nasce a mais-valia do capitalista e, de acordo com a lei da troca de equivalentes que regula o intercâmbio entre capital e trabalho, nenhuma reclamação cabe ao operário sobre o valor excedente por ele próprio criado e apropriado pelo capitalista. Este excedente pertence por inteiro àquele a quem o trabalhador alienou o valor de uso da força de trabalho. Até aqui nenhum crime pode ser atribuído ao capitalista, a sagrada lei da produção de mercadorias não foi violada e nenhuma injustiça foi cometida contra o fiandeiro. A lei da troca de equivalentes vela pela imparcialidade e pela justiça da transação.

Contudo, se observarmos mais atentamente a relação entre capital e trabalho ao final do processo de produção, aquilo que para o trabalhador aparece como intercâmbio, *"por parte do capitalista tem que ser um não-intercâmbio [Nicht-Austausch]"*[384]. O intercâmbio entre ambos se mostra como *"meramente aparente [scheinbarer]"*[385] porque o trabalhador *"intercambia por um valor predeterminado a atividade que põe valor, prescindindo do resultado de sua atividade"*[386]. O intercâmbio se mostra como mera aparência porque *"pela segunda metade da jornada de trabalho, não tem intercambiado nada"*[387].

O que unicamente pode converter nosso portador de dinheiro em capitalista, não é o intercâmbio, *"senão um processo no qual, sem intercâmbio, recebe tempo de*

---

[382] OC Ia, p. 153. MEW 23, p. 209.
[383] OC Ia, p. 153. MEW 23, p. 209.
[384] Grundrisse I, p. 263. MEW 42, p. 241.
[385] Grundrisse I, p. 263. MEW 42, p. 241.
[386] Grundrisse I, p. 264. MEW 42, p. 242.
[387] Grundrisse I, p. 265. MEW 42, p. 243.

*trabalho objetivado, isto é, valor"*[388]. Sem a apropriação de uma parte da jornada de trabalho para si próprio, nosso capitalista não teria, de modo algum, abandonado seu casulo e se convertido em capitalista *in actu*. A apropriação constante de uma riqueza que o capitalista mesmo não produziu é fator fundamental para que ele possa existir como capitalista. *"A outra metade da jornada de trabalho ao capital não lhe custa nada; ou seja, ele recebe um valor pelo qual não tem dado equivalente algum. E o aumento dos valores somente pode efetuar-se recebendo um valor por cima do equivalente, isto é, criando-se"*[389].

A contradição que permite que aquele que enriquece não seja o mesmo que cria a riqueza se deve à circunstância de que *"frente ao capital, o trabalho é a mera forma abstrata, a mera possibilidade da atividade que põe os valores, a qual só existe como capacidade, como faculdade, na constituição corporal do operário"*[390]. Posta em atividade ao lado do capital a força de trabalho do operário converte-se em força produtora da riqueza universal não para ele próprio, mas para o capital. Separado do capital o operário é mera força subjetiva de trabalho, posto em atividade junto ao capital ele se converte, contraditoriamente, em força produtiva para o capital e não para ele próprio. Nesta relação, o trabalhador *"mais bem tem que empobrecer-se,... já que a força criadora de seu trabalho enquanto força do capital, se estabelece frente a ele como poder alheio [fremde Macht = em itálico no original]"*[391]. Capitalista e trabalhadores, deste modo, estão postos numa contradição direta e inconciliável um com o outro: *"o capital é a antítese do operário [das Kapital der Gegensatz des Arbeiters ist]"*[392] e o operário é *"a negação do capital [Negation des Kapitals]... o verdadeiro não-capital é o trabalho"*[393].

A transformação de dinheiro em capital, deste modo, pressupõe a existência do trabalhador como mera potencialidade abstrata para o trabalho. Despojado das condições objetivas para o trabalho e em antítese direta com o não-trabalhador e proprietário das condições objetivas para o trabalho, o trabalhador existe como trabalhador assalariado e a mais-valia não pode surgir, por isso, fora das relações de compra e venda da força de

---

[388] Grundrisse I, p. 265. MEW 42, p. 243.
[389] Grundrisse I, p. 265/266. MEW 42, p. 243.
[390] Grundrisse I, p. 238. MEW 42, p. 219.
[391] Grundrisse I, p. 248. MEW 42, p. 228.
[392] Grundrisse I, p. 249. MEW 42, p. 229.
[393] Grundrisse I, p. 215. MEW 42, p. 199.

trabalho, da esfera da circulação, portanto. Como trabalhador despojado das fontes objetivas da riqueza, o trabalhador encontra-se com o capitalista no mercado de trabalho para aí começar a transação que dará origem à mais-valia. Se, por um lado, a mais-valia é produzida fora da esfera da circulação, por outro, a circulação é pressuposto para a mais-valia. A transformação de dinheiro em capital, deste modo, se opera na esfera da circulação ao mesmo tempo em que não se opera nela.

> *Por intermédio da circulação, por ser condicionado pela compra da força de trabalho no mercado. Fora da circulação, pois ela apenas introduz o processo de valorização, que ocorre na esfera da produção. E assim é [diz ironicamente Marx] tout pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles [tudo pelo melhor no melhor dos mundos possíveis].*[394]

A ironia de Marx se deve certamente à circunstância de que todo este belíssimo castelo de sonhos irá se desmoronar com o prosseguimento de sua exposição. Toda esta fantasticaria baseada na sagrada troca de equivalentes será ainda jogada na lama pela ácida e destruidora exposição dialética de Marx.

O processo de valorização do valor é nada mais que uma repetição do processo de formação simples do valor, é sua extensão para além do tempo necessário para a formação do valor da mercadoria. *"Se este apenas dura até o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um novo equivalente, então é um processo simples de formação de valor. Se ultrapassa esse ponto, torna-se processo de valorização"*[395]. Se a jornada de trabalho se encerrar no ponto onde se encerra o processo de formação do valor, nenhuma mais-valia será produzida. Como o capital não tem por meta a simples produção de mercadorias, sua meta é a valorização do valor, estender a jornada de trabalho para além dos limites da jornada necessária para a formação do valor é seu impulso mais imanente, o segredo mais oculto de sua valorização e paixão voraz e insaciável.

A conversão do capitalista larvar em capitalista efetivo implica, por isso, necessariamente, a conversão do processo de formação do valor em processo de

---

[394] OC Ia, p. 153. MEW 23, p. 209.

valorização do valor. A extensão da jornada de trabalho para além dos limites que exigiria uma sociedade baseada na produção simples de mercadorias, a extensão da jornada para além dos limites que exigiria uma sociedade onde o produtor fosse proprietário de seus próprios meios de produção, por isso, é condição fundamental para a conversão do processo de formação do valor em processo de valorização do valor e enriquecimento do capitalista.

Como o capital não tem por meta o valor de uso, não tem também por meta o processo de trabalho que forma o valor de uso. Como o capital não alimenta nenhum amor pela simples produção de mercadorias, não tem também como fim encerrar o processo de produção com o processo de formação simples do valor. Como sua verdadeira e inconfessável paixão é a valorização sem fim do valor, o capital transforma tanto o processo de trabalho quanto o processo de formação do valor em simples meios ou momentos mais abstratos de seu insaciável processo de valorização do valor. O capital converte todos os momentos qualitativos do processo de trabalho em meros momentos de seu insaciável processo de fermentação quantitativa do valor. Ao capital o que unicamente importa é valorizar sempre mais seu valor. O capital, por isso, não deve de modo algum, ser concebido estaticamente, como uma coisa ou objeto inerte.

O capital enquanto processo insaciável de valorização do valor não adota forma estática, não admite a paralisia de alguma forma no tempo, ele é puro movimento e conversão sem fim de uma forma em outra.

> *O capitalista, ao transformar dinheiro em mercadorias, que servem de matérias constituintes de um novo produto ou de fatores do processo de trabalho, ao incorporar força de trabalho viva à sua objetividade morta, transforma valor, trabalho passado, objetivado, morto em capital, em valor que se valoriza a si mesmo, um monstro animado que começa a "trabalhar" como se tivesse amor no corpo.*[396]

---

[395] OC Ia, p. 154. MEW 23, p. 209.

## 2.3. CAPITAL CONSTANTE E CAPITAL VARIÁVEL

Os dois momentos do processo de produção não se realizam separados um do outro, processo de trabalho e processo de formação do valor são processos que se realizam simultaneamente. O processo de valorização do valor, como vimos, nada mais é que a repetição do processo de formação do valor. O trabalhador não realiza primeiro o processo de trabalho, o processo de formação do valor de uso e transferência dos valores antigos para o corpo do valor de uso novo e, em seguida, realiza um novo processo onde acresce ao valor do produto o valor de sua própria força de trabalho. Ambos processos se realizam simultaneamente.

Na primeira etapa do processo, simultaneamente ao processo de conversão do algodão em fio, o trabalhador transfere, por meio de sua própria atividade útil, os valores antigos do algodão e do fuso desgastado ao valor do fio. O fio, ao final do processo de trabalho aparece com um valor igual à soma dos valores do algodão e dos fusos porque, mediante sua própria atividade útil o operário simultaneamente transfere ao produto novo os valores e a quantidade de trabalho dos produtos antigos. Os valores antigos não se perdem com a transformação de forma da matéria, eles são conservados no corpo da matéria nova.

Como todo trabalho útil é simultaneamente consumo de sangue, cérebro, músculo e energia humana, simultaneamente ao esforço realizado pelo operário para converter algodão em fio, ocorre o desgaste de sua força de trabalho que se deposita no corpo do valor de uso do fio, simultaneamente ao processo de transferência dos valores antigos ocorre um acréscimo no valor do fio, acréscimo que nada mais é que a reprodução do valor da força de trabalho no valor do fio. Simultaneamente ao processo de transferência dos valores antigos ocorre o processo de reprodução de um valor novo, de um valor que não existia antes e que se agrega ao valor do fio, o valor da força de trabalho consumida durante o processo de formação do valor. Assim, durante sua atividade produtiva o trabalhador não apenas conserva e transfere os valores antigos para o corpo do valor de uso novo, mas, ainda, reproduz e acresce um valor novo que não existia antes. Essa dualidade do resultado, conservação e transferência por um lado e reprodução e acréscimo por outro,

---

[396] OC Ia, p. 153/154. MEW 23, p. 209.

*"só pode explicar-se, evidentemente, pela dualidade de seu próprio trabalho. No mesmo instante, o trabalho, em uma condição, tem de gerar valor e em outra condição deve conservar ou transferir valor"*[397].

Esse qüiproquó todo, conservar, transferir, reproduzir e acrescer valor, tem sua origem no caráter dual da força de trabalho, de seu caráter de trabalho concreto e trabalho abstrato. Conservar e transferir valor é uma determinação do caráter concreto do trabalho enquanto reproduzir e acrescer é uma determinação de seu caráter abstrato.

> *O trabalhador conserva, portanto, os valores dos meios de produção consumidos ou os transfere, como partes componentes do valor, ao produto, não pelo seu acréscimo de trabalho em geral, mas pelo caráter particularmente útil, pela forma específica produtiva desse trabalho adicional. Como atividade produtiva, adequada a um fim – fiar, tecer, forjar -, o trabalho, através de seu mero contato, ressuscita dos mortos os meios de produção, os vivifica para serem fatores do processo de trabalho e se combina com eles para formar produtos.*[398]

Nesta determinação concreta a duração do tempo de trabalho que leva o fiandeiro para transformar algodão em fio e, simultaneamente, transferir valores antigos, não possui nenhuma importância para a valorização do valor. No processo de transferência de valores o único tempo que conta é o tempo de trabalho passado que será transferido ao valor do novo produto. Num mesmo tempo de trabalho, portanto, o mesmo trabalhador pode transferir diferentes valores ao valor de um novo produto. Isso está determinado unicamente pela massa de valores antigos que estão em processo de metamorfose. O trabalhador só poderá transferir valor do algodão para o fio na medida em que for um fiandeiro. Se mudar de profissão, de modo algum poderá transferir tais valores ao corpo do fio.

Ao mudar de atividade, porém, nada muda na atividade abstrata do operário, sob determinado tempo de trabalho acrescerá trabalho genérico tanto fiando algodão quanto forjando madeira. *"Agrega valor, portanto, mediante seu trabalho não por ser trabalho de*

---

[397] OC Ia, p. 157. MEW 23, p. 214.

*fiação ou de marcenaria, mas por ser trabalho abstrato, social geral, e agrega determinada grandeza de valor não por ter seu trabalho um conteúdo particular, útil, mas porque dura um tempo determinado"*[399]. Nessa determinação, portanto, a duração do tempo de trabalho determina o quantum de trabalho que será reproduzido ou acrescido. Em uma hora de trabalho acrescerá apenas uma hora de trabalho novo, em duas acrescerá o dobro, em três o triplo e assim por diante. Na determinação anterior, na transferência de valor, a duração do tempo de trabalho não exerce nenhuma influência sobre a massa de valores que será transferida. Claro que em duas horas poderá ser transferido o dobro de valor que em uma hora mas, nesta mesma hora, o trabalhador poderá transferir 100, 200, 300 ou 1.000.000 de valores. O que determinará a massa de valores a ser transferido é a própria massa de valores pré-existente.

> *Portanto, em virtude de sua propriedade abstrata, geral, como dispêndio de força de trabalho humana, o trabalho do fiandeiro agrega novo valor aos valores do algodão e do fuso, e em virtude de sua propriedade concreta, específica, útil, como processo de fiação, transfere o valor desses meios de produção ao produto e recebe assim seu valor no produto. Daí a dualidade do seu resultado no mesmo instante.*[400]

Independentemente de seu valor, se alto ou baixo, um meio, instrumento ou objeto de produção nunca poderá acrescer valor ao produto além de seu próprio valor. O que unicamente ocorre com seus valores é a transferência invariável ao valor do novo produto, transferência, sempre, de valores pré-existentes ao novo processo de produção. *"Ao transformar o trabalho produtivo meios de produção em elementos constituintes de um novo produto, ocorre com o seu valor uma transmigração de almas. Ele transmigra do corpo consumido ao corpo recém-estruturado"*[401]. Essa transmigração de almas realizada pelo trabalhador é uma operação que nada custa ao patrão. Como o operário não pode agregar valor sem, simultaneamente, conservar e transferir os valores antigos para o valor

---

[398] OC Ia, p. 158. MEW 23, p. 215.
[399] OC Ia, p. 158. MEW 23, p. 215.
[400] OC Ia, p. 158. MEW 23, p. 215.
[401] OC Ia, p. 161. MEW 23, p. 221.

novo recém formado, o trabalhador realiza a conservação e a transmigração da alma do valor antigo gratuitamente para o capitalista. *"É portanto um dom natural da força de trabalho em ação, do trabalho vivo, conservar valor ao agregar valor, um dom natural que nada custa ao trabalhador mas que rende muito ao capitalista, a conservação do valor pré-existente do capital"*[402].

Toda essa argumentação serve a Marx, fundamentalmente, para demonstrar que o valor do algodão e dos fusos, dos meios de produção em geral, não sofre nenhuma alteração quantitativa durante o processo de produção. Serve para provar que os valores antigos são conservados e transferidos invariavelmente ao valor do novo produto, que desta transferência de valores não pode surgir nenhum acréscimo de valor, que o capital não pode valorizar-se por si mesmo, que apesar do capital possuir uma paixão inesgotável pelo valor e dispor-se a realizar os maiores crimes por ele, a mais-valia não pode originar-se do capital em si mesmo, serve para mostrar que no processo de valorização do capital está pressuposto um processo mediador com a força de trabalho. Sem a intervenção viva, ativa, da força de trabalho o capital não pode se valorizar. A alma que anima o capital, que o põe em devir e satisfaz sua inesgotável paixão por mais-valor não habita seu próprio corpo, ela reside fora dele. Para que o capital se valorize é necessário que ele abandone sua própria solidão e se ponha em contato com o fogo vivo do trabalho. O capital em si mesmo é incapaz de valorizar-se, de se pôr em movimento, de despertar as forças latentes da natureza e pô-las sob seu domínio, de engendrar o progresso, de elevar espiritual e materialmente a humanidade sem relacionar-se com seu outro, a força de trabalho viva do operário. O capital sem o fogo vivificador do trabalho é uma força morta e impotente. Nada se pode extrair dele sem a intervenção ativa do operário. A idolatria apologética do capital é a idolatria de uma força morta que em nada se diferencia das idolatrias primitivas. O capital, como as pedras dos totens antigos, não possui nenhuma vitalidade em si mesma, não possui alma em si mesma, sua insaciável sede por mais-valor só pode ser satisfeita pondo o operário a trabalhar gratuitamente para ele. A força tônica e vivificadora do capital está fora dele, está na força de trabalho do operário.

Como o capital não possui nenhum poder interno para se auto-valorizar Marx chama a parte composta pelos meios objetivos de produção de capital constante.

---

[402] OC Ia, p. 162. MEW 23, p. 221.

Constante porque ele não varia durante o processo de formação do valor, mantendo-se inalterado e sem fermentar. *"A parte do capital, portanto, que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção. Eu a chamo, por isso, parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante"*[403].

Como a força vivificadora e valorizadora do capital está fora dele, como ela reside na corporalidade viva do operário, Marx chama a parte do capital que é convertida em força de trabalho de capital variável exatamente porque ela é a única parte do capital que, como um bolo, fermenta durante o processo de produção gerando um excedente acima de seu próprio valor.

> *A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu a chamo, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável.*[404]

Do montante inicial de capital de 27 xelins, 24 estavam compostos por meios de produção, 20 de algodão e 4 de fusos, e 3 xelins foram adiantados na compra de força de trabalho. Estes 27 transformaram-se em 30 xelins unicamente porque o operário além de restituir ao capitalista o valor adiantado de sua força de trabalho, ainda lhe entregou gratuitamente um valor excedente de 3 xelins. 27 se transformou em 30 unicamente porque os 3 xelins adiantados na compra de força de trabalho fermentaram durante o processo de produção e se depositaram não no bolso do operário, mas no bolso do capitalista. *"O trabalho [por isso] é a levedura que, misturada ao capital, o faz entrar em fermentação"*[405]. O único capital que se valorizou foi o capital de 3 xelins convertidos em força de trabalho, este capital de 3 xelins ao fermentar transformou-se em 6, 3 restituiu o

[403] OC Ia, p. 163. MEW 23, p. 223.
[404] OC Ia, p. 163. MEW 23, p. 224.
[405] Grundrisse I, p. 238. MEW 42, p. 220.

valor da força de trabalho e 3 formou um equivalente não pago. Os 24 xelins gastos com meios de produção não tiveram nenhum papel ativo e vivificador no processo de valorização, eles funcionaram apenas como meios para a produção de mais-valia. Eles mesmos não produziram a mais-valia, apesar de certamente ser impossível produzi-la sem sua colaboração, quem produziu a mais-valia e se valorizou foi o capital de 3 xelins gastos em força de trabalho. Apesar de na instância superficial da sociedade burguesa todo o capital de 27 xelins aparecer valorizado, o único capital que efetivamente se valorizou foram estes 3 xelins. E ele, ainda, não se valorizou por si só, mas unicamente pela intervenção ativa do operário.

Dessa circunstância, uma importante e nova contradição começa a se manifestar no processo de acumulação capitalista. Como o capital constante tende a desempenhar um papel cada vez mais importante no desenvolvimento da força produtiva do trabalho, o capital variável tende a diminuir numericamente frente ao aumento numérico do capital constante.

Em uma hora dada, um mesmo operário pode produzir diversas medidas diferentes de valores de uso. Este quantum não está determinado unicamente pelo tempo de trabalho. Se em uma hora, por exemplo, com dada força produtiva de trabalho o trabalhador produzir 100 unidades de valores de uso, em duas horas ele poderá, obviamente, produzir o dobro. Se essa força produtiva dobrar, ele poderá dobrar a produção do mesmo valor de uso nesta hora dada, contudo, não dobrará a quantidade de trabalho genérico produzido nesta hora, este continuará sendo igual a uma hora de trabalho genérico.

Do mesmo modo ocorre com o trabalho constante e o trabalho variável. Se, dado determinado nível de produtividade do trabalho, este trabalhador transfere em uma hora 500 horas de trabalho antigo para o valor do novo valor de uso e agrega a este apenas uma hora de novo trabalho, se o valor do capital constante dobrar para 1000 horas de trabalho, ele poderá nesta mesma hora transferir este valor dobrado de horas antigas de trabalho, mas continuará agregando a estas 1000 horas apenas a mesma uma hora de antes quando transferia 500.

O processo de transferência de valor apresenta ainda uma importante peculiaridade, fonte de importantes contradições que ordinariamente atormentam o capital. Nem todo o valor do capital efetivamente utilizado no processo concreto de trabalho é

inteiramente transferido num único processo para o valor do novo valor de uso. De modo geral, o valor de uso de certas matérias auxiliares como o carvão que aquece a máquina, o óleo que a lubrifica etc., desaparecem sem deixar vestígios no corpo do novo valor de uso, apesar de seus valores reaparecerem por inteiro no valor novo. O valor de uso da matéria prima, como o couro para o sapato, por exemplo, apesar da mudança de forma, reaparece por inteiro, abstraindo os refugos, no novo valor de uso. O mesmo ocorre com seu valor que é totalmente transferido para o valor novo.

Com os meios de produção, como maquinaria e prédios, ocorre algo diferente. Apesar do valor de uso atuar por inteiro no processo de trabalho, seu valor só reaparece em partes no valor do novo valor de uso. A única parte de valor que é transferida para o valor novo é a parte depreciada destes meios de produção, a parte não consumida do valor de uso permanece atuando dia após dia no processo de trabalho de novos valores de uso e seu valor só será totalmente transferido após esgotar totalmente seu valor de uso como meio de produção. A transmigração de seu valor ocorre lentamente no tempo. Dessa importante contradição entre o processo imediato de consumo e o processo mediato de transmigração do valor surgirá a distinção entre capital adiantado e capital depreciado e capital fixo e circulante estudados no Livro Segundo.

## 2.4. A TAXA DE MAIS-VALIA

A mais-valia surgira inicialmente como um excedente de valor sobre o valor adiantado à produção, o capitalista adiantara 27 e saíra com 30 xelins. O capital aparecera sob a dúplice existência de capital constante $c$ e capital variável $v$, assim, $C = c + v$. Para se calcular a taxa de mais-valia de modo puro, deve-se abstrair toda a parte do capital constante que nenhum papel exerceu em sua formação. Para isto basta supor-se que o capital constante seja igual a zero.

> *A análise pura do processo exige, portanto, a abstração total da parte do valor do produto em que apenas reaparece o valor do capital constante, isto é, supõe-se o capital constante $c = 0$ e aplica-se uma lei da Matemática,*

*pela qual opera-se com grandezas variáveis e constantes, e a grandeza constante só esteja ligada por adição ou subtração à variável.*[406]

Uma importante observação sobre os procedimentos metodológicos de Marx está aqui registrada. O grande defeito das análises de Smith e Ricardo sobre o processo de formação da mais-valia foi o de nunca terem analisado a mais-valia nesta forma pura. Smith e Ricardo, presos ainda à empiricidade do mercado e às estúpidas concepções do capitalista prático, nunca conseguiram conceber a mais-valia nesta forma pura porque nunca levaram o processo de abstração e análise às suas últimas conseqüências, porque sempre analisaram a mais-valia na forma poluída e deturpada do lucro, porque nunca conseguiram conceber o lucro do capital como uma forma derivada e secundária da mais-valia, como uma forma que só poderia ser inteiramente compreendida depois de compreendida a natureza da mais-valia em seu estado puro. Smith e Ricardo não conseguiram compreender a mais-valia em seu estado puro porque não conseguiram compreender o fetiche da mercadoria e do dinheiro.

Marx volta aqui a repetir um argumento metodológico já utilizado anteriormente, o de que a natureza do capital em seu estado efetivo de existência, a do capital enquanto multiplicidade de capitais e seu carrossel de categorias fantasmagóricas como lucro industrial, lucro comercial, juro e renda da terra, só poderia ser decifrada após ser decifrada a natureza do capital em geral, a natureza do capital em seu estado puro, abstraído das influências perturbadoras do capital na esfera da circulação e da distribuição da mais-valia entre os diferentes capitais individuais[407]. A análise do capital em geral precede metodologicamente a análise do capital em sua existência efetiva. Esta confusão fora a base das confusões de Ricardo sobre lucro e mais-valia e o que o impedira de descobrir o capital em sua existência imanente e fundamental.

A relação entre a mais-valia e o capital variável é a relação fundamental do capital, é sua relação imanente e nada fantasmagórica, por isso, a análise da relação entre mais-valia e capital variável deve preceder à análise da relação da mais-valia com o capital

---

[406] OC I, p. 166. MEW 23, p. 228.

[407] Nos *Grundrisse* Marx define várias vezes a noção de capital em geral, ou capital enquanto tal, como a noção de que o capital em geral é igual ao capital de toda a sociedade. Em inglês no original: *"capital of the whole society"*. Grundrisse I, p. 290. MEW 42, p. 264/265.

total. Apesar da importância da relação entre mais-valia e capital total, base para a formação da taxa de lucro, Marx conscientemente a analisará apenas no Livro III. *"No entanto, a relação da mais-valia não só com a parte do capital da qual ela diretamente se origina e cuja mudança de valor representa, mas também com o capital total adiantado tem grande significação econômica. Por isso, tratamos dessa relação pormenorizadamente no Livro Terceiro"*[408]. Na análise dessa relação se desvelará toda a contradição entre capital constante total e mais-valia total e sua poderosa influência na formação das crises. Em nota de rodapé mais adiante Marx reafirma esta posição metodológica. *"Reconhecer-se-á no Livro Terceiro que é fácil compreender a taxa de lucro, tão logo se conheça as leis da mais-valia. Pelo caminho inverso [como fez Ricardo] não se entende ni l'un, ni l'autre [nem um, nem outro]"*[409].

Na análise do processo de valorização do valor ficara claro que o processo de consumo da força de trabalho do operário por um tempo acima do tempo necessário à reprodução do valor de sua força de trabalho forma a base da produção da mais-valia. Esta forma de apresentar a formação da mais-valia não possui nada de enigmático. Abstraindo-se todas as relações monetárias entre capital e trabalho, a mais-valia pode ser compreendida como certo quantum de trabalho excedente. *"No próprio processo de produção, porém, toma lugar das 90 libras esterlinas adiantadas a força de trabalho em ação, em lugar de trabalho morto, trabalho vivo, em lugar de uma grandeza estática, uma em fluxo, em lugar de uma constante, uma variável"*[410].

Do ponto de vista do capitalista prático, que não avança além das aparências superficiais do mercado, o mais-valor parece surgir do próprio valor que se valoriza magicamente por si mesmo sem a intervenção decisiva do operário. Para ele, as libras hipoteticamente gastas com capital variável abandonam magicamente sua grandeza estática e passam a pôr para si mesma uma grandeza que se altera durante o processo de valorização. *"Do ponto de vista da produção capitalista, todo esse percurso é o movimento autônomo do valor originalmente constante, convertido em força de trabalho. Atribui-se a ele o processo e seu resultado"*[411]. O capital enquanto valor que se valoriza por si mesmo

---

[408] OC I, p. 167. MEW 23, p. 229.
[409] OC I, p. 168. MEW 23, p. 230.
[410] OC I, p. 167. MEW 23, p. 228.
[411] OC I, p. 167. MEW 23, p. 228.

como um autônomo, o capital como substância semovente que cria para si mesmo uma mais-valia, é a forma de existência autonomizada e fetichizada do capital, é a forma como a relação entre capital e trabalho aparece na instância deformadora e ilusória do mercado.

A taxa de mais-valia mede a relação da grandeza adicionada pelo trabalhador no processo de consumo da força de trabalho com a grandeza do capital gasto em capital variável. Como o trabalhador não produz diretamente seus meios de subsistência, mas o reproduz num contexto marcado pela divisão capitalista do trabalho, a parte da jornada que ele despende para reproduzir o valor destes meios de subsistência depende naturalmente do valor destes meios de subsistência, valor que é determinado socialmente antes do início do processo de produção. A extensão da mais-valia está, deste modo, duplamente limitada, por um lado pelo valor destes meios de subsistência e pela parte da jornada de trabalho que o operário terá que despender para reproduzi-lo e, por outro lado, pela extensão da própria jornada de trabalho diária. Se a jornada de trabalho diária for muito curta a ponto do operário apenas reproduzir o valor dos meios de subsistência por ele consumido, não haverá ao final da jornada nenhuma mais-valia. A jornada de trabalho baseada na divisão capitalista do trabalho deve necessariamente, portanto, ser mais longa que uma jornada de trabalho não baseada no capital. Para este existir é uma condição fundamental e imprescindível que o operário exista como um operário produtor de excedentes, como um trabalhador que põe o excedente não em seu próprio bolso, mas, sim, no bolso alheio, daquele que não trabalha e nada produz.

Ao tempo que o trabalhador trabalha para si mesmo reproduzindo o valor de sua própria força de trabalho Marx chama de jornada necessária ou tempo de trabalho necessário.

> *A parte da jornada de trabalho, portanto, em que sucede essa reprodução, eu chamo de tempo de trabalho necessário, e de trabalho necessário o trabalho despendido durante esse tempo. Necessário ao trabalhador, por ser independente da forma social de seu trabalho. Necessário ao capital e seu mundo, por ser a existência contínua do trabalhador a sua base.*[412]

[412] OC I, p. 168. MEW 23, p. 230/231.

Essa parte da jornada de trabalho é duplamente necessária porque, primeiro, independente de qualquer formação social o homem terá no trabalho a fonte de sua própria existência. Necessário em segundo lugar, porque é uma condição absolutamente indispensável para o capital que o operário exista enquanto força de trabalho viva para que dele possa extrair a mais-valia. De uma força de trabalho morta nada se pode extrair, exceto choro e lamentações.

A segunda parte da jornada onde se produz a mais-valia Marx chama de jornada ou tempo de trabalho excedente. *"Essa parte da jornada de trabalho chamo de tempo de trabalho excedente, e o trabalho despendido nela: mais trabalho (surplus labour)"*[413]. Essa parte, ainda, concebida como simples dispêndio gratuito de trabalho humano genérico, deve ser concebida como *"mero coágulo de tempo de trabalho excedente, como simples mais-trabalho objetivado"*[414], como uma simples mudança de estado da força de trabalho e do trabalho, como pura conversão de trabalho em forma latente presente na corporalidade viva do operário em trabalho posto e objetivado no produto, como trabalho não mais conservado como potência ou como trabalho em fluxo, mas como sangue, cérebro, músculos e energia humana coagulados, cristalizados, gelatinados sob a forma de produto.

Como a taxa de mais-valia mede a relação entre estas duas diferentes formas de existência da jornada de trabalho, Marx chama a taxa de mais-valia de taxa de exploração do trabalho. *"A taxa de mais-valia é, por isso, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista"*[415]. Chama ainda de mais-produto a parte do produto na qual está representada a mais-valia.

*"Apenas a forma pela qual esse mais-trabalho é extorquido do produtor direto, do trabalhador, diferencia as formações sócio-econômicas, por exemplo a sociedade da escravidão da do trabalho assalariado"*[416]. Como comentamos anteriormente, a sociedade burguesa diferencia-se das formas greco-romana e feudal unicamente pela forma como a relação entre produtor direto e proprietário dos meios de produção se efetiva. Do ponto de vista da substância todas aparecem idênticas porque todas

[413] OC I, p. 168. MEW 23, p. 231.
[414] OC I, p. 168. MEW 23, p. 231.
[415] OC I, p. 169. MEW 23, p. 232.
[416] OC I, p. 168/169. MEW 23, p. 232.

se apoiam na extorsão do produtor direto em favor do não-produtor. Tanto o escravo antigo quanto o servo medieval e o operário moderno devem realizar parte de sua jornada diária de trabalho gratuitamente para a classe exploradora. O escravo e o servo de gleba existem, um como propriedade do senhor de escravo e o outro como parte integrante da propriedade fundiária. O operário, por seu lado, existe como homem aparentemente livre e dono de sua própria força de trabalho. Esta diferença de forma apresenta, contudo, substanciais diferenças internas que as tornam simultaneamente distintas uma da outra, diferenças que a economia política burguesa procura apagar com suas tradicionais abstrações tiradas da esfera da circulação simples de mercadorias e do processo simples de trabalho.

A mais-valia, sua extensão sempre constante, sua ampliação sem fim nem limites é o que realmente impulsiona o capital. Ao capital não interessa tanto o volume ou grandeza desta mais-valia, a ele interessa fundamentalmente a grandeza da relação entre a grandeza dessa mais-valia absoluta e a grandeza do capital variável, isto é, a grandeza relativa da mais-valia. *"Como a produção de mais-valia é o objetivo determinante da produção capitalista, não é a grandeza absoluta do produto mas a grandeza relativa do mais-produto que mede o grau da riqueza"*[417]. Deste modo, não é a grandeza absoluta da jornada de trabalho excedente realizada pelo operário que interessa ao capital, mas, sim, fundamentalmente, a relação entre esta grandeza e a grandeza da jornada necessária. Idênticas grandezas absolutas podem expressar distintas grandezas relativas. Uma grandeza absoluta de mais valia, de 100, por exemplo, pode expressar diferentes taxas de mais-valia. Se o capital variável for de 50 ela expressará uma taxa de 100%, se for de 33,33 expressará uma taxa de 300%, se for de 10 expressara uma taxa de 1.000%. Quanto maior for a taxa dessa mais-valia mais profunda será a paixão e o impulso do capital em romper todas as barreiras, morais ou não, para explorar trabalho alheio. Frente a esta paixão devoradora o capital derrubará todas as barreiras naturais e morais que possam se levantar contra ele, exceto os limites postos por ele próprio.

[417] OC I, p. 177. MEW 23, p. 243.

## 2.5. A JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO

A jornada de trabalho baseada no capital possui uma natureza contraditória. Por um lado, ela é uma grandeza fixa e dada como imutável para certa situação. Por outro, ela é simultaneamente uma grandeza variável. Como a jornada de trabalho está dividida em jornada necessária e jornada excedente, sua grandeza poderá variar não apenas no interior destes limites, mas, ainda, para além deles. A jornada de trabalho possui por um lado, um limite mínimo abaixo do qual ela não pode descer. Como para poder valorizar o valor o trabalhador deve realizar uma parte da jornada para si mesmo, a jornada de trabalho não pode jamais descer abaixo deste nível, pois, além de não se produzir nenhuma mais-valia nestas condições, a força de trabalho não reproduziria nem mesmo seu próprio valor.

Sob o regime do capital a jornada total de trabalho deve obrigatoriamente exceder a parte em que o operário reproduz seus próprios meios de subsistência: *"o trabalho necessário pode constituir apenas parte de sua jornada de trabalho, isto é, a jornada de trabalho não pode jamais reduzir-se a esse mínimo"*[418]. Se a jornada não pode, de modo algum, cair abaixo deste nível mínimo de subsistência, ela não pode, contudo, subir até um limite máximo indeterminado. A partir de certo limite a jornada diária de trabalho não pode ser prolongada. Vimos anteriormente que a parte necessária da jornada de trabalho para reproduzir o valor dos meios de subsistência do operário estava duplamente determinada: de um lado pelas necessidades estritamente físicas e, por outro, pelas necessidades de cunho social e cultural. Os limites para a extensão da jornada de trabalho total estão, do mesmo modo, duplamente determinados. Por um lado, a jornada diária de trabalho não pode ocupar todas as 24 horas do dia, pois parte destas horas o trabalhador utilizará para repor as energias consumidas durante o trabalho, ele precisará repousar, se alimentar etc. Estes limites à extensão indeterminada da jornada de trabalho são puramente naturais.

Se a jornada de trabalho total abarcar a totalidade das 24 horas diárias a totalidade da classe trabalhadora sucumbirá de estafa nos primeiros dias de trabalho. Por outro lado, a jornada de trabalho possui certos limites morais ou culturais, além dos quais ela não pode ultrapassar. Estes limites estão dados pelo grau de desenvolvimento social e

[418] OC Ia, p. 179. MEW 23, p. 246.

cultural do país. O trabalhador necessita dedicar parte do dia ou da semana à participação no modo de vida cultural da nação em geral. Depois de entregar sua alma ao patrão durante a semana inteira, precisa dedicar um pouco de seu tempo de vida para si mesmo. A jornada de trabalho pode, portanto, variar dentro de um duplo limite, físico e social. Além da paixão desenfreada do capital por sangue humano enfrentar a resistência física e natural da força de trabalho, ele ainda deve enfrentar os limites da cultura em geral, seus preconceitos, suas festas religiosas e nacionais etc. Ambos limites, porém, são extremamente variáveis e não são absolutamente insuperáveis para o capital. Como o capital não tem por meta o valor de uso, não terá, do mesmo modo, nenhuma compaixão por estes limites e pela saúde física e moral do operário.

Se os limites de uma jornada diária de trabalho definem-se deste modo genérico, como se determinam estes limites efetivamente? Quem determina a duração efetiva do dia de trabalho, se 8, 10, 12, 18 ou mesmo 24 horas inteiras? Quem determina a que horas efetivamente deve o operário pôr os pés na fábrica para trabalhar, a que horas ele poderá almoçar, lanchar e, finalmente, abandoná-la para retornar apenas no outro dia? Quem determina a que horas inicia e encerra-se a jornada noturna de trabalho, a que horas e com que idade poderão as crianças começar a trabalhar e a que horas poderão elas livrar-se da tortura da exploração infantil? Com que idade a criança abandona a fase da infância e se torna um adolescente apto para enriquecer o capitalista? A que horas poderá uma mulher entrar e sair da fábrica para trabalhar? Quem determina a carga de trabalho que homens, mulheres, jovens adolescentes e crianças podem suportar durante um dia inteiro de trabalho? Quem determina quantas horas de sono são necessárias para que um homem se reproduza em condições dignamente humanas? Quem determina se um homem deve existir a maior parte de seu tempo, unicamente para o enriquecimento alheio ou para si mesmo? Quem determina se os homens devem morrer de estafa no trabalho unicamente para saciar a insaciável paixão do capitalista por mais-valor, ou se deverão ter uma vida digna de ser vivida? Quem põe efetivamente um limite à insaciável voracidade do capital por sangue humano, seja de homens adultos, mulheres, jovens ou crianças? Enfim, *"o que é uma jornada de trabalho? Em todo caso, menos que um dia de vida natural. Quanto menos? O*

*capitalista tem sua própria visão sobre esta última Thule, o limite necessário da jornada de trabalho"*[419].

Por mais elevada compaixão cristã que possa ter pelo sofrimento alheio, por mais que confesse semanalmente ao padre seus horríveis pecados, o capitalista possui sua própria noção sobre os limites de uma jornada de trabalho diária. *"Como capitalista ele é apenas capital personificado. Sua alma é a alma do capital. O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho"*[420]. O capital é a pura desumanidade e o capitalista é sua encarnação viva. Frente ao capital todas as barreiras físicas e morais são sistematicamente subvertidas em favor da valorização infinita do valor. Frente ao capital só uma moral e uma religião se mantêm em pé, a moral e a religião do dinheiro. O valor valorizado é o verdadeiro deus pagão do capitalista. *"O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou"*[421].

O operário, durante o processo de exteriorização e fluidificação da força de trabalho nada mais é que um banco vivo de sangue que fornece diariamente parte de seu próprio tempo de vida, de suas energias vitais, de seu corpo, sangue, músculos, tendões e nervos como alimento para o vampiro-capital. O operário, do ponto de vista do vampiro-capital, nada mais é do que um grande banco de horas de sobre-trabalho gratuito, de energia e vida desperdiçada no processo de enriquecimento alheio, enriquecimento que para o operário é simultaneamente empobrecimento e embotamento cerebral. *"O trabalhador não é aqui [para o capital], mais que tempo de trabalho personificado"*[422].

Nesta altura da exposição o pesado e abstrato processo de demonstração categorial sofre uma importante mutação. O drama que até aqui se desenrolara num plano puramente conceitual e abstrato recebe em pessoa, em carne e osso, o próprio operário para reclamar do uso desumano que o capitalista faz de sua corporalidade viva. Para discutir

---

[419] OC Ia, p. 179. MEW 23, p. 247.
[420] OC Ia, p. 179/180. MEW 23, p. 247.
[421] OC Ia, p. 180. MEW 23, p. 247.
[422] OC Ia, p. 187. MEW 23, p. 258.

com o capitalista Marx apresenta o próprio operário, o personagem explorado de nosso drama, não mais como um conceito, não mais como puro tempo personificado de trabalho ou puro capital variável, o trabalho aparece agora na figura calejada do próprio trabalhador despido das formas abstratas e mistificadas de representação. Operário e capital se põem agora, frente a frente, em carne, consciência e osso, para discutir quais os limites e modalidades de uso que o capitalista poderá fazer da força de trabalho vendida pelo operário. Afinal, o valor de uso da força de trabalho não é igual ao valor de uso da maquinaria ou do couro do sapato, estes valores de uso são uma corporalidade morta para quem o processo de trabalho realizado pelo operário é uma força vivificadora que as impede de serem destruídas pela ação negativa da Natureza, lhes pondo numa forma material mais útil socialmente. Para o couro o processo de transformação em sapato lhe confere uma nova forma vital de existência, o fogo vivo do trabalho o arranca do domínio destruidor da Natureza e, na forma superior de sapato, lhe põe sob o domínio racional do homem, satisfazendo deste modo uma necessidade ainda não satisfeita. O fogo vivo do trabalho acresce prazer, vida, e uma nova dignidade ao próprio couro.

Com o consumo da força de trabalho ocorre algo inteiramente diferente, seu consumo pelo capital, ao estender-se para além de certos limites, ao esgotar a vitalidade corporal e espiritual da força de trabalho de modo desumano e irracional, transforma-se em dor e martírio para o próprio operário.

> *De repente, porém, levanta-se a voz do trabalhador, que estava emudecida pelo bombar do processo de produção: a mercadoria que te vendi distingue-se da multidão das outras mercadorias pelo fato de que seu consumo cria valor e valor maior do que ela mesma custa. Essa foi a razão porque a comprastes. O que do teu lado aparece como valorização do capital é da minha parte dispêndio excedente de força de trabalho... A utilização de minha força de trabalho e a espoliação dela são duas coisas totalmente diferentes... Eu exijo, portanto, uma jornada de trabalho de duração normal e a exijo sem apelo a teu coração, pois em assuntos de dinheiro cessa a boa vontade. Poderás ser um cidadão modelar, talvez sejas membro da sociedade protetora dos animais, podes até estar em odor de santidade [a*

> *ironia de Marx é espetacular], mas a coisa que representa diante de mim é algo em cujo peito não bate nenhum coração. O que parece bater aí é a batida de meu próprio coração. Eu exijo a jornada normal de trabalho, porque eu exijo o valor de minha mercadoria, como qualquer outro vendedor.*[423]

O trabalhador aparece aqui como sujeito consciente da natureza da mercadoria que ele próprio vendeu, como sujeito consciente de que o uso racional de sua mercadoria é uma condição fundamental para que possa pô-la diariamente no mercado sob condições normais. Assim como o vendedor de couro e maquinaria não encontra comprador para seu produto se este estiver em péssimo estado de conservação, do mesmo modo o operário não encontrará compradores para sua força de trabalho se esta se encontrar atrofiada ou em estado de degeneração. Em nota de rodapé Marx esclarece que esta reivindicação posta pelo operário é uma reivindicação posta efetivamente, não apenas teoricamente, portanto, pela própria classe operária em luta contra os patrões.

> *Durante a grande strike dos builders [greve de operários da construção civil], em Londres em 1860/61, pela redução da jornada de trabalho a 9 horas, publicou o comitê dos trabalhadores uma declaração que coincidia aproximadamente com a argumentação de nosso trabalhador. A declaração aludia, não sem ironia, que o mais ávido por lucro entre os "buildings masters" [mestres empreendedores da construção] – um certo Sir M. Peto – encontrava-se em "odor de santidade".*[424]

Marx põe aqui não apenas as próprias exigências feitas efetivamente pela classe trabalhadora em sua luta contra a avidez desenfreada dos patrões, mas põe, sobretudo, a linguagem, a consciência e a alegre e devastadora ironia da classe operária frente aos mestres da sabedoria burguesa. Marx demonstra, em certo sentido, que sua própria consciência teórica sobre a natureza do capital e do capitalista, consciência

---

[423] OC Ia, p. 180/181. MEW 23, p. 247/248/249. Sobre o momento dramático e não meramente abstrato do modo de exposição conceitual de Marx, ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.
[424] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249.

adquirida penosamente ao longo de infinitas horas de estudo, nada mais é que uma forma mais ordenada e superior da própria consciência efetiva da classe operária, dessa consciência empírica adquirida não de modo refletido e teórico, mas, sim, prático, dessa consciência adquirida sofrendo na pele as penalidades efetivas da produção capitalista. A grandiosidade da personalidade de Marx, sua modéstia intelectual, é aqui demonstrada mais uma vez.

Depois de demonstrar que sua superioridade em relação a Aristóteles devia-se a fatores puramente históricos, demonstra agora que sua genialidade em relação à própria classe operária, e a outras consciências que refletem sobre ela, é, de certo modo, apenas a consciência prática e viva da classe operária posta sob uma forma refletida e filosófica. O que há de genial em Marx, em relação à consciência empírica da classe operária, é sua capacidade de transformar esta consciência empírica em consciência e força histórica. Neste sentido podemos dizer que *O Capital* nada mais é que o processo de exposição desta consciência e modo de agir empírico, sob uma forma refletida, histórica e filosófica e Marx apenas um simples porta-voz consciente da classe operária. Porta-voz consciente do papel exercido pela classe trabalhadora na sociedade capitalista, de seu sofrimento e de sua força negativa e revolucionária.[425]

Ambos, capitalista e operário, apoiam-se nas leis do intercâmbio de mercadorias para, de um lado, como comprador, fazer uso da força de trabalho do modo que melhor lhe convier, prolongando-a para além dos limites físicos e sociais, transformando, quando possível, uma jornada em duas e, de outro, como vendedor, exigir que dela seja feito um uso racional e não desumano, impondo ao comprador um limite temporal à seu uso diário. Do interior do próprio intercâmbio de mercadorias não pode nascer uma lei que apoie tanto o direito do capitalista como comprador quanto o direito do operário como vendedor, *"da natureza do próprio intercâmbio de mercadorias não resulta nenhum limite [Grenze] à jornada de trabalho, portanto, nenhum limite [Grenze] ao mais-trabalho"*[426].

Este limite, portanto, deve se apoiar em outras leis que não a abstrata lei do intercâmbio de mercadorias. *"Ocorre aqui, portanto, uma antinomia [Antinomie], direito*

[425] Ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***, op. cit.
[426] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249.

*contra direito, ambos apoiados na lei do intercâmbio de mercadorias"*[427]. Da abstrata lei de compra e venda de mercadorias, da abstrata relação entre comprador e vendedor de mercadorias, das abstratas leis do mercado, bases da cidadania, da igualdade, da propriedade, da justiça e de Bentham, não pode, de modo algum, surgir um limite interno que regule a duração da jornada de trabalho diária.

Enquanto capitalista e trabalhadores se põem como livres e iguais, nenhum limite pode ser encontrado para o uso da força de trabalho já que, de um lado, o capitalista como comprador julga-se no direito de arrancar do trabalhador, todos os dias, até a última gota de sangue de seu corpo e, de outro, o trabalhador, como vendedor, exige que dele seja arrancado apenas um quantum aceito socialmente, que a ele seja garantido o direito de conservar sua força de trabalho em condições dignamente humanas. A antinomia, aqui, resulta exatamente da circunstância de que ambos são iguais e, perante o uso do mesmo objeto, exigem direitos iguais. Se o operário fosse um escravo toda esta ladainha entre capitalista e operário seria ridícula e desnecessária. O senhor de escravo, como proprietário e usufruidor da força de trabalho, pode dispor dela da maneira que desejar. Ao escravo, como ser reconhecidamente desigual, jurídica e efetivamente, nada cabe em reclamar do uso que o patrão faz de sua força de trabalho, já que esta não lhe pertence. A antinomia surge exatamente da circunstância de que agora o operário não é mais uma propriedade, mas, sim, de que ele mesmo é proprietário de sua força de trabalho que, transitoriamente, a aliena ao patrão.

O limite para o uso da força de trabalho deve ser encontrado pondo-se frente a frente direito contra direito, comprador contra vendedor, numa nova arena social, fora do mercado, onde os personagens apareçam despidos de suas orgulhosas vestes burguesas, onde apareçam não mais escondidos por trás de suas abstratas e pomposas máscaras jurídicas, mas apareçam como homens efetivos e historicamente determinados. *"Entre direitos iguais decide a força"*[428]. A força do mais forte certamente.

Para que a força seja posta como regulamentadora do direito, o direito deve certamente ser o direito do mais forte. Entre homens de direitos iguais, nenhum papel cabe obviamente ao direito abstrato. O direito deve, naturalmente, regular o direito entre homens desiguais. E este direito é decidido, não pelos honrosos juristas pagos pelo bolso do Estado,

[427] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249.

este direito é decido no terreno histórico onde as forças sociais se põem efetivamente em confronto. *"E assim, a regulamentação da jornada de trabalho apresenta-se na história da produção capitalista como uma luta ao redor dos limites da jornada de trabalho – uma luta entre o capitalista coletivo, isto é, a classe dos capitalistas, e o trabalhador coletivo, ou a classe trabalhadora"*[429].

Agora, frente a frente, decidindo o uso efetivo da mercadoria comprada, Marx põe não apenas singulares compradores e vendedores de mercadorias, ou singulares patrões e trabalhadores, agora não mais estão postas abstratas figuras sem conteúdo efetivo. Agora está, frente a frente, a totalidade dos personagens de nosso drama como homens historicamente verificáveis e datáveis, a totalidade da classe dos patrões de um lado e de outro, a totalidade da classe dos operários. A histórica luta de classes entre estas duas classes ocorrida na Inglaterra, o poder de uma frente a outra, definirão os limites para o uso da força de trabalho do operário. A totalidade dos patrões, por um lado, possui sua noção particular deste limite, de outro, a totalidade da classe operária se opondo a essa noção e se colocando em luta contra o uso desumano dos capitalistas.

### 2.5.1. A avidez desenfreada do capital por mais-trabalho

Apesar de em todas as sociedades baseadas na expropriação do trabalhador direto pela classe não trabalhadora, apesar do trabalhador direto estar obrigado a realizar além de uma parte da jornada para si mesmo uma parte gratuita para a classe dominante, apenas na sociedade capitalista, ou em momentos excepcionais da história[430], esta parte excedente da jornada é levada aos extremos da loucura e ao ápice do esgotamento das energias vitais do operário. Apenas numa sociedade baseada exclusivamente no valor de troca encontramos uma necessidade insaciável por mais sobretrabalho e o trabalhador sendo esfolado até a morte no trabalho com um grau de violência e desumanidade inimaginável em modos de produção não baseados no valor de troca. Apenas na sociedade capitalista encontramos historicamente homens adultos, mulheres, jovens, adolescentes e mesmo crianças inocentes, sendo esfolados vivos no processo de produção e morrendo de estafa por excesso de trabalho em frente a máquina.

---

[428] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249.
[429] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249.
[430] É o caso da exploração das minas do Laurium na Grécia Antiga.

> *O capital não inventou o mais trabalho. Onde quer que parte da sociedade possua o monopólio dos meios de produção, o trabalhador, livre ou não, tem de adicionar ao tempo de trabalho necessário à sua autoconservação um tempo de trabalho excedente destinado a produzir os meios de subsistência para o proprietário dos meios de produção, seja esse proprietário ateniense, teocrata etrusco, civis romanus, barão normando, escravocrata americano, boiardo da Valáquia, landlord moderno ou capitalista.*[431]

Dentre toda essa multidão colorida de formas de exploração, apenas na sociedade capitalista a extensão da jornada de trabalho para além dos limites puramente físicos e morais, a ponto de esgotar de modo desumano todas as energias vitais do operário, é uma necessidade que brota da natureza da própria sociedade, é uma necessidade imanente ao próprio caráter do modo de produção. Nas outras formas de sociedade, baseadas no valor de uso e no enriquecimento em produtos, nenhuma necessidade interna ao próprio modo de produção impulsiona o operário a trabalhar como um desvairado unicamente para gerar mais trabalho genérico para a classe dominante.

> *É claro, entretanto, que se numa formação sócio-econômica predomina não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, o mais-trabalho é limitado por um círculo mais estreito ou mais amplo de necessidades, ao passo que não se origina nenhuma necessidade ilimitada por mais-trabalho do próprio caráter da produção.*[432] (grifo nosso).

Nesta passagem está escondido todo o segredo das crises de superprodução da sociedade capitalista.

Enquanto nas sociedades do passado a produção estava voltada para o valor de uso e a classe dominante organizava a produção e a exploração do trabalhador para que este lhe fornecesse em produtos, em valores de uso, o excedente de trabalho, nenhuma

[431] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 249/250.

necessidade surgia do próprio caráter da produção que impulsionasse a classe dominante a pôr os trabalhadores a trabalhar como ciclopes enlouquecidos, a produzir uma massa sempre crescente de produtos que a própria classe de exploradores não consumiria. Como a meta nestas sociedades do passado não é o valor de troca, mas, sim, o valor de uso, a finalidade da produção está posta fora da própria esfera da produção, ela está posta na exterioridade do consumo pessoal. A produção, por estar fundamentada no valor de uso, apesar da divisão social do trabalho que separa o trabalhador direto do usufruto de seu próprio trabalho, não possui uma finalidade nela própria, sua finalidade é satisfazer as necessidades de consumo da classe dominante, sejam estas necessidades puramente pessoais, de luxo ou não, sejam unicamente para ele e sua família ou não.

Seja para satisfazer as necessidades da nobreza de casta etrusca ou sua corte de vassalos palacianos, seja para satisfazer as necessidades pessoais dos senhores de escravos greco-romanos ou as necessidades de manutenção de seus exércitos guerreiros, seja para manter as necessidades pessoais do clero medieval e a corte interminável de padres, bispos e párocos europeus, onde se produz com a finalidade do valor de uso e do consumo improdutivo, nenhuma necessidade ilimitada por mais-trabalho e por longas e extenuantes jornadas de trabalho pode surgir da natureza do próprio processo de produção. Tal necessidade só pode surgir por fatores exteriores de ordem climática, militar etc. Marx cita como exceção na história, exceção em relação às sociedades antigas, apenas o caso bárbaro da exploração do trabalho escravo antigo nas minas de ouro e prata, onde se produzia diretamente o produto como valor de troca. *"O sobretrabalho mostra-se tenebrosamente na antiguidade, por conseguinte, onde se trata de ganhar o valor de troca em sua figura autônoma de dinheiro, na produção de ouro e prata. Basta ler Diodorus Siculus. Entretanto, estas constituem exceções no mundo antigo"*[433]. Exceção que se torna regra na sociedade do capital.

> *Tão logo porém os povos, cuja produção se move ainda nas formas inferiores do trabalho escravo, corvéia etc., são arrastados a um mercado mundial, dominado pelo modo de produção capitalista, o qual desenvolve a venda de seus produtos no exterior como interesse preponderante, os*

[432] OC Ia, p. 181. MEW 23, p. 250.

*horrores bárbaros da escravatura, da servidão etc. são coroados com o horror civilizado do sobretrabalho.*[434]

Como a produção voltada exclusivamente para o valor de troca não possui nenhuma consideração pelo aspecto qualitativo do trabalho, também a forma de enriquecimento baseada nesta forma de produção não possui nenhuma consideração pelos aspectos qualitativos e vitais do próprio trabalho, para esta forma de produção só uma determinação realmente conta como decisiva, a determinação puramente quantitativa: produzir no máximo das forças produtivas, durante o máximo de tempo possível e no mais elevado grau de intensidade possível. E para quê produzir deste modo? Para satisfazer as necessidades de consumo humano, mesmo que estas necessidades sejam exclusivamente as da classe que organiza e dirige o processo de produção? Não! Se põe em atividade, a pleno vapor, todas as poderosas forças produtivas já adquiridas pela humanidade unicamente com uma finalidade: a do valor de troca; a do enriquecimento sem fim; a da produção pela produção; a da produção como um fim em si mesma; a da produção como meio para se ampliar a própria produção; a da produção como meio de enriquecer, não a humanidade, mas o próprio capital; a do domínio mais completo da Natureza unicamente com o fim de aumentar este mesmo domínio. Sob o impulso desenfreado e insaciável do valor de troca, o capital lança, tanto o trabalhador a produzir por produzir, quanto a jornada de trabalho a limites insuportáveis para a raça humana.

As forças produtivas da sociedade burguesa são incomparavelmente superiores a todas as forças já conquistadas pelas sociedades do passado, unicamente porque para o capital o que conta realmente não é a produção como meio de satisfazer uma necessidade humana, mas, sim, a produção pela própria produção, a produção sem determinação particular e qualitativa alguma, a produção unicamente como meio de ampliar a produção e com ela a valorização sem fim e insaciável do valor de troca. O modo capitalista de produção só pode alcançar tamanho grau de desenvolvimento porque se apoia na irracionalidade do valor de troca que põe a sua frente de joelhos, impiedosamente, todas as determinações qualitativas implicadas na produção e na vida em sociedade, porque sua meta não é o valor de uso e o trabalho concreto, mas, sim, a grandeza infinita e sempre

[433] OC Ia, p. 181/182. MEW 23, p. 250.

crescente do valor de troca. A moral do capital é a moral pagã do dinheiro, com o capital todo homem torna-se moralmente honrado na medida em que funcionar como capitalista e personificação consciente da insaciável valorização do valor. Na sociedade do capital será tido como homem de honra e de valor todo aquele que funcionar como representante oficial do dinheiro e sua infernal necessidade de valorização. *"Diante do capital todos os seres humanos são iguais"*[435] e o operário, em particular, como já demonstramos, é para ele simples tempo excedente de trabalho.

> *Mas, em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por mais-trabalho, o capital atropela não apenas os limites máximos morais, mas também os puramente físicos da jornada de trabalho. Usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo... Em vez da conservação normal da força de trabalho determinar aqui o tempo da jornada de trabalho, é, ao contrário, o maior dispêndio possível diário da força de trabalho que determina, por mais penoso e doentiamente violento, o limite do tempo de descanso do trabalhador.*[436]

Como o operário é agora proprietário de sua força de trabalho, como o operário é agora um trabalhador livre e não um escravo, como agora ele não é mais uma propriedade, mas um proprietário, como agora todo defeito e degeneração sofrida pela força de trabalho é um prejuízo para o operário e não para o patrão, ao patrão pouco importará a conservação normal da força de trabalho. Ao capital o que importa é a valorização do valor pelo maior tempo possível. Como o prejuízo dos danos ocorridos à força de trabalho por excesso de atividade é do operário e não do patrão, ele não se importará um segundo com a conservação desta força de trabalho. *"O capital não se importa com a duração de vida da força de trabalho. O que interessa a ele, pura e simplesmente, é um maximum de força de trabalho que em uma jornada de trabalho poderá ser feita fluir"*[437]. Mais adiante Marx repete novamente esta sentença: *"O capital não tem, por isso, a menor consideração pela*

---

[434] OC Ia, p. 182. MEW 23, p. 250.
[435] OC Ia, p. 195. MEW 23, p. 268/269.
[436] OC Ia, p. 202. MEW 23, p. 280.
[437] OC Ia, p. 203. MEW 23, p. 281.

*saúde e duração de vida do trabalhador, a não ser quando é coagido pela sociedade a ter consideração"*[438].

Durante as mais de cinqüenta páginas que seguem, Marx irá demonstrar como se expressa efetivamente a honra do capitalista coletivo, como em sua avidez desenfreada por sobretrabalho humano, os capitalistas coletivamente impuseram à classe operária uma jornada de trabalho humanamente insuportável, como todo o tempo de vida dos operários, homens adultos, mulheres, jovens, adolescentes e crianças, sobretudo órfãos fornecidos pelas famosas *Work Houses*, foram transformados em tempo de vida para o capital, em tempo de tortura, agonia e morte por estafa no trabalho.

Ao longo deste capítulo, um dos mais extensos de *O Capital*, Marx descreve minuciosamente, de modo jornalístico e macabro, amparado pelas denúncias do implacável inspetor de fábricas a serviço do Ministério do Interior do governo Inglês, Sir Leonard Horner, e publicadas pelo Parlamento, todas as atrocidades cometidas pelo capital contra a classe trabalhadora da Inglaterra durante longas décadas de história.

> *Ouçamos por um momento os inspetores de fábrica [inspetores designados pelo próprio Estado inglês J.A]: o fabricante fraudulento começa o trabalho ¼ de hora antes das 6 da manhã... e encerra ¼ de hora depois das 6 da tarde [só aqui já roubou ½ hora diária do operário J.A]... Aos sábados, ele trabalha ¼ de hora depois das 2 horas da tarde... [no total dos pequenos furtos diários, diz o inspetor de fábrica, o patrão ganha no ano J.A] 27 dias de trabalho... Uma hora adicional diariamente, ganha com o furto de um pedacinho de tempo aqui, logo ali de outro pedacinho, faz dos 12 meses do ano 13.*[439]

Um ganho extra, portanto, acima do ganho normal com a mais-valia extraída na jornada diária. Em outro relatório lê-se o seguinte: *"O lucro extra obtido por meio de sobretrabalho além do tempo legal parece ser tentação demasiadamente grande para que os fabricantes possam resistir a ele. Eles contam com a chance de não serem descobertos e*

---

[438] OC Ia, p. 206. MEW 23, p. 285.
[439] OC Ia, p. 184/185. MEW 23, p. 254/255.

*calculam, caso sejam, que o pequeno valor da multa e dos custos judiciais assegura-lhes ainda um saldo lucrativo"*[440].

No ramo da fabricação de rendas a exploração era tão insuportável que de acordo com um artigo publicado pelo *Daily Telegraph* de 17 de janeiro de 1860, reinava *"um grau de sofrimento e miséria desconhecido no resto do mundo civilizado... um sistema de ilimitada escravidão, escravidão no sentido social, físico, moral e intelectual... [uma] lenta imolação de seres humanos, praticada a fim de que se produzam véus e colarinhos em proveito dos capitalistas"*[441]. No relatório sobre a indústria de fósforos a doença do trismo devastava rapidamente a população juvenil.

> *A metade dos trabalhadores são crianças com menos de 13 anos e jovens com menos de 18. A manufatura é tão mal afamada, por ser insalubre e repugnante, que somente a parte mais degradada da classe trabalhadora, viúvas famintas, entre outras, cede-lhe crianças, crianças esfarrapadas, meio famintas, totalmente desamparadas e não educadas.*[442]

A descrição feita pelos relatórios dos inspetores de fábricas, e outros nos quais Marx se apoia, sobre as condições de vida e de trabalho da classe operária inglesa é tão chocante e tenebrosa, que nem mesmo a descrição das torturas do inferno feitas por Dante chega a ser tão esteticamente chocante e violenta. *"Dante sentiria nessa manufatura fantasias mais cruéis sobre o inferno ultrapassadas"*[443].

Na indústria de papéis de paredes a tenebrosidade continua. Outro relatório declara, dramaticamente:

> *No inverno passado (1862) de 19 moças, 6 deixaram de vir em conseqüência das doenças provocadas por excesso de trabalho... As crianças não podiam, freqüentemente devido ao cansaço, manter-se de olhos abertos, na realidade nós mesmos não o conseguimos... Eu tenho 13*

[440] OC Ia, p. 186. MEW 23, p. 256.
[441] OC Ia, p. 187. MEW 23, p. 258.
[442] OC Ia, p. 189. MEW 23, p. 261.
[443] OC Ia, p. 189. MEW 23, p. 261.

> *anos [diz um adolescente ao inspetor J.A]... No inverno passado, eu costumava gritar quase todas as noites devido à dor causada pelos meus pés feridos... Este meu filho [declara uma operária], quando tinha 7 anos de idade, eu costumava carregá-lo nas costas para lá e para cá através da neve, e ele costumava trabalhar 16 horas [um garoto de 7 anos!!!].. Eu freqüentemente me ajoelhei para alimentá-lo, enquanto ele estava junto à máquina, pois ele não podia abandoná-la ou desligá-la.*[444]

A máquina, como capital, possui absoluta prioridade para o capitalista, mesmo quando se trata de uma criança de 7 anos de idade. Esta pode morrer de sede, de fome ou de estafa, mas a máquina, a divina máquina, a máquina que é capital, a máquina que é utilizada para arrancar da criança o máximo de suas energias vitais, não pode, de modo algum, parar sua atividade. Se o operário cair morto por estafa diante da máquina o prejuízo é todo seu. Porém, se a máquina parar de operar, o prejuízo é do patrão. O operário, mesmo que se trate de uma frágil, esgotada e sonolenta criança, deve ordenar todo o seu pensamento e atividade corporal de acordo com o movimento irracional da máquina. *"Toda barreira interposta pela moral e pela natureza, pela idade ou pelo sexo, pelo dia e pela noite foi destruída... O capital celebrava suas orgias"*[445].

A tragédia vivida pela classe operária inglesa atinge o ápice da irracionalidade na morte de uma jovem por excesso de trabalho, relatada sensacionalmente pelos jornais londrinos de 1863. Depois de ser esfolada por sua patroa Elise por mais de 26 horas ininterruptas, Mary Anne Walkley, uma jovem operária de 20 anos, modista de uma confecção de vestidos para as *ladies* de Londres, adoece na sexta-feira para morrer apenas no domingo, *"sem haver, para surpresa de Dona Elise [e repugnância de Marx], terminado antes a última peça. O médico, Sr. Keys, chamado muito tarde ao leito de morte, testemunhou perante o Coroner's Jury [júri que averigua a causa mortis] em secas palavras: Mary Anne Walkley morreu por excesso de horas de trabalho numa oficina superlotada e por dormir num cubículo superestreito e mal ventilado"*[446].

---

[444] OC Ia, p. 190. MEW 23, p. 261/262.
[445] OC Ia, p. 211. MEW 23, p. 294.
[446] OC Ia, p. 196. MEW 23, p. 270.

A literatura do macabro, mais do que no inferno de Dante, era facilmente encontrada em todos os distritos fabris da Inglaterra. As chagas da indústria capitalista estavam tão horripilantemente expostas que qualquer inglês, sem grande senso estético, poderia perceber. Mas a Inglaterra não era a única nação a figurar neste drama macabro, Marx cita os ingleses porque apenas na Inglaterra, e não nas outras nações capitalistas já desenvolvidas ou em vias de se desenvolver, havia uma abundante e confiável estatística sobre as condições de trabalho nas fábricas.

Diz ele em nota de rodapé: *"a Inglaterra figura aqui, apenas em primeiro plano, porque ela representa classicamente a produção capitalista e é a única a possuir, sobre os assuntos tratados, uma estatística oficial ininterrupta"*[447]. A Inglaterra é tomada aqui classicamente porque ela mostrava para todas as outras nações européias, a imagem macabra de seu próprio futuro. Como dizia Marx no Prefácio da Primeira Edição Alemã de *O Capital, "o país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido [independente da presença ou não destes registros estatísticos] tão somente a imagem do próprio futuro"*[448]. A imagem tomada da sociedade inglesa era para Marx, a imagem da própria sociedade capitalista em sua configuração universal.

A impiedade do capital em geral para com os operários fora da pátria inglesa poderia ser verificada nas estatísticas militares que mediam a queda na altura média e na aptidão física dos operários para o serviço militar. A voracidade do capital por sangue humano é tão intensa e desumana que na França pós Revolução, a classe operária encolhia de estatura nitidamente: *"em média, mais de metade dos conscritos são considerados inaptos, na França, por insuficiência de altura e por debilidade"*[449]. Na grande e heróica França revolucionária, enquanto o capital crescia vigorosamente numa ponta a classe operária definhava na outra. Na Prússia ocorria o mesmo fenômeno, enquanto o capital fermentava numa ponta a classe operária murchava na outra: *"verificou-se em média na Prússia [em 1862], durante 9 anos, que de 1.000 conscritos, 716 eram inaptos para o serviço militar: 317 em virtude do tamanho e 399 por deficiência"*[450].

---

[447] OC Ia, p. 185. MEW 23, p. 254. Nota 48.
[448] OC Ia, p. 18. MEW 23, p. 14.
[449] OC Ia, p. 184. MEW 23, p. 253. Nota 46.
[450] OC Ia, p. 184. MEW 23, p. 253. Nota 46.

Mesmo que o capital subverta todos os limites físicos e morais imanentes à natureza da força de trabalho livre, lançando-a na mais absoluta miséria física e degradação espiritual, transformando-a de sujeito vivo e altivo do processo de trabalho em mero tempo de trabalho excedente, há limites intransponíveis que, aparentemente, o capital não pode transpor. É o caso da duração natural do dia de 24 horas. É impossível para o capital, mesmo que lance toda a classe operária ao precipício do inferno industrial, extrair de um operário mais que 24 horas de trabalho diário. Descontada a parte da jornada de trabalho paga, por mais exígua que seja, o capital está impedido pela duração natural do dia de 24 horas de extrair da classe operária mais que este quantum limitado de tempo de trabalho.

Este limite natural não é, contudo, um limite para o capital, ele é antes uma barreira prontamente superável. Se toda a classe operária trabalhar simultaneamente durante 12 horas de trabalho diárias, permanecerão inativos no interior da fábrica e devorados pela força destrutiva da Natureza, não apenas por esta, mas, também, do ponto de vista do valor, depreciados pelo processo de inovação e barateamento que ocorre fora da fábrica, os caros meios de produção do capital. Transformar todas as 24 horas do dia em tempo de trabalho, transformar o processo destruidor e negativo da Natureza e a depreciação moral sofrida pela maquinaria em destruição positiva posta pelo fogo devorador e criativo do trabalho vivo do operário, torna-se a palavra de ordem do vampiro-capital em sua ânsia incontrolável por mais sangue humano. O sistema de turnos transforma-se, por isso, em divisa nacional do capital.

Nenhum modo de produção do passado levou tão longe quanto o capital o processo de esgotamento e consumo das energias da classe trabalhadora. Nenhum regime antigo, por mais violento que nos possa parecer, arrancou tanto sangue e suor de seus trabalhadores quanto o regime capitalista. Nenhum regime do passado, mesmo o abominável regime escravocrata antigo, transformou todo o tempo de vida de seus trabalhadores em tempo de vida para o trabalho, em tempo de vida dedicado ao enriquecimento alheio, por um lado, e em embrutecimento, estupidez e degeneração física e moral, de outro, quanto o regime do capital. Os regimes mais antigos de extorsão da classe trabalhadora nos parecem mais abomináveis e desprezíveis porque se apoiavam na extorsão extra-econômica e não na extorsão puramente econômica do trabalho como ocorre na sociedade capitalista.

> *O prolongamento da jornada de trabalho além dos limites do dia natural por noite adentro serve apenas de paliativo, apenas mitiga a sede vampiresca por sangue vivo do trabalho. Apropriar-se de trabalho durante todas as 24 horas do dia é, por conseguinte, o impulso imanente da produção capitalista.*[451]

Se o dia natural limita este impulso à esfera natural do dia de 24 horas, então o capital, nesta ânsia descontrolada por sangue humano, subverte a duração do dia natural subvertendo a própria noção de tempo, dando ao tempo a determinação que cabe à natureza insaciável do capital. Em sua louca e insaciável sede por sobretrabalho, a finitude natural do tempo de 24 horas diárias é destruída e posta em seu lugar a elasticidade temporal do sistema de turnos.

Se dado número finito de trabalhadores só pode realizar, simultaneamente, 12 horas de trabalho diário, permanecendo a fábrica parada durante as restantes 12 horas, a genialidade matemática do capital, então, divide a classe operária em dois grupos, um grupo que trabalha na primeira parte do dia e outro que completa a segunda parte, totalizando 24 horas ininterruptas de produção pela produção, de produção unicamente com a finalidade de ampliar a produção, o valor e a infinitude do capital. Nenhum regime do passado soube driblar a seu favor, e tão bem, as leis imutáveis da Natureza quanto o regime do capital.

> *Sendo porém, fisicamente impossível sugar as mesmas forças de trabalho continuamente dia e noite, necessita pois, para superar este obstáculo físico, do revezamento entre as forças de trabalho consumidas de dia e de noite, um revezamento que admite diferentes métodos, por exemplo, podendo ser ordenado de tal forma que parte do pessoal operário faça numa semana o trabalho diurno, na outra, o trabalho noturno etc.*[452]

---

[451] OC Ia, p. 197. MEW 23, p. 271.
[452] OC Ia, p. 197. MEW 23, p. 271/272.

Pôr o trabalhador a sua disposição 24 horas por dia, mesmo que trabalhe apenas 12, eis o segredo descoberto pelo capital com o sistema de turnos. Picotar a jornada diária de trabalho em vários pedaços alternados, eis o segredo descoberto pelo capital para aliviar a intensidade do trabalho nos piores ramos da divisão do trabalho. Uma carga mais penosa de trabalho, se picotada, transforma-se com as pausas para descanso, na magia de uma longa jornada mais leve e fisicamente suportável. Transformar todo o tempo de vida do operário em martírio, em tempo dedicado ao capital, eis a grande divisa do sistema de turnos alternados. *"As horas de repouso transformaram-se assim em horas de ociosidade forçada, que impeliam os jovens trabalhadores à taverna e as jovens trabalhadoras ao bordel"*[453] (221).

### 2.5.2. A luta em torno da regulamentação da jornada de trabalho

Marx volta a repor novamente aqui a pergunta inicialmente feita sobre o que é uma jornada de trabalho e qual sua duração natural. Por quanto tempo diário pode o operário permanecer sendo esfolado no processo de produção do capital? Vimos que o capital, diferente de todos os regimes de produção do passado, responde arrogantemente dizendo que uma jornada normal de trabalho é igual a diferença entre a duração do dia natural e as poucas horas de descanso que ele permite ao operário para que possa repor suas energias e estar sempre pronto para o trabalho.

> *Entende-se por si, desde logo, que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo – e mesmo no país do sábado santificado – pura futilidade!*[454]

[453] OC Ia, p. 221. MEW 23, p. 308.
[454] OC Ia, p. 202. MEW 23, p. 280.

Vimos que da abstrata lei da troca de mercadorias surgia uma antinomia de direito contra direito, o comprador afirmava seu direito como tal e o vendedor, do mesmo modo, exigia que o comprador usasse sua mercadoria de modo racional e sem exageros. *"O estabelecimento de uma jornada normal de trabalho é o resultado de uma luta multissecular [vielhundertjährigen Kampfes] entre capitalista e trabalhador"*[455].

E a história desta luta mostra duas tendências opostas. De um lado a tendência imanente ao capital de impor à classe trabalhadora a maior carga diária de trabalho possível e, de outro, uma contratendência, do mesmo modo imanente, dos trabalhadores se levantarem coletivamente contra as atrocidades cometidas sobre si mesmos e em nome da valorização infinita do valor. De um lado a tendência procura elevar ao máximo a jornada diária de trabalho, e de outro, a contratendência organizada dos trabalhadores procura limitar ao mínimo a extensão desta grandeza. Do choque entre estas duas forças resultará uma jornada normal e legalmente convencionada de trabalho.

O fato mais contraditório desta luta é o papel assumido pelo Estado na formação da grandeza da jornada diária de trabalho. De um lado, no polo da tendência à elevação, o Estado será utilizado conscientemente pelo conjunto da classe capitalista como instrumento para impor ao conjunto dos trabalhadores uma jornada diária estendida ao seu ponto máximo. Por outro lado, o mesmo Estado procurará, de modo consciente, impor ao conjunto dos capitalistas uma restrição ao prolongamento desmedido da jornada de trabalho forçando-os a aceitarem uma jornada comum e regulamentada de trabalho. O papel dúbio jogado pelo Estado deve-se à dubiedade da própria sociedade capitalista.

> *É natural, portanto, que a prolongação da jornada de trabalho, que o capital procura impor aos trabalhadores adultos por meio da força do Estado, da metade do século XIV ao fim do século XVII, coincida aproximadamente com a limitação do tempo de trabalho que, na segunda metade do século XIX, é imposta pelo Estado, aqui e acolá, à transformação de sangue infantil em capital.*[456]

---

[455] OC Ia, p. 206. MEW 23, p. 286.
[456] OC Ia, p. 206/207. MEW 23, p. 287.

Essa aparente contradição jogada pelo Estado na formação da jornada de trabalho normal deve ser compreendida analisando-se separadamente os dois momentos da formação da jornada normal de trabalho. Primeiro sua tendência à elevação. Nesta etapa o Estado atua como um instrumento consciente e eficaz usado pelos capitalistas para impor à classe trabalhadora uma jornada de trabalho não-regulamentada legalmente. Enquanto a classe trabalhadora não reage coletivamente frente às atrocidades do capital, o Estado atua de acordo com sua natureza de classe, como um instrumento da classe exploradora sobre a classe explorada. Na luta da classe coletiva dos capitalistas contra a classe coletiva dos operários para impor uma jornada máxima e livre de trabalho, o Estado atua como um instrumento coletivo da classe capitalista, ele atua unicamente sobre a classe trabalhadora, impondo a ela por meio de seus organismos a vontade e a força coletiva do capital.

Esta tendência e papel do Estado se estende desde meados do século XIV, quando surge o capital e com ele a classe trabalhadora assalariada, até finais do século XVII, quando a classe trabalhadora, fortalecida pelo próprio desenvolvimento do capital, recobra suas forças e impõe, em meados do século XIX, por meio de greves e rebeliões, uma jornada regulamentada de trabalho. A vanguarda destas lutas é a classe operária da indústria têxtil inglesa, é neste ramo da produção, o mais desenvolvido da Inglaterra, que a jornada de trabalho regulamentada é imposta pela primeira vez ao capital.

> *Logo que a classe trabalhadora, atordoada pelo barulho da produção, recobrou de algum modo seus sentidos, começou sua resistência, primeiro na terra natal da grande indústria, na Inglaterra... Somente a partir da Lei Fabril de 1833 – abrangendo a indústria algodoeira, a indústria do linho e seda – nasceu para a indústria moderna uma jornada normal de trabalho.*[457]

A luta vitoriosa da classe coletiva dos trabalhadores contra a classe coletiva dos capitalistas, e não as abstratas leis do mercado, forma o motor e princípio da lei que regulamenta a duração da jornada de trabalho. *"Sua formulação, reconhecimento oficial e proclamação pelo Estado foram o resultado de prolongadas lutas de classes [langwieriger*

[457] OC Ia, p. 211. MEW 23, p. 294.

*Klassenkämpfe]"*[458]. A cristalização da jornada de trabalho diária em forma de lei é, portanto, resultado de um processo violento. *"A criação de uma jornada normal de trabalho é, por isso, o produto de uma guerra civil de longa duração, mais ou menos oculta, entre a classe capitalista e a classe trabalhadora"*[459].

Derrotados pela classe operária, os capitalistas da indústria têxtil irão impor esta derrota aos irmãos concorrentes que permaneceram fora da luta desfrutando das vantagens do sistema antigo. Nesta altura da questão o Estado assume um novo e adicional papel. Pressionado pela classe industrial do ramo têxtil o Estado é coagido a impor a todos os outros ramos da produção a nova jornada legal de trabalho, a impor ao conjunto dos distintos capitais, à multiplicidade efetiva dos capitais, seja ele do ramo têxtil, agrícola, minerador etc., iguais condições de exploração do trabalhador e iguais condições de concorrência intercapitalista no mercado. *"E igual exploração da força de trabalho é o primeiro direito humano do capital"*[460]. O Estado assume, agora, após a derrota do capital da indústria têxtil, o papel de impor à totalidade dos capitais individuais, iguais direitos sobre a corporalidade viva da classe trabalhadora, o papel de assegurar, na instância não mais da luta de classes entre capital e trabalho, mas na instância das lutas intracapitais, vantagens e desvantagens iguais para todos os capitais individuais. Perdida a vantagem do ramo têxtil em explorar livremente a classe trabalhadora deste ramo, o Estado transforma esta perda em lei para todos os capitais indistintamente.

A duplicidade verificada na atuação do Estado, duplicidade que pode confundir o olhar não crítico, deve-se à própria duplicidade do papel do Estado na sociedade capitalista. De um lado, como defensor da totalidade dos capitalistas, do capital em geral, ele deve impor à classe trabalhadora a vontade e os interesses do capital coletivo; de outro, como representante deste mesmo capital coletivo, ele deve evitar que qualquer fração particular deste capital imponha sua vontade à vontade coletiva do capital, ele deve impor à multiplicidade dos capitais individuais que atue como uma totalidade homogênea, deve impor á multiplicidade efetiva iguais condições de concorrência e desfrute das forças da Natureza e do trabalho vivo.

---

[458] OC Ia, p. 215. MEW 23, p. 299.
[459] OC Ia, p. 227. MEW 23, p. 316.
[460] OC Ia, p. 222. MEW 23, p. 309.

Por isso após a derrota histórica do capital da indústria têxtil inglesa para a classe trabalhadora, o mesmo Estado que lutou ao lado do capital, agora impõe sua força não mais sobre os operários vitoriosos, mas, sim, às camadas do capital que ainda desfrutam do privilégio de explorar a classe trabalhadora dentro das condições históricas antigas. A vitória dos operários da indústria têxtil, assim como a derrota dos capitalistas, se estende, pela força do Estado, à todos os ramos da sociedade. A força redentora e humanizadora da classe trabalhadora se estende por toda a sociedade, ironicamente, através dos braços do mesmo Estado que a domina, impondo contra a vontade do capital limites a uma atuação desenfreada. A negatividade humanizadora da classe trabalhadora, do trabalhador não mais como simples tempo de trabalho e força produtiva do capital, mas, sobretudo, como força histórica e transformadora, se impõe de modo vitorioso sobre a desumanidade do capital.

Imposição e vitória humanizadora que na instância da concorrência aparece como um princípio posto, ou reivindicado, pelo próprio capital. Como já comentamos em passagem anterior, neste primeiro livro de *O Capital* Marx trata conscientemente de desvelar a natureza interna e contraditória do capital em geral. Deste modo, evita conscientemente de analisar inicialmente o capital em suas formas efetivas de existência, o capital enquanto multiplicidade de capitais, o capital atuando na esfera da concorrência. Adota como princípio e ponto de partida a análise da relação do capital em geral, do capital em sua natureza pura e universal em relação com o trabalho ou então, de modo mais efetivo, aqui no capítulo sobre a jornada de trabalho, a análise da relação da totalidade da classe capitalista com a totalidade da classe operária em sua histórica luta de classes.

Neste nível imanente de análise, revela que a formação de uma jornada normal de trabalho é impossível numa relação abstrata e a-histórica entre simples vendedores e compradores de força de trabalho, revela que esta jornada normal de trabalho é produto de um longo processo de luta de classes, da classe coletiva dos capitalistas contra a classe coletiva dos operários. Tanto o capitalista quanto o operário foram considerados no que há de mais universal em sua natureza, suas diferenças internas foram abstraídas por inteiro para se obter o maior grau de pureza na análise. Neste nível interno de análise o Estado aparece por inteiro como órgão da classe capitalista sendo usado, do mesmo modo por inteiro, contra o conjunto da classe trabalhadora. A jornada normal de trabalho surge

como resultado de uma luta travada não apenas diretamente pelo trabalho contra o capital, mas, simultaneamente, contra o Estado e seus organismos.

Quando, porém, a jornada normal de trabalho de dez horas se converte numa vitória definitiva da classe trabalhadora, Marx põe a necessidade de se analisar o momento mediador da concorrência entre os distintos capitais. A análise da concorrência, comentada rapidamente por Marx, aparece como um momento secundário e derivado da análise precedente, a análise da luta direta entre capital e trabalho. Enquanto momento derivado e subordinado, a análise da concorrência só se torna inteligível após analisado os resultados da luta de classes direta entre a classe coletiva dos capitalistas e a classe coletiva dos trabalhadores. A concorrência aparece assim, desmistificada, como um momento exterior do capital, como o momento em que as leis internas e imanentes à natureza do capital enquanto tais se impõem a todos os capitais indistintamente, ela aparece como o momento exterior que realiza a necessidade interior do capital, como o momento exterior que propaga, como uma chama impiedosa e devastadora, os resultados e conseqüências da vitória da classe trabalhadora para todos os distintos capitais que não participaram diretamente desta luta.

*"A livre-concorrência impõe a cada capitalista individualmente, como leis externas inexoráveis, as leis imanentes da sociedade capitalista"*[461]. A concorrência não funda as leis que regem os movimentos da sociedade capitalista, ela é apenas uma executora destas leis, é seu momento exterior e propagador. A aplicação destas leis na esfera da concorrência não depende da boa ou má vontade do capitalista individual para com estas leis, a força impiedosa e inexorável do capital em geral impõe a todos os capitais particulares a necessidade de atuarem enquanto capital, independente de sua constituição particular.

Do mesmo modo a concorrência propaga para outros setores da classe trabalhadora, as conquistas obtidas por seu setor mais forte e organizado. E o que há de mais irônico nesta instância exterior do capital é a circunstância de que agora a própria classe capitalista reivindica do Estado, Estado que ela própria controla, esta extensão de obrigações para todos os capitais indistintamente e, claro, junto com estas obrigações, a

[461] OC Ia, p. 206. MEW 23, p. 286. *"Die freie Konkurrenz macht die immanenten Gesetze der kapitalistischen Produktion dem einzelnen Kapitalisten gegenüber als äußerliches Zwangsgesetz geltend."*

extensão das conquistas para toda a classe trabalhadora, mesmo para aquela que não participou diretamente da luta.

> *Assim, verificamos, por exemplo, que no começo de 1863, 26 firmas, proprietárias de grandes cerâmicas em Staffordshire... num memorial pedem a 'enérgica intervenção do Estado'. A 'concorrência com outros capitalistas' não lhes permite nenhuma limitação 'voluntária' do tempo de trabalho das crianças etc. 'Por mais que lamentemos os males acima mencionados, seria impossível impedi-los por meio de qualquer espécie de acordo entre os fabricantes. (...) Considerando todos esses pontos [diz a petição dos fabricantes de cerâmica J.A], chegamos à convicção de que é necessária uma lei coativa.*[462]

A força impiedosa e desagregadora da concorrência impõe a todos os capitalistas a necessidade de se elevar sobre eles um poder absoluto que imponha sobre o conjunto de suas vontades particulares, a vontade do capital em geral. E a vontade do capital em geral é a pacificação da luta dos capitalistas entre si e a conscientização de que seus verdadeiros inimigos habitam o interior, e não o exterior, de suas fábricas.

Os bravos fabricantes de cerâmica não mais preocupados com as limitações impostas pela jornada de trabalho de dez horas à exploração desenfreada do trabalhador, agora se levantam em nome dos direitos humanos contra a concorrência imoral dos falsos irmãos, de seus irmãos inimigos que querem continuar desfrutando de condições favoráveis que eles mesmos já não podem desfrutar, reivindicando que a lei que regulamenta a jornada de trabalho diária se universalize dentro da sociedade que eles próprios controlam. Os bravos ceramistas, como personificações conscientes do capital, exigem sabiamente que para o capital em geral continuar existindo e esfolando normalmente a classe trabalhadora, todos devem agora se submeter, de boa ou de má vontade, inexoravelmente, às novas condições de produção.

Marx demonstra em sua longa exposição histórica que a vitória da classe trabalhadora deveu-se em grande medida, não apenas à organização e força da classe

---

[462] OC Ia, p. 206. MEW 23, p. 286. Nota 114.

operária têxtil mas, ainda, à hábil exploração feita por ela das divisões e intrigas internas no meio industrial, da inteligente exploração dos ressentimentos de vingança dos proprietários fundiários contra os capitalistas urbanos após a abolição da *Lei dos Cereais*. Os ceramistas intuem sabiamente que para evitar que a mesma classe trabalhadora conquiste novas reduções no grau de exploração, exigindo uma redução ainda maior da jornada de trabalho, é fundamental que eles superem suas próprias divisões internas provocadas pela concorrência.

Marx se mostra orgulhoso com esta vitória e o revigoramento não apenas moral, mas ainda físico da classe trabalhadora.

> *Seu desenvolvimento maravilhoso de 1853 a 1860, par a par com o renascimento físico e moral dos trabalhadores fabris, evidenciou-se até aos olhos mais imbecis. Os próprios fabricantes, aos quais foram arrancados, passo a passo, no curso de uma guerra civil de meio século, a limitação e regulamentação legal da jornada de trabalho, apontavam orgulhosamente para o contraste com os setores ainda de 'livre' exploração.*[463]

A análise da formação histórica da jornada de trabalho ganha maior universalidade quando Marx analisa sua repercussão nos países da França e Estados Unidos. Na França a conquista fora menor, a jornada fora reduzida para apenas 12 horas diárias. Em compensação, contudo, ao contrário da Inglaterra, ela se desenrolou de modo menos dramático, com menos atropelos e, de um único golpe, estendeu-se para todos os principais ramos fabris.

> *A França claudica lentamente atrás da Inglaterra. Foi necessária a Revolução de Fevereiro para o nascimento da lei das 12 horas, que é muito mais deficiente que o seu original inglês. Contudo, o método revolucionário francês faz valer também suas vantagens específicas. De um só golpe, dita a todas as oficinas e fábricas, sem diferença, a mesma limitação para a jornada de trabalho, enquanto a legislação inglesa cede relutantemente, ora*

[463] OC Ia, p. 224. MEW 23, p. 321/313.

> *neste ponto, ora naquele outro, à pressão das circunstância e está no melhor caminho de se perder enredada em novos casuísmos jurídicos.*[464]

Nos Estados Unidos, após a guerra civil anti-escravocrata a classe trabalhadora saiu revigorada e preparada para arrancar do capital uma jornada menor ainda que a inglesa, uma jornada de oito horas diárias. *"O primeiro fruto da guerra civil foi a agitação pelas 8 horas, que se propagou com as botas de sete léguas da locomotiva do Atlântico ao Pacífico, de Nova Inglaterra até a Califórnia"*[465].

O drama desta longa guerra civil entre a classe coletiva dos capitalistas e a classe coletiva dos trabalhadores é encerrado por Marx com uma ambígua observação. Na primeira, Marx descreve o progresso realizado pelo operário ao nível da consciência de classe e a fundamental modificação que nele se operou. *"É preciso reconhecer que nosso trabalhador sai do processo de produção diferente do que nele entrou"*[466]. No mercado de compra e venda de força de trabalho o trabalhador se defrontava com o capital na figura de um simples vendedor de mercadorias. Ambos apareciam como cidadãos livres e iguais juridicamente e nenhuma força coercitiva os impelia a lutar como inimigos, ao contrário, ambos reconheciam na vontade do outro a realização de sua própria vontade, entre ambos não aparecia nenhuma incompatibilidade de vontades.

Quando ambos adentram à esfera da produção, a natureza da coisa muda completamente de feição.

> *Depois de concluído o negócio, descobre-se que ele não era nenhum 'agente livre', de que o tempo de que dispõe para vender sua força de trabalho é o tempo em que é forçado a vendê-la, de que, em verdade, seu explorador não o deixa, "enquanto houver ainda um músculo, um tendão, uma gota de sangue para explorar".*[467]

---

[464] OC Ia, p. 227. MEW 23, p. 317.
[465] OC Ia, p. 228. MEW 23, p. 318.
[466] OC Ia, p. 228. MEW 23, p. 319.
[467] OC Ia, p. 228. MEW 23, p. 319/320.

Em lugar das luzes coloridas e agradáveis do mercado aparece a escuridão apavorante da fábrica; o simpático comprador de mercadorias se transforma num demoníaco vampiro pronto a sugar até a última gota de sangue do trabalhador; a idílica e enaltecida vida de trabalhador livre que vive dignamente de seu próprio trabalho desaparece e surge em seu lugar a dilacerante jornada de trabalho de 16, 18 e até 24 horas por dia; o gozo paradisíaco do homem livre se transforma em tortura, martírio e morte por excesso de trabalho. Do mesmo modo o iludido trabalhador, que ingenuamente imaginava ser efetivamente um homem livre e igual a seu patrão, sai ao final do processo de produção consciente da contradição entre ele e o capital, da natureza do Estado capitalista e do poder de sua própria força enquanto classe posta não mais como classe para o trabalho, mas como classe posta para si mesma.

*"Como 'proteção' contra a serpente de seus martírios, os trabalhadores têm de reunir suas cabeças e como classe conquistar uma lei estatal, uma barreira social intransponível, que os impeça a si mesmos de venderem a si e à sua descendência, por meio de contrato voluntário com o capital, à noite e à escravidão"*[468]. No lugar do pomposo e abstrato catálogo dos direitos inalienáveis do homem entra a modesta legislação estatal que define formalmente quando começa e encerra uma jornada de trabalho. *"Quantum mutatus ab ilo [Que grande mudança]!"*[469] exclama a sarcástica, impiedosa e amarga ironia de Marx. Quanta coisa para nada. Todas as conquistas práticas da classe operária, uma jornada de trabalho limitada ao máximo de dez horas diárias, não é nada mais que a reposição da mesma jornada praticada pelos pioneiros da classe trabalhadora dos séculos XV-XVI na própria Inglaterra. Do ponto de vista prático, a conquista obtida pela classe operária foi mais jurídica do que econômica. Jurídica porque arrancou do arbítrio de cada capitalista individual e depositou no poder coercitivo do Estado a decisão sobre que horas começa e encerra uma jornada de trabalho.

Do ponto de vista econômico, a regulamentação legal da jornada diária de trabalho só aparentemente repôs um grau de exploração mais brando. Nos capítulos seguintes Marx demonstrará, com a análise da mais-valia relativa, como o capital soube utilizar esta conquista da classe trabalhadora contra ela própria, aprofundando a taxa de exploração, a miséria e a subordinação do trabalho frente ao capital. A única conquista

[468] OC Ia, p. 229. MEW 23, p. 320.

efetiva considerada por Marx aqui, foi a fundamental alteração na consciência de classe dos trabalhadores, foi a experiência da vitória frente ao capital e a prova de que o capital não é invencível. A contradição entre as classes, contudo, não foi ainda, de modo algum, resolvida, ao contrário, ela continua ainda mais profunda. A exploração em si mesma e a divisão capitalista do trabalho permanecem intocáveis e ainda mais profundas.

## 2.6. A MAIS-VALIA RELATIVA

Com a vitória da classe trabalhadora frente à classe coletiva dos capitalistas e a imposição de um limite legal à exploração do trabalhador, parecia que o dia do juízo final havia chegado e posto um fim definitivo às orgias do capital. Enquanto a jornada de trabalho ainda estava sob o livre arbítrio do capital, a única barreira intransponível que limitava sua ânsia insaciável por mais-valor era a duração do dia natural de 24 horas. Abstraindo a grandeza da jornada de trabalho necessária, igualando-a a zero, o capital nunca poderá extrair do trabalhador uma massa de mais-valor que exceda as 24 horas do dia natural. Com a legalização da jornada máxima de trabalho conquistada pelos trabalhadores, uma nova barreira se impôs ao capital, a barreira da própria jornada regulamentada. Abstraindo novamente a grandeza da jornada necessária e igualando-a novamente a zero, o capital nunca poderá extrair do trabalhador uma mais-valia superior à própria jornada de trabalho diária.

Enquanto o capital desfrutava a liberdade de pôr o trabalhador para produzir mais-valia durante 12, 14, 16, 18 e até 24 horas diárias contínuas, a mais-valia podia ser estendida estendendo-se a jornada de trabalho absolutamente até os limites do dia natural de 24 horas. Enquanto a liberdade do capital sobre o trabalhador não sofria as restrições da lei, a mais-valia podia ser estendida mediante simples extensão da jornada diária de trabalho. Como vimos, a jornada diária de trabalho divide-se em dois segmentos distintos:

---

[469] OC Ia, p. 229. MEW 23, p. 320.

uma primeira parte forma a jornada de trabalho paga ou necessária e a segunda parte forma a jornada excedente e não paga, fonte da mais-valia do capital. Para ampliar a mais-valia bastava o capital estender a parte da jornada excedente estendendo absolutamente a jornada de trabalho. Com o impedimento legal posto pela regulamentação da jornada de trabalho de dez horas diárias, o capital estava impedido de continuar enriquecendo mediante este antigo método.

Como pode, assim, o capital continuar produzindo mais-valia e satisfazendo sua insaciável fome sob estas novas condições, sem aumentar a jornada diária de trabalho e a exploração sobre os trabalhadores? Se a extensão da jornada absoluta de trabalho estava impedida legalmente, não estava, contudo, impedida a extensão da jornada excedente dentro da mesma jornada dada legalmente. Para isto, basta que a jornada excedente cresça diminuindo a parte da jornada diária necessária à reprodução dos meios de subsistência diários do trabalhador. A mais valia pode continuar crescendo nestas novas condições mediante uma simples modificação proporcional entre jornada de trabalho paga e não paga dentro da jornada de trabalho dada pela lei.

Conservando o pressuposto inicial de que a mais-valia não pode originar-se da compra da força de trabalho abaixo de seu valor, para que a mais-valia cresça sem modificar a jornada total de trabalho é fundamental que a parte da jornada de trabalho paga diminua sem, contudo, diminuir a massa dos meios de subsistência recebidos pelo trabalhador, isto, é sem que o trabalhador seja imediatamente penalizado com esta redução. Como é possível que a grandeza da jornada de trabalho paga possa ser reduzida sem, contudo, diminuir o volume dos meios de subsistência do operário e sua família, sem que o operário imediatamente se empobreça com esta redução?

Isto é perfeitamente possível aumentando a força produtiva do trabalho social, fazendo com que os meios de subsistência do operário sejam produzidos num tempo de trabalho menor. Como a extensão da jornada de trabalho necessária é idêntica à grandeza do tempo socialmente necessário para que se produzam todos os meios de subsistência do operário e sua família, basta reduzir este tempo de trabalho dentro do ramo que produz estes meios de subsistência para reduzir a grandeza da jornada de trabalho paga e o valor da própria força de trabalho sem, contudo, diminuir a massa dos meios de subsistência recebidos pelo operário. *"Entendemos aqui por aumento da força produtiva do*

*trabalho em geral uma alteração no processo de trabalho, pela qual se reduz o tempo de trabalho socialmente necessário para produzir uma mercadoria, que um menor quantum de trabalho adquira portanto a força para produzir um maior quantum de valor de uso"*[470].

Essa mudança na força produtiva do trabalho deve ocorrer, obviamente, em primeiro lugar no próprio ramo de produção que produz os meios de consumo costumeiros da classe trabalhadora e, em segundo lugar, nos ramos que fornecem matérias primas e meios de produção para esse ramo. Se a força produtiva do ramo produtor de meios de subsistência da classe trabalhadora duplicar, por exemplo, o valor dos meios de subsistência produzidos por ela cairá pela metade e, junto, cairá também pela metade o valor da força de trabalho e a parte da jornada necessária para reproduzir o valor destes meios de subsistência. Se a jornada de trabalho necessária diminuir, seja para metade ou não, a parte da jornada excedente de trabalho apropriada pelo patrão aumentará inevitavelmente. A mais-valia acrescida deste modo Marx chama de mais-valia relativa e a mais-valia obtida sem revolucionar o modo de produção a denomina de mais-valia absoluta.

Para passar da forma absoluta à forma relativa da mais-valia, uma condição fundamental precisa ser agora preenchida: o capital precisa revolucionar a base técnica sobre a qual ele se apoia.

Até esta altura da exposição, altura não apenas epistemológica, mas, ainda, histórica, a base técnica sobre a qual se apoia o capital é a mesma base técnica herdada das antigas corporações de ofício de finais da Idade Média européia. O capital surge inicialmente no interior da Europa, em nosso caso no interior da Inglaterra, sem revolucionar tecnicamente o modo de produção, isto é, sem revolucionar os instrumentos de trabalho operados pela classe trabalhadora. Com uma base técnica limitada e atrasada, o capital só poderia estender a mais-valia estendendo a jornada absoluta de trabalho. Agora não apenas passamos da análise abstrata da produção da mais-valia absoluta à mais-valia relativa, mas, sobretudo, passamos para uma nova forma de organização da sociedade capitalista, passamos ao momento em que ela começa a desprender-se completamente das formas de produção atrasadas herdadas do feudalismo europeu e a construir sua própria base técnica.

---

[470] OC Ia, p. 238/239. MEW 23, p. 333.

O capital em sua fase inicial de formação parte de condições técnicas que ele mesmo não cria, ao contrário, *"ao capital... é indiferente, de início, o caráter técnico do processo de trabalho, do qual se apossa. No começo, ele o toma como encontra"*[471]. O capital em si mesmo e enquanto coisa, o capital abstraído de sua efetiva e inconciliável contradição com a classe trabalhadora, não possui nenhum impulso mágico que o leve a estender o domínio do homem sobre a Natureza ao grau hoje conhecido. O impulso recebido pelo capital para aprofundar o domínio técnico do homem sobre as forças da Natureza é um impulso recebido pela luta de classes entre ele e a classe trabalhadora.

Enquanto a grandeza da jornada diária de trabalho estava sob controle do livre arbítrio do capital individual as forças produtivas permaneceram intocadas pelo próprio capital que organizava seu novo modo de produção apoiando-se em forças produtivas que ele em nada contribuiu para formar. Quando, porém, encerrou-se o período de orgias da mais-valia absoluta, o capital foi impulsionado, em certa medida contra sua vontade inicial, a revolucionar as mesmas forças produtivas que tomara inicialmente sem modificar.

> *Enquanto pois na produção de mais-valia, na forma até aqui considerada, o modo de produção é suposto como dado, não basta de modo algum, para produzir mais-valia mediante a transformação do trabalho necessário em mais-trabalho, que o capital se apodere do processo de trabalho em sua forma historicamente herdada ou já existente, e apenas alongue sua duração.*[472]

Sob esta nova condição histórica, para que o capital continue a funcionar como capital, ele deve necessariamente revolucionar as forças produtivas, fundar um modo de produção verdadeiramente original e, a partir daí, caminhar sobre suas próprias pernas e viver suas próprias contradições. *"Tem de revolucionar as condições técnicas de produção, a fim de aumentar a força produtiva do trabalho, mediante o aumento da força produtiva*

---

[471] OC Ia, p. 191. MEW 23, p. 263.
[472] OC Ia, p. 239. MEW 23, p. 333/334.

*do trabalho reduzir o valor da força de trabalho, e assim encurtar parte da jornada de trabalho necessária para a reprodução deste valor"*[473].

Se na fase infantil do capital não era vital revolucionar as forças produtivas do trabalho, mas, sim, apenas desfrutar de condições históricas dadas, agora para o capital existir enquanto capital e para saciar sua insaciável voracidade por sobretrabalho humano ele deve, necessária e inexoravelmente, desenvolver cotidianamente as forças produtivas do trabalho social. O capital por isso, não pode existir sem revolucionar diariamente as forças produtivas do trabalho social, sem baratear os meios de subsistência da classe trabalhadora e daí extrair mais e mais sangue humano. O capital por isso negará toda quietude às ciências da Natureza e violará todos os limites conhecidos e imaginados pela ingenuidade humana. O capital desenvolverá a ciência e a submeterá a seu domínio unicamente com a finalidade de garantir sua própria existência enquanto capital. Em sua cega necessidade por mais-trabalho o capital despertará de seu sono tranqüilo e milenar todas as formas de vida paralisadas e atrasadas. Todas as formas de relação contemplativa com a Natureza serão subvertidas. Todas as formas estáticas de vida serão subitamente engolidas pelo fogo devorador da ciência e do tempo de trabalho abstrato.

Fundada num domínio mais profundo da Natureza e no desenvolvimento das forças produtivas a ampliação regular da produção agora tem como condição indispensável a propagação regular do consumo dentro da sociedade. O consumo deverá ser agora estimulado artificialmente dentro da sociedade para que a produção possa fluir regularmente no interior da fábrica. O círculo do consumo pode estender-se agora de três maneiras. Primeiro: ampliação quantitativa do consumo no círculo já existente. Segundo: criação de novas necessidades e sua propagação para um círculo mais extenso. Terceiro: produção de novas necessidades e descobrimento e criação de novos valores de uso ainda inexistentes.[474] Isto implica, necessariamente, numa *"exploração da Natureza inteira, para descobrir novas propriedades úteis das coisas; intercâmbio universal dos produtos de todos os climas e países estrangeiros, novas elaborações (artificiais) dos objetos naturais para dar-lhes valor de uso novo"*[475]. O manto de castidade e pureza que ainda cobria a Terra inteira será despedaçado e sobre o corpo delicado da Natureza recairão as garras

[473] OC Ia, p. 239. MEW 23, p. 334.
[474] Grundrisse I, p. 360. MEW 42, p. 322.
[475] Grundrisse I, p. 361. MEW 42, p. 322.

impiedosas e destruidoras do capital em busca de novos meios de satisfazer as novas necessidades despertadas artificialmente. *"A exploração da Terra em todas as direções, para descobrir tantos novos objetos utilizáveis como novas propriedades de uso dos antigos, igualmente novas propriedades dos mesmos enquanto matéria-prima"*[476].

Com sua força cega e incontrolável o capital perverterá todos os limites até agora conhecidos pelo homem e estenderá as fronteiras da ciência para além de todas as fronteiras. Em sua insaciável necessidade de revolucionar a ciência mostrará à humanidade toda maravilha e poder que é o próprio homem. A extensão do domínio do capital sobre a Natureza e a fundação de um sistema de necessidades universalmente desenvolvido implica por conseguinte, no *"desenvolvimento ao máximo das ciências naturais, igualmente o descobrimento, criação e satisfação de novas necessidades procedentes da sociedade mesma"*[477]. O domínio universal da Natureza produz, simultaneamente, a industriosidade universal e a mais completa desmistificação dos segredos naturais. Os sacros segredos da Natureza serão impiedosamente desvendados e o homem surgirá pela primeira vez na história como um homem verdadeiramente universal. *"Pela primeira vez a Natureza se converte puramente em objeto para o homem, em coisa puramente útil"*[478].

A nova industriosidade universal supera todas as limitações locais e converte a Terra inteira num único território de aplicação para o capital. Conforme sua tendência universalizadora o capital *"passa também por cima de todas as barreiras e preconceitos nacionais, assim como sobre a divinização da Natureza"*[479]. A laboriosidade universal e a criação de novas necessidades artificiais *"liquida a satisfação tradicional, encerrada dentro de determinados limites e autosuficiente [selbstgenügsam], das necessidades existentes e a reprodução do velho modo de vida"*[480].

Em seu impulso cego e desmedido o capital *"opera destrutivamente contra tudo isto, é constantemente revolucionário, derruba todas as barreiras que obstaculizam o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação das necessidades, a diversidade da produção e a exploração e intercâmbio das forças naturais e espirituais"*[481]. O capital em

---

[476] Grundrisse I, p. 361. MEW 42, p. 322.
[477] Grundrisse I, p. 361. MEW 42, p. 322.
[478] Grundrisse I, p. 362. MEW 42, p. 323.
[479] Grundrisse I, p. 362. MEW 42, p. 323.
[480] Grundrisse I, p. 362. MEW 42, p. 323.
[481] Grundrisse I, p. 362. MEW 42, p. 323.

sua impetuosa necessidade mostrará, sobretudo, quantas possibilidades futuras abrem-se para a própria humanidade quando estas forças cegas são despojadas de seu caráter de capital e convertidas em forças conscientes, quando são postas sob o controle racional do homem e dos produtores livremente associados. Em sua cega irracionalidade o capital só não supera o limite que é o próprio capital. O único limite ao capital é ele próprio e suas insolúveis contradições sociais. *"A universalidade a que tende sem cessar, encontra travas em sua própria natureza, as que em certa etapa do desenvolvimento do capital farão que se lhe reconheça a ele como a barreira maior para esta tendência e, por conseguinte, propenderão à abolição do capital por meio de si mesmo"*[482].

A contradição insuperável para o capital implica que ele é simultaneamente processo de produção e processo de realização do valor. Ao capital não interessa unicamente produzir a riqueza sob a forma de valor de uso, a ele importa a transubstanciação do valor de uso em valor de troca. A contradição que o capital não consegue superar, porém constantemente a repele para fora de si, é a contradição que existe entre a esfera da produção e a esfera do consumo. Como seu produto é uma mercadoria que se desdobra em valor de uso e valor, do mesmo modo o processo total de valorização do valor se desdobra em processo de produção e de realização do valor. Se a última parte do processo fracassa todo o processo de produção fracassa junto. Para o capital o salto mortal da mercadoria é simultaneamente seu próprio salto mortal. Se o sistema de necessidades sociais não estiver suficientemente desenvolvido e a mercadoria não encontrar um comprador carente de sua utilidade todo o processo entra em colapso. *"Se este processo fracassa – e a possibilidade de tal fracasso está dada em cada caso pela simples separação –, o dinheiro do capitalista haverá se transformado em um produto sem valor e não somente não haverá ganho valor novo algum senão perdido o originário"*[483].

Desde o momento em que o capital adentra no palco da valorização do valor até o salto final da mercadoria ele se transmuta em três momentos subseqüentes: primeiro,

---

[482] Grundrisse I, p. 362. MEW 42, p. 323/324.

[483] Grundrisse I, p. 355. MEW 42, p. 317. E mais adiante prossegue Marx na p. 357. *"O capital, enquanto produção fundada no trabalho assalariado, pressupõe a circulação como condição e elemento necessário de todo o movimento. Esta forma determinada da produção pressupõe esta forma determinada do intercâmbio, o qual encontra sua expressão na circulação monetária. Para renovar-se, todo o produto tem que transformar-se em dinheiro, e não como em etapas anteriores da produção, quando o intercâmbio somente compreendia a produção excedente e os produtos excedentes, porém de nenhum modo a todos os produtos"*. MEW 42, p. 319.

quando se converte de dinheiro em meios de produção e força de trabalho; segundo, quando se converte pela atividade viva do operário em mercadoria grávida de mais-valor e; terceiro, quando encerra o ciclo se convertendo novamente em mais-dinheiro. Enquanto permanecer paralisado no segundo momento do processo o mais-valor existe apenas idealmente como determinada soma de dinheiro que poderá ser realizada efetivamente. Este último ato, a conversão do valor em sua forma ideal em valor em sua forma dinheiro, é o salto mortal do capital. Se este salto se realizar se realiza plenamente todo o processo desenvolvido até aqui. Contudo, entre o segundo e o terceiro ato abre-se o fosso do mercado e do sistema de necessidades sociais. Se a mercadoria do capitalista não possuir utilidade social, se a produção exceder as necessidades solventes então o salto mortal da mercadoria fica no meio do caminho e o capital despencará no desfiladeiro da crise de superprodução. A possibilidade deste salto não se realizar é uma possibilidade efetiva porque na sociedade do capital, entre produção e consumo social existe um nexo puramente casual. A mercadoria tanto pode transpor esta barreira quanto não.

O capital procura superar esta contradição estendendo as fronteiras das necessidades sociais para um ponto mais próximo das necessidades do próprio capital. Contudo, o sucesso desta aproximação é puramente casual e fortuita: *"os três processos, cuja unidade está constituída pelo capital, são extrínsecos [sind äußerlich], não coincidem no tempo e no espaço. Enquanto tal, a passagem de um a outro, isto é, sua unidade considerada com respeito aos capitalistas individuais é fortuita [zufällig]"*[484]. Como os vários ramos e sub-ramos da produção não se ligam entre si por fios internos e coordenados racionalmente pelos produtores privados de mercadorias, mas sim, por uma cadeia de elos casuais autônomos e independentes entre si, a possibilidade da produção se chocar com os limites postos pelo consumo social é uma possibilidade aberta pela natureza dúplice da própria mercadoria.

Os elos que ligam uma necessidade social a outra não se ligam internamente como elos de uma única e mesma cadeia racional de produção, mas, sim, como elos contingentes de múltiplas cadeias de produção privadas e separadas entre si que se justapõem lado a lado como elos exteriores e fortuitos. *"Existem justapostos, porém independentemente [unabhängig], ainda que pese a sua unidade interna [innern Einheit =*

[484] Grundrisse I, p. 355. MEW 42, p. 317.

*em itálico no original], e cada um como suposto do outro"*[485]. Na forma de capital-mercadoria que espera ansiosamente ser convertida em capital monetário a sorte do capital em realizar tal processo é a mesma da mercadoria. *"Como mercadoria em geral o capital compartilha agora o destino das mercadorias; se torna fortuito [zufällig] que se lhe converta ou não por dinheiro; que seu preço se realize ou não"*[486].

Uma importante questão relacionada à concorrência e ao modo como essa necessidade da mercadoria pelo dinheiro guardado em bolso alheio se realiza é rapidamente discutida por Marx. Como já comentamos várias vezes, a análise da concorrência na concepção de Marx só pode ser devidamente esclarecida depois de esclarecida a natureza interna do capital em geral.

> *O modo [Weise] como as leis imanentes [immanenten Gesetze] da produção capitalista aparecem [erscheinen] no movimento externo [äußern] dos capitais, como se impõem como leis coercitivas da concorrência e assim surgem na consciência do capitalista individual como motivos impulsionadores não é para ser apreciado agora, mas esclareçamos de antemão: uma análise científica da concorrência só é possível depois de se compreender a natureza interna do capital [innere Natur des Kapitals], do mesmo modo que o movimento aparente dos corpos celestes somente é compreensível para quem conhece seu movimento real, embora imperceptível aos sentidos.*[487]

Ou ainda, as tendências internas, imanentes e gerais do capital enquanto capital devem ser distinguidas de suas formas de manifestação e realização exterior. *"As tendências gerais e necessárias do capital devem ser diferenciadas de suas formas de manifestação"*[488]. O processo de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico, o desenvolvimento das forças produtivas enfim, sob base capitalista, deve ser compreendido não como uma determinação exterior da concorrência, mas, sim, como uma determinação

---

[485] Grundrisse I, p. 355. MEW 42, p. 317.
[486] Grundrisse I, p. 355. MEW 42, p. 317.
[487] OC Ia, p. 240. MEW 23, p. 335.
[488] OC Ia, p. 239/240. MEW 23, p. 335. *"Die allgemeinen und notwendigen Tendenzen des Kapitals sind zu unterscheiden von ihren Erscheinungsformen."*

da natureza geral e imanente do capital, do capital enquanto capital em sua necessidade cega de superar as barreiras postas pela luta de classes. *"Por definição, a concorrência não é outra coisa que a natureza interna do capital, sua determinação essencial, que se apresenta e realiza como ação recíproca dos diversos capitais entre si; a tendência interna como necessidade exterior"*[489]. Por definição o capital não pode ser entendido, portanto, como ausência da multiplicidade opositiva exterior entre os diferentes capitais individuais, como ausência do capital individual. Por sua definição essencial o capital em geral não pode existir como um único e grande capital social que a partir de um único centro regula a produção social de acordo com os interesses e necessidades deste único e grandioso capital individual, como parecera compreender Hilferding em sua obra *O Capital Financeiro*.

Como o capital produz seu produto como valor e como tal deve convertê-lo em valor de troca, a existência da multiplicidade de capitais torna-se uma necessidade imanente ao próprio capital. Como o capitalista individual não produz para si mesmo, como seu produto é para ele mesmo um não-valor de uso, torna-se fundamental que um terceiro personagem apareça frente a ele comprando seu produto. O operário só pode comprar do capitalista individual uma massa de riqueza correspondente a seu próprio valor, o excedente da riqueza em mãos do capitalista individual deve, por isso, ser vendido a um terceiro personagem. Seria absurdo conceber que o capital individual possa vender o excedente para ele mesmo. O produto neste caso não seria um valor de troca e entraria diretamente em contradição com a base fundamental do capital, a de que o produto deve ter valor-de-uso para outros e não para o próprio produtor. Imaginar a existência de um único e imenso capital universal que absorve no seu interior a multiplicidade opositiva dos capitais individuais como partes orgânicas de um todo harmonioso, é uma fantasia da imaginação econômica. O capital pressupõe, como já dissera Marx, o capitalista individual que vende seu produto para um terceiro agente econômico diferente dele e do operário.

> *Como o valor constitui a base do capital, e este somente existe, forçosamente, graças ao intercâmbio por um contravalor [Gegenwert = em itálico no original], o capital se repele forçosamente a si mesmo. Por isso é uma quimera um capital universal [Universalkapital = em itálico no*

[489] Grundrisse I, p. 366. MEW 42, p. 327.

> *original], um capital que não tenha frente a si capitais alheios [fremde Kapitalien] com os quais intercambiar – desde o ponto de vista atual não tem ante si outra coisa que o trabalho assalariado ou que a si mesmo –. A repulsão recíproca dos capitais está implícita nele como valor de troca realizado.*[490]

Por sua natureza o capital em geral só pode existir como multiplicidade conflituosa. *"O capital existe e somente pode existir como muitos capitais; por conseguinte sua autodeterminação se apresenta como ação recíproca dos mesmos entre si"*[491].

Na instância exterior da concorrência entre os múltiplos capitais, o processo de desenvolvimento das forças produtivas, seja ele mediado por meio de inovações técnicas, seja por simples modificações na organização cooperativa do processo de trabalho, aparece como um processo que emana da própria concorrência. Na instância aparente do mercado intercapitalista, as forças produtivas do trabalho social parecem se desenvolver impulsionadas pela pressão da concorrência. Cada capital individual, pressionado por seu concorrente, parece desenvolver as técnicas de produção, diminuindo assim o tempo de trabalho particular de seu próprio produto, porque tem como objetivo e meta imediata vencer a concorrência e permanecer no mercado como vitorioso. Isso tudo é uma aparência, uma forma enganosa de manifestação das tendências gerais e necessárias do capital enquanto capital, do capital em sua relação contraditória, antagônica e inconciliável com a classe trabalhadora.

Para vencer, não a concorrência, mas, sobretudo, a resistência imposta pelos operários à forma de exploração absoluta, o capital deve necessariamente desenvolver as forças produtivas do trabalho social. A concorrência, como comentamos anteriormente, não funda esta necessidade, ela apenas a executa, ela é apenas a forma exterior e efetiva de realização desta tendência absoluta em desenvolver as forças produtivas do trabalho social, desta tendência oculta aos nossos sentidos e que somente pode ser desvelada pelo olhar científico que supera as aparências enganosas do mercado e das formas de representação sensível do capital. *"Na concorrência essa tendência interna do capital se apresenta como coerção que submete o capital alheio e que o impele a quebrar a proporção com um*

---

[490] Grundrisse I, p. 375. MEW 42, p. 336.

*contínuo marche, marche!"*[492]. Esta tendência oculta, ao ser desvelada pela dialética impiedosa de Marx, torna posteriormente possível entender os movimentos aparentes da concorrência, torna possível compreender os movimentos da concorrência como uma forma de manifestação enganosa e invertida da necessidade geral e imanente do capital.

Marx esclarece esta relação contraditória entre tendências gerais e imanentes do capital e concorrência, com o exemplo de um fabricante de camisas que, como aparece na instância ilusória da concorrência, não procura baratear seu processo de produção mediante redução no tempo de trabalho socialmente necessário para atender esta necessidade geral do capital. Ao contrário, nesta instância enganosa, o fabricante de camisas inova o processo de produção unicamente para satisfazer seu próprio interesse particular. Para este capitalista torturado cotidianamente pela concorrência realizada contra ele por seus irmãos inimigos, o capital em geral, o capital enquanto capital, é uma abstração que ele desconhece completamente. O que ele unicamente conhece são suas próprias necessidades particulares enquanto fabricante de camisas. Enquanto tal, sabe, empiricamente e sem nenhuma reflexão teórica, que necessita inexoravelmente baratear o custo de suas camisas para, com isso, vencer a concorrência imposta por seus irmãos inimigos que também fabricam camisas e sonham toda noite em tomar seus clientes para si.

O exemplo dado por Marx resume-se no seguinte: imaginemos que neste ramo de camisas com dada força produtiva média de trabalho, seja despendido em sua produção 12 horas de trabalho. Se nosso fabricante particular de camisa tiver a genial idéia de revolucionar sua atividade, reduzindo o tempo particular de trabalho de sua fábrica para metade do tempo médio de seu ramo de produção, dobrando, portanto, sua força produtiva particular em relação à força produtiva do ramo de camisas, ele poderá, vendendo sua mercadoria por um preço acima de seu preço particular, porém, abaixo do preço de seu concorrente, obter uma mais-valia extraordinária sem empregar nenhum trabalhador a mais. *"O capitalista que aplica o modo de produção aperfeiçoado apropria-se portanto de maior parte da jornada de trabalho para o mais-trabalho que os demais capitalistas no mesmo ramo. Ele faz individualmente o que o capital, na produção da mais-valia relativa faz em conjunto"*[493].

---

[491] Grundrisse I, p. 366. MEW 42, p. 327.
[492] Grundrisse I, p. 366. MEW 42, p. 327.
[493] OC Ia, p. 241. MEW 23, p. 337.

Contudo, a obtenção desta mais-valia extra aparece na instância ilusória da concorrência como o verdadeiro motor que impulsiona, não apenas o capitalista fabricante de camisas a baratear seu produto, mas todo e qualquer capital em particular, a desenvolver as forças produtivas do trabalho social. De modo algum aparece como motor impulsionador deste desenvolvimento, a necessidade imanente do capital em geral de reduzir o valor dos meios de subsistência da classe trabalhadora para daí continuar a existir como capital e reproduzir sua insaciável sede por mais-valor. Na medida em que o fabricante de camisas que não revolucionou seu processo de produção começa a perder mercado, clientes afinal, para o capitalista inovador, ele começa do mesmo modo a imitar seu concorrente, revolucionando sua fábrica e equiparando-a ao grau de eficiência de seu irmão concorrente. *"A mesma lei da determinação do valor pelo tempo de trabalho, que se fez sentir ao capitalista com o novo método na forma de ter que vender sua mercadoria abaixo de seu valor social, impele seus competidores, como lei coercitiva da concorrência, a aplicar o novo modo de produção"*[494].

Com a generalização desta nova técnica de produção mais eficiente, com sua adoção pela concorrência, o valor e o tempo de trabalho médio do ramo de camisas tendem a cair e equiparar-se ao valor obtido pelo primeiro fabricante responsável pela inovação. O ganho extra obtido por este fabricante de camisas, portanto, é um ganho transitório. *"Mas, por outro lado, aquela mais-valia extra desaparece tão logo se generaliza o novo modo de produção, pois com isso a diferença entre valor individual das mercadorias mais baratas e seu valor social desaparece"*[495]. Neste momento a tendência do capital em geral se realiza e com ela cai o valor dos meios de subsistência da classe trabalhadora que consome esta camisa, cai o tempo de trabalho socialmente necessário para a reprodução do valor dos meios de subsistência da classe trabalhadora. Para tristeza do primeiro capitalista inovador e alegria do capital em geral a mais-valia na forma relativa se eleva para todos os capitalistas indistintamente.

É profundamente enganoso acreditar, por isso, que com a queda do valor das mercadorias caia junto a mais-valia do capital. Como já vimos anteriormente, há uma relação inversa entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social e o valor de uma mercadoria. *"O valor das mercadorias está na razão inversa da força*

---

[494] OC Ia, p. 241. MEW 23, p. 337/338.

*produtiva do trabalho. Do mesmo modo, por ser determinado por valores de mercadorias, [está determinado] o valor da força de trabalho"*[496]. Quanto mais desenvolvida a força produtiva do trabalho social, mais barato estarão os meios de subsistência dos trabalhadores, menor a grandeza do tempo despendido em sua produção, menor a jornada de trabalho necessária para a reprodução do valor da força de trabalho e, portanto, maior a mais-valia embolsada pelo capitalista na forma de mais-valia relativa.

Se o valor de uma mercadoria está, assim, inversamente relacionado com a força produtiva do trabalho social, a mais-valia relativa, por sua vez, está numa relação direta com o desenvolvimento desta mesma força. *"A mais-valia relativa, ao contrário, está na razão direta da força produtiva do trabalho. Sobe com força produtiva em aumento e cai com força produtiva em queda"*[497].

Por isso o grito de guerra de todo capital será, daqui em diante, em toda parte e em todo tempo, desenvolver, desenvolver e desenvolver as forças produtivas do trabalho social! E tudo isso para quê? Para ganhar mercados e tomar clientes dos irmãos concorrentes? Para satisfazer as necessidades dos exigentes consumidores? Não! Isso é o que aparece na instância ilusória e enganosa da concorrência. Baratear mercadorias unicamente para, através delas, baratear o próprio trabalhador. Unicamente para através deste barateamento superar os limites históricos postos pela regulamentação legal da jornada de trabalho e pôr em seu lugar a forma relativa da mais-valia. Baratear mercadorias unicamente para encurtar a jornada de trabalho necessária sem tocar na jornada total de trabalho diária para, deste modo, satisfazer as necessidades insaciáveis da valorização do valor. *"Por isso, é impulso imanente e tendência constante do capital aumentar a força produtiva do trabalho para baratear a mercadoria e, mediante o barateamento da mercadoria, baratear o próprio trabalhador"*[498].

O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social pelo capital não objetiva, de modo algum, facilitar o trabalho para o próprio operário ou, ainda, encurtar sua jornada total de trabalho liberando-o mais cedo da estafante atividade de produzir mais-valia. Tal desenvolvimento possui uma única meta: encurtar, não a jornada total, mas,

---

[495] OC Ia, p. 241. MEW 23, p. 337.
[496] OC Ia, p. 241. MEW 23, p. 338.
[497] OC Ia, p. 241/242. MEW 23, p. 338.
[498] OC Ia, p. 242. MEW 23, p. 338.

sobretudo, encurtar a jornada de trabalho necessária para repôr o valor dos meios de subsistência do operário e daí aumentar a grandeza da parte excedente não paga. *"Economia do trabalho por meio do desenvolvimento da força produtiva do trabalho não objetiva, portanto, na produção capitalista, a redução da jornada de trabalho. Seu objetivo é apenas reduzir o tempo de trabalho necessário para a produção de determinado quantum de mercadorias"*[499].

Em última instância, apesar das aparências enganosas da concorrência, o estímulo e desenvolvimento das diversas ciências naturais patrocinados pelo capital possuem um único, decisivo e central objetivo: aumentar a exploração sobre a classe trabalhadora e superar a derrota imposta pela jornada de trabalho legalmente regulamentada. *"O desenvolvimento da força produtiva do trabalho, no seio da produção capitalista, tem por finalidade encurtar a parte da jornada de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para prolongar a outra parte da jornada de trabalho durante a qual pode trabalhar gratuitamente para o capitalista"*[500].

Com a mais valia-relativa uma importante e poderosa contradição se insinua. Quanto mais se desenvolve o domínio do homem sobre a Natureza mais se desenvolve o quantum de riqueza produzida por unidade de trabalhador. Quanto mais se desenvolve a força produtiva do trabalho social, da classe trabalhadora em sua totalidade, quanto mais riqueza ela produz numa ponta, mais distante ela se põe do consumo desta mesma massa acrescida de riqueza na outra ponta. A mais-valia relativa eleva absolutamente a capacidade de produção da classe trabalhadora sem, contudo, elevar na mesma escala sua capacidade total de consumo. A força produtiva do trabalho se eleva, e com ela a massa total de riqueza, sem elevar, contudo, a massa de consumo dos trabalhadores. A distância entre o trabalhador e a riqueza por ele produzida aumenta. O fosso social entre produção e consumo se aprofunda e, assim, está dada a possibilidade efetiva de uma crise de superprodução.

---

[499] OC Ia, p. 242. MEW 23, p. 339.

## 2.7. CONTRADIÇÃO ENTRE PRODUÇÃO E CONSUMO SOB O CAPITALISMO

Se concebermos, como Ricardo e os partidários da Lei de Say, a sociedade capitalista como uma produtora simples de mercadorias, então, entre produtores e consumidores haverá sempre apenas unidade. Os produtores serão ao mesmo tempo consumidores de uma parte de seus produtos e consumidores de parte do produto social. O trabalhador assalariado, como vimos até aqui, só pode constituir membro da demanda solvente quando se encontra como comprador de mercadorias que entram no seu consumo individual. Esse fato, por si só, já impede que a maior parte da população, os próprios trabalhadores assalariados, exerçam na sociedade capitalista a função de consumidores e compradores diretos da maior parte das mercadorias que circulam no mercado. O proletário não compra, ele mesmo, as matérias-primas e os meios de trabalho que irá utilizar no processo de trabalho, no mercado ele aparece apenas como comprador de mercadorias que entram de imediato no seu consumo individual. Sob o capitalismo a compra de meios de produção não é realizada diretamente pelos próprios produtores assalariados, mas, sim, por intermédio do capitalista.

Aí se evidencia a ambigüidade da palavra consumidor e a falsidade de identificá-la com a palavra comprador. Do ponto de vista do processo produtivo são a rigor os trabalhadores que consomem a matéria-prima e os instrumentos de trabalho. São eles que transformam a matéria bruta em novos valores de uso. Contudo, não a transformam para si, nem tampouco são os reais compradores dela no mercado. Quem as compra é o capitalista. Se os próprios produtores comprassem seus meios de trabalho então não haveria possibilidade de utilizá-los como capital, já que é impossível que os trabalhadores explorem a si mesmos. Para os trabalhadores os meios de produção capitalista não são valores de uso nem mercadorias, mas, sim, capital, instrumentos de opressão e exploração do capitalista. *"Por isso, nada mais ridículo que falar de identidade [Identität] entre produtores e consumidores, uma vez que, para grande número de ramos, para todos os que não fornecem artigos de consumo imediato, os que participam da produção estão, em regra,*

[500] OC Ia, p. 243. MEW 23, p. 340.

*absolutamente excluídos da compra de seus próprios produtos"*[501]. Na sociedade do capital os trabalhadores diretos *"nunca são de imediato consumidores ou compradores dessa grande parte de seus próprios produtos, embora paguem parte do valor deles nos artigos de consumo que compram"*[502].

Se tal identidade entre produtores e consumidores existisse realmente, o processo de produção capitalista seria um processo simples de formação do valor, a jornada de trabalho se estenderia somente até onde se estende a jornada de trabalho paga, o produtor não produziria um excedente em trabalho e, portanto, também não produziria mais-valia e não valorizaria nenhum capital. Teria apenas que vender ele próprio, sem intermediários, um volume de mercadorias que reproduzisse o valor por ele adiantado à produção, o valor dos meios de trabalho e do material de trabalho mais seu salário. O trabalhador necessitaria de um mercado que absorvesse somente esta massa de mercadorias. Como, porém, a produção capitalista de mercadorias consiste essencialmente na produção de excedentes que ultrapassam largamente as necessidades dos produtores diretos, o empregador capitalista precisa de um mercado sempre maior que o necessário para os verdadeiros produtores, caso estes fossem proprietários diretos dos meios de produção.

Como no regime do capital os produtores diretos estão alienados de sua produção, esta, agora, é propriedade do capitalista, é falsa também a idéia de que no capitalismo haja, como na produção simples de mercadorias, unidade entre produtores e vendedores. Agora, como quem compra os meios de trabalho não é o mesmo que os consome na produção, também quem vende a riqueza material produzida não é quem a produz. Aqui se evidencia também o erro de acreditar que sob o capitalismo haja, além da unidade entre compradores e consumidores, a unidade entre produtores e vendedores. O capitalista, além das funções de organizar, dirigir e desfrutar do processo de exploração reúne em suas mãos, também, as funções de comprador e vendedor. Por estar alienado de todas estas funções, ao proletariado resta unicamente a tarefa do trabalho diretamente produtivo.

Aqui se evidencia, portanto, que os problemas de mercado enfrentados diariamente pelos capitalistas em geral, emanam da própria existência do trabalho assalariado, da propriedade privada dos meios de produção, da contradição entre jornada de

[501] Teorias da Mais-valia II, p. 953. MEW 26.2, p. 518.

trabalho necessária e excedente, da contradição entre trabalho pago e não-pago e, portanto, da própria relação capitalista de produção. O mistério da falta de mercados enfrentada diariamente pela sociedade burguesa tem sua fonte mais íntima e fundamental na simples existência da relação de trabalho assalariada. "*Para negar as crises, nada portanto mais absurdo que afirmar que consumidores (compradores) e produtores (vendedores) são idênticos [identisch] na produção capitalista*"[503]. Na sociedade baseada no capital consumidores e compradores, por um lado, e produtores e vendedores, por outro, "*estão por completo separados*"[504]. Igualmente "*também é falso afirmar que os consumidores são produtores. O dono da terra (a renda fundiária) não produz, contudo consome. O mesmo se dá com todos os intermediários financeiros*"[505].

Enquanto o trabalhador cria para o capitalista um excedente na forma de mais-valia, recebe deste um equivalente suficiente para dirigir-se ao mercado e ali comprar os meios de subsistência necessários à sua manutenção e à reprodução de sua família. Se, porém, por motivos que escapam ao controle do trabalhador, produzir apenas seu equivalente e não produzir nenhuma mais-valia, não recebe nenhum direito ao consumo. O trabalhador, enquanto produtor direto, recebe o direito de comprar e consumir diretamente o equivalente do seu salário apenas quando produz para o capital uma massa de mais-valia que valorize o capital nas condições médias exigidas.

Como, porém, ao produzir mais-valia, produz um excedente que dele se separa e se fixa nas mãos do capitalista, em relação à massa de produtos por ele produzido, o trabalhador é efetivamente um subconsumidor. Como a mais-valia e a produtividade do trabalho crescem sempre numa escala superior à escala do consumo do trabalhador, este descompasso provoca necessariamente um excesso de produto em relação à demanda do trabalhador. "*A superprodução provém justamente de a massa do povo nunca poder consumir mais que a quantidade média dos bens vitalmente necessários, não crescendo portanto seu consumo em correspondência com a produtividade do trabalho*"[506]. A mera relação entre assalariado e capitalista compreende em primeiro lugar "*que a maioria dos produtores (os trabalhadores) não são consumidores (compradores) de parte bem grande*

---

[502] Teorias da Mais-valia II, p. 953. MEW 26.2, p. 518.
[503] Teorias da Mais-valia II, p. 953. MEW 26.2, p. 519.
[504] Teorias da Mais-valia II, p. 953. MEW 26.2, p. 519.
[505] Teorias da Mais-valia II, p. 953. MEW 26.2, p. 519.
[506] Teorias da Mais-valia II, p. 904. MEW 26.2, p.

*de seu produto, a saber, os meios de trabalho e os materiais de trabalho"*[507]. A simples relação de trabalho entre o proletário assalariado de um lado e o capitalista de outro, já evidencia claramente, sem os mistérios e feitiços emanados da circulação, que a contradição entre produção e consumo emana da própria relação burguesa de produção contida no interior do processo de produção da mais-valia. Em segundo lugar, essa relação compreende que os trabalhadores *"têm de ser sempre produtores excedentes, de produzir acima de suas necessidades, para poderem ser consumidores ou compradores dentro dos limites delas. Para essa classe de produtores, portanto, a unidade entre produção e consumo se revela falsa logo à primeira vista"*[508]. E aí surge, na própria contradição vivida pelo produtor assalariado, contradição entre produção e consumo, a crise em toda sua potencialidade.

Quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais se aprofunda essa contradição e com ela a possibilidade do mais-produto carecer de compradores. Quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais se desenvolve o espírito capitalista por sobre-trabalho e, assim, a contradição entre produção e consumo encontra uma base sólida para se expandir, emanando da própria relação de trabalho capitalista, da oposição entre trabalho vivo e trabalho morto, entre jornada de trabalho necessária e excedente, entre trabalho pago e não-pago, enfim, da oposição entre os produtores assalariados e os proprietários capitalistas dos meios e condições do processo de trabalho. Se não houvesse esta oposição não haveria contradição entre produção e consumo. Mas, deste modo, não haveria também mais-valia, capital e capitalismo.

Assim como em todas as sociedades de classe a classe dominada deve realizar para a classe dominante uma jornada de trabalho excedente às suas necessidades imediatas, também no capitalismo o operário deve realizar gratuitamente para o capital uma jornada excedente. Nas sociedades de classes pré-capitalistas, onde predominava o valor de uso, essa jornada gratuita destinava-se, em parte, à produção de meios de subsistência para o consumo da classe dominante e, em parte, para a construção de obras públicas, de cunho produtivo ou não, para obras de arte, serviços de guerra etc. Nas sociedades do passado a jornada gratuita tendia, portanto, a estender-se apenas até os limites da satisfação dessas necessidades. No capitalismo, pelo contrário, a jornada gratuita excedente tende a ampliar-

[507] Teorias da Mais-valia II, p. 954. MEW 26.2, p. 520.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

se não mais para atender as necessidades de consumo da classe dominante, não mais para ampliar o sobre-trabalho na forma de produtos ou serviços, mas, sim, para saciar a voracidade do capital por sobre-trabalho em geral na forma de mais-valia. Como a sede do capital por mais-valia é insaciável, ele tende a transformar todo o tempo de vida do trabalhador em tempo para o trabalho.

A necessidade de mais-trabalho e de uma jornada de trabalho excedente, seja na forma absoluta ou relativa, extensa ou intensa, é uma necessidade imanente ao capital, é uma necessidade que brota naturalmente da relação de produção capitalista, uma relação de produção dividida em classes antagônicas que se distingue das sociedades de classe do passado porque nestas o impulso por sobre-trabalho encontrava limites na própria satisfação das necessidades da classe dominante. Nestas sociedades, na medida em que o estômago e as fantasias da classe dominante eram saciados, na medida em que a classe dominante saciava-se no consumo, refreava-se todo impulso ao sobre-trabalho que emanassem do próprio modo de produção.

Como na sociedade capitalista não é a satisfação das necessidades humanas que regula a extensão do sobretrabalho; como não é na esfera do consumo que o capitalista alcança a satisfação; como o capitalista alcança a satisfação unicamente na esfera da acumulação vendo seu capital crescer; como o capital só pode se acumular transformando-se incessantemente nas formas de capital-produtivo, capital-mercadoria e capital-dinheiro; como é a valorização infernal do valor e não mais o estômago e as fantasias do capitalista que dominam o processo de acumulação, todo tempo de vida do trabalhador tende a se tornar tempo de vida para o capital e, por isso, tempo de vida para ampliar o sobretrabalho e a contradição entre produção e consumo imediato.

As crises na forma como a conhecemos modernamente, como uma interrupção brusca e geral da reprodução, é um fenômeno recente na história humana, é um fenômeno que surge com o capitalismo. Nas sociedades antigas, ou "*em condições em que os seres humanos produzem para si mesmos, não há na realidade crises, mas tampouco há produção capitalista. Nunca ouvimos dizer que os antigos, com sua produção escravista, conhecessem jamais crises, embora, entre eles, também falissem produtores isolados*"[509]. Crises na forma de superprodução generalizada de mercadorias não poderiam jamais

[508] Teorias da Mais-valia II, p. 954. MEW 26.2, p. 520.

ocorrer em regimes arcaicos como o escravista ou o feudal, pois nestes, o móvel da produção era o valor de uso e o atendimento das necessidades humanas mais imediatas e não o valor de troca com seus impulsos desmedidos e irracionais. Ao contrário do antigo escravocrata, do senhor feudal ou mestre-artesão, que tinham na exploração do trabalho alheio a intenção de prover seu consumo pessoal, *"a intenção imediata do capitalista ao vender é reconverter sua mercadoria, ou melhor, seu capital-mercadoria, em capital-dinheiro e assim realizar seu lucro"*[510]. Para o capitalista o consumo *"não é absolutamente o elemento orientador do processo... Antes de mais nada, o objetivo da produção capitalista não é apossar-se de outros bens, e sim apropriar-se de valor, de dinheiro, de riqueza abstrata"*[511].

Como não é a satisfação das necessidades humanas o objetivo do capitalista, mas, sim, a valorização do valor em escala sempre mais ampliada, também não está no horizonte do capital limitar a jornada de trabalho e a produção às necessidades dos produtores diretos. Se assim fosse, produção e consumo constituiriam unicamente uma unidade e nunca uma contradição. Se assim fosse, a produção, desde que houvessem as condições materiais para tal, corresponderia sempre ao tamanho da demanda. A satisfação das necessidades dos produtores constituiria o limite da produção. Não se produziria além desse limite e toda produção teria mercado. Como a produção sob a forma capitalista rege-se por outros motivos e a escala da produção não está determinada pelo produtor direto, mas pelo capital, a unidade entre produção e consumo deixa de existir para dar lugar à contradição. E esta contradição expressa a oposição inconciliável entre trabalho assalariado e capital.

Desta forma, parece tornar-se compreensível que para Marx, *"o fundamento mais profundo [der letzte Grund] de todas as crises reais [aller wirklichen Krisen] é sempre a pobreza e a restrição ao consumo das massas em face do impulso da produção capitalista a desenvolver as forças produtivas como se apenas a capacidade absoluta de consumo da sociedade constituísse seu limite"*[512]. Como sob o capital uma imensa parte da população está definitivamente excluída do consumo da riqueza e como a parte assalariada

---

[509] Teorias da Mais-valia II, p. 938. MEW 26.2, p. 502.
[510] Teorias da Mais-valia II, p. 938. MEW 26.2, p. 503.
[511] Teorias da Mais-valia II p. 938/39. MEW 26.2, p. 503/04.
[512] OC IIIb, p. 17. MEW 25, p. 501.

só pode consumir o equivalente a seu valor, os impulsos da acumulação irracional do capital devem chocar-se, em algum ponto do processo, com a pobreza e a restrição geral ao consumo em que vive a imensa massa da população. Como os capitalistas organizam a produção na expectativa de que a massa inteira da sociedade consuma seus produtos e como a capacidade de consumo desta massa está definitivamente limitada pelas próprias relações de produção, o choque cíclico entre produção e consumo torna-se inevitável.

A idéia de que a contradição entre produção e consumo oriunda da contradição entre trabalho necessário e trabalho excedente constitui um elemento fundamental para a eclosão das crises, nem sempre recebeu por parte dos marxistas a mesma importância considerada por Marx. De fato, a escala da produção capitalista não se efetua levando em consideração os limites do mercado, só as condições de produção já existentes e o ímpeto burguês por mais-valia limitam o volume da produção. Mas, daí não podemos tirar as conclusões do jovem Lênin, que acreditava que a contradição entre produção e consumo na base do capitalismo não desempenhava nenhum papel importante nas crises. Lênin, em luta contra o populismo russo que acreditava ser impossível um desenvolvimento capitalista na Rússia, e também influenciado pelas concepções de Tugán, imagina que as crises surgem unicamente da desproporção intersetorial[513].

Na concepção de Tugán-Baranovski[514], o consumo do operário não se distinguia do consumo da máquina, do escravo ou de um cavalo, pois, estes, constituem

---

[513] A contradição entre produção e consumo segundo Lênin, deve ser considerada *"um fato secundário que concerne a um setor da produção capitalista... esse fato não pode explicar as crises, posto que estas são provocadas por uma contradição mais profunda e fundamental do atual sistema econômico: a que existe entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação* [isto é, da anarquia e da ausência de planejamento na produção social J.A]". Vladimir I. Lênin, ***Para Una Caracterización del Romanticismo Económico***. In: Lucio Colletti (org.): ***El Marxismo y el "Derrumbe" del Capitalismo***. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978, p. 289. Em sua obra ***O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*** (S.P: Nova Cultural, 1982, ps. 25 e 26. Coleção Os Economistas), Lênin repete essa mesma concepção: *"Há uma inequívoca contradição entre a tendência ilimitada à ampliação da produção (tendência própria do capitalismo) e o consumo limitado das massas populares (limitado em razão da sua condição proletária) (...) nada é mais insensato de extrair delas* [das contradições J.A] *a conclusão de que Marx não admitia a possibilidade de realização da mais-valia na sociedade capitalista, de que ele explicava as crises pelo subconsumo etc"*.

[514] Segundo Tugán-Baranovsky, *"... apesar da absoluta diminuição do consumo social* [demonstrado por ele num esquema matemático], *o capital não tem dificuldade para valorizar uma massa de produtos cada vez maior. A ampliação da produção, isto é, o consumo produtivo dos meios de produção, ocupa o lugar do consumo humano, e tudo transcorre tão sem fricções como se não fosse a economia que servisse ao homem, senão o homem quem serve a economia (...), inclusive em caso de uma significativa diminuição absoluta do consumo social, a economia capitalista não se destrói (...), a envoltura capitalista da sociedade moderna não se destrói, nem sequer em condições que pareceriam haver fracassar qualquer objetivo racional da*

todos igualmente elementos objetivos da produção. Para ele a contradição entre produção e consumo no capitalismo não desempenha nenhum papel na eclosão das crises porque a produção capitalista é uma produção pela produção sem nenhuma relação com as necessidades humanas. Hilferding também nega que a contradição entre produção e consumo esteja na base das crises econômicas. Para ele a estreita base em que se assentam as relações de consumo sob o capitalismo, constitui somente a condição geral para as crises e não seu fundamento direto. Tanto para Tugán quanto para Hilferding, as crises tem origem unicamente na desproporção intersetorial.[515] Kautsky foi um dos poucos teóricos da II Internacional que acreditava que as crises tinham seu fundamento no subconsumo das massas[516].

A palavra superprodução é uma palavra capciosa, pois observada imediatamente e sem reflexão ela parece dizer que as crises do capitalismo surgem da circunstância de que mesmo após satisfeitas as necessidades sociais, os capitalistas continuam loucamente a produzir sem parar mesmo sabendo que o mercado de consumo se esgotou e as pessoas não estão mais dispostas a consumir.

> *A palavra superprodução em si mesma induz a erro. Sem dúvida não se pode em absoluto falar de superprodução de produtos — no sentido de o volume dos produtos ser excessivo em relação às necessidades deles — enquanto as necessidades mais prementes de grande segmento da sociedade não são satisfeitas ou são satisfeitas apenas as mais imediatas.*[517]

---

*economia".* Mijail Ivanovich Tugán-Baranovski, ***Fundamentos Teóricos Del Marxismo***. In: Lucio Colletti (org.), p. 255/256.

[515] Para Hilferding, *"a produção não depende do consumo, mas da necessidade de exploração do capital. (...) Subsiste ainda, no modo de produção capitalista* [apenas], *uma conexão genérica entre produção e consumo, que alias é condição natural comum de todas as formações sociais (...), estritamente, pode-se falar de um subconsumo somente no sentido fisiológico; em contrapartida, a expressão não tem nenhum sentido na economia, onde só poderia significar que a sociedade consome menos do que produziu".* Rudolf Hilferding: ***O Capital Financeiro***. S.P: Nova Cultural, 1985, p. 232/233. (Coleção Os Economistas).

[516] Kautsky descreve o seguinte sobre o subconsumo: *"Com o proletariado, em troca, nasceu uma classe para a qual o subconsumo era um resultado necessário das próprias condições sociais; e essas condições tiveram por efeito as crises. Porém o subconsumo não deve conceber-se em sentido fisiológico, quase como uma desnutrição, senão em sentido social como o consumo de uma classe que se mantém por debaixo de sua produção. Em efeito, o subconsumo não está determinado somente por uma limitação do consumo frente a uma produção constante ou crescente, senão também por um incremento da produção frente a um consumo que permanece inalterado ou inclusive que cresce, porém apenas mais lentamente".* Karl Kautsky, ***Teorias de las Crisis***. In: Lucio Colletti (org.), p. 207.

[517] Teorias da Mais-valia II, p. 962. MEW 26.2, p. 528.

Ao contrário de uma superprodução de produtos em relação às necessidades sociais, o que impera na sociedade capitalista é uma subprodução em relação às necessidades reais da população. *"Ao contrário, nesse sentido temos de dizer que na base da produção capitalista sempre se produz de menos. A barreira [Schranke] da produção é o lucro do capitalista e de maneira nenhuma a necessidade dos produtores"* [518].

A superprodução deve ser sempre considerada apenas como uma produção excessiva em relação à demanda solvente, isto é, à demanda com capacidade de pagamento. Como na sociedade burguesa a massa dos produtores em atividade consome em limites muito estreitos, permanecendo mais ou menos excluída do consumo da riqueza e, dado que a produção se limita unicamente pela escala das condições de produção existentes e o impulso irracional dos capitalistas pela apropriação de mais sobre-trabalho, deve necessariamente haver uma contradição entre a escala da produção e os limites do consumo humano.

Na sociedade imaginada por Ricardo, em que predomina o valor de uso, a escala da produção está limitada unicamente pelos limites mais amplos ou mais estreitos das necessidades humanas. Como na sociedade burguesa efetiva, e não na imaginária, predomina o valor de troca, a escala da produção não está limitada imediatamente pela satisfação de nenhuma necessidade humana, mas, sim, está dada unicamente pelas forças produtivas disponíveis e pelo impulso desenfreado do capital à acumulação do valor de troca. A contradição entre o impulso ilimitado da valorização do valor e os limites estreitos do consumo humano, indica que na sociedade burguesa a produção tem uma finalidade em si mesma e, por isso, é uma produção pela produção.

Nas sociedades antigas em que predominava não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, onde a jornada de trabalho excedente tendia a estender-se unicamente até os limites da satisfação das necessidades de consumo da classe dominante, onde inclusive parte destas necessidades era satisfeita mediante o saque sobre outros povos inferiores, não se originava nenhuma necessidade ilimitada à ampliação da produção e, portanto, nenhuma superprodução que surgisse do próprio modo de produção.

Isto,

---

[518] Teorias da Mais-valia II, p. 962. MEW 26.2, p. 528.

> *sem dúvida, é o que sucede e em grau ainda maior na Antigüidade, com a produção escravista. Mas os antigos não pensavam em transformar o produto excedente em capital, ou pelo menos só o faziam em escala diminuta. (A difusão entre eles do entesouramento em sentido estrito evidencia quanto produto excedente ficava em completa ociosidade).*[519]

O entesouramento, isto é, a guarda da riqueza contra os efeitos da circulação, nunca constituiu o objetivo imanente da produção capitalista, seu objetivo imanente é sim acumular, isto é, transformar o dinheiro incessantemente em capital. Nas sociedades antigas onde predominava não a acumulação, mas o entesouramento como forma de enriquecimento, grande parte da riqueza era destruída no consumo improdutivo e, assim, não servia novamente nem para a reprodução ampliada da base econômica, nem para o desenvolvimento acelerado da divisão social do trabalho e das forças produtivas.

Os antigos,

> *transformavam grande parte do produto excedente em despesas improdutivas como obras de arte, religiosas ou públicas. A produção se destinava menos ainda a desencadear e desenvolver as forças produtivas materiais — divisão do trabalho, maquinaria, aplicação das forças naturais e da ciência na produção privada. De modo geral nunca iam de fato além do trabalho artesanal. A riqueza que criavam para consumo particular era por isso relativamente pequena e só parecia ser grande por se ter acumulado em poucas mãos, que aliás não sabiam o que fazer dela.*[520]

Na Idade Média a produção em excesso era constantemente combatida pelos próprios produtores independentes, que viam nela uma forma perversa de reduzir o preço das mercadorias muito abaixo de seus valores inviabilizando a produção. Marx cita o caso dos viticultores da França que *"solicitando uma lei que proibira a plantação de novas*

---

[519] Teorias da Mais-valia II, p. 962/63. MEW 26.2, p. 528/29.
[520] Teorias da Mais-valia II, p. 963. MEW 26.2, p. 529.

*vinhas... queriam simplesmente reduzir a abundância para elevar o valor de troca"*[521]. Argumenta ainda que no interior das corporações de ofício se procedia da mesma forma: *"no decurso de toda a Idade Média se procedia com relação a este mesmo princípio, ao limitar por meio de leis o número de companheiros que podia ter um mestre e o número de instrumentos que podia empregar-se"*[522].

A burguesia, ao contrário dos antigos e dos mestres de corporações medievais, não produz para seu consumo particular e sabe muito bem o que fazer com a riqueza acumulada transformando-a em capital. Ao contrário dos antigos aristocratas fundiários que faziam aumentar suas riquezas mediante práticas *extra-econômicas*, mediante a extorsão aberta do produto excedente dos camponeses (com o uso da coação direta, dos tributos pesados e da violência do Estado etc.), sem revolucionar, portanto, a base econômica, a burguesia baseia seu enriquecimento muito mais no revolucionamento constante do modo de produção e das forças produtivas do que na extorsão *extra-econômica* dos produtores diretos. A burguesia baseia seu enriquecimento muito mais na apropriação velada de um excedente em constante crescimento, do que na extorsão aberta de um excedente que só se eleva a longo prazo como ocorria na Idade Média.[523] É esta liberdade impulsiva do capital, a de transformar incessantemente tudo o que está a seu alcance em meios de expansão da riqueza já produzida, que está na base da moderna superprodução.

> *O que constitui a base [Grundlage] da superprodução moderna é, de um lado, o desenvolvimento incondicional das forças produtivas e, portanto, a produção em massa apoiada na massa de produtores confinados no domínio dos meros meios de subsistência, e, do outro, a barreira [Schranke] imposta pelo lucro do capitalista.*[524]

A superprodução é um fenômeno essencialmente capitalista, ela brota do próprio modo de organização da produção, distribuição, troca e consumo. Na sociedade

---

[521] Miseria de la Filosofía, p. 31.
[522] Miseria de la Filosofía, p. 31.
[523] Ellen M. Wood: ***As Origens Agrárias do Capitalismo***. In: Revista Crítica Marxista número 10. S.P: Boitempo Editorial, junho 2000.
[524] Teorias da Mais-valia II, p. 963. MEW 26.2, p. 529.

burguesa ela emana diretamente do modo de produção e se manifesta tragicamente em meio à vastidão da miséria. Ela emana da própria condição assalariada do trabalhador, que só pode consumir parte da produção social equivalente a seu valor. A superprodução capitalista não consiste apenas na superprodução de mercadorias, mas, também, na superprodução de capital. Afinal, mercadoria também é capital. Superprodução de capital significa simplesmente, *"superprodução das quantidades de valor destinadas a gerar mais-valia (ou, segundo o conteúdo material, superprodução de mercadorias destinadas à reprodução), isto é, reprodução em escala exagerada, o que é o mesmo que superprodução incondicional"*[525].

Como o capital não é uma coisa, mas determinada relação social de exploração que se manifesta na forma de coisas, como o capital em seu processo de valorização não adota uma única forma, mas, ao contrário, transmuta-se incessantemente da forma-dinheiro para a forma produtiva e desta para a forma-mercadoria e, assim, ininterruptamente, uma superprodução de mercadorias é, ao mesmo tempo, uma superprodução de capital. *"Mais a fundo, isso significa apenas que se produz demais com o objetivo de enriquecimento, ou parte excessiva do produto não se destina a consumir-se como renda (revenue) e sim a fazer mais dinheiro (acumular-se)"*[526]. Superprodução de capital significa que parte excessiva do produto não foi produzida com a intenção de satisfazer as necessidades particulares de seu proprietário, mas, sim, de *"gerar-lhe a riqueza social abstrata, dinheiro e mais poder sobre trabalho alheio, capital, ou seja, aumentar esse poder"*[527].

Como a produção capitalista não objetiva satisfazer as necessidades humanas; como parte excessiva da produção constitui-se de meios de produção destinados a se tornar capital, isto é, a aumentar as condições de exploração sobre os trabalhadores; como apenas uma parte minoritária da produção destina-se ao consumo humano; como o capitalista atua na produção para satisfazer as necessidades do capital e não suas necessidades pessoais; como o objetivo imanente da produção capitalista é aumentar o poder do capital sobre o trabalho alheio sem importar-se com os limites do consumo

[525] Teorias da Mais-valia II, p. 967. MEW 26.2, p. 534.
[526] Teorias da Mais-valia II, p. 968. MEW 26.2, p. 534.
[527] Teorias da Mais-valia II, p. 968. MEW 26.2, p. 534.

humano, estas contradições devem necessariamente eclodir em algum ponto do processo de produção na forma de uma grande crise econômica.

> *A superprodução tem por condição, de maneira específica, a lei geral da produção do capital [allgemeine Produktionsgesetz des Kapital]: produzir na medida das forças produtivas (isto é, da possibilidade de desfrutar a maior quantidade possível de trabalho com dada quantidade de capital), sem considerar os limites existentes do mercado ou as necessidades solvíveis.*[528]

O capitalista leva adiante esta façanha na medida em que restringe ao mínimo não apenas o consumo da classe trabalhadora, mas, também, seu próprio consumo pessoal, seu consumo enquanto funcionário e personificação do capital. Para o capital o consumo da parte da mais-valia que cabe ao seu funcionário capitalista na forma de renda é improdutivo, devendo esta parte ser convertida em capital para alargar a riqueza sob a forma abstrata. Só assim, restringindo o consumo humano ao mínimo, mesmo que o mínimo para um capitalista seja muito diferente que o mínimo para um operário, o capital consegue dispor da maior massa possível de sobretrabalho para satisfazer sua insaciável sede por sangue e energia humana. Acumular capital significa efetuar "*a reconversão constante da renda (revenue) em capital, enquanto, em contraposição, a massa dos produtores fica limitada e tem de ficar limitada ao nível médio de necessidade de acordo com a natureza da produção capitalista*"[529].

A escala da produção cada vez mais alargada tende no curso da acumulação a chocar-se com as dimensões cada vez mais limitadas do consumo humano, dimensões dadas, por um lado, pelo baixo grau de consumo da classe trabalhadora e, por outro, pela tendência dos capitalistas a converterem sua mais-valia cada vez mais em capital e menos em renda destinada a seu consumo e satisfação pessoal. As relações de consumo tendem no curso da acumulação a se chocarem com as relações de produção assalariada. Aqui novamente se evidencia que a superprodução emana da oposição entre trabalho e capital contida no interior do processo de produção.

---

[528] Teorias da Mais-valia II, p. 969. MEW 26.2, p. 535.

> *Como não é a satisfação das necessidades, mas a produção de lucro, a finalidade do capital, e como ele só atinge essa finalidade por métodos que organizam a massa da produção de acordo com a escala da produção, e não vice-versa, então tem de surgir constantemente um conflito entre as dimensões limitadas [beschränkten] do consumo em base capitalista e uma produção que constantemente tende a superar essa barreira imanente [immanente Schranke].*[530]

Para Marx a elevação das forças produtivas do trabalho social e a formação de uma superpopulação excedente geram, ao mesmo tempo, um estreitamento do consumo social, visto que essa superpopulação não compõe a demanda solvente da sociedade. Esta superpopulação constitui apenas uma demanda derivada externa às relações de compra e venda capitalista, pois não possui capacidade de satisfazer suas necessidades de forma solvente, visto que se constitui de uma massa de proletários desempregados sem nenhuma fonte direta de renda. Por isso, os que pregam o equilíbrio entre produção e consumo social pregando uma elevação no nível de emprego, caem no erro de não compreender que a crise constitui-se exatamente no fato de que, sob as condições capitalistas de produção, o pleno emprego de todos os meios de produção, tanto objetivos quanto subjetivos, é que conduz a economia à crise. Pois a crise é, essencialmente, superprodução de capital em larga escala, emprego em larga escala de todos os meios de produção e tentar revertê-la ampliando a produção, só faria ampliar ainda mais a crise.

> *Quanto mais, porém, se desenvolve a força produtiva, tanto mais ela entra em conflito com a estreita base sobre a qual repousam as relações de consumo. Sobre essa base contraditória [widerspruchvollen Basis] não há, de modo algum, nenhuma contradição [Widerspruch] no fato de que excesso de capital esteja ligado com crescente excesso de população; pois mesmo que se juntassem ambos, a massa de mais-valia produzida iria aumentar,*

---

[529] Teorias da Mais-valia II, p. 969. MEW 26.2, p. 535.
[530] OC IIIa, p. 184. MEW 25, p. 267.

*aumentando com isso a contradição [Widerspruch] entre as condições em que essa mais-valia é produzida e as condições em que é realizada.*[531]

Ao capital não basta apenas produzir as mercadorias e junto delas a mais-valia, para ele é fundamental realizá-las na esfera das trocas. Porém, não basta ao capital apenas encontrar compradores solventes para suas mercadorias, é fundamental para ele encontrar compradores que estejam dispostos a pagar por suas mercadorias o seu preço de produção, isto é, o preço que garante uma taxa de lucro média. Se num mercado congestionado de mercadorias tiver que vendê-las abaixo do preço de produção, as venderá abaixo da taxa de lucro médio, se as vender abaixo do preço de custo, as venderá com prejuízo. Como não está no horizonte do capitalista produzir para satisfazer as necessidades humanas, mas, sim, satisfazer suas necessidades enquanto capitalista, ampliar a produção e o consumo sem garantias de que seu capital continuará sendo valorizado é para ele um absurdo. Ele preferirá paralisar a produção e lançar seu capital monetário na esfera da especulação financeira.

A superprodução pode ser apenas relativa e ocorrer apenas em um ramo particular da produção. Para que ocorra superprodução basta que ela ocorra primeiro nas indústrias indutoras da acumulação, como é a indústria de tecidos para a de fiação de algodão e linho, por exemplo. Uma perturbação da reprodução na indústria de tecidos, devido ao congestionamento de tecidos no mercado, atingirá em primeiro lugar as condições de existência dos trabalhadores desta indústria. Estes, devido à demissão e à redução salarial que acompanha a crise, passarão a consumir em proporção menor ou até deixarão de ser consumidores, tanto de tecidos quanto de outros meios de subsistência. Surge assim, devido à redução do consumo das massas, um novo elemento que amplia a crise na indústria de tecidos e a expande para outras esferas, diretamente para aquelas que produzem meios de subsistência aos operários e indiretamente às que lhe fornecem meios de produção. Para os ramos da produção que dependem do consumo dos operários fabricantes de tecidos, apesar da crise ser originariamente uma crise de superprodução de tecidos, aparece para eles como um caso de crise que se origina do subconsumo das massas. Esses operários, *"sem dúvida necessitam de tecidos, mas não os podem comprar porque*

[531] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 255.

*não dispõem dos meios; estes lhes faltam porque não podem continuar a produzir, e não podem continuar a produzir porque se produziu demais, porque tecidos de algodão em excesso congestionam o mercado"*[532]. Estes trabalhadores, *"representam agora parte da superpopulação transitória, da superprodução de trabalhadores, no caso produtores de tecidos de algodão, pois há superprodução desses tecidos no mercado"*[533].

Além do consumo dos trabalhadores diretamente ocupados pelo capital investido na tecelagem de algodão, essa paralisia na reprodução dos tecidos de algodão atinge também o consumo de muitos outros operários e capitalistas: os de fios, os comerciantes e os plantadores de algodão, os construtores de máquinas, de fusos e teares, os produtores de ferro, de carvão etc. Todos estes ramos também teriam a reprodução estorvada, uma vez que a reprodução dos tecidos de algodão é condição de sua própria reprodução. Isso ocorreria mesmo que não tivessem produzido demais, além da medida que a indústria têxtil algodoeira exigia e justificava na prosperidade. Todos os capitalistas desses ramos estorvados têm em comum a circunstância de consumirem sua renda não nos seus próprios produtos, mas, sim, nos produtos das esferas que produzem artigos de consumo, entre os quais figuram tecidos de algodão. Por isso, *"caem o consumo e a procura desses tecidos, justamente por haver quantidade excessiva deles no mercado. E também a procura de todas as outras mercadorias em que, como artigos de consumo, se gasta a renda daqueles produtores indiretos de tecidos de algodão"*[534]. O absurdo da crise de superprodução se manifesta na circunstância de que ela se instala não porque foram produzidos produtos de menos, mas, sim, porque foi produzido em demasia. Com a crise os trabalhadores são demitidos do trabalho não porque são ineficientes e produziram mercadorias abaixo da procura, mas, sim, porque foram excessivamente produtivos e produziram acima da demanda solvente. Com a crise e o desemprego dos trabalhadores, *"limitam-se, contraem-se seus meios de comprar tecidos de algodão e outros artigos de consumo, por haver demasiada abundância deles no mercado"*[535].

A distribuição irregular do trabalho social e sua aplicação excessiva num determinado ramo da produção leva à desorganização do mercado e às crises. Se fosse

---

[532] Teorias da Mais-valia II, p. 957. MEW 26.2, p. 523.
[533] Teorias da Mais-valia II, p. 957. MEW 26.2, p. 523.
[534] Teorias da Mais-valia II, p. 957/58. MEW 26.2, p. 523
[535] Teorias da Mais-valia II, p. 957/58. MEW 26.2, p. 523.

possível controlar o espírito impulsivo do capital individual seria, sem dúvida, possível controlar também a ação irregular do capital individual. Ocorre que o capital é por natureza incontrolável, ele se apresenta frente ao capitalista como um poder autônomo e social que lhe escapa diretamente das mãos. O capitalista funciona no processo de valorização apenas como funcionário e personificação desse poder social e autônomo que é o capital.

Se fosse possível ao capitalista controlar as forças sociais que ele representa, seria também possível evitar que o feitiço virasse contra o feiticeiro e que surgisse de um lado, *"superabundância de todas as condições de reprodução e de todas as espécies de mercadorias encalhadas no mercado. Do outro, capitalistas insolventes e massas de trabalhadores desprovidos de tudo, na indigência"*[536]. Aqui, novamente se evidencia que as contradições manifestadas na esfera do consumo evidenciam as absurdas contradições contidas na relação entre capital e trabalho assalariado.

Se fosse possível ao capitalista individual desprender-se da relação de produção na qual ele constitui o pólo dominante, se fosse possível evitar a alienação dos agentes reais da produção frente ao processo autônomo do capital, seria possível evitar as contradições absurdas do capitalismo. Se o sujeito efetivo e dotado de vontade da produção capitalista fosse o próprio capitalista e não o capital, se o capitalista não fosse um mero predicado do capital, se ele não funcionasse no processo incessante e desmedido de valorização do valor como mero agente e funcionário do capital, então seria possível evitar a crise e todas as contradições mais violentas do capital. Como isso não é possível, tais contradições continuam impossíveis de serem abolidas enquanto não se abole a base real de sua origem: a propriedade privada dos meios de produção e a separação forçada do verdadeiro produtor frente a todo o processo de trabalho. Como não é possível existir capital sem classe trabalhadora e sem exploração, também não é possível abolir os antagonismos de classe e sua irrupção nas crises sem abolir o capital.

Se fosse possível ao capital individual prever não apenas o ritmo de crescimento do capital global, mas se fosse possível a ele conhecer *a priori* os horizontes da demanda, seria possível adequar a produção aos limites da demanda. *"Se a expansão do mercado tivesse seguido o mesmo ritmo da produção, não haveria nele superabundância,*

---

[536] Teorias da Mais-valia II, p. 958. MEW 26.2, p. 524.

*superprodução"*[537]. Porém, mesmo que se admita que a produção social ampliada estenda ao mesmo tempo os limites do mercado, estes tendem a continuar desconhecidos. Prever que o mercado será ampliado não significa que seja possível *a priori*, conhecer os limites desta ampliação. Como o capitalista não é um agente onisciente, ele não pode conhecer *a priori* qual a verdadeira dimensão da demanda dos consumidores, não pode conhecer nem mesmo a qualidade dos produtos que os consumidores esperam que sejam produzidos, não pode, também, prever com exatidão científica qual o volume e a qualidade dos produtos que serão lançados no mercado por seus concorrentes. A verdadeira dimensão e conteúdo da demanda continuarão sendo conhecidos somente *a posteriori*, quando as mercadorias forem vendidas. E se parte considerável delas não for vendida porque se produziu em demasia, então instala-se a crise por excesso de produção.

## 2.8. DIFERENTES MÉTODOS DE PRODUÇÃO DA MAIS-VALIA RELATIVA

### 2.8.1. A cooperação simples

Quando iniciamos a análise do capital vimos que a acumulação de mercadoria e dinheiro em mãos de uma classe rica de comerciantes no século XVI inaugurara a moderna história do capital. Vimos que o dinheiro, como produto último da circulação desenvolvida de mercadorias, constituía, ao mesmo tempo, ponto de partida e primeira forma de manifestação histórica do capital. Vimos, ainda, que o capital sob a forma de determinada soma de dinheiro concentrado nas mãos de um grande capitalista constitui o ponto de partida não apenas histórico, mas, ainda, o ponto de partida prático repetido cotidianamente pelo capital. O capital sob a forma de grandes somas de dinheiro surge como ponto de partida não apenas histórico quanto prático, porque todos os dias, para poder repetir infinitamente o processo de produção de mais-valia, o capital deve obrigatoriamente se converter de dinheiro em meios de produção e força de trabalho.

Se o ponto de partida histórico do capital, que surge sob a forma de grandes somas de dinheiro acumulado no mercado mundial durante os séculos XV-XVI, se

[537] Teorias da Mais-valia II, p. 959. MEW 26.2, p. 525.

assemelha ao seu sempre renovado ponto de partida prático, este mesmo ponto de partida histórico não pode, de modo algum, ser tomado como seu ponto de partida conceitual. Vimos que para não sermos enganados por estas formas históricas de acumulação de capital (como a pirataria, o comércio escravo e a imposição de preços de monopólio que de modo algum correspondiam a seus valores de origem etc.[538]), toda a análise do modo efetivo de valorização do valor foi realizada abstraindo-se o modo como estas formas históricas foram engendradas. Para não ser afetado por estas impurezas empíricas, Marx conscientemente abstraiu da análise conceitual estas formas históricas, remetendo a explicação da valorização do valor do capital aplicado na esfera da circulação, a um momento posterior à análise da formação da mais-valia na instância da produção.

Apesar do capital historicamente surgir e se valorizar na esfera das trocas, a valorização do valor não poderia ser explicada tomando-se esta mesma esfera como base para a formação do mais-valor. Se historicamente o capital surge e se valoriza sob a forma de dinheiro e mercadoria sem adentrar, como capital produtivo, à esfera da produção, epistemologicamente a análise científica da mais-valia deve ser realizada abstraindo estas formas empíricas. Se assim não procedêssemos, caíríamos ingenuamente como presas do falso entendimento burguês que atribui a origem da mais-valia ao acréscimo arbitrário e exterior de um valor a mais sobre o valor adiantado originariamente.

Para existir a produção capitalista não basta a simples existência de um lado de um pequeno patrão e de outro de um número reduzido de operários. A existência da relação entre patrão e trabalhador assalariado como uma relação capitalista, exige uma certa grandeza quantitativa de sobretrabalho que permita ao patrão viver não apenas como patrão, mas, sobretudo, que o capacite a viver para a própria ampliação da produção e da valorização do valor. Esta relação pressupõe, portanto, que o patrão capitalista explore um número de operários muito superior ao número explorado pelos antigos mestres corporativos da Idade Média, por exemplo, pressupõe que ele viva não apenas de seu próprio trabalho e de um ou dois ajudantes a mais, mas, sim, que viva do sobretrabalho de uma determinada massa de trabalhadores que permita a ele, não apenas consumir certo quantum de meios de subsistência acima dos meios consumidos por seus operários, mas,

---

[538] Sobre este ponto veja-se a excelente reconstituição histórica da formação dos preços na fase que antecede a era capitalista, formação que antecede a formação de preços baseada na livre concorrência. Friedrich Engels: ***Suplemento ao Livro Terceiro de O Capital.***

sobretudo, que possa transformar parte deste sobretrabalho em capital. Para que o patrão atue como capitalista é fundamental que ele explore uma dada massa quantitativa de trabalhadores capaz de fornecer um excedente que permita-lhe, não apenas viver como patrão, mas, sobretudo, que permita a ele transformar parte deste excedente em capital.

Como o capitalista não tem por meta organizar a produção em vista do valor de uso, isto é, em vista de gozar uma vida mais luxuosa e prazerosa, como tinham por meta as antigas classes dominantes do passado, sejam elas grega ou romana escravocrata ou o clero feudal, como a meta do capitalista é organizar a produção para valorizar o valor numa escala sempre mais e mais ascendente, ele só pode se apoiar numa organização do trabalho baseado na cooperação entre um grande contingente de trabalhadores, num contingente que supere todas as formas passadas de trabalho baseadas na independência e no isolamento dos trabalhadores entre si. A produção efetivamente capitalista começa, portanto, apenas quando um capitalista individual põe simultaneamente para trabalhar sob seu comando um certo quantum desenvolvido de trabalhadores.

*"A atividade de um número maior de trabalhadores, ao mesmo tempo, no mesmo lugar... para produzir a mesma espécie de mercadoria, sob o comando do mesmo capitalista, constitui histórica [historisch] e conceitualmente [begrifflich] o ponto de partida da produção capitalista"*[539]. O capital sob a forma de dinheiro e o capitalista sob a forma de comerciante que aparecem historicamente com o mercado mundial no século XVI, não poderiam ser tomados como a forma efetiva de capital e capitalista porque estas formas em si mesmas são incapazes de fundar novas relações sociais de produção. Estas formas de capital podem existir sob as mais diversas formações sociais sem, contudo, alterar suas relações de produção em relações capitalistas de produção. Estas formas existem, como diz Marx em várias passagens de *O Capital*, como os judeus da Idade Média ou como os deuses de Epicuro, habitando os intermúndios do mundo antigo sem revolucioná-lo. O capital surge histórica e conceitualmente quando a cooperação simples do trabalho, o modo mais abstrato e universal da cooperação, modo comum a extensas e diversificadas formas de produção históricas, passa a ser organizada e dirigida pelo capitalista.

---

[539] OC Ia, p.244. p. 341.

A cooperação do trabalho é um modo de organizar o processo de trabalho pondo certa quantidade de trabalhadores para trabalhar em prol de um fim comum, simultaneamente ou não e no mesmo lugar ou não. *"A forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado e conjuntamente, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos, chama-se cooperação [Kooperation]"*[540]. Marx analisa três formas de existência da cooperação social do trabalho, a primeira e mais abstrata é a cooperação simples do trabalho, um modo de cooperação encontrado em diversos modos de produção como o asiático antigo, por exemplo; a segunda é a cooperação manufatureira e a terceira é a cooperação baseada na grande indústria, modo tipicamente capitalista de se organizar a cooperação.

A cooperação simples pode produzir mais-valia relativa de diversos modos.

1. Pela economia de meios de produção: quando muitos trabalhadores utilizam simultaneamente os mesmos locais e instrumentos de trabalho o produto se torna mais barato porque um mesmo quantum de trabalho objetivado se distribui num quantum maior de valores de uso, barateando os custos das mercadorias em geral e, assim, barateando os próprios meios de subsistência do operário.

2. Por aumentar a potência das forças mecânicas do trabalho: quando uma força de trabalho individual é incapaz de mover sozinha um obstáculo, como suspender uma alavanca, por exemplo, a mera soma de forças de trabalho atuando simultaneamente contra o mesmo objeto é capaz de vencer sua resistência e adequá-lo às necessidades humanas.

3. Por provocar a emulação entre os indivíduos e exercitar seus espíritos vitais que elevam a capacidade individual de rendimento das pessoas, de forma que um múltiplo de trabalhadores reunidos, excitados pelo mero contato mútuo entre seus corpos e espíritos, produz numa única jornada múltipla de trabalho uma soma maior de trabalho do que a soma de seus diversos trabalhos individuais e isolados. *"Isso resulta do fato de que o homem é, por natureza, se não um animal político, como acha Aristóteles, em todo caso um animal social"*[541].

4. Por imprimir às operações semelhantes de muitos o cunho da continuidade e da multiplicidade: este é o caso, por exemplo, quando muitos pedreiros formam uma fila

[540] OC Ia, p. 246. MEW 23, p. 344.

para conduzir, como numa esteira mecânica, os tijolos ou pedras de um ponto a outro, do chão até o andar superior da construção. A mesma soma de tijolos percorre com menos tempo de trabalho o mesmo percurso que teria que ser percorrido se fosse conduzido por um único trabalhador.

5. Por executar diversas operações ao mesmo tempo: isto ocorre quando, por exemplo, uma mesma construção é atacada simultaneamente por todos os lados pelos trabalhadores, quando simultaneamente são realizadas diferentes tarefas que completam a obra num menor tempo de trabalho. Isto se torna possível porque *"o trabalhador combinado ou trabalhador coletivo possui olhos e mãos à frente e atrás"*[542].

6. Por mobilizar no momento crítico muito trabalho em pouco tempo: isto ocorre quando uma soma de trabalhadores aproveita melhor que o indivíduo isolado a sazonalidade da Natureza como na tosquia de ovelhas, na pesca de arenque, no trabalho agrícola da colheita e do plantio etc.

7. Por estender sua escala espacial de ação: como na drenagem de terrenos, na construção de diques, na irrigação, na construção de canais, estradas, ferrovias etc. O trabalho coletivo e combinado estende o campo de ação do trabalhador para limites muito além do trabalho isolado.

8. Por estreitar o campo espacial de produção em relação à escala da produção: isto ocorre quando diversos trabalhadores isolados que produzem o mesmo artigo são reunidos num mesmo local de trabalho tornando mais produtiva sua própria atividade.

9. Por emprestar ao trabalho individual o caráter de trabalho social médio: o processo de emulação coletiva supera as limitações e ineficiência do trabalho isolado, conferindo a ele a potencialidade superior do trabalho coletivo enquanto trabalho de natureza média. Em todas estas diversas circunstâncias *"a força produtiva específica da jornada de trabalho combinada é força produtiva social do trabalho ou força produtiva do trabalho social. Ela decorre da própria cooperação. Ao cooperar com outros de um modo planejado, o trabalhador se desfaz de suas limitações individuais e desenvolve a capacidade de sua espécie"*[543].

---

[541] OC Ia, p. 247. MEW 23, p. 345/346.
[542] OC Ia, p. 247. MEW 23, p. 346.
[543] OC Ia, p. 249. MEW 23, p. 349.

Analisada nesta simplicidade abstrata a força produtiva do trabalho combinado aparece de modo claro e transparente como força produtiva do próprio trabalho social. O fetiche, agora do capital, contudo, desfigura esta simplicidade transparente e apresenta a força produtiva do trabalho coletivo frente ao trabalho isolado como uma força produtiva que pertence por natureza ao próprio capital, como uma força produtiva que, magicamente, parece emanar da própria natureza do capital. Como o trabalhador assalariado está absolutamente incapacitado de pôr em atividade sua potência vital para o trabalho antes de ser contratado pelo capitalista e adentar à sua fábrica, o trabalho que ele realiza no interior da fábrica junto com outros trabalhadores já reunidos pelo capital aparece na instância falsa e ilusória da circulação como um trabalho que é realizado pelo próprio capital. A força produtiva do trabalho social aparece magicamente na instância deformadora da circulação como uma força produtiva imanente ao capital e não ao próprio trabalho cooperativo.

Como na esfera exterior da circulação os produtores diretos não se relacionam diretamente entre si, mas apenas com o capital, como o processo de cooperação inicia-se somente após a reunião dos operários pelo capital no interior da produção, a força produtiva agora reunida e posta em ato pelo capital aparece como uma força produtiva do próprio capital e não como força produtiva do trabalho coletivo da classe trabalhadora. *"Uma vez que a força social do trabalho não custa nada ao capital e, por outro lado, não é desenvolvida pelo trabalhador, antes que seu próprio trabalho pertença ao capital, ela aparece [erscheint] como força produtiva que o capital possui por natureza, como sua força produtiva imanente"*[544]. O fetiche do capital transforma a força cooperativa do trabalho social, força que de modo algum surge historicamente com o surgimento do capital, ao contrário, ela historicamente o antecede, numa força que o próprio capital magicamente produz para si mesmo.

O capital não inventou a cooperação do trabalho, ao contrário, esta o antecede e aparece em modos de produção os mais diversos historicamente. *"O efeito da cooperação simples mostra-se colossal nas obras gigantescas dos antigos asiáticos, egípcios, etruscos etc."*[545] Estes efeitos podem ser facilmente encontrados na grandiosidade das obras de irrigação e drenagem do mundo antigo, na construção das magníficas

[544] OC Ia, p. 251. MEW 23, p. 353.

pirâmides do povo egípcio, nos portentosos palácios gregos e romanos, nos monumentos religiosos e artísticos espalhados entre todos os povos asiáticos e europeus do mundo antigo. Os efeitos da cooperação simples do trabalho podem ser encontrados nas colossais catedrais da Idade Média, na colossal muralha da China, enfim, podem ser encontrados em todas as formas atrasadas de civilização, inclusive dentro da sociedade capitalista, já que a mesma não aboliu a cooperação simples, mas apenas a integrou à formas superiores de cooperação como a manufatureira e a industrial. O capital em sua arrogante pretensão de aparecer frente à consciência humana como a única forma histórica de produção, fecha os olhos para as mais evidentes criações do espírito humano que desconheciam por completo o próprio capital.

> *A cooperação no processo de trabalho, como a encontramos nas origens culturais da humanidade, predominantemente nos povos caçadores, ou eventualmente na agricultura da comunidade indiana, fundamenta-se, por um lado, na propriedade comum das condições de produção e, por outro, na circunstância de que o indivíduo isolado desligou-se tão pouco do cordão umbilical da tribo ou da comunidade como a abelha individual da colméia.*[546]

A cooperação no processo de trabalho, agora sob controle do capital, fundamenta-se, contudo, em condições absolutamente distintas e antagônicas à sua forma mais primitiva e rudimentar. Por um lado, a propriedade coletiva dos meios de produção foi abolida e posta em seu lugar a propriedade privada capitalista, por outro, os laços do produtor direto com a comunidade originária foram completamente dissolvidos, a própria comunidade originária foi dissolvida e posta em seu lugar, a fria relação de troca entre capital e trabalho assalariado. O único vínculo social que liga o operário ao capital, e dos homens em geral entre si na sociedade capitalista, é o vínculo gélido e abstrato do dinheiro. O trabalhador sob o capital está tão separado dos meios efetivos para sua realização como homem e como trabalhador, quanto uma abelha que se perdeu da colmeia está para

---

[545] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 353.
[546] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 353/354.

transformar o pólen das flores em mel. Como sabemos, o trabalhador, como esta infeliz abelha que se perdeu da colméia, é a condição fundamental para a existência do capital.

Com o capital a associação espontânea dos homens para o trabalho é substituída pela associação coercitiva do trabalho assalariado. Coerção que, de modo formal, distingue-se absolutamente de todas as outras formas antigas de coerção, coerção que se processa pelos fios invisíveis da coerção extra-econômica, da coerção sem a intervenção direta do Estado e da violência física como é o modo de coerção de sociedades atrasadas baseadas na servidão e na escravidão do trabalho. *"A esporádio a utilização da cooperação em grande escala no mundo antigo, na Idade Média e nas colônias modernas baseia-se em relações diretas de domínio e servidão, na maioria das vezes na escravidão"*[547]. A forma capitalista, contudo, onde o trabalhador livre existe como nossa abelha que se perdeu da colmeia, liga o trabalhador diretamente à cooperação forçada do trabalho por fios inteiramente invisíveis, pelos fios doces e encantados da relação de troca entre capital e trabalho na esfera da circulação. *"A forma capitalista pressupõe, ao contrário, desde o princípio o trabalhador assalariado livre, que vende sua força de trabalho ao capital"*[548].

Nas sociedades do passado o papel de reunir os produtores diretos para o trabalho cooperativo fora assumido pelas mais diversas figuras históricas. Pelo faraó no Egito antigo, pelos cidadãos livres na Grécia antiga, pelos patrícios e civis na Roma antiga, pelos padres católicos na Idade Média, pelos barões na Normandia, pelos boiardos na Valáquia, pelos escravocratas na América etc. Na sociedade moderna este papel é assumido pelo capitalista. *"Esse poder dos reis asiáticos e egípcios ou teocratas etruscos etc. foi conferido, na sociedade moderna, ao capitalista, quer ele se apresente como capitalista individual, quer como nas sociedades por ações, como capitalista combinado"*[549]. Quer, ainda, o capitalista se apresente diretamente como proprietário do capital, quer ele se apresente indiretamente através do exército de gerentes e capatazes que em seu nome administram o processo de produção.

Assim como o capital não inventou a exploração do homem pelo homem, não inventou também a cooperação simples do trabalho. Contudo, o capital surge

[547] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.
[548] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.
[549] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.

historicamente desta mesma forma cooperativa simples. De início o capital não promove nenhuma modificação qualitativa no processo cooperativo de trabalho, a única modificação introduzida por ele é uma modificação quantitativa. Onde surge inicialmente, ele apenas reúne numa unidade de produção um número mais elevado de trabalhadores que trabalham ainda de modo isolado. No começo, *"a oficina do mestre artesão é apenas ampliada. De início, a diferença é, portanto, meramente quantitativa"*[550]. A reunião destes muitos trabalhadores dispersos e isolados entre si promove, contudo, uma modificação qualitativa, já que potencializa o trabalho individual transformando-o em trabalho coletivo.

Em seu ponto de partida histórico o capital se apóia numa forma cooperativa do trabalho que ele mesmo, como já dissemos, não inventa. A cooperação do trabalho que aí aparece, apesar da arrogância e pretensão do capital em afirmar que ela é resultado de sua atividade, é uma cooperação abstrata e simples porque é uma forma de cooperação universal, conhecida e desenvolvida por todos os modos de produção relativamente desenvolvidos do passado. Deste modo, não apenas o ponto de partida do capital é um ponto de partida ainda abstrato, como também seu próprio conceito que aí aparece é um conceito ainda abstrato e pouco desenvolvido, é um conceito que deve ainda sofrer uma série de modificações até tornar-se um conceito plenamente efetivo. Conceito que se torna efetivo, contudo, não por meros artifícios de uma epistemologia lógica e abstrata implacável, mas, sobretudo, porque o desenvolvimento de seu conceito acompanha, *pari passu*, o desenvolvimento histórico do próprio capital.

Todo trabalho com vistas a um fim, seja ele realizado individual ou coletivamente, deve se subordinar a determinada forma de direção. Mesmo o paradisíaco Robinson em sua ilha devia subordinar seus próprios movimentos vitais às necessidades fixadas previamente por ele mesmo. Do mesmo modo todo processo produtivo, seja ele organizado sob a forma histórica da servidão ou da escravidão, ou mesmo ainda, sob uma forma socialista, primitiva ou não, deve se subordinar a uma direção e um plano previamente traçado.

> *Todo trabalho diretamente social ou coletivo executado em maior escala requer em maior ou menor medida uma direção, que estabelece a harmonia*

[550] OC Ia, p. 244. MEW 23, p. 341.

> *entre as atividades individuais e executa as funções gerais que decorrem do movimento do corpo produtivo total, em contraste com seus órgãos autônomos.*[551]

Sob a forma da servidão e da escravidão o processo total de trabalho pode adotar as mais diversas formas de direção como a teocrática egípcia, a feudal européia, a forma civil greco-romana ou a forma americana da escravidão. Do mesmo modo numa sociedade de produtores livres e independentes, o controle total pode ficar a cabo da família, da tribo ou da sociedade inteira.

Na sociedade capitalista o controle e direção do processo de trabalho estão inteiramente a cargo do capitalista. Como personificação consciente do capital, o capitalista dirige a produção com vista a seus objetivos, a valorização do valor. Como função específica do capital, a função de direção capitalista assume um duplo e significativo papel. Por um lado, o capitalista toma em suas mãos exclusivas, a função de realizar esta necessidade natural e insuperável para qualquer processo de produção, a de dirigir o processo de trabalho, o processo de criação dos valores de uso. Para isso, cuidará com toda diligência possível que o operário utilize seus caros instrumentos de produção do modo mais racional e vantajoso possível. Desdobrará seu faro para os negócios, suas vistas, seus ouvidos, todo os seus sentidos enfim, e porá a seu serviço um vasto exército de gerentes e fiscais de fábrica.

A produção capitalista, porém, não tem como meta a produção de valores de uso, mas, sim, a valorização do valor. Esta duplicidade do processo de produção capitalista em processo de trabalho e processo de valorização duplica juntamente, o papel do capitalista frente ao processo de produção. Se por um lado ele executa as funções de direção e fiscalização do processo de trabalho, por outro ele realiza, simultaneamente, o papel de agente explorador do trabalho. *"A direção do capitalista não é só uma função específica surgida da natureza do processo social de trabalho e pertencente a ele, ela é ao mesmo tempo uma função de exploração de um processo social de trabalho e, portanto,*

---

[551] OC Ia, p. 250. MEW 23, p. 350.

*condicionada pelo inevitável antagonismo [unvermeidlichen Antagonismus] entre o explorador e a matéria-prima de sua exploração"*[552].

Do mesmo modo como o capitalista se converte de agente do processo de trabalho em agente do processo de exploração, seu exército auxiliar representado pela figura dos gerentes e chefes de seções, se convertem junto com ele em agentes e déspotas menores do mesmo processo de dominação e exploração econômica. *"Se portanto a direção capitalista é, pelo seu conteúdo, dúplice, em virtude da duplicidade do próprio processo de produção que dirige, o qual por um lado é processo social de trabalho para elaboração de um produto, por outro, processo de valorização do capital, ela é quanto a forma despótica"*[553]. Com o desenvolvimento da produção capitalista *"esse despotismo desenvolve suas formas peculiares"*[554], como veremos na análise da cooperação baseada na maquinaria e na grande indústria.

No confronto do capital com as formas isoladas de produção corporativa da Idade Média européia, a cooperação posta pelo capital não constitui uma nova etapa do processo histórico de constituição do trabalho coletivo. Como ela é apenas uma reposição mais alargada da cooperação simples, ela forma apenas o ponto de partida do capital. *"Nesse confronto, a cooperação capitalista aparece não como forma histórica específica da cooperação, mas a cooperação mesma aparece como uma forma histórica peculiar do processo de produção capitalista que o distingue especificamente"*[555].

A mesma força fantasmagórica que transforma magicamente a força produtiva do trabalho social em força produtiva do capital, faz agora aparecer o processo de cooperação do trabalho não como uma forma histórica universal, mas, como a forma especificamente capitalista da produção: *"do mesmo modo que a força produtiva social do trabalho desenvolvida pela cooperação aparece como força produtiva do capital, a própria cooperação aparece como forma específica do processo de produção capitalista, em contraposição ao processo de produção de trabalhadores isolados e independentes ou mesmo dos pequenos mestres"*[556]. Esta modificação sofrida pelo processo de trabalho, modificação ainda apenas quantitativa, que obviamente repercute qualitativamente sobre a

[552] OC Ia, p. 250. MEW 23, p. 350.
[553] OC Ia, p. 250. MEW 23, p. 351.
[554] OC Ia, p. 250. MEW 23, p. 351.
[555] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.
[556] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.

potencialidade do trabalho, *"é a primeira modificação que o processo de trabalho real experimenta pela sua subordinação ao capital"*[557].

Esta passagem, porém, da forma corporativa isolada e dispersa de trabalho de fins da Idade Média para a idade moderna do capital, é uma passagem ainda abstrata. Marx a apresenta ainda do mesmo modo como apresenta a economia política burguesa, como uma necessidade que surge espontaneamente do próprio processo de produção de valores de uso, como uma necessidade emanada das próprias necessidades ampliadas do mercado mundial que exige uma escala de produção cada vez mais crescente, escala impossível de ser suprida pelas pequenas unidades corporativas do final da Idade Média européia. *"Essa modificação se dá naturalmente [naturwüchsig]"*[558]. Isto é, a modificação da forma corporativa medieval baseada em pequenas unidades produtoras e destinadas a um mercado geralmente local e conhecido, não aparece nesta altura da exposição sendo impulsionada pelas contradições da luta de classes, mas, sim, impulsionadas pela demanda exterior dos consumidores espalhados pelo imenso mercado mundial que surge no século XVI.

O pressuposto para o aparecimento da cooperação capitalista do trabalho, contudo, já aparece distinto do pressuposto que funda a mesma cooperação simples em formas atrasadas de produção. Para estas, o pressuposto para a cooperação coletiva do trabalho era a existência de uma vasta força de trabalho, desocupada ou não, apta para o trabalho. Para o capital, porém, esta vasta força de trabalho desocupada não pode existir sob qualquer forma, ela deve existir como força de trabalho assalariada, como força de trabalho que possui como sua propriedade direta unicamente a própria força de trabalho.

O pressuposto para a existência do capital assim, se identifica com o pressuposto para a conversão do processo de trabalho corporativo medieval em processo coletivo de trabalho. *"Seu pressuposto [Voraussetzung], ocupação simultânea de um número relativamente grande de assalariados no mesmo processo de trabalho, constitui o ponto de partida da produção capitalista. Este coincide com a existência do próprio capital"*[559]. Este pressuposto que funda a produção capitalista lança nossa observação, deste modo, para além da observação da mesma cooperação simples do trabalho encontrada

[557] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.
[558] OC Ia, p. 252. MEW 23, p. 354.
[559] OC Ia, p. 252/253. MEW 23, p. 354.

em formas atrasadas de produção, formas que nunca foram além da cooperação simples do trabalho. O capital não apenas vai além da cooperação simples do trabalho como ainda modifica seu pressuposto.

O pressuposto que converte a força de trabalho não assalariada do final da Idade Média em força de trabalho assalariada permanece, contudo, ainda indeterminado, não revelado e escondido por detrás das novas necessidades postas pelas imensas demandas acrescidas do mercado mundial, pela necessidade de expansão do valor de uso e do processo universal do trabalho concreto.

> *Em sua figura simples, até agora considerada, a cooperação coincide com a produção em maior escala, porém não constitui nenhuma forma característica fixa de uma época particular de desenvolvimento do modo de produção capitalista... e se distingue substancialmente da economia camponesa apenas pela massa de trabalhadores empregados ao mesmo tempo e pelo volume dos meios de produção concentrados.*[560]

Esta forma simples e abstrata de considerar a cooperação do trabalho marca o ponto de partida do capital. Este, porém, não permanece fixado nela, ele a supera logo em seguida com a cooperação manufatureira baseada na exploração das habilidades individuais do trabalhador e no aprofundamento da divisão social do trabalho no interior da manufatura.

A revolução operada pelo capital apresenta, deste modo, uma importante contradição. Se por um lado a organização capitalista do trabalho supera a dispersão e isolamento dos diversos trabalhadores diretos espalhados pela imensidão dos campos da Europa medieval, reunindo-os em grandes aglomerações urbanas por meio da cooperação do trabalho e da conversão do trabalhador individual em trabalhador coletivo, por outro lado, o capital repõe este isolamento e solidão na instância do mercado de trabalho. Nesta instância os trabalhadores, como vendedores de força de trabalho, com a finalidade de vender sua mercadoria competem acirradamente entre si como qualquer outro vendedor. Se a mercadoria força de trabalho não encontrar comprador, as portas do inferno do

[560] OC Ia, p. 253. MEW 23, p. 354/355.

desemprego avidamente se abrirão para devorar este desafortunado vendedor. Contudo, apesar do isolamento e da acirrada competição entre os diversos indivíduos trabalhadores na instância do mercado de trabalho, *"a cooperação [e o trabalhador como trabalhador coletivo J.A] permanece a forma básica do modo de produção capitalista, embora sua figura simples mesma apareça como forma particular ao lado de suas formas mais desenvolvidas"*[561].

### 2.8.2. Divisão do trabalho e manufatura

A segunda forma de cooperação no trabalho é a cooperação manufatureira. A manufatura corresponde à primeira grande etapa histórica de organização capitalista da produção. *"A cooperação baseada na divisão do trabalho adquire sua forma clássica na manufatura. Como forma característica do processo de produção capitalista ela predomina durante o período manufatureiro propriamente dito, que, grosso modo, dura de meados do século XVI até o último terço do século XVIII"*[562]. A manufatura surge historicamente a partir de dois pontos opostos. De um lado ela surge reunindo numa mesma oficina e sob o comando de um mesmo capitalista, trabalhadores de diversos ofícios autônomos que em suas pequenas oficinas trabalham como elos dispersos de uma mesma cadeia produtiva. Marx cita como exemplo deste primeiro caso a construção de carruagens. De outro lado, a manufatura surge reunindo sob um mesmo teto e sob o controle de um mesmo capital diversos artífices isolados que produzem por inteiro, do começo ao fim, o mesmo artigo, porém cada um em sua pequena oficina, separado e independente de outros artífices. Marx cita o caso dos artífices que fabricam papel e agulhas.

O efeito econômico mais imediato da conversão do artesanato em manufatura é a transformação, em ambos os casos, do trabalhador isolado, independente, autônomo e artesanal, em trabalhador coletivo que trabalha desde o começo sob o comando de uma mesma direção capitalista do trabalho. Para o capital o efeito mais imediato desta conversão do trabalhador individual e isolado em trabalhador coletivo é o aumento da força produtiva do trabalho social e o conseqüente aumento da mais-valia relativa. Para o trabalhador, porém, esta mesma metamorfose se apresenta de modo inteiramente oposto.

---

[561] OC Ia, p. 253. MEW 23, p. 355.
[562] OC Ia, p. 254. MEW 23, p. 356.

Na primeira forma manufatureira da cooperação, diferentes artífices são reunidos numa mesma manufatura para trabalhar sob as ordens de um mesmo capitalista. Nesta forma a manufatura parte *"da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria"*[563]. Com o passar do tempo *"o costureiro, o serralheiro, o correeiro etc., que se ocupam apenas com a feitura de carruagens, perdem pouco a pouco com o costume a capacidade de exercer seu antigo ofício em toda a sua extensão"*[564]. A potencialização do trabalho social neste caso é conseguida mediante a conversão da autonomia originária do trabalhador frente à sua própria atividade numa atividade controlada pelo capital, mediante a conversão de uma atividade que antes era rica e multilateral, numa atividade enfadonha, repetitiva e unilateral.

Na segunda forma de cooperação manufatureira, a série de operações que antigamente era realizada por um único e mesmo operário em sua pequena oficina é subdividida em múltiplas operações isoladas e distribuída entre diferentes operários especializados no interior da manufatura. As diferentes operações realizadas pelo artífice do passado são desprendidas e isoladas umas das outras no interior da manufatura. Justapostas espacialmente se combinam com a totalidade do trabalho manufatureiro que realiza coletivamente o antigo trabalho individual. Neste segundo caso a manufatura reúne em seu interior artífices da mesma espécie para logo em seguida partilhar suas múltiplas operações em operações de trabalhadores especializados.

Nesta segunda forma a manufatura *"parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico"*[565]. Novamente para o trabalhador individual o resultado é o mesmo, sua conversão em trabalhador coletivo é para ele a perda de sua subjetividade concreta. A subdivisão de uma única atividade concreta em infinitas subespécies de trabalho alienado é para o trabalhador individual sinônimo de embotamento e estupidez mental. *"Qualquer que seja seu ponto de partida, sua figura final é a mesma –*

[563] OC Ia, p. 255. MEW 23, p. 358.
[564] OC Ia, p. 254. MEW 23, p. 356.
[565] OC Ia, p. 255. MEW 23, p. 358.

*um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos"*[566]. A decomposição do processo concreto de trabalho em infinitas subespécies de trabalhos unilaterais e parcializados é simultaneamente para o trabalhador, a conversão de sua própria subjetividade concreta em simples elo abstrato de um organismo de produção que ele de modo algum controla.

Qualquer que seja o modo como o trabalho independente e artesanal adote ao ser convertido em forma manufatureira, a base técnica da produção permanece inalterada. A eficiência técnica da manufatura continua, como no regime das corporações de ofício, dependendo das habilidades artesanais do trabalhador individual, de sua agilidade e destreza no manejo do instrumento e de sua atenção e diligência para o trabalho. Exatamente porque a base técnica da manufatura é um organismo vivo dependente da destreza e vontade subjetiva do operário para o trabalho, esta mesma força de trabalho está obrigada a desempenhar por toda sua vida sempre a mesma entediante atividade laboriosa. *"Precisamente por continuar sendo a habilidade manual a base do processo de produção é que cada trabalhador é apropriado exclusivamente para uma função parcial e sua força de trabalho é transformada por toda vida em órgão dessa função parcial"*[567]. Veremos que com a ascensão da grande indústria baseada na maquinaria, o capital liberta o trabalhador da condição de trabalhador parcial por toda vida e o converte, para desespero maior do trabalhador, em apêndice e servidor da máquina por toda vida.

### a. O trabalhador parcial e sua ferramenta

O trabalhador manufatureiro aumenta a força produtiva do trabalho social produzindo mais-valia relativa para o capital mediante parcialização, unilateralização e embrutecimento espiritual de si próprio. *"Descendo agora aos pormenores, é desde logo claro que um trabalhador, o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação e portanto necessita para ela menos tempo que o artífice, que executa alternadamente toda uma série de operações"*[568]. A atenção concentrada e a repetição contínua da mesma tarefa todos os dias, sem alterná-la com nenhuma outra atividade, aumenta naturalmente, e a custa da

[566] OC Ia, p. 255. MEW 23, p. 358.
[567] OC Ia, p. 256. MEW 23, p. 359.
[568] OC Ia, p. 256. MEW 23, p. 359.

subjetividade concreta do operário individual, a virtuosidade e eficiência do trabalhador coletivo reduzindo deste modo o tempo de trabalho socialmente necessário à produção em geral.

A manufatura capitalista, contudo, não cria ela mesma esta virtuosidade do trabalhador para o trabalho. Ao tomar a base técnica do período artesanal como ponto de partida para a produção de mais-valia, a única mudança efetiva realizada pelo capital é uma mudança quantitativa, o capital apenas reúne num mesmo local de trabalho e põe sob a direção de uma única vontade a massa de trabalhadores isolados e independentes que ele espontaneamente encontra no final da Idade Média européia. Esta tendência do capital a transformar o trabalhador em trabalhador parcial por toda vida é uma tendência que pode ser encontrada em modos de produção muito anteriores ao modo capitalista de produção. Ela pode ser encontrada dentro da própria Inglaterra medieval com a organização corporativa dos ofícios ou, ainda, nas sociedades não européias baseadas na divisão social em castas:

> *... a transformação do trabalho parcial na profissão por toda vida de um ser humano corresponde à tendência de sociedades anteriores de tornar hereditários os ofícios, de petrificá-los em castas ou, caso determinadas condições históricas produzissem no indivíduo uma variabilidade que contradissesse o sistema de castas, de ossificá-los em corporações.*[569]

A divisão social do trabalho baseada numa divisão hierárquica rígida e imutável expressa uma condição social onde o homem apenas superficialmente negara a Natureza. Nestas condições o homem imita, sem modificar, até mesmo os processos animais de trabalho. O homem, como já concebia Aristóteles em sua Poética, é um imitador por natureza. E o homem antigo imita a Natureza mesmo na forma de organizar o processo de trabalho social. O regime de trabalho baseado no sistema de castas, por isso, pouco se diferencia do regime de trabalho de certos animais como abelhas e formigas. *"Castas e corporações surgem da mesma lei natural que regula a diferenciação de plantas e animais em espécies e subespécies, só que em determinado grau de desenvolvimento a*

[569] OC Ia, p. 256. MEW 23, p. 359.

*hereditariedade das castas e a exclusividade das corporações são decretadas como lei social"*[570]. Entre os muitos casos desta ossificação natural que o trabalho sofre sob o regime de castas hierárquicas Marx desenvolve a análise do regime indiano.

O regime de divisão em castas dos indianos é apresentado como extremamente atrasado, com uma baixa divisão social do trabalho e baixo nível de desenvolvimento dos próprios instrumentos de trabalho. Marx cita como exemplo a descrição dada pelos ingleses ao tomarem contato com a Índia colonizada.

> *O tecelão é um indivíduo isolado, que faz o tecido por encomenda de um cliente, com um tear da mais rudimentar construção, constituído às vezes apenas de hastes de madeira unidas toscamente. Ele não possui sequer um dispositivo para puxar a corrente para cima, o tear tem de ser utilizado em todo o seu comprimento e torna-se assim tão informe e longo que não cabe na choupana do produtor, obrigando-o a executar seu trabalho ao ar livre, onde é interrompido por qualquer mudança de tempo.*[571]

A cooperação indiana do trabalho baseada no regime imutável de castas se mostra extremamente atrasada frente a cooperação manufatureira porque os indianos pouca distância tomaram frente às forças da Natureza, porque pouco se separaram dela. Como abelhas e formigas, permaneceram atuando segundo as leis da produção ditadas pela própria ordem natural. O regime do capital se diferencia do regime indiano, e de outros regimes de produção atrasados[572], porque exerceu sobre a Natureza um domínio mais completo e mais profundo que eles, porque maior distância tomou frente à ordem natural e mais longamente levou a separação entre o homem e a Natureza. Para conservar sua ordem social inalterada, como as abelhas e as formigas, os indianos devem submeter-se passivamente às leis da Natureza sem modificar seus instrumentos de trabalho. Algo absolutamente incompatível com a sociedade capitalista. Esta para conservar-se a si mesma

---

[570] OC Ia, p. 256. MEW 23, p. 360.
[571] OC Ia, p. 257. MEW 23, p. 360.
[572] Sobre o modo de produção asiático e seu caráter estático e imutável ver Hector Benoit: ***A luta de classes como fundamento da história***. Op. cit.

deve impulsionar constantemente a negação da Natureza e a modificação dos instrumentos de trabalho.

O período manufatureiro capitalista, se ainda se apresenta preso às formas antigas da divisão social do trabalho, diferencia-se, contudo, radicalmente destas mesmas formas antigas porque, em certa medida, parte de condições técnicas superiores às condições indianas. Condições que o capital de modo algum cria, já que as toma do modo como encontra junto às corporações de ofício medievais. *"Com respeito ao próprio modo de produção, a manufatura, por exemplo, mal se distingue, nos seus começos, da indústria artesanal das corporações a não ser pelo maior número de trabalhadores ocupados simultaneamente pelo mesmo capital"*[573].

O período manufatureiro, contudo, apesar de conservar a habilidade e a virtuosidade do trabalhador individual como base técnica da produção, para elevar esta mesma habilidade e virtuosidade simplifica, diversifica e aperfeiçoa os instrumentos de trabalho corporativos. *"O período manufatureiro simplifica, melhora e diversifica os instrumentos de trabalho, mediante sua adaptação às funções exclusivas particulares dos trabalhadores parciais"*[574]. Se por um lado a manufatura pode ser considerada como uma simples reunião de muitas oficinas artesanais isoladas sob um mesmo local de trabalho, se por um lado o capital opera uma mera mudança quantitativa no processo de trabalho, por outro ele opera uma mudança qualitativa nos mesmos instrumentos individuais de trabalho.

A manufatura não supera a técnica corporativa baseada no uso de instrumentos pessoais de trabalho. Ela apenas aperfeiçoa os instrumentos de trabalho individuais com a finalidade de elevar a virtuosidade do trabalhador individual e, deste modo, elevar a produtividade do trabalhador coletivo extraindo daí mais-valia na forma relativa. Contudo, ao desenvolver os instrumentos simples de trabalho com vistas a elevar a força produtiva do trabalhador manufatureiro, o capital *"cria com isso, ao mesmo tempo, uma das condições materiais da maquinaria, que consiste numa combinação de instrumentos simples"*[575].

Deste modo o capital cria, sem querer, as próprias condições materiais necessárias para superar o estágio manufatureiro. O emprego de maquinaria no período

---

[573] OC Ia, p. 244. MEW 23, p. 341.
[574] OC Ia, p. 257. MEW 23, p. 361.
[575] OC Ia, p. 258. MEW 23, p. 361/362.

manufatureito, apesar das possibilidades abertas para isto, contudo, não aparece como uma necessidade imanente ao capital para desenvolver a força produtiva do trabalho. O emprego de maquinaria no processo de trabalho no período manufatureiro apresenta-se apenas esporadicamente, ele não se apresenta como uma necessidade absoluta, vital e imprescindível da produção capitalista. *"A maquinaria específica do período manufatureiro permanece o próprio trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais"*[576]. O principal impulso dado pelo capital ao desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social e das ciências aplicadas à produção no período manufatureiro recai exclusivamente sobre o desenvolvimento dos instrumentos simples e pessoais de trabalho, à sua diversificação, barateamento, redução de peso e aumento de eficiência no caso de instrumentos manuais cortantes. O trabalhador aqui, de modo algum deve adequar-se a tais instrumentos, a ciência é desenvolvida para adequar, não os operários de acordo com as necessidades da maquinaria e dos instrumentos de trabalho, como será no período industrial, mas para adequar os instrumentos simples de trabalho à corporalidade viva do trabalhador.

A potencialização da virtuosidade do trabalhador coletivo é conseguida, em grande parte, mas não apenas, produzindo instrumentos simples de trabalho que se adeqüem mais naturalmente à virtuosidade do trabalhador individual. A virtuosidade do trabalhador coletivo, sua potencialidade vital para o trabalho, sua capacidade para converter em riqueza a massa bruta e desorganizada oferecida pela Natureza, se desenvolve *pari passu* com o desenvolvimento da virtuosidade mecânica dos trabalhadores individuais.

As próprias diferenças naturais para o trabalho, as próprias vantagens e desvantagens para o trabalho que os trabalhadores possuem por natureza, as próprias diferenças em seu grau de virtuosidade, força muscular, aptidão espiritual, atenção e concentração para o trabalho são estimuladas e desenvolvidas pelo regime manufatureiro. O regime manufatureiro desenvolve e estimula deste modo, dentro da própria classe trabalhadora, uma divisão hierárquica mais ou menos profunda entre trabalhadores mais qualificados e trabalhadores menos qualificados. Desenvolve junto, deste modo, uma diferença não apenas qualitativa, mas, sobretudo, valorativa, desenvolve uma diferença entre trabalhadores mais bem pagos e menos pagos. *"A manufatura desenvolve, portanto,*

[576] OC Ia, p. 262. MEW 23, p. 369.

*uma hierarquia das forças de trabalho, à qual corresponde uma escala de salários"*[577]. E junto com esta hierarquia, aprofunda e estimula ao mesmo tempo, o ciúme, a mesquinharia e a competição desenfreada entre os próprios trabalhadores.

> *A manufatura cria, portanto, em todo ofício de que se apossa, uma classe dos chamados trabalhadores não qualificados, os quais eram rigorosamente excluídos pelo artesanato. Se ela desenvolve a especialidade inteiramente unilateralizada, à custa da capacidade total de trabalho, até a virtuosidade, ela já começa também a fazer da falta de todo desenvolvimento uma especialidade.*[578]

Essa falta de desenvolvimento para um único ofício em particular será a marca específica do capital no regime da grande indústria baseada na maquinaria.

*"Ao lado da graduação hierárquica surge a simples separação dos trabalhadores em qualificados e não qualificados"*[579]. Os custos de formação com o trabalho qualificado não existem, deste modo, para parte dos trabalhadores. Os custos com a parte qualificada por sua vez, cairão drasticamente. Ao simplificar o trabalho a manufatura simplifica e reduz junto o longo tempo de aprendizagem exigido pelas corporações de ofício. No caso do trabalho não qualificado os custos com formação caem a zero. No caso dos trabalhadores qualificados eles caem sensivelmente. Em ambos os casos, aumenta a mais-valia relativa: *"em ambos os casos [tanto para o trabalho qualificado quanto para o desqualificado J.A] cai o valor da força de trabalho"*[580]. E com esta queda aumenta a mais-valia relativa. *"A desvalorização relativa da força de trabalho, que decorre da eliminação ou da redução dos custos de aprendizagem, implica diretamente uma valorização maior do capital, pois tudo que reduz o tempo de trabalho necessário para reproduzir a força de trabalho amplia os domínios do mais-trabalho"*[581].

---

[577] OC Ia, p. 263. MEW 23, p. 370.
[578] OC Ia, p. 263. MEW 23, p. 371.
[579] OC Ia, p. 263. MEW 23, p. 371.
[580] OC Ia, p. 263. MEW 23, p. 371.
[581] OC Ia, p. 263. MEW 23, p. 371.

### b. Contradição entre a divisão do trabalho dentro da manufatura e dentro da sociedade

Apesar das semelhanças que possam haver entre a manufatura capitalista e o modo asiático de produção representado pelo regime de castas indiano e egípcio e, ainda, com o regime das corporações de ofício medievais, o regime manufatureiro capitalista apresenta uma profunda diferença com estas formas atrasadas de produção.

Diferença que aqui se apresenta como a raiz das crises de superprodução da sociedade capitalista. A diferença entre o capitalismo e as sociedades do passado se apoia na radical oposição entre divisão manufatureira do trabalho e divisão social do trabalho. Se a divisão manufatureira do capital não apresenta substanciais modificações em relação aos modos atrasados desta divisão, se a divisão manufatureira do capital apenas amplia numa escala mais extensa a divisão manufatureira em geral, a divisão social do trabalho na qual esta divisão manufatureira está posta é radicalmente diferente da divisão social do trabalho destas sociedades mais atrasadas.

Marx começa explicando que a divisão do trabalho, dependendo das circunstâncias, pode adotar diversos significados. De um ponto de vista mais geral a produção social pode ser dividida em seus grandes gêneros como a divisão entre cidade e campo e indústria e agricultura. Dentro destes grandes gêneros podemos encontrar várias divisões entre espécies, subespécies etc., que podemos chamar de ramos da produção. Destes ramos podem ainda desprender-se vários sub-ramos. Esta mesma divisão penetra ainda a oficina de trabalho em seus múltiplos detalhes.

O que interessa para nós é compreender a divisão social do trabalho dentro da sociedade capitalista, dentro, portanto, de uma sociedade que tem como fundamento de sua existência a forma-mercadoria como a forma geral da riqueza e a forma assalariada como a forma fundamental da força de trabalho. *"A base de toda divisão do trabalho desenvolvida e mediada pelo intercâmbio de mercadorias é a separação entre a cidade e o campo. Pode-se dizer que toda a história econômica da sociedade resume-se no movimento dessa antítese, do qual, porém, já não iremos tratar aqui"*[582]. Apesar de Marx não desenvolver sistematicamente esta divisão, ele nos deixa um grande número de pistas que podemos de certo modo acompanhar.

---

[582] OC Ia, p. 265. MEW 23, p. 373.

De forma bastante genérica Marx nos diz, como já dissera em passagens anteriores, que de modo algum esta divisão entre campo e cidade, ou entre agricultura e indústria, divisão que levada a seu ponto mais extremo desemboca na sociedade capitalista, surge inicialmente no interior da própria sociedade. O ponto de partida para a divisão entre agricultura e indústria artesanal não é engendrado espontaneamente no interior da própria sociedade. Isto implica dizer que o homem não possui em sua natureza, como pensava Adam Smith, nenhuma impulsão espontânea para as trocas, nenhuma impulsão natural que o estimule e o conduza desde os primórdios da civilização a produzir com vistas ao valor de troca e a produzir por produzir como produz a sociedade capitalista.

Tal impulso à divisão social do trabalho, à divisão entre agricultura e artesanato, entre campo e cidade, em última instância impulso a transformar o produto do trabalho em mercadoria e o produtor direto em produtor de mercadorias, a transformar o produtor em produtor assalariado, não surge espontaneamente do interior da própria sociedade. Explicar este longo e universal processo de divisão social do trabalho entre campo e cidade implica para Marx, em última instância, explicar o longo processo de separação dos produtores diretos da propriedade dos meios de produção, implica explicar como processou-se ao longo da história universal esta lenta mas inexorável separação que pôs, de um lado, o operário moderno livre como um pássaro a vender sua própria força de trabalho e, de outro, o capitalista, proprietário exclusivo de todos os meios de produção e subsistência, comprando esta mesma força de trabalho para valorizar seu capital.

A primeira grande divisão social do trabalho conhecida pela humanidade foi a divisão intercomunidades. Marx explica que,

> *dentro de uma família, e com desenvolvimento ulterior, dentro de uma mesma tribo, origina-se uma divisão do trabalho que evolui naturalmente das diferenças de sexo e de idade, portanto sobre uma base puramente fisiológica, que amplia seu material com a expansão da comunidade, com o crescimento da população e notadamente com o conflito entre as diversas tribos e a subjugação de uma tribo pela outra.*[583]

[583] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 372.

O único impulso conhecido pela divisão social do trabalho neste estágio primitivo é o impulso fornecido pelas diferenças naturais, de sexo e de idade etc., e pelas diferenças intertribais. Pôr exclusivamente homens adultos na caça de animais e mulheres e crianças exclusivamente em tarefas menos perigosas, assim como desenvolver um ramo de trabalho dedicado exclusivamente a fabricar instrumentos de guerra, de modo algum era uma determinação emanada da necessidade inexorável de baratear os produtos do trabalho da tribo para daí conquistar mais compradores e repetir sempre de novo a produção numa escala mais alargada.

A divisão social do trabalho se desenvolve espontaneamente no interior da comunidade sem, contudo, transformar o produto em mercadoria, esta divisão se desenvolve inicialmente impulsionada exclusivamente pelas diferenças naturais entre os homens. A conversão do produto em mercadoria, de seu excedente especialmente, não surge inicialmente no interior da própria tribo, não são os próprios membros da tribo quem primeiramente intercambiam entre si seus produtos como produtos de produtores privados e independentes. O intercâmbio de mercadorias surge inicialmente do intercâmbio de excedentes entre tribos distintas: *"o intercâmbio de produtos origina-se nos pontos em que diferentes famílias, tribos, comunidades entram em contato, pois nos começos da civilização não são pessoas privadas, mas famílias, tribos etc. que se defrontam autonomamente"*[584].

No começo da civilização o homem não existe como produtor privado de mercadorias simplesmente porque o homem burguês, o homem alucinado pelo valor de troca, é um produto da história universal, é produto de um longo processo de dissolução de formas de produção mais atrasadas. *"Comunidades diferentes [e não indivíduos livres e independentes desta mesma comunidade J.A] encontram meios diferentes de produção e meios diferentes de subsistência em seu meio ambiente natural. Seu modo de produção, modo de vida e produtos são diferentes"*[585].

Se as comunidades fossem naturalmente iguais, de modo algum se poriam em contato recíproco, de modo algum sentiriam a necessidade de trocar seus produtos pelos produtos da outra comunidade. A própria diversidade natural de trabalho, de necessidades, de condições e desfrute natural põe inicialmente os homens, os homens na forma de

[584] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 372.

comunidade, em relações de troca recíproca. A história humana não parte, de modo algum como sonham os capitalistas com o mito de Robinson Crusoé, de um indivíduo hipoteticamente livre e já desenvolvido. O indivíduo abstrato é resultado de um longo processo de dissolução da comunidade primitiva.

Para que determinado valor-de-uso se converta em mercadoria é condição fundamental que ele seja um não-valor-de-uso para seu possuidor. Porém, neste estágio social mais primitivo o possuidor deste hipotético não-valor-de-uso não é o indivíduo privado, ele mesmo não existe como indivíduo enquanto a comunidade existir em seu lugar. Eeste produto aparece inicialmente como posse da comunidade que, em nome das necessidades da mesma comunidade, o põe numa relação de troca com outra comunidade diferente. A troca começa, portanto, exatamente no ponto onde a comunidade termina, exatamente no ponto onde começa a existência de uma segunda comunidade, exatamente onde duas comunidades distintas, com distintas necessidades a serem satisfeitas, se encontram e, de modo algum, como imaginam as robinsonadas burguesas, onde dois indivíduos livres e privados se encontram.

*"A troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam, em seus pontos de contato com outras comunidades ou com membros de outras comunidades"*[586]. A troca de mercadorias entre diferentes comunidades não surge inicialmente, de modo algum, como resultado de uma vontade consciente e racional da comunidade. A troca surge unicamente porque de um lado a comunidade possui necessidades a serem satisfeitas, necessidades que devido às condições desfavoráveis impostas pelo meio natural ela está impedida de satisfazer e, de outro lado, devido às mesmas condições naturais agora mais favoráveis, possui uma massa de produto excedente que pode ser intercambiado com outra comunidade. Este intercâmbio inicial visa unicamente satisfazer uma necessidade ainda não satisfeita, uma necessidade que o meio natural desfavorável a impede de satisfazer. *"É essa diferença naturalmente desenvolvida [naturwüchsige Verschiedenheit] que, ao entrarem em contato as comunidades, provoca o intercâmbio recíproco dos produtos e, portanto, a transformação progressiva desses produtos em mercadorias"*[587].

---

[585] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 372.
[586] OC Ia, p. 81. MEW 23, p. 102.
[587] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 372.

Se mais tarde a comunidade desenvolve a troca de produtos de modo habitual, se desenvolve e estimula a divisão social do trabalho com vistas a desenvolver o produto como mercadoria, este momento não é, de modo algum, um efeito da perversa natureza humana que tudo procura converter em mercadorias para daí tirar mais e mais dinheiro, este segundo momento é um mero efeito provocado pelo momento anterior, é uma simples repercussão negativa provocada pelas primeiras trocas que surgiram espontaneamente. *"Tão logo as coisas se tornam mercadorias no exterior da comunidade, tornam-se também por repercussão mercadorias no interior da vida comunal"*[588].

Tão logo a comunidade desenvolve a divisão social do trabalho voltada exclusivamente para o valor de troca, começa do mesmo modo a dissolução desta comunidade, começa a conversão da propriedade comunal em propriedade privada, a paranóia do produtor em busca de mais e mais mercados para seus produtos e a separação do produtor direto da comunidade e das garantias oferecidas por ela. Inicialmente a separação ocorre com a posse da terra, prossegue com a separação dos meios de subsistência e dos meios de produção convertendo, finalmente, o produtor direto em indivíduo livre, privado e abstrato.

*"O intercâmbio não cria [de modo algum] a diferença entre as esferas de produção, mas as coloca em relação e as transforma assim em ramos mais ou menos interdependentes de uma produção social global"*[589]. Com a consolidação de um intercâmbio regular de produtos surge uma divisão social do trabalho baseada na interdependência recíproca entre as distintas comunidades, e indivíduos, se já existirem.

> *Onde a divisão fisiológica do trabalho constitui o ponto de partida, os órgãos particulares de um todo diretamente conexo desprendem-se uns dos outros, decompõem-se, para cujo processo de decomposição o intercâmbio de mercadorias com comunidades estranhas dá o impulso principal, e se autonomizam até o ponto em que a conexão entre os diferentes trabalhos é mediada [vermittelt] pelo intercâmbio dos produtos como mercadorias.*[590]

---

[588] OC Ia, p. 82. MEW 23, p. 102.
[589] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 372.
[590] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 373.

De uma parte, a divisão social do trabalho fundamentada na mercadoria torna dependente o que era autônomo e, de outra parte, torna autônomo o que era dependente. De um lado a satisfação das necessidades humanas, que de modo algum dependia da inexorável conversão do produto em mercadoria, está agora absolutamente dependente desta conversão. Se o produto não for produzido como mercadoria nenhuma necessidade social poderá ser satisfeita. De outro lado, a conversão do produto em mercadoria que aparecia de modo acessório e casual, que aparecia subordinado à satisfação das necessidades internas da comunidade ainda não satisfeitas pelo meio natural desfavorável, ganha uma autonomia frente a estas necessidades que beira o absoluto. *"Em um caso é a dependentização do que era autônomo, no outro a autonomização dos antes dependentes"*[591].

Sendo a produção capitalista uma produção de mercadorias então a divisão manufatureira do trabalho representa apenas um aspecto da organização do processo de produção, o aspecto do processo de trabalho. A divisão e cooperação manufatureira do trabalho vista em sua universalidade abstrata pouco se diferencia das formas atrasadas de organização do trabalho. Por cooperação manufatureira, devemos entender o modo de cooperação no trabalho onde a virtuosidade e habilidade do trabalho coletivo se apóia na virtuosidade e habilidade para o trabalho do próprio trabalhador individual. Observado deste ponto de vista, os diferentes produtores ligam-se entre si mediados por uma divisão técnica do trabalho que tem como meta produzir no menor tempo de trabalho a maior massa de valores de uso possível. Por uma divisão técnica do trabalho que tem por meta, portanto, organizar os distintos trabalhadores individuais numa forma de trabalho que potencialize sua própria força de trabalho individual, numa forma que converta-os de simples força de trabalho individual isolada e independente uma da outra numa grande, poderosa e única força de trabalho coletiva.

Deste modo;

> *o criador de gado, por exemplo, produz peles, o curtidor transforma as peles em couro, o sapateiro, o couro em botas. Cada um deles produz aqui um produto gradual, e a forma final acabada é o produto combinado de seus*

[591] OC Ia, p. 264. MEW 23, p. 373.

> *trabalhos específicos. Somam-se a isso os múltiplos ramos de trabalho que fornecem ao criador de gado, ao curtidor e ao sapateiro os meios de produção.*[592]

Deste ponto de vista mais geral e abstrato, deste ponto de vista do processo de trabalho e do valor de uso, a multiplicidade dos diferentes produtores espalhados e divididos entre os múltiplos e diferentes ramos de trabalho, entre as múltiplas e diferentes manufaturas, isolados uns dos outro pela divisão manufatureira do trabalho, trabalham em vista da produção de um único e idêntico produto final, o sapato. O criador de gado cria o gado para fornecer ao curtidor de couro a matéria prima de seu trabalho, este curte o couro para fornecer ao sapateiro que está à sua frente na divisão técnica do trabalho, a matéria prima para o trabalho do próprio sapateiro e este, finalmente, transforma o couro fornecido pelo curtidor em sapato com a única finalidade de satisfazer uma necessidade social por sapato ainda não satisfeita.

Isso tudo do ponto de vista do valor de uso, do trabalho concreto e do processo de trabalho. Como, porém, se dá esta mesma conexão entre os distintos produtores privados e independentes numa divisão não mais técnica ou manufatureira do trabalho, mas, sim, dentro de uma determinada e concreta divisão social do trabalho baseada na produção de mercadorias? Como estes distintos e isolados produtores privados de mercadorias ligam-se entre si dentro de uma divisão social do trabalho que se fundamenta na duplicidade do produto em valor de uso e valor e na duplicidade do processo de produção em processo de trabalho e processo de valorização do valor? Como estes distintos produtores ligam-se entre si dentro de uma divisão social do trabalho onde o trabalho individual se mostra efetivamente como trabalho social apenas *a fortiori*, apenas após a conversão do produto em dinheiro?

*"O que estabelece, porém, a conexão entre os trabalhadores independentes do criador de gado, do curtidor e do sapateiro?"*[593] pergunta Marx. E ele mesmo responde: *"a existência de seus produtos respectivos como mercadorias"*[594]. Enquanto produtores de mercadorias os distintos produtores privados se põem em relação social apenas na instância

[592] OC Ia, p. 266. MEW 23, p. 375.
[593] OC Ia, p. 266. MEW 23, p. 375/376.
[594] OC Ia, p. 266. MEW 23, p. 376.

do mercado. *"O que caracteriza, ao contrário, a divisão manufatureira do trabalho?"*[595] pergunta novamente Marx. E ele novamente responde: *"que o trabalhador parcial não produz mercadoria"*[596].

É esta contradição entre divisão manufatureira e divisão social do trabalho, entre trabalho concreto coletivamente organizado no interior da oficina manufatureira e trabalho social disperso e isolado dentro da sociedade que está na raiz do problema das crises. A separação entre divisão manufatureira e divisão social do trabalho, a dilacerante separação entre produção e consumo na sociedade capitalista, a necessária mediação do mercado entre os pólos destas antíteses, a necessidade do produto se converter em dinheiro para daí satisfazer uma necessidade social, a maldita necessidade do capitalista encontrar comprador para sua mercadoria para daí converter sua mais-valia potencial em mais-valia efetiva, é a verdadeira fonte de todos os atropelos sofridos pela sociedade capitalista e pelas crises de superprodução.

*"A divisão manufatureira do trabalho pressupõe concentração [Konzentration] dos meios de produção nas mãos de um capitalista, a divisão social do trabalho, fracionamento [Zersplitterung] dos meios de produção entre muitos produtores de mercadorias independentes entre si"*[597]. A contradição entre divisão manufatureira e divisão social do trabalho se manifesta sob a forma da contradição entre a unidade indivisível do capital individual com a multiplicidade sempre fracionável e conflitante do capital em geral.

A mesma contradição se apresenta ainda sob a forma da contradição entre a lei de bronze da divisão científica do trabalho que fixa de modo exato a proporcionalidade necessária aos diversos elementos do capital entre si no interior de uma unidade indivisível de produção, com a exata proporcionalidade exigida pela complexa distribuição do capital geral entre os diversos ramos da produção. *"Enquanto na manufatura a lei de bronze da proporcionalidade submete determinadas quantidades de trabalhadores a determinadas funções, na sociedade, o variado jogo do acaso e do arbítrio determina a distribuição dos*

---

[595] OC Ia, p. 266. MEW 23, p. 376.
[596] OC Ia, p. 266. MEW 23, p. 376.
[597] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 376.

*produtores de mercadorias e de seus meios de produção entre os diferentes ramos sociais de trabalho"*[598].

Enquanto no interior da oficina manufatureira reina o despotismo científico da produção, o planejamento racional e a distribuição proporcional do trabalho, no exterior da sociedade reina a mais absoluta liberdade e anarquia irracional. Enquanto a parte é organizada racionalmente, o todo é abandonado à sorte do destino. Enquanto a parte distribui o trabalho individual proporcionalmente às exigências técnicas da produção, o todo distribui o trabalho social irracionalmente, sem nenhum planejamento social e em meio a maior anarquia da concorrência intercapitalista. O planejamento metódico e científico da produção realizada pelo capital individual no interior de cada fábrica se choca constantemente com a ausência de um planejamento social do trabalho que distribua racionalmente suas mais diferentes espécies de acordo com as necessidades de consumo da sociedade. Deste choque surgem as crises e a necessidade do capital encontrar a proporcionalidade correta entre os diversos ramos da produção.

*"Todavia essa constante tendência das diferentes esferas de produção de se colocar em equilíbrio atua apenas como reação contra a contínua eliminação desse equilíbrio"*[599]. Essa tendência a encontrar o ponto de equilíbrio entre produção e consumo, o ponto de equilíbrio que ponha de acordo os vários capitais individuais entre si com as necessidades sociais de consumo, não é uma tendência consciente do capital, mas, sim, mero resultado da descoberta por meio da crise de que se produziu muito além da capacidade de consumo da sociedade.

> *A regra que se segue a priori e planejadamente na divisão do trabalho dentro da oficina atua na divisão do trabalho no interior da sociedade apenas a posteriori, como necessidade natural, interna, muda, perceptível nas flutuações barométricas dos preços do mercado, subjugando o desregrado arbítrio dos produtores de mercadorias.*[600]

[598] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 376.
[599] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.
[600] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.

Com as crises e a queda de preços devido ao excesso de produtos, os diferentes capitais se dão conta da necessidade de organizar a produção social de modo racional e planejado segundo as necessidades prévias de consumo da sociedade. Logo que a crise passa, contudo, estes mesmos capitais esquecem todas as juras de amor e fidelidade feitas em nome da produção social e se lançam, cada um por si e com todas as forças disponíveis ao seu alcance, a produzir por produzir, até que uma nova crise de superprodução lhes faça novamente recordar a necessidade de adequar-se previamente a produção ao consumo social.

No pólo da divisão manufatureira do trabalho impera o despotismo cientificamente planejado do capitalista sobre os trabalhadores. *"A divisão manufatureira do trabalho pressupõe a autoridade incondicional do capitalista sobre seres humanos transformados em simples membros de um mecanismo global que a ele pertence"*[601]. No pólo da divisão social do trabalho impera o oposto, a guerra de todos contra todos, a anarquia e a irracionalidade da concorrência: *"a divisão social do trabalho confronta produtores independentes de mercadorias, que não reconhecem nenhuma outra autoridade senão a da concorrência, a coerção exercida sobre eles pela pressão de seus interesses recíprocos"*[602].

No interior de cada oficina de trabalho cada capitalista se apresenta frente ao trabalhador como um déspota absoluto que decide previamente o que, quanto e sob que condições serão produzidos todos os produtos. Como senhor de si mesmo e de todos os que estão abaixo dele decide previamente todos os detalhes a serem seguidos pelos trabalhadores para que a produção seja organizada e conduzida de modo racional e científico. Se na instância interior da produção o capitalista individual representa o pólo científico, consciente e racional da produção, na instância exterior do mercado, contudo, nenhuma força do mesmo modo racional e consciente se impõe sobre ele, a única força que se impõe a cada capitalista é a coerção recíproca exercida pela concorrência, a única força que amedronta o capital é a força coercitiva de seus irmãos inimigos.

Força coercitiva que de modo algum atua como força racional consciente, ao contrário, a concorrência opera sua força sobre cada capital individual por meio de fios tênues e invisíveis e, muito mais do que limitar o ímpeto do capital por mais e mais

[601] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.

produção, o induz a estender a produção a limites sempre mais e mais distantes. E com a extensão destes limites para além dos limites postos pelas necessidades sociais, o capital arrasta junto com estes limites a sociedade inteira ao dilúvio das crises de superprodução.

Qualquer voz consciente que se levante contra o direito do capital de produzir por produzir e a desenvolver as forças produtivas do trabalho social unicamente para lançar de tempos em tempos a humanidade sob o dilúvio das crises de superprodução é vista pelo capitalista e seus escribas como uma afronta à inquestionável liberdade humana. O capital adora refugiar seus interesses privados, suas idéias particulares de humanidade, de progresso e de liberdade, atrás da doce defesa das liberdades humanas. O paraíso dos direitos inalienáveis do homem, do direito inquestionável à liberdade e à propriedade, o paraíso da igualdade humana, é o paraíso ideal para o capital aí esconder seus interesses privados.

> *A mesma consciência burguesa, que festeja a divisão manufatureira do trabalho, a anexação do trabalhador por toda a vida a uma operação parcial e a subordinação incondicional dos trabalhadores ao capital como uma organização do trabalho que aumenta a força produtiva, denuncia com igual alarido qualquer controle e regulação social consciente do processo social de produção como uma infração dos invioláveis direitos de propriedade, da liberdade e da 'genialidade' autodeterminante do capitalista individual.*[603]

Como todo gênio que se preza o capital não admite que uma força vulgar qualquer possa impor limites à inteligência do grande gênio que descobriu e desenvolveu até o limite da perfeição o genial modo de produzir por produzir, o genial modo de produzir sem vistas ao valor de uso e às necessidades humanas e o genial modo de produzir com vistas unicamente à infinita e incessante valorização do valor.

*"É muito característico que os mais entusiásticos apologistas do sistema fabril não saibam dizer nada pior contra toda organização geral do trabalho social além*

---

[602] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.
[603] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.

*de que ela transforma toda a sociedade numa [única] fábrica"*[604]. A liberdade burguesa de pôr os operários sob seu implacável comando é, para o burguês, absolutamente contraditória com o mesmo direito reivindicado pela sociedade de pôr este mesmo burguês sob controle de um organismo social racional e consciente. Transformar a sociedade numa única e imensa fábrica significa abolir o mercado e a dilacerante mediação entre produção e consumo, fonte de crises e flagelo social. Abolir a mediação dilacerante do mercado significa no fundo abolir o próprio capital e com ele o capitalista. Do ponto de vista do capitalista, a abolição do mercado significa a abolição da liberdade, do direito, da propriedade e da igualdade abstrata entre os homens.

Esclarecida a contradição entre divisão manufatureira e divisão social do trabalho e as implicações que daí decorrem para a sociedade capitalista, Marx passa a analisar a divisão do trabalho em condições históricas não capitalistas.

> *Enquanto na sociedade do modo de produção capitalista a anarquia da divisão social do trabalho e o despotismo da divisão manufatureira do trabalho se condicionam reciprocamente, formas sociais anteriores, nas quais a particularização dos ofícios se desenvolveu naturalmente, para depois cristalizar-se e por fim firmar-se legalmente, apresentam, ao contrário, de um lado, o quadro de uma organização do trabalho social subordinada a um plano e a uma autoridade, enquanto de outro lado excluem inteiramente a divisão do trabalho dentro da oficina, ou só a desenvolvem numa escala minúscula, ou de modo apenas esporádico e acidental.*[605]

Enquanto na sociedade capitalista a férrea e despótica divisão interna do trabalho se confronta com a livre iniciativa do capitalista individual na instância exterior da concorrência, nas sociedades antigas onde a produção social está regida por um plano previamente traçado, a organização interna da produção, contudo, desconhece uma divisão mais científica e despótica do trabalho.

---

[604] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377.
[605] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 377/378.

Na sociedade capitalista a organização interna do trabalho é despótica e a organização social é anárquica. Nas sociedades do passado, a asiática em particular, a relação é inversa, enquanto a organização interna é livre o planejamento social é despótico. Em nota de rodapé Marx cita uma passagem de sua própria autoria extraída de *A Miséria da Filosofia* onde expõe esta relação antitética na forma de uma lei geral.

> *Pode-se estabelecer como regra geral: quanto menos intervém a autoridade na divisão do trabalho no interior da sociedade, tanto mais se desenvolve a divisão do trabalho dentro da oficina e tanto mais ela se subordina à autoridade de um indivíduo. Conseqüentemente, a autoridade na oficina e a autoridade na sociedade estão, com referência à divisão do trabalho, em razão inversa uma da outra.*[606]

Isto significa que a condição que fundamenta a existência do capitalista como indivíduo livre no interior da sociedade, o que fundamenta a liberdade de movimentos do capital na instância da concorrência é a mais absoluta falta de liberdade para os operários no interior da produção, é o absoluto predomínio deste mesmo capitalista sobre os trabalhadores na instância da produção da riqueza. Isto significa que por trás do paradisíaco modo abstrato de vida burguês baseado na liberdade e na igualdade entre os homens, esconde-se o despotismo de fábrica que sustenta e fundamenta esta aparência enganosa. O despotismo de fábrica é condição fundamental para a liberdade do capital na instância da concorrência. É este condicionamento recíproco entre despotismo e liberdade, entre divisão manufatureira e divisão social do trabalho que caracteriza a divisão do trabalho na sociedade capitalista. É este mesmo condicionamento recíproco que o capital, em nome dos inalienáveis direitos do homem, procura conservar para si próprio.

Marx começa a partir daqui a desenvolver uma longa e interessantíssima analogia da sociedade capitalista com o modo de produção asiático antigo, com o modo de produção indiano. Depois de negar as determinações puramente abstratas da divisão manufatureira do trabalho, de confrontá-la com a divisão social capitalista do trabalho, de demonstrar suas relações e condicionamentos recíprocos, ele passa a comparar a própria

---

[606] OC Ia, p. 267. MEW 23, p. 378. Nota 59 de Marx.

divisão social capitalista com a divisão social de trabalho de um organismo produtivo muito mais simples e primitivo historicamente, passa a comparar a complexidade da sociedade capitalista com a simplicidade das antigas comunidades hindus.

> *Aquelas pequenas comunidades indianas antiqüíssimas, por exemplo, que em parte ainda continuam a existir baseiam-se na posse comum das terras, na união direta entre agricultura e artesanato e numa divisão fixa do trabalho, que no estabelecimento de novas comunidades serve de plano e de projeto. Constituem organismos de produção que bastam a si mesmos, variando suas áreas de produção de 100 a alguns milhares de acres.*[607]

Enquanto a sociedade capitalista se apóia na propriedade privada da terra, os indianos se apóiam na propriedade comum; enquanto a sociedade capitalista se apóia na separação entre campo e cidade, entre agricultura e indústria, os indianos se apóiam na união direta entre agricultura e artesanato; enquanto a sociedade capitalista se apóia numa divisão do trabalho que loucamente se modifica todos os dias, os indianos se apóiam numa divisão imutável e hierárquica de trabalho; enquanto a sociedade capitalista se apóia na anarquia da divisão social do trabalho, os indianos se apóiam na divisão social do trabalho racionalmente planejada.

Enquanto organismos de produção que se bastam a si mesmos os indianos de modo algum conhecem crises sociais por excesso de produção, de modo algum se debatem com a falta de compradores para seus produtos, com a existência de um lado de trabalhadores carentes e esfomeados e de outro de produtos em excesso depositados nos armazéns sendo devorados por ratos, baratas e carunchos, porque estes mesmos homens carentes de produtos carecem ao mesmo tempo de dinheiro para satisfazer suas necessidades. Estes organismos simples de produção desconhecem por completo a tragédia moderna da sociedade capitalista, a tragédia que ao mesmo tempo em que gera produção em excesso gera miséria também em excesso.

---

[607] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 378. Sobre a estrutura destas comunidades antigas e seu papel no desenvolvimento histórico da humanidade e, ainda, as reflexões de Marx a este respeito ver Hector Benoit: ***A luta de classes como fundamento da história***. Op. cit.

Estes organismos simples de produção conhecem unicamente a crise e a miséria que surge, não de uma colheita farta e abundante que permanece depositada em grandes armazéns por falta de compradores solventes, não do excesso de produção, mas a miséria que surge da carência de produtos, da carência que surge geralmente de um baixo desenvolvimento das forças produtivas e das intempéries da Natureza. São as más colheitas, e não as excelentes, que podem provocar crise e empobrecimento entre os indianos. Se entre os indianos pode haver miséria e baixo nível de desenvolvimento social isto decorre exclusivamente do baixo nível de desenvolvimento de suas forças produtivas e nunca do oposto, da potência magnífica de sua indústria.

Entre os indianos *"a maior parte dos produtos é destinada ao autoconsumo direto da comunidade não como mercadoria, sendo, portanto, a própria produção independente da divisão do trabalho mediada pelo intercâmbio de mercadorias no conjunto da sociedade indiana"*[608]. Entre os indianos a inexistência da propriedade privada; a divisão rígida e hierárquica do trabalho, rígida e hierárquica porque o indiano desconhece outras necessidades que não as suas próprias, rígida e hierárquica porque o valor de uso se impõe rígida e hierarquicamente sobre o valor de troca; a união direta entre agricultura e artesanato e daí, a união direta do produtor com os meios de produção, a terra, e com os meios de subsistência arrancados por ele próprio da terra; a união direta, e não a separação do produto das mãos do próprio produtor; a união direta, e não a separação do produtor dos meios de produção, impede que os produtos se convertam em mercadoria e daí em valor de troca, impede que a produção seja uma produção pela produção sem compromisso direto com as reais necessidades humanas, impede que os próprios produtores morram de fome porque há excesso de produtos no mercado, de produtos que eles próprios produziram mas não podem consumir.

Na sociedade indiana, *"apenas os produtos excedentes transformam-se em mercadorias, parte deles só depois de chegar às mãos do Estado [a entidade comunitária], para o qual flui desde tempos imemoriais certo quantum como renda natural"*[609]. Na sociedade indiana apenas o excedente da produção é convertido em mercadoria, e este mesmo excedente se converte em mercadoria após se converter em propriedade do Estado.

---

[608] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 378.
[609] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 378.

O excedente não chega até o Estado na forma de dinheiro ou mercadoria, ele chega até ele na forma de renda natural.

Não é, portanto, o indivíduo livre e privado que se converte em comerciante na sociedade indiana. Este indivíduo mesmo não existe já que entre os indianos não existe a propriedade privada, fundamento para a existência do indivíduo privado. A conversão do produto em mercadoria se dá após sua transferência das mãos dos produtores às mãos do Estado. A troca de mercadorias não existe no interior da sociedade indiana, ela só existe de modo acidental e transitório, quem se põe numa relação de troca é o Estado, representante da comunidade, frente a outras comunidades ou indivíduos exteriores à sociedade indiana. As trocas aqui iniciam onde acaba a comunidade, em suas fronteiras com outras comunidades.

Marx descreve em seguida a estrutura de uma das muitas comunidades indianas antigas. *"Em sua forma mais simples a comunidade cultiva a terra comum e distribui seus produtos entre seus membros, enquanto cada família fia, tece etc. como atividade acessória doméstica"*[610]. Ao lado desta forma simples Marx descreve ainda uma série de pessoas improdutivas que habitam e desenvolvem atividades específicas em seu interior, como o juiz, o policial, o coletor de impostos, o guarda-livros e o guarda-de-fronteiras, entre outros. *"Essa dúzia de pessoas é sustentada à custa de toda a comunidade. Se a população aumenta, estabelece-se uma nova comunidade em terra não cultivada, segundo o modelo da anterior"*[611].

Se a comunidade cresce de tamanho, a mesma comunidade não aprofunda a divisão social do trabalho criando novos ramos de atividades, também não aprofunda seu domínio sobre a Natureza, não nega a Natureza em profundidade pondo-a sob seu domínio consciente. Ao contrário, para não destruir a fixidez de seu modo de vida, a população excedente abandona a comunidade e funda outra nas proximidades com a mesma estrutura rígida e hereditária de castas, com a mesma tradição, os mesmos cultos, os mesmos preconceitos, enfim, reproduz como cópia a mesma estrutura da comunidade primitiva. Como as abelhas em fuga, funda uma nova colmeia com a mesma estrutura da anterior.

A comunidade indiana rejeita conscientemente o devir histórico, o progresso e a transformação de seu estático modo de vida num modo de vida superior, num modo de

[610] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 378.

vida onde toda a tranqüilidade e segurança oferecida pela comunidade seja trocada pela intranqüilidade e insegurança cotidiana de um indivíduo livre e abstrato. Ao indivíduo abstrato e à liberdade abstrata da mercadoria, o indiano opta pelo despotismo social e pelo indivíduo efetivo da comunidade. Ao despotismo de fábrica mesclado à liberdade abstrata do mercado, o indiano opta pelo despotismo do planejamento social combinado com uma existência livre não alienada e mais verdadeira no interior de sua própria oficina.

> *O mecanismo comunal apresenta uma divisão planejada do trabalho mas sua divisão manufatureira é impossível, pois o mercado do ferreiro, do carpinteiro etc. permanece inalterado, podendo-se, de acordo com o tamanho da aldeia, encontrar no máximo, em vez de um ferreiro, oleiro etc., dois ou três deles. A lei, que regula a divisão do trabalho comunal, opera aqui com a autoridade inquebrantável de uma lei natural, enquanto cada artesão particular, como o ferreiro etc., realiza todas as operações pertinentes a seu ofício, de maneira tradicional, mas independente e sem reconhecer nenhuma autoridade em sua oficina.*[612]

Análise genial de Marx. O homem indiano, preso ainda às mais banais superstições geradas pelas forças da Natureza, preso ainda ao mundo natural e indisposto a se desprender dele, indisposto a negá-lo e submetê-lo a seu controle consciente, o indiano que desconhece por completo os progressos da filosofia moderna, o indiano que desconhece por completo a ciência e a razão, que não imagina a potencialidade que é o próprio homem, que desconhece por completo as poderosas forças capazes de serem desencadeadas pelo trabalho social, ele mesmo se nega a desencadear estas forças, este mesmo homem indiano é mais efetivo e concreto que o moderno homem burguês.

O homem indiano é mais livre e determinado que o moderno burguês porque conscientemente escolheu submeter-se à autoridade inquebrantável da comunidade, ao planejamento racional da produção pela comunidade, porque deste modo ele garantia dentro de sua oficina a mais ampla liberdade de movimentos, a mais ampla liberdade criativa, porque em sua oficina ele só reconhecia uma única autoridade, a sua própria.

---

[611] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 379.

Frente ao progresso e às contradições do mundo ocidental, o indiano optou pela vida simples presa ainda às forças da Natureza. Frente à liberdade abstrata de um homem universal, o indiano optou pela liberdade efetiva como tecelão, ferreiro, oleiro etc. nos cafundó da Índia atrasada.

O Oriente, e a Índia em especial, com seu modo milenar de vida, com suas sedas e tapetes belíssimos, com suas porcelanas encantadoras, sempre despertaram não apenas a admiração, mas, sobretudo, a curiosidade dos homens de ciência do Ocidente. Que forças se escondiam por trás dos orientais que os impediam de se desenvolver, que os impediam de seguir um curso histórico semelhante ao curso seguido pelas sociedades ocidentais? Muitas respostas foram especuladas pelos ocidentais. Qual a chave verdadeira para se entender os mistérios do mundo oriental, do mundo indiano em especial? Marx acredita que a chave para abrir ao mundo ocidental todos os segredos mais escondidos e misteriosos da sociedade indiana, a chave para descobrir as bases da estagnação secular dos indianos, para explicar a ausência de devir histórico na Índia, poderiam ser encontradas analisando-se a estrutura destes mesmos organismos produtivos atrasados.

> *O organismo produtivo simples dessas comunidades auto-suficientes, que se reproduzem constantemente da mesma forma e, se forem destruídas acidentalmente, são de novo reconstruídas no mesmo lugar, com o mesmo nome, oferece a chave para o segredo da imutabilidade de sociedades asiáticas que contrastam de maneira tão impressionante com a constante dissolução e reconstrução dos Estados asiáticos e com as incessantes mudanças de dinastias. A estrutura dos elementos econômicos fundamentais da sociedade não é atingida pelas tormentas desencadeadas no céu político.*[613]

Ao contrário das tormentas encontradas regularmente no céu político do Ocidente, das tormentas que de certo modo provocavam mudanças históricas no solo das relações econômica de produção, na Ásia estas mesmas tormentas não alteravam em nada a estrutura produtiva destas pequenas comunidades independentes. Apesar das constantes

---

[612] OC Ia, p. 268. MEW 23, p. 379.

alterações entre as dinastias políticas que se apossavam do Estado, na Ásia a estrutura produtiva permaneceu inalterada durante milênios. Na Ásia a posse comum do solo, a ausência de propriedade privada, portanto; a união direta entre agricultura e artesanato, e não sua separação e oposição, portanto; a divisão fixa e hierárquica de trabalho; a preeminência do valor de uso, a produção voltada para o autoconsumo direto da comunidade e a conseqüente ausência da produção de mercadorias; o excedente coletado pelo Estado na forma de renda natural e não em dinheiro; o planejamento racional e consciente da divisão social do trabalho pela própria comunidade; formam, em seu conjunto, o segredo para se desvendar a imutabilidade deste organismo simples de produção.

Confrontada a sociedade capitalista com a sociedade indiana antes da colonização inglesa e desvendado os mistérios da imutabilidade histórica do Oriente, Marx passa a analisar a estrutura das corporações de ofício do final da Idade Média européia. A estrutura destas corporações pouco se diferenciava da estrutura encontrada nas comunidades indianas. Assim como a comunidade indiana impedia a conversão dos produtores independentes em produtores de mercadorias, também as corporações de ofício impediam que o pequeno mestre artesão se convertesse em capitalista.

As corporações de ofício lutaram durante muitos anos, por meio da legislação corporativa e do controle estamental da produção, contra a tendência da pequena oficina artesanal se transformar numa oficina capitalista, contra a tendência da divisão corporativa do trabalho se converter em divisão manufatureira do trabalho. *"As leis das corporações... impediam planejadamente, ao limitar com severidade o número de ajudantes que um único mestre de corporação podia empregar, a sua transformação em capitalista"*[614].

Como comentamos em passagem anterior, para que o pequeno patrão se converta em patrão capitalista é exigido certa grandeza mínima de dinheiro não alcançada pela corporação de ofício. As corporações impediam coercitivamente que certos mestres enriquecidos ampliassem o tamanho de sua oficina empregando maior número de ajudantes e convertendo-se, desta maneira, num patrão capitalista que produz não com vistas ao valor de uso, mas ao valor de troca. O regime corporativo certamente produz mercadorias,

[613] OC Ia, p. 268/269. MEW 23, p. 379.

contudo, não as produz com a intenção de enriquecer o mestre artesão, as mercadorias são produzidas em vista de seu valor de uso, o mercado é um mercado local, os clientes são pequenos clientes que compram para seu uso direto e a produção normalmente é feita sob encomenda. No regime corporativo os instrumentos de trabalho são instrumentos simples e de uso individual.

A corporação procurou durante sua longa existência se defender do capital mercantil impedindo que ele transformasse o trabalho corporativo em trabalho assalariado. *"A corporação defendia-se zelosamente contra qualquer intrusão do capital mercantil, a única forma livre de capital, com que se defrontava. O comerciante podia comprar todas as mercadorias, mas não o trabalho como mercadoria"*[615].

As corporações de ofício, do mesmo modo que os indianos, procuraram evitar que o mestre artesão se convertesse em capitalista impedindo que a divisão corporativa se transformasse em divisão manufatureira. Para isto, toda vez que a pequena oficina tendia a se transformar numa grande e única oficina, a desdobravam constantemente em múltiplas e pequenas oficinas da mesma espécie, repartindo entre novos mestres artesãos os novos resultados do progresso social. *"Se circunstâncias externas provocassem uma progressiva divisão do trabalho, as corporações existentes dividiam-se em subespécies ou fundavam-se novas corporações ao lado das antigas, porém sem que diferentes ofícios se reunissem em uma oficina"*[616].

Cada novo progresso nas forças produtivas não levava espontaneamente a uma transformação do modo de produção corporativo em modo capitalista. Ao contrário, as corporações de ofício lutaram conscientemente contra esta tendência recriando de modo sempre igual novas e diferentes corporações de ofício que reproduzissem em sua estrutura, não a estrutura manufatureira, mas a mesma estrutura corporativa. *"A organização corporativa, por mais que sua especialização, isolamento e aperfeiçoamento dos ofícios pertençam às condições de existência materiais do período da manufatura, excluía, portanto, a divisão manufatureira do trabalho"*[617]. Do mesmo modo que os indianos, as corporações de ofício imitavam a atividade natural das abelhas.

---

[614] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 379/380.
[615] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 380.
[616] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 380.
[617] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 380.

Ao excluir a divisão manufatureira do trabalho as corporações de ofício excluíam junto, a possibilidade do mestre artesão se converter em patrão capitalista e do jornaleiro e do ajudante se converterem em trabalhadores assalariados e a terem uma vida puramente abstrata e subjetiva. Excluía a possibilidade da produção voltada para o valor de uso se converter numa produção pela produção. Excluía, enfim, a possibilidade dos próprios produtores diretos serem lançados cotidianamente na miséria por terem produzido em excesso uma mercadoria que nem mesmo eles poderiam consumir. As crises de superprodução foram conscientemente combatidas pelas corporações de ofício porque, junto com a tendência a converter a divisão corporativa do trabalho em divisão manufatureira, elas combateram ao mesmo tempo a tendência a separar o trabalhador dos meios de produção e a tendência a transformar o trabalhador numa abelha sem colméia.

No final da Idade Média européia a produção em excesso era constantemente combatida pelos próprios produtores independentes, que viam neste excesso uma forma perversa de reduzir o preço das mercadorias muito abaixo de seus valores, inviabilizando a produção. Em *A Miséria da Filosofia* Marx cita o caso dos viticultores da França que reivindicando uma lei que proibisse a plantação de novas vinhas queriam reduzir a abundância de produtos e elevar o valor de troca. Comenta, ainda, que no interior das corporações de ofício se procedia da mesma forma para evitar uma crise por excesso de produtos no mercado quando se limitava por meio de leis o número de companheiros que podia ter um mestre e o número de instrumentos que ele podia empregar.[618]

O fundamento último das crises de superprodução é, ao mesmo tempo, o fundamento último da sociedade capitalista, fundamento conhecido e negado conscientemente pelas corporações de ofício ao negar ao mestre artesão a possibilidade dele se converter em patrão capitalista. *"Em geral, o trabalhador e seus meios de produção permaneciam unidos como o caracol e sua concha, e faltava assim a base principal da manufatura, a autonomização dos meios de produção como capital perante o trabalhador"*[619]. O despotismo de fábrica e a divisão do trabalho apoiada na partilha da corporalidade viva do trabalhador em múltiplas e infinitas partes abstratas *"é uma criação*

[618] Karl Marx. ***Miseria de la Filosofía***. Mouscou: Editorial Progresso, 1979, p. 31.
[619] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 380.

*totalmente específica do modo de produção capitalista"*[620]. Criação conscientemente rejeitada por modos de produção mais atrasados.

**c. O caráter capitalista da manufatura**

Como vimos, o ponto de partida para a produção capitalista requer duas condições fundamentais: que de um lado a produção tenha alcançado já certo caráter social e não mais apenas individual e, de outro, que o patrão capitalista tenha também acumulado certo quantum mínimo de riqueza capaz de pôr seus trabalhadores a produzirem mais-valia numa escala capaz de valorizar efetivamente o capital. O ponto efetivo de partida do capital, portanto, é a reunião num mesmo local de trabalho de muitos trabalhadores parciais trabalhando sob as ordens de um mesmo capitalista. Enquanto a forma corporativa e a cooperação simples do trabalho não se apropriavam inteiramente da subjetividade do trabalhador, a cooperação manufatureira do trabalho, cooperação na qual o corpo coletivo do trabalhador funciona como uma verdadeira máquina produtiva, cooperação na qual o mecanismo produtivo é um mecanismo vivo formado por múltiplos trabalhadores parcelares, revoluciona em suas raízes o modo de produção baseado em formas mais atrasadas de cooperação. *"Ela aleija o trabalhador convertendo-o numa anomalia, ao fomentar artificialmente sua habilidade no pormenor mediante a repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas, assim como nos Estados de La Plata abate-se um animal inteiro apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo"*[621].

Enquanto a forma corporativa e a cooperação simples do trabalho desenvolviam as forças produtivas do trabalho social na mesma medida em que desenvolviam a criatividade, a genialidade e o espírito inventivo do trabalhador individual, a cooperação manufatureira do trabalho desenvolve esta mesma força coletiva de trabalho mutilando e imbecilizando o trabalhador individual. Com a cooperação manufatureira *"o próprio indivíduo é dividido e transformado no motor automático de um trabalho parcial"*[622].

Enquanto na forma corporativa e na cooperação simples do trabalho o gênio científico do trabalhador coletivo desenvolvia-se indissoluvelmente ligado ao gênio

[620] OC Ia, p. 269. MEW 23, p. 380.
[621] OC Ia, p. 270. MEW 23, p. 381.
[622] OC Ia, p. 270. MEW 23, p. 381.

espirituoso do trabalhador individual, a forma manufatureira desenvolve a ciência como atividade inteiramente isolada e separada da atividade prática do trabalhador individual, desenvolve-a como atividade específica de uma camada particular de trabalhadores intelectualizados. Enquanto, por um lado, a forma manufatureira desenvolve uma ciência cada vez mais poderosa e genial e uma classe coletiva de trabalhadores cada vez mais produtiva, hábil e eficiente, por outro lado, ela desenvolve, simultaneamente, um trabalhador individual cada vez mais ignorante, estúpido e embrutecido. Todos os progressos da ciência manufatureira são conquistados mediante um esvaziamento da capacidade cognitiva do trabalhador individual. A ruína do trabalhador individual forma a base real para todas as conquistas da ciência moderna. Todos os progressos sociais são conquistados com a perda de efetividade do trabalhador individual. *"Incapacitado em sua qualidade natural de fazer algo autônomo, o trabalhador manufatureiro só desenvolve atividade produtiva como acessório da oficina capitalista"*[623].

O capital dissocia o trabalhador não apenas da propriedade dos meios de produção necessários para a realização do trabalho, mas arranca dele até mesmo a capacidade espiritual necessária para o trabalho. O capital coroa com louros de aço o longo processo histórico de dissociação do trabalhador direto dos meios de produção, dissociação inicialmente da terra, seguida dos instrumentos de trabalho e dos meios de subsistência, ou fundo de consumo, dissociando o trabalhador dos meios científicos necessários para o trabalho. O capital se funda deste modo, na mais absoluta separação do trabalhador dos meios necessários para a realização do trabalho, se funda em condições que nenhuma outra sociedade do passado conquistou.

O trabalhador direto ao se converter pela ação desagregadora do capital em trabalhador assalariado, se converte deste modo em puro trabalho abstrato, em trabalho sem nenhuma efetividade, em puro *acessório da oficina capitalista*. Separado inicialmente da terra, depois dos instrumentos de trabalho, do fundo de consumo social e agora do próprio conhecimento científico necessário para a realização do trabalho o que sobra de nosso operário senão um simples corpo destituído de subjetividade e capacidade racional para o trabalho? *"As potências intelectuais da produção ampliam sua escala por um lado, porque*

[623] OC Ia, p. 270. MEW 23, p. 382.

*desaparecem por muitos lados"*[624]. Sob a oficina capitalista o operário se converte de sujeito vivo, inteligente e espirituoso em simples tempo de trabalho, em simples acessório do capital, em simples banco de sangue para o vampiro capital. *"É um produto da divisão manufatureira do trabalho opor-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade alheia e poder que os domina"*[625]. Essa oposição entre a potência individual para o trabalho, suprimida pelo capital, e a nova potência intelectual do capital começa com a cooperação simples, se desenvolve com a manufatura e *"se completa na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital"*[626].

Quão distante estamos aqui nesta altura da exposição dos capítulos iniciais onde a sociedade capitalista aparecia grandiosa e radiante com seu lindo cortejo de liberdade, igualdade e propriedade! *"Na manufatura, o enriquecimento do trabalhador coletivo e, portanto, do capital em força produtiva social é condicionado pelo empobrecimento do trabalhador em forças produtivas individuais"*[627]. Marx cita em seguida uma série de respeitáveis autores burgueses que testemunham esta mutilação realizada pelo capital sobre o espírito do trabalhador individual. *"A ignorância é a mãe da indústria. Como da superstição... As manufaturas prosperam, portanto, mais onde mais se dispensam o espírito, de modo que a oficina pode ser considerada como uma máquina cujas partes são seres humanos"*[628], diz, entre muitos, A. Ferguson, mestre de Adam Smith.

Que dizer de uma sociedade que não apenas produz por produzir, mas que, sobretudo, transforma seu mecanismo produtivo num mecanismo cujas peças são seres humanos? Se Descartes descobriu que o corpo humano é semelhante a uma máquina, o capital descobriu como fazer do corpo humano uma máquina enquanto tal. *"O conhecimento torna-se um instrumento capaz de ser separado do trabalho e oposto a ele"*[629] diz W. Thompson. *"E o pensar propriamente pode, nesta época de divisões do*

---

[624] OC Ia, p. 270. MEW 23, p. 382.
[625] OC Ia, p. 270. MEW 23, p. 382.
[626] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 382.
[627] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 383.
[628] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 383. Nota 68.
[629] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 382. Nota 67.

*trabalho vir a ser um ofício especial"*[630], diz Ferguson. Se Descartes pensou teoricamente a separação entre mente e corpo, o capital a separou na prática.

Marx cita ainda o venerado e respeitável mestre Adam Smith:

> *um homem que despende toda a sua vida na execução de algumas operações simples (...) não tem nenhuma oportunidade de exercitar sua inteligência. (...) Ele torna-se geralmente tão estúpido e ignorante quanto é possível a uma criatura humana. (...) A uniformidade de sua vida estacionária corrompe naturalmente também a coragem de sua mente. (...) Ela destrói mesmo a energia de seu corpo e o incapacita a empregar suas forças com vigor e perseverança, a não ser na operação parcial para a qual foi adestrado. Sua habilidade em seu ofício particular parece assim ter sido adquirido à custa de suas virtudes intelectuais, sociais e guerreiras. Mas, em toda sociedade industrial e civilizada, esse é o estado no qual <u>necessariamente</u> tem de cair o pobre que trabalha (the labouring poor), isto é, a grande massa do povo.*[631] (Grifo nosso).

Quão distante estamos de Bentham, Say e da apologia vulgar à sociedade capitalista e à ciência! Não apenas Marx, o crítico implacável do capitalismo, o comunista inveterado, mas até mesmo os homens de ciência da burguesia reconhecem que frente a todas as sociedades do passado, a cooperação capitalista representou um brutal regresso espiritual para o trabalhador individual.

Se as ciências produtivas, junto com as artes e a filosofia em grau bem menor, se desenvolveu sob a era do capital, este progresso se deve ao mais espetacular empobrecimento espiritual da maioria da humanidade. A era de luzes e esclarecimento espiritual prometida pelo capital significou para o trabalhador individual, algo absolutamente oposto, significou uma era de trevas, ignorância, degradação e embotamento espiritual. E um embotamento que não surge da mistificação religiosa ou sobrenatural, mas, sim, um embotamento que surge da natureza da própria sociedade capitalista. Ferguson e Smith, antes de Marx, confirmam esta barbárie espiritual provocada pelo capital na

[630] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 384. Nota 71.

consciência do trabalhador individual, a confirmam não como simples acidente capaz de ser evitado, não como simples desvio de rota ou anomalia do capital, mas a confirmam como uma necessidade que emana da natureza do próprio capital. Barbárie que pode ser amenizada, mas de modo algum evitada e abolida, mediante o ensino popular dado pelo Estado. Ensino que, em doses homeopáticas, Smith sabiamente recomendava.

Se certa deformação física e espiritual é inseparável da divisão do trabalho em geral, a divisão manufatureira, contudo, é a primeira *"a fornecer o material e dar o impulso para a patologia industrial"*[632]. Ao contrário de todas as formas mais atrasadas de divisão do trabalho, a sociedade capitalista é a primeira, e a única, que transforma esta mesma divisão em uma divisão patológica do trabalho, que cria um novo ramo de enfermidades, as enfermidades pelo trabalho e, com ela, um novo ramo da divisão social do trabalho, a medicina do trabalho. Junto com as enfermidades do trabalho desenvolve-se, ainda, para glória do pequeno-burguês, um novo e extenso ramo para a filantropia sentimental. Ainda que a divisão capitalista do trabalho em sua forma manufatureira possa ser vista como um momento positivo, necessário e progressista na história do desenvolvimento das forças produtivas, como um momento heróico na história da luta da humanidade contra as forças mistificadoras e tenebrosas da Natureza, *"ela surge como um meio de exploração civilizada e refinada"*[633].

Se a ciência burguesa que surge no período manufatureiro, principalmente na figura de Smith, se atém exclusivamente a elogiar e enaltecer os fatores puramente quantitativos da divisão capitalista do trabalho e a enaltecer esta divisão como o meio mais desenvolvido e eficaz de reduzir o valor das mercadorias em geral para daí acelerar a acumulação de capital, os escritores da Antigüidade, de modo algum se atêm a este aspecto puramente quantitativo da divisão social do trabalho. Como a Antigüidade de modo algum se fundamenta na produção de mercadorias e no valor de troca, ela também não enaltece a divisão manufatureira do trabalho do mesmo modo como a enaltece a ciência burguesa.

Marx novamente volta a opor a sociedade burguesa às formas mais atrasadas de produção. Não para elogiá-la e engrandecê-la, como faz a apologética, mas para demonstrar sua irracionalidade. *"Na mais rigorosa oposição a essa acentuação da*

---

[631] OC Ia, p. 271. MEW 23, p. 383. Nota 70.
[632] OC Ia, p. 272. MEW 23, p. 384.
[633] OC Ia, p. 273. MEW 23, p. 386.

*quantidade e do valor de troca, se atêm os escritores da Antigüidade clássica exclusivamente à qualidade e ao valor de uso"*[634]. Enquanto o capital produz em vista do valor de troca, as sociedades clássicas da Antigüidade produzem em vista do valor de uso. Enquanto o capital elogia a redução no tempo de trabalho social, conseguida com uma maior divisão social do trabalho, por reduzir o valor das mercadorias, a Antigüidade clássica a elogia pelos efeitos contrários. *"Em conseqüência da separação dos ramos sociais da produção as mercadorias são mais bem feitas, os diversos instintos e talentos dos seres humanos escolhem as correspondentes esferas de ação e sem limitação nada significativo pode ser realizado"*[635].

Em oposição à parcialização e unilateralização do espírito do trabalhador promovida pela divisão manufatureira do trabalho, Marx opõe os elogios da divisão não alienante do trabalho entre os antigos. Cita em nota de rodapé as palavras de Homero na *Odisséia*, narrando o modo de vida dos gregos no período arcaico: *"pois um outro homem se deleita também com outros trabalhadores"*[636], cita ainda as palavras de Arquíloco gravadas por Sexto Empírico: *"cada um recreia seus sentidos em outro trabalho"*[637].

Enquanto a mudança de atividade no trabalho é motivo de distração e alegria para o mundo antigo do período homérico, para o mundo moderno ela é sentida como perda de tempo, de valor e de riqueza para o capital. Enquanto no mundo antigo o grego arcaico enriquece sua espiritualidade e sua humanidade no próprio trabalho, no mundo moderno o trabalhador deve se desumanizar e morrer diariamente pelo trabalho. Enquanto os gregos da Antigüidade arcaica se distraíam no próprio trabalho e não fora dele, o trabalhador para distrair seu espírito e aliviar a alienação corrosiva da fábrica deve fugir dela como o diabo foge da cruz. Enquanto no mundo antigo arcaico o produtor melhora seu espírito junto com a melhora de sua própria produção, no mundo moderno quanto mais progride a produção mais regride espiritualmente o próprio produtor. No mundo moderno quanto mais meios de tornar feliz a vida alheia são produzidos pelo trabalhador, mais meios de tornar sua vida uma tortura e sofrimento puro são gerados pela divisão capitalista do trabalho.

---

[634] OC Ia, p. 273. MEW 23, p. 386.
[635] OC Ia, p. 273. MEW 23, p. 387.
[636] OC Ia, p. 273. MEW 23, p. 386. Nota 77.
[637] OC Ia, p. 273. MEW 23, p. 386. Nota 77.

Enquanto no mundo moderno todo progresso nas forças produtivas visa a atender as necessidades do valor de troca, no mundo antigo *"não se faz a menor alusão ao valor de troca, ao barateamento das mercadorias"*[638]. Enquanto o mundo moderno vive a paranóia do valor de troca e a paranóia do tempo que a ele se associa, o mundo antigo busca encontrar uma forma de vida estável e livre das determinações do trabalho abstrato. Enquanto o moderno mundo do capital procura diariamente subverter o tempo, enquanto o capital proclama como máxima da humanidade a vivência de um novo tempo a cada dia e o devir e revolucionamento absoluto do tempo de trabalho, os antigos procuram limitar a ação do trabalho social às necessidades do valor de uso.

*"Esse ponto de vista do valor de uso domina tanto em Platão, que faz da divisão do trabalho [em A República] o fundamento da divisão social dos estamentos, como em Xenofonte, que com seu instinto caracteristicamente burguês acerca-se já à divisão do trabalho na oficina"*[639]. Enquanto o mundo moderno quer viver a paranóia de um tempo novo a cada dia, os antigos querem fixar rigidamente o tempo e impedir que todas as virtudes do trabalho concreto sejam arrastadas ao lodaçal da produção de mercadorias, da produção em si mesma e sem finalidade social.

Marx demonstra o quanto os grandes homens do final do período clássico antigo estavam conscientes das diferenças entre a civilização ocidental que se desfazia dia a dia sob seus pés e a sólida e milenar civilização Egípcia baseada num regime estamental de castas e inimiga da produção de mercadorias.

> *A República de Platão, na medida em que a divisão do trabalho é desenvolvida nela como princípio formador do Estado, não passa de idealização ateniense do sistema egípcio de castas, sendo o Egito o país industrial modelar também para outros contemporâneos, por exemplo, Isócrates, e até mesmo para os gregos do tempo do Império Romano.*[640]

---

[638] OC Ia, p. 274. MEW 23, p. 387.
[639] OC Ia, p. 274. MEW 23, p. 387/388.
[640] OC Ia, p. 274. MEW 23, p. 388/389. Sobre a diferença das torturas do devir implacável do tempo histórico ocidental e a imutabilidade do tempo para o mundo oriental antigo (Índia, China e Egito) e a consciência desta diferença entre os gregos antigos ver Hector Benoit: ***A luta de classes como fundamento da história***. Op. cit.

A ojeriza dos antigos pela produção de mercadorias e pela mutabilidade absoluta do tempo que a ela se associa, pode ser encontrada facilmente na busca incessante de seus filósofos por uma realidade metafísica estável que se oponha ao devir constante do mundo empírico e tortuoso do Ocidente em crise, do Ocidente que começa a sofrer as torturas dilacerantes da mercadoria, do dinheiro e da riqueza abstrata. Entre os filósofos, políticos e historiadores antigos que procuraram honestamente negar o caráter ocidental do mundo antigo, Marx cita Platão com sua *República*, o protoburguês Xenofonte com sua *Ciropédia*, Isócrates com *Busíris*, Tucídides e ainda Diodoro Siculus. Os filósofos antigos com sua metafísica e suas idealizações de cidades baseadas no regime de castas egípcio, ironicamente negavam-se a serem ocidentais, ironicamente lutavam para se tornarem estáveis e imutáveis como eram os egípcios antigos, presos ainda ao modo de produção asiático e afastados do implacável devir histórico vivido pelo Ocidente. Ironicamente, os ocidentais antigos detestavam e condenavam tudo o que adoram e comprazem os ocidentais modernos. De todo modo os ocidentais nunca conseguiram realizar os ideais de seus filósofos antigos, este mundo ruiu e de suas ruínas, ao longo de séculos, brotou um modo de produção inteiramente novo e surpreendente.

Dentre todas as limitações encontradas pelo capital durante o período manufatureiro, a que mais limitou sua ânsia insaciável por sobretrabalho humano foi a própria limitação técnica da produção. Limitação que, como vimos, se apoia num organismo vivo e intolerante a certas pressões. Se por um lado a cooperação manufatureira superou a cooperação simples partilhando o trabalhador individual em diversas peças autônomas de um único mecanismo de produção, por outro ele criou obstáculos que, simultaneamente, impediram o capital de se desenvolver para além do ponto que gostaria. O primeiro obstáculo foi o excessivo peso quantitativo dos trabalhadores qualificados sobre os não qualificados, o segundo foi a resistência dos trabalhadores masculinos frente a uma maior intensificação do trabalho e a influência por eles exercida sobre o restante dos trabalhadores, o terceiro foi a tendência dos trabalhadores que operavam trabalhos de detalhes mais difíceis a oporem resistência à tendência do capital a simplificar estas tarefas.

A principal barreira ao progresso da manufatura residia na própria divisão manufatureira do trabalho, na circunstância de que seu mecanismo de produção era um mecanismo vivo, subjetivo e intolerante a certas tendências do capital em rebaixar sua

importância no processo de produção. *"Uma vez que a habilidade artesanal continua a ser a base da manufatura e que o mecanismo global que nela funciona não possui nenhum esqueleto objetivo independente dos próprios trabalhadores, o capital luta constantemente com a insubordinação dos trabalhadores"*[641]. Para superar a insubordinação e a intolerante indisciplina dos trabalhadores o capital precisava superar a divisão subjetiva do trabalho, a divisão baseada nas habilidades especiais de cada trabalhador individual, precisava superar esta dependência que ele possui frente aos trabalhadores. *"Por todo o período manufatureiro continua, por isso, a queixa sobre a falta de disciplina dos trabalhadores"*[642]. Para superar esta indisciplina o capital necessitava de um esqueleto produtivo objetivo que funcionasse independentemente da subjetividade específica de cada trabalhador individual. Após superar em eficiência o artesanato corporativo urbano e a indústria doméstica rural, a manufatura se debatia com a indisciplina dos trabalhadores, a manufatura podia, contraditoriamente, apossar-se da produção em extensão, mas não em profundidade.

Se os trabalhadores não opunham resistência ao processo de expansão espacial do capital sobre a sociedade, opunham-lhe, contudo, aferrada resistência à intensificação da exploração e subordinação frente ao capital. O capital se apoderara em extensão da sociedade, mas, contraditoriamente, não podia revolucioná-la em seus fundamentos. *"Sua própria base técnica estreita, ao atingir certo grau de desenvolvimento, entrou em contradição com as necessidades de produção que ela mesmo criou"*[643]. A libertação do capital frente à subjetividade do trabalhador será conquistada convertendo a divisão manufatureira em divisão industrial do trabalho, numa divisão onde o esqueleto da produção não é mais um imenso esqueleto subjetivo, mas um imenso esqueleto objetivo, o sistema de maquinaria.

E este esqueleto objetivo não surge como um *deus ex machina* que milagrosamente arranca o capital da insuportável dependência com o trabalho vivo e, exteriormente, lhe entrega já pronta a maquinaria como solução para suas torturas. Este esqueleto objetivo começa a ser gestado dentro da própria divisão manufatureira do trabalho. Assim como o período manufatureiro criou centenas de novos ramos e novas

[641] OC Ia, p. 275. MEW 23, p. 389.
[642] OC Ia, p. 275. MEW 23, p. 390.
[643] OC Ia, p. 275. MEW 23, p. 390.

aplicações para o trabalho, criou em seu seio também, um ramo especializado na fabricação de maquinaria. *"Uma de suas obras mais completas foi a oficina para a produção dos próprios instrumentos de trabalho, nomeadamente também dos aparelhos mecânicos mais complicados que já começavam a ser aplicados"*[644]. Com o emprego de maquinaria o capital poderá organizar a produção de modo objetivo, sistemático, científico e racional unicamente porque o fundamento subjetivo e universal do trabalho será agora para ele, um mero acessório descartável da produção.

### 2.8.3. Maquinaria e grande indústria

#### a. Desenvolvimento da maquinaria

Logo que a regulamentação da jornada de trabalho se torna um impedimento para o capital continuar extraindo mais-valia absoluta do trabalhador, o capital se lança com todas as suas forças a revolucionar o processo de trabalho com a exclusiva intenção de, por meio dele, reduzir a duração da jornada de trabalho necessária e estender a jornada gratuita não-paga. Na manufatura o principal elemento das forças produtivas era a força de trabalho individual, na grande indústria a principal força se torna o meio de trabalho. A maquinaria não possui sob as mãos do capital, como pensava Stuart Mill, a função de facilitar o trabalho para o próprio operário. *"Igual a qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela se destina a baratear mercadorias e a encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo, a fim de encompridar a outra parte da sua jornada de trabalho que ele dá de graça para o capitalista"*[645]. Como capital a maquinaria é meio de produção de mais-valia.

A maquinaria desenvolvida compõe-se de três partes distintas: a máquina motriz que atua como força motora do mecanismo; o mecanismo de transmissão, composto de volantes, eixos, correias, rodas dentadas etc.; e a máquina ferramenta ou máquina de trabalho propriamente dita onde estão agrupadas todas as ferramentas simples usadas pelo trabalhador individual. A máquina motriz e o mecanismo de transmissão existem unicamente para transmitir o movimento à máquina-ferramenta, por meio da qual a máquina-ferramenta *"se apodera do objeto do trabalho e modifica-o de acordo com a*

[644] OC Ia, p. 275. MEW 23, p. 390.
[645] OC Ib, p. 05. MEW 23, p. 391.

*finalidade"*[646]. Com a introdução da maquinaria no processo de trabalho e a anexação da ferramenta manual ao seu próprio corpo e não ao corpo do operário, uma importante modificação começa a aparecer no processo de produção organizado pela grande indústria, agora é a máquina ferramenta e não mais o operário que se apodera do objeto de trabalho e o modifica conforme sua finalidade. O grau de alienação e perda de controle do operário sobre sua própria atividade se aprofunda, por isso, com a maquinaria capitalista.

Na manufatura é o próprio trabalhador, com sua corporalidade viva, o mecanismo ativo da produção, é ele quem comanda o movimento das ferramentas simples de trabalho sobre o objeto de trabalho. Na maquinaria, contudo, o processo de produção se inverte, nela os aparelhos e ferramentas com que o trabalhador trabalha estão postos *"não como ferramentas do homem, porém agora como ferramentas de um mecanismo ou ferramentas mecânicas"*[647]. Na maquinaria não apenas a propriedade dos meios e instrumentos simples de produção estão separados do produtor mas, sobretudo, estão separados dele o controle sobre o movimento destes mesmos instrumentos. Na grande indústria a máquina-ferramenta substitui o próprio homem no processo de trabalho, é ela quem atua sobre o objeto de trabalho e o trabalhador converte-se num mero supervisor e alimentador do sistema de máquinas. *"A máquina-ferramenta é, portanto, um mecanismo que, ao ser-lhe transmitido o movimento correspondente, executa com suas ferramentas as mesmas operações que o trabalhador executava antes com ferramentas semelhantes"*[648].

A máquina ainda se emancipa das limitações corporais do trabalhador ao incorporar nela e pôr em movimento, simultaneamente, um número de ferramentas muito superior ao que poderia ser posto pelo trabalhador individual. Se o corpo vivo do operário não pode numa única operação manusear várias ferramentas simultaneamente e, do mesmo modo, realizar várias atividades simultâneas como torcer o fio, trançar, colorir etc., agora esta limitação fica superada com o uso da máquina ferramenta. *"O número de ferramentas com que a máquina-ferramenta joga simultaneamente está, de antemão, emancipado da barreira orgânica que restringe a ferramenta manual de um trabalhador"*[649]. A aplicação consciente e sistemática da máquina-ferramenta ao processo de trabalho supera a

[646] OC Ib, p. 06. MEW 23, p. 393.
[647] OC Ib, p. 06/07. MEW 23, p. 393.
[648] OC Ib, p. 07. MEW 23, p. 394.
[649] OC Ib, p. 08. MEW 23, p. 394.

imperfeição e limitação dos sentidos do homem para o trabalho. Os movimentos imperfeitos e descontínuos do homem como força motriz da produção são superados pela força superior do sistema de maquinaria: *"o homem é um instrumento muito imperfeito de produção de movimento uniforme e contínuo"*[650]. Com a conversão da ferramenta manual em ferramenta mecânica *"a máquina-motriz adquiriu forma autônoma, totalmente emancipada dos limites da força humana"*[651].

É necessário distinguir, diz Marx, duas coisas: cooperação de muitas máquinas da mesma espécie e sistema de máquinas. Nestes dois modos uma importante contradição começa a reaparecer. Até aqui temos estudado a maquinaria unicamente sob o ponto de vista do processo de trabalho. Deste modo podemos falar de cooperação e sistema de máquinas. Existe cooperação de muitas máquinas da mesma espécie quando o produto inteiro é feito pela mesma máquina de trabalho, quando uma única máquina de trabalho combina numa mesma operação diferentes ferramentas a ela anexadas. Marx cita o exemplo de uma tecelagem e uma fábrica de costuras. A tecelagem se caracteriza pela justaposição de muitos teares mecânicos similares e uma fábrica de costura pela justaposição de muitas máquinas de costura idênticas no mesmo local de trabalho.

Neste modo de organizar o processo de trabalho;

> *existe uma unidade técnica, à medida que as muitas máquinas de trabalho da mesma espécie recebem, ao mesmo tempo e do mesmo modo, seu impulso da batida cardíaca do primeiro motor comum, levado a elas através do mecanismo de transmissão, que em parte também lhes é comum, já que dele se ramificam saídas individuais para cada máquina-ferramenta. Exatamente como muitas ferramentas constituem os órgãos de uma máquina de trabalho, muitas máquinas de trabalho constituem agora apenas órgãos da mesma espécie do mesmo mecanismo motor.*[652]

A análise realizada por Marx aqui restringe-se ao âmbito da fábrica capitalista isolada e não à sociedade burguesa em sua totalidade. Na fábrica isolada impera

---

[650] OC Ib, p. 08. MEW 23, p. 396.
[651] OC Ib, p. 09/10. MEW 23, p. 398.
[652] OC Ib, p. 10. MEW 23, p. 400.

o princípio da unidade técnica e da cooperação articulada, as muitas máquinas isoladas constituem partes de um único sistema articulado, consciente e organizado de produção. Fora da fábrica isolada, contudo, reina a desarticulação entre as muitas fábricas individuais, a ausência de planejamento social e a anarquia do mercado. Fora da fábrica os impulsos à produção surgem de múltiplos e poderosos motores isolados e desarticulados entre si, de múltiplas e concorrentes batidas cardíacas que, cegamente, inundam o mercado com sangue jorrado por todos os lados. Cooperação articulada e sistema consciente de produção só aparecem no interior da fábrica isolada.

Um sistema de máquinas existe *"quando o objeto de trabalho percorre uma seqüência conexa de diferentes processos graduados, que são realizados por uma cadeia de máquinas-ferramentas diversificadas, mas que se complementam mutuamente"*[653]. Seqüência conexa de diferentes processos graduados, cadeia de máquinas-ferramentas diversificadas que se complementam mutuamente são todos aspectos característicos do processo de produção quando analisados sob a ótica do processo de trabalho. Quando analisado sob o ponto de vista do processo de valorização, os termos empregados por Marx para descrever a sociedade burguesa serão radicalmente opostos. Na instância externa do mercado impera a carência completa de um sistema conexo de diferentes processos graduados de produção ou, ainda, de uma cadeia de fábricas diversificadas que se complementam mutuamente. Na fábrica reina o despotismo de fábrica. Na instância externa do mercado reinam as leis cegas da concorrência entre os muitos irmãos inimigos que se odeiam e procuram destruir-se mutuamente.

No sistema anterior da manufatura cada trabalhador, individualmente ou em grupo, executava seu processo de trabalho auxiliado por sua ferramenta manual. Nele impera o princípio subjetivo da divisão do trabalho. *"Embora o trabalho seja adequado ao processo, também o processo é adaptado antes ao trabalhador"*[654]. Com a ascensão da grande indústria em lugar deste princípio subjetivo é posto em seu lugar um princípio objetivo.

> *Esse princípio subjetivo [subjektive Prinzip] da divisão é suprimido na produção mecanizada. O processo global é aqui considerado objetivamente,*

[653] OC Ib, p. 10. MEW 23, p. 400.

> *em si e por si, analisado em suas fases constituintes, e o problema de levar a cabo cada processo parcial e de combinar os diversos processos parciais é resolvido por meio da aplicação técnica da Mecânica, Química etc.*[655]

Na forma de um sistema articulado de máquinas a grande indústria se ergue acima de todas as formas de produção do passado. No lugar das forças imperfeitas do homem para o trabalho e seus precários e rústicos instrumentos manuais de trabalho, no lugar ainda das forças de trabalho simples da Natureza, como animais de carga e quedas d'água, a grande indústria põe a força mecânica da maquinaria impulsionando a produção a limites nunca antes imaginados pelo homem.

A imagem da maquinaria para Marx se assemelha, em várias passagens, a um instrumento monstruoso e a uma força demoníaca que abarca todos os poros da fábrica. *"No lugar da máquina individual surge aqui um monstro mecânico, cujo corpo enche prédios fabris inteiros e cuja força demoníaca... irrompe no turbilhão febril de seus inúmeros órgãos de trabalho propriamente ditos"*[656]. As palavras empregadas por Marx para definir a maquinaria são sempre palavras carregadas de dramaticidade e pavor. A estética da maquinaria é sempre apavorante e monstruosa. A máquina usada para construir novas máquinas-ferramenta é vista como uma broca monstruosa; o torno mecânico é o renascimento ciclópico do torno comum de pedal; a máquina de aplainar é um carpinteiro de ferro; as ferramentas que cortam as chapas de aço são gigantescas navalhas de barbear; a tesoura mecânica que corta ferro com a mesma facilidade com que o alfaiate corta pano é uma monstruosa tesoura.

Marx, inquestionavelmente, está não apenas apavorado com a estética monstruosa da maquinaria, ele está, sobretudo, maravilhado com as possibilidades abertas por ela. Falando de um imenso martelo a vapor utilizado na mineração para quebrar pedras diz ele:

> *e o martelo a vapor opera com uma cabeça comum de martelo, mas de peso tal que nem mesmo Thor conseguiria brandi-lo. Um desses martelos a vapor*

---

[654] OC Ib, p. 11. MEW 23, p. 401.
[655] OC Ib, p. 11. MEW 23, p. 401.
[656] OC Ib, p. 12. MEW 23, p. 402.

> *por exemplo, que são uma invenção de Nasmyth, pesa mais de 6 toneladas e cai perpendicularmente de uma altura de 7 pés sobre uma bigorna de 36 toneladas de peso. Ele pulveriza, brincando, um bloco de granito e não é menos capaz de enfiar um prego em madeira macia mediante uma seqüência de leves pancadas.*[657]

Na cooperação simples o trabalhador coletivo se constituía casualmente a partir de necessidades naturais contingentes. Na manufatura o trabalhador coletivo é um organismo subjetivo sempre disposto a ser afetado pelas imperfeições do organismo humano. A grande indústria baseada na maquinaria só pode funcionar com base no trabalho diretamente socializado. O trabalhador individual e abstrato existe apenas como apêndice do trabalhador coletivo organizado em torno do sistema objetivo da maquinaria. *"O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se agora, portanto, uma necessidade técnica ditada pela natureza do próprio meio de trabalho"*[658]. Com a grande indústria, o homem abstrato do mercado, o homem isolado que compete com seus iguais no mercado de trabalho é definitivamente superado pela natureza do próprio meio de trabalho. A maquinaria capitalista só pode entrar em funcionamento pelo trabalhador coletivo, por grandes massas de trabalhadores organizados em torno dela. A maquinaria supera, por isso, dialeticamente o trabalhador abstrato e individual que aparecia na esfera do mercado de força de trabalho pelo trabalhador coletivo criado pela grande indústria.

**b. Transferência de valor da maquinaria ao produto**

A maquinaria atua na produção de mercadorias sob dois aspectos distintos: como formadora do produto e como formadora do valor. Como formadora do produto ela entra por inteira no processo de trabalho. Como formadora do valor ela entra apenas em parte e na medida em que se desgasta. Como o valor da maquinaria não desaparece com sua utilização, mas se transfere em gotas ao valor do produto, na mesma medida em que ela se deprecia pelo processo de trabalho seu valor é proporcionalmente transferido ao valor do produto.

---

[657] OC Ib, p. 15. MEW 23, p. 406.
[658] OC Ib, p. 15. MEW 23, p. 407.

O valor de uma mercadoria pode ser dividido em duas partes. A primeira metade de seu valor é composta pelos valores antigos da matéria-prima e auxiliares e pela parte transferida pela depreciação da maquinaria e meios de produção em geral. A segunda parte é formada pela reprodução do valor da força de trabalho e pela mais-valia acrescida pelo processo de valorização do valor. M = c + (v + m). O emprego de maquinaria diminui o valor individual de cada mercadoria porque um mesmo tempo dado de trabalho se objetiva numa massa quantitativamente maior de mercadorias.

A contradição no emprego crescente da maquinaria se resume no seguinte: se por um lado o valor absoluto da mercadoria M diminui, por outro lado ocorre uma modificação relativa nas partes constituintes deste valor, enquanto seu valor total diminui absolutamente a parte composta pelo valor do capital constante transferido aumenta relativamente à parte acrescida com mais-valia. Se por um lado o emprego de maquinaria diminui a parte formada pela reprodução da força de trabalho, por outro lado diminui relativamente a parte formada pela mais-valia em relação à parte composta pela depreciação da maquinaria. O valor absoluto diminui, contudo, com ele diminui a parte formada pela adição da mais-valia em relação com a parte formada pela depreciação da maquinaria. Em outras palavras: a diminuição do valor da mercadoria individual é conquistada mediante aumento relativo da parte formada pela depreciação da maquinaria. Se por um lado o valor total da mercadoria diminui, por outro lado aumenta a parte composta por trabalho morto relativamente à parte composta por trabalho vivo que valoriza o valor.

Uma análise comparativa entre o preço das mercadorias produzidas artesanal ou manufatureiramente, isto é, com instrumentos de trabalho mais simples, mais baratos e menos eficientes, e o preço das mesmas mercadorias produzidas com base no uso da maquinaria dá, em geral, o seguinte resultado: *"no produto de máquina, a parte do valor devida ao meio de trabalho cresce relativamente, mas decresce em termos absolutos. Isso quer dizer que sua grandeza absoluta decresce, mas sua grandeza cresce em relação ao valor global do produto"*[659].

O emprego de maquinaria pelo capitalista está, deste modo, condicionado pelas seguintes situações:

---

[659] OC Ib, p. 18. MEW 23, p. 411.

1. O valor do produto deve cair absolutamente.
2. O valor representado pela reprodução da força de trabalho vivo deve cair absoluta e relativamente. Ele deve cair mais que o valor antigo e o valor acrescido sob a forma de mais-valia.
3. O valor composto pelo desgaste da maquinaria deve cair absolutamente e se elevar relativamente.
4. A parte formada por mais-valia deve cair menos que a parte formada por trabalho morto.
5. Conseqüência necessária: a maquinaria é empregada a custa de uma maior exploração do trabalhador.

A aplicação da maquinaria como meio de produção em geral e como capital se excluem, por isso, absolutamente. *"Considerada exclusivamente como meio de baratear o produto, o limite para o uso da maquinaria está em que sua própria produção custe menos trabalho do que o trabalho que sua aplicação substitui"*[660]. Se considerarmos a maquinaria não como capital, mas como um instrumento de trabalho destinado à produção em geral, então sua viabilidade econômica se justifica se o custo de sua produção for menor que a quantidade de trabalho que ela substitui.

É uma característica da crescente força produtiva do trabalho que a parte fixa do capital constante experimente um aumento muito forte e, com isso, também a parte de valor do mesmo que pela depreciação se transfere às mercadorias. Para que um novo método de produção em geral se comprove como elevação real da produtividade, ele tem de transferir à mercadoria individual uma parte do valor adicional sempre menor, pela depreciação de capital fixo, do que a parte de valor dedutível que é poupada em decorrência da diminuição de trabalho vivo.

Os aumentos com a transferência de trabalho morto devem ser mais do que compensados pela redução com o custo em trabalho vivo. Para que uma mercadoria qualquer seja barateada, qualquer aumento do valor (seja pela elevação do valor depreciado, seja pelo valor aumentado de alguma matéria prima ou auxiliar que entra no

[660] OC Ib, p. 19.. MEW 23, p. 414.

valor desta mercadoria), deve ser mais do que compensado pela diminuição de valor que decorre da redução de trabalho vivo empregado em sua produção.

Para compreendermos esta importante questão analisemos o problema desenvolvido por Engels no Livro III de *O Capital*: *"essa diminuição do quantum de trabalho global que entra na mercadoria parece, de acordo com isso, ser a marca essencial de força produtiva de trabalho aumentada, não importa sob quais condições sociais se produz"*[661].

Numa sociedade onde os produtores regulam sua produção de acordo com um plano previamente formulado e têm por meta o valor de uso, a produtividade do trabalho também seria necessariamente medida de acordo com a diminuição do quantum de trabalho global que forma o valor da mercadoria. Contudo, como se passa isso na produção capitalista? Ele nos convida a analisar um exemplo lógico muito simples. Suponhamos que determinado ramo da produção capitalista produza sua mercadoria sob as seguintes condições: depreciação do capital fixo = 0,5 xelim ou marco por peça; como matéria-prima e auxiliares entram 17,5 xelins; como salários 2 xelins (supondo emprego de 4 trabalhadores a 0,50 xelins cada) e; com uma taxa de mais-valia de 100% a mais-valia é = 2 xelins. Valor global da mercadoria individual = 22 xelins ou marcos.

Para simplificar, devemos supor que nesse ramo da produção o capital tenha a composição média do capital social, que, portanto, o preço de produção da mercadoria coincida com seu valor e o lucro do capitalista com a mais-valia produzida. Então o preço de custo da mercadoria é = 0,5 + 17,5 + 2 = 20 xelins, sendo a taxa média de lucro 2/20 = 10% e o preço de produção da mercadoria igual a seu valor, = 22 xelins ou marcos.

Se acaso os capitalistas desse ramo resolvessem trocar a maquinaria velha, inteiramente depreciada pelo uso ou moralmente obsoleta, por novas mais eficazes, sua contabilidade aconselharia a aplicarem esta nova maquinaria com a seguinte condição: que ela barateie tanto a mercadoria quanto o trabalhador e que, ao mesmo tempo, forneça uma massa superior de mais-valia que antes. Suponhamos, então, que se invente uma máquina que reduza à metade o trabalho vivo exigido para cada peça, mas, em compensação, triplique a parte de valor constituída pela depreciação do capital fixo. Então a coisa se apresenta assim: depreciação = 1,5 xelim, matéria-prima e auxiliares, como antes, 17,5

[661] OC IIIa, p. 187. MEW 25, p. 271.

xelins, salário 1 xelim, mais-valia 1 xelim, ao todo 21 xelins ou marcos. Agora a mercadoria caiu 1 xelim de valor; a nova máquina elevou decisivamente a força produtiva do trabalho.

Para o capitalista, porém, a coisa se apresenta assim: seu preço de custo é agora de 1,5 xelim de depreciação, 17,5 xelins de matéria-prima e auxiliares e 1 xelim de salário, ao todo 20 xelins, como antes. Como a taxa de lucro não se modifica sem mais devido à nova máquina, ele precisa receber 10% acima do preço de custo, perfazendo 2 xelins; o preço de produção continua, portando, inalterado, = 22 xelins, mas 1 xelim acima do valor. Sob condições capitalistas a mercadoria não barateou e a nova máquina, apesar de mais eficiente que a anterior, não é uma melhoria do ponto de vista da produção capitalista.

Nenhum capitalista substituiria a máquina velha por esta nova pois a massa de lucro e sua taxa permaneceram iguais. Como o emprego desta nova maquinaria mais eficiente tecnicamente não enriqueceu o capitalista, ela não seria empregada porque, diz Marx, *"como ele não paga o trabalho aplicado, mas o valor da força de trabalho aplicada, o uso da máquina lhe é delimitado pela diferença entre o valor da máquina e o valor da força de trabalho substituída por ela"*[662].

Engels desenvolve o mesmo raciocínio: *"Para uma sociedade que produz sob condições capitalistas, a mercadoria não barateou, a nova máquina não é uma melhoria. O capitalista não tem, portanto, interesse em introduzir a nova máquina"*[663]. Os capitalistas deste ramo não empregariam esta nova máquina. *"Para o capital, essa força produtiva é aumentada não quando se poupa trabalho vivo de modo geral, mas só quando se poupa mais na parte paga do trabalho vivo do que é acrescentado em trabalho pretérito..."*[664].

Os capitalistas deste ramo estariam dispostos a substituir a maquinaria velha por uma nova se esta diminuir não apenas o valor em si, mas fundamentalmente, seu custo de produção, ao mesmo tempo em que elevar a massa de mais-valia por eles apropriada. O seguinte exemplo pode esclarecer em que condições isto poderia ocorrer sob o capitalismo.

Imaginemos que a depreciação se mantenha triplicada em 1,5 xelins, que o custo com matérias primas e auxiliares se mantenha como antes em 17,5 xelins, que,

---

[662] OC Ib, p. 19. MEW 23, p. 414.
[663] OC IIIa, p. 187/88. MEW 25, p. 272.
[664] OC IIIa, p. 187/88. MEW 25, p. 272.

porém, o custo com salários caia para 0,5, a mais-valia suba para 2,5 e o valor/preço de produção permaneça em 22. Nestas condições a aplicação da maquinaria seria um tremendo sucesso para o capitalista e poderia ser rapidamente implantada neste ramo, pois ela possibilitou aos capitalistas quintuplicarem a taxa de exploração sobre seus operários e a elevarem sua massa de mais-valia de 2 para 2,5 e sua taxa de lucro de 10% para 12,5%. O emprego da maquinaria se realiza, deste modo, unicamente com a condição de que aumente o desemprego e infortúnio do trabalhador. Se antes o capital empregava quatro trabalhadores a 0,50 xelins cada um, agora ele emprega apenas um pelo mesmo preço de 0,50 xelins. Este único trabalhador, contudo, produz agora tanta mais-valia quanto antes produziam cinco trabalhadores. Enquanto a força produtiva do trabalho social e a capacidade dele produzir mais-valia quintuplicam, o desemprego dentro da classe trabalhadora aumenta drasticamente.

Resumindo os resultados da aplicação da nova maquinaria mais eficiente temos que:

1. Inicialmente seu valor se distribuía em M = 18 (0,5 capital fixo + 17,5 capital circulante constante) + 4 (2,0 v + 2 mv) = 22,00 xelins.

2. Agora seu novo valor é M = 19 (1,5 + 17,5) + 3 (0,5 + 2,5) = 22,00 xelins.

3. Em ambos os casos M = 22 xelins, contudo, no segundo caso com maquinaria mais produtiva o capital constante depreciado pela maquinaria subiu de 0,5 para 1,5 (triplicou, portanto). No segundo caso ainda, a massa de salário caiu de 2,0 para 0,5 xelins (caiu para um quarto, portanto) e a mais-valia subiu de 2,0 para 2,5 xelins (subiu ¼ portanto).

4. Primeira conclusão: a maquinaria somente é empregada pelo capitalista com a condição de que aumente sua massa absoluta de mais-valia.

5. Segunda conclusão: a elevação da mais-valia relativa é conseguida mediante desemprego massivo de trabalhadores e queda absoluta da massa salarial.

6. Terceira conclusão: a nova maquinaria transfere relativamente ao preço da nova mercadoria mais valores antigos do que a maquinaria menos eficiente.

7. Quarta conclusão: este acréscimo de capital constante ao preço da mercadoria deve ser compensado pela queda da massa salarial.

8. Quinta conclusão: os interesses da classe trabalhadora são absolutamente incompatíveis com a aplicação de maquinaria mais produtiva.

Cabe aqui um breve comentário dos motivos pelos quais Marx tanto respeitava e admirava David Ricardo, o mais sério e científico economista burguês de sua época. Na Terceira Edição de sua obra *Princípios de Economia Política e Tributação* (capítulo XXXI – Sobre a maquinaria), Ricardo corrige sua crença na maquinaria como meio de produção em geral e reconhece que seu emprego por parte do capitalista é um prejuízo para os trabalhadores: *"estou convencido de que a substituição de trabalho humano por maquinaria é frequentemente muito prejudicial aos interesses da classe dos trabalhadores"*[665]. E adiciona mais a frente: *"a opinião defendida pela classe trabalhadora de que o emprego da maquinaria é frequentemente prejudicial aos seus interesses não emana de preconceitos ou erros, mas está de acordo com os princípios corretos da Economia Política"*[666]. Quão distante está Ricardo, deste modo, dos sofistas modernos do capital.

Com o raciocínio exposto acima, Marx e Engels demonstram a profunda importância de se diferenciar trabalho aplicado de força de trabalho. Como o capitalista não está interessado em diminuir apenas a quantidade de trabalho aplicado no processo de produção, isso de início lhe é indiferente, mas, está sim, interessado em ampliar a massa de

[665] David Ricardo. ***Princípios de Economia Política e Tributação***. S.P: Nova Cultural, 1996, p. 288.

mais-trabalho por ele apropriado, ele só aplicará a nova maquinaria se esta capacitar o operário a lhe fornecer mais trabalho excedente. Para Marx, em geral é somente esta segunda diferença *"que determina os custos de produção de mercadorias para o próprio capitalista e o influencia por meio das leis coercitivas da concorrência"*[667].

Para esse movimento acontecer será necessário em primeiro lugar a construção de uma maquinaria que seja mais barata que a anterior e ao mesmo tempo mais produtiva, que seja, portanto, capaz de ser operada por qualquer trabalhador sem grandes qualificações Será necessário, portanto, um profundo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social. Em segundo lugar, a força de trabalho empregada terá que ser do ponto de vista capitalista, mais produtiva que a anterior, isto é, terá que capacitar o operário a produzir mais mais-valia do que antes e para isto, o capital terá também que revolucionar a composição da classe trabalhadora ativa.

### c. Efeitos do uso da maquinaria sobre o trabalhador

**Apropriação de forças de trabalho suplementares pelo capital**: trabalho feminino e infantil. Ao revolucionar a força motriz do trabalho substituindo a força muscular humana pela força mecânica da máquina, a mecanização do processo de trabalho possibilita o emprego em larga escala de mulheres, jovens e crianças sem grande força muscular, com desenvolvimento corporal imaturo e membros de maior flexibilidade.

A mecanização do processo de trabalho provoca importantes modificações nas relações entre capitalista e trabalhador. A mecanização da produção amplia em

---

[666] David Ricardo. *Princípios...*, p. 291.

[667] OC Ib, p. 19/20. MEW 23, p. 414. Isto, porém, não é o que pensa Luiz Gonzaga de Mello Belluzo. Para ele, *"as mudanças na composição orgânica do capital, ao contrário do que se supõe, usualmente não estão, senão em última instância, relacionadas com a necessidade de rebaixar os salários (...) O progresso técnico passa a fazer parte das virtudes do sujeito-capital e como tal só pode se exprimir enquanto arma de combate dos capitais individuais. Neste sentido, é indiferente para o capitalista induzir uma inovação que diretamente lhe rebaixe os custos salariais ou reduza o in put de matérias primas ou mesmo substitua uma máquina menos eficiente por uma mais eficiente. O importante é que a introdução da inovação confira ao capital individual capacidade de reduzir o valor de seu produto abaixo de seu valor social"*. (***Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a economia política***. S.P: Editora da Unicamp, 1998, p. 131.) Parece-nos que para Marx, a inovação técnica possui limites muito mais estreitos que os imaginados por Belluzzo e, se bem que é correto a afirmação de que o uso de maquinaria superior é um instrumento eficaz de combate dos capitais entre si, é também um instrumento fundamental na luta de classes. Para Engels, *"aqui o modo de produção capitalista cai em nova contradição. Sua missão histórica é o desenvolvimento, inescrupuloso, impulsionado em progressão geométrica, da produtividade do trabalho humano. Ele se torna infiel a essa missão assim que, como aqui, se contrapõe ao desenvolvimento da produtividade, refreando-o. Com isso, só comprova*

primeiro lugar, a massa de proletários capazes de serem explorados pelo capital, aumentando assim, sem aumentar o número da população total, os membros da classe operária. Em segundo lugar, a mecanização provoca uma importante modificação no preço da força de trabalho do operário chefe de família. Com a mulher e os filhos empregados o salário do operário cai na medida em que a renda total da família aumenta. Mesmo que o nível de renda e consumo da família aumente, a riqueza do capital aumenta muito mais pois agora ele explora não apenas o chefe da família, mas, ainda, sua mulher e filhos. Uma terceira modificação importante ocorre na mediação contratual entre trabalhador e capitalista. O operário chefe de família vende agora não apenas sua própria força de trabalho ao capital, mas, ainda, vende a força de trabalho de seus dependentes. *"Agora vende mulher e filhos. Torna-se mercador de escravos"*[668].

Esta revolução nas relações jurídicas de compra e venda da força de trabalho de parte da classe trabalhadora subverte de tal maneira a natureza do mercado de trabalho *"que a transação toda perde até mesmo a aparência de um contrato entre duas pessoas livres"*[669]. Com esta revolução jurídica entre capital e trabalho, Marx volta a tratar do papel do Estado na sociedade burguesa demonstrando como o capital afetado pela legislação fabril que impede a exploração de mulheres e crianças a seu bel prazer, exige que o mesmo Estado que ele controla regulamente também a exploração destas forças de trabalho em todos os outros ramos da produção ainda não afetados pela lei fabril. Parte do capital, por isso, aparece enganosamente frente aos olhos da sociedade, ao lutar pela restrição do trabalho feminino e infantil em certos ramos da produção, não como um instrumento de opressão do capital em geral sobre a classe trabalhadora, mas, sim, como um instrumento acima das classes que serve inclusive para melhorar a vida do trabalhador e protegê-lo da ambição do capitalista individual.

*"Como o capital, porém, é um leveller [nivelador] por natureza, isto é, exige em todas as esferas da produção, como um direito humano inato, igualdade nas condições de exploração do trabalho, a limitação legal do trabalho infantil em um ramo da indústria torna-se causa de sua limitação em outro"*[670]. Aqui novamente aparece uma

---

*novamente que se torna senil e que, cada vez mais, sobrevive a si mesmo"*. OC IIIa, p. 188. MEW 25, p. 272/73.

[668] OC Ib, p. 21. MEW 23, p. 418.

[669] OC Ib, p. 22. MEW 23, p. 419.

[670] OC Ib, p. 22/23. MEW 23, p. 419.

demonstração de que a concorrência intercapitalista não cria as leis de movimento do capital, ao contrário, após a regulamentação do trabalho feminino e infantil ser imposta pela classe trabalhadora a um setor do capital, neste caso ao setor têxtil, a concorrência entre os diferentes capitalistas apenas faz expandir esta restrição para o conjunto da sociedade.

A exposição de Marx prossegue descrevendo as horríveis conseqüências do emprego da maquinaria sobre as condições de vida da classe trabalhadora. A dramaticidade das palavras empregadas expressam bem a natureza desta queda no nível de existência da classe operária. Marx refere-se à monstruosa mortalidade de filhos de trabalhadores em seus primeiros anos de vida por esfomeação e envenenamento proposital pelas mães, devido à perda da afetividade natural pelos filhos decorrentes do excesso de trabalho extradomiciliar. Comenta ainda a degradação moral que afeta mulheres, jovens e crianças ao trabalharem em condições subhumanas e imorais junto com homens mais velhos e a devastação intelectual artificialmente produzida pela transformação de pessoas imaturas em meras máquinas de produção de mais-valia.

**Prolongamento da jornada de trabalho**: como capital a maquinaria se transforma ainda no mais poderoso meio de prolongar a jornada de trabalho do operário para além de qualquer limite natural. A vitória conquistada durante anos de luta pela classe trabalhadora em torno da regulamentação da jornada de trabalho é solapada pela grande indústria baseada no emprego da maquinaria. *"Ela [a maquinaria] cria, por um lado, novas condições que capacitam o capital a dar livre vazão a essa tendência constante e, por outro lado, novos motivos para aguçar seu apetite voraz por trabalho alheio"*[671].

A maquinaria subverte a vitória da classe trabalhadora porque, como já vimos, *"antes de tudo, na maquinaria se autonomizam o movimento e a atividade operativa do meio de trabalho em face do operário. Torna-se em si e para si um perpetuum mobile industrial, que iria produzir ininterruptamente caso não se chocasse com certas limitações naturais em seus auxiliares humanos: sua fraqueza corpórea e sua vontade própria"*[672]. Enquanto a maquinaria se transforma, por um lado, num *perpetuum mobile* industrial, o trabalhador se transforma, por outro lado, num simples auxiliar humano da maquinaria. Enquanto a vontade artificial da maquinaria é estar em perpétua atividade, a

[671] OC Ib, p. 26/27. MEW 23, p. 425.

vontade natural do trabalhador é um impedimento para o trabalho. *"Enquanto capital... [a máquina] está animada pelo impulso de reduzir a opositiva mas elástica limitação natural do ser humano à resistência mínima"*[673].

A maquinaria solapa ainda a vitória da classe trabalhadora porque agora todo tempo de trabalho está regulado pelo tempo da maquinaria. Na manufatura o capital fixo empregado era geralmente rústico, simples, barato e de grande durabilidade. Com a grande indústria ocorre o contrário, os custos com capital fixo na forma de maquinaria aumentam consideravelmente. O alto custo da maquinaria deve, de acordo com o capital, ser distribuído entre o maior número de valores de uso fabricados e dentro do menor espaço de tempo possível. A maquinaria sofre um triplo desgaste. Por um lado, um desgaste devido a sua utilização produtiva, como as moedas que se gastam quando estão em circulação. Por outro lado, um desgaste improdutivo devido a sua não utilização, como a ferrugem sofrida por uma espada inativa guardada na bainha. Além destes dois tipos de desgaste a maquinaria sofre um desgaste ainda mais perverso, um desgaste de ordem social e moral, o desgaste criado pela inovação tecnológica.

Neste caso, ela perde valor na medida em que novas máquinas mais baratas ou mais eficientes aparecem no mercado concorrendo com ela. Como o valor transferido da maquinaria na forma de capital constante ao valor das novas mercadorias fabricadas com ela não é exatamente o valor da maquinaria individual, mas, sim, seu valor social, quando novas máquinas mais baratas e mais eficientes surgem concorrendo com ela, o seu valor individual tende a se equiparar com o valor destas novas máquinas. A diferença entre o valor que o capitalista pagou por esta máquina e o seu novo valor social agora reduzido, diferença que não será transferida ao valor de nenhum novo valor de uso, é uma perda irreparável para o capital. Para evitar este desgaste moral o capital descobriu uma saída espetacular: pôr a classe trabalhadora para trabalhar 24 horas por dia ininterruptas, ele inventou o sistema de turnos de trabalho.

Outro elemento que solapa a vitória da classe trabalhadora e impulsiona o capital a aumentar a exploração sobre ela encontra-se na seguinte contradição contida no emprego da maquinaria. Como já sabemos, dos dois elementos que formam o capital apenas o capital variável adiciona valor e mais-valia ao valor adiantado pelo capitalista. A

---

[672] OC Ib, p. 27 MEW 23, p. 425.

parte constante do valor formada pela maquinaria, apesar das ilusões enganosas do capitalista e seus economistas, não adiciona nenhum valor novo ao capital originariamente adiantado. Durante o processo de valorização do capital, contudo, desenvolve-se a tendência a aumentar a parte de valor do capital originariamente adiantado na forma de capital constante e a reduzir a parte formada com a contratação de trabalho vivo formador da mais-valia. O capital só pode aumentar a força produtiva do trabalho social, e com ela a taxa de exploração do trabalho, mediante este método contraditório.

> *Há, portanto, na aplicação da maquinaria à produção de mais-valia, uma contradição imanente [immanenter Widerspruch], já que dos dois fatores da mais-valia [massa de trabalhadores explorados e taxa de exploração por trabalhador J.A] que um capital de dada grandeza fornece ela só aumenta um, a taxa de mais-valia, porque reduz o outro fator, o número de trabalhadores.*[674]

Esta contradição imanente e insuperável para o capital o leva a estender a jornada de trabalho, e com ela a taxa de exploração, a níveis acima dos suportados pela natureza humana. Para superar esta contradição imanente ao uso capitalista da maquinaria o capital não se importará em violar os limites da lei, arrebentando a saúde e a moral da classe trabalhadora em longas e monstruosas jornadas de trabalho.

Diz ainda Marx que,

> *é essa contradição [Widerspruch] que, por sua vez, impele o capital, sem que ele tenha consciência disso [ele e seus economistas imaginam que este, entre tantos, é mais um fenômeno da concorrência J.A], ao prolongamento mais violento da jornada de trabalho, para compensar a redução do número relativo de trabalhadores explorados por meio do aumento do mais-trabalho não só relativo, mas também absoluto.*[675]

---

[673] OC Ib, p. 27 MEW 23, p. 425.
[674] OC Ib, p. 29. MEW 23, p. 430.
[675] OC Ib, p. 29. MEW 23, p. 430.

Cabe observar que, apesar da mais-valia absoluta ser uma característica específica da fase manufatureira do capital, ela não desaparece com a aparição da mais-valia relativa, ao contrário, a mais-valia absoluta agora anda lado a lado com a mais-valia relativa na esperança de compensar as insolúveis e monstruosas contradições do capital. Em nota de rodapé Marx diz que no Livro Terceiro explicará em detalhes *"porque essa contradição imanente [immanente Widerspruch] não chega à consciência do capitalista individual e, portanto, tampouco à da Economia Política presa às concepções dele"*[676]. No Livro Terceiro veremos ainda que Marx explicará a queda na taxa de lucro e as crises como fenômenos provocados por esta contradição imanente entre a maquinaria e a classe trabalhadora.

Antes de encerrar esta passagem Marx novamente volta a comparar a sociedade burguesa com a Antigüidade escravista. Na sociedade burguesa a máquina, o mais importante meio já inventado pelo homem para libertá-lo da escravidão do trabalho converte-se, paradoxalmente, no mais potente instrumento para prolongar esta mesma escravidão.

> *Daí o notável fenômeno na história da indústria moderna de que a máquina joga por terra todos os limites morais e naturais da jornada de trabalho. Daí o paradoxo econômico [ökonomische Paradoxon] de que o meio mais poderoso para encurtar a jornada de trabalho se torna o meio infalível de transformar todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho disponível para a valorização do capital.*[677]

Marx remete-nos a Aristóteles e Antípatros. De Aristóteles comenta a passagem de sua *Política* onde a escravidão é apresentada como necessária unicamente porque os antigos ainda não haviam descoberto a maquinaria moderna.

> *Se, sonhava Aristóteles, o maior pensador da Antigüidade, cada ferramenta, obedecendo às ordens ou mesmo pressentindo-as, pudesse realizar a obra que lhe coubesse, como os engenhos de Dédalo que se movimentam por si*

[676] OC Ib, p. 29. MEW 23, p. 430. Nota 153.

> *mesmos, ou as trípodes de Hefaísto que iam por si mesmas ao trabalho sagrado, se as lançadeiras tecessem por si mesmas, não seriam, então, necessários auxiliares para o mestre-artesão nem escravos para o senhor.*[678]

Se as lançadeiras tecessem por si mesmas como no mundo moderno, Aristóteles, aquele que considerava a escravidão uma coisa natural e própria do homem bárbaro, aquele grego arrogante que considerava o heleno superior ao oriental, estaria certamente horrorizado com a aplicação dada pelo capital à esta fantástica invenção que, como os engenhos de Dédalo e as trípodes de Hefaísto, realizam todo o trabalho humano sem, contudo, libertarem o homem da horrenda escravidão do trabalho. *"E Antípatros, um poeta grego da época de Cícero, saudava a invenção do moinho hidráulico de moer cereal, essa forma elementar de toda maquinaria produtiva, como libertadora das escravas e criadora da Idade do Ouro"*[679].

Entre os antigos a escravidão era justificada como necessária unicamente para que determinados homens pudessem, a partir da libertação do trabalho diretamente manual, se dedicar a desenvolver a política, a filosofia e as artes em geral. O trabalho escravo do bárbaro era justificado apenas com a condição de que o grego se dedicasse a estas artes mais sofisticadas. Jamais justificavam a necessidade do trabalho escravo para que uma parte dos homens se dedicasse à fruição pura e simples e ao ócio improdutivo e vergonhoso do homem moderno. Os antigos,

> *justificavam eventualmente a escravidão de uns como meio para o pleno desenvolvimento de outros. Mas pregar a escravidão das massas para transformar alguns arrivistas grosseiros ou semicultos em eminent spinners, extensive sausage makers e influential shoe black dealers [fiandeiros eminentes, grandes fabricantes de salsichas e influentes comerciantes de graxa de sapatos], para isso faltava-lhes o órgão especificamente cristão.*[680]

---

[677] OC Ib, p. 30. MEW 23, p. 430.
[678] OC Ib, p. 30. MEW 23, p. 430.
[679] OC Ib, p. 30. MEW 23, p. 430/431.
[680] OC Ib, p. 30. MEW 23, p. 431.

O sarcasmo e a ironia de Marx contra a sociedade moderna resplandece nesta passagem. O grotesco da sociedade moderna ressalta na simples circunstância de que, muito diferente dos antigos governados por homens como Licurgo, Sólon e Péricles, os escravos modernos são agora governados por homens de refinada e elevadíssima cultura como são os fabricantes de salsichas e os comerciantes de graxa de sapatos! Mais ridículo que isto seria impossível!

**Intensificação do trabalho**: enquanto a jornada de trabalho não possuía limites legais a exploração do trabalhador se apoiava na extensão da jornada de trabalho pura e simples. Quando a vitória da classe trabalhadora impôs através do Estado uma jornada de trabalho diária limitada em torno de dez horas, o capital procurou compensação na intensificação da jornada de trabalho dada. A grandeza extensiva da jornada, agora limitada pela lei, é convertida em grandeza intensiva pelo capital. Nesta passagem Marx demonstra claramente que a passagem do período manufatureiro ao período da grande indústria, que a substituição do mecanismo subjetivo da manufatura pelo mecanismo objetivo da fábrica, possui suas raízes na luta de classes entre capital e trabalho, na oposição imanente do trabalho à exploração desenfreada realizada pelo capital. Demonstra claramente que a introdução generalizada da maquinaria no processo de trabalho foi uma reação consciente do capital em geral contra a oposição, também consciente, da classe trabalhadora à intensificação da exploração sobre ela.

> *Assim que a revolta cada vez maior da classe operária obrigou o Estado a reduzir à força a jornada de trabalho e a ditar, inicialmente às fábricas propriamente ditas, uma jornada normal de trabalho, a partir desse instante, portanto, em que se impossibilitou de uma vez por todas a produção crescente de mais-valia mediante o prolongamento da jornada de trabalho, o capital lançou-se com força total e plena consciência à produção de mais-valia relativa por meio do desenvolvimento acelerado do sistema de máquinas.*[681]

[681] OC Ib, p. 31. MEW 23, p. 432.

A aplicação consciente da maquinaria e da ciência mecânica à produção por parte do capital aparece aqui como uma reação clara do capital em geral contra as constantes revoltas e greves da classe operária no final do século XVIII e início do século XIX. A maquinaria aparece aqui não como um instrumento de produção, mas, sobretudo, como capital, como um instrumento destinado a calar a rebeldia da classe trabalhadora, a pô-la em ordem dentro da fábrica, a impor-lhe a vontade e o ritmo do capital dentro da produção. Com o sistema subjetivo da manufatura o capital ainda submetia a classe trabalhadora a seu poder apenas formalmente, o capital ainda dependia, dentro do processo de trabalho, da incômoda virtuosidade e laboriosidade da classe trabalhadora para o trabalho. Com o sistema desenvolvido da maquinaria o capital supera esta dependência com a classe trabalhadora submetendo-a efetivamente à sua autocracia fabril.

Se o capitalismo completa o longo processo histórico de separação da classe trabalhadora dos meios de produção e subsistência, a fábrica e a maquinaria completam, então, dentro do capitalismo, a separação iniciada com o regime manufatureiro. A fábrica completa esta separação porque agora, diferente da manufatura, as ferramentas manuais de trabalho foram transformadas em ferramentas da máquina, pois foram separadas do trabalhador e anexadas à maquinaria. O mesmo ocorre com a virtuosidade e os reflexos do operário para o trabalho. Toda a subjetividade necessária para o trabalho está agora posta na máquina. Esta agora possui olhos, braços, mãos, pernas e todos os complexos órgãos sensoriais humanos. A máquina ainda, com a ajuda da ciência, esvaziou a mente do operário para o trabalho, todo o conhecimento técnico necessário para a produção, conhecimento que o sistema corporativo da Idade Média preservava contra a ciência nascente dos séculos XV-XVI, está agora posta no autômato mecânico da fábrica.

É a força mecânica da máquina quem possui a força motriz para o trabalho. É a máquina quem possui o conhecimento técnico para o trabalho. É ela quem agora possui subjetividade, vontade, disciplina, ordem, perfeição e a força gigantesca necessária para realizar as mais fantásticas construções do capitalismo. Com o sistema mecânico da maquinaria o capital converteu o trabalhador individual num simples apêndice da máquina, num simples acessório dela, no responsável por alimentá-la, lubrificá-la, consertá-la e corrigir seus defeitos. Com que intenção o capital realizou tamanha revolução no caráter do trabalho? Unicamente com a intenção de melhor dominar o trabalhador, de melhor

submetê-lo à sua vontade, de melhor completar sua dominação sobre a sociedade e sobre o trabalho, de melhor superar, sem abolir, as contradições de classe.

A introdução da maquinaria no processo de trabalho introduz uma importante modificação não apenas nas muitas relações já comentadas por nós, como a modificação na composição da classe trabalhadora, na relação jurídica e contratual entre trabalho e capital, na forma de subsunção do trabalhador ao capital, na forma de organizar o processo de trabalho etc. Ela produz ainda uma importante, e quase sempre ignorada pela maioria dos comentadores de *O Capital*, modificação na natureza da mais-valia relativa. Boa parte dos comentadores de *O Capital* considera que a mais-valia relativa surge exclusivamente do efeito que ela provoca sobre a queda do valor da força de trabalho, sobre a queda no tempo de trabalho necessário para o trabalhador reproduzir o valor de sua própria força de trabalho dentro de uma jornada de trabalho dada.

A introdução generalizada da maquinaria não gera mais-valia relativa apenas porque, quando aplicada particularmente nos ramos produtores de meios de subsistência para o trabalhador barateia seus meios de subsistência e faz aumentar relativamente o tempo de trabalho gratuito para o capital, mas sua introdução provoca, ainda, uma mudança no caráter da própria mais-valia relativa.

*"Em geral [e apenas em gera], o método de produção da mais-valia relativa consiste em capacitar o trabalhador, mediante maior força produtiva do trabalho, a produzir mais com o mesmo dispêndio de trabalho no mesmo tempo"*[682]. De modo geral, e este é o modo mais difundido e ressaltado entre boa parte dos comentadores de *O Capital*, a mais-valia relativa é conseguida pressupondo uma intensidade do trabalho estável. Com este método genérico de produzir a mais-valia o trabalhador certamente é mais explorado pelo capital, porém, de modo algum ele despende mais energia e força no trabalho para isto.

Na medida, porém, que a classe trabalhadora avança em sua luta contra o capital reduzindo gradualmente a jornada diária de trabalho a níveis cada vez menores, o capital reage intensificando a exploração dentro desta jornada reduzida. Para compensar a redução na extensão da jornada diária total, o capital impõe ao trabalhador uma jornada mais intensa e condensada de trabalho. O capital, com isto, produz uma modificação no caráter da mais-valia relativa porque, junto com a redução do valor da força de trabalho

[682] OC Ib, p. 31. MEW 23, p. 432.

provocada pela introdução de maquinaria superior nos ramos produtores de meios de subsistência para o trabalhador, ele impõe ao trabalhador em todos os ramos da produção uma jornada de trabalho mais intensa e esgotante.

> *Outra coisa porém, ocorre assim que a redução forçada da jornada de trabalho, com o prodigioso impulso que ela dá ao desenvolvimento da força produtiva e à economia das condições de produção, impõe maior dispêndio de trabalho, no mesmo tempo, tensão mais elevada da força de trabalho, preenchimento mais denso dos poros da jornada de trabalho, isto é, impõe ao trabalhador uma condensação do trabalho a um grau que só é atingível dentro da jornada de trabalho mais curta.*[683]

Numa jornada de trabalho mais curta, porém mais intensa e condensada, pode-se produzir tanta, ou mais, mais-valia quanto numa jornada de trabalho mais longa, porém menos intensa. *"Essa compressão de maior massa de trabalho em dado período de tempo conta, agora, pelo que ela é: como maior quantum de trabalho"*[684]. Se numa jornada de trabalho de seis horas um trabalhador submetido a um ritmo mais intenso pode produzir tanta mais-valia quanto outro numa jornada de doze horas mais suave e menos intensa, então dois trabalhadores num regime mais intenso de seis horas poderão produzir tanta mais-valia quanto dois em 24 horas e assim por diante.

A redução na jornada de trabalho provoca, contra as intenções dos trabalhadores, uma maior exploração sobre eles. Do mesmo modo ela provoca, sem que os capitalistas tivessem consciência disso nos primeiros tempos, uma maior massa de mais-valia para o capital. Dizemos nos primeiros tempos porque logo que o capital descobre este fenômeno ele se lança loucamente a desenvolver as forças produtivas do trabalho social, a desenvolver novas e incríveis máquinas que substituam o trabalhador na produção e a estimular a todo custo o desenvolvimento das ciências produtivas como a Mecânica, a Química etc.

Voltamos novamente a enfatizar: nas mãos do capital a máquina surge não como um simples instrumento de produção, não como um simples meio de baratear os

[683] OC Ib, p. 31. MEW 23, p. 432.

produtos e derrotar, apesar do cristianismo, o irmão concorrente. Ela surge como um instrumento de luta entre classes inimigas. Ela surge por uma determinação interna ao capital, da relação entre classes antagônicas, e não como uma determinação externa e superficial dele, da concorrência entre os irmãos inimigos. A concorrência, por meio da imitação tecnológica, apenas faz esta tendência se propagar para todos os ramos da produção. A concorrência nesta altura da exposição, e em todo o Livro I, como já comentamos em passagens anteriores, foi abstraída por Marx. Aqui só há de um lado a classe trabalhadora e, de outro, o capital em geral. O capital enquanto multiplicidade de capitais só sairá de seu refúgio e posto sob análise nos Livros II e III.

> *Não há a menor dúvida de que a tendência do capital, uma vez que o prolongamento da jornada de trabalho lhe é definitivamente vedado por lei, é de ressarcir-se mediante sistemática elevação do grau de intensidade do trabalho e transformar todo aperfeiçoamento da maquinaria num meio de exaurir ainda mais a força de trabalho, o que logo deve levar a novo ponto de reversão [Marx está prevendo a luta pela redução da jornada de dez para oito horas nos EUA do final do século XIX], em que será inevitável outra redução das horas de trabalho.*[685]

Se foi a luta de classes que estimulou o capital a superar a cooperação manufatureira do trabalho e desenvolver a ciência e a maquinaria aos níveis fantásticos do mundo moderno, então podemos pensar, de modo inverso, que onde não há classes e luta de classes não há progresso material, devir histórico e transformações no modo de produção, que o lento progresso das forças materiais de produção, encontrado em todos os modos de produção pré-capitalistas, pode ser explicado ou pela inexistência das classes ou, quando há, pelo baixo nível, em relação ao nível do capital, de contradição entre elas, por seu caráter menos intenso e explosivo em relação à sociedade moderna, pela natureza menos contraditória destas sociedades atrasadas.

Marx expressara esta concepção sobre o uso da maquinaria e do desenvolvimento das forças produtivas impulsionadas pela contradição entre as classes, já

---

[684] OC Ib, p. 31. MEW 23, p. 432.

em sua obra de 1846 *A Miséria da Filosofia*. Diz ele sobre o princípio da oposição entre as classes como fundamento do desenvolvimento histórico:

> *Desde o princípio mesmo da civilização, a produção começa a basear-se no antagonismo dos estamentos, das classes sociais, e por último, no antagonismo entre o trabalho acumulado e o trabalho direto. Sem antagonismo não há progresso. Tal é a lei a que se tem subordinado até nossos dias a civilização. As forças produtivas tem se desenvolvido até o presente graças a este regime de antagonismo entre as classes".*[686]

Diferente das sociedades antigas onde qualquer progresso, seja das forças produtivas do trabalho social, das ciências naturais ou do pensamento, era motivo de desagregação e ruína, a conservação da sociedade capitalista tem como pressuposto o constante revolucionamento das forças produtivas do trabalho social. Como na sociedade capitalista, diferente de outros modos de produção do passado, a força de trabalho é uma mercadoria e como é do barateamento desta mercadoria que o capital enriquece, o capital não pode se desenvolver sem desenvolver junto com ele as forças produtivas do trabalho social e as ciências da Natureza em geral como a Mecânica, a Química, a Biologia etc. Nas sociedades antigas, *"o simples desenvolvimento da ciência... era suficiente para dissolver esta comunidade... bastava a dissolução de determinada forma de consciência para matar uma época inteira"*[687]. Absolutamente diferente destas formas antigas, o capital pressupõe o constante revolucionamento da ciência, do pensamento e das forças produtivas do trabalho social. Como o capital tem por meta unicamente o sobretrabalho na forma de valor e como este se obtém mediante barateamento permanente do trabalhador, o revolucionamento constante das forças produtivas do trabalho social torna-se uma condição fundamental para a conservação do capital em geral. *"O capital põe a produção da riqueza mesma e por fim o desenvolvimento universal das forças produtivas, o revolucionamento constante de seus supostos vigentes, como suposto de sua reprodução"*[688]. Esta necessidade

---

[685] OC Ib, p. 37. MEW 23, p. 440.
[686] Miseria de la Filosofía, p. 50.
[687] Grundrisse II, p. 32. MEW 42, p. 446.
[688] Grundrisse II, p. 33. MEW 42, p. 447.

incontrolável de revolucionar as forças produtivas do trabalho social, por sua vez, se choca tanto com o pai quanto com a mãe da riqueza. Nesta ânsia irracional de desenvolver as forças produtivas do trabalho social unicamente para conservar e perpetuar sua existência, o capital destrói tanto o trabalhador individual quanto a Natureza. A partir de certo ponto, portanto, a conservação do capital se torna absolutamente incompatível com a conservação da humanidade e da Natureza. Esta incompatibilidade se torna tanto mais furiosa quanto mais os movimentos do capital se autonomizam frente a vontade do homem, seja ele trabalhador ou capitalista.

Para o capitalismo inglês, o uso da maquinaria como resultado da luta de classes manifesta-se abertamente a partir do ano de 1825, data da primeira grande crise mundial e das primeiras insurreições operárias com caráter revolucionário: *"a partir de 1825, quase todas as novas invenções foram o resultado de colisões entre operários e patrões, que tratavam a todo custo de depreciar a especialidade dos operários. Depois de cada nova greve de alguma importância surgia uma nova máquina".*[689] Mais adiante é exposta a mesma concepção para explicar como os capitalistas da manufatura têxtil venceram a luta contra os fiandeiros e os substituíram por maquinaria e trabalho simples: *"Na Inglaterra as greves tem servido constantemente de motivo para inventar e aplicar novas máquinas. As máquinas eram, por assim dizer, a arma que empregavam os capitalistas para sufocar a rebeldia dos operários qualificados. A invenção mais grande da indústria moderna – o selfacting mule – pôs fora de combate os fiandeiros sublevados".*[690]

### d. A fábrica automatizada

Marx neste ponto pretende expor não mais determinadas características e efeitos da introdução da maquinaria ao processo de trabalho mas *"o todo da fábrica em sua*

---

[689] Grundrisse II, p. 114.

[690] Grundrisse II, p. 137. *"Pode dizer-se que até 1825 – período da primeira crise universal - as necessidades de consumo, em geral, cresceram mais rapidamente que a produção, e o desenvolvimento das máquinas foi uma conseqüência forçada das necessidades de mercado. A partir de 1825, a invenção e a aplicação das máquinas, não tem sido mais que um resultado da guerra entre patrões e operários. Porém, isto só pode ser dito para a Inglaterra. As outras nações européias, viram-se forçadas a empregar máquinas devido à concorrência que lhes faziam os ingleses, tanto em seus próprios mercados quanto no mercado mundial. Por último, na América do Norte a introdução da maquinaria se deveu tanto à concorrência com outros países como à escassez de mão de obra, isto é, a desproporção entre a população do país e suas necessidades industriais".* Grundrisse II, p. 151/152.

*configuração mais evoluída"*[691]. Neste todo evoluído, o principal elemento é a maquinaria e seus apêndices vivos, o trabalhador. A fábrica é apresentada sob uma imagem estética macabra, aterrorizadora e demoníaca. Através das palavras do Dr. Ure, o Píndaro da fábrica automática, palavras citadas por Marx, a fábrica capitalista surge como *"um enorme autômato, composto por inúmeros órgãos mecânicos e conscientes, agindo em concerto e sem interrupção para a produção de um mesmo objeto, de modo que todos estão subordinados a uma força motriz, que se move por si mesma"*[692]. Nas palavras de Marx, *"o próprio autômato é o sujeito e os operários são apenas órgãos conscientes, coordenados com seus órgãos inconscientes e subordinados, com os mesmos, à força motriz central"*[693]. A fábrica moderna supera a manufatura e a dependência do capital frente à virtuosidade e diligência do trabalhador porque *"com a ferramenta de trabalho, transfere-se também a virtuosidade, em seu manejo, do trabalhador para a máquina"*[694].

Como já comentamos, a fábrica aprofunda a separação e a alienação do trabalhador frente ao processo de trabalho ao arrancar dele não apenas a virtuosidade para o trabalho, mas, ainda, o simples manejo da ferramenta de trabalho que agora se deposita na maquinaria. *"A eficácia da ferramenta é emancipada das limitações pessoais da força de trabalho humano. Com isso supera-se o fundamento técnico sobre o qual repousa a divisão de trabalho na manufatura"*[695].

O que a totalidade objetiva da fábrica ganha em eficiência produtiva, perde o trabalhador em subjetividade na mesma intensidade. O que o trabalhador coletivo da fábrica ganha em eficiência e destreza, perde na mesma direção, o trabalhador individual.

> *No lugar da hierarquia de operários especializados que caracteriza a manufatura, surge, por isso, na fábrica automática, a tendência à igualação ou nivelação dos trabalhos, que os auxiliares da maquinaria precisariam executar; no lugar das diferenças artificialmente criadas entre os*

[691] OC Ib, p. 38. MEW 23, p. 441.
[692] OC Ib, p. 38. MEW 23, p. 441.
[693] OC Ib, p. 38. MEW 23, p. 442.
[694] OC Ib, p. 39. MEW 23, p. 442.
[695] OC Ib, p. 39. MEW 23, p. 442.

*trabalhadores parciais surgem de modo preponderante as diferenças naturais de idade e sexo.*[696]

No período manufatureiro a qualificação especial do trabalhador para o trabalho era fundamental no ato da compra e venda da força de trabalho. Nele era fundamental que o trabalhador que oferecesse sua força de trabalho a determinado capital, a um industrial têxtil, por exemplo, dominasse a técnica da tecelagem, que fosse concretamente um tecelão e não um ferreiro ou marceneiro.

No período manufatureiro havia uma importante contradição entre o caráter abstrato do trabalho criado pelo capital e a formação profissional efetiva do trabalhador para o trabalho. Como o esqueleto produtivo da manufatura era composto pela subjetividade do trabalhador, como para trabalhar na indústria da tecelagem, por exemplo, era fundamental que o trabalhador fosse um tecelão e não outro trabalhador qualquer, a mesma indústria da tecelagem só poderia contratar tecelões e este, por sua vez, somente poderia oferecer sua força de trabalho para o ramo da tecelagem e não para outro ramo qualquer, o tecelão só poderia, como trabalhador, trabalhar na indústria da tecelagem e não numa indústria qualquer e abstrata.

Com o surgimento da fábrica e da maquinaria esta contradição foi suprimida. Como nela o esqueleto produtivo está formado por complexos órgãos mecânicos que atuam sobre a matéria do trabalho de modo objetivo, como nela o trabalhador converteu-se num mero supervisor e auxiliar da maquinaria, todo caráter concreto do trabalho pode ser suprimido da corporalidade viva do operário e ele pode converter-se num trabalhador genérico e abstrato que corresponda à natureza do trabalho capitalista. Com o surgimento da grande indústria mecanizada o vendedor de força de trabalho presente na esfera do mercado de força de trabalho se adequa ao trabalhador abstrato da fábrica. Na grande indústria maquinizada o conceito de trabalho abstrato corresponde a sua realidade. Realidade e conceito se reconhecem inteiramente um no outro. Na manufatura imperava uma divisão rígida e hierárquica entre os trabalhadores mais ou menos qualificados para o trabalho. A grande indústria, ao converter o trabalhador num trabalhador efetivamente genérico, suprimiu esta hierarquia e fez da falta de qualificação para o trabalho uma

[696] OC Ib, p. 39. MEW 23, p. 442.

especialidade. A grande indústria, ao negar todo caráter concreto ao trabalhador individual, nivelou-os a simples auxiliares da maquinaria. As únicas diferenças marcantes que ainda sobreviveram foram as diferenças naturais de sexo e idade. Mesmo a diferença entre trabalho mais qualificado e trabalho sem nenhuma qualificação, pode ser suprimida e reduzida a certo quantum superior de trabalho de potência simples.

A divisão do trabalho que ainda sobrevive na fábrica é muito menos complexa que na manufatura e se caracteriza não mais por distribuir os diversos trabalhadores de acordo com sua qualificação técnica para o trabalho, mas, segundo as necessidades e características da maquinaria.

> *À medida que na fábrica automática ressurge a divisão de trabalho, ela é, antes de tudo, distribuição dos trabalhadores [Arbeitern] entre as máquinas especializadas e de massa de trabalhadores, que, no entanto, não formam grupos articulados, entre os diversos departamentos da fábrica, onde trabalham em máquinas-ferramentas da mesma espécie, enfileiradas uma ao lado das outras, ocorrendo, portanto, apenas cooperação simples entre eles.*[697]

Os diferentes trabalhadores abstratos agora ocupados pela maquinaria, diferentes somente do ponto de vista natural de sexo e idade, articulam-se não mais de acordo com suas aptidões específicas para o trabalho, mas, sim, de acordo com a especificidade da maquinaria. *"Em antítese [Gegensatz] ao período da manufatura, o plano da divisão do trabalho funda-se agora, sempre que possível, na utilização da mão-de-obra feminina, do trabalho de crianças de todas as idades, de trabalhadores não-qualificados, em suma, do cheap labour, do trabalho barato, como o inglês tão caracteristicamente o denomina"*[698].

Os trabalhadores se articulam no interior da fábrica não mais a partir de suas diferentes qualificações técnicas postas por sua própria corporalidade viva como homens, mas a partir das diferentes articulações postas na máquina pela objetividade da Mecânica.

---

[697] OC Ib, p. 39. MEW 23, p. 442/443.

> *O grupo articulado na manufatura é substituído pela conexão do operário principal com alguns poucos auxiliares. A distinção essencial é entre trabalhadores que efetivamente estão ocupados com as máquinas-ferramentas (adicionam-se a estes alguns trabalhadores para vigiar ou então para alimentar a máquina motriz) e meros ajudantes (quase exclusivamente crianças) desses trabalhadores de máquinas.*[699]

A divisão entre trabalhadores que efetivamente estão ocupados e meros ajudantes é, na concepção de Marx, a divisão principal existente no interior da fábrica. Estes mesmos trabalhadores formam o que Marx chama de operário de fábrica e constituem a parte interna e principal da classe operária. Ao redor e externamente a ela, circunda uma camada numericamente insignificante de trabalhadores qualificados.

> *Ao lado dessas classes principais, surge um pessoal numericamente insignificante que se ocupa com o controle do conjunto da maquinaria e com sua constante reparação, como engenheiros, mecânicos, marceneiros etc. É uma classe mais elevada de trabalhadores, em parte com formação científica, em parte artesanal, externa ao círculo de operários de fábrica [Fabrikarbeiter] e só agregada a eles. Essa divisão de trabalho é puramente técnica.*[700]

Apesar dessa divisão do trabalho, expressamente observada por Marx, ser puramente técnica, ela não deixa de revelar que para ele o operário de fábrica é a principal classe da sociedade, não só do ponto de vista da produção como também do ponto de vista social. E o critério decisivo para esta importância aparece duplamente claro. Por um lado o operário de fábrica é a classe mais numerosa do proletariado e, por outro, é a classe efetivamente produtiva. A chamada classe mais elevada dos engenheiros e técnicos com formação científica são, além de insignificantes numericamente, simples controladores e reparadores de máquinas. Não possuem, portanto, uma função produtiva direta. Por outro

---

[698] OC Ib, p. 69. MEW 23, p. 485.
[699] OC Ib, p. 40. MEW 23, p. 443.
[700] OC Ib, p. 40. MEW 23, p. 443.

lado, eles ainda são agregados à classe dos operários de fábrica de fora, externamente. Não possuem um vínculo interno com a classe dos operários de fábrica. Não possuem origem operária. São normalmente membros da pequena burguesia urbana escolarizada.

Com o sistema mecânico da fábrica o longo período de aprendizagem do período artesanal e manufatureiro também foi suprimido. A única exigência que o capital faz ao trabalhador é que ele seja flexível o suficiente para acompanhar e se adaptar aos movimentos mecânicos da máquina, *"que ele aprenda a adaptar seu próprio movimento ao movimento uniforme e contínuo de um autômato"*[701]. Que o trabalhador seja capaz de ser um trabalhador flexível e polivalente. Que ele seja capaz de ser um trabalhador genérico. Esta é a única exigência que o capital faz ao operário de fábrica para empregá-lo. Quando não em cursos de curta duração dados pela própria fábrica ou escolas especializadas, o trabalhador aprenderá a técnica do trabalho trabalhando.

> *Da especialidade por toda a vida em manejar uma ferramenta parcial [como na manufatura], surge agora, a especialidade por toda a vida em servir uma máquina especial. Abusa-se da maquinaria para transformar o próprio trabalhador, desde a infância, em parte de uma máquina parcial.*[702]

A conversão do trabalhador de manejador de uma ferramenta manual por toda vida em manejador de uma máquina parcial por toda vida, não só amplia a mais-valia relativa do capital ao diminuir os custos de aprendizagem do operário de fábrica como, ainda, ao mesmo tempo, *"completa-se sua irremediável dependência da fábrica como um todo e, portanto, do capitalista"*[703]. Apesar dessa irremediável dependência posta pela grande indústria, contudo, parece aumentar dia a dia a legião dos crentes que acreditam que ela possa ser remediada. Esta irremediável dependência se manifesta na seguinte situação objetiva.

> *Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, ele serve a máquina. Lá, é dele que parte o movimento do meio de*

---

[701] OC Ib, p. 40. MEW 23, p. 443.
[702] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 445.
[703] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 445.

> *trabalho; aqui ele precisa acompanhar o movimento. Na manufatura, os trabalhadores constituem membros de um mecanismo vivo [eles próprios]. Na fábrica, há um mecanismo morto, independente deles, ao qual são incorporados como um apêndice vivo.*[704]

A conversão do operário manufatureiro em operário de fábrica não apenas converte o operário num apêndice vivo da maquinaria, mas, ainda, aprofunda a alienação, a estupidez e o embrutecimento deste organismo ativo. *"Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual"*[705]. Enquanto fora da fábrica a ciência da produção avança a passos gigantescos, no interior dela impera o horrendo embotamento espiritual do operário de fábrica. Enquanto fora da fábrica a Mecânica descobre novos meios de livrar o homem do trabalho embrutecedor e degradante, no interior dela a máquina arranca dia após dia todas as energias mentais e corporais do operário de fábrica, bitolando-o e esvaziando de conteúdo e sentido toda a sua atividade produtiva. *"Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo"*[706].

Cabe observar que em nenhum momento de sua obra Marx associa este embotamento e esvaziamento de sentido no trabalho a um esvaziamento de sentido para a vida social do operário. Em nenhum momento ele associa este esvaziamento e repressão dos sentidos vitais do operário para o trabalho a um esvaziamento e repressão dos sentidos para a atividade política, como parece compreender parte do marxismo moderno. Em nenhum momento ele faz a menor associação entre a maior ou menor inatividade política do operário fora da fábrica com o processo de sujeição e alienação sofrido por ele no interior da fábrica. Em nenhum momento ele associa esta perda de sentido para o trabalho com a perda de sentido para a atividade política consciente, com a perda da capacidade espontânea e imanente ao operário para se rebelar contra a exploração do capital. Toda a livre atividade corpórea e espiritual é suprimida pelo capital apenas no interior da fábrica e apenas enquanto o operário está absolutamente submetido à vontade da máquina.

---

[704] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 445.
[705] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 445.
[706] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 445/446.

Quando falamos de submissão absoluta do operário ao capital no interior da fábrica, estamos apenas nos referindo à circunstância de que o operário, sob o regime do capital, está absolutamente incapacitado para o trabalho se não passar pelas mãos do capital, porque ele está, do mesmo modo, absolutamente separado dos meios e condições para a realização do trabalho. Separação que apenas se completa na grande indústria. Nela o trabalhador está separado da terra, laboratório natural de meios de subsistência; dos próprios meios de subsistência, ou fundo de trabalho como diz Marx em algumas passagens; dos meios e instrumentos de produção como a máquina e as ferramentas de trabalho; da matéria-prima necessária para a atividade modificadora do trabalho e ainda; do conhecimento técnico necessário para a realização de qualquer atividade laboriosa. Todos estes elementos estão postos nas mãos do capital e absolutamente separados do trabalhador.

Por este motivo dentro da sociedade capitalista o operário está absolutamente dependente do capital para realizar o trabalho. Sua independência frente ao capital só pode ser alcançada fora da fábrica. Em nenhum momento de sua obra, voltamos a repetir, Marx associa esta submissão absoluta na produção à submissão absoluta na vida política e social, apesar de certamente o capital reproduzir esta mesma submissão fora da fábrica. Fora da fábrica e longe do controle direto do capital, o operário pode certamente respirar um ar espiritual menos poluído ideologicamente. Como, também, pode ser contaminado por ideologias tão ou mais perversas que a do próprio capital. Voltaremos a falar sobre este tema na análise da reprodução social.

> *Toda produção capitalista, à medida que ela não é apenas processo de trabalho, mas ao mesmo tempo processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas, que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador: só, porém, com a maquinaria é que essa inversão ganha realidade tecnicamente palpável.*[707]

Novamente a submissão referida por Marx é a submissão técnica ao processo de trabalho. Quando analisarmos mais de perto o processo de valorização do capital,

[707] OC Ib, p. 41. MEW 23, p. 446.

veremos que toda esta relação de submissão se inverte. Quando o processo de produção é analisado unicamente sob o ponto de vista do processo de trabalho, a maquinaria é do mesmo modo vista como a principal força produtiva para o trabalho e o trabalhador mesmo é visto como um apêndice vivo dela. Quando o mesmo processo é analisado sob o ponto de vista da valorização do valor, quando o processo de produção perde a unilateralidade do valor de uso, a relação toda se inverte e quem passa a depender absolutamente do trabalhador é o capital e o principal instrumento da produção passa a ser o trabalho vivo do operário, pois somente ele cria e valoriza o valor. A maquinaria, por ser capital constante, apenas impede o capital de se desenvolver livremente já que ela desemprega a galinha dos ovos de ouro do capital, a força de trabalho viva do operário. E esta mesma dependência absoluta do capital frente ao trabalho vivo do operário é quem possibilita ao operário libertar-se finalmente do domínio do capital. Este ponto de vista da análise, contudo, só poderá ser amplamente compreendida quando analisarmos a Seção Terceira do Livro III.

*"Mediante sua transformação em autômato, o próprio meio de trabalho se confronta, durante o processo de trabalho, com o trabalhador como capital, como trabalho morto que domina e suga a força de trabalho viva"*[708]. Sem tocar diretamente no problema da valorização do valor, atendo-se unicamente a analisar o processo técnico de trabalho, podemos perceber que sob o capital as próprias relações internas ao processo de trabalho, quando comparadas à definição abstrata que Marx nos oferecera no começo do capítulo V de *O Capital* – Livro Primeiro, já estão profundamente modificadas. Naquele capítulo Marx definia o processo de trabalho simples e geral, independente de sua forma histórica, como uma relação metabólica entre o homem e a Natureza, relação onde o homem aparecia no papel de sujeito e a Natureza no papel de objeto a ser modificado por ele. Nesta relação as ferramentas de trabalho apareciam, do mesmo modo abstrato, como meios auxiliares do homem ou como uma extensão do corpo humano. Quando o processo de trabalho é analisado concretamente na forma desenvolvida da grande indústria, esta relação abstrata se distorce completamente. Agora o homem se converte em apêndice e extensão da maquinaria.

O homem, o operário de fábrica, não é mais visto como o sujeito do processo, ele agora foi convertido num mero apêndice da maquinaria, num mero auxiliar

[708] OC Ib, p. 41/42. MEW 23, p. 446.

dela. A maquinaria usurpou do trabalhador o papel de sujeito que a análise abstrata lhe concedia. A vontade subjetiva para o trabalho agora está posta nela e não no trabalhador. É da máquina que parte o comando para a produção e é dela que emana toda vontade e decisão para o trabalho. O trabalhador, como apêndice e extensão da máquina, apenas obedece e executa seus comandos. Na análise do processo de trabalho abstrato tínhamos o homem como sujeito e os instrumentos de trabalho como seus auxiliares. Agora quando este processo ganha concretude nas mãos da grande indústria, a máquina se converte em sujeito e o operário de fábrica em simples auxiliar e servidor dela. Há uma inversão de papéis: o homem que era sujeito converteu-se em auxiliar do processo de trabalho e a máquina que era auxiliar se converte em sujeito.

Se estendermos esta mesma análise à esfera da valorização do valor, veremos que esta relação se distorce mais ainda. Como o capital não tem como meta o valor de uso, como este é apenas o portador do valor de troca, como sua finalidade imanente não é a modificação da matéria-prima num novo valor de uso, então o fim verdadeiro da maquinaria se converte em arrancar do trabalhador o maior quantum possível de energia humana. Deste modo o trabalhador que de sujeito se convertera em auxiliar, se converte agora de auxiliar da maquinaria em objeto dela. É sobre a corporalidade viva do operário de fábrica que a máquina, na forma de capital e sujeito do processo, deve realizar sua atividade, já que sua atividade efetiva, enquanto capital, não é transformar a matéria-prima num novo valor de uso, mas, sim, valorizar o valor. A máquina, como um vampiro, deve cravar suas presas sobre a corporalidade viva do operário, sugar suas energias e aí valorizar o valor.

A contradição que permite ao operário se converter de objeto em sujeito do processo reside na circunstância de que quanto mais se desenvolve o sistema mecanizado da fábrica, mais aumenta a dependência do capital frente ao trabalho vivo do operário, reside na circunstância de que a mecanização da produção implica numa redução, até mesmo absoluta, do número de operários explorados pelo capital. Do ponto de vista do processo de trabalho há uma dependência absoluta do operário com o capital. Do ponto de vista da valorização do valor, contudo, a dependência se inverte. Aí há uma dependência absoluta do capital com o trabalho vivo do operário de fábrica. É esta dependência que

permite ao operário de fábrica, por meio da revolução, se converter de auxiliar e objeto do trabalho em sujeito dele.

*"A separação entre as potências espirituais do processo de produção e o trabalho manual, bem como a transformação das mesmas em poderes do capital sobre o trabalho, se completa, como já foi indicado antes, na grande indústria erguida sobre a base da maquinaria"*[709]. Ao converter a ferramenta manual em ferramenta de um organismo mecânico o capital separa simultaneamente o operário da virtuosidade e conhecimento necessário para o trabalho. Em última instância, domina e comanda o processo de trabalho aquele que domina e comanda a ferramenta, aquele que a maneja de acordo com sua vontade. Como a ferramenta manual foi convertida em ferramenta mecânica pelo capital, toda virtuosidade e conhecimento técnico necessário para o trabalho converte-se junto em poderes da máquina e não do operário.

> *A habilidade pormenorizada do operador de máquina individual, esvaziado, desaparece como algo ínfimo e secundário perante a ciência, perante as enormes forças da Natureza e do trabalho social em massa que estão corporificadas no sistema de máquinas e constituem com ele o poder do "patrão" (master).*[710]

A ciência, a maquinaria e o emprego consciente das enormes forças da Natureza se erguem acima do operário individual como os principais elementos das forças de produção. Do ponto de vista do processo de trabalho, e apenas deste ponto de vista unilateral e abstrato, podemos conceber que o trabalho vivo do operário de fábrica, suas habilidades e virtuosidade para o trabalho se converteram numa ínfima necessidade. Como o processo de trabalho é um mero meio para o processo de valorização do capital, como o principal produto do capital não é o valor de uso, mas a mais-valia, como quem a produz é o operário de fábrica e não a ciência e a maquinaria, do ponto de vista do processo de valorização, o processo que verdadeiramente conta para o capital, é o trabalho vivo e não a ciência e a maquinaria o principal elemento produtivo.

---

[709] OC Ib, p. 42. MEW 23, p. 446.
[710] OC Ib, p. 42. MEW 23, p. 446.

Do ponto de vista de Marx, portanto, não é um absurdo afirmar que a maquinaria e a ciência sejam, ao contrário do operário de fábrica, em queda absoluta numericamente, o principal [e não o único] elemento das forças produtivas do trabalho social. Não há nada de absurdo em afirmar que o operário de fábrica, devido à sua queda absoluta e importância ínfima para a produção, possui um papel ativo e consciente no processo de trabalho inferior à maquinaria, que a maquinaria e a ciência se constituíram nos principais [mas não os únicos] elementos das forças produtivas do trabalho social. O absurdo é a unilateralização da afirmação, é não conceber que este aspecto não é o aspecto determinante do capital, que na medida em que a ciência e a maquinaria dominam a produção, se aprofunda junto com este domínio uma maior dependência do capital com o operário de fábrica, pois é ele e não a ciência e a maquinaria quem produz a mais-valia.

> *A subordinação técnica do operário ao andamento uniforme do meio de trabalho e a composição peculiar do corpo de trabalho por indivíduos de ambos os sexos e dos mais diversos níveis etários geram uma disciplina de caserna, que evolui para um regime fabril completo, e desenvolve inteiramente o trabalho de supervisão, já antes aventado, portanto ao mesmo tempo a divisão dos trabalhadores em trabalhadores manuais e supervisores do trabalho, em soldados rasos da indústria e suboficiais da indústria.*[711]

Dois aspectos importantes estão postos aqui. Ambos inclusive já comentados por nós. O primeiro liga-se a noção de subordinação técnica e disciplina de caserna. No interior da fábrica reina a mais absoluta subordinação técnica do trabalho ao capital, a mais perfeita regularidade, uniformidade e harmonia entre os diferentes setores da produção, a mais perfeita articulação entre um momento da produção e outro. Se dentro da fábrica reina esta disciplina de caserna, fora dela, contudo, esta mesma divisão consciente do trabalho desaparece, fora dela predomina a anarquia, a irregularidade e a desarticulação entre uma fábrica e outra. Dessa contradição entre a organização consciente da produção no interior da fábrica e sua mais completa desorganização na esfera da sociedade surge a possibilidade

[711] OC Ib, p. 42. MEW 23, p. 446/447.

das crises de superprodução, das crises por falta de planejamento e organização consciente da produção social. Organização consciente que, enquanto perdurar a existência do capital, irá perdurar sua inexistência.

O segundo aspecto liga-se à divisão dentro da classe trabalhadora e sua simplificação pelo sistema fabril. Ao igualar a fábrica moderna com um quartel militar, o capital simplifica ao mesmo tempo as diversas gradações hierárquicas no interior dela. A fábrica moderna divide-se em dois grandes grupos simples de trabalhadores, de um lado a classe dos soldados rasos sem qualquer qualificação especial para a guerra e de outro, os oficiais e suboficiais escolarizados.

É da contradição entre esta disciplina de caserna que impera em cada quartel individual e a anarquia que impera entre os diversos quartéis em geral, das recíprocas inimizades que reina entre os diversos quartéis, de suas constantes intrigas, da paixão que cada quartel alimenta pelo poder do outro, da inexistência de um terceiro grande quartel general que ponha ordem e harmonia nestas relações, que nasce a possibilidade das crises e do mercado ser inundado por mercadorias sem valor de uso social. Até aqui, diz Marx, contudo, como já demonstramos anteriormente, *"apenas apontamos as condições materiais [materiellen Bedingungen] em que se realiza o trabalho fabril"*[712]. As condições sociais onde este trabalho se realiza vão sendo elucidadas pouco a pouco na exposição.

### e. Luta entre trabalhador e maquinaria

*"A luta entre capitalista e assalariado começa com a própria relação capital"*[713]. É só a partir da mecanização do processo de trabalho, porém, que o trabalhador combate o próprio meio de trabalho, a máquina, como seu concorrente direto. No período manufatureiro a luta dos trabalhadores nunca se dirige diretamente contra a manufatura, ela se dirige sempre contra a própria relação assalariada. A luta contra a manufatura foi sempre uma luta empreendida pelos mestres-artesãos e as cidades corporativas afetadas pela concorrência com a manufatura. Uma importante questão sobre a origem do capitalismo e o princípio da maquinaria é aqui esclarecida por Marx. A manufatura, como já vimos anteriormente, caracteriza-se por ser uma simples expansão do sistema artesanal de produção. A oficina manufatureira pode ser comparada a uma grande oficina artesanal. A

[712] OC Ib, p. 43. MEW 23, p. 448.

base técnica de uma é a mesma da outra: a virtuosidade individual do trabalhador para o trabalho. A passagem da manufatura para a grande indústria mecanizada, de modo contrário, pressupõe um profundo revolucionamento da base técnica de produção. Para fundar a grande indústria fabril o capital precisou fundar uma base técnica que correspondesse à sua natureza.

Aparentemente o princípio que funda a passagem da produção artesanal para a produção manufatureira era apresentado por Marx como tendo origem na expansão do mercado mundial dos séculos XV-XVI. A manufatura substitui o artesanato porque cobre mais perfeitamente que ele esta nova e explosiva demanda mundial por mercadorias.

> *Durante o período manufatureiro, a produção artesanal continuou, ainda que decomposta, sendo a base. Os novos mercados coloniais não podiam ser atendidos pelo número relativamente baixo de trabalhadores urbanos legados pela Idade Média e as manufaturas propriamente ditas abriram, ao mesmo tempo, novas áreas de produção à população rural expulsa da terra com a dissolução da feudalidade.*[714]

Visto mais de perto, porém, o princípio que funda a manufatura é o mesmo que funda a grande indústria: a luta de classes. Marx apresentou a aplicação consciente e sistemática da maquinaria ao processo de trabalho, e com ela a passagem do período manufatureiro para o período da grande indústria fabril, como resultado da reação do capital à luta vitoriosa da classe trabalhadora e à regulamentação da jornada de trabalho em dez horas. Como a manufatura não revoluciona a base técnica do mesmo modo que a grande indústria, o princípio que a funda parece ser diferente do princípio que funda a grande indústria, seu princípio parece ser esta nova demanda mundial por mercadorias que a produção artesanal não poderia suprir.

Visto mais de perto, porém, podemos notar que a manufatura só pode se constituir na medida em que uma grande revolução na estrutura da população trabalhadora pusesse à disposição um número imenso de trabalhadores desocupados e aptos para o trabalho. A organização manufatureira do trabalho não se construiu sobre a dissolução do

---

[713] OC Ib, p. 44. MEW 23, p. 451.

artesanato urbano. A manufatura e o mercado mundial que se abrira no início da Era Moderna necessitavam de um número de braços para a produção muito superior ao oferecido pelo artesanato urbano. A produção manufatureira só foi possível de se constituir a partir da dissolução das relações agrárias e feudais de produção, da dissolução da indústria doméstica rural que unia trabalho no campo com trabalho artesanal familiar. Foi a dissolução das relações feudais e a expulsão da família camponesa para a cidade que permitiu à manufatura organizar a produção numa escala impossível para o artesanato urbano. A manufatura, portanto, tem como pressuposto, uma vasta população trabalhadora apta para o trabalho, porém desocupada. E desocupada pela dissolução violenta das relações feudais no campo.

Com a maquinaria as coisas não ocorrem de modo diferente. Seu princípio é o mesmo da manufatura: a luta de classes e um grande contingente de trabalhadores desocupados. Com este princípio Marx procura combater a concepção burguesa que atribui a origem da maquinaria à circunstância oposta, a de que ela surge em lugares onde há carência de força de trabalho apta para o trabalho, de que ela surge devido à falta de braços para o trabalho e não devido à existência de uma população trabalhadora abundante. A revolução industrial, e mesmo a manufatureira, começa, portanto, contraditoriamente, no campo, com a expulsão dos camponeses da terra e a dissolução da feudalidade medieval: *"...à medida que trabalhadores são deslocados por meios de trabalho, ovelhas, cavalos etc., atos de violência direta [unmittelbare Gewaltakte] constituem, aí, em primeira instância, o pressuposto [Voraussetzung] da revolução industrial"*[715]. Pressuposto que não é diferente para a manufatura. *"Primeiro os trabalhadores são expulsos das terras e depois vêm as ovelhas. O latrocínio de terras em larga escala, como na Inglaterra, começa por oferecer à grande agricultura seu campo de aplicação. Em seus primórdios, esse revolucionamento da agricultura assemelha-se mais a uma revolução política [politischen Revolution]"*[716].

As palavras de Marx são claras: o ponto de partida do capital é o campo e não a cidade; a revolução industrial urbana dos séculos XVII-XVIII tem como pressuposto a revolução agrícola dos séculos XV-XVI; a grande indústria tem como pressuposto o

---

[714] OC Ib, p. 45/46. MEW 23, p. 453.
[715] OC Ib, p. 46. MEW 23, p. 453.
[716] OC Ib, p. 46. MEW 23, p. 453/454.

latifúndio e o latrocínio de terras no campo; a revolução industrial tem como pressuposto uma revolução política, uma revolução nas relações fundiárias de propriedade. O capitalismo não nasce de uma revolução industrial, mas de uma revolução agrícola, não nasce de uma revolução tecnológica, mas de uma revolução política. Somente mais tarde ele adapta a base técnica à natureza da relação assalariada de trabalho.

Nos *Grundrisse* encontramos várias passagens onde Marx demonstra claramente este princípio que funda o capital manufatureiro e o capital em geral. *"A história da propriedade da terra... seria de fato a história da formação do capital moderno"*[717]. A gradual formação histórica de um proletariado livre como os pássaros corresponde à gradual conversão da propriedade feudal em propriedade capitalista. Não apenas o capital comercial e sua conversão em capital industrial depende da existência de um vasto exército de camponeses expulsos da terra e convertidos em homens sem propriedade. *"Inclusive o desenvolvimento da manufatura pressupõe uma dissolução incipiente das velhas relações econômicas da propriedade da terra"*[718].

Antes de desenvolver o sistema manufatureiro o capital necessitava da existência de um amplo proletariado livre e disperso pelo interior da sociedade. A reunião deste proletariado no sistema manufatureiro, e mais tarde no sistema da grande indústria, pressupõe antes a separação do trabalhador da propriedade da terra como laboratório de sua atividade vital. *"Vale dizer que o trabalho assalariado não é criado em sua plenitude senão pela ação do capital sobre a propriedade da terra, e logo, uma vez que esta se tem consolidado como forma, pelo proprietário mesmo da terra"*[719]. A revolução manufatureira e industrial dos séculos XVII-XVIII pressupõe, deste modo, a inequívoca conversão da propriedade feudal da terra em propriedade capitalista para Marx. *"Não cabe dúvida alguma, pois, de que o trabalho assalariado em sua forma clássica, como aquilo que impregna a sociedade em toda a sua amplitude e se converte na base da mesma em lugar da terra, não é criado senão pela moderna propriedade da terra, isto é, pela propriedade da terra enquanto valor criado pelo capital mesmo"*[720]. E o capital cria a moderna propriedade da terra não por meio de uma revolução econômica, mas, sim, por meio de uma

[717] Grundrisse I, p. 191. MEW 42, p. 178.
[718] Grundrisse I, p. 219. MEW 42, p. 203.
[719] Grundrisse I, p. 218. MEW 42, p. 202.
[720] Grundrisse I, p. 218. MEW 42, p. 202.

revolução política travada contra o antigo regime feudal de produção. A moderna propriedade fundiária é o princípio de existência do capital e sua primeira criação política durante os séculos XV-XVI da Era Moderna.

Expulso da terra e migrado para as cidades, o trabalhador cai inicialmente sob o despotismo da manufatura e, posteriormente, sob a ditadura da máquina e da grande indústria. Formada a grande indústria, o sistema de maquinaria se transforma no meio mais fantástico de produzir a mais profunda miséria e degradação humana em meio à mais absoluta abundância de meios para superar esta mesma miséria. A máquina produz a mais horrenda miséria humana em meio à mais vasta abundância de produtos jamais alcançada pelo homem. *"Onde a máquina se apodera paulatinamente de um setor da produção, produz miséria crônica nas camadas de trabalhadores que concorrem com ela. Onde a transição é rápida, seus efeitos são maciços e agudos"*[721]. Onde a máquina se apodera da produção, seus efeitos sobre as condições de vida do trabalhador são destruidores e mortíferos. O mercado mundial pode ser constantemente abastecido pela grande indústria apenas com a condição de que a população afetada pelo seu emprego padeça sob seus efeitos avassaladores. *"A história mundial [Weltgeschichte] não oferece nenhum espetáculo mais horrendo do que a progressiva extinção dos tecelões manuais de algodão ingleses, arrastando-se por décadas e consumando-se finalmente em 1838. Muitos deles morreram de fome, muitos vegetaram com suas famílias a 2½ pence por dia"*[722]. Se na Inglaterra a morte de trabalhadores por desnutrição arrastou-se por longos anos, na colônia indiana seus efeitos foram mais intensos e maciços. *"A miséria dificilmente encontra um paralelo na história do comércio. Os ossos dos tecelões de algodão alvejam as planícies da Índia"*[723].

E é esta mesma miséria gerada em meio à mais abundante produção de meios de subsistência jamais produzido por nenhuma outra sociedade do passado, que conduz regularmente o capitalismo a entrar em contradição consigo mesmo, a produzir além da capacidade de consumo solvente da sociedade, a entrar em crise e destruir ainda mais as parcas condições de existência da classe trabalhadora. A produção mecanizada e regulada cientificamente dentro da fábrica mata não só o trabalhador que serve diretamente

[721] OC Ib, p. 46/47. MEW 23, p. 454.
[722] OC Ib, p. 47. MEW 23, p. 454.
[723] OC Ib, p. 47. MEW 23, p. 455. Relato do Governador Geral da Índia Oriental de 1834-35.

a maquinaria, mas mata ainda o trabalhador diretamente substituído por ela. A máquina aprofunda a contradição entre produção e consumo dentro da sociedade não apenas porque leva o trabalhador a produzir uma massa cada vez maior de riqueza que ele mesmo não irá consumir, mas, porque ainda produz uma massa de trabalhadores desempregados e absolutamente incapazes de consumir este excedente. *"O meio de trabalho mata o trabalhador"*[724].

Máquina e trabalhador estão sempre numa antítese direta. A máquina nunca é empregada para facilitar o trabalho do operário e ajudá-lo no trabalho. Como capital a máquina é utilizada para suprimir a oposição que existe entre o capital e o trabalhador. A máquina é o concorrente mais direto e perverso do trabalhador. Marx cita novamente as palavras do Dr. Ure: *"o objetivo constante e a tendência de cada aperfeiçoamento do mecanismo é, de fato, eliminar completamente o trabalho do homem ou diminuir seu preço pela substituição do trabalho de homens adultos pelo de mulheres e de crianças ou o de operários qualificados pelo de não-qualificados"*[725]. A máquina é um concorrente direto do trabalhador tanto qualificado quanto não qualificado. A máquina foi posta pelo capital em geral com a intenção exclusiva de libertá-lo da incômoda dependência com o trabalhador em geral. *"A grande vantagem da maquinaria utilizada para queimar tijolos consiste em tornar o empregador inteiramente independente de trabalhadores qualificados"*[726]. A maquinaria, contudo, como já demonstramos, não é utilizada apenas contra o trabalho qualificado. Ela é utilizada mesmo contra a rebeldia do trabalho sem qualificação alguma e empregado por ela. Ela é um instrumento de guerra do capital em geral contra o conjunto da classe trabalhadora e não apenas contra uma parte mais qualificada dela.

> *A maquinaria não atua, no entanto, apenas como concorrente mais poderoso, sempre pronto para tornar trabalhador assalariado 'supérfluo'. Aberta e tendencialmente, o capital a proclama e maneja como uma potência hostil ao trabalhador. Ela se torna a arma mais poderosa para*

[724] OC Ib, p. 47. MEW 23, p. 455.
[725] OC Ib, p. 47. MEW 23, p. 455. Nota 199.
[726] OC Ib, p. 48. MEW 23, p. 456. Nota 202. Citação extraída por Marx de um Relatório Parlamentar Inglês de 1866.

*reprimir as periódicas revoltas operárias, greves etc., contra a autocracia do capital.*[727]

Como num campo de batalha onde o exército melhor equipado tecnologicamente avança para derrotar o exército inimigo enfraquecido, também no interior da sociedade o capital procura se equipar com o auxílio da ciência e da maquinaria para lutar contra a rebeldia de seu inimigo de classe. A máquina aparece aqui como seu principal instrumento na batalha contra o proletariado.

*"Segundo Gaskell, a máquina a vapor foi desde o início um antagonista da 'força humana' que capacitou os capitalistas a esmagar as crescentes exigências dos trabalhadores, que ameaçavam levar à crise o nascente sistema fabril"*[728]. E não apenas a máquina a vapor, mas, ainda, todos os fantásticos inventos que surgiram a partir dela. *"Poder-se-ia escrever toda uma história dos inventos que, a partir de 1830, surgiram apenas como armas do capital contra motins de operários"*[729]. A referência ao ano de 1830 é importante. Foi neste ano, pela primeira vez na história da sociedade moderna, que as constantes greves de trabalhadores se converteram em greves contra o poder não apenas fabril do capital, mas em greves contra seu domínio político e social. Foi o primeiro momento da história em que a classe operária reivindicou para si o poder do Estado sobre a sociedade. Esta data apavorou o capital. Marx novamente volta a citar o filósofo de fábrica Dr. Ure que em linguagem abertamente militar volta a referir-se à maquinaria como um instrumento de guerra declarada e consciente do capital contra os trabalhadores. *"A horda dos insatisfeitos, que se imaginava entrincheirada inexpugnavelmente atrás das velhas linhas da divisão do trabalho, viu-se, assim, tomada pelo flanco e suas defesas aniquiladas pela moderna tática mecânica. Tiveram que render-se incondicionalmente"*[730].

**f. Crises provocadas pela maquinaria**

O emprego de maquinaria pelo capital, como vimos, tem um duplo objetivo. Primeiro: ela se destina a baratear a força de trabalho do operário para expandir a mais-

[727] OC Ib, p. 49. MEW 23, p. 459.
[728] OC Ib, p. 49/50. MEW 23, p. 459.
[729] OC Ib, p. 50. MEW 23, p. 459.
[730] OC Ib, p. 51. MEW 23, p. 460.

valia do capital na forma relativa. Segundo: ela tem como fim dobrar a rebeldia da classe trabalhadora de acordo com a vontade absoluta do capital. De todos os modos o resultado é o mesmo. De um lado o aumento da força produtiva do trabalho social e do quantum de riqueza produzida por unidade de trabalho vivo; de outro, uma redução, seja absoluta ou relativa, da classe operária frente ao volume do capital constante empregado; uma queda, relativa ou absoluta, da capacidade de consumo total da classe operária frente à massa acrescida de riqueza por ela produzida.

Uma queda relativa ou absoluta de trabalhadores empregados necessariamente corresponde a uma queda simultânea da capacidade de consumo da classe trabalhadora: *"em certo grau de desenvolvimento, uma extraordinária expansão de ramos fabris pode estar unida a um decréscimo não só relativo, mas absoluto, do número de trabalhadores empregados"*[731]. Uma queda relativa do número de trabalhadores desempregados pela máquina implica que a totalidade da classe trabalhadora pode se expandir ao mesmo tempo em que se expandem os negócios do capital, porém seu número se expande a um grau inferior ao grau dos negócios. Uma queda relativa que pode, portanto, ser acompanhada de um aumento absoluto de seu número. *"A redução relativa do número de trabalhadores é, portanto, compatível com seu aumento absoluto"*[732]. O contrário ocorre quando há uma queda absoluta do número de trabalhadores empregados pelo capital. Seu número, independente da expansão ou não do capital, se reduz abaixo do nível anterior.

Na medida em que o capital se liberta das limitações técnicas impostas pelo regime manufatureiro seu crescimento pode realizar-se vertiginosamente aos saltos. O número da classe trabalhadora por ele empregada não cresce, contudo, na mesma escala em que cresce o capital. Seu número tanto pode crescer absolutamente como não pode. O crescimento do número da classe trabalhadora está ligado intimamente à composição do capital. Quanto mais intensa for a mecanização do processo de trabalho mais intensa é a redução, absoluta ou relativa, no número da classe trabalhadora.

> *Mas assim que o sistema fabril ganha certa base existencial e certo grau de maturidade, especialmente quando sua própria base técnica, a maquinaria,*

[731] OC Ib, p. 59. MEW 23, p. 471.

> *passa, por sua vez, a ser produzida por meio de máquinas, assim que a extração de carvão e ferro, bem como a elaboração dos metais e os meios de transporte são revolucionados, quando, em suma, são estabelecidas as condições gerais de produção correspondentes à grande indústria, esse modo de produzir adquire elasticidade, uma súbita capacidade de expansão aos saltos, que só na matéria-prima e no mercado de escoamento encontra limites.*[733]

O mercado escoadouro pode ser superado revolucionando os sistemas de comunicação e transporte a longa distância, reduzindo seus custos e facilitando a venda no mercado estrangeiro. Os limites ao fornecimento de matéria-prima podem ser facilmente derrubados mecanizando o setor produtor desta mercadoria, destruindo a produção artesanal de países colonizados, como a Índia no caso inglês, e forçando-os a se especializarem na produção da matéria-prima exigida pela metrópole. A limitação com a matéria-prima pode ainda ser superada exportando trabalhadores excedentes para países coloniais, como no caso da Austrália, *"que se transformam em áreas de plantações das matérias-primas do país de origem"*[734]. Estes países, ao serem arrancados de seu isolamento pelo capital inglês, integram-se ao mercado mundial como um determinado setor da produção mundial, se transformam num ramo particular da produção de uma indústria que é inglesa. *"Cria-se nova divisão internacional do trabalho, adequada às principais sedes da indústria mecanizada, que transformam parte do globo terrestre em campo de produção preferencialmente agrícola para o outro campo preferencialmente industrial"*[735].

A contradição importante no uso febril da maquinaria é que, ao contrário da matéria prima e dos sistemas de comunicação e transporte que podem ser revolucionados e expandidos artificialmente, o mercado consumidor não possui esta mesma elasticidade. O mercado consumidor pode crescer junto com a expansão febril da produção, mas, dificilmente, quase nunca, cresce na mesma proporção. Isto ocorre, como já comentamos

---

[732] OC Ib, p. 60. MEW 23, p. 473.
[733] OC Ib, p. 61. MEW 23, p. 474.
[734] OC Ib, p. 61. MEW 23, p. 475.
[735] OC Ib, p. 61/62. MEW 23, p. 475.

em outras passagens, porque na sociedade do capital a conexão entre produção e consumo é uma conexão casual e acidental, porque na sociedade do capital o planejamento racional e científico da produção só existe dentro de cada unidade de produção isolada, no exterior destas impera a ausência absoluta de planejamento, impera a anarquia e a casualidade. Esta contradição entre produção e consumo ocorre, ainda, como já demonstramos, porque o produtor direto está excluído do consumo do excedente que ele mesmo produz, porque este excedente não se destina a satisfazer uma necessidade humana, mas, sim, a ampliar as bases da produção.

Na sociedade capitalista produção e consumo formam dois elos autônomos de uma mesma totalidade. O movimento de um pode se realizar no sentido inverso do outro. Como elos autônomos podem mover-se em sentidos do mesmo modo autônomos e opostos entre si. *"A enorme capacidade de expansão aos saltos do sistema fabril e sua dependência do mercado mundial produzem necessariamente produção febril e conseqüente saturação dos mercados, cuja contração provoca estagnação"*[736]. A contração nada mais é do que a crise e a estagnação a paralisia na produção que segue toda crise de superprodução. É esta contradição entre o imenso poder produtivo da fábrica mecanizada e a restrição nas relações de consumo que ela provoca, que precipitam regularmente a sociedade capitalista em crises por falta de consumidores com capacidade de consumo solvente.

Não bastasse o sofrimento normal causado pelo emprego de maquinaria sobre os trabalhadores, as crises e a paralisia na produção que ela acarreta aprofundam ainda mais a penúria e o sofrimento dentro da classe trabalhadora. *"A insegurança e a instabilidade a que a produção mecanizada submete a ocupação e, com isso, a situação de vida dos trabalhadores tornam-se normais com essas oscilações periódicas do ciclo industrial"*[737]. Apesar da crise ser provocada pelo capital e não pelos trabalhadores, é sobre os trabalhadores que o capital procura descarregar a solução para a ausência de compradores para suas mercadorias. Para baratear suas mercadorias, desovar seus estoques encalhados, derrotar seus irmãos inimigos com quem compete e aumentar sua participação no mercado, o capital procura rebaixar os salários para baixo do valor da força de trabalho. Quando a crise irrompe e a mercadoria não pode ser barateada, porque já foi produzida e a

[736] OC Ib, p. 62. MEW 23, p. 476.

renovação da maquinaria é muito cara, então *"... o barateamento da mercadoria é buscado mediante diminuição forçada dos salários abaixo do valor da força de trabalho"*[738].

**g. O despotismo de fábrica**

Nesta parte, apesar da monstruosidade do sistema mecanizado da fábrica e da relativa vantagem que a manufatura oferece ao trabalhador, entre um e outro sistema Marx não esconde sua admiração e apreço pela natureza da grande indústria em relação à natureza do sistema manufatureiro. Enquanto o regime manufatureiro dava certo sentido à atividade do operário ele, contraditoriamente, o transformava num trabalhador parcial por toda a vida. Enquanto a grande indústria, de modo não menos monstruoso, liberta o trabalhador desta atividade unilateral por toda a vida ela, do mesmo modo contraditório, esvazia de sentido toda sua atividade, transformando o trabalhador em acessório consciente de uma máquina parcelar ou; ainda, em apêndice e auxiliar da máquina por toda vida.

> *A contradição [Widerspruch] entre a divisão manufatureira do trabalho e a essência da grande indústria impõe-se com violência. Ela aparece, entre outras coisas, no terrível fato de que grande parte das crianças empregadas nas fábricas modernas e nas manufaturas, soldadas desde a mais tenra idade às manipulações mais simples, é explorada durante anos sem aprender nenhum trabalho que as torne mais tarde úteis ao menos nessa mesma fábrica ou manufatura.*[739]

Em seguida, contudo, Marx parece rasgar um grande elogio ao ensino técnico do sistema manufatureiro antigo. Dizemos parece porque logo ele o condenará como conservador.

> *Nas gráficas inglesas de livros, por exemplo, ocorria antigamente a passagem, correspondente ao sistema da velha manufatura e do artesanato,*

---

[737] OC Ib, p. 62. MEW 23, p. 476.
[738] OC Ib, p. 64. MEW 23, p. 476.
[739] OC Ib, p. 85. MEW 23, p. 508.

> *dos aprendizes de trabalhos mais leves para trabalhos de mais conteúdo. Eles percorriam as etapas de uma aprendizagem, até serem tipógrafos completos. Saber ler e escrever era, para todos, uma exigência do ofício.*[740]

O elogio de Marx ao sistema de ensino manufatureiro é apenas aparente. O regime manufatureiro, apesar da circunstância de que enchia o trabalho do operário de conteúdo, enchia-o, contudo, de um conteúdo muito bem fixado e definido: este operário seria por toda vida um excelente tipógrafo e nada mais que isso. A fixidez do regime manufatureiro impedia o trabalhador de assumir outras ocupações fora da tipografia. Se fizesse isto o operário poderia ser punido ferozmente pela corporação de ofício.

*"Tudo isso mudou com a máquina impressora. Ela emprega duas espécies de trabalhadores: um trabalhador adulto, o supervisor da máquina, e mocinhos, em geral com 11 a 17 anos de idade, cuja tarefa consiste exclusivamente em colocar uma folha de papel na máquina ou retirar dela a folha impressa"*[741]. Marx completa dizendo que em Londres, *"essa faina vexatória"* estendia-se por longas e penosas horas de trabalho sem descanso, grande parte destas crianças não sabe ler sendo, em regra, criaturas embrutecidas e anormais. Logo que atingem a idade de 17 anos são despedidas da tipografia, caem na criminalidade e quando procuram ocupação noutro lugar fracassam em face de sua ignorância, embrutecimento e degradação física e espiritual. Enquanto a manufatura, por um lado, conserva a potência espiritual para o trabalho com o próprio trabalhador, por outro lado, ela unilateraliza esta potência fixando-a por toda vida num trabalho parcial determinado. Enquanto, por um lado, a fábrica mecanizada não fixa o operário a nenhuma atividade unilateralizada por toda vida, por outro lado, ao separar do trabalhador a potência espiritual para o trabalho, o imbeciliza e esvazia sua atividade de sentido.

*"Enquanto artesanato e manufatura constituem o fundamento geral da produção social [allgemeine Grundlage der gesellschaftlichen Produktion], a subsunção do produtor a um ramo exclusivo de produção, o rompimento da diversidade original de suas ocupações, é um momento necessário do desenvolvimento"*[742]. Enquanto na indústria doméstica rural o camponês com sua família ainda conserva para si a diversidade original

---

[740] OC Ib, p. 85/86. MEW 23, p. 509.
[741] OC Ib, p. 86. MEW 23, p. 509.
[742] OC Ib, p. 86. MEW 23, p. 509.

de suas ocupações, no artesanato urbano e na manufatura impera a subsunção do produtor a um ramo exclusivo da produção. Na grande indústria não predomina nem a diversidade original de ocupações, nem muito menos a subsunção exclusiva a um determinado ramo da produção.

Se, por um lado, a divisão manufatureira do trabalho possui o aspecto positivo de dar sentido e conteúdo determinado à atividade do trabalhador, por outro lado, ela sofre do defeito que sofriam as sociedades orientais, a de fixar e cristalizar estas atividades numa hierarquia fixa e rígida impedindo o livre desenvolvimento de todas as potências espirituais do homem para o trabalho, unilateralizando estas atividades por toda vida numa atividade parcial e detalhista. O principal defeito da divisão artesanal e manufatureira do trabalho na concepção de Marx é o de reproduzir o caráter estático e imutável do regime de castas das sociedades asiáticas, é o de não possuir dinamismo interno capaz de impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas, é o de não impulsionar o surgimento de novos ramos de produção, a polivalência do homem para o trabalho e o progresso material e espiritual.

*"O que aqui e acolá [no regime corporativo e artesanal de trabalho] provoca modificações é, além de novos materiais de trabalho fornecidos pelo comércio, a mudança paulatina do instrumento de trabalho"*[743]. As modificações nos instrumentos de trabalho, quando ocorrem, surgem exteriormente pelo comércio ou, quando por um processo interno, surgem lentamente ao longo de séculos ou milênios. *"Uma vez alcançada a forma adequada de acordo com a experiência, também ela se ossifica, como o comprova sua passagem, através de milênios, das mãos de uma geração para as de outra"*[744]. Algo absolutamente oposto ocorre com a sociedade burguesa. O fogo do tempo a devora todos os dias, minuto após minuto.

*"A grande indústria rasgou o véu que ocultava aos homens seu próprio processo de produção social e que transformava os diversos ramos da produção, que se haviam naturalmente particularizado, em enigmas de uns para os outros e até mesmo para o iniciado em cada ramo"*[745]. Com a grande indústria mecanizada os diferentes processos de trabalho deixaram de ser um mistério onde apenas os arcanos e profissionais do

[743] OC Ib, p. 86. MEW 23, p. 510.
[744] OC Ib, p. 86. MEW 23, p. 510.
[745] OC Ib, p. 86/87. MEW 23, p. 510.

conhecimento podiam penetrar. A simplificação da atividade laboriosa permitiu a qualquer leigo conhecer e dominar todos os ofícios sem grandes dificuldades. Qualquer jovem sem iniciação alguma tornou-se plenamente capaz de realizar o trabalho de um operário adulto e cheio de experiência. A desmistificação do processo de trabalho arrancou a mulher do sacro aconchego do lar e a lançou na vida pública, igualando-a aos homens em capacidade e domínio para o trabalho.

*"A indústria moderna nunca encara nem trata a forma existente de um processo de produção como definitiva. Sua base técnica é, por isso, revolucionária, enquanto a de todos os modos de produção anteriores era essencialmente conservadora"*[746]. Enquanto todos os modos de produção anteriores para conservarem-se sem cair em devir, deveriam frear o processo de inovação e transformação produtiva, a sociedade moderna só pode continuar seu processo periódico de reprodução se converter o movimento e a mutação incessante numa condição essencial de sua existência.

Em nota de rodapé Marx nos remete a uma passagem de *O Manifesto Comunista* onde, vinte anos antes, havia descoberto esta lei da sociedade moderna.

> *A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto todas as relações sociais. Manter inalterado o modo de produção antigo era, pelo contrário, a primeira condição de todas as classes ativas anteriores. O revolucionamento contínuo da produção, o abalo ininterrupto de todas as condições sociais, a perene insegurança e movimento caracterizam a época burguesa em face de todas as outras épocas anteriores...*[747]

Revolucionar constantemente o modo de produção, eis o segredo e a condição essencial para a conservação da sociedade burguesa. Desenvolver os instrumentos de produção mais e mais, refiná-los, sofisticá-los, torná-los mais potentes, eficientes e produtivos. E com que finalidade revolucionar constantemente todas as ciências naturais e mecânicas? Unicamente para garantir a dominação do capital sobre o proletariado e extrair dele mais e mais sobretrabalho relativo, unicamente para garantir a existência irracional do

[746] OC Ib, p. 87. MEW 23, p. 510/511.

capital enquanto capital. Desenvolver sem fôlego os instrumentos de trabalho contra todos os limites naturais e morais: eis o segredo da força do capital frente a todas as sociedades do passado. No plano social a maquinaria deita por terra, ainda, todas as vãs esperanças românticas do passado, os grandes heróis redentores são sepultados e com a maquinaria, *"finalmente os homens são obrigados a encarar com olhos sóbrios suas condições de vida e suas relações recíprocas"*[748]. Com a maquinaria e o capital, tudo o que é sacro e místico é profanado, o que é desumano é humanizado e o homem pode, finalmente, tomar consciência da sua própria grandeza e poder.

O trabalho escravo antigo era incompatível com a modernização do processo de trabalho. Se ao trabalhador escravo fosse anexado em vez do pesado arado de madeira um instrumento mais leve e eficiente, sua ira contra a escravidão o levaria a destruir este instrumento. A coação direta do mundo antigo era incompatível com formas mais refinadas de trabalho e exploração.

> *O trabalhador aí, segundo a expressão acertada dos antigos, apenas se distingue do animal, como instrumentum semivocale [instrumento semivocal], e dos instrumentos de trabalho mortos, como instrumetum mutum [instrumento mudo], por ser instrumentum vocale [instrumento vocal]. Mas ele mesmo faz o animal e os instrumentos de trabalho sentirem que não é seu igual, mas um homem. Ele proporciona a si mesmo a autoconsciência de ser diferente deles ao maltratá-los e destruí-los con amore. Vale, por isso, nesse modo de produção, como princípio econômico, apenas empregar os instrumentos de trabalho mais toscos, mais pesados, porém exatamente devido à sua canhestra rusticidade difíceis de serem estragados.*[749]

Para não pôr em risco sua dominação, para reproduzir a relação senhor e escravo inalterada, o mundo antigo não podia dar ao escravo instrumentos de trabalho mais eficientes. A conservação da relação escravista impedia qualquer progresso importante nos

---

[747] OC Ib, p. 87. MEW 23, p. 511. Nota 306.
[748] OC Ib, p. 87. MEW 23, p. 511. Nota 306.
[749] OC Ia, p. 154. MEW 23, p. 210. Nota 17.

instrumentos de produção e com isto, qualquer grande progresso no campo das ciências produtivas. A relação escravocrata se reproduzia e se conservava mediante emprego de instrumentos rudimentares de trabalho. Nestas condições toda melhoria do processo de trabalho se tornava incompatível com o meio social. A extorsão extra-econômica sofrida pelo escravo o tornava mais consciente que o operário moderno, que sofre uma extorsão mais econômica e indireta, de sua situação de classe explorada. O escravo manifestava esta autoconsciência destruindo os meios de trabalho, especialmente os animais de carga como cavalos e burros. O trabalhador assalariado não age com a mesma consciência de classe que o trabalhador escravo porque a relação de exploração que existe entre o capitalista e ele é mistificada por mil e um subterfúgios econômicos que procuramos esclarecer neste trabalho. Subterfúgios que não existem na relação escravista de trabalho.

O capitalista, ao contrário do senhor de escravos, só pode conservar seu domínio desenvolvendo as ciências produtivas e pondo nas mãos do trabalhador instrumentos de trabalho cada vez mais eficientes e refinados. Ao contrário do escravo, o proletário não está submetido a uma coação social direta, sua coação é puramente econômica, ela se processa por fios invisíveis à sua consciência. Se o escravo antigo tornava-se mais eficiente sob a coação direta do chicote, na sociedade burguesa, ao contrário, a eficiência do operário é função direta da eficiência da máquina. Para desenvolver a eficiência produtiva do operário, para fazê-lo produzir mais e mais mais-valia é fundamental desenvolver os instrumentos de trabalho e torná-los mais refinados, velozes e eficientes. O que é absolutamente diferente do mundo antigo. E para garantir o desenvolvimento permanente dos instrumentos de trabalho o capital precisa desenvolver do mesmo modo permanentemente todas as forças produtivas do trabalho social. Mesmo que este desenvolvimento se converta, a partir de certo ponto, em destruição irracional da Natureza e risco para a existência da humanidade.

Do mesmo modo que o mundo antigo, também as sociedades asiáticas, o sistema corporativo ao final da Idade Média e a própria manufatura, tinham como princípio a conservação inalterada dos instrumentos de trabalho. A Índia conservou seu modo de vida estático e vegetativo por milênios apoiada simplesmente na imutabilidade do tear manual e individual. As corporações de ofício européias combateram durante séculos o emprego de maquinaria no processo de trabalho, e com o emprego dela a conversão do mestre-artesão

em capitalista. A própria manufatura só deu lugar à grande indústria após a regulamentação da jornada de trabalho em dez horas diárias.

Se em todos estes modos de produção atrasados o princípio do trabalho era a unilateralidade e a cristalização por toda vida numa atividade exclusiva, parcial e determinada, na sociedade burguesa o princípio é inteiramente oposto, nela impera a polivalência, a fluidez e a indeterminação na atividade do trabalhador. Se, em troca da determinação e unilateralidade, as sociedades antigas ofereciam segurança e estabilidade para o trabalhador, a sociedade moderna oferece, em troca da indeterminação, da polivalência e da fluidez, a mais absoluta insegurança e intranqüilidade para o operário.

> *A natureza da grande indústria condiciona, portanto, variação do trabalho, fluidez da função, mobilidade, em todos os sentidos, do trabalhador... a grande indústria torna, por suas catástrofes mesmo, uma questão de vida ou morte reconhecer a mudança dos trabalhos, e portanto a maior polivalência possível dos trabalhadores, como lei geral e social da produção, adequando as condições à sua realização normal.*[750]

Que ironia! A polivalência para o trabalho que a sociologia do trabalho descobre entusiasmada com a "globalização" Marx já apontara brilhantemente há um século e meio atrás. E descobre que ela não é produto do movimento moderno do capital mas sim, que a fluidez e a polivalência do trabalho fazem parte de sua natureza interna, isto é, de seu conceito. Esta fluidez e flexibilidade do trabalho fazem parte do próprio conceito de trabalho abstrato, de trabalho que, se por um lado não possui determinação particular alguma, por outro lado, possui todas elas em potência.

Marx, entusiasmado com o caráter do trabalho abstrato da grande indústria, cita a declaração de um operário francês ao retornar de San Francisco, EUA:

> *eu nunca teria acreditado que pudesse exercer todos os ofícios que pratiquei na Califórnia. Estava firmemente convicto de que não servia para nada senão tipografia.... Uma vez no meio desse mundo de aventureiros, que*

[750] OC Ib, p. 87. MEW 23, p. 511.

> *trocam mais facilmente de profissão do que de camisa, eu – por minha fé! – fiz como os outros. Como a mineração não se mostrou suficientemente rendosa, abandonei-a e mudei-me para a cidade, onde me tornei, sucessivamente, tipógrafo, telhador, fundidor de chumbo etc. Devido a essa experiência de ser capaz para todos os trabalhos, sinto-me menos como um molusco e mais como um homem.*[751]

O entusiasmo de Marx com a polivalência e fluidez do trabalho abstrato do capitalismo, do trabalho que ao mesmo tempo em que não possui aptidão definida para nada possui a potência para tudo, frente à concretude cristalizada dos trabalhos pré-capitalistas, que se por um lado é cheio de sentido por outro só possui sentido para algo limitado, se expressa vivamente nas palavras deste operário. A grande indústria e o trabalho mecanizado e abstrato superam *"o indivíduo-fragmento, o mero portador de uma função social de detalhe, pelo indivíduo totalmente desenvolvido, para o qual diferentes funções sociais são modos de atividade que se alternam"*[752].

O entusiasmo de Marx pela natureza abstrata, indeterminada, fluída e polivalente do proletariado possui ainda uma motivação política. Como o proletário moderno não pertence a nenhum ramo particular da produção, como sua atividade não se fixa em nenhuma atividade particular parcializada e eterna, ele também não tem nenhum interesse em defender interesses particulares e eternos. Por ser um universal negativo, um universal que nega toda particularidade conservadora, o trabalhador moderno não tem nenhum interesse em defender este ou aquele interesse particular do proletariado, ele só pode interessar-se em defender interesses genéricos, como genérica é sua natureza. O entusiasmo de Marx com o trabalho genérico e abstrato fundado pelo capital deve-se, ainda, à circunstância de que Marx atribui a esta mesma forma de trabalho, a base sobre a qual deverá se construir a polivalência não alienada do homem do futuro.

Aqui queremos novamente enfatizar uma questão que nos parece essencial no pensamento político de Marx. O fato de que a maquinaria transforma o operário num mero apêndice e servidor dela de modo algum o incapacita para a atividade política como uma força autônoma e consciente de seus interesses históricos, de modo algum o

---

[751] OC Ib, p. 87. MEW 23, p. 511. Nota 308.

transforma do mesmo modo num mero apêndice político de outras forças sociais. Assim como Marx não considerava o escravo antigo um sujeito sem peso definido na política e na história ocidental, apesar da *"concepção acertada dos antigos"* em diferenciá-lo dos bois e do arado apenas por possuir uma articulação vocal desenvolvida, também o operário, apesar de sua função acessória no processo de trabalho, não pode ser concebido por esta circunstância como incapaz de uma atividade política plena de vontade e consciência histórica. O papel político ativo e consciente do operário no processo político possui raízes menos no processo de trabalho e mais no processo de valorização do capital. É por sua natureza criadora do valor, e não do valor de uso, que o operário pode desempenhar um papel ativo na sociedade. É da contradição entre o valor de sua força de trabalho e o valor que ela cria, e de todas as contradições daí derivadas, que surge a possibilidade dele desempenhar um papel ativo e consciente no processo histórico.

Quando dizemos que Marx está entusiasmado com a natureza abstrata, polivalente e fluída do trabalho burguês, naturalmente queremos evidenciar, ainda, que Marx se entusiasma em relação à superioridade que esta forma possui frente aos modos antigos de trabalho e às possibilidades que o trabalho assalariado moderno abre para a superação deste mesmo caráter abstrato do trabalho. O entusiasmo de Marx é uma clara forma dele diferenciar-se do lamurioso movimento romântico europeu que pensava ser possível negar o trabalho abstrato do capitalismo substituindo-o pelas velhas formas da produção camponesa e artesanal. Marx não é um romântico que espera superar as contradições da sociedade capitalista substituindo-as pelas contradições, já superadas pelo capital, de formas de produção mais atrasadas. Marx é um dialético e espera que as contradições da sociedade capitalista sejam resolvidas por uma forma de sociedade superior, não inferior. *"O desenvolvimento das contradições de uma forma histórica de produção [diz ele contra os românticos conservadores] é, no entanto, o único caminho histórico de sua dissolução e estruturação de uma nova"*[753].

---

[752] OC Ib, p. 88. MEW 23, p. 512.

[753] OC Ib, p. 88. MEW 23, p. 512. *"Die Entwicklung der Widersprüche einer geschichtlichen Produktionsform ist jedoch der einzig geschichtliche Weg ihrer Auflösung und Neugestaltung."*

**g. Grande indústria e agricultura**

Do mesmo modo que saúda a polivalência, a fluidez e a indeterminação do trabalho abstrato, Marx saúda a revolução no campo operada pelo capital.

> *Na esfera da agricultura, a grande indústria atua de modo mais revolucionário à medida que aniquila o baluarte da velha sociedade [e do romantismo de todos os tipos], o 'camponês', substituindo-o pelo trabalhador assalariado. As necessidades de revolucionamento social e as antíteses do campo são, assim, niveladas às da cidade.*[754]

Ao transformar a estrutura fundiária do campo o capital permite que as ciências agronômicas e mecânicas encontrem um novo terreno favorável para se desenvolver. O trabalho isolado, empírico, rotineiro e regulado pelos movimentos da Natureza é substituído, assim como já fora na cidade, pelo planejamento científico e racional. *"No lugar da produção mais rotineira e irracional, surge a aplicação consciente, tecnológica da ciência"*[755].

Como esse domínio racional do homem sobre a Natureza, contudo, não tem por meta o valor de uso, mas o valor de troca, o metabolismo entre homem e Natureza torna-se um metabolismo irracional e cientificamente predatório. Além do trabalhador, o pai da riqueza, o capital encontra à sua frente no campo, pronta para ser saqueada como o pai, a mãe da riqueza, a Natureza.

> *E cada progresso da agricultura capitalista não é só um progresso na arte de saquear o trabalhador, mas ao mesmo tempo na arte de saquear o solo, pois cada progresso no aumento da fertilidade por certo período é simultaneamente um progresso na ruína das fontes permanentes dessa fertilidade... Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social ao minar simultaneamente as fontes de toda a riqueza: a terra e o trabalhador.*[756]

---

[754] OC Ib, p. 99. MEW 23, p. 528.
[755] OC Ib, p. 99. MEW 23, p. 528.
[756] OC Ib, p. 100. MEW 23, p. 529.

A destruição da Natureza, assim como do trabalhador, é um resultado necessário e inevitável da ação irracional do capitalismo sobre as forças da produção material que se torna cada vez mais dramático quanto mais tempo persiste a existência do capital. A um certo ponto deste desenvolvimento a existência do capital se torna incompatível com a existência não apenas da humanidade, mas, ainda, da própria Natureza.

## 2.9. MAIS VALIA RELATIVA E ABSOLUTA

A superprodução de mercadorias e as crises que dela resultam, possuem seu solo mais profundo na contradição inconciliável entre tempo de trabalho necessário e tempo de trabalho excedente para proveito alheio. Contudo, nem toda formação social baseada nesta contradição sofre as torturas da superprodução. Para que ela ocorra é fundamental não apenas que exista a contradição entre trabalho alienado e não alienado, entre trabalho para si próprio e trabalho para outros, mas, é fundamental ainda, que esta contradição tenha se desenvolvido até certo ponto, isto é, que ela tenha atingido um grau muito desenvolvido historicamente.

A produtividade desenvolvida do trabalho possui, além de uma base natural prodigiosa, uma base social determinada. Nunca ouvimos falar nos primeiros tempos da civilização, e mesmo em formações mais desenvolvidas, de crises econômicas por excesso de produção. Entre as comunidades antigas onde predominava uma baixa divisão social do trabalho e um baixo domínio do homem sobre as forças da Natureza, a baixa produtividade do trabalho impedia a produção de um excedente não consumível diretamente pelo próprio produtor. *"Só depois que a humanidade superou pelo trabalho suas condições primitivas de animalidade e seu trabalho, portanto, já está até certo grau socializado, surgem condições em que o mais-trabalho de um torna-se a condição de existência do outro"*[757].

Mas ainda aqui, se o excedente de trabalho é capaz de libertar uma parte da humanidade do trabalho, enquanto a outra parte permanece escrava dele, não surgem condições para o surgimento de crises por excesso de produção. Nas primeiras sociedades

[757] OC Ib, p. 103. MEW 23, p. 534.

humanas que recém se erguem acima da Natureza, as crises conhecidas são muito mais provocadas por carência de produtos que por seu excesso.

> *Nos primórdios da cultura, as forças produtivas de trabalho adquiridas são mínimas, mas assim o são as necessidades, as quais se desenvolvem com os meios para satisfaze-las e em função deles. Além disso, naqueles primórdios a proporção dos setores da sociedade que vivem do trabalho alheio é minúscula comparada com a massa dos produtores diretos.*[758]

Na medida, porém, que o homem lentamente se separa da Natureza e a põe sob seu controle consciente, aumenta a massa absoluta de produtos e a sociedade se cinde cada vez mais entre trabalhadores e não-trabalhadores. Isto, contudo, é ainda insuficiente para gerar crises por excesso de produção. Faltarão ainda muitos séculos de desenvolvimento das forças produtivas e de diferenciação social para que o excesso de produção seja sinônimo de crise econômica.

Abstraindo-se as formas históricas mais ou menos desenvolvidas, o progresso da produção social depende da existência, e da relação entre eles, de dois elementos naturais: da abundância de meios naturais de subsistência e da riqueza natural de meios de trabalho. *"Nos primórdios da cultura, a primeira espécie de riqueza natural é decisiva, em níveis mais altos de desenvolvimento, a segunda"*[759]. A relativa escassez de meios de subsistência desempenha um papel mais importante no progresso econômico que sua abundância, assim como a abundância de meios de produção associado à carência de meios naturais de subsistência funciona como um importante e decisivo estímulo para o domínio do homem sobre a Natureza.

Por isso, *"não é o clima tropical com sua exuberante vegetação, mas a zona temperada, a pátria do capital"*[760]. Deste modo, a riqueza do antigo Egito, assim como sua relativa pobreza, é uma dádiva de sua exuberante agricultura, das prodigiosas condições naturais de produção trazidas pelas enchentes do Nilo. A causa da exuberância do antigo Egito é a mesma de sua estagnação.

---

[758] OC Ib, p. 103. MEW 23, p. 534/535.
[759] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 535.
[760] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 536.

No antigo Egito, comenta Marx, o baixo custo de manutenção e reprodução da classe trabalhadora liberou uma massa imensa de mais-trabalho, tanto absoluta quanto relativamente, que pode ser utilizada pelas castas dominantes na construção das magníficas obras faraônicas. O segredo das imensas construções públicas do antigo Egito assenta-se numa lei particular do desenvolvimento social assim formulada por Marx:

> *do mesmo modo como o trabalhador individual pode fornecer uma quantidade de mais-trabalho tanto maior quanto menor for seu tempo de trabalho necessário, assim, quanto menor for a parte da população trabalhadora exigida para a produção dos meios de subsistência necessários, tanto maior a parte dela disponível para outras obras.*[761]

Deste modo, *"as grandes obras dos antigos egípcios são devidas menos ao volume de sua população do que à grande proporção em que estava disponível*[762]. O segredo das grandes obras faraônicas reside na circunstância de que a abundante riqueza natural de meios de subsistência, lembremos que o antigo Egito era considerado o celeiro do mundo antigo, proporcionava a liberação do trabalhador diretamente empregado na produção destes meios para o trabalho em obras públicas, reside na elevada proporção entre trabalhadores não-agrícolas improdutivos e trabalhadores agrícolas produtivos.

De modo inteiramente oposto, o segredo das maravilhas da Grécia antiga reside na aridez de seu solo montanhoso e na abundância de meios naturais de trabalho. Basta comparar diz Marx, *"Atenas e Corinto com os países às margens do mar Negro"*[763]. O contraste entre as terras montanhosas e pedregosas de Atenas e Corinto com a abundância de meios naturais de subsistência das cidades costeiras do mediterrâneo, explica a superioridade dos gregos em relação ao restante do mundo antigo. A carência de solo agrícola capaz de alimentar toda a população está na base da expansão e domínio grego sobre a Natureza e outros povos mais atrasados.

Apesar da importância da fertilidade do solo para a agricultura e para o progresso histórico, de modo algum *"o solo mais fértil é o mais apropriado para o*

---

[761] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 536.
[762] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 536.
[763] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 535.

*crescimento do modo de produção capitalista. Este supõe o domínio do homem sobre a Natureza. Uma Natureza demasiado pródiga 'segura o homem pela mão como uma criança em andadeiras'"*[764]. Apesar da abundância de alimentos, da elevada produtividade do trabalho agrícola e da prodigiosa fertilidade de seu solo o antigo Egito nunca conheceu crises por excesso de produção. Muito mais comum entre eles seriam as crises por carência de produtos decorrentes da pesada tributação imposta por Roma. No antigo Egito não ocorriam crises de superprodução porque aí a divisão estamental do trabalho destinava o excedente gerado pelo trabalhador agrícola para a manutenção do operário empregado na construção das grandes obras públicas do Estado.

No antigo Egito, apesar da abundância de produtos, as crises de superprodução eram um fenômeno desconhecido porque as castas superiores, a realeza e o sacerdócio, não tinham em vista o valor de troca do produto, mas unicamente o valor de uso, porque a produção egípcia não se destinava a satisfazer as necessidades humanas condicionando-as à realização do valor de troca, porque entre eles o produto não chegava à esfera do consumo somente após percorrer a tortuosa esfera do mercado. Entre os egípcios, mais que a oposição, reinava a unidade entre produção e consumo. Entre os egípcios a produção de mercadorias, a cisão do produto entre valor de uso e valor, era algo ocasional. Na terra dos faraós o produto se transformava em mercadoria apenas nas transações com o exterior realizadas diretamente pelo Estado e nunca pelas comunidades independentes ou por indivíduos isolados no interior da nação.

### 2.9.1. Relação entre o preço da força de trabalho e a mais-valia

O valor da força de trabalho média em determinada época e sociedade está determinado por três fatores: 1) pelo valor dos meios de subsistência habitualmente necessários ao trabalhador médio; 2) por seus custos de desenvolvimento que se modificam com o modo de produção e; 3) por suas diferenças naturais, se masculina ou feminina, madura ou imatura. Dado o valor dessa força de trabalho Marx passa a analisar três circunstâncias possíveis de variação entre sua grandeza e a mais-valia. Supondo-se que 1) as mercadorias sejam vendidas pelo seu valor e 2) que o valor da força de trabalho suba ocasionalmente acima de seu valor, porém jamais abaixo dele, as grandezas relativas do

[764] OC Ib, p. 104. MEW 23, p. 536.

preço da força de trabalho e da mais valia estarão condicionadas por três circunstâncias: 1) pela grandeza extensiva da jornada de trabalho ou do próprio trabalho, 2) pela grandeza intensiva do trabalho e 3) pela força produtiva do trabalho.

Primeira circunstância: grandeza e intensidade da jornada de trabalho constantes (dadas) com força produtiva do trabalho variável. Sob esse pressuposto, o valor da força de trabalho e a massa de mais-valia estarão determinados por três leis.

Primeira: a massa total de valor produzido nesta jornada de trabalho mais produtiva não variará, apesar da variação nas forças produtivas, para mais ou para menos. Isto decorre da circunstância de que a produtividade do trabalho é uma determinação do trabalho concreto e não do trabalho abstrato.

Supondo que a força produtiva do trabalho social varie para cima e, ainda, que o valor e o preço da força de trabalho permaneçam estáticos (se subir ou cair pouca influência terá sobre o problema que queremos levantar), então, uma poderosa contradição estará aqui germinando. Uma massa invariável de valor deverá ser realizada numa massa acrescida de valores de uso. Para que a mesma massa de valor se realize será necessário uma elevação do consumo social, não importa se do operário ou do capitalista. Com força de trabalho em elevação a mesma massa de valor exige, para ser realizada, que seja acrescida a massa do consumo. Se estes dois pólos se dissociarem seguindo caminhos opostos, abre-se com eles uma poderosa possibilidade de nem todo valor se realizar e, com isto, a possibilidade de uma crise por excesso de capacidade produtiva sem a devida complementação na capacidade de consumo solvente da sociedade.

Segunda: o valor da força de trabalho e a mais-valia variam em sentido oposto.

Se o valor da força de trabalho sofrer uma redução, então a contradição entre produção e consumo torna-se mais potencial e explosiva. Se na primeira condição parte do excedente poderia ser consumido pela classe trabalhadora, agora o novo mercado consumidor deve ser conquistado inteiramente fora da classe trabalhadora. Para realizar a mesma massa de valor social, a nova extensão do mercado consumidor deverá ser capaz de absorver além da massa de produtos acrescida pela produtividade aumentada do trabalho, também a massa de produtos que foi subtraída da classe trabalhadora.

Terceira: o aumento ou a diminuição da mais-valia é sempre conseqüência e jamais causa do correspondente aumento ou diminuição do valor da força de trabalho. Esta lei decorre da circunstância de que a mais-valia não possui um valor, ela é um excedente variável, valor possui unicamente a força de trabalho. As mudanças na mais-valia são expressões das mudanças ocorridas no valor da força de trabalho. Se o valor da força de trabalho cair e o salário, porém, não cair no mesmo nível, a contradição entre capital e trabalho não apenas subsistirá como terá se aprofundado, apesar da classe trabalhadora passar a viver em condições sociais superiores e melhorar seu nível absoluto de consumo e satisfação. A contradição se aprofundará por que, se por um lado a classe trabalhadora obteve uma elevação absoluta em seu nível de vida, por outro lado ela empobreceu relativamente ao capitalista que enriqueceu agora a um grau superior ao dela. Apesar do enriquecimento absoluto da classe trabalhadora, entre ela e o capital se abre um fosso social ainda mais intransponível que o anterior. A elevação do grau de consumo absoluto da classe trabalhadora, nestas condições, ao contrário de diminuir a diferença entre as classes aprofunda esta diferença. E junto com esta contradição, aprofundam-se os problemas de realização do produto social e a possibilidade de crises de superprodução por falta de compradores, apesar da classe trabalhadora ter elevado seu nível de consumo. Deste modo, não há nenhuma incompatibilidade entre melhoria nas condições de existência da classe trabalhadora e crises de superprodução por falta de consumidores.

Estas três leis evidenciam até a medula que, dentro do quadro capitalista, as contradições entre produção e consumo social são insolúveis, pois a cada movimento de superação, novas e mais poderosas contradições se abrem prometendo pôr novamente em crise todo o conjunto das relações sociais.

Nos *Grundrisse* este caso é analisado de maneira semelhante e mais problemático para o capital social. Se considerarmos que o trabalhador necessita de ½ jornada de trabalho para reproduzir seu próprio valor, então a mais valia será igual a 100%. Se supormos, ainda, que dobre a força produtiva do trabalho social, então o trabalhador precisará trabalhar não mais ½ jornada para reproduzir seus meios de subsistência mas apenas ¼ dela, liberando ¾ na forma de riqueza excedente para o capitalista. Nosso operário teria que trabalhar apenas ¼ do dia para viver um dia inteiro e forneceria num

único dia de trabalho ao seu patrão a mesma soma de riqueza que antes fornecia em um dia e meio.

Se supormos que a força produtiva triplique seu poder, então a jornada necessária cairá para 1/6 da jornada total e o capitalista embolsará uma mais-valia igual a 5/6 da jornada total. Nosso operário teria que trabalhar apenas 1/6 da jornada diária para viver um dia inteiro e forneceria ao seu patrão neste único dia uma soma de riqueza que antes levaria pouco menos de dois dias para ser produzida.

Supondo, deste modo, que a força produtiva do trabalho social se eleve constantemente sem redução na jornada diária de trabalho, o valor da força de trabalho cairá no grau inverso da elevação da força produtiva. Contudo, paradoxalmente, a mais-valia do capital não se elevará na mesma grandeza das forças produtivas em elevação. Ela subirá, mas nunca no mesmo grau do progresso técnico. Se nossa jornada de trabalho for de 12 horas diárias e nosso operário necessitar de ½ jornada para reproduzir seus meios de subsistência, então sobrará ½ jornada de trabalho como mais-valia para o capitalista. Se a força produtiva do trabalho social duplicar, então o valor dos meios de subsistência cairá para três horas de trabalho diário e a mais-valia subirá para 9 horas de trabalho não-pago. A mais-valia subirá, portanto, em 50%. Se as forças produtivas duplicarem novamente, então a jornada necessária cairá para 1:30 horas e a mais-valia subirá para 10:30 horas diárias. A mais-valia não duplicará, como duplicou a produtividade do trabalho social, ela se elevará em apenas uma hora e meia a mais que no caso anterior. Se as forças produtivas duplicarem novamente seu potencial, a jornada necessária cairá para 45 minutos e a mais-valia subirá apenas quarenta e cinco minutos, somando 11:15 horas diárias. Dado que parte da jornada de trabalho sempre existirá na forma de jornada de trabalho necessária, a elevação da produtividade do trabalho social possui um limite intransponível para a ampliação da mais-valia em poder do capital.

Três conseqüências importantes resultam deste fenômeno:

Primeiro: o aumento das forças produtivas do trabalho social aumenta unicamente a massa dos valores de uso em circulação sem, contudo, aumentar simultaneamente a massa de valor total. Este fenômeno se deve à circunstância de que a massa de valor total está determinada pela jornada de trabalho total que é igual a 12 horas. Neste mesmo tempo de trabalho uma elevação na força produtiva do trabalho social pode

elevar a massa de valores de uso ao final do processo de produção, sem, contudo, elevar a massa de valor total produzida. Esta contradição reflete nada menos que a contradição entre trabalho concreto e trabalho abstrato, que por sua vez reflete a contradição mais simples entre valor de uso e valor do produto na forma-mercadoria. A mais-valia se eleva unicamente porque a jornada de trabalho necessária diminui. *"O mais-valor é exatamente igual ao mais-trabalho; o incremento de um deles está medido exatamente pela redução do trabalho necessário"*[765].

Segundo: a mais-valia não aumenta no mesmo grau em que aumenta a força produtiva do trabalho social. O aumento da mais-valia encontra uma dupla barreira: primeiro na existência dada da própria jornada de trabalho necessária e, segundo, na extensão da jornada de trabalho diária. A mais-valia só pode crescer dentro destes limites e cresce em grau cada vez menor quanto mais desenvolvida estiver a força produtiva da sociedade.

Terceiro: quanto maior for a parte gratuita da jornada de trabalho em relação à parte paga, menor será o aumento absoluto da mais-valia a cada aumento das forças produtivas da sociedade. Do mesmo modo, quanto menor for a grandeza da jornada de trabalho necessária para o trabalhador reproduzir o valor de seus meios de subsistência, maior terá que ser o esforço do capital em geral para desenvolver as forças produtivas do trabalho social e daí extrair um mínimo acrescido de mais-valia social. E quanto mais elevada for a contradição entre tempo de trabalho necessário e tempo de trabalho excedente, mais as forças produtivas do trabalho social terão que se desenvolver para superar esta contradição. As forças produtivas do trabalho social não podem, portanto, parar de se desenvolver enquanto permanecer a contradição entre trabalho e capital.

> *Por conseguinte, quanto mais desenvolvido esteja o capital, quanto mais mais-trabalho tenha criado, tanto mais formidavelmente terá que desenvolver a força produtiva para valorizar-se a si mesmo em ínfima proporção, vale dizer, para agregar mais-valia, porque sua barreira é*

[765] Grundrisse I, p. 282. MEW 42, p. 257.

*sempre a proporção entre a fração do dia – que expressa o trabalho necessário – e a jornada inteira de trabalho.*[766]

Em outras palavras: *"a autovalorização do capital se torna mais difícil na medida em que já esteja valorizado"*[767]. Nesta contradição absurda move-se a acumulação de capital: para aumentar a massa de mais-valia em seu poder o capital deve desenvolver sem compaixão todas as forças produtivas da sociedade ao seu grau máximo; quanto mais a desenvolve, contudo, menos mais-valia por unidade de trabalhador o capital abocanha. Nesta situação paradoxal, uma paralisação absoluta no desenvolvimento das forças produtivas seria inevitável. *"O incremento das forças produtivas chegaria a ser indiferente para o capital; a mesma valorização, porque suas proporções se haveriam tornado mínimas; e haveria deixado de ser capital"*[768].

O capital entraria inevitavelmente num desastroso colapso impossível de ser superado se esta situação não fosse puramente abstrata e hipotética. Na configuração concreta da realidade, porém, atuam diversas contratendências que põem freio e amenizam esta tendência irracional do capital. *"Nesta abstração todas estas teses são corretas para a proporção somente desde o ponto de vista que agora assumimos. Se agregarão outras relações, que a modificarão consideravelmente"*[769]. Tais contratendências serão postas apenas no Livro Terceiro quando estas abstrações serão superadas e o capital será posto em sua efetividade real. Quaisquer que sejam, contudo, estas contratendências criadas pelo capital, as forças produtivas do trabalho social, os meios de produção e as ciências mecânicas e naturais não deixarão de se desenvolver e com elas a destruição do trabalhador individual e da Natureza. Seja qual for a natureza destas contratendências que possam se levantar contra as leis da mais-valia, elas nunca poderão anular a circunstância de que o capital possui uma tendência absolutamente irrefreável ao desenvolvimento ilimitado das forças produtivas da sociedade e à destruição irracional do trabalhador individual e da Natureza. *"Como impulso incessante de enriquecimento, o capital tende a um crescimento ilimitado das forças produtivas e as cria"*[770].

---

[766] Grundrisse I, p. 283/284. MEW 42, p. 258/259.
[767] Grundrisse I, p. 284. MEW 42, p. 259.
[768] Grundrisse I, p. 284. MEW 42, p. 259.
[769] Grundrisse I, p. 284. MEW 42, p. 259.
[770] Grundrisse I, p. 284. MEW 42, p. 259.

Em *O Capital* Marx ainda analisa duas circunstâncias distintas: 1) jornada de trabalho e força produtiva do trabalho constantes com intensidade do trabalho variável e 2) força produtiva e intensidade do trabalho constantes com jornada de trabalho variável. Para o que mais nos interessa, evidenciar a contradição na distribuição da riqueza social entre as classes sob a circunstância de elevação das forças produtivas sem elevação da exploração absoluta do trabalhador, a primeira circunstância é a mais rica de todas. As duas seguintes só fazem consumir mais rapidamente as energias vitais do trabalhador, mesmo com força produtiva mais desenvolvida, em nome do processo insaciável de valorização do valor.

Na primeira circunstância a vida do trabalhador é consumida mais rapidamente acelerando o ritmo de trabalho sem mudar a duração extensiva da jornada de trabalhado. Na segunda sua vida se esvai mais rapidamente conservando o mesmo ritmo de trabalho, porém dilatando o trabalho durante uma jornada diária mais extensa. Isto porque *"na sociedade capitalista, tempo livre é produzido para uma classe mediante a transformação de todo o tempo de vida das massas em tempo de trabalho"*[771].

## 2.10. O FETICHE DA FORMA-SALÁRIO

Dentre todas as formas de manifestação da sociedade burguesa, a forma-salário constitui a mais enganosa e fantasmagórica delas. Sobre a forma-salário repousam as mais fantásticas e superficiais ilusões acerca da igualdade e da liberdade na sociedade capitalista. Desmistificar a forma-salário, revelar sua natureza falsa e enganosa significa, ao mesmo tempo, desmistificar toda a superficialidade da ideologia do capital. *"Na superfície [Oberfläche] da sociedade burguesa, o salário do trabalhador aparece [erscheint] como preço do trabalho, como um quantum determinado de dinheiro pago por um quantum determinado do trabalho"*[772].

Na consciência imaginativa do trabalhador a venda da força de trabalho aparece como a venda do próprio trabalho e o salário aparece como o preço de determinada jornada de trabalho. Se para realizar uma jornada de trabalho de doze horas o trabalhador é contratado por um salário de 6 xelins, e se estes 6 xelins correspondem ao valor de meia

[771] OC Ib, p. 116. MEW 23, p. 552.

jornada de trabalho, jornada necessária para a reprodução do valor da força de trabalho, na consciência falsa do operário estes 6 xelins aparecem como o valor de uma jornada de trabalho inteira de 12 horas. Se o salário cair para 5 ou subir para 7 xelins, esta variação no preço da força de trabalho aparece enganosamente em sua consciência como uma variação no preço da jornada de trabalho de 12 horas.

A origem deste engano do trabalhador não está na consciência do próprio trabalhador, não é, rigorosamente falando, o trabalhador que se engana com a forma-salário, mas, ao contrário, é a forma ardilosa do salário que engana o trabalhador[773]. Como a relação entre capital e trabalho surge inicialmente como uma relação puramente monetária, como uma relação entre dois agentes livres e autônomos, a mediação do dinheiro nesta relação encobre a fundamental diferença entre o valor da força de trabalho e o valor que ela própria pode criar.

O que o operário vende ao capital não é o trabalho, mas, sim, sua capacidade para criar trabalho. A força de trabalho é certa capacidade ou potência para o trabalho contida na corporalidade viva do trabalhador. Trabalho é a ativação ou exteriorização desta capacidade no tempo. Medida no tempo, a força de trabalho possui um valor igual à grandeza do tempo de trabalho necessário, uma grandeza de tempo, portanto, sempre menor que a grandeza de tempo em que esta capacidade é ativada, a grandeza de uma jornada diária inteira de trabalho. A jornada diária de trabalho não possui um valor porque não é uma mercadoria. Valor possui apenas a capacidade de trabalho que, como mercadoria, custa certa grandeza de tempo. O trágico na relação entre capital e trabalho é que a mediação monetária da relação esconde esta diferença entre a força de trabalho e a função ativada desta força no tempo e a mistifica na forma de trabalho e valor do trabalho. A mediação monetária cria na consciência do trabalhador a ilusão de que o que ele vende ao patrão não é esta capacidade para o trabalho, mas o trabalho mesmo, a ilusão de que não é uma mercadoria de certa grandeza de tempo sempre menor que a grandeza do tempo de trabalho diariamente realizado que ele vende, mas, sim, a própria jornada diária de trabalho.

> *O que se defronta diretamente ao possuidor de dinheiro, no mercado, não é, de fato, o trabalho, mas o trabalhador. O que este último vende é sua força*

---

[772] OC Ib, p. 121. MEW 23, p. 557.

> *de trabalho. Tão logo seu trabalho realmente começa esta já deixou de pertencer-lhe e, portanto, não pode mais ser vendida por ele. O trabalho é a substância e a medida imanente dos valores, mas ele mesmo não tem valor.*[774]

O engano do trabalhador provém da falsa ilusão de que o trabalho possui valor, que é o trabalho, e não a capacidade para realizá-lo, que ele comercializa no mercado. Na consciência falsa do operário e da economia política vulgar que se nutre destas ilusões, o operário vende ao capital seu trabalho e não sua capacidade para realizar trabalho. *"Na expressão 'valor do trabalho', o conceito de valor não está apenas inteiramente apagado, mas convertido em seu contrário. É uma expressão imaginária como, por exemplo, valor da terra"*[775]. Não é da consciência ilusória do trabalhador que surge esta fantasmagoria, mas, sim, da natureza da própria relação contratual de trabalho. *"Essas expressões imaginárias surgem, entretanto, das próprias condições de produção... Que na aparência as coisas se apresentam freqüentemente invertidas, é conhecido em quase todas as ciências, exceto na Economia Política"*[776].

A forma-salário, apesar de aparecer como uma expressão imaginária e ilusória, não é uma ilusão criada pela consciência enganosa do operário, pelo contrário, ela possui raízes nas próprias condições sociais de trabalho. A relação entre capital e trabalho aparece inicialmente ao nível do mercado de trabalho, não como uma relação entre explorador e explorado, entre patrão e trabalhador, mas como uma relação entre dois homens livres e autônomos que se encontram para intercambiar mercadorias. O trabalhador aparece enganosamente vendendo trabalho, e não força de trabalho, e o capital comprando-o e pagando na forma de salário.

A relação torna-se mais enganosa ainda quando o dinheiro atua, como normalmente ocorre, na função de meio de pagamento, quando o trabalhador é pago apenas no final do mês, no final do contrato, após ter realizado o trabalho. A ilusão da forma-

---

[773] Vide Norman Geras: *Essência e aparência: aspectos da análise da mercadoria em Marx.* Op. cit.
[774] OC Ib, p. 122. MEW 23, p. 559.
[775] OC Ib, p. 122. MEW 23, p. 559.
[776] OC Ib, p. 122. MEW 23, p. 559. *"Diese imaginären Ausdrücke entspringen jedoch aus den Produktionsverhältnissen selbst... Daß in der Erscheinung die Dinge sich oft verkehrt darstellen, ist ziemlich in allen Wissenschaften bekannt, außer in der politischen Ökonomie."*

salário se apoia na aparência de que o trabalho possui valor. O trabalho não possui valor, ele é a substância e medida imanente do valor. Imaginar que a medida imanente do valor possui valor é cair num círculo vicioso e na mais profunda irracionalidade. Mas é assim que a sociedade capitalista se manifesta na consciência imediata do operário.

O que o operário chama, e ao lado dele tanto a Economia Política clássica quanto a vulgar, de valor do trabalho é na realidade o valor da força de trabalho. O operário toma, enganosamente, uma coisa pela outra, a aparência pela essência e a forma irracional pela própria coisa.

> *A Economia Política clássica tomou de empréstimo à vida cotidiana, sem maior crítica, a categoria 'preço do trabalho', para perguntar-se, depois, como se determina esse preço... Portanto, o que ela chama de valor do trabalho (value of labour) é na realidade o valor da força de trabalho, que existe na personalidade do trabalhador e difere de sua função, o trabalho, tanto quanto uma máquina de suas operações.*[777]

Recordemos aqui que até mesmo o próprio Marx em seus primeiros textos de Economia Política tomara enganosamente, influenciado por Ricardo, o trabalho pela própria força de trabalho. Somente após ter descoberto a fundamental diferença entre trabalho e capacidade para o trabalho foi possível a Marx desvendar todos os segredos da mais-valia não desvendados por seus mestres. Somente após desprender-se das formas fetichizadas do mercado pode Marx adentrar no íntimo da sociedade burguesa e revelar seus mais impenetráveis segredos. O grande mérito de Marx em relação a seus mestres Smith e Ricardo foi ter rompido com estas ilusões, foi ter negado a negação da economia vulgar já realizada por seus mestres, foi ter feito a crítica da crítica da economia burguesa, foi ter penetrado no interior da sociedade burguesa e lá buscado suas categorias fundamentais.

Ocupados com diferenças meramente formais na instância do mercado, como a diferença entre valor do trabalho e preço de mercado do trabalho, Smith e Ricardo

---

[777] OC Ib, p. 123. MEW 23, p. 559/560.

nunca puderam superar verdadeiramente a apologética vulgar, caindo muitas vezes como presas fáceis da aparência superficial do mercado.

> *A inconsciência sobre esse resultado de sua própria análise, a aceitação sem crítica das categorias 'valor do trabalho', 'preço natural do trabalho' etc. como expressões últimas adequadas da relação de valor examinada, emaranhou a Economia Política clássica... em confusões e contradições insolúveis, enquanto ofereceu à Economia vulgar uma base segura de operações para a sua superficialidade, dedicada principalmente ao culto das aparências [Schein huldigende].*[778]

O grande defeito da Economia Política clássica, defeito compartilhado com a Economia vulgar, foi tomar a sociedade burguesa a-historicamente, foi tomá-la como a forma absoluta de produção, de não banhá-la no colorido mar da história e não confrontá-la com outras formas históricas de produção.

Em toda sociedade de classes a jornada de trabalho sempre estará dividida em jornada de trabalho necessária e jornada excedente, em trabalho para o próprio produtor direto e trabalho para o enriquecimento alheio. O que diferencia uma forma de sociedade de classes da outra não é seu conteúdo, este permanece imutável, o que as diferenciam entre si é apenas a forma como este conteúdo se efetiva, é apenas a forma de organização da produção e das relações sociais. O erro da Economia Política clássica foi tomar, inversamente, a forma como imutável e confundi-la arbitrariamente com o próprio conteúdo da sociedade burguesa, foi tomar a forma e o conteúdo como sinônimos e não ter feito a crítica da particularidade da forma burguesa.

Apenas na sociedade burguesa as relações entre explorador e explorado assumem a forma fantasmagórica de uma relação monetária entre homens livres. A forma-salário, ao apagar a diferença não perceptível ao olhar do homem comum entre jornada necessária paga e jornada excedente não-paga, conduz o operário a confundir o valor da força de trabalho com o próprio trabalho e a acreditar que entre ele e o patrão não existe uma relação de exploração.

---

[778] OC Ib, p. 123. MEW 23, p. 561.

> *Sobre essa forma de manifestação [Erscheinungsform], que torna invisível a verdadeira relação e mostra justamente o contrário dela, repousam todas as concepções jurídicas tanto do trabalhador como do capitalista, todas as mistificações [Mystifikationen] do modo de produção capitalista, todas as suas ilusões de liberdade [Freiheitsillusionen], todas as pequenas mentiras apologéticas da Economia vulgar.*[779]

Não é, como já alertamos anteriormente, a psicologia do trabalhador que o engana, mas, ao contrário, é a própria relação monetária que engana o trabalhador, levando-o a imaginar que vendeu ao patrão seu próprio trabalho e não sua força de trabalho, levando-o a imaginar que entre ele e o comprador de sua força de trabalho não existe uma relação de exploração, já que ele desconhece a diferença entre valor da força de trabalho e o trabalho criado por esta força, diferença apagada pela forma monetária da relação. *"A forma-salário [Form des Arbeitslohns] extingue [löscht], portanto, todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e trabalho não pago. Todo trabalho aparece [erscheint] como trabalho pago [bezahlte Arbeit]"*[780]. A forma-salário, ao confundir o valor da força de trabalho com o valor do trabalho, faz parecer que toda a jornada de trabalho é paga e não apenas uma parte dela e faz, assim, desaparecer tragicamente a relação de exploração entre capitalista e trabalhador. Entre ambos aparece a doce ilusão de liberdade e troca de equivalentes.

Marx volta novamente a delimitar a sociedade capitalista das sociedades do passado e encontrar nesta delimitação, a diferença específica do capital. No feudalismo, onde a relação entre senhor e servo era uma relação simples e direta, sem a mediação do mercado, o servo sabe desde o início que apenas uma parte de seu trabalho lhe pertence e que deve entregar a outra parte ao senhor feudal. No feudalismo não se produz mercadorias, o produto do trabalho do servo não se bifurca em valor de uso e valor de troca, as relações sociais, apesar do fardo religioso, não assumem formas fantasmagóricas de expressão, o produto do trabalho do servo é unicamente valor de uso e a distribuição deste produto entre ele e a classe que lhe explora se realiza diretamente a vista de seus sentidos. Esta

[779] OC Ib, p. 124. MEW 23, p. 562.

distribuição não se esconde por trás de suas costas nem se realiza por fios invisíveis que ele desconhece.

Os tributos pagos pelo servo ao senhor feudal são pagos diretamente em produtos, a separação deste tributo das mãos do servo se realiza a vista de seus sentidos, o servo não se engana sobre quanto de seu próprio trabalho anual permanecerá com ele e quanto terá que entregar gratuitamente para o senhor feudal. O servo sabe claramente, apesar de todos os rodeios e truques religiosos do clero católico, quanto tempo de sua própria vida dedicou a enriquecer seu nobre senhor feudal, quanto de suas angústias e sofrimentos e quanto de sua própria personalidade será depositada nos celeiros dos barões da terra.

O mesmo ocorre na corvéia onde o trabalhador após trabalhar sua própria terra para si e para o senhor, terá ainda de trabalhar gratuitamente nas terras do mesmo senhor feudal. Nesta forma de exploração não se esconde nenhum segredo aos sentidos do camponês, todas as horas de labuta diariamente despendidas para enriquecer a família do senhor feudal e sua corte de preguiçosos estão marcadas na personalidade do trabalhador, estão marcadas em sua saúde e nas rugas de seu rosto. Todas as longas horas de trabalho gratuito, de trabalho para a graça do senhor, estão caladas no fundo de sua consciência. Não há força mistificadora alguma, mesmo a poderosa força do misticismo religioso, que o engane sobre quanto de sua própria personalidade é transportada anualmente nos carros de boi do senhor feudal, quanto tempo de sua vida e de sua família, faça sol ou faça chuva, verão ou inverno, foi dedicado na tarefa de agradar ao senhor. Nenhum gênio maligno é capaz de lograr sua consciência.

A consciência do servo de gleba aparece límpida e clara unicamente porque seu produto não é uma mercadoria, porque os sacos de trigo, de batatas, repolho etc., as cabeças de ganso, suas penas etc., aparecem para ele exatamente como o que são, como sacos de trigo, batatas, repolho, gansos etc. Seus produtos não se desdobram na forma enganosa do valor de troca nem se desdobram no gênero metafísico e abstrato da mercadoria. Seus produtos são produtos diretamente sociais já na sua forma natural e particular, eles não precisam ser lançados no qüiproquó infernal das trocas para se converterem em produtos de utilidade social e, por isso, não podem lhe enganar.

---

[780] OC Ib, p. 124. MEW 23, p. 562.

*"Na corvéia distinguem-se espacial e temporalmente, de modo perceptível para os sentidos, o trabalho do servo para si mesmo e seu trabalho forçado para o senhor da terra"*[781]. Por isso o servo camponês, apesar dos longos séculos de misticismo religioso, é menos alienado que nosso moderno operário de fábrica. Por isso no capitalismo, a religião oficial da classe dominante deixou de ser o cristianismo, ainda que ela, por se apoiar numa concepção abstrata do homem é a religião que melhor se adapta aos fundamentos do capitalismo, a religião oficial do capital é o dinheiro, a mais poderosa e fantástica força de ilusão e engano já produzida historicamente. Força que amarra o operário de fábrica às cadeias da opressão social com muito mais violência e eficácia que a arbitrária e ultrapassada religião cristã do feudalismo.

Algo semelhante ocorre com o trabalho escravo. O operário moderno é livre porque não é propriedade direta de nenhum patrão em particular. Ele é patrimônio do conjunto da classe capitalista. Dessa ausência legal de propriedade surge a ilusão de liberdade. O camponês feudal é servo porque, por um lado, não é patrimônio coletivo dos senhores feudais e, por outro, não é também patrimônio de nenhum deles em particular. Ele é servo porque é patrimônio da terra e esta não é patrimônio de ninguém. Na Idade Média a Terra é patrimônio de Deus que generosamente concedeu aos padres o direito de explorá-la. O escravo é propriedade direta de um senhor, é uma mercadoria alienável que se diferencia do arado e do boi de canga, e mesmo de outra mercadoria qualquer, apenas porque é uma mercadoria falante, porque é, na expressão dos antigos, um *instrumentun vocale*, um instrumento de trabalho falante.

No capitalismo o operário se apropria de parte de seu próprio trabalho mediante o intercâmbio monetário, intercâmbio que o leva a imaginar que o salário corresponde ao valor do trabalho realizado. O produto só retorna ao trabalhador após o qüiproquó da trocas. No feudalismo o servo camponês se apropria diretamente da parte que lhe corresponde no produto que ele mesmo produziu sem mediação social alguma, o produto não se separa dele retornando sob a forma enganosa do salário. No escravismo o produto por inteiro se separa do trabalhador retornando a ele na forma natural dos meios de subsistência indispensáveis.

---

[781] OC Ib, p. 124. MEW 23, p. 562.

Esta separação, por inteiro perceptível aos sentidos do escravo, o leva a conceber, erroneamente, que todo o seu trabalho é trabalho gratuito não pago. *"No trabalho escravo, a parte da jornada de trabalho em que o escravo apenas repõe o valor de seus próprios meios de subsistência, em que, portanto, realmente só trabalhou para si mesmo, aparece [erscheint] como trabalho para seu dono. Todo seu trabalho aparece [erscheint] como trabalho não pago [unbezahlte Arbeit]"*[782]. A relação jurídica de propriedade, perceptível aos sentidos do escravo, o induz ao erro de imaginar que toda a jornada de trabalho é jornada não paga. Com o operário ocorre algo inteiramente oposto e bizarro. Sua condição jurídica de homem livre o leva a imaginar que toda a jornada de trabalho é jornada de trabalho paga.

O que há de comum entre o escravo e o operário moderno é que ambos ignoram a divisão interna da jornada de trabalho entre jornada paga e não paga e necessária e gratuita. Um imagina que toda ela é não-paga, outro que toda ela é paga. *"No trabalho assalariado, ao contrário, mesmo o mais-trabalho ou trabalho não pago aparece como trabalho pago"*[783]. No regime escravocrata *"a relação de propriedade oculta o trabalho do escravo para si mesmo"*[784]. No regime capitalista, *"a relação de dinheiro oculta o trabalho gratuito do assalariado"*[785]. Num a relação é mistificada pela relação de propriedade, noutro pela relação monetária.

O erro de Smith e Ricardo na análise da sociedade capitalista foi o de não confrontarem a forma assalariada de trabalho com estas formas geradas pela história. Este aspecto a-histórico das concepções de Smith e Ricardo, que tomam a forma-salário e todas as formas que flutuam na superfície da sociedade burguesa como formas universais e fundamentais da Economia Política, constitui o maior de todos os seus defeitos. *"A Economia Política clássica aproxima-se da verdadeira relação das coisas, sem, entretanto, formulá-la conscientemente. Isso não lhe é possível enquanto ficar metida em sua pele burguesa"*[786]. O gênio de Marx foi mais longe que seus mestres unicamente por ter rompido com esta pele burguesa e se desvencilhado do fetiche da mercadoria, do dinheiro e do salário.

---

[782] OC Ib, p. 124 . MEW 23, p. 562.
[783] OC Ib, p. 124. MEW 23, p. 562.
[784] OC Ib, p. 124. MEW 23, p. 562.
[785] OC Ib, p. 124. MEW 23, p.562.
[786] OC Ib, p. 126. MEW 23, p.564.

JADIR ANTUNES

# DA POSSIBILIDADE À REALIDADE: O DESENVOLVIMENTO DIALÉTICO DAS CRISES EM *O CAPITAL* DE MARX

# VOLUME II

DOUTORADO EM FILOSOFIA
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS-SP, 04 DE AGOSTO DE 2005

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

**JADIR ANTUNES**

# DA POSSIBILIDADE À REALIDADE: O DESENVOLVIMENTO DIALÉTICO DAS CRISES EM *O CAPITAL* DE MARX

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Hector Benoit.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 04 de agosto de 2005.

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Alcides Hector R. Benoit (Orientador)
Prof. Dr. Fernando Antonio Novaes
Prof. Dr. Jorge Luis da Silva Grespan
Prof. Dr. Mauricio Chalfin Coutinho
Prof. Dr. Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr.
Prof. Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez (suplente)
Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto (suplente)

**CAMPINAS-SP, 04 DE AGOSTO DE 2005.**

BIBLIOTECA CENTRA
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

UNIDADE IFC
Nº CHAMADA
T/UNICAMP
An89d
V 2 EX
TOMBO BC/ 65820
PROC. 16-86-05
C D
PREÇO 11,00
DATA 30/9/05
Nº CPD

Bib ID 365589

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Antunes, Jadir

An89p Da possibilidade à realidade: o desenvolvimento dialético das crises em O Capital de Marx / Jadir Antunes. - - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Alcides Hector Rodriguez Benoit.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Dialética. 3. Capitalismo. 4. Economia marxista. 5. Crise econômica. 6. Capital (economia). 7. Socialismo. I. Benoit, Alcides Hector Rodriguez. II.Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(Sfm/ifch)

Palavras-chave em inglês (Keywords): Marx, Karl, 1818-1883
Dialetic
Capitalism
Economics marxian
Economic crisis
Capital (economics)
Socialism

Área de concentração: Filosofia.
Titulação: Doutor em Filosofia.
Banca examinadora: Fernando Antonio Novaes
Maurício Chalfin Coutinho
Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr.
Jorge Luis da Silva Grespan
Alcides Hector Rodriguez Benoit

Data da defesa: 04 de agosto de 2005

# 3. A REPRODUÇÃO DO CAPITAL

## 3.1. A ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

Até aqui a análise do processo de produção percorreu dois momentos antitéticos. Começamos pela circulação de mercadorias, analisamos sob que condição social é possível a compra e venda de força de trabalho livre. Supondo sua venda pelo próprio valor e realizado o contrato de trabalho, adentramos no interior da fábrica e analisamos o processo de consumo da força de trabalho e sua transformação em mais-valia. O capital, contudo, não tem como meta enriquecer produzindo mercadorias para si mesmo, ele tem como meta valorizar o valor e para isto é condição fundamental do processo que a mercadoria final seja posta para circular no mercado e realizar seu valor de troca. Realizado este, o dinheiro deve retornar à circulação e novamente se converter em meios de produção, deve reiniciar novamente o processo de compra e venda de força de trabalho, deve novamente entrar na esfera da produção e produzir nova massa de mais valia e, assim, sucessivamente.

A partir deste momento Marx passa a analisar o processo de conversão da mais-valia em capital, o processo de acumulação capitalista, a repetição do processo de valorização do capital e o momento sintético e totalizador do processo de exposição dialético. O primeiro momento totalizador do processo de exposição dialético, como indicamos oportunamente, fora alcançado por Marx ao final da exposição da Seção I do Livro Primeiro – Mercadoria e Dinheiro, com a análise da formação do dinheiro mundial no item 3.c do Capítulo III. A Seção II – A Transformação do Dinheiro em Capital inicia tendo como pressuposto o mercado mundial já constituído. Esta seção pode ser concebida como uma ponte entre as seções I e III, entre a esfera da circulação já decifrada e a esfera da produção a ser desvelada[787]. Na Seção I – Mercadoria e Dinheiro, temos o momento tético-positivo da exposição onde Marx expõe a sociabilidade burguesa em seu nível mais abstrato e aparente. Nas seções III a VI Marx desenvolve o segundo momento dialético da exposição, o momento antitético e negativo da exposição. Aí Marx penetra no interior da sociabilidade burguesa e a estuda em seus fundamentos internos, descobre a mais-valia e a

[787] Conforme as aulas do professor Hector Benoit no programa de pós-graduação da Unicamp.

complexa trama de contradições internas da sociedade burguesa, analisa o longo processo de formação de uma jornada de trabalho legalmente regulamentada, o desenvolvimento interno da sociedade capitalista e seus diferentes momentos históricos até atingir, na análise do salário, o ponto máximo de desmistificação, mostrando como as noções mais aparentes e superficiais do operário sobre a sociedade burguesa possuem como base a relação contratual de trabalho e a mediação monetária entre ele e o capital. Na última seção, a Seção VII – O Processo de Acumulação do Capital, Marx inicia o momento supremo do processo dialético, o momento totalizador e dissolutório do capital. Aqui, parafraseando o Manifesto Comunista, tudo o que é sólido se dissolve no ar, todas as provisórias e pequenas verdades admitidas como certas até este momento do processo são demolidas pela dialética da exposição.

A análise continua ainda num grau elevado de abstração, a sociedade burguesa e suas complexas contradições são tomadas em sua simplicidade, em sua constituição interna básica e em sua pureza de laboratório. As crises econômicas decorrentes da impossibilidade de realização de parte da mais-valia e do produto social permanecem abstraídas, elas permanecem como uma possibilidade abstrata e sua análise só poderá se efetivar, em parte, no Livro II e, completamente, no Livro III. O processo de reprodução social é suposto como normal, sem interrupções de ordem cíclica. *"É pressuposto, a seguir, que o capital percorra seu processo de circulação de modo normal. A análise mais pormenorizada desse processo pertence ao Livro Segundo"*[788].

A concorrência, deste modo, permanece abstraída e continua-se a pensar a sociedade capitalista em sua constituição geral fundamental, as classes são concebidas como homogêneas, o capital é concebido como capital em geral e a multiplicidade de capitais e a concorrência que dela surge continuam abstraídas. A única forma de oposição e conflito social que permanece é a que existe entre a classe dos capitalistas em geral contra a classe trabalhadora em geral. Os conflitos internos por novos mercados e clientes dentro da classe capitalista continuam abstraídos.

Do mesmo modo permanecem abstraídos os conflitos gerados pela repartição da mais-valia dentro da classe capitalista, ou mesmo com outras classes como o proprietário fundiário. A análise das diferentes partes em que se fragmenta a mais-valia e a

[788] OC Ib, p. 143. MEW 23, p. 589.

luta em torno de sua repartição está destinada ao Livro Terceiro. *"A mais-valia divide-se, portanto, em diferentes partes. Suas frações cabem a categorias diferentes de pessoas e recebem formas diferentes, independentes umas das outras, tais como lucro, juro, ganho comercial, renda da terra etc. Essas formas modificadas [verwandelten Formen] da mais-valia somente podem ser tratadas no Livro Terceiro"*[789].

Apesar da análise ganhar um novo momento totalizador, ela permanecerá ainda num alto grau de abstração. Este momento, contudo, pode ser concebido como um momento de elevada concreção, já que é o resultado da síntese dos dois momentos anteriores da exposição (Mercadorias Circulação e Dinheiro e A Produção da Mais-valia). No interior do Livro Primeiro ela representa o momento de mais elevada concretização dialética. No interior do conjunto dos três livros de *O Capital*, ela ainda permanece abstrata e provisória. Como o único capital que existe em nossa análise até aqui é o capital em geral, a multiplicidade colorida fora abstraída e só será posta nos dois livros seguintes, o fabricante capitalista se apropria diretamente, sem dividir com nenhum de seus irmãos inimigos, a mais-valia por inteiro. *"Encaramos, portanto, de início a acumulação em abstrato, isto é, como mero momento do processo direto de produção"*[790]. A exposição continua num alto grau de abstração, isto é, desconsiderando os fenômenos da realização e distribuição da mais-valia, porque *"o fracionamento da mais-valia e o movimento mediador da circulação obscurecem [verdunkeln] a simples forma básica do processo de acumulação. Por isso, sua análise pura exige a abstração provisória de todos os fenômenos que escondem o jogo interno [innere Spiel] de seu mecanismo"*[791]. Somente após decifrado o jogo interno das contradições a análise poderá retornar á superfície mais sensível da sociedade burguesa, ao mercado e a luta concorrencial, para julgá-la e condená-la por sua própria história. Momento que será inteiramente posto apenas nos Livros II e III.

### 3.1.1. A reprodução simples

*Qualquer que seja a forma social do processo de produção, este tem de ser contínuo ou percorrer periodicamente, sempre de novo, as mesmas fases.*

[789] OC Ib, p. 143. MEW 23, p. 589.
[790] OC Ib, p. 143/144. MEW 23, p. 590.
[791] OC Ib, p.144. MEW 23, p. 590.

> *Uma sociedade não pode parar de consumir, tampouco deixar de produzir. Considerado em sua permanente conexão e constante fluxo de sua renovação, todo processo social de produção é, portanto, ao mesmo tempo, processo de reprodução.*[792]

Nenhuma forma de sociedade pode, sem deixar de entrar em colapso, abandonar a constante repetição do processo de produção e recriação das condições de sua existência. Cada forma particular de sociedade possui sua forma particular de reprodução. *"Se a produção tem forma capitalista, então a terá a reprodução"*[793]. Nossa análise, então, procurará desvendar como determinada forma de sociedade, a sociedade capitalista, se reproduz anualmente. O produto social de nossa sociedade pode ser divido em três partes. Segundo o valor de uso ele pode ser divido em: 1) fundo de manutenção do capital, 2) fundo de consumo dos operários e, 3) sobreproduto social. Do ponto de vista do valor ele pode ser decomposto nas seguintes partes: 1) capital constante, 2) capital variável e, 3) mais-valia.

A reprodução do capital ocorre de modo simples quando toda a mais-valia do capital é consumida sob a forma de renda. O capital consome a mais-valia como renda quando toda ela é despendida em seu consumo pessoal privado. Deste modo a mais-valia é consumida improdutivamente. A reprodução pode ocorrer de maneira ampliada. Isto ocorre quando parte da mais-valia é convertida em capital, em meios de produção e consumo adicionais destinados a ampliar a escala de produção. Deste modo a mais-valia é consumida produtivamente.

Contudo, embora a reprodução simples seja uma mera repetição do processo de produção numa escala inalterável, a mera análise da reprodução simples do capital imprime ao processo de valorização do valor notáveis modificações em toda a exposição conduzida até aqui. *"Embora esta seja mera repetição do processo de produção na mesma escala, essa mera repetição ou continuidade imprime ao processo certas características novas ou, antes, dissolve as características aparentes que possui como episódio isolado"*[794]. A análise do processo de reprodução simples do capital produz uma inversão

---

[792] OC Ib, p. 145. MEW 23, p. 591.
[793] OC Ib, p. 145. MEW 23, p. 591.
[794] OC Ib, p. 146. MEW 23, p. 592.

completa em todas as verdades provisoriamente aceitas até aqui, a principal delas, ao que nos parece, diz respeito à vigência da lei do valor e a troca de equivalentes na sociedade capitalista.

Entre os economistas modernos a principal crítica dirigida à Economia Política de Marx relaciona-se à vigência da lei do valor nas condições em que predomina a organização racional da produção, seja pelos grandes monopólios, pelo Estado ou pelo capital financeiro. Na concepção destes críticos a lei do valor e *O Capital* de Marx possuíam uma legitimidade histórica apenas no chamado período da livre concorrência do capitalismo. A partir do final do século XIX, com a emergência dos grandes monopólios internacionais, a lei do valor deu lugar a uma política de fixação de preços que não passa mais pelas tortuosas relações de mercado analisadas exaustivamente por Marx. Na concepção destes críticos com a emergência dos monopólios os preços passaram a receber uma determinação exterior e arbitrária às determinações postas pela lei do valor trabalho, eles passaram a ser fixados burocraticamente pelos departamentos financeiros do Estado, dos grandes monopólios e do capital financeiro.

Até que ponto, porém, poderíamos nos perguntar, as análises de Marx sobre a vigência da lei do valor trabalho são válidas unicamente para a época da livre concorrência? Até que ponto vivemos numa época histórica, a época dos monopólios e do capital financeiro, diferente da época de Marx? Até que ponto esta dicotomia histórica, livre concorrência versus monopólios, tem sentido para *O Capital* de Marx? Até que ponto existe troca entre capital e trabalho? Até que ponto a livre transação entre capital e trabalho não é uma pura aparência?

Para que o capital possa se valorizar como capital ele precisa metamorfosear dialeticamente a fórmula M-D-M, a fórmula que fundamenta a lei do valor e da troca de equivalentes, na fórmula D-M-D', na fórmula do capital e da troca de não-equivalentes. O capital em geral reproduz a lei do valor e defende-a como uma instituição sua, unicamente para poder com ela extrair mais-valia por meio da troca de não-equivalentes. A lei do valor e da troca de equivalentes em sua forma pura só operam na imaginação da Economia vulgar e na esfera aparente e superficial do mercado. Na esfera mais interna e imanente do capital opera a lei da troca de não-equivalentes, opera sua metamorfose dialética em troca de não-equivalentes. Vejamos como isto ocorre.

Admitindo que o trabalhador recebe seu salário antes de começar o processo de produção, no início e não ao final da jornada contratada portanto, então o salário recebido pelo trabalhador aparece como um adiantamento do patrão e, consequentemente, como um custo de produção para o capital. Com a análise da reprodução social do capital a primeira aparência de verdade que será destruída pela dialética impiedosa de Marx será, então, a falsa noção do salário como adiantamento e custo de produção. Contudo, como o operário recebe o salário somente após decorrido determinado período de produção, somente após produzir, o capital o paga com a própria produção já realizada pelo operário. No final do processo de produção o operário terá produzido tanto a mais-valia quanto o próprio capital variável que o capital lhe "adiantou". O salário do trabalhador, deste modo, não é um custo de produção ou adiantamento, mas, *"é uma parte do produto reproduzido continuamente pelo próprio trabalhador, que reflui constantemente para ele na forma de salário... É com seu trabalho da semana anterior ou do último meio ano que seu trabalho de hoje ou do próximo meio ano será pago"*[795]. O "trabalho", portanto, apesar das lágrimas e lamentações piedosas do capital, não é um custo de produção, ele nada custa ao capital, pois ele é produzido e reproduzido sistematicamente pelo próprio operário que o recebe na forma enganosa de adiantamento. A consciência do trabalhador é enganada com a noção de adiantamento porque *"a forma mercadoria do produto e a forma monetária da mercadoria disfarçam a transação [die Warenform des Produkts und die Geldform der Ware verkleiden die Transaktion]"*[796]. A falsidade da noção de salário como adiantamento cai abaixo apenas pondo o processo de produção em movimento, repetindo-o uma segunda vez, pois o que o patrão "adianta" é valor criado pelo próprio trabalhador.

A segunda aparência que se esvai na dialética da exposição é a que concebe o fundo de consumo na forma de capital variável como o modo absoluto de existência deste fundo, que concebe a separação do produto do trabalho do operário sob a forma de capital e sua restituição sob a forma de salário, como uma característica comum a todas as formações históricas. Marx demonstra a falsidade de tal concepção comparando o processo de reprodução do trabalho de um servo camponês submetido à corvéia com o trabalho assalariado. Se o servo trabalhar durante 3 dias da semana em seu próprio campo com seus próprios meios de produção e 3 dias nas terras do senhor, ele reproduz seu próprio fundo de

[795] OC Ib, p. 146. MEW 23, p. 592.

consumo sem que este assuma, no entanto, a forma de capital variável adiantado, a forma de um produto que por fios invisíveis dele se separa retornando na forma fantasmagórica do salário. *"Ele reproduz constantemente seu próprio fundo de trabalho e este, em relação a ele, não assume nunca a forma de meios de pagamento adiantados por um terceiro, por seu trabalho. Em compensação, seu trabalho forçado não-pago não assume nunca a forma de trabalho voluntário pago"*[797].

Algo absolutamente oposto ocorre na consciência do operário e da Economia vulgar. Se o mesmo trabalho deste camponês se converter em trabalho assalariado para o senhor feudal, o trabalho forçado assumirá a forma de trabalho voluntário e pago e o fundo de consumo reproduzido pelo próprio operário aparecerá na forma de salário como um generoso adiantamento do capital. A vulgaridade do economista burguês se manifesta em sua incapacidade de *"distinguir a forma de manifestação do que nela se manifesta"*[798].

A terceira aparência que se desvela é a noção de que a mais-valia do capital provém da renda fornecida constantemente por seu primeiro capital. Se a mais-valia anual de um capital qualquer de 1.000 libras esterlinas for de 200 libras e se o capitalista consumir anualmente na forma de renda esta mesma massa de mais-valia, ao longo de apenas 5 anos todo o capital primitivo deste capitalista terá se dissolvido na esfera do consumo improdutivo. O valor de 1.000 libras que permanecer sob a forma física de meios de produção será composto por pura mais-valia, nele não restará nenhum átomo do valor antigo, este fora consumido pelo próprio capitalista, o que restará como valor será trabalho novo criado pelo operário e sem equivalente. *"Ao final de certo número de anos, o valor do capital que possui é igual à soma da mais-valia apropriada durante o mesmo número de anos, sem equivalente, e a soma do valor consumido por ele é igual ao valor do capital original... Não subsiste nenhum átomo de valor de seu antigo capital"*[799].

A confusão na consciência do operário, e ainda do capitalista e do economista vulgar que nisto tem interesse, deve-se à incapacidade de distinguir a diferença entre a forma exterior do valor de uso e a forma valor do capital. O que permanece em pé ano após ano é a forma sensível, é o valor de uso do capital. O equivalente em valor do

---

[796] OC Ib, p. 146. MEW 23, p. 593.
[797] OC Ib, p. 146. MEW 23, p. 593.
[798] OC Ib, p. 147. MEW 23, p. 594.
[799] OC Ib, p. 147. MEW 23, p. 595.

capital inicial pode ser todo consumido improdutivamente em poucos anos pelo capitalista. A mera análise da reprodução simples, abstraindo toda acumulação de capital que possa normalmente ocorrer, nos fornece a prova de que após certo período de anos todo capital que permanece ativo é mais-valia capitalizada, é trabalho não-pago convertido em capital, é tempo de vida e sofrimento da classe trabalhadora objetivado em novos meios para explorá-la. O capitalista, acompanhado por seus propagandistas e apoiando-se na confusão entre valor de uso e valor do capital, prega astutamente que a mais-valia que ele recebe anualmente é uma renda obtida, magicamente, por seu primeiro capital, por aquele capital que ele virtuosamente conseguira através de seu próprio trabalho, pela sorte que misteriosamente sempre lhe acompanha, por herança etc.

A mera repetição do processo de produção, sua continuidade ao longo do tempo nos revela, contudo, algo absolutamente oposto.

A mera repetição do processo,

> *transforma após um período mais ou menos longo necessariamente todo capital em capital acumulado ou mais valia capitalizada. Se, ao entrar no processo de produção, ele tenha sido propriedade pessoal adquirida mediante trabalho de seu aplicador, mais cedo ou mais tarde torna-se valor apropriado sem equivalente ou materialização, seja em forma monetária ou outra, de trabalho alheio não-pago.*[800]

Se a lei do valor e a troca de equivalentes atuassem de modo direto, sem metamorfose, ao longo de certo período de anos todo capital que ainda permanecesse ativo seria por direito propriedade do operário. Como a lei do valor e da troca de equivalentes atuam em sua forma modificada, atuam metamorfoseada como troca capitalista, a mais-valia e o capital original permanecem como propriedades do capitalista.

A quarta aparência que se esfumaça no ar é a falsa noção de casualidade na relação de produção capitalista no interior da sociedade capitalista já formada, a falsa noção de que capitalista e trabalhador saem ao final do processo de produção como tais por mera casualidade. A análise anterior desmistificou a falsa noção de que a riqueza anual do

[800] OC Ib, p. 148. MEW 23, p. 595.

capitalista e a conservação intocada de seu capital provêm de sua infalível virtuosidade para os negócios e para o trabalho. Agora trata-se de desmistificar o oposto, de que a falta de sorte do operário na sociedade capitalista deve-se a sua baixa virtuosidade para a vida burguesa, que a existência do operário enquanto tal não é uma fatalidade mas um acaso possível de ser evitado. Marx aqui nos convida a recordar o ponto de partida tomado como princípio no capítulo IV do Livro Primeiro.

A relação capitalista, como vimos, principia na esfera do mercado de compra e venda de força de trabalho e não de trabalho. Como vendedor de força de trabalho o operário defrontava-se perante o capitalista completamente despojado de qualquer meio de produção objetivo. Ele aparecia no mercado como uma força de trabalho livre e proprietária unicamente de sua própria força de trabalho. O capitalista, por seu lado, aparecia como dono de todos os meios e condições objetivas necessários para a execução do trabalho, dos meios de produção, subsistência, circulação etc. *"O divórcio [Scheidung] entre o produto do trabalho e o próprio trabalho, entre as condições objetivas do trabalho e sua força subjetiva de trabalho, era a base [Grundlage] realmente dada, o ponto de partida do processo de produção"*[801]. Contudo, tal separação não se dissolve após o processo de produção, o ponto de partida original, seu princípio, se conserva intocável durante o processo de reprodução do capital.

A mera repetição do processo repete constantemente o princípio fundamental do capital, a separação do produtor dos produtos de seu trabalho e dos meios de produção. Ao final do processo de produção o operário necessariamente sai como operário, despojado como entrou, e o capitalista necessariamente sai como capitalista, como proprietário dos meios de produção, como entrou, e ainda, como proprietário da nova riqueza material recém produzida pelo operário. Por um lado, aquele que trabalhou e produziu a riqueza material sai pobre e despojado como entrou, por outro, a mesma riqueza se transforma em fonte de satisfação e prazer para aquele que não trabalhou. Tragicamente o próprio trabalhador produz, sem saber e sem intenção, sua própria escravidão ao produzir ele mesmo os meios de produção que nas mãos do capitalista servirão como capital, como novos meios de exploração do operário.

---

[801] OC Ib, p. 148. MEW 23, p. 595.

> *O próprio trabalhador produz, por isso, constantemente a riqueza objetiva como capital, como poder estranho, que o domina e explora, e o capitalista produz de forma igualmente contínua a força de trabalho como fonte subjetiva de riqueza, separada [getrennte] de seus próprios meios de objetivação e realização, abstrata, existente na mera corporalidade do trabalhador, numa só palavra, o trabalhador como trabalhador assalariado. Essa constante reprodução ou perpetuação do trabalhador é a condição sine qua non da produção capitalista.*[802]

Eis o segredo mais íntimo e oculto da sociedade capitalista: o trabalhador deve necessariamente existir e ser reproduzido como trabalhador despojado, como mera possibilidade abstrata para o trabalho, como força unicamente subjetiva para o trabalho, e o capitalista, por sua vez, deve necessariamente sair como proprietário exclusivo de todos os meios de produção objetivos da riqueza. A repetição do processo de produção deve necessariamente reproduzir as relações de produção. Esta é uma condição fundamental e intocável para a livre fluidez da produção capitalista. Imaginar que a reprodução do capital possa reproduzir o operário como não-trabalhador e o capitalista como não-capitalista é fantasiar sobre a ordem capitalista e suas impiedosas necessidades.

Esta separação e oposição absoluta entre capital e trabalho constitui, como já demonstramos, não apenas a condição *sine qua non* da produção capitalista mas, ainda, a fonte mais íntima de todas as suas principais contradições, entre elas a contradição que fundamenta as crises de superprodução. Como a separação da riqueza material das mãos do próprio trabalhador e sua conversão em meio de exploração não é mera casualidade possível de ser evitada, mas, sim, uma necessidade e constância do capital, também as crises oriundas desta contradição não aparecem como mera casualidade, mas, sim, como uma conseqüência inevitável desta separação. Imaginar que as crises por excesso de produção possam ser evitadas significa o mesmo que imaginar que a oposição inconciliável entre capital e trabalho possa, do mesmo modo, ser evitada convertendo o trabalhador em não-trabalhador e o capitalista em não-capitalista. Condição completamente absurda para a reprodução normal do capital.

---

[802] OC Ib, p. 148. MEW 23, p. 596.

Nas sociedades pré-capitalistas as crises de superprodução são um fenômeno ausente porque a contradição entre trabalhador e não-trabalhador é inteiramente diferente. Entre as sociedades do mundo antigo parte do excedente da produção era consumida improdutivamente entre os próprios trabalhadores. Este era o caso do antigo Egito, como já demonstramos, onde a quase totalidade do excedente, se não era consumida pela casta sacerdotal e pela realeza, era destinada à manutenção dos trabalhadores ocupados na construção de grandes obras públicas de irrigação, em palácios e túmulos para a realeza, etc. Entre os gregos e romanos parte do excedente expropriado via tributação e exploração do trabalho escravo era do mesmo modo consumido, quando não improdutivamente pelas grandes legiões de soldados, na construção de grandes templos, estradas, palácios, cidades etc. O excesso da produção não era estocado nos armazéns e deixado apodrecer porque seu excesso poderia pressionar os preços para baixo e provocar uma crise econômica ainda pior. Na sociedade capitalista a estocagem de alimentos e outros produtos não pode, de modo algum, ser lançada na esfera do consumo sem provocar uma crise de superprodução ainda maior. Se isto ocorresse estimularia o capital individual a produzir mais ainda e a abarrotar novamente o mercado com produtos em excesso. No mundo antigo a estocagem de alimentos podia, sem provocar nenhum abalo nas relações de produção, ser distribuída entre os membros mais pobres da população. Isto era o que normalmente acontecia em Roma nos tempos do Império quando o Estado, para evitar a rebelião da plebe contra os patrícios, distribuía não apenas circo, mas também pão entre eles.

Este mesmo fenômeno é absolutamente inconciliável com a sociedade capitalista. Aqui, como o que impera é o valor de troca, sua distribuição em massa entre a população trabalhadora mais empobrecida provocaria dois efeitos desastrosos para a ordem capitalista: em primeiro lugar, a queda do estoque regulador estimularia ainda mais a produção entre os capitalistas do ramo de alimentos, inundando novamente o mercado e reproduzindo a crise por excesso de produção. Aconteceria algo semelhante ao que acontecia nos tempos da peste negra na Europa, quando o Estado passou a comprar cada rato morto pela população. Em pouco tempo a criação de ratos transformou-se num excelente negócio brilhantemente explorado pela população. A peste negra não desapareceu, mas os negócios com ratos, estimulados pelas compras do Estado, em compensação, cresceram assustadoramente. Em segundo lugar isto diminuiria o estímulo do

trabalhador para o trabalho já que agora, com sua necessidade alimentar assegurada, a coerção social que o obriga a trabalhar para outros está, contraditoriamente, relaxada pelo próprio capital. Este fenômeno pode ser muito bem comprovado em nossa época com o sistema de seguro-desemprego na Europa. Se por um lado a massa salarial e de consumo cresce com este sistema, evitando a violência das crises por excesso de produção, por outro lado, o mesmo trabalhador se torna cada vez mais indisposto para o trabalho alienado. A saída para o capital é preencher esta indisposição de seu operário nacional com a disposição do trabalhador estrangeiro mais barato.

A quinta aparência de verdade que com a simples repetição do processo de produção se desmancha como bolha de sabão no ar é a falsa noção de que o consumo individual do operário é um consumo improdutivo. Do ponto de vista da Economia Política burguesa o consumo do operário é de dupla espécie: por um lado, ele consome com seu trabalho durante o processo de produção os meios de produção que passam constantemente por suas mãos, transformando-os em produtos de valor mais elevado que o valor originalmente adiantado. Este consumo é um consumo produtivo, já que é um consumo que valoriza o valor. Por outro lado, o operário, com seu salário, adquire meios de subsistência e os consome em seu lar. Este é seu consumo individual e improdutivo. No consumo produtivo o operário atua simultaneamente como força motriz do capital e como força produtiva para a satisfação alheia. No consumo individual, no entanto, segundo a Economia Política burguesa, o operário goza em seu próprio proveito de um consumo que é para si e não para o capital, o operário se pertence livremente a si mesmo e não mais ao capital, satisfaz suas necessidades e não as do capital. Fora do processo de produção executa uma função vital para si próprio, vive um momento de liberdade.

Essa aparência se dissolve, no entanto, analisando duas situações. Assim como a maquinaria deve ser abastecida de matéria prima e auxiliares, deve ser lubrificada, etc., também o operário deve, em algum momento do processo de produção, reabastecer e recuperar suas energias para o trabalho. Ele abastece sua corporalidade viva de meios de subsistência como se abastece uma máquina para o trabalho. *"Nesse caso, seus meios de consumo são simples meios de um meio de produção; seu consumo individual, consumo diretamente produtivo"*[803]. Isso, no entanto, aparece como algo brutal e desumano: o ser

[803] OC Ib, p. 149. MEW 23, p. 597.

humano é comparado a uma máquina que consome, não carvão e óleo, mas meios de subsistência. Se essa desumanidade do capital parece ofender nossa singela sentimentalidade, *"a coisa muda de figura quando tão logo consideramos não o capitalista individual e o trabalhador individual, mas a classe capitalista e a classe trabalhadora, não o processo de produção da mercadoria isolado, mas o processo de produção capitalista, em seu fluxo e em sua dimensão social"*[804].

Aqui está anunciada a importantíssima mudança de enfoque realizada por Marx nesta última seção de *O Capital,* a *Seção VII.* O processo de exposição seguiu até aqui tomando como base a relação de produção que existe entre um capitalista individual e um trabalhador, ou categoria de trabalhadores, individualmente. As classes sociais em seu conjunto estavam abstraídas, estavam apenas pressupostas e representadas na figura de dois personagens individuais centrais: o capitalista e o trabalhador individual. Até este ponto o trabalhador assalariado fora concebido como livre porque sua relação de subordinação a um patrão individual permitia-lhe certos movimentos que nenhuma classe social dominada do passado obtivera. A partir desta altura da exposição, a totalidade das classes sociais não está apenas pressuposta e implícita, elas estão agora inteiramente postas e em oposição direta e inconciliável.

O jornaleiro do final da Idade Média européia estava preso por toda sua vida ao regime das corporações de ofício. Mudar de mestre, de profissão e mesmo de cidade sem o consentimento da corporação era uma violação legal severamente punida por seus companheiros. O trabalhador era livre para ser aquilo que a corporação permitia sê-lo. O servo camponês estava ferreamente preso a terra, ele era, como o celeiro, o arado e a junta de bois, um elemento dela, se a abandonasse o senhor feudal tinha o direito de caçá-lo, castigá-lo e obrigá-lo a voltar para o lote de terra e lá permanecer com sua família pela eternidade. O escravo geco-romano estava, senão mais, tão alienado de sua própria personalidade quanto o servo, com a diferença de que ele era, como a junta de bois e a carroça, uma mercadoria de propriedade do senhor de escravos que poderia ser prontamente alienada. *"O escravo romano estava preso por correntes a seu proprietário, o trabalhador assalariado o está por fios invisíveis. A aparência de que é independente é mantida pela*

[804] OC Ib, p. 149. MEW 23, p. 597.

*mudança contínua dos patrões individuais e pela fictio juris do contrato"*[805]. O servo camponês asiático se não era propriedade privada de um senhor de escravos, era propriedade inalienável do Estado, e se não estava condenado pela eternidade a ser parte de um medíocre lote de terra estava preso, do mesmo modo eterno, a um odioso regime de castas imutável, natural e hereditário.

A aparência de liberdade do operário moderno se deve à circunstância de que ele não está formalmente preso a nenhum meio de produção objetivo como a terra, não é propriedade jurídica de nenhum capitalista em particular, não está formalmente preso a nenhum regime corporativo fixo e imutável, nem tampouco está impedido de migrar de uma região industrial para outra, de uma profissão para outra ou de um patrão para outro. Esta aparência de liberdade cai, contudo, se analisarmos a relação pura entre as classes, se as confrontarmos em sua totalidade, se pormos frente a frente a classe trabalhadora em geral e a classe dos capitalistas em geral.

Posta as classes desta maneira então o consumo individual do trabalhador se converte não em momento de sua liberdade, mas, sim, em seu oposto, em momento de reprodução de uma necessidade imante ao sistema de produção, ao momento em que a substância viva e criadora do valor deve reabastecer suas energias para poder produzir e reproduzir continuamente valor excedente para o capital. Se o trabalhador não reabastecer diariamente sua corporalidade viva com novas energias, estará absolutamente impedido de retornar ao trabalho para lá continuar a valorizar o valor do capital. Se o consumo individual do trabalhador se realiza dentro da fábrica como uma máquina ou se realiza fora da fábrica, no lar do trabalhador, é algo secundário para o capital.

> *Esse consumo é produção e reprodução do meio de produção mais imprescindível ao capitalista, o próprio trabalhador. O consumo individual do trabalhador continua sendo, pois, um momento da produção e reprodução do capital, quer ocorra dentro, quer fora da oficina, da fábrica etc., quer dentro quer fora do processo de trabalho, exatamente como a*

[805] OC Ib, p. 150. MEW 23, p. 599.

*limpeza da máquina, se esta ocorre durante o processo de trabalho ou durante determinadas pausas do mesmo.*[806]

A desumanidade reificante do capital se manifesta de modo odioso quando podemos, deste modo, conceber como satisfatório para o capital, e não para o próprio trabalhador, que toda melhoria nas supostas condições de existência fora da fábrica se convertem todas em melhorias nas condições de exploração de seu principal meio de produção, a força viva de trabalho do operário, quando qualquer melhoria de caráter humanizador fora da fábrica se converte em seu oposto, em novas cadeias para o operário e sua família.

O consumo individual do trabalhador, deste modo, só é produtivo para o capital, pois é produtor de liberdade e riqueza unicamente para ele. Para o operário seu consumo individual é absolutamente improdutivo já que reproduz constantemente as cadeias que lhe amarram ao capital. *"De fato: o consumo individual do trabalhador é para ele mesmo improdutivo, pois reproduz apenas o indivíduo necessitado; ele é produtivo para o capitalista e para o Estado, posto que produz a força produtora de riqueza alheia"*[807]. Deste modo, toda atividade humanitária oferecida fora da fábrica à classe trabalhadora pela piedade alheia se converte, tragicamente, em novos meios de escravidão, entorpecimento e alienação do trabalhador. Efetivamente, o trabalhador pode dispensar, sem temor, a piedade alheia para salvá-lo.

*"Do ponto de vista social, a classe trabalhadora é, portanto, mesmo fora do processo direto de trabalho, um acessório do capital [Zubehör des Kapitals], do mesmo modo que o instrumento morto de trabalho"*[808]. Se o servo camponês de gleba era visto pelo senhor feudal como um acessório da terra que não podia se separar dela, o trabalhador assalariado é visto agora pelo capital como um simples acessório seu, como uma máquina orgânica que possui necessidades, podendo ser dispensado e tratado como se trata e se dispensa uma máquina mecânica. Como uma máquina viva, como um instrumento de produção autoconsciente, diferente do escravo e do servo medieval, concebidos como simples instrumentos de produção, o escravo como *instrumentun vocale* e o servo como

[806] OC Ib, p. 149. MEW 23, p. 597.
[807] OC Ib, p. 150. MEW 23, p. 598.
[808] OC Ib, p. 150. MEW 23, p. 598.

acessório simples da terra, fora da fábrica, contudo, o trabalhador está, até certo ponto, fora do alcance da ação do capital, está para além de certos limites que o capital não pode transpor. *"Mesmo seu consumo individual, dentro de certos limites, é apenas um momento do processo de reprodução do capital. O processo, porém, faz com que esses instrumentos de produção autoconscientes [selbstbewußten Produktionsinstrumente] não fujam ao remover constantemente seu produto do pólo deles para o pólo oposto do capital"*[809]. (Grifo nosso).

Uma sutil e fundamental questão está aqui implícita nesta curtíssima passagem que pensamos ser necessário refletir. Se por um lado o consumo individual do operário fora da fábrica é concebido por Marx como um momento necessário ao processo de reprodução do capital, como um momento que serve ao capital e não ao trabalhador, se deste modo podemos chegar a conceber a completa ausência de liberdade para o trabalhador na sociedade capitalista, por outro lado, Marx está pondo certos limites a esta mesma conversão absoluta do tempo livre em tempo para o capital.

No começo do processo de exposição, na medida em que abstraíamos a totalidade das classes em confronto e expúnhamos apenas capitalistas e trabalhadores individualmente relacionando-se entre si, o trabalhador aparecia como um sujeito livre e dono de seu próprio destino. Como homem livre não estava coagido legalmente a vender sua força de trabalho a nenhum patrão particular. Do mesmo modo poderia dispor, de acordo com sua vontade livre, o melhor uso para seu tempo livre, se para o capital e o trabalho ou para si mesmo. Esta aparência de liberdade foi negada pondo não simples indivíduos representando as classes, mas, as classes mesmas, sua totalidade concreta. Esta mudança no plano da exposição transformou toda ilusão de tempo livre para o trabalhador em tempo necessário para o trabalho e o capital. Transformou nosso trabalhador abstrato, livre e sujeito da ação em um homem reificado e mecanizado. Sua ação e vontade livre que apareciam inicialmente foram negadas e convertidas em ações de um autômato, em ações de um homem que realiza, sem saber, as ações determinadas por um sujeito exterior, o ser capital.

Agora, contudo, Marx aponta, nesta curtíssima passagem, uma mediação importante. O processo de reificação absoluta do momento anterior é novamente negado e o

[809] OC Ib, p. 150. MEW 23, p. 598/599.

trabalhador livre e consciente é reposto novamente. A negação é negada e a liberdade é reposta não mais como ilusão mas como possibilidade. Este movimento está implícito nas palavras *"dentro de certos limites"* e *"instrumentos de produção autoconscientes"*. O processo de reificação absoluta e de transformação do operário em um simples autômato que executa, mesmo fora da fábrica, ações que estão determinadas por uma vontade e consciência que não é a dele, que é do capital, agora aparece condicionado por certos limites. Que limites são estes? Marx não os aponta, contudo podemos pensá-los a partir da dialética contida no próprio processo de reprodução da força de trabalho que ocorre fora da fábrica.

A grande mudança histórica trazida pelo capital, que até certo ponto apaixona Marx pela classe trabalhadora e pela própria disciplina da História, é que ele foi a primeira força histórica a criar a possibilidade de converter o trabalhador numa força não apenas econômica mas, sobretudo, numa força subjetiva e consciente da história, foi a circunstância do capital ter criado pela primeira vez na história uma classe trabalhadora que não fosse um simples instrumento animado de produção mas, sobretudo, um *"instrumento de produção autoconsciente"*, um instrumento de produção que não fosse apenas sujeito inconsciente da história, como tem sido a história até aqui, mas um sujeito capaz de tomar consciência de sua natureza abstrata e subjetiva.

*"No regime escravista, diz Marx nos Grundrisse, o trabalhador não é outra coisa que uma máquina viva de trabalho, que portanto tem um valor para outro ou mais bem, é um valor"*[810]. Como escravo o trabalhador é propriedade particular do patrão e faz parte das condições objetivas de trabalho. O escravo não existe, portanto, como elemento subjetivo da riqueza e, como tal, não tem necessidade de exteriorizar uma personalidade que não possui. *"Como totalidade de manifestação de energia, como capacidade de trabalho, esse trabalhador é uma coisa pertencente a outro e por fim não se comporta como sujeito ante a manifestação de sua energia particular ou ante a ação viva de trabalho"*[811].

O servo não se comporta frente as condições de trabalho de modo diferente do escravo. Se, diferente do escravo, não faz parte da propriedade do senhor continua fazendo parte dos meios objetivos de trabalho como acessório da terra. Não se põe ainda

[810] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.

como sujeito do processo. *"Na relação servil o trabalhador aparece como um elemento da propriedade da terra, é um acessório da terra, inteiramente igual aos animais de tiro"*[812]. Como o escravo o servo não é ainda uma pessoa subjetiva, mas, sim, mero instrumento de trabalho.

O escravo e o servo de gleba não são, ainda, concebidos como pessoas subjetivas, mas, sim, meramente como animais de trabalho. Como não foram ainda inteiramente separados das condições objetivas para o trabalho, tanto o escravo quanto o servo de gleba não podem voltar-se reflexivamente sobre estas condições. Se, por um lado, fazem parte das condições objetivas de trabalho, por outro lado, ainda não se converteram em sujeitos capazes de refletirem sobre este mesmo trabalho. Por estar absolutamente separado das condições objetivas para o trabalho, o operário livre e assalariado foi convertido em pessoa pelo capital. Diferente da escravidão e da servidão a capacidade de trabalho é agora propriedade do trabalhador assalariado e, por isso, este tem interesse em saber sob que condições sua energia e personalidade serão manifestadas. Por estarem fora de uma relação de intercâmbio e existirem como meros instrumentos objetivos de trabalho, escravo e servo de gleba nunca se enfrentam com seus patrões como pessoas. Com o proletário assalariado ocorre o contrário. Por ser livre proprietário de sua força de trabalho se relaciona com o patrão não mais como animal de trabalho, mas, como pessoa. *"Ambas partes se enfrentam como pessoas"*[813]. Como livre proprietário de sua personalidade tem interesse em discutir as condições de sua compra e em que condições sua energia vital será consumida. Interesse completamente ausente no escravo e no servo de gleba. Que esta relação livre seja mera aparência já o demonstramos. Contudo, apesar da formalidade da relação, esta relação põe uma diferença importante entre o trabalhador assalariado e o escravo antigo e o servo camponês. A formalidade da relação assalariada pressupõe subjetividade e certo grau de eleição na relação social que o escravo e o servo de gleba desconhecem por inteiro. *"Quer dizer, simplesmente, que no que concerne a pessoa real, individual, lhe deixa um amplo campo para sua eleição, seu arbítrio e portanto para sua liberdade formal"*[814]. Se o modo de exteriorização das energias para o trabalho é

---

[811] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.
[812] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.
[813] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.
[814] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.

indiferente para o escravo e o servo medieval, convertidos em meros instrumentos objetivos de trabalho, para o trabalhador assalariado, convertido em instrumento subjetivo da produção, o modo desta exteriorização tem grande importância. *"Em sua plenitude, a capacidade de trabalho se apresenta ao trabalhador livre como sua propriedade, como um de seus momentos a que ele, como sujeito, abarca, e que conserva ao exteriorizá-lo"*[815].

Como, porém, essa modificação na natureza subjetiva do trabalho foi possível na história? Esta importante modificação foi possível porque o capitalismo foi o primeiro modo de produção a converter o operário não apenas em sujeito da produção, mas, sobretudo, em sujeito do mercado e do consumo. Até o surgimento da sociedade capitalista a classe trabalhadora, na figura do camponês asiático, do escravo greco-romano, do servo de gleba feudal e do jornaleiro corporativo europeu do final da Idade Média, fora sempre uma força ativa, mas inconsciente da história. Com a conversão do trabalhador em vendedor de força de trabalho e em sujeito que deve minimamente dominar na consciência os fenômenos do mercado, as oscilações de preços da força de trabalho e dos meios de subsistência, os apelos da propaganda, etc., o capital criou, sem querer e contra a sua vontade, uma classe trabalhadora potencialmente capaz de exercer uma ação política ativa e consciente sobre a história. A reificação, pensada deste modo, possui, portanto, limites intransponíveis que o próprio capital não pode ultrapassar. Ao contrário, ele próprio cria e estende estes limites sem querer.

Resumindo para simplificar: a liberdade abstrata que inicialmente aparecia como ilusão é negada pela simples repetição do processo de produção. Antes de entrar na esfera da produção, o trabalhador, iludido pela ficção jurídica do contrato, imagina-se livre e sujeito consciente da ação. Na fábrica é convertido em autômato inconsciente, em simples apêndice da máquina e acessório descartável do capital. Fora da fábrica novamente, na esfera doméstica, o trabalhador repete em seu consumo individual a mesma ação autômata da fábrica, ele realiza sem querer e sem consciência um momento necessário ao próprio processo de produção, ele não realiza um movimento de sua vontade livre e consciente, mas, sim, a necessidade de recompor a força vivificadora do valor-capital. Ele reproduz, inconscientemente, as condições necessárias para a reprodução de sua própria escravidão.

---

[815] Grundrisse I, p. 426. MEW 42, p. 377.

Contudo, entre a esfera da produção e a esfera do consumo do operário media a esfera da compra e venda de meios de subsistência para o trabalhador. Realizada a produção o trabalhador não se dirige diretamente à esfera doméstica do consumo, mas, sim, retorna ao mercado, não ainda de força de trabalho mas de meios de subsistência, para lá gastar seu salário. O movimento total não se reproduz, portanto, do modo abstrato como Marx o concebe aqui. Nosso operário parte da esfera ilusória do mercado adentra o interior do curtume de força de trabalho, retorna ao mercado de compra e venda de meios de subsistência e somente aí se dirige à esfera do consumo privado. Ao retornar novamente ao ponto de partida inicial, não retorna iludido e fantasioso como no primeiro momento. Sua consciência neste momento da reprodução do capital se modificou pela própria dialética da reprodução.

Ele retorna ao mercado duplamente modificado. Primeiro, porque como sujeito do mercado de meios de subsistência ele sofrerá todos os apelos emocionais da propaganda e do mercado que exigirão dele decisão e escolha racional. Ao final do processo de produção ele retorna como sujeito do mercado não mais como vendedor que vende a própria pele, mas, sim, como comprador que quer recompor sua própria personalidade perdida. A liberdade é reposta pelo processo de negação da negação, ainda que no âmbito encantador do mercado, porque reaparece não mais como ilusão, mas como possibilidade de escolha racional. E a liberdade como possibilidade de escolha racional reaparece como uma liberdade superior à liberdade como ilusão porque agora é uma liberdade que pode julgar e decidir sobre o que é melhor ou pior para si mesmo, porque é uma liberdade que já conheceu a necessidade. A reificação, deste modo, apesar de sua força avassaladora, possui, dialeticamente, seus próprios limites. O capital não apenas produz a reificação e a alienação do trabalho, mas ele ainda, dialeticamente, põe limites a estes fenômenos e, o que é mais importante, põe a possibilidade de superá-los.

Em segundo lugar, porque ao passar pela esfera da produção e conhecer diretamente a voracidade do ser capital por sangue e energia humana, o operário retorna consciente da natureza insaciável do capital e da oposição inconciliável que existe entre eles. Retorna consciente do processo de exploração. Este momento, contudo, não está inteiramente desvelado por Marx nesta altura da exposição. O capítulo seguinte há de completar tal processo.

### 3.1.2 A reprodução ampliada

#### a. Conversão das leis de propriedade da produção de mercadorias em leis de apropriação capitalista

*"Anteriormente tivemos de considerar como a mais-valia se origina do capital, agora, como o capital se origina da mais-valia"*[816]. No capítulo anterior ao analisarmos a reprodução simples do capital adotáramos como hipótese que toda a mais-valia era consumida na forma de renda do capitalista. Agora, para simplificar, devemos operar com a hipótese inversa, que toda a mais-valia é convertida em capital. A mais-valia se transforma em capital quando ela é convertida em meios de subsistência, não do capitalista e seu séquito de empregados domésticos, mas, sim, de novos trabalhadores diretamente produtivos e em meios adicionais de produção.

O mero prosseguimento da reprodução simples do capital revelou-nos uma importante conversão na natureza do capital. O capital variável empregado sucessivamente pelo capital aparecia como um valor criado pelo próprio trabalhador no processo anterior de produção e o capital acumulado aparecia ao longo de uma série de anos como pura mais-valia acumulada. Agora o processo de negação é levado ainda mais adiante quando Marx demonstra que as leis de apropriação baseadas na produção de mercadorias se convertem em leis de apropriação sem equivalente.

Do ponto de vista do valor o resultado da produção capitalista pode ser inteiramente divido entre: 1) capital constante, 2) capital variável e, 3) mais-valia. Do ponto de vista do valor de uso, sob a hipótese da reprodução ampliada, ela se divide em: 1) meios de produção (terra, maquinaria, prédios, instrumentos de trabalho, matéria-prima etc.), 2) fundo de consumo dos trabalhadores e, 3) meios adicionais de produção e fundo adicional de consumo dos trabalhadores. *"Consideremos, primeiro, esse processo do ponto de vista do capitalista individual"*[817]. Suponhamos que determinado capitalista tenha lançado na esfera da circulação e convertido em meios de produção e força de trabalho um valor capital de 10 mil libras esterlinas (8.000c + 2.000v). Que a taxa anual de mais valia seja de

[816] OC Ib, p.154. MEW 23, p. 605.

100%. Que se produza anualmente uma massa de 240 mil libras de fio no valor de 12 mil libras esterlinas. Ao final de um ano de negócios o capital sai 2 mil libras maior do que era no começo do ano (8.000c + 2.000v + 2.000mv). Como nosso capitalista não irá consumir improdutivamente sua mais-valia, mas, ao contrário, irá convertê-la em capital, terá que encontrar no mercado de meios de produção e força de trabalho a quantidade adicional destes meios equivalente ao valor adicional de 2 mil libras esterlinas.

Supondo que a massa adicional de riqueza se encontre disponível na forma necessária à acumulação de capital, então as 2 mil libras esterlinas serão convertidas em capital (1.600c + 400v) e delas, ao final de um novo ciclo anual de negócios, brotará uma nova massa de mais-valia de 400 libras esterlinas. Estas por sua vez produzirão ao final do terceiro ano uma massa adicional de 80 libras esterlinas e assim por diante. *"Considerada concretamente, a acumulação se reduz à reprodução do capital em escala progressiva. O circuito da reprodução simples se altera e se transforma... em uma espiral"*[818].

O capital original gera uma mais-valia anual de 2 mil libras esterlinas. Esta ao ser capitalizada gera uma nova mais-valia de 400 libras que é por sua vez também capitalizada gerando uma mais-valia adicional de 80 libras e assim sucessivamente. O capital cresce aos saltos como uma espiral. Ele não apenas repete o ciclo reprodutivo, mas, ainda, o amplia a escalas cada vez mais crescentes. A acumulação de capital faz brotar como fungo cidades e civilizações inteiras da noite para o dia. Ela arranca magicamente da terra, fazendo despontar em poucos anos no horizonte do mercado mundial, mesmo as nações mais bárbaras e atrasadas. A acumulação de capital é o segredo mais oculto do rápido progresso capitalista.

Em nota de rodapé Marx esclarece uma importante questão metodológica. Diz ele que toda a análise realizada aqui deve levar em conta o alto grau de abstração proposto por ele desde o início de *O Capital*. Estão abstraídos aqui o comércio de exportação e as relações econômicas das nações entre si. A sociedade capitalista é concebida num alto grau de pureza, o mundo é concebido como uma única e grande nação capitalista e por isso não existem nações não capitalistas e troca entre uma nação capitalista e uma nação não-capitalista. As trocas entre diferentes nações são concebidas como trocas entre diferentes capitais individuais de uma mesma e única nação universal.

---

[817] OC Ib, p. 154. MEW 23, p. 605.

> *Para apreender o objeto da investigação em sua pureza, livre de circunstâncias secundárias perturbadoras, temos de considerar o mundo do comércio como uma nação e pressupor que a produção capitalista se estabeleceu por toda parte e apoderou-se de todos os ramos industriais.*[819]

O alto grau de pureza na análise levou Marx a abstrair, inevitavelmente, não apenas as relações econômicas que possam surgir entre diferentes nações capitalistas, mas, ainda, as relações que possam existir entre uma nação capitalista e uma não capitalista. Levou-o, ainda, a abstrair possíveis relações de comércio exterior entre o capital e formas de produção mercantis não capitalistas mesmo no interior da nação. Enfim, por um critério puramente científico e metodológico, todas as formas de produção e relações econômicas não capitalistas, que efetivamente existem independentes do capital, dentro ou fora da nação, foram inteiramente abstraídas neste momento da exposição. Do mesmo modo foram abstraídos possíveis consumidores da mais-valia que não sejam a própria classe capitalista e a classe operária. Isto é, a existência de possíveis terceiras pessoas consumindo improdutivamente a mais-valia do capital foi igualmente abstraída da análise. Nela permanecem atuando apenas dois personagens econômicos, capitalistas e trabalhadores e ninguém mais. Sobre esta importante questão, extensamente debatida no início do século XX na II Internacional, trataremos no momento em que estudarmos o problema da reprodução social analisado por Marx na Seção III do Livro II.

Em nossa hipótese o capital original de 10 mil libras esterlinas continua ainda sendo concebido como fruto do trabalho do próprio capitalista. Porém, o capital adicional de 2 mil libras esterlinas não possui nenhuma relação com o espírito abnegado do capitalista, este capital adicional é pura mais-valia capitalizada, puro mais-trabalho alheio convertido em meio de exploração de mais-trabalho alheio ainda. Este capital adicional *"é mais-valia capitalizada. Desde a origem, ele não contém nenhum átomo de valor que não derive de trabalho alheio não-pago"*[820]. Deste modo, cada novo trabalhador contratado pelo capitalista é comprado pela mais-valia produzida pela própria classe trabalhadora. O

---

[818] OC Ib, p. 155/156. MEW 23, p. 607.
[819] OC Ib, p. 155. MEW 23, p. 607. Nota 21a.
[820] OC Ib, p. 156. MEW 23, p. 608.

capital contrata e recontrata sucessivamente novos e adicionais trabalhadores com uma massa de valor que provém da exploração da própria classe trabalhadora. Ele compra o escravo com a riqueza produzida pelo próprio escravo: *"permanece sempre o velho procedimento do conquistador, que compra as mercadorias dos vencidos com seu próprio dinheiro roubado"*[821].

Os povos vencidos, porém, possuíam a possibilidade de recuperar parte de sua riqueza roubada encarecendo o preço de seus produtos. Os operários modernos não possuem nem mesmo esta vantagem. Ao contrário, na prática concreta vendem-se normalmente por um preço sempre inferior ao que valem já que o capitalista pode comprar novamente não trabalhadores adultos, mas crianças, adolescentes e mulheres que se vendem a preços mais baixos. Pode, ainda, recontratar não seus próprios trabalhadores nacionais, mas estrangeiros mais baratos. *"Em todos os casos, a classe trabalhadora criou com o seu mais-trabalho deste ano o capital que no próximo ano ocupará trabalho adicional. Isso é o que se denomina produzir capital mediante capital"*[822].

A produção capitalista cai, com a acumulação de capital, num círculo vicioso, a produção de capital tem como meta a reprodução do próprio capital, a mais-valia a reprodução dela própria e assim em escalas cada vez mais ampliadas. A produção se transforma numa produção pela própria produção e encontra sua finalidade nela mesma. *"Propriedade de trabalho passado não-pago aparece agora como a única condição para a apropriação presente de trabalho vivo não-pago, em dimensão sempre crescente. Quanto mais o capitalista houver acumulado, tanto mais poderá acumular"*[823]. A acumulação pela acumulação, a produção pela produção, a mais-valia pela mais-valia, eis as bandeiras levantadas pelo capital em sua insaciável necessidade de existir como capital.

A simples continuidade do processo de produção em escala ampliada distorce todo o processo de circulação e a troca entre capital e trabalho acontece apenas na aparência. A troca entre capital e trabalho é uma aparência porque o capital compra a força de trabalho com uma riqueza produzida pelo próprio trabalhador, o que o trabalhador recebe no segundo ciclo de produção é uma riqueza que ele mesmo produziu, é uma riqueza que retorna a ele apenas porque dele já se separara como mais-valia e agora retorna como

[821] OC Ib, p. 156. MEW 23, p. 608.
[822] OC Ib, p. 156/157. MEW 23, p. 608.
[823] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 609.

capital. Entre capital e trabalho há circulação de produtos mas nunca troca. A troca é uma aparência confundida com a circulação de produtos. Deste modo, *"a lei da apropriação ou lei de propriedade privada, baseada na produção de mercadorias e na circulação de mercadorias, evidentemente se converte mediante sua própria dialética interna, inevitável, em seu contrário direto [direktes Gegenteil]"*[824]. Ela se converte em lei de apropriação capitalista e em troca de não equivalentes mascarada como troca de equivalentes.

Na superfície da sociedade burguesa, onde todo o processo se apresenta de modo invertido, o capitalista compra diariamente a classe trabalhadora com uma riqueza que parece fluir magicamente do bolso do próprio capitalista. A troca de não equivalentes aparece mistificada na forma de troca entre equivalentes porque a transação toda se realiza mediada pela forma luminosa e ofuscante do dinheiro, que esconde a divisão da jornada de trabalho entre trabalho pago e não pago e esconde, ainda, a conexão interna entre o processo de produção e o processo de acumulação que ocorre no subsolo da sociedade capitalista. Processo interno inatingível pelo senso comum burguês prisioneiro das artimanhas do fetiche da mercadoria, do dinheiro e do capital.

> *O intercâmbio de equivalentes, que apareceu como a operação original, se torceu de tal modo que apenas se troca na aparência [Schein ausgetauscht], pois, primeiro, a parte do capital que se troca por força de trabalho nada mais é que uma parte do produto de trabalho alheio, apropriado sem equivalente, e segundo, ela não somente é reposta por seu produtor, o trabalhador, como este tem de repô-la como novo excedente.*[825]

A troca entre capital e trabalho, a compra de força de trabalho com dinheiro continuamente conquistado pelo esforço perseverante do próprio capitalista, é uma aparência inevitável e própria da esfera da circulação. A relação jurídica entre capital e trabalho na esfera das trocas, relação que apresenta o trabalhador como homem livre que vende trabalho e o capitalista como um homem que negocia com seu próprio dinheiro,

---

[824] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 609. Sobre o papel da conversão das leis da produção de mercadorias em leis de apropriação do capitalista sem equivalência no modo de exposição dialético de Marx ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***. Op. cit.
[825] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 609.

oculta a profunda diferença que existe entre a atuação do operário e a atuação do capital. O operário, que reproduz no valor da mercadoria o valor de sua própria força de trabalho, que reproduz constantemente um valor equivalente ao seu próprio valor, produz ainda um valor adicional que é apropriado gratuitamente pelo capitalista. No subsolo da sociedade capitalista ele reproduz seu próprio valor e produz valor adicional.

Na esfera aparente das trocas ele aparece, porém, de modo inteiramente invertido, como alguém que recebe do capital para trabalhar. Não é o capital que aparece recebendo do operário sem equivalente. O capital aparece sempre na esfera exterior e superficial do mercado como aquele que dá trabalho empregando seu próprio dinheiro. O infeliz do operário aparece na humilhante condição de quem não possui nenhum papel ativo na produção, como um sujeito sem virtudes para viver na sociedade burguesa e como aquele que deve ser amparado pela generosidade alheia. Na esfera da circulação o capital nunca aparece como um parasita que vive do trabalho alheio, mas aparece sempre de modo virtuoso.

*"A relação de intercâmbio entre capitalista e trabalhador torna-se portanto apenas mera aparência [Schein] pertencente ao processo de circulação, mera forma [bloße Form], que é alheia ao próprio conteúdo [Inhalt selbst fremd] e apenas o mistifica [mystifiziert]"*[826]. A troca de equivalentes é uma mera aparência porque não corresponde ao conteúdo. A coação e a extorsão sempre contínua, conteúdo da relação entre capital e trabalho, aparece mistificada sob a forma de uma relação contínua entre homens livres e iguais que trocam equivalentes entre si. *"A contínua compra e venda da força de trabalho é a forma. O conteúdo que o capitalista sempre troque parte do trabalho alheio já objetivado, do qual se apropria incessantemente sem equivalente, por um quantum maior de trabalho vivo alheio"*[827].

Inicialmente o direito de propriedade surgiu-nos como ele aparece na consciência dos homens de negócios da sociedade burguesa, do modo como concebe a Economia Política burguesa, como um direito fundamentado sobre o próprio trabalho. Na esfera aparente do mercado, capitalista e trabalhador se alienavam reciprocamente apenas porque ambos apareciam como proprietários de seu próprio trabalho. O capitalista aparecia como proprietário de uma certa soma de riqueza obtida por seu próprio esforço e o

[826] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 609.

trabalhador como homem livre que vende a si mesmo. O princípio de justiça que regula a troca de mercadorias dava a cada um o direito de se apropriar do trabalho e da riqueza do outro apenas na medida em que cada um alienava sua própria riqueza ou fonte dela. Com a conversão da mais-valia em capital e a compra sempre contínua de força de trabalho com uma riqueza produzida pelo próprio trabalhador sem equivalente, o direito de apropriação baseado na troca de mercadorias se converte em direito de apropriação capitalista sem equivalente. O direito de propriedade baseado no direito natural do trabalhador ao seu próprio trabalho se converte em direito de apropriação sem equivalente.

> *A propriedade aparece [erscheint] agora, do lado do capitalista, como direito de apropriar-se de trabalho alheio não-pago ou de seu produto; do lado do trabalhador, como impossibilidade de apropriar-se de seu próprio produto. O divórcio [Scheidung] entre propriedade e trabalho torna-se conseqüência necessária de uma lei que, aparentemente, se originava em sua identidade.*[828]

A identidade aparente entre capital e trabalho que surge na esfera da compra e venda de força de trabalho se converte, por meio da própria dialética interna do processo de reprodução ampliada do capital, como uma oposição inevitável e inconciliável. A oposição se torna inevitável porque este é o único modo do capital se reproduzir. Pensar um modo diferente para a reprodução do capital seria construir fantasias sem sentido. Inconciliável porque por mais que a classe trabalhadora se aproprie constantemente de parte maior de seu próprio produto, o que absolutamente não ocorre na vida prática, a oposição entre ela e o capital permanece. Por mais que o nível absoluto de consumo da classe trabalhadora se eleve, e com ele a apropriação constante de parte sempre crescente de seu próprio produto, a massa de riqueza que permanece em mãos do capital cresce a níveis cada vez mais elevados absolutamente. Por mais que o consumo de ambas as classes se eleve absolutamente, a distância e a oposição relativa entre elas se aprofunda cada vez mais.

O resultado deste distanciamento e oposição recíproca, contudo, não surge devido a uma violação da lei da troca de mercadorias e da lei da troca de equivalentes. O

---

[827] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 609.

resultado surge, antes, de uma aplicação desta mesma lei, de sua efetivação na realidade concreta. A troca de equivalentes e a lei da troca de mercadorias são abstrações que se convertem, pela própria dialética do processo de reprodução do capital, em uma lei de apropriação do capital sem equivalente. *"Por mais que o modo de apropriação capitalista pareça ofender as leis originais da produção de mercadorias, ele não se origina de maneira alguma da violação, mas, ao contrário, da aplicação dessas leis"*[829].

Comprar pelo valor, vender pelo valor e daí tirar mais-valor era esta a condição fundamental para que a mais-valia pudesse ser explicada não como mero acréscimo arbitrário do preço de mercado, mas como uma diferença que surge no interior do processo de produção da riqueza. A circunstância de que o trabalhador vende sua mercadoria força de trabalho pelo seu valor, mas, contraditoriamente, produza uma riqueza sempre crescente da qual ele não recebe nenhum equivalente em troca não pode ser, de modo algum, considerada como uma violação da lei do valor mas, sim, sua mais profunda e extensa aplicação. Reivindicar, como o romântico Proudhon, a abolição das leis capitalistas de produção e exigir um retorno à formas mais atrasadas de produção onde imperava a aplicação pura da lei da produção de mercadorias, é uma reivindicação fantasiosa e sem sentido histórico na concepção de Marx. A abolição do direito capitalista de apropriação sem equivalente implica, inevitavelmente, a necessidade de se abolir junto a lei da produção de mercadorias, a lei do valor.

Nos *Grundrisse* a relação entre a reprodução simples e a ampliada é demonstrada por Marx do seguinte modo. Na reprodução simples supõe-se que o capital I, o capital que inicia todo o processo, tem origem no trabalho e esforço pessoal do próprio capitalista. *"Se tratam de valores que não procedem de seu intercâmbio com o trabalho vivo nem de seu comportamento como capital frente ao trabalho"*[830]. Até aqui a origem do primeiro capital que funda todo o processo é tomada como um dado e não como um problema. Esta questão será resolvida no capítulo XXIV do Livro Primeiro. A fonte do segundo capital, contudo, não reside no trabalho do próprio capitalista, mas, sim, no trabalho do trabalhador. No primeiro caso, reprodução simples, o capitalista aparecia contratando trabalhadores com capital acumulado através de seu próprio trabalho. Agora

---

[828] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 610.
[829] OC Ib, p. 157. MEW 23, p. 610.
[830] Grundrisse I, p. 417. MEW 42, p. 369.

ele aparece contratando trabalhadores com capital produzido pelos próprios trabalhadores. Deste modo, *"se amplia o poder do capitalista, sua existência como capital, contraposta à capacidade viva de trabalho, e por outra parte põe a capacidade viva de trabalho, em sua indigência despojada de substância e subjetiva, sempre de novo como capacidade viva de trabalho"*[831].

Não cabe à classe trabalhadora exigir do capital que seja aplicada a justiça em suas relações. A justiça já foi aplicada e ela julgou como um direito inalienável do capital a apropriação sem equivalente. Da parte do operário a justiça que pode ser reivindicada é a de que o capital lhe compre pelo seu próprio valor, que o preço recebido por sua força de trabalho corresponda ao próprio valor e não menos. Não faz sentido para Marx, e muito menos para o capital, que a classe trabalhadora reivindique para si uma parte da riqueza que historicamente deve pertencer ao capital. Cabe à classe trabalhadora reivindicar perante o capital que ele aplique em suas relações recíprocas, a mesma medida que exige quando põe seus produtos a venda, que seu modo de vida como classe trabalhadora seja conservado enquanto tal, que sua força de trabalho seja paga pelo seu valor e não abaixo dele, que o capital garanta à classe trabalhadora uma existência enquanto tal e não enquanto uma massa amorfa de indigentes miseráveis.

> *O fato de que essa mercadoria particular força de trabalho tenha o peculiar valor de uso de fornecer trabalho, portanto de criar valor, em nada pode alterar a lei geral da produção de mercadorias... A transformação original do dinheiro em capital realiza-se na mais perfeita harmonia com as leis econômicas da produção de mercadorias e com o direito de propriedade delas derivado.*[832]

Contudo, a conversão da lei de apropriação baseada no trabalho próprio em lei de apropriação sem equivalente, tem como resultado o seguinte. Primeiro: *"que o produto pertence ao capitalista e não ao trabalhador"*[833]. Segundo: *"que o valor desse produto, além do valor do capital adiantado, inclui uma mais-valia, a qual custou trabalho*

---

[831] Grundrisse I, p. 418. MEW 42, p. 370.
[832] OC Ib, p. 158. MEW 23, p. 611.
[833] OC Ib, p. 158. MEW 23, p. 611.

*ao trabalhador, mas nada ao capitalista, e que, todavia, torna-se propriedade legítima deste"*[834]. Terceiro: *"que o trabalhador continuou a manter sua força de trabalho e pode vendê-la de novo, caso encontre comprador"*[835]. A legitimidade do direito de apropriação capitalista sem troca de equivalentes, contudo, aparece na superfície exterior da sociedade capitalista mascarada sob a forma de troca de equivalentes entre homens iguais.

O que nos pode parecer estranho neste emaranhado da lei é o seguinte: na instância exterior do mercado a classe operária parece ser constantemente remunerada por uma massa de riqueza que ela de modo algum contribuiu para produzir. Quando descobre, contudo, que a classe trabalhadora é constantemente remunerada por uma riqueza que ela mesma produziu, nem Marx nem a Economia Política burguesa, e daí o paradoxo que parece nos impressionar, admitem o direito da classe trabalhadora reivindicar para si este excedente. De acordo com as regras do capital esta massa é, por direito, do próprio capital e de ninguém mais. *"A mais-valia é sua propriedade [do capitalista], ela jamais pertenceu a outro... O que B [o operário] exige e tem direito de exigir é que o capitalista lhe pague o valor de sua força de trabalho"*[836].

O direito histórico que cabe à classe trabalhadora é o direito de reivindicar não o excedente, mas, sim, um preço para sua força de trabalho que corresponda a seu valor, que a classe capitalista garanta à classe trabalhadora que esta possa existir enquanto tal, nem abaixo e nem acima das condições médias socialmente dadas. Se o capital pode ou não garantir este direito é uma questão que não cabe aqui ser investigada. O direito à apropriação sem equivalente não é, assim, um direito que emana da violação do direito surgido do interior da produção de mercadorias, este direito é apenas a aplicação a um nível mais extenso e profundo das leis gerais da produção de mercadorias. Os operários não possuem nenhum direito a reivindicar sobre o excedente apropriado pelo patrão porque essa apropriação não é resultado da violação da lei da troca de equivalentes, mas sua aplicação impiedosa.

O capital se apropria legitimamente deste excedente porque não viola a lei da compra e venda de mercadorias pelo seu valor, ele não é um fora da lei, ao contrário, ele se enriquece aplicando em toda sua plenitude a lei da produção de mercadorias. Em todos

[834] OC Ib, p. 158. MEW 23, p. 611.
[835] OC Ib, p. 158. MEW 23, p. 611.
[836] OC Ib, p. 159. MEW 23, p. 612.

os casos ele compra e vende pelo valor. Inclusive a força de trabalho. A circunstância de extrair desta operação um mais-valor é grande sorte para o capitalista, mas, de modo algum, uma injustiça contra o operário. Não cabe ao operário exigir a aplicação da justiça em suas relações com o capital. Ela já foi aplicada e favoreceu o capital sem prejudicar o trabalhador. *"A lei não é, portanto, violada, ao contrário, ela obtém apenas a oportunidade de atuar permanentemente [Das Gesetz wird also nicht gebrochen, im Gegenteil es erhält nur Gelegenheit, sich dauernd zu betätigen]"*[837].

Até aqui víamos o processo de reprodução capitalista do ponto de vista do capitalista individual. *"Todavia, a coisa assume figura inteiramente diferente se considerarmos a produção capitalista no fluxo ininterrupto de sua renovação e se, em vez de lançarmos o olhar sobre o capitalista individual e o trabalhador individual, lançamos sobre a totalidade [Gesamtheit], a classe capitalista [Kapitalistenklasse] e, diante dela, a classe trabalhadora [Arbeiterklasse]"*[838]. Visto sobre o ponto de vista da totalidade, o ponto de vista efetivo e concreto, as coisas aparecem de modo completamente estranhas à própria produção de mercadorias. A produção de mercadorias pressupõe a existência dos homens como indivíduos que livremente alienam entre si seus próprios produtos. Não são as classes sociais inteiras que se põem numa relação de troca, mas, sim, seus indivíduos isoladamente.

Quando afastamos os indivíduos isolados e pomos a totalidade das classes frente a frente desaparece o intercâmbio entre elas, pois entre elas o intercâmbio é uma aparência superficial do mercado, entre elas só há circulação de produtos. E onde não há intercâmbio não há também produção de mercadorias, mercado, valor, lei do valor mais-valia e capital. Mas, observando o capital deste modo, diz Marx, *"aplicaríamos um padrão de medida que é totalmente estranho à produção de mercadorias"*[839], e claro, totalmente estranho à própria produção capitalista em geral. A contradição, portanto, está posta em toda a sua medula. Se, por um lado, a produção capitalista não se apoia no intercâmbio entre capital e trabalho, se por um lado este intercâmbio é apenas uma mera aparência superficial do mercado, por outro lado, a produção capitalista não pode, de modo algum, abolir a forma mercadoria do produto, a existência do mercado e a própria aparência de

[837] OC Ib, p. 158. MEW 23, p. 611.
[838] OC Ib, p. 159. MEW 23, p. 612.
[839] OC Ib, p. 159. MEW 23, p. 612.

intercâmbio sem ruir junto com estas formas. Daí o dilema e o paradoxo da sociedade capitalista, seus limites e possibilidades, suas contradições insolúveis e martírios inevitáveis.

> *Na produção de mercadorias defrontam-se apenas, independentes um do outro, vendedor e comprador. Suas relações recíprocas chegam ao fim no dia de vencimento do contrato concluído entre eles... E visto que compras e vendas são efetuadas entre indivíduos isolados, é inadmissível procurar nelas relações entre classes sociais inteiras.*[840]

As classes sociais só entram em relações de compra e venda na aparência, entre elas não há troca nem intercâmbio de tipo algum, entre elas há unicamente relações de exploração e circulação de produtos. O que unicamente existe entre capitalistas e trabalhadores é circulação de produtos e valores, mas não intercâmbio, já que o capital acumula sem devolver um equivalente em troca. O fenômeno das trocas se distorce nesta dialética interna não porque as classes se põem, em sua totalidade, frente a frente, mas, unicamente porque se põe o processo de intercâmbio individual em seu fluxo contínuo. Este fluxo contínuo e individual entre capital e trabalho põe por terra todas as falsas aparências de intercâmbio, de liberdade e igualdade entre as classes. As classes se põem frente a frente não para intercambiar economicamente, mas, sim, para decidir politicamente a divisão da riqueza e os rumos futuros da produção e da sociedade.

A conversão do direito de propriedade que emana das leis gerais da produção de mercadorias em direito de apropriação sem equivalente se apoia na circunstância de que agora o trabalhador direto não vende mais o produto de seu trabalho mas, sim, sua força de trabalho e, de acordo com as leis gerais da produção de mercadorias, recebe em troca uma soma de riqueza na forma de dinheiro equivalente ao valor de sua mercadoria vendida.

O direito de apropriação baseado na lei do valor,

---

[840] OC Ib, p. 159/160. MEW 23, p. 612.

> *vigora tanto no início, quando o produto pertence ao produtor e este, trocando equivalente por equivalente, pode enriquecer apenas mediante seu próprio trabalho, como também no período capitalista, em que a riqueza social em proporção sempre crescente torna-se propriedade daqueles que estão em condições de apropriar-se sempre de novo do trabalho não-pago de outros.*[841]

Esta apropriação da riqueza por parte do capital e não do trabalhador se torna inevitável, ao mesmo tempo em que é seu resultado necessário, tão logo a própria força de trabalho é também convertida em mercadoria.

O produtor independente se apropria diretamente de seu próprio produto e o converte livremente em mercadoria pelo processo de alienação, apenas porque ele próprio, sua força de trabalho, ainda não se transformou em mercadoria. Tão logo sua força de trabalho se transforme em mercadoria, em elemento puramente subjetivo da produção, o trabalhador direto transfere ao capitalista o direito natural de se apropriar do excedente de seu próprio trabalho. Em seu modo originário o produtor de mercadorias se apropriava diretamente e por inteiro dos resultados de seu próprio trabalho não apenas porque era produtor, mas, sim, porque era ao mesmo tempo proprietário dos meios de produção. Enquanto proprietário destes meios tinha o direito legítimo, de acordo com a lei da produção de mercadorias, de se apropriar de seu próprio trabalho ou um equivalente igual produzido por outro produtor.

Quando trabalho e propriedade se dissociam na forma capitalista, o proprietário capitalista reivindica legitimamente como seu o antigo direito a se apropriar do excedente do produtor. Essa transferência histórica de direitos tem como base mais fundamental, e seria impossível sem ela, a conversão do antigo produtor independente em trabalhador assalariado e a conversão da força de trabalho em mercadoria. *"Somente então, quando o trabalho assalariado se torna a sua base, a produção de mercadorias impõe-se a toda a sociedade; mas também somente então ela desenvolve todas as suas potencialidades ocultas"*[842]. Somente quando a produção simples de mercadorias se converte em produção capitalista e a força de trabalho em mercadoria, a produção se converte também em

[841] OC Ib, p. 160. MEW 23, p. 613.

produção pela produção e o valor de troca assume o predomínio absoluto sobre todas as relações econômicas. *"Na mesma medida em que ela evolui, segundo suas próprias leis imanentes, até se tornar produção capitalista, as leis de produção inerentes à produção de mercadorias se convertem em leis de apropriação capitalista"*[843]. A lei do valor é uma abstração, o que existe efetivamente na prática capitalista é a apropriação capitalista sem equivalência baseada, contudo, na mesma lei do valor. Em nota de rodapé Marx satiriza a astúcia de Proudhon por querer *"eliminar a propriedade capitalista, fazendo valer em contraposição a ela as leis eternas da produção de mercadorias"*[844].

**b. Repartição da mais-valia em capital e renda**

Na reprodução simples toda a mais-valia foi considerada sob a forma de renda e na reprodução ampliada toda ela foi tomada como capital. Na prática nem uma nem outra imperam absolutas, mas se misturam entre si. Parte da mais-valia sempre será consumida pelo capitalista como renda e parte sempre será transformada em capital. A divisão desta mais-valia, se mais em renda ou mais em capital é uma decisão que cabe ao capitalista. A grandeza da acumulação depende, dadas as demais circunstâncias, da proporção em que a mais-valia é divida. Contudo, o capitalista atua como sujeito da ação dotado de vontade e consciência livre apenas na aparência. Na prática diária dos negócios ele atua muito mais como agente e consciência personificada do ser capital e somente enquanto atua como tal, atua como capitalista.

A divisão da mais-valia em renda ou capital é definida, deste modo, não pela posição que o capitalista possa assumir no processo de consumo da mais-valia, mas, sim, em seu processo de valorização. Como funcionário do capital ele deve satisfazer as necessidades da valorização do valor e não as de seu próprio consumo e prazer. Ele deve subordinar sua hipotética vontade livre às férreas necessidades de valorização sem fim do valor. Como representação consciente do capital ele deve transformar proporcionalmente a maior parte da mais-valia em capital e a menor parte em renda, para aí lançar a sociedade na tortuosa valorização sem fim do valor e da produção pela produção.

---

[842] OC Ib, p. 160. MEW 23, p. 613.
[843] OC Ib, p. 160. MEW 23, p. 613.
[844] OC Ib, p. 160. MEW 23, p. 613. Nota 24.

> *Como fanático da valorização do valor, ele força sem nenhum escrúpulo a humanidade à produção pela produção e, portanto, a um desenvolvimento das forças produtivas sociais e à criação de condições materiais de produção, que são as únicas que podem constituir a base real de uma forma de sociedade mais elevada, cujo princípio básico é o desenvolvimento livre e pleno de cada indivíduo.*[845]

O que impulsiona o capitalista à produção pela produção e, sem querer, a um nível de desenvolvimento material superior, é seu *"instinto absoluto do enriquecimento"*[846], instinto e fanatismo que ele partilha com o entesourador. Veremos quando analisarmos a concorrência no Livro Terceiro que não apenas seu instinto absoluto de enriquecimento atua como força impulsionadora da produção, mas, sobretudo, atua também a coerção da concorrência de seus irmãos inimigos ávidos por tomarem sua clientela. No entesourador, contudo, este instinto aparece como uma mania individual. No capitalista consciente que converte sua mais-valia não em tesouro protegido dos perigos da esfera da circulação, mas em capital, este instinto absoluto para o enriquecimento aparece como *"efeito do mecanismo social, do qual ele é apenas uma engrenagem"*[847]. Este mecanismo social se manifesta exteriormente pela ação ameaçadora da concorrência.

> *Além disso, o desenvolvimento da produção capitalista faz do contínuo aumento do capital investido numa empresa industrial uma necessidade e a concorrência impõe a todo capitalista individual as leis imanentes do modo de produção capitalista como leis coercitivas externas. Obriga-o a ampliar seu capital continuamente para conservá-lo, e ampliá-lo ele só o pode mediante acumulação progressiva.*[848]

Essa coação externa da concorrência, como já fizemos notar em outras passagens, é apenas a forma como as determinações e necessidades internas do capital se

---

[845] OC Ib, p. 163. MEW 23, p. 619.
[846] OC Ib, p. 163. MEW 23, p. 619.
[847] OC Ib, p. 163. MEW 23, p. 619.
[848] OC Ib, p. 163. MEW 23, p. 619.

fazem manifestar. As leis internas e a férrea necessidade do capital de coagir cada vez mais a classe trabalhadora a consumir níveis cada vez mais inferiores de riqueza aparecem na instância exterior do mercado como uma necessidade imposta pela concorrência e não pela oposição inconciliável entre as classes. A acumulação pela acumulação impulsionada externamente pela concorrência, coage o capitalista a reduzir seu consumo a níveis proporcionalmente menores frente a parte da mais-valia que é convertida relativamente numa parte sempre maior em capital. Seu prazer e fruição devem, por isso, ser continuamente sacrificados em nome da valorização incessante do valor.

> *Na medida em que sua ação e omissão são apenas funções do capital que nele é dotado de vontade e consciência, seu próprio consumo privado constitui para ele um roubo contra a acumulação de seu capital, da mesma forma que na contabilidade italiana os gastos privados figuram na coluna de débito do capitalista contra o capital.*[849]

O consumo individual do capitalista, seus prazeres e fantasias, é concebido pelo capital como uma infantilidade que deve ser suprimida. O consumo privado do capitalista é para o capital um consumo inteiramente improdutivo. Com o desenvolvimento da acumulação capitalista, com a concentração da riqueza em mãos do grande capital, o capitalista pode felizmente atuar como agente não apenas da produção, mas, também, já que ninguém é de ferro, do consumo. Ele então torna-se tão enternecido pelo consumo e o prazer que renuncia hedonisticamente a sua antiga e amarga representação de fanático do entesouramento para se tornar um homem fáustico e racional. Como homem fáustico *"torna-se tão culto que chega a ridicularizar a paixão pela ascese, como preconceito do entesourador arcaico"*[850]. Como homem racional é capaz de condenar, ao mesmo tempo, todos os excessos condenados pelo capital. *"Enquanto o capitalista clássico [o entesourador J.A] estigmatiza o consumo individual como pecado contra sua função e 'abstinência' da acumulação, o capitalista moderno é capaz de conceber a acumulação como 'renúncia' a seu instinto de prazer"*[851].

---

[849] OC Ib, p. 163/164. MEW 23, p. 619.
[850] OC Ib, p. 164. MEW 23, p. 620.
[851] OC Ib, p. 164. MEW 23, p. 620.

Se nas primeiras épocas da sociedade capitalista, quando ela ainda rondava as saias do absolutismo renascentista, *"predomina a sede de riqueza e a avareza como paixões absolutas"*[852], com a especulação, o sistema de crédito e o enriquecimento súbito da época moderna, a sociedade capitalista se abre para um espetacular desfile cinematográfico permanente, onde a luxúria e o hedonismo são levados ao seu máximo esplendor. Diferente dos primeiros tempos do capitalismo, a época moderna proclama como necessária toda uma série de ramos da produção absolutamente inúteis para a humanidade, mas, contudo, absolutamente úteis para a valorização incessante do valor-capital. *"Além do mais, o capitalista não se enriquece, como o entesourador, em proporção a seu trabalho pessoal e seu não-consumo pessoal, mas na medida em que ele extrai força de trabalho alheia e impõe ao trabalhador a renúncia a todos os prazeres da vida"*[853].

Contudo, o esbanjamento fáustico do capitalista moderno a custa da renúncia do operário a todos os prazeres da vida, mesmo os mais simples como o de ter sempre pão e água na mesa, não prejudica o processo de acumulação de capital. Não prejudica por dois motivos. Em primeiro lugar, porque este esbanjamento se realiza, e se compensa, mediante a condenação do operário de fábrica a uma vida cada vez mais estúpida e desprazerosa. Em segundo lugar, porque este esbanjamento fáustico se reduz a meia dúzia de grandes capitalistas, como se reduz historicamente, pelo processo de concentração e centralização do capital, o número de proprietários capitalistas. O esbanjamento espetacular e cinematográfico e a acumulação podem, deste modo, caminhar lado a lado sem que um prejudique o outro. Ambos podem, ainda, caminhar lado a lado com a miséria e o embotamento espiritual dos trabalhadores. *"Com isso desenvolve-se, ao mesmo tempo, no coração do capitalista um conflito fáustico entre o impulso a acumular e o instinto do prazer"*[854]. Conflito que o pobre capitalista resolve encontrando prazer na própria acumulação, dedicando-se de corpo e alma à tarefa de servir prazerosamente aos desejos do ser capital e sua insaciável necessidade de valorização do valor. O negócio do capitalista se converte em encontrar prazer no próprio negócio e nos jogos de cassino do mercado.

---

[852] OC Ib, p. 164. MEW 23, p. 620.
[853] OC Ib, p. 164. MEW 23, p. 620.
[854] OC Ib, p. 165. MEW 23, p. 620.

> *A acumulação pela acumulação, produção pela produção, nessa fórmula a Economia clássica expressou a vocação histórica do período burguês. Ela não se enganou em nenhum momento sobre as dores do nascimento da riqueza, mas para que serve a lamentação diante de uma necessidade histórica?*[855]

A partir daqui Marx retoma uma importante discussão ocorrida no início dos anos 20 do século XIX entre ricardianos, de um lado, e o reverendo Malthus, de outro. Os ricardianos, e a Economia Clássica em geral, tomavam a sério a função histórica do capital e seu impulso desmedido de acumulação, compreendiam corretamente a necessidade da supremacia da produção frente às demandas do consumo, mesmo que estas demandas fossem as do capitalista. Ricardo aceitava as condições de existência subhumanas do proletariado e a natureza avarenta do capitalista como condições necessárias para o rápido desenvolvimento das forças produtivas. Somente neste sentido aceitava a produção pela produção e o caráter secundário ocupado pelo consumo na sociedade capitalista. *"Se para a Economia clássica o proletário é apenas uma máquina para a produção de mais-valia, o capitalista vale para ela também apenas como uma máquina para a transformação dessa mais-valia em capital. Ela toma sua função histórica amargamente a sério"*[856].

Malthus, pelo contrário, representando os interesses dos proprietários de terras que recebiam renda fundiária do capital, defendia cinicamente a necessidade de uma terceira classe de consumidores improdutivos que atuassem na sociedade meramente como agentes do consumo. Enquanto capitalistas e operários funcionavam como agentes da produção, os proprietários de terras poderiam, na medida em que os capitalistas melhor repartissem com eles a mais-valia, realizar a penosa tarefa de consumir o excedente da produção nacional que corriqueiramente carecia de consumidores solventes.

> *Para exorcizar o desgraçado conflito entre o instinto do prazer e a sede de riqueza, que lhe corta o coração, Malthus defendia, no começo dos anos 20 deste século, uma divisão do trabalho que atribui ao capitalista realmente engajado na produção o negócio da acumulação, aos outros participantes*

[855] OC Ib, p. 165/166. MEW 23, p. 621.

> *da mais-valia, a aristocracia rural, os prebendos do Estado, da Igreja etc., o negócio do esbanjamento.*[857]

A polêmica iniciada com Malthus, da qual ainda participa Sismondi, se estende ainda para dentro do marxismo. Um século mais tarde Rosa Luxemburgo[858], a partir de uma crítica aos esquemas de reprodução do capital social desenvolvidos por Marx na Seção III do Livro Segundo, também compreenderá como fundamental a necessidade do capital realizar parte de sua mais-valia entre camadas de consumidores não capitalistas. Naturalmente não desenvolveremos esta polêmica aqui, ela só cabe, como pensava Marx, ser analisada no momento em que estudarmos os Livros Segundo e Terceiro.

A polêmica entre os ricardianos e Malthus, contudo, se encerrou rapidamente. Logo que a classe operária de Lyon e o proletariado agrícola da Inglaterra se rebelaram contra o capital, os espadachins baixaram suas armas e voltaram-se contra seus verdadeiros inimigos.

> *A erudita controvérsia sobre o modo mais profícuo para a acumulação distribuir, entre o capital industrial e o ocioso proprietário de terras etc., o butim extraído do trabalhador emudeceu em face da Revolução de Julho. Logo após, o proletariado urbano tocou o sino de alarme em Lyon e o proletariado rural começou na Inglaterra a atear fogo em fazendas.*[859]

A polêmica entre a escola de Ricardo e Malthus possui uma base real. Apesar da apologética malthusiana ela se apoia nas evidentes contradições provocadas pelo caráter capitalista da reprodução social. Malthus procura, ardilosamente, resolver o problema da superprodução e da falta de compradores para o excedente nacional ampliando o consumo de uma terceira classe de consumidores improdutivos, a classe dos rebotalhos feudais, do clero, dos proprietários de terras, dos parasitas do Estado etc. Contudo, do ponto de vista do capitalista industrial, esta ampliação do consumo dos proprietários de terras e

---

[856] OC Ib, p. 166. MEW 23, p. 621.
[857] OC Ib, p. 166. MEW 23, p. 621/622.
[858] Rosa Luxemburg. ***A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo***. S.P: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
[859] OC Ib, p. 166. MEW 23, p. 622/623.

seus asseclas tem inevitavelmente como conseqüência uma redução na taxa de acumulação e crescimento do capital.

Esta contradição é muito curiosa, pois, se, para evitar a superprodução e as crises que dela inevitavelmente surgirão, esta classe de terceiras pessoas participar da sociedade como agente exclusivo do consumo refreia-se, contraditoriamente, o próprio ímpeto da acumulação por parte do capital industrial, pois este não tem nenhum interesse em resolver as contradições de seu regime de produção repartindo sua mais-valia com os proprietários de terras. Por outro lado, o mesmo capitalista, aficcionado inveterado pela acumulação, não tem nenhum interesse em consumi-la exclusivamente sob a forma de renda. Seu coração de capitalista não está, de modo algum, encantado pelo consumo, mas, sim, pela acumulação. É com esta que o capitalista se satisfaz. É para ver seu capital crescer como crescem os cogumelos que o capitalista dispõe-se a entregar seu tempo de vida para servir de agente do capital e não do consumo. Por um lado o capitalista não quer repartir sua mais-valia com estranhos e, por outro, não quer do mesmo modo consumi-la ele mesmo. Ele aceita, assim, inconscientemente, a superprodução e as crises como inevitáveis.

Para confrontar os dilemas da produção capitalista com outras formas de produção mais simples, Marx recorre a uma analogia com a sociedade indiana colonizada pelos ingleses. Cita dois fatos relatados pelo economista político Richard Johnes em suas descobertas sobre a Índia. Por um lado, a Índia não inteiramente colonizada, *"composta por camponeses que produzem autonomamente seu produto"*[860], desconhece por completo a divisão de seus meios de trabalho e de subsistência em mais-valia, salário e renda previamente acumulados. Por outro lado, na Índia inteiramente sob controle dos ingleses, a parte da produção destinada a abastecer os armazéns dos ingleses fluem a eles não como mercadorias mas *in natura*. Nas províncias onde a velha Índia está mais ou menos dissolvida o produto flui aos ingleses sob a forma de tributo ou renda da terra.

> *Parte desse produto é consumida in natura pelos grandes, parte é transformada para eles em artigos de luxo e demais meios de consumo pelos*

[860] OC Ib, p. 168. MEW 23, p. 625.

*trabalhadores, enquanto o restante constitui o salário dos trabalhadores, que são proprietários de seus instrumentos de trabalho.*[861].

As torturas infernais sofridas pelos ingleses em sua terra natal estão inteiramente ausentes na colônia indiana unicamente porque na colônia o produto ainda não se converteu inteiramente em mercadoria, o fundo de consumo dos trabalhadores em salário, o excedente em mais-valia etc., unicamente porque a divisão social do trabalho ainda não separou inteiramente o trabalhador da propriedade de seus próprios meios de produção, unicamente porque o capital, para felicidade do indiano, ainda não se apoderou por completo da própria Índia. *"Produção e reprodução em escala ampliada seguem aqui seu curso, sem nenhuma interferência desse santo milagroso, desse cavalheiro da triste figura, o capitalista 'abstinente'"*[862].

## 3.2. A LEI GERAL DA ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

Neste capítulo Marx trata especificamente do importante problema da sorte da classe trabalhadora com a acumulação de capital. A composição do capital é o elemento fundamental deste processo. Por composição do capital Marx entende a dupla forma em que pode ser concebida a divisão do capital: da perspectiva do valor e da perspectiva do valor de uso. *"Da perspectiva do valor, ela é determinada pela proporção em que se reparte em capital constante ou valor dos meios de produção e capital variável ou valor da força de trabalho, soma global dos salários"*[863].

Da perspectiva do valor de uso a composição se determina segundo a matéria natural do capital: meios de produção e força de trabalho. *"Da perspectiva da matéria, como ela funciona no processo de produção, cada capital se reparte em meios de produção e força de trabalho viva; essa composição é determinada pela proporção entre, por um lado, a massa dos meios de produção utilizados e, por outro lado, o montante de*

[861] OC Ib, p. 168/169. MEW 23, p. 625.
[862] OC Ib, p. 169. MEW 23, p. 625.
[863] OC Ib, p. 178. MEW 23, p. 640.

*trabalho exigido para seu emprego"*[864]. A composição vista sob a perspectiva do valor Marx chama de composição-valor e a composição vista sob a perspectiva do valor de uso chama de composição técnica do capital. A composição orgânica do capital é uma espécie de síntese das duas composições, é a composição-valor refletida na composição técnica: *"chamo a composição-valor do capital, à medida que é determinada por sua composição técnica e espelha suas modificações de: composição orgânica do capital [organische Zusammensetzung des Kapitals]"*[865]. A composição orgânica reflete, deste modo, a composição técnica e suas possíveis modificações sob a forma de uma relação entre valores.

O destino da classe trabalhadora sob a acumulação será estudado segundo duas hipóteses: primeiro, sob a hipótese de que a acumulação se realize com composição constante do capital e a segunda, sob a hipótese de que a acumulação se realize com composição orgânica em constante elevação. Numa e noutra hipótese o destino da classe trabalhadora será totalmente diferente.

### 3.2.1. Acumulação com composição orgânica constante

Suponhamos inicialmente que sob o impulso da abertura de novos mercados, do aparecimento de novas necessidades sociais e da abertura de novas esferas para investimento do capital a acumulação se veja subitamente acelerada. O capitalista, como personificação consciente do capital, procede a uma nova repartição da mais-valia, destina uma parte cada vez menor para servir como renda e outra maior para servir como capital. Mantida a composição constante do capital a demanda por trabalhadores se elevará e junto com ela se elevarão igualmente os salários dos trabalhadores.

Com mera repartição modificada da mais-valia e mantida constante a composição orgânica do capital, *"a demanda de trabalhadores pode se tornar maior que sua oferta e por isso os salários se elevam"*[866]. Esta é certamente uma situação muito favorável ao trabalhador e *"sua relação de dependência do capital reveste-se de formas suportáveis"*[867]. A circunstância de ser favorável, contudo, não modifica em nada a

[864] OC Ib, p. 178. MEW 23, p. 640.
[865] OC Ib, p. 178. MEW 23, p. 640.
[866] OC Ib, p. 179. MEW 23, p. 641.
[867] OC Ib, p. 181. MEW 23, p. 645.

natureza do capital e da reprodução social. O capitalista continua saindo na ponta do processo como capitalista e o trabalhador como trabalhador. A reprodução da força de trabalho, em situação melhor ou pior para o trabalhador, continua sendo um momento da reprodução social do capital. *"Preço crescente do trabalho em decorrência da acumulação do capital significa, de fato, apenas que o tamanho e o peso da cadeia de ouro, que o próprio trabalhador forjou para si, permitem reduzir seu aperto [mas nunca eliminá-lo J.A]"*[868].

O trágico na relação entre capital e trabalho não é que a relação reproduz o próprio trabalhador como trabalhador e o capitalista como capitalista, mas, sobretudo, que é o próprio trabalhador em sua atividade laboriosa quem reproduz esta relação, que é o próprio trabalhador quem reproduz seu produto como capital e como fonte de nova exploração e opressão sobre ele mesmo. O trabalhador reproduz constantemente suas próprias cadeias porque ele não é contratado pelo capitalista para satisfazer as necessidades sociais deste, mas, sim, para manter em atividade o ininterrupto processo de valorização do valor. E o trabalhador só é admitido como trabalhador na medida em que põe constantemente para o capital o excedente esperado por ele.

> *Força de trabalho é aí comprada não para satisfazer, mediante seu serviço ou seu produto, as necessidades pessoais do comprador. Sua finalidade é a valorização de seu capital, produção de mercadorias que contenham mais trabalho do que ele paga, portanto, que contenham uma parcela de valor que nada lhe custa e que, ainda assim, é realizada pela venda de mercadorias.*[869]

Quando a força de trabalho é comprada com renda sua atividade não se realiza como atividade que cria valor para o capital. Coisa inteiramente diferente ocorre quando a força de trabalho é comprada com capital. Nesta segunda situação o trabalho cria novo valor e valoriza o capital adiantado. Se o capitalista comprasse a força de trabalho com sua renda, com a parte do mais-produto destinado a satisfazer suas necessidades pessoais, seu modo de produção muito pouco se diferenciaria dos modos de produção do

[868] OC Ib, p. 182. MEW 23, p. 646.

passado. A produção teria como meta não o valor de troca e a valorização do valor, mas, sim, o valor de uso e a satisfação das necessidades de consumo da classe dominante. Haveria unidade entre processo de produção e consumo e não sua separação e oposição inconciliável. O produto entraria diretamente na esfera do consumo sem sofrer as tortuosas contradições da esfera das trocas. A *differentia specifica* da sociedade capitalista consiste na circunstância de que o trabalhador é contratado não com renda, mas com capital, não para prestar um serviço ao capitalista, mas, sim, para enriquecer a ele e ao capital.

Enquanto é comprado com capital o trabalhador deve necessariamente produzir um excedente de riqueza capaz de satisfazer não suas próprias necessidades e as do capitalista, mas, fundamentalmente, as necessidades do capital por mais-valor. A atividade do trabalhador não deve produzir apenas valor, mas, sobretudo, mais-valor. Se o trabalhador é comprado pelo capitalista para produzir não valores de uso, mas valores, se o capitalista compra o trabalhador para produzir meios de enriquecimento do capital e não do capitalista e, se em nossa hipótese não há uma terceira categoria de consumidores além de trabalhadores e capitalistas, quem irá consumir o excedente da produção destinado à valorização do valor? Em nossa hipótese atuam aqui apenas dois personagens e agentes da produção. O trabalhador enquanto agente do trabalho produz para o enriquecimento alheio e não para seu próprio benefício. E este benefício só pode ser obtido mediante a produção constante de mais-trabalho para o capital.

O capitalista, enquanto agente do capital, do mesmo modo não atua para si mesmo, sua função é servir ao capital, é converter em capital a parte da mais-valia que lhe cabe na forma de renda, é converter a mais-valia numa parte proporcionalmente cada vez menor em renda e maior em capital. Se trabalhadores e capitalistas são meros agentes do processo de produção, para quem produz o capital? Se em nossa hipótese não há uma terceira classe de consumidores destinados a consumir o excedente da produção como queria Malthus, quem irá consumir a produção que excede o consumo do operário e do capitalista? Se não é para o próprio capitalista para quem produz o capital? Esta é uma questão fundamental a ser respondida. Se não é para o próprio capitalista, para quem serve o capital? A resposta já está contida na própria pergunta.

---

[869] OC Ib, p. 182. MEW 23, p. 647.

O capital serve a si mesmo, sua meta é ele próprio. O capital é processo incessante de valorização do valor, é valor de troca que tem como meta exclusiva produzir mais-valor de troca, seu ponto de partida e de chegada, sua finalidade imanente, é o valor de troca e sua valorização sem fim. O capital produz para si mesmo, é produção pela produção, acumulação pela acumulação sem consideração nenhuma pelas necessidades que estão fora dele. O excedente social, abstraindo-se possíveis percalços no caminho, deve ser consumido por ele próprio na forma de capital. O capital produz capital com a finalidade única e exclusiva de ampliar o capital. *"Produção de mais-valia ou geração de excedente é a lei absoluta desse modo de produção"*[870]. Este é o segredo oculto da sociedade capitalista, sua diferença específica que a distingue de todas as sociedades do passado e explica seu rápido e fabuloso processo de desenvolvimento histórico. O capital não produz para satisfazer as necessidades humanas, mas unicamente para satisfazer as suas próprias. Sobre este tema voltaremos a falar na análise do Livro II.

Como produtora de capital a força de trabalho não é comprada com renda e sob a forma de serviço. Ela é comprada com capital e deve com seu trabalho produzir mais-capital. *"Só à medida que mantém os meios de produção como capital, que reproduz seu próprio valor como capital e que fornece em trabalho não-pago uma fonte de capital adicional é que a força de trabalho é vendável"*[871]. Dado que o salário do trabalhador possui uma relação direta com as leis da oferta e demanda por trabalhadores e dada uma acumulação de capital com composição orgânica inalterada, toda vez que crescer a acumulação de capital crescerá a demanda do capital por trabalhadores e, ao mesmo tempo, crescerá o nível de salários recebidos pela classe trabalhadora. Uma acumulação de capital com composição orgânica inalterada tem como efeito, portanto, uma alta inevitável no preço da força de trabalho e uma melhoria nas condições de vida da classe trabalhadora. Dado que a composição orgânica inalterada do capital não aumenta a produtividade do trabalho, a alta de salários tem como resultado inevitável uma queda na taxa de mais-valia. A elevação do salário e a conseqüente diminuição da mais-valia possuem, contudo, certos limites intransponíveis. Chegado a um certo ponto a elevação do salário e a queda da mais-valia devem ser freadas, caso contrário, o processo de reprodução do capital entra em

[870] OC Ib, p. 182. MEW 23, p. 647.
[871] OC Ib, p. 182. MEW 23, p. 647.

colapso e crise. *"Essa diminuição [da mais-valia] nunca pode ir até o ponto em que ela ameace o próprio sistema"*[872].

Uma elevação do preço da força de trabalho decorrente da acumulação de capital pressupõe duas alternativas possíveis. Primeiro: se ela não afetar o progresso da acumulação, isto é, se ela não for elevada o suficiente apara afetar a taxa de acumulação ordinária esperada pelo capital, a acumulação segue seu curso normal, podendo, inclusive, crescer a uma taxa maior, dado o estímulo que o capital sente em superar esta contradição. Segundo: se o salário subir muito acima de determinado nível permitido pelas necessidades do capital, este pode afrouxar o processo de acumulação, pois o aguilhão do lucro embota. Esta contradição é, assim, prontamente superada pelo capital. Ao cair o nível da acumulação cai junto a demanda por trabalhadores e as relações entre capital e trabalho se equilibram ao nível esperado pelo capital.

Aqui está posta uma questão fundamental para a compreensão do nosso problema das crises do capital e da sorte da classe trabalhadora sob o capitalismo. Devemos lembrar que aqui estamos pressupondo que a acumulação de capital se realiza mediante composição orgânica inalterada no tempo e no espaço. Pressuposto que quase nunca é praticado efetivamente pelo capital. Em sua atividade ordinária a acumulação se repete com composição crescente do capital. Dada a hipótese de composição inalterada, a classe trabalhadora pode, até certo ponto, mesmo enriquecendo o capital, viver em condições sociais menos insatisfatórias. Se acaso o nível de salários subir muito, a acumulação de capital volta a repor naturalmente o equilíbrio em suas relações. Com a queda da acumulação provocada pela alta muita elevada dos salários, cai a demanda por trabalhadores e o equilíbrio entre oferta e demanda de trabalhadores se restabelece. Estas hipóteses, ambas favoráveis ao trabalhador, a primeira, por permitir-lhe vender sua força de trabalho a um preço acima do valor permite-lhe viver acima das condições médias, a segunda, por permitir vendê-la pelo valor o impede de viver abaixo das condições sociais médias, são hipóteses puramente abstratas e provisórias.

A prática normal do capital é a reprodução em escala ampliada com composição constantemente modificada. E nestas condições a sorte do trabalhador é inteiramente diferente. Criticando Malthus por conceber os movimentos na acumulação do

[872] OC Ib, p. 183. MEW 23, p. 647.

capital determinados pelos movimentos na oferta de trabalhadores, Marx trata de demonstrar que a sorte da classe trabalhadora depende inteiramente dos movimentos no polo da acumulação de capital. Não é a expansão ou contração da oferta de força de trabalho que regem os movimentos da acumulação de capital, mas algo inteiramente contrário, são os movimentos na acumulação de capital, movimentos determinados pela taxa de lucro, que determinam os movimentos no polo da classe trabalhadora. *"São esses movimentos absolutos na acumulação do capital que se refletem como movimentos relativos na massa da força de trabalho explorável e, por isso, parecem dever-se ao movimento próprio desta última"*[873].

Marx condena o princípio da população de Malthus porque este toma os movimentos no polo da classe trabalhadora como movimentos independentes da acumulação de capital. A sorte do capital é quem estaria para Malthus, determinada pelos movimentos da população trabalhadora. *"Para usar uma expressão matemática: a grandeza da acumulação é a variável independente; a grandeza do salário, a dependente, e não o contrário"*[874].

Os salários, e com eles as condições de existência da classe trabalhadora, podem se elevar dentro da sociedade capitalista a partir do próprio movimento da reprodução do capital. Contudo, esta mesma reprodução trata de repor quotidianamente de modo inalterado, as condições necessárias para a reprodução incessante do valor. O capital, portanto, retira constantemente com uma mão aquilo que ele dá com a outra. Esta é uma condição necessária e fundamental para que ele exista como capital. O trabalhador deve existir como trabalhador, o capitalista como capitalista e o capital como capital. A reprodução do capital reproduz repetidamente, apesar de possíveis mudanças em suas relações quantitativas internas, esta circunstância necessariamente inalterada. *"A elevação do preço do trabalho permanece, portanto, confinada em limites que não só deixam intocados os fundamentos do sistema capitalista, mas também asseguram sua reprodução em escala crescente"*[875]. E o que há de mais trágico nesta circunstância toda é que a reprodução do trabalhador como trabalhador, do capitalista como capitalista e do capital como capital é resultado da atividade alienada do próprio trabalhador. Ele

[873] OC Ib, p. 183. MEW 23, p. 648.
[874] OC Ib, p. 183. MEW 23, p. 648.
[875] OC Ib, p. 184. MEW 23, p. 649.

inconscientemente recria com seu trabalho as condições necessárias para sua própria opressão e exploração. *"Assim como na religião o ser humano é dominado pela obra de sua própria cabeça, assim, na produção capitalista, ele o é pela obra de sua própria mão"*[876].

### 3.2.2. Acumulação com composição orgânica crescente

O processo de acumulação de capital não pode de modo algum se estender por muito tempo baseado apenas na composição orgânica inalterada. A necessidade imanente ao capital de elevar a produtividade do trabalho para daí extrair mais-valia na forma relativa o impele a elevar sua composição técnica, a substituir a força viva do operário pela força morta e objetivada da maquinaria. É impulso imanente da reprodução social do capital elevar sua composição técnica e, com isto, mesmo que em proporção diferente, sua composição de valor. Por isso, devemos agora estudar a sorte da classe trabalhadora dentro do capitalismo sob o pressuposto da composição orgânica do capital em constante elevação. Dados como estáveis todos os demais elementos que compõem as forças produtivas do trabalho social, *"o grau de produtividade social do trabalho se expressa no volume relativo dos meios de produção que um trabalhador, durante um tempo dado, com o mesmo dispêndio de força de trabalho, transforma em produto. A massa dos meios de produção com que ele funciona cresce com a produtividade de seu trabalho "*[877].

Estes meios de produção aumentados se expressam duplamente: por um lado, pelo volume acrescido de meios de trabalho por trabalhador como área de terra, amplitude do prédio, número de maquinaria por unidade de trabalhador, etc.; por outro, pela elevação da massa de matéria-prima que é consumida pelo trabalho. Os primeiros formam a base e condição necessária para a elevação da força produtiva. A elevação do segundo elemento é sua conseqüência. *"Mas, condição ou conseqüência, o volume crescente dos meios de produção em comparação com a força de trabalho neles incorporada expressa [ausdrückt] a crescente produtividade do trabalho"*[878].

---

[876] OC Ib, p. 184. MEW 23, p. 649.
[877] OC Ib, p. 185. MEW 23, p. 650.
[878] OC Ib, p. 185. MEW 23, p. 651.

A elevação da força produtiva do trabalho social, e a conseqüente elevação da composição orgânica do capital, pode ser observada ainda *"no decréscimo da grandeza do fator subjetivo do processo de trabalho, em comparação com seus fatores objetivos"*[879]. O fenômeno da elevação da composição do capital pode ainda ser observado *"pela análise comparativa dos preços das mercadorias, quer comparemos diferentes épocas econômicas de uma única nação ou nações diferentes na mesma época"*[880].

Esta elevação da composição orgânica do capital durante o processo de reprodução social traz importantes e poderosas contradições para a ordem do capital. Dentre elas está a queda relativa no grau de consumo social da força de trabalho em atividade, queda relativa porque, como já demonstramos, a classe trabalhadora pode elevar seu consumo social absolutamente, porém, frente à massa total da riqueza por ela mesma produzida a classe trabalhadora se empobrece relativamente. A massa da riqueza total produzida cresce sempre mais rapidamente do que a participação da classe trabalhadora no consumo social. Outra importante contradição produzida pela elevação do fator objetivo em relação ao fator subjetivo do processo de produção está no seguinte: a elevação do fator objetivado e constante do capital em relação a seu fator vivo e variável reflete-se na composição do valor da mercadoria. Quanto mais elevada for a composição orgânica do capital mais elevada relativamente será a parte do valor da mercadoria representada por trabalho morto e capital constante.

Mesmo que o valor de cada mercadoria caia individualmente com o aumento da força produtiva do trabalho social, a divisão interna entre o valor do capital constante e variável se modifica, a parte constante tende a crescer em proporção à parte variável. Isto é, a parte do valor de cada mercadoria que representa meramente os valores antigos do capital pré-existente que a ela foram transferidos pelo trabalhador no processo de formação do valor, mesmo com queda absoluta de seu valor individual, tende a se elevar frente a parte composta pelo valor variável.

> *A grandeza relativa do elemento do preço, que representa apenas o valor dos meios de produção consumidos ou a parte constante do capital, estará na razão direta; a grandeza relativa do outro elemento do preço, que*

[879] OC Ib, p. 185. MEW 23, p. 651.

*representa a parte que paga o trabalho ou a parte variável do capital estará geralmente na razão inversa do progresso da acumulação.*[881]

Quanto mais se desenvolvem as forças produtivas do trabalho social mais o preço unitário de cada mercadoria tende a cair. O valor de cada mercadoria individual está numa relação inversa à mudança de grau no desenvolvimento da força produtiva do trabalho social. A massa de valores antigos que se agrega ao valor de cada mercadoria individual, contudo, está numa relação direta com o aumento da força produtiva do trabalho social. Quanto mais elevada for esta maior será a parte representada pelo valor do capital constante na formação do valor de cada unidade de mercadoria. A parte representada por trabalho variável, inversamente, diminui relativamente a cada acréscimo no grau de desenvolvimento da força produtiva do trabalho. Esta contradição se mostra explosiva nas crises provocadas pela queda na taxa de lucro. Como a parte que valoriza e acresce o capital é a parte composta pelo capital variável e esta tende a cair com o progresso da acumulação, tende a cair junto com ela a massa de trabalho não-pago objetivado em cada unidade de mercadoria. Sobre este tema vide o item 2.8.3-b: *Transferência de valor da maquinaria ao produto*.

Aqui se manifesta de modo vivo e exuberante toda a natureza complexa e contraditória do capital. Para driblar as permanentes e insolúveis contradições da produção capitalista o capital procura superá-las recriando sem querer novos e mais potentes impedimentos à sua pacífica existência. Vimos que historicamente o capital se lançara furiosamente ao desenvolvimento das forças produtivas e à produção pela produção, unicamente com a intenção de superar as resistências que ele encontrara à produção desenfreada de mais-valia absoluta. Ao recriar condições mais favoráveis à acumulação de capital, condições sob as quais ele se liberta dos incômodos provocados pela oposição dos trabalhadores, ele recria inconscientemente novos e mais poderosos impedimentos à sua livre expansão. O capital superou os limites à expansão baseada na produção de mais-valia absoluta criando condições para se expandir baseadas na forma relativa da mais-valia. Agora a própria mais-valia relativa começa a pôr seus limites. A acumulação de capital se expande livremente carregando consigo, contraditoriamente, seus próprios limites, ela

[880] OC Ib, p. 185. MEW 23, p. 651.

supera um limite repondo outro maior em seu lugar. Ela supera seus próprios limites sob a condição indesejada de repô-los constantemente. O capital supera um limite recriando outro. Ele é a pura contradição em processo[882].

### 3.2.3. Concentração e centralização do capital

Certa massa relativamente grande de capital concentrado em mãos de poucos e poderosos capitalistas tem sido nosso pressuposto até aqui. Este é um dado necessário à acumulação de capital que até o momento permanece absolvido de toda crítica. Essa massa de capital original, *"pode ser chamada de acumulação primitiva, pois ela, ao invés de resultado histórico [historisches Resultat], é fundamento histórico [historische Grundlage] da produção especificamente capitalista"*[883]. Marx anuncia novamente aqui seu modo particular de expor e negar criticamente o processo de desenvolvimento capitalista. Por enquanto a massa de capital que constantemente se deposita em mãos de certo número relativamente grande de capitalistas é concebida unicamente como mais-valia acumulada, como mais-trabalho criado pelo trabalhador convertido em propriedade do capitalista.

A fonte original que principia e funda historicamente a produção capitalista permanece por enquanto fora de investigação. Contudo, devemos ter como pressuposto que o capital principia, tanto historicamente como conceitualmente, sob a forma de uma massa de riqueza relativamente grande e concentrada em mãos de poucas pessoas. Como esta massa de riqueza se depositou em seu ponto de partida histórico nestas mãos permanece por enquanto fora de investigação. Até aqui só investigamos como a massa de riqueza constantemente criada pelo trabalhador dentro da sociedade capitalista já formada se deposita necessariamente em mãos do capitalista e não do trabalhador. Aqui trata-se não ainda de explicar a formação do primeiro capital que funda historicamente a sociedade capitalista, mas de explicar como certa massa de riqueza flui constantemente das mãos de muitos e dispersos capitalistas para as mãos de poucos e concentrados homens de negócios no interior da sociedade capitalista já desenvolvida.

---

[881] OC Ib, p. 185. MEW 23, p. 651.
[882] Vide Frederico M. Mazzuchelli: ***A contradição em processo: o capitalismo e suas crises***. S.P: Brasiliense, 1985.
[883] OC Ib, p. 186. MEW 23, p. 652.

Todo capital individual aspira incessantemente a ser um grande capital. O sonho de qualquer pequeno e médio capitalista é se tornar um grande e poderoso senhor imperial. Enquanto agente do capital, o capitalista individual devota toda sua existência ao serviço dessa necessidade e impulso incontrolável do capital. O capital social pode crescer e ampliar sua escala e raio de ação unicamente pelo processo de acumulação de capital, pela conversão constante da mais-valia em capital. Se a mais-valia é transformada toda ela em renda então não haverá processo de reprodução ampliada, mas unicamente reprodução simples sob uma escala inalterada. Se o capitalista transforma toda sua mais-valia em meios de consumo para si próprio a sociedade permanecerá estagnada e estática no tempo e no espaço.

Com a acumulação de capital e a ânsia desenfreada de lucro todas as potências adormecidas da Natureza serão despertadas, as forças intelectuais da raça humana serão desenvolvidas e postas em atividade e a sociedade será arrancada, como nenhuma outra sociedade do passado, do seio encantador da Natureza. A produção capitalista se desenvolverá aos saltos e rapidamente abarcará todo o globo terrestre. A acumulação de capital é o meio mais poderoso de expandir o capital. Cada capitalista individual, e junto com ele o capital total da sociedade, cresce absolutamente em tamanho e poder na medida em que realiza continuamente este processo. O capital social cresce, portanto, na medida em que cada célula individual de seu corpo, ou cada parte alíquota de seu ser, atua ativamente neste processo. *"O crescimento do capital social [gesellschaftlichen Kapitals] realiza-se no crescimento de muitos capitais individuais [individuellen Kapitale]"*[884]. O capital social pode crescer tanto quantitativa quanto qualitativamente. Quantitativamente na medida em que se expande apenas no interior do mesmo ramo da produção. Qualitativamente na medida em que se desprende dos velhos ramos em atividade e funda novos ramos ainda desconhecidos.

Os capitais individuais que atuam deste modo encontram apenas dois limites à expansão acelerada. Primeiro, o limite do crescimento do próprio capital social. O conjunto dos rebentos individuais que aspiram ao papel de novo capital só pode se expandir na medida em que se expande o capital social. *"Primeiro: a crescente concentração dos*

[884] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 653.

*meios de produção social nas mãos de capitalistas individuais é, permanecendo constantes as demais circunstâncias, limitada pelo grau de crescimento da riqueza social"*[885].

Em segundo lugar, cada capital individual aspirante à posição de senhor absoluto do império, encontra limites nas pretensões igualmente imperiais de seus irmãos inimigos, na oposição de seus iguais reciprocamente concorrentes. O território de cada capital individual só pode se expandir na medida em que não invada o território de seu irmão concorrente. *"Segundo: a parte do capital social [gesellschaftlichen Kapitals], localizada em cada esfera específica da produção, está repartida entre muitos capitalistas, que se confrontam como produtores de mercadorias independentes e reciprocamente concorrentes"*[886].

Como a produção capitalista não apenas expande de modo extraordinário para todas as áreas da produção social o caráter mercantil da produção, como ela não abole a natureza mercantil do produto, mas ao contrário, a conserva, ela conserva ao mesmo tempo a oposição recíproca e imanente dos vários produtores individuais entre si. Como seu produto conserva as propriedades dúbias da mercadoria, valor de uso e valor, cada capitalista individual concorre necessariamente com seus irmãos de raça pela realização no mais curto espaço de tempo do valor do produto em preço. A concorrência entre os capitalistas individuais é inevitável pelo caráter da própria produção capitalista. Como o processo de acumulação e expansão do capital não é regulado por um mecanismo global consciente, como este processo se determina unicamente pela disposição e consciência fragmentada de cada capitalista individual, os diversos capitais individuais necessariamente hão de se chocar em suas cegas pretensões em algum ponto do processo.

A fragmentação recíproca se desenvolve por dois caminhos distintos. Por um lado, pela formação de novos capitais autônomos que sempre aparecem junto com o desenvolvimento das forças produtivas e a divisão social do trabalho. Por outro lado, pela fragmentação dos capitais antigos mais concentrados. Joga um papel decisivo nesta questão a partilha por herança. *"A acumulação e a concentração que a acompanha não apenas estão dispersos em muitos pontos, mas o crescimentos dos capitais em funcionamento é*

[885] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 653/654.
[886] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 654.

*entrecruzado pela constituição de novos capitais e pela fragmentação de capitais antigos"*[887].

A ausência completa de um mecanismo regulador consciente que distribua a massa acrescida do trabalho social entre os diversos ramos da produção, novos ou velhos, provoca necessária e inevitavelmente o choque de interesses entre os vários capitais individuais. *"Assim, se a acumulação se apresenta, por um lado, como concentração crescente [wachsende Konzentration] dos meios de produção e do comando sobre o trabalho, por outro lado ela aparece como repulsão recíproca entre muitos capitais individuais [Repulsion vieler individueller Kapitale voneinander]"*[888]. A acumulação de capital deste modo não apenas se funda na anarquia social, mas, sobretudo, a reproduz e a aprofunda na medida em que estimula a repulsão recíproca dos múltiplos capitais individuais entre si.

Essa repulsão recíproca, contudo, é negada por uma força oposta, a força de atração, do mesmo modo recíproca. *"Essa dispersão do capital global da sociedade em muitos capitais individuais ou a repulsão recíproca entre suas frações é oposta por sua atração"*[889]. Ao fenômeno da dispersão e oposição anárquica dos múltiplos capitais individuais se contrapõe a tendência oposta dos mesmos a se fundirem em poucos e poderosos capitais. À concentração se opõe, e a completa, o fenômeno da centralização. Centralização de capitais é simplesmente sua reunião em poucas e poderosas mãos, é uma forma modificada e superior de concentração, é a reunião em poucas mãos de um capital já constituído e em funcionamento. *"É concentração de capitais já constituídos, supressão de sua autonomia individual, expropriação de capitalista por capitalista, transformação de muitos capitais menores em poucos capitais maiores"*[890]. A força de repulsão recíproca tende a repelir os múltiplos e independentes capitais e a pô-los numa luta concorrencial cega e desenfreada entre si. Enquanto a força de repulsão tende para a polarização dos capitais individuais, a força da centralização tende para a unificação destes pólos inimigos reunindo-os em poucos e grandes capitais individuais.

---

[887] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 654.
[888] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 654.
[889] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 654. *"Diese Zersplitterung des gesellschaftlichen Gesamtkapitals in viele individuelle Kapitale oder der Repulsion seiner Bruchteile voneinander wirkt entgegen ihre Attraktion"*
[890] OC Ib, p. 187. MEW 23, p. 654.

O processo de centralização do capital se distingue da concentração porque a centralização não acresce a massa global do capital social em atividade, ela apenas redistribui o capital já existente de modo mais concentrado. A centralização não cria um novo capital antes inexistente, mas apenas transfere das mãos de um capital menor para um capital maior um capital que já existe previamente. A centralização se caracteriza por negar à cada capital menor sua autonomia individual e pô-lo como elo interno de poucos e grandes capitais. A centralização do capital pode ocorrer mesmo que não ocorra crescimento absoluto do capital social. *"O capital se expande aqui numa mão, até atingir grandes massas, porque acolá ele é perdido por muitas mãos. É a centralização [Zentralisation] propriamente dita, distinguindo-se da acumulação [Akkumulation] e da concentração [Konzentration]"*[891].

Seguindo o método de expor primeiro as determinações e leis internas do capital, a lei que regula suas relações com a classe trabalhadora, para somente depois expor as leis da concorrência, Marx dedica-se apenas a dar uma explicação sumária e rápida do mecanismo da centralização. A concorrência entre preços é o principal mecanismo da concorrência em geral. A barateza do preço da mercadoria por sua vez, dado tudo mais como estável, está determinada pela produtividade do trabalho e esta depende da escala da produção. A escala da produção depende por sua vez da concentração de certa grandeza mínima de capital em mãos de poucos e grandes empreendimentos. Na luta concorrencial os capitais maiores derrotam necessariamente os menores. Estes capitais menores tendem a se deslocar para esferas de investimento normalmente desprezadas pelo grande capital. A concorrência neste ramo inferior se dá entre a multidão mais ou menos expressiva dos pequenos e médios capitais entre si. *"A concorrência se desencadeia aí com fúria diretamente proporcional ao número e em proporção inversa à grandeza dos capitais rivais"*[892]. Neste ramo a concorrência tende a se desenvolver de modo mais furioso devido a grande diversidade de força entre os vários capitais. *"Termina sempre com a ruína de muitos capitalistas menores, cujos capitais em parte se transferem para a mão do vencedor, em parte soçobram"*[893].

[891] OC Ib, p. 187. MEW 23, p.654.
[892] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.
[893] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

Ao lado deste fenômeno, ou mesmo como resultado dele, constitui-se paulatinamente uma potência centralizadora inteiramente nova e espetacular: o sistema de crédito que *"levando por fios invisíveis recursos monetários dispersos em massas maiores ou menores pela superfície da sociedade às mãos de capitalistas individuais ou associados,... logo se torna uma nova e temível arma na luta da concorrência e finalmente se transforma em enorme mecanismo social para a centralização dos capitais"*[894].

Com o sistema de crédito toda a massa monetária da riqueza social se transforma rapidamente em riqueza monetária disponível para o capital e os bancos se transformam no maior usurpador da nação. O sistema de crédito, como um polvo gigantesco, estende seus tentáculos sugando e transferindo de uma mão menor para outra maior a imensa massa da riqueza social disponível. Se de um ponto de vista particular e isolado o entesouramento de capital ainda persiste em alguns ramos da produção, de um ponto de vista global e dinâmico toda massa monetária entesourada se converte com o sistema de crédito em capital em potência e valor sempre disponível a se transformar em capital. O sistema de crédito alavanca do dia para a noite imensas somas de capitais impossíveis de serem alavancadas pelo capital individual isolado. *"À medida que se desenvolve a produção e acumulação capitalista, na mesma medida desenvolvem-se concorrência e crédito, as duas mais poderosas alavancas da centralização"*[895].

Se por um lado o sistema de crédito impulsiona o processo de centralização do capital em poucas e poderosas mãos, por outro lado, ele se converte num instrumento de reprodução da multiplicidade de capitais individuais, ele não apenas estimula a concentração do capital, mas, ainda, estimula o surgimento de novos capitais individuais antes inexistentes e com isto, estimula a formação da matéria necessária para a constante centralização do capital. *"Paralelamente, o progresso da acumulação multiplica a matéria centralizável, isto é, os capitais individuais, enquanto a expansão da produção capitalista cria aqui a necessidade social, acolá os meios técnicos, para aquelas poderosas empresas industriais cuja realização se liga a uma centralização prévia do capital"*[896].

Esta passagem é de fundamental importância para compreendermos o mecanismo da concentração porque, se por um lado a concentração se desenvolve numa

[894] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.
[895] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.
[896] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.

linha reta ascensional, por outro lado, ela fragmenta e multiplica o número de capitais individuais em atividade. O sentido não apenas se orienta verticalmente mas ainda horizontalmente, o capital não apenas se concentra mas ainda se multiplica e se fragmenta.

Marx, deste modo, concebe o processo de centralização do capital como um jogo de forças dinâmicas onde não apenas atua a tendência de reunião em poucas mãos dos capitais antigos, e mesmo dos que se encontram em fase de formação, mas, ainda, atua a tendência à formação de novos capitais individuais e sua dispersão em mãos mais numerosas. A repetição constante da centralização só pode ser realizada mediante contínua dispersão e fragmentação. O jogo, se possui um sentido claro, o sentido da reunião do que está disperso, reproduz constantemente a dispersão e fragmentação como matéria necessária à existência do próprio jogo.

O que há de fundamental na análise do processo de centralização do capital nos parece ser a circunstância de que Marx não possui uma definição pronta e dogmática sobre as tendências futuras do capitalismo. Ou melhor, ele não possui um prognóstico sobre o futuro do capitalismo. Ele já vive em seu próprio tempo este futuro. Ele aponta claramente que a tendência do capital em seu conjunto é a da centralização. Sobre isto não resta a menor dúvida. O capital em seu processo de reprodução ampliada tende necessariamente à centralização. *"Hoje em dia [Heutzutage], portanto, a força de atração recíproca dos capitais individuais e a tendência à centralização são mais fortes do que em qualquer ocasião anterior"*[897]. Marx não concebe sua análise sobre a centralização como um prognóstico para o futuro do capitalismo. O que Marx analisa nesta passagem é seu próprio tempo presente, é a realidade de uma época que se conserva até hoje. *"Hoje em dia, portanto..."*, diz literalmente Marx, isto é, já em sua época, predomina a tendência à centralização. Tal tendência não é um prognóstico para uma hipotética época futura mas sim, para o próprio tempo presente de Marx.

O que ele vislumbra, contra as tendências teóricas modernas que apostam mais na força da centralização nas mãos de um único e poderoso capital individual, é a repetição deste constante jogo de centralização versus dispersão de capitais. Ele não encerra este jogo suprimindo a concorrência e pondo em seu lugar um único e poderoso capital que programa conscientemente a distribuição do trabalho total de acordo com sua conveniência

[897] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.

exclusiva. Se a centralização será coroada, ou não, em seu estágio final com a reunião do conjunto dos capitais individuais nas mãos de um único e poderoso capital, como concebem a maioria dos teóricos modernos do imperialismo, não pode ser concebida aqui como uma conclusão lógica e necessária. Marx concebe o futuro econômico do capitalismo mais como um jogo do que um resultado final pronto e acabado. Um jogo que certamente possui sentido, mas, sobretudo, um jogo dialético de forças que se repelem e se fundem reciprocamente. Um jogo em espiral onde cada novo combatente, vencedor ou derrotado, é maior que o combatente anterior.

A centralização poderia ser concebida como um jogo de forças onde atua exclusivamente a força centralizadora, em oposição à força repulsora e fragmentadora, apenas sob a circunstância de uma paralisia e queda do desenvolvimento das forças produtivas, de uma queda absoluta da expansão do capital. Este fenômeno seria possível devido à diferença fundamental entre concentração e centralização do capital: *"o progresso da centralização não depende, de nenhum modo do crescimento positivo da grandeza do capital social"*[898]. Isto se deve à circunstância de que *"a centralização pode ocorrer por meio de mera mudança da distribuição de capitais já existentes, mediante mudança simples do agrupamento quantitativo dos componentes do capital social"*[899]. Isto é o que normalmente acontece nas crises e depressões econômicas. Passada a crise e a depressão o conjunto do capital social é quantitativamente menor do que antes dela. Os capitais individuais que sobrevivem a ela saem, contudo, normalmente maiores e mais poderosos que antes. Retomado o processo de crescimento os capitais velhos e em funcionamento voltam a crescer e junto a eles voltam a se formar novos capitais e ramos da produção antes inexistentes.

O jogo de forças entre reunião e dispersão volta a se repetir e com ele o mesmo drama de sempre: retomada lenta do crescimento, expansão, auge, euforia deslumbrante seguida tragicamente pela crise abrupta. Na fase de expansão andam lado a lado dispersão e formação de novos capitais e a concentração em poucas mãos é predominante. Na fase de queda e depressão quando a formação de novos capitais desaparece a centralização domina soberanamente. Dispersão, fragmentação e formação de novos capitais na fase de prosperidade. É a situação em que a concentração é predominante.

---

[898] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.

Centralização sem acumulação é o que ocorre, em linha geral, na fase de depressão. É este jogo de forças que pensamos ser o jogo projetado por Marx para o futuro do capitalismo e não a supremacia absoluta da centralização. Esta só poderia atuar unilateralmente caso as forças produtivas entrassem definitivamente em queda.

> *Em dado ramo de negócios, a centralização teria alcançado seu limite último [äußerste Grenze] se todos os capitais aí investidos fossem fundidos num só capital individual. Em dada sociedade, esse limite [Grenze] seria alcançado no instante em que o capital global da sociedade estivesse reunido na mão seja de um único capitalista, seja de uma única sociedade de capitalistas.*[900]

Importante aqui é observar a ausência completa de profetismo nestas palavras. Marx aqui não profetiza o futuro do capitalismo, apenas especula sobre uma hipótese teórica razoável de ser pensada. Estas palavras não podem ser, de modo algum, concebidas como um decreto dogmático por parte de Marx sobre o futuro da sociedade capitalista. Estas palavras são apenas a constatação lógica e abstrata sobre o futuro do capitalismo caso o capital não reconstituísse constantemente os limites que repetidamente procura superar. Ele supera a concorrência entre a multiplicidade de capitais apenas para repô-la novamente numa escala mais elevada. Caso o processo de expropriação e centralização não sofresse a reação de uma força oposta de dispersão e recriação de novos ramos da produção o capitalismo sofreria um colapso natural inevitável: *"esse processo levaria com rapidez a produção capitalista ao estádio final, se ao lado da força centrípeta, tendências paralisantes... não atuassem sempre descentralizando de novo"*[901]

A centralização constante do capital não abole a dispersão e fragmentação dos diversos capitais entre si, ela não abole o jogo de forças cegas e irracionais do mercado. Ela apenas constitui o ponto de partida, e não de chegada como pensam muitos teóricos modernos do imperialismo, para esta supressão. A centralização prepara as bases para uma organização ainda mais superior do trabalho humano, ela constitui meramente um ponto de

---

[899] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655.
[900] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655/656.
[901] Teorias da mais-valia III, p. 1357.

transição, de mediação, entre a concorrência cega e irracional e uma ordem social plenamente racional e consciente.

> *A expansão acrescida dos estabelecimentos industriais constitui por toda parte o ponto de partida para uma organização mais abrangente do trabalho coletivo de muitos, para um desenvolvimento mais amplo de suas forças motrizes materiais, isto é, para a conversão progressiva de processos de produção isolados e rotineiros em processos de produção socialmente combinados e cientificamente dispostos.*[902]

A centralização do capital, estimulada pelo crédito e pelas sociedades por ações, se põe ainda como uma potência revolucionária ao estender sobre a terra, num piscar de olhos, da noite para o dia, milhares e milhares de estradas de ferro, e outros investimentos, que seriam impossíveis de existir caso a sociedade tivesse que esperar o lento processo de crescimento do capital individual. O que ganha a sociedade por um lado, porém, perde por outro o conjunto da classe trabalhadora. A centralização do capital ao estimular a acumulação, estimula junto a escala da produção, a mudança e elevação da composição técnica do capital e, derradeiramente, a queda na demanda relativa, e até mesmo absoluta, de trabalhadores.

Se, por um lado, a sociedade se eleva com a centralização e acumulação de capital, o trabalhador, por seu lado, tende contraditoriamente a cair com o crescimento dela. *"E enquanto a centralização assim reforça e acelera os efeitos da acumulação, amplia e acelera simultaneamente as revoluções na composição técnica do capital, que aumentam sua parte constante à custa de sua parte variável e, com isso, diminuem a demanda relativa de trabalho"*[903].

Tais progressos e efeitos inevitáveis não são concebidos por Marx como resultados futuros do capitalismo, mas como uma realidade viva de sua época. Tais resultados não podem ser concebidos como um prognóstico futuro de Marx mas, sim, como uma realidade em curso em sua própria época. *"Ao falar, portanto, do progresso da acumulação social – hoje em dia [heutzutage] –, os efeitos da centralização estão*

---

[902] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 656.

*implícitos"*[904]. (Grifo nosso). Assim como já havia associado anteriormente estes efeitos não a um hipotético futuro tardio do capitalismo mas a um efeito necessário de sua própria época, poderíamos legitimamente nos questionar: em que época do desenvolvimento capitalista escreveu Marx sua obra máxima? Teria sido na época da livre concorrência como sugere implicitamente boa parte de seus comentadores? Teria sido numa época histórica diferente da nossa, a época do grande capital internacional e monopolista? Seria *O Capital*, com suas amargas e trágicas conseqüências sociais, uma obra historicamente pertencente ao passado? Seria ele uma obra inadequada para pensarmos a época moderna do capitalismo tardio e por isso, deveria ser atualizado para nosso tempo presente? Ou seria o capitalismo tardio uma realidade já vivenciada por Marx em 1867?

Esta oposição entre nossa época e a época de Marx é, em nossa concepção e como podemos perceber pelas palavras do próprio Marx, uma falsa oposição. Marx teoriza, e não apenas prognostica como parece pensar boa parte de seus estudiosos, o futuro do capitalismo porque o futuro para ele já é presente, é atualidade, é realidade efetiva e não mera possibilidade em gestação. Volto aqui a citar novamente as palavras de Marx sobre esta atualidade do capitalismo de sua época. *"Hoje em dia, portanto [isto é, sua própria temporalidade histórica que nós erroneamente concebemos como anacrônica e superada pelo imperialismo], a força de atração recíproca dos capitais individuais e a tendência à centralização são mais fortes do que em qualquer ocasião anterior"*[905].

A centralização não é um fenômeno que pertencerá ao futuro do capitalismo projetado por Marx. Ela é sua própria realidade presente. Ela já é contemporânea de Marx. E não somente a centralização do capital industrial, mas, ainda, a centralização impulsionada pelo sistema financeiro. O fenômeno da centralização dirigida pelo sistema financeiro já é conhecido por Marx em sua própria época histórica. Que significam as palavras já citadas anteriormente sobre o sistema de crédito como nova e temível arma na luta da concorrência que finalmente se transforma em enorme mecanismo social para a centralização dos capitais? O que é uma nova e temível arma senão algo que já atua no presente de Marx e não apenas um mecanismo hipoteticamente projetado para o futuro?

---

[903] OC Ib, p. 189. MEW 23, p. 656.
[904] OC Ib, p. 189. MEW 23, p. 657.
[905] Nota já citada. Vide nota 890.

O presente de Marx é nosso próprio presente, esta separação temporal entre ele e nossa época não parece corresponder em nada às palavras do próprio Marx. Ele pertence a uma temporalidade histórica diferente da nossa unicamente por culpa de nossa própria ignorância. Já na quarta edição de *O Capital* Engels adiciona uma nota importantíssima onde esta arbitrária dualidade de tempos mostra-se totalmente absurda. *"Os mais recentes trusts ingleses e americanos já se voltam para esse objetivo [o de se fundirem num grande capital individual J.A], procurando reunir ao menos todas as grandes empresas de um ramo de negócios em uma grande sociedade por ações, tendo, na prática, o monopólio"*[906]. Esta passagem é tão atual que mais parece uma das muitas notícias de jornais que se tornaram triviais em nossa época.

A queda absoluta na demanda por trabalhadores "tão atual em nossa época", não deixa de ser refletida por Marx, o Marx do passado anacrônico. A acumulação de capital reproduz periodicamente dois tipos de capital. Por um lado ela repõe em funcionamento, numa escala ampliada ou não, o velho capital já instalado no passado. Por outro, ela cria um novo capital que se dispersa e se fragmenta entre novos ramos da produção antes inexistentes. A queda na demanda absoluta de trabalhadores se torna uma realidade efetiva com a acumulação, não mais apenas uma possibilidade abstrata, porque de um lado os novos capitais com composição orgânica mais elevada empregam relativamente menos trabalhadores e, de outro, porque os velhos capitais, ao mudarem sua velha pele enrijecida para se manterem vivos no mercado, expulsam constantemente trabalhadores de suas fábricas.

De um lado o capital novo, aquele capital sempre esperado ansiosamente pela sociedade, absorve cada vez menos trabalhadores e de outro, o velho capital os expulsa cada vez mais de suas fábricas. *"Por um lado, o capital adicional constituído no decurso da acumulação atrai, portanto, em proporção a seu tamanho, menos e menos trabalhadores. Por outro lado, o velho capital, reproduzido periodicamente em nova composição, repele mais e mais trabalhadores anteriormente ocupado por ele"*[907]. A acumulação faz seus estragos sobre a classe trabalhadora de todos os modos. Tanto o pai como os filhos, tanto os velhos como os novos capitais alimentam a mesma e desenfreada

[906] OC Ib, p. 188. MEW 23, p. 655. Nota 77b da Quarta Edição Alemã de 1890.
[907] OC Ib, p. 189. MEW 23, p. 657.

paixão: o valor de troca em escala cada vez mais acelerada à custa do emprego do trabalhador.

### 3.2.4. A superpopulação trabalhadora

Com a acumulação e a elevação permanente da composição orgânica do capital, a demanda por trabalhadores necessariamente cairá ao longo do processo. Como a demanda por trabalhadores não está determinada pela massa global de capital empregado, mas, sim, por sua parte variável que cai continuamente frente à parte constante, a sorte da classe trabalhadora sob esta condição é totalmente diferente da hipótese em que a composição permanecia inalterada. Nesta a demanda por trabalhadores crescia junto com a ampliação da produção. Agora a produção pode ser ampliada sem crescimento proporcional da demanda por trabalhadores.

> *Como a demanda de trabalho não é determinada pelo volume do capital global, mas por seu componente variável, ela cai progressivamente com o crescimento do capital global, ao invés de, como antes se pressupôs, crescer de modo proporcional com ele. Ela cai em relação à grandeza do capital global e em progressão acelerada com o crescimento dessa grandeza.*[908]

A classe trabalhadora ativa na produção pode certamente crescer em termos absolutos porém, relativamente ao crescimento da massa global de capital constante empregado ela tende a cair progressivamente.

Com queda relativa progressiva do número de trabalhadores absorvidos pelo capital, tende a crescer absolutamente a massa de trabalhadores sem ocupação e supérflua em relação às necessidades do capital. A acumulação capitalista produz deste modo, necessariamente, *"uma população trabalhadora adicional relativamente supérflua ou subsidiária, ao menos no concernente às necessidades de aproveitamento por parte do capital"*[909]. O aspecto trágico da acumulação novamente volta a se manifestar: o excesso populacional é produto da atividade da própria classe trabalhadora. Ela mesma, sem querer, produz sua própria tragédia. *"Com a acumulação do capital produzida por ela mesma, a*

[908] OC Ib, p. 190. MEW 23, p. 658.

*população trabalhadora produz, portanto, em volume crescente, os meios de sua própria redundância relativa"*[910]. Como o produto criado pela classe trabalhadora é capital que se volta contra ela, ela reproduz continuamente, sem querer e inconscientemente, suas próprias cadeias.

Esta superpopulação excedente, contudo, não é apenas um resultado necessário da acumulação. Ela funciona ao mesmo tempo como condição indispensável e poderosa alavanca da acumulação. Ela só pode ser concebida como supérflua em relação às necessidades do processo de produção que paulatinamente a substitui por maquinaria. Analisada sob o ponto de vista mais amplo a superpopulação não apenas se converte em conseqüência inevitável, mas, ainda, em elemento indispensável do processo de reprodução do capital: *"essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista"*[911]. Este exército industrial de reserva funciona como um batalhão humano existente fora da fábrica, sempre pronto a servir nas fileiras ativas do capital que se forma durante os curtos períodos de expansão econômica.

Este movimento da população não pode ser, de modo algum, concebido como um movimento natural e abstrato, válido para todas as épocas históricas. Ele é próprio da sociedade capitalista e só pode ser encontrado nela. Nenhuma outra sociedade do passado conheceu este tipo de movimento na estrutura da população trabalhadora. *"Essa é uma lei populacional peculiar ao modo de produção capitalista, assim como, de fato, cada modo de produção histórico tem suas leis populacionais particulares, historicamente válidas. Uma lei populacional abstrata só existe para planta e animal, à medida que o ser humano não interfere historicamente"*[912].

A partir deste enunciado que procura delimitar a sociedade capitalista do conjunto da história humana, Marx irá descrever o ciclo industrial como função deste movimento populacional. As mutações cíclicas do capital são descritas por Marx como função das mutações sofridas pela classe trabalhadora. E esta última, ainda, como vimos, é descrita como função da acumulação de capital.

---

[909] OC Ib, p. 190. MEW 23, p. 658.
[910] OC Ib, p. 191. MEW 23, p. 660.
[911] OC Ib, p. 191. MEW 23, p. 661.
[912] OC Ib, p. 191. MEW 23, p. 660.

Diz Marx: *"o curso de vida [Lebenslauf] característico da indústria moderna, que não encontramos em nenhuma época anterior da humanidade, também era impossível no período da infância da produção capitalista"*[913]. No período da infância, enquanto o capital não fundara ainda uma base técnica correspondente às suas próprias necessidades, enquanto a oferta de força de trabalho possuía uma base ainda natural, o curso da acumulação seguia lento e paulatinamente sem sobressaltos e crises. Com a constituição da grande indústria, contudo, tais saltos expansivos se tornaram possíveis não apenas porque a base técnica alterara-se, mas, sobretudo, porque o capital encontrava sempre disponível uma massa excedente da população disposta a servi-lo nos novos ramos da produção em formação. Já demonstramos em passagens anteriores que a grande indústria e o sistema de máquinas surgem não para suprir a carência de força de trabalho, mas, sim, para ocupá-la nos pontos onde ela existia em abundância. O sistema da grande indústria tem como pressuposto uma exuberante classe trabalhadora disponível para o trabalho. Com esta exuberância foi possível superar a lentidão da acumulação manufatureira e desenvolver o capital aos saltos. Contudo, a expansão súbita da acumulação provoca, do mesmo modo súbita, a contração do processo. *"A expansão súbita e intermitente da escala de produção é o pressuposto [Voraussetzung] de sua contração súbita"*[914].

Enquanto a acumulação seguia a passos de tartaruga no período infantil do capitalismo, o período manufatureiro, as relações entre produção e consumo eram menos contraditórias e explosivas que no período adulto da grande indústria. Quando na idade adulta a produção se expande a passos de gigante, as relações entre produção e consumo ganham uma nova e explosiva dimensão. A produção passa a se expandir a um ritmo muito mais veloz que o consumo, a distância entre produção e consumo tende a se alargar quanto mais se alargam os progresso da acumulação. Na base de todo este processo estão os movimentos populacionais relativos e a crescente dimensão do exército industrial desocupado sempre disposto a servir ao capital em suas pretensões expansivas.

Este é um aspecto fundamental na dinâmica do ciclo econômico do capitalismo moderno e, em nossa concepção, muito pouco explorado pela maioria dos comentadores de Marx. As crises econômicas do capitalismo aparecem agora muito mais

[913] OC Ib, p. 192. MEW 23, p. 661.

determinadas que no começo da exposição. Dentro de uma sociedade capitalista desenvolvida as crises se tornam cada vez mais uma possibilidade real porque ao lado da escala de produção e da massa de mercadorias sempre crescentes acompanha uma queda, não apenas relativa, mas, ainda, absoluta, da massa da população trabalhadora integrada nas relações de consumo desta riqueza acrescida. Já vimos que a produtividade desenvolvida do trabalho social se realiza, inevitavelmente, a custa de uma redução na massa de consumo da classe trabalhadora. A massa populacional excedente gerada pela acumulação de capital está fora das relações de consumo porque está, do mesmo modo, fora das relações diretas de produção. O consumo social desta massa desocupada só poderá ser um consumo derivado. Um consumo que será mantido pela própria classe trabalhadora ou pela mais-valia coletada pelo Estado. Quanto mais desenvolvida esta massa populacional desempregada mais reduzida será a massa de salários do conjunto da classe trabalhadora em relação com a riqueza por ela mesma produzida. Como em nossa hipótese não há outros consumidores da riqueza social que não sejam capitalistas e trabalhadores e como nosso capitalista é um apaixonado inveterado pela acumulação, então, parte maior do produto social será constantemente lançada na circulação para atuar como capital e inundar ainda mais o mercado com mercadorias sem gerar, contudo, uma nova massa de consumidores capazes de consumirem integralmente esta riqueza. Esta contradição deve explodir em algum ponto do processo sob a forma de uma crise por excesso de mercadorias sem compradores.

A maior exclusão ou absorção desta massa de trabalhadores que compõe o exército industrial de reserva forma a base sobre a qual se desenvolvem os ciclos econômicos do capital. *"O curso de vida [Lebenslauf] característico da indústria moderna, sob a forma de um ciclo decenal, interrompido por oscilações menores, de vitalidade média, produção a todo vapor, crise e estagnação, repousa [beruht] na contínua constituição, na maior ou menor absorção e na reconstituição do exército industrial de reserva ou superpopulação"*[915]. Esta passagem é fundamental por dois motivos: primeiro, porque Marx acreditava que o ciclo decenal tendia a reduzir sua duração com o avançar do processo de acumulação. Dizia ele em passagem anterior: *"os períodos em que a acumulação atua como mera expansão da produção sobre uma base técnica dada tornam-*

[914] OC Ib, p. 192. MEW 23, p. 662.

*se cada vez mais curtos"*[916]. Se, por um lado, a população excedente tende a ser cada vez maior, por outro lado, os períodos de crescimento tendem a ser mais curtos. A relação íntima entre as duas proposições é evidente: os ciclos tendem a ser mais curtos e menos profundos porque ao mesmo tempo cresce o exército industrial de reserva disponível para a acumulação. Ou, o que é o mesmo: os ciclos de vida do capital tendem a ser mais curtos porque quanto mais se desenvolve o capital mais se desenvolve a separação entre a classe trabalhadora e a massa acrescida de riqueza que ela mesma produz. *"Toda a forma de movimento da indústria moderna decorre, portanto, da constante transformação de parte da população trabalhadora em braços desempregados ou semi-empregados"*[917]. Se por um lado o capital conta com a sorte de encontrar sempre a mão uma população excedente disponível para a acumulação desenfreada, por outro lado, ele conta com o azar de ter o ciclo de prosperidade cada vez mais curto por conta desta mesma sorte enganadora. O fim da acumulação de capital não é prognosticado por Marx na forma de uma imensa catástrofe econômica que abruptamente põe fim ao capital. O fim é prognosticado na forma de uma lenta imolação no tempo, onde os períodos de crescimento e prosperidade cedem lugar à elevação dos períodos de depressão e destruição de capital e retomada lenta da produção. A lenta imolação do capital no tempo projetada por Marx parece aproximar-se da noção de Estado Estacionário projetada pela Economia Clássica.

Com o progresso da acumulação uma nova contradição se desenvolve. O capital pode ofertar mais trabalho sem, contudo, demandar mais trabalhadores. Ele se aproveita da pressão que o exército industrial de reserva exerce sobre o exército ativamente empregado para pôr este a trabalhar mais tempo diariamente. *"O sobretrabalho da parte ocupada da classe trabalhadora engrossa as fileiras de sua reserva, enquanto,*

---

[915] OC Ib, p. 192. MEW 23, p. 661.

[916] OC Ib, p. 190. MEW 23, p. 658. Cito integralmente Nota 9* da Editora Alemã. Diz ela: *"Na edição francesa, encontra-se nesta passagem a seguinte inserção: 'Mas só a partir do momento em que a indústria mecanizada, tendo lançado raízes tão profundas, exerce influência preponderante sobre toda a produção nacional; em que, por meio dela, o comércio exterior começa a ter o primado sobre o comércio interno; em que o mercado universal se apodera sucessivamente de vastos territórios no Novo Mundo, na Ásia e na Austrália; em que, enfim, as nações industrializadas, que entraram na liça, tenham se tornado bastante numerosas – é apenas dessa época que datam aqueles ciclos que sempre se reproduzem, cujas fases consecutivas se estendem por anos e que desembocam sempre numa crise geral, a qual é o fim de um ciclo e ponto de partida de outro. Até agora a duração periódica desses ciclos tem sido de 10 ou 11 anos, mas não há nenhuma razão para considerar essa cifra como constante. Pelo contrário, deve-se concluir das leis de produção capitalista que acabamos de desenvolver que ela é variável e que o período dos ciclos tornar-se-á gradualmente mais curto"* (OC Ib, p. 192. MEW 23, p. 662).

[917] OC Ib, p. 192. MEW 23, p. 662.

*inversamente, a maior pressão que a última exerce sobre a primeira obriga-a ao sobretrabalho e à submissão aos ditames do capital"*[918]. Enquanto a parte inativa do exército de trabalhadores amarga as dores do desemprego, a parte ativa amarga uma carga maior de sobretrabalho. Num polo carência e no outro excesso de trabalho.

> *A condenação de uma parcela da classe trabalhadora à ociosidade forçada em virtude do sobretrabalho da outra parte e vice-versa torna-se um meio de enriquecimento do capitalista individual e acelera, simultaneamente, a produção do exército industrial de reserva numa escala adequada ao progresso da acumulação social.*[919]

Enquanto uma parte da classe trabalhadora permanece sobrevivendo na ociosidade forçada, a outra parte que sobrevive carregando uma sobrecarga extra de trabalho vê-se, ao mesmo tempo, coagida a vender sua força de trabalho por um preço abaixo de seu valor. O excesso de força de trabalho desocupada provoca um desequilíbrio na relação entre oferta e demanda por trabalhadores, forçando o salário do trabalhador ocupado a descer a níveis mais baixos que o valor da força de trabalho. Enquanto a acumulação prosseguia com composição constante do capital a demanda por trabalhadores subia mais rapidamente que sua oferta, os salários se elevavam acima do valor da força de trabalho e o trabalhador podia desfrutar de uma posição menos desconfortável na sociedade capitalista. Agora com composição orgânica mais elevada a sorte do trabalhador é totalmente oposta.

Com oferta de força de trabalho sempre acima da demanda do capitalista, o movimento dos salários tende a seguir uma rota inversa. O nível de estabilização do salário será definido pela relação entre o conjunto da parte ativa versus o conjunto da parte inativa da classe trabalhadora e a relação deste conjunto com a demanda do capitalista.

Grosso modo, os movimentos gerais do salário são regulados por três elementos distintos. Primeiro: *"pela expansão e contração do exército industrial de reserva, que correspondem à mudança periódica do ciclo industrial"*[920]. Segundo: *"pela*

---

[918] OC Ib, p. 194. MEW 23, p. 665.
[919] OC Ib, p. 194. MEW 23, p. 665/666.
[920] OC Ib, p. 195. MEW 23, p. 666.

*proporção variável em que a classe trabalhadora se divide em exército ativo e exército de reserva"*[921] e; terceiro: *"pelo acréscimo e decréscimo da dimensão relativa da superpopulação, pelo grau em que ela é ora absorvida, ora liberada"*[922]. Vimos que o valor da força de trabalho pode ser decomposto em dois segmentos distintos: pela massa dos valores de uso fisicamente indispensáveis e pela massa dos valores de uso de consumo moral ou cultural. Se o salário subir acima deste último segmento a classe trabalhadora vive em condições sociais acima da média historicamente dada. Se o salário descer ao nível do primeiro segmento ela vive em condições puramente animais. Se ele cair mais abaixo ainda desta linha a classe trabalhadora definha e morre por inanição.

O salário, como expressão monetária do valor da força de trabalho, oscila dentro destes dois segmentos. O que determina o ponto de parada do salário é a interação entre os três elementos citados acima por Marx. E aqui, o aspecto novamente trágico da história se repete: a classe trabalhadora, inconscientemente, pressiona a si mesma em benefício do capital. Inconscientemente ela atua como um agente do capital contra seus próprios interesses mais vitais. E o capital encontra nesta autocoação da classe trabalhadora o mecanismo social mais fantástico e impressionante de coação econômica já produzido historicamente. A classe trabalhadora controla a si mesma com uma perfeição absolutamente mais eficaz e misteriosa que todas as formas de coação social já produzidas pelo passado histórico. *"O exército industrial de reserva pressiona durante os períodos de estagnação e prosperidade média o exército ativo de trabalhadores e contém suas pretensões durante o período de superprodução e paroxismo"*[923]. A extensão da superpopulação relativa, por isso, é *"o pano de fundo sobre o qual a lei da oferta e da procura de mão-de-obra se movimenta. Ela reduz o raio de ação dessa lei a limites absolutamente condizentes com a avidez de explorar e a paixão por dominar do capital"*[924].

A sagrada lei da oferta e da procura serve ao capital como o mais poderoso mecanismo de coerção econômica sobre a classe trabalhadora. O capital pode tranqüilamente deixar o controle do trabalhador sob domínio da ação livre destas leis e só

[921] OC Ib, p. 195. MEW 23, p. 666.
[922] OC Ib, p. 195. MEW 23, p. 666.
[923] OC Ib, p. 196. MEW 23, p. 668.
[924] OC Ib, p. 196. MEW 23, p. 668.

ocasionalmente recorrer à coerção extra-econômica do Estado. *"O movimento da lei da demanda e oferta de trabalho completa, nessa base, o despotismo do capital"*[925]. Ao despotismo de fábrica soma-se agora o despotismo das leis do mercado. A coação extra-econômica do Estado entra ocasionalmente em cena somente nos casos em que a rebeldia da classe trabalhadora, em seu conjunto, transborda os limites dados pela lei econômica. *"É que toda solidariedade entre os empregados e desempregados perturba a ação 'livre' daquela lei"*[926].

Por coação econômica Marx entende a ação que a lei da oferta e demanda por força de trabalho exerce sobre os movimentos da classe trabalhadora. Como a superpopulação relativa impulsiona os trabalhadores a competirem entre si pelos poucos postos de trabalho ofertados, não somente por estes, mas, ainda, para os postos já existentes, o capital pode dispensar a ação coercitiva aberta do Estado e deixar o controle social sobre a classe trabalhadora a cargo desta mesma competição cega. Isto é, a cargo da própria cegueira da classe trabalhadora. O Estado e a coerção extra-econômica entram em cena apenas em casos excepcionais fora de controle.

> *A organização do processo capitalista de produção plenamente constituído quebra toda resistência, a constante produção de uma superpopulação mantém a lei da oferta e da procura de trabalho e, portanto, o salário em trilhos adequados às necessidades de valorização do capital, e a muda coação das condições econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador.*[927]

A ação desse mecanismo cego de dominação atua, deste modo, apenas na fase desenvolvida e madura do capitalismo. Na fase de nascimento quando o elemento variável do capital predominava fortemente sobre o constante e imperava a alta constante de salários e a subordinação formal do trabalhador ao capital, a violência aberta do Estado era usada sem cerimônias. Passada a fase de nascimento e despotismo estatal esclarecido o capitalismo pode, então, deixar o controle dos trabalhadores a cargo das leis cegas do

[925] OC Ib, p. 197. MEW 23, p. 669.
[926] OC Ib, p. 197. MEW 23, p. 670.
[927] OC Ib, p. 267. MEW 23, p. 765.

mercado e, assim, se abrir para a tagarelice da democracia parlamentar. *"Violência extra-econômica direta [Außerökonomische unmittelbare Gewalt] é ainda, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente. Para o curso usual das coisas, o trabalhador pode ser confiado às 'leis naturais da produção', isto é, à sua dependência do capital que se origina das próprias condições de produção, e por elas é garantida e perpetuada"*[928]. A ação impiedosa e despótica de um cego mecanismo de mercado e a muda coação puramente econômica coroam a falsa aparência de democracia e liberdade para os trabalhadores sob o capitalismo. Não estaria na emergência deste mecanismo a base para a mudança na ação política da classe trabalhadora ao final do século XIX na Alemanha de Bernstein? Não estaria aí a base econômica real para as falsas ilusões de liberdade, democracia e igualdade de condições políticas da II Internacional de Kautski e de todas as ilusões da social democracia moderna?

### 3.2.5. A lei geral da acumulação capitalista

A superpopulação excedente existe sob três formas: líquida ou fluente, latente e estagnada [flüssige, latente und stockende, p. 670, MEW 23]. Na forma líquida encontram-se aqueles trabalhadores que são ora atraídos e ora repelidos pela grande indústria, que permanecem em constante fluxo de um campo de ocupação para outro. Se não estão, por um lado, permanentemente empregados não estão, por outro, permanentemente desempregados. A forma latente constitui a parte da população que encontra-se na iminência de se converter em força de trabalho livre. É o caso do pequeno proprietário rural que, se por um lado não é um proletário, por outro está sempre em vias de se converter nele. O pequeno camponês em vias de ser despojado pelo grande capital é um proletário em potência.

A forma estagnada constitui uma parte ativa do exército industrial, porém, possui uma ocupação completamente irregular. *"Sua condição de vida cai abaixo do nível normal médio da classe trabalhadora, e exatamente isso faz dela uma base ampla para certos ramos de exploração do capital"*[929]. Entre estes trabalhadores predomina a superexploração, a venda contínua de sua força de trabalho abaixo de seu valor e uma jornada de trabalho mais longa, tanto extensiva quanto intensivamente. *"É caracterizada*

[928] OC Ib, p. 267. MEW 23, p. 765.

*pelo máximo do tempo de serviço e mínimo de salário"*[930]. A forma estagnada possui ainda uma composição numérica proporcionalmente maior que os outros dois sedimentos anteriores. A grandeza de suas famílias está normalmente em relação inversamente proporcional ao nível dos salários. Pela rapidez de sua reprodução e pela pobreza extrema que impera em seu meio, ela se assemelha muitas vezes ao modo de vida instintivo de certas espécies de animais. *"Ela lembra a reprodução maciça de espécies animais individualmente fracas e muito perseguidas"*[931].

Abaixo dessa camada estagnada, porém com ocupação irregular, encontra-se uma quarta camada social: o pauperismo [Pauperismus], o mais profundo sedimento da superpopulação relativa. Esta camada divide-se ainda em quatro categorias. Primeiro: os desocupados, porém plenamente aptos para o trabalho. Segundo: órfãos e crianças indigentes. Terceiro: degradados e maltrapilhos inteiramente incapacitados para o trabalho, entre eles encontram-se velhos, vítimas de acidentes de trabalho, aleijados, doentes, viúvas etc.

> *O pauperismo [Pauperismus] constitui o asilo para inválidos do exército ativo de trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva. Sua produção está incluída na produção da superpopulação relativa, sua necessidade na necessidade dela, e ambos constituem uma condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza.*[932]

Abaixo ainda destas esferas encontra-se a quarta camada, o lumpemproletariado [Lumpenproletariat], composto por vagabundos, delinqüentes, prostitutas etc., isto é, a marginália em geral.

Até aqui Marx operava sua exposição sobre as leis fundamentais da sociedade capitalista tendo como pressuposto que a força de trabalho do operário era vendida pelo seu valor ao capitalista. Para compreender o mecanismo interno da sociedade capitalista em sua forma pura e livre de perturbações exteriores, fora fundamental adotar

---

[929] OC Ib, p. 199. MEW 23, p. 672.
[930] OC Ib, p. 199. MEW 23, p. 672.
[931] OC Ib, p. 199. MEW 23, p. 672.
[932] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 673.

esta condição como pressuposto. Nesta altura da exposição, contudo, não se trata mais de compreender a relação entre capital e trabalho baseada nesta pureza abstrata, mas, sim, de compreender os resultados práticos da aplicação desta lei do capital. Nossa análise começara adotando como ponto de partida a hipótese abstrata de que o capitalista comprava a força de trabalho do operário por seu valor e daí extraía, sem logro para o vendedor, a mais-valia do comprador.

Na seção sobre a reprodução, contudo, vimos que o capitalista comprava continuamente novas forças de trabalho com uma riqueza criada pelo próprio trabalhador. Vimos que o trabalhador não apenas repunha seu salário continuamente para o capitalista como ainda era contratado com mais-valia por ele mesmo produzida. Toda esta impressionante inversão nas relações entre capital e trabalho, porém, não pode ser concebida como uma violação da lei da troca de equivalentes, mas, sim, como sua aplicação desenfreada. Vimos ainda que com a reprodução ampliada do capital a hipótese de compra e venda da força de trabalho pelo seu valor sofre agora ela mesma uma modificação. Com a composição orgânica modificada o capital passa a despender uma parte cada vez menor proporcionalmente de seu capital em força de trabalho formando assim, uma população relativamente excedente às suas necessidades e sem um papel produtivo imediato. Contudo, a pressão exercida por este exército inativo de trabalhadores desocupados sobre o exército ativo provoca uma importante alteração nas relações entre capital e trabalho.

Analisada a relação entre capital e trabalho agora sob o ponto de vista da reprodução social ampliada podemos compreender que o trabalhador não apenas é explorado pelo capital mas, ainda, na prática cotidiana dos negócios que realiza com ele é superexplorado porque se vê obrigado a vender continuamente sua força de trabalho a um preço abaixo do valor. Com a reprodução ampliada do capital a troca de equivalentes não apenas se converte dialeticamente em troca de não equivalentes, mas, ainda, a exploração se converte na monstruosidade da superexploração. Assim como a troca de não equivalentes aparecia como resultado da aplicação da lei do valor, e não de sua violação, do mesmo modo a compra regular de força de trabalho por um preço abaixo do valor aparece como o resultado efetivo da aplicação da mesma e monstruosa lei do valor. Agora nesta parte da exposição trata-se de demonstrar os efeitos práticos e efetivos da relação entre

capital e trabalho, de expor as reais condições de vida da classe trabalhadora sob o domínio da reprodução ampliada do capital. Não se trata mais de concebê-la em suas relações abstratas e hipotéticas convenientes ao desenvolvimento teórico da exposição científica, agora trata-se de demonstrar os efeitos práticos destas hipóteses. O que pretendemos aqui afinal, é refletir sobre as condições reais do trabalhador sob a ordem da reprodução social ampliada. É refletir se a tendência ao empobrecimento absoluto e não apenas relativo, era concebida por Marx como uma tendência real da sociedade capitalista ou um prognóstico abstrato para o futuro capaz de ser evitado pela ação do capital, se o empobrecimento da classe trabalhadora era concebido por Marx como uma tendência geral e absoluta ou poderia ser impedido em sua realidade pela ação de contratendências que o contrabalançam.

Quanto mais desenvolvida a força produtiva do trabalho social, mais desenvolvido será o capital, a riqueza social, o número absoluto da classe trabalhadora e ainda, o exército industrial de reserva lançado na pobreza. *"A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza"*[933]. Quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo tanto maior será a população operária miserável e o pauperismo oficial. *"Essa é a lei absoluta geral, da acumulação capitalista [Dies ist das absolute, allgemeine Gesetz der kapitalistischen Akkumulation]"*[934].

Isto significa que em qualquer tempo onde o capital tenha se instalado e fundado a reprodução ampliada, o desenvolvimento absoluto das potências da riqueza social desenvolve simultaneamente a mais absoluta e completa miséria no polo da classe que produz esta riqueza, mais especificamente, no pólo inativo desta classe. Quanto mais as potências da riqueza social se desenvolvem mais se desenvolve a seu lado a miséria e o pauperismo oficial. Esta lei absoluta e geral deve, porém, ser concebida como válida unicamente para a parte inativa da classe trabalhadora e o exército de reserva? Em que condições sociais permanecerão existindo os trabalhadores do exército industrial ativo? Sabemos que para a camada da classe trabalhadora pertencente ao exército de reserva a realidade efetiva, não sua tendência, é a miséria e o pauperismo. Porém, qual será a tendência e a realidade da classe trabalhadora pertencente ao exército industrial ativo? Esta

[933] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 672.

parece-nos a questão fundamental a ser refletida nestas passagens. Se a miséria não é uma realidade para ela, tende, contudo, para este ponto junto ao exército inativo?

Malthus e outros sabichões do capital condenavam a miséria dentro da classe trabalhadora condenando não a acumulação de capital, mas, sim, a própria classe trabalhadora e seu maldito hábito de procriar filhos além de sua capacidade econômica. *"Compreende-se a insanidade da sabedoria econômica, que prega aos trabalhadores que ajustem seu número às necessidades de valorização do capital. O mecanismo da produção e acumulação capitalista ajusta constantemente esse número a essas necessidades de valorização"*[935]. Marx explica em seguida como o mecanismo da produção ajusta a procriação dos operários às suas próprias necessidades. *"A primeira palavra desse ajustamento é a criação de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva; a última palavra, a miséria de camadas sempre crescentes do exército ativo de trabalhadores [letztes Wort das Elend stets wachsender Schichten der aktiven Arbeiterarmee] e o peso morto do pauperismo"*[936]. Grifo nosso.

Aqui nenhuma dúvida pode haver sobre a tendência geral e absoluta da classe trabalhadora que permanece ativa na indústria capitalista. Ela tende a se empobrecer absolutamente, não apenas relativamente, frente à expansão da riqueza e à expansão de suas próprias potências para o trabalho[937]. Poderíamos aqui levantar uma questão importante: Marx fala apenas genericamente que a última palavra é a miséria de camadas sempre crescentes do exército ativo de trabalhadores e não define se esta miséria é relativa ou absoluta. Parece ser óbvio nesta altura da exposição que a tendência ao empobrecimento

---

[934] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 674. Grifado por Marx.
[935] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 674.
[936] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 674.
[937] Isto não é o que pensa Ernest Mandel, para quem o empobrecimento absoluto da classe trabalhadora era uma hipótese (ou tendência) negada por Marx, hipótese que, em sua concepção, penetrou externamente no meio marxista através da noção de lei de bronze dos salários de Lassale. Diz ele, categoricamente: *"depois de escrever a Contribuição à Crítica da Economia Política e os Grundrisse, já não há mais rastro em sua análise econômica dessa tendência histórica para a pauperização absoluta"*. ***"El Capital": cien años de controversias en torno a la obra de Karl Marx***. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985, ps. 64 a 72. Diante de todas as tendências do capitalismo moderno, especialmente a tendência de latino-americanização da Europa apontada por importantes teóricos marxistas europeus, teriam ainda hoje validade as afirmações de Mandel? No mesmo sentido pensa Rosdolsky, para quem a "teoria da pauperizção", ou a teoria do empobrecimento absoluto da classe trabalhadora, não passava de uma lenda fomentada pela ignorância de certos militantes teoricamente mais próximos de Bakunin do que de Marx. De acordo com Rosdolky nas obras "propriamente econômicas" como os *Grundrisse*, as *Teorias da mais-valia* e *O Capital* tal lenda não tem cabimento. Roman Rosdolsky: ***Génesis y estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los***

das camadas ativas do proletariado apontada por Marx é uma tendência absoluta e não relativa. Se esta tendência absoluta ainda nos parece confusa nesta altura da exposição, poderia restar alguma dúvida acerca de sua realidade sob a hipótese da ação das crises de superprodução e a destruição de capital que a ela necesariamente se segue? Não ficou suficientemente comprovado na análise da maquinaria que Marx pensava o empobrecimento absoluto da classe trabalhadora como uma tendência inevitável do capitalismo?

Em nota de rodapé Marx cita uma passagem de sua obra *Miséria da Filosofia* que parece não deixar dúvidas sobre a tendência geral da acumulação capitalista sobre a classe trabalhadora em seu conjunto.

> *Dia após dia, torna-se, portanto, mais claro que as relações de produção, em que a burguesia se move, não têm caráter unitário, simples, mas dúplice; que nas mesmas relações em que se produz a riqueza também se produz a miséria; que nas mesmas relações em que avança o desenvolvimento das forças produtivas, desenvolve-se também uma força repressiva; que essas relações só produzem a riqueza burguesa, isto é, a riqueza da classe burguesa, sob aniquilamento contínuo da riqueza dos membros individuais dessa classe e criação de um proletariado sempre crescente.*[938] (Grifo nosso).

A circunstância de que a classe trabalhadora ativa se empobrece relativamente com a acumulação de capital não exige nenhum esforço de nossa parte para compreendê-la. Já demonstramos em passagem anterior esta possibilidade. Este fenômeno pode ocorrer sob uma hipótese puramente abstrata, sob a hipótese da reprodução com composição inalterada do capital. Nela, como demonstramos, enquanto a composição orgânica do capital permanece inalterada, a acumulação vai absorvendo massas cada vez mais crescentes de trabalhadores e modificando a relação entre a parte ativa e a parte inativa do exército excedente. Na medida em que o exército de reserva se esgota e cai a

---

***Grundrisse***. Op. cit., ps. 319 a 348. Caberia perguntar a Rosdolsky se Marx possui obras "propriamente econômicas"?

[938] OC Ib, p. 201. MEW 23, p. 675. Nota 88 de Marx.

oferta de trabalhadores com demanda crescente por parte do capital, a parte excedente da classe trabalhadora não influencia negativamente o nível de salários da parte ativa. Os salários então sobem acima do valor da força de trabalho junto com a acumulação de capital. O conjunto da classe trabalhadora enriquece absolutamente junto com o enriquecimento do capital, contudo, se empobrece relativamente, pois a riqueza do capital cresce a uma taxa maior que a taxa de salários. Os salários e a riqueza do trabalhador crescem absolutamente, mas não na mesma proporção em que cresce a mais-valia do capital. O trabalhador enriquece absolutamente, porém, empobrece relativamente frente à riqueza do capital.

Esta hipótese, contudo, só possuiu validade prática nos primeiros tempos do capitalismo, na época do regime manufatureiro. A emergência da grande indústria, a elevação constante da composição orgânica do capital, o processo de centralização, as crises e a destruição de capital que decorrem da acumulação solapam diariamente todas as altas gerais de salário que possam ocorrer. Poderíamos, contudo, para demonstrar o erro de Marx acerca da realização desta tendência ao pauperismo, citar o caso da situação oposta dos trabalhadores dos países industrialmente mais avançados que não vivem, de modo algum, este terrível prognóstico de Marx. Contra este argumento, unilateral em nossa concepção, devemos recordar que as análises de Marx sobre as tendências do capitalismo em geral são análises e tendências que tem como pressuposto o capitalismo como uma realidade mundial, o capitalismo em sua totalidade concreta, o capitalismo como uma única e grande nação dominando todas as esferas da produção mundial. Se a parte isolada for tomada como um critério válido para julgar as tendências do capitalismo, podemos com a mesma legitimidade demonstrar que a tendência geral do capitalismo é o pauperismo absoluto. Basta tomarmos como campo de análise a realidade do capitalismo no Brasil e na África do Sul. Visto como totalidade mundial, certas tendências do capital se manifestam mais sob uma forma em determinado país e menos em outro. Na Europa rica, EUA e Japão parece predominar a superpopulação trabalhadora na forma líquida, onde os trabalhadores migram com certa facilidade de um ramo da produção para outro. Na América Latina parece predominar a forma estagnada, que possui uma ocupação precária e irregular. No continente africano o pauperismo parece ser a forma predominante. Unilateralidade por

unilateralidade todos os casos são falsos. Por isso só a totalidade concreta e suas tendências universais abstraídas de toda particularidade unilateralizante são verdadeiras.

Por isso, importa saber se a classe trabalhadora ativa, do mesmo modo que a parte excedente, sob a ação da acumulação com composição modificada do capital, possui o maldito azar de empobrecer também absolutamente. Parece-nos que Marx não nos deixa nenhuma dúvida sobre isto. A miséria de camadas sempre crescentes do exército ativo de trabalhadores se converte em realidade porque sob o peso cada vez mais poderoso do exército excedente, a camada ativa se vê coagida a negociar sua força de trabalho com o capital em condições sociais cada vez mais desvantajosas. A lei da oferta e da procura por força de trabalho atua contra a parte ativa dos trabalhadores e a favor do capital. O valor da força de trabalho como vimos, não está determinado pelas leis do mercado, ele está determinado pela lei do valor-trabalho. As condições sociais em que o trabalhador converte o valor de sua força de trabalho em salário, porém, são condições efetivas e não uma mera hipótese científica.

Para que o valor da força de trabalho possa converter-se num preço que corresponda a seu valor teríamos que adotar como hipótese que o mercado de força de trabalho está em equilíbrio, que a pressão exercida pelo exército excedente sobre o exército ativo não influencia no preço da força de trabalho, nem para cima nem para baixo, apenas o ajusta a seu valor. Contudo, agora o mercado de força de trabalho sob a realidade da acumulação com composição modificada do capital está abarrotado de vendedores de força de trabalho que se oferecem para trabalhar por qualquer preço. Sob estas condições efetivas, não mais hipotéticas e abstratas, o valor da força de trabalho se converte num preço sempre abaixo de seu valor. Isto porque *"quanto mais elevada a força produtiva do trabalho, tanto maior a pressão do trabalho sobre seus meios de ocupação e tanto mais precária, portanto, sua condição de existência: venda da própria força para multiplicar a riqueza alheia ou para a autovalorização do capital"*[939].

Para compreender o fenômeno do empobrecimento do trabalhador Marx ainda nos convida a recapitular a análise realizada na Seção IV sobre a produção da mais-valia relativa. Nesta podemos enumerar quatro conseqüências desastrosas para o trabalhador: 1) dentro do sistema capitalista, todos os métodos para a elevação da força

[939] OC Ib, p. 200. MEW 23, p. 674.

produtiva social do trabalho se aplicam à custa do trabalhador individual; 2) todos os meios para o desenvolvimento da produção se convertem em meios de dominação e exploração do produtor, em meios que mutilam o trabalhador e o transformam num ser parcial e apêndice da máquina; 3) aniquilam, com o tormento do trabalho, o conteúdo de sua atividade alienando-lhe das potências espirituais do processo de trabalho na mesma medida em que a ciência é incorporada à produção como potência autônoma e; 4) Desfiguram as condições dentro das quais ele trabalha, submetem-no, durante o processo de trabalho, ao mais mesquinho e odioso despotismo de fábrica, transformam seu tempo de vida em tempo de trabalho e jogam sua mulher e seus filhos sob a roda de *Juggernaut*[940] do capital.

A estas quatro conseqüências segue agora uma quinta que sintetiza todas as anteriores: *"segue portanto que, à medida que se acumula capital, a situação do trabalhador, qualquer que seja seu pagamento, alto ou baixo, tem de piorar [es folgt daher, daß im Maße wie Kapital akkumuliert, die Lage des Arbeiters, welches immer seine Zahlung, hoch oder niedrig, sich verschlechtern muß]"*[941]. (Grifo nosso). Se o trabalhador vende sua força de trabalho pelo valor, no futuro ele tenderá a vender abaixo dele. Se o pagamento do trabalhador é baixo, ele tende a cair mais ainda. Se o pagamento do trabalhador é alto, e por isso o trabalhador consegue vender sua força de trabalho por um preço acima do valor, ele tende futuramente a vendê-la abaixo do valor, sua situação tende, junto com o primeiro e o segundo, a piorar. Sua posição mais vantajosa, por isso, é passageira. A lei geral e absoluta da acumulação impõe ao trabalhador mais bem pago, em mais ou menos tempo, um nível de vida inferior absolutamente. A lei inflexível da acumulação de capital prende o trabalhador mais firmemente ao capital do que as correntes de Hefaísto que agrilhoaram Prometeu ao rochedo. A lei populacional, por isso,

> *ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital. A acumulação da riqueza num pólo é, portanto, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância,*

---

[940] Juggernaut (Dschagannat). Uma das formas do Deus Vixnu, um dos mais altos dos deuses hindus. O culto a Jagrená distinguia-se por um ritual particularmente faustoso e por extremo fanatismo religioso, que encontrava sua expressão na automortificação e no auto-sacrifício dos fiéis. Nos dias das grandes festividades os fiéis se jogavam estupidamente sob as rodas do carro onde se encontrava uma figura de Vixnu-Jagrená. (Conforme Nota da Editora Alemã).

[941] OC Ib, p. 201. MEW 23, p. 675.

*brutalização e degradação moral no pólo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital.*[942]

A miséria e a fome se convertem deste modo, não apenas em resultado necessário da acumulação de capital, mas, sobretudo, numa potência econômica. Ela se converte em mecanismo de coação social sobre a classe trabalhadora pela própria classe trabalhadora. Marx cita as palavras do ministro anglicano Townsend que celebrava a pobreza como condição necessária da riqueza: *"a coação legal para trabalhar está ligada a excessiva encrenca, violência e barulho (...) enquanto a fome não só constitui uma pressão mais pacífica, silenciosa, incessante, mas, como motivo mais natural para a indústria e o trabalho, provoca os esforços mais poderosos"*[943]. Marx conclui sentenciando: *"portanto, tudo que importa é tornar a fome permanente entre os que pertencem à classe trabalhadora"*[944].

Retornando ao nosso problema das crises podemos concluir provisoriamente. As crises de superprodução não são inevitáveis apenas porque a classe trabalhadora produz constantemente uma massa de riqueza sempre crescente que se converte em capital e em novos meios de potenciá-la para o sobre-trabalho. Tampouco são inevitáveis porque o próprio capitalista é um mero agente do capital e da produção, se preocupando unicamente com a conversão de sua mais-valia em capital que em renda e procurando encontrar prazer na produção da riqueza e não no consumo dela. As crises econômicas não apenas são inevitáveis, mas ganham ainda com a acumulação de capital, um novo e explosivo estímulo na medida em que a classe trabalhadora não apenas está inteiramente impossibilitada de participar do consumo do excedente social causador das crises de superprodução, mas, agora mais ainda, porque a classe trabalhadora está impossibilitada de consumir até mesmo a massa de riqueza que corresponde a seu próprio valor. Com o processo de acumulação a classe trabalhadora não apenas é coagida a abrir mão de qualquer fatia do excedente social, mas, sobretudo, é coagida a abrir mão de uma fatia que lhe pertence por direito segundo a regra da produção de mercadorias e da lei do valor. Com a pauperização geral e absoluta que envolve a classe trabalhadora as crises de superprodução não apenas se tornam

[942] OC Ib, p. 201. MEW 23, p. 675.
[943] OC Ib, p. 201. MEW 23, p. 676.
[944] OC Ib, p. 201/202. MEW 23, p. 676.

inevitáveis como, ainda, se tornam mais explosivas e violentas. Com a pauperização a distância entre produção e consumo se dilata a níveis cada vez mais extremos e a explosão de uma crise econômica começa a deixar de ser mera possibilidade abstrata para se converter em realidade.

## 3.3. A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE CAPITAL

### 3.3.1. O segredo da acumulação capitalista

Até aqui nossa análise parece girar em círculos: certa soma de dinheiro é transformada em capital, do capital sai a mais-valia e da mais-valia mais capital, deste capital acrescido sai mais dinheiro e assim sucessivamente. A questão que importa responder agora é: de onde surgiu o primeiro montante de capital que funda historicamente todo o processo de acumulação capitalista? Se o capital não é uma coisa mas determinada relação social de produção que se esconde por trás do movimento das coisas, como surge historicamente esta relação? Para sairmos deste círculo vicioso devemos supor uma acumulação prévia de capital que não é resultado da produção capitalista mas, sim, seu ponto de partida. A Economia Política explicava a origem deste primeiro capital de um modo totalmente idílico e fantasioso que em nada correspondia aos fatos históricos.

Em tempos muito remotos, contam os economistas burgueses, havia duas classes de pessoas: uma era virtuosa e abnegada, adorava o trabalho, a abstinência e a parcimonialidade; outra era inteiramente inversa, era vagabunda, desprezava o trabalho e dissipava em orgias o pouco que ganhava. A primeira, por sua virtuosidade, soube acumular capital e sabiamente se converteu em eminente homem de negócios. A segunda, dada sua natureza dissipadora, converteu-se em trabalhador assalariado. Esta crendice infantil dominou toda a Economia Política até a época de Marx. *"Na história real, como se sabe, a conquista, a subjugação, o assassínio para roubar, em suma, a violência, desempenham o principal papel... Na realidade [diz Marx], os métodos da acumulação primitiva são tudo menos idílicos"*[945].

[945] OC Ib, p. 251/252. MEW 23, p. 741.

A história que funda o capital é contada por Marx como uma história violenta e assassina. Vimos que o desenvolvimento lógico conceitual que principia a relação capitalista na esfera do mercado toma como ponto de partida a circunstância de que capitalista e trabalhadores já estão dados previamente. O processo de exposição toma como ponto de partida a sociedade capitalista já desenvolvida, toma a relação de compra e venda da força de trabalho como uma relação dada a-historicamente. Agora cabe fazer a crítica desta relação, mostrar sua gênese histórica, seu devir e suas tendências futuras. Na instância exterior e imediata do mercado o trabalhador aparecia como livre vendedor de força de trabalho e o capitalista como seu comprador e proprietário exclusivo de todos os meios objetivos de produção. O trabalhador aparecia em sua plena liberdade como homem inteiramente despojado, exceto de sua força de trabalho, inteiramente separado da propriedade dos meios de produção e consumo capazes de converterem sua capacidade subjetiva para o trabalho em trabalho efetivo. A história que deve ser contada aqui é a história da separação do trabalhador da propriedade originária dos meios de produção. *"O que necessita explicação, ou é resultado de um processo histórico, não é a unidade do homem vivente e atuante... senão a separação entre estas condições inorgânicas da existência humana e esta existência ativa, uma separação que pela primeira vez é posta plenamente na relação entre trabalho assalariado e capital"*[946].

O que importa para Marx neste momento da exposição é demonstrar o processo histórico que põe de um lado o trabalhador inteiramente separado da propriedade dos meios de produção e de outro o não-trabalhador como proprietário monopolista destes meios. O que interessa agora é demonstrar como este antagonismo se funda historicamente. *"A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de dissociação [historische Scheidungsprozeß] entre produtor e meios de produção. Ele aparece [erscheint] como 'primitivo' [ursprünglich] porque constitui a pré-história do capital [Vorgeschichte des Kapitals] e do modo de produção que lhe corresponde"*[947]. A acumulação primitiva, ou originária, de capital forma nada mais que a pré-história do capital.

A relação capitalista tem como pressuposto a separação entre trabalhadores e meios de realização do trabalho e o trabalhador em sua forma livre. Os trabalhadores se

[946] Grundrisse I, p. 449. MEW 42, p. 397.

apresentam frente ao capitalista como homens livres no duplo sentido: primeiro, *"porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos etc."*; em segundo lugar, porque *"nem os meios de produção lhes pertencem, como, por exemplo, o camponês economicamente autônomo etc., estando, pelo contrário, livres, soltos e desprovidos deles"*[948].

Diferente do escravo e do servo de gleba do feudalismo que estão presos aos meios de produção, o último fazendo parte inalienável deles, e do camponês autônomo que possui a propriedade de seus meios de produção, o trabalhador moderno é um homem totalmente alienado destes meios, estes lhe são estranhos e pertencem ao capital.

> *A relação-capital pressupõe [voraussetzt] a dissociação [Scheidung] entre os trabalhadores e a propriedade das condições de realização do trabalho... Portanto, o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de dissociação [Scheidungsprozeß] do trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital, por outro, os produtores diretos em assalariados.*[949]

A acumulação primitiva é simplesmente o processo histórico de formação do capital que se fundamenta na separação do trabalhador destes meios: do fundo social de consumo e subsistência, do fundo social de acumulação, do fundo social de reserva, da terra como laboratório e fonte natural da riqueza, dos instrumentos simples de trabalho, dos prédios, da matéria-prima, do controle e conhecimento do processo de trabalho, enfim, dos meios de produção, de subsistência e circulação da riqueza. *"A expropriação da base fundiária do produtor rural, do camponês, forma a base [Grundlage] de todo o processo"*[950].

---

[947] OC Ib, p. 252. MEW 23, p. 742.
[948] OC Ib, p. 252. MEW 23, p. 742.
[949] OC Ib, p. 252. MEW 23, p. 742. Sobre a violência como pressuposto para a existência do capital e o papel que cabe a ela no processo de exposição dialético de Marx ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***. Op. cit.
[950] OC Ib, p. 253. MEW 23, p. 744.

### 3.3.2. Gênese do proletariado e da propriedade capitalista

Cabe agora demonstrar, então, como todos os elementos objetivos do processo de produção se converteram historicamente em capital e o trabalhador em trabalhador assalariado. Marx toma como ponto de partida para sua exposição a história da Inglaterra dos séculos XIV-XIX porque a história desta separação entre trabalhador e meios de produção se apresenta neste país em sua forma clássica.

Na Inglaterra a servidão fora abolida na última terça parte do século XIV e em seu lugar surgira uma forma de produção transitória, uma sociedade de camponeses livres. Marx descreve assim a estrutura social desta nova sociedade: há uma vasta classe de camponeses livre-proprietários do solo que trabalham com força de trabalho familiar, chamados de *free-holders* ou *yeomanry* (classe que desaparece em 1750 com o processo de expropriação capitalista). Uma segunda classe minoritária é a dos colonos ou arrendatários livres, chamados de *gentry*, classe não-proprietária que emprega trabalho assalariado e arrenda as terras dos nobres, pagando-lhes em troca renda em dinheiro. Uma terceira classe é a do jornaleiro agrícola (chamado de *cottager*), que vive nas aldeias, numa cabana (*cottage*), localizada nas terras dos senhores feudais. Cada *cottager* possui cerca de 4 acres de terra para cultivar sua horta ou jardim. O *cottager* ainda, trabalha durante seu tempo livre como assalariado nas terras dos senhores e dos colonos arrendatários. A classe dominante é formada pela aristocracia feudal, os terratenentes proprietários das grandes parcelas de terras.

Esta fase constitui a época histórica mais florescente e feliz da classe trabalhadora na concepção de Marx, nela o trabalhador viveu pela primeira vez após a dissolução das comunidades tribais sua verdadeira época de ouro. *"Somente na época do ocaso da organização feudal, onde não obstante ainda se luta dentro desta – tal como na Inglaterra no século XIV e na primeira metade do XV –, se dá a época de ouro do trabalho em processo de emancipação"*[951].

A nova aristocracia feudal possui uma característica extremamente importante que a diferencia de seus antepassados: ela vê agora no dinheiro e não mais na extensão de terras e servos, a principal fonte e medida da riqueza. É uma aristocracia latifundiária com visíveis características burguesas. Junto a ela sobrevivem ainda a realeza

[951] Grundrisse I, p. 473. MEW 42, p. 417.

e o clero católico decadentes, proprietários de terras e representantes do passado feudal. Ao lado desta estrutura sobrevivem ainda as milenares terras de uso comunal, herança de uma temporalidade histórica extremamente distante, a das antigas comunidades germânicas que sobreviveram inclusive sob o feudalismo. Com o desenvolvimento capitalista elas serão completamente destruídas.

A história da violência originária que separa o trabalhador dos meios de produção e funda o capital na Inglaterra é descrita por Marx em seus vários momentos determinantes: 1) o *Licenciamento das Hostes Feudais* no último terço do século XV, que concedeu aos senhores feudais o direito de expulsar de suas terras os *free-holders* e *cottagers* convertendo estes em proletários e as terras em propriedade privada; 2) a *Reforma Protestante* de 1536-39 que expropriou violentamente, em nome da religião Anglicana, as terras da Igreja Católica, transformando-as em capital e lançando nas fileiras do proletariado os moradores dos mosteiros; 3) a *Restauração dos Stuarts* de 1660 e a *Revolução Gloriosa* de 1688, que continuaram, após a conquista do poder político pela burguesia, o saque iniciado dois séculos antes pelo Estado aristocrático-feudal; 4) a *Lei dos Cercamentos* do século XVIII que dava direito aos terratenentes de presentearem a si próprios as terras comunais; 5) o *Clareamento do Estado* no século XIX, que expulsou os últimos vestígios de *cottagers* e *free-holders* que ainda resistiam no interior da Escócia e Irlanda; 6) a *Formação das Reservas de Caça da Escócia* no século XIX, que transformou em terras de caça para a nobreza centenas de acres de terras agrícolas no interior da Escócia.

> *O roubo dos bens da Igreja, a fraudulenta alienação dos domínios do Estado, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpadora e executada com terrorismo inescrupuloso da propriedade feudal clânica em propriedade privada, foram tantos métodos idílicos da acumulação primitiva.*[952]

As primeiras gerações da classe trabalhadora expulsas violentamente da terra não encontraram diretamente acolhida nas novas manufaturas urbanas em formação. Para

[952] OC Ib, p. 264/265. MEW 23, p. 760/761.

os que permanecem perambulando sem rumo no interior da Inglaterra e resistem em converter-se em proletários urbanos, o Estado aplica a doutrina do terror: açoite, castigo, encarceramento, enforcamento e escravidão por vadiagem. *"Assim, o povo do campo, tendo sua base fundiária expropriada à força e dela sendo expulso e transformado em vagabundos, foi enquadrada por leis grotescas e terroristas numa disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado, por meio do açoite, do ferro em brasa e da tortura"*[953].

A violência e o terrorismo de Estado foi o método utilizado não apenas para expulsar o trabalhador da terra, mas, ainda, foi o método utilizado para impedir o retorno do trabalhador ao campo e forçá-lo a permanecer na cidade aceitando as novas condições sociais de trabalho. Se na forma já desenvolvida do capitalismo a coação extra-econômica do Estado aparece, como vimos, apenas esporadicamente, se no curso normal da acumulação *"a muda coação [stumme Zwang] das relações econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador"*[954], durante o período de gênese do capitalismo impera o terrorismo e a coação mais pura e aberta do Estado sobre o trabalhador.

### 3.3.3. Gênese do fabricante industrial urbano

No período de infância da produção capitalista, com a descoberta abrupta do mercado mundial em fins do século XV, a demanda seguia a passos de gigante enquanto a produção seguia a marcha lenta de uma lesma. A Idade Média, antes da conversão da produção feudal camponesa em produção capitalista, já deixara posta historicamente duas formas de capital, formas presentes inclusive em formações sociais as mais diversas, o capital usurário e o capital comercial. O capital comercial e usurário sobreviveram ao longo da história, assim como a confraria judaica que os portavam, como os deuses de Epicuro, habitando os interstícios do mundo ocidental. Com a abertura do comércio mundial e as grandes navegações do final da Idade Média estes capitais afloraram a tona e lançaram-se de corpo e alma para formar um novo mundo.

O capital monetário e o capital comercial foram, contudo, impedidos, como se sabe, pela constituição corporativa das cidades, de se converterem em capital industrial, isto é, em capital que produz ele mesmo, através do trabalho assalariado, sua mais-valia. *"Essas barreiras caíram com a dissolução dos séquitos feudais, com a expropriação e a*

[953] OC Ib, p. 267. MEW 23, p. 765.

*expulsão parcial do povo do campo"*[955]. Essa passagem nos parece fundamental porque Marx repete novamente a idéia já desenvolvida anteriormente de que o capitalismo, se possui seus primeiros impulsos nas cidades costeiras e comerciais da Europa, possui seu princípio e ponto de partida fundamental no campo. A expropriação e expulsão violenta do trabalhador do campo e a conversão da propriedade em propriedade capitalista e o trabalhador, no mesmo movimento, em trabalhador despojado de tudo e dono unicamente de sua própria pele é o verdadeiro princípio fundador do capitalismo.

A conversão em capital industrial do capital monetário e comercial acumulado durante centenas de anos, e de modo mais acentuado com as explorações comerciais marítimas do final do século XV, possui como pressuposto a expropriação violenta do povo do campo e sua fuga em massa para as cidades. Seria impossível ao capital usurário e comercial converter-se em capital industrial, em capital produtor de sua própria mais-valia, sem a existência de uma vasta e numerosa população trabalhadora separada de suas fontes originais de riqueza. Enquanto a população do campo permanecer, como o caracol, preso a seus meios de produção, o capital, assim como seus agentes, permanecerá como uma simples possibilidade abstrata, como capital em potência. A transformação efetiva deste capital em potência em capital em ato tem como impulso inicial e exterior as grandes explorações comerciais de fins do século XV.

Contudo, seu pressuposto e fundamento efetivo, seu princípio interno, é a separação do trabalhador de seus meios de existência. Enquanto o trabalhador permanecer colado a seus meios de produção e subsistência o capitalismo será apenas uma possibilidade abstrata. Esta possibilidade abstrata se converte em realidade efetiva no momento em que a antiga classe feudal, estimulada pela enebriante possibilidade de aumentar sua riqueza e seu poder, converte as terras de seus antigos servos de gleba em propriedade privada e em campos de criação de ovelha e fornecimento de lã para a indústria flamenga que está se iniciando. A própria manufatura nascente se instala primeiro no campo e só mais tarde nas cidades ou, melhor, ela mesma funda suas próprias cidades de acordo com suas necessidades. *"A nova manufatura foi instalada nos portos marítimos de exportação ou em pontos no campo, fora do controle do velho sistema urbano e de sua*

---

[954] OC Ib, p. 267. MEW 23, p. 765.
[955] OC Ib, p. 275. MEW 23, p. 778.

*constituição corporativa"*[956]. O capitalismo surge, portanto, duplamente no campo: porque funda nele suas próprias cidades e porque tem nele a fonte fornecedora da população assalariada. Surge ainda determinado uma terceira vez no campo porque também no campo o trabalho do camponês autônomo, expulso a chicotes para fora da terra, é substituído pelo trabalho assalariado.

Em seguida Marx demonstra todos os métodos "idílicos" que fundam a sociedade capitalista e põem em mãos dos pioneiros capitalistas a massa monetária inicial para ser convertida em capital efetivo, em capital produtor de mais-valia. Até aqui nossa análise havia conservado, provisoriamente, a hipótese sustentada pela Economia Política e pelos próprios capitalistas, de que a parcimonialidade, a virtuosidade para os negócios e o amor ao trabalho eram as fontes do primeiro capital que funda historicamente todo o processo de produção capitalista. Agora trata-se de completar a desmistificação desta falsa concepção e demonstrar as fontes reais do capital monetário.

*"A descoberta das terras do ouro e da prata, na América, o extermínio, a escravização e o enfurnamento da população nativa nas minas, o começo da conquista e pilhagem da Índias Orientais, a transformação da África em um cercado para a caça comercial às peles negras marcam a aurora da era de produção capitalista"*[957]. Esse barbarismo porém, não completa a acumulação primitiva de capital, ele constitui-se apenas em momento de um processo que é secular e se conserva com a conservação da sociedade capitalista. *"Esses processos idílicos são momentos centrais [Hauptmomente] da acumulação primitiva"*[958].

O capital não é uma substância estática e fixa, ele é riqueza em fluxo e em constante processo de renovação. Os diferentes momentos e passagens deste fluxo são descritos por Marx em ordem cronológica: Espanha, Portugal, Holanda, França consolidando-se finalmente na Inglaterra e daí se expandindo para todo o globo terrestre.

O homem típico da fase nascedoura do capitalismo, o homem necessário ao livre desenvolvimento do capital, em nada se diferencia do homem moderno: dotado de uma energia antisocial extremista possui como vontade unicamente a disposição de enriquecer a qualquer custo. Vilania, baixeza de caráter, frieza de espírito, ambição e

[956] OC Ib, p. 275. MEW 23, p. 778.
[957] OC Ib, p. 275. MEW 23, p. 779.
[958] OC Ib, p. 275. MEW 23, p. 779.

paixão desenfreada pelo dinheiro, eis a natureza do homem virtuoso que funda o capitalismo e o eleva às mais elevadas raias da loucura humana. Uma única paixão o alimenta, a paixão sem limites e irracional pelo valor de troca e a produção pela produção. A riqueza pela riqueza eis aí o mais sagrado de todos os dogmas do mundo moderno, o novo deus pagão que promete à sua infinita legião de adoradores uma felicidade puramente terrena. Eis aí a nova religião fundada pelo homem virtuoso do Renascimento.

Suborno, traição, tráfico de escravos e escravização em massa, pirataria em alto mar, saque às riquezas do Estado através da dívida pública, matança de populações inteiras desarmadas seguida de pilhagem, epidemia artificial de fome e desespero para vender mais caro o produto expropriado da própria população faminta, suborno de funcionários do Estado, agiotagem e especulação com títulos da dívida pública, sonegação de impostos, sistema fiscal baseado na supertributação dos meios de subsistência da classe trabalhadora, conversão desta riqueza por parte do Estado em fontes de financiamento do capital em geral, sistema protecionista que cria da noite para o dia imensas nações industriais, comércio colonial exclusivista, são tantos os métodos "idílicos" da acumulação primitiva de capital elencados por Marx. Por trás destes métodos está o homem virtuoso, empreendedor, violento e assassino do Renascimento. A maioria destes métodos são continuamente atualizados pelo gênio empreendedor moderno, pelo *self-made-man* do século XXI.

Em todos estes métodos, contudo, não atua apenas o gênio individual renascentista mas atua, sobretudo, a força poderosa da mão do Estado que intervém abertamente e sem nenhum rubor onde não alcança a mão mais pequena do homem de negócios. A violência do Estado completa e amplia a violência individual.

> *Esses métodos baseiam-se, em parte, sobre a mais brutal violência, por exemplo, o sistema colonial. Todos, porém, utilizaram o poder do Estado, a violência concentrada e organizada da sociedade, para ativar artificialmente o processo de transformação do modo feudal de produção em capitalista e para abreviar a transição. A violência é a parteira de toda*

*velha sociedade que está prenhe de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica.*[959]

A violência, por mais odiosa e revoltante que possa parecer ante nossa consciência moral subjetiva e não-histórica, não é absolutamente condenada por Marx. Ele aqui não condena, de modo algum, a sordidez de caráter e a brutal violência realizada pelo capital em seu nascedouro. Marx está condenando sim, a apologética burguesa que procura ideologicamente escondê-la apresentando a origem do capitalismo como resultado da atividade consciente de um homem moral e virtuoso.

A violência brutal do capital em seus primeiros tempos, se nos parece asquerosa e desumana, é concebida por Marx como uma potência humana, como uma potência econômica utilizada legitimamente pelo capital em seus primeiros tempos. O que caberia criticar, coisa que nem mesmo Marx se atreve a fazer aqui, é sua aplicação desenfreada e sem limites. O que caberia condenar na violência originária do capital é sua medida excessiva. Mas Marx não critica nem mesmo isso. Ele concebe a violência do ponto de vista histórico e não moral e subjetivo, a concebe como uma potência humana, uma força econômica, uma forma necessária para abreviar a passagem entre duas temporalidades históricas distintas e antagônicas, passagem que sem a violência da luta de classes poderia ser ainda mais longa, penosa e brutal.

A violência, portanto, desempenha um duplo e positivo papel na história do capital: por um lado ela é a força motora do processo e, por outro, ela abrevia as dores do parto que poderiam ser maiores sem ela. Essa obra da humanidade que transforma homens laboriosos e proprietários de seus meios de produção em *"galinhas depenadas"* é concebida como uma verdadeira obra de arte. *"Se o dinheiro, segundo Augier 'vem ao mundo com manchas naturais de sangue sobre uma de suas faces', então o capital nasce escorrendo por todos os poros sangue e sujeira da cabeça aos pés"*[960].

A violência e a desumanidade fazem parte da natureza interna do capital. Sua aplicação sem pudor não constitui uma marca de seu passado histórico abolida no presente. Onde há capital há violência independente do tempo histórico considerado.

---

[959] OC Ib, p. 276. MEW 23, p. 779.
[960] OC Ib, p. 282. MEW 23, p. 788. O termo *galinhas depenadas* é do próprio Marx (Nota 248 do Livro I, Volume II, p. 282. MEW 23, p. 788).

Contudo a aplicação desta violência sobre povos não-capitalistas deve ser considerada sob dois aspectos diferentes: a violência posta como condição ante-diluviana e pressuposto do capital em processo de formação e a violência pós-diluviana posta pelo capital já formado. A primeira é pressuposto para o capital, a segunda tem o capital como pressuposto.

Por acumulação primitiva Marx concebe o período que marca a gênese histórica que funda, ao mesmo tempo que completa, o processo de separação do trabalhador dos meios de produção objetivos. Tal processo se realiza impulsionado pela mais feroz violência do capital sobre o trabalhador.

O paradoxo da noção de acumulação primitiva de capital consiste em que ela é uma acumulação de capital que se realiza sem o capital, é uma acumulação necessária para formar o capital. Diferente da noção de acumulação primitiva é a noção de acumulação de capital. Esta se realiza a partir da existência do capital e, por isso, o tem como pressuposto. A acumulação de capital se realiza convertendo o resultado do capital, a mais-valia, em novo capital, se realiza a partir, portanto, de um capital já formado. A acumulação primitiva de capital é a acumulação necessária para formar o primeiro capital e não parte, portanto, de um capital já formado mas, ao contrário, parte da inexistência do capital.

Para que o capitalista possa acumular capital e se reproduzir como capitalista a partir da produção de capital é necessário que o capital esteja pressuposto. Mas a existência do capital pressupõe a existência de condições antediluvianas que o antecedem historicamente. O surgimento do capitalista pondo certa soma de recursos em circulação para convertê-los em capital, recursos que não tem origem na acumulação de capital, corresponde às condições antediluvianas do capital. *"Isto é, a seus pressupostos históricos [historischen Voraussetzungen = em itálico no original], que precisamente enquanto tais pressupostos históricos pertencem ao passado e portanto à história de sua formação [Geschichte seiner Bildung = em itálico no original], porém de nenhum modo à sua história contemporânea, isto é, não pertencem ao sistema real do modo de produção dominado pelo capital"*[961].

Marx cita, nos Grundrisse, como exemplo de tais acontecimentos passados que fazem parte da noção de acumulação primitiva e da pré-história do capital,

[961] Grundrisse I, p. 420. MEW 42, p. 372.

acontecimentos que certamente não se repetirão, a fuga dos servos para as cidades no final da Idade Média européia. A fuga dos servos, se foi uma condição essencial para a formação do sistema urbano não é mais, contudo, uma condição necessária para a existência real das cidades. *"Corresponde, pelo contrário, a seus pressupostos passados [vergangnen Voraussetzungen], aos pressupostos de sua origem [Voraussetzungen seines Werdens], abolidos em sua existência"*[962]. Porém, a fuga dos servos para as cidades continuou mesmo após a fundação do sistema urbano e do capital. Tal fuga, contudo, não nos parece que deva ser concebida como um momento da acumulação primitiva de capital, mas, sim, como um momento da acumulação de capital, como um momento posterior quando o capital já formado e caminhando sobre suas próprias pernas se volta contra o resto das nações atrasadas[963] forçando-as a se converterem em nações capitalistas e campo de comércio para seus produtos. Do mesmo modo podemos pensar a sobrevivência do tráfico de escravos e das relações de escravidão no interior da sociedade capitalista já formada. Estes métodos, apesar de sua semelhança com os métodos da acumulação primitiva, não podem ser equiparados a esta. Por ter o capital como pressuposto, por ter o capital já formado portanto, estes métodos são muito mais métodos modernos da acumulação capitalista de capital que da acumulação primitiva.

A sobrevivência da escravidão e da dominação colonial em certas regiões do planeta, como veremos adiante, se convertem muito mais em condições para a conservação e reprodução do capital já formado e historicamente decadente do que métodos propriamente da acumulação originária de capital. (Vide o item 3.5 do Capítulo III - Causas contrariantes da lei da queda tendencial da taxa de lucro de nosso trabalho). Veremos ali que a sobrevivência do trabalho escravo, da exploração colonial e da superexploração se converteram em métodos modernos para compensar a histórica tendência de queda na taxa de lucro média do capital em geral. Os métodos da acumulação primitiva de capital, se por um lado fazem parte da pré-história do capital, a seus pressupostos históricos, por outro lado, permanecem atuando com toda intensidade no interior da sociedade capitalista já formada. Pensemos os métodos citados por Marx como os métodos de acumulação via

---

[962] Grundrisse I, p. 420. MEW 42, p. 372.

[963] Sobre a noção de país atrasado na concepção de Marx ver Hector Benoit: ***O Programa de Transição de Trotsky e a América***. In: Revista Crítica Marxista número 18. S.P: Editora Revan, 2004. Ver ainda do mesmo autor: ***A luta de classes como fundamento da história***. Op. cit.

saque escandaloso do Estado através da privatização da riqueza pública, a política comercial protecionista dos países mais fortes economicamente, a agiotagem e especulação internacional com títulos da dívida pública, a sonegação de impostos, a supertributação dos meios de subsistência da classe trabalhadora etc. Contudo, estes métodos já não atuam como métodos da acumulação primitiva de capital, mas, sim, como métodos modernos da assim chamada acumulação capitalista de capital, a acumulação que se realiza tendo o capital já formado e como pressuposto da acumulação. A acumulação primitiva, por isso, é parte indissociável da noção de capital e de modo algum pode ser considerada como método de acumulação abolido historicamente pelo capital. Ela se conserva na forma modificada da acumulação capitalista de capital.

*"As condições e supostos da origem, da gênese do capital, supõem precisamente que o capital ainda não é, senão que tão somente chega a ser; desaparecem, pois, com o capital real, com o capital que põe ele mesmo, partindo de sua realidade, as condições de sua realização"*[964]. Enquanto o capital ainda não é mas almeja ser, a violência sobre os povos atrasados e não-capitalistas faz parte das condições de seu vir-a-ser. Quando este vir-a-ser já se realizou e o capital é uma realidade, tal violência não é abolida mas deixa de ser condição para a formação do capital pois este já está formado. A violência se converte então, em condição para a expansão do capital. Uma vez tornado realidade o capital põe ele mesmo seus próprios pressupostos, a mais-valia e a acumulação de capital com base no próprio capital. *"Já não parte de pressupostos para chegar a ser, senão que ele mesmo está pressuposto, e, partindo de si mesmo, produz os supostos de sua conservação e crescimento"*[965].

Uma vez convertido em realidade a fúria do capital se desloca contra as nações atrasadas fora da pátria nacional. Uma vez que o capital inglês tenha se apoderado de todas as forças produtivas de sua própria nação, ele se lança com toda força e violência sobre as nações atrasadas fora da Europa para daí convertê-las em nações capitalistas. Esta violência praticada pelo capital inglês já formado sobre estes povos atrasados, China e Índia por exemplo, não deve ser concebida do mesmo modo que a violência exercida sobre o servo camponês britânico. Aqui tratava-se de fundar os pressupostos do capital, no caso da política colonial trata-se de conquistar mercado para os produtos do capital já formado.

[964] Grundrisse I, p. 420/421. MEW 42, p. 372.

Num caso a violência atua para fundar os pressupostos do capital, noutro atua tendo o capital e sua irrefreável necessidade por mercados sempre crescentes como pressuposto. No caso da violência sobre os servos de gleba trata-se da pré-história do capital, no caso da política colonial trata-se da história moderna do capital. Num caso trata-se de acontecimentos passados que não se repetirão, noutro trata-se de acontecimentos modernos que se repetirão enquanto existirem nações resistentes à ação do capital já formado. Num caso a violência atua para formar os pressupostos do capital, noutro o capital já formado atua para criar ele mesmo seus próprios pressupostos, isto é, uma nação capitalista universal. Num caso a violência atua para formar o capital, noutro atua para desenvolver seu conceito. Num caso a destruição de uma nação não-capitalista específica é condição para o surgimento histórico do capital enquanto tal. Noutro caso a destruição das nações ainda atrasadas é condição para o desenvolvimento e universalização do conceito de capital por todo o planeta. No caso da violência originária trata-se de fundar o capitalismo no interior de uma nação específica do planeta, a Inglaterra dos séculos XIV-XIX. No caso da política colonial trata-se de universalizar o capital inglês, de negar seu caráter nacional e particular e convertê-lo em realidade efetiva e mundial. Num caso trata-se de fundar uma nação capitalista no interior do planeta. Noutro caso trata-se de converter o planeta inteiro numa única nação capitalista. Em ambos os casos o conceito de capital é incompatível com a sobrevivência das nações atrasadas e ainda não capitalistas. Em ambos os casos estas nações atrasadas devem ser destruídas para que o conceito de capital possa se desenvolver. Em ambos os casos o capital se desenvolve e se universaliza destruindo toda particularidade nacional e convertendo o planeta inteiro numa única nação de comerciantes e industriais. Em ambos os casos a violência e a barbárie, assim como o processo de separação do trabalhador da propriedade dos meios de trabalho, permanecem atuando como a verdadeira força motora do processo e só poderão ser abolidas junto com a abolição do capital.

### 3.3.4. Gênese do mercado interno capitalista

Enquanto o trabalhador permanecer preso à terra, seja como servo de gleba ou como produtor autônomo, é impossível não apenas a relação capitalista de trabalho, mas,

---

[965] Grundrisse I, p. 421. MEW 42, p. 372.

sobretudo, a conversão do fundo de consumo do trabalhador direto em capital variável. A conversão forçada do servo de gleba e do camponês autônomo em proletário cria historicamente não apenas a relação capitalista de trabalho, de um lado o trabalhador livre e inteiramente despojado e, de outro, o capitalista dono de todos os meios objetivos para a realização do trabalho, mas cria, ainda, o mercado interno necessário para o capital se desenvolver e se universalizar.

O fundo de consumo ao se separar do trabalhador direto retorna a ele novamente apenas sob a forma de capital variável. Para que o trabalhador converta esta forma de capital em meios de subsistência, que em suas mãos existe sob a forma de salário, ele deve dirigir-se como comprador ao mercado de meios de subsistência. A relação capitalista cria deste modo não apenas uma nova forma de produção, mas, ainda, uma nova forma de consumo. Ela cria junto com a nova forma de produção um mercado interno para seus produtos. *"Com a liberação de parte do povo do campo, os alimentos que este consumia anteriormente também são liberados. Eles se transformam agora em elemento material do capital variável. O camponês despojado tem de adquirir o valor deles de seu novo senhor, o capitalista industrial, sob a forma de salário"*[966]. No mercado de meios de consumo o trabalhador volta a se encontrar não apenas com seu produto, mas, ainda, com o capitalista, agora escondido por trás da máscara de vendedor de meios de subsistência.

Sob a base do trabalho assalariado não apenas o fundo de consumo do trabalhador, mas também a matéria prima, a terra e todos os instrumentos de trabalho, deixam de constituir-se em propriedade direta do trabalhador para se converter em elementos do capital constante. *"Assim como os meios de subsistência, foram afetadas também as matérias-primas agrícolas nacionais da indústria. Transformaram-se em elementos do capital constante"*[967]. Na mesma medida em que converte o trabalhador, servo de gleba ou autônomo, em trabalhador livre e assalariado, o capital converte a força de trabalho, o fundo de consumo e os meios e instrumentos de trabalho em mercadoria.

O segredo da criação do mercado interno para o capital reside na conversão da força de trabalho em mercadoria vendida livremente pelo próprio trabalhador. Ao se converter a força de trabalho em mercadoria, converte-se em mercadoria junto com ela não apenas o fundo pessoal de consumo do trabalhador, mas todos os elementos fundamentais

[966] OC Ib, p. 272. MEW 23, p. 773.

para a realização do trabalho. A expropriação do camponês autônomo do campo, sua expulsão da terra e transformação forçada em proletário urbano, constitui não apenas o fundamento e princípio histórico da produção capitalista, mas, ainda, a condição constantemente necessária do capital. A produção capitalista e o conceito de capital se apoiam inteiramente nesta expropriação.

O capital possui como seu principal consumidor ele mesmo. O capital não produz para uma terceira classe de consumidores. Ele não produz para o consumo do camponês. Este com o trabalho familiar na terra é autosubsistente e não precisa do capital para consumir. *"A expropriação e a expulsão de parte do povo do campo liberam, com os trabalhadores, não apenas seus meios de subsistência e seu material de trabalho para o capital industrial, mas criam também o mercado interno"*[968]. Para que o capital possa encontrar mercado para seus próprios produtos ele precisa converter o produtor autônomo do campo em membro ativo do mercado. Isto só é possível convertendo-o em trabalhador assalariado e convertendo com ele o fundo de consumo familiar em capital variável, em riqueza que se afasta constantemente do trabalhador ao final do processo de produção e da qual ele se apropria somente *a posteriori* na esfera do mercado gastando seu salário. *"De fato, os acontecimentos que transformam os pequenos camponeses em trabalhadores assalariados, e seus meios de subsistência e de trabalho em elementos materiais do capital, criam ao mesmo tempo, para este último seu mercado interno"*[969].

Enquanto o camponês autosubsistente permanece no campo preso à sua propriedade ele produz, juntamente com sua família, não apenas seu próprio fundo de consumo, mas, ainda, seus próprios instrumentos de trabalho, matéria-prima, auxiliares etc. E enquanto permanece preso à terra produz todos estes produtos não para consumo alheio, mas para seu próprio consumo. Contudo, quando ele se vê coagido a transformar-se em proletário, a produzir seu produto como capital e a separar-se violentamente de sua própria produção, seu produto, seu fundo de consumo e meios de trabalho convertem-se em mercadorias para consumo alheio.

A separação do trabalhador, antes autônomo, da propriedade dos meios de produção, sua conversão em trabalhador assalariado e seu produto em mercadoria, separam

---

[967] OC Ib, p. 272. MEW 23, p. 773/774.
[968] OC Ib, p. 273. MEW 23, p. 775.
[969] OC Ib, p. 273. MEW 23, p. 775.

ao mesmo tempo o campo da cidade e a agricultura da manufatura. O produtor do campo, agora trabalhador assalariado, seja do proprietário da terra ou do capitalista que a arrenda, passa a produzir para a cidade e a cidade passa a produzir para o campo. Mas este consumidor do campo não é, de modo algum, o velho camponês autônomo, mas, sim, os novos personagens do capitalismo: o proletário assalariado consumindo meios de subsistência e o arrendatário consumindo, comprando exatamente pois quem os consome é o trabalhador durante o processo de produção, os meios de trabalho, maquinaria, matéria-prima etc. O campo encontra seu mercado interno na cidade e a cidade desafoga sua produção no campo.

*"Antes, a família camponesa produzia e processava os meios de subsistência e as matérias-primas que depois, em sua maior parte, ela mesma consumia. Essas matérias-primas e esses meios de subsistência tornaram-se agora mercadorias; o grande arrendatário as vende e nas manufaturas encontra ele seu mercado"*[970]. Antes o próprio campo constituía-se em campo de consumo interno para seus produtos. Não apenas para os produtos agrícolas, mas, ainda, para os próprios produtos manufaturados pelas mãos do trabalho da família camponesa, suas vestimentas, instrumentos de trabalho etc. Agora com a divisão entre cidade e campo este produz para a cidade e vê nela sua antiga esfera de consumo interno. Essa bipartição entre cidade e campo reflete nada menos que a própria bipartição sofrida pela mercadoria entre valor de uso e valor. Enquanto o produto possuía unicamente valor de uso no interior da família camponesa autônoma, o mesmo campo de produção constituía-se, simultaneamente, em campo de consumo.

Agora com a divisão do produto em valor de uso e valor e a divisão social do trabalho em campo e cidade, a área rural produz para a cidade e a cidade para o campo. *"Fio, pano, tecidos grosseiros de lã, coisas cujas matérias-primas encontravam-se ao alcance de toda família camponesa e que eram fiadas e tecidas por ela para seu autoconsumo – transformam-se agora em artigos de manufatura, cujos mercados são constituídos justamente pelos distritos rurais"*[971]. Com a divisão capitalista do trabalho a velha produção camponesa é destruída e, junto com ela, é destruída a unidade entre indústria doméstica artesanal e agricultura. Com a separação entre campo e cidade é separado, simultaneamente, o trabalhador da propriedade dos meios de subsistência que ele

[970] OC Ib, p. 273. MEW 23, p. 775.

mesmo produzia. Convertido em trabalhador assalariado, terá que consumir seus meios de subsistência intercambiando sua força de trabalho com o capitalista.

A noção de mercado interno é uma noção capciosa. Por mercado interno não devemos conceber o espaço geográfico existente nas fronteiras internas de determinada nação. A noção de mercado interno não contém uma determinação geográfica deste tipo, mercado interno é mercado interno à relação de produção capitalista. O comércio de uma família camponesa com a cidade, família camponesa instalada dentro de um país capitalista que produz mercadorias com seu próprio trabalho familiar e em seu próprio lote de terra, é uma forma de comércio exterior pois aí transacionam uma forma não-capitalista de produção, a forma patriarcal camponesa, e a forma capitalista desenvolvida.

Aqui houve uma importante modificação no processo de exposição. Até os itens anteriores tomávamos a sociedade capitalista em sua plena formação. Estudávamos neles o processo de desenvolvimento da sociedade capitalista tomando-a já constituída mundialmente. A multiplicidade das diferentes nações capitalistas fora abstraída e o mundo fora concebido como uma única e imensa nação capitalista. Agora tomamos o processo originário de formação do capital no interior de uma nação determinada e em meio a uma formação social pré-capitalista, a Inglaterra semi-feudal dos séculos XIV-XVI. Semi-feudal porque o ponto de partida do capitalismo inglês não é o feudalismo em sua forma pura, mas o produto de sua decadência e a formação de uma sociedade de camponeses livre-proprietários.

Aqui estudamos não apenas a gênese do capitalismo em uma nação particular, mas, ainda, a gênese do capital enquanto tal. Esta se confunde com a gênese do capital de uma sociedade determinada, a Inglaterra. No mesmo instante em que o capital inglês destrói o feudalismo medieval decadente e a produção mercantil simples, cria as bases para sua expansão no interior da nação inglesa convertendo o camponês independente e o servo de gleba em proletários e a produção autosubsistente baseada na forma simples da mercadoria em produção capitalista.

Apesar do capital surgir em meio a uma formação social não-capitalista, e não poderia ser de outro modo, o mercado interno para seus produtos é encontrado dentro de relações sociais puramente capitalistas. O capital não se forma historicamente

---

[971] OC Ib, p. 273. MEW 23, p. 775.

produzindo para nações e povos atrasados e ainda não capitalistas. Ele se constrói produzindo para si próprio. Os povos atrasados em relação ao capital se convertem em povos consumidores dos produtos do capital na medida em que são convertidos em povos capitalistas. O capital se forma historicamente destruindo estas formações sociais e convertendo-as em formações capitalistas. É este movimento realizado pelo capital inglês no interior da própria Inglaterra que Marx procura destacar aqui.

Apesar da análise continuar se desenvolvendo dentro de um plano abstrato, neste capítulo final tomamos como pressuposto que o capital se desenvolve em meio a uma série de formações sociais não capitalistas. A formação do mercado interno se realiza mediante a destruição de todas as formas de produção não-capitalistas. O capitalismo se constitui como uma realidade histórica nova mergulhada no interior de um mundo ainda não capitalista, sua universalização pelo planeta pressupõe, deste modo, a destruição de todas as formas de produção não-capitalista e a conversão destas na forma capitalista. Continua ausente em nossa análise, portanto, relações de comércio entre uma nação capitalista e outra não capitalista. Aqui existe uma única nação capitalista, a Inglaterra dos séculos XIV-XIX que, mediante a potência revolucionária do capital, destrói todas as formas de produção atrasadas que resistem ainda no interior da nação.

As temporalidades históricas passadas estão aqui pressupostas na análise unicamente para demonstrar o mecanismo interno e abstrato do capital, para demonstrar como o capital cria não apenas seu produto como mercadoria, mas como cria, junto com a mercadoria, o mercado interno que lhe convém. A análise pura da relação capitalista sem consideração com a existência de uma terceira classe de consumidores serve para demonstrar que a acumulação de capital não depende internamente de nenhuma outra classe consumidora para se realizar que não seja exclusivamente a classe dos operários e capitalistas. A análise pura serve para demonstrar que todas as classes de produtores independes do passado, produto de temporalidades históricas passadas as mais diversas, devem necessariamente sucumbir ante o avanço da acumulação capitalista e se converter em proletários assalariados. A análise abstrata serve para demonstrar que a acumulação de capital não depende da existência destas temporalidades históricas passadas para realizar sua mais-valia, mas, sim, para demonstrar o contrário, que a acumulação de capital vive da destruição destas temporalidades atrasadas e decadentes.

Para que os velhos modos de produção e as velhas classes do passado possam servir à acumulação de capital e com elas transacionar, elas devem converter-se em sociedades modernas capitalistas. Para que nossa velha família camponesa possa intercambiar seus produtos com o capitalismo e participar desta relação mercantil, ela terá que converter-se em família de produtores assalariada. Isto será o que o capitalismo necessariamente irá realizar, pois a expansão do mercado interno se realiza, necessariamente, convertendo não apenas o antigo camponês subsistente da Inglaterra em membro deste novo mecanismo de mercado, mas, sobretudo, convertendo todos os povos não-capitalistas em povos capitalistas. O camponês não participa como uma terceira categoria de consumidores nesta relação. Ele só pode participar como assalariado e, como tal, ele deixa de ser camponês para se converter em proletário.

> *Assim, com a expropriação de camponeses antes economicamente autônomos e sua separação [Losscheidung] de seus meios de produção, se dá no mesmo ritmo a destruição da indústria subsidiária rural, o processo de separação entre manufatura e agricultura. E somente a destruição do ofício doméstico rural pode proporcionar ao mercado interno de um país a extensão e a sólida coesão de que o modo de produção capitalista necessita.*[972]

Aqui o grau de desenvolvimento interno de uma nação capitalista pode ser medido simplesmente pelo grau de destruição da indústria doméstica subsidiária rural, ou seja, pelo grau de separação entre campo e cidade e entre agricultura e indústria urbana. O grau de desenvolvimento de uma nação não se mede aqui, pelo grau de desenvolvimento da indústria, da ciência e sua aplicação técnica, mas unicamente pelo grau de destruição e ausência de todas as formas de produção pré-capitalistas, pelo grau de domínio e presença da relação de produção capitalista independente do nível de desenvolvimento técnico.

O grau de desenvolvimento de uma nação aparece aqui claramente determinado não pelo grau de domínio da ciência e da técnica, mas, sobretudo, pelo grau de predomínio da relação capitalista enquanto tal sobre todas as outras temporalidades

[972] OC Ib, p. 273/274. MEW 23, p. 776.

históricas não capitalistas, pelo grau de separação do trabalhador da propriedade dos meios de produção e sua conversão em proletário assalariado. Esta mesma separação já tem como pressuposto um certo grau de domínio técnico sobre a Natureza. Independente da diversidade que possa existir entre as muitas e concretas nações capitalistas, esta diversidade é tomada por Marx na exposição como diversidade no interior de uma mesma e única totalidade. E aqui o que importa é tomar a sociedade capitalista como uma totalidade mundial em formação.

Sob este aspecto a nação que recém está acordando para o processo histórico, que recém desperta de seu longo sono do passado e se converte numa jovem nação capitalista, em nada se diferencia das nações mais velhas e com pretensões colonialistas. A diversidade de ritmo é concebida aqui como diversidade dentro de uma mesma universalidade. Nossa análise, até aqui, tem tomado como fundamento a exposição da universalidade e não da particularidade.

A mesma Inglaterra é tomada singularmente por Marx como laboratório de sua exposição porque nela as leis de desenvolvimento da sociedade capitalista em sua universalidade, sua gênese e devir histórico, podem ser vistas em sua forma clássica. É somente nela que as leis de desenvolvimento de qualquer sociedade capitalista em geral, seja mais ou menos desenvolvida industrialmente, poderão ser encontradas em sua pureza de laboratório. Isto não apenas porque a Inglaterra constituía-se no século XIX na maior potência industrial do planeta, mas, simplesmente porque na Inglaterra estas relações puras de laboratório não eram puras abstrações, mas, sim, uma realidade efetiva. Nela o capital já havia penetrado em todo o seu interior, já havia completado a sujeição do trabalhador ao capital e convertido a nação inteira em uma nação capitalista. Nela o desenvolvimento do conceito de capital já se expandia para fora da Europa e convertia a Ásia, a África e a América numa única nação inglesa moderna, isto é, numa única nação capitalista que distribuía a totalidade de seu capital social entre distintos departamentos da produção espalhados pelo globo terrestre.

A Inglaterra é a pátria do capital porque nela os restos semi-feudais sobreviviam ainda no século XIX apenas como adornos dispensáveis. Diferente de outras nações capitalistas européias que resistiam em destruir as formas de produção antigas e atrasavam, assim, sua conversão plena em forma capitalista, a Inglaterra por ser a pioneira

neste processo pode desenvolver mais que todas as outras nações européias dos séculos XV-XVIII o conceito de capital em toda a sua pureza histórica. As nações européias retardatárias, exceto a França, como sabemos, só irão desenvolver plenamente as relações de produção capitalista no final do século XIX e início do século XX.

> *Em si e para si [dizia Marx em seu Prefácio da Primeira Edição de O Capital] não se trata do grau mais elevado ou mais baixo de desenvolvimento dos antagonismos sociais que decorrem das leis naturais da produção capitalista. Aqui se trata dessas leis mesmo [diese Gesetze selbst], dessas tendências que atuam e se impõem com necessidade férrea. O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro.*[973]

A Inglaterra mostrava no século XIX aos países ainda não desenvolvidos, isto é, aos países retardatários que ainda não haviam se convertidos em países capitalistas, a imagem do futuro destas nações não porque todas as nações do futuro seriam industrializadas, ricas e imperialistas como a Inglaterra, mas, sim, porque no futuro todas as nações do globo terrestre seriam nações capitalistas como a Inglaterra, independente do grau de desenvolvimento industrial existente entre elas. Isto é, seriam no futuro nações capitalistas enquanto tal. Teria Marx errado neste prognóstico? Não faz sentido comentar, mas faz sentido perceber o quanto certas variantes nacionais do marxismo interpretam erroneamente esta passagem. Para esta variante do marxismo é nesta passagem que se manifesta todo o anacronismo histórico de Marx, sua completa vinculação com o passado histórico do século XIX e sua inutilidade para compreender-se a complexa trama do mercado mundial imperialista dominado por poucas e poderosas potências. É aqui que se manifesta a completa incapacidade de Marx, segundo esta variante, para prognosticar o futuro imperialista e as complexas relações deste com os países atrasados. É aqui que se manifesta a necessidade de se "atualizar" Marx e *O Capital.*

A incapacidade do marxismo de cor nacional compreender Marx reside na incapacidade de compreender que Marx muitas vezes usa termos opostos para expressar

---

[973] OC Ia, p. 18. MEW 23, p. 14.

sentidos idênticos. É o caso das palavras agrícola e industrial e suas derivações como produção agrícola e produção industrial, país agrícola e país industrial. É a incapacidade de compreender que o capitalismo não se define por ser uma forma industrial de produção frente às formas agrícolas do passado. O produto mais puro e específico do capitalismo não é sua forma sensível, se industrial ou agrícola, mas sua forma histórica e abstrata, a mais-valia. O produto concreto capitalista é a mais-valia e a produção capitalista se caracteriza por ser produção de mais-valia e não por ser produção industrial. Esta pode ser a base para a produção de um modo diferente dele.

*"Industrial [diz Marx] está aqui em oposição a agrícola. Em sentido 'categórico', o arrendatário [agrícola] é um capitalista industrial, tal como o fabricante"*[974]. Em sentido "categórico" o arrendatário também pode ser concebido como um industrial, e um país capitalista agrário do mesmo modo pode ser concebido como um país industrial desenvolvido, porque ambos tem como produto a mais-valia. A diferença reside apenas em que um a extrai do proletário rural e o outro do proletário urbano. A substância porém, é a mesma, é tempo de vida e de trabalho excedente da classe trabalhadora enquanto tal apropriado pelo patrão. Estas diferenças, em toda a exposição de *O Capital*, estão abstraídas porque aqui o que importa é compreender o capital em sua universalidade abstrata. Suas diferenças concretas não exercem nenhum papel essencial na análise e aplicação das leis gerais do capital.

### 3.3.5. Tendência histórica da acumulação capitalista

Qual o sentido da acumulação de capital? Para onde se dirigem suas tendências internas? Há um sentido nela? Esta é a última e decisiva questão a ser respondida por Marx no Livro Primeiro. A história do capital e do princípio que o fundamenta tem sido, até certo ponto, a mesma história da Idade Média e da Antigüidade Greco-romana. O capital surge banhado de sangue porque o princípio que o fundamenta e o impulsiona é o princípio da violência histórica, o mesmo princípio, portanto, das sociedades ocidentais que o precederam. Impulsionado por este princípio, por esta força histórica, por esta potência econômica, o capital soube converter todas as antigas formas de produção baseadas na unidade do trabalhador com seus meios de produção em produção baseada na

[974] OC Ib, p. 274. MEW 23, p. 777. Nota 238.

separação mais completa entre o trabalhador e os meios objetivos de realização do trabalho. A acumulação primitiva se converteu em acumulação de capital e com ela todas as grandes e milenares nações não-capitalistas foram convertidas em nações capitalistas. Com a acumulação capitalista de capital o planeta inteiro foi convertido em uma única e gigantesca nação capitalista.

O primeiro grande ato histórico do capital, seu momento tético, sua entrada triunfante na arena da história ocidental foi a conversão da pequena propriedade privada européia baseada no trabalho individual na grande propriedade privada baseada no trabalho social.

> *A propriedade privada obtida com trabalho próprio, baseada, por assim dizer, na fusão do trabalhador individual isolado e independente com suas condições de trabalho, é deslocada pela propriedade privada capitalista, a qual se baseia na exploração do trabalho alheio, mas formalmente livre.*[975]

Este primeiro ato de expropriação, ao converter o processo de trabalho individual pré-capitalista num processo de trabalho social, ao separar a indústria doméstica da indústria do campo e ao superar o isolamento do trabalho individual e familiar reunindo-o no trabalho cooperativo da grande indústria, representou um ato revolucionário da burguesia e um grande salto no desenvolvimento das forças produtivas e da socialização das relações de trabalho. Concluída a acumulação primitiva no interior da Inglaterra, a expropriação foi completada com a expropriação colonial baseada no capital já formado.

O processo de expropriação primitiva iniciado pela burguesia inglesa, e mesmo o processo de expropriação colonial por meio da acumulação de capital, não se encerrou, porém, com a expropriação da propriedade camponesa autosubsistente, ela prosseguiu a passos colossais no interior da sociedade burguesa já desenvolvida com a expropriação dos capitais menores pelo grande capital. *"O que está agora para ser expropriado já não é o trabalhador economicamente autônomo, mas o capitalista que explora muitos trabalhadores"*[976]. A expropriação do pequeno capital pelo grande, agora no interior da sociedade burguesa desenvolvida, realiza um novo e grandioso salto no

[975] OC Ib, p. 283. MEW 23, p. 790.

processo de socialização do trabalho pois, ao superar a anarquia da concorrência o capital funda, contraditoriamente, a grande propriedade monopolista baseada no sistema acionário. A anarquia do mercado é superada, ainda que antiteticamente e sob bases capitalistas, pelo controle consciente da produção pelos *trusts* e monopólios. A expropriação do trabalhador autônomo, o momento tético-positivo da formação e expansão colonial do capital, é negado agora pela expropriação do pequeno capitalista pelo grande. A violência do primeiro momento afirmativo do capital é negada pela violência do grande sobre o pequeno capital. O capital nascente que expropriara o produtor independente é agora expropriado pelo grande capital vitorioso na concorrência.

O regime de trabalho socializado organizado pelo grande capital, ao fundar um regime de propriedade acionária monopolista funda o fim da livre concorrência e da propriedade privada sob bases capitalistas, funda, sem querer, uma forma de produção burguesa com traços não burgueses, uma forma de propriedade antitética que nega sua própria natureza burguesa. Os grandes monopólios anunciam que no interior do modo de produção capitalista esconde-se um modo de produção com características socialistas, um modo de produção novo que luta por se libertar de seu envoltório envelhecido.

Ao negar o direito de propriedade real à imensa massa dos antigos proprietários e ao fundar um modo de produção efetivamente social, o capital em sua forma plenamente desenvolvida, o capital monopolista, anuncia a necessidade, e a possibilidade, de se negar a própria propriedade burguesa em geral por meio do processo de negação da negação, por meio da revolução levada a cabo pela classe operária que se desenvolveu lado a lado com o desenvolvimento capitalista. Os expropriadores, por meio da revolução operária, poderão ser agora eles próprios expropriados. Com a revolução socialista chega-se ao fim da propriedade privada, das crises, da superprodução, da anarquia do mercado e da produção pela produção. As forças produtivas do trabalho social poderão ser agora libertadas das relações burguesas de produção. Chega então, a hora da economia planificada e da dissolução desta merda toda, como dizia Marx em carta a Engels de 1868. *"A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um ponto*

[976] OC Ib, p. 283. MEW 23, p. 790.

*em que se tornam incompatíveis [unverträglich] com seu invólucro capitalista. Os expropriadores serão expropriados"*[977].

O ápice da exposição se encerra junto com a dissolução dialética da sociedade capitalista e a vitória da revolução operária. *"O sistema de apropriação capitalista surgido do modo de produção capitalista, ou seja, a propriedade privada capitalista, é a primeira negação da propriedade privada individual, baseada no trabalho próprio. Mas a produção capitalista produz, com a inexorabilidade de um processo natural, sua própria negação. É a negação da negação [Negation der Negation]"*[978]. A expropriação dos expropriadores é o momento sintético supremo de todo o processo de exposição, é o momento em que todas as contradições da sociedade capitalista são efetivamente superadas e resolvidas.

A revolução operária abole, junto com a abolição do capital, todas as intermináveis contradições do capital. A propriedade socialista repõe a unidade originária entre trabalhador e meios de produção sob bases inteiramente superiores. A unidade é reposta mas a propriedade privada baseada no trabalho individual é suprimida. Em seu lugar é posta a propriedade social. *"Esta não restabelece a propriedade privada, mas a propriedade individual sobre o fundamento conquistado na era capitalista: a cooperação e a propriedade comum da terra e dos meios de produção produzidos pelo próprio trabalho"*[979].

A revolução burguesa e a expansão colonialista expropriaram em nome do capital, a massa dos antigos produtores privados independentes. A revolução operária expropriará a massa dos não-produtores privados e independentes. *"Lá, tratou-se da expropriação da massa do povo por poucos usurpadores, aqui trata-se da expropriação de poucos usurpadores pela massa do povo"*[980]. Marx encerra a exposição do Primeiro Livro com uma nota do Manifesto Comunista. Cito-a parcialmente: *"com o desenvolvimento da grande indústria, a burguesia vê, pois, desaparecer sob seus pés o fundamento sobre o*

---

[977] OC Ib, p. 284. MEW 23, p. 791.
[978] OC Ia, p. 284. MEW 23, p. 791.Sobre o papel da expropriação dos expropriadores e o fim da acumulação no processo de exposição de O Capital ver Hector Benoit: ***Sobre a crítica (dialética) de O Capital***. Op. cit.
[979] OC Ib, p. 284. MEW 23, p. 791.
[980] OC Ib, p. 284. MEW 23, p. 791.

*qual ela produz e se apropria dos produtos. Ela produz, pois, antes de mais nada, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis"*[981].

[981] OC Ib, p. 284. MEW 23, p. 791. Nota 252 de Marx.

# CAP. II: A REALIZAÇÃO DA MAIS-VALIA GLOBAL

## 1. AS METAMORFOSES DO CAPITAL E SEU CICLO

### 1.1. O ciclo do capital-monetário

De acordo com a exposição realizada no Livro Primeiro o processo cíclico do capital ocorre em três estágios e com a seguinte seqüência. Primeiro estágio: D-M. O capitalista de posse de certa soma de dinheiro aparece como comprador no mercado de mercadorias e de força de trabalho. Segundo estágio: ...P... As mercadorias são consumidas produtivamente e no final do processo de produção aparece uma nova mercadoria de valor maior que o valor adiantado inicialmente. Terceiro estágio: M' – D'. O capitalista retorna ao mercado de mercadorias para convertê-la em mais-dinheiro. A fórmula que expressa o ciclo total do capital-monetário por isso é: D – M ...P... M' – D'. Os pontos indicam que o processo de circulação está momentaneamente interrompido e M' e D' representam a Mercadoria e o Dinheiro acrescidos de um mais-valor. Marx esclarece que *"o primeiro e o terceiro estágio só foram aventados no volume I à medida que isso era necessário para o entendimento do segundo estágio, o processo de produção do capital"*[982]. Estes estágios serão agora objetos de investigação.

No Livro Primeiro o primeiro e terceiro estágio foram conscientemente abstraídos da exposição para ater-se mais detidamente na análise e exposição do processo de produção do capital, na análise de como o capital produz e de como ele mesmo é produzido. Agora na análise e exposição da esfera da circulação será abstraída a análise do processo de produção, este será tomado como enigma já desvelado e ponto de partida para desvelar os mistérios da esfera da circulação. Partimos, portanto, de um nível superior de entendimento sobre o capital. Os mistérios da produção capitalista já estão desvelados e

[982] OC II, p. 23. MEW 24, p. 31.

suas leis fundamentais já estão postas e atuando em toda a sua necessidade. Tanto o fetiche, que transforma as coisas em homens, quanto a reificação, que transforma os homens em coisas, já estão desmascarados. A fonte da mais-valia já está esclarecida e a base da sociedade capitalista, a luta de classes entre capitalistas e trabalhadores, está posta como base imanente para a análise deste novo momento da exposição.

A multiplicidade dos capitais, abstraída na exposição do Livro Primeiro, será agora posta como objeto de investigação. Apesar da introdução da multiplicidade dos capitais individuais ser posta nesta altura da exposição, a concorrência entre eles continua abstraída. A multiplicidade posta aqui é uma multiplicidade sem conflito. As diversas partes individuais do capital que aqui serão analisadas (capital-monetário, capital-produtivo e capital-mercadoria) não são ainda concebidas como diferentes capitais individuais independentes entre si, mas, são, sim, concebidas como diferentes formas funcionais de um único e mesmo capital, o capital-industrial. Como diferentes formas funcionais de um único e mesmo capital as diferentes formas particulares deste capital antes se completam do que se refutam entre si. A oposição recíproca entre os diferentes capitais continua abstraída em nossa análise porque aqui ainda continuamos analisando o capital em geral. Diferente da análise do Livro Primeiro que analisava o capital em geral atuando na esfera da produção (o capital-produtivo), agora analisamos o mesmo capital em geral desdobrado em suas diferentes formas funcionais como capital-monetário e capital-mercadoria. A multiplicidade opositiva entre os diferentes capitais individuais continua abstraída de nossa análise pelo seguinte motivo: no Livro Primeiro ela fora abstraída porque o que importava analisar era a produção da mais-valia em geral; no Livro Segundo o que importa compreender é a realização desta mais-valia já produzida. A concorrência entre os distintos capitais individuais será posta apenas no Livro Terceiro porque somente nele será analisada a distribuição desta mais-valia já produzida e realizada entre os diferentes capitais individuais.

No Livro Primeiro partíamos da esfera mais imediata da circulação e avançávamos em direção da esfera mais interna da produção. Agora, contudo, devemos realizar uma modificação em nosso método de exposição. No Livro Primeiro, como já alertara Marx, a esfera da circulação fora tomada como objeto de análise apenas na medida em que era exigida pelas necessidades de entendimento da esfera da produção de mais-

valia. Para compreender a esfera da produção em sua pureza fora necessário abstrair a esfera da circulação. Agora trata-se do contrário. Para compreender a esfera da circulação em sua pureza será necessário abstrair a esfera da produção e considerá-la como pressuposta. No Livro Primeiro, onde estudávamos a esfera da produção da mais-valia, *"as diferentes formas de que se reveste o capital em seus diferentes estágios, e que, ao repetir-se o ciclo ele ora adota, ora abandona, não foram, por isso, levadas em consideração. Elas constituem agora o próximo objeto de investigação"*[983]. Nosso ponto de partida é, então, a análise do ciclo do capital-monetário: D – M ...P... M' – D'.

### 1.1.1. Primeiro estágio: D-M

Compra de mercadorias, conversão de dinheiro em valores de uso por um lado, e conversão de valores de uso em dinheiro, venda, por outro, constituem a formalidade da transação. Agora, porém, diferente de nosso ponto de partida mais abstrato do Livro Primeiro, o que nos interessa não é tanto a formalidade abstrata do ato mas seu conteúdo determinado. Enquanto capitalista possuidor de certa soma de dinheiro M deve estar disponível sob certa forma útil adequada ao fim do capital. *"O que faz desse ato da circulação geral de mercadorias ao mesmo tempo parte funcionalmente determinada do ciclo autônomo de um capital individual não é, em primeira instância, a forma do ato [Form des Vorgangs], mas seu conteúdo material [stofflicher Gehalt], o caráter especificamente útil das mercadorias que trocam de lugar com o dinheiro"*[984]. Como capitalista nosso possuidor de dinheiro quer convertê-lo em meios de produção e força de trabalho, nos fatores materiais e pessoais do processo de produção de mais-valia. Deste modo nossa fórmula mais abstrata D – M se converte na fórmula determinada que corresponde às necessidades da produção capitalista: D – M (FT + MP). Nosso M se decompõe em Força de Trabalho e Meios de Produção determinados. Nosso D se converte em duas séries de compras diferentes. D – FT no mercado de força de trabalho e D – MP no mercado de meios de produção. Essa divisão qualitativa do capital-monetário implica ao mesmo tempo uma divisão quantitativa. Se a composição orgânica do capital é de 3:1, por exemplo, então a cada três partes gastas em meios de produção uma parte deverá ser gasta

[983] OC II, p. 23. MEW 24, p. 31.
[984] OC II, p. 24. MEW 24, p. 32.

em força de trabalho. Se a composição orgânica se alterar, para 5:1, por exemplo, então a cada cinco partes gastas em meios de produção uma parte será gasta em força de trabalho.

Logo que D – M (FT + MP) tenha se realizado o capitalista tem em suas mãos não apenas meios de produção e força de trabalho, mas, sobretudo, tem a sua disposição os fatores potenciais fundamentais para o processo de produção em forma determinada. Tem a sua disposição as potências materiais e pessoais necessárias ao processo de enriquecimento privado. *"Em outras palavras, encontra-se no estado ou na forma de capital-produtivo [produktiven Kapital], que tem a capacidade de atuar como criador de valor e de mais-valia"*[985]. Tem em mãos, portanto, não mais a força virtual do dinheiro, mas a força efetiva para o processo de valorização do valor. Ele é agora um capitalista não mais virtual, mas de fato. Sua conversão de capitalista larvar em borboleta se realizou. Ele é agora um capitalista produtivo, um honrado agente da produção que não apenas despoja a nação, mas a enriquece.

A conversão de D em FT + MP possui uma importante determinação qualitativa. Vimos no Livro Primeiro que o que caracteriza a produção capitalista é a existência da classe trabalhadora como classe inteiramente despojada dos meios materiais para o trabalho. A conversão do capital-monetário em capital-produtivo, o abandono de uma forma potencial de capital para uma forma ativa, pressupõe a existência do trabalhador como força de trabalho assalariada. Da dupla conversão que o dinheiro realiza, em FT e MP, a conversão em força de trabalho é o momento característico da conversão do dinheiro em capital e do capital-monetário em capital-produtivo. *"D – FT é o momento característico na transformação do capital-monetário [Geldkapital] em capital-produtivo [produktives Kapital], porque é a condição essencial para que o valor adiantado em forma-dinheiro se transforme realmente em capital, em valor que produz mais-valia"*[986]. Isso implica dizer que a aparente naturalidade da conversão de D em FT na esfera da circulação possui como pressuposto o processo histórico de separação violenta do trabalhador de seus meios de produção. Processo que descrevemos no Livro Primeiro. Isto implica dizer que o Livro Primeiro e todas as suas conclusões servem de fundamento aos movimentos do capital na esfera da circulação. A conversão de D em MP constitui um

[985] OC II, p. 25. MEW 24, p. 33/34.
[986] OC II, p. 26. MEW 24, p. 35.

momento acessório e subordinado da conversão de D em FT. *"D – MP só é necessário para realizar a massa de trabalho comprada por meio de D – FT"*[987].

Do ponto de vista do comprador de força de trabalho D se converte em FT porque ao final do processo de produção sairá D', capital valorizado. Do ponto de vista do comprador a meta é a ampliação do valor de troca. Do ponto de vista do trabalhador, porém, a meta que aparece é o valor de uso. Para o capitalista o movimento de seu capital aparece como D – FT – D'. Para o trabalhador esta mesma operação aparece de modo invertido. Para ele que surge na transação como vendedor e tem como meta final o valor de uso, o movimento aparece como FT – D – M. M não funciona aqui como capital-mercadoria, mas como meios de subsistência. Do lado do trabalhador a venda de sua força de trabalho tem como meta a compra de meios de subsistência. Seu movimento se expressa *"na forma geral da circulação mercantil simples M – D – M, na qual o dinheiro figura como meio passageiro de circulação, como mero mediador da troca de mercadoria por mercadoria"*[988].

O trabalhador concebe, erroneamente, que entre ele e o capitalista foi intercambiado trabalho e não força de trabalho por determinada soma de dinheiro na forma de salário. O erro do trabalhador consiste em acreditar nas aparências do intercâmbio e em conceber as trocas subjetivamente. O irracional na consciência do trabalhador consiste em acreditar que o trabalho, que é medida e substância do valor, possui certo valor. *"O irracional consiste em que o trabalho, como elemento criador de valor, não pode ter, ele mesmo, nenhum valor, portanto determinado quantum de trabalho não pode ter nenhum valor que se expresse em seu preço, em sua equivalência com determinado quantum de dinheiro"*[989]. O irracional na transação consiste em acreditar que o salário corresponde ao preço do trabalho, ao preço da ativação da força de trabalho, de sua função produtiva.

> *Sabemos, porém, que o salário é só uma forma disfarçada [verkleidete Form], uma forma sob a qual, por exemplo, o preço diário da força de trabalho se apresenta como o preço do trabalho realizado por essa força durante um dia, de modo que o valor produzido por essa força de trabalho*

[987] OC II, p. 26. MEW 24, p. 35.
[988] OC II, p. 26. MEW 24, p. 35.
[989] OC II, p. 26. MEW 24, p. 35.

*em 6 horas de trabalho é expresso como valor de sua função ou seu trabalho de 12 horas.*[990]

Do lado do capitalista a conversão de D em FT só pode ocorrer posteriormente à conversão de D em MP. Para que o trabalhador possa ativar suas potências para o trabalho os meios de produção necessitam estar disponíveis com antecedência na fábrica. Do lado do trabalhador a ativação de sua capacidade vital para o trabalho só pode se realizar em contato com os meios materiais de produção encontrados previamente em mãos do capitalista. Enquanto a força de trabalho permanece separada destes meios antes da venda ao capitalista, ela permanece no estado de mercadoria. A força produtiva do trabalho se converte em elemento ativo do capital e em seu fermento enriquecedor, apenas após a venda quando posta em contato com os meios materiais de produção. Do lado do trabalhador sua força de trabalho é apenas uma mercadoria. Do lado do capitalista, após concluída a transação, ela se converte em elemento do capital. *"Mas assim que, mediante sua venda, é posta em contato com os meios de produção, ela constitui parte integrante do capital-produtivo de seu comprador, tanto quanto os meios de produção"*[991].

Deste modo, o capitalista não se confronta perante o trabalhador apenas como possuidor de certa soma de dinheiro como concebíamos abstratamente no Livro Primeiro. Ele se apresenta por inteiro, desde o início, na figura do proprietário dos meios materiais de produção. O trabalhador só se apresenta frente a ele para vender sua força de trabalho porque o capitalista já lhe confronta como proprietário dos meios de produção e de dinheiro. A força de trabalho se apresenta frente ao patrão como mercadoria unicamente porque frente ao trabalhador os meios de produção se apresentam como propriedade do não-trabalhador. Comprador e vendedor se confrontam para intercambiar dinheiro por força de trabalho unicamente porque aquele que está interessado na compra já se apropriou previamente dos meios de produção e de subsistência. Ambos se confrontam, então, não como meros vendedores e compradores abstratos, como homens que ocupam distintos papéis na esfera da circulação da força de trabalho, mas como classes que ocupam distintos papéis na esfera da produção e apropriação da riqueza. Aqui fica novamente evidente que a

[990] OC II, p. 26. MEW 24, p. 36.

existência real dos homens como classes sociais antagônicas é pressuposto para a existência do indivíduo na esfera da circulação de mercadorias.

> *A relação de classe entre capitalista e trabalhador assalariado já existe, já está pressuposta [vorausgesetzt] no momento em que ambos se defrontam no ato D – FT (FT – D da perspectiva do trabalhador). É compra e venda, relação monetária, porém uma compra e uma venda em que se pressupõem [vorausgesetzt] o comprador como capitalista e o vendedor como trabalhador assalariado, e essa relação está dada pelo fato de que as condições para a realização da força de trabalho - meios de subsistência e meios de produção – estão separadas [getrennt], como propriedade alheia, do possuidor da força de trabalho.*[992]

O dinheiro pode converter-se em capital e o capital-monetário em capital-produtivo não porque o dinheiro surge na transação como simples meio de circulação, mas, sim, porque surge como capital. E o dinheiro se converte em capital porque antes o trabalhador já havia sido convertido pelo processo histórico em força de trabalho assalariada separada da propriedade dos meios de produção e subsistência. *"A relação não é dada pela natureza do dinheiro; é antes a existência dessa relação que pode transformar a mera função monetária em função de capital"*[993]. As condições sociais que permitem que o capital-monetário se converta em capital-produtivo implicam um longo processo histórico. Tal conversão só é possível em condições sociais em que o trabalhador exista como homem livre despojado de todos os meios de produção e subsistência e tenha como sua propriedade unicamente sua força de trabalho.

> *Também a compra e venda de escravos é, formalmente, compra e venda de mercadorias. Sem a existência de escravidão, porém, o dinheiro não pode desempenhar essa função. Havendo escravidão, então o dinheiro pode ser desembolsado na compra de escravos. Inversamente, dinheiro em mãos do*

---

[991] OC II, p. 27. MEW 24, p. 36.
[992] OC II, p. 27. MEW 24, p. 37.
[993] OC II, p. 27. MEW 24, p. 37.

*comprador não basta, de maneira alguma, para tornar possível a escravidão.*[994]

A compra e venda não mais do próprio trabalhador como escravo, mas unicamente de sua força de trabalho *"implica processos históricos mediante os quais foi dissolvida [aufgelöst] a combinação originária dos meios de produção com a força de trabalho; processos em decorrência dos quais a massa do povo, os trabalhadores, como não-proprietários, se defronta com os não-trabalhadores, como proprietários desses meios de produção"*[995]. Tais processos, como vimos, já foram demonstrados no Livro Primeiro.

### 1.1.2. Segundo estágio: função do capital-produtivo

O capitalista não comprou meios de produção e força de trabalho para com eles produzir meios de subsistência para seu desfrute pessoal. Ele os comprou com a intenção de convertê-los em capital e daí tirar mais dinheiro do que lançou na operação. Para valorizar o valor adiantado o capitalista terá que lançar na esfera da circulação, após realizado ...P..., um novo valor de uso acrescido de uma mais-valia. Contudo, seu capital-monetário está agora convertido na forma natural de meios de produção e força de trabalho e não são estas mesmas formas que ele pretende lançar na circulação. O capitalista não pode vender os meios de produção comprados como mercadoria por que daí não surge mais-valia. Não pode da mesma forma vender o trabalhador como escravo porque este lhe vendeu somente sua capacidade para o trabalho por um prazo determinado e não sua personalidade por inteira. A valorização do capital-monetário só pode vir, portanto, da interrupção da circulação de mercadorias e do ingresso do valor-capital na esfera da produção. O capital-monetário se valoriza, portanto, abandonando a forma fluída de capital na forma-dinheiro e adotando a forma enrijecida do capital-produtivo. Para se valorizar o capital deve encarar o processo ininterrupto de mutação de formas como condição fundamental para sua existência. O abandono da forma monetária do capital implica a adoção direta da forma produtiva. *"O resultado do primeiro estágio é, portanto, o ingresso no segundo, no estágio produtivo do capital... O primeiro estágio, a transformação de capital-monetário em capital-produtivo, aparece apenas como antecessor e fase*

[994] OC II, p. 28. MEW 24, p. 38.

*introdutória do segundo, estágio da função do capital-produtivo"*[996]. D – M (FT + MP) se converte então em D – M (FT + MP) ...P, onde os pontos indicam que a circulação do capital está temporariamente interrompida. O ávido apaixonado pela forma universal e fluída da riqueza só pode ver seu dinheiro fermentar desfazendo-se dele, convertendo-o na forma determinada de meios materiais de produção e força de trabalho. Os sofrimentos de seu coração serão inevitáveis para que sua paixão desenfreada pela riqueza abstrata seja saciada. Os tormentos de seu coração serão os mesmos tormentos do dinheiro em seu incerto processo de valorização.

Para que o capitalista possa converter seu capital-monetário em capital-produtivo separado e anteposto ao trabalhador como um elemento estranho e hostil, ambos, trabalhador e meios de produção, já devem estar separados previamente na realidade social. A antítese entre trabalhador e meios de produção e subsistência, antítese que delimita a forma capitalista de produção de outras formas mais atrasadas, tem como pressuposto certo grau de decomposição destas formas mais atrasadas onde trabalhador e meios de produção e subsistência existem mais ou menos colados um ao outro. Para que a força de trabalho possa existir como força livre separada dos meios de produção, o trabalhador tem que se defrontar com seus meios fundamentais de subsistência na forma de mercadoria. Este estado regular de existência requer como pressuposto um determinado grau de generalização da produção de mercadorias. Dado certo grau de desenvolvimento desta separação, a divisão social do trabalho se aprofunda e se expande para ramos novos ainda em formação como também para os ramos mais atrasados da produção. Dado certo grau de desenvolvimento da produção capitalista de mercadorias, não apenas novos ramos da produção brotam magicamente da noite para o dia nos grandes centros industriais, como os ramos mais antigos são absorvidos e convertidos em ramos produtores de mercadorias. A religião da mercadoria se expande, deste modo, por dois caminhos opostos: por um lado fundando novos ramos antes inexistentes e, por outro, convertendo os velhos ramos mais atrasados em ramos produtores de mercadorias.

Estando a produção capitalista de mercadorias pressuposta, a destruição das antigas formas de produção e sua conversão em forma mercantil de produção é uma conseqüência necessária e inevitável. Convertida estas formas atrasadas em formas

---

[995] OC II, p. 28. MEW 24, p. 38.

mercantis de produção, o passo seguinte é sua necessária, e do mesmo modo inevitável, conversão em forma capitalista de produção. *"A medida que esta se desenvolve [a produção capitalista de mercadorias], tem o efeito de decompor e de dissolver cada forma antiga de produção, a qual orientada preferencialmente para o autoconsumo direto, só transforma o excedente do produto em mercadoria"*[997]. Este duplo movimento histórico é concebido por Marx como implacável e impiedoso para tais formas mais atrasadas. *"Por outro lado, as mesmas circunstâncias que produzem a condição básica da produção capitalista – a existência de uma classe de trabalhadores assalariados – requerem a passagem de toda [aller] a produção de mercadorias para a produção capitalista de mercadorias"*[998].

Fazemos questão de grifar esta passagem porque ela constitui a base de uma importante polêmica no interior do marxismo sobre o futuro das nações ainda não absorvidas pela forma capitalista de produção. De acordo com esta passagem Marx concebe a existência de uma incompatibilidade absoluta entre a forma capitalista de produção e todas as formas de produção que a antecedem, sejam elas produtoras de mercadorias ou não. O movimento implacável de conversão destas formas atrasadas em formas capitalistas de produção é dado por Marx como certo e inevitável. As antigas nações não-capitalistas só poderiam conservar sua estrutura produtiva e evitando, assim, a destruição implacável provocada pela forma-mercadoria, convertendo-se em sociedades produtoras de mercadorias.

Em sua análise da acumulação imperialista acreditava Rosa que o excedente da produção capitalista não consumível por capitalistas e operários encontraria seus mercados nestas áreas geográficas que ainda resistiam em converter-se em áreas capitalistas de produção. Para Rosa Luxemburg[999] as nações atrasadas do globo terrestre exerciam um papel fundamental na dinâmica da acumulação capitalista, pois funcionavam como mercados que absorveriam o excedente da produção, a mais-valia, não consumida nem por operários nem por capitalistas. Para Rosa a noção de que a produção capitalista é uma produção pela produção, que o mercado consumidor da mais-valia era o próprio capital e

---

[996] OC II, p. 29. MEW 24, p. 40.
[997] OC II, p. 30. MEW 24, p. 41.
[998] OC II, p. 30. MEW 24, p. 41.
[999] Rosa Luxemburg. Op. cit.

não uma terceira categoria de consumidores, era algo inteiramente inconcebível. Para ela a mais-valia encontraria seu canal escoadouro no consumo desta terceira categoria de consumidores, as populações dos países atrasados do planeta. O colapso do capitalismo viria quando estas fontes de consumo e realização da mais-valia se esgotassem, quando todas as nações do planeta tivessem se convertido em nações capitalistas. Atingido este ponto máximo de desenvolvimento o capitalismo entraria inevitavelmente em colapso por falta de uma terceira categoria de consumidores que realizasse a conversão da mais-valia do capital em dinheiro sonante.

A nação capitalista desenvolvida converte as nações ainda atrasadas primeiramente em nações produtoras de mercadorias. *"Ela faz da venda do produto o interesse principal, primeiro sem aparentemente atacar o próprio modo de produção, como foi, por exemplo, o primeiro efeito do comércio mundial capitalista sobre povos como os chineses, indianos, árabes etc."*[1000]. O primeiro passo em direção à conversão das nações atrasadas em nações capitalistas, a mediação, é a conversão dos povos que produzem baseados num sistema de autosubsistência em povos produtores de mercadorias. Observemos que Marx não enquadra neste caso a América e o Brasil. Aqui desde o princípio da colonização já se produz na forma mercantil. Em relação aos chineses, indianos, árabes e orientais em geral, somos povos desde o início mais desenvolvidos historicamente. Em certo sentido, de acordo com o critério da produção de mercadorias, os povos americanos já nasceram desenvolvidos[1001].

O segundo e decisivo passo, o golpe de misericórdia, é a conversão destes povos em povos produtores de mercadorias sob base capitalista. *"Mas, em segundo lugar, onde tenha fincado raízes, ela destrói todas as formas de produção mercantil que se baseiam seja no trabalho do próprio produtor, seja apenas na venda do produto excedente como mercadoria. Ela generaliza primeiro a produção de mercadorias e transforma depois gradualmente toda a produção de mercadorias em produção capitalista"*[1002]. O golpe de misericórdia é dado convertendo o produtor independente ainda colado aos meios de produção e subsistência em produtor assalariado e o mercado estrangeiro de mercadorias em mercado interno para o capital. A conversão de todos os povos atrasados em povos

[1000] OC II, p. 30. MEW 24, p. 41.
[1001] Ver Hector Benoit: ***O Programa de Transição de Trotsky e a América***. Op. cit.
[1002] OC II, p. 30. MEW 24, p. 41/42.

capitalistas converte a relação entre duas nações estrangeiras, uma desenvolvida e outra atrasada, em relação econômica interna, em relação entre dois ramos ou departamentos da produção de uma única e mesma nação mundial capitalista. A única e não-fundamental diferença que ainda persiste entre elas é a diferença geográfica e cultural.

Nesta passagem fica do mesmo modo ainda mais compreensível o significado da passagem do Prefácio ao Livro Primeiro, já comentada por nós, que diz que a nação mais desenvolvida do planeta espelha para cada nação mais atrasada a imagem de seu próprio futuro. A noção de que o futuro de cada nação atrasada é se converter simplesmente em nação produtora de mercadorias sob base capitalista, e não numa nação imperialista poderosa e industrializada como pensam certas matizes do marxismo, fica do mesmo modo nitidamente esclarecida. As nações em seu conjunto não tendem a ser todas imperialistas e altamente industrializadas. Elas tendem unicamente a serem nações capitalistas enquanto tal, seja rica e industrializada ou não.

Convertido D em FT + MP converte-se ao mesmo tempo o capital-monetário em capital-produtivo. O resultado final do capital-monetário é sua transmutação na forma natural de meios de produção e força de trabalho. D – M (FT + MP) se converte em D – M (FT + MP) ...P. O resultado final do processo de produção é uma mercadoria prenhe de mais-valia, M' (M + m). M' representa a massa de valor original (M) somada com m, a massa acrescida de mais-valia.

### 1.1.3. Terceiro estágio: M' - D'

Convertido M (FT + MP) em M' (M + m), esta deve se converter em D', capital valorizado na forma fluida do dinheiro. Nosso capital adotou até aqui três formas: monetária, produtiva e mercantil. A forma do capital-monetário, se por um lado se apresenta na forma sempre fluida e universal do dinheiro, só pode se valorizar convertendo-se na forma enrijecida e determinada de FT e MP. A forma do capital-produtivo, por sua vez, põe em movimento as potências ativas do trabalhador e o resultado é uma mercadoria de valor maior que o valor originalmente adiantado. O resultado final do processo de produção é M' (M + m). Na forma do capital-mercadoria o capital está finalmente valorizado, pois o valor final é maior que o valor inicial. Contudo, o capital valorizado permanece sob uma forma natural-determinada que nenhum interesse desperta no

proprietário capitalista. Para este só a forma social e universal da riqueza lhe importa. M' deve, portanto, se converter em D'. Se esta conversão não se realizar todo o processo foi perdido e o capitalista estará arruinado.

O capitalista entrará em ruína por dois motivos. Primeiro, porque seu capital original está cristalizado numa forma natural desprezível, para ele seu produto não possui nenhum valor de uso, ele o produziu com a intenção de convertê-lo em valor de troca de volume maior que o inicial. Sem a venda sua operação é um fracasso. Se a venda não se realiza então ele trocou uma massa menor de valor na forma universal do dinheiro por uma massa acrescida de valores sob a forma determinada de um valor de uso que não encontrou compradores no mercado. Em segundo lugar, ele arruina porque a continuidade do processo de produção, o reinicio do ciclo de investimentos, depende da realização desta última operação, da conversão de M' em D'. Para que o capitalista retorne como comprador ao mercado de força de trabalho e meios de produção e organize um novo processo de produção, ele precisa antes ter obtido sucesso como vendedor no mercado de valores de uso em geral. Para que ele volte a converter D em FT + MP ele precisa antes converter M' em D'. Se esta operação falhar ele falha como capitalista e todo seu negócio entra em ruína. *"Enquanto o capital agora valorizado permanece fixado na forma de capital-mercadoria, imobilizado no mercado, o processo de produção fica parado. Não atua nem como formador de produto nem como formador de valor"*[1003]. Assim como o capital-monetário desfez-se em capital-produtivo e este em capital-mercadoria, agora para completar com sucesso toda a operação o capital-mercadoria deve desfazer-se dessa forma enrijecida e desprezível e voltar a adotar a forma universal do dinheiro. O valor-capital só se valoriza efetivamente na medida em que o capital abandona sistematicamente cada uma de suas formas transitórias e na medida em que se efetive como valor-capital em fluxo. A perpetuação do fluxo é uma condição fundamental para a existência do capital. Se este fluxo se interromper em algum ponto, todo o sucesso da operação cai em ruína.

Este fluxo, ainda, deve ser realizado dentro de determinados prazos considerados normais. Se a conversão de uma forma em outra se estende por um período acima do período esperado, se o capital permanece por mais tempo além do tempo esperado numa forma determinada, o sucesso da operação não deixa de correr riscos. Se a circulação

[1003] OC II, p. 33. MEW 24, p. 45.

do valor-capital girar numa velocidade abaixo da velocidade média esperada, se cada forma determinada permanecer por mais tempo em repouso, estagnada em si mesma, a acumulação tende a se reproduzir numa escala inferior à escala esperada. *"De acordo com os diversos graus de velocidade com que o capital se desfaz de sua forma-mercadoria e assume sua forma-dinheiro, ou de acordo com a rapidez da venda, o mesmo valor-capital servirá em grau muito desigual como formador de produto e de valor e aumentará ou diminuirá a escala da produção"*[1004]. Este problema acerca da influência da velocidade da circulação na acumulação de capital será melhor tratado nos capítulos seguintes. Marx aqui apenas antecipa a questão sem desenvolvê-la. Ele aqui apenas indica que o grau de eficácia de um dado capital não está determinado apenas pelo grau de eficácia do processo de produção, mas, ainda, pelo grau de eficácia da esfera da circulação e da velocidade em que as operações comerciais se realizam. Ele procura demonstrar que a própria esfera da produção está determinada e subordinada aos movimentos da esfera da circulação. *"Aqui se mostra, diz Marx, que o processo de circulação põe em movimento novas potências, independentes da grandeza do valor do capital, de seu grau de eficácia, de sua expansão e contração"*[1005].

Supondo que a conversão de M' (M + m) em D' (D + d) seja um sucesso, então o valor retorna às mãos do capitalista enquanto valor valorizado na forma universal do dinheiro. O capitalista poderá, então, dormir sossegado, pois todas as barreiras foram superadas, a metamorfose ininterrupta do capital se realizou integralmente e ele poderá no outro dia retornar ao mercado e reiniciar novamente o mesmo e tortuoso processo. As noites de depressão e sono perdido são apenas hipóteses futuras que ele espera dobrar com sua astúcia invejável de homem de negócios. Ao final do processo nosso capitalista pode dormir o sono dos anjos porque o valor retorna a ele na mesma forma em que foi adiantada, a forma monetária. Poderá dormir mais feliz porque ele retorna, ainda, fermentado como mais-dinheiro. Retorna a ele D, o pai que inaugura todo o processo, e d, o filho mimado ansiosamente esperado.

> *Ao final do processo, o valor-capital encontra-se, portanto, novamente na mesma forma em que nele ingressou; pode, pois, inaugurá-lo e percorrê-lo*

[1004] OC II, p. 33. MEW 24, p. 46.

> *como capital-monetário. Exatamente porque a forma inicial e final do processo é a do capital-monetário (D), essa forma do processo de circulação é designada por nós como ciclo do capital-monetário. Não a forma [Form], mas a grandeza do valor do capital adiantado é modificada no fim.*[1006]

E o retorno fermentado dessa grandeza original adiantada é tudo o que importa para o capitalista.

Todas as diferenças qualitativas do processo são consideradas pelo capital como meros momentos transitórios para realização da diferença quantitativa. Ao capital importa que no final do processo apareça uma diferença quantitativa e que D fermente em D'. A diferença qualitativa entre M (FT + MP) inicial e M final, a nova mercadoria produzida pelo operário, não possui nenhuma importância decisiva para o capital. Como valor de uso a mercadoria é vista pelo capital como mera portadora material do valor. E no dinheiro, como forma universal e abstrata do valor de troca, todas as diferenças qualitativas do processo estão apagadas. *"No dinheiro, toda a diversidade das mercadorias se apaga exatamente porque ele é a forma de equivalência comum [gemeinsame Äquivalentform] a todas elas"*[1007]. Nisto consiste a magia do dinheiro em parecer por sua própria natureza valor de troca em si mesmo. Nesta forma irracional o dinheiro não aparece como realização do valor e da conversão da riqueza determinada do valor de uso em riqueza abstrata, mas, sim, como riqueza em si mesma independente das mediações do processo qualitativo e das mudanças de forma que ocorrem no interior do processo de valorização do valor. Nesta forma irracional do processo a mesma forma retorna quantitativamente aumentada.

Por sua natureza quantitativa tanto M' quanto D' formam o valor-capital valorizado. A distinção entre M' e D' é apenas formal e não quantitativa. Numa ponta o valor-capital valorizado aparece como forma mercantil e noutra, como forma monetária: *"capital-monetário e capital-mercadoria, são [por isso] modos de existência do capital [Geldkapital und Warenkapital, Existenzweisen des Kapitals sind]"*[1008]. Entre M' e D',

---

[1005] OC II, p. 33. MEW 24, p. 46.
[1006] OC II, p. 35. MEW 24, p. 48/49.
[1007] OC II, p. 36. MEW 24, p. 50.
[1008] OC II, p. 38. MEW 24, p. 54.

contudo, há uma importante diferença. No capital-mercadoria a fermentação do valor ocorrida durante o processo produtivo deixa pegadas mais nítidas que no capital-monetário. A forma sensível do capital-mercadoria é menos misteriosa que o capital-monetário porque na mercadoria a multiplicação quantitativa do valor no final do processo de produção pode ser melhor visualizada. Por ser produto direto do processo de produção as marcas originais deste ficam, até certo ponto, impressas na personalidade da mercadoria final. No dinheiro não fica nenhuma marca do processo de produção original. M' final é diferente de M tanto qualitativa quanto quantitativamente enquanto que D' final é diferente de D apenas quantitativamente. O dinheiro, por isso, parece ser por natureza dinheiro que gera magicamente mais-dinheiro do nada. *"O capital-mercadoria [Warenkapital], como produto direto do processo de produção capitalista, relembra essa origem, e por isso é mais racional em sua forma, menos irracional do que o capital-monetário [Geldkapital], no qual todo vestígio desse processo está apagado, assim como, em geral, no dinheiro se apaga toda forma útil específica da mercadoria"*[1009]. O capital-monetário coroa o processo de fetichização do capital porque formalmente tanto o princípio quanto o fim são iguais. A diferença quantitativa aparece como diferença posta pelo próprio dinheiro e não como diferença posta pelo processo de transmutação de formas ocorrido no interior do processo inteiro.

O fetiche do capital-monetário possui o poder de enganar nossa consciência porque na esfera enganosa da circulação de mercadorias o momento da realização do valor e do mais-valor, o momento da conversão da forma M' em D', aparece como sendo o próprio momento em que o valor é formado e valorizado. No processo global o valor é formado e valorizado apenas durante o estágio particular do capital-produtivo P. Na instância aparente do mercado, porém, o valor aparece enganosamente como sendo magicamente formado e valorizado na conversão de M' em D'. A metamorfose de M' em D' é uma metamorfose meramente formal, nela o valor-capital abandona a forma útil natural e determinada de M e adota a forma universal e abstrata de D. Nesta conversão não ocorre nenhuma modificação quantitativa do valor. Esta modificação ocorre unicamente no estágio intermediário do capital-produtivo P. *"A mudança de valor pertence exclusivamente à metamorfose P, ao processo de produção, que aparece como*

[1009] OC II, p. 38. MEW 24, p. 54/55.

*metamorfose real do capital [reale Metamorphose des Kapitals], em face das metamorfoses meramente formais da circulação [bloß formellen Metamorphosen der Zirkulation]"*[1010]. Na instância exterior e fetichizada do mercado as coisas aparecem, contudo, inteiramente invertidas. A magia do dinheiro faz gerar mais-dinheiro do nada. Assim como o Deus judaico criou o mundo do nada, o novo Deus pagão gera, do mesmo modo, mais dinheiro do nada. A religião judaico-cristã, por isso, é a religião que mais corresponde às concepções e interesses do capital.

### 1.1.4. O ciclo global

O processo de circulação do capital-monetário e a conversão de D em D' começa com D – M (FT + MP) e encerra com M' – D'. A diferença entre o D inicial e o D' final é meramente quantitativa. Formalmente, ambos são representação abstrata da riqueza. M, porém, se diferencia de M' não apenas quantitativamente, como M' maior que M, mas, ainda, em sua forma útil natural. M inicial possui a forma útil determinada de força de trabalho e meios de produção. M' final possui a forma de um novo valor de uso antes inexistente. O ciclo inteiro do capital-monetário pode assim ser melhor descrito como D – M (FT + MP) ...P... M' (M + m) – D' (D + d), com M' diferente quantitativa e qualitativamente de M e D' diferente de D apenas quantitativamente. *"O capital aparece aqui como um valor que percorre uma seqüência de transformações interligadas e reciprocamente condicionadas a uma série de metamorfoses, que constituem outras tantas fases ou estágios de um processo global"*[1011]. O capital aparece aqui claramente como capital em processo, como ser que se alimenta de mais-trabalho unicamente com a condição de assumir a incessante metamorfose de fases como a mais pura essência de sua personalidade. O capital é metamorfose pura, nele nada pode permanecer estático, com ele todas as formas estagnadas de vida devem ser negadas pela força devoradora de seu ser em permanente devir. Se o capital paralisar seu movimento ininterrupto de formas em uma fase qualquer da circulação sua morte por apoplexia[1012] será inevitável.

---

[1010] OC II, p. 39. MEW 24, p. 56.
[1011] OC II, p. 39. MEW 24, p. 56.
[1012] Apoplexia é um termo extraído da medicina que significa literalmente congestão cerebral devido a uma paralisação na circulação sangüínea, é a morte de um corpo por coagulação de sangue no cérebro. A analogia da circulação de mercadorias com a circulação sangüínea do corpo é uma analogia corrente na Economia Política desde os tempos da fisiocracia. Quesnay, médico e fisiocrata francês, que analisava a circulação das

Em seu processo global o capital-monetário percorre três estágios: dois na esfera da circulação e um na esfera da produção. Todos estes estágios se completam e se refutam reciprocamente. Em todos eles a passagem e permanência é transitória. O capital abandona uma forma e assume outra de natureza contraditória unicamente para em seguida abandoná-la novamente e assumir nova forma.

> *Em cada uma dessas fases o valor-capital assume uma figura diferente, que corresponde a uma função diferente, especial. Dentro desse movimento, o valor adiantado não só se conserva, mas cresce, aumenta sua grandeza. Por fim, no estágio final, retorna à mesma forma em que apareceu no início do processo global. Esse processo global [Gesamtprozeß[ é, por isso, um processo de circulação [Kreislaufsprozeß].*[1013]

A essência mais profunda do capital é ser permanente contradição em processo. Nele só o que permanece é a constante mutação de formas, é a conversão de dinheiro em mercadoria, mercadoria em produção, produção em nova mercadoria, mercadoria em mais-dinheiro e novamente dinheiro em mercadoria, mercadoria em nova mercadoria e assim ininterruptamente. Por isso, tudo o que é sólido e estático é engolido pelo fogo de seu movimento[1014].

Na primeira fase do processo o capital adota a forma de capital-monetário, na última a de capital-mercadoria. Mediando um e outro momento da circulação o capital adota a forma de capital-produtivo. Estas três formas, contudo, não podem ser concebidas como três capitais diferentes que transacionam entre si. Elas são, antes, diferentes formas funcionais transitórias de um único e mesmo capital em processo, o capital-industrial. Há um único capital em processo. Sua necessidade imanente de valorização o leva inevitavelmente a desdobrar-se numa série de figuras funcionais diferentes, contraditórias e transitórias. Em sua necessidade imanente o capital-monetário abandona a si mesmo,

---

mercadorias como analisava a circulação do sangue pelo corpo foi um dos pais desta interessante terminologia aqui adotada por Marx. Marx ainda se refere nestes termos da medicina quando compara a superprodução de mercadorias com uma pletora de capital. Pletora é uma doença que leva o corpo à morte provocada pelo excesso de sangue produzido. O corpo entra em colapso porque produz um excesso de sangue em relação às necessidades fisiológicas do organismo.

[1013] OC II, p. 39. MEW 24, p. 56.

desdobra-se em capital-produtivo, este em capital-mercadoria para novamente repousar sobre si mesmo na forma de valor-capital valorizado na forma-dinheiro. *"O capital que no transcurso de seu ciclo global adota e volta a abandonar essas formas, e em cada uma cumpre a função que lhe corresponde, é o capital-industrial [industrielles Kapital: em itálico no original] – industrial, aqui, no sentido de que abarca todo ramo da produção conduzido de modo capitalista"*[1015].

A noção de capital-industrial é uma noção fundamental para Marx porque nele todas as formas particulares de capital, seja capital-monetário, capital-mercadoria ou capital-produtivo, estão sintetizadas. Assim, tanto o capital mercantil e o capital bancário, do mesmo modo seus possuidores particulares, o comerciante e o banqueiro, podem ser concebidos como membros particulares deste único e mesmo ser que é o capital-industrial. Do mesmo modo as diferentes formas particulares de capital-produtivo, seja capital aplicado na agricultura e na pecuária, no ramo de transportes e comunicação, no ramo da mineração, do ensino e medicina privada etc., que aparentemente parecem ser outro capital que não o industrial, são do mesmo modo concebidos como membros deste único e mesmo capital, o capital-industrial. O pensamento econômico burguês opõe estas diferentes formas de capital entre si, confundindo a noção de capital-industrial com a noção de capital fabril. É esta confusão empírica e acessória que Marx pretende evitar com a noção de capital-industrial.

Para Marx capital-produtivo, capital-monetário e capital-mercadoria são noções que derivam do caráter funcional do capital em geral, do papel funcional que cada forma particular de capital assume durante o processo de valorização do valor. O capital na forma monetária é chamado de capital-monetário porque assume neste processo uma função que cabe unicamente a ele e não às outras formas particulares de capital-mercadoria e capital-produtivo. O mesmo raciocínio cabe à noção de capital-produtivo e mercantil. A multiplicidade de capitais posta por Marx neste Segundo Livro é derivada, portanto, de sua natureza funcional, do papel específico que cada capital particular assume na totalidade do processo de valorização do valor. *"Capital-monetário [Geldkapital], capital-mercadoria [Warenkapital], capital-produtivo [produktives Kapital] não designam aqui tipos autônomos de capital, cujas funções constituam o conteúdo de ramos de negócios*

[1014] Maurice Godelier: ***Rationalité & irrationalité en économie – II***. Paris: François Maspero, 1974.

*igualmente autônomos e mutuamente separados. Designam aqui apenas formas funcionais [Funktionsformen] específicas do capital-industrial, que assume todas as três, uma após a outra"*[1016]. Aqui a compreensão do funcionamento de um ramo da produção (fabril, comercial ou bancário) se subordina à compreensão do funcionamento do conjunto do processo de valorização do valor. Cada ramo funciona e existe em função da existência do ramo seguinte. Cada ramo entra em operação unicamente para servir de elo aos ramos que tanto o antecedem quanto lhe sucedem na cadeia produtiva. Nenhum ramo existe aqui em si e por si, autônomo e absolutamente separado, cada um somente existe em função de seu outro contraditório. Quem absolutamente existe é o capital-industrial e seu processo permanente de transmutação de formas. Capital-industrial e capital em geral são tomados aqui como sinônimos. Os diferentes capitais individuais (produtivo, mercantil e monetário) são apenas diferentes formas funcionais de um único e imenso capital global, o capital enquanto tal, eles não formam ainda diferentes capitais individuais autônomos distribuídos dentro de diferentes ramos da produção e em conflito com outros ramos. A multiplicidade de capitais posta no Livro Segundo, como já comentamos, é uma multiplicidade sem conflito pois ela está posta como multiplicidade funcional de um único e mesmo capital, o capital global da sociedade que agora se desdobrou em três formas particulares de capital que, em comum, atuam harmonicamente para valorizar o valor. Por isso, é um absurdo, do ponto de vista analisado até aqui, conceber cada uma destas três formas funcionais do capital como formas autônomas do capital social que se valorizam por si mesmas.

A noção de que o capital aplicado no ramo de transporte e comunicação faz parte do capital-industrial é explicado em seguida por Marx. O que distingue estes ramos da atividade útil de outros ramos manufatureiros é que seu produto final não se objetiva num valor de uso material destacado do processo de produção. O valor de uso destas indústrias não é um objeto útil tangível materialmente, mas, um serviço. O que estas indústrias produzem e vendem é o próprio processo de produção. O que a indústria de transportes vende não é um valor de uso destacado do processo de produção, mas o próprio processo de transporte e locomoção espacial. O produto desta indústria é consumido no mesmo instante em que é produzido.

---

[1015] OC II, p. 39. MEW 24, p. 56.

> *Pessoas e mercadorias viajam com o meio de transporte, e sua viagem, seu movimento espacial é, precisamente, o processo de produção efetivado por ele. O efeito útil só é consumível durante o processo de produção; ele não existe como uma coisa útil distinta deste processo, que só funcione como artigo de comércio depois de sua produção, que circule como mercadoria.*[1017]

Este ramo da produção é, portanto, por um lado equiparado a qualquer outro processo de produção industrial capitalista por ter como função, enquanto capital-produtivo, a valorização real do capital. Sua meta, como a de qualquer capital-industrial, é converter D em D' mediante a conversão de M (FT + MP)...P em valor-capital valorizado. Por outro lado, por não produzir seu produto na forma de mercadoria que entra em circulação ao lado de outras mercadorias sua fórmula se modifica em D – M (FT + MP) ...P – D'.

Se o produto desta indústria é consumido individualmente seu valor desaparece junto com o consumo. Se, por outro, lado ele for consumido produtivamente transportando produtos de um local para outro, participando deste modo de um estágio da produção de mercadorias, então seu valor se transfere para o valor da mercadoria transportada, compondo parte de seu custo de produção. Se *"consumido produtivamente, de modo que ele mesmo é um estágio de produção da mercadoria que se encontra no transporte, então seu valor é transferido, como valor adicional, à própria mercadoria"*[1018].

Por capital-industrial Marx compreende, como já demonstramos, a unidade indissociável das três formas funcionais do capital global: capital-produtivo, mercantil e monetário ou, então, fabril, comercial e bancário. A noção de capital-industrial se opõe à noção de capital-monetário e mercantil apenas nos casos em que estas duas formas de capital correspondem às formas de capital ultramarítimo e usurário da fase mercantilista do capitalismo. Como já demonstramos no Livro Primeiro, o capital usurário e comercial ultramarítimo dos séculos XV-XVI foram fundamentais para a formação do capital-industrial, do capital que produz ele mesmo sua mais-valia. Tais formas atrasadas de capital

---

[1016] OC II, p. 39. MEW 24, p. 56.
[1017] OC II, p. 40. MEW 24, p. 60.
[1018] OC II, p. 41. MEW 24, p. 61.

formam, como vimos, o pressuposto histórico do capital-industrial. Contudo, uma vez que o capital-industrial tenha se formado historicamente e começado a andar sobre suas próprias pernas, as formas prédiluvianas do capital se convertem em formas derivadas e subordinadas do mesmo capital-industrial que ajudaram a formar. Uma vez tendo o capital-industrial como pressuposto da produção, todas as formas de capital-monetário e mercantil se convertem em formas derivadas deste capital.

Diferente do capital usurário e ultramarítimo dos séculos XV-XVI, o capital-industrial é o único modo de existência do capital onde produção e apropriação de mais-valia aparecem como função própria do capital. Todas as demais formas de existência do capital constituem-se em formas subordinadas e subsidiárias do capital-industrial. O capital-industrial *"condiciona, por isso, o caráter capitalista da produção sua existência implica a contradição de classe [Klassengegensatzes] entre capitalistas e trabalhadores assalariados"*[1019]. O caráter subordinado das outras formas de capital explica agora porque tais formas foram abstraídas no Livro Primeiro e posta sob análise unicamente a natureza do capital que produz sua própria mais-valia.

> *Na medida em que [o capital-industrial] se apodera da produção social, a técnica e a organização social do processo de trabalho são revolucionadas e com elas o tipo econômico-histórico da sociedade. As outras espécies de capital, que apareceram antes dele em meio a condições sociais de produção pretéritas ou decadentes, não só lhe são subordinadas e modificadas, de acordo com ele, no mecanismo de suas funções, mas só se movimentam ainda com base nele e, por isso, vivem e morrem, sustentam-se e caem.*[1020]

Historicamente as primeiras formas de capital mercantil e monetário surgem como ramos autônomos e independentes da produção de mais-valia. Esta surge inicialmente como adição ao preço do produto comprado em mercados distantes do centro europeu consumidor. As grandes companhias monopolistas de comércio, normalmente grandes concessões feitas pelo Estado, tinham como uma das fontes de mais-valia o mercado de

[1019] OC II, p. 41. MEW 24, p. 61.

especiarias do Oriente. Se o produto circulava no mercado mundial como mercadoria destinada a gerar uma mais-valia para seu comerciante, no Oriente ela era produzida sob forma artesanal e atrasada. Do mesmo modo o enriquecimento baseado na escravidão dos negros. Os negros, apesar de aparecerem circulando no mercado mundial como capital-mercadoria, de modo algum apareciam desta forma porque eram o resultado de uma produção mercantil baseada no trabalho assalariado. O processo de produção que transformava o negro em mercadoria em nada se diferenciava da caça predatória de animais selvagens. Por isso o capital e a mais-valia que surgem inicialmente deste modo não podem formar a base para a explicação da mais-valia produzida sob condições sociais dominadas pelo capital-industrial.

O surgimento do capital-industrial revoluciona pela base a natureza dessa mais-valia, condicionando-a à natureza do próprio capital-industrial. Ele revoluciona não apenas a base produtiva desta mais-valia, mas, inclusive, a base sob a qual ela circula. Ao modificar a estrutura econômica produtiva o capital-industrial revoluciona juntamente toda a estrutura da circulação da mais-valia. Se ela agora circula como função do capital-mercadoria, este agora existe como forma subordinada e modificada do capital-industrial.

> *Capital-monetário e capital-mercadoria, na medida em que aparecem em suas funções de portadores de ramos de negócios próprios, ao lado do capital-industrial são somente modos de existência [Existenzweisen], autonomizados e desenvolvidos unilateralmente pela divisão social do trabalho, das diferentes formas de função que, dentro da esfera da circulação, o capital-industrial ora adota, ora abandona.*[1021]

A divisão social do trabalho provocada pelo surgimento do capital-industrial divide este mesmo capital em diversos momentos constitutivos. As formas autonomizadas do capital-industrial na esfera da circulação nada mais são que representações de um capital que possui seu fundamento na esfera da produção.

---

[1020] OC II, p. 41. MEW 24, p. 61.
[1021] OC II, p. 41. MEW 24, p. 61.

Resumindo: a fórmula do capital-monetário D – M ...P... M' – D' se destaca da fórmula do capital-produtivo e do capital-mercadoria a serem investigadas a seguir pelas seguintes características:

1) Ela aparece como ciclo do capital-monetário porque o capital-industrial inicia e encerra sua circulação na forma-dinheiro. Dinheiro aqui não é gasto como dinheiro, mas, unicamente adiantado como capital. Por isso funciona como forma-dinheiro do capital-industrial. Por ser apenas adiantado a fórmula do capital-monetário deixa visível que não é o valor de uso a meta imanente do capital, mas o valor de troca.

2) O processo de produção e o valor de uso da mercadoria aparecem apenas como elos mediadores desta meta, como o mal necessário e inevitável do capitalismo do qual o capitalista não pode se livrar. O processo de produção do valor de uso aparece como simples meio de valorização do capital-monetário. O enriquecimento enquanto tal aparece como a meta da produção. O processo de circulação e valorização do capital é, portanto, unidade de produção e circulação. Ambos momentos não apenas se refutam, mas, ainda, se completam, formando uma totalidade processual e contraditória.

3) Na forma-dinheiro do capital-industrial que aparece valorizado ao final do processo de circulação, todas as pegadas da metamorfose que converte dinheiro em mais-dinheiro estão apagadas. O dinheiro aparece como a forma autônoma e palpável do valor. Mais-dinheiro aparece ao final do processo sendo gerado milagrosamente do nada.

4) Todo o processo de produção destina-se à valorização sem fim do valor. O consumo individual do trabalhador, a conversão de FT em D e este em meios de subsistência (FT – D – M) aparece como momento acessório e subordinado do processo de valorização do capital-industrial. Do mesmo modo a meta do capitalista não aparece como produção para seu consumo individual. Sua meta é o valor de troca e o enriquecimento sem fim. A produção aparece por isso como produção destinada ao consumo alheio.

5) M' foi produzida com a única finalidade de ser expelida novamente à esfera da circulação. Sua função não foi satisfazer uma necessidade de consumo individual do capitalista. Ela não entra na esfera do consumo individual do capitalista. A questão de saber para quem foi produzida M', quem a comprou e a consumiu, é uma questão ainda a ser respondida em nossa investigação. E esta questão é a mais decisiva de todas para compreendermos a natureza da acumulação capitalista. Se em nossa hipótese apenas dois personagens aparecem em nosso drama como consumidores, se o trabalhador obviamente não participa do consumo da mais-valia e se o capitalista não a produz com a finalidade de consumi-la, mas de convertê-la em novo valor de troca, quem compra e consome esta mais-valia do capital? Se nosso capitalista atua no processo de valorização do valor como agente da produção e não do consumo, quem consumirá sua mais-valia? Se excluirmos toda possibilidade desta mais-valia ser consumida pelas chamadas terceiras-pessoas, se estas para se converter em agentes do consumo devem antes se converter em agentes do capital, quem irá realizar e consumir a mais-valia do capital? Se até aqui só encontramos agentes da produção e circulação da riqueza e não agentes do consumo, quem serão os agentes destinados a consumir a riqueza produzida? Esta é a questão fundamental a ser respondida pelo Livro Segundo.

## 1.2. O CICLO DO CAPITAL-PRODUTIVO

O ciclo do capital-produtivo tem a fórmula geral: P... M' – D' – M ...P. O processo de produção aparece tanto no início como no final do ciclo, em sua totalidade ele aparece como processo de reprodução do capital-produtivo.

Enquanto na fórmula do capital-monetário D...D' o capital-produtivo P aparecia como elo inevitável do ciclo atrapalhando e interrompendo a circulação, agora a própria circulação aparece como interrupção e mediação inconveniente do processo de reprodução social. Se na fórmula do capital-monetário o capital-produtivo aparecia como uma inconveniência para a valorização sem-fim do valor, agora as coisas se invertem. A reprodução do capital só se realiza depois que a circulação do capital-industrial se completar.

Por outro lado, se na esfera da circulação do capital-monetário a fórmula da circulação, abstraindo as diferenças quantitativas, era D – M – D (D – M e M – D), agora a fórmula da circulação que media o processo de reprodução do capital é a fórmula da circulação simples: M – D – M (M – D e D – M).

### 1.2.1. Reprodução simples

Adotemos inicialmente a hipótese de que a mais-valia do capitalista seja por inteira consumida por ele na forma de renda. M' se desdobra, então, em M + m e D' em D + d, onde M e D formam os valores iniciais e m e d formam a mais-valia, uma na forma de produto e outra na forma de dinheiro. Com a reprodução simples do capital a mais-valia é então consumida pelo próprio capitalista e sua família. Ela não é lançada novamente na esfera da circulação para ser convertida em novos meios de produção e reproduzir o capital em escala mais elevada. Ela é desviada do ciclo do capital-industrial e lançada no ciclo da circulação geral de mercadorias. D e d não continuarão juntos o percurso inicial, cada um seguirá um curso diferente. D permanecerá circulando na esfera da circulação do capital-industrial e d na esfera da circulação geral de mercadorias. O excedente da produção será, portanto, convertido em renda e consumido pelo próprio capitalista.

O movimento global deste capital pode ser assim expresso:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | M | | D | M (FT + MP) |
| M' | + | D' | + | |
| | m | | d | m |

D seguirá, portanto, circulando na esfera do capital-industrial e sendo convertido regularmente em M (FT + MP), d será convertido inteiramente em meios de consumo individual do capitalista, será gasto, portanto, e não adiantado como capital. Para simplificar nosso raciocínio adotamos como hipótese que todos os valores antigos representados no valor de D são os valores do capital-circulante. Para facilitar adotamos como hipótese que nosso capital-fixo é igual a zero. Ou se quisermos, que ele foi

transferido por inteiro ao valor da nova mercadoria produzida. Deste modo, todo valor antigo que reaparece em D é valor que representa os adiantamentos com capital-circulante. Assim, todo o capital adiantado no início do processo passa por inteiro de uma fase da produção para outra. A reprodução reinicia, deste modo, na mesma escala do ano anterior.

Como renda a mais-valia realiza sua circulação na forma da circulação simples de mercadorias: m – d – m. Como D e d se cindiram e circulam em esferas diferentes, como a mais-valia não circula como capital mas como rendimento, torna-se então fácil e conveniente para a Economia vulgar pregar apologeticamente que a meta do capitalista é o valor de uso e não o valor de troca. *"Mas não se deve deixar de ver o pequeno detalhe de que m é valor mercantil, que nada custou ao capitalista, corporificação de mais-trabalho e que portanto entra em cena originalmente como elemento do capital-mercadoria M'"*[1022].

Aqui uma importante diferenciação deve ser considerada na análise da circulação geral de mercadorias. A mercadoria pode circular de duas maneiras: se ela entra na esfera do consumo individual então ela circula na esfera da circulação geral de mercadorias; se ela circula como capital então ela entra na esfera da circulação capitalista de mercadorias. Como D – M – D' expressa a fórmula da esfera da circulação capitalista do dinheiro, então tanto D como M circulam como formas particulares do capital-industrial, circulam como capital-monetário e capital-mercadoria. Como M – D – M expressa a fórmula da circulação simples, então dinheiro e mercadoria circulam enquanto tais. Mercadoria e dinheiro podem, por isso, circular de dois modos diferentes: como função do capital-industrial ou como mercadoria e dinheiro enquanto tais. A mais-valia d consumida pelo capitalista, por isso, apesar de ter origem na esfera da circulação capitalista do dinheiro, circula na esfera da circulação simples de mercadorias, sua meta, assim, é satisfazer uma necessidade de consumo do capitalista e não a valorização do valor. Nesta esfera o dinheiro é gasto como moeda e não adiantado como capital. A circunstância de que a mais-valia consumida pelo capitalista circula na esfera da circulação simples de mercadorias levou a Economia vulgar a conceber erroneamente que o verdadeiro motivo da produção capitalista é o valor de uso e não o valor de troca. Para a Economia vulgar o ciclo

[1022] OC II, p. 49. MEW 24, p. 74.

percorrido pela mais-valia nesta esfera prova que a produção capitalista tem por meta não valorizar o valor, mas atender as necessidades humanas.

Como o ciclo do capital se mistura e se cruza com a circulação geral de mercadorias, uma importante contradição na esfera da circulação começa a se manifestar. O processo de divisão capitalista do trabalho levou o capital-industrial a cindir-se em capital-produtivo e capital comercial, em capital que atua exclusivamente na esfera da produção e capital que funciona exclusivamente na esfera da circulação de mercadorias. A circulação da mercadoria, desde o momento em que parte da esfera da produção até o momento em que adentra definitivamente na esfera do consumo individual, realiza um duplo ciclo, ou um duplo giro. No primeiro giro ela circula como capital das mãos do fabricante às mãos do comerciante. No segundo ciclo ela gira das mãos do comerciante às mãos do consumidor final. *"Depois de sua venda ao comerciante, o fio se distancia do processo de circulação do capital [Kreislaufsprozeß desjenigen Kapitals], do qual é produto, encontrando-se, porém, continuamente como mercadoria na esfera da circulação geral [Umkreis der allgemeinen Zirkulation]"*[1023]. No primeiro giro ela circula como capital-mercadoria. No segundo ela circula como mercadoria enquanto tal e cai, por isso, na esfera da circulação geral de mercadorias. Se do ponto de vista do fabricante o ciclo se encerra no exato momento em que a mercadoria é posta nas mãos do comerciante, para a sociedade a mercadoria ainda permanece circulando no mercado. Se para o fabricante a mais-valia já se realizou com a venda ao comerciante atacadista, para o capital social ela ainda permanece circulando na esfera da circulação geral de mercadorias, pois o ciclo ainda não se completou por inteiro. Se para o fabricante a circulação da mercadoria como capital já se encerrou, a mesma mercadoria ainda permanece circulando como mercadoria em geral no mercado de mercadorias enquanto tal. O capital supera definitivamente a circulação geral de mercadorias apenas no momento em que a mercadoria é posta nas mãos do consumidor final.

*"A metamorfose realmente definitiva da massa de mercadorias lançada pelo capitalista na circulação, M – D, sua queda final no consumo, pode, por isso, ser completamente separada, no tempo e no espaço, da metamorfose em que essa massa de*

[1023] OC II, p. 50. MEW 24, p. 74.

*mercadorias funciona como seu capital-mercadoria"*[1024]. A separação no tempo e no espaço entre produção, circulação e consumo é uma poderosa fonte de crises de superprodução. Enquanto a massa de mercadorias que circula no mercado em geral não adentrar na esfera do consumo a oposição entre produção e consumo não foi ainda inteiramente superada. A oposição foi superada apenas do ponto de vista do fabricante, que por isso volta sempre mais rapidamente a abarrotar o mercado com novas mercadorias, mas ela continua ainda por ser superada do ponto de vista do capital social. *"A mesma metamorfose que na circulação do capital [Zirkulation des Kapitals] está completada está ainda para ser realizada na esfera da circulação geral [Sphäre der allgemeinen Zirkulation]"*[1025].

A importante contradição que começa a se manifestar aqui é a contradição entre o ciclo do capital-mercadoria e o ciclo da mercadoria em geral, é a contradição entre a realização da mais-valia do ponto de vista do capitalista individual e sua realização do ponto de vista do capital social. Como o capitalista individual tem por meta imediata desfazer-se de sua mercadoria no mais curto espaço de tempo convertendo-a em dinheiro, ele tende a lançar continuamente novas mercadorias na esfera da circulação geral mesmo que as primeiras ainda não tenham chegado definitivamente à esfera do consumo individual. Ele tende por isso, em seu ímpeto desenfreado por mais-valia na forma universal e líquida do dinheiro, a abarrotar continuamente o mercado com novas mercadorias sem que as primeiras tenham sido vendidas. A contradição entre estas duas formas de circular a mercadoria e o ímpeto desenfreado do capitalista individual frente à capacidade de absorção total da sociedade se torna ainda mais profunda se levarmos em conta que a esfera da circulação geral de mercadorias se divide, ainda, em comércio por atacado e comércio a varejo. Se por um lado o atacadista está mais próximo do fabricante, por outro, está mais distante do consumidor final. O comércio a varejo se por um lado está mais próximo do consumidor final, por outro está mais distante do fabricante. Esta dupla cisão na esfera da circulação de mercadorias, a primeira entre fabricante e comércio em geral e a segunda entre atacadista e varejista, torna mais contraditória e autônoma a relação geral entre produção e consumo. A produção ganha deste modo, até certo ponto, uma

[1024] OC II, p. 50. MEW 24, p. 74/75.
[1025] OC II, p. 50. MEW 24, p. 75.

imensa autonomia frente à esfera da circulação e do consumo. Autonomia que é fonte de convulsões e crises de superprodução.

O ciclo do capital-produtivo, como vimos, é P... M' (M + d) – D' (D + d); D – M (FT + MP) – P. Para que o capital retorne ao mercado de força de trabalho e meios de produção e reproduza seu ciclo de produção basta que M' esteja convertida em D' para o capitalista individual. Nenhuma influência direta e imediata exerce sobre a reprodução do capital individual se o comprador de M' for o consumidor direto ou o grande atacadista que a compra em grandes volumes com a intenção de revender ao varejista. Realizado M' o capitalista dirige-se contente ao mercado de força de trabalho e meios de produção para lá reiniciar seus negócios.

> *Mas se M' continua circulando, por exemplo, nas mãos do comerciante que comprou o fio, isso não atinge, inicialmente, de modo algum, a continuação do ciclo do capital individual que produziu o fio e vendeu ao comerciante. O processo todo continua seu curso e, com ele, também o consumo individual do capitalista e do trabalhador, condicionado por ele.*[1026]

O destino final da mercadoria nenhuma influência exerce sobre a consciência imediata e a atuação prática do capitalista porque a este interessa a realização da mais-valia e não a realização do valor de uso na esfera do consumo individual. Este ponto, contudo, diz Marx, é *"um ponto importante ao se examinarem as crises"*[1027].

Toda compreensão deste problema se reduz a compreender as relações entre oferta e demanda de mercadorias, ou entre as fantásticas potências produtivas do capital e sua limitada capacidade de consumo total. A escala da produção capitalista não está determinada de imediato pela escala do consumo social. Entre ambos media uma relação de autonomia relativa. A escala da produção possui potências capazes de a elevaram a níveis muito acima das potências para o consumo. Isto ocorre porque não é a escala do consumo e as necessidades sociais que determinam a natureza da produção capitalista. Esta não produz para atender tais necessidades, mas, sim, para valorizar o valor. A produção capitalista é produção pela produção sem preocupação imediata com as necessidades sociais. *"O*

[1026] OC II, p. 53/54. MEW 24, p. 80.

*tamanho da massa de mercadorias criadas pela produção capitalista é determinado pela escala dessa produção e pela necessidade da constante ampliação desta última, e não por um círculo predestinado de procura e oferta, de necessidades a serem satisfeitas"*[1028]. Na infância da produção capitalista, em seu período manufatureiro, a demanda por mercadorias surgidas com a descoberta do mercado mundial exercia um fator importante, senão determinante, sobre a oferta e a elevação da escala de produção. A conversão da pequena produção artesanal corporativa em produção manufatureira teve como impulso inicial a demanda acrescida do mercado mundial não suprida pelo regime gremial das cidades. Com a conversão da produção manufatureira em produção industrial baseada na maquinaria a demanda deixou de exercer um papel determinante sobre a oferta e escala da produção. O papel determinante sobre a oferta passou a ser exercido pela própria capacidade de produção já instalada e pela ânsia incontrolável do capitalista por mais-valia.

> *Com o desenvolvimento da produção capitalista, a escala da produção é determinada em grau cada vez menor pela demanda direta do produto, e em grau cada vez maior pelo volume do capital de que o capitalista individual dispõe, pelo impulso à valorização de seu capital e pela necessidade de continuidade e de ampliação de seu processo de produção.*[1029]

Como a oferta de mercadorias não é determinada previamente por uma entidade pública que regula conscientemente a relação entre as necessidades sociais e a produção, como o livre arbítrio do capitalista individual decide sobre o que e quanto produzir, a possibilidade de ocorrer uma abundância de mercadorias circulando no mercado sem compradores aparece aqui como uma possibilidade efetiva. Possibilidade que se torna mais real quando consideramos a cisão do capital-industrial entre fabricante e atacadista e ainda entre este e o comércio varejista.

Uma crise por excesso de produção pode surgir, ainda, pela contradição que existe entre produção em massa e consumo individual. A grande fábrica capitalista não tem por meta produzir na escala das necessidades individuais de consumo. Sua produção em

---

[1027] OC II, p. 54. MEW 24, p. 80.
[1028] OC II, p. 54. MEW 24, p. 80.
[1029] OC II, p. 99. MEW 24, p. 145.

larga escala tem por meta vender para um comprador do mesmo modo em grande escala. A grande indústria produz, portanto, ou diretamente para outras grandes indústrias consumidoras, no caso da mercadoria ser um meio de produção, ou diretamente para o comércio atacadista, no caso do produto ser um meio de consumo diretamente humano. *"O modo de produção capitalista pressupõe [voraussetzt] produção em larga escala, e necessariamente venda em larga escala; portanto, venda ao comerciante, não ao consumidor individual"*[1030]. O fabricante não produz diretamente para o consumidor individual. O produto só chega até este após passar pelas mãos do atacadista e do varejista na esfera da circulação de mercadorias. *"A produção em massa pode ter como seu comprador imediato, além de outros capitalistas industriais, somente o atacadista. Dentro de determinados limites, o processo de reprodução pode transcorrer na mesma escala ou em escala ampliada, embora as mercadorias expelidas por ele não tenham realmente entrado no consumo individual ou produtivo"*[1031]. A possibilidade de uma crise de superprodução se torna real porque a diferença entre o tempo em que a mercadoria é expelida para fora da fábrica e o tempo que ela percorre para chegar até o consumidor final é preenchido pelo capital-produtivo com tempo de produção e lançamento no mercado de novas mercadorias produzidas.

A superprodução se torna uma possibilidade efetiva porque todo o tempo percorrido pela mercadoria desde as mãos do atacadista até o consumidor final é preenchido pelo capital-produtivo com um novo tempo de produção de mercadorias. A produção paralisa sua atividade apenas durante o tempo em que o fabricante ainda não encontrou o atacadista disposto a comprar sua mercadoria. A produção se interrompe apenas durante o tempo de circulação capitalista da mercadoria, durante o tempo em que ela circula como capital-mercadoria. O tempo que ela percorre na esfera da circulação geral de mercadorias como mercadoria enquanto tal, o tempo que a mercadoria leva das mãos do atacadista às mãos do consumidor final é preenchido pelo capital-produtivo com um novo período de produção, com a reprodução do capital. Assim, enquanto uma parte das mercadorias ainda corre atrás do consumidor final na esfera da circulação geral de mercadorias, novas mercadorias são incessantemente lançadas na esfera da circulação capitalista inundando o mercado com produto excedente. *"Se o intervalo se prolonga, de*

[1030] OC II, p. 77. MEW 24, p. 114.

*modo que as mercadorias que de novo saem das esferas de produção ainda encontram o mercado ocupado pelas antigas, sucede congestão, obstrução; o mercado fica abarrotado, as mercadorias se depreciam, há superprodução"*[1032]. Enquanto uma onda de mercadorias ainda não atingiu a praia do consumo, novas e gigantescas ondas são continuamente lançadas atrás dela. A possibilidade de uma inundação do mercado se torna efetiva logo que a fluidez da primeira onda entrar em choque com o consumo já saciado ou em queda. Neste caso, a possibilidade de ocorrer um choque entre as várias ondas e uma tempestade cíclica dominar o mercado é uma possibilidade real.

Do ponto de vista do capitalista individual, contudo, esta é uma contradição que não afeta em nada sua atividade. O destino final de sua mercadoria nenhum interesse lhe desperta. Vendida ao atacadista, sua mais-valia já está realizada, seu produto não existe mais na forma desprezível e perecível da mercadoria, ele agora a possui como dinheiro, a forma universal e não perecível do valor. Ele, por isso, produz por produzir. Sua meta final é a reprodução do capital. E esta meta se torna possível logo que a mercadoria é convertida em dinheiro na venda ao atacadista. *"Enquanto o produto continuar sendo vendido, da perspectiva do produtor capitalista tudo continua seu curso regular. O ciclo do valor-capital que ele representa não é interrompido"*[1033].

Com o progresso material e a divisão social do trabalho progridem juntos, por isso, a anarquia da produção e o descolamento da produção com as necessidades sociais. Cada novo ramo da produção se desenvolve como elo autônomo e independente da cadeia total de produção. Com a divisão entre comércio por atacado e comércio varejista distancia-se ainda mais a ponta da produção com a ponta oposta do consumo. A possibilidade da produção seguir um caminho inteiramente distinto e oposto dos caminhos do consumo abre a possibilidade efetiva para o dilúvio da superprodução de mercadorias. Com excesso de mercadorias em relação à demanda e com o preço da mercadoria em queda é disparado o alarme da crise: se há excesso delas no mercado é necessário vendê-las a qualquer preço. O acirramento da concorrência e a guerra de preços avisam ao capitalista individual que a crise é iminente. Com ela, se abrem as portas do inferno para nosso espirituoso capitalista individual. O alarme da crise o desperta do sono orgiástico da

---

[1031] OC II, p. 54. MEW 24, p. 80.
[1032] Teorias da Mais-valia III, p. 1330.
[1033] OC II, p. 54. MEW 24, p. 81.

produção pela produção. O pavor e o desespero o abatem. Ele subitamente descobre que suas mercadorias não possuem nenhuma utilidade social e por isso é preciso vendê-las a qualquer preço. Os consumidores, contudo, não as querem mais porque há excesso delas no mercado.

Para evitar a crise será necessário, por um lado, paralisar a produção ou diminuir a impetuosidade do ritmo. Por outro lado, será necessário livrar-se das mercadorias em excesso ofertando-as a um preço menor. A concorrência desenfreada entre os irmãos inimigos abate a fraternidade cristã. A confraria se dissolve e o salve-se quem puder se torna a palavra de ordem do momento. *"Agora fluxo de mercadorias segue fluxo de mercadorias e, por fim, verifica-se que o fluxo anterior só aparentemente havia sido engolido pelo consumo. Os capitais-mercadorias disputam entre si o lugar no mercado. Os que chegam depois para vender, vendem abaixo do preço"*[1034]. E os que chegam muito tarde queimarão no fogo da depressão. Durante a fase de prosperidade o capitalista festeja o crédito barato e abundante. Amplia com ele a escala da produção e a fé nos negócios. Levanta altares e templos em honra do Deus dinheiro em sua forma de meio de pagamento. Se na fase de prosperidade o dinheiro na forma de meio de pagamento converte do dia para noite os sonhos em realidade, no momento da crise ele se converte em fonte de quebradeira e pesadelos. Como vender a mercadoria agora é fundamental não apenas para reiniciar nova escala de produção, mas, sobretudo, para liquidar as dívidas com os credores, vender pelo preço médio e no tempo certo é questão de vida ou morte para o capital. Quando o dinheiro se converte em meio de pagamento não basta apenas vender a mercadoria é fundamental, ainda, vendê-la por um preço que cubra a dívida do capital com o credor e, ainda, vendê-la dentro de certo prazo estipulado contratualmente.

> *Os fluxos anteriores ainda não foram liquidados, enquanto vencem os prazos de seu pagamento. Seus proprietários têm de declarar-se insolventes ou vender a qualquer preço, para poderem pagar. Essa venda não tem absolutamente nada a ver com a verdadeira situação da demanda. Só tem a ver com a demanda por pagamento [Nachfrage nach Zahlung: em itálico no*

[1034] OC II, p. 54. MEW 24, p. 81.

*original], com a necessidade absoluta de transformar mercadoria em dinheiro.*[1035]

No meio da crise não se vende com a intenção de realizar a mais-valia. A meta imediata do capitalista é livrar-se da falência por incapacidade de liquidar suas dívidas com os credores que lhe ofertaram crédito na fase de prosperidade. Se o capitalista não consegue vender suas mercadorias por um preço médio e num tempo certo, *"então eclode a crise"*[1036].

Dada a duplicidade da esfera da circulação entre circulação capitalista e circulação geral de mercadorias, a crise se manifesta do mesmo modo dubiamente. Ela eclode inicialmente na esfera da circulação capitalista de mercadorias. O primeiro ciclo a ser interrompido pela crise é o ciclo do capital-mercadoria. Somente mais tarde ela se propaga para a esfera da circulação geral de mercadorias. *"Ela se torna visível não na diminuição imediata da demanda de consumo [konsumtiven Nachfrage], da demanda para consumo individual, mas na diminuição do intercâmbio de capital por capital, do processo de reprodução do capital"*[1037]. A primeira interrupção do ciclo ocorre no intercâmbio entre fabricante e atacadista, ou entre fabricante e fabricante no caso do produto ser um meio de produção. Deste modo a crise se manifesta inicialmente como uma interrupção da reprodução do capital. Com a interrupção dos negócios entre fabricante e atacadista, a produção do mesmo modo se interrompe e se retrai. Contudo, por certo tempo, a esfera da circulação geral de mercadorias pode permanecer ativa e sem interrupções. Como os armazéns do atacadista estão abarrotados de produtos o mercado pode continuar sendo abastecido regularmente mesmo com a interrupção do processo de produção. Este fenômeno provoca na consciência do homem ordinário, especialmente na consciência do varejista, daquele que está mais distante da esfera da produção e mais próximo do consumidor final, a falsa impressão de que a crise é mera aparência. Como os negócios do varejista continuam de vento em popa mesmo em meio aos noticiários da crise, ele estupidamente acredita que a crise é mera propaganda jornalística. Em sua cega consciência acredita que sua permanência por mais tempo no mercado deve-se a seu gênio astuto de

[1035] OC II, p. 54. MEW 24, p. 81.
[1036] OC II, p. 54. MEW 24, p. 81.
[1037] OC II, p. 54. MEW 24, p. 81.

homem de negócios. Logo que o desemprego em massa afetar a capacidade de compra do consumidor final ele despertará desta ilusão e verá que a diferença entre ele e seus irmãos concorrentes não é uma diferença de gênio, mas, sim, é uma diferença para saber quem será lançado mais cedo no inferno da depressão e da quebradeira.

No ciclo do capital-monetário D aparecia como ponto de partida e meta do processo de produção. O desejo incontrolável de converter dinheiro em mais dinheiro convertia o processo de produção P em mero momento acessório e secundário do capital-monetário. D se convertia em M (FT + MP) unicamente para logo em seguida abandonar esta forma convertendo-se em M'. Não saciado com a forma-mercadoria do capital, com M' (M + d), o capital-industrial volta a abandonar esta forma e reassumir a forma dourada de D' (D + d). Refutadas as formas desprezíveis do capital-mercadoria e do capital-produtivo o capital-industrial volta a assumir ao final do processo a forma sempre desejada do capital-monetário. Sua paixão insaciável por mais-valia na forma-dinheiro o leva a desprezar as formas antipáticas do capital-mercadoria e do capital-produtivo.

Agora sob o ciclo do capital-produtivo as coisas se realizam de modo inteiramente invertido. P e sua reprodução aparecem como ponto de partida e meta do ciclo. D por sua vez converte-se em mero momento evanescente do processo. *"A forma-dinheiro [Geldform] aparece [erscheint] aqui apenas como forma de valor evanescente autônoma do capital [verschwindende selbständige Wertform des Kapitals]; o capital como M' está tão ansioso para assumi-la quanto para, como D', abandoná-la, tão logo a tenha envergado, para reconverter-se à forma de capital-produtivo"*[1038]. Em sua paixão insaciável pela reprodução e por reassumir novamente a forma produtiva do capital, o capital-industrial agora refuta e despreza todas as formas de capital, capital-monetário e capital-mercadoria, que atrapalham e atrasam este processo. O capital-produtivo se converte em capital-mercadoria valorizado e capital-monetário realizado unicamente com a intenção de reiniciar um novo processo de produção e saciar sua paixão alucinante por mais-trabalho alheio. O capital-industrial não fixa seu coração em nenhuma paixão particular. Sua paixão verdadeira é o processo ininterrupto do ganho[1039]. Se se entrega

[1038] OC II, p. 52. MEW 24, p. 78.

[1039] Comentando a paixão do ganho do comerciante como a fonte da felicidade do capitalista no Livro Primeiro de *Teorias da Mais-valia* Marx cita Hume: para este o comerciante *"não conhece alegria maior que a de ver o crescimento cotidiano de sua fortuna"* (Teorias da Mais-valia I, p. 366).

apaixonadamente a alguma forma particular de capital é unicamente para traí-la em seguida. Se passeia cortejando de salão em salão todas as formas cobiçadas de capital é unicamente para permanecer na dança todas as noites sem parar. O capital, por isso, é processo ininterrupto e sem-fim de valorização do valor, é movimento que tem por meta unicamente perpetuar o movimento.

O ciclo do capital-produtivo constitui em relação ao ciclo do capital-monetário o momento dialético negativo da exposição formal do processo de circulação total do capital-industrial. Na primeira forma do ciclo o capital-monetário aparecia, tanto no início quanto no fim do processo, como uma substância autônoma e semovente. Todo o processo de transmutação de formas aparecia como um processo posto e superado pela natureza do próprio capital-monetário. A mais-valia aparecia no final do ciclo como mais-dinheiro posto pelo próprio dinheiro. Os momentos internos e mediadores do ciclo apareciam como momentos subordinados e acessórios da forma-dinheiro. O processo de valorização do valor que somente se realizava condicionado pela mediação da forma-mercadoria e da forma produtiva do capital-industrial, aparecia no final do ciclo como processo de autovalorização do valor. Ao fim do ciclo dinheiro punha magicamente do nada mais-dinheiro para si mesmo.

A falsa aparência de autonomia da forma-dinheiro em relação às outras formas do capital se desfaz, contudo, na análise do ciclo do capital-produtivo. Dinheiro agora aparece como forma evanescente e mediadora do ciclo. Ele não aparece mais como finalidade imanente do processo. Agora a reprodução do capital é a meta do processo. O dinheiro se converte neste processo em mero elo mediador de uma cadeia de transformações na qual ele não é a meta final. *"A aparência de autonomia [Schein der Selbständigkeit] que a forma-dinheiro [Geldform] do valor-capital [Kapitalwerts], na primeira forma de seu ciclo (do capital-monetário), possui, desaparece nessa segunda forma, que, com isso, constitui a crítica da forma I e a reduz a uma forma apenas específica"*[1040]. A forma II do ciclo, o ciclo do capital-produtivo, constitui-se deste modo na forma crítica e negativa da forma I, a forma do ciclo do capital-monetário. O ciclo do capital-monetário constitui o momento tético-positivo do ciclo do capital-industrial. O ciclo do capital-produtivo constitui seu momento antitético e negativo de exposição.

[1040] OC II, p. 52. MEW 24, p. 78.

### 1.2.2. Reprodução em escala ampliada

Assim como havíamos suposto anteriormente que a mais-valia é toda consumida como rendimento do capitalista, vamos supor agora para simplificar que ela é toda consumida como capital. Dentro da normalidade da reprodução a mais-valia se converte tanto em renda como em capital. A conversão da mais-valia em capital é uma condição inevitável para a sobrevivência do capitalista individual em meio a concorrência com os irmãos inimigos. A fórmula da reprodução ampliada é P... M' – D' – M' (FT + MP) ... P', onde o segundo M' representa a soma acrescida dos fatores da produção e P' a reprodução ampliada de P. O novo ciclo produtivo do capital reinicia numa escala superior a que havia iniciado. A grandeza acrescida desta escala representa a mesma grandeza da mais-valia. *"Em P ... P', P' não expressa a produção de mais-valia, mas a capitalização da mais-valia produzida, portanto a acumulação de capital e, por isso, P' em face de P consiste no valor-capital original mais o valor do capital acumulado por meio do movimento do primeiro"*[1041]. P' que inaugura o segundo ciclo, contudo, reinicia não como P' mas simplesmente como P. Sua diferença com o P inicial é apenas quantitativa e o reinicio no segundo ciclo aparece como P tanto quanto aparecia no reinicio do segundo ciclo da reprodução simples P ... P.

A grandeza dos fatores de produção acrescidos na forma de M' não podem ser entendidos como grandeza acrescida de FT' + MP'. M' indica apenas que a grandeza dos fatores de produção que iniciam o segundo ciclo é maior que aquela que inicia o ciclo. A designação FT' seria falsa porque *"sabemos que ao crescimento do capital está ligada uma alteração em sua composição de valor; no progresso da mesma cresce o valor de MP, o de FT sempre diminui relativamente e, com freqüência, também absolutamente"*[1042].

A reprodução do capital será tema pormenorizado de análise apenas na Seção Terceira do Livro Segundo. Encerrando este capítulo Marx comenta que *"o ciclo do capital-produtivo é a forma na qual a Economia clássica examina o processo de circulação do capital-industrial"*[1043].

---

[1041] OC II, p. 57. MEW 24, p. 85.
[1042] OC II, p. 58. MEW 24, p. 87.
[1043] OC II, p. 60. MEW 24, p. 90.

## 1.3. O CICLO DO CAPITAL-MERCADORIA

A fórmula geral do ciclo do capital-mercadoria é: M' – D – M ...P... M'. M' abre o ciclo como mercadoria recém saída do processo de produção prenhe de mais-valia e fecha o ciclo novamente como M', como nova mercadoria acrescida por novo excedente em forma de mais-valia.

O ciclo do capital-mercadoria aparece como pressuposto tanto para o ciclo do capital-monetário quanto para o ciclo do capital-produtivo. Por outro lado, o ciclo da mercadoria enquanto forma-mercadoria do capital-industrial tem por sua vez como pressuposto, a existência do capital-industrial e o processo histórico de separação do produtor direto dos meios de produção. M' aparece no início do ciclo não como mercadoria enquanto tal, mas como forma-mercadoria do capital-industrial. Ela aparece como mercadoria que sai do processo de produção capitalista prenhe de mais-valia, como M'. Mercadoria que contém mais-valia só pode ser uma mercadoria produzida sob condição social capitalista. O ciclo do capital-mercadoria pressupõe e é condicionado, portanto, pela existência do capital-industrial e a força de trabalho como força de trabalho livre e os meios materiais de produção e subsistência como monopólio do capital.

Como forma-mercadoria do capital-industrial M só pode abrir o ciclo como M', como mercadoria que sai do processo de produção prenhe de mais-valia disposta a se converter em D'. *"O ciclo do capital-mercadoria [Kreislauf des Warenkapitals]... não se abre com valor-capital, mas com valor-capital aumentado em forma-mercadoria; implica pois de antemão o ciclo não só do valor-capital existente em forma-mercadoria, mas também da mais-valia"*[1044].

Na forma I, o ciclo do capital-monetário, o processo de produção aparece como elo mediador das duas fases da circulação. Na forma III ele aparece como conclusão e fecho do processo de circulação da mercadoria. Na forma I a dupla forma opositiva do processo de circulação, D – M – D, compra e venda de mercadorias, aparecia no começo e no fim do ciclo. Na forma III ela abre o ciclo como venda e compra de mercadorias, M – D – M.

---

[1044] OC II, p. 62. MEW 24, p. 92.

Na forma II o processo de circulação aparece como elo mediador de todo o processo. Mas aparece não como D – M – D', mas como M – D – M, a mesma forma que abre a forma III. O final, contudo, não é a repetição de um novo processo de produção. A forma II se encerra com a reunião dos fatores de produção e sua preparação para o trabalho, mas não com o trabalho em ato. No final o início é reposto apenas potencialmente. Na forma I o valor de troca e a valorização do valor apareciam como a meta e finalidade de todo o processo. Na forma II esta meta está abstraída. Sua meta aparece na forma da reprodução sempre constante do ato produtivo e da riqueza material. Supondo a reprodução ampliada, sua meta imanente aparece mais nitidamente como produção pela produção sem consideração pelo consumo pessoal. Na forma II o consumo individual do operário aparece como mero momento do consumo produtivo e o consumo individual do capitalista como consumo improdutivo que pode ser dispensado. A valorização do valor não aparece como sua meta final, ela aparece como mero momento evanescente do processo de reprodução em escala ampliada do capital-produtivo. Sua meta, por isso, aparece claramente como o desenvolvimento progressivo e incondicional da produção material em escala sempre crescente.

> *Por isso, ela [a forma III] torna à Economia clássica tanto mais fácil abstrair a forma capitalista determinada do processo de produção e apresentar a produção enquanto tal como finalidade do processo, de modo a produzir tanto e tão barato quanto for possível e trocar o produto pela maior variedade possível de outros produtos, em parte para a renovação da produção (D – M), em parte para o consumo (d – m).*[1045]

A diferença específica da circulação do capital-mercadoria com as outras formas é o fato de que o ciclo não é apenas encerrado como valor-capital valorizado na forma-mercadoria, mas, sobretudo, que o ciclo tem nessa forma seu ponto de partida. Tanto a forma do capital-monetário quanto a forma do capital-produtivo não partem de uma forma já valorizada. Para ambas as formas o valor valorizado, D' e P', aparece apenas no fim do ciclo. *"O que distingue a terceira forma das duas primeiras é que só nesse ciclo o*

[1045] OC II, p. 65. MEW 24, p. 96.

*valor-capital valorizado, não o valor-capital original ainda a ser valorizado, aparece como ponto de partida de sua valorização"*[1046]. M' não aparece no ciclo do capital-mercadoria apenas como seu resultado, mas, ainda, como seu pressuposto necessário. A mercadoria só pode circular como capital-mercadoria prenhe de mais-valia porque seu pressuposto não é a produção e circulação geral de mercadorias, mas, sim, a produção e circulação de mercadorias na forma desenvolvida e superior do capital.

A forma III tem como pressuposto, portanto, a relação de produção capitalista já desenvolvida.

> *Em M' ... M', capital em forma-mercadoria é pressuposto [vorausgesetzt] da produção; ele reaparece como pressuposto [Voraussetzung] dentro desse ciclo, no segundo M. Se esse ainda não está produzido ou reproduzido, então o ciclo está inibido; esse M precisa ser reproduzido, na maior parte como M' de outro capital-industrial. Nesse ciclo, M' existe como ponto de partida, ponto de transição, ponto de encerramento do movimento, está, portanto, sempre aí. É condição constante do processo de reprodução.*[1047]

Isto quer dizer que a produção capitalista não apenas toma como ponto de partida histórico, certa produção desenvolvida de mercadorias. Ela ainda reproduz este ponto de partida no interior do ciclo da forma-mercadoria do capital. Contudo, a mercadoria que reaparece como ponto de partida do ciclo do capital já desenvolvido é uma mercadoria que está prenhe de mais-valia e copulada pelo próprio trabalhador. A mais-valia que aparece aí não é a mesma mais-valia que aparecia nas trocas do mercado mundial no início da era capitalista, antes ainda da formação do capital-industrial, quando o capital existia apenas na forma primitiva de capital mercantil e capital dinheiro. A mais-valia que aparece no início do ciclo é mais-valia gerada pelo trabalhador assalariado. Por isso ela tem como pressuposto a dissolução das formas históricas do passado, a formação desenvolvida e o predomínio do capital-industrial sobre todas as formas de capital. A mais-valia tem como pressuposto a existência do capital dinheiro e do capital comercial como formas subordinadas e derivadas do capital-industrial.

---

[1046] OC II, p. 65. MEW 24, p. 97.

De todos os modos, D', P' e M' que aparecem no final de cada ciclo particular, constituem nada menos que formas transmutadas de um único e mesmo ser, o capital-industrial como processo em perpétuo movimento. As formas D, P, M' que aparecem no início de cada ciclo não estão postas aí arbitrariamente. Elas estão aí como formas postas pelo capital-industrial, estão aí postas como formas funcionais necessárias de um capital que só pode existir efetivamente como processo ininterrupto de transmutação de formas. O capital em si mesmo é movimento de valorização incessante do valor. Porém, se concebido como ser genérico sem vínculo com nenhuma forma sensível e tangível de capital, ele se transforma numa abstração metafísica. O capital é processo que em seu movimento de valorização do valor se exterioriza na forma-dinheiro, forma-produtiva e forma-mercadoria. Estas não podem do mesmo modo ser concebidas abstratamente como formas representativas de diferentes capitais autônomos e independentes entre si. Estas formas funcionais só se convertem em capital no interior do processo de valorização do capital-industrial, a forma universal do capital que tem em cada uma destas formas seu modo particular e necessário de se realizar. O movimento processual do capital só se realiza enquanto tal na medida em que se exterioriza adotando cada uma destas formas em particular. Estas formas exteriores, por isso, possuem seu fundamento e pressuposto no capital-industrial. Este deve lhes preceder tanto logicamente dentro do processo total de valorização do valor quanto no plano histórico. *"A forma do extremo inicial D, P, M' está pressuposta [vorausgesetzt] em cada um dos ciclos I, II e III; a forma que reaparece no extremo final está posta [gesetzt] e, por isso, condicionada pela série de metamorfoses do próprio ciclo"*[1048].

Do mesmo modo as formas que reaparecem ao final do ciclo D', P' e M' não aparecem aí postas arbitrariamente. Elas são o resultado necessário e inevitável do processo de transmutação que ocorre no interior de cada ciclo particular do capital. As formas que reaparecem ao final do ciclo já estão todas pressupostas no início de cada ciclo. O resultado posto no final já está pressuposto em seu começo. Ele não aparece como algo surgido magicamente do nada. Desde o começo o capital põe em movimento força de trabalho e meios de produção combinando-os num determinado processo de trabalho, unicamente com a intenção de ao final do processo extrair mais-valia na forma de mais-

[1047] OC II, p. 66. MEW 24, p. 98.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

dinheiro, de reproduzir em escala ampliada o processo de produção de mais-valia e, ainda, produzir novas mercadorias para pôr nelas maior massa de mais-valia. A fermentação do capital-industrial, esteja ele na forma de capital-monetário, capital-produtivo ou capital-mercadoria é a meta pressuposta desde o início pelo capital. O resultado posto ao final do processo aparece, por isso, como meta que já está astutamente pressuposta desde o início. A fermentação do capital não aparece como resultado casual e arbitrário, como um *deus ex machina*, mas como o resultado necessário e inevitável da série de desdobramentos sofridos pelas figuras exteriores do capital-industrial. A fermentação do valor surge, por isso, condicionada pela série de metamorfoses dos ciclos do capital-industrial. *"M', como ponto final de um ciclo de um capital-industrial individual, apenas pressupõe [voraussetzt] a forma P (que não pertence à circulação) do mesmo capital-industrial, do qual é produto"*[1049]. O mesmo ocorre com a forma-monetária do capital: *"D', como ponto final em I, como forma transmutada de M' (M' – D') pressupõe [voraussetzt] D na mão do comprador, como existente fora do ciclo D ... D' e trazido para dentro dele pela venda de M', tornando-se sua própria forma final"* (III 66). Ainda mais: *"assim, em II, o P final pressupõe [voraussetzt] FT e MP (M) como existentes externamente e incorporados a ele por D – M como forma final"*[1050].

Dado o modo de produção capitalista como dominante e já desenvolvido, o dinheiro deve confrontar-se perante o trabalhador como forma funcional particular do capital-industrial, como riqueza produzida pelo próprio trabalhador que constantemente se deposita no bolso do capitalista, como mais-valia em constante processo de capitalização que agora compra trabalhadores. Do mesmo modo os meios de produção que aparecem frente ao capitalista possuidor de dinheiro aparecem como meios de produção de propriedade de um capitalista particular e inteiramente separados das mãos dos trabalhadores. As três formas funcionais do capital-industrial não apenas se apoiam no despojo do trabalhador da propriedade dos meios de trabalho e subsistência, como reproduzem juntas este mesmo despojo. A separação do trabalhador dos meios de produção e subsistência não apenas é pressuposta para os ciclos do capital-industrial como é continuamente reposta por ele. O capital se alimenta desta separação e despojo contínuo.

---

[1048] OC II, p. 66. MEW 24, p. 99.
[1049] OC II, p. 66. MEW 24, p. 99.
[1050] OC II, p. 66. MEW 24, p. 99.

No ciclo do capital-mercadoria, as mercadorias que circulam constantemente no mercado constituem o pressuposto e resultado de seu próprio mecanismo. Porém, *"caso se fixe essa figura, todos os elementos do processo de produção parecem [ausscheinen] provir da circulação de mercadorias e só consistirem em mercadorias. Essa concepção unilateral ignora os elementos do processo de produção independentes dos elementos mercantis"*[1051]. A observação unilateral de qualquer dos três processos leva erroneamente a se abstrair da análise a base real e histórica do capital-industrial: o despojo contínuo do trabalhador da riqueza por ele mesmo produzida.

Encerrando, Marx indica quem primeiramente analisou o ciclo do capital-mercadoria com profundidade científica. *"M' ... M' está na base do Tableau Économique de Quesnay, o qual mostra seu grande e certeiro tato ao ter escolhido, em antítese a D ... D' (a forma isoladamente fixada do sistema mercantilista), esta forma e não P ... P"*[1052].

## 1.4. AS TRÊS FIGURAS DO PROCESSO CÍCLICO

Representando como Ck o processo global da circulação, então as três figuras podem ser representadas do seguinte modo:

I) D – M ...P... M' – D'

II) P... Ck ...P

III) Ck ...P (M')

Captados em seu conjunto todos os resultados do processo aparecem como seu pressuposto. *"Cada momento se apresenta como ponto de partida, ponto de passagem e ponto de retorno. O processo global [Gesamtprozeß] se apresenta como unidade de processo de produção e processo de circulação; o processo de produção torna-se mediador do processo de circulação e vice-versa"*[1053]. Em todos eles a valorização do valor e a produção pela produção aparecem como a meta do processo.

---

[1051] OC II, p. 69. MEW 24, p. 103.
[1052] OC II, p. 69. MEW 24, p. 103.
[1053] OC II, p. 70. MEW 24, p. 104.

Considerado superficialmente, cada capital individual percorre estes ciclos apenas numa seqüência sucessiva. Enquanto permanece na forma I, há ainda de percorrer a forma II e III e, assim, sucessivamente. Na prática dos negócios, contudo, o capital percorre estas fases não apenas sucessivamente, mas, ainda, lado a lado. *"Na realidade, porém, cada capital-industrial individual encontra-se em todos os três ao mesmo tempo. Os três ciclos, as formas de reprodução das três configurações do capital, realizam-se continuamente em paralelo [nebeneinander]"*[1054]. As três formas existem não apenas como formas sucessivas mas, ainda, como formas paralelas entre si. Elas ocorrem uma paralela a outra e, ainda, uma sucedendo a outra, por isso, *" o ciclo global é a verdadeira unidade de suas três formas [der gesamte Kreislauf wirkliche Einheit seiner drei Formen]"*[1055].

Por um lado, o movimento sucessório de uma fase implica na suspensão e interrupção de outra. Enquanto determinada soma de capital percorre a fase I não pode percorrer a fase II e III. Enquanto certa soma de capital percorre a fase de realização da mais-valia a fase reprodutiva permanece interrompida temporariamente, já que a repetição do processo de produção depende da conversão de M' em D' e deste em MP + FT. O mesmo ocorre com as outras fases. *"O processo de circulação do capital é interrupção contínua, abandono de um estágio, ingresso no seguinte; abandono de uma forma, existência em outra; cada um desses estágios não só condiciona o seguinte, mas simultaneamente o exclui"*[1056]. Por outro lado, o capital é processo de valorização do valor, é movimento e não admite paralisações e descontinuidade em seu fluxo impulsivo. *"Continuidade é, porém, o traço característico da produção capitalista, condicionada por sua base técnica, ainda que ela nem sempre seja alcançável"*[1057].

Na prática dos negócios enquanto certo quantum de capital na forma-mercadoria percorre o mercado em busca de comprador, outro quantum de mesma magnitude atua na esfera do capital-produtivo convertendo meios de produção e força de trabalho em nova mercadoria prenhe de mais-valia. Simultaneamente a este movimento, novo capital ingressa na forma-dinheiro comprando meios de produção e força de trabalho para encerrar como capital-mercadoria. Deste modo, o mesmo capital-industrial realiza a

[1054] OC II, p. 71. MEW 24, p. 105.
[1055] OC II, p. 71. MEW 24, p. 105.
[1056] OC II, p. 71. MEW 24, p. 106.
[1057] OC II, p. 71. MEW 24, p. 106.

fantástica façanha de combinar as mesmas operações tanto sucessivamente, quanto simultaneamente. A valorização do capital realiza-se tanto diacrônica quanto sincronicamente. Todos os poros do tempo podem, assim, ser preenchidos por tempo de valorização do valor. Nenhum tempo permanece vazio, o capital os preenche todos com sua ânsia insaciável por trabalho alheio. *"Assim, o capital-industrial [industrielle Kapital] se encontra, na continuidade de seu ciclo, simultaneamente em todos os seus estágios e nas distintas formas funcionais [Funktionsformen] que lhes correspondem"*[1058].

Além da unidade entre processo de circulação e processo de produção o capital é, ainda, como totalidade processual e contraditória, a unidade diacrônica e sincrônica dos três ciclos. É unidade temporal contraditória que não admite interrupções. *"Por isso, o verdadeiro ciclo do capital-industrial [der wirkliche Kreislauf des industriellen Kapitals] é, em sua continuidade, não só unidade do processo de circulação e de produção, mas unidade de todos os seus três ciclos [Einheit aller seiner drei Kreisläufe]"*[1059]. O capital não pode ser concebido apenas abstrata e estaticamente como determinada relação de produção entre os homens, como poderiam sugerir as abstrações do Livro Primeiro. Não só as relações de produção compõem a natureza do capital, mas, ainda, suas relações na esfera da circulação. O capital é, por isso, unidade do processo de produção com o processo de circulação, é totalidade contraditória e fluida.

> *Tal unidade ele só pode ser, no entanto, à medida que cada parte distinta do capital pode percorrer, sucessivamente, as fases consecutivas do ciclo, podendo passar de uma fase, de uma forma funcional a outra, encontrando-se, portanto, o capital-industrial, como totalidade dessas partes, ao mesmo tempo nas diversas fases e funções, descrevendo simultaneamente todos os três ciclos.*[1060]

A unidade do capital só pode ser unidade em processo e fluxo contínuo de conversão de uma forma em outra. Se esse fluxo se interrompe, se uma forma não se converte em outra, então a unidade se desfaz e o capital enquanto processo entra em

[1058] OC II, p. 72. MEW 24, p. 106.
[1059] OC II, p. 72. MEW 24, p. 107.
[1060] OC II, p. 72. MEW 24, p. 107.

colapso. Se numa ponta o processo se interrompe por um tempo além do esperado, entra em colapso não apenas a fase sucessiva na qual este capital se encontra, mas, ainda, todas as fases que se desenvolvem paralelamente a seu lado. Como as fases não apenas correm paralelas entre si, mas, ainda, se cruzam e se misturam, a obstrução de um elo da corrente obstrui toda a cadeia processual. Se, por exemplo, M' não se converter em D' no tempo habitual esperado, toda a cadeia de negócios que depende desta operação entra em crise. O trabalhador não poderá voltar a vender sua força de trabalho e o capitalista que esperava converter seu dinheiro em novos meios de produção terá do mesmo modo que esperar uma nova oportunidade para negociar. Entram em crise do mesmo modo os negócios que se realizam paralelamente aos negócios de nosso capitalista. Entram em crise o comerciante de meios de subsistência que esperava o retorno do trabalhador ao mercado destes meios e todos os ramos da produção que dependem do comerciante que fornecia meios de produção a nosso capitalista produtivo. *"Caso isso perdure algum tempo, então a produção é reduzida e todo o processo é levado à imobilidade. Toda paralisação da sucessão leva a justaposição à desordem; toda paralisação num estágio provoca uma paralisação maior ou menor no ciclo global não só da parte paralisada do capital, mas também do capital individual inteiro"*[1061].

Como o capital social é uma intrincada rede de capitais individuais que correm não apenas sucessivamente um após o outro, um servindo de fornecedor ou comprador para os produtos do outro, mas, ainda, correm como ramos paralelos e justapostos entre si, fica absolutamente impossível regular conscientemente por meio de um mecanismo público essa teia de relações econômicas. A impossibilidade de regular cientificamente essa teia de relações não advém do caráter técnico da produção capitalista. Esta já está regulada a ferro e fogo no interior da fábrica. A impossibilidade de encontrar um mecanismo consciente de regulação advém do caráter social da produção, de seu caráter mercantil. Enquanto a forma-mercadoria for a forma tangível do valor de uso e o valor de troca o critério de medida da produção social, esta continuará sendo regida pelas leis cegas da esfera da circulação. As ilusões sobre a possibilidade de se regular conscientemente o mecanismo da circulação capitalista só podem advir do desconhecimento completo da natureza deste mecanismo.

---

[1061] OC II, p. 72. MEW 24, p. 107.

Cada unidade individual de produção, como já vimos, está regulada cientificamente pelo capitalista individual. O caráter anárquico da produção social não advém da esfera da produção, mas, sim, da esfera da circulação. A produção social só poderá ser regulada e planificada conscientemente quando a sociedade inteira for constituída de uma única e mesma fábrica, quando as fronteiras entre a multiplicidade individual do capital for abolida e todas as unidades de produção se fundirem numa única e grande unidade social de produção. Mas este processo implica na abolição do produto como mercadoria e das fronteiras da circulação que separam e opõem as várias unidades de produção entre si. A abolição desta anarquia implica, portanto, na inevitável abolição do capital.

Enquanto no interior da esfera da produção cada trabalhador individual se liga ao elo seguinte da cadeia produtiva mediado pela planificação consciente do capitalista individual, na esfera da circulação, onde diferentes capitais individuais se cruzam e se misturam entre si, impera o jogo cego e irracional do valor de troca. *"O ciclo global [Gesamtkreislauf] apresenta-se para cada forma funcional do capital como seu ciclo específico e cada um desses ciclos condiciona na verdade a continuidade do processo global [Gesamtprozesses]; o circuito de uma forma funcional determina o outro"*[1062]. Na esfera da circulação um elo da cadeia se liga ao elo sucedâneo apenas na medida em que abandona sua forma particular e adota a forma sucedânea. Porém, ao contrário da fábrica, na esfera da circulação os elos não estão dispostos desde o princípio como elos conscientes e racionais de um processo cientificamente planejado. Na esfera da circulação, apesar da imperiosa necessidade destes elos se ligarem entre si, cada elo liga-se ao outro que o sucede de modo casual e fortuito. Não há na esfera da circulação, como há na esfera da fábrica, um órgão regulador consciente que disponha previamente os elos como elos racionais de uma cadeia de ligações cientificamente pensadas. Na esfera da circulação impera a casualidade e a sorte. Por isso os capitais devem travar entre si uma impiedosa concorrência para que cada estágio de seu capital individual tenha a sorte de encontrar a forma sucedânea que lhe corresponde. Aqueles de má sorte tendem ao longo da concorrência a entrar em ruína. Na fábrica a conexão entre os diferentes elos e estágios do processo está pressuposta técnica e

[1062] OC II, p. 72. MEW 24, p. 108.

racionalmente desde o princípio do processo. Na esfera da circulação a conexão entre os diferentes elos ou estágios é fruto de um jogo de azar.

O capital individual só pode realizar completamente seus diversos ciclos de reprodução, sejam eles sucessivos ou paralelos, se o fluxo contínuo de formas não se interromper. O capital é por isso, *"um movimento, um processo de circulação por diferentes estágios que, por sua vez, novamente abrange três formas diferentes do processo de circulação. Só pode, por isso, ser entendido como movimento [Bewegung] e não como coisa em repouso"*[1063]. O capital detesta o repouso. Como os diversos capitais individuais só se põem em ligação entre si na esfera da circulação, como é aí, *post festum,* que seu produto adquire forma social, qualquer acidente inesperado nesta esfera põe em desespero e crise todo o processo de produção. O desespero é a síndrome do capital. A alma desesperada e frenética do capitalista individual reflete nada mais que a ausência desesperada de planejamento social na esfera da circulação.

Como o produto de nosso capitalista é um valor de troca, se este se alterar durante o processo de venda o desespero abate-se em dose dupla. O capitalista agora não deve apenas encontrar um comprador para seu produto, mas, ainda, encontrar um comprador que queira comprá-lo pelo preço corrente antes da baixa. As revoluções no valor são uma poderosa fonte de anarquia e desespero para nosso capitalista individual. Por isso o tempo de circulação tem um papel fundamental em seus negócios: vender no curto prazo não apenas para reiniciar do mesmo modo no curto prazo um novo processo de produção, mas, vender no curto prazo para evitar prejuízos com as constantes revoluções no valor. Como todo capitalista tem como meta vencer a concorrência via mecanismo de preços, o mesmo veneno que ele joga contra seus irmãos inimigos volta-se contraditoriamente contra ele mesmo. O capitalista individual tem o péssimo hábito de cuspir contra o vento. Enquanto as revoluções de valor forem superadas e compensadas pelo capitalista individual, o processo de valorização do valor pode seguir sem grandes atropelos. Porém, se as revoluções de valor forem muito profundas e superarem a capacidade individual do capital então o caos se instala e a anarquia põe em desordem as frágeis relações de mercado.

---

[1063] OC II, p. 73. MEW 24, p. 109.

> *Quanto mais agudas e freqüentes se tornam as revoluções de valor [Wertrevolutionen], tanto mais se impõe, atuando com a violência de um processo natural elementar, o movimento automático do valor autonomizado em face da previsão e do cálculo do capitalista individual, tanto mais se torna o curso da produção normal vassalo da especulação anormal, tanto maior se torna o perigo para a existência dos capitais individuais.*[1064]

O capital é a pura contradição em processo. Por um lado ele despreza todas as relações econômicas constantes e estáveis, sua existência pressupõe a mutação constante das coisas. O capital vangloria-se de ter desenvolvido as forças produtivas como nenhuma outra formação social jamais desenvolveu. Ele saúda como sua mais genial criação o implacável devir do tempo. Por outro lado, este mesmo devir volta-se contra ele como arma mortal. Agora as súbitas e autônomas revoluções de valor que não puderem ser acompanhadas pelo capital individual convertem-se em instrumento de pânico e falência para os capitais menos produtivos. O feitiço volta-se mais uma vez contra o feiticeiro. A tragédia de nosso capitalista ganha maior amplitude caso boa parte de seus negócios funcionar com dinheiro atuando na forma de meio de pagamento. Se seu produto se desvalorizar em excesso o preço final da venda não cobrirá o compromisso assumido com seu credor. A entrega de seu capital, ou parte dele, para saldar dívidas será inevitável.

No Livro Primeiro, o feitiço voltava-se mais contra o trabalhador e menos contra o capitalista individual. Aqui, como é o capitalista individual que se debate em desespero frente a iminência de uma desvalorização desenfreada do valor, o feitiço parece afetar mais a alma do capitalista individual que a do trabalhador. Este não tem propriedade a perder. Ele já a perdeu para o capitalista. A sorte do capitalista na crise não será nada diferente da sorte que o capitalista já impôs ao trabalhador. Se a produtividade de certo capital estiver logo abaixo da média antes da desvalorização do valor, o capitalista terá boas chances de permanecer no mercado como capitalista ativo. Se a produtividade estiver acima poderá permanecer após a baixa de preços como um capitalista médio. Se o capitalista estiver atuando em um nível de desenvolvimento das forças produtivas abaixo da média anterior à revolução do valor, então certamente seu capital queimará nas brasas da crise.

---

[1064] OC II, p. 73/74. MEW 24, p. 109.

*"Essas periódicas revoluções de valor [Wertrevolutionen] confirmam, portanto, o que pretensamente devem refutar: a autonomização que o valor enquanto capital experimenta e que por meio de seu movimento conserva e acentua"*[1065].

A capacidade de cada capitalista particular sobreviver às tempestades cíclicas do valor é medida pela sua capacidade financeira de suportar as variações no valor de seu capital. Quanto mais intensas forem as variações cíclicas do valor mais elevado será o mínimo de capital necessário para cada capitalista particular continuar atuando como agente do capital. Esta mudança na grandeza mínima necessária para suportar as revoluções cíclicas do valor leva a uma gradual elevação da concentração e centralização do capital em poucos e poderosos monopólios.

Assim,

> *quanto maiores as perturbações, tanto mais capital-monetário o capitalista industrial precisa possuir para aguardar a compensação; e como no progresso da produção capitalista a escala de cada processo individual de produção se amplia e, com ele, a grandeza mínima do capital a ser adiantado, essa circunstância soma-se às outras que convertem a função do capitalista industrial mais e mais em monopólio de grandes capitalistas monetários, isolados ou associados.*[1066]

A tendência da função industrial do capital ser ocupada por homens do setor financeiro ou, o que é o mesmo, a tendência à financeirização da função industrial do capital tão comum em nossa época, aparece como uma clara tendência posta já para a época de Marx. Ela não é, de modo algum, uma tendência futura do capital. É, como já comentamos na análise do Livro Primeiro, a realidade de uma época já vivida por Marx.

Dado que a base do mercado aqui considerada por Marx é a totalidade do mercado mundial, o capital inevitavelmente acaba entrelaçando-se na esfera da circulação com outras formas de produção ainda não capitalistas.

---

[1065] OC II, p. 74. MEW 24, p. 109.
[1066] OC II, p. 74/75. MEW 24, p. 111.

> *Dentro de seu processo de circulação, em que o capital-industrial funciona ou como dinheiro ou como mercadoria, o ciclo do capital-industrial se entrelaça, seja como capital-monetário, seja como capital-mercadoria, com a circulação de mercadorias dos mais diversos modos sociais de produção, desde que estes sejam também produção de mercadorias.*[1067]

Estas formas, seja mercadoria ou dinheiro, ingressam na circulação capitalista compondo parte dela. O caráter social destes produtos em nada interfere na forma de circular, sejam estes produtos oriundos de uma sociedade hindu, chinesa, russa etc. *"O caráter do processo de produção do qual provêm é indiferente; como mercadorias funcionam no mercado; como mercadorias ingressam no ciclo do capital-industrial bem como na circulação da mais-valia portada por ele"*[1068]. Para ingressar no mercado mundial como mercadoria o produto não precisa atestar certificado nacional nenhum. A mercadoria é, depois do dinheiro, a forma mais universal e abstrata da riqueza. Para que o produto seja aceito no mercado mundial basta que ele possua certo valor de uso socialmente reconhecido. O mercado mundial capitalista é tão democrático que não exige nenhum certificado moral à mercadoria.

> *É, portanto, o caráter multilateral de sua origem, a existência do mercado como mercado mundial [Weltmarkt], que caracteriza o processo de circulação do capital-industrial. O que vale para mercadorias alheias vale para o dinheiro alheio; assim como o capital-mercadoria só funciona em relação a ele como mercadoria, também esse dinheiro funciona em relação a ele só como dinheiro; o dinheiro funciona aqui como dinheiro mundial [Weltgeld].*[1069]

E como dinheiro mundial é aceito sem restrições qualitativas de ordem alguma.

---

[1067] OC II, p. 76. MEW 24, p. 113.
[1068] OC II, p. 76. MEW 24, p. 113.
[1069] OC II, p. 76. MEW 24, p. 113.

Quando Marx trata da relação do capital-industrial com formas não-capitalistas de produção faz questão de evidenciar a tendência desta relação. Como o produto lançado na circulação mundial por áreas não capitalistas deve ser continuamente reproduzido por estas áreas, até certo ponto o funcionamento regular da esfera da circulação do capital-industrial mundial fica condicionado por estas áreas atrasadas. Mas este condicionamento considerado por Marx não se liga ao condicionamento pensado por Rosa. Para Rosa, a acumulação mundial de capital estava condicionada por estas áreas não-capitalistas porque elas constituíam um importante campo de realização da mais-valia mundial. Para Rosa estas áreas funcionavam como campos consumidores. Para Marx estas áreas funcionam muito mais como campos fornecedores de produtos não produzidos pelo capital. Antes de realizarem a mais-valia do capital e esvaziarem o excedente que circula no mercado mundial, as áreas não capitalistas tendem muito mais a ajudarem a inchar o mercado mundial com suas mercadorias. *"Não obstante, continua sendo certo que para sua reposição é necessária sua reprodução, e nessa medida o modo de produção capitalista está condicionado por modos de produção que se encontram fora [außerhalb] do nível de desenvolvimento do primeiro"*[1070]. O condicionamento imposto por estas áreas atrasadas ao capitalismo é derivado da circunstância de que o capital ainda não produz os produtos que ele compra do estrangeiro. A tendência do capital, contudo, para eliminar esta dependência, é converter estas áreas em áreas de produção capitalista, é converter estes modos de produção atrasados em modo de produção capitalista.

> *A tendência dele [do capital] é, porém, transformar o mais possível toda [alle] a produção em produção de mercadorias; seu principal meio para isso é essa atração das mesmas para seu processo de circulação; e a própria produção desenvolvida de mercadorias é produção capitalista de mercadorias.*[1071]

E mais que depender do consumo improdutivo destas classes antigas de produtores para realizar a mais-valia, o capital irá converter estes produtores em consumidores produtivos, em consumidores assalariados, em homens que irão consumir

[1070] OC II, p. 77. MEW 24, p. 114.

parte de sua mais-valia produzindo nova mais-valia para o capital. A mais-valia do capital não desaparece na relação com estas classes antigas como pensava Rosa Luxemburg. Com a conversão destes produtores atrasados em produtores assalariados a mais-valia servirá para produzir nova mais-valia. *"A intervenção do capital-industrial promove, em todas as partes, essa transformação, mas com ela também a transformação de todos [aller] os produtores diretos em trabalhadores assalariados"*[1072].

E a conversão do produtor direto, ainda colado aos meios de produção e subsistência, em produtor assalariado e sua inevitável separação dos meios objetivos de trabalho é o segredo mais profundo e fundamental da expansão do mercado interno capitalista e da realização da própria mais-valia. A mais-valia do capitalista não é realizada conservando estas formas atrasadas de produção como pensava Rosa Luxemburg, mas, ao contrário, a mais-valia se realiza na mesma medida em que o produtor direto antigo é convertido pelo capital em produtor moderno assalariado, em produtor que busca no mercado seus meios de subsistência como mercadoria, em produtor que consome a mais-valia reproduzindo-a. A conversão do produtor direto em produtor assalariado é o segredo mais profundo da expansão do mercado interno.

> *De fato, a produção capitalista é a produção de mercadorias como forma geral da produção, mas ela o é, e se torna cada vez mais em seu desenvolvimento, porque o próprio trabalho aparece aqui como mercadoria, porque o trabalhador vende o trabalho, isto é a função de sua força de trabalho, e isso, conforme admitimos, pelo valor determinado por seus custos de reprodução.*[1073]

O desenvolvimento em larga escala da produção de mercadorias exige do mesmo modo que o mercado se expanda em larga escala. Como a expansão da produção capitalista pelo planeta implica diretamente numa redução das áreas consumidoras não-capitalistas, Rosa Luxemburg enxergou nesta contradição a raiz das crises de realização do capitalismo. Nada mais errado que isto. A expansão da forma-mercadoria exige ao mesmo

---

[1071] OC II, p. 77. MEW 24, p. 114.
[1072] OC II, p. 77. MEW 24, p. 114.
[1073] OC II, p. 81. MEW 24, p. 119/120.

tempo a conversão do produtor direto, que não produz seu fundo de consumo como capital, em produtor assalariado sob controle do capitalista. A expansão da produção capitalista cria do mesmo modo um mercado consumidor mais extenso convertendo o produtor direto em consumidor assalariado.

A expansão do mercado e realização da mais-valia social se realiza, assim, por três caminhos. Primeiro: enquanto o produtor direto permanece colado aos meios de produção e subsistência, produzindo ele mesmo estes meios para seu autoconsumo, a mais-valia do capitalista que existe na forma de mercadoria, meios de produção e subsistência, não pode se realizar na relação com este produtor. Na medida em que este produtor é separado da propriedade dos meios de produção e subsistência e posto em seu lugar um trabalhador assalariado, que poderá ser o próprio produtor independente agora modificado nesta forma, que consome seu fundo de consumo como mercadoria, parte da mais-valia do capitalista, aquela que será capitalizada e se encontra na forma de meios de subsistência, poderá então ser realizada na relação de troca com o trabalhador. Segundo: na medida ainda que a propriedade é convertida em propriedade capitalista, o novo proprietário, que não é mais o trabalhador, terá que buscar no mercado os meios de produção necessários para pôr o trabalhador em atividade. Parte da mais-valia do capitalista, a parte que permanece como meios de produção, será então realizada na relação de troca com este novo capitalista. Terceiro: a parte da mais-valia que ainda permanece na forma de meios de consumo de luxo poderá ser ainda realizada no intercâmbio com a renda do novo capitalista.

Se admitirmos que a totalidade da mais-valia seja realizada nestas três transações, então o capital não depende de modo algum da existência de uma terceira classe de consumidores para realizar sua mais-valia. Toda ela foi consumida no mercado interno capitalista, tanto operários quanto capitalistas a consumiram integralmente. Toda a circulação do produto se realizou entre estas duas categorias de consumidores. *"Na medida em que o trabalho se torna trabalho assalariado, o produtor torna-se capitalista industrial; por isso a produção capitalista (portanto também a produção de mercadorias) só aparece em toda a sua amplitude quando inclusive o produtor direto do campo for assalariado"*[1074]. E quando o produtor direto do campo for um assalariado, na mesma medida o proprietário fundiário será um proprietário capitalista ou, ao menos, um não-trabalhador que vive da

[1074] OC II, p. 81. MEW 24, p. 120.

renda paga pelo capitalista. E na mesma medida em que a relação assalariada de trabalho se desenvolve, se desenvolve e se expande o mercado interno capitalista, a divisão social do trabalho, a fissura entre campo e cidade, a formação de novos ramos da produção, o surgimento de novas necessidades sociais, de novos produtos e novos consumidores para eles.

Quanto mais se desenvolve a divisão social do trabalho, a decomposição das formas antigas de produção e a conversão destas em forma capitalista de produção, maior é o campo de consumo interno para a mais-valia do capitalista. Como vimos, sob a hipótese da escala ampliada M' se converte tanto em MP quanto em FT. Admitindo que a compra de força de trabalho, apesar da elevação da composição orgânica do capital com a acumulação, se eleve absolutamente, então parte da mais-valia será realizada no consumo individual de novos trabalhadores. Se parte da mais-valia é realizada em meios de consumo do trabalhador, outra parte se realiza convertendo-se em meios de produção do capitalista que, assim como o trabalhador que não produz seus próprios meios de subsistência, não produz ele próprio seus meios de produção. A terceira parte da mais-valia se realiza mediante o consumo improdutivo do capitalista. A mais-valia toda se realiza sem depender de nenhuma relação externa porque cada novo ramo da produção social que surge serve de consumidor para os ramos mais antigos. As novas indústrias que surgem com a expansão da forma-mercadoria servem de mercado consumidor uma para as outras sem depender de uma terceira categoria de consumidores improdutivos como queria Malthus, ao defender o aumento da renda da terra para os proprietários fundiários, ou como imaginava Rosa Luxemburg na relação da sociedade capitalista com as formas ainda atrasadas de produção.

A expansão contínua e ininterrupta do mercado interno é uma necessidade vital para o capital pelo menos por quatro motivos diferentes. O primeiro, liga-se à circunstância de que o capital produz em larga escala e por isso, exige um mercado do mesmo modo em larga escala. O segundo, liga-se à circunstância de que a força produtiva do trabalho em constante elevação eleva junto a massa de produtos em circulação e com ela a necessidade de um mercado de consumo de massas. O terceiro e quarto motivo, que pretendemos comentar, são poderosas fontes de desequilíbrio entre oferta e demanda. Tais motivos ligam-se à seguinte circunstância: como a oferta do capitalista individual é M' = c + v + m e sua demanda total é M = c + v o mercado consumidor deve expandir-se sempre

mais rapidamente para superar esta contradição. Do mesmo modo como a totalidade da mais-valia do capital não é lançada novamente na esfera da circulação logo após a realização do produto, como ela constantemente se fixa em forma de tesouro, sendo lançada na esfera da circulação apenas após um período técnico prolongado, então o entesouramento também pode causar desequilíbrio no mercado. Por isso, a divisão incessante do trabalho e a formação contínua de novos ramos produtivos são condições fundamentais para o capital realizar regularmente todo o produto social.

O segredo da formação da mais-valia se esconde no fato de que o capitalista lança na circulação determinada massa de dinheiro e retira no final do processo uma massa acrescida. O capitalista lança D na circulação, demandando M na forma de FT + MP no início do processo e, ao final dele, oferta um valor superior M' (M + m). Ou seja, como comprador o capitalista demanda apenas M, como vendedor ele oferta M + m. Como vendedor ele oferta uma massa de valor superior ao que demandou como comprador. *"À medida que ele funciona meramente como personificação do capital, como capitalista industrial, sua oferta de valor mercantil é sempre maior do que sua demanda de valor mercantil"*[1075]. Como a diferença entre a demanda M e a oferta M' é a meta do capital e base de seu enriquecimento, quanto menor for a demanda em relação com a oferta maior será a mais-valia embolsada pelo capitalista. Este enriquece lançando sempre maior volume de valor na circulação do que retira dela. *"Ao invés da cobertura de ambos, o objetivo dele [do capitalista] é o mais possível a não-cobertura, a supercobertura de sua demanda por sua oferta"*[1076]. O descompasso entre demanda e oferta do capitalista é a base das crises por excesso de oferta no mercado, pois uma parte da riqueza na forma de m circula como excedente não coberto pelo consumo inicial do capitalista. O capitalista produziu este excedente como mercadoria, como não-valor de uso para si próprio, como valor de uso unicamente para o alheio. Se tivesse produzido este excedente para satisfazer sua própria necessidade, ou como excedente destinado a satisfazer uma necessidade previamente concebida pela sociedade, certamente não haveria descompasso entre demanda e oferta do capitalista, já que a oferta excedente encontraria um consumidor racionalmente posto antes da própria produção do produto. Se não teríamos por isso crise por excesso de oferta, não teríamos do mesmo modo produção capitalista, mercadoria, valor de troca, mais-valia,

[1075] OC II, p. 81. MEW 24, p. 120.

esfera da circulação etc. Esse quiproqüó todo entre oferta e demanda só existe porque existe a produção capitalista. Para eliminar esta contradição teríamos que eliminar junto a produção capitalista.

Na base do capitalismo a contradição entre demanda e oferta do capitalista é inevitável. *"O limite máximo da demanda do capitalista é* $C = c + v$, *mas sua oferta é* $= c + v + mv$"[1077]. Esta é tanto a base do enriquecimento privado quanto a base das crises de superprodução. A irracionalidade do capital está posta por inteiro nesta contradição entre a massa que é ofertada e a massa que é demandada. O mais irônico desta contradição é que o capitalista que enriquece baseado nela é o mesmo que entra em falência por causa dela. Por isso, se o enriquecimento privado é conseqüência inevitável do capital, do mesmo modo é a crise por excesso de produção. O capital, e com ele o trabalho assalariado, a propriedade privada e a forma-mercadoria do produto, formam não apenas a base do progresso social da humanidade dos últimos séculos, mas formam, ainda e, sobretudo, o martírio de uma época histórica inteira. Com o capital a humanidade avança na mesma medida em que regride.

Um descompasso entre oferta e demanda pode surgir ainda da necessidade do capital entesourar parte de sua mais-valia não lançando-a imediatamente na esfera da circulação como capital. Como a conversão da mais-valia em capital exige a acumulação de certa grandeza mínima de valor, enquanto o capital não atinge esta grandeza mínima parte da mais-valia é continuamente depositada como tesouro no banco a espera do dia em que ela completar o volume mínimo necessário. Assim uma nova contradição entre oferta e demanda se anuncia. Como vendedor, o capitalista lança por um lado M' (M + m) no mercado na forma de produto, convertendo-o em D' (D + d), porém, retorna ao mercado como comprador apenas com D, pois a diferença d ficou entesourada no banco. O descompasso entre oferta e demanda, abstraindo o crédito, é por isso inevitável. O mercado permanece em desequilíbrio por conta do processo técnico de entesouramento. *"Enquanto perdura o entesouramento [Schatzbildung], a demanda do capitalista não aumenta; o dinheiro está imobilizado, ele não retira do mercado de mercadorias nenhum equivalente em mercadoria pelo equivalente monetário que dele retirou em troca de mercadoria fornecida"*[1078]. A contradição consiste em que o capitalista oferta M + m e só demanda D =

---

[1076] OC II, p. 81. MEW 24, p. 121.
[1077] OC II, p. 82. MEW 24, p. 121.
[1078] OC II, p. 83. MEW 24, p. 123.

M. O excedente m permanece circulando em busca de um comprador. Esta contradição, contudo, diferente da anterior é apenas passageira, logo que a mais-valia depositada no banco atingir a grandeza mínima necessária ela volta a circular no mercado e realizar a função esperada.

## 1.5. O TEMPO DE CIRCULAÇÃO

O movimento percorrido pelo capital na esfera da circulação e na esfera da produção segue, como vimos, uma seqüência temporal. O tempo percorrido na esfera da produção chama-se tempo de produção e o tempo percorrido na esfera da circulação chama-se tempo de circulação. O tempo de produção se decompõe ainda em tempo de produção e tempo de trabalho. O tempo de circulação do mesmo modo se decompõe em tempo de compra e tempo de venda do produto.

O tempo de produção compreende todo o tempo que vai do exato momento em que o produto começa a sofrer as modificações provocadas pelo processo de produção até o momento em que ele está pronto para a venda (inclusive o tempo de transporte). O tempo de trabalho é sempre menor, pode ser ainda igual, que o tempo de produção. Ele compreende toda a soma de tempos em que o trabalhador efetivamente atua sobre a matéria prima de seu trabalho. No tempo de produção está incluído, portanto, todo o tempo de trabalho e o tempo não trabalhado. Tempo não trabalhado que, contudo, conta como tempo de produção, é o tempo em que o produto permanece sofrendo apenas a ação da Natureza, como na fermentação do vinho na adega e na germinação da semente na lavoura, por exemplo. Este período é tempo de produção, mas não é tempo de trabalho. O tempo de produção abarca tanto o tempo de trabalho quanto o tempo de não trabalho necessários para a produção do produto. *"O processo de produção e portanto a função dos meios de produção, continua, nesse caso, embora o processo de trabalho, e portanto a função dos meios de produção enquanto meios de trabalho, esteja interrompido"*[1079]. Este tempo de produção que excede o tempo de trabalho não conta, portanto, como tempo que agrega

[1079] OC II, p. 85. MEW 24, p. 125.

mais-valor ao produto, pois durante este tempo excedente não foi despendido trabalho vivo do operário.

Tempo de produção não trabalhado pode ser também o intervalo entre dois turnos de trabalho onde o produto permanece parado a espera do reinício de novo turno para sofrer a ação do trabalho, como o período da noite, por exemplo. O único tempo que agrega valor e valoriza o valor do capital por isso é o tempo de trabalho. *"As interrupções normais de todo processo de produção, portanto os intervalos em que o capital-produtivo não funciona, não produzem valor nem mais-valia"*[1080]. Por isso é impulso do capital transformar todo tempo de produção em tempo de trabalho. A febre impulsiva do capital por trabalho que valoriza o valor o fará converter magicamente a noite em dia e os domingos e dias de festas em dia comum voltado para o trabalho e o capital.

Enquanto o produto permanece inerte na fábrica sem sofrer a ação devoradora do trabalho vivo, sobre ele não é agregado nenhum valor novo e nenhuma mais-valia porque a substância do valor e do mais-valor é energia humana despendida pelo trabalhador. Enquanto esta energia permanecer apenas latente na corporalidade viva do trabalhador e não for ativamente transferida para o produto, não há formação nem valorização do valor. *"Não ocorre portanto nenhuma valorização do capital-produtivo enquanto ele se encontra na parte de seu tempo de produção que excede o tempo de trabalho, por mais inseparável que seja a execução do processo de valorização dessas suas pausas"*[1081]. Por mais que o caráter técnico da produção, independente da vontade do capitalista e do trabalhador, exija certas pausas no processo de trabalho, esta parada não valoriza o valor do capital. Ela é uma parada que corresponde, contra as necessidades do capital, às necessidades do processo de trabalho concreto. Tais interrupções não advém do caráter social do produto, como é o caso quando o processo de trabalho se interrompe porque D ainda não se converteu em FT + MP, elas advém do caráter concreto da produção. É contra as determinações deste aspecto do trabalho que o capital deve se confrontar para transformar todo tempo de produção em tempo de trabalho abstrato.

A produtividade de dado capital para produzir mais-valia em dado tempo de produção está ligada, deste modo, às relações existentes entre as necessidades do caráter técnico da produção e as necessidades de seu caráter abstrato. É esta contradição que o

[1080] OC II, p. 85. MEW 24, p. 125.

capital precisa abolir para reduzir todo tempo de produção em tempo de trabalho produtivo para si próprio. *"É claro que quanto mais o tempo de produção e o tempo de trabalho coincidirem, tanto maior a produtividade e a valorização de dado capital-produtivo em dado espaço de tempo. Daí a tendência da produção capitalista de encurtar o quanto possível o excedente do tempo de produção sobre o tempo de trabalho"*[1082]. Daí a tendência irrefreável do capital de preencher o tempo de vida do trabalhador com tempo de vida para o capital e de absorver em seu movimento todos os tempos naturais, convertendo-os em tempos submetidos a seu controle científico.

É impulso incontrolável do capital, por isso, desenvolver as forças produtivas do trabalho social não apenas para baratear o trabalhador, como vimos no Livro Primeiro, mas, agora, considerando a esfera da circulação, desenvolvê-las para diminuir o tempo total de produção e rebaixar ao mínimo, se possível a zero, a diferença entre o tempo de trabalho e o tempo de produção. Desenvolver ao máximo as ciências da Natureza, a Química, a Física, a Biologia e a Mecânica não apenas para encurtar o tempo de trabalho exercido sobre o produto, mas, agora, para encurtar o tempo de produção total e as paradas improdutivas do processo de produção. Como a inquietude do capital é incompatível com a quietude da Natureza, ele deve converter em movimento toda parada desnecessária na produção. Acelerar, acelerar e acelerar o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social, esta é a verdadeira natureza do capital. A abolição de todo repouso natural e sua conversão em tempo ativo de trabalho e de valorização do valor é intrínseco à natureza do capital.

Encontramos aqui mais uma prova da impossibilidade de qualquer organismo público controlar a febre irracional do capital. A conversão científica e metódica de todo tempo de produção em tempo de trabalho aprofunda ainda mais a contradição entre a esfera racional da produção e a esfera irracional da circulação. Se o capital consegue, por um lado, converter todo o tempo de vida do trabalhador em tempo para a produção, ele não converte do mesmo modo todo o tempo da sociedade em tempo para o consumo e o desfrute. Todo o tempo de vida, tanto do trabalhador quanto do fanático capitalista, foram convertidos cientificamente em tempos para a produção da riqueza. O tempo necessário para o desfrute e o consumo desta riqueza será posto ao acaso. Este tempo é uma esfera

---

[1081] OC II, p. 86. MEW 24, p. 126.

inacessível para a ciência e o cálculo do capitalista. Daí nova contradição e importante fonte para as crises de superprodução.

Assim como durante o tempo de produção o capital não produz mais-valia, também o tempo de circulação é tempo que não valoriza o capital. *"Tempo de circulação e tempo de produção excluem-se mutuamente [Umlaufszeit und Produktionszeit schließen sich wechselseitig aus]. Durante seu tempo de circulação, o capital não funciona como capital-produtivo e, por isso, não produz mercadoria nem mais-valia"*[1083]. A esfera da circulação é duplamente improdutiva. Primeiro por que enquanto D circular à procura de vendedores de FT e MP, e mesmo depois de concluída a compra sem que tais mercadorias se encontrem a disposição do capitalista no interior da produção, o processo subseqüente de produção permanece inativo; segundo por que enquanto M' não se converter em D' este do mesmo modo não pode retornar à esfera da produção e aí reiniciar novo ciclo produtivo.

Formalmente, enquanto parte do capital-industrial permanecer circulando na esfera da circulação não poderá entrar na esfera da produção e aí reiniciar novo processo de produção de mais-valia. Isto é válido, contudo, apenas para determinada soma de capital individual. Na prática normal dos negócios os três ciclos do capital se realizam não apenas formalmente, ou subseqüentemente, mas ainda simultânea e paralalelamente um ao outro. Enquanto parte alíquota do capital-industrial permanece circulando na esfera da compra de FT e MP como capital-monetário, outra parte atua simultaneamente no processo de produção como capital-produtivo e uma terceira atua na esfera da realização da mais-valia como capital-mercadoria. Mas neste caso devemos considerar que aí encontram-se três partes alíquotas de um mesmo capital que circula não subseqüentemente, mas, sim, paralelamente um ao outro. Como vimos, os três ciclos do capital não apenas se realizam sucessivamente um após o outro, mas, ainda, andam paralelos um ao lado do outro.

Considerados em sua formalidade sucessiva enquanto parte alíquota permanece atuando na esfera da circulação, seja para converter D em FT + MP ou M' em D', não pode de modo algum atuar como capital-produtivo que produz mais-valia. Por isso, quanto mais lenta for a velocidade da circulação do capital na esfera da compra e venda de mercadorias, maior será a oposição entre a forma produtiva do capital com as formas monetária e mercantil. Quanto mais veloz a metamorfose do capital-monetário em meios de

---

[1082] OC II, p. 86. MEW 24, p. 126/127.

produção e força de trabalho e da mercadoria prenhe de mais-valia em mais-dinheiro, tanto menor será o tempo em que o capital circula improdutivamente e, por conseqüência, tanto mais produtivo será o conjunto do capital-industrial. Deste modo, quanto mais o tempo de circulação se aproximar de zero, tanto maior será o tempo disponível para o capital-industrial atuar como capital-produtivo. *"Quanto mais as metamorfoses de circulação do capital forem apenas ideais, isto é, quanto mais o tempo de circulação for = zero ou se aproximar de zero, tanto mais funciona o capital, tanto maior se torna sua produtividade e autovalorização"*[1084].

A meta agora ambicionada pelo capital-industrial não é eliminar, ou reduzir para próximo de zero, a diferença entre o tempo de produção e o tempo de trabalho. Para completar a transformação de todo o tempo dos homens em tempo de produção ele ambiciona, ainda, reduzir para próximo de zero, ou eliminar se possível, o tempo gasto improdutivamente na esfera da circulação. *"O tempo de circulação [Umlaufszeit] do capital limita [beschränkt], portanto, em geral seu tempo de produção [Produktionszeit] e, por isso, seu processo de valorização [Verwertungsprozeß]"*[1085]. Quanto menor o tempo de circulação ou, o que é o mesmo, quanto maior a velocidade da circulação de mercadorias e dinheiro, maior o tempo disponível para o capital-industrial dedicar-se exclusivamente à produção de mais-valia. Quanto menor o tempo dedicado pelo capital na conversão de D em FT + MP e M' em D', menor o tempo percorrido pelo capital-industrial na totalidade dos três ciclos e, em conseqüência, maior será o grau de eficiência do capital-industrial para se autovalorizar.

A circunstância de que a velocidade da esfera da circulação influencia positivamente na valorização do valor, levou erroneamente a Economia Política burguesa a acreditar que o processo de valorização do valor ocorre na esfera da circulação e não na esfera da produção. A economia vulgar acreditou ter encontrado no giro mais rápido da mercadoria e do dinheiro uma prova definitiva desta falsa compreensão. *"Mas o que a Economia Política enxerga é aquilo que aparece [erscheint: em itálico no original], ou seja, o efeito do tempo de circulação sobre o processo de valorização do capital em*

---

[1083] OC II, p. 86. MEW 24, p. 127.
[1084] OC II, p. 86. MEW 24, p. 127/128.
[1085] OC II, p. 86. MEW 24, p. 128.

*geral"*[1086]. Efeito aparente que ela toma erroneamente como o fundamento real da valorização do valor. *"E mais se aferra a essa aparência [Schein] porque ela parece [scheint] fornecer a prova de que o capital possui uma fonte mística de autovalorização [mystische Quelle der Selbstverwertung] independente de seu processo de produção, e, por isso, da exploração do trabalho, que lhe advém da esfera da circulação"*[1087].

Assim como os dois atos contrapostos e complementares da esfera da circulação se realizam em tempos distintos, um antecedendo a esfera da produção e outro a sucedendo, podem do mesmo modo se realizar em pontos espacialmente distintos e separados. O mercado fornecedor de meios de produção pode estar separado por longas distâncias do ponto onde está instalada a unidade produtiva. Do mesmo modo o mercado consumidor pode estar separado por milhares de léguas de distância da fonte produtora. Mesmo que o tempo de conversão de D em FT + MP possa se aproximar de zero o tempo de entrega destes meios de produção por parte do fornecedor pode ser maior que zero. O tempo de deslocamento espacial da mercadoria desde a fonte fornecedora até a fonte produtora, que é tempo improdutivo para o capital, deve por isso ser encurtado pelo capital para que ele possa preencher este tempo com tempo de produção e valorização do valor. O capital procura superar esta separação espacial entre os distintos mercados desenvolvendo os meios de transporte e comunicação.

Ao lado da indústria fabril manufatureira desenvolve-se a indústria dos transportes e comunicações, como a indústria marítima e aeroespacial e a indústria das telecomunicações. Ao lado das fábricas, um novo ramo da produção se levanta unicamente para ligar no mais curto espaço de tempo os pontos eqüidistantes do capital-industrial. A indústria dos transportes e comunicações se desenvolve unicamente para aproximar os pontos extremos do ciclo D – M ...P... M' – D' ao ponto mediador do processo de produção[1088]. Quanto mais veloz for a velocidade da circulação mais os pontos

---

[1086] OC II, p. 86/87. MEW 24, p. 128.

[1087] OC II, p. 87. MEW 24, p. 128.

[1088] Apesar de Marx considerar o ramo do transporte de mercadorias como um ramo da produção de valor e de mais-valia, ou seja, como um ramo produtivo, esse mesmo ramo executa um duplo papel no processo total de produção e reprodução capitalista. Por um lado ele é um ramo produtivo e por outro é um ramo da esfera da circulação. *"O ato de circular, isto é, o efetivo movimento das mercadorias no espaço, se dissolve no transporte da mercadoria. A indústria de transportes constitui, por um lado, um ramo autônomo da produção, e, por isso, uma esfera especial de investimento do capital-produtivo. Por outro, diferencia-se pelo fato de aparecer como continuação de um processo de produção dentro do processo de circulação e para o processo de circulação"* (OC II, p. 104. MEW 24, p. 153).

eqüidistantes de ...P... se aproximam, mais próximo de zero será o tempo total de circulação e maior será o tempo disponível para o capital transformar todo o tempo dos homens em tempo para o trabalho. E tempo para o trabalho é aqui tempo para o trabalho alheio, tempo dedicado ao enriquecimento irracional do capitalista e à imbecilização do trabalhador.

Quanto mais se desenvolve e se eleva a escala da produção mais se desenvolve a necessidade do capital em diminuir as distâncias espaciais entre um mercado e outro e, ainda, mais se desenvolve a necessidade do capital ligar espacialmente a produção e o consumo e com isto, a necessidade de acelerar a velocidade das forças produtivas da indústria do ramo de transportes e comunicações. Com a aceleração e maior eficiência dos meios de transporte e comunicação, aceleram-se ao mesmo tempo as batidas cardíacas da sociedade. O ritmo cotidiano das pessoas e das cidades, determinados pelo ritmo das necessidades do capital, se acelera junto com a velocidade paranóica da circulação. Como agentes do capital, um do trabalho outro da produção, trabalhador e capitalista aceleram seu ritmo natural de vida ao nível do ritmo artificial da mercadoria. Para que a contradição entre a esfera da produção e a esfera do consumo seja superada no mais curto espaço de tempo, ambos terão que arrebentar suas vidas a serviço da irracionalidade do tempo da mercadoria. Para que a saúde da mercadoria seja conservada deverão ambos arrebentar com a sua própria.

Para superar as contradições entre a esfera da produção e a esfera do consumo e mitigar sua fome insaciável por mais trabalho, o capital procura, então, apaixonadamente converter todo o tempo de produção em tempo de trabalho e as pausas momentâneas do processo de trabalho concreto em tempo dedicado ao valor de troca. Por outro lado, procura do mesmo modo converter todo tempo de circulação em tempo de produção, em tempo dedicado à atividade produtiva do capital. O capital realiza esta façanha pondo a seu serviço todos os formidáveis poderes da ciência. Os mistérios da Natureza serão diariamente desvendados e transformados em forças da produção unicamente para superar as insolúveis contradições do capital. E as forças desenvolvidas da produção se desenvolvem sem que se desenvolvam a seu lado, na mesma escala e na mesma direção, as forças do consumo da sociedade. Todas as ciências, então, se dedicarão apaixonadamente a desenvolver as forças da produção e da circulação. E na mesma medida

em que desenvolvem estas forças, desenvolvem a incapacidade da sociedade em consumir esta produção.

## 2. A ROTAÇÃO DO CAPITAL

### 2.1. TEMPO DE ROTAÇÃO E NÚMERO DE ROTAÇÕES

Assim como havia reunido as várias formas funcionais do capital-monetário, capital-produtivo e capital-mercadoria num único conceito de capital, o de capital-industrial, agora Marx irá reunir as várias noções particulares de tempo, tempo de trabalho, tempo de produção e tempo de circulação do capital num único conceito, o de rotação do capital [Umschlagszeit]. O tempo total de rotação do capital, o tempo que começa com a conversão de D em FT + MP e encerra com o retorno a este mesmo ponto, é igual à soma de seu tempo de circulação, D – M (FT + MP) e M' – D', e de seu tempo de produção, que inclui o tempo de trabalho. A rotação do capital *"é o período de tempo que se inicia no momento em que o valor-capital é adiantado sob determinada forma, e termina com o retorno do valor-capital em processo, sob a mesma forma"*[1089]. A velocidade da rotação do capital mede a velocidade em que o ciclo inteiro de valorização do valor-capital se realiza. Se a rotação é mais rápida, a mesma soma de valor-capital se valoriza num tempo mais curto, se ela é mais lenta a mesma soma demora um tempo maior para se valorizar.

Para acelerar a valorização do valor-capital basta acelerar a rotação do capital. Como a rotação completa se realiza mediada pelo tempo de produção e de circulação, cada vez que um destes tempos se acelera, se acelera junto a velocidade da rotação do valor-capital.

> *O ciclo do capital [Kreislauf des Kapitals] definido não como ato isolado, mas como processo periódico chama-se rotação do capital [Umschlagszeit des Kapitals]. A duração dessa rotação é determinada pela soma de seu tempo de produção [Produktionszeit] e de seu tempo de circulação*

[1089] OC II, p. 105. MEW 24, p. 154.

> *[Umlaufszeit]. Essa soma de tempos constitui o tempo de rotação do capital. Ela mede, portanto, o intervalo entre um período de circulação do valor-capital total e o seguinte, a periodicidade no processo de vida do capital ou, se se quiser, o tempo da renovação, da repetição do processo de valorização, respectivamente de produção do mesmo valor-capital.*[1090]

O ano constitui a unidade natural de medida das rotações do capital em processo. Ao capital interessa saber, portanto, quantas rotações ele pode realizar dentro de um mesmo período anual. Quanto mais veloz a rotação do capital mais rotações ele poderá realizar dentro de um mesmo ano. No Livro Primeiro, vimos que o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social tinha exclusivamente como meta acelerar o tempo de produção dos meios de subsistência da classe trabalhadora para baratear o próprio trabalhador e, assim, extrair mais-valia na forma relativa. Agora na análise da esfera da circulação, o tempo de produção converteu-se em simples elo isolado da rotação do capital e a aceleração do processo de produção ganha uma nova determinação importante. O tempo de produção deve ser acelerado para junto acelerar o tempo total de rotação do capital. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento das forças produtivas instaladas na esfera da circulação e transporte de mercadorias deve ser estimulado para fazer com que o mesmo valor-capital possa, no mesmo período anual, realizar um número sempre crescente de rotações.

Desenvolver, desenvolver e desenvolver sem fôlego, sem pausas e sem temores as forças produtivas tanto do capital-produtivo quanto do capital comercial e de transporte unicamente para permitir que o capital possa, dentro de um mesmo período anual de produção, realizar mais vezes seu incessante processo de valorização do valor e mitigar seu insaciável desejo por mais-trabalho humano. Todas as medidas naturais do tempo serão convertidas em medidas determinadas pelo capital, o próprio tempo natural será abolido e posto em seu lugar o tempo determinado pela ciência e as necessidades do capital. A lentidão e a monotonia do tempo natural serão subvertidas e posta em seu lugar a velocidade supersônica do capital em processo. Todas as potências intelectuais da humanidade serão postas em atividade unicamente para mitigar a voracidade insaciável do capital por mais sangue humano. Novos ramos da ciência surgirão da noite para o dia e

---

[1090] OC II, p. 107. MEW 24, p. 156/157.

novas verdades científicas serão desveladas, as potências ocultas da vida animal e vegetal serão dessacralizadas, as forças naturais serão dominadas e postas a serviço da produção e o homem se erguerá como soberano absoluto da Natureza, unicamente para permitir que a gula desenfreada e irracional do capital por mais-trabalho humano seja saciada no mais curto espaço de tempo possível.

## 2.2. CAPITAL-FIXO E CAPITAL-CIRCULANTE

Do ponto de vista do modo como circula o valor dos meios materiais e subjetivos de produção, o capital pode ser divido em capital-fixo e capital-circulante. Os meios materiais analisados sob este aspecto podem ser divididos em materiais de trabalho e objeto de trabalho. Os materiais de trabalho são formados pela maquinaria, prédios, terras etc. O objeto de trabalho é a matéria sobre a qual é executado o trabalho. A seu lado podemos, ainda, adicionar as matérias-auxiliares do trabalho como o óleo lubrificante da máquina, a energia, a luz etc.

O que diferencia os meios de trabalho da matéria-prima e auxiliares no processo de formação e transferência do valor é o seguinte. O valor de uso das máquinas, assim como das construções e do solo agrícola, não compõem materialmente parte do valor de uso das novas mercadorias fabricadas. Enquanto perdura o processo de trabalho o valor de uso dos meios materiais de trabalho são desgastados, mas não são convertidos na forma material do novo valor de uso criado. Os meios de trabalho, ao contrário da matéria-prima, nunca abandonam o local de trabalho como partes do valor de uso da mercadoria recém criada. O que é transferido à nova mercadoria criada com o desgaste destes meios é apenas parte de seu valor depreciado. Os mesmos meios de produção são continuamente reutilizados, sem necessidade de serem substituídos por outros meios, como ocorre com a matéria-prima, a cada repetição do processo de trabalho. Apesar do desgaste sofrido continuamente com o processo de trabalho os meios de trabalho podem permanecer no local de trabalho sem necessidade de abandoná-los junto com a mercadoria criada. Isto do ponto de vista de seu valor de uso. Do ponto de vista do valor as coisas se realizam de modo diferente.

Com o desgaste do meio de trabalho e sua lenta inutilização, parte do valor é transferido para o valor da nova mercadoria circulando com ela no mercado e parte

permanece fixado no corpo material do meio de trabalho. Na medida em que o meio de trabalho vai sendo desgastado, a parte do valor correspondente a este desgaste vai sendo transferida ao valor da nova mercadoria criada até o ponto em que todo o valor de uso do meio de trabalho foi consumido. Quando este se encontra completamente inutilizado para o trabalho, sendo necessário substitui-lo, então todo valor terá sido transferido para o valor das mercadorias fabricadas e nenhum valor permanecerá fixado nele. Com o consumo do valor de uso dos meios de trabalho é transferido simultaneamente para a nova mercadoria o valor do meio de trabalho. Como o meio de trabalho, diferente da matéria-prima, não é todo consumido num único processo de trabalho, mas, sim, ao longo de vários processos repetidos, parte do valor do meio de trabalho é gradualmente transferido para o valor das novas mercadorias e parte permanece fixado no corpo material do meio de trabalho, até o ponto final em que o meio de trabalho está totalmente desgastado sendo necessário sua eliminação do processo de trabalho e substituição por outro da mesma espécie. Deste modo, enquanto parte sempre maior do valor do meio de trabalho circula gradualmente junto com as mercadorias criadas, parte sempre menor dele permanece fixado no corpo material do meio de trabalho. *"Por essa peculiaridade essa parte do capital constante obtém a forma de capital-fixo [Fixes Kapital: em itálico no original]. Os demais elementos do capital adiantado no processo de produção formam, em contrapartida, o capital-circulante ou fluido [Zirkulierendes oder flüssiges Kapital: em itálico no original]"*[1091].

Capital-fixo, assim, é definido como aquela parte do capital-produtivo adiantado no processo de trabalho que permanece preso durante um longo tempo no corpo material do meio de trabalho, retornando apenas lentamente, em gotas, ao bolso do capitalista. É uma massa necessária de capital adiantado no processo de produção que retorna apenas após certo período prolongado de tempo. É o caso do valor adiantado na forma de meios de trabalho como máquinas, prédios, veículos, navios, aeronaves, terras etc. Seu caráter de capital-fixo não possui nenhuma relação com a fixidez e imobilidade física do meio de trabalho. Por isso, tanto a terra quanto um navio de carga podem ser ambos concebidos como capital-fixo.

A natureza do capital-circulante é diferente. As matérias auxiliares do processo de trabalho que são inteiramente consumidas pelos meios de produção no

[1091] OC II, p. 109 MEW 24, p. 159.

processo de trabalho como água, óleo, carvão, energia elétrica etc., por se dissiparem inteiramente no processo, não entram materialmente na formação do valor de uso do produto, contudo, entram inteiramente na formação do valor da nova mercadoria. Seu valor de uso é totalmente consumido e dissipado no processo de trabalho, mas a totalidade de seu valor é inteiramente transferida ao valor do novo produto. A parte dos meios de produção composta pela matéria-prima é transferida por inteira ao novo produto tanto sob a forma material, abstraindo os resíduos, quanto sob a forma de valor. No corpo material de um novo valor de uso podem ser encontrados por inteiro, sob uma forma modificada, tanto a massa de matéria-prima adiantada no início do processo de trabalho, quanto a massa de valor adiantado sob esta forma. Diferente dos meios de trabalho que não foram consumidos por inteiro no processo de trabalho, ao reiniciar um novo processo de trabalho o capitalista deve novamente adiantar ao trabalhador sob a forma de matéria-prima e auxiliares uma nova massa destes meios para que o trabalhador possa convertê-los em novos valores de uso. Por isso, a parte do capital-produtivo formada por matéria-prima e auxiliares é concebida como capital-circulante, como capital que circula por inteiro no valor da nova mercadoria e que volta, por isso, por inteiro ao bolso do capitalista tão logo as mercadorias sejam vendidas.

O capital-fixo, deste modo, é adiantado de uma única vez e em grandes massas no início do processo de trabalho, mas retorna lentamente, em gotas, ao bolso do capitalista. O capital-circulante é adiantado em gotas e retorna totalmente ao bolso do capitalista tão logo as mercadorias tenham encontrado comprador. O valor do capital-fixo, assim, adquire uma dupla forma de existência. Por um lado, parte permanece sempre fixada e inativa no corpo material do meio de trabalho sem se valorizar no processo, por outro lado, uma segunda parte retorna a seu bolso apenas fragmentariamente. O capital, que não suporta o repouso, que é valor em processo incessante e ininterrupto, tem que suportar desoladamente a ingrata condição de manter inativo por longos anos parte de seu capital apenas para que seu capital total se valorize. Parte de seu capital adiantado em meio de trabalho retorna a ele junto com a metamorfose da mercadoria em dinheiro. Mas a totalidade do capital adiantado retorna a ele apenas após esgotado o tempo de vida útil do meio de trabalho. Por isso, *"sua retransformação de forma-dinheiro em forma útil se separa da retransformação da mercadoria em seus demais elementos de produção e se*

*determina muito mais por seu próprio período de reprodução, isto é, pelo tempo de vida do meio de trabalho, ao cabo do qual ele deve ser substituído por outro exemplar da mesma espécie"*[1092].

O capital encontra nesta contradição do capital-fixo um novo estímulo para impulsionar o desenvolvimento da força produtiva do trabalho social. Para reduzir o tempo em que parte considerável de seu capital permanece inativo e fixo no corpo do meio de trabalho ele deve desenvolver as forças produtivas no ramo que produz estes meios. Ele encontra na contradição entre capital-fixo e capital que circula, também, um novo estímulo para pôr o trabalhador a trabalhar dia e noite sem parar e implantar o sistema de turnos mantendo a fábrica funcionando 24 horas por dia. A elevação das forças produtivas no departamento produtor de meios de produção ocorre aqui unicamente para abreviar o tempo de duração útil do meio de trabalho e receber de volta no mais curto espaço de tempo o capital que se convertera, contraditoriamente, em capital em repouso.

Na relação entre trabalho e capital o que o trabalhador vende não é seu trabalho e, do mesmo modo, o que o capital entrega ao trabalhador não são os meios de subsistência. Entre ambos media uma circulação formalmente monetária. Após realizado o contrato e vendido sua força de trabalho o trabalhador converte em meios de subsistência o salário recebido na transação. A parte circulante do capital sob a forma variável não é, deste modo, nem a força de trabalho nem a massa dos meios de subsistência do trabalhador, mas, sim, a massa de dinheiro representada no salário. O capital-circulante constituído pelo capital variável é uma massa de valor adiantada no início do processo de trabalho, e apenas para aquele processo particular, sendo necessário a renovação deste adiantamento a cada novo processo, que retorna sempre por inteiro no valor da mercadoria final. O caráter do capital-circulante variável não advém de seu caráter material como meio de subsistência nem da natureza de sua forma de consumo, não advém, ainda, do caráter de ser certa capacidade de trabalho produtiva, mas advém, sim, de seu caráter formal, do modo como ele gira na esfera da circulação. *"Não são, portanto, os meios de subsistência do trabalhador que adquirem o caráter de capital fluido em oposição ao capital-fixo. Nem é também sua força de trabalho, mas é a parte do valor do capital-produtivo gasta nela que,*

[1092] OC II, p. 112 MEW 24, p. 164.

*em virtude da forma de sua rotação, adquire, conjuntamente com alguns e em oposição a outros elementos do capital constante, esse caráter"*[1093].

Do exposto até aqui Marx conclui o seguinte:

1) A duplicidade de forma fixa e circulante do capital é uma duplicidade exclusiva do capital-produtivo. Este, visto sob a ótica da produção do valor e da mais-valia, se duplicava em capital constante e variável. Agora este mesmo capital, visto sob a ótica do modo como ele gira na esfera da circulação e retorna ao bolso do capitalista, se duplica em capital-circulante e fixo. *"Somente o capital-produtivo, portanto, pode dividir-se em capital-fixo e capital fluido"*[1094]. Essa duplicidade não existe para as forma de capital-monetário e mercadoria. Ambas formas podem funcionar como capital de circulação em oposição ao capital-produtivo mas não podem nunca ser concebidas como formas fluidas do capital em oposição à forma fixa do capital-produtivo. Resumindo: capital-monetário, capital-produtivo e capital-mercadoria são modos de existência ou formas funcionais do capital-industrial; capital-fixo e capital-circulante são modos de existência do capital-produtivo na esfera da circulação do valor.

2) Essa diversidade da rotação do capital-produtivo deriva dos seguintes aspectos: em primeiro lugar do modo diverso como suas diferentes partes transferem seu valor ao produto e, em segundo lugar, da diversidade de formas materiais do capital-produtivo e de suas diferentes formas de consumo durante o processo de produção.

3) A rotação do capital-fixo abarca uma série de muitas rotações particulares do capital-circulante. O tempo total durante o qual gira por completo todo o capital-fixo inicialmente adiantado, compreende muitas rotações menores do capital-circulante dentro de seu ciclo completo. Enquanto o capital-fixo continua girando durante um tempo maior o capital-circulante realiza várias rotações dentro deste mesmo período de tempo.

---

[1093] OC II, p. 113 MEW 24, p. 166.

4) A parte do valor do capital-produtivo representado pelo capital-fixo deve ser adiantada por inteira no início do processo de produção. Esta parte é adiantada de uma única vez e deve estar por inteira em mãos do capitalista logo no início do investimento. Seu retorno ao capitalista, contudo, só ocorre gradualmente ao longo de vários processos de produção repetidos anualmente.

5) A parte do capital-produtivo gasta em capital-circulante é adiantada a cada repetição do processo de produção e não exige, portanto, que esteja inteiramente disponível no início do processo de produção. Como o capital-circulante retorna por inteiro junto com a venda da mercadoria o investimento exige uma soma menor de capital-circulante adiantado no início do ciclo em relação ao adiantamento com capital-fixo. A parte do capital-produtivo sob a forma circulante reingressa continuamente no ciclo do capital-produtivo logo após a venda da mercadoria. A parte representada pelo capital-fixo, ao contrário, só volta a ingressar no ciclo do capital-produtivo após o completo desgaste do meio de produção e sua necessária substituição por outro da mesma espécie.

6) A cada nova repetição do processo de produção novas formas materiais do capital-circulante ingressam no ciclo do capital-produtivo. O reinício da produção pressupõe a substituição da matéria prima e auxiliares consumidas por novos exemplares *in natura* da mesma espécie. Do mesmo modo a força de trabalho consumida no processo reingressa continuamente como força de trabalho materialmente renovada. Com os meios de produção ocorre algo inteiramente contrário. Como a mesma maquinaria, o mesmo prédio, o mesmo lote de terra etc., permanecem sendo utilizados em vários processos repetidos, seu ingresso renovado na produção *in natura* só ocorre após um longo período de tempo quando seus valores de uso foram completamente consumidos.

7) A substituição e o desgaste do capital-fixo pode ser determinado pelos seguintes fatores. Em primeiro lugar, pelo desgaste natural, pela ferrugem e a corrosão do tempo etc. Em segundo lugar, pelo uso normal durante o processo produtivo.

---

[1094] OC II, p. 114 MEW 24, p. 167.

Em terceiro lugar, pelo desgaste moral ou tecnológico, quando um novo exemplar mais barato e mais eficiente, como no caso da maquinaria, é lançado no mercado reduzindo o valor social e o tempo de vida útil do meio de produção antigo em atividade. Neste caso, parte do valor do meio de produção antigo se perde sem ser transferido ao valor de uma nova mercadoria. Em quarto lugar, um revolucionamento na técnica de produção e a substituição em massa dos meios de produção antigos por meios novos mais baratos e mais eficientes, pode ser provocado por crises e catástrofes econômicas indesejadas. *"São sobretudo catástrofes, crises, que impõem tal renovação prematura do equipamento das empresas em grande escala social"*[1095]. Tal renovação não programada tecnicamente, do mesmo modo que a renovação pelo desgaste moral, provoca perda de parte do valor do capital-produtivo e prejuízo para o capitalista. Por isso, a necessidade imanente do capital elevar a velocidade de sua rotação.

## 2.3. OS CICLOS DE ROTAÇÃO DO CAPITAL GLOBAL ADIANTADO

A rotação global do capital adiantado, vista anteriormente em suas determinações qualitativas, deve ser ainda observada em suas determinações quantitativas. A multiplicidade de formas do capital e as diferentes durações úteis do capital-fixo implicam na existência de uma multiplicidade de rotações particulares desta parte do capital-produtivo. Sua redução a uma mesma forma social se torna, portanto, necessária. *"É necessário, portanto, reduzir as rotações particulares das diversas partes do capital-fixo a uma mesma forma de rotação, de modo que estas difiram apenas quantitativamente, pela duração da rotação"*[1096]. Para racionalizar a análise é necessário reduzir a uma mesma forma social os vários períodos de depreciação das diferentes partes constituintes do capital-fixo. Marx toma como forma exemplar para análise a forma da depreciação de uma máquina no valor de 10 mil libras esterlinas que dure 10 anos. Tomado o ano como medida natural para se calcular o tempo de rotação, o tempo de rotação da máquina é de 10 anos e em cada período anual ela deprecia 1/10 de seu valor total. A cada ano retorna ao bolso do

[1095] OC II, p. 116 MEW 24, p. 171.

capitalista 1/10 do valor adiantado, mil libras esterlinas, e ao final dos 10 anos todo o valor adiantado terá retornado integralmente.

Se o capital-fixo total adiantado somar 80 mil libras esterlinas e seu tempo total de reprodução igualar a 10 anos, então a cada período anual 8 mil libras retornarão ao bolso do capitalista como capital-fixo. Se simultaneamente circular ao lado deste capital uma massa de capital-circulante no valor de 20 mil libras esterlinas que rote cinco vezes no ano, ou seja, que seu período de reprodução seja igual a 2,4 meses, então, apesar da massa global de capital originalmente adiantada somar 100 mil libras esterlinas (80 mil fixa + 20 mil circulante), rotará anualmente uma massa de valor igual a 108 mil libras esterlinas (8 mil fixa = 80.000/10 anos + 100 mil circulante = 20.000 x 5 rotações anuais).

Neste caso temos então o seguinte:

1. O capitalista adiantou no início do processo de produção uma massa de valor igual a 100 mil libras esterlinas, 80 mil libras em capital-fixo e 20 mil em capital-circulante.

2. No final do ano retornou a suas mãos uma soma de valor igual a 108 mil libras esterlinas, 8 mil libras equivalentes à depreciação do capital-fixo (80.000/10 anos) e 20 mil libras igual à rotação quintuplicada de seu capital-fixo adiantado originalmente (20.000 x 5 rotações).

3. O capital-fixo de 20 mil libras originalmente adiantado retorna como uma massa quintuplicada de 100 mil libras unicamente porque seu tempo particular de rotação é igual a 2,4 meses.

4. Enquanto 8 mil libras esterlinas retornam ao final do primeiro ano, permanecem ainda fixadas no corpo material dos meios de produção uma massa de valor igual a 72 mil libras esterlinas.

---

[1096] OC II, p. 125 MEW 24, p. 184.

5. A massa total de valor adiantada só retornará ao final de dez anos porque este é o tempo necessário para a completa depreciação do capital-fixo. Assim, anualmente passará uma massa de valor igual a 108 mil libras esterlinas pelo bolso do capitalista apesar da massa de valor adiantado ser igual a 100 mil libras e parte deste ainda permanecer fixado no corpo dos meios de produção em atividade. *"O valor-capital adiantado tem de descrever, portanto, um ciclo de rotações, nesse caso, por exemplo, um ciclo de 10 rotações anuais, sendo esse ciclo determinado pelo tempo de vida e, por conseguinte, pelo tempo de reprodução ou tempo de rotação do capital-fixo aplicado"*[1097].

O tempo médio de duração do capital-fixo tomado por Marx no exemplo anterior não é um mero tempo arbitrário idealizado por ele. Segundo Marx a vida média do ciclo anual da indústria, suas diferentes fases sucessivas de prosperidade, auge, crise e depressão, poderia ser medida em sua época por esta duração média dos meios de produção, especialmente a maquinaria. *"Pode-se admitir que para os ramos decisivos da grande indústria, esse ciclo de vida é atualmente de 10 anos em média"*[1098]. Esse ciclo industrial poderia ser encurtado impulsionado pela crescente revolução dos meios de produção e pela constante depreciação moral que segue tal revolução. Este revolucionamento na base técnica de produção e a constante necessidade de renovação dos meios de produção da indústria, formam uma importante base para o aparecimento de crises e a possibilidade do ciclo se interromper decorrente da desorganização do mercado: *"em virtude desse ciclo de rotações conexas [Zyklus von zusammenhängenden Umschlägen], que compreende uma série de anos, no qual está repetido por seu componente fixo, resulta uma base material das crises periódicas [materielle Grundlage der periodischen Krisen], nas quais o negócio passa por períodos sucessivos de depressão, atividade média, precipitação, crise"*[1099].

As crises e a desorganização da produção se tornam uma possibilidade porque os diversos capitais individuais ligam-se entre si por fios irracionais e invisíveis,

[1097] OC II, p. 126 MEW 24, p. 185.
[1098] OC II, p. 126 MEW 24, p. 185.
[1099] OC II, p. 126/127 MEW 24, p. 185/186.

porque o ritmo de desenvolvimento do capital num ramo da produção não é necessariamente o mesmo num outro ramo concorrente conexo, porque enquanto o ciclo de rotações do ramo decisivo da indústria segue determinado curso, o ciclo de rotações da indústria subsidiária que se desenvolve a seu lado segue um curso diferente. O choque entre os diferentes ciclos e tempos de rotação dos diferentes capitais industriais pode desembocar em crises de desproporção unicamente porque na sociedade capitalista impera a anarquia do mercado, porque a sociedade capitalista carece por completo de um centro decisório único que regule de modo consciente os diferentes tempos de rotação dos diferentes capitais individuais. As crises e a anarquia do mercado são uma possibilidade real porque na sociedade capitalista *"nada se realiza segundo um plano social [Gesellschaftlichem Plan], mas tudo depende de circunstâncias meios etc. infinitamente diversos com que opera o capitalista individual. Daí resulta grande desperdício das forças produtivas"*[1100]. E a ausência de um planejamento social que coordene racionalmente todos os ramos da produção entre si e evite o desperdício irracional de forças produtivas, de recursos naturais e humanos, é acompanhada pela miséria e pela degradação humana. A impossibilidade de coordenar num mesmo plano social todos os distintos ramos individuais da produção e convertê-los em elos conscientes de um único e mesmo movimento racionalmente articulado resulta do caráter privado da propriedade capitalista e do direito que o capitalista individual reivindica para si sobre a organização da produção social. A anarquia do mercado resulta da dualidade da mercadoria em valor de uso e valor e sua necessária conversão em valor de troca e do fosso existente, e nem sempre transponível, entre produção e consumo social.

## 2.4 EFEITO DO TEMPO DE ROTAÇÃO SOBRE A GRANDEZA DO ADIANTAMENTO DE CAPITAL

Tomemos, para simplificar o máximo possível, a seguinte suposição: que certo capital investido num ramo qualquer possua um tempo de produção de cinco semanas e igualmente um tempo de circulação de cinco semanas. Tempo total de rotação, portanto, igual a dez semanas. Que o tempo de produção seja igual ou diferente do tempo de trabalho

[1100] OC II, p. 118. MEW 24, p. 173.

pouco importa para nosso problema em questão. Suponhamos, ainda, que com dado adiantamento de capital-fixo o dispêndio com capital-circulante semanal seja igual a 100 libras. O período de trabalho requer para funcionar, portanto, um adiantamento em capital fluido de 500 libras esterlinas. Abstraídos os adiantamentos com capital-fixo e a mais-valia agregada ao produto, o valor do produto final será igual aos adiantamentos com capital-circulante.

Ao final de cinco semanas o capital-produtivo circulante adiantado estará convertido em capital-mercadoria igual a 500 libras esterlinas. Esta primeira operação precisa ainda ser completada pela operação seguinte, a conversão do capital-mercadoria em capital-monetário. Após cinco semanas de trabalho o produto precisa ainda passar mais cinco semanas na esfera da circulação para completar a conversão do capital-mercadoria em capital-monetário. Enquanto o produto permanece preso na esfera da circulação e o valor-capital fixado na forma material da mercadoria final, o capital-circulante adiantado inicialmente não poderá retornar à esfera da produção e aí reiniciar um novo ciclo produtivo. Ele terá ainda que esperar a realização do valor-capital em forma de mercadoria em valor monetário. Enquanto a realização do produto não se efetiva o capital-produtivo está, deste modo, impedido de reiniciar uma nova operação.

Após cinco semanas na esfera da produção o capital inicia seu giro na esfera da circulação e um novo ciclo de produção só poderá ser reiniciado após a décima semana. O intervalo de cinco semanas em que permanece circulando impede o capital de reiniciar novamente a produção logo após a quinta semana que encerra a fase da produção da mercadoria. Neste intervalo de tempo a produção permanece paralisada. Supondo que o ano possa ser divido em 50 períodos semanais iguais, então apenas metade do ano seria utilizada como tempo de produção e a outra metade seria utilizada como tempo improdutivo gasto na circulação. O capital gastaria 25 semanas do ano para produzir a mais-valia e a outra metade para realizá-la. Nesta segunda metade a fábrica permaneceria paralisada esperando o retorno do capital-circulante e sua necessária conversão nas formas materiais do capital-circulante. A cada cinco meses a produção seria paralisada esperando o retorno do capital-circulante.

Admitindo que a produção deva ser contínua, semana após semana, são possíveis, então, apenas dois casos para resolver esta contradição imanente ao capital.

Primeiro caso: a escala de produção teria de ser reduzida pela metade de modo que as 500 libras esterlinas adiantadas inicialmente cubram tanto o primeiro ciclo produtivo quanto o segundo em que o capital-mercadoria permanece circulando. Assim, enquanto parte do valor capital circula como capital-mercadoria no valor de 250 libras outra parte igual reinicia novo processo de produção. Deste modo, encerrada a quinta semana de trabalho enquanto metade do capital é lançado na circulação por mais cinco semanas, um novo capital de 250 libras esterlinas inicia nova produção logo no começo da sexta semana. Assim, todos os poros do tempo são preenchidos com tempo de produção e o capital consegue a façanha de eliminar o tempo morto da circulação que não lhe cria novo valor. Mas esta façanha, contudo tem um preço: a redução da escala de produção pela metade. Dado um certo mínimo de capital exigido para iniciar o negócio e do qual o capitalista individual não pode escapar e, dado ainda que este mesmo mínimo normal cresce constantemente com a acumulação capitalista, essa redução na escala de produção torna o negócio inviável.

Segundo caso: dado que a natureza do negócio impossibilita diminuir a escala de produção, então a continuidade regular da produção na mesma escala só poderá ser alcançada mediante um capital fluido adicional que cubra o tempo morto da circulação. No nosso caso ele teria de ser igual a 500 libras esterlinas. O capital fluido adiantado logo no início do negócio teria de ser, então, igual a 1.000 libras esterlinas e não 500 libras. Com um capital adicional de 500 libras o capital poderia preencher o tempo improdutivo da circulação com tempo de trabalho adicionando ao primeiro capital de 500 uma soma igual que compense sua paralisia na esfera da circulação. Aqui tomamos como pressuposto a abstração das relações de crédito e admitimos unicamente que este capital tem como fonte adicional seu próprio bolso e não o bolso alheio. Com novo capital adicional circulando ao lado do primeiro o capitalista pode, deste modo, converter todo tempo de circulação em tempo de produção. Sua função de servir ao capital e de converter todo o tempo dos homens, inclusive o seu próprio, em tempo voltado para a valorização do valor se completa com esta façanha. Todas as pausas improdutivas na esfera da circulação são eliminadas com novo capital adicional circulando ao lado do primeiro. Enquanto uma parte permanece esfolando os operários na esfera da produção, outra parte permanece fora dela circulando. A astúcia e gênio do capital encontram, assim, sua glória: após transformar a noite em dia e

os domingos e feriados em dias de trabalho ele agora transformou seis meses de trabalho em um ano.

Suponhamos que nosso tempo de circulação, por uma circunstância anormal, caia de cinco semanas para 2,5 semanas. O capital de 500 libras esterlinas lançado na esfera da circulação como capital-mercadoria reflui ao bolso do capitalista 2,5 semanas antes do esperado. Como nosso capitalista trabalha com capital adicional de seu próprio bolso, poderá reiniciar novo negócio ou, então, entesourá-lo momentaneamente na esfera bancária. Se operar com capital emprestado exercerá, então, menos pressão sobre a demanda por dinheiro. Se esta redução no tempo de circulação se estender a vários ramos da produção então haverá uma pletora de capital-monetário no mercado. Max evita comentar o efeito que este excesso de capital exerce sobre a taxa de juros, mas, antecipadamente, podemos concluir que haverá uma queda na taxa de juros por excesso de oferta monetária sem aumento na sua emissão por parte do sistema financeiro. Haverá, assim, um excesso de capital-monetário disponível no mercado, a produção poderá ser ampliada e novos capitalistas poderão pisar no palco do mercado tomando dinheiro excedente emprestado. *"Perdurando essa situação por mais tempo, a produção será ampliada onde isso for possível; capitalistas, que trabalham com capital emprestado, vão exercer menos demanda no mercado de dinheiro, o que alivia tanto quanto uma oferta mais ampla; ou, por fim, as somas que se tornaram excedentes para o mecanismo são definitivamente lançadas no mercado de dinheiro"*[1101].

Com a contração do tempo de circulação somas menores de capital-monetário serão necessárias para pôr em funcionamento a mesma escala de produção, supondo preços em geral estáveis etc., e somas maiores estarão a disposição no mercado de empréstimo de dinheiro. *"Daí se percebe como pode ocorrer uma pletora [Plethora] de capital-monetário [não só porque houve oferta adicional de dinheiro no mercado J.A]... mas no sentido de que determinada parte do valor-capital adiantado tornou-se supérflua para a operação do processo de reprodução social em seu conjunto... mediante a mera contração do período de rotação"*[1102].

Se supusermos um evento contrário, que o tempo de circulação se estenda além do tempo normal, então o processo de produção entra em confusão e paralisia por uma

[1101] OC II, p. 198 MEW 24, p. 285.

carência de dinheiro. Se o capitalista não possuir dinheiro adicional que cubra este tempo atrasado ele terá que buscá-lo no mercado de dinheiro. Se o prolongamento do tempo de rotação do capital for um evento generalizado, então esta demanda adicional por dinheiro poderá acarretar uma pressão no preço do dinheiro, elevando sua taxa de juros. *"Também nesse caso é visível e evidente que essa pressão, como antes aquela pletora [Plethora], não tinha nada a ver com uma alteração, seja nos preços das mercadorias, seja ainda na massa dos meios de circulação disponíveis"*[1103].

Este capítulo possui uma longa e cansativa exposição matemática que procuramos suprimir. Engels, visivelmente irritado com os confusos raciocínios matemáticos de Marx, ele chega a dizer que Marx desconhecia os minuciosos artifícios da contabilidade financeira do capitalista, procura esclarecê-los em quase uma página adicionada entre colchetes. Para nós importa compreender o seguinte: apesar das oscilações no mercado de dinheiro que possam advir de uma modificação nos preços das mercadorias ou de uma emissão irregular de dinheiro por parte dos organismos financeiros, os movimentos na oferta e demanda por dinheiro podem, e devem, ser compreendido como movimentos derivados das oscilações no período de rotação do capital-produtivo, aqui, em especial, do período de circulação. Marx ainda mostrará nas páginas seguintes, que nós aqui não analisaremos, que uma maior liberação de capital-monetário pode surgir de uma revolução no preço das matérias-primas e auxiliares. Se o preço destes materiais cair consideravelmente a mesma escala de produção poderá se repetir com uma massa menor de capital-monetário liberando, assim, capital na forma monetária para empréstimo. Se os preços se elevarem o efeito será o contrário, o mercado de dinheiro tende a se encolher e com isto surge a carência de dinheiro para manter a escala de produção normal.

Marx procura mostrar neste árduo e enfadonho capítulo (Capítulo XV Efeito do Tempo de Rotação Sobre a Grandeza do Adiantamento de Capital - Lv II, Vol III) que apesar da esfera da circulação monetária mostrar que a oferta e demanda por dinheiro possui raízes na própria esfera da circulação monetária, seus fundamentos devem ser encontrados na análise do processo de rotação do capital-produtivo, processo que está além das aparências superficiais do mercado financeiro e para o qual as oscilações do capital-

[1102] OC II, p. 198 MEW 24, p. 285.
[1103] OC II, p. 199 MEW 24, p. 286.

monetário representam apenas momentos evanescentes das oscilações na rotação do capital-produtivo.

No capítulo seguinte onde analisa a rotação do capital variável suas conclusões aparecem mais claras. Quanto mais curto o período de rotação do capital, isto é, quanto mais curtos forem os períodos em que se renovam seus prazos de reprodução durante o ano, tanto mais rapidamente reflui de volta ao bolso do capitalista o capital-circulante sob a forma-dinheiro adiantado no início do processo. Quanto mais curto for o período de circulação e rotação global do capital, tanto menos dinheiro disponível o capitalista precisa ter em mãos antes de começar seus negócios, pois tanto mais rapidamente o capital reflui às suas mãos após iniciado o processo de produção. *"Um dos resultados gerais da investigação até aqui é que, conforme as diferentes grandezas dos períodos de rotação, capital-monetário de volume muito diversificado precisa ser adiantado para colocar a mesma massa de capital-circulante produtivo e a mesma massa de trabalho, com o mesmo grau de exploração do trabalho, em movimento"*[1104].

A contradição entre o tempo de produção e o tempo de circulação e o efeito que esta contradição exerce sobre os movimentos do capitalista individual brotam da natureza dual da forma-mercadoria do produto. A imprevisibilidade e a incerteza quanto ao futuro dos negócios é típica da produção capitalista e não existe fora dela. Essas transações sociais que os homens realizam entre si próprios e que aparecem como transações misteriosas e fora de seu controle, poderiam ser eliminadas unicamente numa sociedade comunista. *"Pensemos a sociedade como não sendo capitalista, mas comunista: então o capital-monetário desaparece completamente, portanto também os disfarces das transações que dele decorrem"*[1105].

Enquanto a sociedade for capitalista e as transações sociais se realizarem mediadas pela forma-dinheiro da riqueza, então estas transações continuarão aparecendo na consciência oca dos capitalistas, e do mesmo modo na consciência enganosa dos trabalhadores, como relações entre coisas e personagens fantasmagóricos que os homens não controlam. Numa sociedade comunista estas complexas transações de mercado são resolvidas organizando de antemão racionalmente a produção, distribuindo os diversos fatores da produção segundo um planejamento social previamente elaborado pelos próprios

[1104] OC II, p. 220 MEW 24, p. 316.

produtores diretos. *"A coisa se reduz simplesmente ao fato de que a sociedade precisa calcular de antemão quanto trabalho, meios de produção e meios de subsistência ela pode, sem qualquer quebra, aplicar em ramos de atividade que, como a construção de ferrovias, não fornecem por um tempo mais longo, um ano ou até mais, meios de produção nem meios de subsistência do produto total anual"*[1106].

Como certos ramos da produção apenas repõem o que consomem da despensa social após um longo período de tempo, como no caso da construção de ferrovias e outros investimentos de longo prazo que durante um tempo prolongado apenas consomem sem ofertarem outro produto em troca, a desproporção entre produção e consumo numa sociedade comunista que organiza racionalmente estas proporções poderia ser evitada mediante um cálculo antecipado pela sociedade. Como na sociedade capitalista este cálculo é feito pelo capitalista individual, que o faz desconsiderando os interesses da sociedade, mas apenas os seus próprios interesses privados, uma desproporção entre produção e consumo se torna impossível de ser evitada. *"Na sociedade capitalista, pelo contrário, onde a racionalidade social só se faz valer sempre post festum, podem e tem de ocorrer constantemente grandes perturbações"*[1107]. Onde a sociedade está alienada do planejamento racional da produção e a liberdade privada impera como regra geral, a anarquia e as perturbações na produção são inevitáveis.

Se tomarmos como dado certo grau de consumo social, isto é, se abstrairmos a demanda por mercadorias em geral, seja ela alta ou baixa no polo da classe trabalhadora, uma superprodução de mercadorias além da demanda solvente pode ter como base a ausência desta ordem racional que calcula previamente a distribuição do trabalho social dentro da sociedade a partir das necessidades emanadas do consumo. Uma crise por carência de compradores pode surgir porque determinadas mercadorias foram produzidas além das necessidades solventes da sociedade. O investimento feito em determinado ramo da produção se revela, *post festum*, como um investimento inútil para a sociedade. Uma crise de superprodução se torna possível porque a proporção correta entre produção e consumo só é alcançada *post festum* nas relações incertas do intercâmbio de mercadorias. A desproporção só poderia ser corrigida, ainda incertamente, após um novo ciclo de negócios.

---

[1105] OC II, p. 220 MEW 24, p. 316.
[1106] OC II, p. 220 MEW 24, p. 316/317.
[1107] OC II, p. 220 MEW 24, p. 317.

O fabricante teria que contar com a sorte de além de seus concorrentes diminuírem a oferta, que ainda o gosto e a preferência da sociedade, sempre oscilante, não se modifiquem.

A conclusão de Marx sobre o complexo mecanismo da rotação do capital não deixa dúvidas sobre seus objetivos com a exposição. *"O que, portanto, aparece [erscheint] como crise no mercado de dinheiro expressa [ausdrückt], de fato, anomalias no próprio processo de produção e de reprodução"*[1108]. O objetivo desta exposição foi desmistificar os mistérios enganosos da esfera da circulação monetária, de seus noticiários vazios que atribuem as oscilações do ciclo econômico e as perturbações na esfera da produção aos erros da política monetária do governo, às imprevisões e incertezas do mercado monetário, às expectativas dos agentes econômicos, sejam financistas ou fabricantes e, enfim, ao psicologismo dos manuais de macroeconomia acadêmica.

## 2.5. A CIRCULAÇÃO DA MAIS-VALIA

Vimos no Livro Primeiro que a mais-valia pode circular de duas formas: como renda ou como capital. Como renda o capitalista a converte em fonte de bem-estar pessoal e como capital ele a utiliza para ampliar seu negócio. A partir daqui começamos a enfrentar a mais decisiva de todas as questões do Livro Segundo: como se realiza a mais-valia do capitalista? O problema da realização da mais-valia é o mais fundamental de todos os problemas na compreensão da crise do capital na altura do Livro Segundo.

Marx começa esta questão do mesmo modo como encerrara a questão anterior, desmistificando os fenômenos superficiais da esfera do capital-monetário. Cita por quase duas páginas inteiras a crítica de William Thompson às concepções vulgares dos economistas monetaristas sobre os fundamentos da riqueza. Diz Thompson:

> *A massa de riqueza realmente acumulada, do ponto de vista de sua grandeza, (...) é tão insignificante se comparada com as forças produtivas da sociedade a que ela pertence, qualquer que seja seu nível de civilização... tão insignificante que a atenção maior dos legisladores e economistas*

[1108] OC II, p. 223 MEW 24, p. 320.

> *políticos deveria dirigir-se para as forças produtivas e seu desenvolvimento livre futuro, não porém, como até agora, para a mera riqueza acumulada que salta à vista.*[1109].

Mais do que observar os fenômenos superficiais da estatística da riqueza econômica anual, especialmente a estatística das fontes de riqueza entesourada na esfera financeira, Thompson adverte que a Economia Política deveria se preocupar com os fundamentos desta riqueza e, ainda, com a extensão da riqueza sob a forma de capital-produtivo que fundamenta a riqueza monetária atual e futura.

> *Daquilo que é chamado de riqueza acumulada, de longe a maior parte é apenas nominal, não consistindo em quaisquer objetos reais, como navios, casas, mercadorias de algodão, melhorias na terra, mas de meros títulos jurídicos diretos sobre as futuras forças produtivas anuais da sociedade, títulos jurídicos engendrados e perpetuados pelos expedientes ou instituições de segurança.*[1110]

A atualidade das palavras de Thompson, que Marx cita corroborando, são espantosas. A irracionalidade e veneração da economia burguesa de nosso tempo frente às formas meramente nominais da riqueza certamente espantariam Thompson muito mais do que em sua época.

Thompson, visivelmente indignado com os louvores vulgares às formas evanescentes da riqueza em suas formas monetárias diz que;

> *a riqueza que anualmente é consumida desaparece com seu consumo; ela é vista apenas por um momento e só produz impressão enquanto está sendo usufruída ou usada. Mas a parte da riqueza que é de consumo lento, como móveis, máquinas, prédios, está diante de nossos olhos, da infância até a velhice, em momentos perenes do esforço humano.*[1111]

---

[1109] OC II, p. 226 MEW 24, p. 324.
[1110] OC II, p. 226 MEW 24, p. 324.
[1111] OC II, p. 226 MEW 24, p. 324.

O que a riqueza na forma monetária esconde é exatamente este esforço perene da humanidade para produzi-la. A forma monetária acabada da riqueza esconde metafisicamente em seu resultado, todo o processo de produção anterior que a fundamenta. Por isso o esforço de Marx em desvelar as falsidades da esfera da circulação monetária e compreendê-la a partir das determinações internas do capital-produtivo.

### 2.5.1. Reprodução simples

A reprodução simples ocorre quando toda a mais-valia é consumida improdutivamente pelo capitalista e a escala de produção, por isso, se reproduz inalterada ano após ano.

Marx começa desvelando o problema da realização da mais-valia analisando-a na esfera da produção monetária, isto é, na esfera da produção metálica de ouro e prata. Aqui se supõe que dinheiro é unicamente ouro e prata. A mais-valia, como sabemos, é a parte excedente da produção que permanece em mãos do capitalista individual. Contudo, para que ela possa ser realizada socialmente parte dela deve existir como dinheiro. Uma certa soma excedente de produto só pode ser realizada por certa soma excedente de dinheiro. Dada a divisão social do trabalho capitalista, mais dinheiro se troca por mais-produto. *"Mesmo supondo a reprodução simples, parte da mais-valia precisa portanto existir constantemente em dinheiro e não em produto, pois senão não poderia transformar-se, tendo em vista o consumo, de dinheiro em produto"*[1112]. Para simplificar a análise da realização da mais-valia pressupomos que a massa de dinheiro que a irá realizar existe unicamente na forma metálica de ouro ou prata. *"Para simplificar a coisa, pressupõe-se a forma mais simples do problema, ou seja, a circulação exclusiva de dinheiro metálico, de dinheiro que é equivalente real"*[1113]. Todas as formas puramente nominais e jurídicas da riqueza serão, portanto, abstraídas de nossa análise.

De acordo com as leis da circulação simples de mercadorias estudadas no Livro Primeiro, a massa de dinheiro metálica existente no país deve ser suficiente não apenas para fazer as mercadorias circularem livremente, mas deve, ainda, ser suficiente para cobrir as oscilações periódicas da circulação monetária. A massa metálica total é a

[1112] OC II, p. 228 MEW 24, p. 326.

soma da massa entesourada com a massa circulante. Para reduzir o problema à sua máxima simplicidade supomos que toda massa metálica é produzida internamente no país, supomos que não existe, portanto, importação de ouro e prata. Ou se quisermos, coisa que dá no mesmo, devemos abstrair as fronteiras nacionais e supor a existência de um único mercado mundial de mercadorias e de dinheiro.

A fórmula da circulação do capital-monetário na esfera da produção de ouro e prata é D – M ...P... D'. A mercadoria ouro ou prata já sai da esfera da produção como dinheiro valorizado e não como mercadoria a ser realizada. Ele entra na esfera da circulação diretamente como dinheiro e realiza, portanto, apenas o segundo momento da circulação, a conversão do dinheiro em meios materiais de produção (D – M).

Analisemos primeiro a natureza do capital-circulante constante e variável adiantado. O capital inicialmente adiantado não reflui ao bolso do capitalista somente após realizar o primeiro ato da circulação, a conversão do produto em dinheiro. A reconversão nas formas naturais de matéria prima e força de trabalho pode ser realizada logo após seu lançamento no mercado. O capital circulante *" sai do processo de produção para a esfera da circulação não na forma de capital-mercadoria que se retransforma em capital-monetário, mas como capital-monetário que se retransforma em capital-produtivo, isto é, que deve comprar de novo força de trabalho e materiais de produção"*[1114]. No ramo produtor de ouro a parte circulante constante e variável já sai realizada do processo de produção. O único período de circulação é aqui o período de compra de força de trabalho e de matéria circulante do capital-produtivo constante.

Admitindo que este capital seja igual a 500 libras esterlinas, então a cada nova repetição do processo de produção mais 500 libras são lançadas na circulação sob a forma de dinheiro metálico. *"Aqui, pelo contrário, em cada período de rotação nova massa de dinheiro adicional de 500 libras esterlinas é lançada do próprio processo de produção na circulação, para retirar dela materiais de produção e força de trabalho"*[1115]. Ao contrário de um ramo que lança seu produto na circulação como capital-mercadoria para dela retirar dinheiro na forma metálica de ouro ou prata, o ramo da produção de ouro e prata lança dinheiro na circulação para dela extrair mercadorias.

---

[1113] OC II, p. 228 MEW 24, p. 326/327.
[1114] OC II, p. 229 MEW 24, p. 328/329.
[1115] OC II, p. 229/230 MEW 24, p. 329.

Analisemos em segundo lugar a parte variável desse capital-circulante. Admitindo que o capital-circulante variável seja igual a 100 libras esterlinas e que o capital contrata novamente os trabalhadores com mais-valia por eles mesmos produzida, então *"o produtor de ouro paga a seus trabalhadores diretamente com uma parte do ouro por eles mesmos produzidos"*[1116]. A parte variável do capital no valor de 100 libras esterlinas já sai realizada da esfera da produção na forma de ouro. Cabe unicamente renovar o contrato de trabalho com os trabalhadores com o ouro por eles próprios produzido. A conversão deste ouro em meios de subsistência será função dos trabalhadores e não do capitalista.

Analisemos em terceiro lugar o refluxo e a realização do capital-fixo. O início do negócio exige uma soma grande de capital adiantado. Seu refluxo ao bolso do capitalista, porém, não exige a conversão do capital-mercadoria em capital-monetário, pois ele já sai do processo de produção, como o capital-circulante, na forma solvente do capital-monetário. Ele ainda reflui em parcelas pouco a pouco ao longo dos anos, mas reflui diretamente como ouro e não como capital-mercadoria a ser realizado.

Por último, no que tange a mais-valia, ela também sai do processo de produção sob a forma líquida de valor valorizado e pode imediatamente ser convertida em meios de consumo pessoal do capitalista e sua família. Considerando que ela seja de 100 libras esterlinas, o capital a obtém imediatamente após o processo de produção, como todos os demais elementos do capital-fixo e circulante, como dinheiro excedente.

Resumindo: abstraindo o montante monetário de capital-fixo, o capital-circulante constante somou 400 libras esterlinas, o capital-circulante variável montou 100 libras e a mais-valia somou mais 100 libras esterlinas. O capitalista produtor de ouro, diferente de todos os outros capitalistas individuais, não lança seu produto no mercado como capital-mercadoria em busca da realização do valor, ele o lança diretamente como dinheiro e extrai do mercado de mercadorias os elementos naturais do capital-circulante constante e os elementos naturais da mais-valia, meios de subsistência e de luxo, que ele mesmo consome improdutivamente. Os elementos do capital-circulante variável são extraídos pelos trabalhadores na forma de meios de subsistência. O intercâmbio do produtor de ouro com a multiplicidade dos outros capitalistas produtores de mercadorias em geral, realizou-se com um valor montante de 600 libras esterlinas. Ele lançou na circulação ao

[1116] OC II, p. 230 MEW 24, p. 329/330.

final do processo um montante de 600 libras diretamente em dinheiro na forma metálica e retirou da circulação um montante de mercadorias igualmente no valor de 600 libras esterlinas. Todas as trocas se compensaram reciprocamente.

Neste exemplo Marx demonstra de modo simples e claro, sem os mistérios do mercado financeiro, como a realização de todo o produto do ramo da produção de ouro torna-se possível sem as intervenções fantasmagóricas da riqueza puramente nominal da sociedade. Marx pode demonstrar como simultaneamente ao processo de produção do dinheiro, compra e venda de mercadorias se compensam reciprocamente e a totalidade do produto social se realiza sem transtornos. Esta reciprocidade entre compra e venda de produtos e a compensação de todos os pagamentos pode ser representada deste modo claro porque aqui tomamos como objeto de análise a forma mais simples do problema, a circulação exclusiva de dinheiro metálico, de dinheiro que é equivalente real direto. Esta análise pode ser esclarecida porque todas as relações do capital minerador foram tomadas como relações de um capital consigo mesmo. Ao analisar um tipo especial de capital que produz diretamente seu produto na forma solvente do dinheiro metálico, podemos abstrair a multiplicidade efetiva de capitais e as relações reciprocas que eles estabelecem entre si na realização do produto social. Cabe agora compreender, do mesmo modo como compreendemos a relação do capital minerador como uma relação consigo própria, analisar a relação da multiplicidade individual de capitais como uma relação do capital consigo mesmo. Assim como o capital minerador pode realizar todo seu produto social sem estabelecer relações externas a ele próprio, cabe agora compreender como será possível à multiplicidade empírica dos capitais realizar o produto social total sem buscar compensar suas trocas com personagens diferentes dos personagens típicos da sociedade capitalista. Este é o problema central do Livro Segundo.

Se todos os capitalistas em conjunto atuam como compradores de uma massa de mercadorias de valor igual a M = c + v (MP + FT) e lançam no mercado uma massa de valores igual a M = c + v + mv, de onde vem o dinheiro necessário para realizar a mais-valia do capitalista? De que mãos surge o dinheiro que realiza a mais-valia do capital social? A realização do capital-fixo, do capital-circulante constante e do capital-circulante variável parece ser por si mesma evidente: estes valores já existiam antes do processo das trocas como dinheiro adiantado pelo capital. Porém, de onde vem o dinheiro necessário

para realizar o novo valor criado pelo processo de produção? A demanda necessária para realizar o capital constante vem do próprio capitalista e a demanda por meios de subsistência vem do próprio trabalhador. De onde vem a demanda necessária para realizar o mais-produto do capitalista? *"Essa pergunta, à primeira vista, parece difícil, e nem Tooke nem qualquer outro a respondeu até agora"*[1117]. Esta é uma questão que intrigou a Economia Política antes de Marx e mesmo depois dele no interior do marxismo com as discussões ocorridas na Internacional Socialista de Rosa Luxemburg e Kautski.

A questão, esclarece Marx, não deve ser confundida com a questão de onde vem a mais-valia do capital. Esta, para a economia burguesa é evidente por si mesma, ela a toma sempre como suposta e nunca como problema. Para nós Marx já a esclareceu no Livro Primeiro. A questão é exatamente esta: quem são os consumidores da mais-valia do capitalista? Ou então: de onde vem a massa de dinheiro necessária para realizar a mais-valia? Como vimos, o trabalhador só pode consumir uma massa de riqueza igual a seu capital variável e o capitalista, como fanático da produção, para agradar os desejos do ser capital reverte constantemente sua renda em capital. De onde vem, por isso, a demanda pela produção excedente do capital?

Para Marx, como citamos acima, esta questão parece difícil apenas a primeira vista. Para ele a questão é extremamente simples. Ele a coloca do seguinte modo:

> *suponhamos que o capital-circulante adiantado em forma do capital-monetário de 500 libras esterlinas, qualquer que seja seu período de rotação, seja o capital total circulante da sociedade [zirkulierende Gesamtkapital der Gesellschaft], isto é, da classe capitalista [Kapitalistenklasse]. Que a mais-valia seja de 100 libras esterlinas. Ora, como pode toda a classe capitalista [ganze Kapitalistenklasse] retirar constantemente 600 libras da circulação, se ela constantemente lança nela apenas 500 libras esterlinas?*[1118]

A questão posta por Marx pode ser assim resumida: se tomarmos como pressuposto que os mesmos agentes da produção do capital são os agentes do consumo, se

[1117] OC II, p. 231 MEW 24, p. 332.

tomamos como pressuposto que na sociedade capitalista os únicos agentes que se põem numa relação de troca são trabalhadores e capitalistas, para quem a classe dos capitalistas vende sua produção excedente? Para os trabalhadores obviamente que não, estes consomem unicamente um volume de riqueza equivalente ao volume adiantado pelo capitalista na forma de capital variável. Para si mesmo, do modo como Marx põe capciosamente a questão, obviamente que não, pois aí é a totalidade dos capitalistas que se põem numa relação de troca com um agente do consumo que ainda deve ser explicado. Observemos melhor a questão: o produto total da sociedade, e não de um capitalista individual, soma 600 libras esterlinas, destas, 100 constituem a mais-valia. Como pode toda a classe capitalista, e não um capitalista em particular, retirar constantemente 600 libras esterlinas da circulação se ela lança apenas 500? Se a classe inteira dos capitalistas produz seu produto como um não valor de uso para si mesma, se produz seu produto como valor de uso unicamente para o alheio, de onde vem a demanda necessária para realizar a produção excedente na forma de mais-valia? Se a classe inteira dos capitalistas produz seu produto como mercadoria e tem na produção vistas unicamente para o valor de troca, quem são os compradores da massa excedente de riqueza gerada pela sociedade capitalista? Se o conjunto dos capitalistas individuais demanda uma soma de riqueza igual a M = c + v e lança no mercado após o processo de produção uma massa igual a M' (M = c + v + m), quem serão os compradores da massa excedente na forma de m? Se a classe inteira dos trabalhadores só consome uma massa de riqueza igual a massa de capital variável e a pressão exercida pela concorrência força cada capitalista individual a reduzir seu consumo pessoal na forma de renda, quem consumirá a produção excedente da classe inteira dos capitalistas? Se em nossa hipótese há apenas duas classes consumidoras da sociedade, a classe trabalhadora e a classe capitalista, se em nossa hipótese abolimos todas as terceiras classes de consumidores que não sejam capitalistas e operários, quem consumirá a mais-valia da classe inteira dos capitalistas?

Se a questão fosse posta em termos de um capitalista individual a resposta apareceria como uma coisa evidente. A massa de mais-valia de 100 libras, esteja ela na forma de meios de produção, de subsistência ou de luxo, seria realizada vendendo-a para outro capitalista. Nada mais simples de responder se a questão fosse posta nestes termos.

---

[1118] OC II, p. 231 MEW 24, p. 332.

Porém, se 100 libras esterlinas é a mais-valia da totalidade da classe capitalista, quem são os compradores deste excedente? Este é o verdadeiro problema posto por Marx. Problema que ele mesmo considera difícil somente na aparência. As 500 libras na forma de capital-circulante encontram sua explicação no próprio problema: a parte que corresponde ao capital-circulante constante será realizada pela própria classe capitalista para repor os materiais necessários à renovação do processo de produção; a parte que corresponde ao capital-circulante variável será realizada pelos próprios trabalhadores na forma de salário. E a mais-valia, quem a realizará?

> *A resposta geral já está dada... O próprio problema portanto não existe [Das Problem selbst existiert also nicht: em itálico no original]... À medida que aqui existe um problema, ele coincide com o problema geral: de onde provém a soma de dinheiro necessária à circulação das mercadorias num país. No entanto, do ponto de vista da produção capitalista, existe todavia a aparência [Schein] de um problema especial.*[1119]

O problema da realização da mais-valia não é considerado por Marx, portanto, como um problema diferente do problema que envolve a realização da massa de mercadorias em geral posta na circulação. O dinheiro que realiza a massa da mais-valia deve sair do mesmo bolso que realiza a massa das mercadorias em geral. O que está sendo posto em discussão nesta questão é, sobretudo, o seguinte: a sociedade capitalista, a totalidade da classe capitalista, possui ou não a necessidade de uma terceira classe de consumidores improdutivos para consumir sua mais-valia? Marx esclarece esta questão do seguinte modo. O problema da realização da mais-valia é um problema inteiramente diferente de sua repartição entre diferentes camadas da sociedade. Todas as terceiras pessoas, em especial as camadas parasitárias mantidas pelos próprios capitalistas individuais e a classe dos proprietários de terras, são camadas que participam da repartição da mais-valia com o capitalista industrial. Coisa totalmente diferente da repartição da mais-valia é sua realização social. *"Todas as terceiras categorias de pessoas [dritten Personenrubriken], necessariamente, recebem dinheiro dessas duas classes por serviços*

[1119] OC II, p. 233 MEW 24, p. 334.

*prestados [da classe trabalhadora e da classe capitalista J.A] ou, à medida que o recebem sem contrapartida, são coproprietários da mais-valia em forma de renda, juros etc"*[1120].

A resposta dada por Malthus, para quem a realização da mais-valia deveria caber à classe dos proprietários fundiários, não possui nenhum fundamento racional porque o consumo desta classe é um consumo derivado do consumo da classe capitalista rural, o proprietário fundiário só participa do consumo da mais-valia porque antes ela se repartiu entre ele e o arrendatário do campo. O dinheiro que se encontra no bolso do proprietário fundiário só está lá porque antes ele esteve no bolso do arrendatário capitalista, porque antes a mais-valia teve que ser realizada e convertida em dinheiro. A questão central é exatamente esta: de onde vem o dinheiro que realiza a mais-valia que depois se reparte entre estas camadas parasitárias da sociedade? A questão não é exatamente quem consumirá a mais-valia em sua forma natural, mas, sim, de onde vem o dinheiro para realizá-la. A origem do dinheiro posto no bolso do proprietário fundiário é um dinheiro que deve ainda ser explicado. Como ele chega até as mãos do proprietário fundiário é um problema que Marx só irá explicar no Livro Terceiro quando analisar o processo de repartição da mais-valia entre os diferentes capitalistas entre si e o problema da renda fundiária. *"Que a mais-valia não permaneça inteiramente no bolso do capitalista industrial [industriellen Kapitalisten], mas que este tenha de reparti-la com outras pessoas, não tem nada a ver com a questão em pauta. Pergunta-se como ele converte sua mais-valia em prata, não como a prata obtida posteriormente se reparte"*[1121].

O problema e as respostas postas por Marx, revelam simultaneamente muitos aspectos de seu método de exposição. Antes de refletirmos sobre o problema da repartição da mais-valia entre os diferentes capitais individuais entre si, e mesmo entre diferentes camadas sociais parasitárias, há uma questão fundamental que o antecede: como esta mais-valia se realiza antes de se repartir entre diferentes bolsos? Aqui foram abstraídas, portanto, todas as relações sociais da sociedade capitalista que não sejam relações sociais puras entre capitalistas e trabalhadores, as relações derivadas desta relação só serão estudas posteriormente no Livro Terceiro. Aqui cabe ainda considerar a sociedade capitalista em sua forma pura e a classe dos industriais capitalistas como a única classe a representar o capital. A classe dos comerciantes e banqueiros, assim como a dos proprietários fundiários,

[1120] OC II, p. 233 MEW 24, p. 334/335.

estão abstraídas de nossa análise. *"Portanto, em nosso caso, o capitalista [industrial] precisa ser ainda considerado como o único dono da mais-valia em prata, não como a prata obtida posteriormente se reparte"*[1122]. Mesmo o consumo do trabalhador deve ser visto como um consumo derivado do capital. O dinheiro em mãos do trabalhador na forma de salário deve também, assim como todas as somas de capital adiantado, existir antes nas mãos do capitalista industrial como capital variável.

O capital e o capitalista devem ser concebidos, portanto, como ponto de partida e de retorno de todas as somas monetárias em circulação no mercado. Todas as demais classes da sociedade participam do consumo social como classes derivadas do capital. *"A classe dos capitalistas [Kapitalistenklasse] continua a ser, portanto, o único ponto de partida da circulação monetária"*[1123]. Todas as somas adiantadas sob a forma de capital-fixo e circulante partem de seu próprio bolso e a ele retornam em primeira mão antes de novamente se distribuírem nos diferentes pontos de consumo da sociedade. A classe capitalista se apropria de um valor de 500 libras esterlinas ao final do processo de rotação do capital-circulante apenas porque lançara antes um valor igual na forma de adiantamento. Porém, como ela pode se apropriar de um valor monetário de 600 ao final do processo se no início ela lançou apenas 500? De onde vem a massa excedente de dinheiro de 100 libras esterlinas que retornam às suas mãos? De onde parte esta soma de 100 libras que se depositam no bolso da classe capitalista? Que classe a lança no mercado?

Se em nossa hipótese há apenas trabalhadores e capitalistas intercambiando entre si podemos, logicamente, excluir o trabalhador de nossa resposta. A soma de dinheiro depositada em mãos do trabalhador retorna ao capitalista na forma adiantada do capital-circulante variável. Já retornaram como parte alíquota da soma de 500 libras esterlinas. Se a totalidade da classe capitalista lança no mercado uma soma de valores correspondente a 500 libras esterlinas e recebe no final do processo uma soma de 600 libras, de onde surgiu o excedente de 100 libras? As 500 libras, já sabemos, foram lançadas pelos próprios capitalistas, era uma soma de dinheiro que eles possuíam antes de iniciar o processo. Cada capitalista começa seu negócio, como já sabemos desde o Livro Primeiro, com certo quantum de capital-monetário que deseja, por meio de determinados processos, convertê-lo

---

[1121] OC II, p. 233 MEW 24, p. 335.
[1122] OC II, p. 233 MEW 24, p. 335.
[1123] OC II, p. 234 MEW 24, p. 335.

em mais dinheiro. A questão é exatamente esta: se a totalidade da classe capitalista parte no início do processo com uma soma de capital-monetário igual a 500 libras esterlinas e obtém ao final dele uma soma monetária de 600, de onde veio esta soma excedente de 100 libras esterlinas? Rosa Luxemburg[1124] responde dizendo que esta soma adicional de dinheiro será posta pelas terceiras pessoas compostas por compradores fora da sociedade capitalista.

Voltamos a esclarecer: a questão posta aqui não é como esta soma de valor se valorizou. Esta questão já fora esclarecida no Livro Primeiro. A questão posta aqui é a seguinte: nossa classe inteira de capitalistas adiantara no início do processo uma soma de 500 libras esterlinas que convertera em capital-circulante constante e variável. Para facilitar o problema abstraímos aqui os adiantamentos com capital-fixo. Ao final do processo a mesma classe capitalista obtém uma soma de dinheiro no valor de 600 libras. Há, portanto, um valor-capital embolsado pela classe inteira dos capitalistas que excede em 100 libras esterlinas. Retornaram ao bolso da classe capitalista além das 500 libras esterlinas adiantadas como capital-circulante uma soma de 100 libras esterlinas que não existia no início do processo. Já sabemos que a soma excedente de produto saiu da exploração do trabalhador. A questão, contudo, é: de que bolso saiu a soma excedente de dinheiro que realizou a mais-valia da sociedade inteira? Do bolso do trabalhador não pode ser, esta hipótese já foi por nós logicamente excluída. Do bolso de uma terceira classe de compradores também não poderá ser, já que excluímos de nosso problema todas as terceiras classes da sociedade que não sejam capitalistas industriais e trabalhadores fabris. *"Como pode ela [a classe inteira dos capitalistas J.A] retirar 600 libras esterlinas constantemente da circulação se lança constantemente só 500 libras esterlinas nela? Nada vem do nada. A classe global dos capitalistas [Gesamtklasse der Kapitalisten] não pode retirar nada da circulação que não tenha sido antes lançada nela"*[1125].

Como já anunciara Marx, a questão posta aqui é uma falsa questão e sua resposta já está pressuposta no próprio problema. Todo capitalista que pretenda viver da mais-valia deve possuir antes de iniciar seu negócio uma soma de dinheiro extra que cubra os custos com sua manutenção até o momento em que a mais-valia se deposite pela primeira vez em suas mãos. Se nosso capital de 500 libras esterlinas leva cinco semanas para realizar uma rotação completa, então apenas ao final desta quinta semana o capitalista

[1124] Rosa Luxemburg. Op. cit.

poderá se apropriar das 100 libras esterlinas que retornam juntas como mais-valia. Neste intervalo de cinco meses, como diz o ditado popular saco vazio não pára em pé, nossa classe capitalista deve dispor antecipadamente, além da soma de 500 libras esterlinas em capital-circulante, de uma soma de 100 libras esterlinas que garanta seu consumo enquanto a primeira massa de mais-valia ainda não está recolhida em seu bolso. A mais-valia de 100 libras esterlinas é realizada, então, pela própria classe capitalista, a massa adicional de dinheiro que realiza a mais-valia total deve partir, portanto, do bolso do próprio capitalista. Para isto, esta massa adicional de dinheiro deve estar disponível como riqueza acumulada já no início do processo de valorização do capital. O capitalista deve partir no início do processo de produção com uma massa de dinheiro igual a 600 libras e não igual a 500.

*"De fato, por mais paradoxal que isso possa parecer à primeira vista, a própria classe capitalista [die Kapitalistenklasse selbst] lança o dinheiro na circulação que serve para a realização da mais-valia contida nas mercadorias"*[1126]. O que há de paradoxal e enigmático no problema da realização da mais-valia é o fato da classe capitalista lançar no mercado uma soma de valores-mercadoria que ela mesma irá comprar, é o fato absurdo e irracional, que tanto chocou Rosa Luxemburg, de que a classe capitalista produz para ela própria e compra ela mesma os produtos que produz. E o que é mais irracional ainda: ela compra o que ela própria produz com uma soma de dinheiro que sai de seu próprio bolso. A irracionalidade da lógica capitalista se expressa no fato de que o capital é simultaneamente ponto de partida e de retorno de todo o processo. Todos os seus complexos momentos constitutivos internos são nada mais que momentos que possuem a única finalidade de permitir ao capital que ele realize esta saída e retorno ao mesmo ponto de partida. O capital por isso é um movimento irracional que choca nossa consciência porque se constitui numa finalidade em si mesma. É este caráter irracional do capital que Rosa Luxemburg não conseguiu compreender em sua crítica aos esquemas de reprodução social de Marx.

*"Mas, nota bene [adverte Marx] ela [a classe capitalista J.A] não o lança como dinheiro adiantado [vorgeschoßnes Geld], portanto não como capital. Ela o gasta [verausgabt] como meio de compra [Kaufmittel] para seu consumo individual. Não é, portanto, adiantado [vorgeschossen] por ela, embora ela seja o ponto de partida de sua*

---

[1125] OC II, p. 234 MEW 24, p. 335.

*circulação"*[1127]. A diferença desta soma de 100 libras esterlinas com a soma de 500 libras lançadas na forma de capital-circulante é que esta soma menor não é lançada com a intenção de se valorizar, ela não é adiantada, portanto, mas, sim, gasta. Esta soma de 100 libras não se valoriza no processo porque ela não é lançada como capital, mas, sim, como dinheiro simplesmente. Ela é lançada na esfera da circulação geral de mercadorias e é gasta, portanto. Esta soma de 100 libras é gasta como renda e não adiantada como capital. *"Esse dinheiro não é lançado pelo capitalista na circulação como capital. Mas pertence ao caráter do capitalista que ele seja capaz de viver, até o refluxo da mais-valia, dos meios que se encontram em sua posse"* [1128]. Esta soma de 100 libras esterlinas deve existir já no primeiro período de rotação do capital no próprio bolso do capitalista. A partir do segundo período de rotação em diante o capitalista poderá consumir então um valor igual de 100 libras esterlinas unicamente porque deu o ponto de partida inicial com um valor igual a esta soma. A partir do segundo período de rotação em diante, a soma de 100 libras esterlinas que ele gastou surge constantemente como a *"forma transmutada [verwandelte Form], a forma-dinheiro [Geldform] da mais-valia por ele produzida"*[1129].

A suposição de que a massa de dinheiro existente no início do processo corresponde exatamente à massa de mais-valia que aparecerá no final dele é uma suposição arbitrária quando consideramos a análise a partir da ótica do capitalista individual. Porém esta suposição deve ser correta quando analisamos a reprodução social sob o ponto de vista do capital social, da totalidade da classe capitalista. *"Isso é, evidentemente, em relação ao capitalista individual [einzelnen Kapitalisten], uma suposição arbitrária. Mas ela deve ser correta para o todo da classe capitalista [Gesamt Kapitalistenklasse], no pressuposto da reprodução simples"*[1130].

A totalidade deste mecanismo ficará inteiramente esclarecida ao confrontarmos duas categorias distintas de capital: o capital-industrial produtor de mercadorias em geral e o capital produtor do meio circulante, o ouro. Enquanto toda a produção anual dos capitalistas industriais está sob a forma de mercadorias, toda a produção anual dos capitalistas produtores de ouro encontra-se sob a forma de metais

---

[1126] OC II, p. 234 MEW 24, p. 335.
[1127] OC II, p. 234 MEW 24, p. 335.
[1128] OC II, p. 235. MEW 24, p. 336/337.
[1129] OC II, p. 235 MEW 24, p. 336.
[1130] OC II, p. 235 MEW 24, p. 337.

preciosos. *"Os capitalistas produtores de ouro possuem todo o seu produto em ouro, tanto a parte dele que repõe o capital constante quanto a que repõe o capital variável, como também a que consiste em mais-valia"*[1131]. Como nossos produtores capitalistas são todos produtores privados e autônomos todo o produto social, inclusive a mais-valia, é realizado na esfera das trocas entre os próprios capitalistas. O produto social é todo ele realizado mediante as compras que os capitalistas fazem reciprocamente entre si mesmos. Todo o intercâmbio se realiza aqui entre o capitalista instalado no ramo produtor de metais preciosos e os capitalistas instalados nos ramos produtores de mercadorias em geral. Estes dois ramos intercambiam entre si todo o produto social. *"Se, portanto, parte da classe capitalista lança um valor-mercadoria na circulação maior (no montante da mais-valia) do que o capital-monetário adiantado por ela, então outra parte dos capitalistas lança na circulação um valor monetário maior (no montante da mais-valia) do que o valor-mercadoria que eles constantemente retiram da circulação para a produção do ouro"*[1132].

Enquanto uma parte dos capitalistas produtores de mercadorias lança no mercado de mercadorias uma massa adicional de 100 libras em produto, outra parte lança uma parte adicional no mesmo montante na forma de metal precioso. A troca entre ambos se compensa sem nenhuma sobra residual. A solução do problema foi resolvida do modo mais claro e simples possível. Bastou partilhar a classe capitalista em duas facções contrárias: uma detentora de mercadorias e ávida por se ver livre delas e se apropriar de um equivalente em ouro, outra detentora de dinheiro metálico e ávida para convertê-lo em meios materiais de produção e consumo pessoal.

Se numa ponta do processo parte dos capitalistas bombeia mais valor-mercadoria na esfera da circulação do que retira dela inicialmente, na outra ponta parte lança mais dinheiro do que absorvera inicialmente na forma de produtos. Em ambas as pontas, produtores de mercadorias e produtores de ouro retiram cada um da esfera da circulação 500 libras esterlinas em produtos e lançam nela uma soma igualmente de 500 libras. Ao final do processo produtor de mercadorias e produtor de ouro lançam um valor adicional de 100 libras esterlinas cada um. A diferença é que um inunda o mercado com produtos e o outro com ouro. As trocas são possíveis de serem realizadas porque ambos produtos lançados, ouro e mercadoria em geral, são valores de uso diferentes, ambos são

[1131] OC II, p. 235 MEW 24, p. 337.

produtos de diferentes trabalhos concretos. As trocas se compensam porque ambas facções do capital em geral lançaram no mercado uma massa equivalente de valor que trocaram entre si.

A análise da realização social da mais-valia e a necessidade do capital social se dividir em pelo menos duas formas particulares de capital individual que produz seu produto como valor de uso unicamente para o alheio, prova até a medula o erro da concepção moderna que acredita ser possível a existência de um único e imenso capital individual monopolista organizando a sociedade. A análise da realização social do capital prova até a medula que o conceito de capital pressupõe sempre, e em todas as épocas, a existência de uma multiplicidade de capitais competindo entre si pela realização da mais-valia. Se em nosso tempo existisse realmente um único capital individual como querem os teóricos modernos do capitalismo monopolista tardio, se a multiplicidade opositiva dos capitais individuais tivesse sido realmente abolida pela fusão desta multiplicidade num único e imenso capital individual, para quem este único capital venderia seu produto que para ele não possui valor de uso imediato? Que estímulo teria este imenso capital individual para continuar produzindo se ele produz seu produto para vender para si mesmo e não para outro capital individual que não existe mais? Se o produto produzido sob a forma-mercadoria se caracteriza, sobretudo, pela circunstância de não possuir valor de uso imediato para seu próprio produtor, como explicar, a partir da noção de que em nosso tempo domina um único e imenso capital monopolista universal, o fato de que o produto deste único capital continua sendo produzido sob a forma de mercadoria? Para quem produz este único e imenso capital individual se seu produto não possui valor de uso imediato, mas, apenas um valor de troca potencial? Que classe social realiza o valor do produto deste único e imenso capital individual se em nossa era todas as classes e povos não capitalistas se converteram em povos capitalistas? A contradição nesta noção de capital monopolista é evidente e prova mais uma vez que o conceito de capital é inseparável do conceito de capitalista, de classe social e da luta de classes.

Uma observação importante sobre este quiproquó todo é ressaltada por Marx. Toda esta massa de dinheiro metálico que aparece magicamente no bolso dos capitalistas, tanto de produtores de ouro quanto de produtores de mercadorias em geral,

---

[1132] OC II, p. 235 MEW 24, p. 337.

tanto de capital-fixo como de capital-circulante, é ouro produzido pelos trabalhadores ocupados na indústria de ouro. *"Eles produzem, como nova, tanto a parte do produto de ouro que lhes é 'adiantada' como salário, quanto a parte do produto de ouro em que a mais-valia dos capitalistas produtores de ouro se apresenta diretamente"*[1133]. Para não se deixar enganar pelo fetiche da linguagem econômica Marx faz questão de lembrar que toda a riqueza anual da nação que agora circula de mão em mão entre os capitalistas e que nesse emaranhado de relações e conceitos aparece como riqueza produzida pelos capitalistas da indústria e da mineração de ouro, foi riqueza produzida pela classe trabalhadora e não pelos capitalistas. E esta riqueza só pode passar às mãos destes personagens porque antes a classe trabalhadora fora separada da propriedade dos meios de produção e subsistência. *"O adiantamento [Vorschuß] por parte do capitalista aparece [erscheint] também apenas como uma forma [Form] que surge do fato de que o trabalhador não é dono de seus próprios meios de produção nem dispõe, durante a produção, dos meios de subsistência produzidos por outros trabalhadores"*[1134].

Cabe ainda um último esclarecimento. Tomamos como suposto que no início do processo de produção nosso capitalista já partia como proprietário de certa soma de dinheiro e assim, por meio da conversão desta soma de dinheiro em meios de produção e força de trabalho, se convertia em capitalista. Supomos desde o início que esta soma de dinheiro igual a 500 libras esterlinas era lançada na esfera da circulação como adiantamento. Supomos também que nosso capitalista deveria partir, ainda, de uma soma adicional de 100 libras esterlinas em ouro que ele usaria para manter sua existência até o retorno de seu capital valorizado. A solução de Marx para o enigma da realização da mais-valia da classe inteira dos capitalistas só foi possível pondo no bolso do capitalista uma massa adicional de dinheiro igual à mais-valia que necessariamente apareceria no final do processo de produção. De onde vieram estas 100 libras esterlinas adicionais postas por Marx no bolso do capitalista? Em que medida esta solução não foi apenas um artifício do gênio lógico de Marx? Em que medida a solução lógica e abstrata de Marx pode ser aceita como uma solução real para o enigma da realização da mais-valia?

Esta é uma questão evidente para Marx e ele já a solucionou no Livro Primeiro na análise da acumulação originária de capital. Esta massa adicional surge da

[1133] OC II, p. 236 MEW 24, p. 339.

mesma fonte de onde surge a massa de 500 libras esterlinas adiantadas como capital-circulante, surge da acumulação primitiva de capital, da acumulação que não é produto do capital, mas, sim, seu ponto de partida histórico. A solução encontrada por Marx não é, portanto, uma solução artificiosa e puramente lógica e abstrata, ela é uma solução que corresponde às necessidades históricas da sociedade capitalista. O gênio de Marx resplandece nesta questão como nenhum outro gênio jamais brilhara: a solução racional do problema da realização da mais-valia exige que se tome esta massa adicional de dinheiro como pré-existente à relação capital não apenas logicamente, mas, sobretudo, historicamente. Esta é uma questão que Rosa Luxemburg não compreendeu e por isso se perdeu procurando compradores para a mais-valia social fora do próprio capital, nas chamadas terceiras pessoas e nas áreas econômicas não-capitalistas.

### 2.5.2. Reprodução ampliada

A reprodução ocorre em escala ampliada quando parte da mais-valia é convertida em capital-produtivo elevando a escala de produção. Aqui nenhum problema novo pode surgir em relação à reprodução simples, apenas a mais-valia que se encontra nas mãos do capitalista sofre uma aplicação diferente. Marx irá estudar aqui três casos possíveis de ocorrer reprodução ampliada de capital. 1° caso: supondo acumulação geral de capital; 2° caso: supondo acumulação parcial e, 3° caso: supondo apenas acumulação nominal.

1° caso: acumulação geral de capital. A pergunta de onde surge a massa inicial de dinheiro novo necessário à reprodução ampliada do capital não oferece nenhuma dificuldade. O problema que se deve resolver é exatamente este: *"de onde provém o dinheiro adicional para realizar a mais-valia adicional agora disponível em forma-mercadoria?"*[1135]. E Marx mesmo a responde: *"a resposta geral volta a ser a mesma"*[1136], isto é, ela deve sair do bolso dos próprios capitalistas.

Marx indica duas fontes adicionais de dinheiro às quais o capitalista individual poderá recorrer. Primeiro, ele poderá ser obtido mediante economia mais racional da massa monetária circulante. Esta adição pode ser obtida através de métodos mais eficientes na compensação dos pagamentos, de uma aceleração mais veloz na

[1134] OC II, p. 237 MEW 24, p. 339.
[1135] OC II, p. 241 MEW 24, p. 346.
[1136] OC II, p. 241 MEW 24, p. 346.

circulação das mesmas peças monetárias etc. Segundo, ela pode ser obtida mediante a transformação em moeda circulante do dinheiro existente em forma de tesouro. Esta adição pode ser obtida mediante conversão em moeda circulante dos diversos *"fundos de reserva de moedas que surgem em todas as partes dentro da circulação"*[1137].

Ao longo do Livro Segundo Marx expõe os vários momentos em que estes fundos de reserva, técnica ou involuntariamente se depositam lentamente nos bancos. Podemos citar pelo menos oito momentos diferentes desta formação: 1) reserva monetária de mais-valia que o capital realiza para seu próprio consumo individual em prazos dispersos e distintos durante o ano[1138]; 2) reserva formada a partir de compras de meios de produção e força de trabalho que são pagas em prazos parcelados[1139]; 3) reserva formada pela interrupção involuntária das compras por escassez[1140]; 4) reserva formada pelo fundo de acumulação da mais-valia que aguarda atingir uma certa grandeza mínima para se converter em capital-produtivo[1141]; 5) fundo de reserva que é parte do fundo de acumulação usado para fazer face às perturbações involuntárias da reprodução[1142]; 6) fundo de reserva que é parte do fundo de acumulação de mais-valia que é utilizado para reparar danos correntes ao capital-fixo, como consertos e reposição de peças desgastadas[1143]; 7) fundo de reserva adicional para suprir eventuais modificações de preços do capital-circulante[1144] e; 8) fundo de reserva que se deposita em camadas ao longo de vários anos pela depreciação do capital-fixo.

À medida que esses diversos meios forem insuficientes para atender a demanda por novos meios adicionais de circulação, então será necessário recorrer-se à produção adicional de ouro ou à importação dos países produtores deste metal. Esta medida, contudo, representa um custo social incompatível com as necessidades da reprodução ampliada de capital porque ela desvia capital dos ramos empenhados na produção de mercadorias para o ramo empenhado na produção do meio circulante. *"Ela subtrai ao usufruto social uma soma correspondente de meios potencialmente adicionais*

---

[1137] OC II, p. 241 MEW 24, p. 346. Marx cita aqui sua obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*, de 1859.
[1138] OC II, p. 47.
[1139] OC II, p. 54.
[1140] OC II, p. 55.
[1141] OC II, p. 55.
[1142] OC II, p. 59.
[1143] OC II, p. 112, 117, 179 e 224.

*de produção e de consumo, ou seja, da riqueza real"*[1145]. Se a reprodução ampliada de capital puder dispensar este recurso indesejado e caminhar apenas com meios adicionais que surgem a partir de um mecanismo mais desenvolvido e perfeito da circulação monetária e do sistema de crédito, então a força produtiva do capital social ganha um novo impulso. *"Portanto, à medida que os expedientes que se desenvolvem com o sistema de crédito surtem esse efeito, eles aumentam diretamente a riqueza capitalista, seja porque graças a eles grande parte do processo social de produção e de trabalho é efetuada sem nenhuma intervenção de dinheiro real, seja porque por seu intermédio se eleva a capacidade funcional da massa monetária realmente em funcionamento"*[1146]. Esta circunstância, contudo, não autoriza a idolatria que a economia burguesa realiza ao sistema de crédito. Se por um lado o sistema de crédito torna o sistema produtivo mais eficiente em seu conjunto, *"por outro lado, não se deve alimentar concepções místicas [mystischen Vorstellungen] sobre a força produtiva do sistema de crédito, à medida que põe capital-monetário à disposição ou o mobiliza"*[1147].

2° caso: acumulação parcial de capital. *"É preciso considerar agora o caso em que não ocorre acumulação real [wirkliche Akkumulation], ou seja, ampliação imediata da escala de produção, mas parte da mais-valia realizada é acumulada como fundo de reserva monetário [Geldreserverfonds] por um período maior ou menor, para ser mais tarde transformada em capital-produtivo"*[1148]. Neste caso enquanto uma parte dos capitalistas vende sem comprar entesourando sua mais-valia para capitalizá-la mais tarde, outra parte continua convertendo normalmente sua mais-valia em capital. Neste caso a massa de dinheiro circulante disponível é suficiente para manter a reprodução sem transtornos.

3° caso: entesouramento geral de capital: *"mas a dificuldade surge quando pressupomos a acumulação não parcial mas geral de capital-monetário na classe capitalista"*[1149]. Este é um caso inteiramente incompatível com a sociedade capitalista. Vejamos porque: *"além dessa classe [a capitalista], de acordo como nosso pressuposto –*

---

[1144] OC II, p. 183, 191 e 196.
[1145] OC II, p. 242. MEW 24, p. 347.
[1146] OC II, p. 242. MEW 24, p. 347.
[1147] OC II, p. 242. MEW 24, p. 347.
[1148] OC II, p. 242. MEW 24, p. 347.
[1149] OC II, p. 243. MEW 24, p. 348.

*dominação geral e exclusiva da produção capitalista – não existe ao todo nenhuma outra classe, apenas a classe trabalhadora [Arbeiterklasse]"*[1150]. O pressuposto da dominação exclusiva da produção capitalista e das classes sociais que lhe correspondem, como já comentamos várias vezes, é um pressuposto fundamental para compreendermos o mecanismo da reprodução do capital social. É um pressuposto que Marx introduziu já no Primeiro Livro, o conserva aqui no Segundo Livro e o alterará apenas no Terceiro Livro. Esse pressuposto da existência pura e abstrata da sociedade capitalista foi introduzido no Livro Primeiro para explicar a origem da mais-valia. No Livro Segundo ele é conservado para explicar a realização social da mais-valia. Apenas no Livro Terceiro, quando será analisada a repartição da mais-valia social é que novas classes (como o proprietário fundiário) e camadas de classes (como comerciantes e banqueiros) serão introduzidas e a análise abandona este pressuposto abstrato. Foi este mecanismo expositivo que Rosa Luxemburg não compreendeu em Marx e ocasionou seus erros sobre a reprodução social do capital[1151].

Dada a existência destas duas únicas classes analisemos: a classe trabalhadora não pode participar do consumo social além da capacidade de consumo permitida por seu salário. *"Tudo o que a classe trabalhadora [Arbeiterklasse] compra é igual à soma de seus salários, igual à soma do capital variável adiantado pela totalidade da classe capitalista [gesamten Kapitalistenklasse]"*[1152]. Se os limites do consumo da classe trabalhadora estão dados pelos limites do capital variável despendido pelo capital então, logicamente, a classe trabalhadora está incapacitada de realizar a parte do produto social que ainda permanece sem compradores na forma de capital constante e mais-valia.

---

[1150] OC II, p. 243. MEW 24, p. 348.

[1151] Veja-se Rosdolsky: ***Génesis y estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los Grundrisse***. (Op. cit., ps. 91 a 100). Nestas páginas Rosdolsky esclarece o caráter abstrato e provisório do Livro Segundo em relação ao Livro Terceiro e a incompreensão de Rosa Luxemburg, e não apenas dela, sobre a forma dialética de exposição de Marx que avança lentamente de níveis mais abstratos de análise a níveis mais determinados conceitualmente. A realidade empírica do capital, a multiplicidade de capitais e a concorrência entre eles, será posta apenas no Livro Terceiro. Nos Livros Primeiro e Segundo a análise continua sendo desenvolvida pressupondo a existência da sociedade capitalista em sua forma pura. A crítica de Rosa Luxemburg às abstrações do Livro Segundo e à ausência de relações de consumo entre a sociedade capitalista e sociedades não capitalistas é, por isso, infundada. Mesmo no Livro Terceiro a sociedade capitalista continuará sendo analisada em suas determinações fundamentais excluindo-se toda relação com sociedades não capitalistas porque, do ponto de vista do capital, uma vez realizada a mais-valia trata-se de reparti-la. Assim como a sociedade capitalista não precisa de uma terceira classe de compradores não capitalistas para realizar a mais-valia não precisará, do mesmo modo, destas classes externas para dividi-la.

[1152] OC II, p. 243. MEW 24, p. 348/349.

Como a classe inteira dos capitalistas agora vende, mas não compra, já que supomos entesouramento geral da riqueza adicional, quem comprará a produção excedente que circula sob a forma de capital-mercadoria? *"Como a classe capitalista inteira [gesamte Kapitalistenklasse] poderia pois acumular dinheiro? Eles teriam, todos [alle], de vender parte de seu produto sem comprar de novo"*[1153].

A contradição neste caso é evidente, a produção capitalista é incompatível com um entesouramento generalizado da riqueza monetária.

> *Na base da produção capitalista, o entesouramento como tal nunca é finalidade [Zweck], mas resultado [Resultat] de uma paralisação da circulação – em que massas de dinheiro maiores do que as costumeiras assumem a forma de tesouro – ou de acumulações condicionadas pela rotação, ou, por fim, o tesouro só é formação de capital-monetário, provisoriamente em forma latente, cuja determinação é funcionar como capital-produtivo.*[1154]

Como o capital é processo ininterrupto de valorização do valor sua natureza exige a conversão constante do capital potencial entesourado em capital real.

## 3. REPRODUÇÃO E CIRCULAÇAO DO CAPITAL SOCIAL GLOBAL

### 3.1. OBJETO DA INVESTIGAÇÃO

No Livro Primeiro analisamos o processo de produção da mais-valia como ato isolado. A análise revelou os fundamentos do processo de produção capitalista e, ao mesmo tempo, os fundamentos que produzem o capital: foi mostrado não apenas como o capital produz mais-valia, mas, ainda, como o próprio capital é produzido. Nosso objeto fora tomado isolado e separado de sua relação com outros capitais industriais. Supúnhamos aí a existência de um único capital dominando toda a sociedade. Cada capital individual,

[1153] OC II, p. 243. MEW 24, p. 349.

porém, visto nesta singularidade do Livro Primeiro é uma abstração unilateral do capital social. *"Cada capital individual [einzelne Kapital] constitui, entretanto, apenas uma fração autonomizada do capital social total [gesellschaftlichen Gesamtkapitals], dotada, por assim dizer, de vida individual, assim como cada capitalista individual [einzelne Kapitalist] constitui apenas um elemento individual da classe capitalista [Kapitalistenklasse]"*[1155].

As abstrações do Livro Primeiro foram parcialmente superadas na análise da série de metamorfoses por que passa o capital-industrial na esfera da circulação como capital-monetário, capital-produtivo e capital-mercadoria. Poderíamos dizer, usando a linguagem da economia, a análise estática do Livro Primeiro ganha dinamismo na série de metamorfoses analisadas no Livro Segundo. O capital individual começa aí a aparecer como um elo da cadeia de movimentos e metamorfoses do capital social. *"O movimento do capital social [gesellschaftlichen Kapitals] consiste na totalidade dos movimentos de suas frações autonomizadas, das rotações dos capitais individuais [individuellen Kapitale]... assim a metamorfose do capital individual [individuellen Kapitals], sua rotação, é um elo no ciclo do capital social [gesellschaftlichen Kapitals]"*[1156]. O trágico na vida do capital social é que seus movimentos estão determinados pelos movimentos de suas partes autonomizadas e não o contrário, que o movimento das partes esteja determinado pela ação consciente do todo social. Da contradição entre a autonomia das partes frente ao todo surgem as crises de superprodução e desproporção do capital.

No Livro Segundo a análise do capital começa a ganhar certo grau de totalização ainda ausente no Livro Primeiro. Essa totalização aparece como unidade do processo de produção e reprodução do capital social e nos conceitos de capital-industrial (que abarca os conceitos de capital-monetário, produtivo e mercantil) e de rotação do capital (que abarca os conceitos de tempo de produção, de trabalho e de circulação). Na Seção I do Livro Segundo esta totalização aparece na forma de uma série de metamorfoses que o capital-industrial realiza em seu incessante movimento de valorização do valor. A série de formas que o capital-industrial simultaneamente assume e abandona é o próprio movimento de valorização do valor-capital. Na Seção II fora analisada a rotação global do

---

[1154] OC II, p. 244. MEW 24, p. 350.
[1155] OC II, p. 245. MEW 24, p. 351/352.
[1156] OC II, p. 245. MEW 24, p. 352.

capital-produtivo e sua bipartição em capital-fixo e circulante. O movimento incessante de valorização do valor-capital se desdobra numa série complexa de figuras exteriores unicamente para poder retornar, ao final do processo, ao mesmo ponto de partida. O incansável processo de exteriorização e metamorfose tem como meta unicamente realizar a finalidade irracional do capital, o retorno do capital ao seu ponto de partida acrescido de um valor novo sempre maior.

*"Tanto na Seção I como na II, tratava-se sempre apenas de um capital individual [individuelles Kapital], do movimento de uma parte autonomizada do capital social [verselbständigten Teils des gesellschaftlichen Kapitals]"*[1157]. E nisto se revela a importância da Seção III a ser por nós em seguida analisada: ela é o primeiro grande momento de totalização do valor-capital em processo. Na análise da reprodução do capital social o capital deve aparecer não mais como uma representação abstrata e unilateral do capital global da sociedade. Agora, este mesmo capital global e suas múltiplas e complexas inter-relações deve ser posto sob análise. *"Temos de examinar agora o processo de circulação... dos capitais individuais como componentes do capital social total, portanto o processo de circulação desse capital social total"*[1158]. A hipótese provisória de um único capital representando a totalidade complexa do capital social deve ser substituída pela análise da multiplicidade efetiva de capitais em suas múltiplas e recíprocas determinações. Aqui ficará novamente demonstrado que o capital pressupõe o capitalista individual ambicioso e competitivo e não existe sem ele.

Marx anuncia, agora, uma mudança importante no foco de análise. Antes tratava-se de analisar as partes autonomizadas do capital determinando o conjunto do capital social. Neste âmbito, as crises surgiam como uma possibilidade dada pela possibilidade das partes autonomizadas não se ajustarem entre si no momento da realização do produto social. Agora trata-se de observar os movimentos do capital individual submetido às determinações e necessidades do capital social. Com a análise do capital social determinando a distribuição do capital individual entre os diversos ramos da produção, a possibilidade de uma crise de superprodução fica abstraída porque junto é abstraída a possibilidade de um desajustamento entre oferta e demanda de produtos no conjunto da sociedade. Agora trata-se de analisar não mais a desarmonia que surge entre

[1157] OC II, p. 246. MEW 24, p. 353.

capital individual e capital social, mas, sim, a harmonia que surge entre as múltiplas partes do capital social reciprocamente ajustadas entre si. É este aspecto metodológico que, voltamos a enfatizar, Rosa Luxemburg não compreendeu no método expositivo de Marx. Aqui ainda não se trata de analisar o capital em sua configuração real pois aqui está abstraída a concorrência que as múltiplas partes autonomizadas do capital social exercem entre si. Trata-se ainda de analisar o capital social em sua realidade mais abstrata, pois Marx pressupõe aqui, a ausência da concorrência.

## 3.2. REPRODUÇÃO SIMPLES

Colocação da questão: até agora tínhamos analisado o processo de reprodução do capital social apenas de modo parcial e acessório. A análise da reprodução social só ocorrera até este momento na medida em que se fazia necessária para a compreensão da reprodução de um capital individual qualquer. Agora o que importa é compreender o processo de reprodução da multiplicidade efetiva de capitais. Até aqui tínhamos demonstrado que a produção capitalista não tem como meta, de modo algum, a satisfação das necessidades humanas, que sua meta imanente era a valorização sem fim do valor. Este princípio, contudo, levou parte da historiografia marxista sobre as crises, especialmente teóricos de forte inspiração burguesa como o russo Tugán-Baranovsky, a acreditar que deste modo o consumo humano não desempenha nenhum papel importante no processo de acumulação de capital.

Agora, contudo, apesar da conservação de nosso princípio, esta hipótese de que a produção capitalista é uma produção pela produção, deve ser mediada pela análise da totalidade do processo de reprodução do capital social. Visto sob o ponto de vista do capital individual, é acessório e secundário perguntarmos em qual valor de uso o processo de reprodução do capital deveria se representar, já que para o capital individual o que importa é a valorização do valor e não a produção de valores de uso. Visto, contudo, sob a ótica do capital social, torna-se decisiva a questão de saber em qual valor de uso estará materializada a mais-valia e o produto social anual.

---

[1158] OC II, p. 246. MEW 24, p. 353.

> *Enquanto considerávamos a produção de valor e o valor do produto do capital do ponto de vista individual, a forma natural do produto-mercadoria, para a análise, era indiferente, consistisse ela em máquinas, cereais ou espelhos... Essa maneira formal de exposição [formelle Manier der Darstellung] já não basta quando se considera o capital social total [gesellschaftlichen Gesamtkapitals] e o valor de seus produtos.*[1159]

Na análise da reprodução do capital global da sociedade, portanto, *"o consumo desempenha necessariamente um papel"*[1160] que não podemos negligenciar. O processo de reprodução social do capital abrange tanto a fase da produção quanto a fase da circulação e realização do produto social. Mais do que a simples realização do produto social, a entrada do produto na esfera do consumo individual ou produtivo torna-se questão fundamental, portanto, para o sucesso da reprodução anual do capital social. *"O processo de reprodução total [gesamte Reproduktionsprozeß] compreende nesse caso tanto o processo de consumo mediado pela circulação, como o próprio processo de reprodução do capital"*[1161].

Agora na análise da reprodução social trata-se de compreender não mais apenas como o valor-capital é realizado, mas, sobretudo, como a matéria natural do capital é reposta anualmente em todos os pontos onde o processo a exige. *"Temos de considerar o processo de reprodução para o objetivo proposto do ponto de vista da reposição tanto do valor, como da matéria de cada parte componente de M'"*[1162]. Não basta mais nesta altura da exposição compreender como o valor do capital adiantado é reposto integralmente no bolso do capitalista e como este mesmo valor retorna adicionado por uma mais-valia. Agora trata-se de compreender como anualmente é reposto tanto o valor quanto a matéria do capital em suas proporções adequadas ao andamento normal da acumulação de capital. *"A questão que se coloca imediatamente é a seguinte: como o capital consumido na produção é reposto, quanto ao valor, a partir do produto anual, e como se entrelaça [verschlingt*

---

[1159] OC II, p. 275. MEW 24, p. 393.
[1160] OC II, p. 274. MEW 24, p. 391.
[1161] OC II, p. 274/275. MEW 24, p. 392.
[1162] OC II, p. 275. MEW 24, p. 392.

*sich] o movimento dessa reposição com o consumo da mais-valia anual pelos capitalistas e do salário pelos trabalhadores"*[1163].

A reprodução do capital total da sociedade está, portanto, condicionada não apenas pelas proporções corretas entre as diversas facções do capital social em termos de valor, mas, ainda, está condicionada pela proporcionalidade correta da diversidade natural dos elementos materiais do processo de produção e consumo em base capitalista.

> *A retransformação de parte do valor dos produtos em capital, a entrada de outra parte no consumo individual da classe capitalista bem como no da classe trabalhadora constituem um movimento dentro [innerhalb] do próprio valor dos produtos em que resultou o capital total; e esse movimento não é apenas reposição de valor, mas também reposição de matéria, sendo assim condicionado tanto pela proporção recíproca dos componentes de valor do produto social como por seu valor de uso, sua forma material.*[1164]

Veremos adiante que as crises econômicas podem surgir da possibilidade destas proporções, tanto do valor quanto da matéria, não se realizarem eqüitativamente. A análise da reprodução simples do capital envolve, portanto, tanto a análise das relações quantitativas quanto qualitativas do capital total da sociedade.

A reprodução simples tomada como ponto de partida de nossa análise não pode ser concebida como uma abstração fantasiosa. Apesar da acumulação de capital se realizar em sua realidade efetiva em escala ampliada, a reprodução simples forma a base da reprodução ampliada. Esta corresponde simplesmente a uma reprodução anual adicional de capital acima dos níveis da reprodução simples. A reprodução simples corresponde, portanto, a uma abstração que faz parte da estrutura do próprio capital. *"Entretanto, à medida que ocorre acumulação, a reprodução simples constitui sempre parte da mesma, podendo, portanto, ser examinada em si mesma e é um fator real [realer Faktor] da*

---

[1163] OC II, p. 275. MEW 24, p. 392.
[1164] OC II, p. 275/276. MEW 24, p. 392.

*acumulação*"[1165]. A análise da reprodução simples revela, ainda, uma importante e fundamental contradição da produção capitalista, contradição da qual ela não pode se livrar. Vimos até agora que a meta do capitalista individual é realizar a meta do capital, a valorização incessante do valor. Contudo, a sobrevivência da reprodução simples no interior da reprodução ampliada, a reprodução simples vista como momento da reprodução ampliada, revela que apesar do capital possuir como meta a valorização incessante do valor, ele não pode realizar esta meta sem realizar antes, as necessidades sociais básicas de consumo da sociedade. *"À medida que a reprodução simples é parte, e a parte mais significativa de cada reprodução anual em escala ampliada, esse motivo continua acompanhando e se opondo ao motivo do enriquecimento como tal"*[1166]. Aqui se mostra de modo inequívoco o erro de Tugán-Baranovski em acreditar que a reprodução anual do capital pode se realizar as expensas de qualquer realização das necessidades sociais. A circunstância da reprodução simples ser parte inseparável da reprodução ampliada demonstra claramente que o consumo social é parte imanente da reprodução social ampliada do capital e esta só pode ser repetida, após satisfeito certo grau das necessidades sociais anual.

Para facilitar a continuidade da exposição e livrá-la de todas as impurezas acessórias que ofuscam e dificultam sua compreensão devemos abstrair, ou tomar como supostos, os seguintes aspectos secundários do problema: 1) os produtos se trocam sempre por seu valor, preço e valor, portanto, se correspondem reciprocamente; 2) os preços se mantêm constantes durante todo o processo de troca, abstraímos, portanto, qualquer revolução nas relações de valor que possa ocorrer no intervalo da realização do produto social; 3) não existe transferência de valor do capital-fixo para o valor do capital-mercadoria, abstraímos, portanto, a depreciação do capital-fixo de nossa análise; 4) não existe comércio exterior, todas as relações de troca são operações que se realizam dentro de um mesmo país, ou, o que dá no mesmo, admitamos como hipótese que nosso mercado é o

---

[1165] OC II, p. 276. MEW 24, p. 394. Humberto Pérez Gonzalez: "Por conseguinte, a reprodução simples é uma abstração, embora não um invento teórico, porque, conquanto não exista em forma pura, existe como parte da reprodução ampliada: o fato do processo de reprodução se reatar em cada novo ciclo do capital-produtivo a uma escala maior que no anterior, significa apenas que se repete na escala anterior, acrescida de um incremento" (***Economia Política do Capitalismo: breve exposição da doutrina econômica de Marx***. Volume II. Lisboa: Seara Nova, 1977, p. 76).

[1166] OC II, p. 287. MEW 24, p. 410.

mercado mundial e não existem fronteiras nacionais entre uma nação e outra[1167]; 5) não existem nações não-capitalistas, todas as operações de troca são operações entre nações capitalistas puras; 6) não existem classes sociais além da classe trabalhadora e capitalista, ambas compõem a totalidade da população envolvida no intercâmbio mundial de produtos[1168]; 7) existe aqui uma única forma de capital, o capital-industrial, todas as formas

---

[1167] *"Não existe produção capitalista sem comércio exterior. Mas, quando se supõe a reprodução anual normal em dada escala, supõe-se também que o comércio exterior apenas repõe artigos locais por artigos diferentes na forma útil ou natural, sem afetar as relações de valor, portanto também as relações de valor em que as duas categorias, meios de produção e meios de consumo, se convertem mutuamente e tampouco as proporções entre capital constante, capital variável e mais-valia, em que o valor do produto de cada uma dessas categorias é decomponível. A inclusão do comércio exterior na análise do valor-produto anualmente reproduzido só pode, portanto, confundir, sem proporcionar nenhum momento novo, seja do problema, seja de sua solução. Por isso, deve-se abstraí-lo inteiramente; portanto, aqui, também o ouro há de ser tratado como elemento direto da reprodução anual, e não como elemento mercantil introduzido de fora, por meio do intercâmbio"* (OC II, p. 326. MEW 24, p. 466). Para demonstrar o erro das abstrações de Marx, Rosa Luxemburg não se compromete com os princípios da análise científica e dialética. Para ela a reprodução do capital social só poderia ser racionalmente compreendida violando esta abstração e pondo na análise a categoria das classes compradoras oriundas do mercado externo, das áreas não-capitalistas. Há, contudo, uma diferença terminológica importante entre Marx e Rosa sobre a palavra mercado exterior. Para Marx mercado exterior é todo mercado externo às fronteiras geográficas do país. Para Rosa, mercado exterior é mercado não-capitalista e tanto pode ser uma área geográfica situada no interior do país quanto fora dele. Marx abstrai de sua análise o intercâmbio do país com nações estrangeiras porque qualquer relação de troca entre ambos deve ser compensada mutuamente, porque no final do ano o saldo líquido entre ambos deve ser igual a zero.

[1168] *"Com referência a toda a classe capitalista [ganze Kapitalistenklasse], a proposição de que ela mesma tem de lançar na circulação o dinheiro para a realização de sua mais-valia (respectivamente, também para a circulação de seu capital constante e variável) não aparece [erscheint] somente não paradoxal, mas antes, pelo contrário, é condição necessária de todo o mecanismo, pois aqui só existem duas classes: a classe trabalhadora, que apenas dispõe de sua força de trabalho, e a classe capitalista, que possui o monopólio dos meios de produção e do dinheiro. Seria paradoxal se a classe trabalhadora, em primeira instância, adiantasse de seus próprios recursos o dinheiro necessário para realizar a mais-valia contida nas mercadorias. O capitalista individual faz esse adiantamento, mas sempre de forma tal que age como comprador, despende [verausgabt: em itálico no original] dinheiro na compra de meios de consumo, ou adianta [vorschießt: em itálico no original] dinheiro na compra de elementos de seu capital-produtivo, seja de força de trabalho, seja de meios de produção. Só cede o dinheiro em troca de um equivalente. Só adianta dinheiro à circulação da mesma maneira, como lhe adianta mercadoria. Age, em ambos os casos, como ponto de partida de sua criculação"* (OC II, p. 294. MEW 24, p. 419). É este aspecto não-paradoxal do esquema que Rosa Luxemburg não conseguira entender em Marx, originando daí a necessidade de encontrar em regiões não capitalistas uma terceira categoria econômica capaz de adiantar previamente o dinheiro necessário para realizar a mais-valia do capitalista. Já comentamos que nos esquemas de reprodução não cabe entender como a mais-valia se reparte entre as diversas facções do capital. Nem muito menos, se deve tomar esta mais-valia já dividida entre eles. Antes, importa compreender como esta mais-valia se realiza abstraindo sua repartição entre as diferentes figuras individuais do capital social. Falando das terceiras pessoas com as quais o capitalista tem de dividir sua mais-valia Marx assim se pronuncia: *"Esses senhores aparecem como compradores em face do capitalista industrial e, nessa medida, como conversores das mercadoraias deste em prata; pro parte [conforme sua participação] lançam também 'dinheiro' na circulação, e o capitalista industrial o obtém deles. Mas se esquecem sempre de que fonte [Quelle] eles o receberam originalmente, e sempre de novo o recebem"* (OC II, p. 294. MEW 24, p. 420). E mais adiante repete novamente a necessidade de se adotar a hipótese teórica de um capitalismo puro: *"vê-se aqui que, abstraindo propriamente nosso objetivo, considerar o processo de reprodução em sua forma fundamental [Fundamentalform] – em que todos os intermediários que o obscurecem estão eliminados – é absolutamente necessário a fim de nos livrarmos dos falsos subterfúgios, que nos fornecem a aparência de explicação 'científica' [Schein*

de capital comercial e usurário estão abstraídas, aqui só nos interessa a realização da mais-valia global e não sua distribuição entre as diversas facções do capital social e; 8) não existe do mesmo modo Governo ou Estado intervindo nas relações de troca entre capitalistas e trabalhadores, nossos agentes, por isso, intercambiam diretamente entre si sem nenhuma mediação legal.

## 3.3. OS DOIS DEPARTAMENTOS DA PRODUÇÃO SOCIAL

Do ponto de vista do valor de uso a produção anual do país pode ser dividida em dois grandes departamentos:

I. Departamento de meios de produção.
II. Departamento de meios de consumo.

No departamento I estão todas as mercadorias que podem entrar no consumo produtivo. No departamento II estão todas as mercadorias que podem entrar no consumo individual do trabalhador e do capitalista. Do ponto de vista da matéria natural, do valor de uso portanto, toda a diversidade efetiva da produção foi reduzida a duas formas básicas: meios de produção e meios de consumo individual.

Do ponto de vista do valor a produção anual em cada departamento pode ser dividida, assim como está dividido o valor de uma mercadoria individual, em capital constante, capital variável e mais-valia, M = c + v + m. Lembramos que ao abstrairmos o capital-fixo, o capital constante compõe-se, então, exclusivamente de capital-circulante.

Como nossos produtores independentes são capitalistas produtores de mercadorias, nosso produto anual só poderá chegar até as mãos dos consumidores finais mediante intercâmbio no mercado de mercadorias. Como entre a oferta de produtos e o consumidor final interpõe-se o mercado de mercadorias, a realização do produto social

---

*"wissenschaftlicher" Erklärung], quando tomamos diretamente o processo social de reprodução na complexidade de sua forma concreta [konkreten Form] como objeto de análise"* (OC II, p. 317. MEW 24, p. 454). Fica evidente nestas passagens o equívoco epistemológico de Rosa Luxemburg ao introduzir arbitrariamente no esquema da reprodução social as trocas entre uma nação capitalista com uma nação não-capitalista como momento fundamental da reprodução social do capital.

converte-se no problema central da reprodução do capital. O problema da reprodução social converte-se no problema da realização social do produto. Se este não for realizado, todo o esforço anual da classe trabalhadora terá sido um fracasso e a crise por falta de compradores convulsionará a sociedade em suas raízes.

Para demonstrar a estrutura esquemática da reprodução simples Marx elabora o seguinte esquema matemático:

Departamento I. 4.000c + 1.000v + 1.000m = 6.000 meios de produção
Departamento II. 2.000c + 500v + 500m = 3.000 meios de consumo

Onde: c = capital constante, v = capital variável, m = mais-valia, a taxa de mais-valia = 100%, a composição orgânica do capital = 4:1 e o valor global da produção anual = 9.000. Toda a produção social do país deve ser intercambiada dentro deste esquema.

Examinando a reprodução simples, todo o produto social poderá ser realizado dentro de três grandes transações:

1. No Departamento II 500v + 500m poderão ser realizados e consumidos dentro do próprio Departamento II. O produto pode ser realizado de acordo com o seguinte esquema: os capitalistas de II adiantam na forma salário 500 aos trabalhadores que compram dos próprios capitalistas a massa de meios de consumo no valor de 500v. Nesta operação 500v em produto foi realizado e retornam, ainda, às mãos dos capitalistas os mesmos 500 adiantados na forma salário. O restante 500m será realizado mediante compras feitas pelos próprios capitalistas entre si, utilizando para isso seu fundo de reserva para consumo anual. Deste modo 1.000v+m foi realizado dentro do próprio Departamento II.

2. No Departamento I 4.000c deverá ser intercambiado dentro do próprio departamento produtor de meios de produção. Estes meios que servem unicamente como meios de produção para produzir meios de produção

deverão ser realizados dentro do próprio Departamento I mediante intercâmbio mútuo entre os múltiplos capitalistas individuais. Parte da produção poderá entrar imediatamente *in natura* no próprio processo de produção. Parte poderá ser intercambiada entre os próprios capitalistas do Departamento I mediante mútuos adiantamentos de seus fundos de reserva.

3. Restam ainda 1.000v + 1.000m do Departamento I e 2.000c do Departamento II. Estas duas massas de produtos terão que ser realizadas mediante intercâmbio mútuo entre os dois departamentos da produção social. No Departamento I trabalhadores e capitalistas ainda não proveram suas necessidades de meios de consumo e no Departamento II os capitalistas ainda não proveram suas necessidades de meios de produção. A mútua satisfação destas classes será realizada mediante mútuo intercâmbio entre ambos departamentos. A realização da totalidade do produto social será realizada mediante sete operações comerciais diferentes. Eis sua ordem hipotética:

   1. No Departamento I, o capitalista coletivo adianta à classe coletiva dos trabalhadores salários no valor de 1.000 libras esterlinas.

   2. Os trabalhadores compram dos capitalistas do Departamento II meios de consumo no valor de 1.000 libras adiantadas pelos capitalistas do Departamento I. 1.000c do Departamento II está, assim, realizada.

   3. De posse de 1.000 libras esterlinas transacionadas com os trabalhadores de I, a classe capitalista de II compra 1.000v em meios de produção dos capitalistas do Departamento I. Assim, realizam-se 1.000v dos capitalistas de I e fluem de volta às suas mãos as mesmas 1.000 libras esterlinas adiantadas anteriormente aos trabalhadores do próprio departamento. Ainda resta para realizar 1.000 libras em meios de produção do Departamento I e 1.000 libras esterlinas em meios de consumo do

Departamento II. Suponhamos que os capitalistas de II adiantem 500 libras esterlinas para suprir suas necessidades com meios de produção de I e que os capitalistas de I adiantem 500 libras esterlinas para suprir suas necessidades com meios de consumo de II.

4. Assim, o Departamento II desembolsa 500 libras esterlinas e compra meios de produção do Departamento I. Este realiza metade da produção social que havia ainda por realizar.

5. O Departamento I compra com estas 500 libras esterlinas recebidas de II, meios de consumo de igual valor dos capitalistas do Departamento II. Estes realizam metade do produto social que ainda havia para realizar e recebem de volta as 500 libras esterlinas adiantadas na compra anterior.

6. Os capitalistas de II desembolsam 500 libras esterlinas de seu fundo anual de consumo e compram 500 libras esterlinas em meios de consumo dos capitalistas do Departamento II. Estes têm agora realizada toda sua produção anual.

7. Com as mesmas 500 libras esterlinas recebidas de II os capitalistas de I compram meios de produção de igual valor dos capitalistas do Departamento I. Estes recebem de volta as 500 libras adiantadas anteriormente e têm agora realizada toda sua produção social. Mediante estas sete operações toda a massa de mercadorias no valor de 4.000 libras esterlinas foi realizada integralmente.

Mediante esta série de transações todas as necessidades sociais foram atendidas e todos os vendedores encontraram compradores para suas mercadorias. Não faltou e nem sobrou mercadoria sem vender no mercado anual. Todas as operações foram um sucesso e nossos capitalistas podem sorrir satisfeitos porque, apesar da completa

ausência de planejamento social racional, as compras e vendas anuais se compensaram reciprocamente.

O esquema de reprodução do capital tem como finalidade demonstrar como determinada formação social baseada na irracionalidade do valor de troca e na ausência de um planejamento social prévio, pode encontrar seu ponto de equilíbrio intersetorial. Sua finalidade é demonstrar como a irracionalidade do sistema põe para si própria uma base racional capaz de ligar a totalidade da produção à totalidade do consumo social.

A irracionalidade do sistema e a impossibilidade de ocorrer uma crise de realização decorrente de uma desproporção intersetorial, só podem ser superadas mediante a seguinte circunstância abstrata: toda a massa de mercadorias I(v+m) deve ser igual a IIc, isto é I(v+m) = IIc. Esta é a condição hipotética para o equilíbrio de mercado supondo a reprodução simples. Se esta condição hipotética se constituir numa situação real, nossos capitalistas poderão sorrir satisfeitos, pois neste ano não haverá crise de realização da mais-valia por falha na distribuição intersetorial do capital social.

## 3.4. REPRODUÇÃO AMPLIADA

A reprodução ampliada toma como base a reprodução simples do capital social. Ela é seu ponto de partida. A transição de uma escala simples a uma escala ampliada pressupõe a existência de quatro condições imprescindíveis.

Primeira: pressupõe-se a existência de uma massa de meios de produção em excesso que possa ser aproveitada como meios adicionais para a ampliação da escala de produção. Isto implica, como veremos adiante, a conversão da fórmula I(v+m) = IIc da reprodução simples na fórmula I(v+m) > IIc.

Segunda: pressupõe-se a existência de uma massa adicional de meios de consumo capaz de abastecer as necessidades da nova massa adicional de operários empregados pela nova escala de produção. Isto implica que parte dos meios de consumo sob a forma de meios de consumo de luxo seja convertida em meios adicionais de consumo necessário.

Terceira: torna-se igualmente indispensável que haja uma massa adicional de trabalhadores inativos e aptos para o trabalho. A formação desta massa adicional de trabalhadores já foi explicada por Marx no Livro Primeiro. Aqui ela é tomada como dada para as condições sociais normais do capitalismo.

Quarta: pressupõe-se certo grau de entesouramento parcial de mais-valia que possa servir como meio adicional de riqueza monetária potencial

Dadas estas condições, a reprodução ampliada continuará, como na reprodução simples, sendo analisada num alto grau de abstração. Marx ainda abstrai aqui qualquer modificação na composição orgânica do capital isto é, abstrai o progresso técnico.

Dado o seguinte esquema analisemos a natureza da reprodução ampliada do capital social anual.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| I. | 4.000c + | 1.000v | + 1.000m = | 6.000 |
| II. | 1.500c + | 750v | + 750m = | 3.000 |
| | | | | 9.000 |

Em nosso esquema I(v+m) excede IIc em 500 (2.000 – 1.500 = 500), que poderá ser destinado à acumulação de capital. Assim, nosso esquema pode ser modificado da seguinte maneira:

| | | | |
|---|---|---|---|
| I. | 4.000c + 1.500(v+m1) | + 500m2 = | 6.000 |
| II. | 1.500c + 750v | + 750m = | 3.000 |

Onde, m1 = mais-valia consumida sob forma de renda e m2 = mais-valia capitalizada. Assim, Iv+m é igual a IIc, condição para a reprodução simples e simultaneamente, ponto de partida para a reprodução ampliada. Não cabe aqui analisar o intercâmbio entre estes dois departamentos, já o explicamos na parte sobre a reprodução simples. Deste intercâmbio 500IIc foi dissipado como meio de consumo individual do capitalista, 1.000IIc permanece como meio de produção para novos meios de produção de I e 1.500Iv+m permanece como meio de consumo para novos meios de consumo de II.

Como a composição orgânica do capital em I é de 4:1, devemos supor que dos 500Im, 400 terão de se transformar em capital constante e 100 em variável. Que I seja então:

I. 4.000c + 1.000v + 500m (400c + 100v)

Suponhamos ainda que os 400c sejam anexados ao capital constante inicial de 4.000. Então teremos em I uma nova configuração:

I. 4.400c + 1.000v + 100m (a serem convertidos em 100v)

Sabemos pela análise da reprodução simples que estes 4.400c são realizados mediante intercâmbio entre os próprios capitalistas do Departamento I. Suponhamos ainda que II compra para fins de acumulação os 100Im existentes em mãos de I na forma de meios de produção. 100Im se converte em meios de produção de II e em dinheiro para I. Temos então para I:

I. 4.400c (sob forma natural) + 1.100v (sob forma monetária) = 5.500 (500 foram dissipados improdutivamente pelo capitalista).

O departamento II tem agora como capital constante 1.600c comprados de I (1.500IIc trocados por 1.500I(v+m) mais os 100c) mais 750v e 750m de seu próprio departamento:

II. 1.600c + 750v+ 750m = 3.100

Para processar este capital de 1.600c II tem de acrescentar outros 50v em dinheiro para a compra de nova força de trabalho, de modo que seu capital variável cresce de 750 para 800. Essa expansão do capital constante em 100 e do variável em 50 é custeada a partir da mais-valia de II. Seu produto anual se distribui, então, do seguinte modo:

II. 1.600c + 800v+ 600m (como fundo de consumo) = 3.000

Os 150m produzidos em meios de consumo, aqui convertidos em II(100c + 50v), entram em sua forma natural inteiramente no consumo dos trabalhadores: 100 é consumido pelos trabalhadores de I e 50 pelos trabalhadores de II. Por isso, torna-se condição fundamental da reprodução ampliada que parte adicional no montante de 150IIm seja reproduzida sob a forma de meios de consumo necessários para satisfazer a massa adicional de trabalhadores em atividade.

O esquema modificado para fins da reprodução ampliada apresenta-se agora deste modo:

I. 4.400c + 1.100v+ 500 (fundo de consumo do capitalista) = 6.000
II 1.600c + 800v + 600 (fundo de consumo do capitalista) = 3.000
Total = 9.000

Deste montante, é capital:

I. 4.400c + 1.100v (em dinheiro) = 5.500
II. 1.600 c + 800v (em dinheiro) = 2.400
7.900

Enquanto a produção anual começou com:

I. 4.000c + 1.000v = 5.000
II. 1.500c + 750v = 2.250
7.250

Se a acumulação de capital prossegue deste modo ao final do ano a produção total será:

| | | | |
|---|---|---|---|
| I. | 4.400c + 1.100v | + 1.100m = | 6.600 |
| II. | 1.600c + 800v | + 800m = | 3.200 |
| | | | 9.800 |

Resumindo, toda a produção social foi realizada dentro do seguinte esquema de trocas:

a) 4.000 Ic, como sabemos pela análise da reprodução simples, foi intercambiado dentro do próprio Departamento I.

b) 1.500 I(v+m1) foi intercambiado por 1.500 IIc, conforme ainda a regra da reprodução simples. 1.000 IIc foi consumido pelos trabalhadores de I e 500 IIc foi dissipado improdutivamente pelos capitalistas de I. II possui seus 1.500 I(v+m) sob a forma natural de meios de produção.

c) 500 Im2 foi dividido em 400 Ic + 100 Iv. 400 Ic foi, como foi 4.000 Ic, intercambiado dentro do próprio Departamento I. 100 Iv foi intercambiado com 100 IIc.

d) Em II resta ainda para realizar 1.500 (750v + 750m). 750v será consumido pelos próprios operários de II. Parte de 750m será convertida em meios de consumo necessários no valor de 100 para serem trocados com 100 Iv. Esta massa de 100 Iv será consumida pelos operários adicionais do Departamento I.

e) Parte de 750, no valor de 50, será convertida em meios de consumo necessários dos operários adicionais de II. Restará, assim, 600 IIm que será consumido na forma de renda pelos próprios capitalistas de II. O produto anual total foi, assim, completamente realizado.

A reprodução ampliada foi conseguida mediante as seguintes condições[1169]:

[1169] Esta conclusão pode ser confirmada pelas conclusões de Humberto Perez Gonzalez, Op. cit., p. 82.

1) Iv + Im deve ser maior que IIc. Esta condição se faz necessária porque a expansão da produção sob uma escala mais elevada exige uma produção adicional de meios de produção do Departamento I suficiente para atender tanto a nova demanda adicional de I quanto de II.

2) Ic + Iv + Im deve ser maior que Ic + IIc. A quantidade de meios de produção produzidos deve ser superior à quantidade de meios de produção consumidos para que não apenas reponham estes últimos como permitam a ampliação da produção.

3) IIc + IIv deve ser inferior a Im + IIm. Se as receitas de I e II fossem equivalentes ao total dos meios de consumo produzidos e se investissem na sua aquisição, não sobraria mais-valia para acumular como capital.

4) IIc + IIv + IIm deve ser maior que Iv + IIv + Im1 + IIm1. Só assim haverá meios de consumo excedentes para os novos operários adicionais que se incorporarem ao processo de ampliação da produção.

Continuemos analisando a reprodução social ampliada no segundo ano de produção. Ela inicia o ano, então, do seguinte modo.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| I. | 4.400 c+ | 1.100v | + 1.100m = | 6.600 |
| II. | 1.600c+ | 800v | + 800m = | 3.200 |
| | | | | 9.800 |

Suponhamos agora que I prossiga acumulando na mesma proporção que no ano anterior, que despenda metade da mais-valia em renda e adiante metade em capital. Assim nosso esquema se modifica do seguinte modo:

I. 4.400c + 1.650 (v+m)+ 550m2

Contudo, o capital constante de II a repor é de apenas 1.600, os 50 restantes têm de ser completados, portanto, a partir de 800IIm. Abstraindo o dinheiro temos então:

II. 1.650c + 800v+ 750m

Deste modo II(v+m) = IIc. Mas, se em II permanece a antiga proporção entre v e c, então para 50c têm de ser adiantados outros 25v; estes devem ser tirados de 750m. Assim temos nova modificação:

II. 1.650c + 825v+ 725m

Em I ainda restam para capitalizar 550m2. Destes, se a proporção do ano anterior é mantida, 440 constituirá capital constante e 110 capital variável. Então:

I. 4.400c + 1.100 IIc em produtos (550 foi dissipado pelo capitalista) + 550 m2 (440c + 110v).

Estes 110 podem eventualmente ser extraídos de 725 IIm. Isto é, meios de consumo no valor de 110 serão consumidos pelos trabalhadores de I em vez de pelos capitalistas de II. Este capitalizará, então, 110 de sua mais-valia de 725. Sobrará em suas mãos, deste modo, uma mais-valia de 615. Nosso esquema em I se modificará, assim, do seguinte modo:

| | | | |
|---|---|---|---|
| I. | (4.400c + 440c) | (1.100v + 110v) | = 6.050 |
| I. | 4.840c | + 1.210c | = 6.050 |

Mas, se II transforma, desse modo, os 110 em capital constante adicional, então ele precisa de outro capital variável adicional de 55. Este tem de ser fornecido por parte de sua mais-valia. Subtraindo-o de sua mais-valia de 615 IIm, restam ainda 560 para o consumo dos capitalistas de II. Assim temos em II:

II. 1.600c + 50c + 110c) + (800v + 25v + 55v) = 2.640

II. 1.760c 880v = 2.640

Ao final do segundo ano a reprodução anual total será igual ao seguinte esquema:

I. 4.840c + 1.210v + 1.210m = 7.260

II. 1.760c + 880v + 880m = 3.520

Total 10.780

E assim segue-se, pressupondo tudo mais igual, ano após ano um produto total de 11.858 no terceiro ano, 13.043 no quarto ano, 14. 348 no final do quinto ano e assim sucessivamente.

## 3.5 A POSSIBILIDADE DE CRISES PELA DESPROPORÇÃO INTERSETORIAL

Os esquemas de reprodução desenvolvidos por Marx são esquemas puramente abstratos e não servem, portanto, para explicar nem a possibilidade de um desenvolvimento ininterrupto e eterno da produção capitalista como queria Tugán-Baranovsky, nem mesmo para explicar a impossibilidade do desenvolvimento capitalista como pensava Rosa Luxemburg. Os esquemas possuem uma função muito específica dentro do processo expositivo de *O Capital*: demonstrar sob que condições abstratas, irreais, portanto, uma sociedade baseada na produção generalizada de mercadorias e sem um mecanismo consciente de distribuição do trabalho social entre os diversos ramos da produção pode encontrar um ponto de equilíbrio entre produção e consumo que possibilite a própria reprodução da sociedade.

Uma crise de superprodução de mercadorias se torna possível caso um ramo ou sub-ramo da produção se desenvolva em oposição às necessidades de um desenvolvimento proporcional da produção de acordo com o esquema abstrato

desenvolvido por Marx. Tugán-Baranovsky, economista russo do final do século XIX, a partir da errada concepção de que os esquemas representavam as condições reais em que se desenvolvia a reprodução social do capital, pretendeu extrair destes esquemas a prova de que a sociedade capitalista pode se desenvolver eternamente sem sobressaltos e a custa do consumo humano, desde que a distribuição do trabalho social fosse regulada por um mecanismo público consciente que desloque de um ramo da produção para outro o montante de capital necessário para garantir o equilíbrio pensado pelo esquema[1170].

Hilferding concebe, do mesmo modo que Tugán-Baranovsky, que caso a sociedade capitalista pudesse regular conscientemente a distribuição do trabalho social dentro da sociedade segundo um plano racional seria possível evitar-se as crises de superprodução provocadas pela anarquia do mercado[1171].

Tugán e Hilferding não negam a contradição existente entre a esfera da produção e a do consumo. Para eles, porém, tal contradição não emana da condição assalariada do produtor, mas, sim, unicamente da desproporção que existe na esfera da distribuição do investimento entre os diferentes capitais. Para ambos as crises de superprodução resultam unicamente de um desequilíbrio na distribuição do trabalho social. A superprodução, para Tugán e Hilferding, se formaria apenas em ramos isolados da produção porque o ramo comprador que lhe corresponde não teria crescido na mesma proporção e não teria, portanto, absorvido na mesma proporção da oferta a massa crescente de mercadorias lançadas no mercado. Para Marx, *"é inegável que em ramos isolados se pode produzir a mais e por isso de menos em outros; crises parciais, por conseguinte,*

---

[1170] Conforme as palavras de Tugán: *"A contradição fundamental do capitalismo consiste na falta de um controle do consumo social sobre a produção social. A produção capitalista se converte de meio em fim em si mesmo. Daí emanam as crises da economia capitalista (...), se a produção social estivesse planificadamente organizada, se os diretores da produção tivessem um conhecimento perfeito da demanda e o poder de transladar livremente o trabalho e o capital de um ramo da produção a outro, então por baixo que fosse o nível de consumo social a oferta de mercadorias não poderia superar a demanda. Porém a acumulação de capital com uma falta total de planificação da produção, com a anarquia que impera no mercado mundial, leva inevitavelmente às crises"*. Mijail I. Tugán-Baranovski: Op. cit., p. 261.

[1171] Para Hilferding os esquemas do Livro II de Marx, *"...demonstram que, na produção capitalista, pode ocorrer tranqüilamente uma reprodução, tanto em escala simples como em escala ampliada, contanto que sejam mantidas essas proporções (...) portanto, com isso, a conseqüência não é que a crise tem sua causa necessariamente no subconsumo das massas, imanente à produção capitalista. Uma expansão demasiado rápida do consumo leva necessariamente, de per si, à crise, da mesma forma como a produção invariável ou reduzida da produção dos meios produtivos. Dos esquemas em si tampouco decorre a possibilidade de uma superprodução generalizada de mercadorias; pelo contrário, torna-se possível toda a expansão da produção que pode ter lugar com as forças produtivas existentes"*. Rudolf Hilferding: Op. cit., ps. 234 e 243

*podem surgir de produção desproporcionada"*[1172]. Contudo, uma crise de superprodução decorrente da desproporcionalidade intersetorial só cabe ser pensada quando superarmos as abstrações postas por Marx no Livro Segundo, pois uma *"produção proporcionada resulta sempre da produção desproporcionada na base da concorrência"*[1173]. Concorrência que continua abstraída na altura do Livro Segundo e será posta somente no Livro Terceiro.

Uma distribuição proporcional do trabalho social dentro de uma sociedade marcada pela contradição entre o interesse privado do capitalista individual com o conjunto dos capitais só pode ocorrer sob a marca da desproporcionalidade porque não são os interesses do capital global que orientam o investimento privado como em nosso esquema, mas, ao contrário, é a distribuição irregular do investimento privado quem determina a formação do capital global. E a distribuição do investimento global se realiza de acordo com os imperativos da concorrência, que para nós ainda permanece abstraída.

A superação das abstrações dos esquemas de reprodução social do Livro Segundo só pode ser realizada na mesma medida em que pormos sob análise não mais o capital em sua generalidade abstrata, mas, sim, o capital em sua realidade concreta, o capital enquanto multiplicidade opositiva de muitos capitais individuais. Desde as primeiras páginas do Livro Primeiro, onde analisamos a forma-mercadoria do produto e suas insolúveis contradições, até as últimas páginas do Livro Segundo, onde analisamos a reprodução do capital social, operamos sempre com um alto grau de abstração. Nosso objeto foi sempre, desde o começo até agora, o capital visto em sua generalidade abstrata, o capital visto como totalidade processual que se desenvolve mediado por uma série de formas funcionais particulares e que sempre retorna a seu ponto de partida. O capital em sua existência real, contudo, existe como multiplicidade de capitais autônomos e independentes entre si. O capital não existe sem a multiplicidade de capitais e a concorrência que eles mutuamente exercem um sobre o outro.

Todas as contradições encontradas até aqui são contradições potenciais e a crise e a explosão violenta destas contradições permanecem uma possibilidade abstrata enquanto não superarmos as abstrações do capital em geral e pormos o capital enquanto multiplicidade de capitais individuais que disputam ferreamente entre si a apropriação da mais-valia global já realizada. Nossa análise sobre as crises ainda permanece no campo das

[1172] Teorias da Mais-valia II, p. 955. MEW 26.2, p. 521.

possibilidades porque até aqui analisamos unicamente as leis internas e gerais da sociedade capitalista, seja no âmbito da produção da mais-valia ou de sua realização, cabendo ainda analisar como estas leis se realizam no exterior da sociedade capitalista. Postas as leis gerais da sociedade capitalista em toda a sua necessidade interna cabe ainda analisar como estas leis se exteriorizam na superfície da sociedade capitalista. Cabe ainda em nossa exposição, pôr a livre concorrência entre os irmãos que se odeiam realizando estas leis internas. Como já citamos em passagem anterior *"a livre concorrência impõe a cada capitalista individualmente, como leis externas inexoráveis, as leis imanentes da produção capitalista"*[1174]. Não é possível imaginarmos uma sociedade capitalista desenvolvida sem a livre concorrência pois ela tem uma função fundamental na realização das leis internas do capital. Apesar das abstrações dos esquemas de reprodução social a decisão real sobre onde investir o capital, se no Departamento I ou no Departamento II, cabe ao capitalista individual. Apesar da necessária conexão entre um departamento e outro da produção social, a decisão sobre onde distribuir o trabalho social dentro da sociedade cabe a uma série infindável de decisões fragmentadas e pulverizadas emanadas do capitalista individual.

Se não houvesse a livre concorrência e a coação externa que os muitos capitais individuais mutuamente exercem entre si, o capital global da sociedade poderia ser racionalmente distribuído dentro da sociedade como sonhava Hilferding evitando a anarquia e as crises de superprodução. Contudo, enquanto os capitais individuais levam a cabo em suas fábricas a mais ferrenha planificação e controle da produção, no conjunto da produção social impera a anarquia e a fragmentação dos interesses privados em oposição às necessidades da sociedade. Sob o regime da livre concorrência, por isso, a proporcionalidade entre os diversos capitais é conseguida apenas mediante a constante desproporcionalidade e oposição geral dos diversos capitais particulares entre si.

A crise do capital vista em sua realidade concreta só pode ser compreendida, por isso, na medida em que superarmos a análise mais abstrata do capital e pormos em ação a multiplicidade de capitais e a livre concorrência. *"A crise real [reale Krisis] só pode configurar-se a partir do movimento real da produção capitalista, da concorrência e do*

---

[1173] Teorias da mais-valia II, p. 955. MEW 26.2, p. 521.

[1174] OC Ia, p. 206. *"Die freie Konkurrenz macht die immanenten Gesetze der kapitalistischen Produktion dem einzelnen Kapitalisten gegenüber als äußerliches Zwangsgesetz geltend"*. MEW 23, p. 286.

*crédito, enquanto provém das determinações de forma do capital [Formbestimmungen des Kapitals], as quais lhe são peculiares e não se encerram em sua mera existência de mercadoria e de dinheiro"*[1175].

Nossa análise ainda permanece no nível da abstração porque até aqui analisamos somente a relação do capital em geral com a classe trabalhadora, objeto do Livro Primeiro, e a relação do capital em geral consigo mesmo, isto é, a relação do capital em geral com suas múltiplas partes funcionais que operam na esfera da circulação e realização da mais-valia, objeto do Livro Segundo. Cabe ainda analisar o capital enquanto multiplicidade empírica de capitais individuais e autônomos entre si. *"As crises do mercado mundial têm de ser concebidas como a convergência real e o ajuste à força de todas as contradições da economia burguesa"*[1176]. Enquanto todas as contradições do capital não forem postas sob análise, inclusive as contradições da concorrência, as crises do capital permanecem no âmbito da mera possibilidade formal. Quanto mais superamos as abstrações e possibilidades da crise presentes nas contradições mais simples do capital como a contradição entre valor de uso e valor, mercadoria e dinheiro, processo de trabalho e processo de valorização, tempo de produção e tempo de circulação, produção e realização da mais-valia etc., quanto mais nos aprofundamos na análise das contradições da sociedade capitalista, mais avançamos da simples possibilidade formal da crise para sua realidade efetiva. E quanto mais nos aproximamos da realidade concreta da sociedade capitalista mais necessário se torna para nós demonstrar que *"as formas abstratas [abstrakten Formen] dele [do capital] são interativas e se contêm nas mais concretas [konkreten]"*[1177], isto é, nas formas postas pela concorrência.

---

[1175] Teorias da Mais-valia II, p. 948. MEW 26.2, p. 513.

[1176] Teorias da Mais-valia II, p. 945. MEW 26.2, p. 510. *"Die Weltmarktkrisen müssen als die reale Zusammenfassung und gewaltsame Ausgleichung aller Widersprüche der bürgerlichen Ökonomie gefaßt werden."*

[1177] Teorias da Mais-valia II, p. 945. MEW 26.2, p. 510.

# Cap. III. A DISTRIBUIÇÃO DA MAIS-VALIA

## 1. A TRANSFORMAÇÃO DA MAIS-VALIA EM LUCRO E DA TAXA DE MAIS-VALIA EM TAXA DE LUCRO

### 1.1.Preço de custo e lucro

Marx abre o Livro Terceiro esclarecendo novamente a natureza de seu método expositivo e os problemas que serão abordados agora. Nos Livros Primeiro e Segundo, tratou-se de analisar o capital em geral em seus fundamentos mais abstratos, por isso, a análise pura do processo de produção e circulação exigia que se tomasse o capitalismo, do mesmo modo, em sua forma mais pura e abstrata, que se tomasse como pressuposto a existência de duas únicas classes sociais, a do proletariado e a capitalista. A análise avançara lenta e arduamente dos níveis mais superficiais da sociedade burguesa aos níveis mais fundamentais da relação pura entre as classes. Agora, contudo, desvelados os fundamentos da produção e circulação do capital social, trata-se de retornar à mesma esfera superficial da sociedade burguesa e, a partir das noções encontradas nos Livros Primeiro e Segundo, desmistificar as categorias econômicas da Economia Política burguesa e sua falsa aparência de categorias científicas. De todas as categorias, a principal a ser criticada é a de lucro e taxa de lucro.

O grau de abstração e pureza dos Livros anteriores é agora, então, substituído pela análise das categorias concretas da superficialidade burguesa. No Livro Primeiro tratava-se de desvendar o segredo da produção da mais-valia, no Livro Segundo tratava-se de explicar a realização da mais-valia social e agora no Livro Terceiro, trata-se de desvendar os mistérios que encobrem a distribuição da mais-valia entre a multiplicidade concreta dos capitais individuais. A exposição exige, portanto, que se ponha em análise a

multiplicidade empírica do capital, suas mútuas relações e o modo como cada facção individual do capital social participa do botim sobre a classe trabalhadora.

No Livro Segundo mostrou-se que o capital é unidade do processo de produção e circulação. Sua análise pautava-se sempre pela generalidade do capital social. Agora no Livro Terceiro, tal generalidade abstrata deve ser substituída pela análise da multiplicidade concreta do capital social. *"Do que neste Livro Terceiro se trata não pode ser da formulação de reflexões gerais [allgemeine Reflexionen] sobre essa unidade. Trata-se muito mais de encontrar e expor as formas concretas [konkreten Formen] que surgem do processo de movimento do capital considerado como um todo [Bewegungsprozeß des Kapitals, als Ganzes betracht: em itálico no original]"*[1178]. Trata-se agora de superar a generalidade abstrata das análises anteriores e pôr em seu lugar a individualidade concreta do capital e a oposição conflituosa entre as múltiplas facções isoladas do capital social. *"Em seu movimento real [wirklichen Bewegung], os capitais se defrontam em tais formas concretas [konkreten Formen], para as quais a figura do capital no processo de produção direto, bem como sua figura no processo de circulação, só aparece como momento específico"*[1179]. Agora trata-se, então, de analisar não mais o movimento genérico e abstrato do capital social visto como unidade do processo de produção e circulação, mas, sim, analisar a multiplicidade conflituosa dos capitais individuais na esfera turbulenta e ofuscante da concorrência e da distribuição da mais-valia.

Ao retornarmos agora à esfera da circulação retornamos, portanto, ao nosso ponto de partida inicial, à compra e venda de mercadorias no mercado de meios de produção e força de trabalho. Contudo, nossos agentes na esfera da circulação não serão mais simplesmente homens de negócios que compram no mercado meios de produção e força de trabalho com a intenção de valorizar o capital-monetário adiantado. Nossos agentes agora não serão mais simples compradores e vendedores de mercadorias que procuram em suas múltiplas relações realizar o valor de seu produto. Os homens que se põem em relação no mercado são agora homens que disputam a partilha da mais-valia realizada. Serão homens que possuem como meta exclusiva abocanhar para si a maior massa possível da mais-valia social produzida. Produzida e realizada a mais-valia social, trata-se agora de abocanhá-la. *"As configurações do capital, como as desenvolvemos neste*

[1178] OC IIIa, p. 21. MEW 25, p. 33.

*livro, aproximam-se, portanto, passo a passo, da forma em que elas mesmas aparecem na superfície da sociedade, na ação dos diferentes capitais entre si, na concorrência e na consciência costumeira dos agentes da produção"*[1180]. Agora não se trata de encontrar novas categorias científicas que desvendem a sociedade burguesa em seus fundamentos internos, agora trata-se de criticar a aparente cientificidade das categorias burguesas elaboradas exteriormente pelos agentes do capital, seus economistas políticos e o próprio capitalista prático. Dentre as muitas categorias superficiais da sociedade burguesa ainda não desveladas duas delas merecerão análise mais atenciosa de Marx, a categoria de lucro e taxa de lucro.

O valor de toda mercadoria M produzida de modo capitalista pode ser expresso na seguinte fórmula: M = c + v + m. Se, por exemplo, o valor de uma mercadoria for igual a 600 e seus componentes internos forem divididos em 400c + 100v + 100m, então a mais-valia aparecerá como um valor acrescido de 100 ao preço de custo da mercadoria que é igual a 500. Para o capitalista prático 100m é o preço excedente que ele adiciona ao preço de custo, excedente que formará o lucro de seu negócio. Para o capitalista, a mercadoria parece custar 500, para a sociedade ela custa 600. A diferença entre os dois custos aparece na instância superficial da contabilidade do capitalista prático como a fonte do lucro. Nesta contabilidade exterior a diferença interna entre capital constante e capital variável e, ainda, a fermentação do valor adiantado na forma de capital variável, fica inteiramente apagada. Como na instância exterior e enganosa do mercado é o capitalista que aparece como fabricante frente à massa de compradores, do mesmo modo aparece a mais-valia como uma massa de valor que não possui nenhuma relação com o trabalhador da fábrica. A mais-valia aparece como um valor adicional posto exteriormente pelo gênio desenvolvido do capitalista prático.

Se denominarmos *p* o preço de custo da mercadoria, então a fórmula que expressa o valor de uma mercadoria pode ser expressa como M = p + m. Mercadoria = preço de custo + mais-valia. Na noção preço de custo toda a diferença entre capital constante e variável foi apagada e todos os nexos internos do capital foram dissolvidos misteriosamente. Os adiantamentos do capitalista com capital constante em nada se diferenciam, a não ser quantitativamente, dos adiantamentos com capital variável. *"As duas*

[1179] OC IIIa, p. 21. MEW 25, p. 33.

*partes do preço de custo, em nosso caso 400c + 100v, só tem em comum o seguinte: que ambas são partes do valor-mercadoria que repõem capital adiantado"*[1181]. Ambas aparecem como adiantamentos enquanto tal. Suas diferenças qualitativas internas foram magicamente apagadas. Tal inversão de valores não surge casualmente como mero acidente na consciência dos agentes práticos do capital, esta inversão é uma necessidade inexorável da sociedade capitalista. *"Esse estado real das coisas aparece, porém, necessariamente de modo invertido da perspectiva da produção capitalista [Dieser wirkliche Sachverhalt erscheint aber notwendig in verkehrter Weise vom Standpunkt der kapitalistischen Produktion]"*[1182]. Esta inversão fetichista do mundo real, como já esclarecemos no Livro Primeiro, é conseqüência necessária e inexorável da produção capitalista de mercadorias.

Marx volta a tratar aqui do fetichismo da forma salário, também já desvendado no Livro Primeiro, ao comparar a sociedade capitalista com o mundo antigo escravocrata. *"O modo de produção capitalista difere do modo de produção baseado na escravidão entre outras coisas pelo fato de que o valor, respectivamente o preço da força de trabalho, se apresenta como valor, respectivamente preço do próprio trabalho"*[1183]. O fetichismo da forma salário aparece agora ainda mais profundo quando os adiantamentos com capital variável aparecem fundidos indistintamente com os adiantamentos feitos com capital constante. Não estamos ainda considerando a importante questão que Marx procurou esclarecer no Livro Primeiro, sobre a falsidade da noção de adiantamento de salário. Na prática são os trabalhadores que adiantam trabalho ao capitalista ao receberem seu salário apenas passado certo tempo de trabalho. Não estamos levando em conta, ainda, o fato de que o trabalhador, passado certo período de produção, é constantemente comprado com a própria mais-valia que ele produziu. *"A parte variável de valor do adiantamento de capital aparece [erscheint], por isso, como capital despendido em salário, como um valor-capital que paga o valor, respectivamente o preço, de todo o trabalho despendido na produção"*[1184]. A categoria enganosa de preço de custo, assim como a de salário, ao esconder a verdadeira diferença entre capital constante e capital variável esconde que é da fermentação deste último que surge a mais-valia do capital e não de toda a massa de capital

---

[1180] OC IIIa, p. 21. MEW 25, p. 33.
[1181] OC IIIa, p. 24. MEW 25, p. 41.
[1182] OC IIIa, p. 24. MEW 25, p. 41.
[1183] OC IIIa, p. 24. MEW 25, p. 41.
[1184] OC IIIa, p. 24. MEW 25, p. 41.

adiantada inicialmente. Na fórmula enganosa do preço de custo a mais-valia parece surgir tanto da massa de meios de produção e matérias-primas adiantadas, quanto da massa de trabalho vivo em atividade. Nesta fórmula mistificada e superficial *"só vemos valores prontos, disponíveis – as partes de valor do capital adiantado que entram na formação do valor-produto –, mas nenhum elemento gerador de valor novo. A diferença entre capital constante e capital variável desapareceu"*[1185].

A diferença entre capital constante e capital variável aparecerá exteriormente na forma enganosa da diferença entre capital fixo e capital circulante. Suponhamos que na produção de nossa mercadoria tenha sido adiantado um capital fixo de 1.200 libras esterlinas e destas, apenas 20 tenha sido depreciada e transferida ao valor final da mercadoria. Seu preço de custo seria formado então de 20 libras de capital fixo depreciado, 380 de capital circulante constante e 100 de capital circulante variável. Sintetizando: 20 libras de capital fixo e 480 libras de capital circulante.

Agora, se o capital variável foi destacado e diferenciado do capital fixo constante, ele foi, porém, igualado ao capital circulante constante. Essa nova forma de aparição continua escondendo as verdadeiras diferenças internas do capital-produtivo. Tudo o que aparece são diferenças que escondem a natureza contraditória do capital-produtivo. *"Essa diferença entre capital fixo e capital circulante em relação ao cálculo do preço de custo só comprova, portanto, o surgimento aparente [scheinbare Entstehung] do preço de custo [Kostpreises] a partir do valor-capital despendido ou do preço que os elementos de produção despendidos, inclusive o trabalho, custam ao próprio capitalista"*[1186]. A parte do valor que custa ao próprio trabalhador, seu tempo de vida doado gratuitamente à valorização irracional do valor, fica completamente escondida na falsa e aparente oposição entre capital fixo e capital circulante, *"consumando-se assim a mistificação [Mystifikation] do processo de valorização [Verwertungsprozesses] do capital"*[1187].

Isto é o que cabe à análise do preço de custo. Com a análise da mais-valia na forma de lucro a mesma mistificação se repete. Para o capitalista prático e seus economistas a mais-valia aparece como um valor novo adicionado não unicamente pelo capital variável, mas, sim, por todas as partes de seu capital indistintamente. Na formação da mais-valia

[1185] OC IIIa, p. 24/25. MEW 25, p. 42.
[1186] OC IIIa, p. 25/26. MEW 25, p. 43.
[1187] OC IIIa, p. 26. MEW 25, p. 44.

atuam, do ponto de vista do capitalista, tanto o capital adiantado na forma de capital fixo quanto a parte do capital adiantado na forma de capital circulante constante e salários. A mais-valia aparece como um valor novo gerado pelo próprio capital e não apenas por uma parte reduzida dele, a parte despendida em capital variável. *"No que, inicialmente, tange ao capital despendido na produção, a mais-valia parece [scheint] originar-se por igual de seus distintos elementos de valor, que consistem em meios de produção e em trabalho"*[1188]. Do ponto de vista do capitalista prático é uma estupidez grotesca imaginar que sua mais-valia surge da menor soma de capital adiantado no processo de produção. Se assim fosse, diria nosso sábio capitalista, porque ele adianta uma soma excessiva em meios de produção que não valoriza seu capital? O senso superficial da economia política burguesa não consegue aceitar o paradoxo de que sua mais-valia provém unicamente dos adiantamentos feitos com capital variável, a menor parte adiantada de seu capital, e não de todas as partes indistintas do capital-produtivo. Esse fenômeno será mais bem esclarecido na análise da distribuição da mais-valia e da formação de uma taxa de lucro média. Marx cita as palavras de Malthus para expressar o senso anticientífico do capitalista prático: *"o capitalista (...) espera o mesmo lucro sobre todas as partes do capital que ele adianta"*[1189].

A mais-valia vista sob a ótica do capital, surge como uma nova forma de mistificação das categorias centrais da sociedade capitalista. Vista deste modo grosseiro e superficial como lucro do capital, a mais-valia aparece exteriormente não como determinada soma de riqueza produzida pelo trabalho do operário e apropriada privadamente pelo capitalista, mas, sim, como a forma transmutada e enganosa da forma lucro. *"Como tal descendente imaginário do capital global adiantado, a mais-valia recebe a forma transmutada de lucro [verwandelte Form des Profits]... O lucro, tal como o temos inicialmente ante nós, é, portanto, o mesmo que a mais-valia, apenas numa forma mistificada [mystifizierten Form], que, no entanto, brota necessariamente do modo de produção capitalista"*[1190]. A mistificação da mais-valia na forma lucro aparece, como todas as outras formas empíricas da economia burguesa, como um engano necessário, inexorável e não acidental da sociedade capitalista. Sua transmutação na forma lucro segue as leis de inversão do mundo real num mundo fetichizado e virtual já desvendado na análise do

[1188] OC IIIa, p. 26/27. MEW 25, p. 45.
[1189] OC IIIa, p. 27. MEW 25, p. 46.
[1190] OC IIIa, p. 27. MEW 25, p. 46.

fetichismo da mercadoria. O fetichismo da forma lucro é nada mais que o fetichismo da forma mercadoria em sua forma mais desenvolvida. Do mesmo modo como o preço da força de trabalho se metamorfoseia na forma enganosa do salário, do mesmo modo a mais-valia se metamorfoseia na forma ilusória do lucro. *"Já que num pólo o preço da força de trabalho [Preis der Arbeitskraft] aparece [erscheint] na forma transmutada de salário [verwandelten Form von Arbeitslohn], no polo antitético a mais-valia aparece [erscheint] na forma transmutada de lucro [verwandelten Form von Profit]"*[1191].

### 1.2 A taxa de lucro

Do ponto de vista do capitalista prático pouco importa se a mais-valia ou lucro vem da valorização do capital variável ou do capital constante. Para ele importa saber quanto de lucro será gerado pela totalidade do capital inicialmente adiantado. Como para ele não importa o valor de uso do produto, mas, unicamente a valorização do valor, importa para ele saber qual a taxa de valorização da totalidade do valor adiantado como capital. Em sua imaginação capital variável e capital constante são indistintamente capital adiantado que deve retornar ao seu bolso valorizado. Como vimos no Livro Primeiro a relação entre mais-valia e capital variável (m/v) nos fornece a taxa de mais-valia. A mesma mais-valia vista em relação com a totalidade do capital adiantado (m/C onde C = c + v) nos fornece a taxa de lucro. Quantitativamente mais-valia e lucro globais são iguais. Porém, a mesma massa global de mais-valia vista em relação com o capital global converte a taxa de mais-valia em taxa de lucro. Nessa conversão de forma a mais-valia se metamorfoseia em taxa de lucro do capital. *"Pelo fato de que todas as partes do capital aparecem igualmente como fontes de valor excedente (lucro), a relação capital é mistificada"*[1192]. A mera mudança de relação converte magicamente a taxa de exploração do trabalhador e o índice de valorização do capital variável em taxa de valorização do capital global. A mais-valia parece surgir, deste modo, do próprio capital. A mais-valia não aparece mais como um excedente posto pelo trabalho gratuito do operário, mas, sim, como certo quantum de valor posto magicamente pelo próprio capital. O capital aparece pondo para si mesmo uma mais-valia que surge dele mesmo.

---

[1191] OC IIIa, p. 28. MEW 25, p. 46.
[1192] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 55.

*"Mais-valia e taxa de mais-valia são, em termos relativos, o invisível e o essencial a ser pesquisado, enquanto a taxa de lucro e, portanto, a forma da mais-valia como lucro se mostram na superfície dos fenômenos"*[1193]. E aqui se mostra toda a diferença entre a Economia Política de Marx com a Economia Política burguesa, mesmo de Ricardo, que segundo Marx nunca avançara sua análise para além da taxa de lucro, que sempre a tomara como um dado e nunca como problema a ser desvendado. Os verdadeiros problemas a serem desvendados pela ciência econômica são exatamente três. Primeiro: a formação da mais-valia no interior da relação capital, seu surgimento a partir da diferença entre trabalho pago e não-pago, problema que Marx desvendara no Livro Primeiro. Segundo: a realização da mais-valia global pressuposta a totalidade do capital social, problema que Marx desvendara no Livro Segundo. Terceiro: a repartição posterior desta mais-valia global já realizada entre todos os capitalistas individuais e, junto a ela, a crítica complementar às categorias superficiais da economia política burguesa e o desvelamento de seu caráter fetichizado e ilusório. Ricardo, e nenhum outro economista burguês realizaram esta tripla operação. A terceira operação, a repartição da mais-valia social e a crítica da falsa cientificidade das categorias superficiais do capitalista prático, é agora realizada por Marx no Livro Terceiro.

Ao capitalista individual interessa unicamente saber a relação entre a massa de mais-valia e seu capital global adiantado. A natureza interna do capital e os elos que ligam a mais-valia com o capital despendido em salários são para ele, não apenas pura perda de tempo, mas, sobretudo, algo que deve continuar escondido pela superficialidade de seu entendimento: *"a relação determinada e a conexão intrínseca desse excedente com os componentes específicos do capital não só não lhe interessam, mas é de seu interesse tornar nebulosa essa relação determinada e essa conexão intrínseca"*[1194]. Ao capitalista prático pouco importam as verdades científicas. Antes, ao contrário, ele não apenas foge delas como o diabo foge da cruz como tem interesse em escondê-las da sociedade.

Como vimos, o processo de valorização do capital é simultaneamente unidade do processo de produção da mais-valia com o processo de realização dela. Esta unidade interna, necessária e indissolúvel do capital social aparece, contudo, na esfera superficial do mercado misturada em meio a uma série incalculável de relações casuais e

[1193] OC IIIa, p. 32. MEW 25, p. 53.

acidentais de compra e venda, ora acima ora abaixo do valor. Como a mais-valia só conta realmente para o capitalista prático após sua metamorfose em dinheiro, como o sucesso desta metamorfose depende, até certo ponto, de seu faro para os negócios, o capitalista prático tende a acreditar que a mais-valia surge efetivamente da esfera da circulação. Por isso, nada mais coerente para ele imaginar que a mais-valia surge exatamente de um acréscimo de valor ao valor do capital global inicialmente adiantado posto por seu gênio autodeterminante.

Como a mente do capitalista prático está habituada a refletir unicamente as impressões do mundo sensível e imediato do mercado, torna-se perfeitamente coerente para seu intelecto vazio acreditar que o lucro é, efetivamente, uma soma adicionada de valor fornecida pelas partes indistintas de seu capital global adiantado. Como a metamorfose da mercadoria e da mais-valia na forma solvente do dinheiro se realiza em meio ao caos do mercado, em meio a uma intrincada rede de trocas que ora se realiza abaixo do valor e ora acima, nada mais normal que a mente do capitalista prático que reflete estas relações, conceber a mais-valia como algo que, se não é posta por seu gênio infalível para os negócios, é posta então pelo próprio capital global adiantado. *"Ambos, o processo de produção direto e o processo de circulação, se entrecruzam e interpenetram constantemente e, assim, falsificam [verfälschen] constantemente os marcos característicos que os distinguem"*[1195]. Importante observar que não é a consciência falsa do capitalista prático que falseia a realidade econômica, mas, antes, o contrário, é a realidade falsificada pela forma lucro que falseia a consciência do capitalista prático e seus economistas. Uma vez dada esta falsificação, contudo, o capitalista prático e seu cortejo de roedores de mais-valia, nenhum interesse manifestam em desvendar esta ilusão.

A fetichização do mundo da mercadoria aparecia como algo simples e nada misterioso no Livro Primeiro. De todas as formas ilusórias, a mais enganosa de todas foi elucidada facilmente por Marx, a forma salário. Contudo, no momento em que a mercadoria é lançada na esfera da circulação para aí realizar o valor, no momento em que o processo de produção se desdobra em processo de circulação, novas determinações se agregam ao processo total de valorização do valor-capital, aprofundando ainda mais o grau de fetichização da sociedade capitalista e criando, assim, novos motivos para que o

[1194] OC IIIa, p. 32. MEW 25, p. 53.

capitalista prático imagine que sua mais-valia surge efetivamente da esfera da circulação e não da esfera da produção. No processo de produção o tempo de produção surgia como a determinação fundamental para o sucesso da transformação de dinheiro em capital e este em mais-valia. Com a dualidade do processo em processo de produção e processo de circulação, se agrega ao tempo de produção uma nova e importante determinação temporal que regula o sucesso da valorização do valor em escala social, o tempo de circulação que agora influencia e limita a massa de mais-valia produzida e realizada dentro de um período de tempo determinado.

O capital passa da esfera da produção à esfera da circulação e, assim, sucessivamente, misturando e cruzando um momento com outro e perturbando a consciência fragmentada do capitalista prático e mesmo do operário. O capital passa de sua *"vida orgânica interior [innern organischen Leben] para relações vitais exteriores [auswärtige Lebensverhältnisse], para relações nas quais se defrontam não capital e trabalho, mas, por um lado, capital e capital e, por outro, os indivíduos novamente como simples comprador e vendedor"*[1196]. Em sua vida orgânica interior as relações sociais aparecem de modo mais límpido e claro, elas aparecem como relações puras entre as classes. No interior do capital a consciência adormecida do trabalhador é despertada pelos batimentos da produção e as longas e extenuantes jornadas de trabalho.

Na instância mais exterior do mercado onde o grande problema não é mais a produção e realização da mais-valia, mas, sim, sua repartição entre a confraria dos irmãos capitalistas que se odeiam, as relações sociais aparecem embaralhadas e confusas ao olhar do homem comum. Na instância do mercado, o turbilhão de relações sociais se entrecruza e se mistura dando a aparência de relações casuais e individuais. Capitalistas se defrontam individualmente entre si e, ainda, com os trabalhadores como simples vendedores e compradores de mercadorias. As marcas sociais que distinguem um grupo do outro foram apagadas pela aparência da forma salário, preço de custo, lucro e taxa de lucro: *"a forma original, em que capital e trabalho assalariado se defrontam, é disfarçada [verkleidet] pela intromissão de relações aparentemente independentes dela"*[1197]. Não bastasse isto, *"a própria mais-valia não aparece [erscheint nicht] como produto da apropriação de tempo*

---

[1195] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.
[1196] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.
[1197] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.

*de trabalho, mas como excedente do preço de venda das mercadorias sobre seu preço de custo e por isso este último facilmente se apresenta como seu verdadeiro valor (valeur intrinsèque), de modo que o lucro aparece [erscheint] como excedente do preço de venda das mercadorias acima de seu valor imanente"*[1198]. O lucro por isso facilmente aparece como algo posto exteriormente à relação entre capital e trabalho, aparece como algo posto no intercâmbio de mercadorias.

A fetichização do mercado se completa porque o próprio processo de produção da mais-valia aparece como um momento evanescente do processo total de valorização do valor-capital, como mero momento particular de importância tão ou menos elevada que o momento da circulação e realização da mais-valia. Como o capitalista individual pode contar com a sorte de em certos momentos realizar o valor de sua mercadoria acima do valor individual, ele tende a imaginar que a mais-valia surge realmente da esfera da circulação posta por seu gênio autodeterminante para os negócios. O processo de realização da mais-valia aparece, por isso, na consciência ilusória dos agentes do capital como um processo igual ao processo de produção da mais-valia. Sua diferença fundamental fica ofuscada pela duplicidade do processo total. O processo de produção *"no máximo aparece [erscheint] como um momento de igual direito ao lado da concepção de que o excedente realizado proviria do movimento independente do processo de produção, originário da própria circulação, portanto, um movimento pertencente ao capital, independentemente de sua relação com o trabalho"*[1199]. A mera existência material do capital, independente de sua relação com a classe trabalhadora, parece ser, ainda, uma *"fonte autônoma de mais-valia [selbständiger Quell des Mehrwerts], ao lado do trabalho e independentemente do trabalho"*[1200].

Sob a rubrica de custo de produção e figurando indistintamente ao lado dos custos com capital constante, a fonte viva e subjetiva da mais-valia e sua exploração cotidiana na fábrica ficam inteiramente obscurecidas na instância exterior do mercado: *"a extorsão de trabalho não-pago aparece [erscheint] apenas como economia no pagamento de um dos artigos que entram nos custos, apenas como pagamento menor por determinado quantum de trabalho; exatamente como também se economiza quando a matéria-prima é*

[1198] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.
[1199] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.
[1200] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54.

*comprada mais barata ou se reduz a depreciação da maquinaria"*[1201]. Sob a rubrica exterior de custo de produção apagam-se todas as diferenças qualitativas internas entre capital variável e capital constante, as diferenças que ainda permanecem são meras diferenças quantitativas que o capitalista pode adulterar com seu gênio desenvolvido para os negócios. *"Assim, a extorsão de mais-trabalho [Abpressung von Mehrarbeit] perde seu caráter específico; sua relação específica com a mais-valia é obscurecida... isso é fomentado e felicitado pela representação [Darstellung] do valor da força de trabalho na forma de salário"*[1202].

A transmutação da mais-valia em lucro e a taxa de mais-valia em taxa de lucro coroam o processo de inversão da consciência que já aparecia na inversão entre sujeito e objeto no interior do processo de produção. Vimos no Livro Primeiro que o processo de produção capitalista convertia o trabalhador de sujeito ativo e consciente do processo de trabalho em objeto das forças mortas do capital. O aparecimento no Livro Terceiro de uma força misteriosa que põe para o próprio capital uma mais-valia que surge dele próprio, apenas coroa e desenvolve mais profundamente este processo de inversão da consciência. Agora o capital põe para si mesmo uma mais-valia que aparece inteiramente separada do processo de consumo das forças vivas do trabalhador. A taxa de lucro, antes de revelar a verdadeira origem da mais-valia a esconde misteriosamente nos feitiços da circulação. *"O que a taxa de lucro mostra enquanto tal é, antes, uma relação uniforme do excedente com partes de igual grandeza do capital, que, desse ponto de vista, não apresenta diferenças internas [keine inneren Unterschied zeigt], salvo a existente entre capital fixo e circulante"*[1203].

A forma lucro é, por isso, *"uma forma transmutada da mais-valia [verwandelte Form des Mehrwerts], uma forma em que sua origem e o segredo de sua existência são velados e apagados"*[1204]. Por isso Ricardo, que toma o lucro e a taxa de lucro como dados e não como problemas a serem desvelados, nunca conseguiu avançar para além da análise da distribuição da mais-valia. O lucro e a taxa de lucro são formas ilusórias da economia política do capital, são formas ideologizadas da categoria decisiva da sociedade

[1201] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 54/55.
[1202] OC IIIa, p. 33. MEW 25, p. 55.
[1203] OC IIIa, p. 35. MEW 25, p. 57.
[1204] OC IIIa, p. 35. MEW 25, p. 58.

burguesa, a mais-valia gerada pelo trabalho gratuito do operário. Por isso para fugir dos enganos da superficialidade do mercado e das concepções às avessas dos agentes práticos do capital, tornou-se fundamental para Marx dissecar o interior das relações de produção e aí descobrir em toda sua imanência a natureza conceitual do capital. A taxa de lucro nunca fora tomada por ele como um dado, mas antes fora sempre um problema a ser esclarecido, porque *"o lucro é a forma fenomênica [Erscheinungsform] da mais-valia"*[1205], porque *"no mundo dos fenômenos, a coisa comporta-se às avessas [in der Erscheinungswelt verhält sich die Sache umgekehrt]"*[1206] e desvendar o avesso destas noções é a tarefa fundamental da Economia Política científica.

O lucro é fenômeno e forma avessa da mais-valia porque *"na mais-valia a relação entre capital e trabalho está posta a nu"*[1207]. Na relação entre capital e lucro, contudo, ocorre algo inteiramente contrário *"o capital aparece como relação consigo mesmo [erscheint das Kapitals als Verhältnis zu sich selbst: em itálico no original], uma relação em que ele, como soma original de valor, se distingue de um valor novo, por ele mesmo posto"*[1208]. Na noção de mais-valia, esta aparece ao final do processo de produção posta pelo próprio trabalhador. Na noção de lucro, a mais-valia aparece posta metafisicamente por todas as partes indistintas do capital. Na noção de lucro a mais-valia aparece sendo posta por um mecanismo de produção automático puramente objetivo. Na noção de mais-valia ela aparece sendo posta por um mecanismo vivo dotado de personalidade subjetiva.

O fetichismo do capital não se encerra unicamente nestas formas ilusórias mais imediatas e transparentes, ele ainda penetra profundamente todas as esferas da sociabilidade burguesa. *"Quanto mais perseguimos o processo de valorização do capital, tanto mais a relação-capital há de se mistificar e tanto menos há de pôr a nu o segredo de seu organismo interno"*[1209]. Quanto mais avançamos da esfera interior da sociedade burguesa à esfera superficial do mercado mais a sociedade burguesa aparece mistificada e nebulosa.

---

[1205] OC IIIa, p. 35. MEW 25, p. 58.
[1206] OC IIIa, p. 35. MEW 25, p. 57.
[1207] OC IIIa, p. 35. MEW 25, p. 58.
[1208] OC IIIa, p. 35/36. MEW 25, p. 58.
[1209] OC IIIa, p. 36. MEW 25, p. 58.

## 2. A TRANSFORMAÇÃO DO LUCRO EM LUCRO MÉDIO

### 21. COMPOSIÇÃO DIFERENTE DOS CAPITAIS COM DIFERENTES TAXAS DE LUCRO INDIVIDUAIS

*"O que queremos expor nesta seção é justamente a maneira como se estabelece uma taxa de lucro geral [allgemeine Profitrate] dentro de um país"*[1210]. Este é o problema posto por Marx na Seção II do Livro Terceiro. Nosso problema consiste no seguinte: os diversos capitais individuais compõem-se de diferentes composições orgânicas e produzem, assim, diferentes taxas de lucro individuais. Contudo, na prática cotidiana dos negócios os capitalistas operam com uma única e mesma taxa de lucro. O problema consiste em esclarecer a aparente incompatibilidade entre uma única e mesma taxa de lucro atuando no mercado e múltiplas e diferentes taxas de lucros individuais que surgem a partir da lei do valor-trabalho.

Para esclarecer esta aparente incompatibilidade entre taxa de lucro média e lei do valor, Marx toma como dados os seguintes elementos: que o grau de exploração dos trabalhadores seja o mesmo em todos os ramos da produção, que a jornada de trabalho seja também a mesma em todos os ramos e, ainda, que o salário pago seja constante. A constância no grau de exploração não é mera hipótese lógica mas corresponde à realidade efetiva do capital. *"Quanto às muitas diferenças na exploração do trabalho em diversas esferas da produção, Adam Smith já demonstrou detalhadamente que elas se compensam por vários motivos reais ou aceitos pelo preconceito, e, por isso, como diferenças apenas aparentes e efêmeras, não entram em conta na investigação das condições gerais"*[1211]. As diferenças de salário *"baseiam-se em grande parte na diferença entre trabalho simples e complexo"*[1212] e não afetam o grau de exploração geral nas diversas esferas da produção. As diferenças na jornada de trabalho foram abolidas pela legislação estatal. Por mais que ocorram certas diferenças entre um setor da produção e outro, pressupõe-se aqui que o processo de acumulação capitalista tende em seu desenvolvimento a equalizar estas

[1210] OC IIIa, p. 107. MEW 25, p. 152.
[1211] OC IIIa, p. 106. MEW 25, p. 151.
[1212] OC IIIa, p. 106. MEW 25, p. 151.

diferenças. *"Em tal investigação geral supõe-se, sobretudo, sempre que as relações reais [wirklichen Verhältnisse] correspondem a seu conceito [Begriff], ou, o que é o mesmo, as relações reais só são representadas na medida em que expressam seu próprio tipo geral"*[1213]. Tais diferenças que possam existir são tomadas, por isso, como fortuitas e não essenciais.

Suponhamos então: 1) que 100 libras esterlinas seja o salário semanal de 100 trabalhadores; 2) que o tempo de trabalho semanal seja de 60 horas; 3) que a taxa de mais-valia seja de 100%. Sob esta hipótese, das 60 horas semanais os trabalhadores trabalham 30 para si mesmos e 30 gratuitamente para o capitalista.

Suponhamos ainda que dado investimento de capital na esfera A da produção despende para cada 700 libras do capital global apenas 100 em capital variável e 600 em capital constante, enquanto na esfera da produção B se gastam 600 em capital variável e 100 em capital constante. Em ambas as esferas A e B foram adiantadas 700 libras esterlinas em capital. Apenas sua distribuição entre capital constante e variável diferencia uma esfera da outra. A despende 600c + 100v e B despende 100c + 600v (A = 600c + 100v e B = 100c + 600v). O capital aplicado em A pôs em atividade 100 unidades de trabalhadores enquanto B pôs 600. Um mobilizou 6.000 horas de trabalho vivo e outro 36.000. Dado que a taxa de mais-valia é a mesma em ambas as esferas, 100%, o capital de A embolsará uma mais-valia de 3.000 horas de trabalho enquanto B embolsará o sêxtuplo, 18.000 horas de sobretrabalho humano. A contradição reside na circunstância de que capitais de igual magnitude apropriaram-se de grandezas absolutamente inversas de mais-valia. Um apropriou-se de 3.000 horas de sobretrabalho e outro de 18.000. Porém, ambos aplicaram o mesmo volume de capital: 700 libras esterlinas. Tal contradição está abertamente em conflito com a lei da produção burguesa que diz que capitais de igual magnitude devem apropriar-se de igual magnitude de mais-valia.

Com o mesmo grau de exploração do trabalho, 100% em ambas as esferas, massas idênticas de capital produziram massas diferentes de mais-valia. Um produziu 3.000 horas, outro produziu 18.000. O investimento de A gerou uma taxa de lucro de 14% (100m/700C = 1/7 = 14 2/7%). O investimento de B gerou uma taxa de lucro de 85% (600/700 = 85 5/7%), seis vezes maior que A. A conclusão posta pela lei do valor está em

[1213] OC IIIa, p. 106. MEW 25, p. 151.

aberta contradição com a lei da produção capitalista que regula a valorização do capital de acordo com uma taxa de lucro idêntica para todos os ramos da produção. Se o capital aplicado em B se apropriasse inteiramente da mais-valia por ele criada, então toda aplicação de capital em A abandonaria este ramo de investimento e migraria para o ramo explorado pelo capital B, pois aí o lucro é seis vezes maior que o lucro gerado em A. Para garantir certo equilíbrio no mercado é necessário garantir que cada capital individual seja remunerado com uma única e mesma taxa de lucro. Como aqui a teoria do valor está francamente em contradição com a prática habitual do capitalista, ele e seus economistas imaginam, felizes, encontrar uma prova da falsidade da teoria de Marx.

Neste primeiro caso apresentado por Marx as condições técnicas e a composição orgânica do capital são diferentes em ambas esferas da produção. Suponhamos um caso diferente, onde a composição técnica entre dois ramos de investimentos seja igual, porém, seja diferente o preço dos meios de produção, isto é, do capital constante. Suponhamos que ambos capitais empreguem 100 libras esterlinas como capital variável, portanto, que empreguem 100 trabalhadores semanalmente para pôr em movimento a mesma massa de meios de produção e matéria-prima, mas as últimas são mais caras em B do que em A. Suponhamos então, que A despende 200 libras esterlinas em capital constante e 100 em capital variável e B despenda 400 libras em capital constante e 100 em capital variável. Dado que nossa taxa de mais-valia é 100% para ambos investimentos, cada um produz e se apropria de uma massa idêntica de sobretrabalho igual a 100. Contudo, a taxa de lucro em ambos investimentos volta a ser diferente. Em A será de 33,33% (100/300C = 1/3 = 33 1/3%) e em B será 20% (100/500C = 1/5 = 20%). A contradição volta a se manifestar mesmo quando as massas de lucro são idênticas.

> *Capitais de grandeza diversa, calculados em percentagens, ou o que aqui dá no mesmo, capitais de igual grandeza produzem, portanto, com jornada de trabalho igual e grau de exploração do trabalho igual, quantidades muito diferentes de lucro, porque de mais-valia, e precisamente porque, de acordo com a distinta composição orgânica de capital nas distintas esferas de produção, sua parte variável é diferente, portanto as quantidades de trabalho vivo que põem em movimento também são diferentes, portanto*

> *também o são as quantidades por eles apropriadas de mais-trabalho, a substância da mais-valia, e, por conseguinte, do lucro.*[1214]

O absurdo não está em supor que a valorização do capital possui uma dependência direta com o volume de capital variável aplicado, como pode pensar o economista prático, mas, sim, está em supor que a valorização do capital está numa relação direta com a massa total de capital adiantado.

> *Se um capital, com a composição percentual de 90c + 10v produzisse, com o mesmo grau de exploração do trabalho, tanta mais-valia ou tanto lucro quanto um capital com a composição de 10c + 90v, seria claro como o sol que a mais-valia e, portanto, o valor em geral teriam uma fonte totalmente diferente do trabalho, e assim todo fundamento racional [rationelle Grundlage] da Economia Política estaria excluído.*[1215]

A massa de mais-valia produzida por dado capital não possui nenhuma relação, pelo menos direta e imediata, com a massa do capital global adiantado. Dois capitais de volume igual podem produzir uma massa infinitamente diversa de mais-valia. Esta mantém uma relação direta e imediata com a parte variável despendida e apenas indiretamente e acessória com o capital global. Um capital de 100 que se distribui em 90c + 10v gera uma massa de mais-valia igual a 10, dada uma taxa de exploração de 100%, e outro de mesma magnitude que se distribui em 10c + 90v produz uma massa de mais-valia nove vezes maior (90m) unicamente porque a composição orgânica destes capitais é diferente, porque apesar de ser adiantado uma mesma grandeza de capital total, no segundo adiantou-se nove vezes mais capital variável que no primeiro. A massa global de mais-valia produzida não possui uma relação imediata e direta com a massa de capital global adiantado, mas, sim, com a composição orgânica do capital e com a relação do capital constante com o capital variável despendido. *"Só dentro da mesma esfera da produção, onde a composição orgânica do capital é dada, ou entre diferentes esferas de produção*

---

[1214] OC IIIa, p. 110/111. MEW 25, p. 158.
[1215] OC IIIa, p. 111. MEW 25, p. 158.

*com igual composição orgânica do capital, as massas de lucro estão em proporção direta com a massa dos capitais aplicados"*[1216].

Até aqui pressupomos sempre que as mercadorias são vendidas por seus valores individuais. Este é um pressuposto que está em vias de ser modificado por Marx. Se tomarmos como pressuposto que as mercadorias são vendidas sempre por seu valor individual, então determinada mercadoria que contém em sua composição de valor 90c + 10v + 10m será vendida por 110 e outra, com o mesmo preço de custo de 100, porém, com composição de valor alterada, de 10c + 90c + 90m será vendida por 190. A contradição entre a lei do valor e os preços correntes de mercado novamente volta a ser reposta sob outra forma. Nosso capitalista prático volta novamente a sorrir satisfeito, pois encontra aqui mais uma prova da falsidade da teoria do valor de Marx. Como podem duas mercadorias com preço de custo igual a 100 ser uma vendida por 110 e outra por 190? Como pode uma fornecer um lucro de 10% e outra de 90%? O capitalista prático e seus economistas sorridentes encontram nesta diferença a prova de que a teoria de Marx é uma engenhosa construção abstrata que não corresponde em nada aos movimentos reais do capital.

Dado como suposto certa igualdade no grau de exploração do trabalho, na jornada de trabalho e nos salários, em virtude das diferentes composições orgânicas e dos diferentes períodos de rotação do capital, formam-se em cada ramo isolado da produção diferentes taxas particulares de lucro. *"O exposto vale sobre a base, que até aqui foi a base geral de nossa análise: que as mercadorias são vendidas por seus valores"*[1217]. Este é um pressuposto que Marx conserva desde as primeiras linhas do Livro Primeiro. Apesar de na prática diária dos negócios as mercadorias serem vendidas por um preço diferente de seus valores individuais, por seus preços de produção como veremos adiante, o pressuposto abstrato de que elas são vendidas por seus valores individuais foi fundamental para Marx esclarecer a origem da mais-valia a partir das relações internas entre capital e trabalho. Se tomasse como pressuposto a prática diária dos comerciantes que compram e vendem suas mercadorias individualmente pelos preços de produção, a origem da mais-valia se perderia pelos caminhos fantasiosos da circulação. Agora, contudo, tal pressuposto terá que ser abandonado para, a partir dele, explicar a compra e venda de mercadorias por um preço que difere de seu valor individual. A existência de uma contradição da teoria do valor com a

[1216] OC IIIa, p. 111. MEW 25, p. 159.

prática diária do capitalista é uma aparência de contradição. Marx reconhece esta contradição aparente e procura esclarecê-la no desenvolvimento da exposição.

*"Por outro lado, não há dúvida de que na realidade, abstraindo diferenças não essenciais, fortuitas e que se compensam, a diversidade das taxas médias de lucro nos diferentes ramos industriais não existe nem poderia existir, sem abolir todo o sistema de produção capitalista"*[1218]. O reconhecimento da existência de uma única taxa de lucro regulando os movimentos do capital implica reconhecer que a teoria do valor deve sofrer uma mediação importante para continuar explicando o capital em seu movimento real. Marx, deste modo, trocará a hipótese de várias taxas de lucro atuando no mercado pela prática real dos capitalistas que operam seus negócios a partir de uma única e mesma taxa de lucro para todos os ramos da produção. A taxa única de lucro, a taxa geral ou média, será encontrada, contudo, apoiando-se na mesma teoria do valor. A solução implica numa refutação e conservação simultâneas da lei do valor. A lei do valor será refutada para os preços individuais das mercadorias, mas, será conservada para a totalidade dos preços. A lei do valor continuará regendo os movimentos do capital social, apesar de na prática cotidiana dos negócios os capitalistas individuais a refutarem. *"Parece, portanto, que aqui a teoria do valor é incompatível com o movimento real, incompatível com os fenômenos factuais da produção e, portanto, haveria que renunciar de todo a compreender estes últimos"*[1219].

## 2.2. FORMAÇÃO DE UMA TAXA DE LUCRO MÉDIA E TRANSMUTAÇÃO DO VALOR EM PREÇO DE PRODUÇÃO

Tomemos como dados uma taxa constante de mais-valia de 100%, que o capital fixo entre por inteiro no preço das mercadorias e que a rotação do capital seja constante. Tomemos 5 esferas da produção diferentes, cada uma com diferente composição orgânica do capital. Vejamos o quadro:

---

[1217] OC IIIa, p. 113. MEW 25, p. 162.
[1218] OC IIIa, p. 113. MEW 25, p. 162.
[1219] OC IIIa, p. 113. MEW 25, p. 162.

| Capitais | Taxa de m.v | Mais-valia | Valor indiv. do produto | Taxa de Lucro |
|---|---|---|---|---|
| I. 80c + 20v | 100% | 20 | 120 | 20% |
| II. 70c + 30v | 100% | 30 | 130 | 30% |
| III. 60c + 40v | 100% | 40 | 140 | 40% |
| IV. 85c + 15v | 100% | 15 | 115 | 15% |
| V. 95c + 5v | 100% | 5 | 105 | 5% |
| Total = 500 | | Total = 110 | Total = 610 | |

Dado como supostas diferentes composições orgânicas do capital individual, resultará, então, diferentes taxas de lucro para massas iguais de capital adiantado.

1) A soma global do capital adiantado é igual a 500.
2) A soma global da mais-valia é igual a 110.
3) O valor global das mercadorias é igual a 610.

Consideremos, porém, esta massa dispersa de capitais individuais como sendo um único capital para quem estes diferentes capitais individuais constituem-se em simples frações alíquotas dele. Então a composição orgânica média deste único capital seria igual a 78C + 22v (390c : 110v). Se cada um dos capitais de 100 for considerado como 1/5 do capital global de 500, então:

1) A composição orgânica deste capital global seria igual a média de 78c + 22v.
2) Cada um destes capitais receberia uma parte alíquota igual de mais-valia de 22 libras.
3) A taxa média de lucro seria igual a 22%.
4) O preço de cada quíntuplo do produto global seria de 122 libras.

Damos como suposto que a totalidade do capital fixo retorna por inteiro no preço final do produto anual. Considerando a totalidade dos capitais I-V como um único capital, teremos então:

| Capitais | Mais-valia apropriada | Valor individual das mercadorias | Preço custo | Preço de produção* | Taxa de lucro | Desvio preço em relação ao valor |
|---|---|---|---|---|---|---|
| I. 80c + 20v | 22 | 120 | 100 | 122 | 22% | + 2 |
| II. 70c + 30v | 22 | 130 | 100 | 122 | 22% | - 8 |
| III. 60c + 40v | 22 | 140 | 100 | 122 | 22% | - 18 |
| IV. 85c + 15v | 22 | 115 | 100 | 122 | 22% | + 7 |
| V. 95c + 5c | 22 | 105 | 100 | 122 | 22% | + 17 |
| 390c + 110v | 22 | Total = 610 | | Total=610 | | +26; -26 |
| 78c + 22v | | | | | 22% | |

* preço de custo acrescido da massa de lucro média.

Ao todo as mercadorias são vendidas por seu valor = 610 libras. Umas são vendidas por 2, 7 e 17 libras acima de seu valor individual, outras são vendidas por 8 e 18 libras abaixo de seu valor individual, de modo que os desvios de preços acima ou abaixo do valor individual se compensam reciprocamente. Apesar dos diferentes capitais individuais operarem com composição orgânica diferente, cada um deles adiciona ao preço de custo de sua mercadoria a mesma massa de mais-valia de 22 libras. Apesar de todos os capitais comporem-se de diferentes proporções entre capital constante e variável, todos renderam ao final do ano uma taxa de lucro média idêntica de 22%.

A solução da contradição entre as diferentes composições orgânicas e diferentes taxas de lucro individuais que daí surgem, foi possível deslocando a análise do âmbito do capital individual para o âmbito do capital social. Cada capital individual passou a ser concebido como parte alíquota de um único e mesmo capital, o capital social. A aparente contradição entre a prática cotidiana dos capitalistas individuais e a lei do valor trabalho de Marx foi superada sem abolir a lei do valor. A contradição foi superada baseando-se na teoria do valor, pois sob o ponto de vista da totalidade, que é o ponto de vista verdadeiro, a massa das mercadorias continua sendo vendida pelo seu valor, nem

acima nem abaixo dele. *"Os preços que surgem desse procedimento, calculando a média das diferentes taxas de lucro das diferentes esferas da produção e adicionando a essa média aos preços de custo das diferentes esferas da produção são os preços de produção [Produktionspreise: em itálico no original]"*[1220]. O preço de produção, portanto, é o preço de custo da mercadoria adicionado da massa de lucro médio. O preço de produção pressupõe a existência de uma taxa de lucro média, esta por sua vez, pressupõe que as tantas taxas de lucro particulares já estejam reduzidas a uma taxa de lucro geral. *"O preço de produção da mercadoria é, portanto, igual a seu preço de custo plus o lucro que de acordo com a taxa geral de lucro lhe é percentualmente adicionada, ou igual a seu preço de custo plus o lucro médio"*[1221]. O preço de produção é, portanto, a forma transmutada do valor.

A taxa geral de lucro é, por sua vez, a forma transmutada da taxa geral de mais-valia. Ela surge como uma média igualada pela ação recíproca que os diferentes capitais individuais exercem entre si na concorrência. *"Essas diferentes taxas de lucro são igualadas pela concorrência numa taxa geral de lucro, que é a média de todas essas diferentes taxas de lucro. O lucro que, de acordo com essa taxa geral de lucro, cabe a um capital de grandeza dada, qualquer que seja sua composição orgânica, chama-se lucro médio [Durchschnittsprofit]"*[1222]. A circunstância de que capitais individuais de distintas composições orgânicas se apropriavam do botim sobre a classe trabalhadora de acordo com sua grandeza total, e não de acordo com a massa de trabalho vivo empregada, foi resolvida racionalmente pressupondo-se a existência de uma taxa de lucro média idêntica à taxa de lucro do capital social. A fantasia do capitalista individual que atribuía à grandeza de seu capital a fonte da mais-valia fica, assim, racionalmente esclarecida. Cada capital individual participa da partilha da mais-valia social de acordo, não com a massa de mais-valia por ele próprio gerada, mas de acordo com a grandeza global de seu capital individual. Isto foi possível porque enquanto certos capitais individuais se apropriaram de uma massa de mais-valia acima da massa por eles próprios gerada, outros perderam na mesma medida parte da mais-valia gerada dentro de sua esfera de produção. O jogo de transferências se compensou

[1220] OC IIIa, p. 117. MEW 25, p. 167.
[1221] OC IIIa, p. 117. MEW 25, p. 167.
[1222] OC IIIa, p. 117/118. MEW 25, p. 167.

mutuamente e a totalidade dos capitais individuais apropriou-se de uma massa de mais-valia igual ao seu volume global. Vejamos o quadro:

| Capitais | Composição orgânica | Mais-valia gerada | Mais-valia abocanhada | Mais-valia extra |
|---|---|---|---|---|
| I | 4:1 | 20 | 22 | + 2 |
| II | 2,3:1 | 30 | 22 | - 8 |
| III | 1,5:1 | 40 | 22 | - 18 |
| IV | 5,6:1 | 15 | 22 | + 7 |
| V | 19:1 | 5 | 22 | + 17 |
| | Média = 3,5:1 | Total = 110 | Total = 110 | + 26 ; - 26 |

O quadro mostra claramente que houve uma transferência de mais-valia dos capitais que operam abaixo da composição média, a composição do capital social, para os capitais que operam em condições tecnológicas superiores, isto é, com composição orgânica superior à média. O capital V, que possui a composição orgânica mais elevada e, por conseqüência, gerou a menor massa alíquota de mais-valia, foi o capital que mais abocanhou mais-valia advinda de seus irmãos inimigos. O capital III, por sua vez, o que possui a menor composição orgânica, que emprega percentualmente maior número de trabalhadores e, por isso, gerou a maior massa de mais-valia, foi o que cedeu a maior massa de mais-valia a seus concorrentes. A fábula de nosso capitalista prático que conta em seus manuais de economia que a fonte do lucro é a grandeza de seu capital, que quanto mais elevada for esta grandeza maior a massa de mais-valia que ele se apropria, fica assim, racionalmente esclarecida.

> *Os diversos capitalistas figuram aqui, no que se refere ao lucro, como meros acionistas de uma sociedade anônima, em que as participações no lucro se distribuem uniformemente para cada 100, de modo que elas se distinguem, para os diversos capitalistas, apenas pela grandeza do capital que cada um*

*investiu no empreendimento global, por sua participação proporcional no empreendimento global, pelo número de suas ações.*[1223]

Como cada capitalista individual deve ser visto como um cotista do capital global da sociedade a massa de lucro por ele apropriada, que de modo algum corresponde à massa de lucro por ele gerada, deve ser proporcional ao número de cotas que ele possui. A justiça, a democracia e a igualdade de direitos entre os diferentes capitais individuais se aplica, deste modo, considerando cada capitalista individual mero cotista do capital global que enriquece não de acordo com o número de trabalhadores que ele esfola, mas, sim, de acordo com o número de cotas que ele possui do capital global. *"Como irmãos e inimigos, os capitalistas repartem entre si o saque do trabalho alheio de que se apropriam, de modo que em média um obtém tanto trabalho não pago quanto o outro"*[1224]. Esse despojo coletivo distribuído segundo a grandeza do capital global de cada capitalista individual e não segundo a grandeza do capital variável empregado, *"convence o capitalista – para quem tudo aparece invertido na concorrência – e ainda alguns de seus mais devotos fariseus e escribas que o capital é uma fonte de renda, independente do trabalho"*[1225].

Antevendo a possibilidade de sua solução ser refutada pelos economistas do capital, Marx responde que apesar dos preços de produção das mercadorias individuais se desviarem de seu valor, a massa global de valor corresponde à soma global dos preços de produção. As diferenças se compensam mutuamente sem causar transtornos ao sistema e sem violar a lei do valor trabalho. A circunstância de que o preço de custo se forma a partir de outros preços e não de valores originais, não pode afetar a equalização geral do sistema porque no conjunto preços e valores se compensam mutuamente e, ainda, porque *"em toda a produção capitalista é sempre de maneira muito complicada e aproximativa, como média nunca fixável de eternas flutuações, que a lei geral se impõe como tendência dominante"*[1226].

A circunstância de que o preço de custo se forma a partir dos preços de produção que se desviaram do valor individual, não pode afetar a equalização do conjunto

---

[1223] OC IIIa, p. 118. MEW 25, p. 168.
[1224] Teorias da Mais-valia II, p. 464.
[1225] Teorias da Mais-valia II, p. 502.
[1226] OC IIIa, p. 120. MEW 25, p. 171.

porque se numa ponta o preço de custo se forma a partir de um preço de produção que se formou acima do valor, noutra ponta o mesmo preço de custo se forma a partir de um preço de produção que se formou abaixo do valor individual da mercadoria. *"Não obstante, isso se resolve sempre no fato de a mais-valia, quando entra numa mercadoria a mais, em outra a menos, e por isso também os desvios de valor que se encontram nos preços de produção das mercadorias se anulam mutuamente"*[1227]. No geral, apesar de todo o qüiproquó, os preços de custo e de produção se equivalem ao valor global.

Víamos que do ponto de vista quantitativo mais-valia e lucro globais eram iguais e que a massa de mais-valia global quando vista em relação com o capital global adiantado, transformava-se em taxa de lucro. Agora, contudo, uma importante modificação ocorreu com nossas grandezas idênticas, agora apenas casualmente mais-valia e lucro individuais se identificam como massas de grandeza equivalente. Com a formação de uma taxa de lucro média não apenas a taxa de mais-valia se converte na forma mistificada da taxa de lucro, mas, ainda, a grandeza original da mais-valia se converte em grandeza do lucro médio. Se antes a conversão da taxa de mais-valia em taxa de lucro ocultava o verdadeiro grau e fonte da mais-valia, agora a diferença entre a grandeza da mais-valia e a grandeza do lucro esconde mais profundamente ainda a verdadeira fonte da mais-valia do capital.

Com a introdução da taxa média de lucro, torna-se mais palpável para o cérebro oco do capitalista prático conceber que sua mais-valia mantém realmente uma relação direta e imediata com a grandeza de seu capital global e não com a grandeza do capital variável adiantado. *"Com dado grau de exploração do trabalho, a massa de mais-valia produzida numa esfera particular da produção é agora mais importante para o lucro global médio do capital social, portanto para a classe capitalista em geral, do que diretamente para o capitalista dentro de cada ramo particular de produção"*[1228]. Como o capitalista prático forma suas concepções econômicas a partir das evidências sensíveis do mercado, a contradição que surge entre as determinações internas e invisíveis do capital social e seus interesses imediatos privados, aparece como algo estranho e teoricamente absurdo.

---

[1227] OC IIIa, p. 120. MEW 25, p. 171.
[1228] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 177.

Na prática a massa de mais-valia global e a taxa de exploração direta dos trabalhadores são fundamentais do ponto de vista do capital global, ponto de vista que o capitalista individual é incapaz de compreender: *"na prática só interessa ao capitalista a taxa de lucro"*[1229]. Esta contradição entre o ponto de vista do capital individual que vê unicamente na grandeza de seu capital global adiantado a fonte da mais-valia e o ponto de vista do capital social que vê na grandeza do capital variável aplicado a fonte da mais-valia global, se torna evidente nas crises decorrentes de uma queda na taxa de lucro devido a um excesso de investimento em capital constante frente aos investimentos em capital variável. Fenômeno que estudaremos mais a frente. Para o capitalista prático a mais-valia produzida diretamente por seu negócio *"só tem importância na medida em que o quantum de mais-valia produzido em seu ramo intervém como co-determinante na regulação do lucro médio. Mas esse é um processo que se dá a suas costas, que ele não vê, não compreende e de fato não lhe interessa"*[1230].

Esse processo oculto que se realiza por trás da consciência do capitalista prático e que ele não tem interesse em desvendar (as únicas verdades que o capitalista prático está interessado em desvendar são os mistérios da Natureza, pois estes são fundamentais para a expansão desenfreada da valorização do valor) torna-se mais misterioso ainda com a determinação da grandeza do capital global individual, e não do capital variável, regulando a partilha da mais-valia global. Os elos da mais-valia com o trabalho ficam, deste modo, mais escondidos e mistificados não apenas para o capitalista, mas, sobretudo, para o próprio trabalhador que a produziu. *"A diferença real de grandeza entre lucro e mais-valia – não apenas entre taxa de lucro e taxa de mais-valia – nas esferas particulares da produção oculta [versteckt] agora inteiramente a verdadeira natureza e a origem do lucro, não apenas ao capitalista, que nisso tem interesse especial em enganar-se, mas também ao trabalhador"*[1231].

Com a mistificação da mais-valia em lucro, da taxa de mais-valia em taxa geral de lucro e do valor em preço de produção, a mistificação da sociedade capitalista vai atingindo o auge da irracionalidade. *"Com a transformação dos valores em preços de*

---

[1229] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 176/77
[1230] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 177.
[1231] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 177.

*produção, a própria base da determinação do valor é deslocada de vista"*[1232]. Com a transmutação do valor em preço de produção as marcas das relações sociais entre capital e trabalho desaparecem para ceder lugar às manhas metafísicas do capital e suas aparências ilusórias, *"aparecendo-lhe assim [ao capitalista] o lucro como algo exterior [außerhalb] ao valor imanente da mercadoria"*[1233]. Com a metamorfose do valor em preço de produção e a grandeza do capital global adiantado como grandeza determinante na apropriação da mais-valia, a idéia de que o lucro do capital provém realmente da grandeza global do capital, *"fica plenamente confirmada, consolidada, ossificada, uma vez que o lucro adicionado ao preço de custo, considerando-se cada esfera particular da produção, não é determinado, de fato, pelos limites da formação de valor que se dá dentro dela mesmo, mas é fixado de modo inteiramente externo [ganz äußerlich]"*[1234].

A circunstância de que o capitalista prático e seus economistas, mesmo os mais renomados como Ricardo, se ativeram unicamente a explicar as conexões externas do capital sem desvendar suas conexões internas, a circunstância de que tenham se agarrado unicamente às determinações exteriores e superficiais do capital, de que tenham se fixado nas *"diferenças que se manifestam no fenômeno [Erscheinung] – essa confusão dos teóricos é a melhor prova de que o capitalista prático, preso à luta concorrencial e que de modo algum penetra através dos fenômenos [Erscheinungen], é necessariamente incapaz de reconhecer, atrás da aparência [Schein], a essência interna [innere Wesen] e a configuração interna [innere Gestalt] desse processo"*[1235].

A circunstância de que o capitalista individual se apropria de uma massa de mais-valia que está ligada diretamente à grandeza de seu capital global é um fato correto quando se relaciona à distribuição da mais-valia global entre as diversas facções opostas do capital social. É, porém, inteiramente incorreta quando se relaciona à fonte da mais-valia social que se reparte entre os mesmos capitalistas individualmente. O capitalista individual, contudo, não tem nenhum motivo para acreditar que seu lucro mantém uma relação, nem mesmo indireta, com o número de trabalhadores por ele explorado. Como seu lucro aparece magicamente posto pela taxa de lucro média, taxa que para ele não é um problema a ser

[1232] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 177.
[1233] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 178.
[1234] OC IIIa, p. 124. MEW 25, p. 178.
[1235] OC IIIa, p. 125. MEW 25, p. 178.

desvendado, mas, sim, um dado tomado do mercado, torna-se coerente de sua parte acreditar que seu lucro surge efetivamente do capital em si mesmo. *"Em que medida esse lucro é mediado [vermittelt] pela exploração global do trabalho pelo capital global, isto é, por todos os seus companheiros capitalistas, essa conexão [Zusammenhang] constitui para ele um completo mistério, tanto mais quanto nem os teóricos burgueses, os economistas políticos, até agora o revelaram"*[1236].

Se as coisas se apresentam assim invertidas e mistificadas na consciência do capitalista prático e seus teóricos, *"como poderia então o trabalho vivo ser a fonte exclusiva do lucro, uma vez que a diminuição da quantidade de trabalho necessária à produção não apenas parece [scheint] não afetar o lucro, mas antes, pelo contrário, em certas circunstâncias, aparece [erscheint] como a fonte mais próxima de aumento do lucro, pelo menos para o capitalista individual?"*[1237].

## 2.3 CONCORRÊNCIA E SUPERLUCRO

A composição orgânica do capital social da qual derivamos uma taxa de lucro média que regula a distribuição da mais-valia entre as diversas facções privadas do capital, pode ser subdividida em três esferas. Primeira, a esfera cuja composição é idêntica à composição orgânica média; segunda, a esfera cuja composição orgânica está acima da composição média e; terceira, a esfera cuja composição esteja abaixo da composição média. Vimos anteriormente que dada uma taxa geral de lucro as esferas da produção que operam com uma composição orgânica do capital abaixo da composição média, transferem parte da mais-valia gerada dentro do setor para os setores que operam com uma composição orgânica acima da média. Vimos que este mesmo fenômeno induz o capitalista prático a conceber que sua mais-valia não possui uma relação direta com o capital variável adiantado, mas, sim, unicamente com a grandeza de seu capital global. Vimos também que isto é válido para a distribuição da mais-valia global entre as diversas partes individuais do capital social, mas que é absolutamente falso para a formação da massa de mais-valia global. Esta mantém uma dependência direta com a massa global de capital variável adiantado em determinado período de tempo.

---

[1236] OC IIIa, p. 126. MEW 25, p. 179/180.
[1237] OC IIIa, p. 126. MEW 25, p. 180.

Dado que o capital que opera com uma base tecnológica superior à média geral se apropria de uma massa de mais-valia extra que ele mesmo não gerou, torna-se então para o conjunto dos capitais que operam abaixo da composição média, uma necessidade imperiosa elevar sua base técnica para com isso se apropriar de uma massa de mais-valia que possa corresponder aproximadamente, com a massa de mais-valia gerada dentro do setor. Para o capitalista individual esta necessidade aparece sob a necessidade de baratear seu custo de produção. Observando o quadro abaixo, podemos notar três coisas em relação aos capitais de composição orgânica mais elevada. Primeiro: geraram a menor massa percentual de mais-valia; segundo: possuem a mais baixa taxa de lucro individual, contudo; terceiro: se apropriaram de uma mais-valia extra que eles mesmos não produziram.

| Capitais individuais | Composição orgânica | Mais-valia gerada | Taxa lucro individual | Mais-valia extra abocanhada |
|---|---|---|---|---|
| I | 4:1 | 20 | 20% | + 2 |
| II | 2,3:1 | 30 | 30% | - 8 |
| III | 1,5:1 | 40 | 40% | - 18 |
| IV | 5,6:1 | 15 | 15% | + 7 |
| V | 19:1 | 5 | 5% | + 17 |
| | Média= 3,5:1 | | Média = 22% | + 26; - 26 |

Dada a distribuição da mais-valia segundo a grandeza do capital global de cada capital individual e não segundo a grandeza do capital variável de cada um destes capitais individuais, os capitais individuais com composição inferior à composição orgânica média lutarão para elevar sua composição ao nível da composição média, pois somente neste nível o capital se apropria integralmente de toda a mais-valia produzida dentro da sua esfera de produção. Pressionados pela mesma lógica, os capitais da esfera com composição média se esforçarão para equiparar sua base tecnológica à base da esfera superior, pois somente nesta esfera o capital se apropria de uma mais-valia extra que ele próprio não produziu.

Dado certo nível da demanda social, que sob o capitalismo é sempre uma demanda solvente, o preço de mercado pode oscilar em duas direções diferentes: acima ou abaixo do valor de mercado. Por valor de mercado Marx entende o valor de uma massa de mercadorias lançada na circulação que corresponde às necessidades solventes. Se a oferta se equipara à demanda social os preços de mercado se equiparam ao valor de mercado da mercadoria e são regulados pelo valor das mercadorias produzidas na esfera de produção com composição orgânica média. Se a oferta excede a demanda os preços de mercado serão regulados pelo valor das mercadorias produzidas sob condições técnicas superiores. Caso a demanda exceda a oferta habitual o preço de mercado das mercadorias será regulado pelo valor das mercadorias produzidas sob condições menos desenvolvidas tecnologicamente.

Dado novamente que a oferta cubra habitualmente a demanda social, os valores de mercado serão determinados, então, pelo valor das mercadorias produzidas na esfera média de produção e haverá uma transferência de mais-valia do setor menos desenvolvido ao setor mais avançado tecnologicamente. Os setores que operam com um grau de produtividade do trabalho acima da produtividade média recebem, então, parte da mais-valia do setor que opera com uma produtividade do trabalho abaixo da média. A esfera mais desenvolvida obtém, assim, um lucro extra, ou superlucro.

> *Se a oferta das mercadorias ao valor médio, portanto, ao valor médio da massa que se encontra entre os dois extremos, satisfaz a procura ordinária, as mercadorias cujo valor individual está abaixo do valor de mercado realizam uma mais-valia extraordinária [Extramehrwert] ou um superlucro [Surplusprofit], enquanto aquelas cujo valor individual está acima do valor de mercado não podem realizar parte da mais-valia nelas contida.*[1238]

Para que mercadorias de uma mesma esfera de produção, da mesma espécie e da mesma qualidade, possam ser vendidas por seus valores requer-se as seguintes condições: primeiro: *"é mister que a pressão que os diferentes vendedores exercem uns sobre os outros seja suficientemente forte para lançar no mercado a massa de mercadorias*

[1238] OC IIIa, p. 132. MEW 25, p. 188.

*que a necessidade social requer"*[1239]. Se a pressão entre os concorrentes não for suficiente para abastecer o mercado ao nível da demanda social, então as mercadorias serão vendidas por um preço de mercado acima de seus valores. Se a pressão entre os concorrentes for excessivamente forte, então haverá abundância de mercadorias no mercado e elas serão vendidas abaixo de seu valor. Segundo: é necessário que já exista no interior da sociedade certo quantum determinado da demanda social por tais mercadorias. *"Esse quantum passa a ser, no entanto, um momento essencial [wesentliches Moment] tão logo se encontre, de um lado, o produto de todo um ramo da produção e, de outro a necessidade social"*[1240].

E aqui uma importante contradição volta a se manifestar em nossa pesquisa. Se por um lado a oferta de mercadorias se determina pela pressão da concorrência, por outro, a demanda por elas se determina fora da concorrência. Se por um lado a concorrência e o ímpeto desenfreado dos capitalistas individuais determinam o grau da oferta de mercadorias e da distribuição do trabalho social dentro das mais diversas esferas de ação do capital, por outro lado a demanda por mercadorias se determina por relações inteiramente casuais e acidentais.

> *Entretanto, não existe conexão necessária, mas apenas casual [es existiert kein notwendiger, sonder nur Zufälliger Zusammenhang], entre o quantum global do trabalho social aplicado num artigo social, isto é, entre a parte alíquota de sua força global de trabalho que a sociedade emprega na produção desse artigo, portanto entre o volume que a produção desse artigo ocupa na produção global, por um lado, e o volume em que a sociedade exige satisfação da necessidade mediante aquele determinado artigo, por outro.*[1241]

Como já comentamos, dada a divisão social do trabalho na sociedade capitalista, as relações de equilíbrio entre oferta e procura só se verificam a *fortiori* e nunca a *priori*. Dada a separação intrínseca entre oferta e demanda por produtos na sociedade capitalista, a possibilidade da oferta não encontrar compradores torna-se uma possibilidade

[1239] OC IIIa, p. 133. MEW 25, p. 190.
[1240] OC IIIa, p. 136. MEW 25, p. 194.
[1241] OC IIIa, p. 137. MEW 25, p. 196/197.

real para a mercadoria. A superação do fosso que separa a produção do consumo só pode ser conseguida superando-se o modo de produção capitalista e o caráter mercantil do produto. *"Apenas onde a produção está sob controle real e predeterminante da sociedade, esta estabelece a conexão entre a extensão de tempo do trabalho social empregado na produção de determinados artigos e a extensão da necessidade social a ser satisfeita por esses artigos"*[1242].

Se por um lado o capitalismo carece de um órgão racional que organiza a distribuição do trabalho social dentro da sociedade de acordo com o nível da demanda social, se por um lado as conexões entre oferta e demanda são sempre conexões fortuitas e ocasionais, por outro lado a mesma força que impulsiona a desagregação na esfera da circulação e realização do produto é a que realiza seu equilíbrio. Se por um lado a concorrência põe a anarquia nas relações entre oferta e procura, por outro lado é ela unicamente quem corrige esta mesma desarticulação. Se por um lado os irmãos inimigos que se confrontam na concorrência desarticulam as relações dadas entre oferta e procura, por outro lado a mesma concorrência põe a equalização entre oferta e procura. A concorrência é por isso, um jogo indefinido de forças, ao mesmo tempo em que os diversos capitais refutam-se reciprocamente no mercado, paradoxalmente buscam ao mesmo tempo encontrar seu ponto de equilíbrio. A irracionalidade do sistema surge do fato de que a equalização entre oferta e demanda posta pela concorrência é constantemente violada pela própria concorrência.

O jogo multilateral da concorrência, aquele que simultaneamente põe e viola o equilíbrio de mercado, pode ser observado do seguinte modo. A formação de uma taxa geral de lucro é, no fundo, o órgão regulador do capitalismo, é a bússola que orienta o capital individual em sua cega necessidade por mais-valia. Para compreender o papel da taxa geral de lucro e da concorrência para o equilíbrio de mercado basta supormos a seguinte situação. Se tomarmos como hipótese a abstração do Livro Primeiro onde as mercadorias são vendidas pelo seu valor individual, então surgirão no mercado taxas de lucro muito diferentes entre si nas mais diversas esferas da produção e surgirão, ainda, mercadorias de espécie e qualidade idênticas que serão vendidas por preços desiguais. Esta situação seria um caos para o capitalismo, pois os capitais individuais migrariam em massa

[1242] OC IIIa, p. 137/138. MEW 25, p. 197.

para os ramos mais atrasados tecnicamente. Contudo, se substituirmos esta hipótese pela prática real dos capitalistas que operam com uma única taxa média de lucro para todos os capitais individuais, os capitais aplicados nas esferas menos rentáveis e com composição orgânica inferior migrarão para esferas mais rentáveis, proporcionando o equilíbrio de mercado necessário à realização do valor global produzido e, ainda, um progresso técnico indispensável para a sociedade. O capital se converte, deste modo, não somente numa força individual da produção, mas, sobretudo, numa potência histórico-universal. *"Mediante essa contínua emigração e imigração, numa palavra, mediante sua distribuição entre as diversas esferas, conforme suba ou desça a taxa de lucro, ele ocasiona tal relação entre oferta e procura, que o lucro médio nas diversas esferas da produção se torna o mesmo e, por isso, os valores se transformam em preços de produção [Produktionspreise]"*[1243].

Dada a formação de uma taxa geral de lucro e a venda das mercadorias pelo preço de produção, aos capitais individuais pouco importará se seu capital estará investido neste ou naquele ramo da produção. Se imperasse, ao contrário, a multiplicidade das taxas de lucro e a venda da mercadoria pelo seu valor individual, se não existisse, portanto, uma taxa de lucro geral que remunere os diferentes capitais não pelo produto que produz, mas, sim, pela grandeza de seu capital, então todos se lançariam a produzir unicamente aquele produto que fornece o maior lucro. Se todos se lançassem a produzir um único e mesmo valor de uso, hipótese certamente exagerada, seria o fim das trocas, do progresso técnico, do capital e do capitalismo, já que as trocas implicam sempre o intercâmbio entre valores de uso distintos.

Como o capital não se interessa de modo algum pelo valor de uso, mas, sim, pelo valor de troca, a formação de uma taxa geral de lucro válida para todos os capitais indistintamente torna, então, possível a divisão social do trabalho e certo equilíbrio entre oferta e demanda social por valores de uso distintos. *"Essa equalização [Ausgleichung] é alcançada pelo capital mais ou menos quanto mais desenvolvido estiver o capitalismo em dada sociedade nacional; isto é, quanto mais as condições do país em questão estiverem adaptadas ao modo de produção capitalista"*[1244]. O capitalismo alcança, deste modo, certo grau de racionalidade na medida em que desenvolve a liberdade do capital e com ele, a formação de uma taxa de lucro média aceita na maior parte dos ramos da produção.

---

[1243] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.

No capitalismo desenvolvido já não se trata mais de vender as mercadorias pelo seu valor individual, mas, sobretudo, pelo seu preço de produção, o preço que remunera o capital individual de acordo com a mesma taxa de lucro que remunera seus irmãos concorrentes: *"trata-se, pois de vender as mercadorias a preços que, pelo menos, proporcionem o lucro médio [Durchschnittsprofit], isto é, aos preços de produção [Produktionspreisen]"*[1245]. Se as mercadorias fossem vendidas por seu valor individual os ramos mais desenvolvidos da produção teriam que ceder seu posto aos ramos mais atrasados tecnologicamente. A formação de uma taxa de lucro média e a conversão do valor em preço de produção estimulam e forçam os ramos mais atrasados tecnologicamente a se equiparar aos ramos mais desenvolvidos. *"Dessa forma, o capital se torna consciente de si mesmo [selbst zum Bewußtsein], como um poder social [gesellschaftliche Macht: em itálico no original], em que cada capitalista participa proporcionalmente à sua parcela no capital global da sociedade"*[1246].

Se a produção capitalista, como sabemos, é, *"em si mesma indiferente [gleichgültig] ao valor de uso determinado e, em geral, à particularidade da mercadoria que ela produz"*[1247], se em cada esfera da produção *"só lhe importa produzir mais-valia, apropriar-se do produto do trabalho de determinado quantum de trabalho não pago"*[1248], se, do mesmo modo, *"está na natureza do trabalho assalariado submetido ao capital que ele é indiferente [gleichgültig] ao caráter específico de seu trabalho e tem, conforme as necessidades do capital, de deixar-se transformar e lançar de uma esfera da produção para outra"*[1249], então tal irracionalidade só pode assumir certo grau de equilíbrio pressupondo que o capital individual seja valorizado a uma taxa de lucro que se imponha racionalmente a todos os ramos da produção indistintamente. A formação de uma taxa de lucro média e sua imposição a todos os capitais individuais é o momento racional do capital porque é o único momento em que a totalidade do sistema impõe ao conjunto dos capitais individuais suas próprias necessidades gerais.

---

[1244] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1245] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.
[1246] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.
[1247] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.
[1248] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.
[1249] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.

Se a distribuição do trabalho social no interior da sociedade se realizasse de modo absolutamente cego e irracional, isto é, se por trás das costas dos capitalistas individuais não se tecessem os interesses e necessidades do capital social, as conexões casuais entre produção e consumo ganhariam um tal grau de autonomia incompatível com as necessidades de qualquer ordem social. A formação de uma taxa de lucro média e sua imposição a todos os capitais individuais indistintamente faz com que um ramo da produção privada seja tão bom para investir quanto qualquer outro: *"uma esfera da produção é, de fato, agora tão boa ou tão ruim quanto a outra; cada uma delas proporciona o mesmo lucro, e não teria finalidade se a mercadoria por ela produzida não satisfizesse a uma necessidade social de alguma espécie"*[1250].

A formação de uma taxa geral de lucro é quem põe certa finalidade social ao capital, ainda que esta finalidade seja mediada pela necessidade sem-fim do dinheiro, é ela quem põe certa racionalidade social na distribuição do trabalho social dentro da sociedade, de acordo não unicamente com os interesses do capitalista individual, mas, sobretudo, de acordo com os interesses e necessidades do capital social. Isto não significa dizer que o capital social possua como meta, ao contrário do capitalista individual, satisfazer as necessidades sociais, significa apenas reconhecer que a valorização sem-fim do valor não pode se dar a expensas de toda e qualquer necessidade humana. Apesar da alma do capital individual influenciar-se unicamente pelo valor de troca, o capital não pode alcançar sua meta sem satisfazer certa espécie de necessidade social. É esta dialética entre a irracionalidade do capital em si mesmo e as necessidades sociais que emanam de qualquer ordem social, que a taxa de lucro média procura resolver racionalmente na ordem capitalista.

*"O intercâmbio ou a venda das mercadorias por seu valor é o racional [Rationelle], a lei natural de seu equilíbrio"*[1251]. Esta mesma lei, contudo, aplicada diretamente à sociedade capitalista provocaria seu colapso inevitável. A metamorfose do valor em preço de produção a partir da formação de uma taxa de lucro média é a saída dialética encontrada por Marx para solucionar a aparente incompatibilidade entre a lei do valor em sua aplicação pura e a aplicação da mesma lei do valor numa sociedade capitalista.

---

[1250] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 205.

A dificuldade de se compreender a mediação posta pelos preços de produção surge da circunstância de que a produção capitalista não é simples produção de mercadorias, mas, sim, produção de mais-valia para a qual a mercadoria é sua mera portadora. *"Toda a dificuldade provém do fato de que as mercadorias não são intercambiadas meramente como mercadorias [Waren: em itálico no original], mas como produtos de capitais [Produkt von Kapitalen: em itálico no original] que reclamam uma participação na massa global de mais-valia, que é proporcional a sua grandeza, ou que é igual, se forem de grandeza igual"*[1252]. Marx procura a partir daí demonstrar que o valor forma a base dos preços de produção não apenas teoricamente mas, ainda, historicamente. *"Abstraindo a dominação dos preços e do movimento dos preços pela lei do valor, é, pois absolutamente adequado considerar os valores das mercadorias não só teórica [theoretisch], mas também historicamente [historisch] como o prius [predecessor] dos preços de produção"*[1253]. O valor regula diretamente o intercâmbio de mercadorias apenas em situações históricas onde ainda não impera o capital-mercadoria, apenas onde o trabalhador ainda está colado aos meios de produção e intercambia com outros trabalhadores iguais a ele seu produto como mercadoria. Neste caso sua mercadoria não seria capital e todo o valor que excede sua jornada necessária retorna diretamente ao seu bolso como moeda e não como capital-monetário valorizado.

Nesta circunstância histórica pouco desenvolvida a lei do valor trabalho regula diretamente o intercâmbio entre os produtores privados sem metamorfosear-se em formas estranhas e alienadas. *"O intercâmbio de mercadorias por seus valores, ou aproximadamente por seus valores, exige, pois, um grau muito mais baixo de desenvolvimento do que o intercâmbio aos preços de produção, para o qual determinado nível de desenvolvimento capitalista é necessário"*[1254]. Esta situação histórica pode ser encontrada nas mais diversas formações sociais, tanto no mundo antigo quanto no trabalho baseado na escravidão e na servidão e, ainda, na organização corporativa dos ofícios da Idade Média européia. *"Isso está de acordo com o ponto de vista que expusemos antes... de*

---

[1251] OC IIIa, p. 138. MEW 25, p. 197.
[1252] OC IIIa, p. 130. MEW 25, p. 184/185.
[1253] OC IIIa, p. 131. MEW 25, p. 186. Ver o *Suplemento ao Livro Terceiro de O Capital*, de Engels, onde ele realiza uma breve exposição sobre a formação histórica dos preços e da concorrência intercapitalista. Todo este ponto sobre a conversão da lei pura do valor em preço de produção está esclarecido neste sumplemento.
[1254] OC IIIa, p. 131. MEW 25, p. 186.

*que o desenvolvimento dos produtos até se tornarem mercadorias surge do intercâmbio entre comunidades diversas e não entre os membros de uma mesma comunidade"*[1255].

Se tomarmos como dado o equilíbrio entre oferta e procura, isto é, se tomarmos como dado a inexistência de qualquer influência das relações de oferta e procura sobre as oscilações de preços, então se torna visível que toda mudança de preços se regula pela mudança nos valores das mercadorias, pela mudança no tempo de trabalho socialmente necessário que custa a sua produção. *"A suposição de que as mercadorias das diversas esferas da produção se vendem por seus valores só significa, naturalmente, que seu valor é o ponto de gravitação [gravitations punkt] em torno do qual giram seus preços e em relação ao qual suas contínuas altas e baixas se compensam"*[1256]. Apesar da conversão do valor em preço de produção, a lei do valor trabalho continua regulando as ações do capital individual. Se por um lado cada capital-mercadoria é vendido por um preço de produção que se desvia de seu valor individual, por outro lado a soma de todos os preços de produção nunca poderá ser maior que a soma de todos os valores produzidos. É deste modo que o valor-trabalho continua regulando, mediado pelo preço de produção, o intercâmbio de mercadorias mesmo na sociedade capitalista desenvolvida. Por um lado, os preços de produção, ou os preços das mercadorias individuais, podem sofrer um processo acelerado de descolamento de sua base natural, o valor trabalho, a um grau bastante elevado. Por outro lado, porém, a soma total destes preços nunca poderá se descolar da soma total das horas de trabalho humano objetivados no produto social. Se o preço da mercadoria individual pode se descolar de seu valor individual, a soma dos preços de todas as mercadorias nunca poderá exceder a soma de seus valores. Certos preços poderão se elevar acima do valor individual da mercadoria unicamente porque outros cairão abaixo dele.

Para analisar a formação dos preços dentro de uma base racional, deve-se supor logicamente que oferta e demanda estão em equilíbrio, que quando ambas atuam uma sobre a outra com a mesma intensidade seu jogo de forças se anula mutuamente. A abstração do jogo entre oferta e procura possui um sentido metodológico claro para Marx, a abstração serve *"para observar os fenômenos na figura que corresponde a seu conceito [Begriff], isto é, para observá-los independentemente da aparência [Schein] provocada*

[1255] OC IIIa, p. 131. MEW 25, p. 187.
[1256] OC IIIa, p. 131. MEW 25, p. 187.

*pelo movimento de procura e oferta"*[1257]. A abstração serve, ainda, *"para descobrir e, de certo modo, fixar a tendência real [wirkliche Tendenz] de seu movimento"*[1258]. A regulação dos preços pela lei do valor só pode ser alcançada mediante abstração das relações entre oferta e procura porque tais relações são puramente exteriores ao capital, não fazem parte de sua natureza interna e, antes, mais ofuscam que elucidam esta natureza. *"As leis internas reais [wirklichen innern Gesetze] da produção capitalista não podem evidentemente ser explicadas pela ação recíproca de procura e oferta... uma vez que essas leis só aparecem realizadas em sua forma pura quando procura e oferta deixam de atuar"*[1259].

Apesar, portanto, do jogo cruzado de forças que ofuscam a natureza interna do capital, a lei do valor, que se esconde por trás destas relações exteriores, continua regendo os movimentos do capital mesmo em sua fase mais desenvolvida. A equalização das oscilações e desequilíbrios se torna cada vez mais fundamental a cada progresso no desenvolvimento capitalista. Quanto mais se desenvolve a divisão social do trabalho e com ela o surgimento de novos ramos da produção, mais a relação entre preços e valor individual tende a se descolar e aparecer pairando sobre as nuvens da metafísica econômica. Apesar de todas as complexas determinações exteriores, subjetivas e irracionais do mercado que ofuscam a preeminência da lei do valor sobre a formação de preços, a lei do valor deve continuar regendo os movimentos do capital em sua fase plenamente desenvolvida.

Para que a lei do valor fundamente a *"contínua equalização das contínuas desigualdades"*[1260], torna-se determinante a observância de duas condições econômicas fundamentais. Primeira: a mais completa liberdade de movimentos do capital individual. Esta primeira condição se desdobra em outras três. Primeira: *"completa liberdade de comércio no interior da sociedade e eliminação de todos os monopólios, exceto os naturais, a saber, oriundos do próprio modo de produção capitalista"*[1261]. Nossa época moderna dominada pelas grandes empresas internacionais não parece, de modo algum, negar esta condição pressuposta por Marx. A irracionalidade do capitalismo moderno tem posto até mesmo os monopólios naturais, senão inteiramente pelo menos parcialmente, sob

[1257] OC IIIa, p. 139. MEW 25, p. 199.
[1258] OC IIIa, p. 139. MEW 25, p. 199.
[1259] OC IIIa, p. 139. MEW 25, p. 199.
[1260] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1261] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.

a lei da concorrência privada. Segundo: *"o desenvolvimento do sistema de crédito, que concentra a massa inorgânica do capital social disponível em face dos capitalistas individuais"*[1262]. Hoje, mais do que em qualquer época anterior, o sistema de crédito internacional promove a mais completa liberdade do capital e sua migração sem impedimentos para todos os cantos do planeta. Terceiro: *"a subordinação das diversas esferas da produção a capitalistas"*[1263]. Do mesmo modo que as anteriores, hoje mais do que nunca todas as esferas fundamentais da produção estão em mãos de capitalistas privados.

Segunda condição: completa liberdade de movimentos da classe trabalhadora, ausência absoluta de barreiras que a impeçam de migrar de um ramo da produção a outro. Este segundo item se desdobra em outros cinco. Primeiro: *"pressupõe a abolição de todas as leis que impedem os trabalhadores de migrarem de uma esfera da produção para outra ou de uma sede local da produção para qualquer outra"*[1264]. Isto implica numa segunda condição: *"indiferença do trabalhador ao conteúdo de seu trabalho"*[1265], isto é, a conversão do trabalhador em trabalhador abstrato e alienado. Terceira condição: *"redução máxima possível do trabalho em todas as esferas da produção a trabalho simples"*[1266]. Certamente uma das grandes características do trabalho no limiar do século XXI. Com a tendência à informatização da produção, mais e mais engenheiros parecem se equiparar a meros técnicos de fábrica bem remunerados, mais e mais o trabalhador qualificado se converte em mero supervisor e apêndice da maquinaria automatizada. Quarta: *"eliminação de todos os preconceitos profissionais entre trabalhadores"*[1267]. Hoje cada vez mais estes preconceitos parecem ser superados pela ascensão da mulher no mercado de trabalho. Mesmo a antiga prática elitista das corporações de ofício foi inteiramente superada pela divisão social do trabalho na grande indústria. Por último: *"submissão do trabalhador ao modo de produção capitalista"*[1268], que hoje é mais trágica do que nunca.

---

[1262] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1263] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1264] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1265] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206.
[1266] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 206/207.
[1267] OC IIIa, p. 143. MEW 25, p. 207.
[1268] OC IIIa, p. 144. MEW 25, p. 207.

Dos oito pressupostos fundamentais para a ação da lei do valor relacionados por Marx, parece que nenhum deles foi superado pelo capitalismo moderno. Nossa realidade moderna parece, deste modo, corresponder inteiramente ao conceito de capital aqui desenvolvido por Marx. Não nos parece justo, por isso, considerar o capitalismo do século XXI como uma sociedade que já não corresponde mais ao conceito de capitalismo desenvolvido por Marx em meados do século XIX, como sugere grande parte da literatura econômica moderna.

Quando mais acima procuramos esclarecer as falsas concepções do capitalista prático em relação à fonte de sua mais-valia, não pretendíamos, de modo algum, sugerir com isso que o capitalista prático ao conceber a grandeza de seu capital individual como fonte de sua mais-valia, não mantinha mais nenhum interesse e conflito direto com o trabalhador. Mesmo concebendo como fonte direta de sua mais-valia a grandeza de seu capital global e não a grandeza de seu capital variável aplicado, não diminui por isso o interesse prático do capitalista pela exploração do trabalhador. Disto resulta o seguinte:

> *cada capitalista individual, bem como o conjunto dos capitalistas de cada esfera particular da produção, participa da exploração de toda a classe trabalhadora pelo capital global e do grau dessa exploração não apenas por simpatia geral da classe, mas também por interesse econômico direto, uma vez que, supondo-se dadas as demais circunstâncias, inclusive o valor do capital constante global adiantado, a taxa média de lucro depende do grau de exploração do trabalho global pelo capital global".*[1269]

No Livro Primeiro enquanto analisávamos a relação capital trabalho pressupondo dois únicos personagens, de um lado a classe trabalhadora, ou um grupo especial de trabalhadores, e de outro a classe capitalista, ou um capitalista em especial, a relação entre ambas as classes surgia como uma relação onde o capitalista agia conscientemente como capitalista frente ao trabalhador. Este, aparecia ao capitalista como a fonte da mais-valia e todos os métodos para desenvolver a produção apareciam como métodos para aprofundar a exploração e domínio do capitalista individual sobre o grupo

[1269] OC IIIa, p. 144. MEW 25, p. 207.

especial de trabalhadores que lhe pertenciam. Enquanto tomávamos no Livro Primeiro a relação entre as classes como relações puras e diretas, nenhum rodeio era realizado pelo capitalista para ofuscar o interesse que ele nutria pelo grau de exploração dos trabalhadores. Enquanto analisávamos a relação capital trabalho livre das impurezas da concorrência, a mais-valia do capitalista surgia claramente da exploração de seu trabalhador direto e o capitalista individual aparecia como um agente consciente da contradição que existia entre ele e o trabalhador.

Agora, contudo, quando analisamos esta mesma relação poluída pela concorrência que tudo ofusca e perturba, nosso agente capitalista parece não sentir nenhum interesse direto pelo destino do trabalhador que ele mesmo emprega. Como sua mais-valia aparenta surgir da grandeza de seu capital global e não da grandeza de seu capital variável, a própria relação capital trabalho ao nível da concorrência aparece como uma relação adocicada pela aparente indiferença de nosso capitalista com a sorte do trabalhador. Agora ele só parece se interessar pela exploração do trabalhador diretamente empregado por ele na medida em que esta mesma exploração afeta a massa de lucro global e a taxa de lucro média.

Todas as determinações fundamentais entre a classe trabalhadora e a classe capitalista do Livro Primeiro aparecem agora no Livro Terceiro como relações mais suaves. O interesse que o capitalista manifesta frente a sorte do trabalhador direto, agora aparece mediado pela noção de lucro extra e não pela noção de lucro enquanto tal. O interesse que o capitalista individual mantém frente ao trabalhador diretamente empregado por ele, não aparece como um interesse ligado ao lucro enquanto tal, mas, sim, pelo lucro extra que ele pode obter aumentando a exploração sobre o trabalhador. Assim, na esfera turbulenta da concorrência um paradoxo bizarro se manifesta.

Por um lado o capitalista individual afirma que seu lucro não provém da exploração direta do trabalhador por ele empregado. Com a formação de uma taxa de lucro média e a conversão do valor em preço de produção sua mais-valia parece surgir do próprio capital e não do trabalhador. O superlucro, contudo, aquele lucro extra que ele consegue espremendo mais-trabalho acima da média, este sim parece surgir da exploração do trabalhador. *"De fato, o interesse especial que um capitalista, ou o capital de determinada esfera da produção, tem na exploração dos trabalhadores diretamente empregados por ele*

*está limitado a obter, mediante sobretrabalho excepcional ou mediante redução do salário abaixo da média, ou ainda mediante produtividade excepcional do trabalho empregado, um lucro superior ao lucro médio"*[1270]. Para aqueles capitalistas que aparentam contentar-se com o lucro médio, a mais-valia parece vir da grandeza de seu capital global aplicado. Sua relação com a classe trabalhadora aparenta ser, deste modo, uma relação de indiferença. Para os capitalistas que não se contentam com o lucro médio e almejam um lucro extra acima dele, parte da mais-valia, e somente esta parte extra, parece então vir da exploração mais intensa do trabalhador. Uma bizarra e inexplicável contradição!

O mesmo paradoxo se manifesta com a produtividade do trabalho. Enquanto analisávamos a relação pura entre as classes, cada capitalista individual aparecia diretamente interessado no aumento da produtividade dos trabalhadores empregados por ele, pois era do aumento da força produtiva do trabalho social que sua mais-valia passava da forma absoluta à forma relativa e ele conseguia contornar a contradição com a classe trabalhadora. Agora o mesmo interesse pela produtividade do trabalho de seus próprios trabalhadores se manifesta turvado pelas aparências da concorrência. *"A produtividade específica do trabalho numa esfera específica ou numa empresa individual, específica dessa esfera, só interessa aos capitalistas que participam diretamente dela na medida em que ela capacita a esfera individual em face do capital global ou o capitalista em face de sua esfera, a realizar um lucro extraordinário"*[1271].

Na análise pura do Livro Primeiro, onde a concorrência e a multiplicidade empírica dos capitais estavam abstraídas, o mesmo fenômeno se apresentava inteiramente oposto. Cada capitalista individual manifestava interesse no aumento da produtividade do trabalho não porque face ao capital social ele abocanharia uma massa de mais-valia maior, mas, sim, porque frente à classe trabalhadora ele completava o processo de subordinação real. Como na esfera da concorrência as relações internas do capital aparecem inteiramente invertidas, assim também aparece o fenômeno do desenvolvimento tecnológico. Este, agora aparece determinado pela concorrência intercapitalista e o lucro extra e não mais pela contradição entre a totalidade da classe capitalista e a totalidade da classe trabalhadora como era apresentado no Livro Primeiro.

[1270] OC IIIa, p. 144. MEW 25, p. 207.
[1271] OC IIIa, p. 144. MEW 25, p. 208.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

De qualquer modo, direta ou indiretamente, os capitalistas individuais sempre se manifestarão no palco econômico como inimigos, declarados ou não, da classe trabalhadora. *"Temos aí, pois, a prova matematicamente exata de por que os capitalistas, por mais que em sua concorrência mútua se comportem como irmãos inimigos, de fato formam uma verdadeira maçonaria [Freimaurerbund] em confronto com o conjunto da classe trabalhadora"*[1272].

[1272] OC IIIa, p. 144. MEW 25, p. 208.

## 3. A LEI DA QUEDA TENDENCIAL DA TAXA DE LUCRO

Superadas as abstrações dos Livros Primeiro e Segundo e posto o capital em sua configuração real, isto é, posto o capital enquanto multiplicidade conflituosa dos muitos capitais individuais entre si, as muitas possibilidades de crise se convertem, agora, em realidade. As muitas possibilidades de uma incongruência dilacerante entre os diversos aspectos mais abstratos do capital se convertem, com a lei da queda tendencial da taxa de lucro, em realidade. As diversas possibilidades abstratas e formais da crise analisadas nos Livros Primeiro e Segundo, possibilidades dadas pela dualidade dos vários elementos que compõem o capital como a dualidade entre valor de uso e valor, mercadoria e dinheiro, processo de trabalho e processo de valorização, trabalho vivo e trabalho morto, jornada necessária e jornada excedente, processo de produção e processo de realização, tempo de produção e tempo de trabalho, tempo de produção e tempo de circulação, capital fixo e capital circulante, capital individual e capital em geral etc., se convertem em realidade porque agora o capital é analisado em sua configuração real, isto é, porque agora é posta a concorrência entre os múltiplos capitais individuais, porque o capital não pode ser entendido sem o capitalista individual em luta contra seus vários irmãos concorrentes, porque as leis imanentes da sociedade capitalista só podem se realizar em meio a concorrência desenfreada entre os falsos irmãos do mercado intercapitalista. Posta a concorrência, então, as diversas possibilidades formais e abstratas da crise se convertem em realidade.

Como a mais-valia global já está produzida e realizada, agora se trata de reparti-la entre os diferentes capitais individuais. Posta a concorrência e a luta pela repartição da mais-valia, finalmente o capital abandona sua configuração mais abstrata e converte-se em realidade. Posta a fúria da concorrência que os irmãos inimigos travam em torno da repartição da mais-valia, todas as contradições da sociedade capitalista estão finalmente postas. Nos Livros Primeiro e Segundo a exposição permanecia ainda num nível abstrato porque em sua configuração real o capital não existe sem o capitalista individual e a concorrência que eles mutuamente exercem uns sobre os outros.

Postas as leis e conceitos gerais do capital agora trata-se de realizá-los. A concorrência, como já mostramos, é a força realizadora destas leis. A concorrência não cria,

de modo algum, estas tendências e leis gerais, ela é a força realizadora destas leis e tendências, é a força que converte estas leis e tendências em realidade. Agora não apenas estão postas abstratamente as leis e tendências gerais da sociedade capitalista, mas, sobretudo, estão postas as condições de conversão destas leis abstratas e genéricas em realidade. A fúria da concorrência e a luta desencadeada entre os muitos irmãos inimigos que se odeiam realizam agora todas estas abstratas e genéricas leis desenvolvidas nos Livros Primeiro e Segundo. Postas as tendências e leis gerais do capital nos dois primeiros livros, no Livro Terceiro tratar-se-á de realizá-las. Do mesmo modo, postas as possibilidades mais genéricas e abstratas da crise nos dois primeiros livros, trata-se agora de converter estas possibilidades da crise em realidade.

A crise se converte em realidade porque agora, no Livro Terceiro, não se trata mais de analisar como a mais-valia é produzida e realizada, mas, sim, como ela se reparte entre os diferentes capitais individuais. Neste nível concreto as diversas possibilidades abstratas de crise se convertem em realidade porque o fim de todo capitalista individual é a apropriação da maior massa de lucro possível, a forma mistificada, porém determinada, da mais-valia. Se a massa de lucro apropriada em relação com o capital global aplicado cair, como tende a cair ao longo do processo de acumulação capitalista, então a crise passa da possibilidade à realidade porque o fim do capital não se realiza. Com a queda tendencial da taxa de lucro a crise se converte, então, de mera possibilidade em realidade.

Na prática diária dos negócios o capitalista individual não almeja se apropriar de sobretrabalho em sua forma genérica, a forma representada pela mais-valia, mas almeja, sim, se apropriar do lucro, a forma modificada e concreta da mais-valia que remunera o capital não segundo a regra geral do número de trabalhadores que ele emprega, mas segundo o volume de capital global empregado. Como o capitalista prático orienta seu faro para os negócios de acordo com as oscilações na taxa de lucro e não segundo as oscilações na taxa de mais-valia, toda vez que a taxa de lucro cair a um nível muito baixo o capital tende a paralisar a produção e converter todas as possibilidades abstratas de crise em realidade.

Como a queda da taxa de lucro afeta diretamente os interesses do capitalista individual, diferente das diversas possibilidades abstratas de crise que o afetavam apenas indiretamente, ele não hesita em paralisar a produção e pôr em desordem toda a sociedade

unicamente para poder atuar como capitalista e voltar a valorizar seu capital dentro de condições melhores. Com a queda tendencial da taxa de lucro, então, todas as diversas possibilidades formais e abstratas de crise explodem simultaneamente no mercado mundial convertendo-se em realidade.

## 3.1 A LEI ENQUANTO TAL

Na concepção de Marx a lei da queda tendencial da taxa de lucro decorrente da tendência de aumento da composição orgânica do capital no curso do desenvolvimento capitalista é uma lei muito simples e *"pode-se dizer que constitui o mistério em torno de cuja solução toda a Economia Política gira desde Adam Smith e que a diferença entre as diversas escolas desde Adam Smith consiste nas diferentes tentativas de solucioná-la"*[1273].

A essência da lei consiste no seguinte: de todos os elementos que compõem o capital, o único que o valoriza por meio da criação de mais-valia é a parte formada pelo emprego da classe trabalhadora e representada pelo capital variável. O capital constante, por ser trabalho morto, não cria valor e, por isso, não cria, também, mais-valia. Como no curso do desenvolvimento capitalista predomina a substituição da força de trabalho viva do operário pelo trabalho morto das máquinas e dos instrumentos de trabalho, em algum momento do processo de acumulação de capital esta substituição deve se manifestar na forma de uma queda na massa de mais-valia global produzida em relação com o volume acrescido do capital global empregado, em algum momento esta contradição entre trabalho vivo e trabalho morto deve se expressar na forma de uma queda na taxa de lucro.

---

[1273] OC IIIa, p. 155. Marx Engels: Werke. Band 25. Berlim: Dietz Verlag, 1977 (edição impressa) p. 223. A Economia Política burguesa não soube desvendar a lei, apesar de tateá-la muitas vezes por que segundo Marx, nunca soube a *"diferença entre capital constante e variável... [ porque] nunca apresentou a mais-valia separada do lucro e o lucro em forma pura, separadamente de suas partes constantes autonomizadas entre si – como lucro industrial, lucro comercial, juros, renda fundiária; que ela nunca analisou a fundo a diversidade na composição orgânica do capital e, portanto, tampouco a formação da taxa geral de lucro -, então deixa de ser enigmático que nunca lhe foi possível decifrar esse enigma"*. OC IIIa, p. 155/56. MEW 25, p. 223/24.

## 3.2 DECRÉSCIMO RELATIVO DO CAPITAL VARIÁVEL EM RELAÇÃO AO CAPITAL CONSTANTE.

Marx inicia a apresentação da lei elaborando uma série hipotética onde procura demonstrar que com o progressivo decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante, uma taxa de mais-valia constante ou mesmo em ascensão deveria expressar-se numa taxa de lucro em queda.

Com salário e jornada de trabalho dados, uma dada taxa de mais-valia deve se expressar sempre em taxas de lucro muito diferentes, de acordo com o diferente volume do capital constante *c* empregado e, com isso, do volume do capital global *C*, já que a taxa de lucro é = *m/C*. Supondo uma taxa de mais-valia de 100%, no esquema abaixo elaborado por Marx a taxa de lucro evoluiria da seguinte forma:[1274]

Se $c = 50$, $v = 100$ então, $l' = 100/150 = 66{,}66\%$.
Se $c = 100$, $v = 100$ então, $l' = 100/200 = 50\%$.
Se $c = 200$, $v = 100$ então, $l' = 100/300 = 33{,}33\%$.
Se $c = 300$, $v = 100$ então, $l' = 100/400 = 25\%$.
Se $c = 400$, $v = 100$ então, $l' = 100/500 = 20\%$.

Supondo, além disso, que essa mudança gradual na composição do capital não ocorra apenas em ramos isolados da produção, mas, ainda, que se estenda a todos ou pelo menos aos mais importantes e que isto implique modificações na composição orgânica média do capital global pertencente a determinada sociedade, então, "*esse crescimento paulatino do capital constante precisa em relação ao capital variável, ter necessariamente por resultado uma queda gradual na taxa de lucro geral, com taxa constante de mais-valia ou grau constante de exploração do trabalho pelo capital*"[1275].

---

[1274] *c* = capital constante, *v* = capital variável, *l'* = taxa de lucro, *C* = capital global (c+v), *m* = mais-valia
[1275] OC IIIa, p. 154. MEW 25, p. 222.

Marx procura expressar no esquema que com o progresso do modo de produção capitalista, ocorre um decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante e, com isso, em relação ao capital global posto em movimento. Devido aos métodos de produção que se desenvolvem dentro da produção capitalista, uma quantidade constante de trabalhadores está capacitada a colocar em movimento uma massa sempre crescente de meios de trabalho e um capital constante de volume e valor sempre crescente.

Esse progressivo decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital global é, por isso,

> *apenas outra expressão [Ausdruck] para o progressivo desenvolvimento da força produtiva social de trabalho, que se mostra exatamente no fato de que, por meio do crescente emprego de maquinaria e de capital fixo, de modo geral, mais matérias-primas e auxiliares são transformadas pelo mesmo número de trabalhadores no mesmo tempo, ou seja, com menos trabalho, em produtos.*[1276]

A queda do capital variável em relação ao capital constante é cuidadosamente considerada por Marx como uma queda relativa e não absoluta. Isto é, o capital variável empregado e a soma de trabalhadores por ele representado, cai apenas em relação ao volume de valor representado pelo capital constante. Marx evita o erro de considerar a queda do capital variável em relação ao capital constante como uma queda absoluta do número de trabalhadores empregados pelo capital social. Uma queda absoluta no número de trabalhadores explorados pelo capital pode obviamente ocorrer, mas a lei da queda da taxa de lucro deve ser explicada por uma queda do volume de trabalhadores empregados em relação com o volume de capital constante em operação. Ele observa também que o aumento da composição de valor não se dá no mesmo grau em que se dá o aumento da composição técnica do capital, da quantidade de meios de produção colocados em funcionamento por determinado quantum de trabalhadores.

---

[1276] OC IIIa, p. 155. MEW 25, p. 222.

Esta tendência progressiva de queda na taxa geral de lucro, mesmo com taxa e massa de mais-valia em ascensão, representa *"apenas uma expressão [Ausdruck] peculiar ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento progressivo da força produtiva social de trabalho".*[1277] A taxa de lucro tende a cair porque o elemento vivo criador de mais-valia é substituído paulatinamente no curso da reprodução do capital social por capital constante que não valoriza o valor. Porém, *"com isso não está dito que a taxa de lucro não possa cair transitoriamente por outras razões, mas está provado, a partir da essência do modo de produção capitalista, como uma necessidade óbvia, que em seu progresso a taxa média geral de mais-valia tem de expressar-se numa taxa geral de lucro em queda"*[1278].

Em relação ao aspecto quantitativo lucro e mais-valia globais são idênticos, a massa total de lucro sempre será idêntica à massa total de mais-valia. A diferença entre elas consiste apenas numa diferença entre taxas, pois a taxa de mais-valia é encontrada mediante a relação da mais-valia total com o capital variável total, enquanto que a taxa de lucro é encontrada mediante a relação da mais-valia total com o capital global. Por isso,

> *como a massa de trabalho vivo empregado diminui sempre em relação à massa de trabalho objetivado, posta por ele em movimento, isto é, o meio de produção consumido produtivamente, assim também a parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais-valia tem de estar numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital global empregado. Essa relação da massa de mais-valia com o valor do capital global empregado constitui, porém, a taxa de lucro, que precisa, por isso, cair continuamente.*[1279]

Se adotarmos como hipótese que no curso do progresso capitalista, massa de mais-valia e capital global cresçam e que este cresça mais rapidamente que a primeira, a taxa de lucro deve necessariamente cair. Se a taxa de lucro expressa a massa de mais-valia global em relação ao capital global, *m/C*, então, toda vez que o denominador *C* subir em

---

[1277] OC IIIa, p. 155. MEW 25, p. 223.
[1278] OC IIIa, p. 155. MEW 25, p. 223.
[1279] OC IIIa, p. 155. MEW 25, p. 223.

relação ao numerador *m*, a razão entre eles deve cair. A lei da taxa decrescente de lucro, na qual pode se expressar uma taxa igual ou até mesmo ascendente de mais-valia, significa para Marx que:

> *dado um quantum determinado do capital social médio, tomando-se por exemplo um capital de 100, representam-se numa parte sempre maior do mesmo os meios de trabalho e numa parte sempre menor o trabalho vivo. Como, portanto, a massa global de trabalho vivo agregado aos meios de produção cai em relação ao valor desses meios de produção, assim também caem o trabalho não-pago e a parte de valor em que ela se representa, em relação ao valor do capital global adiantado.*[1280]

Como o capital procura resolver a contradição imanente entre ele e a classe trabalhadora substituindo esta por maquinaria, substituindo o trabalho vivo do operário por trabalho já objetivado, a taxa de lucro tende a cair porque a nova massa de trabalho não pago é insuficiente para valorizar o capital acrescido com a mesma taxa do passado, porque *"uma parte alíquota cada vez menor do capital global despendido se converte em trabalho vivo, e esse capital global absorve portanto, em proporção à sua grandeza, sempre menos mais-valia, embora a proporção da parte não-paga do trabalho empregado, em relação à parte paga do mesmo, possa simultaneamente crescer"* (IV 157). O decréscimo proporcional do capital variável e o aumento do capital constante não podem ser erroneamente concebidos como causa da queda da taxa de lucro mas *"apenas outra expressão [Ausdruck] para a produtividade aumentada do trabalho"*[1281].

Marx considera um absurdo as concepções de Ricardo e sua escola, que viam na elevação dos salários provocada pelas elevações de preço dos meios de subsistência dos trabalhadores, a causa real para a queda na taxa de lucro. Ricardo explicava a elevação de salários e a conseqüente queda na taxa de lucro pela impossibilidade de se encontrar terras mais férteis e mais próximas dos centros de consumo capazes de serem utilizadas para o cultivo do trigo. Como a demanda aumentada por este

---

[1280] OC IIIa, p. 157. MEW 25, p. 225/26.
[1281] OC IIIa, p. 157. MEW 25, p. 226.

produto empurrava o cultivo para terras mais distantes e menos férteis da Inglaterra, a força produtiva média do trabalho empregado no cultivo de trigo tendia a cair e, portanto, a encarecer o produto e a força de trabalho, visto que o trigo era o principal componente dos salários ingleses.

> *O decréscimo tendencial da taxa de lucro está ligado a uma elevação tendencial da taxa de mais-valia, portanto do grau de exploração do trabalho. Nada mais absurdo do que explicar a queda da taxa de lucro a partir de uma elevação da taxa de salário, embora também isso possa excepcionalmente ser o caso... A taxa de lucro não cai porque o trabalho se torna mais improdutivo, mas porque se torna mais produtivo.*[1282]

Tanto a elevação da taxa de mais-valia quanto a queda da taxa de lucro não podem ser concebidas como causas da crise econômica pois elas *"são apenas formas específicas [besondre Formen] em que se expressa de maneira capitalista a crescente produtividade do trabalho.*[1283]

## 3.3. DECRÉSCIMO RELATIVO DA MASSA GERAL DE MAIS-VALIA EM RELAÇÃO AO CAPITAL GLOBAL APLICADO

A massa global de mais-valia é idêntica à massa global de lucro. A massa de mais-valia global em relação com o capital variável global constitui a taxa de mais-valia ou de exploração. Esta massa vista, porém, em relação com o capital global constitui a taxa de lucro. Nada aqui impede que a massa de mais-valia, quando analisada em relação com o capital global, mesmo quando expressa uma massa ou uma taxa em ascensão, expresse uma taxa de lucro em queda. Para isto basta que o capital global cresça mais rapidamente que a massa de mais-valia criada.

---

[1282] OC IIIa, p. 173. MEW 25, p. 250

[1283] OC IIIa, p. 173. MEW 25, p. 250.

Assim como a queda da massa de capital variável empregado é uma queda relativa, também a queda da massa de lucro é uma queda relativa, ela cai apenas em relação à massa do capital total empregado para se conseguir a mesma massa de lucro. A lei diz respeito à queda da massa de mais-valia em relação com o capital total empregado para produzi-la, a queda é portanto relativa e não absoluta. A massa de mais-valia pode cair absolutamente mas para explicá-la como uma queda na taxa de lucro é necessário explicá-la sempre como uma queda relativa. A formulação da lei não exclui o aumento absoluto da mais-valia global.

> *A lei da queda progressiva da taxa de lucro ou da diminuição relativa do mais-trabalho apropriado em comparação com a massa de trabalho objetivado posta em movimento pelo trabalho vivo não exclui, de maneira alguma, que a massa absoluta de trabalho posto em movimento e explorado pelo capital social cresça, que, portanto, a massa absoluta de mais-trabalho por ele apropriado também cresça, tampouco que os capitais que se encontram sob o comando dos capitalistas individuais comandem uma massa crescente de trabalho, e portanto de mais-trabalho, este último mesmo se o número de trabalhadores comandados por eles não crescer.*[1284]

A relação entre mais-valia global e capital global e entre capital variável e capital constante se modifica não porque a massa de trabalho vivo posto em movimento pelo capital global cai de forma absoluta, mas, sim, porque a massa de trabalho já objetivado nos meios de produção que a força de trabalho põe em movimento sobe mais rapidamente que esse quantum de força de trabalho. A taxa de lucro cai, não porque a massa de mais-valia cai de forma absoluta, mas porque a massa de capital global empregado para produzi-la aumenta mais rapidamente que ela. A taxa de lucro cai porque *"com a massa crescente de capital constante, fixo e circulante, que põe esse trabalho em movimento, cai a relação dessa grandeza de valor com o valor desse capital, que cresce com sua massa, ainda que não na mesma proporção"*[1285]. A queda da taxa de lucro ocorre

[1284] OC IIIa, p. 157. MEW 25, p. 226.
[1285] OC IIIa, p. 158. MEW 25, p. 227.

porque a massa de capital global constante posto em atividade para gerar esta massa acrescida de mais-valia cresce mais rapidamente que esta mesma massa de mais-valia.

> *A relação se modifica não porque a massa de trabalho vivo cai, mas porque a massa de trabalho já objetivado que ela põe em movimento sobe. A diminuição é relativa, não absoluta, e de fato nada tem a ver com a grandeza absoluta do trabalho e do mais-trabalho postos em movimento. A queda da taxa de lucro não nasce de uma diminuição absoluta, mas de uma diminuição relativa do componente variável do capital global, de sua diminuição comparada com o componente constante.*[1286]

Para demonstrar matematicamente a possibilidade da taxa de lucro cair mesmo com aumento absoluto da massa de mais-valia, Marx elabora uma nova série hipotética:[1287]

| | | | |
|---|---|---|---|
| Capital I. | 4c + 2v + 2m | C = 6 | $l'$ = 33,33%. |
| Capital II. | 15c + 3v + 3m | C = 18 | $l'$ = 16,66%. |

Enquanto a massa de mais-valia aumentou metade, de 2 para 3, a taxa de lucro $l'$, inversamente, caiu para metade da anterior, de 33,33% para 16,66%. A grandeza absoluta do lucro, sua massa global, cresce 50% no esquema, apesar da enorme diminuição na proporção entre essa massa de lucro e o capital global adiantado ou, apesar do enorme decréscimo na taxa geral de lucro. A queda na taxa de lucro não impede, até certo ponto, que a acumulação de capital prossiga em escala sempre maior. A acumulação se interrompe apenas quando esta queda atinge um nível crítico e insuportável para as condições médias em que opera o capital.

> *O número dos trabalhadores empregados pelo capital, portanto a massa absoluta de trabalho posta em movimento por ele, portanto a massa*

---

[1286] OC IIIa, p. 158. MEW 25, p. 227.

[1287] c = capital constante, v = capital variável, m = mais-valia, C = capital global (c + v), $l'$ = taxa de lucro (m/C).

> *absoluta de mais-trabalho absorvida por ele, portanto a massa de mais-valia produzida por ele, portanto a massa absoluta de lucro produzida por ele pode, por conseguinte crescer, e crescer progressivamente, apesar da progressiva queda da taxa de lucro. Isso não apenas pode ser o caso. Tem de ser o caso, descontadas oscilações transitórias, na base da produção capitalista.*[1288]

A marcha normal da acumulação e do desenvolvimento da força produtiva do trabalho social que a acompanha, eleva a seu lado a capacidade da força de trabalho em gerar mais-valia. Isto significa que a queda na taxa de lucro pode ser normalmente acompanhada de um aumento da taxa e da massa de mais-valia global produzida.

> *O mesmo desenvolvimento da força produtiva de trabalho social, as mesmas leis que se apresentam na queda relativa do capital variável em relação ao capital global e na acumulação assim acelerada... se expressa [ausdrückt sich]... no crescente aumento da força de trabalho global empregada, no crescimento cada vez maior da massa absoluta de mais-valia, e portanto do lucro.*[1289]

Porém, sob que forma há de se apresentar esta lei dúplice, oriunda do mesmo movimento, da diminuição da taxa de lucro e do simultâneo aumento da massa absoluta de lucro? Marx utiliza o seguinte raciocínio para apresentá-la: com a diminuição relativa da parte variável do capital em relação à sua parte constante, a taxa de lucro cai com grau de exploração do trabalho constante, e mesmo crescente, porque cai a grandeza relativa da mais-valia, isto é, cai a massa de mais-valia criada em relação com o valor do capital global adiantado. Mas não só essa grandeza relativa cai. A grandeza da mais-valia ou do lucro absorvido pelo capital global pode cair de modo absoluto.

Se com taxa de mais-valia de 100% um capital de 60c + 40v produz uma massa de mais-valia de 40 e um capital de 70c + 30v produz uma massa de lucro de 30,

---

[1288] OC IIIa, p. 158. MEW 25, p. 228.
[1289] OC IIIa, p. 159/60. MEW 25, p. 230.

então com um capital de 80c + 20v o lucro cai para 20. Como essa queda se refere à massa de mais-valia e, portanto, do lucro, como este capital global (de 100) põe em geral menos trabalho vivo em movimento, ele põe, com grau de exploração constante, também menos mais-trabalho em movimento e, portanto, produz menos mais-valia. A taxa de lucro cai nos casos acima, de 40% para 30% e para 20% pois, de fato, a massa de mais-valia produzida pelo mesmo capital cai de modo absoluto, de 40 para 30 e para 20. Como a grandeza de valor do capital sobre a qual a mais-valia é medida é = 100, uma queda da mais-valia como proporção dessa grandeza constante só pode ser outra expressão para a diminuição da grandeza absoluta da mais-valia e do lucro.

A solução para o problema já está contida na própria contradição. Para que a massa global de mais-valia produzida possa crescer, mesmo supondo as condições de exploração constantes, o capital global deve crescer a uma taxa inversa à taxa de queda do lucro. Se o lucro cair pela metade, para um determinado capital continuar produzindo a mesma massa de mais-valia, ele deve crescer o dobro. Caso o lucro cair para um terço, o capital deve triplicar, se cair para um quarto, deve quadruplicar e assim por diante. Se um capital global de 100 gera uma mais-valia de 20, ele se valoriza a uma taxa de 20%. Se a taxa de lucro cair para metade, para 10%, em decorrência da diminuição absoluta da mais-valia gerada, de 20 para 10, então para este capital produzir a mesma massa de mais-valia que antes, de 20, com a nova taxa de lucro de 10%, ele deve duplicar, deve subir de 100 para 200. 10% sobre 200 resulta na mesma massa de lucro que a anterior, a de 20. Se crescer menos que o dobro, então, com a nova taxa de lucro de 10% gerará uma mais-valia menor que a inicial de 20. Para gerar uma massa de mais-valia acima de 20, deverá crescer mais que o dobro.

> *Para que a massa de lucro permaneça a mesma com taxa decrescente de lucro, o multiplicador, que indica o crescimento do capital global, tem de ser igual ao divisor, que indica a queda da taxa de lucro. Se a taxa de lucro cai de 40 para 20, o capital global precisa, inversamente, subir na proporção de 20:40 para que o resultado permaneça o mesmo. Se a taxa de lucro tivesse caído de 40 para 8, então o capital teria de crescer na proporção de 8:40, ou seja, quintuplicar. Um capital de 1 milhão a 40%*

> *produz 400 mil e um capital de 5 milhões a 8% produz igualmente 400 mil. Isso vale para que o resultado permaneça o mesmo. Se, no entanto, ele deve crescer, então o capital deve crescer em proporção maior do que aquela em que cai a taxa de lucro.*[1290]

Esta possibilidade significa para Marx que a lei da queda na taxa de lucro é uma lei contraditória, pois assim como representa um perigo imediato para a acumulação capitalista representa, ao mesmo tempo, a possibilidade de um desenvolvimento rápido e vertiginoso da acumulação devido ao estímulo que essa queda (até um certo limite) descarrega sobre os capitais individuais para recuperar as antigas massas de lucro. A lei expressa o fato de que o processo de acumulação capitalista constitui-se num processo profundamente contraditório e não linear pois, ao mesmo tempo que a queda na taxa de lucro levanta barreiras imensas à continuidade normal da ordem capitalista, estimula e acelera contraditoriamente, a acumulação e a formação de novos e mais extensos capitais.

Assim como o capital se enfrenta constantemente consigo mesmo, retira dialeticamente de seu próprio interior a energia e a potencialidade necessária para continuar se reproduzindo. Se ele próprio contém em seu interior toda a potencialidade explosiva para um colapso histórico e a abolição violenta de todas as suas contradições internas, contém também, contraditoriamente, os elementos para sua própria autosuperação e alargamento de suas bases de existência. O mesmo parece compreender Jorge Grespan, que acredita ser errada a interpretação de que Marx enunciara na lei da queda da taxa de lucro, a sua teoria do colapso inevitável do capitalismo. Para ele, "*o capital é igualmente o processo de criação e destruição da totalidade de relações sociais, é o movimento de possibilidades opostas cuja contradição igualmente se soluciona e repõe, é o 'sujeito' que ao refletir sobre si, igualmente se institui e se resolve*"[1291]. Conclusão inteiramente oposta parece ter José A. Giannotti, para quem "*os dois últimos volumes d'O Capital, arredondados por Engels, tratam em linhas gerais de apontar para o colapso do modo de produção capitalista. Para esse propósito a lei da taxa declinante de lucro serve às mil maravilhas*"[1292].

---

[1290] OC IIIa, p. 161. MEW 25, p. 232.
[1291] Jorge L. S. Grespan. ***O Negativo do Capital***. S.P: Hucitec/Fapesp, 1998, p. 283.
[1292] José A. Giannotti. ***Certa Herança Marxista***. S.P: Companhia das Letras, 2000, p. 232.

## 3.4. A SUPERPOPULAÇÃO TRABALHADORA

O processo de produção capitalista é, essencial e simultaneamente, um processo de reprodução do capital em escala ampliada. Como com o progresso da produção capitalista a massa de valor que precisa simplesmente ser reproduzida e conservada aumenta e cresce com a elevação da produtividade do trabalho, mesmo se a força de trabalho empregada permanece constante; como com o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho cresce ainda mais a massa de valores de uso produzidos, dos quais os meios de produção constituem uma parte; como o trabalho adicional, por meio de cuja apropriação essa riqueza adicional pode ser retransformada em capital, não depende do valor mas da massa desses meios de produção, então, a própria acumulação e a concentração de capital que ela implica é, em si mesma, um meio material de elevação da força produtiva e da formação de uma população excedente às necessidades da acumulação. *"Nesse crescimento dos meios de produção está, porém, implícito o crescimento da população trabalhadora, a criação de uma população correspondente ao capital excedente e que em linhas gerais sempre sobrepasse suas necessidades, portanto uma superpopulação de trabalhadores"*[1293]. A elevação da força produtiva do trabalho e a substituição de trabalho vivo por trabalho morto, gera um excedente de trabalhadores que não poderá ser empregado pelo capital porque a massa de mais-valia por eles fornecida não será suficiente para valorizar o capital a uma taxa de lucro satisfatória.

A formação de uma massa de trabalhadores excedentes não empregados pelo capital, não resulta de uma baixa produtividade do trabalho, de uma queda em sua taxa de exploração, ao contrário, ela se forma porque o trabalho se torna mais produtivo, porque sua exploração se eleva ao máximo. Porém, contraditoriamente, essa elevação da produtividade do trabalho não consegue valorizar no mesmo nível da taxa anterior o volume acrescido de capital ora empregado. A taxa de lucro cai acompanhada de uma elevação tanto da massa quanto da taxa de mais-valia, porque o trabalho se torna mais produtivo e não menos, como pensava Ricardo. A formação de uma superpopulação

[1293] OC IIIa, p. 158/59. MEW 25, p. 228.

trabalhadora excedente super-explorada e precariamente empregada se torna possível *"não porque a força produtiva do trabalho social diminui, mas porque ela aumenta"*[1294]. A tragédia da classe trabalhadora no interior da sociedade capitalista se torna mais profunda com a acumulação de capital não porque o capital não produz na mesma proporção em que cresce a classe trabalhadora os meios de produção e subsistência necessários para seu emprego produtivo mas, sim, *"por uma desproporção que se origina da exploração capitalista do trabalho, pela desproporção entre o crescimento cada vez maior do capital e sua necessidade relativamente decrescente de uma população crescente"*[1295].

Como o desenvolvimento da força produtiva social do trabalho e a diminuição relativa do trabalho vivo durante o processo de produção impulsiona a produção à escalas sempre crescentes, para que o capital possa manter a mesma quantidade de força de trabalho empregada é necessário empregar uma massa cada vez mais crescente do capital global. Para um capital empregar uma massa de trabalhadores acrescida em termos absolutos, com uma composição superior ou um aumento relativo mais intenso do capital constante, o capital global precisa crescer não só na proporção da composição superior mas, ainda, de maneira mais rápida que a composição superior do capital. *"Ele tem de crescer tanto que, em sua nova composição, necessite não só da antiga parte variável do capital, mas ainda mais do que esta para a aquisição de força de trabalho. Se a parte variável de um capital = 100 cai de 40 para 20, então o capital global tem de subir para mais de 200, a fim de poder empregar um capital variável maior do que 40"*[1296].

Se após um intenso desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social determinado volume de capital constante necessitar apenas metade dos trabalhadores originariamente empregados para ser posto em movimento e, se acaso o capital queira manter o mesmo número de trabalhadores empregados, ele será obrigado a dobrar o volume de dado capital. Se passar a necessitar de apenas um terço, para empregar a mesma massa anterior de operários terá de triplicar o capital, se empregar apenas um quarto terá de quadruplicar o investimento em capital e assim por diante. Desta lei geral resulta que, *"quanto mais o modo de produção capitalista se desenvolve, uma quantidade cada vez maior de capital se torna necessária para empregar a mesma força de trabalho, e ainda*

---

[1294] OC IIIa, p. 161. MEW 25, p. 232.
[1295] OC IIIa, p. 161. MEW 25, p. 232.
[1296] OC IIIa, p. 161. MEW 25, p. 232/33.

*maior para uma força de trabalho crescente"*[1297]. Essa lei evidencia que sob as relações capitalistas de produção o desespero e a miséria entre os trabalhadores é um destino naturalmente criado pelo capital. Quanto mais se desenvolve o capital menos ele depende da classe trabalhadora para pôr em atividade a maquinaria no interior da fábrica. E quanto mais independente se torna o capital numa ponta, mais dependente e miserável se torna a classe trabalhadora na outra. E esta miséria e dependência nascem, contraditoriamente, da mesma força que eleva a força produtiva do trabalho social no interior da fábrica. *"A força produtiva crescente de trabalho gera, portanto, na base capitalista, necessariamente uma superpopulação trabalhadora permanente e aparente"*[1298]. A miséria e a dependência da classe trabalhadora não surge do fato de que ela tenha se tornado menos eficiente e produtiva mas, sim, porque ela se tornou mais capaz de enriquecer o vampiro capital e mitigar sua sede insaciável por vida humana.

## 3.5 CONTRATENDÊNCIAS DA LEI

Se a explicação da lei da queda tendencial da taxa de lucro se apresentava como uma das maiores dificuldades aos economistas contemporâneos de Marx, ele agora agrega uma nova dificuldade: a de explicar por que essa queda não se realiza de forma linear e em períodos mais curtos de tempo. Assim, *"no lugar da dificuldade que até agora ocupou os economistas, isto é, explicar a queda da taxa de lucro, aparece a dificuldade inversa ou seja, explicar por que essa queda não é maior ou mais rápida"*[1299]. Essa queda não é maior ou mais rápida porque *"deve haver influências contrariantes em jogo, que cruzam e superam os efeitos da lei geral, dando-lhe apenas o caráter de uma tendência, motivo pelo qual também designamos a queda da taxa geral de lucro como uma queda tendencial"*[1300]. Certamente quanto mais desenvolvido estiver o capital mais difícil se torna a continuidade da valorização do valor-capital. Contudo, no curso da acumulação se

[1297] OC IIIa, p. 162. MEW 25, p. 233.
[1298] OC IIIa, p. 162. MEW 25, p. 233.
[1299] OC IIIa, p. 168. MEW 25, p. 242.
[1300] OC IIIa, p. 168. MEW 25, p. 242.

levantam constantemente barreiras e contratendências que impedem uma autodestruição do capital seguida de um colapso inevitável determinado por fatores puramente econômicos.

Marx procura demonstrar aqui porque considera a lei como uma tendência contraditória, como uma lei que em seu curso é atenuada, mas não anulada, por diversos fatores. Os mais genéricos são os seguintes:

### 3.5.1. Elevação do grau de exploração do trabalho

Supondo uma composição orgânica constante do capital, o grau de exploração do trabalho está condicionado por dois fatores: pela extensão e intensificação da jornada de trabalho. Há muitos momentos da intensificação do trabalho que implicam um aumento da taxa de exploração sem aumento da composição orgânica do capital, como por exemplo *"velocidade acelerada da maquinaria, que, ao mesmo tempo, consomem mais matéria-prima, mas no que tange ao capital fixo, desgastam, é certo, mais rapidamente a maquinaria, não afetando, entretanto, de modo algum, a relação de seu valor com o preço do trabalho que ela põe em movimento"*[1301].

Também *"o prolongamento da jornada de trabalho, essa invenção da indústria moderna, aumenta a massa de mais-trabalho apropriado, sem modificar essencialmente a relação entre a força de trabalho empregada e o capital constante que ela põe em movimento, e, de fato, antes diminui relativamente esta última"*[1302].

O mesmo efeito é conseguido com *"a introdução em massa do trabalho feminino e infantil, à medida que toda a família deve fornecer ao capital uma massa de mais-trabalho maior do que antes, mesmo que a soma global do salário que lhe é dado cresça, o que de forma alguma é o caso geral"*[1303].

Também *"tudo o que promove a produção de mais-valia relativa mediante mera melhoria dos métodos"*[1304], sem, contudo, elevar a grandeza do capital empregado, como na agricultura, tem o efeito de elevar a mais-valia produzida.

---

[1301] OC IIIa, p. 168. MEW 25, p. 242/243.
[1302] OC IIIa, p. 168. MEW 25, p. 243.
[1303] OC IIIa, p. 169. MEW 25, p. 243.
[1304] OC IIIa, p. 169. MEW 25, p. 243.

Quando a força produtiva do trabalho *"é libertada de empecilhos de intercâmbio, de limitações arbitrárias ou que com o tempo se tornaram perturbadoras, de maneira geral de entraves de toda espécie, sem que por isso a relação entre capital variável e constante seja de imediato afetada"*[1305], favorece o aumento da taxa de exploração sobre os trabalhadores sem aumentar as despesas relativas com capital constante.

Marx considera ainda nesta questão que também as elevações temporárias da mais-valia acima do nível geral, que surgem em diversos ramos da produção em benefício do capitalista que primeiro utiliza as invenções antes de sua generalização, inibem a queda da taxa de lucro por elevarem sua massa. Também nos casos em que o trabalho racionalmente executado por dois trabalhadores é imposto, por exemplo, a apenas um trabalhador, ou o de três trabalhadores a dois, influenciam no aumento da exploração e na compensação da queda na taxa de lucro, mesmo admitindo que este número reduzido de trabalhadores não possa executar o mesmo quantum de trabalho que a maioria de antes, mas que possa realizar um quantum maior do que realizava antes o mesmo número reduzido de agora. Essa queda no volume de trabalho total realizado terá que ser, porém, *"compensada ou restringida pela elevação da taxa de mais-valia"*[1306] daqueles que se submeterem à carga superior de trabalho.

Todos os procedimentos utilizados para elevar a taxa de exploração que estão, porém, sustentados na diminuição relativa do número de trabalhadores empregados tendem, contraditoriamente, a diminuir a massa de lucro e, portanto, também sua taxa. Daí serem estes métodos impotentes, na concepção de Marx, para impedir a ação da lei da queda tendencial da taxa de lucro, atuando muito mais como inibidores desta queda e como freios que a impedem de manifestar-se em prazos mais estreitos.

### 3.5.2. Compressão do salário abaixo de seu valor

Marx alerta que esta forma de ampliação da taxa de exploração, por não elevar as despesas com capital constante, constitui uma das formas mais significativas de

[1305] OC IIIa, p. 169. MEW 25, p. 243.
[1306] OC IIIa, p. 170. MEW 25, p. 245.

contenção da tendência de queda da taxa de lucro. Porém, este fenômeno não poderia ser analisado em sua obra, visto que ele opera toda sua exposição pressupondo que a compra e venda da força de trabalho se realiza pelo seu valor. Esse fenômeno, assim, nada teria a ver com a análise geral do capital, mas, sim, com a análise geral da concorrência no mercado de trabalho não tratada diretamente por Marx em *O Capital*.

A venda da força de trabalho por seu valor pressupõe que o mercado de trabalho esteja em equilíbrio. Isto é, que demanda e oferta de força de trabalho se equiparem mutuamente. Se, de modo genérico, a oferta de força de trabalho se elevar acima da demanda nos principais ramos da produção o salário dos trabalhadores não cobre integralmente o valor da força de trabalho. Como vimos na análise da composição do valor da força de trabalho, esta se compõe de duas cestas de produtos diferentes: dos meios de subsistência absolutamente indispensáveis e dos meios de consumo morais e culturais. Se o salário do trabalhador cair logo abaixo do valor ele terá que cortar a parte do consumo que corresponde a estes meios de consumo moral e cultural e poderá reproduzir sua força de trabalho num nível pouco acima do nível puramente animal. Se o salário cair, contudo, abaixo da linha que divide meios de consumo absolutamente indispensáveis e meios de consumo morais e culturais, o trabalhador cairá a um nível puramente animal. Se o salário oscilar entre o valor da força de trabalho e a linha que o divide entre meios de subsistência indispensáveis e meios de consumo morais e culturais o trabalhador poderá viver abaixo do nível geral da sociedade, porém, acima do nível da pura animalidade.

Podemos, em linhas muito gerais, dizer que a classe trabalhadora mundial pode ser dividida dentro destes três níveis. Primeiro: daqueles trabalhadores que vendem sua força de trabalho pelo seu valor ou logo acima dele. Segundo: daqueles que a vendem abaixo do valor, porém, acima do nível da pura subsistência. Terceiro: daqueles que a vendem ao nível do valor dos meios de subsistência absolutamente indispensáveis. Podemos, assim, em linhas do mesmo modo muito gerais, dizer que a classe trabalhadora mundial pode ser dividida dentro destes três segmentos. Podemos dizer, da mesma forma muito genericamente, que dentro do primeiro nível se encontra a classe trabalhadora dos países da Europa rica, EUA, Japão e Canadá. No segundo grupo está a classe trabalhadora de países como Brasil, México, Argentina, e Europa menos desenvolvida. No último grupo está a classe trabalhadora de países como Índia, China, e outros países menores da Ásia,

América do Sul, África e Oceania. Dado o peso numérico da população trabalhadora mundial enquadrada no segundo e terceiro grupo não é nada misteriosa a explicação econômica para a conservação da sociedade capitalista ao longo de todo o século XX e, ainda, sua reprodução no século XXI. Dado que a população trabalhadora dos países do primeiro grupo tende, como parecem indicar as tendências atuais, a equiparar seu nível de vida ao nível dos trabalhadores do segundo grupo e estes, a equipararem seu nível de vida ao nível do terceiro grupo podemos concluir, sem dúvida nenhuma, que o capitalismo só se conservou e poderá se conservar nos próximos tempos a custa do constante empobrecimento absoluto da classe trabalhadora mundial. Sobre o problema da tendência ao empobrecimento absoluto, vide nossa discussão sobre a lei geral da acumulação capitalista.

### 3.5.3. Desvalorização dos elementos do capital constante

Marx aqui, não desenvolve nenhum novo argumento e indica a releitura da Seção I do Livro III, onde analisa as forças que elevam a taxa de lucro, com taxa constante, ou não, de mais-valia. Rapidamente argumenta que o mesmo desenvolvimento da força produtiva que eleva a massa do capital constante em relação ao variável, diminui o valor de seus elementos e impede que o valor do capital constante, embora crescendo continuamente, cresça na mesma proporção que o volume material dos meios de produção postos em movimento pela mesma quantidade de força de trabalho. O mesmo movimento que eleva a composição técnica do capital eleva a composição de valor, porém, a um grau sempre menor que a composição técnica. Isto se vincula com a desvalorização dos elementos materiais do capital existente, dada pelo desenvolvimento da força produtiva social e que pode conter a queda da taxa de lucro, embora possa, contraditoriamente e sob certas circunstâncias, restringir a massa de lucro por meio da restrição da massa de capital que proporciona lucros. *"Aqui se mostra novamente que as mesmas causas que geram a tendência à queda da taxa de lucro também moderam a realização dessa tendência"*[1307].

Aqui também, mais uma vez, se demonstra como o capital entra em contradição consigo mesmo. Todo capital individual aspira apaixonadamente se apropriar da maior massa de valor permitida pelas suas forças produtivas. Contraditoriamente, porém,

[1307] OC IIIa, p. 171. MEW 25, p. 246.

durante as crises se vê na ingrata obrigação de desvalorizar seu próprio capital para permanecer atuando como capital. O capital é a pura contradição em processo. Contradição que ele gostaria de desvencilhar-se mas que as correntes da lei do valor lhe impõem ferreamente sob pena de ir à ruína.

### 3.5.4. Superpopulação relativa

A geração de uma população trabalhadora redundante é, ao mesmo tempo, inseparável e acelerada pelo desenvolvimento da força produtiva do trabalho que se expressa na diminuição da taxa de lucro. Esta redundância da classe trabalhadora se manifesta mais intensamente nos países em que o modo de produção capitalista está plenamente desenvolvido e é, por sua vez, a causa de manter em muitos ramos da produção a subordinação mais ou menos incompleta do trabalho ao capital.

Este emprego maciço de trabalho vivo em certos ramos da produção, mesmo em países plenamente desenvolvidos, é conseqüência da barateza e da quantidade de trabalhadores assalariados disponíveis ou liberados pela maquinaria e da maior resistência que alguns ramos da produção, por sua natureza, contrapõem à transformação de trabalho manual em trabalho mecanizado.

Os ramos da produção, e mesmo países e regiões inteiras do planeta como China e Ásia, que tomam como base essa população relativa, mantendo uma composição orgânica do capital inferior ao restante da sociedade e, portanto, gerando uma massa de mais-valia relativamente maior que os outros ramos, favorece a elevação da taxa geral de lucro. Como a taxa geral de lucro é formada mediante a equalização das muitas taxas de lucro existente entre os diversos ramos da produção, a mesma causa que gera a tendência decrescente da taxa de lucro, a elevação da força produtiva e o uso da maquinaria, faz surgir um contrapeso a essa tendência, a superpopulação excedente e a superexploração por ela sofrida, que eleva relativamente a taxa de lucro e paralisa mais ou menos sua queda. *"Aqui, mais uma vez, a mesma causa que gera a tendência decrescente da taxa de lucro faz surgir um contrapeso a essa tendência, que paralisa mais ou menos seu efeito"*[1308].

[1308] OC IIIa, p. 171. MEW 25, p. 247.

### 3.5.5. Comércio exterior

À medida que o comércio exterior barateia em parte os elementos do capital constante e os meios de subsistência necessários em que o capital variável se converte, ele atua de forma a fazer crescer a taxa de lucro ao elevar a taxa de mais-valia ou por reduzir o valor do capital constante.

A queda da taxa geral de lucro pode ser contida por uma taxa de lucro mais alta realizada pelo capital investido no comércio exterior e, especialmente, no comércio colonial. Como no comércio exterior o capital da metrópole concorre com mercadorias que são produzidas por países com menores facilidades de produção, ele vende suas mercadorias neste mercado por um preço acima de seu valor individual, embora mais baixo do que os países concorrentes.

O mesmo pode ocorrer no caso de países que se trocam mercadorias, onde um entrega mais trabalho objetivado *in natura* do que recebe e que, não obstante, obtenha assim a mercadoria a preço mais baixo do que ele mesmo poderia produzir. É o caso quando um país compra produtos de outro pagando um preço acima de seu valor real, porém, abaixo do valor se acaso resolvesse ele próprio produzir internamente tais produtos. Exatamente como o fabricante que usa uma nova invenção antes de sua generalização, vendendo mais barato do que seus concorrentes, mas, mesmo assim, acima do valor individual de sua mercadoria, aproveitando como mais-trabalho a força produtiva de trabalho mais elevada por ele empregada.

Os capitais investidos em colônias podem proporcionar também taxas de lucro mais elevadas porque nestas, em geral, por causa do menor desenvolvimento das forças produtivas a taxa de lucro é mais alta, assim como é mais alta a exploração do trabalho graças ao emprego de escravos e semi-escravos, como na China moderna e outros países da Ásia. Contudo, se por um lado *"o mesmo comércio exterior... desenvolve no interior o modo de produção capitalista, e com isso a diminuição do capital variável em relação ao constante"*[1309] na medida em que desenvolve a colônia como colônia produtora de capital, *"produz, por outro lado, superprodução em relação ao exterior, tendo por conseguinte no decurso posterior, também o efeito contrário"*[1310].

---

[1309] OC IIIa, p. 172. MEW 25, p. 249.
[1310] OC IIIa, p. 172. MEW 25, p. 249.

### 3.5.6. Aumento do capital por ações

Marx desenvolve aqui o caso em que grandes capitais com uma composição orgânica muito superior à composição média (capitais por exemplo, investidos nas estradas de ferro, que normalmente só fornecem uma taxa de lucro próxima à taxa de juros, os chamados dividendos), poderiam ficar de fora do cálculo da taxa de lucro média, já que se estes capitais entrassem no cálculo a taxa cairia muito mais. Na prática dos negócios estes capitais não entram na equalização da taxa geral de lucro, já que proporcionam uma taxa de lucro muito abaixo da média. Caso entrassem, esta então cairia muito mais. *"Do ponto de vista teórico porém, pode-se incluí-los no cálculo e então se obtém uma taxa de lucro menor do que a que existe aparentemente e que é na realidade determinante para os capitalistas, já que exatamente nessas empresas o capital constante é máximo em relação ao variável"*[1311].

Observemos que todos estes métodos de compensação da queda da taxa de lucro encontram-se em plena atuação no capitalismo deste início de século e não parece, de modo algum, que a tendência do capital seja de reverter este processo. Pelo contrário, todos estes métodos, a desvalorização permanente do capital como condição da permanente valorização do mesmo, o empobrecimento permanente da classe trabalhadora mundial como condição para o permanente enriquecimento do ser-capital, a permanente contradição em processo como método para conservar a permanência das contradições do ser-capital, nisto se resumem os métodos para impedir uma queda mais vertiginosa da taxa de lucro média e evitar um colapso desastroso do capitalismo mundial.

## 3.6. CARÁTER RELATIVO DA LEI

Marx procura demonstrar com a exposição das contratendências que a lei da queda na taxa de lucro atua muito mais como uma tendência de longo prazo. Procura demonstrar que as mesmas forças que atuam sobre a tendência de queda da taxa de lucro, podem também, contraditoriamente, moderar seus efeitos, enfraquecê-la, retardar sua

[1311] OC IIIa, 173. MEW 25, p. 250.

realização e diminuir seu impacto. O caráter contraditório da lei *"faz com que ela atue mais como tendência, isto é, como uma lei cuja realização absoluta passa a ser impedida, retardada, enfraquecida por circunstâncias contrariantes"*[1312]. Assim como Marx admite que a lei só se manifesta em prazos relativamente longos, ao mesmo tempo, considera que a lei se manifesta transitoriamente, isto é, sua duração tem um prazo curto e não longo. As crises são sempre manifestações temporárias e não permanentes. Não existem crises permanentes, mas, sim, a alternância sucessiva de períodos de auge e crise. Não é possível haver um ciclo inteiro de crises, isto seria o mesmo que abolir o caráter cíclico da acumulação de capital. Em nota de rodapé no Livro *Teorias da Mais-Valia* Marx anota: *"Quando Smith explica a queda da taxa de lucro pela superabundância de capital, pela acumulação de capital, refere-se a efeito permanente, o que é falso. Em contrapartida, essa superabundância transitória de capital, superprodução, crise são outra coisa. Não há crises permanentes"*[1313].

O caráter contraditório da lei não impede, porém, segundo Marx, que no curso da acumulação os elementos favoráveis à queda se imponham sobre os elementos que a negam. O caráter contraditório da lei não pode ser entendido como uma simples relação de elementos que se contrariam pura e simplesmente, como uma relação de contrariedade. Existe uma relação hierárquica entre os pólos que tendem à realização da lei e os que se opõem a ela, na qual os elementos que compõem a tendência (os elementos que provocam um aumento mais acelerado do capital constante em relação ao variável e, ao mesmo tempo, um aumento mais acelerado do capital global em relação à massa total de mais-valia por ele criada), se impõem no curso da acumulação sobre os elementos que compõem a contratendência.

As forças que retardam a realização da queda na taxa de lucro,

> *não anulam a lei, mas debilitam seu efeito. Sem isso, seria incompreensível não a queda da taxa geral de lucro, mas, pelo contrário, a relativa lentidão dessa queda. Assim, a lei só opera como tendência cujos efeitos só se*

[1312] OC IIIa, p. 170. MEW 25, p. 244.
[1313] Teorias da mais-valia, p. 932. MEW 26.2, p. 497.

*manifestam de forma contundente sob determinadas circunstâncias e no decorrer de períodos prolongados.*[1314]

Apesar de Marx considerar a descoberta da lei uma coisa muito evidente, sua explicação não deixou de ser criticada pelos herdeiros do pensamento de Ricardo. A mais popular destas explicações parece ser a de Sweezy que acredita que ao se deslocar a ordem hierárquica dos pólos da lei, sobrepondo o aumento da taxa de mais-valia relativa sobre o aumento da composição orgânica do capital, destrói-se todo o sistema teórico marxiano elaborado para explicar a queda na taxa de lucro. Com a inversão de posição dos pólos da lei marxiana, esta transforma-se para Sweezy num mero sistema de indeterminações onde os pólos intercondicionam-se mutuamente, abolindo, assim, a determinação hierárquica do aumento da composição orgânica sobre a formação e queda da taxa de lucro. O aumento da taxa de mais-valia, visto na lei marxiana como uma contratendência à tendência de queda na taxa de lucro, no sistema de Sweezy é deslocado para a posição determinante e a tendência real do desenvolvimento capitalista passa a se manifestar através de um aumento crescente na taxa de mais-valia com crescente composição orgânica do capital capaz de anular qualquer queda na taxa de lucro. As contratendências à queda na taxa de lucro, especialmente as derivadas do aumento da taxa de mais-valia, no esquema de Swezzy são elevadas à condição de tendências que se sobrepõem a qualquer aumento na composição orgânica do capital e na queda da taxa de lucro. [1315]

---

[1314] OC IIIa, p. 172. MEW 25, p. 249.

[1315] Sweezy, se expressa assim: *"... a tendência decrescente da taxa de lucro é deduzida por Marx na suposição de que a composição orgânica do capital se eleva, ao passo que a taxa de mais-valia permanece constante.* [Porém, se ao contrário J.A]... *tanto a composição orgânica do capital como a taxa de mais-valia forem consideradas variáveis, como acreditamos que devam, então a direção na qual a taxa de lucro se modifica se torna indeterminada"*. (p. 89). Como a elevação da força produtiva do trabalho aumenta não apenas a composição orgânica do capital mas também a mais-valia relativa, *"...tudo o que se pode observar é a modificação líquida na composição orgânica (e não o predomínio de uma sobre a outra) que resulta de ambas as forças,* [assim]..., *não há uma suposição geral de que as modificações na composição orgânica do capital sejam relativamente tão maiores do que as modificações na taxa de mais-valia, a ponto de dominarem os movimentos na taxa de lucro. Pelo contrário, parece que devemos considerar as duas variáveis como de importância mais ou menos equivalente. Por esse motivo, a formulação marxista da lei da tendência decrescente da taxa de lucro não é muito convincente"*. (p. 90). Sweezy, ao negar o sistema de explicação marxiano da lei não nega, porém, a existência dela nos movimentos reais do desenvolvimento capitalista. Ele a apresenta contudo, à moda de Ricardo, como resultante da tendência inerente à acumulação *"de elevar a procura de força de trabalho e, portanto, o nível de salários"* (p. 124). Ao mesmo tempo, Sweezy acredita que haveria sob o capitalismo, um outro tipo de crise, a de subconsumo, baseada na *"tendência inerente [ao capital] de expandir a capacidade de produzir bens de consumo mais rapidamente do que a procura desses*

Em nossa opinião Sweezy não compreendeu que apesar de Marx não expor esquematicamente a lei da queda da taxa de lucro acompanhada de um aumento da taxa de mais-valia, ele a pressupõe constantemente. E na exposição das contratendências à lei, Marx considera como contratendência apenas os casos em que a taxa de exploração dos trabalhadores cresce sem que ocorra nenhum dispêndio adicional de capital constante.

## 3.7. DESDOBRAMENTO DAS CONTRADIÇÕES INTERNAS DA LEI

### a. Generalidades

Vimos anteriormente que a queda na taxa geral de lucro aparecia, contraditoriamente, como um elemento de risco e, ao mesmo tempo, de estímulo para a acumulação capitalista, já que para prosseguir produzindo massas cada vez maiores de mais-valia era necessário expandir o capital a uma taxa pelo menos igual ao inverso da queda na taxa de lucro. Assim, tanto a queda da taxa de lucro quanto a acumulação acelerada são *"apenas expressões diferentes [verschiedne Ausdrücke] do mesmo processo, já que ambas expressam [ausdrücken] o desenvolvimento da força produtiva"*[1316]. É importante observar que Marx não usa o termo causa (Ursache em alemão) para explicar a queda na taxa de lucro. Esta é sempre expressão de um movimento maior que poder levar o capital à paralisia e às crises.

Se a queda da taxa de lucro e a acumulação acelerada de capital são expressões do desenvolvimento da força produtiva do trabalho social, *"a acumulação, por sua vez, acelera a queda da taxa de lucro, à medida que com ela está dada a concentração dos trabalhos em larga escala e, com isso, uma composição mais elevada do capital"*[1317]. A queda da taxa de lucro, por sua vez, *"acelera novamente a concentração do capital e sua centralização mediante a desapropriação dos pequenos capitalistas, mediante a expropriação do resto dos produtores diretos, entre os quais ainda haja algo a*

---

*bens"*. (p. 144). Paul M. Sweezy: ***Teoria do Desenvolvimento Capitalista: Princípios de Economia Política Marxista***. Sexta Edição. R.J: Zahar, 1985.

[1316] OC IIIa, p. 174. MEW 25, p. 251.

[1317] OC IIIa, p. 174. MEW 25, p. 251

*expropriar"*[1318]. Em meio a esse quiproquó *"a acumulação é acelerada em sua massa, embora caia com a taxa de lucro, a taxa de acumulação"*[1319].

O movimento da acumulação e reprodução do capital realiza-se, deste modo, em espiral. A queda da taxa de lucro estimula até certo ponto a acumulação, a concentração e a centralização do capital. Ao atingir determinado nível, porém, ela converte-se em freio à acumulação e à formação de novos capitais. Por isso, *"sua queda retarda a formação de novos capitais autônomos, e assim aparece como ameaça para o desenvolvimento do processo de produção capitalista; ela promove superprodução, especulação, crises, capital supérfluo, ao lado de população supérflua"*[1320].

Na medida em que o aguilhão da produção capitalista e seus estímulos frenéticos se esvaem, na medida em que o fluxo normal da acumulação se esfria, na medida em que a mais-valia não mais se converte em capital com a mesma intensidade que antes, forma-se um mercado de meios de produção e subsistência excedente em relação às novas taxas de acumulação em queda e forma-se, ainda, uma superprodução de mercadorias e de capitais. Na medida em que a acumulação se retrai e em que fábricas ou setores inteiros da produção paralisam suas atividades em virtude da queda na taxa de lucro, gera-se uma abundância de capital tanto constante quanto variável excedente às novas condições de valorização. Por isso, os economistas burgueses como Ricardo que *"consideram o modo de produção capitalista como absoluto, sentem aqui que esse modo de produção cria uma barreira [Schranke] para si mesmo e, portanto, atribuem essa barreira [Schranke] não à produção, mas à Natureza (na doutrina da renda)"*[1321]. Mais do que o espanto e horror dos economistas burgueses frente à queda na taxa de lucro *"é a sensação de que o modo de produção capitalista encontra no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira [Schranke] que nada tem a ver com a produção da riqueza enquanto tal"*[1322]. E essa barreira testemunha tragicamente aos agentes da produção capitalista duas coisas. Primeiro: *"essa barreira particular [eigentümliche Schranke] testemunha a limitação [Beschränktheit] e o caráter tão-somente histórico e transitório do modo de produção*

[1318] OC IIIa, p. 174. MEW 25, p. 251
[1319] OC IIIa, p. 174. MEW 25, p. 251.
[1320] OC IIIa, p. 174. MEW 25, p. 251/52.
[1321] OC IIIa, p. 174/75. MEW 25, p. 252.
[1322] OC IIIa, p. 175. MEW 25, p. 252.

*capitalista"*[1323]. Segundo: essa barreira *"testemunha que ele não é um modo de produção absoluto para a produção da riqueza, mas que antes entra em conflito com seu desenvolvimento, em certo estágio"*[1324].

A queda na taxa de lucro e a crise que dela emana é o maior testemunho de que a substância do capital é uma substancia social e em movimento, que em certo estágio de seu desenvolvimento as forças produtivas chocam-se frontalmente com as limitadas relações assalariadas de distribuição e consumo, que para poderem continuar se desenvolvendo as forças produtivas precisam romper o invólucro destas relações e viverem plenamente sob relações sociais livres dos imperativos da lei do valor, da mais-valia e da propriedade privada dos meios de produção. Apesar da aparente eternidade do capitalismo, a eclosão das crises evidencia que em seu interior se gestam e se desenvolvem poderosas forças que atuam contra sua continuidade exigindo novas formas de organização da produção e de relações entre os homens.

Marx procura explicar a lei da queda tendencial da taxa de lucro a partir da natureza contraditória do próprio capital, de suas relações internas presentes já na contradição entre valor de uso e valor contida na mercadoria, em seu desdobramento externo entre mercadoria e dinheiro, entre trabalho concreto e abstrato, entre o processo de trabalho e o processo de valorização etc. A crise não possui um princípio externo ao capital, como imaginava Ricardo com sua teoria dos custos crescentes da força de trabalho provocados pela baixa fertilidade dos solos cultivados com trigo na Inglaterra. As determinações da crise não são de ordem natural, mas, sim, são de ordem puramente social e histórica e dizem respeito unicamente à existência da relação capitalista de produção e seus impulsos frenéticos e ilimitados pela valorização acelerada do valor.

A superprodução de mercadorias aparece aqui como resultado de uma diminuição da taxa de acumulação, da taxa de conversão de mais-valia em novo capital. Os capitalistas almejam meramente com a conversão em novo capital da mais-valia já produzida, a ampliação de seu próprio capital e de sua massa de mais-valia futura. Não estão eles envolvidos no processo de acumulação porque almejam ampliar suas satisfações ou seu bem-estar. Não buscam eles alcançar esta satisfação através da ampliação do

[1323] OC IIIa, p. 175. MEW 25, p. 252.
[1324] OC IIIa, p. 175. MEW 25, p. 252.

consumo pessoal e da transformação da mais-valia em renda. Eles buscam esta satisfação no próprio processo de acumulação, divertem-se e se satisfazem vendo seu capital crescer, transformando sua mais-valia em capital e não em renda. Por isso, os receituários que buscam compensar esta superprodução pregando um aumento do consumo pessoal dos capitalistas, pregando a fruição e o desfrute, caem no erro de não compreender qual é a substância que move o modo de produção capitalista. Não compreendem que o processo de produção capitalista consiste essencialmente na produção de mais-valia e a retransformação de parte da mesma em capital constitui parte integrante dessa produção de mais-valia. Por isso,

> *nunca se deve apresentá-la [a produção capitalista], portanto, como algo que ela não é, ou seja, como produção que tem por finalidade imediata a satisfação ou a criação de meios de satisfação para os capitalistas. Ao fazer isso, abstrai-se completamente seu caráter específico, que se apresenta em toda a sua configuração medular interior.*[1325]

### 3.7.2. Conflito entre processo imediato de produção e processo de realização da mais-valia

A produção da mais-valia constitui o processo imediato da produção capitalista. Sua medida consiste unicamente no tamanho da população trabalhadora explorada e na taxa de exploração sofrida por ela. Não basta, porém, produzir a mais-valia dentro da fábrica, ela precisa ser lançada no mercado e sair em busca de compradores para ter seu valor realizado. A produção pura e simples da mais-valia constitui apenas o primeiro ato do processo de valorização do valor. Após produzida, a mais-valia precisa ainda ser realizada. Aos capitalistas ela só interessa de fato na forma fluída, líquida e solvível do dinheiro. Não lhes interessa na forma de produto, de trabalho objetivado. A busca dos compradores para sua mais-valia constitui o segundo ato decisivo para o sucesso do processo imediato de produção. Deste modo,

---

[1325] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 253/54.

> *assim que o quantum de mais-trabalho extraível está objetivado em mercadorias, a mais-valia está produzida. Mas com essa produção de mais-valia está concluído apenas o primeiro ato do processo de produção capitalista, o processo direto de produção. O capital absorveu tanto e tanto de trabalho não-pago.*[1326]

Concluído o primeiro ato, a exploração direta dos trabalhadores e a absorção de suas energias pelos meios de produção, cabe agora ao capital para ser capital, constituir o segundo ato da produção, transformar em certa quantidade de dinheiro o tempo de trabalho excedente despendido coletivamente pelos trabalhadores. O capital não necessita apenas realizar a mais-valia, é fundamental também reconverter na forma dinheiro as despesas com capital constante e variável agora na forma de produto. Do ponto de vista do operário o processo se encerra junto com o processo imediato de produção, do ponto de vista do capitalista, porém, o processo de produção é apenas um elo da cadeia de valorização do valor, devendo prosseguir na esfera da circulação e, assim, sucessivamente. O sucesso da operação depende da venda da mercadoria por seu preço de produção, pelo preço que cobre integralmente o preço da mercadoria.

> *Se isso não acontece ou só acontece em parte ou só a preços que estão abaixo dos preços de produção, então o trabalhador é certamente explorado, mas sua exploração não se realiza enquanto tal para o capitalista, podendo estar ligada a uma realização nula ou parcial da mais-valia extorquida, e mesmo a uma perda parcial ou total de seu capital.*[1327]

No Livro I de *O Capital,* Marx analisara todo o conceito de capital abstraindo a esfera da circulação e realização da mais-valia, pressupõe ali que as mercadorias vendem-se pelo seu valor e que não encontram nenhuma barreira para isso na esfera da circulação. O capital é apresentado como um processo direto de criação de mais-valia, como um processo de valorização do valor que se realiza através do consumo das

---

[1326] OC IIIa, p. 176.. MEW 25, p. 254.
[1327] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.

energias dos operários, é apresentado como uma relação social de exploração entre classes específicas, historicamente determinadas, de um lado os capitalistas exploradores e de outro o proletariado, a classe explorada.

No Livro II, porém, aparecem o capital comercial e o monetário, a esfera das trocas, do crédito e da realização da mais-valia. É o capital na esfera da circulação. Já em seus primeiros capítulos Marx inicia expondo as três formas adotadas pelo capital durante o processo de valorização: o capital produtivo, mercantil e monetário e demonstra que durante o processo de valorização do capital, os três elementos mudam continuamente de posição. Se na fórmula do capital produtivo a mercadoria e o dinheiro apareciam como elementos intermediários na produção da mais-valia, na fórmula do capital-mercadoria e do capital-monetário o processo produtivo aparece não mais como ponto de partida e de chegada, mas, sim, como elo intermediário e necessário no processo de circulação e realização das mercadorias. Considerava capital produtivo todo o tipo de capital envolvido diretamente na produção de mais-valia como as fábricas, as minas, a agricultura, a pecuária, assim como certo tipo de serviços como transportes e comunicações. E considerava como capital industrial a unidade dos capitais produtivos com o os capitais mercantil e monetário.

O conceito de capital parece-nos assim, compreender um processo de autovalorização do valor que deve necessariamente adotar em seu movimento as três formas do capital: produtiva, mercantil e monetária. Um movimento que, porém, não paira no ar na forma de conceitos puros e abstratos, ou na forma de coisas que se movimentam por si próprias, mas, sim, de conceitos e coisas que assentam seus pés no terreno material da relação entre as classes. Não é possível coisas transformarem-se em capital apenas porque adotam formas ora produtiva, ora mercantil e ora monetária. Se assim fosse, o capital seria muito mais antigo do que os livros de história relatam, pois estes elementos considerados em si mesmos como meios de produção, mercadoria e dinheiro, existem há milhares de anos. Para que estas coisas possam tornar-se capital é necessário que estejam colocadas numa relação de exploração assalariada. Em outras palavras, o capital não existe fora da relação entre capitalistas e proletários. O conceito de capital não pode compreender o processo de autovalorização do valor, da adoção e passagem de uma forma de capital à outra, sem considerá-las como relações sociais que se realizam por meio das coisas. As relações entre estas coisas, entre as formas diferentes de capital, expressam sempre, na

esfera da produção ou da circulação, uma relação social entre as classes, entre capitalistas e proletários, entre exploradores e explorados.

Por isso, não é possível compreender o que é capital considerando-o apenas em sua forma de capital produtivo, apenas como um processo direto de produção de mais-valia. Ao acreditar-se nisto, cai-se no erro de acreditar que o capital é apenas capital em sua forma produtiva, que mercadoria e dinheiro não constituem capital, que na esfera da circulação não haveria contradições explosivas capazes de interromper a reprodução do capital. Por isso, *"as condições de exploração direta e as de sua realização não são idênticas. Divergem não só no tempo e no espaço, mas também conceitualmente"*[1328]. Enquanto as condições de exploração *"estão limitadas pela força produtiva da sociedade"*[1329], as condições de realização da mais-valia global estão condicionadas *"pela proporcionalidade dos diferentes ramos da produção e pela capacidade de consumo da sociedade"* [1330]. E a crise agora se torna uma condição real da sociedade capitalista porque entre ambos os pólos encontra-se o fosso das relações antagônicas entre produção e consumo social. A crise se torna real porque a capacidade de consumo da sociedade não é *"determinada pela força absoluta de produção nem pela capacidade absoluta de consumo; mas pela capacidade de consumo com base nas relações antagônicas de distribuição [antagonistischer Distributionsverhältnisse], que reduzem o consumo da grande massa da sociedade a um mínimo só modificável dentro de limites [Grenzen] mais ou menos estreitos"*[1331]. Não bastasse esta contradição, a capacidade de consumo da sociedade *"está [ainda] limitada pelo impulso à acumulação, pelo impulso à ampliação do capital e à produção de mais-valia em escala mais ampla"*[1332]. E este impulso incontrolável tende a aprofundar ainda mais a contradição entre as condições de produção e a capacidade de consumo social.

A exploração do trabalhador e o processo direto de produção da mais-valia estão condicionados pelo desenvolvimento das forças produtivas materiais. A realização da mais-valia está condicionada pela proporcionalidade dos diferentes ramos da produção e pela capacidade de consumo da sociedade baseada em relações antagônicas de distribuição

---

[1328] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.
[1329] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.
[1330] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.
[1331] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.

que tendem a reduzir o consumo da maioria assalariada ao mínimo necessário. Aqui é fundamental destacar o seguinte: ao contrário do que acreditam os partidários da concepção de que a crise de realização da mais-valia deve-se exclusivamente à anarquia e à concorrência intersetorial e a um desenvolvimento desproporcional das diversas esferas da produção, Marx registra com todas as letras que tal realização sofre também os impactos do caráter antagônico da distribuição da riqueza que reduz o consumo social da classe trabalhadora a um mínimo muito estreito. Com todas a letras Marx escreve que o baixo consumo da classe trabalhadora, suas condições miseráveis de vida, seu baixo grau de exigências, seu baixo grau de salários e a lei da pauperização que atua sobre ela é, junto com a desproporção, um elemento que impede a venda normal de parte das mercadorias produzidas carentes de consumidores.

O inverso também precisa ser dito: ao contrário daqueles que acreditam que a realização da mais-valia é impedida no curso da reprodução social devido apenas aos baixos salários da classe trabalhadora e sua baixa capacidade de consumo social, a crise de realização também se origina da desproporção intersetorial e da impossibilidade de distribuir o trabalho social de forma racional entre todos os ramos da produção equiparando previamente a oferta com a demanda por mercadorias.

Além de tudo isto, a realização normal da mais-valia é impedida pelo impulso dado pelos capitalistas à acumulação desenfreada, é impedida pela constante conversão de suas rendas em capital e, portanto, por uma diminuição relativa de sua própria capacidade de consumo pessoal e, ainda, inversamente, pela elevação absoluta da capacidade de ampliação do capital e da produção em larga escala. Esta conversão constante das rendas em capital, *"é lei para a produção capitalista"*[1333] da qual nenhum capitalista pode se livrar, esta necessidade absoluta está determinada *"pelas contínuas revoluções nos próprios métodos de produção, pela desvalorização sempre vinculada a elas do capital disponível, pela luta concorrencial geral e pela necessidade de melhorar a produção e de ampliar sua escala, meramente como meio de manutenção e sob pena de ruína"*[1334]. Como a conversão da renda em capital diminui relativamente a capacidade de consumo do capitalista e aumenta absolutamente a oferta de mercadorias *"o mercado*

---

[1332] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.
[1333] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254.
[1334] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 254/55.

*precisa ser constantemente ampliado, de forma que suas conexões e as condições que as regulam assumam sempre mais a figura de uma lei natural independente dos produtores, tornando-se sempre mais incontroláveis"*[1335]. Para compensar o aprofundamento da contradição interna o capital procura, por isso, expandir seu campo externo de consumo ampliando o próprio capital e integrando novas massas de trabalhadores na esfera do consumo individual. *"A contradição interna procura compensar-se pela expansão do campo externo da produção [Der innere Widerspruch sucht sich auszugleichen durch Ausdehnung des äußern Feldes der Produktion]"*[1336].

Como as relações sociais sob o capitalismo realizam-se inteiramente mediadas pela forma luminosa do dinheiro, as leis econômicas que brotam dessas relações aparecem aos olhos dos capitalistas, e claro que também aos olhos da classe trabalhadora, como leis naturais e independentes dos homens, como leis que emanam da natureza das coisas, do dinheiro, da mercadoria, do capital etc., e não como leis que emanam de relações sociais historicamente dadas. Como o capitalista atua na produção como mero funcionário do capital e como a personificação dominante desta relação social, a abertura frenética e incessante de novos mercados, a diminuição do tempo de rotação do capital e a aceleração do processo de circulação aparecem aos olhos deste funcionário como necessidades naturais que ele não pode controlar. Como a produção capitalista é essencialmente produção em larga escala ela exige para a realização do valor mercados do mesmo modo em larga escala e sempre além dos horizontes regionais ou nacionais, ela exige um mercado mundial cada vez mais amplo e capaz de absorver a massa ampliada de mercadorias constantemente lançadas nele.

Porém, o que constitui um mercado externo na concepção de Marx? O que concebe ele como ampliação do campo externo da produção? Rosa Luxemburg com sua teoria das crises sustentada na concepção de que o problema fundamental da realização da mais-valia consiste na ausência de um mercado interno amplo o suficiente para realizar a mais-valia destinada à acumulação, acredita que Marx aí está falando dos campos não-capitalistas que atuam apenas como compradores de mercadorias. Para Rosa, o problema fundamental do capitalismo em sua era imperialista é a ausência de um mercado comprador

[1335] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 255.
[1336] OC IIIa, p. 176. MEW 25, p. 255.

não-capitalista formado por terceiras pessoas que não o operário e o capitalista capaz de realizar a massa da mais-valia não consumida na forma de renda pelos capitalistas, a massa da mais-valia destinada a ser transformada em capital. A ausência destas terceiras pessoas constitui na concepção de Rosa, a base fundamental das crises e da tendência ao colapso do capitalismo. Para ela o capital atingiria seu declínio ou colapso porque, contraditoriamente, através da conquista imperialista e da conversão dos povos atrasados em povos capitalistas, reduzia-se cada vez mais o quantum de mercados externos não-capitalistas capazes de servirem como escoadouros da mais-valia produzida no centro industrial. [1337]

O recurso de Rosa às terceiras pessoas e a um mercado externo não capitalista para resolver o problema da realização do sobreproduto social é uma idéia original que para nós porém, parece não ter sustentação nas concepções de Marx. Em várias passagens de *O Capital* Marx enfatiza que a produção capitalista constitui-se numa

---

[1337] Para Rosa, *"o 'campo externo da produção é clara e indubitavelmente' o consumo e não a produção que precisa continuamente ser aumentada"* (p. 237), *"... a realização da mais-valia para fins de acumulação em uma sociedade composta só por operários e capitalistas é, portanto, um problema sem solução. (...) O aspecto decisivo é que a mais-valia não pode ser realizada nem por operários, nem por capitalistas, mas por camadas sociais ou por sociedades que por si não produzam de modo capitalista"* (p. 241). A existência destes compradores não capitalistas de mais-valia constituem-se, portanto, na *"... condição vital para o capital e para sua acumulação e constitui dessa forma o aspecto decisivo do problema da acumulação do capital. (....) De uma ou de outra forma, enquanto processo histórico, a acumulação de capital depende, sob todos os seus aspectos, das camadas e sociedades não-capitalistas"* (p. 251). Estas esferas externas atuariam, porém, não apenas como compradores e realizadores da mais-valia, mas atuariam também, como fontes de meios de produção e reservatório de força de trabalho, resultando daí que, *"...o capitalismo não pode existir sem os meios de produção e a força de trabalho dessas formações, nem sem a demanda destas de mais-produto capitalista"* (p. 255). Rosa Luxemburg, ***A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo***. S.P: Nova Cultural, 1985 (Coleção Os Economistas). Numa direção totalmente oposta está Manuel Castells para quem uma explicação das crises baseada nos problemas da realização da mais-valia é típica do keynesianismo. Para ele *"o específico do pensamento marxista é a relação entre o descenso da taxa de lucro e a dinâmica da acumulação capitalista"* (p. 26). E mais adiante: *"Se é verdade que a teoria das crises articula o processo de produção e o de circulação como dois momentos igualmente importantes na formação da taxa de lucro,* ***somente*** *(grifo nosso) as contradições que surgem no processo de produção parecem estar estruturalmente relacionados às características da acumulação capitalista, porque o lucro, apesar de ser realizado na circulação, depende em última instância da extração de mais-valia no processo de produção"* (p. 39). Manuel Castells: ***A Teoria Marxista das Crises Econômicas e as Transformações do Capitalismo***. R.J: Paz e Terra, 1979. Se invertermos, porém, a ordem dos termos na frase de Castells, podemos argumentar com a mesma rigorosidade que se a mais-valia é produzida na esfera da produção, ela depende em última instância da realização na esfera da circulação já que a produção capitalista é essencialmente acumulação de capital e não existe acumulação de capital sem a realização do valor na esfera da circulação. Se é verdade que o fundamental na produção capitalista é a produção da mais-valia, ela mesma não pode se valorizar se não adentrar na esfera da circulação e enfrentar as contradições desta esfera. Da mesma forma podemos dizer que o processo de produção e de exploração da classe operária não é um processo que se realiza puramente no interior da produção já que tal exploração só é possível na medida em que o operário é ele próprio um mercador de força de trabalho, já que é o fato de estar obrigado a vender diariamente sua mercadoria a algum capitalista em particular, que o obriga a sujeitar-se à exploração no interior da fábrica.

produção pela produção, numa produção que tem uma finalidade em si mesma, numa produção para o capital e não para os homens, numa produção que tem o capital como ponto de partida e de chegada e como produtor e consumidor da maior parte dos produtos por ele criado.

Para nós, o termo *"expansão do campo externo da produção"* não elimina o impulso do capital a se valorizar vendendo para essas esferas não capitalistas, porém, acreditamos que para Marx as contradições reais, quando não são abolidas e substituídas por novas contradições, só podem resolver-se transitoriamente ampliando e aprofundando a própria contradição existente em forma de espiral, conservando a contradição em escala progressivamente mais elevada. A expansão da produção capitalista gera, contraditoriamente, condições também capitalistas mais elevadas para a realização do produto social. A expansão das relações de produção capitalista gera e desenvolve ao mesmo tempo, ainda que de forma antitética e não harmoniosa, as relações de consumo também capitalistas, gera e desenvolve a forma dentro da qual a própria produção capitalista pode desenvolver-se.

As formas capitalistas de expandir o mercado externo constantemente expostas por Marx em *O Capital*, podem resumir-se rapidamente no seguinte: 1) ampliação da divisão social do trabalho e da formação de novos ramos da produção através do revolucionamento científico das condições de produção e o lançamento de novos produtos no mercado; 2) aceleração da rotação do capital, acelerando tanto o tempo de circulação quanto o de produção das mercadorias, permitindo assim, que o mesmo capital possa atuar mais vezes como capital produtivo durante o mesmo ano; 3) elevação da acumulação e do emprego em escala mais alta de todos os elementos da produção disponíveis; 4) introdução de mais e mais produtores independentes às relações de produção e consumo capitalista, convertendo o livre produtor independente em produtor assalariado e assim ampliando a massa de consumidores solventes etc. Em suma, o mercado externo é formado mediante o alargamento das relações de produção capitalista e mediante o desenvolvimento das forças produtivas do próprio capitalismo, conforme esclarece Marx no capítulo sobre a acumulação primitiva de capital do Livro Primeiro na parte em que estuda a formação do mercado interno.

No Livro I de *O Capital* Marx enfrentara-se com um problema semelhante ao problema da formação do mercado interno capitalista quando precisara explicar a possibilidade do desenvolvimento acelerado das trocas sob a égide da contradição entre valor de uso e valor da mercadoria. No princípio histórico das trocas, quando ainda imperava uma baixa divisão social do trabalho e a produção de mercadorias era ainda ocasional, as trocas podiam realizar-se diretamente na forma de produto por produto, uma mercadoria poderia servir diretamente a outra de equivalente do valor. Porém, quando a divisão social do trabalho se ampliara e mais e mais produtos eram fabricados na forma de mercadoria, a antiga troca direta de produto por produto não mais favorecia o desenvolvimento das trocas. Tornou-se uma necessidade para a expansão das trocas o surgimento do dinheiro como equivalente geral do valor de todas as mercadorias particulares. A contradição presente nas trocas simples entre valor de uso e valor, desdobrou-se historicamente na contradição externa entre valor de uso e valor de troca, entre mercadoria e dinheiro. A própria contradição gerou, dialeticamente, sua solução ao transformar uma espécie particular de mercadoria, o ouro, no equivalente geral e fluído das trocas. A contradição interna entre valor de uso e valor se desdobrara na contradição externa entre a mercadoria e o dinheiro. A contradição entre valor de uso e valor foi "resolvida" transformando o ouro, um elemento interno da contradição que existia sob a forma particular de mercadoria, na forma de equivalente geral e universal das trocas. A contradição encontrou sua solução no desenvolvimento dialético da própria contradição, ela não buscou soluções em elementos externos a ela, mas desenvolveu unicamente um de seus elementos internos. *"Viu-se que o processo de troca das mercadorias encerram relações contraditórias e mutuamente exclusivas. O desenvolvimento da mercadoria não suprime essas contradições mas gera a forma* [o dinheiro como equivalente geral J.A] *dentro da qual elas podem mover-se. Esse é, em geral o método com o qual contradições reais se resolvem"*[1338] dizia Marx no Livro Primeiro.

Rosa, pelo contrário, para resolver as contradições da realização da mais-valia refugia-se nos elementos externos a ela, nas terceiras pessoas e nas áreas não-capitalistas. Acreditamos que Marx na passagem em discussão não tinha em mente a idéia de Rosa, mas, sim, a de que a expansão do campo externo da produção seria encontrada,

[1338] OC Ia, p. 92. MEW 23, p. 118.

não sem atritos, na expansão da própria produção e das correspondentes relações de distribuição, troca e consumo em bases capitalistas. Acreditamos que Marx estudara a solução para esta contradição, estudando como o próprio capital poderia, dialeticamente, do interior de suas próprias contradições, gerar sua própria solução.

Acreditamos que a resposta de Lênin ao problema dos mercados em sua polêmica com os populistas russos (que acreditavam que devido ao processo de expropriação camponesa, à destruição do mercado interno e às limitações do mercado exterior para um país atrasado como a Rússia, não haveria possibilidade de um desenvolvimento capitalista na Rússia no início do século XX) serve, em certa medida, como resposta à objeção de Rosa[1339].

---

[1339] Diz Lênin: *"A necessidade do mercado externo para um país capitalista não é, em absoluto, determinada pelas leis da realização do produto social (e da mais-valia, em particular), mas, primeiramente, pelo fato de que o capitalismo resulta de uma circulação de mercadorias largamente desenvolvida, que ultrapassa os limites de um país (...), essa causa tem um caráter histórico (...) Em segundo lugar, a correspondência entre as partes isoladas da produção social (...) é incessantemente violada na sociedade capitalista, por causa do isolamento dos diferentes produtores que trabalham para um mercado desconhecido. Os diferentes ramos da indústria, que servem de 'mercado' uns para os outros, não se desenvolvem uniformemente, mas se ultrapassam reciprocamente, e o ramo mais desenvolvido procura um mercado externo. Mas isso não significa, absolutamente, que 'é impossível, para um país capitalista, realizar a mais-valia', como se dispõe a concluir o populista com ar profundo. Expressa apenas a desproporção que existe no desenvolvimento dos diferentes ramos industriais. (...) Em terceiro lugar (...) a empresa capitalista* [ao contrário do artesanato medieval J.A], *ultrapassa inevitavelmente os limites da cidade, do mercado local, da região e, enfim do país.* [E duas páginas adiante continua ele] *O 'mercado interno' para o capitalismo é criado pelo próprio capitalismo em desenvolvimento, que aprofunda a divisão social do trabalho e decompõe os produtores diretos em capitalistas e operários. O grau de desenvolvimento do mercado interno é o grau de desenvolvimento do capitalismo no país".* V. I. LÊNIN, ***O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia***. Op. cit, ps. 30 a 33. É necessário considerarmos a diferença entre o conceito de mercado externo para Rosa e Lênin. Para a primeira, mercado externo é sinônimo de mercado não-capitalista. Para Lênin mercado externo é mercado fora dos limites nacionais. Bernstein em sua polêmica com Rosa, utiliza um argumento empírico que consideramos relevante. Segundo ele, *"na estatística do comércio dos grandes países industriais o papel mais importante é assumido indubitavelmente pela exportação para os tradicionais países importadores. O valor das exportações da Inglaterra para toda a Ásia austral (incluídas as colônias australianas, Nova Zelândia, etc.) não alcança nem sequer o valor de suas exportações somente para a França; o valor de suas exportações para a América do Norte britânica (Canadá, Columbia britânica, etc.) não alcança nem sequer a das exportações para a Rússia; e até os dois setores coloniais juntos, que sem embargo tem uma idade respeitável, o valor das exportações não chega a igualar o que corresponde ao comércio com a Alemanha. O comércio exterior da Inglaterra com todas as suas colônias, incluído o enorme império da Índia, não representa nem sequer um terço de seu comércio com o resto do mundo, e no que se refere aos territórios conquistados nos últimos vinte anos a exportação para os mesmos é ridiculamente baixa".* Eduard Bernstein, ***Las Premisas del Socialismo y las Tareas de la Socialdemocracia***, in: Lucio Colletti (org.), p. 155. Fato semelhante, porém atual, pode ser verificado em François Chesnais: ***A Mundialização do Capital*** (S.P: Xamã Editora, 1996), onde o autor demonstra que os fluxos de capital no mercado internacional se realizam predominantemente entre a tríade EUA, Japão e Europa rica, e não entre esta tríade rica com o resto do mundo menos desenvolvido economicamente. Para Rosdolsky, Rosa subestimou no pensamento de Marx a assim chamada "herança hegeliana" e por isso não compreendera com total clareza a estrutura de sua obra. *"Rosa Luxemburg entendeu mal o papel que cabe ao modelo de uma sociedade puramente capitalista na obra de Marx. Não compreendia que se tratava somente de um principio heurístico, com cuja ajuda deviam*

### 3.7.3. Conflito entre expansão da produção e valorização do capital

O grau de desenvolvimento da força produtiva social do trabalho se mostra duplamente: primeiro, na grandeza das forças produtivas já produzidas e na grandeza absoluta do capital produtivo já acumulado; segundo, na relativa exigüidade da parte do capital desembolsada em salários em face do capital global, na relativa exigüidade do trabalho vivo que é exigida para a reprodução e valorização de dado capital. Em relação à força de trabalho empregada, o desenvolvimento da força produtiva mostra-se, também, duplamente: primeiro, na redução do tempo de trabalho social que é exigido para a reprodução da força de trabalho; segundo, na diminuição da quantidade de trabalhadores que é empregado em geral para pôr em movimento dado capital. *"Ambos os movimentos não só correm paralelos, mas se condicionam reciprocamente, são fenômenos em que a mesma lei se expressa. Entretanto, influem em sentido oposto, sobre a taxa de lucro"*[1340]. Se por um lado a taxa de mais-valia é elevada com a elevação da força produtiva do trabalho social; por outro, cai de modo proporcional ou absoluto, o outro fator, o número de trabalhadores sobre o qual essa taxa de mais-valia em elevação é calculada.

À medida que o desenvolvimento da força produtiva diminui a parte paga do trabalho empregado, ele eleva a mais-valia por elevar sua taxa; à medida que, no entanto, diminui a massa global do trabalho empregado por dado capital, ele diminui o fator numérico pelo qual a taxa de mais-valia é multiplicada para se obter sua massa.

Por isso,

> *dois trabalhadores que trabalhem 12 horas por dia não podem fornecer a mesma massa de mais-valia que 24, cada um trabalhando apenas 2 horas,*

---

*mostrar-se as tendências evolutivas do modo de produção capitalista livres 'de qualquer circunstância acessória perturbadora' (...). O objetivo deste procedimento metodológico é claro. Inclusive se sob as premissas mais severas, contida no modelo abstrato de uma sociedade puramente capitalista, é possível a realização da mais-valia e a acumulação de capital, dentro de certos limites, então não há necessidade teórica de refugiar-se em fatores externos como o comércio exterior, a existência de terceiras pessoas, a intervenção do estado, etc. Por isso, neste sentido o modelo abstrato de Marx tem aprovado por completo o exame. E ao haver passado isto por alto, Rosa Luxemburg não levou em conta que todos os resultados da análise do processo da reprodução do tomo II somente podiam ser de índole provisória, isto é, que necessitavam ser completados com as etapas ulteriores e mais concretas da análise".* Roman Rosdolsky: ***Genesis y estrucutura de El Capital de Marx***. Op. cit., p. 541.

[1340] OC IIIa, p. 178. MEW 25, p. 257.

> *mesmo que eles pudessem viver de brisa e, por isso, não tivessem de trabalhar para si próprios. Nesse sentido, a compensação do número reduzido de trabalhadores pela elevação do grau de exploração do trabalho tem certas limitações insuperáveis; ela pode, por conseguinte, inibir a queda da taxa de lucro, mas não anulá-la.*[1341]

Por isso a tendência de queda na taxa de lucro se impõe sobre as contratendências que procuram anulá-la, se impõe como a força de uma lei natural sobre o movimento da acumulação.

A elevação da força produtiva (e a desvalorização do capital existente que a acompanha) só pode aumentar diretamente a grandeza de valor do capital se, mediante a elevação da taxa de lucro aumentar ao mesmo tempo a parte de valor do produto anual que é retransformada em capital. Isto é, se os capitalistas aumentarem sua taxa de conversão de mais-valia em capital, se abrirem mão da renda em benefício do capital. A grandeza do capital pode também aumentar se por meio dessa elevação das forças produtivas a mais-valia relativa é elevada ou o valor do capital constante é diminuído e, portanto, são barateadas as mercadorias que entram na reprodução da força de trabalho ou nos elementos do capital constante.

> *Ambos os casos implicam, porém, desvalorização do capital existente e ambos ocorrem paralelamente à diminuição do capital variável em face do capital constante. Ambos condicionam a queda da taxa de lucro e ambos a retardam. Além disso, à medida que uma taxa de lucro mais elevada ocasiona uma demanda mais elevada de trabalho, ela afeta o aumento da população trabalhadora e, com isso, do material explorável, o qual faz com que o capital seja capital.*[1342]

Indiretamente, o desenvolvimento da força produtiva do trabalho contribui para o aumento do valor-capital existente ao aumentar a massa e a diversidade dos valores

---

[1341] OC IIIa, p. 178. MEW 25, p. 257.
[1342] OC IIIa, p. 178/79. MEW 25, p. 258.

de uso em que o mesmo valor de troca se representa. Com o mesmo capital e o mesmo trabalho são produzidas mais coisas que possam servir como meios de absorver mais trabalho adicional e, assim, serem transformadas em capital adicional. Ao crescer, assim, a massa de trabalho empregado na forma de maquinaria, matérias primas, auxiliares e meios de subsistência aos trabalhadores, cresce o valor do capital reproduzido e da mais-valia recém-agregada.

*"Esses dois momentos, compreendidos no processo de acumulação... implicam uma contradição [Widerspruch] que se exprime em tendências e fenômenos contraditórios [widersprechenden Tendenzen und Erscheinungen]. Os agentes antagônicos atuam simultaneamente uns contra os outros [Die widerstreitenden Agentien wirken gleichzeitig gegeneinander]"*[1343]. Simultaneamente ao estímulo para o aumento real da população trabalhadora, oriunda do aumento da parte do produto social global que atua como capital, atuam os agentes que criam uma superpopulação excedente relativa. Simultaneamente com a queda da taxa de lucro, cresce a massa dos capitais e, lado a lado com ele, transcorre uma desvalorização do capital existente que retém essa queda e dá à acumulação de valor-capital impulso acelerador. Junto com o desenvolvimento da força produtiva desenvolve-se a composição superior do capital e a diminuição relativa da parte variável em relação à parte constante do capital.

> *Essas distintas influências se fazem valer ora justapostas no espaço, ora sucessivamente no tempo; periodicamente o conflito entre os agentes antagônicos se desafoga em crises. As crises são sempre apenas soluções momentâneas violentas das contradições existentes, irrupções violentas que restabelecem momentaneamente o equilíbrio perturbado.*[1344]

As crises do capital são sempre soluções momentâneas das contradições da produção capitalista porque resolvem apenas temporariamente as contradições do capital.

---

[1343] OC IIIa, p. 179. MEW 25, p. 259.

[1344] OC IIIa, p. 179. MEW 25, p. 259. *"Diese verschiednen Einflüsse machen sich bald mehr nebeneinander im Raum, bald mehr nacheinander in der Zeit geltend; periodisch macht sich der Konflikt der widerstreitenden Agentien in Krisen Luft. Die Krisen sind immer nur momentane gewaltsame Lösungen der vorhandnen Widersprüche, gewaltsame Eruptionen, die das gestörte Gleichgewicht für den Augenblick wiederherstellen".*

Passada a crise, porém, as contradições voltam a ser repostas sob um patamar superior de desenvolvimento e conflito. As crises não abolem as contradições do capital nem tampouco as resolvem eternamente. Ao mesmo tempo, as crises são sempre fenômenos temporários, cíclicos e de curta duração, sua função é recriar as condições ideais para o andamento normal da produção capitalista. Depois de atingido seu objetivo, as crises desaparecem e cedem lugar à prosperidade. Por isso para Marx, não existem crises permanentes, o que existe é a alternância periódica de fases de animação dos negócios, crescimento acelerado, auge, crise, depressão, estagnação, reanimação dos negócios, nova fase de prosperidade e auge até atingir novamente a crise e a repetição cíclica de todo o movimento.

As crises constituem sempre fenômenos passageiros dentro do movimento do capital. Elas surgem como soluções dentro do quadro de conservação do capital às insolúveis contradições da reprodução social, surgem como fenômenos necessários ao restabelecimento do equilíbrio entre os diversos aspectos do capital que se contrapõem entre si no curso da acumulação. Elas surgem no curso do ciclo econômico como a única força capaz de dar ao movimento anárquico do capital uma relativa estabilidade entre os pólos em luta. Pólos que em última instância originam-se das contradições mais simples do capital e da mercadoria como valor de uso e valor, trabalho concreto e abstrato, processo de trabalho e processo de valorização, processo imediato de produção e processo de realização, processo de produção e reprodução etc. Pólos que em última instância resultam da contradição e luta entre as classes, da contradição entre proprietários e não-proprietários e do caráter do trabalho enquanto trabalho alienado, enquanto trabalho com vistas a satisfazer as insaciáveis necessidades do capital e não as dos produtores diretos. As crises, portanto, apesar de toda a tragédia com que possam parecer frente ao capital individual, são em última instância o verdadeiro regulador das contradições da acumulação capitalista. Na concepção de Marx, são elas e não o Estado e sua política intervencionista, por exemplo, que regulam e buscam dar às contradições do capital um equilíbrio relativo. Mesmo atuando contra a ordem normal do capital e colocando em risco sua continuidade, as crises constituem-se no verdadeiro regulador da reprodução do capital. Na ausência de um plano de produção elaborado coletivamente pela sociedade, as crises organizam, de modo catastrófico e irracional, a irracionalidade do capitalismo.

De modo genérico a contradição, da qual a crise é tanto uma expressão quanto a forma de resolver, *"consiste em que o modo de produção capitalista implica uma tendência ao desenvolvimento absoluto das forças produtivas... enquanto, por outro lado, ela tem por meta a manutenção do valor-capital existente e sua valorização no grau mais elevado (ou seja, crescimento sempre acelerado desse valor)"*[1345].

O fato particular de produzir com vistas apenas para o valor de troca e não para o valor de uso, particularidade que permite ao capital, até certo ponto, em oposição aos modos de produção precedentes, desenvolver ao máximo as forças produtivas independente das necessidades humanas, é o mesmo fato que impede o capital de realizar tal tarefa sem cair em contradição consigo mesmo.

> *Seu caráter específico está orientado para o valor-capital existente, como meio para a máxima valorização possível desse valor. Os métodos pelos quais ele alcança isso implicam: diminuição da taxa de lucro, desvalorização do capital existente e desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já produzidas.*[1346]

A desvalorização do capital, meio imanente de conter a queda na taxa de lucro e expandir o capital, ao baratear as mercadorias já lançadas na circulação prenhes de mais-valia e ávidas por compradores, converte-se em um fenômeno contrário ao êxito da valorização do valor, impedindo que a mais-valia seja realizada integralmente e que, portanto, as mercadorias sejam vendidas por seu preço de produção e que o capital se valorize à taxa de lucro média. Isto leva à interrupção da acumulação, isto é, à conversão na escala normal da mais-valia em capital, desviando-a para a esfera da especulação financeira. Isto gera crises e interrupções no processo de produção pois o capitalista só estará disposto a atuar como funcionário do capital, na medida em que este se valorizar à taxa média esperada. Caso contrário se tornará rentista na esfera especulativa.

---

[1345] OC IIIa, p. 179. MEW 25, p. 259.
[1346] OC IIIa, p. 179. MEW 25, p. 259.

> *A desvalorização periódica do capital existente, que é um meio imanente ao modo de produção capitalista para conter a queda da taxa de lucro e acelerar a acumulação de valor-capital pela formação de novo capital, perturba as condições dadas, em que se efetua o processo de circulação e de reprodução do capital, e, por isso, é acompanhada por paralisações súbitas e crises do processo de produção.*[1347]

A contradição do capital consiste em que ele, apesar de ter vistas apenas para a ampliação do valor de troca, nas crises, contraditoriamente, tende a voltar suas vistas para a desvalorização do valor, a atuar, contraditoriamente, contra si próprio, ao se obrigar a desvalorizar os meios de produção que compõem o capital constante unicamente para manter a taxa de lucro num patamar superior. E o capital consegue realizar a façanha paralisando a produção, interrompendo a escala normal da reprodução social e mantendo parte de seu capital ocioso.

A contradição que move o capital em direção à acumulação acelerada e à crise consiste em que o capital não tem como meta produzir para atender as necessidades sociais, mesmo que consideremos unicamente as necessidades solventes, seu horizonte é produzir na medida de sua capacidade já instalada e não na medida dada pela demanda. Seus impulsos o conduzem a desenvolver as forças produtivas muito além da capacidade de consumo solvente da sociedade, o impelem a desenvolver as forças produtivas do trabalho social sem levar em consideração a capacidade de absorção do mercado e a capacidade de realização da mais-valia à taxa de lucro média esperada por ele. *"A produção capitalista procura constantemente superar essas barreiras que lhe são imanentes, mas só as supera por meios que lhe antepõem novamente essas barreiras e em escala mais poderosa"*[1348]. O capital procura constantemente superar uma contradição pondo outra em seu lugar. Se a crise, por um lado, surge para superar momentaneamente as contradições do capital, ela surge, do mesmo modo, aprofundando as contradições já que não as supera verdadeiramente mas apenas interrompe parcialmente seu desenvolvimento. Por isso as

[1347] OC IIIa, p. 179. MEW 25, p. 259/60.
[1348] OC IIIa, p. 180. MEW 25, p. 260.

crises do capital possuem o próprio capital como princípio e sua verdadeira eliminação pressupõe simultaneamente a eliminação do capital.

> *A verdadeira barreira [Schranke] da produção capitalista é o próprio capital, isto é: que o capital e sua autovalorização apareçam como ponto de partida e ponto de chegada, como motivo e finalidade da produção; que a produção seja apenas produção para o capital e não inversamente, que os meios de produção sejam meros meios para uma estruturação cada vez mais ampla do processo vital para a sociedade dos produtores.*[1349]

Marx vê no próprio capital a verdadeira barreira à sua auto-expansão ilimitada. O capital é o limite do próprio capital. E por que isto? Porque o capital não tem como finalidade produzir valores de uso que satisfaçam as necessidades sociais, sejam elas do tipo que imaginarmos. Porque o capital também não tem como finalidade produzir valores de uso que satisfaçam as necessidades dos próprios produtores, os trabalhadores assalariados. Ao contrário, a relação capitalista de produção e distribuição está assentada na não-satisfação das necessidades sociais dos trabalhadores, estes produzem para o capital e não para si próprios e só produzem para si próprios na medida em que sejam produtivos ao capital, na medida em que produzam uma massa de mais-valia capaz de dar ao capital um rendimento equivalente ao rendimento médio esperado. Porque também a produção capitalista não está voltada para a produção de meios de satisfação aos capitalistas, sejam eles meios de subsistência ou de luxo. A produção capitalista não se destina à satisfação dos capitalistas, estes, antes, se satisfazem com a acumulação vendo seu capital crescer. Os capitalistas atuam muito mais para satisfazer as necessidades insaciáveis do capital por sobretrabalho do que para satisfazer suas próprias necessidades e paixões. A produção capitalista, do ponto de vista do valor de uso, é uma produção pela produção, é produção como uma finalidade em si mesma. E o capital só atinge seu objetivo organizando a produção em larga escala a expensas do consumo humano, tornando o capital o principal consumidor de seus próprios produtos, tornando um ramo da produção em mercado para

[1349] OC IIIa, p. 180. MEW 25, p. 260.

outro ramo e transformando a grande indústria no principal mercado consumidor da grande indústria.

> *As barreiras [Schranken] entre as quais unicamente podem mover-se a manutenção e a valorização do valor-capital, que repousam sobre a expropriação e pauperização da grande massa dos produtores, essas barreiras [Schranken] entram portanto constantemente em contradição com os métodos de produção que o capital precisa empregar para seu objetivo e que se dirigem a um aumento ilimitado da produção, à produção como uma finalidade em si mesma [Produktion als Selbstzweck]: a um desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais de trabalho.*[1350]

A produção em larga escala choca-se constantemente com os limites da demanda, portanto, com os limites estreitos do consumo individual provocado pela constante conversão das rendas em capital, pela expropriação e pauperização da grande massa dos produtores assalariados, pela queda na taxa de acumulação do capital produtivo e pela queda da demanda de meios de produção por parte das indústrias provocada pela queda na taxa de lucro. O desenvolvimento acelerado das forças produtivas, a formação da grande indústria, a centralização do capital e a formação do mercado mundial chocam-se com as relações sociais de produção, distribuição, troca e consumo. O capital choca-se consigo mesmo e com as relações de trabalho assalariado que ele criou. A necessidade histórica do capitalismo como meio para o desenvolvimento das forças produtivas mostra seu anacronismo caduco nos momentos de crise.

> *O meio — desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais de trabalho — entra em contínuo conflito com o objetivo limitado, a valorização do capital existente. Se, por conseguinte, o modo de produção capitalista é um meio histórico para desenvolver a força produtiva material e para criar o mercado mundial que lhe corresponde, ele é simultaneamente*

[1350] OC IIIa, p. 180. MEW 25, p. 260.

*a contradição [Widerspruch] constante entre essa sua tarefa histórica e as relações sociais de produção que lhe correspondem.*[1351]

### 3.7.4. Superprodução de forma absoluta

A superprodução capitalista porém, não se resume apenas na superprodução de mercadorias em geral, mas, implica também, na superprodução de capital. Para entender a superprodução de capital basta supor uma superprodução que não se estenda apenas a um par de setores significativos da produção, mas que seja absoluta em seu volume e que, portanto, inclua todos os setores da produção.

Haveria superprodução absoluta de capital assim que o capital adicional fosse igual a zero. Se o capital tivesse crescido proporcionalmente à população trabalhadora de forma tal, que nem o tempo absoluto de trabalho nem o tempo relativo de mais-trabalho pudessem ser ampliados; se o capital tivesse empregado toda a classe trabalhadora disponível para o trabalho e tivesse, assim, esgotado o exército industrial de reserva; se o capital acrescido, portanto, só produzisse a mesma massa de valor que antes, ou até menos do que antes de seu crescimento, então ocorreria uma superprodução absoluta de capital.

Isto é, haveria superprodução de capital se o capital acrescido não produzisse lucro maior nem mesmo menos lucro do que o capital anterior. O pleno emprego de todos os elementos da produção, em particular o da força de trabalho disponível, o esgotamento do exército industrial de reserva com seus efeitos positivos sobre os salários e a resistência operária ao aumento da exploração, tanto relativa quanto absoluta, poderiam levar a acumulação à paralisia devido à queda na taxa de lucro e, portanto, queda na taxa de valorização de todo o capital em atividade. Neste caso, portanto, a crise seria geral e absoluta e atingiria da mesma maneira todos os capitais, grandes ou pequenos. Com a superprodução absoluta de capital *"a coisa se apresentaria de modo tal que parte do capital se encontraria total ou parcialmente em alqueive... e parte, por causa da pressão do capital desocupado ou semi-ocupado, valorizar-se-ia a uma taxa mais baixa de lucro"*[1352].

---

[1351] OC IIIa, p. 180. MEW 25, p. 260.
[1352] OC IIIa, p. 181. MEW 25, p. 262.

Com a superprodução absoluta de capital ocorreria uma queda forte e súbita na taxa geral de lucro, desta vez, porém, não por causa de uma elevação do capital constante em relação ao variável, mas, sim, devido à incapacidade do capital em ampliar a exploração sobre os trabalhadores, devido ao esgotamento do exército industrial de reserva e a uma elevação no preço da força de trabalho acima do valor. Haveria neste caso, uma diminuição absoluta da massa de mais-valia produzida em virtude da divisão alterada entre salários e mais-valia. Para este caso, "*basta observar que as crises são sempre preparadas justamente por um período em que os salários sobem de modo geral e a classe trabalhadora obtém realiter [realmente] participação maior na parte do produto anual destinada ao consumo*"[1353]. Esta relativa prosperidade da classe trabalhadora, porém, é momentânea e surge "*apenas como pássaro agoureiro de uma crise*"[1354]. Nesta condição o capital entraria em crise devido à sua incompatibilidade absoluta com o trabalho na forma assalariada. Nesta forma de crise, fica novamente evidenciado que a base das crises reside nas insolúveis contradições entre capital e trabalho assalariado. Com a superprodução de capital em forma absoluta,

> *a queda da taxa de lucro seria, dessa vez, acompanhada por um decréscimo absoluto da massa de lucro, já que, sob nossos pressupostos, a massa da força de trabalho empregada não poderia ser aumentada nem a taxa de mais-valia poderia ser elevada, também não podendo, portanto, ser aumentada a massa de mais-valia. E a massa diminuída de lucro teria de ser calculada sobre um capital global aumentado.*[1355]

Para recuperar as antigas condições de valorização, parte do capital, tanto monetário quanto na forma de meios de produção, teria que ser afastado da atividade e colocado na reserva, na espera de que a situação volte a melhorar e que ele possa voltar a funcionar novamente como capital. Isto levaria o capital a uma luta violenta consigo mesmo. Parte dos capitais já em atividade teria que se desvalorizar e deixar de funcionar como capital para ceder espaço aos novos capitais adicionais. Essa desvalorização do

[1353] OC IIIa, p. 287. MEW 24, p. 409.
[1354] OC IIIa, p. 287. MEW 24, p. 410.
[1355] OC IIIa, p. 181. MEW 25, p. 262.

capital antigo não poderia ocorrer sem luta com os novos capitais. O capital adicional não poderia funcionar como capital sem luta contra os capitais já em funcionamento. *"A taxa de lucro não cairia por causa da concorrência devido a superprodução de capital. Mas, pelo contrário, porque a taxa de lucro diminuída e a superprodução de capital se originam das mesmas circunstâncias, agora se desencadearia a luta concorrencial"*[1356]. Desencadeada a luta concorrencial entre os irmãos que se odeiam, parte da mais-valia que se encontrasse nas mãos dos capitalistas antigos em funcionamento *"seria deixada por eles mais ou menos em alqueive, para não desvalorizar seu próprio capital original e não estreitar seu lugar dentro do campo de produção"*[1357] ou seria empregada para, *"mesmo com perdas momentânea, transferir a colocação em alqueive do capital adicional aos novos intrusos e, em geral, a seus concorrentes"*[1358].

### 3.7.5. A destruição de capital pelas crises

A destruição violenta e maciça de forças produtivas posta pela crise é uma das soluções mais irracionais do capital para continuar a reproduzir-se como capital. O capital não põe apenas o excesso de produção, mas põe, ainda, a forma irracional de retomar o desenvolvimento das forças produtivas destruindo as mesma forças já desenvolvidas. O capital, por isso, é a pura contradição em processo e de modo algum, uma força que tende inexoravelmente a um colapso desastroso e finalista. Assim como o capital põe e desenvolve ao máximo suas contradições põe do mesmo modo a solução para elas. A irracionalidade do ser-capital se mostra na circularidade sem-fim de seu movimento. A

---

[1356] OC IIIa, p. 181. MEW 25, p. 262.

[1357] OC IIIa, p. 181. MEW 25, p. 262/63.

[1358] OC IIIa, p. 181. MEW 25, p. 263. Na década de 40 do século passado, Henryk Grossmann retomou o debate sobre a teoria do colapso abandonada pelos teóricos da II e III Internacional, a partir dessa passagem de *O Capital*. Para ele a tendência do capitalismo à crise e ao colapso final, tinha sua base na tendência de queda na taxa de lucro devido à superacumulação de capital e não devido à anarquia e à concorrência intercapitalista. Conforme suas palavras: "*... a tendência ao colapso, e portanto também às crises não são o fruto da anarquia da produção, da concorrência, senão que se manifestam em troca como função da superacumulação de capital, enquanto que a constante agudização da concorrência não é senão uma conseqüência da superacumulação. (...) O fato de que a acumulação capitalista se desenvolve no interior do mecanismo capitalista sobre a base da concorrência entre empresários individuais ou em troca entre uma série de associações de produtores capitalistas cartelizados, resulta irrelevante para a configuração da tendência ao colapso e respectivamente da crise*". Henryk Grossmann: ***La Ley De La Acumulación Y Del Derrumbe Del Sistema Capitalista: una teoría de la crisis***. México: Siglo XXI, 1979, p. 391. Grossmann, refletindo as concepções de Hilferding sobre a possibilidade dos cartéis eliminarem a anarquia do mercado conclui corretamente que as crises podem continuar existindo sob o regime de concorrência monopolista. Cai no erro, entretanto, de acreditar que a crise resulta unicamente da superacumulação de capital.

destruição de capital serve como momento para que o ser-capital se recomponha e retorne sempre ao seu ponto de partida. O capital não se desenvolve numa linha reta e ascensional em direção ao colapso desastroso e irrecuperável, seu desenvolvimento é circular e sem-fim, girando sempre sobre si mesmo sem romper com seus próprios limites.

Como método para sair da crise os capitalistas antigos em funcionamento usariam seu poderio no mercado para destruir os novos intrusos responsáveis pelo abarrotamento de capital e pela queda na taxa de lucro. Reduziriam parcialmente a atividade de suas fábricas deixando mais ou menos ociosos seus antigos capitais. Ou então, a depender de seu poderio, manteriam suas atividades normalmente a pleno vapor e lançariam suas mercadorias nos mercados em que disputam com os novos intrusos a preços muito abaixo do nível normal, venderiam suas mercadorias abaixo de seu preço de produção, com prejuízo relativo portanto, com o objetivo de quebrar o concorrente e permanecer vivo no mercado.

O contrário também poderia ocorrer. Parte do capital adicional mais produtivo e mais eficiente que se encontrasse em mãos de novos capitalistas, procuraria ocupar seu lugar à custa do capital antigo e conseguiria, pelo menos parcialmente, ao colocar em alqueive parte do capital antigo, obrigando-o a ceder-lhe o lugar, derrubando-o do mercado e deslocando-o para o palco dos capitalistas falidos.

Com a superprodução de capital,

> *uma colocação em alqueive de parte do capital antigo teria de ocorrer sob qualquer circunstância... Que parte essa colocação em alqueive atingiria especificamente seria decidido pela luta concorrencial. Enquanto vai tudo bem, a concorrência, como se verificou na equalização da taxa geral de lucro, age como irmandade prática da classe capitalista, de forma que esta se reparte coletivamente na proporção da grandeza do que cada um empenhou, o despojo coletivo.*[1359]

Quando passa a fase de prosperidade dos negócios e se instala o mal-estar da crise de superprodução, a irmandade levanta suas espadas e decide no campo de guerra da

[1359] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 263.

concorrência quem dentre os irmãos inimigos terá o direito de permanecer atuando como capitalista.

A concorrência e a identidade de interesses dos capitais em torno da ampliação da produção da mais-valia e da formação de uma taxa de lucro que remunere igualmente os capitais, não conforme a massa de mais-valia produzida individualmente por cada capitalista, mas conforme o tamanho de seus capitais aplicados na fase de prosperidade, se converte durante a crise numa luta entre irmãos que se odeiam. Quando se trata de organizar o conluio predatório sobre a classe trabalhadora na fase de prosperidade transitória, a unidade impera sobre a oposição dos diferentes capitais entre si. Quando se trata, porém, de repartir as adversidades dessa exploração, cada capitalista particular trata de cuidar de seu próprio interesse e aí impera a oposição.

> *Quando já não se trata de repartição do lucro, mas do prejuízo, cada um procura diminuir tanto quanto possível seu quantum do mesmo e empurrá-lo ao outro. O prejuízo é inevitável para a classe. Quanto, porém, cada um tem de suportar, até que ponto ele tem de acabar participando dele, torna-se uma questão de poder e de astúcia, transformando-se então a concorrência numa luta entre irmãos inimigos.*[1360]

Quando o amor e a comunhão de interesses da confraria burguesa se dissolve e em seu lugar se instala o ódio e a luta violenta pela sobrevivência no mercado *"a antítese entre o interesse de cada capitalista individual e o da classe capitalista se faz valer então, assim como antes a identidade desses interesses se impunha praticamente mediante a concorrência"*[1361]. A contradição entre os irmãos inimigos, latente na fase de prosperidade, se manifesta como antítese aberta no momento em que não se discute mais como será repartido o botim, mas, sim, quanto cada capitalista em particular terá que perder para salvar o capital em geral.

*"Como se resolveria novamente esse conflito e se restabeleceriam as condições correspondentes ao movimento 'sadio' da produção capitalista? A forma da*

---

[1360] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 263.
[1361] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 263.

*resolução já está contida na mera formulação do conflito de cuja resolução se trata"*[1362]. O desenvolvimento do capital não apenas converte em realidade a possibilidade da crise mas desenvolve, ainda, no interior da própria crise, as condições necessárias para sua superação momentânea. Esta superação *"implica uma colocação em alqueive e até mesmo um aniquilamento parcial de capital, num montante de valor de todo o capital adicional ΔC ou então de parte dele"*[1363]. A superprodução de capital é resolvida com a própria destruição da parte excedente do capital que agora atrapalha a ordem geral da acumulação de mais-valia. Posta a superprodução de capital pelo próprio capital, agora ele mesmo põe a solução para sua própria tragédia. Se o capital, por um lado, põe a crise e a possibilidade da dissolução da ordem capitalista ele põe, do mesmo modo, a possibilidade da repetição constante da tragédia da superprodução destruindo a parte excedente do capital unicamente para poder voltar a se desenvolver. O capital entra tragicamente em crise por excesso de produção. E sai da crise destruindo o excesso de capital unicamente para poder voltar a repô-lo novamente no futuro. A superação de uma crise, por isso, se torna condição para o surgimento de uma nova crise mais profunda no futuro.

A destruição de capital excedente e, ainda,

> *a distribuição desse prejuízo não se estende, de modo algum, de maneira uniforme aos diferentes capitais particulares, mas se decide numa luta concorrencial em que, conforme as vantagens especiais ou as posições já conquistadas, o prejuízo se reparte de forma muito desigual e muito diferenciada, de modo que um capital é colocado em alqueive, outro é aniquilado, um terceiro apenas sofre prejuízo relativo ou desvalorização transitória.*[1364]

Sob quaisquer circunstâncias, sem importar em saber quem dos capitais ganha ou perde, o equilíbrio entre os capitais se restabeleceria pela destruição de parte dos capitais em atividade ou sua colocação em alqueive. Uma interrupção da reprodução em sua escala normal e um descenso na atividade econômica seria inevitável para a

[1362] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 263.
[1363] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 263/64.
[1364] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 264.

conservação da irracionalidade burguesa. A destruição irracional de riqueza já produzida como princípio da conservação da produção capitalista, do mesmo modo irracional, nisto se reduz a solução do capital para suas insolúveis contradições.

> *Isso se estenderia em parte à substância material do capital; isto é, parte dos meios de produção, capital fixo e circulante, não funcionaria, não atuaria como capital: parte dos empreendimentos iniciados seria desativada... esses meios de produção deixariam de ser ativos como meios de produção; uma paralisação, mais breve ou mais longa, de sua função enquanto meio de produção.*[1365]

As perdas maiores, porém, ocorreriam para aqueles capitais rentistas envolvidos com a especulação financeira e meros portadores de títulos de toda espécie a espera de que o capital produtivo continue fornecendo-lhes os juros habituais. A fogueira na qual queimariam os capitais excedentes levantaria labaredas mais altas sobre os capitais envolvidos no mercado financeiro. O pânico maior e mais visível ocorreria nas Bolsas de Valores.

> *A destruição principal — e com caráter mais agudo — ocorreria em relação ao capital, à medida que ele possui atributo de valor, em relação aos valores-capital. A parte do valor-capital que só se encontra em forma de direitos sobre futuras participações na mais-valia, no lucro — de fato meros títulos de dívida sobre a produção em diversas modalidades —, se desvaloriza imediatamente com a queda das receitas sobre as quais está calculada.*[1366]

Com a desvalorização das mercadorias que continuam a circular no mercado à procura de compradores, os capitais que operam seus negócios sustentados no crédito comercial, isto é, no crédito concedido pelos capitalistas a si próprios, são jogados em

[1365] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 264.
[1366] OC IIIa, p. 182. MEW 25, p. 264.

situação desastrosa. *"Essa perturbação e estagnação paralisam a função do dinheiro como meio de pagamento, dada simultaneamente com o desenvolvimento do capital e baseada naquelas relações pressupostas de preços: interrompem em cem lugares a cadeia das obrigações de pagamento em prazos determinados"*[1367]. Com a queda das vendas, dos preços e das receitas, as antigas obrigações firmadas pelos capitais entre si rompem-se devido à insolvência geral do mercado. Surge daí, a corrida dos capitalistas endividados aos bancos à procura de crédito para saldar as letras de câmbio firmadas no comércio. A perturbação do mercado de dinheiro é ainda intensificada *"pelo colapso conseqüente do sistema de crédito, desenvolvido simultaneamente com o capital, e levam assim a crises violentas e agudas, súbitas desvalorizações forçadas e à estagnação e perturbação reais do processo de reprodução, e com isso a uma diminuição real da reprodução"*[1368].

A crise atinge também o sistema bancário. Durante a fase de prosperidade e da aparente estabilidade dos negócios, os bancos colocam a disposição dos capitais em geral todo o dinheiro disponível na forma de crédito à acumulação. Com o colapso dos preços e o esfacelamento do dinheiro na sua função de meio de pagamento, muitos capitalistas individuais encontram solução para sua insolvência entregando aos bancos, quando não seu capital por inteiro, a administração de seus negócios e uma cadeira na mesa de diretores, de conselheiros etc. A centralização do capital atinge seu ápice na fusão das fábricas, da agropecuária, da mineração, dos transportes, serviços, comércio etc., com o capital monetário dos bancos.

Se durante o curso normal da acumulação capitalista diminui a concorrência no interior da classe trabalhadora e uma parte dela obtém alguma melhora e, assim, constrói seus castelos de sonhos, com a crise e a depressão que se sucede os capitalistas em conjunto não reservam nenhum pudor em usar o exército industrial de trabalhadores desempregados para forçar aqueles que ainda permanecem empregados a submeterem-se a um regime de exploração mais intenso.

> *A paralisação da produção teria colocado parte da classe trabalhadora em alqueive, deixando, desse modo, a parte ocupada numa situação em que*

[1367] OC IIIa, p. 182/83. MEW 25, p. 264/65.
[1368] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 265.

> *teria de aceitar uma redução do salário, mesmo abaixo da média; uma operação que, para o capital, tem o mesmo efeito que se, com salário médio, tivesse sido elevada a mais-valia relativa ou absoluta.*[1369]

Com a paralisação parcial da produção o exército industrial de reserva seria reconstituído. A pressão do exército industrial excedente obrigaria a massa de trabalhadores que ainda permanece empregada a aceitar as imposições do capital, a aceitar jornadas de trabalho mais longas ou mais intensas e extenuantes, a aceitar um rebaixamento de salários, seja direto ou indireto, a trabalhar em condições mais insalubres, em condições, portanto, menos dispendiosas em capital constante, a trabalhar em turnos alternados etc. Em outras palavras, a recomposição do exército industrial de reserva recomporia ao mesmo tempo as condições ideais para o capital reinar absolutamente sobre os trabalhadores, a reconquistar as posições perdidas durante o período de pleno emprego, a recuperar a obediência e a disciplina dos trabalhadores necessárias para o bom andamento da acumulação capitalista. Ajudaria a recompor a subsunção real e completa dos trabalhadores ao capital. Em lugar do antigo chicote dos feitores o capital se utilizaria para recompor seu domínio da pressão que a própria classe trabalhadora exerce sobre si mesma, da concorrência entre os trabalhadores. O reino da livre concorrência e da luta dos trabalhadores entre si é, por isso, o melhor dos reinos para o capital.

Isso tudo, desvalorização do capital, aumento da concorrência, recomposição do exército industrial de reserva e um nível de salários que não afete a saúde do capital, tendem a recriar as condições ideais para a produção e valorização do capital. As novas condições de produção são recompostas, porém, sob patamares diferentes das antigas condições, a economia volta a se recompor a um grau superior à situação antiga, ela se recompõe em forma de espiral pois, agora, a centralização do capital está mais acentuada, a taxa de lucro média e aceita pelos capitalistas em atividade já não é necessariamente a mesma de antigamente, pode inclusive ser menor, como também pode ser maior. Isto dependerá essencialmente de quão grande foi a desvalorização do capital constante e de quão grande foi a recomposição da taxa de exploração sobre os trabalhadores.

---

[1369] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 265.

Para recuperar a antiga taxa de lucro e uma nova composição orgânica menos elevada, o capital sobrevivente estimula-se novamente a revolucionar as forças produtivas do trabalho social por ele controladas substituindo a antiga maquinaria por outras mais eficientes e exigindo de seus fornecedores e de outros capitais individuais que adotem o mesmo procedimento.

> *A queda do preço e a luta da concorrência teriam, por outro lado, estimulado cada capitalista a reduzir o valor individual de seu produto global — mediante utilização de máquinas novas, métodos novos e aperfeiçoados de trabalho, novas combinações — abaixo de seu valor geral, ou seja, a elevar a força produtiva de dado quantum de trabalho, a reduzir a proporção do capital variável em relação ao constante e, com isso, a liberar trabalhadores, em suma, a criar uma superpopulação artificial.*[1370]

Como a taxa de lucro está relacionada diretamente com o valor dos meios objetivos de produção, *"a desvalorização dos elementos do capital constante seria em si um elemento que implicaria a elevação da taxa de lucro. A massa de capital constante empregado em relação ao variável teria crescido mas o valor dessa massa poderia ter caído"*[1371]. A simples paralisação da produção por si só, porém, já teria estimulado o capital sobrevivente a reiniciar a produção. A simples recomposição das proporções requeridas entre os vários ramos da produção conquistada com a queima dos capitais excedentes, por si só já estimularia os capitais sobreviventes a reiniciarem novamente os negócios.

> *A paralisação da produção ocorrida teria preparado uma ampliação posterior da produção dentro dos limites capitalistas. E assim o ciclo seria novamente percorrido. Parte do capital que pela paralisação funcional foi desvalorizada recobraria seu antigo valor. Ademais, com condições de produção ampliada, com um mercado ampliado e com força produtiva mais elevada, o mesmo círculo vicioso seria novamente percorrido.*[1372]

---

[1370] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 265.
[1371] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 265.
[1372] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 265.

Até aqui a superprodução fora tomada como absoluta, ou seja, fora pressuposta como válida para todos os capitais. Ela fora tomada como absoluta porque a massa de mais-valia produzida tornara-se relativamente menor para todos os capitais, porque não haveria, com o esgotamento do exército industrial de reserva, nenhuma possibilidade de aumentar a exploração sobre os trabalhadores e, portanto, os novos capitais adicionais só se valorizariam mediante expropriação de parte dos capitais antigos. Porém, para Marx a superprodução pode ocorrer inclusive sem este pressuposto extremo da superprodução absoluta. Basta supormos que os capitais não consigam mais explorar os trabalhadores num grau que seja capaz de refrear o descenso na taxa de valorização do capital. Basta supormos que devido ao esgotamento do exército industrial de reserva e à concorrência que se estabelece entre os capitais pelo emprego dos trabalhadores já em atividade, o nível geral de salários e a resistência da classe trabalhadora aumente e, junto, caia a taxa de exploração e de mais-valia e que o capital total não consiga se valorizar às taxas antigas devido a uma queda no grau de exploração dos trabalhadores abaixo do nível permitido pelos capitalistas em geral. Como o capital não se desenvolve no mesmo ritmo em todos os ramos da produção, como, ao mesmo tempo em que certos ramos ainda não atingiram o pleno emprego, outros podem já ter esgotado o exército industrial de reserva e, portanto, sofrer de forma mais intensa a pressão do exército ativamente empregado, para a crise se instalar basta que a superprodução de meios de exploração atinja apenas certos ramos decisivos da economia, os chamados ramos indutores do crescimento.

Esta forma de superprodução,

> *seria, porém, apesar disso superprodução, porque o capital seria incapaz de explorar o trabalho num grau de exploração que é condicionado pelo desenvolvimento "sadio", "normal" do processo de produção capitalista, num grau de exploração que ao menos aumenta a massa de lucro com a massa crescente de capital empregado; que, portanto, exclui que a taxa de lucro caia na mesma proporção em que o capital cresce, ou até que a taxa de lucro caia mais rapidamente do que o capital cresce.*[1373]

[1373] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 266.

Uma superprodução de capital, de meios de exploração da força de trabalho, combinada com uma queda no grau de exploração dos trabalhadores abaixo dos níveis desejados pelos capitalistas provoca necessariamente retração da acumulação e crises. Para que o capital mantenha a acumulação funcionando não basta apenas que ele receba uma determinada taxa de lucro por seu capital é fundamental que ele conserve também uma determinada taxa de exploração sobre os trabalhadores. Se a primeira cai em função da segunda, então a reprodução deve ser interrompida.

> *Superprodução de capital significa apenas superprodução de meios de produção — meios de trabalho e de subsistência — que podem funcionar como capital, ou seja, que podem ser empregados para a exploração do trabalho em dado grau de exploração, e a queda desse grau de exploração abaixo de dado ponto provoca perturbações e paralisações do processo de produção capitalista, crises, destruição de capital.*[1374]

A queda no grau de exploração do trabalhador abaixo da taxa aceita como normal pelos capitalistas e o baixo estímulo dos capitalistas em empregarem esta massa de operários, desenvolve dentro da classe trabalhadora uma produção excedente de operários que mesmo dispostos a se deixar esfolar nas fábricas, devido à incompatibilidade deste grau de exploração do trabalho social com a voracidade do capital por mais-trabalho permanecem absurdamente desocupados lado a lado com os meios de produção excedentes. Por isso, *"não há nenhuma contradição em ser essa superprodução de capital acompanhada por uma superpopulação relativa mais ou menos grande"*[1375].

A superprodução de capital não entra em contradição com uma população abundante de trabalhadores desocupados porque,

> *as mesmas circunstâncias que elevaram a força produtiva do trabalho aumentaram a massa dos produtos-mercadorias, ampliaram os mercados;*

---

[1374] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 266.
[1375] OC IIIa, p. 183. MEW 25, p. 266.

> *aceleraram a acumulação de capital, tanto em massa quanto em valor, e reduziram a taxa de lucro, essas mesmas circunstâncias geraram uma superpopulação relativa e a geram continuamente, uma superpopulação de trabalhadores que não é empregada pelo capital excedente por causa do baixo grau de exploração do trabalho, único grau em que ela poderia ser empregada, ao menos por causa da baixa taxa de lucro que ela, com o grau dado de exploração, proporcionaria.*[1376]

Se, por viver em condições sociais incompatíveis com a ânsia descontrolada do capital por sangue humano, o operário nacional não fornecer ao capital uma mais-valia adequada à sua gula irracional por sobretrabalho ele poderá migrar para outro país em que os operários vivam em condições sociais abaixo dos trabalhadores do centro desenvolvido.

> *Se se envia capital para o exterior, isso não ocorre porque ele não poderia ser empregado no próprio país. Ocorre porque ele pode ser empregado no exterior a uma taxa de lucro mais elevada. Esse capital é, porém, um capital absolutamente excedente para a população trabalhadora ocupada e para o dado país em geral. Ele existe como tal ao lado da superpopulação relativa, e esse é um exemplo de como ambos existem um ao lado do outro e se condicionam reciprocamente.*[1377]

A superprodução capitalista é sempre uma superprodução em relação à demanda com capacidade de pagamento e nunca uma produção que cresce acima das necessidades sociais. Sob esta ótica ela é sempre subprodução pois, mesmo nas fases de prosperidade a maioria da sociedade continua carecendo dos mais elementares meios de subsistência. Na sociedade capitalista *"não se produzem em demasia meios de subsistência em relação à população existente. Pelo contrário. Produzem-se muito poucos para bastar à massa da população de forma decente e humana"*[1378]. Não se produz, do mesmo modo, meios de produção em excesso para ocupar a parte da população capaz de trabalhar. Pelo

[1376] OC IIIa, p. 184. MEW 25, p. 266.
[1377] OC IIIa, p. 184. MEW 25, p. 266.
[1378] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.

contrário. Na sociedade capitalista *"primeiro, produz-se uma parte demasiado grande da população, que efetivamente não é capaz de trabalhar, que por suas circunstâncias depende da exploração do trabalho de outros ou de trabalhos que só dentro de um modo de produção miserável podem valer como tais"*[1379]. Em segundo lugar, *"não são produzidos meios de produção suficientes para que toda a população capaz de trabalhar trabalhe sob circunstâncias mais produtivas, que, portanto, seu tempo absoluto de trabalho seja encurtado pela massa e eficácia do capital constante empregado durante o tempo de trabalho"*[1380]. Na sociedade capitalista os trabalhadores amargam o desespero do desemprego não porque regularmente se produz meios de produção em quantidade insuficiente para empregar toda a classe trabalhadora, mas porque *"periodicamente são produzidos meios de trabalho e meios de subsistência em demasia para fazê-los funcionar como meios de exploração dos trabalhadores a certa taxa de lucro"*[1381]. Do mesmo modo não é porque as necessidades sociais já estão todas satisfeitas que as mercadorias não encontram compradores, mas, sim, porque na sociedade capitalista *"são produzidas mercadorias em demasia para poder realizar o valor nelas contido e a mais-valia encerrada nele sob as condições de distribuição e de consumo dadas pela produção capitalista"*[1382]. Não é porque se produz demasiada riqueza acima das necessidades totais da humanidade que a sociedade capitalista entra periodicamente em crise, mas, sim, porque *"periodicamente se produz demasiada riqueza em suas formas capitalistas, antitéticas"*[1383].

A barreira ao desenvolvimento infinito do modo de produção capitalista se mostra duplamente. Primeiro *"no fato de que o desenvolvimento da força produtiva de trabalho gera, na queda da taxa de lucro, uma lei onde em certo ponto se opõe com a maior hostilidade a seu próprio desenvolvimento, tendo de ser portanto constantemente superada por meio de crises"*[1384]. Em segundo lugar esta barreira se mostra no fato de que *"certo nível da taxa de lucro decide sobre ampliação ou limitação da produção, em vez de fazê-lo a relação entre a produção e as necessidades sociais, as necessidades de seres*

---

[1379] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.
[1380] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.
[1381] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.
[1382] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.
[1383] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 268.
[1384] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 269.

*humanos socialmente desenvolvidos"*[1385]. Por isso, antes mesmo que as necessidades do conjunto da população estejam satisfeitas o capital entra em crise por excesso de produção. Por excesso que numa sociedade organizada racionalmente apareceria como carência de produtos. *"Por isso surgem barreiras [Schranken] para ela já num grau de ampliação da produção que, ao contrário, sob o outro pressuposto, apareceria como sumamente insuficiente. Ela pára não onde a satisfação das necessidades a obriga, mas onde determina a produção e a realização de lucro"*[1386].

As crises capitalistas emanam assim, não de uma ou outra contradição em particular, da superprodução relativa ou absoluta, das desproporções, do subconsumo, da queda na taxa de lucro etc. mas, sim, da totalidade contraditória e explosiva que é o capital: *"todas as contradições da produção burguesa se patenteiam coletivamente nas crises gerais do mercado mundial, e de maneira dispersa, isolada, parcial nas crises restritas (restritas no conteúdo e na extensão)"*[1387]. Ao mesmo tempo, de uma maneira ou de outra, as crises do capital expressam sempre as contradições antagônicas e insolúveis entre capital e trabalho assalariado. As crises do capital por emanarem deste antagonismo só poderão ser superadas definitivamente quando a humanidade superar a própria produção capitalista, quando ela viver relações de trabalho livre da propriedade privada dos meios de produção, das classes sociais, da exploração de classe e da finalidade irracional posta pelo valor de troca.

### 3.7.6. Concentração e centralização do capital

A compensação da queda na taxa de valorização do capital com uma intensificação da exploração pode trazer uma compensação apenas relativa ao capital, pois, na medida em que a valorização do capital buscar se sustentar apenas numa elevada taxa de exploração, mantendo uma baixa produtividade do trabalho, ela, contraditoriamente, terá que se acumular a uma taxa menor anulando a longo prazo a compensação.

---

[1385] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 269.
[1386] OC IIIa, p. 185. MEW 25, p. 269.
[1387] Teorias da Mais-valia II, p. 968. MEW 26.2, p. 535. *"Alle Widersprüche der bürgerlichen Produktion kommen in den allgemeinen Weltmarktkrisen kollektiv zum Eklat, in den besondren Krisen (dem Inhalt und der Ausdehnung nach besonderen) nur zerstreut, isoliert, einseitig"*.

> *Uma alta taxa de lucro, à medida que ela repousa sobre uma alta taxa de mais-valia, é possível, se a jornada de trabalho é muito longa, embora o trabalho seja improdutivo; ela é possível porque as necessidades dos trabalhadores são muito exíguas, sendo por isso o salário médio muito baixo, embora o trabalho seja improdutivo.*[1388]

Um baixo nível de salário, porém, há de corresponder com a falta de energia dos trabalhadores e o capital se acumulará lentamente, apesar da alta taxa de lucro. Com baixo grau de desenvolvimento técnico o tempo de trabalho que custa para formar o produto será grande e a alta taxa de lucro, apesar dos baixos salários, não compensará o negócio. No médio prazo o negócio tende a entrar em colapso, apesar da alta taxa de exploração dos trabalhadores. *"A taxa de lucro cai não porque o trabalhador seja menos explorado, mas porque, em relação ao capital empregado, utiliza-se em geral menos trabalho"*[1389].

Esta contradição evidencia que a crise capitalista é fundamentalmente expressão das contradições insuperáveis de um modo de produção irracional que mesmo mantendo a classe operária sob um grau de necessidades sociais muito exíguos, que mesmo levando a exploração sobre os trabalhadores ao grau mais elevado possível, que mesmo evitando o uso de forças produtivas superiores não consegue livrar-se da maldita oposição que mantém com o trabalho na forma assalariada. Isto evidencia que os limites do capital estão no próprio capital e não fora dele, na Natureza como imaginava Ricardo, ou na capacidade produtiva do trabalhador.

A massa de lucro, porém, pode crescer também com taxa menor. *"Isso condiciona, no entanto, ao mesmo tempo concentração [Konzentration] de capital, já que agora as condições de produção obrigam o emprego de capital em massa"*[1390]. E o emprego de capital em massa pressupõe a concentração do capital em poucas mãos e a ruína de muitos capitalistas pequenos. A compensação da queda na taxa de lucro mediante uma expansão da grandeza do capital individual pressupõe que muitos capitais menores terão que ser destruídos para que o capital possa existir enquanto capital. Ironicamente,

---

[1388] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 255/56.
[1389] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 256.
[1390] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 256.

para que o capital possa existir como capital ele deve destruir uma parte dele próprio. A conservação do capital em geral e suas insolúveis contradições, por isso, *"condiciona igualmente a centralização [Zentralisation] do mesmo, isto é, que os pequenos capitalistas sejam engolidos pelos grandes e que os primeiros sejam descapitalizados"*[1391].

Na medida em que a participação ativa do capitalista no processo de produção se vincula diretamente com o tamanho de seu capital, na medida em que a centralização de capital compreende a eliminação não apenas dos produtores independentes, mas, também, do pequeno capitalista que desempenha ainda um certo papel ativo na produção, a concentração e centralização do capital aprofunda ainda mais a separação entre o produtor direto e as condições objetivas de trabalho.

> *É esse divórcio [Scheidung] entre condições de trabalho aqui e produtores lá que forma o conceito de capital: inaugura-se com a acumulação primitiva... aparece depois como processo constante na acumulação e concentração de capital e por fim se expressa aqui como centralização de capitais já existentes em poucas mãos e como descapitalização de muitos (nisso é que agora se transforma a expropriação).*[1392]

O primeiro passo dado pelo capital para a centralização e monopolização dos meios de produção em suas mãos, ocorreu lado a lado com o seu processo histórico de formação, com a expropriação originária dos pequenos produtores independentes da Europa medieval, dos camponeses e artesãos, e sua transformação em proletários assalariados desprovidos dos meios objetivos de produção. O segundo passo foi (com o capital já formado e pressuposto da acumulação de capital e, ainda, com a concentração em mãos do capital dos principais meios de produção da sociedade) a constância da separação entre produtores e meios de produção objetivos, a continuidade da expropriação sobre os produtores que ainda permaneciam, como o caracol e a concha, presos a seus meios de produção.

---

[1391] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 256.
[1392] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 256.

Em sua fase desenvolvida a expropriação aparece como expropriação do capital sobre ele próprio, como descapitalização dos pequenos e mais fracos capitais pelos mais fortes. Se originariamente a centralização e a concentração do capital, sua reunião em poucas e poderosas mãos, aparecia como fator positivo na formação e desenvolvimento do capital, em sua fase adulta a concentração e centralização do capital aparece como fator de negação do próprio capital enquanto muitos capitais. A contradição entre os múltiplos capitais e o capital global, ao ser negada pelo movimento de concentração e centralização tende, ao mesmo tempo, a negar o capital enquanto capital, pois este não pode existir sem a multiplicidade de capitais e a concorrência associada a eles. A fusão dos múltiplos capitais em um único e imenso monopólio levaria o capitalismo ao colapso, à destruição da lei do valor e à fixação de preços e lucros a partir de uma contabilidade inteiramente subjetiva.

Se acaso essa concentração e centralização dos capitais se realizasse como um processo harmônico e linear, sem contradições, que abolisse a propriedade individual e transformasse o capital numa única e grande propriedade monopolista, seria abolida também a chama vivificadora da concorrência, as forças produtivas do trabalho social se estagnariam, o mercado seria destruído e o capitalismo entraria em colapso. *"Esse processo levaria em breve a produção capitalista ao colapso, se tendências contrárias não atuassem constantemente, com efeito descentralizador, ao lado da força centrípeta"*[1393].

Este processo significaria para Marx o colapso do capitalismo se acaso a concorrência não se restabelecesse nos ramos que tendem, no curso da história do capitalismo, a cair nas mãos do monopólio, se acaso a concorrência não se restabelecesse entre os próprios monopólios. O próprio monopólio, ao abolir temporariamente a concorrência e ao obter para si lucros mais elevados que o lucro médio, lucros de monopólio, eleva contraditoriamente a concorrência a um plano superior, à concorrência intermonopolista, pois a centralização monopolista não elimina a aspiração dos capitais não monopolistas a se tornarem monopolistas e a concorrerem por todo o globo terrestre por posições mais vantajosas e por fatias mais extensas da mais-valia mundial.[1394]

---

[1393] OC IIIa, p. 177. MEW 25, p. 256.

[1394] Em sua obra ***O Capital Financeiro***, op. cit., Hilferding parece ver no fenômeno moderno dos monopólios apenas o aspecto da centralização sem oposição. Para ele, *"... não há limite absoluto para a cartelização. Há, antes, uma tendência à ampliação permanente da cartelização. (...) Como resultado do processo se daria então um cartel geral. A totalidade da produção capitalista é regulamentada de caso pensado por uma instância que determina o volume da produção em todas as suas esferas. (...) O preço não é, então, resultado*

Imaginar um capitalismo controlado por meia dúzia de grandes capitais monopolistas que compensariam burocraticamente sua baixa rentabilidade pondo artificialmente em suas mãos elevadas massas de lucro é cair no erro de acreditar que o capitalismo é possível sem a existência de uma multiplicidade de capitais e a concorrência no mercado mundial. Seria acreditar na existência do capitalismo como a forma absoluta de produção e não numa forma transitória que tem como função preparar as bases materiais para o surgimento de uma nova forma superior.

Para Marx,

> *assim que a formação de capital caísse exclusivamente nas mãos de alguns poucos grandes capitais completados, para os quais a massa de lucro compensa a taxa, o fogo vivificador da produção estaria extinto. Ela adormeceria. A taxa de lucro é a força impulsionadora da produção capitalista, e só se produz o que e à medida que pode ser produzido com lucro.*[1395]

A extinção da concorrência e a multiplicidade de capitais, a extinção da chama vivificadora da produção capitalista atesta unicamente que o capitalismo não constitui um modo de produção natural e eterno. Ao contrário, atesta que na medida em que suas formas de existência entram em contradição com as relações sociais de produção, deve ceder lugar a um novo modo de produção. *"O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social é a tarefa e justificativa histórica do capital. Precisamente com isso ele cria, sem que esteja consciente, as condições materiais de uma forma de produção*

---

*de uma relação objetiva contraída pelos homens, mas uma mera forma contábil de distribuição de coisas, por pessoas a pessoas. O dinheiro não desempenha pois nenhum papel. (...) Trata-se da sociedade regulamentada conscientemente em forma antagônica... No capital financeiro aparecem unidas, na sua totalidade, todas as formas parciais de capital. (...) Assim, extingue-se, no capital financeiro, o caráter particular do capital. O capital aparece como poder unitário que domina soberanamente o processo vital da sociedade; como poder que surge diretamente da propriedade dos meios de produção, das riquezas naturais e de todo o trabalho passado acumulado, e a disponibilidade do trabalho vivo aparece como nascida diretamente das relações de propriedade".* (p. 226/227). E mais adiante: *"O capital financeiro significa a uniformização do capital. Os setores do capital industrial, comercial e bancário antes separados encontram-se agora sob a direção comum das altas finanças, na qual estão reunidos, em estreita união pessoal, os senhores da indústria e dos bancos. Essa união tem por base a supressão da livre concorrência do capitalista individual por meio das grandes associações monopolistas".* (p. 283).

[1395] OC IIIa, p. 185/86. MEW 25, p. 269.

*superior*"[1396]. O Capitalismo não é *"nenhum modo de produção absoluto, mas apenas histórico, um modo de produção correspondente a certa época, limitada, de desenvolvimento das condições materiais de produção"*[1397].

Além do mais, com a crescente concentração do capital nas mãos de poucos capitalistas, com a superação da propriedade e do trabalho em suas formas privadas e a transformação destes em forças sociais da produção, o capital transforma-se num poder cada vez mais autônomo frente à sociedade e ao capitalista individual. Este se converte, ainda, num funcionário cada vez mais incapaz de regular os movimentos independentes do capital. *"Viu-se que a acumulação crescente de capital implica concentração crescente do mesmo. Assim cresce o poder do capital, a autonomização, personificada no capitalista, das condições sociais da produção em face dos produtores reais"*[1398]. E quanto mais cresce o poder do capital mais este poder se converte em poder social alienado em confronto com as necessidades reais da sociedade.

> *O capital se revela cada vez mais como poder social [gesellschaftliche Macht], cujo funcionário é o capitalista, e já não está em nenhuma relação possível com o que o trabalho de um indivíduo isolado pode criar — mas como poder social alienado e autonomizado [entfremdete, verselbständigte gesellschaftliche Macht], que como coisa, e como poder do capitalista mediante essa coisa, confronta a sociedade.*[1399]

Ao contrário da antiga relação de produção medieval em que os poderes do senhor feudal ou do mestre-artesão emanavam diretamente de relações pessoais de dependência e de um reduzido grau de divisão social do trabalho, as relações sociais capitalistas emanam diretamente da superioridade do trabalho social, da aplicação da ciência à produção e da extensão da divisão social do trabalho contidas na grande indústria.

Como poder social que subordina e organiza tudo, ou como movimento autônomo e alienado das coisas, o capital revela nos momentos de crise não apenas quanto

---

[1396] OC IIIa, p. 186. MEW 25, p. 269/70.
[1397] OC IIIa, p. 186. MEW 25, p. 270.
[1398] OC IIIa, p. 189. MEW 25, p. 274.
[1399] OC IIIa, p. 189. MEW 25, p. 274.

o operário está alienado do processo de produção, mas, também, quanto o próprio capitalista está submetido às ordens de um movimento que ele não controla, mas que, ao contrário, está controlado por ele. A crise evidencia, também, a contradição entre a aspiração do capitalista individual em dirigir e planejar o processo total de produção e o poder social que representa o capital. Como o capital não é uma coisa, mas, sim, uma relação social de produção que se realiza por meio das coisas, quanto mais o capital se desenvolve mais se desenvolve o caráter do capitalista enquanto funcionário do capital e mais os movimentos irracionais e autonomizados do capital imperam sobre sua vontade impossibilitando toda tentativa de organização racional do conjunto da produção social.

Como na medida em que se desenvolve o capital se desenvolve a contradição entre processo de trabalho e direção dos negócios, se desenvolve também a autonomia do capital frente ao capitalista e com isso, a anarquia da sociedade. Com isto torna-se, então, necessário, como concebia Marx, o aparecimento na história da humanidade de uma classe social que tome para si o controle consciente do processo de produção, tornando o poder que o trabalho social representa em fonte de vida para toda a humanidade e não em fonte de miséria como ocorre sob o capitalismo. Se o próprio capitalista enquanto representação oficial de uma determinada relação social não tem poder para evitar que a humanidade caia na barbárie nos momentos de crise, então se justifica, em nome dos interesses da humanidade, a luta particular da classe trabalhadora pela expropriação da propriedade privada capitalista, sua conversão em propriedade social e o controle consciente do processo total de produção pelos próprios produtores.

> *A contradição [Widerspruch] entre o poder social geral [allgemeinen gesellschaftlichen Macht], que o capital está se tornando, e o poder privado dos capitalistas individuais [Privatmacht der einzelnen Kapitalisten] sobre essas condições sociais de produção torna-se cada vez mais gritante e implica a dissolução [Auflösung] dessa relação, ao implicar ao mesmo tempo a reelaboração das condições de produção para torná-las condições de produção gerais, coletivas, sociais. Essa reelaboração é dada pelo*

*desenvolvimento das forças produtivas sob a produção capitalista e pela maneira como esse desenvolvimento se efetua.*[1400]

## 4. SISTEMA DE CRÉDITO E SOCIEDADE POR AÇÕES

Passada a tempestade da crise e a destruição de capitais que a sucede, a reprodução do capital é restaurada sob um grau mais elevado de centralização da propriedade em poucas e gigantescas mãos. O desenvolvimento do crédito, junto com a centralização provocada pelas crises, acelera ainda mais a reunião da propriedade de muitos capitais menores numa única e poderosa sociedade acionista. O sistema de crédito, ao pôr a disposição de todos os capitalistas individuais privados a massa da riqueza nacional, supera as limitações postas ao desenvolvimento do capital individual e converte-se na mais poderosa força econômica do capitalismo. Do dia para a noite massas de riqueza que levariam anos para se formar através da acumulação isolada de cada capitalista individual são postas a disposição da sociedade e construções que exigiam grandes massas disponíveis de riqueza como ferrovias, portos, estradas etc., são rapidamente postas em funcionamento pelo sistema creditício. Com o sistema de crédito surge a seu lado o sistema acionário. O capital, antes individual e privado, se converte numa poderosa força social de âmbito internacional. O sistema acionista, ao converter cada capitalista individual em mero acionista de uma grande empresa de porte mundial, converte a produção privada num verdadeiro sistema social de produção. *"É a abolição [Aufhebung] do capital como propriedade privada dentro [innerhalb] dos limites do próprio modo de produção capitalista"*[1401].

Com o sistema acionista o capitalista individual que atua diretamente como capitalista funcional se converte em mero portador de um título de propriedade, em mero co-proprietário de uma grande empresa que ele não controla mais diretamente. A direção dos negócios fica agora a cargo de um corpo de funcionários assalariados designados diretamente não mais pelo capitalista individual, mas por uma assembléia de acionistas.

[1400] OC IIIa, p. 189. MEW 25, p. 274/75.
[1401] OC IIIa, p. 315. MEW 25, p. 452.

Nas sociedades acionistas, assim como o produtor direto está separado da direção e organização do processo de trabalho, também a função de direção e organização do negócio está separada da propriedade do capital. Agora um corpo de gerentes assalariados e cientificamente preparados para administrar e dirigir o capital assume as funções antigamente assumidas pelo capitalista individual. A antítese entre trabalho assalariado e capital é parcialmente resolvida na grande empresa acionista: pela primeira vez tanto a produção direta da riqueza quanto a direção e administração da produção permanecem, ainda que de modo antitético, em mãos de trabalhadores assalariados. Tanto no chão de fábrica quanto nos gabinetes executivos atuam trabalhadores assalariados que trabalham não mais para um capitalista individual, mas, sim, para uma grande corporação de capitalistas anônimos que só indiretamente controlam o destino da produção. *"Esse resultado do máximo desenvolvimento da produção capitalista é um ponto de passagem necessário para a retransformação do capital em propriedade dos produtores, porém, não mais como propriedade privada de produtores individuais, mas como propriedade dos produtores associados, como propriedade diretamente social"*[1402].

A substituição do capitalista individual por um corpo de capitalistas associados que em assembléia decidem, coletivamente, os rumos futuros da produção e a substituição do capitalista diretamente ligado à administração do capital por um corpo de funcionários executivos assalariados preparados cientificamente para desempenhar esta função *"é a abolição [Aufhebung] do modo de produção capitalista dentro [innerhalb] do próprio modo de produção capitalista e, portanto, uma contradição que abole a si mesma [ein sich selbst aufhebender Widerspruch] e que prima facie se apresenta como mero ponto de transição [Übergangspunkt] para uma nova forma de produção*[1403].

A centralização da propriedade em poucas e poderosas mãos, a supressão da livre concorrência e sua substituição pela produção programada cientificamente por grandes empresas monopolistas e o desenvolvimento das sociedades por ações que criam do dia para a noite novos ramos da produção e impulsionam a sociedade capitalista a se expandir por todos os poros do planeta, não abolem as contradições reais da sociedade capitalista. A contradição fundamental, a que existe entre produção social versus apropriação privada,

---

[1402] OC IIIa, p. 315. MEW 25, p. 453.
[1403] OC IIIa, p. 316. MEW 25, p. 454.

permanece atuando de modo ainda mais violento porque a contradição entre as novas potências desenvolvidas da produção obtidas pelas sociedades anônimas e o sistema de crédito versus a capacidade limitada de consumo da sociedade não é abolida. A contradição entre as forças produtivas e as forças do consumo não é abolida porque *"a rapidez diariamente crescente, com que se pode atualmente aumentar a produção em todos os domínios da grande indústria, confronta com a lentidão sempre maior da expansão do mercado para essa produção ampliada. O que aquela produz em meses, este quase não pode absorver em anos"*[1404]. As conseqüências desta contradição continuam se manifestando regularmente: *"as conseqüências são superprodução crônica geral, preços deprimidos, lucros em baixa e até mesmo em completa desaparição"*[1405].

Como estas imensas empresas acionistas que se formam pela centralização em poucas mãos de muitos pequenos capitais fragmentados, capitais que operam com uma composição orgânica do capital menos desenvolvida que a sociedade acionista, operam com uma composição orgânica do capital extremamente elevada, o lucro em muitos ramos da produção dominados por elas podem descer a um patamar próximo ao patamar da taxa de juros. No longo prazo, por isso, tais empresas acionistas podem se tornar improdutivas para o capital.

A circunstância de que a direção do capital está agora a cargo de um corpo de funcionários cientificamente preparados para organizar a produção, não impede que a produção se desenvolva numa direção oposta à direção do consumo, como se desenvolvia quando a direção do capital estava a cargo do capitalista proprietário do capital, como pensa a maioria dos estudiosos da programação monopolista da produção. A superprodução de mercadorias e de capital e a especulação e as fraudes comerciais não apenas não são abolidas com a programação científica da produção pelos executivos assalariados do capital como, ainda, tornam-se mais desenvolvidas que antes. Como o diretor executivo dirige um capital alheio o receio de perder dinheiro e ultrapassar todos os limites razoáveis da produção não afligem sua consciência como aflige a consciência do capitalista individual proprietário do capital. A superprodução e a superespeculação se tornam mais desenvolvidas e irracionais com as sociedades acionistas *"porque grande parte do capital*

---

[1404] OC IIIa, p. 315. MEW 25, p. 453. Nota adicional de Engels ao corpo do texto.
[1405] OC IIIa, p. 316. MEW 25, p. 453. Nota adicional de Engels ao corpo do texto.

*social é aplicada por não-proprietários do mesmo, que procedem, por isso, de maneira bem diversa do proprietário, que avalia receosamente os limites de seu capital privado, à medida que ele mesmo funciona"*[1406]. O sistema de crédito e as sociedades monopolistas de propriedade acionária não abolem as contradições reais da sociedade capitalista, como parece acreditar boa parte dos estudiosos do capitalismo moderno que, desde Hilferding, acreditam que o capital financeiro que domina cientificamente as sociedades por ações possa dominar, também cientificamente, toda a sociedade. O capital financeiro não pode dominar cientificamente toda a sociedade porque, como procuramos expor neste trabalho, enquanto não forem superadas as contradições mais simples da mercadoria como a contradição entre valor de uso e valor, nenhuma contradição real da sociedade capitalista pode ser verdadeiramente abolida. O capital financeiro não pode dominar cientificamente a sociedade e dominar as contradições porque o domínio científico da sociedade pressupõe o domínio das contradições, coisa impossível na ordem do capital, seja esta ordem a ordem do capitalista individual dos primeiros tempos do capitalismo ou a ordem do grande capital monopolista de nosso tempo.

O sistema de crédito não apenas acelera o desenvolvimento das forças produtivas materiais e desenvolve o capitalismo como um sistema mundial de produção, não apenas abole certas contradições menos profundas do capital, mas cria, ainda, novas contradições, como a que existe entre propriedade e direção dos negócios, não apenas abole contradições mais superficiais e põe outras mais profundas em seu lugar, mas, *"ao mesmo tempo, o crédito acelera as erupções violentas dessa contradição, as crises e, com isso, os elementos da dissolução do antigo modo de produção"*[1407]. A natureza dúplice imanente ao sistema de crédito, desenvolver, por um lado, as forças produtivas do capital como forças sociais da produção em âmbito mundial e limitar cada vez mais o número de capitalistas que exploram as forças grandiosas da riqueza social, desenvolve por outro lado as condições materiais e sociais necessárias *"para constituir a forma de transição [Übergangsform] para um novo modo de produção"*[1408].

---

[1406] OC IIIa, p. 318. MEW 25, p. 457.
[1407] OC IIIa, p. 318. MEW 25, p. 457.
[1408] OC IIIa, p. 318. MEW 25, p. 457.

# CONCLUSÃO

**Sobre o conceito de crise**: mostramos que é possível encontrar em Marx uma teoria coerente sobre as crises do capital, uma teoria dialética que parta da análise das possibilidades mais formais e abstratas da crise até sua conversão em realidade. Este processo só pode ser demonstrado junto com a demonstração do processo global de desenvolvimento do capital. O conceito de crise do capital é indissociável do conceito de capital, por isso, nossa análise sobre o desenvolvimento da crise acompanhou o desenvolvimento do conceito de capital exposto por Marx no três livros que compõem *O Capital*. Vejamos resumidamente como a crise se desenvolve dialeticamente da possibilidade abstrata à sua realidade no conjunto dos três livros.

**Livro Primeiro**: A possibilidade mais abstrata e imediata das crises inicia junto com a exposição dos conceitos mais simples, imediatos e abstratos do capital como valor de uso e valor, mercadoria e dinheiro e trabalho concreto e trabalho abstrato. A possibilidade mais imediata e abstrata da crise surge do caráter dual da mercadoria de servir simultaneamente como valor de uso e portadora do valor. A contradição entre valor de uso e valor forma a primeira e mais abstrata possibilidade de crise porque como mercadoria, o produto não possui valor de uso imediato para o produtor e para servir como valor de uso social a mercadoria precisa ser convertida na forma antitética do valor de troca. Como mercadoria o produto possui valor de uso para o produtor apenas na medida em que serve de portador do valor de troca. Como o valor de troca está guardado em bolso alheio e como a utilidade social do produto só se revela *post festum*, a possibilidade da mercadoria não se converter em dinheiro abre a primeira e mais abstrata possibilidade de crise. É uma possibilidade ainda meramente formal porque está determinada pela formalidade do ato de troca, ato ainda sem conteúdo concreto determinado.

A segunda possibilidade ainda abstrata da crise é dada pelo duplo caráter do trabalho como trabalho concreto e trabalho abstrato. Como a elevação da força produtiva do trabalho concreto eleva a massa de valores de uso em circulação sem elevar, simultaneamente, a massa de compradores para este mesmo quantum acrescido de riqueza, surge então a possibilidade de parte da produção não encontrar número suficiente de compradores para realizar o valor integral das mercadorias.

Como a mercadoria organiza os diferentes produtores privados dentro de uma divisão social do trabalho que separa a produção imediata da riqueza das necessidades de consumo da sociedade, como o produto em sua forma natural não se apresenta mais diretamente como produto social, como a utilidade social do produto só se revela *post festum* mediada pela esfera tortuosa do mercado abre-se, então, aí nova possibilidade formal e abstrata para a cisão entre produção e consumo humano e uma interrupção do processo de produção baseado na forma-mercadoria do produto.

Como o produto de nosso produtor privado é um não-valor de uso para si mesmo, como nosso produtor privado de mercadorias só pode satisfazer suas necessidades sociais mediante alienação de seu produto, então nosso produtor deve se contrapor no mercado com o portador do dinheiro para aí realizar o valor de sua mercadoria. Como o processo de troca está dissociado em duas fases contrapostas, como a pressa do comprador de mercadorias não é a mesma do vendedor, como, por um lado, a riqueza de nosso produtor privado de mercadorias se encontra sob uma forma particular e natural de riqueza e, por outro lado, a forma universal e fluída da riqueza, o dinheiro, se encontra em bolso alheio, então a possibilidade do dinheiro não amar a mercadoria com a mesma intensidade que a mercadoria ama o dinheiro é uma possibilidade de crise que surge do próprio caráter dual da mercadoria, de seu caráter de valor de uso e portadora do valor de troca e da necessidade da mercadoria se converter em dinheiro. A crise surge ainda do caráter antitético da mercadoria e do dinheiro, enquanto a mercadoria representa a forma particular e natural da riqueza, o dinheiro representa a forma universal e socialmente válida da riqueza. Se a conversão da forma particular para a forma universal da riqueza não se realizar nosso produtor privado de mercadorias cai na falência.

Uma nova possibilidade de crise, mais determinada e concreta que as possibilidades anteriores, surge da função do dinheiro como meio de pagamento, isto é, do

dinheiro que já começa a funcionar como capital. Como meio de pagamento o dinheiro atua duplamente no processo de troca. Primeiro como medida ideal do valor e, *post festum*, como realização efetiva do valor. A dualidade do dinheiro em sua forma de meio de pagamento e a possibilidade desta dualidade se romper definitivamente abre uma possibilidade de crise por falta de meios de pagamento que já se aproxima das condições reais da produção capitalista.

Uma possibilidade de crise, mais determinada que as anteriores, surge da contradição entre processo de trabalho e processo de valorização do valor, da contradição entre tempo de trabalho necessário e tempo de trabalho excedente, da contradição entre trabalho pago e não-pago, das contradições enfim, que surgem da esfera da produção propriamente capitalista. Como o trabalhador que está posto aí é um mero agente da produção e não do consumo, como o trabalhador que está posto aí não se comporta com a riqueza que ele mesmo produz como meio de desfrute e consumo pessoal, então a possibilidade de uma separação entre produção e consumo e de uma crise geral de superprodução se torna mais efetiva.

Com a passagem da produção da mais-valia absoluta para a produção da mais-valia relativa a possibilidade de uma cisão violenta entre as condições de produção e as condições de consumo se torna menos abstrata ainda e ganha um conteúdo bastante determinado, o conteúdo dado pelo caráter antagônico das relações de produção e consumo da sociedade capitalista. Como a produção de mais-valia relativa eleva absolutamente a capacidade de produção do trabalhador numa mesma jornada de trabalho dada sem, contudo, elevar na mesma escala a capacidade absoluta de consumo do trabalhador, então a possibilidade de uma cisão ainda mais violenta entre produção e consumo se torna mais efetiva.

Nesta altura da exposição as categorias mais abstratas e superficiais da sociedade burguesa, categorias como mercadoria e dinheiro, valor de uso e valor, trabalho concreto e trabalho abstrato etc., já estão superadas pelo desenvolvimento dialético da exposição. A superação da falsa identidade que parecia existir entre produtor e vendedor de mercadorias, assim como a falsa identidade que parecia existir entre compradores e consumidores da riqueza já estão superadas pela dialética implacável de Marx. Como agora, com a produção da mais-valia, aquele que compra, vende e consome a riqueza

produzida não é o mesmo que a produz, a falsa, e abstrata, identidade entre comprador e vendedor de mercadorias e produtor e consumidor delas foi superada e posta em seu lugar a verdadeira separação e oposição entre produtor e consumidor da riqueza e entre comprador e vendedor dela. Como agora quem compra e vende a mercadoria não é mais o mesmo que a produz, a possibilidade de uma separação violenta entre estes pólos antagônicos (compra e venda e produção e consumo) é uma possibilidade bastante real e muito distante de nossas possibilidades meramente abstratas e formais que surgiam inicialmente na esfera da circulação simples da riqueza.

Com a passagem da esfera abstrata da produção da mais-valia relativa para a análise de suas formas históricas de produção, a possibilidade de uma separação violenta entre todos os pólos contraditórios que formam o conceito de capital, pólos como mercadoria e dinheiro, valor de uso e valor, trabalho concreto e abstrato, processo de trabalho e processo de valorização, processo de produção e processo de realização do valor etc., se aproximam das condições históricas e mais determinadas da produção da riqueza em forma capitalista. Com o surgimento da divisão manufatureira do trabalho a possibilidade de uma cisão inconciliável entre produção privada e consumo social começa a ganhar uma determinação não apenas conceitual e abstrata, mas, sobretudo, histórica. Se, por um lado, a divisão manufatureira do trabalho se apoia no mais completo despotismo técnico no interior de cada manufatura individualmente, no exterior da manufatura reina a anarquia e a irracionalidade do valor de troca. Se, por um lado, a divisão manufatureira concentra os meios de produção em mãos de um único capitalista individual, por outro lado, a divisão social do trabalho fragmenta e fraciona estes mesmos meios de produção num número indefinido de proprietários privados isolados e reciprocamente indiferentes.

Com o surgimento da grande indústria baseada na maquinaria a possibilidade de uma fissura violenta entre produção e consumo ganha novas determinações. Se, por um lado, a grande indústria organiza cada unidade individual e isolada de produção sob um sistema articulado de máquinas, por outro lado, fora da fábrica reina a mais completa desarticulação social entre uma fábrica e outra e entre um ramo da produção e outro. Se, por um lado, o sistema de maquinaria eleva a cooperação do trabalho no interior de cada fábrica a níveis próximos da perfeição, por outro lado, na sociedade reina a mais completa ausência de cooperação consciente e racional entre os diferentes

capitais individuais. A possibilidade de um rompimento violento dessa dicotomia entre sistema articulado de máquinas no interior de cada oficina e sistema desarticulado no interior da sociedade põe novamente a possibilidade de uma crise geral de superprodução.

Como o emprego consciente de maquinaria no interior de cada oficina eleva absolutamente a capacidade produtiva do trabalhador sem, contudo, elevar na mesma medida sua capacidade de consumo, como o sistema de maquinaria aumenta a distância entre o trabalhador e a riqueza que ele produz, então a possibilidade da riqueza seguir um curso absolutamente contraditório com o curso do consumo põe uma nova possibilidade de crise de superprodução na sociedade. Como o emprego de maquinaria possui uma contradição impossível de ser evitada, aquela que, por um lado aumenta a taxa de exploração por unidade de trabalhador, mas por outro lado diminui o quantum de trabalhadores sobre o qual esta taxa é aplicada, então a possibilidade de uma crise e paralisia na produção se torna inevitável para o capitalista. Como o emprego de maquinaria na produção sob base capitalista aumenta, por um lado, a força produtiva do conjunto da classe trabalhadora, mas, por outro lado, diminui a massa relativa, e até mesmo absoluta, dos membros desta classe que poderão desfrutar da riqueza, então está posta aí uma nova possibilidade de crise oriunda do caráter capitalista da maquinaria.

Como o capitalista acumula capital convertendo sua renda em capital e, assim, diminuindo sua participação relativa no desfrute da riqueza social, como a acumulação de capital se desenvolve restringindo o consumo relativo, tanto da classe capitalista quanto da classe trabalhadora, então está posta aí uma nova possibilidade de produção e consumo da riqueza se separarem de forma violenta e explosiva. Como a acumulação de capital converte a produção capitalista numa produção pela produção sem consideração imediata pelo consumo humano, então a possibilidade de uma fissura inconciliável entre produção e consumo está novamente posta pelo caráter capitalista da reprodução social. A reprodução social do capital não apenas reproduz anualmente, em escala simples ou ampliada, a riqueza consumida durante o ano, mas reproduz, sobretudo, todas as contradições da sociedade capitalista desde as mais simples às mais determinadas.

A acumulação com composição orgânica crescente do capital põe novas contradições no ser-capital que só poderão ser parcialmente resolvidas com uma brusca crise econômica. Com composição orgânica crescente o capital se desenvolve numa escala

cada vez mais veloz enquanto que a capacidade de consumo total da classe trabalhadora tende a cair relativamente. A acumulação com composição orgânica crescente do capital põe uma nova distância e separação entre o conjunto da classe trabalhadora e o conjunto da produção social em crescimento. Com a acumulação com composição orgânica crescente do capital o fosso entre produção e consumo se alarga a escalas cada vez mais assustadoras. Enquanto o ser-capital se reproduz numa velocidade supersônica a capacidade de consumo da classe trabalhadora se reproduz com a mesma velocidade, contudo, numa direção inteiramente oposta. Na mesma medida em que cresce o poder de produção do capital cai a capacidade de consumo da sociedade. Desta contradição surge uma nova possibilidade de crise para o capital.

Com a concentração e centralização do capital novamente a possibilidade de uma crise se põe no caminho da acumulação capitalista. Com a concentração e centralização do capital as forças produtivas do trabalho social ganham novo impulso assustador e rompem todas as barreiras nacionais postas pela reprodução simples. Por outro lado, porém, o pequeno produtor cai na ruína e massas inteiras de trabalhadores são jogadas no exército industrial de reserva. O gosto pelo luxo e a faustosidade do consumo dos novos capitalistas em ascensão não compensam a queda na demanda social, pois o esbanjamento e os prazeres do consumo em alta desenvolvem-se apenas no interior de uma camada cada vez mais restrita da sociedade. O fosso entre produção e consumo social volta, assim, a se abrir e a possibilidade de uma separação abrupta e violenta entre o pólo da produção e o pólo do consumo volta a ser posta pelo próprio capital.

Frente à lei geral da produção capitalista, produzir segundo o nível das forças produtivas já desenvolvidas e segundo a gula irracional e desmedida do capitalista individual por sobretrabalho humano, se contrapõe agora uma nova lei geral da acumulação capitalista: o empobrecimento cada vez mais profundo da classe trabalhadora mundial, tanto da camada ativa quanto da camada inativa. As forças da produção em alta voltam a se chocar de modo cada vez mais violento e catastrófico com as forças do consumo em queda. Na mesma medida em que a riqueza capitalista se desenvolve, se desenvolve a seu lado a miséria da sociedade e a possibilidade de uma nova separação violenta entre produção e consumo social.

Finalmente, com a análise da acumulação primitiva de capital o princípio que fundamenta a separação entre a produção e o consumo e entre o trabalhador e a riqueza que ele mesmo produz está posto. Com a análise da acumulação primitiva de capital o princípio que fundamenta todas as contradições do capital, desde as mais simples e abstratas às mais determinadas, está finalmente desvelado. A sociedade capitalista e suas insolúveis contradições se fundamentam na separação do trabalhador dos meios de produção e subsistência. As crises do capital possuem seu princípio mais imanente nesta separação do trabalhador dos meios objetivos de produção. Todas as antíteses e contradições mais ou menos desenvolvidas da acumulação capitalista estão pressupostas nesta separação do trabalhador dos meios objetivos de produção. Finalmente toda a artimanha conceitual está desvelada: as crises do capital emanam da natureza contraditória que é o próprio capital e da absoluta incompatibilidade entre trabalhador e capitalista. As crises e a série interminável de contradições do capital são nada menos que o desenvolvimento desta incompatibilidade real e inconciliável entre o trabalhador e os meios de produção da riqueza. Todas as contradições expostas durante o longo processo de exposição refletem ao nível dos conceitos, nada menos que esta separação real do trabalhador frente à propriedade dos meios de produção objetivos da riqueza. Posta esta separação como pressuposto para as crises do capital, estas só encontram sua solução definitiva e verdadeira reconstituindo a unidade original entre trabalhador e meios objetivos de produção.

**Livro Segundo**: desvelado o pressuposto do capital e das crises a análise das contradições na esfera da circulação da riqueza postas no Livro Segundo parte desta descoberta. Nosso ponto de partida, ainda que abstrato, está mais determinado que anteriormente. Agora partimos da esfera da circulação do produto como produto do capital e não de uma abstrata esfera da circulação simples de mercadorias como concebíamos no começo do Livro Primeiro.

Produzida a mais-valia, trata-se agora de realizá-la. Por isso, no Livro Segundo o processo de valorização capitalista desdobra-se em processo de produção e processo de circulação de mercadorias. O processo total de valorização do capital-industrial se desdobra, ainda, na tripla forma funcional de capital-monetário, capital-produtivo e capital-mercadoria. Estas formas funcionais do capital industrial não apenas fluem num

movimento contínuo e consecutivo como, ainda, correm paralelamente uma ao lado da outra. O capital apresenta-se pela primeira vez como processo verdadeiramente contínuo e ininterrupto de valorização do valor. O capital aparece, assim, como movimento e nunca como repouso. A possibilidade de uma crise e interrupção brusca da reprodução do capital surge da possibilidade de uma forma funcional não se converter na forma seguinte com o mesmo fluxo e velocidade habitual.

A possibilidade de uma separação brusca da reprodução do capital social surge, ainda, porque a produção capitalista é produção em larga escala e não produz, por isso, diretamente para o consumidor individual, mas, sim, para o grande comerciante atacadista. Como entre a produção em larga escala da grande indústria e o consumidor individual final se interpõe o comerciante atacadista e o comerciante varejista, a possibilidade do mercado ser inundado por um excesso de mercadorias além das necessidades individuais é uma possibilidade real. Como do ponto de vista do industrial sua mais-valia já está realizada na venda ao grande comerciante atacadista, o tempo de circulação da mercadoria que vai das mãos do grande comerciante atacadista às mãos do consumidor final é preenchido pelo fabricante com tempo de produção de novas mercadorias. Enquanto parte das mercadorias velhas ainda circulam no mercado em busca do consumidor final novas mercadorias são continuamente lançadas inundando o mercado com excesso de produtos.

As revoluções periódicas do valor põem novas possibilidades de uma separação violenta entre produção e consumo. Caso o valor das mercadorias sofrer uma brusca e violenta mudança durante o processo de realização do valor, o processo de produção pode entrar em colapso porque o capitalista individual não conseguirá realizar o valor integral das mercadorias e, caso trabalhe com dinheiro alheio, suas dívidas não serão quitadas integralmente podendo entrar em falência por insolvência com os credores. Quanto mais profundas forem as revoluções do valor maior a tendência do capital individual se lançar em aventuras na esfera da especulação comercial e abalar ainda mais as condições para a reprodução normal do capital-industrial.

Uma nova possibilidade de crise surge da seguinte contradição do capital: como sua oferta total no mercado é $M' = c + v + m$, mas sua demanda é apenas $M = c + v$, a parte da produção correspondente a $m$ circula no mercado sem encontrar diretamente

comprador como encontram *c* e *v*. A demanda de consumo capitalista, por isso, é sempre menos desenvolvida que a oferta de produtos. O mercado de consumo, por isso, necessita ser continuamente expandido para todos os poros do planeta para que a gula irracional do capital por mais-valor seja saciada. Como oferta e demanda capitalista se ligam por laços fortuitos e ocasionais e nunca por um plano social racionalmente pensado, a possibilidade de ocorrer uma fissura entre produção e consumo e uma crise abrupta entre estes pólos é uma possibilidade posta pelas próprias contradições do capital.

Como tempo de produção e tempo de circulação da mercadoria são tempos reciprocamente excludentes, o capital tende a desenvolver as forças produtivas do trabalho social empregado na esfera da circulação de mercadorias unicamente para converter todo o tempo de circulação em tempo de produção de novas mercadorias. Como, ainda, o tempo de produção é um tempo que se opõe ao tempo de trabalho, como ambos são tempos reciprocamente excludentes, o capital tende a desenvolver as forças de produção da sociedade para eliminar esta oposição e converter todo o tempo de produção em tempo de trabalho. Com esta dupla contradição o capital tende a desenvolver alucinadamente todas as forças produtivas do trabalho social para converter todo o tempo dos homens em tempo de produção de novas mercadorias. Como o tempo destinado ao consumo não é posto racionalmente pelo capital, como o tempo dos homens destinado ao consumo é um tempo que está fora do controle do capital, como este tempo é um tempo posto fortuitamente, a possibilidade do mercado ser inundado por mercadorias invendáveis está posta pela contradição entre tempo de produção e tempo de trabalho e tempo de produção e tempo de circulação.

Como o capital fixo é uma forma de capital que está em contradição com o conceito de capital, como no conceito de capital está pressuposto o movimento contínuo do valor e sua passagem ininterrupta de uma forma de valor a outra, o capital tende novamente a desenvolver todas as forças produtivas da sociedade para reduzir esta oposição entre o capital fixo, que permanece contraditoriamente em repouso por certo número de anos sem se valorizar, e o conceito geral de capital. Como o capital não põe o consumo humano com a mesma cientificidade que põe a produção da riqueza, abre-se aí uma nova possibilidade das forças desenvolvidas da produção não se encontrarem com as forças não-desenvolvidas do consumo humano.

Como a riqueza anual da sociedade se reproduz segundo o nível das forças produtivas já desenvolvidas e segundo a gula irracional do capital por sobretrabalho humano e não segundo um plano previamente traçado pela sociedade que distribui racionalmente todas as forças produtivas segundo suas necessidades de consumo, então a possibilidade de uma separação violenta entre produção e consumo humano está novamente posta.

Como a totalidade das forças produtivas da sociedade se distribui entre os diferentes ramos da produção segundo o gênio autodeterminante do capitalista individual e não segundo o gênio racional da sociedade, a possibilidade de ocorrer uma crise provocada por uma aplicação desproporcional de trabalho entre os diferentes ramos da produção se torna evidente.

**Livro Terceiro**: Produzida e realizada a mais-valia global, agora se trata de reparti-la entre a confraria dos capitais individuais. No Livro Terceiro, finalmente, o capital converte-se em realidade. Posta a pluralidade dos capitais individuais e a fúria da concorrência que os irmãos inimigos travam entre si, todas as contradições e conceitos mais abstratos analisados e desenvolvidos nos Livros Primeiro e Segundo se convertem em realidade. Agora não apenas estão postas abstratamente as leis e tendências gerais da sociedade capitalista, mas, sobretudo, estão postas as condições de conversão destas leis abstratas e genéricas em realidade. A fúria da concorrência e a luta desencadeada entre os muitos irmãos inimigos que se odeiam convertem agora em realidade todas estas abstratas e genéricas leis desenvolvidas nos Livros Primeiro e Segundo. Postas as tendências e leis gerais do capital nos dois primeiros livros, no Livro Terceiro tratar-se-á de realizá-las. Do mesmo modo, postas as possibilidades mais genéricas e abstratas da crise nos dois primeiros livros, trata-se agora de converter estas possibilidades da crise em realidade.

A crise se converte em realidade porque agora, no Livro Terceiro, não se trata mais de analisar a sociedade capitalista com seus conceitos e leis gerais, mas se trata de analisar como estes conceitos e leis gerais se realizam na realidade concreta, na realidade turvada da concorrência e da luta pela apropriação da mais-valia já produzida e realizada. Neste nível concreto as diversas possibilidades abstratas de crise se convertem em realidade porque o fim de todo capitalista individual é a apropriação da maior massa de lucro possível, a forma mistificada, porém determinada, da mais-valia. Se a massa de lucro

apropriada em relação com o capital global aplicado cair, como tende a cair ao longo do processo de acumulação capitalista, então a crise passa da possibilidade à realidade porque o fim do capital entra em colapso. Com a queda tendencial da taxa de lucro a crise se converte, então, de mera possibilidade em realidade.

Nos Livros Primeiro e Segundo considerávamos que a finalidade de todo capitalista individual era a apropriação da maior massa possível de sobretrabalho em sua forma genérica e abstrata. Por isso, os dois primeiros livros não são concebidos como livros que tratam diretamente da realidade capitalista em sua configuração concreta. Na prática diária dos negócios o capitalista individual não almeja se apropriar de sobretrabalho em sua forma genérica, a forma representada pela mais-valia, mas almeja, sim, se apropriar do lucro, a forma modificada e concreta da mais-valia que remunera o capital não segundo a regra geral do número de trabalhadores que ele emprega, mas segundo o volume de capital global empregado.

Como o capitalista prático orienta seu faro para os negócios de acordo com as oscilações na taxa de lucro e não segundo as oscilações na taxa de mais-valia, toda vez que a taxa de lucro cair a um nível muito baixo o capital tende a paralisar a produção e converter todas as possibilidades abstratas de crise em realidade. Se a produção se destina diretamente ao consumo humano ou não, se o trabalho no interior da sociedade se distribui de acordo com as necessidades humanas ou não, se os trabalhadores não se reproduzem como trabalhadores, mas como indigentes e se produção e consumo constituem dois pólos que se refutam mutuamente no interior da sociedade, nada disso põe em crise a sociedade capitalista e suas necessidades. Contudo, se o capital individual não se valorizar na mesma velocidade habitual e se a cada novo investimento o capital individual se apropriar de uma massa de lucro menor, então todas as possibilidades de crise analisadas nos Livros Primeiro e Segundo se convertem em realidade porque a taxa de lucro do capital está em queda.

Como a queda da taxa de lucro afeta diretamente os interesses do capitalista individual, diferente das diversas possibilidades abstratas de crise que o afetavam apenas indiretamente, ele não hesita em paralisar a produção e pôr em desordem toda a sociedade unicamente para poder atuar como capitalista e voltar a valorizar seu capital dentro de condições melhores. Com a queda tendencial da taxa de lucro, então, todas as diversas

possibilidades formais e abstratas de crise explodem simultaneamente no mercado mundial pondo efetivamente em desordem toda a sociedade capitalista.

Apresentada deste modo dialético, podemos dizer, ao contrário de Rosdolsky e de toda a historiografia marxista sobre as crises, que Marx possui, sim, uma teoria sobre as crises do capital, que esta teoria não está posta em nenhum texto canônico e irrefutável, que as crises não são impulsionadas por nenhuma causa especial, como a superprodução, o subconsumo, a desproporção intersetorial e a queda da taxa de lucro, mas que as crises são impulsionadas pelo próprio desenvolvimento do conceito de capital. A compreensão das crises, por isso, é inseparável da compreensão do conceito de capital. Assim como teoricamente seria errôneo querer encontrar causas para o conceito de capital também seria errôneo buscar causas para o conceito de crise. As crises não possuem uma causa determinada, aquilo que comumente é chamado de causas das crises é nada mais que as formas mais abstratas dela, como a superprodução, o subconsumo e a desproporção. A tendência de queda na taxa de lucro também não pode, do mesmo modo, ser concebida como causa fundamental da crise. Ela é a determinação implosiva que surge impulsionada pela totalidade de contradições originadas na contradição da luta de classes, contradição que está posta como fundamento de todo o processo contraditório que é o capital, como e enquanto conceito.

**Sobre o colapso inevitável do capitalismo**: mostramos que o desenvolvimento do conceito de capital e de crise é um desenvolvimento contraditório, mostramos que o capital não apenas põe suas próprias contradições, mas, mostramos, sobretudo, que o capital também põe, simultaneamente, as soluções para suas próprias contradições. O capital é processo ininterrupto que simultaneamente põe e resolve suas próprias contradições. Assim como o capital tende a um desenvolvimento absoluto das forças produtivas da sociedade sem consideração pelos limites do consumo humano, ele tende, do mesmo modo, a pôr suas próprias necessidades irracionais como campo de consumo para seus produtos.

O capital se acumula, por isso, produzindo para ele próprio, como concluíram Hilferding e Tugán-Baranovski. Contudo, ao contrário das teses otimistas destes dois autores, o capital é uma força histórica incapaz de ser regulada racionalmente

pela sociedade, o capital é a mais pura contradição em processo e todas as suas contradições estão postas em categorias simples como valor de uso e valor, mercadoria e dinheiro, trabalho concreto e trabalho abstrato, processo de produção e processo de realização, tempo de produção e tempo de trabalho, tempo de produção e tempo de circulação, capital fixo e capital circulante enfim, em categorias plenamente atuais do capitalismo tardio de nosso tempo.

Hilferding e Tugán-Baranovski, e depois uma legião de economistas influenciados por eles, acreditavam que com a emergência das sociedades anônimas e do capital financeiro que centralizam em suas mãos os principais ramos de negócios do planeta seria possível certa racionalização e planejamento científico do conjunto da sociedade capitalista. Ambos acreditavam que o sistema financeiro havia superado a oposição entre capital social e capitalista individual. Procuramos mostrar que esta superação é impossível dentro da ordem capitalista pelos seguintes motivos. Primeiro: o capital pressupõe a existência do capitalista individual ambicioso, competitivo e violento. O conceito de capital pressupõe a paixão violenta e irracional do capitalista individual por dinheiro. Segundo: o capitalista individual não produz seu produto como valor de uso para si mesmo. Para ele, seu produto só possui valor de uso como portador material do valor de troca. Esta contradição implica, necessariamente, na existência de um segundo capitalista individual que transaciona com o primeiro.

Se o capitalista individual foi abolido com a noção de capital universal, como pensava Hilferding, com quem este único capital universal transaciona seus produtos? Provamos, contra as teses de Malthus e Rosa Luxemburg, que não pode ser com nenhuma terceira categoria de consumidores porque o que importa explicar não é como a mais-valia total se distribui dentro da sociedade, mas, sim, como ela se realiza na esfera da circulação. Se agora existe um único e imenso capital universal que organiza racionalmente o conjunto da sociedade, com quem transaciona este único capital? Se o produto da sociedade capitalista continua sendo produzido sob a forma de mercadoria, e como mercadoria sabemos que o produto é um não-valor de uso para seu produtor, com quem transaciona sua mercadoria este grande e imenso capital universal? As contradições das teses de Hilferding, e de todos aqueles que mais ou menos se aproximam destas teses, são evidentes. Por isso, podemos concluir que, se por um lado o capital não tende a um colapso

econômico inevitável e arrasador, não tende do mesmo modo a se converter num processo racional de produção posto pelo capital financeiro mundial.

Mostramos, com a análise das contra-tendências à queda da taxa de lucro, que o capital não tende automaticamente para uma morte natural e inevitável porque, ao mesmo tempo em que cai a queda na taxa de lucro nos principais ramos da sociedade, em outros ramos menos desenvolvidos se desenvolve uma acumulação de capital que se apoia na mais profunda exploração do trabalhador mundial compensando relativamente a queda na massa de lucro. Mostramos que as contratendências à queda da taxa de lucro são idênticas aos métodos da acumulação primitiva convertidos em métodos da acumulação de capital, métodos que em última instância se apoiam na mais profunda expropriação privada da riqueza social e na mais profunda exploração do proletariado mundial. Mostramos que estes mesmos métodos da acumulação primitiva só aparentemente foram superados pela acumulação capitalista de capital. Mostramos que as contratendências amenizadoras da queda da taxa de lucro convertem esta queda numa tendência de longo prazo que pode ser abreviada e compensada pelos métodos atualizados da acumulação primitiva de capital, pelos métodos da acumulação capitalista de capital que não objetivam mais formar o capital, mas, sim, garantir sua reprodução regular. Mostramos na análise da queda tendencial da taxa de lucro que esta não põe o colapso inevitável da sociedade capitalista, mas, põe, sim, a concentração e centralização do capital em escala mais elevada, pondo, assim, ainda que sob formas antitéticas, a solução dialética para as contradições do capital.

Mostramos, ainda, que o futuro da acumulação capitalista não tende a um colapso abrupto e inevitável e a uma morte natural sem luta, mas, sim, a uma lenta agonia e imolação no tempo. Mostramos que as tendências futuras da acumulação capitalista estavam, na concepção de Marx, mais próximas da idéia de Estado Estacionário da Economia Política Clássica do que da idéia de um colapso desastroso e irrecuperável. Com a formação de uma superpopulação trabalhadora cada vez mais numerosa, os ciclos de prosperidade tendiam a ser cada vez mais curtos em oposição aos períodos de depressão e lenta recuperação que tendiam a ser mais longos. O futuro do capitalismo prognosticado por Marx estaria, assim, muito mais próximo da realidade do capitalismo contemporâneo do que das previsões catastrofistas e finalistas de Rosa Luxemburg. Os ciclos de prosperidade econômica tendiam não apenas a se tornarem mais curtos, mas, ainda, a ceder

lugar aos ciclos de depressão e destruição violenta de capital seguidos de uma lenta e incipiente recuperação do nível de desenvolvimento já conquistado historicamente. Um novo salto histórico no desenvolvimento das forças produtivas no interior das relações capitalistas de produção não seria possível se apoiando nas forças produtivas já desenvolvidas, mas, sim, mediante violenta e irracional destruição destas forças produtivas.

Por último, as crises e a destruição de capital não põem um desastroso e abrupto colapso econômico seguidos da morte natural do capitalismo e da revolução socialista, elas põem, sim, a concentração e centralização mais elevada do capital e a conversão da pequena propriedade isolada e nacional num grande sistema de produção mundial baseado nas sociedades acionárias. As sociedades por ações e uma lenta imolação e agonia no tempo, e não um colapso econômico abrupto e violento seguido da revolução operária, solucionam dialeticamente, ainda que sob formas antitéticas, o processo de acumulação de capital.

Sabemos que o longo processo de exposição projetado por Marx ficou inacabado. Assim como o Livro Primeiro fora encerrado pondo-se a nu o princípio gerador e ordenador do capital, a luta de classes e suas conseqüências revolucionárias, assim como ao final do processo de exposição fora posta a negação da negação e a luta de classes aberta entre capital e trabalho como princípio e resultado do capital, Marx pretendia encerrar o Livro Terceiro e, assim, o conjunto da exposição, expondo do mesmo modo a luta de classes não mais em sua determinação geral e abstrata, mas, sim, a luta de classes em sua configuração real.

No conhecido, e inacabado, capítulo 52 do Livro Terceiro Marx pretende encerrar o longo processo de exposição pondo as classes da sociedade capitalista (proletários, capitalistas e proprietários fundiários) em suas relações de luta real. Certamente neste capítulo, que Marx não pretendia desenvolver abstratamente, mas, sim, a partir dos acontecimentos que se desenrolavam em seu próprio tempo, todo o processo contraditório desenvolvido ao longo dos três livros seria encerrado mostrando como a existência das classes conduz à luta de classes e esta à ditadura revolucionária do proletariado, isto é, em termos abstratos, à negação da negação da sociedade capitalista e sua substituição por uma forma nova e mais desenvolvida, a forma determinada do socialismo. De certo modo, o longo processo de exposição não é encerrado de modo

"dialético", mas, sim, de modo aporético pois o futuro da acumulação de capital dependerá do resultado da luta de classes real que ocorre entre capitalistas, proletários e proprietários fundiários. Marx nunca acabara este capítulo exatamente porque esperava que os acontecimentos históricos de sua própria época confirmassem sua teoria: de que o capital conduz à luta de classes entre capitalistas e trabalhadores e esta luta conduz à negação da negação do capital, isto é, à revolução socialista[1409]. De certo modo, *O Capital*, por este aspecto aporético e indeterminado posto ao final da exposição, continua em nossa época tão inacabado e carente de desenvolvimento quanto estivera na época de Marx.

[1409] Diz Engels no Prefácio à Edição de 1894 de *O Capital*, referindo-se ao aspecto inacabado do Livro Terceiro e, em especial, do último capítulo da obra: *"Do último capítulo, só existe o início. Nele, as três grandes classes da sociedade capitalista desenvolvida – proprietários rurais, capitalistas, assalariados –, corespondentes às três grandes formas de rendimento – renda fundiária, lucro, salário –, e a luta de classes necessariamente dada com sua existência deveriam ser apresentadas como resultado realmente visível do período capitalista. Tais resumos conclusivos Marx costumava reservar para a redação final, pouco antes da impressão, quando então, os mais recentes acontecimentos históricos lhe forneciam, com infalível regularidade, as provas de seus desenvolvimentos teóricos com a maior atualidade que se pudesse desejar"* (O Capital, Livro IIIa, p. 9). Do mesmo modo se refere Marx em carta dirigida à Engels a 30 de abril de 1868: *"finalmente, como aquelas três (salário, renda da terra, lucro, juros) constituem as fontes de rendas das três classes, ou sejam, os proprietários fundiários, os capitalistas e os trabalhadores assalariados, temos como final de tudo a luta de classes (em itálico no original), donde vem a desembocar todo o movimento e que nos dá a chave para acabar com toda esta merda...."* (Karl Marx: *El Capital.* Livro III. México: Fondo de Cultura Econômica, 1975. Apêndice final: cartas e fragmentos de cartas sobre *El Capital.*)

# BIBLIOGRAFIA

## a) Obras de Marx

MARX, Karl. *Das Kapital.* Marx-Engels: Werke (Band 25). Berlim: Dietz Verlag, 1977.

_____. *Das Kapital.* Karl Marx & Friedrich Engels: Werke (Band 23, 24 e 25). Berlim: Dietz Verlag, 1962.

_____. *El Capital.* Livro III. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

_____. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-58.* 16ª Edição. México: Siglo XXI, 1981.

_____. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie.* Marx-Engels: Werke (Band 42). Berlim: Dietz Verlag, 1974.

_____. *Miseria de la Filosofia.* Moscou: Editorial Progresso, 1979.

_____. *O Capital.* Livros I, II e III. Terceira Edição. S.P: Nova Cultural, 1988. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. (Coleção Os Economistas).

_____. *Para a Crítica da Economia Política.* S.P: Nova Cultural, 1988. Tradução de Edgard Malagodi.

_____. *Teorias da Mais-valia.* S.P: Editora Difel, 1980. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.

_____. *Theorien über den Mehrwert.* Marx-Engels: Werke (Band 26.1, 26.2 e 26.3). Berlim: Dietz Verlag, 1967.

_____. *Zur Kritik der politischen Ökonomie.* Marx-Engels: Werke (Band 43). Berlim: Dietz Verlag, 1967.

## c) Obras sobre as crises econômicas em Marx

BELLUZZO, Luiz G.M. *Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a economia política.* Terceira Edição..

CASTELLS, Manuel. *A Teoria Marxista das Crises Econômicas e as Transformações do Capitalismo*. R.J: Paz e Terra, 1979.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. S.P: Xamã Editora, 1996.

COLLETTI, Lucio (org.). *El Marxismo y el "Derrumbe" del Capitalismo*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1978.

GRESPAN, Jorge L. S. *O Negativo do Capital*. S.P: Editora Hucitec/Fapesp. 1998.

GROSSMANN, H. *La Ley de la Acumulación y del Derrumbe del Sistema Capitalista*. México: Siglo XXI, 1979.

HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. S.P: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

LÊNIN, Vladimir I. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. S.P: Nova Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).

LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. S.P: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

MAZZUCCHELLI, Frederico M. *A contradição em processo*. S.P: Brasiliense, 1985.

MANDEL, Ernest. *El Capital: cien anõs de controversias en torno a la obra de Karl Marx*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

_____. *A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista*. Editora Ensaio.

_____. *O Capitalismo Tardio*. S.P: Nova Cultural, 1985

MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. S.P: T. A. Queiroz, 1987.

SWEEZY, Paul. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista: princípios de economia política marxista*. Sexta Edição. R.J: Zahar Editores, 1985.

**c) Obras de consulta geral**

BENOIT, Hector. *Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de O Capital*. in: Revista Crítica Marxista, número 8. S.P: Editora Xamã,

_____. *Sobre a crítica (dialética) de O Capital*. In: Revista Crítica Marxista, número 3. S.P: Editora Xamã, 1996.

_____.*Sobre o desenvolvimento (dialético) do Programa*. In: Revista Crítica Marxista, número 4. S.P, Editora Xamã, 1997.

_____. *A luta de classes como fundamento da história*. In: Caio Navarro de Toledo: *Ensaios sobre o Manifesto Comunista*. S.P, Xamã, 1998.

_____. *O Programa de Transição de Trotsky e a América*. In: Revista Crítica Marxista, número 18. S.P: Editora Revan, 2004.

FAUSTO, Ruy. *Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como produção simples*. S.P: Editora Paz e Terra/Brasiliense, 1997.

_____. *Marx: lógica e política*. S.P: Editora Brasiliense, 1987.

GERAS, Norman. *Essência e aparência: aspectos da análise da mercadoria em Marx*. In: Gabriel Cohn (org): *Sociologia: para ler os clássicos*. R.J/S.P: LTC, 1977.

GIANNOTTI, José A. *Certa Herança Marxista*. S.P: Companhia das Letras, 2000.

GODELIER, Maurice. *Rationalité & irrationalité en économie – II*. Paris: François Maspero, 1974.

GONZALEZ, Humberto Pérez. *Economia Política do Capitalismo: breve exposição da doutrina econômica de Marx*. Volume I e II. Lisboa: Seara Nova, 1977.

HEGEL, Georg W. F. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofia*. México: Fondo de Cultura Economica, 1997.

NAPOLEONI, Cláudio. *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. S.P: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1981.

_____. *O futuro do Capitalismo*. R.J: Graal,

_____. *Smith, Ricardo, Marx*. R.J: Ed. Graal, 1981.

PIETRANERA, Giulio. *La Estructura Logica de "El Capital"*. In: Estudios Sobre El Capital. Maurice Dobb (et alii). México: Siglo XXI,

RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. S.P: Nova Cultural, 1996.

RIESER, Vitorio. *La "apariencia" del capitalismo en el análisis de Marx*. In: Estudios Sobre El Capital. Maurice Dobb (et alii). México, Siglo XXI,

ROSDOLSKY, Roman. *Génesis y Estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los Grundrisse*. Quinta Edição. México: Siglo Veintiuno Editores, 1986.

RUBIN, Isaac I. *A Teoria Marxista do Valor*. S.P: Polis, 1987.

WOOD, Ellen. *As origens agrárias do capitalismo*. In: Revista Crítica Marxista, número 10. S.p: Boitempo Editorial, 2000.

ZELENÝ, Jindrich. *La Estructura Lógica de El Capital de Marx*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1974.